

- Ensino Sistemico sobre a Vida Cristã -

Evangelium

O Evangelho da Glória de Deus e da Glória de Cristo

Série:

O EVANGELHO

As Boas Novas da Parte

de Deus

3ª Edição – Mar/2021

Copyright do Autor – Ver Informações de Uso no Próprio Material

Considerações Gerais Sobre o Uso Deste Material:

Este material tem como objetivo servir de apoio ao conhecimento e aprofundamento do estudo da Bíblia e da Vida Cristã.

Tendo como base o entendimento de que na Bíblia Cristã está contida a consolidação dos registros fundamentais e formais dos escritos inspirados por Deus para a humanidade e para cada indivíduo dela, os conteúdos expostos neste material não visam jamais acrescentar algo à Bíblia, e nem jamais retirar algo dela, mas almejam contribuir na exploração daquilo que já foi registrado e repassado a nós pelo Único Criador e Senhor dos Céus e da Terra ao longo de milhares de anos da história.

O que se pretende apresentar são assuntos agrupados, coligados, organizados e sistematizados, visando abordar temas e considerações específicas contidas na Bíblia Cristã, com o intuito de auxiliar nas abordagens de alguns tópicos especiais dentre tão vasto conteúdo que ela nos apresenta.

Eclesiastes 12: 11 As palavras dos sábios são como agulhões, e como pregos bem fixados as sentenças coligadas, dadas pelo único Pastor.

As palavras coligadas, postas juntas, como ditas no texto bíblico acima, servem como pregos de apoio para fixação, sustentação. Assim, um dos objetivos neste material é estudar e buscar um mais amplo entendimento das verdades que nos foram entregues pelo Único Pastor, O Deus Criador dos Céus e da Terra.

Sugerimos que a leitura e o estudo sejam sempre acompanhados da prudência e averiguação devida, considerando que isto é um hábito muitíssimo saudável a ser feito em relação a qualquer material que é apresentado por outrem.

O ato de aceitação, rejeição, ou o “reter o que é bom”, é um atributo pessoal e individual dado àqueles que recebem a sabedoria de Deus e que deveria ser exercitado ou usado por eles em relação a todo o material que chega às suas mãos.

Provérbios 8: 12 Eu, a Sabedoria, habito com a prudência e disponho de conhecimentos e de conselhos.

Atos 17: 11 Ora, estes de Bereia eram mais nobres que os de Tessalônica; pois receberam a palavra com toda a avidez, examinando as Escrituras todos os dias para ver se as coisas eram, de fato, assim.

Provérbios 16: 1 O coração do homem pode fazer planos, mas a resposta certa dos lábios vem do SENHOR.

2 Todos os caminhos do homem são puros aos seus olhos, mas o SENHOR pesa o espírito.

3 Confia ao SENHOR as tuas obras, e os teus desígnios serão estabelecidos.

Mais detalhes sobre estas considerações de uso foram postadas em www.ensinovidacrista.org.

Ronald e Irmelin, servos do Senhor Jesus Cristo!

Considerações Sobre Cópias e Distribuição Deste Material:

Este material específico, impresso ou em mídia digital, está autorizado a ser copiado livremente para uso pessoal. Ele é direcionado àqueles que têm sede e fome de conhecerem mais sobre o Deus Criador dos Céus e da Terra, o Pai Celestial, sobre a Bíblia Cristã, a Vida de Cristo e a Vida Cristã, ou mesmo aqueles que somente querem iniciar um conhecimento sobre estes aspectos.

Apocalipse 21: 5 E aquele que está assentado no trono disse: Eis que faço novas todas as coisas. E acrescentou: Escreve, porque estas palavras são fiéis e verdadeiras.

6 Disse-me ainda: Tudo está feito. Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim. Eu, a quem tem sede, darei de graça da fonte da água da vida.

A disponibilização livre desses materiais é tão somente a adoção de uma prática similar do exemplo e da maneira como o Rei dos Reis, O Senhor dos Senhores, distribuiu da fonte da água da vida àqueles que têm sede por ela.

Se uma pessoa, para quem este material for benéfico, desejar compartilhá-lo com outras pessoas, poderá fazê-lo, preferencialmente, indicando o “Site” da Internet sobre este Ensino Sistemático sobre Vida Cristã, onde ele pode ser obtido livremente. (www.ensinovidacrista.org).

Entretanto, se uma pessoa quiser compartilhar este material com alguém que tenha restrições ou dificuldades ao acesso direto do “Site” em referência, ela poderá compartilhar uma cópia diretamente à outra pessoa, impressa ou digital, respeitando a reprodução completa do material, inclusive com as citações sobre os critérios de uso e de cópias.

Enfatizamos, porém, que este material **não está autorizado** a ser copiado e distribuído, sob nenhuma hipótese, quando houver qualquer ação comercial envolvida. Não está autorizado a ser vendido, dado em troca de ofertas, incluído em “sites” com o objetivo de atrair público ao “site”, incluído em “sites” para atrair “clicks” em “links” patrocinados e comerciais, e situações similares. Também **não está autorizado** a ser incluído em materiais de eventos ou cursos ou retiros com inscrições pagas ou para qualquer promoção pessoal de “preletores”, instrutores, instituições ou similares.

A permissão de uso livre tem o objetivo de deixar o material amplamente disponível às pessoas em geral que quiserem ter acesso a ele para sua leitura, estudo e proveito naquilo que lhes for benéfico, bem como para compartilhá-lo, também livremente, àqueles que têm restrições ou dificuldades de acesso direto ao “site” mencionado.

*1Timóteo 2: 3 Isto é bom e aceitável diante de Deus, nosso Salvador,
4 o qual deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade.*

Mais detalhes sobre estas considerações de uso foram postadas em www.ensinovidacrista.org (ou em inglês: www.zoominchristianlife.org).

Conteúdo

Conteúdo.....	4
C1. A Sobremodo Excelente e Imprescindível Faceta do Evangelho que Todos Deveriam Conhecer, mas que Muitos Nem Sabem que Existe	10
C2. O Significado da Expressão “Glória”	12
C3. Distinção entre a Glória e o Evangelho da Glória	19
C4. O Propósito do Oferecimento da Glória de Deus através do Evangelho	20
C5. O Propósito do Conhecimento da Glória de Deus que o Próprio Senhor Quer Manifestar a Nós	22
C6. Efeitos da Carência da Glória de Deus Revelada Segundo o Evangelho da Glória	26
C7. A Faceta da Glória Evidencia o Firme Fundamento Passado, Presente e Futuro de Todo o Evangelho.....	33
C8. A Revelação da Glória do Senhor é a Faceta que Reitera que o Evangelho é um Todo Inseparável em Deus.....	38
C9. A Glória do Senhor é a Faceta do Evangelho que Evidencia o Único que Pode Guiar e Suportar Alguém a Ser “Mais do Que Vencedor”	45
C10. O Benefício Supremo que Advém do Conhecer a Glória de Deus	50
C11. A Glória de Deus na Face de Cristo	57
A. A Glória Especificamente Enfatizada pelo Evangelho da Glória	57
B. A Glória de Deus na Face do Cristo Enviado em Carne ao Mundo	63
C. A Glória de Deus na Face do Cristo Ressurreto e Presente Conosco no Presente	70
D. A Glória de Deus na Face do Cristo através de Quem Deus Põe em Operação Tudo o que Ele Oferece no Seu Evangelho	90
E. A Glória de Deus na Face do Cristo que Vive para Sempre	94
C12. A Glória Daquele em Quem Há Múltiplos Ministérios e que os Exerce Conjuntamente e em Plena Harmonia.....	98
C13. A Glória da Luz do Evangelho da Glória.....	107
C14. A Glória do Único Mediador Entre Deus e as Pessoas.....	123
C15. A Glória Daquele que Tira o Velho e Estabelece o Novo.....	134

C16. A Glória Daquele que Tira o <i>Primeiro</i> e Estabelece o <i>Segundo</i>	145
A. A Importância de Compreender Mais Detalhadamente o Ministério de Cristo que Possibilitou <i>Remover o Primeiro</i> e <i>Estabelecer o Segundo</i>	145
B. O Tema Central tanto no que é Chamado <i>Primeiro</i> como no que é Chamado <i>Segundo</i>	148
C. O Conjunto dos Principais Aspectos que Estão Envolvidos com aquilo que é Chamado de <i>Sacerdócio</i>	153
D. Aspectos Centrais de um Sacerdócio quando Visto sob a Ótica de um Relacionamento.....	160
E. Havendo Mudança de Sacerdócio, Necessariamente Há Também Mudança de Lei.....	167
F. Diferenciando o <i>Primeiro</i> e o <i>Segundo</i> Sacerdócios dos Demais Sacerdócios que Há no Mundo	174
G. Introduzindo a Distinção Entre o Sacerdócio Chamado de <i>Primeiro</i> e o Sacerdócio Denominado de <i>Segundo</i>	177
H. O Fator Temporal e o Registro nas Escrituras do Chamado <i>Primeiro</i> Sacerdócio..	180
I. A Proximidade do <i>Primeiro</i> Sacerdócio com os Demais Sacerdócios do Mundo e a Exclusiva Validade Presente e Eterna do <i>Segundo</i> Sacerdócio	187
J. Os “Dois”, e não “Três”, Posicionamentos de Vida que São Revelados na Compreensão do <i>Primeiro</i> e do <i>Segundo</i> Sacerdócios	191
K. O Fator Histórico que Introduziu o Sacerdócio também Chamado de <i>Primeiro</i>	198
L. A Lei e a Aliança Introduzidas a partir da Introdução Histórica do Chamado <i>Primeiro</i> Sacerdócio.....	210
M. Observando ainda um Pouco Mais de Perto o Contexto Em Que o Chamado de <i>Primeiro</i> Sacerdócio Foi Sugerido	217
N. A Glória de Cristo como o Único que Cumpriu a Lei do <i>Primeiro</i> Sacerdócio para Que Este Pudesse Ser Removido	224
O. Removendo Todo Um Conjunto, também Remove-se Todos os Itens do Conjunto	231
P. A Fidelidade e a Temporalidade de Moisés, Josué e Vários Outros Profetas a Despeito do <i>Primeiro</i> Sacerdócio.....	242
Q. As Diferenças Entre o <i>Primeiro</i> e o <i>Segundo</i> Sacerdócios São Gritantes ou Gigantescas já a partir dos Seus Pontos Essenciais	258

R. A Aplicação da <i>Remoção do Primeiro</i> e o <i>Estabelecimento do Segundo</i> na Vida Pessoal.....	274
C17. A Glória do Mediador da Nova Aliança, e Não da Velha.....	284
C18. Proposições Apregoadas como Nova Aliança, mas que na Realidade Tem por Base as Motivações da Velha Aliança	303
A. O Papel das Motivações na Inclinação para os Aspectos Similares aos Associados à Velha Aliança	303
B. A Motivação por Andar por Vista e Não Mediante a Fé em Deus	312
C. A Motivação por Estar no Controle.....	318
D. A Motivação pela Glória Diante das Pessoas ou do Mundo Presente.....	323
E. A Motivação pelas Tradições, Culturas, Legados, Coisas Familiares ou Coletividades.....	327
F. A Motivação pelas Coisas Materiais ou a Motivação da Ganância	331
G. Sob Motivações Similares até Aquilo que Parece Muito Distinto se Torna Similar	345
C19. A Glória de Cristo como o Sumo Sacerdote Celestial.....	353
C20. A Glória de Cristo como o Sumo Sacerdote Segundo a Ordem de Melquisedeque	365
A. A Introdução à Expressão <i>Ordem Sacerdotal</i> e à <i>Ordem de Melquisedeque</i>	365
B. A Multiplicidade de Referências e Nomes Associados aos Dois Sacerdócios em Destaque no Livro de Hebreus.....	371
C. A Origem e a Sucessão dos Personagens Atuantes no Sacerdócio da Ordem de Arão e da Ordem de Melquisedeque.....	373
D. Linhagem Corruptível e Linhagem Incorruptível	376
E. Promessas Corruptíveis ou Promessas Incorruptíveis.....	379
F. Serviço Sacerdotal e Tabernáculo Terreno ou Serviço Sacerdotal e Tabernáculo Celestial.....	381
G. Justiça Humana ou Justiça de Deus	395
H. Sacerdócio Simbólico ou da Parábola para o Tempo Presente, ou Sacerdócio Verdadeiro e Eterno	409
I. Um Sacerdócio que Consome Dons, Sacrifícios e Vida ou Um Sacerdócio que Concede Graça, Novidade de Vida e Dádivas.....	417

J. Um Sacerdócio que Dissimula a Respeito dos Sintomas, Diagnóstico e Soluções ou Um Sacerdócio que Ilumina o Coração e Oferece Verdadeiro Diagnóstico e Solução	429
K. Eis a Questão: Troca Periódica de Sacerdotes, Templos, Estruturas e Métodos ou Uma Troca Única para um Sacerdócio Único, Perfeito e que Permanece para Sempre?	439
C21. Quem era Melquisedeque?	444
C22. A Gloriosa Obra ou Ministério Vivo do Singular Sumo Sacerdote Jesus em Prol da Novidade de Vida, Consciência e Comunhão com Deus de Cada Pessoa que Nele Crê	470
C23. A Glória Cheia de Amor e de Misericórdia do Sumo Sacerdote Jesus que nos Conduz às demais Facetas da Glória de Deus	493
C24. A Glória do Sacerdócio cuja Liberdade de Atuação e de Aceitação de Pessoas Não É Limitada às Barreiras Naturais: Em Cristo Não Há “nem” e “nem”	504
A. A Liberdade e a Aceitação de Pessoas que Acompanham as Pessoas	504
B. A Liberdade e a Aceitação de Pessoas que Operam segundo A Misericórdia de Deus e Não segundo o Auto Julgamento das Pessoas	510
C. A Liberdade e a Aceitação de Pessoas que Não Têm por Base as Características Naturais dos Indivíduos	515
C25. A Glória do Sumo Sacerdote que nos Chama para Estarmos Nele ou para o que é Denominado de <i>Estar Em Cristo</i>	533
C26. A Glória do Sumo Sacerdote que é Advogado Amigo Junto ao Pai Celestial	549
C27. A Glória do Sumo Sacerdote que é o Autor e Consumador da Fé	584
A. A Condição Imprescindível da Fé na Vida de cada Ser Humano e de cada Cristão	584
B. O Autor e Consumador da Dádiva Chamada Fé	588
C. A Fé em Deus: Uma Dádiva Amplamente Combatida	601
D. Ressaltando a Dissimulação ou Hipocrisia como Arma que Milita Contra a Fé em Deus	615
C28. Viver <i>Em Cristo</i> e Andar <i>Em Cristo</i>	628
C29. A Glória do Sumo Sacerdote que também é Rei e o Fundamento para o Andar em Cristo	656
C30. A Glória do Rei Eterno segundo a Ordem de Melquisedeque	663
A. O Rei Eterno que Permanece Sacerdote para Sempre	663

B. O Rei Eterno que Já É Rei e não que Virá a Ser Rei	667
C. A Posição do Trono do Rei Eterno	672
D. A Abrangência do Reinado do Rei segundo a Ordem de Melquisedeque	678
E. Rei Eterno, Nascido Rei e Feito Rei	681
C31. A Glória do Rei da Justiça e Rei da Paz	693
A. Aspectos do Caráter e das Posturas do Rei Eterno que Destoam dos Reis na Terra	693
B. O Aspecto da Justiça e da Paz no Nível Individual e Coletivo	701
C. O Rei que Serve Segundo a Vontade de Deus e Não Segundo a Vontade da Criatura	709
D. O Rei que Reina com Concessões de Escolhas	717
C32. A Oposição Central ao Rei Eterno segundo a Ordem de Melquisedeque	742
C33. A Glória de Cristo como o Sumo Sacerdote e Rei Eterno que também É “o Cabeça”	751
C34. A Glória de Cristo Como o <i>Cabeça</i> de Cada Pessoa que Nele Crê.....	758
C35. A Glória de Cristo como o <i>Cabeça</i> do Coletivo de Dois Chamado de Matrimônio	780
A. O Primeiro Relacionamento Horizontal e Coletivo do Ser Humano	780
B. O Princípio Conjugal que Permanece Inalterado desde o Começo	782
C. A Condição de Cristo como <i>Cabeça</i> que se Aplica de Forma Específica às Pessoas Casadas.....	785
D. A Condição de Cristo como <i>Cabeça</i> que Auxilia a Esclarecer a União Conjugal segundo o Princípio de Deus – Parte 1.....	789
E. A Condição de Cristo como <i>Cabeça</i> que Auxilia a Esclarecer a União Conjugal segundo o Princípio de Deus – Parte 2	798
F. A Condição de Cristo como <i>Cabeça</i> que Auxilia a Esclarecer a União Conjugal segundo o Princípio de Deus – Parte 3	801
G. Serão os Dois Uma Só Carne	810
H. Cristo como o <i>Cabeça</i> de Uma Só Carne Já Estabelecida – Parte 1.....	817
I. Cristo como o <i>Cabeça</i> de Uma Só Carne Já Estabelecida – Parte 2	823
J. O Que Deus Ajuntou Não Separe o Homem	831

K. A União Conjugal e a <i>Casa</i>	843
C36. A Glória do Senhor Jesus Como <i>Rei</i> e <i>Cabeça</i> do Corpo de Cristo ou da Igreja de Cristo	851
A. O Corpo do Qual Cristo é o <i>Cabeça</i>	851
B. Cristo como o <i>Cabeça do Seu Corpo</i> Esclarece o Que <i>É a Igreja de Cristo</i>	855
C. O Que <i>Não É</i> a Igreja de Cristo diante do Fato de que a Igreja de Cristo <i>É</i> o Corpo de Cristo.....	857
D. A Igreja de Cristo <i>É</i> Um Só Corpo de Cristo em Vários Lugares	860
E. Ser Membro e Fazer Parte do Rol de Membros da Igreja de Cristo.....	863
F. A Igreja é o Corpo de Cristo e Jamais a Cabeça do Corpo.....	870
G. O Corpo de Cristo Não Está Autorizado a Ter <i>Sub-bandeiras</i> ou <i>Subalianças</i>	874
H. O Governo da Igreja de Cristo <i>É</i> Segundo o Reino de Deus e Não Segundo os Reinos do Mundo	880
I. Um Aspecto Altamente Negativo da Resistência a Cristo como o Cabeça da Sua Igreja.....	892
J. A Igreja Celestial e as Perversas Tentativas de Torná-la Terrena	897
K. Os Pretensos Ministros e Doutrinas por Trás das <i>Igrejas Terrenas</i>	905
L. Cristo disse: “ <i>Eu Edificarei a Minha Igreja</i> ” e Não Aquilo que os Seres Humanos Denominam de Igreja de Cristo ou de Deus.....	924
C37. A Glória de Cristo Como <i>Rei</i> e <i>Cabeça</i> de Todo Principado e de Toda Potestade do Universo.....	928
C38. Levantai, ó Portas, as Vossas Cabeças, Levantai-vos, ó Portais Eternos para que Entre o <i>Rei da Glória</i>	935
Bibliografia	938

C1. A Sobremodo Excelente e Imprescindível Faceta do Evangelho que Todos Deveriam Conhecer, mas que Muitos Nem Sabem que Existe

Para introduzir este novo material, gostaríamos de mencionar primeiramente que ele se refere a uma continuidade da abordagem dos principais pontos que compõem a série sob o tema geral [O Evangelho, As Boas Novas da Parte de Deus](#), a qual já conta com os seguintes estudos anteriores:

- ⇒ 1) Muito Mais do que Uma Mensagem: Uma Oferta de Vida!
- ⇒ 2) O Limite do Evangelho Ilimitado;
- ⇒ 3) O Evangelho do Criador;
- ⇒ 4) O Evangelho de Cristo;
- ⇒ 5) O Evangelho do Reino;
- ⇒ 6) O Evangelho da Justiça de Deus;
- ⇒ 7) O Evangelho da Paz;
- ⇒ 8) O Evangelho da Salvação;
- ⇒ 9) O Evangelho do Poder de Deus;
- ⇒ 10) O Evangelho da Graça de Deus;
- ⇒ 11) O Evangelho da Promessa.

Similarmente, já desde o começo deste novo material, gostaríamos de expressar o quão desafiador foi encontrar palavras para dar início a este novo assunto sobre o Evangelho da Glória de Deus ou o Evangelho da Glória de Cristo em sequência a uma série de outros temas sobre o mesmo Evangelho. E isto, em função da vital relevância e amplitude que este conteúdo ainda acrescenta ao que já foi visto, mas também em função de um sentimento de que o conhecimento deste tema ainda é demasiadamente escasso para uma enorme parcela das pessoas, inclusive aquelas que se dizem admiradoras do Evangelho do Senhor.

Depois de tomar conhecimento de uma parte expressiva do que está contido no Evangelho sob a ótica da glória de Deus e da glória de Cristo, e do que está exposto sobre ela nos diversos capítulos deste estudo, em diversos momentos, de certa forma, sentimo-nos até profundamente angustiados para redigir uma introdução que pudesse expressar em poucas palavras a imensurável preciosidade desta faceta e que, ao mesmo tempo, também pudesse oferecer ao leitor desta introdução uma proposição tal que coopere com a percepção de que a extensão das riquezas deste tema é muito desafiadora de ser condensada em poucas palavras.

Entretanto, o que podemos dizer para aqueles que de fato querem compreender de forma mais ampla e precisa o Evangelho de Deus e a novidade de vida oferecida através dele pelo Senhor, é que uma apreciação mais extensa sobre os seus múltiplos pontos também sob a ótica da glória do Senhor é inevitável.

Assim, o que foi exposto nos parágrafos anteriores, nos leva a fazer uma proposição de somente mencionar neste começo a enorme relevância do conteúdo que há no Evangelho sob a ótica da glória de Deus e da glória de Cristo, deixando assim de fazer

uma explanação resumida sobre ele neste ponto pelo fato disto, na prática, ser muito difícil e também pelo fato de que a tentativa de sintetizar esta faceta tão expressiva e ampla do Evangelho poderia comprometer a apreciação da grandiosidade dos aspectos que nela estão contidos.

Após pensarmos e repensarmos na introdução a respeito deste precioso aspecto do Evangelho que está sendo referenciada acima, concluímos que a melhor introdução que poderia ser feito em relação a ele, provavelmente, seria simplesmente mencionar que ela é uma faceta sobremodo excelente e digna de ser conhecida absolutamente por todos os seres humanos, mas que dificilmente será conhecida se uma pessoa não se inclinar ou dedicar tempo de fato para conhecê-la mais amplamente.

A faceta do Evangelho que pode ser vista sob a ótica da glória de Deus e da glória de Cristo inicialmente pode inclusive aparentar desinteressante para muitos devido ao pouco apelo familiar ou popular que é dado a ela. Entretanto, ela representa um ponto que reserva tesouros que certamente surpreenderão muito além das expectativas àqueles que se dispuserem a conhecê-la mais profundamente.

O Evangelho sob a perspectiva da glória de Deus e da glória de Cristo nos é revelado e oferecido como que para “certificar” e “coroar” todas as demais facetas do Evangelho.

Entretanto, devido à excelência da sua preciosidade, a faceta da glória de Deus e da glória de Cristo também é aquela aspecto que somente é percebido ou conhecido de fato por aqueles que passam da camada da superficialidade no relacionamento com o Evangelho do Senhor e por aqueles que se dispõem a avançar em direção aos aspectos mais profundos que há neste mesmo Evangelho.

C2. O Significado da Expressão “Glória”

Quando nas Escrituras encontramos descrito que o Evangelho de Deus é também chamado pelo nome composto de Evangelho da Glória, automaticamente também nos vemos desafiados a conhecer, à luz das Escrituras, o que vem a ser o termo *glória* para que possamos compreender mais amplamente o que vem a ser o Evangelho como um todo.

O fato do termo *glória* se referir a uma palavra que não é popularmente conhecida de maneira mais aprofundada, não justifica um desinteresse pelo tema do Evangelho da Glória. E este fato, de forma alguma, deveria inibir as pessoas de buscarem um conhecimento maior sobre uma faceta tão relevante do Evangelho e, principalmente, tão imprescindível à todos aqueles à quem Deus oferece o seu Evangelho.

Assim como, por exemplo, a compreensão mais aprofundada e específica de cada uma das facetas do Evangelho está associada a um conhecimento mais preciso do que vem a ser o Reino Celestial, a Justiça, a Paz e a Graça de Deus, assim também o conhecimento do Evangelho sob a perspectiva da glória do Senhor fica mais acessível quando uma pessoa conhece, primeiramente, o que vem a estar incluso na expressão *glória* quando esta é associada ao Evangelho.

Inicialmente destacamos ainda, que um aspecto relevante a ser observado quando inicia-se uma averiguação mais ampla do termo *glória*, e que também pode confundir algumas pessoas ao tentar associá-lo ao Evangelho, é que a expressão *glória*, além de ser um substantivo associado ao Evangelho, também pode vir a ser um verbo que expressa o ato de *glorificar* alguém, conforme exposto em alguns textos abaixo:

1 Coríntios 6: 20 ***Porque fostes comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo.***

2 Ts 1: 12 ... ***a fim de que o nome de nosso Senhor Jesus seja glorificado em vós, e vós, nele, segundo a graça do nosso Deus e do Senhor Jesus Cristo.***

Mateus 6: 2 ***Quando, pois, deres esmola, não toques trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas, nas sinagogas e nas ruas, para serem glorificados pelos homens. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa.***

A palavra *glória*, no sentido do verbo *dar glória* ou *glorificar*, em alguns momentos recebe, por várias pessoas, uma conotação mais relacionada à prática de exaltar e de apresentar louvores a alguém ou a alguma coisa, dando assim um foco mais direcionado à ação das pessoas e não tanto ao que vem a ser a própria *glória* que é associado pelo Senhor ao Seu Evangelho.

Entretanto, *dar glória* ou *glorificar*, quando passa-se a compreender de forma mais ampla o que está associado ao termo *glória* utilizado nas Escrituras, não se limita somente ao ato de expressar louvores ou de enaltecer em gratidão um indivíduo ou alguma outra coisa.

Dar glória ou *glorificar* refere-se muito mais ao “ato de atribuir glória” a um indivíduo ou a alguma coisa do que simplesmente expressar gratidão, conforme exemplificado na lista de textos a seguir:

João 15: 8 **Nisto é glorificado meu Pai, em que deis muito fruto; e assim vos tornareis meus discípulos.**

João 13: 31 **Quando ele saiu, disse Jesus: Agora, foi glorificado o Filho do Homem, e Deus foi glorificado nele;**
32 **se Deus foi glorificado nele, também Deus o glorificará nele mesmo; e glorificá-lo-á imediatamente.**

João 12: 16 **Seus discípulos a princípio não compreenderam isto; quando, porém, Jesus foi glorificado, então, eles se lembraram de que estas coisas estavam escritas a respeito dele e também de que isso lhe fizeram.**

João 8: 54 **Respondeu Jesus: Se eu me glorifico a mim mesmo, a minha glória nada é; quem me glorifica é meu Pai, o qual vós dizeis que é vosso Deus.**

1 Pedro 4: 11 **Se alguém fala, fale de acordo com os oráculos de Deus; se alguém serve, faça-o na força que Deus supre, para que, em todas as coisas, seja Deus glorificado, por meio de Jesus Cristo, a quem pertence a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém!**

João 17: 1 **Tendo Jesus falado estas coisas, levantou os olhos ao céu e disse: Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que o Filho te glorifique a ti,**
2 **assim como lhe conferiste autoridade sobre toda a carne, a fim de que ele conceda a vida eterna a todos os que lhe deste.**
3 **E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste.**
4 **Eu te glorifiquei na terra, consumando a obra que me confiaste para fazer;**
5 **e, agora, glorifica-me, ó Pai, contigo mesmo, com a glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse mundo.**

***Dar glória* ou *glorificar* não é um ação que se encerra quando este ato é praticado, como no caso da expressão de um louvor ou de uma gratidão. Ele é um ato que procura evidenciar características ou atributos daquele ou daquilo que é glorificado para que, a partir do conhecimento destes atributos, as pessoas possam se posicionar em relação àquele ou àquilo que foi atribuído glória.**

Dar glória ou *glorificar*, portanto, engloba o aspecto de revelar características daquele ou daquilo a quem se atribui uma determinada glória, o que nos leva ao conhecimento do fato de que existem “glórias distintas” no mundo, conforme pode ser visto abaixo:

Romanos 1: 20 *Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder, como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas. Tais homens são, por isso, indesculpáveis;*

21 *porquanto, tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; antes, se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato.*

22 *Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos*

23 *e mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, bem como de aves, quadrúpedes e répteis.*

2 Coríntios 3: 10 *Porquanto, na verdade, o que, outrora, foi glorificado, neste respeito, já não resplandece, diante da atual sobre-excelente glória.*

1 Coríntios 15: 40 *Também há corpos celestiais e corpos terrestres; e, sem dúvida, uma é a glória dos celestiais, e outra, a dos terrestres.*

41 *Uma é a glória do sol, outra, a glória da lua, e outra, a das estrelas; porque até entre estrela e estrela há diferenças de esplendor.*

Ainda outro aspecto que consideramos ser importante destacar antes de procurarmos alcançar uma conceituação mais específica sobre o termo *glória*, refere-se ao ponto de que **além de poder haver mais de um tipo de glória, dependendo de quem ou do que está em foco, ainda pode ocorrer a existência de “concepções de glórias distintas” sobre um mesmo aspecto dependendo de quem compôs a proposição de uma determinada glória**, conforme está também exemplificado a seguir:

João 5: 41 *Eu não aceito glória que vem dos homens;*

ou

João 5: 34 *Eu, porém, não aceito humano testemunho; digo-vos, entretanto, estas coisas para que sejais salvos.*

João 12: 42 *Contudo, muitos dentre as próprias autoridades creram nele, mas, por causa dos fariseus, não o confessavam, para não serem expulsos da sinagoga;*

43 *porque amaram mais a glória dos homens do que a glória de Deus.*

*Salmos 4: 2 **Ó homens, até quando tornareis a minha glória em vexame, e amareis a vaidade, e buscareis a mentira?***

Mencionando as considerações dos últimos parágrafos ainda em outras palavras, podemos dizer que em relação a Deus e aos seres humanos, há a glória de Deus e a glória dos seres humanos, mas também há a glória que Deus define sobre si mesmo e sobre os seres humanos, como há a glória que os seres humanos definem sobre Deus e sobre si próprios.

Em princípio, o termo *glória* é genérico para todos os tipos de glória que procuram ser introduzidos e conhecidos, o que faz com que a palavra *glória*, para expressar a glória de um aspecto específico, também precise vir acompanhada da explicação à quem ou o que esta glória visa apresentar, bem como da explicação a partir de quem ou do que uma determinada glória foi definida e proposta.

Depois de mencionadas as considerações acima sobre o termo e a diversidade de usos que podem ser aplicados à palavra *glória*, procuraremos, então, passar a abordar a seguir mais especificamente a palavra *glória* no seu conceito geral.

A palavra *glória*, genericamente falando, é uma palavra especial, pois diferentemente de muitas outras palavras que procuram definir algum detalhe de um item em foco, a expressão *glória* almeja apresentar uma visão global do conjunto de aspectos que existem em algo específico.

Enquanto muitas palavras têm seu uso direcionado para pormenorizar algum item em particular, a expressão *glória* procura apresentar de maneira condensada o máximo de características relevantes ou dignas de exaltação que possam haver em algum item em foco e a respeito do qual se quer apresentar um conjunto mais amplo de informações.

Em certo sentido, a expressão *glória* é uma ferramenta útil para fazer referência a algo muito extenso ou amplo, mas que em muitos momentos precisa ser expresso sucintamente ou em poucas palavras, e nos quais, por uma questão prática, nem sempre se poderá fazer uso de longas explicações ou explanações.

Quando, por exemplo, uma pessoa fala que um determinado rei está assentado no seu trono e está governando a partir desta posição, ainda que muitos não estejam presenciando fisicamente o que este rei está fazendo para governar, as pessoas sabem o que significa esta posição deste rei se elas já tiverem uma conceituação razoável do que um rei faz a partir de seu trono de governo.

Assim, esta referência condensada àquilo que um rei faz quando governa ou aquilo que está associado à uma posição de determinado tipo de rei, é uma expressão da *glória* segundo o tipo da sua posição e função.

Em outras palavras, quando as pessoas têm uma razoável noção do grande conjunto de ações que um rei faz como regente de um determinado domínio e das condições que este rei tem para exercer o seu reinado, podemos dizer que elas têm um boa noção de qual é a *glória* que reside sobre o rei quando este está no seu trono de governo.

A glória de um indivíduo ou de alguma coisa, entre outros, é a revelação informativa, visual ou acessível que se pode ter sobre os atributos daquele ou daquilo ao qual a glória faz referência, ainda que estes atributos não estejam em atuação plenamente visível diante daqueles a quem a glória é revelada.

Quando, por exemplo, as Escrituras nos informam que Deus é o único reto juiz eterno e que Ele reina sobre todo o universo, sobre todas as nações e sobre todos os povos que nelas habitam, nós não podemos ver isto com os nossos olhos naturais e não podemos, em nossa condição limitada no mundo, saber com detalhes toda a amplitude de ações que esta regência de Deus sobre todos os indivíduos do mundo exige.

Entretanto, pelo anúncio ou pela revelação da glória de que Deus é plenamente poderoso para ser este reto juiz sobre tudo e sobre todos, esta revelação e conhecimento podem ser alcançados de forma plenamente satisfatória, permitindo uma interação ou um relacionamento mais amplo com o Senhor a partir da revelação da sua glória, conforme exemplificado também no seguinte texto:

*Salmos 33: 13 O SENHOR olha dos céus; vê todos os filhos dos homens;
 14 do lugar de sua morada, observa todos os moradores da terra,
 15 ele, que forma o coração de todos eles, que contempla todas as
 suas obras.
 16 Não há rei que se salve com o poder dos seus exércitos; nem por
 sua muita força se livra o valente.
 17 O cavalo não garante vitória; a despeito de sua grande força, a
 ninguém pode livrar.
 18 Eis que os olhos do SENHOR estão sobre os que o temem, sobre os
 que esperam na sua misericórdia,
 19 para livrar-lhes a alma da morte, e, no tempo da fome, conservar-
 lhes a vida.
 20 Nossa alma espera no SENHOR, nosso auxílio e escudo.
 21 Nele, o nosso coração se alegra, pois confiamos no seu santo
 nome.
 22 Seja sobre nós, SENHOR, a tua misericórdia, como de ti
 esperamos.*

O uso da ferramenta ou palavra chamada *glória* para divulgar algo sobre Deus, pessoas, produtos, serviços, e tantas outros aspectos, é algo que é realizado constantemente ou diariamente nos mais diversos segmentos da vida.

De certa forma, o que conhecemos por publicidade ou divulgação de empresas, pessoas, produtos e serviços no comércio, por exemplo, é, na essência, a tentativa da divulgação de uma *glória* referente àquilo que é oferecido ou à quem oferece algo às pessoas a quem uma publicidade é endereçada.

Quando uma indústria, por exemplo, divulga cenas e informações do que o veículo que ela fabrica pode oferecer aos seus usuário, ela está fazendo uma divulgação informativa, quer por vídeo, áudio, fotos, “test-drive”, etc, da *glória* que ela quer que as pessoas registrem em suas mentes sobre o produto que ela oferece.

A glória sobre um indivíduo ou sobre alguma outra coisa é muito interessante, pois ela nem sempre está associada ao detalhamento completo daquilo que está em foco, mas procura englobar os pontos necessários para que as pessoas venham a conhecer aquilo que lhes é informado com o objetivo de fazer com que elas estejam amparadas para decidir se confiam ou não naquilo que lhes é apresentado.

Voltando ao exemplo da publicidade de um veículo, podemos observar que a grande maioria das pessoas não adquire um carro por conhecer pormenorizadamente como todos os aspectos daquele veículo foram construídos e por conhecer como todos eles funcionam conjuntamente. Por outro lado, as pessoas mais prudentes adotam alguns critérios de avaliação sobre as informações que lhe são oferecidas sobre a qualidade e a segurança do veículo que elas cogitam adquirir, onde este conjunto de aspectos que leva uma pessoa a decidir adquirir ou não adquirir um carro é o que expressa, de certa forma, a *glória* do veículo e do seu fabricante.

A glória de um indivíduo ou de alguma coisa não necessariamente expressa a definição total ou completa de uma pessoa, atributo ou algo que está em foco, mas é um aspecto que apresenta um conjunto de informações ou parâmetros apresentados por alguém com o intuito de revelar, desvendar, descrever ou expor aquilo que está em foco com objetivo de que seja conhecido e avaliado pelas pessoas mediante aquilo que foi informado ou revelado.

Vejamos outro exemplo baseado no texto apresentado a seguir:

Salmos 19: 1 ***Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos.***

Nenhuma pessoa na Terra poderá saber a enormidade de detalhes que estão nos céus ou no firmamento. Entretanto, se um indivíduo observar os céus com atenção, ele poderá ver a glória da imensurável grandeza e soberania de Deus em ter criado o que criou e em sustentar o firmamento daquilo que foi feito por suas mãos.

Portanto, *dar glória* a Deus, por exemplo, não é simplesmente agradecer a Deus pelo que Ele fez ou faz pelas pessoas, mas é reconhecer ou declarar o reconhecimento dos atributos de quem Deus é, ainda que não se possa ver e conhecer todos os detalhes que compõem estes atributos.

Se uma pessoa se diz grata a Deus por ações que o Senhor fez por ela, mas ela não reconhece quem Deus é para com a sua vida e para com o universo, ela não *glorifica a Deus* de fato.

Apocalipse 16: 9 ***Com efeito, os homens se queimaram com o intenso calor, e blasfemaram o nome de Deus, que tem autoridade sobre estes flagelos, e nem se arrependeram para lhe darem glória.***

A glória de Deus, por diversas maneiras, nos revela quem e como é o Senhor para que possamos firmar as convicções de quem Deus é para nós, e isto, para que possamos nos posicionar apropriadamente em relação àquilo que sobre Deus nos é revelado.

Salmos 145: 9 **O SENHOR é bom para todos, e as suas ternas misericórdias permeiam todas as suas obras.**

- 10 Todas as tuas obras te renderão graças, SENHOR; e os teus santos te bendirão.**
- 11 Falarão da glória do teu reino e confessarão o teu poder,**
12 para que aos filhos dos homens se façam notórios os teus poderosos feitos e a glória da majestade do teu reino.
- 13 O teu reino é o de todos os séculos, e o teu domínio subsiste por todas as gerações. O SENHOR é fiel em todas as suas palavras e santo em todas as suas obras.**
- 14 O SENHOR sustém os que vacilam e apruma todos os prostrados.**
15 Em ti esperam os olhos de todos, e tu, a seu tempo, lhes dás o alimento.
- 16 Abres a mão e satisfazes de benevolência a todo vivente.**
17 Justo é o SENHOR em todos os seus caminhos, benigno em todas as suas obras.
- 18 Perto está o SENHOR de todos os que o invocam, de todos os que o invocam em verdade.**
19 Ele acode à vontade dos que o temem; atende-lhes o clamor e os salva.
- 20 O SENHOR guarda a todos os que o amam; porém os ímpios serão exterminados.**
21 Profira a minha boca louvores ao SENHOR, e toda carne louve o seu santo nome, para todo o sempre.

C3. Distinção entre a Glória e o Evangelho da Glória

- 2 Coríntios 4: 3 **Mas, se o nosso evangelho ainda está encoberto, é para os que se perdem que está encoberto,***
- 4 **nos quais o deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus.***
- 5 **Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor e a nós mesmos como vossos servos, por amor de Jesus.***
- 6 **Porque Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo.***

Depois que começamos a ver no capítulo anterior o que vem a ser o significado da glória de Deus, e ainda antes de adentrarmos de forma mais intensa no tema sobre o propósito da glória do Senhor, entendemos ser muito significativo fazer uma distinção mais evidente entre a própria glória e o Evangelho da Glória.

Conforme exposto no primeiro tema da presente série de assuntos, o Evangelho não é somente uma mensagem informativa, mas uma oferta real de dádivas de Deus para todos os seres humanos que aceitarem a oferta que a eles é direcionada, e cujas dádivas são imprescindíveis para que cada indivíduo possa vir a se encontrar com a novidade de vida que lhe é oferecida a partir do reino celestial.

Portanto, o Evangelho de Deus não se limita à glória propriamente dita, mas também engloba o oferecimento do conhecimento da glória de Deus às pessoas que recebem o Evangelho como uma oferta concedida por Deus para as suas vidas.

O fato do Evangelho de Deus também ser chamado como o Evangelho da Glória do Senhor é muito relevante, pois a associação de um atributo divino ao Evangelho expressa simultaneamente a vontade do Senhor em nos oferecer este atributo e a necessidade que os seres humanos também têm de receber este atributo oferecido para a sua salvação e novidade de vida em Deus.

O fato de que a glória de Deus é um dos itens integrantes do Evangelho, ou um dos aspectos revelados e oferecidos por este mesmo Evangelho, nos comunica, exatamente pelo fato de estar associado a este Evangelho, que necessitamos desta glória e que também o suprimento de tudo aquilo que dela necessitamos já nos está disponível neste mesmo Evangelho.

C4. O Propósito do Oferecimento da Glória de Deus através do Evangelho

Uma vez que já passamos pelos tópicos que tratam sobre o que vem a ser a glória de um indivíduo ou de alguma coisa, e também já vimos que a glória é uma das dádivas essenciais que são oferecidas por Deus através do seu Evangelho para serem recebidas por todas as pessoas que as aceitarem mediante a fé, entendemos que podemos avançar agora, com mais propriedade, em direção a um maior aprofundamento sobre o propósito do Senhor em nos oferecer a sua glória, bem como para conhecer mais especificamente o que está contido na glória de Deus que nos é oferecida no Evangelho.

Assim, neste presente capítulo, gostaríamos de nos concentrar mais em alguns aspectos do propósito de Deus relacionados ao oferecimento da sua glória. E para isto, gostaríamos de voltar a mencionar o seguinte texto já citado no capítulo anterior sobre o Evangelho da Glória do Senhor:

- 2 Coríntios 4: 3 **Mas, se o nosso evangelho ainda está encoberto, é para os que se perdem que está encoberto,***
*4 **nos quais o deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus.***
*5 **Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor e a nós mesmos como vossos servos, por amor de Jesus.***
*6 **Porque Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo.***

De forma bem objetiva, conforme pode ser visto no texto acima, o fato de Deus nos oferecer o seu Evangelho também como o Evangelho da sua Glória, expressa o propósito do Senhor de que recebamos a **iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo.**

Para aqueles que creem no Evangelho do Senhor e o recebem em seus corações, Deus concede o Seu Evangelho associado também à sua glória para que estas pessoas venham a conhecer a glória do Senhor em Cristo Jesus e para que possam ser edificadas ou fortalecidas mediante esta glória.

O fato do Evangelho Eterno ser chamado também como o Evangelho da Glória do Senhor, expressa a vontade de Deus em nos oferecer o conhecimento da sua glória a fim de que colhamos os benefícios deste conhecimento.

Ainda em outras palavras, o oferecimento do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo, através do Evangelho, visa possibilitar que nos tornemos conscientes da necessidade que cada ser humano tem de conhecer a glória do Senhor que criou e que sustenta toda a vida, bem como para que o conhecimento desta glória esteja de fato acessível àqueles que aceitam o Evangelho em seus corações para também colherem os frutos que o conhecimento da glória de Deus pode produzir neles e a favor deles.

A possibilidade de conhecer a glória do Senhor através do Evangelho foi disponibilizada desta maneira à todas as pessoas do mundo para suprir

uma das maiores, mais cruciais ou até a mais significativa das carências que todos os seres humanos apresentam e que foi imputada a todos por causa da sujeição ao pecado na qual os seres humanos incorreram.

*Romanos 3: 23 **Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus, (RA)***

ou

*Romanos 3: 23 **Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus, (RC)***

Além de atribuir um jugo de escravidão e castigo sobre as pessoas, a sujeição ao pecado também implicou na interrupção daquilo que o ser humano mais necessita. E segundo as Escrituras do Senhor, é interessante observar que elas não nos informam que os seres humanos, por causa do pecado, carecem de mais territórios, recursos naturais ou de mais riquezas, mas da glória de Deus.

Pela associação da glória do Senhor ao Evangelho, como uma oferta a nós direcionada, Deus nos oferece, de forma real e acessível, o verdadeiro suprimento para o conhecimento da sua glória, o qual nos é tão necessário para que não estejamos mais em carência da essência da novidade de vida no Senhor ou para que não estejamos mais separados daquilo que é o mais imprescindível para o nosso viver e andar tanto no presente como no porvir, a saber: Conhecer a Deus e ao Seu Filho Amado Jesus Cristo.

*João 17: 3 **E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste.***

*2 Pedro 1: 2 **Graça e paz vos sejam multiplicadas, pelo conhecimento de Deus e de Jesus, nosso Senhor. (RC)***

C5. O Propósito do Conhecimento da Glória de Deus que o Próprio Senhor Quer Manifestar a Nós

2 Coríntios 4: 6 **Porque Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo.**

Conforme foi visto nos capítulos anteriores, o Evangelho de Deus, também como o Evangelho da Glória do Senhor, tem por propósito nos oferecer e nos levar ao conhecimento da glória de Deus. Aspecto que, por sua vez, nos leva à necessidade de avaliarmos uma segunda etapa do propósito do Senhor em nos oferecer o conhecimento da sua glória, a qual está associada explicitamente à finalidade pela qual Deus quer que conheçamos a sua glória.

E por que, então, o conhecimento da glória de Deus é tão importante para a vida de um indivíduo?

Dizer que uma pessoa precisa do conhecimento da glória de Deus é tão significativo para todos os seres humanos porque esta expressão, falando resumidamente, é uma outra maneira de dizer o quanto um indivíduo precisa conhecer individualmente ou pessoalmente ao próprio Deus Criador dos Céus e da Terra e daquilo que neles há.

Quando uma pessoa conhece a verdadeira glória de Deus, ela também passa a conhecer o próprio Deus.

Conhecer a Deus ou conhecer a glória verdadeira de Deus, de certa forma, são expressões equiparáveis, conforme os textos apresentados abaixo:

Habacuque 2: 14 **Pois a terra se encherá do conhecimento da glória do SENHOR, como as águas cobrem o mar.**

Isaías 11: 9 **Não se fará mal nem dano algum em todo o meu santo monte, porque a terra se encherá do conhecimento do SENHOR, como as águas cobrem o mar.**

João 17: 1 **Tendo Jesus falado estas coisas, levantou os olhos ao céu e disse: Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que o Filho te glorifique a ti,**

2 assim como lhe conferiste autoridade sobre toda a carne, a fim de que ele conceda a vida eterna a todos os que lhe deste.

3 E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste.

João 1: 14 **E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai.**

...

18 *Ninguém jamais viu a Deus; o Deus unigênito, que está no seio do Pai, é quem o revelou.*

Portanto, o Evangelho da Glória de Deus nos é oferecido para que conheçamos a Deus a fim de que os propósitos daquilo que advém do conhecer ao Senhor se manifestem em nossas vidas.

Em outras palavras, o Senhor nos oferece o Evangelho da sua Glória para termos acesso a conhecer a Ele ou os seus atributos a fim de que creiamos Nele e para que, mediante a fé no Senhor, recebamos a vida eterna em Deus segundo a sua multiforme graça.

Através do Evangelho da Glória, cuja principal dádiva é o Senhor Jesus Cristo, e através do conhecimento da glória do Senhor que o Evangelho nos oferece, a carência do conhecimento de Deus passa a ser suprida para que possamos viver e andar mediante a fé e no amor do Senhor, e através dos quais, podemos crescer na salvação e na novidade de vida eterna que nos está disponível em Deus.

Tendo em vista que Deus é insondável, somente é possível que Ele revele uma determinada medida do seu “Ser” a nós. Razão pela qual, necessitamos do conhecimento da sua glória, pois, através dela, o Senhor pode se revelar na medida ideal que necessitamos, mas também na medida perfeita que possamos suportar em cada momento das nossas vidas.

Através da revelação da sua glória, Deus, por exemplo, pode nos ensinar e revelar que Ele é o Deus Todo-Poderoso sem ter que nos expor a todo o seu poder, pois se o fizesse, certamente seríamos instantaneamente desintegrados com tamanha presença poderosa do Senhor.

Através da sua glória, Deus pode anunciar, mostrar e conceder parcialmente e de maneira plenamente satisfatória o que as pessoas necessitam conhecer dos seus mais diversos atributos, mas sem que tenha que mostrá-los na plenitude àqueles aos quais Ele quer revelá-los a fim de que venham a ser edificadas e não destruídas pelo conhecimento e revelação da grandeza do Senhor.

Ninguém pode ver o que Deus vê ao ter os seus olhos sobre cada um dos filhos dos homens. Ninguém, nem de perto, tem tal capacidade. Entretanto, isto não impede que através da glória de Deus esta posição e capacidade do Senhor nos sejam reveladas a fim de que creiamos Nele neste sentido, para que o nosso coração encontre descanso em Deus e para que nos alegremos nas santas virtudes do Senhor.

Somente a título figurativo, pois conhecer ao Senhor é mais do que conhecer somente a sua fama, parece-nos que, em certo sentido, poderíamos dizer que a glória lembra a fama ou a reputação que é atribuída a alguém a respeito de algumas das suas características.

Lembramos aqui, porém, que no caso da glória de Deus, a fama do Senhor é segundo a sua própria glória, e não é como a fama das pessoas no mundo.

Quando revelada pelo próprio Senhor, a revelação sobre Deus é segundo a verdade e em consonância a como o Senhor é verdadeiramente, enquanto que a fama daquilo que as pessoas divulgam umas sobre as outras, ou até sobre Deus, nem sempre é baseada na verdade sobre cada pessoa ou sobre Deus.

Conforme mencionamos em capítulos anteriores, a glória que as pessoas atribuem a Deus muitas vezes é muito diferente da glória que o Senhor manifesta a respeito de Si e de cada pessoa.

Ter um conhecimento adequado sobre a glória de Deus e ter um relacionamento ajustado com ela são pontos determinantes para o estabelecimento do conjunto de esperanças de uma pessoa e para o seu crescimento na fé em Deus, pois como um indivíduo poderá crer, confiar e esperar adequadamente em Deus se ele não tiver conhecimento sobre o Senhor ou se o seu entendimento sobre Deus for substancialmente distorcido?

Romanos 10: 13 **Porque: Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.**

14(a) **Como, porém, invocarão aquela em quem não creram? E como crerão naquela de quem nada ouviram?**

Assim, se alinharmos os diversos propósitos que citamos até o presente momento nos últimos capítulos e parágrafos, poderíamos dizer que:

- ⇒ 1) O propósito geral do Evangelho é proporcionar que venhamos a ficar conscientes sobre aquilo que necessitamos para a salvação, a vida segundo a vontade de Deus ou para a vida eterna, e, principalmente, para nos estender e oferecer, mediante a graça divina, aquilo que tanto necessitamos para a novidade de vida no Senhor;
- ⇒ 2) O propósito do Evangelho, também oferecido como o Evangelho da Glória do Senhor, visa nos mostrar que uma das necessidades essenciais da vida segundo o reino dos céus é o conhecimento da glória do Senhor e de que através do Evangelho este conhecimento nos é amplamente oferecido;
- ⇒ 3) O conhecimento da glória de Deus, por sua vez, visa nos proporcionar conhecer ao próprio Deus naquilo necessitamos conhecê-lo, mas também na medida apropriada que nos é possível vir a conhecê-lo estando nós ainda no presente mundo;
- ⇒ 4) O propósito de conhecer mais a Deus visa cooperar para que a nossa esperança, fé e amor no Senhor estejam cada vez mais fortalecidos para que de fato vivamos e andemos na novidade de vida que o Senhor nos oferece em seu Evangelho.

Quando o Senhor nos informa que o seu Evangelho nos oferece também a possibilidade de conhecer a sua glória, Deus está nos mostrando que podemos conhecer ao próprio Senhor para estarmos cada vez mais fortalecidos em relação à cada um dos seus imensuráveis atributos.

Através do Evangelho da sua Glória, Deus está oferecendo a Si próprio aos seres humanos que o quiserem receber, e isto, para que estes conheçam mais profundamente ao Senhor e tenham fé no Criador e Sustentador das suas vida a fim de que, conjuntamente com a salvação, também avancem na diversidade de aspectos da novidade de vida eterna que lhes está disponível no Senhor.

Se as facetas do Evangelho nominado como o Evangelho do Criador e o Evangelho de Cristo nos mostram a origem e a dádiva oferecida para que alcancemos a salvação e a novidade de vida eterna, a faceta do Evangelho da glória de Deus nos mostra que o propósito de toda a salvação e vida eterna é que venhamos a conhecer ao próprio Deus para que eternamente continuemos a confiar Nele e para que tenhamos um relacionamento eterno com cada uma das múltiplas virtudes da natureza divina do Senhor, para o qual também fomos criados e chamados.

*Romanos 1: 16 **Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego;***

7 visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé.

*1 Coríntios 1: 9 **Fiel é Deus, pelo qual fostes chamados à comunhão de seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor.***

Na firme confiança em Deus e no amor concedido pelo Senhor àqueles que Nele confiam que reside o meio para uma pessoa viver a vida em Deus, mas é através do conhecer a Deus, revelado através conhecimento da sua glória, que a confiança e o amor dela para com Deus são aperfeiçoados e firmemente estabelecidos.

Por meio de uma ofensa, o diabo procurou difamar a glória de Deus diante da humanidade para tentar afastar os seres humanos eternamente da comunhão com Deus. Entretanto, através do Evangelho da sua Glória, o Senhor nos mostra como podemos restaurar o nosso conhecimento sobre o nosso Deus para jamais voltar a sermos afastados da confiança, do amor e da comunhão para com o nosso Único Senhor Eterno.

Pelo Evangelho da Glória de Deus, o Senhor nos concede o acesso a tudo aquilo, e ainda muito mais, que Adão, Eva e seus descendentes deixaram de poder ver quando uma dúvida sobre quem Deus era, proposta pelo diabo através da serpente, foi por eles acatada.

Pelo Evangelho da Glória de Deus, nós podemos ter acesso a tudo aquilo que necessitamos saber sobre o nosso Senhor para que também possamos eternamente confiar Nele e para que possamos eternamente desfrutar de uma comunhão com o Senhor nas mais diversas áreas dos seus preciosos e eternos atributos que a escravidão ao pecado tentou ocultar.

Por meio Evangelho da Sua Glória, o Senhor nos oferece o conhecimento da sua glória para que, por meio deste, conheçamos como é o nosso Deus, e isto, para que saibamos quem Ele é para conosco e como Ele nos ama a fim de que também o amemos e confiemos Nele de agora e para toda a eternidade.

C6. Efeitos da Carência da Glória de Deus Revelada Segundo o Evangelho da Glória

*Romanos 3: 23 **Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus.** (RA)*

ou

*Romanos 3: 23 **Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus.** (RC)*

Levando em conta que conhecer a glória de Deus também expressa, de outra maneira, conhecer ao próprio Deus, podemos também considerar que parte do tema dos efeitos do desconhecimento de Deus por parte do ser humano já encontra-se descrita nos estudos sobre O Evangelho do Criador, O Evangelho da Justiça de Deus e O Evangelho da Paz.

Entretanto, quando vemos o conhecer ao Senhor pela ótica do conhecimento da glória de Deus, podemos ver que alguns dos aspectos relacionados ao desconhecimento de Deus ainda podem ser complementados e até vistos de uma forma mais precisa ou objetiva.

Apesar de Deus sustentar toda e qualquer vida com o seu poder, a carência do conhecimento da glória de Deus é de tão elevada relevância porque ela também pode ser a causa da própria falta de uma presença mais atuante de Deus na vida de uma pessoa.

Apesar de Deus sustentar a vida de todas as pessoas, a carência do conhecimento da glória de Deus, por parte de um indivíduo, pode levá-lo a uma experiência de vida onde o relacionamento com o Senhor ocorre praticamente de forma unilateral entre o Criador com a criatura. Ou seja, apesar de Deus cuidar das pessoas e supri-las todos os dias, muitas se relacionam com a vida em geral como se Deus não existisse, vivendo sem consultar e sem receber as instruções Daquele que as criou e quer instruí-las no caminho da verdade e da vida eterna.

Carecer da glória de Deus não significa, necessariamente, dizer que uma pessoa está com ausência de Deus no sentido da sustentação da sua vida natural, do fôlego ou da existência material em si, ou ainda, no sentido da sustentação do universo e do que nele há, pois Deus é Onipresente, Deus está em todos os lugares e a tudo sustenta. A carência ou o estar destituído do conhecimento da glória de Deus implica em uma pessoa ficar separada do conhecimento apropriado do Criador que a ama e ficar à parte dos conceitos ou da instrução do Senhor sobre o propósito da vida e como esta pode ser vivida à luz da vontade divina.

Apesar de qualquer vida somente existir se Deus permitir que ela venha a se manifestar, o desconhecimento da glória de Deus e o não relacionamento com esta glória conduzem as pessoas a uma forma de vida onde elas não conhecem a Deus como poderiam e deveriam conhecer, ficando sujeitas a como se estivessem sem Deus e sem esperança no mundo, conforme exemplificado no texto que segue abaixo:

*Efésios 2: 11 **Portanto, lembrai-vos de que vós, noutra tempo, éreis gentios na carne e chamados incircuncisão pelos que, na carne, se chamam circuncisão feita pela mão dos homens;***

12 *naquele tempo, estáveis sem Cristo, separados da comunidade de Israel e estranhos às alianças da promessa, não tendo esperança e sem Deus no mundo.* (RC)

Assim, carecer da glória de Deus é carecer do conhecimento que uma pessoa já deveria ter de Deus, mas também é carecer da comunhão que uma pessoa já poderia ter com o seu Criador.

Quanto mais separada uma pessoa fica da glória de Deus, ou quanto mais uma pessoa carece desta glória, mais distante fica a compreensão dela sobre quem é o Senhor e Criador eterno, e mais distante ela fica de uma vida de acordo com a vontade do Senhor. Condição na qual, ela fica sujeita a ser levada aos mais variados efeitos advindos de uma vida dissociada de uma apropriada direção ou instrução divina.

Quando a percepção de um indivíduo sobre quem Deus é e como Ele age é corrompida, ou seja, quando uma pessoa não percebe a glória de Deus ou a percebe de uma forma substancialmente distorcida, a sua fé, pensamentos, esperanças, atitudes e comportamentos também estarão sujeitos a serem corrompidos, conforme já abordado mais amplamente no tema sobre O Evangelho da Promessa, nos estudos sobre o Evangelho acima mencionados e conforme nos é lembrado continuamente no texto que segue abaixo:

Romanos 1: 20 Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder, como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas. Tais homens são, por isso, indesculpáveis;

21 porquanto, tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; antes, se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato.

22 Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos

23 e mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, bem como de aves, quadrúpedes e répteis.

24 Por isso, Deus entregou tais homens à imundícia, pelas concupiscências de seu próprio coração, para desonrarem o seu corpo entre si;

25 pois eles mudaram a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo a criatura em lugar do Criador, o qual é bendito eternamente. Amém!

...

28 E, por haverem desprezado o conhecimento de Deus, o próprio Deus os entregou a uma disposição mental reprovável, para praticarem coisas inconvenientes,

29 cheios de toda injustiça, malícia, avareza e maldade; possuídos de inveja, homicídio, contenda, dolo e malignidade; sendo difamadores,

30 caluniadores, aborrecidos de Deus, insolentes, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobedientes aos pais,

31 insensatos, perversos, sem afeição natural e sem misericórdia.

Quanto mais os seres humanos se afastam do conhecimento da glória de Deus ou a negam, mais eles acabam se entregando aos pensamentos demasiadamente limitados da criação, podendo chegar ao ponto de confundirem criação e divindade nas mais diversas áreas das suas vidas.

No estudo sobre O Evangelho da Justiça de Deus, também procuramos expor que é através da proposição de corromper o entendimento sobre quem Deus é ou através de ofensas contra a glória de Deus que o diabo muitas vezes procura introduzir as tentações do pecado diante das pessoas.

Quando Adão e Eva permitiram que o diabo obscurecesse a glória de quem era o seu Deus, eles também se tornaram fragilizados à voz desta criatura que veio para tentar afastá-los de Deus e que veio para tentar conduzi-los para uma vida sujeita ao jugo do pecado.

A queda de Adão e Eva não se deu pela força do diabo ou pela força da tentação do pecado, mas se deu porque eles primeiramente acolheram uma ofensa do diabo contra a glória de quem Deus era para eles.

A carência da glória de Deus, causada pelo pecado do rompimento da livre comunhão com o Criador e com a sua glória, tem atuado para conduzir as pessoas para abismos conceituais cada vez mais profundos ou distorcidos, e dos quais elas jamais poderão sair por seus próprios planos e esforços, mas somente pela misericórdia de Deus se elas, mediante a fé no Senhor, a acolherem em seus corações.

Quando as pessoas passam a tentar definir a Deus baseado no que elas pensam sobre o Senhor, e não a partir da revelação da verdadeira glória de Deus, elas passam a criar conceitos bizarros em todos os sentidos e chegam ao ponto de inclusive pensar que explorar os seus semelhantes com “esperteza, sutilezas ou manipulações”, segundo as suas próprias ganâncias, também é o que Deus faz para o benefício do seu poderoso nome.

Quando as pessoas perdem o foco da glória de Deus, a qual, por exemplo, revela a Deus como o Único Senhor Santo e Justo, elas começam a interpretar a Deus a partir da ótica de si mesmas e começam inclusive a pensar e crer que Deus age também em ganância e avareza como os seres humanos agem no mundo.

A carência da glória de Deus é um fator que leva as pessoas não somente a terem conceitos substancialmente errôneos sobre si próprias, mas também chegarem ao ponto de se tornarem ímpias diante de Deus e até pensarem que Deus é como elas em suas mais diversas corrupções, conforme é mencionado no seguinte Salmo:

- Salmo 50: 16* ***Mas ao ímpio diz Deus: De que te serve repetires os meus preceitos e teres nos lábios a minha aliança,***
17 ***uma vez que aborreces a disciplina e rejeitas as minhas palavras?***
18 ***Se vês um ladrão, tu te comprazes nele e aos adúlteros te associas.***
19 ***Soltas a boca para o mal, e a tua língua trama enganos.***
20 ***Sentas-te para falar contra teu irmão e difamas o filho de tua mãe.***
21 ***Tens feito estas coisas, e eu me calei; pensavas que eu era teu igual; mas eu te argüirei e porei tudo à tua vista.***
22 ***Considerai, pois, nisto, vós que vos esqueceis de Deus, para que não vos despedace, sem haver quem vos livre.***

Conforme já procuramos expor nos estudos sobre o Evangelho referenciados nos parágrafos acima, a consequência do afastamento que uma pessoa adota em relação à glória de Deus é um fator ou causa para que muitas pessoas passem a afrontar a Deus, a seus semelhantes e a praticar as mais terríveis ações também direcionadas contra Deus, contra si próprias e contra as demais pessoas ao seu redor.

Quando as pessoas se afastam da glória eterna de Deus, elas podem chegar até a pensar que Deus, o Único Criador Eterno e Imutável, pode ser moldado conforme a mente humana, que até os seres humanos podem vir a criar ídolos com status de deuses e avançando, ainda, até a ideia equivocada de que o próprio ser humano poderia vir a ser “deus” da sua vida ou até de seus semelhantes.

Quando as pessoas perdem o contato próximo com a verdadeira glória de Deus, que também é expressa por um contato com o verdadeiro conhecimento sobre Deus que uma pessoa pode ter enquanto está na Terra, elas começam a pensar inclusive que Deus é volátil a elogios ou críticas como elas mesmos são. Esquecendo ou negando, porém, que Deus não pode ser afetado nem pelos louvores ou pela ausência de louvores dos seres humanos para com Ele visto que a glória do nome do Senhor está inclusive acima de todo louvor, conforme foi tão preciosamente exposto no livro de Neemias:

*Neemias 9: 5 Os levitas Jesua, Cadmiel, Bani, Hasabneias, Serebias, Hodias, Sebanias e Petaías disseram: Levantai-vos, bendizei ao SENHOR, vosso Deus, de eternidade em eternidade. Então, se disse: **Bendito seja o nome da tua glória, que ultrapassa todo bendizer e louvor.***

6 Só tu és SENHOR, tu fizeste o céu, o céu dos céus e todo o seu exército, a terra e tudo quanto nela há, os mares e tudo quanto há neles; e tu os preservas a todos com vida, e o exército dos céus te adora.

A glória de Deus nos mostra que Deus não muda e que Nele não há sombra de variação, não importando o que as pessoas digam ou deixem de dizer sobre o Senhor.

*Tiago 1: 17 **Toda boa dádiva e todo dom perfeito são lá do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não pode existir variação ou sombra de mudança.***

*Hebreus 13: 8 **Jesus Cristo, ontem e hoje, é o mesmo e o será para sempre.***

*Deuteronômio 10: 17 **Pois o SENHOR, vosso Deus, é o Deus dos deuses e o Senhor dos senhores, o Deus grande, poderoso e temível, que não faz aceção de pessoas, nem aceita suborno.***

O distanciamento das pessoas em relação à glória de Deus distorce o que elas pensam de Deus, mas também corrompe o que elas pensam sobre si, o seu próximo, a criação que veem na Terra e sobre todo o universo criado pelo Deus Criador dos Céus e da Terra.

A carência da glória de Deus atua para que as pessoas fiquem entregues aos mais diversos pensamentos vãos e inúteis, consumindo a sua vida também em atitudes vazias e desprovidas de propósitos em relação a uma verdadeira colheita para a vida eterna.

*Romanos 1: 22 **Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos.***

Se um indivíduo, por exemplo, tem a ideia de que Deus não é de fato um Deus misericordioso e que no primeiro erro que ele cometer o Senhor irá “lançar um raio sobre a sua cabeça”, este indivíduo também tenderá a deixar que o medo em relação a Deus, e não o temor saudável do Senhor, passe a estar presente em sua vida.

Se, por outro lado, uma pessoa tem a ideia de que Deus é um pai “bonachão”, que permite seus filhos fazerem o que quiserem e que nunca os corrige, independentemente de como se comportam, esta pessoa tenderá a se inclinar a uma vida desregrada e focada primariamente em prazeres carnis, terrenos, temporais e desprovidos de um propósito real ou eterno.

Se, ainda, um indivíduo pensa que Deus criou o mundo e depois “deu corda nele e o deixa seguir o seu próprio curso”, ela tenderá a pensar que “os fortes é que sobrevivem”. E pensando assim, poderá se tornar insensível quando outros são prejudicados ou oprimidos, pois é assim que ela pensa que Deus deixou a Terra para ela funcionar por si própria.

Homens e mulheres com o coração obscurecido apresentam falsos testemunhos da glória de Deus apesar de muitos deles inclusive se dizerem religiosos e devotos a Deus. Muitos alegam promulgar a divulgação da glória de Deus corretamente, mas não a fazem de fato quando o realizam à base de troca por preço, por taxa, por pedágio ou por imposto, pois a glória genuína do Senhor nos mostra que Deus concede da sua multiforme graça e favor não por preço, mas por bondade, misericórdia e amor.

Quando homens e mulheres com corações endurecidos pelas suas religiões tentam distorcer a glória de Deus perante os seus semelhantes ou tentam distorcer o conhecimento das pessoas sobre quem Deus é de fato, eles não servem verdadeiramente a Deus ou não cooperam com Deus. Pelo contrário, tentam distorcer o conhecimento da glória de Deus, dentre outros, em pelo menos três grandes vias, a saber:

- ⇒ 1º) Proclamando que Deus não dá as coisas sem sacrifício humano ou que Deus não dá as coisas sem um preço da parte humana, o que é mentira, pois são proposições que almejam perverter a graça de Deus.
- ⇒ 2º) Quando pecam, quando se entregam às suas concupiscências e quando dizem que Deus é amor e que, por isto, o Senhor não castigará o pecado, onde isto também é mentira, pois tentam apresentar uma versão pervertida da graça de Deus como se esta atuasse dissociada da justiça de Deus.
- ⇒ 3º) Quando dizem que Deus não guia ou instrui diretamente àqueles que amam ao Senhor, alegando que estes precisam de outras pessoas mais experientes para

fazê-lo. O que igualmente é mentira, pois querem perverter a glória do próprio Deus ser a cobertura direta de cada pessoa e querem perverter o poder de Deus para se comunicar diretamente com cada pessoa que clama a Ele por salvação, sabedoria e instrução conforme nos é oferecido na Nova Aliança com Deus em Cristo Jesus.

*2 Timóteo 3: 5 **Tendo forma de piedade, negando-lhe, entretanto, o poder. Foge também destes.***

*Tiago 1: 5 **Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e nada lhes imprópera; e ser-lhe-á concedida.***

*6 **Peça-a, porém, com fé, em nada duvidando; pois o que duvida é semelhante à onda do mar, impelida e agitada pelo vento.***

*Hebreus 8: 10 **Porque esta é a aliança que firmarei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o Senhor: na sua mente imprimirei as minhas leis, também sobre o seu coração as inscreverei; e eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo.***

*11 **E não ensinará jamais cada um ao seu próximo, nem cada um ao seu irmão, dizendo: Conhece ao Senhor; porque todos me conhecerão, desde o menor deles até ao maior.***

Quando uma pessoa está destituída da glória de Deus, uma carência central à qual ela fica sujeita é que ela também passa a ficar destituída de um discernimento apropriado para julgar aquilo que as pessoas falam ou afirmam sobre quem ou como Deus é, sobre como Deus as vê e sobre como Deus atua.

Quando as pessoas carecem da glória de Deus, elas igualmente:

- ⇒ 1) Carecem de conhecer a cada dia Aquele que lhes concede o sopro da vida e que quer guardá-las, mas que também quer guiá-las nos caminhos da verdade e da justiça;
- ⇒ 2) Carecem de conhecer de fato o que significa Deus amá-las a ponto de ter dado o Seu Filho Amado para morrer por todos e para que todo aquele que Nele crer tenha a vida eterna;
- ⇒ 3) Carecem de conhecer de fato quem é o misericordioso e perdoador Senhor, mas que, ao mesmo tempo, também é justo ou reto em todos os juízos e caminhos;
- ⇒ 4) Carecem de conhecer de fato que Deus quer que cada pessoa viva Nele e receba a condição e herança de filho do Pai Celestial;
- ⇒ 5) Carecem de conhecer de fato que Aquele que as chamou também é plenamente fiel e poderoso para completar a obra nelas até o fim.

As informações e o que uma pessoa acredita ser a glória de Deus tenderá a afetar fortemente a sua fé e as demais escolhas ou condutas em sua vida. E, por isto, é tão crucial que uma pessoa entenda o quão significativo é para ela conhecer adequadamente o que Deus tem a ensinar a ela sobre a sua glória eterna.

Deus não é o que as pessoas em seu entendimento distorcido dizem que Ele é. Deus é o que Ele diz a respeito de si próprio através da revelação que Ele faz sobre a sua glória.

Quando uma pessoa experimenta uma renovação apropriada do seu entendimento sobre Deus, através da glória do Senhor e não com base naquilo que o mundo diz sobre Deus, ela também tem a possibilidade de alcançar uma renovação interior de confiança em Deus que a transforma, prepara e habilita para andar sob a direção de Deus e segundo a imensuravelmente preciosa vontade do Senhor.

Romanos 12: 1 Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional.
2 E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.

C7. A Faceta da Glória Evidencia o Firme Fundamento Passado, Presente e Futuro de Todo o Evangelho

Nos capítulos anteriores, abordamos o aspecto de que há tipos de glórias que são temporais ou passageiras, como é o caso do corpo natural do ser humano, assim como há outras que são eternas, como é o caso do corpo glorificado que Cristo recebeu após a Sua ressurreição e o qual o Senhor promete conceder na eternidade a todos aqueles que recebem o seu Evangelho.

Embora algumas glórias passageiras sejam indispensáveis para que uma glória não temporal venha a ser disponibilizada a seguir, como ocorre no caso do ser humano em que o corpo temporal é comparado a uma semente para o corpo eterno, o que realmente importa na vida de um ser humano, no final das contas, é alcançar aquilo que é eternamente benéfico ou que pode sustentá-lo pela eternidade.

O próprio Senhor Jesus Cristo declarou que ainda que uma pessoa viesse a conquistar o mundo inteiro, isto ainda não teria valor algum caso ela também não alcançasse a salvação da sua alma.

*Marcos 8: 36 **Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?***

Os aspectos naturais e terrenos mais valiosos do mundo são inexpressivos quando comparados com o que é eterno. E nem a soma de muitas riquezas apresenta recursos para alcançar a redenção eterna de uma vida, conforme também nos é exposto nos salmos a seguir:

*Salmos 37: 16 **Vale mais o pouco que tem o justo do que as riquezas de muitos ímpios. (RC)***

*Salmos 49: 1 **Ouvi isto, vós todos os povos; inclinai os ouvidos, todos os moradores do mundo,***

*2 **quer humildes quer grandes, tanto ricos como pobres.***

*3 **A minha boca falará da sabedoria; e a meditação do meu coração será de entendimento.***

*4 **Inclinarei os meus ouvidos a uma parábola; decifrarei o meu enigma na harpa.***

*5 **Por que temerei eu nos dias maus, quando me cercar a iniquidade dos que me armam ciladas?***

*6 **Aqueles que confiam na sua fazenda e se gloriam na multidão das suas riquezas,***

*7 **nenhum deles, de modo algum, pode remir a seu irmão ou dar a Deus o resgate dele***

*8 **(pois a redenção da sua alma é caríssima, e seus recursos se esgotariam antes);***

para que continue a viver perpetuamente e não veja a cova;

*10 **porque vê que os sábios morrem, que perecem igualmente o louco e o bruto e deixam a outros os seus bens.***

- 11 *O seu pensamento interior é que as suas casas serão perpétuas, e as suas habitações, de geração em geração; dão às suas terras os seus próprios nomes.*
- 12 *Todavia, o homem que está em honra não permanece; antes, é como os animais, que perecem.*
- 13 *Este caminho deles é a sua loucura; contudo, a sua posteridade aprova as suas palavras.*
- 14 *Como ovelhas, são enterrados; a morte se alimentará deles; os retos terão domínio sobre eles na manhã; e a sua formosura na sepultura se consumirá, por não ter mais onde more.*
- 15 *Mas Deus remirá a minha alma do poder da sepultura, pois me receberá.*
- 16 *Não temas quando alguém se enriquece, quando a glória da sua casa se engrandece.*
- 17 *Porque, quando morrer, nada levará consigo, nem a sua glória o acompanhará.*
- 18 *Ainda que na sua vida ele bendisse a sua alma, e os homens o louvem quando faz bem a si mesmo,*
- 19 *irá para a geração dos seus pais; eles nunca verão a luz.*
- 20 *O homem que está em honra, e não tem entendimento, é semelhante aos animais, que perecem. (RC+RA)*
-

E ainda, para que algo seja eterno, é necessário que aquilo que o constitui ou aquilo que constitui a sua glória também seja eterno.

Portanto, no contexto do Evangelho de Deus, se aquilo que constituísse o Evangelho ou aquilo que sustentasse o Evangelho não tivesse uma glória eterna ou, em outras palavras, não fosse de fato eterno, o Evangelho seria mais um aspecto meramente passageiro na vida humana.

Perceber aquilo que já foi realizado através do Evangelho é crucial, porque também é pelos feitos já realizados que este Evangelho tem a incomparável autoridade que a ele está associada. Entretanto, o que a faceta da glória também vem tornar evidente é que o Evangelho de Deus somente tem real autoridade porque ele continua tendo uma firme sustentação no presente e porque ele está fundamentado em um firme fundamento que tem uma glória de ser eternamente inabalável.

Apesar do Evangelho do Senhor somente poder oferecer o que ele oferece por causa dos feitos já realizados através dele, a ótica sob a perspectiva da glória nos mostra de uma maneira mais ampla aquilo que sustenta este Evangelho para ele poder continuar sendo concedido no presente e no futuro a todos aqueles que nele creem.

A abordagem do Evangelho de Deus, sob a perspectiva da glória de Deus e da glória de Cristo, é de particular ou suma importância para evidenciar que a plena e perfeita “substancialidade ou consistência” Daquele que sustenta o Evangelho vai muito além dos feitos históricos e passados que estão associados a este Evangelho.

Conhecer o Evangelho sob a ótica da glória de Deus e da glória de Cristo é especialmente significativo para que os olhos do nosso entendimento sejam iluminados para ver o Evangelho também sob a perspectiva dele ser um Evangelho “eternamente vivo” por causa da glória Daquele que sustenta este Evangelho.

A história e os fatos já ocorridos no passado que estão associados ao Evangelho, por si só, não serviriam para a sustentação da novidade de vida no presente e no futuro oferecida pelo Evangelho se eles fossem fatos dissociados de um firme e eterno fundamento.

Fatos históricos passados podem ser imprescindíveis para que a condição de sustentação de algo seja válida e passível de ser realizada no presente e no futuro. Entretanto, sem que haja uma condição continuamente viva que suporte e que continue dando validade aos fatos já ocorridos, estes fatos passados são somente registros históricos.

Compreender o tipo de abordagem apresentada no parágrafo anterior é extremamente importante, pois há pessoas que preferem se relacionar com os fatos da história em vez de se relacionarem com o Autor e Sustentador vivo da história e da vida delas no presente e no futuro.

O que foi feito ao longo da história passada através do Evangelho foi feito para que no presente, possamos ter uma viva e livre comunhão com Aquele que sustenta o Evangelho eternamente.

A faceta do Evangelho da Glória nos é apresentada para evidenciar e para nos lembrar constantemente da condição viva do fundamento de todo o Evangelho, o qual é o Senhor, nosso Deus, o único Criador e Sustentador dos Céus e da Terra e de tudo o que neles há e de tudo o que está contemplado em seu Evangelho.

A faceta da glória de Deus apresentada no Evangelho nos é concedida para evidenciar que as dádivas do Evangelho nada seriam se não estivessem associadas, no tempo presente e futuro, ao Autor e Sustentador de todas as dádivas contidas neste Evangelho.

A justiça, a salvação, a paz, a graça, o poder e o amor de Deus simplesmente não existem dissociados de Deus.

A justiça, a salvação, a paz, a graça, o poder e o amor de Deus fazem parte da glória de Deus e não existem em nenhuma outra glória que esteja dissociada da glória do Senhor.

Assim, mais uma vez, o Evangelho da Glória inclui a oferta que a nos é estendida para conhecermos a Deus e para nos aprofundarmos na comunhão viva com o Deus do Evangelho e que sustenta todo o Evangelho.

O Evangelho da Glória acentua de uma forma clara ou explícita que o objetivo final do Evangelho ser oferecido às pessoas ou que a dádiva suprema do Evangelho é o próprio Deus do Evangelho.

O Evangelho da Glória de Deus evidencia, de forma ainda mais objetiva ou expressa, que Deus nos ofereceu e oferece inúmeras dádivas, mas que Ele também sempre o faz com o objetivo primordial e eminente de oferecer a Si próprio e a comunhão eterna com Ele a nós, pois é somente Nele que a vida acompanhada de uma glória eterna pode ser sustentada.

2 Coríntios 5: 17 Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo.

18 E tudo isso provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por Jesus Cristo e nos deu o ministério da reconciliação,

19 **isto é, Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não lhes imputando os seus pecados, e pôs em nós a palavra da reconciliação.**

Romanos 11: 36 **Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém!**

1 Pedro 4: 11 **Se alguém fala, fale de acordo com os oráculos de Deus; se alguém serve, faça-o na força que Deus supre, para que, em todas as coisas, seja Deus glorificado, por meio de Jesus Cristo, a quem pertence a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém!**

Ao revelar a glória de Deus, o Evangelho, primeiramente, reitera perante o mundo a posição da glória de Deus em tudo o que foi feito pelo Senhor em prol dos seres humanos. Entretanto, ao nos chamar também à comunhão com o Senhor Eterno, o Evangelho evidencia a posição de Deus no presente e para a eternidade como Aquele que sempre sustentou a vida, concede a novidade de vida no presente e que continuará a ser o fundamento da vida eterna para sempre.

Através da faceta da glória de Deus, o Evangelho nos permite saber tudo o que necessitamos saber sobre Deus no passado, mas também no presente e sobre o futuro eterno para que no presente estabeleçamos firmemente a nossa confiança e esperança no Único Deus que tem uma glória eterna ou não passageira para nos oferecer.

2 Coríntios 3: 5 (b) ... **a nossa suficiência vem de Deus, ...**

Salmos 54: 4 **Eis que Deus é o meu ajudador, o SENHOR é quem me sustenta a vida.**

1 Pedro 5: 10 **Ora, o Deus de toda a graça, que em Cristo vos chamou à sua eterna glória, depois de terdes sofrido por um pouco, ele mesmo vos há de aperfeiçoar, firmar, fortificar e fundamentar.**

Salmos 16: 1 **Guarda-me, ó Deus, porque em ti me refugio.**

2 **Digo ao SENHOR: Tu és o meu Senhor; outro bem não possuo, senão a ti somente.**

...

4 **Muitas serão as penas dos que trocam o SENHOR por outros deuses; não oferecerei as suas libações de sangue, e os meus lábios não pronunciarão o seu nome.**

5 **O SENHOR é a porção da minha herança e o meu cálice; tu és o arrimo da minha sorte.**

- 6 *Caem-me as divisas em lugares amenos, é mui linda a minha herança.*
- 7 *Bendigo o SENHOR, que me aconselha; pois até durante a noite o meu coração me ensina.*
- 8 *O SENHOR, tenho-o sempre à minha presença; estando ele à minha direita, não serei abalado.*
- 9 *Alegra-se, pois, o meu coração, e o meu espírito exulta; até o meu corpo repousará seguro.*
- 10 *Pois não deixarás a minha alma na morte, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção.*
- 11 *Tu me farás ver os caminhos da vida; na tua presença há plenitude de alegria, na tua destra, delícias perpetuamente.*

Salmos 73: 26 Ainda que a minha carne e o meu coração desfaleçam, Deus é a fortaleza do meu coração e a minha herança para sempre.

Salmos 111: 3 Em suas obras há glória e majestade, e a sua justiça permanece para sempre.

O Evangelho sob a ótica da glória de Deus nos evidencia que o Evangelho é o caminho para a restauração da comunhão com o Criador, mas também que aquilo que nos é dado através do Evangelho tem um firme fundamento no próprio Deus para uma continuidade firme e inabalável tanto no presente como para todo o sempre.

O Evangelho sob a ótica da glória de Deus nos evidencia a “essência das imensuráveis essências” que nos são oferecidas pelo Evangelho, a qual é o nosso próprio Deus Eterno.

O Evangelho sob a perspectiva da glória de Deus nos evidencia o principal aspecto do Evangelho que sustenta todos os seus demais aspectos, e isto, para que jamais venhamos a deixar de lado o principal e único aspecto que pode continuar sustentando o Evangelho em nossas vidas.

O Evangelho sob a ótica da glória de Deus evidencia a nós Àquele que sustenta aquilo que Ele nos oferece para todo o sempre.

Todo aspecto verdadeiramente bom e duradouro que a nós é concedido e toda a sustentação de algum bem eterno que nos é dado provêm do nosso Deus Eterno, e de cuja glória o nosso coração jamais deveria se afastar.

C8. A Revelação da Glória do Senhor é a Faceta que Reitera que o Evangelho é um Todo Inseparável em Deus

Apresentar um tema em uma série de estudos, como é o caso da série O Evangelho, As Boas Novas de Deus, tem nos parecido ser necessário e benéfico para que um tema tão extenso possa ser abrangido de forma mais detalhada e abrangente. Entretanto, também tem nos parecido que a utilização desta forma de exposição apresenta uma série de outros desafios para que a visão global do Evangelho não seja perdida e para que uma faceta específica do Evangelho não venha a ser subestimada ou superestimada em detrimento das demais facetas que o compõem.

Assim, quando passamos a ver evidenciado mais uma vez no capítulo anterior que a essência do Evangelho, em todas as suas facetas, é o Senhor do Evangelho, também podemos passar a ver o que já vinha sendo reiterado nos outros estudos da série sobre este mesmo Evangelho, o qual é a condição do Evangelho ser único e um conjunto total composto pelas suas partes que são inseparáveis umas das outras.

Similarmente a como os fundamentos e as colunas de uma casa são partes integrantes ou inseparáveis de uma casa, e sem os quais a casa não pode ser considerada estável, assim também os aspectos que têm o seu nome associado ao Evangelho são partes integrantes ou inseparáveis do Evangelho como um todo.

E não saber que o Evangelho é um todo, com múltiplas facetas inseparáveis deste todo, tem sido uma das grandes razões pelas quais muitas pessoas têm tido dificuldade de compreender o Evangelho e, principalmente, de permanecer fiel e associado a ele.

Por mais que possa parecer um contrassenso, uma compreensão mais objetiva, completa e até mais fácil do Evangelho se dá quando uma pessoa passa a ver o quadro do Evangelho mais amplamente, e não quando alguém somente quer ver uma das partes, ainda que este procure ver esta parte de forma muito detalhada.

Se, por exemplo, uma pessoa quiser se esmerar muito em descobrir como ela pode alcançar a paz oferecida pelo Evangelho, mas procurar fazê-lo sem o conhecimento da justiça de Deus e da glória de Deus, ela estará estudando a paz dissociada dos principais aspectos através dos quais ela de fato poderá alcançar a paz almejada.

Por outro lado, se uma pessoa buscar a paz oferecida pelo Evangelho em conjunto com os outros aspectos do Evangelho, como, por exemplo, a justiça de Deus, a graça e a glória de Deus, ela poderá perceber que a paz tanto almejada está, de fato, nos outros aspectos do Evangelho e que a parte do Evangelho da Paz, na realidade, aponta para o Senhor e para aquilo que pode conceder a almejada paz a um indivíduo.

Similarmente à composição de um remédio, a construção de um edifício ou à montagem de um equipamento, o Evangelho somente é o que ele vem a ser pelo fato de ser constituído pelas partes que o compõem, pois a subtração de um dos elementos do Evangelho faria com que ele já não fosse mais aquele Evangelho que do reino dos céus nos é oferecido.

No que tange ao Evangelho de Deus, absolutamente nenhuma faceta pode ser estabelecida de forma independente das demais facetas que nele estão contidas.

Apesar das múltiplas facetas que estão contidas no Evangelho, o princípio da unicidade dele jamais deveria ser esquecido ou deixado de lado por aquele que deseja

conhecer este Evangelho, viver e andar em conformidade com ele, ou anunciá-lo a outros.

Se alguém, por exemplo, quiser anunciar o Evangelho alegando estar apresentando o caminho da salvação para que as pessoas possam ser libertas de sua condição de injustiça e ausência de paz, mas subtrair a justiça ou a paz de Deus daquilo que está anunciando, esta sua proposição de um suposto Evangelho alterado já não seria mais uma boa nova a ser recebida. E por consequência, deixaria de ser de fato um Evangelho para aqueles a quem ele está sendo apresentado.

Portanto, conforme também foi comentado nos capítulos anteriores, uma vez que a faceta da glória de Deus torna ainda mais evidente o fato do próprio Deus ser a garantia ou o garantidor de todas as outras facetas do Evangelho ou do Evangelho como um todo, este aspecto também acaba sendo o ponto que mais expõe o fundamento do Evangelho e do qual as pessoas que almejam conhecer e vivenciar o Evangelho jamais deveriam se abster.

Além disso, a necessidade eminente de ver o Evangelho de Deus como sendo o Evangelho da sua Glória também precisa ser especialmente destacada tendo em vista que este ponto coloca diante de nós uma série de aspectos que estão associados a termos e expressões pouco conhecidos ou familiares à maioria das pessoas, ou conhecidos por muitos somente superficialmente.

Entendemos ser necessário destacar aqui que dentre todas as facetas do Evangelho que já foram mencionadas acima, o conhecimento da glória de Deus e da glória de Cristo se torna especialmente desafiador, pois esta parte, provavelmente, é o aspecto do Evangelho que mais abrange termos e expressões que não são de uso comum da maioria das pessoas em seu dia-a-dia ou que não são conhecidos de forma mais aprofundada por aqueles que até os usam eventualmente.

Entretanto, também é naquilo que é novo para as pessoas que o Evangelho manifesta o que ele tem de diferente em relação à tudo o que há no mundo e que não pode conduzir nenhuma pessoa a uma verdadeira justiça, salvação e paz.

Ou seja, o fato do Evangelho, no que tange à glória de Deus e à glória de Cristo, estar associado a termos e expressões que são desconhecidos ou pouco conhecidos por muitas pessoas, não deveria desanimar as pessoas a conhecerem mais amplamente este lado do Evangelho, pois se o Evangelho não nos oferecesse novidades ele também não seria a revelação e oferecimento de “boas novas”.

Querer o Evangelho sem querer conhecer os aspectos novos que ele oferece é uma contradição à essência do que é expresso pelo próprio termo Evangelho e à compreensão de que o Evangelho é um todo que traz novidade de vida àqueles a quem ele é oferecido e que também o recebem em suas vidas.

Saber que o Evangelho de Deus é um todo e que pelo menos um nível minimamente apropriado de conhecimento de cada uma das suas facetas centrais também coopera para alcançar mais efetivamente o que o Senhor nos oferece em Seu Evangelho, é um ponto que ressalta que um cristão jamais deveriam se indispor a conhecer os novos aspectos da vida em Cristo somente pelo fato de um determinado termo descrito nas Escrituras não lhe ser comum ou conhecido.

Na Série Sugestões para Leitura e Estudo da Bíblia, foi apresentado um assunto sobre Palavras Coligadas e Enigmas da Antiguidade com intuito específico, entre

outros, de salientar o quão significativo ou essencial é para uma pessoa alcançar um conhecimento no mínimo básico de alguns termos que são especialmente destacados nas Escrituras Bíblicas, ainda que estes termos não sejam familiares a um indivíduo no primeiro momento em que passa a ter contato com eles.

Para alcançar uma percepção mais global do Evangelho do Senhor, o aprofundamento no conhecimento de termos que soam de maneira nova para uma pessoa certamente irá demandar um grau de dedicação, atenção e esforço para que seja compreendido e assimilado.

Por outro lado, também é certo que esta tarefa pode ser perfeitamente realizada quando uma pessoa se dispõe com o coração aberto diante do Senhor Jesus Cristo e quando permite que o Senhor a auxilie neste intento.

*João 6: 63 Jesus disse a eles: **O espírito é o que vivifica; a carne para nada aproveita; as palavras que eu vos tenho dito são espírito e são vida.***

*Mateus 11: 28 **Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei.***

*29 **Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma.***

O posicionamento favorável em relação ao ensino concedido pelo Senhor é um caminho de grandes e imensuráveis benefícios nas mais diversas áreas da vida daqueles que se expõe a ele e, principalmente, na compreensão do Evangelho através do qual o Senhor nos instrui e nos concede o que necessitamos para a novidade de vida Nele ou em consonância com uma vida de fé no Senhor.

As palavras que o Senhor escolheu para serem parte das Escrituras de forma associada ao Evangelho são os termos ou expressões que o Pai Celestial escolheu para nos instruir sobre aquilo que é realmente relevante e útil não somente para o tempo presente, mas também para a vida eterna.

*João 16: 13 **Quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas que hão de vir.***

*14 **Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar.***

*15 **Tudo quanto o Pai tem é meu; por isso é que vos disse que há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar.***

*2 Timóteo 3: 16 **Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça,***

*17 **a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra.***

As Escrituras inspiradas pelo Senhor mediante o seu Espírito Santo expressam os termos que nelas estão contidos não por um mero acaso ou como meras expressões que poderiam ser substituídas por quaisquer outras palavras. Os termos usados nas Escrituras associadas ao Evangelho do Senhor são apresentados nelas na forma como o Pai Celestial o estabeleceu porque eles também são a maneira apropriada, em termos de linguagem humana, pelas quais as verdades de Deus poderiam ser expressas aos seres humanos para o seu benefício.

Quando as pessoas começam a selecionar somente as expressões e termos que lhes agradam nas Escrituras, em detrimento de ouvir as outras que exigem uma maior dedicação à palavra do Senhor ou porque exigem mudanças nas posturas das suas vidas, elas começam a se colocar em uma posição desfavorável em relação ao conhecimento das verdades de Deus. Elas começam a se colocar em uma posição em que ficam vulneráveis a querer conhecer somente o que soa bem aos seus ouvidos e não o que de fato lhes é benéfico e necessário compreender.

- 2 Timóteo 4: 1 **Conjuro-te, perante Deus e Cristo Jesus, que há de julgar vivos e mortos, pela sua manifestação e pelo seu reino:***
*2 **prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina.***
*3 **Pois haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos;***
*4 **e se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas.***

Portanto, quando neste capítulo, bem como nos próximos, procurarmos abordar expressões e termos menos conhecidos até de grande parte dos cristãos, estaremos abordando estas expressões pelo fato delas se encontrarem em destaque nas Escrituras e pelo fato da sua abordagem também ser vital para os cristãos que de fato almejam crescer no conhecimento da glória do Senhor revelada em seu Evangelho, e, por consequência, para aqueles que também almejam crescer em sua própria posição de cristãos.

Quando almejamos abordar de forma mais próxima as expressões ou termos como a glória de Cristo, tirar o velho, estabelecer o novo, o único fundamento, tirar o primeiro, estabelecer o segundo, a primeira aliança, a nova aliança, sacerdócio, a ordem de Melquisedeque, o Rei da Glória e diversos outros, somente o fazemos porque entendemos que eles são vitais para a vida cristã e porque eles estão amplamente e firmemente associados ao Evangelho de Deus, ao ministério de Cristo e à revelação da glória do seu “Ser” e das suas ações.

Apesar de expressões e termos como os citados no parágrafo anterior não serem comumente conhecidos por uma grande parte das pessoas que se dizem cristãs, o conhecimento deles continua sendo crucial ou vital para cada pessoa que anela caminhar nas veredas do Senhor Eterno reveladas através do seu Evangelho Eterno.

Ainda que a inclinação para a busca do conhecimento das expressões e dos termos não tão conhecidos das Escrituras exija uma boa medida de dedicação e um certo grau de esforço direcionado a esta tarefa, nenhuma pessoa, para o benefício de si própria, e

muito menos um cristão, deveria desprezar a possibilidade do aceso a este conhecimento.

Quando uma pessoa, por exemplo, começa a conhecer mais de perto a expressão relacionada à *luz da glória do Evangelho* e aquilo que o Pai Celestial oferece mediante a revelação da sua glória, da glória de Cristo e da glória do referido Evangelho, esta pessoa pode passar a compreender que Deus pode se revelar a ela de forma plenamente satisfatória para o fortalecimento da sua fé e esperança, ainda que Deus não lhe mostre todo o fulgor da sua formosura.

Semelhantemente, quando uma pessoa passa a compreender mais aspectos sobre o ministério atual de Cristo e o significado do Senhor Jesus ser o Único Mediador entre Deus e os seres humanos inclusive no tempo presente, ela também estará mais amparada em seu coração para vir a confiar no fato de que em Cristo ela tem toda a provisão que lhe é necessária para ser instruída a se relacionar adequadamente com o seu Criador a cada nova situação que se apresentar na sua trajetória presente e futura, permitindo, assim, que Deus a guie a aprofundar-se em todo um novo tempo de relacionamento com o seu Salvador e Senhor.

Visto que o crescimento de um indivíduo na novidade de vida em Deus está baseado no conhecer mais ao Senhor e na comunhão com Ele, com a sua glória e com a sua palavra, especialmente aquela que está associada ao Evangelho, o conhecimento dos diversos termos que mostram a diversidade dos ministérios de Cristo, inclusive os menos conhecidos pela maioria das pessoas, também acaba tornando-se imprescindível àqueles que querem compreender o firme fundamento indispensável do Evangelho e que querem ter as suas vidas firmemente estabelecidas em Deus.

*2 Pedro 1: 1 **Simão Pedro, servo e apóstolo de Jesus Cristo, aos que conosco obtiveram fé igualmente preciosa na justiça do nosso Deus e Salvador Jesus Cristo,***

*2 **graça e paz vos sejam multiplicadas, no pleno conhecimento de Deus e de Jesus, nosso Senhor.***

*3 **Visto como, pelo seu divino poder, nos têm sido doadas todas as coisas que conduzem à vida e à piedade, pelo conhecimento completo daquele que nos chama para a sua própria glória e virtude.***

Quanto mais uma pessoa conhece ao Pai Celestial, ao Senhor Jesus Cristo e ao Espírito do Senhor que em todo lugar e em todo o tempo pode cooperar conosco para conhecermos mais ao Pai Celestial e ao Filho do Seu Amor, mais esta pessoa compreenderá a glória Daquele que concede um único, perfeito, pleno, consistente e eterno Evangelho pelo qual também a novidade de vida no Senhor pode ser acessada tanto no presente como em toda a eternidade.

A vida eterna oferecida no Evangelho tem a sua amplitude, singularidade e unicidade mais amplamente manifesta quando também passamos a entender que é em Deus que reside a novidade de vida que é oferecida neste mesmo Evangelho, e que toda a proposição de um “evangelho” que tentar dissociar um indivíduo do relacionamento pessoal com Deus não é, e jamais será, na realidade um verdadeiro Evangelho.

O Evangelho, caracterizado como a oferta de dádivas do reino celestial para a salvação dos perdidos e para uma nova vida em Deus para aqueles que Nele creem, somente é de fato uma boa nova pela composição conjunta do que nele é oferecido.

O Evangelho de Deus é um todo e do qual nada pode ser subtraído, porque as essências das múltiplas partes do Evangelho na realidade são expressões de quem é ou como é o Único Criador Eterno dos Céus e da Terra e daquilo que neles há.

Se o Evangelho pudesse vir a ser fracionado, também Deus estaria sujeito a ser dividido, algo que inevitavelmente acabaria com a sustentação de toda a vida, pois em Deus, não há nem sombra de variação, quanto menos divisão e falta de integridade.

*Tiago 1: 17 **Toda boa dádiva e todo dom perfeito são lá do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não pode existir variação ou sombra de mudança.***

*João 17: 20 **Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra;**
21 **a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste.***

A faceta da glória de Deus associada ao Evangelho do Senhor é nos oferecida para que tenhamos a convicção de entendimento e fé que somente em Deus é que o Evangelho do amor, da justiça, da salvação, da paz, da graça, do poder e das promessas eternas subsiste, porque na realidade, conforme já mencionado, estes atributos são a expressão de quem é Deus e cuja fonte é encontrada exclusivamente no Senhor.

*Salmos 89: 14 **Justiça e direito são o fundamento do teu trono; graça e verdade te precedem.***

*1 João 4: 16 **E nós conhecemos e cremos no amor que Deus tem por nós. Deus é amor, e aquele que permanece no amor permanece em Deus, e Deus, nele.***

Apesar de muitas pessoas não se aperceberem deste aspecto, a vida espiritual ou a vida eterna também é equiparada a uma edificação contra a qual há embates e confrontos, a qual, por isto, necessita de firme fundamento ou uma base inabalável para permanecer estabelecida para sempre, evidenciando também assim o aspecto que somente o Senhor é o firme fundamento que pode dar suporte a este tipo de vida.

*Provérbios 10: 25 **Como passa a tempestade, assim desaparece o perverso, mas o justo tem perpétuo fundamento.***

O Evangelho da Glória de Deus nos tem sido oferecido para conhecermos Aquele que sustenta tanto o universo natural como as coisas espirituais. E isto, para nos instruir a não rejeitarmos ou nos afastarmos do principal aspecto que dá suporte a todos os demais aspectos da vida presente e eterna, a saber: O Pai Celestial e o Senhor Jesus Cristo, a quem o Pai Celestial estabeleceu como o eterno fundamento de todos os que Nele creem.

João 17: 3 E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste.

1 João 1: 3 O que temos visto e ouvido anunciamos também a vós outros, para que vós, igualmente, mantenhais comunhão conosco. Ora, a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo.

4 Estas coisas, pois, vos escrevemos para que a nossa alegria seja completa.

5 Ora, a mensagem que, da parte dele, temos ouvido e vos anunciamos é esta: que Deus é luz, e não há nele treva nenhuma.

C9. A Glória do Senhor é a Faceta do Evangelho que Evidencia o Único que Pode Guiar e Suportar Alguém a Ser “Mais do Que Vencedor”

Ao observar a lista sobremodo excelente de facetas do Evangelho de Deus destacadas em cada um dos temas já apresentados na presente série de estudos, não seria de admirar se uma pessoa se perguntasse se ela ainda poderia ou necessitaria procurar a abordagem de outros aspectos deste mesmo Evangelho.

Depois de ser vista a origem perfeita do Evangelho no amor do Criador, em Cristo e no reino de Deus, e depois de serem vistas as virtudes do Evangelho como a justiça, paz, salvação, poder, graça e promessas de Deus, poderia ainda haver algo que se fizesse notoriamente significativo e necessário para ser visto de forma singular e destacada neste Evangelho?

Se a pergunta do parágrafo anterior fosse respondida pelos destinatários do Evangelho, alguns, talvez, responderiam que nada mais precisaria ser acrescentado ao que já foi exposto até aqui, pensando que os aspectos acima descritas já seriam mais do que suficientes para todas as necessidades que conseguem projetar para as suas vidas.

Se, contudo, verificarmos aquilo que o próprio Criador do Evangelho nos oferece através dele, poderemos observar que ainda há, de fato, uma faceta essencial a ser percebida e compreendida por aqueles a quem o Evangelho é endereçado.

Apesar do ser humano muitas vezes pensar que ele é sabedor daquilo que precisa receber e o que não precisa receber de Deus, não é ele quem efetivamente tem esta resposta, mas o Senhor Eterno e Onisciente, conforme também já foi apontado várias vezes nos estudos anteriores sobre o Evangelho.

Os pensamentos segundo a mentalidade humana podem até vir a apresentar um conhecimento extenso em alguns aspectos. Entretanto, quando eles são confrontados com a amplitude do que é necessário para a sustentação da vida e, principalmente, para a sustentação da vida quanto à sua condição eterna, eles se mostram não somente limitados, mas também, na maioria dos casos, equivocados em relação ao querer do Senhor Criador dos Céus e da Terra.

Os pensamentos de Deus a nosso respeito são completos e perfeitos, e, portanto, diferentes do que a mentalidade humana propõe para as pessoas.

Assim, se o Senhor escolheu nos informar nas Escrituras que o seu Evangelho também é constituído pela faceta da sua glória, Ele o fez porque também nesta faceta está inserido algo imprescindível que necessitamos conhecer, ainda que muitos não se deem conta disto ou ainda que muitos não se disponham a fazê-lo, conforme nos é exemplificado no texto a seguir:

- 2 Coríntios 4: 3 **Mas, se o nosso evangelho ainda está encoberto, é para os que se perdem que está encoberto,***
- 4 **nos quais o deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus.***
- 5 **Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor e a nós mesmos como vossos servos, por amor de Jesus.***

6 Porque Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo.

O Evangelho sob a ótica da glória do Senhor apresenta características especialmente singulares. E quando nos deparamos com esta faceta da glória de Deus e da glória de Cristo, podemos perceber que a soberania de Deus em nos instruir sobre aquilo que necessitamos torna-se particularmente evidenciada. Este aspecto do Evangelho nos informa o querer de Deus em conhecermos tanto um termo pouco conhecido pela maioria das pessoas, que é o termo *glória*, como também o que está associado a um assunto tão vasto e que não é comumente observado pela maioria das pessoas em sua vida diária.

A faceta do Evangelho vista sob a ótica da glória do Senhor é digna de especial destaque também devido ao fato dela apresentar aspectos que nos surpreendem ainda mais além de tudo o que o Evangelho do Senhor já possa nos ter surpreendido, o que também torna a tarefa de escrever algo sobre esta faceta tão desafiadora.

E entre vários pontos, olhar o Evangelho sob a perspectiva da glória de Deus e da glória de Cristo leva-nos a um desafio comparável a compreender o que vem a ser a expressão ***mais que vencedores*** que Paulo, apóstolo de Cristo, narra no texto apresentado a seguir:

*Romanos 8: 37 **Em todas estas coisas, porém, somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou.***

Em geral, os seres humanos são conhecedores de referências ao termo *vitória*, tanto que inúmeras pessoas se veem continuamente em disputas e lutas para alcançar vitórias. Entretanto, a expressão *mais que vencedores ou mais que conquistadores* já não é tão comumente divulgada e conhecida. Na realidade, muitos até nem sabem bem o que esta expressão poderia vir a significar, o que semelhantemente ocorre em relação ao Evangelho ser associado ao que é apresentado como *a glória do Senhor*.

Quando nos deparamos com expressões como *mais que vencedores* ou *o Evangelho da Glória do Senhor*, parece que nos deparamos com pontos que vão além dos limites daquilo que por muitos já é considerado o limite máximo a ser alcançado.

Por outro lado, se nos dispusermos no Senhor a romper os limites daquilo que parecia ser o fim da linha ou da trajetória a ser percorrida, e aceitarmos a instrução do Senhor além dos limites anteriormente conhecidos, poderemos ver que os limites que o Senhor apresenta a nós é que são de fato aqueles para os quais somos chamados a avançar a fim de alcançarmos uma posição de vida ainda mais firme ou segura Nele.

Quando o Senhor nos mostra que Ele quer que sejamos mais que vencedores e que conheçamos o seu Evangelho também naquilo que nos parece menos popular ou familiar, Ele também nos mostra que, em alguns casos, alguns níveis de vitória ou conquista talvez não serão o suficiente para que aquilo que o Senhor quer nos conceder venha a ser firmemente estabelecido em nós.

Em diversas situações em que as pessoas procuram alcançar alguma glória, é também no alcançar a glória almejada que elas encontram as suas maiores desonras.

Em muitos casos em que as pessoas almejam vitórias, é também nas vitórias que alcançam que elas encontram as suas piores derrotas, tornando-se em pessoas que não são mais que vencedoras.

Quantas não são as pessoas que ao alcançarem uma vitória ou também chamada glória acabam se sujeitando a uma sucessão de derrotas devido à soberba, o orgulho e as suas posturas desonrosas que advém de como elas se posicionaram em suas vidas exatamente por obterem as vitórias e as glórias que almejavam alcançar?

Devido ao desconhecimento do que é necessário para ser “mais que vencedor”, ou seja, para “continuar sendo vencedor após ser vencedor”, é que muitas pessoas naufragam mesmo após obterem as vitórias em relação às quais tanto envidaram esforços e dedicaram as horas preciosas de suas vidas para que pudessem alcançá-las.

E para que uma situação semelhante não venha a ocorrer no relacionamento com aquilo que o Evangelho de Deus nos oferece, o Senhor também nos oferece o seu Evangelho associado à sua glória para nos indicar “em Quem” e “como” podemos ser mais que vencedores em relação à todas as demais facetas oferecidas pelo mesmo Evangelho.

Uma vez que receber o Evangelho refere-se à principal vitória que uma pessoa pode alcançar em toda a sua existência, pois é através dele que se recebe a duradoura salvação e a vida eterna, Deus também oferece, através do mesmo Evangelho, o acesso ao conhecimento da sua glória para que as pessoas saibam que no Senhor elas têm à disposição tudo o que necessitam para nunca se apartarem do dom da vida eterna oferecido a elas a partir do reino celestial.

Portanto, sob o propósito de que todos os demais benefícios do Evangelho sejam firmemente estabelecidos em nossas vidas, o Senhor também o revelou como sendo o Evangelho da sua Glória para que venhamos a conhecer e receber ao Senhor conforme Ele deseja que nós o conheçamos e recebamos em nossas vidas.

Reconhecemos que conhecer o Evangelho também sob o aspecto da glória de Deus e da glória de Cristo é desafiador. Entretanto, visto que Deus também disponibilizou o conhecimento da sua glória em seu Evangelho, que Ele deseja que a conheçamos e que Ele se dispõe a nos assistir para que possamos alcançar este conhecimento, podemos também ter a firme confiança de que o avançar em mais esta etapa certamente contribuirá para que cada vez mais a boa, perfeita e agradável vontade de Deus passe a ser conhecida e experimentada por nós, assim como consolidada em nós, conforme está exemplificado também nos textos repetidos a seguir:

Romanos 12: 2 E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.

Eféios 5: 14 Pelo que diz: Desperta, ó tu que dormes, levanta-te de entre os mortos, e Cristo te iluminará.

Conforme também já foi mencionado em outros capítulos, é na renovação do entendimento, inclusive avançando em temas que ainda não nos são familiares, como é o caso do Evangelho da Glória e, principalmente, a própria glória do Senhor, que as pessoas podem romper com os limites que o mundo procura impropriamente estabelecer a elas. É também através da renovação do entendimento segundo a instrução do Senhor, a qual vai além das fronteiras do limitado conhecimento que há debaixo do sol, que as pessoas podem alcançar a transformação de vida para serem não somente vencedoras, mas também mais que vencedoras.

O Evangelho de Deus nos é oferecido para que possamos alcançar a condição de libertos do pecado, do corpo do pecado, da escravidão das trevas e da perdição. Entretanto, ele também é nos manifesto e concedido como o Evangelho da Glória do Senhor para que saibamos que as nossas vitórias verdadeiras somente provém de Deus e que somente em Cristo temos um firme suporte para as nossas vidas para que as vitórias alcançadas também tornem-se em vitórias eternas. Aspecto este, que nos coloca na condição de podermos ser eternamente mais que vencedores.

Conforme também já mencionamos anteriormente, a faceta do Evangelho que nos oferece o conhecimento da glória de Deus é aquela que nos revela o fundamento que sustenta todo o Evangelho e toda a vida, evidenciando que é somente por Deus e em Cristo que alguém pode ser mais que vencedor.

Quando o Senhor nos toma pela mão direita e nos conduz pelas veredas da vida pelo fato de recebermos a Ele através do seu Evangelho, nós também podemos estar certos de que os atributos do Senhor manifestos em sua glória nos conduzirão à vitória das vitórias e que nos confere a condição de eternos vencedores.

Isaías 41: 13 **Porque eu, o SENHOR, teu Deus, te tomo pela tua mão direita e te digo: Não temas, que eu te ajudo.**

Isaías 31: 1 **Ai dos que descem ao Egito em busca de socorro e se estribam em cavalos; que confiam em carros, porque são muitos, e em cavaleiros, porque são mui fortes, mas não atentam para o Santo de Israel, nem buscam ao SENHOR!**

1 João 5: 5 **Quem é o que vence o mundo, senão aquele que crê ser Jesus o Filho de Deus?**

1 Coríntios 15: 54 **E, quando este corpo corruptível se revestir de incorruptibilidade, e o que é mortal se revestir de imortalidade, então, se cumprirá a palavra que está escrita: Tragada foi a morte pela vitória.**

55 **Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?**

56 **O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei.**

57 **Graças a Deus, que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo.**

O Evangelho sob a ótica da glória de Deus apresenta a faceta que nos oferece conhecer muito mais de perto e muito mais abundantemente Aquele que nos faz alcançar vitórias em nossa jornada, mas, principalmente, Aquele que nos faz alcançar superior vitória e o prêmio final, soberano e eterno da nossa jornada com o Senhor iniciada ao receber o seu Evangelho.

*Salmos 20: 7 **Uns confiam em carros, outros, em cavalos; nós, porém, nos gloriaremos em o nome do SENHOR, nosso Deus.***

*Filipenses 1: 3 **Dou graças ao meu Deus por tudo que recordo de vós,**
4 **fazendo sempre, com alegria, súplicas por todos vós, em todas as minhas orações,**
5 **pela vossa cooperação no evangelho, desde o primeiro dia até agora.**
6 **Estou plenamente certo de que Aquele que começou boa obra em vós há de completá-la até ao Dia de Cristo Jesus.***

C10. O Benefício Supremo que Advém do Conhecer a Glória de Deus

Embora já tenhamos abordado anteriormente alguns pontos sobre o propósito do conhecimento da glória de Deus, e ainda antes de entrarmos mais profundamente em alguns dos diversos aspectos específicos contidos na glória do Senhor, gostaríamos de reforçar mais uma vez o referido propósito utilizando para isto outro ângulo do benefício do conhecimento da glória de Deus, o qual nos é exposto no texto a seguir:

2Coríntios 3: 16 Quando, porém, algum deles se converte ao Senhor, o véu lhe é retirado.

17 Ora, o Senhor é o Espírito; e, onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade.

18 E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito.

Relembrando que o Evangelho caracteriza-se como uma oferta de “boas novas”, fica evidente que a possibilidade de podermos conhecer a glória de Deus também nos é oferecida essencialmente para o nosso benefício.

Mas por que o Senhor quer que conheçamos a sua glória e qual é o benefício mais central de podermos, através da revelação da sua glória, conhecer quem é o Senhor e Criador das nossas vidas?

O que o fato de conhecer mais a Deus pode afetar as nossas vidas e o que um entendimento mais acurado de quem é o Senhor pode contribuir para o nosso presente e futuro?

Em certos sentidos, compreender e experimentar os efeitos do conhecimento da glória de Deus em relação à vida daquele que passa a conhecê-la é o ponto mais significativo da relação com o Evangelho da Glória, pois é nos efeitos que o Evangelho pode causar a uma pessoa e em favor de uma pessoa que de fato é estabelecida a conexão de um indivíduo com o Evangelho e os seus benefícios.

Se o Evangelho, como uma oferta de boas novas, não tivesse efetivamente nada de bom para nos oferecer, ele também não seria digno de ser uma oferta de “boas novas”.

Esperar boas dádivas e bons resultados advindos do Evangelho é o que o Senhor espera que façamos, pois é exatamente para este fim que o Senhor nos anuncia e oferece este mesmo Evangelho.

Se toda boa dádiva e todo dom perfeito vem do Pai das Luzes, a quem mais nós poderíamos recorrer para recebermos as verdadeiras dádivas que necessitamos em todo o transcorrer do nosso viver?

Quando as pessoas desconhecem ou conhecem de forma distorcida a glória de Deus é que elas começam a dizer, por exemplo, que “não devemos incomodar a Deus com os nossos pedidos”, como se ouvir e atender as nossas súplicas fosse um fardo pesado sobre ombros do Senhor ou como se para Deus fosse um fardo pesado cuidar da criação que Ele mesmo fez ou criou.

Ao anunciarem quem Deus é e como Deus age, as Escrituras nos informam que o cuidado de Deus em relação ao Seu povo ou àqueles que Nele confiam é ainda muito superior que o próprio cuidado de um pai ou de uma mãe pelo seu próprio filho. Como, então, poderia alguém dizer que Deus fica alheio às necessidades das pessoas do mundo ou que Deus não vê o que ocorre nos reinos terrenos?

Salmos 27: 10 **Porque, se meu pai e minha mãe me desampararem, o SENHOR me acolherá.**

Isaiás 49: 15 **Acaso, pode uma mulher esquecer-se do filho que ainda mama, de sorte que não se compadeça do filho do seu ventre? Mas ainda que esta viesse a se esquecer dele, eu, todavia, não me esquecerei de ti.**

Hebreus 4: 13 **E não há criatura que não seja manifesta na sua presença; pelo contrário, todas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas.**

Em capítulos anteriores, também já abordamos o ponto de que o benefício de conhecer a glória de Deus inclui conhecer quem é o próprio Deus para que aquele que é justificado no Senhor passe a viver em confiança Nele e no seu amor.

Entretanto, neste presente capítulo, gostaríamos de evidenciar que o grande benefício da confiança em Deus, por sua vez, reflete-se em nós mesmos e na transformação que podemos passar a experimentar pela confiança depositada no Senhor.

Apesar de também incluir este aspecto, o viver mediante a fé em Deus ou viver em confiança no Senhor não é somente um meio para receber um “passe livre” para o céu e para a vida eterna. A fé em Deus, a ponto de conhecermos mais a sua glória, pode causar efeitos em toda a nossa vida também a ponto de experimentarmos profundas e maravilhosas transformações em nosso próprio ser.

O efeito ou o benefício de sermos colocados frente a frente com a revelação da glória de Deus é o caminho para que possamos não somente receber diversas dádivas de Deus mediante a fé, mas também para que alcancemos a profunda transformação pessoal que tanto necessitamos.

Pelas Escrituras, o Senhor Jesus Cristo nos ensina que uma pessoa que é infiel quando está posta sobre um mínimo de recursos não deixa de ser infiel quando é colocada sobre muitas coisas. Ou seja, não é a riqueza natural que transforma uma pessoa infiel em uma pessoa fiel.

Lucas 16: 10 **Quem é fiel no mínimo também é fiel no muito; quem é injusto no mínimo também é injusto no muito. (RC)**

As Escrituras, também através dos escritos de Paulo, nos instruem que não é um sistema de condutas e de ensino do que é correto fazer que capacita uma pessoa a ser praticante do verdadeiro bem diante de Deus.

- Romanos 7: 14* **Porque bem sabemos que a lei é espiritual; mas eu sou carnal, vendido sob o pecado.**
- 15** *Porque o que faço, não aprovo, pois o que quero, isso não faço; mas o que aborreço, isso faço.*
- 16** *E, se faço o que não quero, consinto com a lei, que é boa.*
- 17** *De maneira que, agora, já não sou eu que faço isto, mas o pecado que habita em mim.*
- 18** *Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem algum; e, com efeito, o querer está em mim, mas não consigo realizar o bem.*
- 19** *Porque não faço o bem que quero, mas o mal que não quero, esse faço.*
- 20** *Ora, se eu faço o que não quero, já o não faço eu, mas o pecado que habita em mim.*
- 21** *Acho, então, esta lei em mim: que, quando quero fazer o bem, o mal está comigo.*
- 22** *Porque, segundo o homem interior, tenho prazer na lei de Deus.*
- 23** *Mas vejo nos meus membros outra lei que batalha contra a lei do meu entendimento e me prende debaixo da lei do pecado que está nos meus membros.*
- 24** *Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte? (RC)*

- Romanos 3: 9* **Pois quê? Somos nós mais excelentes? De maneira nenhuma! Pois já dantes demonstramos que, tanto judeus como gregos, todos estão debaixo do pecado,**
- 10** *como está escrito: Não há um justo, nem um sequer. (RC)*

A profunda transformação interior que o ser humano tanto necessita, e pela qual tantos lutam sem nem bem saber de que é por ela que eles anelam, não é e nem pode ser encontrada em sua condição natural, nos seus semelhantes, nas coisas criadas e nem ainda nos deuses que as pessoas imaginaram e criaram em suas mentes soberbas.

Quando o ser humano busca nas coisas criadas e nos seus semelhantes a solução para a sua vida e para a transformação que pensa necessitar, ele se recoloca num ciclo de escravidão e corrupção similar ao que ele já vive e do qual ele jamais poderá sair sem a ajuda da misericórdia de Deus, conforme nos exemplifica o texto a seguir:

- Romanos 8: 19* **A ardente expectativa da criação aguarda a revelação dos filhos de Deus.**
- 20** *Pois a criação está sujeita à vaidade, não voluntariamente, mas por causa daquele que a sujeitou,*
- 21** *na esperança de que a própria criação será redimida do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus.*

O que é corrupto não pode produzir algo que seja perfeito e não corrupto.

1 Coríntios 15: 50 ***Isto afirmo, irmãos, que a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus, nem a corrupção herdar a incorrupção.***

O ser humano decaído e sujeito à escravidão do pecado não pode produzir a transformação que ele próprio necessita para alcançar uma liberdade duradoura. A partir da sua condição de sujeição ao que é deficiente e corrompido, o ser humano não tem as condições mínimas para produzir algo que seja duradouramente bom ou que lhe proporcione a liberdade eterna que realmente necessita.

Somente o que é perfeito pode oferecer o que é plenamente perfeito.

Somente o que é justo pode criar algo plenamente justo ou pode transformar o que foi corrompido.

Somente Aquele que tem uma glória perfeita, íntegra e verdadeiramente livre é que pode oferecer uma glória que conceda verdadeira liberdade e o caminho de transformação para que aquilo que é perfeito e reto possa ser alcançado.

Retornando aos últimos textos referenciados acima, podemos observar que a criação aguarda a revelação da gloriosa liberdade dos filhos de Deus, a qual tem por base a glória de Deus à disposição deles, e isto, para que também a criação possa alcançar a liberdade que é concedida pelo Senhor àqueles que Nele confiam.

Destacamos aqui, que a criação não aguarda conhecer os filhos de Deus somente em sua condição meramente natural, mas aguarda a revelação daquilo que faz com que os filhos de Deus desfrutem de uma liberdade distinta ou verdadeira. A criação aguarda pela revelação daquilo que permite uma pessoa alcançar uma transformação que transcende o que as transformações meramente humanas propõem e podem realizar.

A glória de Deus nos é revelada inicialmente para que venhamos a crer em Deus e receber a salvação eterna no Senhor. Entretanto, após receber o Evangelho, Deus continua a nos oferecer a revelação da sua glória para que saibamos que Ele também é Aquele que, juntamente com a salvação, nos concede um novo coração no qual o próprio Espírito do Senhor habita e que Ele é Aquele que se oferece para operar em nós a nossa própria transformação em tudo o que precisamos ser transformados.

Jeremias 24: 7 ***E dar-lhes-ei coração para que me conheçam, porque eu sou o SENHOR; e ser-me-ão por povo, e eu lhes serei por Deus, porque se converterão a mim de todo o seu coração. (RC)***

Ezequiel 11: 19 ***E lhe darei um mesmo coração, e um espírito novo porei dentro deles; e tirarei da sua carne o coração de pedra e lhes darei um coração de carne. (RC)***

Através da operação do Senhor na vida daqueles que passam a conhecer a sua glória e confiam em cada um dos seus atributos, o infiel pode se tornar fiel, o injusto em justo, o triste em alegre. O desesperançado pode se tornar naquele que tem uma firme

esperança, o corrompido em uma pessoa que anda em retidão, o odioso em uma pessoa amável, o perverso em alguém bondoso, o perdido em salvo, o abandonado por pai e mãe em um filho eterno do Único Pai Eterno em todo o universo.

Através do conhecimento da glória de Deus e da confiança em Deus, uma pessoa pode conhecer o amor de Deus e saber que, por causa deste amor, tudo o que Deus tem, e também tudo o que Deus é nos seus mais diversos atributos, lhe estão disponíveis para aquilo que lhe é eternamente benéfico.

*Romanos 8: 32 **Aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura, não nos dará graciosamente com ele todas as coisas?***

Muitas pessoas, certamente, deixam de receber muitos benefícios que lhes estão disponíveis no Senhor pelo fato de não viverem mediante a fé em Deus. Entretanto, como crerão se não conhecem de forma minimamente satisfatória a Deus, seus principais atributos e aquilo que o Senhor lhes oferece para uma vida segundo o seu propósito eterno?

Portanto, o Evangelho da Glória do Senhor nos mostra o caminho para o conhecimento específico dos atributos de Deus que necessitamos conhecer. E, por sua vez, o conhecimento específico dos atributos de Deus abre o caminho para que exerçamos a fé no Senhor em relação aos seus atributos.

A nossa fé em relação aos atributos de Deus comunica ao Senhor que queremos que Ele os manifesta a nosso favor. E, por sua vez, a manifestação dos atributos de Deus a nosso favor também atuam na nossa transformação, de glória em glória, para a condição que o Senhor sempre intentou para as nossas vidas, a qual é uma vida em conjunto com Ele, Nele e guiado por Ele.

Se as pessoas se dispusessem a serem ensinadas para saberem ao menos um pouco mais sobre o quanto pode contribuir para as suas vidas o conhecimento mais amplo de quem é Deus em seus múltiplos atributos, elas também poderiam se beneficiar das transformações nelas que somente podem ser alcançadas junto ao Único Deus que as conhece precisamente em cada um dos seus mínimos detalhes.

O texto que citamos no início deste capítulo nos informa que se alguém se converte ao Senhor, o véu lhe é tirado e o Senhor também se mostra a ele. E se alguém perseverar em conhecer a glória de Deus, ele não somente verá várias facetas desta glória, mas também conhecerá os efeitos benéficos para a sua própria vida advindos do conhecimento cumulativo e crescente desta glória.

Por fim, no presente capítulo, gostaríamos de mencionar ainda que o texto que usamos no início deste capítulo também nos ensina que a glória de Deus pode ser vista como que por um espelho para que o efeito transformador que se deseja obter por ela também seja alcançado.

E uma primeira característica sobre o ver algo como que por um espelho está no fato de que aquilo que se vê por meio de um espelho sempre é atual e contemporâneo.

Quando alguém vê algo exibido em um quadro, uma fotografia, uma imagem esculpida ou qualquer outra forma que registra um momento, e por mais que aquilo foi

registrado tenha sido a expressão da verdade em um determinado tempo, aquilo que foi registrado expressa um momento passado de algo que pode ter sofrido grandes mudanças após o ato do seu registro.

Em um espelho, porém, e por mais que o espelho tenha defeitos ou seja de baixa qualidade, o que se vê sempre é o presente. É característica do espelho “espelhar” o que diante dele é colocado no momento em que é colocado.

A glória de Deus é transformadora para aqueles que aceitam vê-la como a glória de um Deus vivo e presente, e não de um Deus histórico e passado, pois um “deus” que não está mais vivo e atuante com todos os seus atributos no presente não pode e jamais poderá aperfeiçoar uma pessoa.

Assim, neste ponto, relembramos que o Evangelho da Glória do Senhor nos é oferecido também para comunicar que a glória das obras do passado de Deus nos transforma somente porque ela também é uma glória que se mantém igualmente viva no presente e no futuro.

Continuando ainda, um segundo aspecto sobre o ver algo como que por um espelho, é que quando se vê algo no espelho em momentos distintos, também pode ser observado aquilo que foi mudando de um momento para o outro, pois o espelho reflete com fidelidade o que permanece igual por já ter sido consolidado nas etapas anteriores, mas ele também mostra aquilo que mudou com o passar do tempo.

Portanto, quando as Escrituras nos informam que podemos contemplar a glória de Deus como que por um espelho, elas também nos anunciam que as transformações que ocorrem de glória em glória são tangíveis e práticas na vida daqueles em quem o Senhor produz mudanças segundo a sua glória, e, ainda, que estas transformações são feitas sob a luz do Senhor e visíveis àqueles que com o auxílio de Deus alcançam mudanças.

Através de vários aspectos do Evangelho de Deus é nos oferecido conhecer o caminho e a maneira pela qual podemos chegar diante de Deus com confiança para conhecer a sua glória, o qual representa conhecer ao próprio Deus e também experimentar a vida eterna.

Entretanto, através do Evangelho da Glória do Senhor somos convidados a conhecer ainda mais os atributos do Senhor a ponto de que a vida de Deus passe a produzir em nós a sua divina natureza e nos livre de uma vida sem propósito ou segundo a glória passageira das coisas do mundo.

*Hebreus 10: 19 **Tendo, pois, irmãos, intrepidez para entrar no Santo dos Santos, pelo sangue de Jesus,**
20 pelo novo e vivo caminho que ele nos consagrou pelo véu, isto é, pela sua carne,
21 e tendo grande sacerdote sobre a casa de Deus,
22 aproximemo-nos, com sincero coração, em plena certeza de fé, tendo o coração purificado de má consciência e lavado o corpo com água pura.
23 Guardemos firme a confissão da esperança, sem vacilar, pois quem fez a promessa é fiel.*

2 Pedro 1:2 Graça e paz vos sejam multiplicadas, no pleno conhecimento de Deus e de Jesus, nosso Senhor.

3 Visto como, pelo seu divino poder, nos têm sido doadas todas as coisas que conduzem à vida e à piedade, pelo conhecimento completo daquele que nos chamou para a sua própria glória e virtude,

4 pelas quais nos têm sido doadas as suas preciosas e mui grandes promessas, para que por elas vos torneis coparticipantes da natureza divina, livrando-vos da corrupção das paixões que há no mundo.

No mundo, muitas pessoas gostam de afirmar e reafirmar que nenhuma pessoa consegue mudar de fato quem ela é. Entretanto, muitas falam isto por não conhecerem ou por não aceitarem a glória de Deus, pois para o Senhor até aquilo que estava morto pôde reviver a fim de que saibamos que muitas coisas que para os seres humanos é impossível de serem realizadas são perfeitamente passíveis de serem feitas e estabelecidas pelo Senhor.

1 Pedro 4: 6 Pois, para este fim, foi o evangelho pregado também a mortos, para que, mesmo julgados na carne segundo os homens, vivam no espírito segundo Deus.

Romanos 8: 11 Se habita em vós o Espírito daquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos, esse mesmo que ressuscitou a Cristo Jesus dentre os mortos vivificará também o vosso corpo mortal, por meio do seu Espírito, que em vós habita.

Se através dos demais aspectos do Evangelho nos fica evidenciado o convite, a oferta e o caminho para nos achegarmos a Deus, pela faceta do Evangelho da Glória fica ressaltado o propósito ainda mais central pelo qual Deus quer que nos acheguemos mais a Ele. E o qual é que sejamos transformados à imagem de como Ele próprio é, a fim de que possamos experimentar cada vez mais o benefício supremo de estarmos em Deus e de sermos feitos capazes Nele para viver e andar segundo a sua vontade.

2Coríntios 3: 18 E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito.

C11. A Glória de Deus na Face de Cristo

A. A Glória Especificamente Enfatizada pelo Evangelho da Glória

Depois que uma pessoa passa a compreender que o conhecimento da glória de Deus é muito significativo para a sua vida e que é pelo conhecimento dado por Deus sobre esta glória que ela, efetivamente, tem a fé edificada para acessar as múltiplas dádivas que lhe são oferecidas pelo Evangelho do Senhor, o passo seguinte, obviamente, passa a ser o aspecto do como a glória de Deus pode ser acessada ou conhecida de fato em suas diversas características.

Se, por exemplo, uma pessoa recebe um presente embrulhado que lhe é muito necessário e que pode lhe ser muito útil em seu dia-a-dia, ela somente passará realmente a se beneficiar do presente recebido se também vir a desempacotar, conhecer e usar o que lhe foi concedido.

Assim, se alguém sabe que precisa conhecer a glória de Deus, mas não a conhece porque não tem disposição de conhecê-la ou porque não sabe como pode fazê-lo, ele continua como alguém que não conhece a glória de Deus apesar de já saber da importância de conhecê-la.

Diante do grande contingente de dádivas que o Senhor oferece às pessoas através do seu Evangelho, pode ocorrer de as pessoas em geral, e até mesmo os cristãos, virem a não perceber como de fato estas dádivas podem se tornar uma realidade em suas vidas e o que essencialmente pode sustentar as dádivas na vida das pessoas para que estas também sejam estabelecidas para o propósito para o qual são concedidas.

Em outras palavras, o primeiro passo relativo ao conhecimento sobre a relevância da glória de Deus também precisa ser acompanhado de um segundo passo que instrui onde o conhecimento da glória de Deus pode ser alcançado, bem como, ainda, de um terceiro passo que mostra como este conhecimento pode se tornar em realidade para aqueles a quem ele é oferecido.

Entretanto, o entendimento de que há vários passos para conhecer a glória de Deus não necessita ser visto como um aspecto árduo para nós, pois **assim como Deus nos oferece e concede o Seu Evangelho de forma perfeita, assim também o Senhor nos concede um local preciso e a maneira perfeita de conhecermos e acessarmos o conhecimento da sua glória para que possamos conhecer e acessar tudo o que necessitamos deste mesmo Evangelho**, conforme podemos ver destacado no texto exposto mais uma vez a seguir:

- 2 Coríntios 4: 3 **Mas, se o nosso evangelho ainda está encoberto, é para os que se perdem que está encoberto,***
*4 **nos quais o deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus.***
*5 **Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor e a nós mesmos como vossos servos, por amor de Jesus.***
*6 **Porque Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo.***

Apesar da glória de Deus também ser manifestada pelos céus, firmamento ou por toda a criação, Deus determinou que seja na face de Cristo, ou naquilo que podemos ver em Cristo e sobre Cristo, que essencialmente a glória de Deus encontra-se revelada mais amplamente, mais compreensivelmente e mais objetivamente para que possamos também ser transformados pelo Espírito do Senhor de acordo com o querer de Deus, como foi visto no capítulo anterior.

Quando as Escrituras nos informam que o Evangelho de Deus é também o Evangelho da Glória de Cristo e que a glória de Cristo é a própria expressão da glória de Deus, as Escrituras estão nos ensinando que se alguém realmente almeja conhecer a Deus, ele deveria antes querer conhecer a Cristo, pois Cristo é a expressa imagem de Deus e Deus escolheu mostrar a sua glória através de Cristo e em Cristo.

Nas perspectivas do Evangelho como o Evangelho do Criador e como o Evangelho de Cristo, procuramos enfatizar o quanto o Pai Celestial nos amou a ponto de dar o Seu Filho Unigênito e também o quanto Cristo amou ao Pai Celestial e a nós para também se entregar como oferta perfeita para a nossa justificação, salvação e vida.

Entretanto, quando olhamos para o Evangelho sob a ótica do Evangelho da Glória de Cristo, a qual expressa a própria glória de Deus, somos chamados a nos atentar mais objetivamente ao aspecto de quem é o Cristo que nos é oferecido e concedido através do Evangelho para que também conheçamos o Pai Celestial que nos concedeu o Filho do seu amor.

O Evangelho da Glória de Cristo, falando somente de forma figurada, nos chama a desembrulhar o presente que nos foi oferecido com tanto amor para vermos que o presente maior que foi embrulhado no Evangelho é o próprio ofertante que nos entregou o presente.

O Evangelho da Glória de Cristo, provindo de Deus e de Cristo, somente a título figurativo, nos entrega um vale que nos dá direito a nos achegarmos livremente a Cristo, através de quem também temos um vale que nos dá direito de nos achegarmos ao Pai Celestial e ao Espírito do Senhor.

Cristo é o próprio “novo e vivo” caminho para Deus.

Cristo é a verdade e a sabedoria de Deus a nós disponibilizada.

Cristo é a vida de Deus a nós oferecida e concedida.

Cristo é a “perola de grande valor”.

Cristo é o grande tesouro no qual podem ser encontrados todos os outros tesouros de Deus.

Cristo é a mina das pedras preciosas dos atributos de Deus a ser garimpada.

Cristo é o amor do Evangelho do Pai Celestial.

Cristo é a expressão direta do reino de Deus.

Cristo é a justiça para a justificação através do Evangelho da Justiça.

Cristo é a paz de Deus do Evangelho da Paz.

Cristo é a salvação do Evangelho da Salvação.

Cristo é a graça do Evangelho da Graça.

Cristo é o poder do Evangelho do Poder de Deus.

Cristo é a resposta das promessas ou o cumprimento das ofertas de vida feitas por Deus ao longo dos séculos da vida humana.

É em Cristo que a vida no amor de Deus, a vida de fé no Senhor e a vida firmada em firmes esperanças é alcançada e estabelecida.

Cristo é a essência de toda boa dádiva e de todo dom perfeito que o Pai das Luzes concede através do Seu Evangelho.

Assim, conjuntamente com a necessidade de fé para viverem mediante a fé em Deus e para crescerem na novidade de vida concedida pelo Senhor mediante a sua graça, as pessoas necessitam de um conhecimento mais próximo e mais pessoal de Cristo ou da sua glória, o qual é a razão ou o meio para um indivíduo ter a fé em Deus.

Quando as pessoas perguntam onde está a glória de Deus e como podem conhecer a Deus, é o Evangelho da Glória de Cristo e da Glória de Deus que responde estas questões de forma clara e objetiva em duas palavras, ou seja: “Em Cristo”!

Conforme já comentamos anteriormente, os céus ou o firmamento também proclamam a glória de Deus. Entretanto, é Cristo que sustenta os céus e o firmamento, tendo, portanto, uma glória superior à tudo o que é contemplado na criação.

Em Cristo, a glória Daquela que sustenta as outras facetas do Evangelho da Glória é revelada.

Em Cristo, é revelada a glória mais profunda que Deus quer que todos conheçam a respeito Dele no íntimo dos seus corações.

Em Cristo, a glória de Deus torna-se conhecida pessoalmente ou presente no coração daquele que abre o coração para a revelação da glória do Senhor.

Em Cristo, a justificação, a salvação, a paz e o amor de Deus por toda a humanidade passa a vir a ser estabelecida como a justificação, a salvação, a paz e o amor daquele que vem a conhecer a glória do Senhor na sua própria vida.

Cristo é a glória de Deus revelada na intimidade. Cristo é o segredo ou a aliança de Deus revelada àqueles que o temem.

*Salmos 25: 14 **A intimidade do SENHOR é para os que o temem, aos quais ele dará a conhecer a sua aliança.***

ou

*Salmos 25: 14 **O segredo do SENHOR é para os que o temem; e ele lhes fará saber o seu concerto. (RC)***

É em Cristo que podemos aprender, primeiramente, o que é a vida verdadeira ou eterna, e é também em Cristo que podemos obter a novidade de vida que vem de Deus.

Além disso, é igualmente em Cristo que podemos aprender a viver e andar apropriadamente na novidade de vida que o Pai Celestial concede mediante o seu Evangelho.

Cristo é a própria novidade de vida proveniente de Deus para todo aquele que recebe o seu Evangelho.

*João 6: 33 **Porque o pão de Deus é o que desce do céu e dá vida ao mundo.***

+

*João 6: 48 (**Respondeu-lhes Jesus:**) **Eu sou o pão da vida.***

Por não conhecerem devidamente o que é a novidade de vida oferecida pelo reino celestial e nem como esta vida pode ser vivida, muitas pessoas acabam se sujeitando a muito dissabores. Entretanto, é pelo fato de não conhecerem ou não aceitarem a glória de Cristo que elas acabam nem chegando a conhecer a vida segundo a vontade de Deus para elas.

Em outras palavras, as pessoas acabam incorrendo em caminhos de destruição por não conhecerem a Deus e nem a sua vontade, mas elas não conhecem a Deus e a sua vontade porque não conhecem a Cristo, aquele através de quem Deus designou que a novidade de vida do reino celestial venha a ser conhecida e vivida.

O conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo, refere-se à glória que todos os seres humanos necessitam ver antes e acima da glória de qualquer outro aspecto que possam achar relevante ou valioso na vida.

A glória especificamente enfatizada no Evangelho sob a ótica da glória, evidencia de forma ainda mais contundente o que cada uma das outras facetas do Evangelho já evidenciou, o qual é a eminência de Cristo como a expressão e o meio para conhecermos ao próprio Deus da glória. E isto, a fim de que também creiamos e vivamos por meio dos atributos do Senhor.

Quem aceitar o convite de Deus através do seu Evangelho para contemplar quem o Senhor Jesus Cristo foi, é, e sempre será, e quem contemplar a glória do que Cristo fez, faz e fará, e tiver comunhão com Ele conforme lhe é concedido através do amor e da graça de Deus, saberá também os principais aspectos de como Deus é e o que Deus faz, pois conhecerá a glória de Deus.

Cristo é o resplendor da glória e a expressão exata de Deus (conforme Hebreus 1: 3).

*1 Coríntios 1: 9 **Fiel é Deus, pelo qual fostes chamados à comunhão de seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor.***

*Colossenses 1: 9 **Por esta razão, também nós, desde o dia em que o ouvimos, não cessamos de orar por vós e de pedir que transbordeis de pleno conhecimento da sua vontade, em toda a sabedoria e entendimento espiritual;***

- 10 a fim de viverdes de modo digno do Senhor, para o seu inteiro agrado, frutificando em toda boa obra e crescendo no pleno conhecimento de Deus;
- 11 sendo fortalecidos com todo o poder, segundo a força da sua glória, em toda a perseverança e longanimidade; com alegria,
- 12 dando graças ao Pai, que vos fez idôneos à parte que vos cabe da herança dos santos na luz.
- 13 Ele nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do Filho do seu amor,
- 14 no qual temos a redenção, a remissão dos pecados.
- 15 Este (Cristo) é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação;
- 16 pois, nele, foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele.
- 17 Ele é antes de todas as coisas. Nele, tudo subsiste.
- 18 Ele é a cabeça do corpo, da igreja. Ele é o princípio, o primogênito de entre os mortos, para em todas as coisas ter a primazia,
- 19 porque aprovou a Deus que, nele, residisse toda a plenitude
- 20 e que, havendo feito a paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele, reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, quer sobre a terra, quer nos céus.

E, por sua vez, quem conhece a glória de Deus, em Cristo Jesus, também poderá dizer com convicção o que Paulo disse sobre o seu relacionamento com o Senhor:

2 Timóteo 1: 12(b) ... porque sei em quem tenho crido e estou certo de que ele é poderoso para guardar o meu depósito até aquele Dia.

O caminho direto ou objetivo para conhecer a glória de Deus, ou conhecer a Deus como uma pessoa necessita conhecer a Deus, é Cristo.

Por isso, no mesmo texto em que Paulo ensina sobre a glória de Deus, ele também explica qual é o grande e essencial aspecto que importa ser pregado a respeito do Evangelho de Deus:

2 Coríntios 4: 5(a) Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor.

Colossenses 2: 1 Gostaria, pois, que soubésseis quão grande luta venho mantendo por vós, pelos laodicenses e por quantos não me viram face a face;

2 para que o coração deles seja confortado e vinculado juntamente em amor, e eles tenham toda a riqueza da forte convicção do entendimento, para compreenderem plenamente o mistério de Deus, Cristo,

3 em quem todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão ocultos.

A pregação fiel ao Evangelho sempre engloba pregar e apresentar a Cristo Jesus como o Senhor, pois Cristo é a única alternativa para que o fim da carência ou do estar destituído da glória de Deus causado pela sujeição ao pecado venha a ser suprimida e para que a vida segundo o reino de Deus seja concedida para todos aqueles que receberem a Cristo em seus corações.

É no coração que Deus ilumina o conhecimento da sua glória, mas Ele o faz para aqueles que aceitam que a sua glória lhes seja exposta em Cristo Jesus.

1 Pedro 3: 15(a) Antes, santificai a Cristo, como Senhor, em vosso coração!

Romanos 4: 23 até 5: 2

E não somente por causa dele está escrito que lhe foi levado em conta, mas também por nossa causa, posto que a nós igualmente nos será imputado, a saber, a nós que cremos naquele que ressuscitou dentre os mortos a Jesus, nosso Senhor, o qual foi entregue por causa das nossas transgressões e ressuscitou por causa da nossa justificação.

Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo; por intermédio de quem obtivemos igualmente acesso, pela fé, a esta graça na qual estamos firmes; e gloriamo-nos na esperança da glória de Deus.

B. A Glória de Deus na Face do Cristo Enviado em Carne ao Mundo

Como expressão do seu amor, Deus enviou o seu Filho Unigênito ao mundo para apresentar o Evangelho do reino dos céus como a sua boa nova e como a sua boa e eterna dádiva oferecida à humanidade. E Deus fez isto, para revelar as facetas da sua glória que são necessárias para que cada pessoa possa chegar ao conhecimento verdadeiro sobre o Senhor e para que, por meio deste conhecimento, cada pessoa também possa crer em Cristo para a redenção e salvação da sua vida mediante a graça do Senhor e mediante a fé no Deus Redentor.

João 3: 17 **Porquanto Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele.**

João 3: 16 **Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.**

O Senhor Jesus Cristo reiteradamente afirmou que receber aquele que o Pai Celestial enviou ou receber ao próprio Pai Celestial estavam relacionados de forma plena e inseparável.

Mateus 10: 40 **Quem vos recebe a mim me recebe; e quem me recebe, recebe aquele que me enviou.**

João 5: 23(b) **Quem não honra o Filho não honra o Pai que o enviou.**

João 5: 37 **O Pai, que me enviou, esse mesmo é que tem dado testemunho de mim. Jamais tendes ouvido a sua voz, nem visto a sua forma.**

38 Também não tendes a sua palavra permanente em vós, porque não credes naquele a quem ele enviou.

João 12: 44 **Então Jesus clamou: Quem crê em mim crê, crê, não somente em mim, mas também naquele que me enviou. (EC)**

Em outra passagem o Senhor também reitera que o propósito da sua vinda em carne ao mundo era para revelar a glória Daquele que o enviou para que a glória de Deus fosse apresentada em justiça.

João 7: 18 **Quem fala por si mesmo está procurando a sua própria glória; mas o que procura a glória de quem o enviou, esse é verdadeiro, e nele não há injustiça.**

O Senhor Jesus Cristo veio mostrar às pessoas do mundo a glória de Deus com o propósito de chamá-las à reconciliação e à comunhão com o Criador.

O Filho Unigênito de Deus veio ao mundo para suprir a carência da glória de Deus que a sujeição ao pecado impingira sobre a humanidade.

O Senhor Jesus Cristo veio tornar visíveis os atributos invisíveis de Deus que os seres humanos já não conseguiam perceber e sem os quais também já não conseguiam mais crer em seu Criador.

João 1: 14 E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai.

15 João testemunha a respeito dele e exclama: Este é o de quem eu disse: o que vem depois de mim tem, contudo, a primazia, porquanto já existia antes de mim.

16 Porque todos nós temos recebido da sua plenitude e graça sobre graça.

17 Porque a lei foi dada por intermédio de Moisés; a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo.

18 Ninguém jamais viu a Deus; o Deus unigênito, que está no seio do Pai, é quem o revelou.

O Senhor Jesus Cristo, o Unigênito Filho Eterno de Deus, que já era desde antes da fundação do mundo, assumiu a condição de Filho do Homem para mostrar também nesta posição ao mundo que fora criado por intermédio Dele aquilo que cada pessoa precisa saber sobre quem é Deus ou como é o Deus Criador de cada ser humano e de toda a criação.

Com a vinda de Cristo Jesus em carne ao mundo, muitas coisas que se atribuíam como sendo a glória de Deus foram reveladas estarem em desacordo com a verdadeira glória do Senhor. Por outro lado, também muitas coisas que não eram conhecidas sobre a glória de Deus passaram a ser reveladas de uma forma tangível e palpável como as pessoas nunca pensaram que Deus chegaria a fazer.

Antes da vinda do Senhor Jesus Cristo ao mundo como Filho do Homem, alguns poucos povos conheciam a Deus ainda de forma muito limitada e somente pela voz de alguns profetas, sacerdotes e reis tementes a Deus. Entretanto, a maioria dos outros povos conhecia ainda muito menos sobre o Senhor. A condição deles era como se tateassem no escuro quando o assunto tratava-se a respeito da glória do Deus Eterno.

E inicialmente, de forma similar aos profetas, o Senhor Jesus Cristo também se expressou em vários momentos através de anúncios da palavra do Senhor a fim de suprir a carência que as pessoas tinham em relação à glória de Deus.

Na sequência, porém, diferentemente dos profetas, sacerdotes e reis que lhe antecederam, o Senhor Jesus Cristo também veio demonstrar, por muitas maneiras e de forma direta e expressa, como de fato são alguns dos principais atributos do Pai Celestial, do Deus de toda a graça ou do Pai das Luzes de quem procedem toda boa dádiva e todo dom perfeito, conforme exemplificado nos textos a seguir:

João 12: 45 **E quem me vê a mim vê aquele que me enviou.**
46 Eu vim como luz para o mundo, a fim de que todo aquele que crê em mim não permaneça nas trevas.

João 14: 9 **Disse-lhe Jesus: Filipe, há tanto tempo estou convosco, e não me tens conhecido? Quem me vê a mim vê o Pai; como dizes tu: Mostra-nos o Pai?**

Portanto, aquele que recebe a glória e o testemunho de Cristo, também recebe a glória e o testemunho de Deus. E quem não recebe a glória e o testemunho de Cristo, também não recebe a glória de Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo.

1 João 5: 9 **Se admitimos o testemunho dos homens, o testemunho de Deus é maior; ora, este é o testemunho de Deus, que ele dá acerca do seu Filho.**

10 Aquele que crê no Filho de Deus tem, em si, o testemunho. Aquele que não dá crédito a Deus o faz mentiroso, porque não crê no testemunho que Deus dá acerca do seu Filho.

11 E o testemunho é este: que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está no seu Filho.

12 Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida.

13 Estas coisas vos escrevi, a fim de saberdes que tendes a vida eterna, a vós outros que credes em o nome do Filho de Deus.

Dizer que Cristo é o resplendor da glória de Deus, também significa dizer que quem não aceitar a glória de Deus em Cristo igualmente não aceita a glória do próprio Deus e Pai de toda a criação. Ou ainda, se alguém não se satisfaz com o que Deus mostrou a respeito de si em Cristo, ele também não se satisfará com o que Deus é, pois Cristo é a expressão exata de como Deus também é.

Olhar para a glória de Deus e olhar para a glória de Cristo, para ser transformado por Deus e para obter a novidade de vida eterna no Senhor, são ações equivalentes, pois a glória de um é também a glória do outro.

Se aprendermos a ver a glória de Cristo, conheceremos o que nos é necessário da glória do Pai Celestial.

Repetindo mais uma vez, o Senhor Jesus Cristo é a expressa imagem de Deus, e é através Dele que a tão grande carência pela glória de Deus é suprida.

Assim, quando vemos o Senhor Jesus se importando com uma viúva pobre, por exemplo, é o próprio Deus se importando por esta pessoa.

Salmos 68: 5 **Pai dos órfãos e juiz das viúvas é Deus em sua santa morada.**

Salmos 146: 9 **O SENHOR guarda o peregrino, ampara o órfão e a viúva, porém transtorna o caminho dos ímpios.**

Quando vemos o Senhor Jesus Cristo se importando com os cegos, tanto no nível natural como espiritual, é Deus se importando com estes para venham a enxergar o que precisam enxergar não somente para o presente, mas também para a vida eterna.

João 8: 12 De novo, lhes falava Jesus, dizendo: Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andarás nas trevas; pelo contrário, terá a luz da vida.

Quando vemos o Senhor Jesus se importando com os oprimidos e sobrecarregados, é Deus mostrando-lhes compaixão e oferecendo-lhes livramento destes fardos pesados.

Mateus 11: 27 Tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar.
28 Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei.

Quando vemos o Senhor Jesus Cristo se importando com aqueles que têm o coração abatido e ferido, é Deus expressando compaixão a cada indivíduo nesta condição, e é Deus oferecendo a sua presença e a sua vivificação a todos aqueles que Nele creem como o Senhor da cura ou da restauração da alma.

Salmos 25: 16 Volta-te para mim e tem compaixão, porque estou sozinho e aflito.

Mateus 9: 36 E, vendo a multidão, teve grande compaixão deles, porque andavam desgarrados e errantes como ovelhas que não têm pastor.
 (RC)

Isaías 57: 15 Porque assim diz o Alto e o Sublime, que habita na eternidade e cujo nome é Santo: Em um alto e santo lugar habito e também com o contrito e abatido de espírito, para vivificar o espírito dos abatidos e para vivificar o coração dos contritos. (RC)

João 11: 25 Disse-lhe Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá;
26 e todo aquele que vive e crê em mim nunca morrerá.
Crês tu isso?

Quando o Senhor Jesus anunciava o amor de Deus e o quanto o Senhor, através do Espírito Santo, almejava beneficiar a todas as pessoas, era o próprio Pai em Cristo, por meio do seu Espírito, se manifestando ao mundo.

Lucas 4: 17 **Então, lhe deram o livro do profeta Isaías, e, abrindo o livro, achou o lugar onde estava escrito:**
18 **O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos,**
19 **e apregoar o ano aceitável do Senhor.**
20 **Tendo fechado o livro, devolveu-o ao assistente e sentou-se; e todos na sinagoga tinham os olhos fitos nele.**
21 **Então, passou Jesus a dizer-lhes: Hoje, se cumpriu a Escritura que acabais de ouvir.**

O Senhor Jesus Cristo, inclusive enquanto estava em carne no mundo, nunca falava ou fazia algo por si próprio. Ele falava ou fazia aquilo que o Espírito do Senhor ou o Espírito do Pai Celestial lhe instruía para falar e para fazer.

João 8: 28 **Disse-lhes, pois, Jesus: Quando levantardes o Filho do Homem, então, sabereis que EU SOU e que nada faço por mim mesmo; mas falo como o Pai me ensinou.**

O Senhor Jesus Cristo, também como Filho do Homem na Terra, conforme já foi mencionado, igualmente era a imagem de Deus ou a expressão exata do Ser do Pai Celestial.

O Senhor Jesus, também quando esteve em carne no mundo, era a expressão viva e palpável da glória de Deus entre os homens.

João 1: 1 **No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.**

...
João 1: 14 **E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai.**

Olhar nos olhos do Senhor Jesus Cristo enquanto estava como Filho do Homem na Terra, era olhar diretamente para a glória de Deus. Olhar para o amor do Senhor Jesus em todos os seus atos e palavras, era olhar diretamente para a glória do amor de Deus.

Se através do amor que Nele havia, Cristo, por exemplo, pôde perdoar os pecados das pessoas, inclusive dos seus mais ferrenhos opositores, Deus também pode perdoar os pecados dos seres humanos. O perdão de Cristo é a expressão da glória do perdão de Pai Celestial oferecido mediante a graça para todos os seres humanos.

Lucas 7: 49 **E os que estavam à mesa começaram a dizer entre si: Quem é este, que até perdoa pecados?**

Mateus 9: 5 **Pois o que é mais fácil? Dizer ao paralítico: Perdoados te são os teus pecados, ou: Levanta-te e anda?**

6 Ora, para que saibais que o Filho do Homem tem na terra autoridade para perdoar pecados, disse então ao paralítico: Levanta-te, toma a tua cama e vai para tua casa. (RC)

Por que, então, os discípulos do Senhor Jesus por diversas vezes se admiravam tanto sobre os feitos que o Senhor fazia diante dos seus olhos?

Os discípulos de Cristo várias vezes se admiravam tanto dos feitos do Senhor Jesus porque em várias situações provavelmente ainda pensavam que aquele que estava diante deles era um ungido de Deus e não que Ele era o próprio Deus se manifestando em glória entre eles.

Lucas 8: 25 E disse-lhes: Onde está a vossa fé? E eles, temendo, maravilharam-se, dizendo uns aos outros: Quem é este, que até aos ventos e à água manda, e lhe obedecem? (RC)

2 Coríntios 5: 18 E tudo isso provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por Jesus Cristo e nos deu o ministério da reconciliação, 19 isto é, Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não lhes imputando os seus pecados, e pôs em nós a palavra da reconciliação. (RC)

A manifestação do amor de Deus em Cristo mostra-nos a glória do amor eterno de Deus, mostra-nos como Deus sempre foi, é, e sempre será: Um Deus de amor.

1 João 4: 16 E nós conhecemos e cremos no amor que Deus tem por nós. Deus é amor, e aquele que permanece no amor permanece em Deus, e Deus, nele.

João 3: 16 Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.

Onde a carência da glória de Deus se instalou, por causa do pecado do afastamento dos seres humanos da comunhão com Deus, é onde Deus fez superabundar a sua glória.

Onde trevas se instalaram e sujeitaram a si as pessoas porque estas rejeitaram ao seu Criador, ali Deus enviou a abundância da revelação da sua glória para que todos os que creem Nele possam retornar à comunhão com a glória eterna do Senhor.

Romanos 3: 23 Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus,

- 24 sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus,*
- 25 a quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para manifestar a sua justiça, por ter Deus, na sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos;*
- 26 tendo em vista a manifestação da sua justiça no tempo presente, para ele mesmo ser justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus.*

João 1: 5 A luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela.

A glória de Deus que se estende por todo o Universo, e que é absolutamente imensurável, veio ao mundo com um nome. A glória de Deus veio como uma pessoa, a saber: O Senhor Jesus Cristo.

O Senhor Jesus veio mostrar a glória do Pai Celestial porque a glória estava Nele e porque Ele é a expressão da glória de Deus.

E aquilo que o Senhor Jesus veio revelar da glória divina era, precisamente, aquilo que nós precisávamos saber sobre Deus através do Cristo que veio em carne ao mundo ou que se manifestou também na condição de Filho do Homem.

Nos mais diversos escritos e relatos das Escrituras que temos sobre o Senhor Jesus Cristo, temos a expressão da glória de Deus. Desde antes da criação, até a redenção dos seres humanos da escravidão às trevas por causa da sua sujeição ao pecado, Deus era e é como o próprio Senhor Jesus sempre foi e é.

Apesar de Cristo não ser o próprio Pai Celestial, Ele é o resplendor da glória de Deus e a expressão exata do seu Ser para que cada pessoa da humanidade possa escolher, com entendimento, se ela quer se achegar ao Pai Celestial sabendo em Cristo como o Pai Celestial foi no passado, é, e será para sempre.

João 10: 30 Eu e o Pai somos um.

João 14: 6 Respondeu-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim.

Em cada faceta do Evangelho que Cristo veio revelar ao mundo, Deus estava presente ou era Deus se expressando para que as pessoas possam conhecer a sua glória, e para que conhecendo a sua glória, também venham a crer Nele sabendo a quem confiarão às suas vidas para toda a eternidade.

C. A Glória de Deus na Face do Cristo Ressurreto e Presente

Conosco no Presente

Lucas 12: 31 ***Buscai, antes de tudo, o seu reino, e estas coisas vos serão acrescentadas.***

Considerando que Cristo é a expressão exata da glória de Deus, é Aquele através de quem Deus determinou que a sua glória e plenitude sejam por nós conhecidas, é a expressão da essência do reino de Deus e é a justiça de Deus feita a “nossa justiça” através do Evangelho, Cristo também deveria ser buscado por nós antes de todas as demais coisas.

Entretanto, um ponto crucial que necessita ser destacado mais frequentemente do que muitas pessoas possam pensar ou perceber, é que as referências nas Escrituras relacionadas à busca de Cristo não apontam somente para uma busca do Cristo histórico revelado a nós no passado, mas para o Cristo vivo no presente e eternamente.

A busca do conhecimento de Cristo feita através das Escrituras é muitíssimo relevante para sabermos inúmeras características da glória de Cristo e, por consequência, da glória de Deus. Entretanto, todos os atributos escritos referentes à glória de Cristo têm um propósito maior de despertar as pessoas a buscarem a Cristo na sua glória presente e eterna.

Quando as pessoas incorrem na prática de somente buscarem a Cristo nas Escrituras, apesar destas serem de valor inestimável, elas podem incorrer também na mesma prática equivocada e alertada pelo Senhor Jesus Cristo no texto a seguir e o qual procuramos expor de forma mais ampla no estudo Letra ou Vida.

João 5: 39 ***Examinais as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de mim.***
40 ***Contudo, não quereis vir a mim para terdes vida.***

Aquele menino Jesus que foi gestado e nasceu entre os seres humanos por intermédio da virgem Maria, cresceu, veio a se tornar um homem adulto, morreu e ressuscitou em glória não somente para que a sua glória na obra da cruz fosse revelada como um fato do passado, mas também para que a sua eterna glória se tornasse conhecida em todas as gerações e para que as virtudes desta glória passassem a estar eternamente disponíveis a todos aqueles que Nele creem.

1 Timóteo 3: 16 ***Evidentemente, grande é o mistério da piedade: Aquele que foi manifestado na carne foi justificado em espírito, contemplado por anjos, pregado entre os gentios, crido no mundo, recebido na glória.***

Tanto “o menino Jesus” como “o Cristo pendurado na cruz” já não existem mais naquela condição. O Cristo com o qual uma pessoa pode se relacionar no presente é o Cristo que continua manso e humilde de coração, pois esta é a natureza eterna Dele.

Entretanto, Ele também é o Cristo que se revelou posteriormente a João quando se apresentou a este para que ele registrasse a revelação de quem o Senhor Jesus é em sua glória eterna. Glória na qual foi reestabelecido com honra e louvor depois de ter sido ressuscitado e elevado ao céu pelo Pai Celestial.

A condição de Cristo ter vindo como menino ao mundo foi um instrumento para manifestar que Deus é o mesmo Deus sob quaisquer circunstâncias. Através de Cristo na condição de Filho do Homem, o Pai Celestial mostrou a glória da sua sabedoria também quando o seu Filho Unigênito estava sujeito a condições similares às da criação. Entretanto, a posição de Cristo como menino não é a expressão única ou final da glória do Senhor, pois a sua glória também contempla a condição de Cristo ser Deus Eterno. Ou seja, a sua glória não se tornou limitada a uma posição humana ou de somente poder ser apresentada ao mundo estando Cristo em um corpo natural ou na condição de Filho do Homem na Terra.

Aquele a quem João vira, ouvira, tocara e contemplara em carne no mundo ou Aquele que fora humilhado, crucificado na cruz do Calvário e sepultado em sepultura humana não se tornou sujeito à uma condição meramente natural, pois Ele é Aquele que ressuscitou dentre os mortos e que no momento presente está em uma posição de glória tal que ninguém pode ficar em pé diante Dele e contemplá-lo se o Senhor não lhe conceder a graça para fazê-lo.

- Apocalipse 1: 9 **Eu, João, irmão vosso e companheiro na tribulação, no reino e na perseverança, em Jesus, achei-me na ilha chamada Patmos, por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus.***
- 10 **Achei-me em espírito, no dia do Senhor, e ouvi, por detrás de mim, grande voz, como de trombeta,***
- 11 **dizendo: Eu sou o Alfa e o Ômega, o primeiro e o último, e o que vê escreve em livro e manda às sete igrejas que estão na Ásia: Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodicéia.***
- 12 **Voltei-me para ver quem falava comigo e, voltado, vi sete candeeiros de ouro***
- 13 **e, no meio dos candeeiros, um semelhante a filho de homem, com vestes talaras e cingido, à altura do peito, com uma cinta de ouro.***
- 14 **A sua cabeça e cabelos eram brancos como alva lã, como neve; os olhos, como chama de fogo;***
- 15 **os pés, semelhantes ao bronze polido, como que refinado numa fornalha; a voz, como voz de muitas águas.***
- 16 **Tinha na mão direita sete estrelas, e da boca saía-lhe uma afiada espada de dois gumes. O seu rosto brilhava como o sol na sua força.***
- 17 **Quando o vi, caí a seus pés como morto. Porém ele pôs sobre mim a mão direita, dizendo: Não temas; Eu sou o primeiro e o último***
- 18 **e aquele que vive; estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos e tenho as chaves da morte e do inferno.***
- 19 **Escreve, pois, as coisas que viste, e as que são, e as que hão de acontecer depois destas. (RA+NKJV)***
-

Que posição e que glória é esta que o nosso Senhor Jesus Cristo tem no presente a ponto de Ser quem Ele é, ter o poder que tem e ainda assim se importar com cada vida

individualmente e se importar em colocar a sua mão direita sobre aqueles que lhe seguem e dizer a eles “**não temas**, por aquilo que **Eu sou, Eu sou** para conceder vida e comunhão com Deus à todos aqueles que crerem na oferta de salvação do Evangelho e a quiserem receber em seus corações?

*João 14: 1 **Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim.***

*João 14: 27 **Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como a dá o mundo. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize.***

Conforme também já foi comentado anteriormente, é imprescindível sabermos o que Cristo fez por nós quando esteve em carne no mundo, pois isto estabeleceu ou valida firmes parâmetros para a toda a obra de Cristo como Senhor e Salvador.

Entretanto, todo o nosso relacionamento presente e futuro com Cristo não se dá com o “Jesus menino”, mas ocorre, na realidade, com a posição e com a condição que Cristo tem e exerce no presente e continuará a exercer para sempre diante do Pai Celestial e de todo o universo.

A posição na qual o Senhor Jesus Cristo, também como Filho do Homem ressurreto, foi estabelecido pelo Pai Celestial após a Sua morte e ressurreição, é o lugar mais elevado, exceto a posição do próprio Pai, que pode existir em todo o universo e a partir do qual o Senhor tem toda a autoridade e domínio tanto sobre o reino celestial como sobre todos os reinos do mundo.

*Hebreus 1: 3 **Ele (Cristo), que é o resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser, sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder, depois de ter feito a purificação dos pecados, assentou-se à direita da Majestade, nas alturas,***
*4 **tendo-se tornado tão superior aos anjos quanto herdou mais excelente nome do que eles.***

*Filipenses 2: 9 **Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome,***
*10 **para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra,***
*11 **e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai.***

*1 Coríntios 15: 27 **Porque todas as coisas sujeitou debaixo dos pés. E, quando diz que todas as coisas lhe estão sujeitas, certamente, exclui aquele que tudo lhe subordinou.***

Quando, através da Escrituras, Deus nos ensina que nós somos chamados para a comunhão com Cristo, Ele também nos ensina que esta comunhão é com o Cristo que esteve morto por um pouco de tempo, mas que também ressuscitou e vivo está para sempre.

1 Coríntios 1: 9 Fiel é Deus, pelo qual fostes chamados à comunhão de seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor.

Romanos 8: 11 Se habita em vós o Espírito daquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos, esse mesmo que ressuscitou a Cristo Jesus dentre os mortos vivificará também o vosso corpo mortal, por meio do seu Espírito, que em vós habita.

Apesar de não podermos ver ao Senhor Jesus Cristo em carne como os discípulos o viram nos dias em que o Senhor veio ao mundo como o Filho do Homem, nós também, devido à glória eterna de Cristo que transcende às condições naturais do mundo, podemos igualmente manter uma comunhão plenamente satisfatória com o Senhor através do Espírito Santo e mediante a fé no Senhor como os discípulos fizeram após a ascensão de Cristo ao céu.

***1 Pedro 1: 6 Nisso exultais, embora, no presente, por breve tempo, se necessário, sejais contristados por várias provações,
7 para que, uma vez confirmado o valor da vossa fé, muito mais preciosa do que o ouro perecível, mesmo apurado por fogo, redunde em louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo;
8 a quem, não havendo visto, amais; no qual, não vendo agora, mas crendo, exultais com alegria indizível e cheia de glória,
9 obtendo o fim da vossa fé: a salvação da vossa alma.***

***1 João 1: 1 O que era desde o princípio, o que temos ouvido, o que temos visto com os nossos próprios olhos, o que contemplamos, e as nossas mãos apalparam, com respeito ao Verbo da vida
2 (e a vida se manifestou, e nós a temos visto, e dela damos testemunho, e vo-la anunciamos, a vida eterna, a qual estava com o Pai e nos foi manifestada),
3 o que temos visto e ouvido anunciamos também a vós outros, para que vós, igualmente, mantenhais comunhão conosco. Ora, a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo.***

João 15: 5 Eu sou a videira, vós, os ramos. Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer.

Um cristão jamais deveria ter dúvidas a respeito da ressurreição de Cristo, pois sem a ressurreição de Cristo, a fé cristã seria completamente vã.

Entretanto, um cristão também nunca deveria ter dúvidas a respeito da presença de Cristo junto a ele durante a sua trajetória de vida enquanto ainda estiver em carne ou habitando no presente mundo natural, pois um pouco antes do Senhor Jesus Cristo ser elevado aos céus, para se assentar à direita de Deus e do trono do Pai Celeste, Ele declarou explicitamente aos seus discípulos que Ele também estaria com eles todos os dias até a consumação dos séculos.

*Mateus 28: 18 **Jesus, aproximando-se, falou-lhes, dizendo: Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra.***

...
*20(b) ... **E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século.***

Embora muitos que se dizem ser cristãos conheçam diversos detalhes da obra que Cristo fez na cruz do Calvário em favor deles, e até conheçam diversas referências que as Escrituras fazem à ressurreição do Senhor dentre os mortos, há muitos dentre eles que adotam uma postura prática de vida como se Cristo não estivesse realmente com eles. Se posicionam em relação a Cristo como se Ele não estivesse mais disponível para ser acessado em todos os instantes do seu dia-a-dia e como se Ele não estivesse mais disponível para atuar em todas as áreas da vida no presente mundo.

Quando as pessoas carecem do conhecimento dos principais detalhes do propósito e da obra de Deus através do Evangelho para o tempo presente e para o futuro, ou lhes falta o entendimento da posição que o Pai Celestial concedeu a Cristo para conduzi-las a alcançar estes propósitos revelados no Evangelho, elas também ficam limitadas em perceber, crer e viver aquilo que já lhes está disponível em Cristo.

Devido à falta do conhecimento da glória de quem é o Cristo ressurreto, de qual é a posição que Ele ocupa no presente e como o Senhor Jesus atua depois que foi crucificado e ressurreto dentre os mortos, muitas pessoas, inclusive muitos cristãos, deixam de se relacionar com Cristo como poderiam e deveriam fazê-lo, deixando também de usufruir de muitos dos grandes benefícios que o Senhor quer conceder a elas nos mais diversos momentos de suas vidas.

É por causa do que Cristo fez, enquanto estava em carne na Terra, que as pessoas podem receber a justificação para a salvação e a novidade de vida eterna em Deus. Entretanto, é por causa de quem é o Cristo ressurreto e da posição que Ele ocupa, expressos pela sua glória eterna, que a justificação eterna e a novidade de vida podem continuar a serem oferecidas e estabelecidas para sempre em favor de uma pessoa que crê no Senhor.

Quando um indivíduo de fato começa a ter conhecimento das diversas virtudes da glória de Cristo, ele também pode começar a crer mais amplamente nelas e experimentar verdadeiramente as transformações que o Senhor provê em sua vida através do compartilhar das características da sua glória, conforme já exposto em capítulos anteriores e lembrado no texto abaixo:

*2 Coríntios 3: 18 **E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de***

glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito.

O salmista do Salmo 23, que tinha o “Senhor” como “o seu Pastor”, e não tinha outros homens e mulheres como o “o seu pastor”, conhecia o “Seu Pastor” e conhecia a glória do “Seu Pastor”. E, por isto, podia crer, ter paz no coração e declarar que *a bondade e misericórdia certamente me seguirão todos os dias da minha vida; e habitarei na Casa do SENHOR para todo o sempre.*

Para todo o cristão que reconhece a Cristo como “seu Pastor”, a questão já não deveria mais ser se Deus quer ou não quer que ele conheça a glória do Cristo ressurreto e que viva em conformidade com ela. Em vez disso, a questão sempre deveria ser sobre como ele pode fazer para conhecer cada vez mais a glória do “seu Pastor” e também como ele pode viver diariamente ainda mais em conformidade com a glória eterna do Senhor.

Depois que passamos a ver aquilo que Cristo veio revelar para que as pessoas possam conhecer a glória do que Deus já fez por elas e o quanto as amou ao conceder ao seu Filho Amado para ser oferecido como o sacrifício perfeito para o perdão e restauração da vida daqueles que Nele creem, também é vital sabermos que a expressão e a manifestação da glória de Deus aos seres humanos não se encerrou com os atos da vinda de Cristo em carne ao mundo e nem findou com a sua morte e ressurreição.

A vinda de Cristo em carne ao mundo manifestou a glória de Deus em tudo o que era necessário ser revelada para abrir o caminho da salvação para todas as pessoas, sendo esta também concedida àqueles que a recebem, mediante a fé, como uma oferta da graça de Deus.

Entretanto, as manifestações já realizadas anteriormente através da glória de Deus em Cristo, foram realizadas para que elas também abrissem “um novo e vivo caminho” para que mais da glória de Deus possa continuar sendo conhecido e acessado por todas as pessoas também mediante a graça de Deus e pela fé nesta graça.

Todas as partes já reveladas e já realizadas em relação ao Evangelho de Deus somente foram feitas porque tudo o que foi realizado foi feito com vistas a um propósito sobremodo excelente que está associado a todo o Evangelho e que se estende para o presente, para o futuro próximo e, principalmente, também para o futuro eterno.

Apesar da grandeza da glória que podemos ver no que Deus já fez a favor de cada um dos seres humanos através do Seu Evangelho, o Senhor jamais intentou ou intenta que aquilo que já foi feito venha a obscurecer a razão pela qual tantos aspectos já foram realizados.

E com o objetivo de nos tornar plenamente conscientes de que a glória manifestada no passado foi nos revelada para uma vida presente e eterna com Deus, é que o Senhor nos oferece o Seu Evangelho também como o Evangelho da Glória de Deus e da Glória de Cristo, através do qual o Senhor enfatiza especificamente também a sua glória atuante após a morte e ressurreição de Cristo para nos conduzir ao propósito eterno que Deus tem para aqueles que recebem a Cristo em seus corações.

Portanto, Cristo expressa a glória de Deus que já nos foi revelada em todas as suas obras feitas a nosso favor. Entretanto, Cristo continua sendo a expressão da glória de Deus para os que creem nas obras do Senhor já feitas a seu favor e que receberam o Evangelho em seus corações.

Cristo é a glória que se revelou para que uma pessoa possa vir a alcançar a condição de salva, nascida de novo ou de ser um “cristão”. Entretanto, Cristo continua sendo o caminho e a revelação da glória de Deus para os que já receberam a salvação, foram justificados Nele ou que já carregam o nome de “cristão” em suas vidas.

Cristo é o “Eu Sou” que já foi, o “Eu Sou” no presente e que sempre será o “Eu Sou” para aqueles que Nele creem.

*João 13: 19 **Desde já vos digo, antes que aconteça, para que, quando acontecer, creiais que EU SOU.***

*2 Ts 2: 13 **Entretanto, devemos sempre dar graças a Deus por vós, irmãos amados pelo Senhor, porque Deus vos escolheu desde o princípio para a salvação, pela santificação do Espírito e fé na verdade,***

*14 **para o que também vos chamou mediante o nosso evangelho, para alcançardes a glória de nosso Senhor Jesus Cristo.***

*1 Ts 2: 12 ... **exortamos, consolamos e admoestamos, para viverdes por modo digno de Deus, que vos chama para o seu reino e glória.***

Deus nos manifestou a sua glória em Cristo porque Nele somos chamados a viver para sempre segundo a sua glória, e em quem, inclusive, somos chamados a sermos participantes desta mesma glória eterna.

*1 Coríntios 10: 31 **Portanto, quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus.***

*Efésios 1: 12 ... **a fim de sermos para louvor da sua glória, nós, os que de antemão esperamos em Cristo.***

*Salmos 149: 5 **Exultem de glória os santos, no seu leito cantem de júbilo.***

Inicialmente, a carência de glória que uma pessoa precisa sanar é sobre o que Cristo já fez por ela para libertá-la de todas as amarras do passado, mas isto também sempre associado ao propósito de quem Cristo quer ser

hoje e para sempre na vida de uma pessoa a favor de quem Ele fez o que fez.

Desta forma, algumas pessoas no mundo não carecem do conhecimento de quem Jesus foi e o que Ele fez por elas, mas parecem carecer, e muito, da clareza no conhecimento do propósito pelo qual o Senhor fez a obra da cruz e do conhecimento de quem o Senhor Jesus Cristo é no presente.

Repetindo, Cristo não está limitado somente às posições que Ele assumiu no seu tempo em carne no mundo, porque Ele continua sendo e sempre continuará a ser o mesmo “Eu Sou”, conforme mais uma vez expomos abaixo:

*Hebreus 1: 3 **Ele, que é o resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser, sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder, depois de ter feito a purificação dos pecados, assentou-se à direita da Majestade, nas alturas,***
*4 **tendo-se tornado tão superior aos anjos quanto herdou mais excelente nome do que eles.***

O relacionamento de um cristão com Cristo jamais deveria ser um relacionamento meramente baseado em terminologias, fatos ou histórias de um passado antigo e longínquo, pois a Bíblia, no livro de Apocalipse, não ensina que Cristo foi o Cordeiro que foi morto, mas anuncia que “ELE É**” o Cordeiro que foi morto, que ressuscitou e que está assentado à direita do Pai Celestial.**

Aquilo que Cristo foi e fez tem o seu inestimável valor validado no presente e para o futuro porque Ele essencialmente continua sendo o que sempre foi, o Filho Unigênito que é o resplendor da glória do Pai Celestial.

Cristo é de fato o Cordeiro que foi morto e tem toda a legalidade obtida com isto para salvar todos aqueles que Nele creem. Entretanto, Ele também é aquele a quem Deus ressuscitou dentre os mortos e que vive para sempre, continuando a ser para sempre o Cordeiro no qual está a provisão do perdão pleno dos pecados para aqueles que Nele creem.

O que Cristo fez no passado manifestou a sua condição justa ou legítima para que depois da sua ressurreição, as pessoas saibam, de maneira ainda mais evidente, que ELE É Aquele do qual imprescindivelmente elas necessitam no presente e no porvir eterno.

Como Filho do Homem, Jesus, o Filho do Deus vivo, veio manifestar aos homens, em semelhança de homem, qual é a glória de Deus e o seu propósito de salvação para com eles. Mas depois de prover tudo o que era necessário à revelação da salvação eterna no Senhor, Cristo não permaneceu restrito às condições humanas às quais havia se sujeitado. Pelo contrário, Ele foi exaltado pelo Pai Celestial à glória que já tinha eternamente junto ao Senhor, mas agora também acrescida do fato Dele ser o único homem que viveu uma vida santa e reta para a redenção ou salvação de todos os seres humanos.

*João 17: 3 **E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste.***

- 4** *Eu te glorifiquei na terra, consumando a obra que me confiaste para fazer;*
5 *e, agora, glorifica-me, ó Pai, contigo mesmo, com a glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse mundo.*

- 1** *João 2: 1* ***Filhinhos meus, estas coisas vos escrevo para que não pequeis. Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo;***
2 ***e ele é a propiciação pelos nossos pecados e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro.***

Por que, então, o Senhor Jesus Cristo não permaneceu numa condição humana ou como um rei de reinos terrenos mesmo após a sua ressurreição dentre os mortos?

O Senhor Jesus Cristo não permaneceu numa condição humana ou como um rei de reinos terrenos, mesmo após a sua ressurreição dentre os mortos, porque é assentado no lugar mais alto, ao lado do Pai Celestial, que Ele nos é mais útil e favorável.

O Senhor Jesus Cristo não assumiu uma posição humana após a sua ressurreição porque o local em que Ele está estabelecido pelo Pai Celestial é o perfeito ou o melhor lugar para continuar a manifestar a glória de Deus a nosso favor como ela precisa ou deve nos ser manifestada.

O Senhor Jesus veio em carne ao mundo para prover o que precisava ser provido nesta posição ou condição, algo que nenhum outro ser humano sujeito ao pecado poderia fazer para as pessoas serem salvas. Mas uma vez que Cristo fez o que fez, Deus o elevou ao lugar em que Ele pode ser mais favorável a todas as pessoas e a todo o universo, que é, conforme já mencionado anteriormente, assentado à direita do Pai Celestial.

Após a Sua morte e ressurreição dentre os mortos, o Senhor Jesus Cristo insistiu com os seus discípulos para que eles reconhecessem a sua glória de Filho de Deus e de Filho do Homem ressurreto dentre os mortos, pois através desta nova faceta da sua glória eles também conheceriam que a glória do Pai Celestial permanece para sempre sobre aqueles que a recebem mediante a fé em Deus.

- João 17: 24*** ***Pai, a minha vontade é que onde eu estou, estejam também comigo os que me deste, para que vejam a minha glória que me conferiste, porque me amaste antes da fundação do mundo.***

A glória que Cristo manifestou aos seus discípulos não era, de forma alguma, comparável a uma glória que desvanecia como foi a glória de Moisés e o ministério da lei que foi introduzida para o povo que queria tentar viver mediante a lei, mas que nunca alcançou este propósito.

- João 1: 17*** ***Porque a lei foi dada por intermédio de Moisés; a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo.***

2 Coríntios 3: 12 Tendo, pois, tal esperança, servimo-nos de muita ousadia no falar.

13 E não somos como Moisés, que punha véu sobre a face, para que os filhos de Israel não atentassem na terminação do que se desvanecia.

O Filho Unigênito de Deus nos foi revelado em Cristo como o Filho do Homem que nos proveu a salvação. Entretanto, como o Filho do Homem ressurreto, Deus nos demonstra que o Filho de Deus era desde sempre e que para sempre permanece, mesmo diante do tão forte poder da morte.

Assim, conhecer quem Cristo é no presente, ou conhecer a glória presente e viva de Cristo, é da maior importância, pois somente quem está vivo é que pode ser o realizador da salvação das pessoas que tanto dela necessitam.

2 Coríntios 4: 3 Mas, se o nosso evangelho ainda está encoberto, é para os que se perdem que está encoberto,

4 nos quais o deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus.

5 Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor e a nós mesmos como vossos servos, por amor de Jesus.

6 Porque Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo.

Conforme já foi mencionado em capítulos anteriores, a abordagem do Evangelho de Deus sob a perspectiva da glória de Deus e da glória de Cristo é singularmente significativa e imprescindível, pois tendo em vista que o Evangelho não se refere somente a uma obra do passado, mas de uma oferta de vida sempre presente para aqueles que o recebem mediante a fé no Senhor, esta faceta vem como que para coroar todos as demais partes do Evangelho Eterno a nós oferecido.

Portanto, enquanto as abordagens dos materiais da presente série sobre O Evangelho do Criador e sobre O Evangelho de Cristo procuraram abordar mais particularmente o fundamento da origem do Evangelho e qual é o propósito deste Evangelho, este novo estudo sobre o Evangelho da Glória de Deus e da Glória de Cristo procura abordar mais os aspectos do firme fundamento que o Evangelho tem em Deus e em Cristo para que tudo o que foi oferecido através deste Evangelho para o presente e para o futuro também esteja firmemente e eternamente estabelecido.

O que Cristo fez no passado confere validade à toda a proposição do Evangelho. Entretanto, é Cristo que continua a ser o inabalável fundamento estabelecido para sempre para a salvação e sustentação de todos os que Nele creem.

1 Coríntios 3: 11 Porque ninguém pode lançar outro fundamento, além do que foi posto, o qual é Jesus Cristo.

Em vários sentidos, ver o Evangelho sob a ótica da glória de Deus e da glória de Cristo, depois da crucificação e da ressurreição do Senhor, é a ótica mais necessária aos cristãos dos nossos dias, mas provavelmente, até o presente momento, é o aspecto que menos tem sido pregado e anunciado.

A consideração de que o Evangelho originado no Pai Celestial e em Cristo é o Evangelho da Glória de Deus e da Glória de Cristo, contemplando inclusive a glória de Cristo após a sua ressurreição dentre os mortos, tem sido esquecida, por parte dos seres humanos, de ser anunciada ao mundo e, principalmente, aos próprios cristãos, mas a qual, certamente, não tem sido esquecida pelo Senhor de toda a glória.

O Evangelho revelado na vinda de Cristo em carne ao mundo, como o Filho do Homem, e conforme já mencionado, não tinha uma finalidade somente para o nível natural. Ele jamais se tratou de uma obra para simplesmente deixar um fato registrado nos documentos da história humana ou no sentido de deixar para os demais seres humanos uma obra inspiradora de devoção e abnegação da parte do Senhor.

O Evangelho que começou a ser revelado mais especificamente e claramente através da vinda de Cristo em carne à Terra, foi introduzido no mundo com um propósito de conceder para sempre, sem fim ou eternamente a novidade de vida vinda a partir do reino de Deus para aqueles que o receberam e continuam a recebê-lo, conforme mencionado nos demais estudos referenciados acima sobre o Evangelho do Senhor e exemplificado, mais uma vez, nos textos expostos abaixo:

*1 João 4: 9 **Nisto se manifestou o amor de Deus em nós: em haver Deus enviado o seu Filho unigênito ao mundo, para vivermos por meio dele.***

*João 20: 30 **Na verdade, fez Jesus diante dos discípulos muitos outros sinais que não estão escritos neste livro.***

*31 **Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome.***

O fato do Evangelho do Senhor nos oferecer um Redentor que morreu por nós para que pudéssemos ter o perdão dos pecados, somente é uma parte daquilo que o Evangelho nos oferece. Pois apesar do perdão e do livramento da sujeição ao pecado serem imprescindíveis para uma pessoa encontrar a sua restauração para a vida eterna com Deus, não é somente no perdão que reside a novidade de vida propriamente dito.

A novidade de vida que o Evangelho vem a oferecer para aqueles que, primeiramente, são perdoados e libertos da sujeição ao pecado, por causa da obra de Cristo na cruz do Calvário, é a vida que está no mesmo Cristo que também ressurgiu dentre os mortos pelo poder de Deus e vive para sempre.

Compreender que a vida para aqueles que receberam o perdão dos seus pecados através do Evangelho está em Cristo, por sua vez, é de valor inestimável, pois se alguém recebe o perdão devido à morte de Cristo para ter vida em Cristo, também é necessário que o Cristo que morreu não esteja mais morto, pois se estivesse morto, como alguém

poderia “*viver por meio dele*”? Como alguém poderia viver por meio daquele no qual não haveria mais vida?

Apesar da obra de Cristo na cruz ser digna de eterno louvor, a adoração a um Cristo morto ou que supostamente continua pendurado numa cruz, e que assim estaria com os pés e as mãos atadas, não pode trazer vida a nenhuma pessoa, pois como alguém aprisionado pela morte poderá dar vida a quem dela precisa?

Mediante o Evangelho da Justiça de Deus, podemos ver claramente que sem a crucificação e a morte de Cristo por nossos pecados, a vida de uma pessoa em conformidade com a vontade de Deus seria impossível de ser estabelecida. Entretanto, através da perspectiva do Evangelho da Glória de Deus e da Glória de Cristo, podemos ver que a vida desta pessoa, igualmente, somente poderia ser vivificada, sustentada e suprida se Aquele através de quem a vida eterna nos é dada também voltasse a viver depois de sua morte na cruz do Calvário.

O fato do Evangelho de Deus também nos ser dado como o Evangelho da Glória de Deus e da Glória de Cristo, e o fato do Evangelho não poder ser dissociado de nenhuma das características que o compõe, ocorre justamente para que possamos olhar tudo o que precisa ser visto no Evangelho para que ninguém fique privado daquilo que o Evangelho de fato veio prover.

Quando uma pessoa se restringe a ver a glória de Cristo somente na sua condição em carne no mundo, na sua crucificação e na sua morte, ela também se restringe a ver que a sua condição na carne, a sua crucificação e morte foram somente por um pouco de tempo a fim de que um propósito de vida maior fosse estabelecido. E por causa desta restrição, um indivíduo pode deixar de desfrutar aquilo pelo qual Cristo morreu por ela.

Cristo, o Evangelho vivo de Deus, foi revelado como o Autor e Consumador da salvação pela morte na cruz no Calvário para que, pela sua morte, as pessoas pudessem ser encaminhadas à glória da vida eterna de Deus em Cristo e não à glória de alguém que permaneceria indefinidamente na morte, pois se a morte pudesse reter a Cristo na cruz, no túmulo ou nas profundezas do inferno, a obra de Cristo teria sido completamente vã.

A ressurreição de Cristo e o propósito desta ressurreição para que as pessoas também possam ser ressuscitadas em Cristo são os aspectos que apresentam o real significado da obra de Cristo realizada na cruz do Calvário em favor de todos os seres humanos.

Uma proposição de um Evangelho que tenta se dissociar do Cristo que ressuscitou, que já não está mais em uma condição de menino, que já não está mais pendurado em uma cruz e que também não está mais em algum sepulcro humano não é verdadeiramente um Evangelho vindo do Senhor.

Em outras palavras, uma proposição de um Evangelho que até tenta apresentar a glória do Cristo que foi crucificado, mas que procura omitir que Cristo também foi ressuscitado pelo poder de Deus, e ainda, que Ele está colocado em posição de honra diante do Pai do Celestial e sobre toda a criação, não é verdadeiramente um “boa nova”, pois ela carece da vida que é vitoriosa ou tem poder inclusive sobre a morte.

Assim como a crucificação de Cristo foi registrada nas Escrituras por profetas que vieram “antes de Cristo” e por apóstolos e escritores que o fizeram “depois de Cristo”,

assim também, nas Escrituras, foi profetizada e anunciada a ressurreição de Cristo que traz vida para todo aquele que Nele crê:

*Hebreus 2: 9 **Vemos, todavia, aquele que, por um pouco, tendo sido feito menor que os anjos, Jesus, por causa do sofrimento da morte, foi coroado de glória e de honra, para que, pela graça de Deus, provasse a morte por todo homem.***

*10 **Porque convinha que aquele, por cuja causa e por quem todas as coisas existem, conduzindo muitos filhos à glória, aperfeiçoasse, por meio de sofrimentos, o Autor da salvação deles.***

*Atos 2: 22 **Varões israelitas, atendei a estas palavras: Jesus, o Nazareno, varão aprovado por Deus diante de vós com milagres, prodígios e sinais, os quais o próprio Deus realizou por intermédio dele entre vós, como vós mesmos sabeis;***

*23 **sendo este entregue pelo determinado desígnio e presciência de Deus, vós o matastes, crucificando-o por mãos de iníquos;***

*24 **ao qual, porém, Deus ressuscitou, rompendo os grilhões da morte; porquanto não era possível que fosse ele retido por ela.***

*25 **Porque a respeito dele diz Davi: Diante de mim via sempre o Senhor, porque está à minha direita, para que eu não seja abalado.***

*26 **Por isso, se alegrou o meu coração, e a minha língua exultou; além disto, também a minha própria carne repousará em esperança,***

*27 **porque não deixarás a minha alma na morte, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção.***

*28 **Fizeste-me conhecer os caminhos da vida, encher-me-ás de alegria na tua presença.***

*29 **Irmãos, seja-me permitido dizer-vos claramente a respeito do patriarca Davi que ele morreu e foi sepultado, e o seu túmulo permanece entre nós até hoje.***

*30 **Sendo, pois, profeta e sabendo que Deus lhe havia jurado que um dos seus descendentes se assentaria no seu trono,***

*31 **prevendo isto, referiu-se à ressurreição de Cristo, que nem foi deixado na morte, nem o seu corpo experimentou corrupção.***

*32 **A este Jesus Deus ressuscitou, do que todos nós somos testemunhas.***

*33 **Exaltado, pois, à destra de Deus, tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vedes e ouvis.***

*34 **Porque Davi não subiu aos céus, mas ele mesmo declara: Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita,***

*35 **até que eu ponha os teus inimigos por estrado dos teus pés.***

*36 **Esteja absolutamente certa, pois, toda a casa de Israel de que a este Jesus, que vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo.***

*Apocalipse 1: 17 **Quando o vi, caí a seus pés como morto. Porém ele pôs sobre mim a mão direita, dizendo: Não temas; eu sou o primeiro e o último***

*18 **e aquele que vive; estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos e tenho as chaves da morte e do inferno.***

Sem o conhecimento do Evangelho da Glória de Deus e da Glória de Cristo referente ao tempo presente, a percepção a respeito do Evangelho de Deus pode ficar severamente desfocado aos olhos das pessoas. Aspecto que também pode fazer com que muitos tentem viver de partes passadas do Evangelho sem experimentarem aquilo que o Evangelho tem para elas para o presente e futuro, chegando inclusive ao ponto de criarem até uma série de idolatrias em relação a este tempo passado do Evangelho do Senhor.

Talvez por tradição ou hábito cultural, por gratidão pela provisão de perdão dos pecados, por desconhecimento ou até por desprezo, parece que as pessoas repetidamente procuram falar mais do passado do que do presente quando tratam do assunto sobre vida do Senhor Jesus Cristo em relação à cada ser humano.

Uma obra sobremodo sublime ou excelente precisava ser realizada a nosso favor, mas isto foi feito para que pudéssemos obter um presente e um futuro distinto e glorioso em Deus.

A vinda de Cristo em carne ao mundo, o maravilhoso anúncio da sua chegada, o modo sobrenatural da sua concepção como Filho do Homem, o seu nascimento celebrado e proclamado pelos anjos, a sua obra, milagres, sinais, ensinamentos e, principalmente, sua morte na cruz, são indescritivelmente majestosos, belos e imensuravelmente valiosos. Entretanto, conforme já foi citado em vários estudos da presente série, Deus nos chama para vermos que todos estes eventos que estão diretamente associados ao Evangelho foram feitos para determinar um novo presente e um novo futuro para as pessoas que nele creem e o recebem em seus corações.

A vida cristã existe e somente pode ser acessada por um indivíduo que crê no Senhor por causa do passado inegável e irrevogável que pavimentou o caminho para que esta novidade de vida pudesse vir a ser concedida. Mas ainda assim, estes fatos passados foram feitos como um legado sólido e indispensável para uma nova vida no presente e no futuro em Deus.

No conjunto de fatores que compõem a fé de um cristão, é indispensável a presença dos fatos passados que o Evangelho proveu. Entretanto, ressaltamos mais uma vez que todos eles são coroados em glória quando a pessoa os usa para receber a vida que lhe está disponível no presente e para todo o futuro em Deus.

Através do texto de João 20, já exposto acima, podemos ver que os escritos do Evangelho de Deus foram registrados para que as pessoas “*creiam que Cristo É o Filho de Deus*”, e não somente que Ele tenha sido um Filho antes da sua morte. E isto é revelado para que “*TENHAM VIDA EM SEU NOME NO MOMENTO QUE PASSAM A CRER NELE*”, o que, por sua vez, e conforme já comentamos anteriormente, somente é possível ser realizado estando Cristo vivo para conceder a sua novidade de vida àqueles que Nele creem.

Ressaltamos aqui novamente, que a relevância daquilo que já foi realizado mediante o Evangelho a nosso favor é indispensável e imensurável. Mas se aquilo que foi conquistado por Cristo na cruz do Calvário não viesse a ser suportado por Deus ao ressuscitar a Cristo e ao colocá-lo acima de todo o poder e de todos os principados, a obra do Senhor teria sido em vão no sentido de Cristo poder conceder a novidade de vida a todo aquele que Nele crê.

Ver o Evangelho sob a ótica da Glória de Deus e da Glória de Cristo ressalta que Cristo não parou de atuar após prover os meios para a salvação. Muito pelo contrário, Ele continua ativo ou atuante para dar continuidade a todas as obras que vêm em sequência da obra que serviu de meio para a sua posição atual ou que foi realizada para a concessão de vida a todos aqueles que a querem receber pela graça de Deus e mediante a fé Naquele que se entregou para salvá-los.

No estudo sobre O Evangelho da Promessa, foi abordada a questão de que no Senhor Jesus Cristo todas as promessas anteriores relacionadas à sua obra na Terra, na condição de Filho do Homem, foram cumpridas. O fato de Cristo declarar a sentença “**está consumado**”, enquanto estava na cruz do Calvário, afirma e atesta de que tudo o que Ele tinha que fazer e tudo o que era necessário se cumprir Nele, até aquela ocasião específica, foi plenamente feito.

Entretanto, seria um grandíssimo equívoco considerar a expressão “**está consumado**” como um encerramento das atividades e do ministério do Senhor Jesus Cristo para com todos os seres humanos, quer no mundo espiritual ou quer no mundo natural.

Quando nas Escrituras é utilizado o termo *ministério*, isto está relacionado a um conjunto de serviços ou obrigações que alguém executa ou está responsável para que sejam executados. E assim sendo, **dizer que o Senhor Jesus Cristo já fez tudo o que tinha que ser feito, ou que não há mais “serviços” a serem executados por Ele para que Nele tenhamos a verdadeira vida, inclusive enquanto ainda vivemos na Terra, seria uma afirmação inteiramente imprópria.**

Através de Cristo Jesus vivendo em carne no mundo e através da consumação da obra de Deus em Cristo na cruz do Calvário de fato findou-se o serviço do Senhor Jesus na condição de homem ou em carne para o benefício de toda a humanidade. O Cordeiro perfeito, que tira o pecado do mundo, foi sacrificado uma vez por todas, e esta obra nunca mais vira a suceder de novo.

Jamais o Senhor Jesus voltará à Terra em carne e sangue para atuar entre os seres humanos. Isto sim está consumado. Foi um ato único, conforme pode ser visto nos textos a seguir:

Hebreus 7: 26 **Com efeito, nos convinha um sumo sacerdote como este, santo, inculpável, sem mácula, separado dos pecadores e feito mais alto do que os céus, 27 que não tem necessidade, como os sumos sacerdotes, de oferecer todos os dias sacrifícios, primeiro, por seus próprios pecados, depois, pelos do povo; porque fez isto uma vez por todas, quando a si mesmo se ofereceu.**

Romanos 6: 8 **Ora, se já morremos com Cristo, cremos que também com ele viveremos, 9 sabedores de que, havendo Cristo ressuscitado dentre os mortos, já não morre; a morte já não tem domínio sobre ele. 10 Pois, quanto a ter morrido, de uma vez para sempre morreu para o pecado; mas, quanto a viver, vive para Deus.**

A provisão para remissão dos pecados feita por Jesus é única e perfeita. Ela nunca precisará de complemento, retoque ou qualquer outro ato, isto “**está consumado**”. E quem crer nesta provisão pode acessar os benefícios dela, mas quem não crer jamais terá outra provisão que possa lhe conceder o que é necessário para a salvação eterna ou que possa prover a ele o que é provido exclusivamente em Cristo Jesus.

Não importa a etnia de uma pessoa, nem a cultura, o idioma que fala, onde nasceu, em que época e local vive, há uma só provisão em todo universo pela qual importa que os seres humanos sejam salvos.

Romanos 10: 11 **Porquanto a Escritura diz: Todo aquele que nele crê não será confundido.**

12 **Pois não há distinção entre judeu e grego, uma vez que o mesmo é o Senhor de todos, rico para com todos os que o invocam.**

13 **Porque: Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.**

Assim, os fatos que Jesus precisava revelar e pelos quais precisava passar como “o Cristo em carne na Terra” de fato estão consumados e jamais se repetirão, pois foram realizados ou terminados completamente.

Entretanto, como o Jesus Ressurreto ou o Cristo vivo e exaltado, os seus serviços ou os seus ministérios não acabaram quando acabou a sua crucificação e o seu sepultamento. Estes tão somente tiveram a sua atuação intensificada na sua ressurreição e o que passou a suceder depois dela, conforme explicitamente declarado por Deus ao Ele nos informar nas Escrituras de que **a este Jesus, que vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo**, e também no texto em que Paulo declara que era **a Cristo Jesus como Senhor Eterno** que ele pregava.

Ora, ninguém pode ser Senhor e Cristo de outras pessoas se ele não estiver vivo ou se ele, simplesmente, deixar de ser atuante em seus ministérios de Senhor sobre toda a vida.

A partir da consumação do sacrifício único e perfeito para todo sempre, a atuação do Senhor Jesus Cristo na Terra não encontrou o seu fim. Pelo contrário, ela evidenciou ainda mais os ministérios eternos do Senhor Jesus Cristo agora também como o Cordeiro perfeito que já realizou o sacrifício plenamente satisfatório para a salvação dos seres humanos.

Os ministérios que o Senhor Jesus Cristo exerce no presente, são exercidos em glória e honra também como Ele sendo o Leão da Tribo de Judá que está à direita do trono do Pai Eterno para reinar e atuar em favor daqueles que recebem a sua salvação.

Hebreus 8: 1 **Ora, o essencial das coisas que temos dito é que possuímos tal sumo sacerdote, que se assentou à destra do trono da Majestade nos céus,**

2 como ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, não o homem.

...

6 Agora, com efeito, obteve Jesus ministério tanto mais excelente, quanto é ele também Mediador de superior aliança instituída com base em superiores promessas.

E continuando ainda, se o Senhor Jesus já fez uma obra de tão grande redenção através do poder de Deus com Ele quando estava sob uma condição física e territorial à qual Ele se submeteu voluntariamente enquanto habitou em carne no mundo, quantas coisas o seu ministério não irá revelar ainda em relação a esta mesma salvação celestial agora que Ele está assentado num alto e sublime trono à destra do Pai das Luzes, podendo assim atender plenamente a todos de qualquer lugar ou povo que Nele creem?

O que Deus fez em prol de cada ser humano através do Senhor Jesus Cristo crucificado na “plenitude do tempo” é agora, em Cristo Jesus assentado à direita do Pai Celestial, sustentado e garantido pelo Senhor para que seja mantido para todo o tempo presente e vindouro.

O Pai de toda a glória mostrou-nos em Cristo Jesus como Ele é quanto ao seu amor por nós ao ponto de enviá-lo ao mundo para a nossa redenção. Entretanto, isto Deus fez para que possamos passar a viver em Cristo e para que possamos experimentar a sabedoria, o conhecimento e o poder que há no Senhor também no presente e para toda a eternidade, e não somente nos tempos que já passaram.

*Efésios 1: 15 **Por isso, também eu, tendo ouvido da fé que há entre vós no Senhor Jesus e o amor para com todos os santos,***
*16 **não cesso de dar graças por vós, fazendo menção de vós nas minhas orações,***
*17 **para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos conceda espírito de sabedoria e de revelação no pleno conhecimento dele,***
*18 **iluminados os olhos do vosso coração, para saberdes qual é a esperança do seu chamamento, qual a riqueza da glória da sua herança nos santos***
*19 **e qual a suprema grandeza do seu poder para com os que cremos, segundo a eficácia da força do seu poder;***
*20 **o qual exerceu ele em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos e fazendo-o sentar à sua direita nos lugares celestiais,***
*21 **acima de todo principado, e potestade, e poder, e domínio, e de todo nome que se possa referir, não só no presente século, mas também no vindouro.***

*Salmos 102: 12 **Tu, porém, SENHOR, permaneces para sempre, e a memória do teu nome, de geração em geração.***

Cristo morreu e ressuscitou dentre os mortos para que as pessoas pudessem se achegar a Ele para viverem a vida da Nova Criatura que Ele concede a elas mediante o seu Evangelho.

Cristo realizou uma obra em carne no mundo para que as pessoas possam conhecer a sua glória agora revelado tanto como Filho de Deus e como Filho do Homem que ressuscitou em vitória dentre os mortos para

que também vejam a glória da sua obra segundo o seu reinado a partir do céu sobre toda a criação.

*2 Coríntios 8: 9 **Pois conheceis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, se fez pobre por amor de vós, para que, pela sua pobreza, vos tornásseis ricos.***

*Efésios 2: 4 **Mas Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor com que nos amou,**
5 e estando nós mortos em nossos delitos, nos deu vida juntamente com Cristo, pela graça sois salvos,
6 e, juntamente com ele, nos ressuscitou, e nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus;
7 para mostrar, nos séculos vindouros, a suprema riqueza da sua graça, em bondade para conosco, em Cristo Jesus.*

A salvação pela fé de que Jesus é o Cristo que morreu na cruz do Calvário sem dúvida nenhuma é uma questão imprescindível para a libertação das pessoas da sujeição ao pecado. Entretanto, a fé no Cristo ressurreto e vivo tem um papel imprescindível para receber vida e vida abundante do vivo Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus Altíssimo, e que também administra a doação desta nova vida em todos os detalhes que são pertinentes a ela.

A vida em nome de Cristo não está em um suposto Jesus que morreu e permaneceu na morte, mas está no Senhor Jesus Cristo que ressuscitou e vivo está, e que, por isto, concede novidade de vida ou vida no espírito que exclusivamente Ele pode dar.

Quando o autor do livro de Hebreus descreve que Deus nos fala por meio do Seu Filho Jesus Cristo, ele o descreve após a ressurreição de Cristo, informando-nos que o Senhor Jesus, apesar de não atuar mais diretamente em carne no mundo, o faz incessantemente do lugar que lhe foi designado pelo Pai Celestial, conforme expomos mais uma vez a seguir:

*Hebreus 1: 1 **Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas,**
2 nestes últimos dias, nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o universo.
3 Ele, que é o resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser, sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder, depois de ter feito a purificação dos pecados, assentou-se à direita da Majestade, nas alturas,
4 tendo-se tornado tão superior aos anjos quanto herdou mais excelente nome do que eles.*

Portanto, o Evangelho da Glória de Deus e da Glória de Cristo nos foi concedido para mostrar qual é a base de todo o Evangelho também após a realização dos feito de Deus em Cristo enquanto Ele ainda estava em carne no mundo. Mostrando-nos também,

através desta faceta do Evangelho, que a sustentação de tudo o que foi conquistado e consumado na cruz do Calvário não se trata de uma vitória parcial onde o vitorioso alcança um somente uma vitória passageira ou que é atropelada por uma derrota que se apresenta mais à frente.

Através do Evangelho da Glória de Deus e da Glória de Cristo, o Senhor nos mostra, ensina e guia, conforme também já vimos anteriormente, para a condição que é chamada por Deus de “*mais que vencedores*”, para a condição em que somos tornados em vencedores que permanecem vencedores até o fim e que se mantém firmes na nova vida em Cristo por serem guardados e protegidos por Ele em todas as circunstâncias.

Através do Evangelho da Glória de Deus e da Glória de Cristo, podemos passar a descobrir e experimentar como Cristo se manifesta a nós para cumprir a sua promessa de estar conosco todos os dias até a consumação dos séculos, e isto, para sabermos que podemos ser guardados através do seu amor vivo e real a cada passo e a cada instante das nossas vidas.

*Romanos 8: 37 **Em todas estas coisas, porém, somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou.***

*38 **Porque eu estou bem certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas do presente, nem do porvir, nem os poderes,***

*39 **nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor.***

Somente quem tem e é fonte de vida eterna é também Aquele que pode concedê-la e multiplicá-la para aqueles que dela necessitam e que também a querem receber para sempre.

*1 João 5: 11 **E o testemunho é este: que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está no seu Filho.***

*12 **Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida.***

*13 **Estas coisas vos escrevi, a fim de saberdes que tendes a vida eterna, a vós outros que credes em o nome do Filho de Deus, e para que continueis a crer em o Nome do Filho de Deus.** (RA+NKJV)*

Se o Pai Celestial glorificou a Jesus, seu Filho Unigênito, antes da sua morte na cruz do calvário como o Filho do Homem, como Aquele que viera para morrer pelos pecados de toda a humanidade para oferecer a cada pessoa a justificação pela graça para a vida eterna mediante a fé no Senhor, quanto mais o Pai Celestial não exaltará ao Senhor Jesus Cristo depois que Ele realizou tão perfeitamente, e com plenitude de amor, a obra que lhe foi designada?

O Evangelho da Glória de Deus e da Glória de Cristo nos mostra que a glória do Pai Celestial, que estava em Cristo para conceder-lhe a força para que pudesse assumir os nossos pecados sobre si, passou a ter também uma expressão toda especial após a ressurreição do Senhor dentre os mortos, revelando o Senhor Jesus, agora também como Filho do Homem

ressurreto, em sua posição sobremodo elevada tanto diante de toda a humanidade como diante de todo o mundo espiritual.

A glória da obra que Deus realizou a nosso favor é, e sempre será, indescritivelmente e imensuravelmente valiosa, mas Deus nunca a fez com o intento de que ela estivesse dissociada do propósito para a qual Ele a realizou.

A glória que foi reservada para se manifestar após a glória da obra da cruz no Calvário e da ressurreição de Cristo é a glória referencial para a qual a obra da cruz foi realizada. Ela é a razão objetiva pela qual Cristo veio ao mundo como Filho do Homem.

Conforme já mencionamos várias vezes, a glória que Deus especificamente quer tornar evidente através do Evangelho da Glória, e qual o Senhor quer nos conceder para que, através dela, creiamos Nele e recebamos a novidade de vida eterna, é a glória do Cristo que morreu, mas que também ressuscitou em glória e vive para sempre para nos acolher e sustentar em cada uma das facetas ou virtudes que estão associados a tudo aquilo que compõe a glória eterna do Senhor.

*Efésios 3: 8 **A mim, o menor de todos os santos, me foi dada esta graça de pregar aos gentios o evangelho das insondáveis riquezas de Cristo***
*9 **e manifestar qual seja a dispensação do mistério, desde os séculos, oculto em Deus, que criou todas as coisas,***
*10 **para que, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus se torne conhecida, agora, dos principados e potestades nos lugares celestiais,***
*11 **segundo o eterno propósito que estabeleceu em Cristo Jesus, nosso Senhor,***
*12 **pelo qual temos ousadia e acesso com confiança, mediante a fé nele.***

D. A Glória de Deus na Face do Cristo através de Quem Deus Põe em Operação Tudo o que Ele Oferece no Seu Evangelho

Quando passamos a ver mais distintamente que a manifestação da glória de Cristo não cessou após a sua morte seguida da sua ressurreição, toda uma nova clareza de quem é Cristo no presente pode passar a ser vislumbrada, apreciada e recebida para o benefício daqueles que se expõem a estas facetas da glória do Senhor.

Quando as pessoas somente se atentam à obra passada de Cristo, a sua percepção pode ficar obstruída quanto àquilo que Cristo faz no presente. Entretanto, à medida que um indivíduo se dispõe a ser instruído pela glória presente de Cristo, ele poderá perceber que a glória do Senhor revela muito mais aspectos de quem Cristo é, do que Cristo faz, e também de como Cristo atua para que venhamos a conhecer a glória do Deus Eterno.

Saber que Cristo é a nossa justiça, salvação, graça, paz e poder é indiscutivelmente maravilhoso, mas em diversos sentidos, saber a glória de como Ele atua para ser o que Ele é para nós e em nós pode ser ainda mais prático e objetivo.

Contemplar o que Cristo é como fonte de vida, salvação, justiça e paz, por exemplo, é muitíssimo relevante para que o conheçamos e venhamos a crer Nele a fim de também sabermos que somente Nele estes atributos podem ser alcançados. Entretanto, ou por outro lado, também é necessário que a contemplação avance para o ponto em que aquilo que Cristo é e o que Ele que nos oferece sejam de fato acessados ou compartilhados conosco.

Uma dádiva precisa de um meio para ser entregue. Entretanto, ela também necessita de alguém que autorize e realize a operação deste meio para que a entrega de fato se concretize. Aspecto este, exposto nos estudos iniciais sobre o Evangelho de Deus a respeito deste essencialmente ser a apresentação, proposição e provisão de uma oferta de salvação e novidade de vida para todas as pessoas, seguida também de uma real concessão do que é oferecido aqueles que creem no Evangelho de Deus.

Portanto, Cristo é a essência das dádivas de Deus. Mas quando passamos a averiguar a glória do Cristo ressurreto mais de perto, também podemos passar a ver que Cristo é o meio e o principal operador para que a glória de Deus e as suas dádivas alcancem de fato as pessoas.

Cristo é o fundamento das dádivas do Evangelho, as próprias dádivas, mas também o meio para as dádivas nos serem entregues e Aquele que coordena toda a operação para que estas dádivas cheguem a nós como o Pai Celestial quer que elas nos sejam reveladas e entregues.

A faceta do Evangelho da Glória de Cristo também é parte da revelação Daquela por meio de quem a riqueza de Deus em sua glória seja operacionalizada para que possamos ter acesso a tudo aquilo que necessitamos conhecer e receber de Deus.

Filipenses 4: 19 **E o meu Deus, segundo a sua riqueza em glória, há de suprir, em Cristo Jesus, cada uma de vossas necessidades.**

Tudo o que há na glória de Deus ou é revelado por ela nos está disponível em Cristo, o qual pode pôr em funcionamento prático a operação de acesso aos atributos e dádivas de Deus a nosso favor.

Dizer que a glória de Deus pode ser conhecida essencialmente na face de Cristo, também é anunciar que Cristo é o mediador entre as pessoas e Deus, conforme veremos nos capítulos mais adiante. Porém, saber que Cristo é a expressão da glória de Deus e que ele é Aquele que operacionaliza as virtudes desta glória a nosso favor, também é saber que esta glória não precisa estar longe de nós.

Quando passamos a conhecer que Cristo é o *Emanuel*, que se interpreta como *Deus Conosco*, podemos saber que Cristo não é somente o Deus que visitou a Terra quando estava em carne no mundo ou que Ele tenha sido o *Deus conosco* por um período. O fato de Deus nos revelar que a glória de Cristo também contém a característica de *Emanuel*, nos apresenta a revelação de Deus de que Cristo não é uma revelação distante e longínqua se a pessoa também receber a Cristo para que Ele esteja com ela.

E não bastando o exposto nos parágrafos anteriores, ainda podemos ver, nas Escrituras, que a proximidade da revelação da glória de Deus em Cristo como o *Emanuel Eterno* não somente pode vir a se mostrar próxima a uma pessoa, mas também na própria pessoa que a recebe.

Deus está tão interessado em revelar e conceder a Si próprio a nós, porque isto também é imprescindível a nós, que Ele designou a Cristo para estar em nossos corações para que a esperança de conhecermos a glória de Deus não seja frustrada por nenhum fator externo que procurar se interpor entre nós e o conhecimento da glória de Deus.

Se Deus nos dá a conhecer a glória de Cristo, é porque Ele nos concede o próprio Cristo. E como Cristo é a expressão exata de glória de Deus, Deus dá e revela a si próprio a nós em Cristo, mas tudo isto, ainda, acrescido de Cristo vir a ser-nos concedido em nossos corações.

2 Coríntios 4: 6 **Porque Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo.**

Colossenses 1: 26 **O mistério que estivera oculto dos séculos e das gerações; agora, todavia, se manifestou aos seus santos; aos quais Deus quis dar a conhecer qual seja a riqueza da glória deste mistério entre os gentios, isto é, Cristo em vós, a esperança da glória.**

Assim, Cristo é a glória de Deus oferecida a nós para estar em nós e ser revelada de maneira crescente em nós.

Quando Cristo falou aos seus discípulos para não acreditarem nas pessoas que declarariam que Ele estaria no interior de uma casa (qualquer construção ou prédio), ou que Ele estaria no deserto (lugares retirados ou chamados lugares de retiro), Cristo o disse porque Ele sabia que o lugar proeminente da revelação da sua glória, após a sua ressurreição, não seria mais em templos externos feitos por mãos humanas, mas no coração restaurado das pessoas que receberem a salvação no Senhor.

- Mateus 24: 23* **Então, se alguém vos disser: Eis aqui o Cristo! Ou: Ei-lo ali! Não acrediteis;**
- 24 porque surgirão falsos cristos e falsos profetas operando grandes sinais e prodígios para enganar, se possível, os próprios eleitos.**
- 25 Vede que vo-lo tenho predito.**
- 26 Portanto, se vos disserem: Eis que ele está no deserto!, não saiais. Ou: Ei-lo no interior da casa!, não acrediteis.**

Devido ao desconhecimento da glória de como Deus operacionaliza a revelação da sua glória às pessoas e como Ele a revela em Cristo para que o seu Evangelho alcance os corações das pessoas, muitos têm multiplicado obras e ministérios contrários à Cristo apesar de dizerem que invocam o nome de Cristo sobre eles. E ainda muitos mais têm se sujeitado à ministérios que não vivem e andam de acordo com o que o Senhor estabeleceu para o conhecimento da sua glória.

As pessoas têm sofrido e até perecido não somente porque não conhecem ou ignoram a Deus, mas também porque não sabem ou não aceitam o local, a maneira e, principalmente, Aquele através de quem Deus determinou que a sua glória seja conhecida.

As pessoas têm corrido atrás de locais que são como cisternas de águas rotas, ou seja, locais inapropriados para conter a verdadeira água da vida, e ainda se admiram que a sede delas por novidade de vida e paz nunca é saciada satisfatoriamente.

Entretanto, quando as pessoas se atentam ao que Deus lhes oferece, creem na glória Daquele em quem Deus depositou a revelação da sua glória e creem que esta glória lhes é dada para ser revelada por Cristo diretamente em seus corações, elas também podem passar a experimentar o resultado da habitação da glória de Deus em seus corações.

- João 7: 38* **Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva.**
- 39 Isto ele disse com respeito ao Espírito que haviam de receber os que nele cressem; pois o Espírito até aquele momento não fora dado, porque Jesus não havia sido ainda glorificado.**

O Espírito do Senhor é quem faz fluir em nós os rios de água viva, mas somente depois que a fonte da água viva, Cristo Jesus, é conhecida e glorificada através do crer que Deus a concede para habitar no coração de todo aquele que reconhece a glória de Cristo como o Emanuel ou como o Deus Conosco.

Quando alguém crê em Cristo como as Escrituras dizem para ser crido, ou seja, que Ele é o Cristo que vem ao coração para revelar a nós a glória de Deus, Cristo também, através do Espírito Santo, começa a revelar as facetas ou aspectos da glória de Deus que uma pessoa necessita saber para também ser transformada de glória em glória no Senhor.

- João 12: 45* **E quem me vê a mim vê aquele que me enviou.**

Quando Cristo é aceito ou recebido como Senhor no coração para ser o realizador da revelação da glória de Deus também a partir deste coração e da comunhão pessoal com Ele, aquilo que da parte de Deus nos era necessário ver, compreender ou discernir, e que não podia ser alcançado, passa a ser exibido, revelado ou esclarecido.

Cristo não foi dado pelo Pai Celestial ao mundo para que algumas pessoas dependam de outras para conhecerem a glória de Deus. Cristo foi ofertado por Deus ao mundo para que todos possam vê-lo e possam se relacionar com Ele diretamente, assim como Jó anelava que lhe acontecesse e o que, por fim, também lhe foi concedido por Deus, conforme descrito abaixo:

*Jó 19: 25 **Porque eu sei que o meu Redentor vive e por fim se levantará sobre a terra.***

*26 **Depois, revestido este meu corpo da minha pele, em minha carne verei a Deus.***

*27 **Vê-lo-ei por mim mesmo, os meus olhos o verão, e não outros; de saudade me desfalece o coração dentro de mim.***

+

*Jó 42: 5 **Eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te veem.***

Se uma pessoa ainda não vê a Deus como poderia ver, é porque ela ainda não vê a Cristo como já poderia ver, pois é o próprio Cristo que ensina uma pessoa a vê-lo e a ver o Pai Celestial como também ela deveria conhecê-los.

Durante todo o presente material, procuraremos fazer uma exposição mais pormenorizada dos ministérios e ações que Cristo tem e realiza para conhecermos a sua glória e a glória de Deus. Entretanto, não gostaríamos de fazê-lo sem antes salientar que o conhecimento da glória de Deus está mais próximo das pessoas e mais acessível a elas do que muitas têm pensado que poderia estar.

*Isaías 57: 14 **Dir-se-á: Aterrai, aterrai, preparai o caminho, tirai os tropeços do caminho do meu povo.***

*15 **Porque assim diz o Alto, o Sublime, que habita a eternidade, o qual tem o nome de Santo: Habito no alto e santo lugar, mas habito também com o contrito e abatido de espírito, para vivificar o espírito dos abatidos e vivificar o coração dos contritos.***

*Efésios 3: 14 **Por esta causa, me ponho de joelhos diante do Pai,***

*15 **de quem toma o nome toda família, tanto no céu como sobre a terra,***

*16 **para que, segundo a riqueza da sua glória, vos conceda que sejais fortalecidos com poder, mediante o seu Espírito no homem interior;***

*17 **e, assim, habite Cristo no vosso coração, pela fé, estando vós arraigados e alicerçados em amor,***

*18 **a fim de poderdes compreender, com todos os santos, qual é a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade***

*19 **e conhecer o amor de Cristo, que excede todo entendimento, para que sejais tomados de toda a plenitude de Deus.***

E. A Glória de Deus na Face do Cristo que Vive para Sempre

Embora em um dos tópicos anteriores que abordam a glória presente de Cristo já tenha sido mencionado vários aspectos e textos que apontam para o fato de que Cristo é também o nosso Cristo vivo e eterno, apresentamos aqui um título específico para este ponto para destacá-lo de maneira ainda mais distinta.

Não gostaríamos de repetir o que já foi mencionado no tópico referenciado no parágrafo anterior, mas entendemos que ainda podemos complementar algumas considerações e textos sobre a posição do Senhor no que se refere à sua glória eterna.

Apesar da condição presente da glória de Cristo ser amplamente descrita nas Escrituras para que a possibilidade da comunhão com Ele igualmente esteja evidente, o fato de podermos saber que a condição da sua glória é eterna serve tanto para crermos ainda mais no Senhor e para nos rendermos ainda mais a Ele no presente, assim como também serve para que a nossa esperança de um futuro de vida e paz esteja firmemente estabelecida em nossos corações.

O Senhor Jesus Cristo nos guarda no presente, mas através da revelação da sua glória, Ele também nos fortalece na esperança para que não sejamos jamais abalados e abatidos pelo mundo presente que nos cerca ou pela nossa carne que tanto se opõe ao querer do Senhor quando especula sobre questões futuras e eternas.

Romanos 5: 1 Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo;

2 por intermédio de quem obtivemos igualmente acesso, pela fé, a esta graça na qual estamos firmes; e gloriamo-nos na esperança da glória de Deus.

3 E não somente isto, mas também nos gloriamos nas próprias tribulações, sabendo que a tribulação produz perseverança;

4 e a perseverança, experiência; e a experiência, esperança.

5 Ora, a esperança não confunde, porque o amor de Deus é derramado em nosso coração pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado.

2 Coríntios 1: 7 A nossa esperança a respeito de vós está firme, sabendo que, como sois participantes dos sofrimentos, assim o sereis da consolação.

Colossenses 1: 21 E a vós outros também que, outrora, éreis estranhos e inimigos no entendimento pelas vossas obras malignas,

22 agora, porém, vos reconciliou no corpo da sua carne, mediante a sua morte, para apresentar-vos perante ele santos, inculpáveis e irrepreensíveis,

23 se é que permanecéis na fé, alicerçados e firmes, não vos deixando afastar da esperança do evangelho que ouvistes e que foi pregado a toda criatura debaixo do céu, e do qual eu, Paulo, me tornei ministro.

Hebreus 6: 10 **Porque Deus não é injusto para ficar esquecido do vosso trabalho e do amor que evidenciastes para com o seu nome, pois servistes e ainda servis aos santos.**

11 Desejamos, porém, continue cada um de vós mostrando, até ao fim, a mesma diligência para a plena certeza da esperança;
12 para que não vos torneis indolentes, mas imitadores daqueles que, pela fé e pela longanimidade, herdaram as promessas.

Hebreus 10: 23 **Guardemos firme a confissão da esperança, sem vacilar, pois quem fez a promessa é fiel.**

Se a glória daquilo que Deus já fez por nós é nos concedida para iluminar o entendimento para que tenhamos fé na glória presente de Cristo, também a revelação da glória eterna de Cristo serve para que a nossa fé e esperança no Senhor permanece firmemente estabelecida em relação àquilo que nos há de ser revelado no dia de Cristo Jesus e partir do momento que deixarmos o nosso corpo natural.

Muitas pessoas que não conhecem a glória de Deus e de Cristo se angustiam em seu interior quando pensam em seus dias futuros após a vida na Terra. Entretanto, mediante o conhecimento da glória de Deus revelada em Cristo Jesus, as pessoas que o recebem podem ver que o mesmo Deus que as salvou continua firmemente sustentando tudo o que se propôs a fazer através do Seu Evangelho em Cristo Jesus, e concedendo ainda firme e inabalável esperança de que assim será também no porvir.

Quando as pessoas, através do Evangelho da Glória de Cristo, começam a conhecer onde Cristo está assentado depois da sua ressurreição e compreendem o que engloba esta posição, elas podem ver mais amplamente porque a graça e a misericórdia poderá alcançá-las e sustentá-las também na eternidade.

Enquanto os demais nomes compostos associados ao Evangelho também chamam intensamente a nossa atenção para aquilo que Cristo fez por nós para podermos receber as dádivas que estão relacionadas ao Evangelho celestial, a abordagem associada à glória de Deus e de Cristo procura enfatizar, prioritariamente, a condição que Cristo recebeu do Pai Celestial após a sua morte e ressurreição. E isto, para nos assegurar que todas as dádivas do Evangelho serão igualmente sustentadas eternamente a nosso favor para que a aflição não venha nos abater e para que, desde já, tenhamos paz continuamente no Senhor.

O Evangelho da Glória de Deus e da Glória de Cristo nos revela ainda mais amplamente o caminho para o conhecimento da glória de Deus, mostrando-nos, vez após vez ou incansavelmente, que a esperança específica de que toda a riqueza da glória de Deus sempre nos será suprida em tudo do que necessitarmos agora e eternamente também se chama especificamente Cristo, e ainda mais, Cristo em nós.

Ainda que ou quando o nosso corpo natural vier a ser extinto, a presença de Cristo em nós não se extinguirá jamais, pois é no coração, também constituído de alma e espírito eternos, que o Senhor faz a sua habitação.

O oferecimento do Evangelho da Glória de Deus e da glória de Cristo a nós, não é o oferecimento, da parte de Deus, somente de uma glória passageira ou temporal para uma vida mais agradável na Terra. Ele é a dádiva da glória eterna do Cristo vivo para sempre em nossas vidas se assim crermos e se recebermos a sua glória conforme ela nos é oferecida mediante o Evangelho do Senhor.

Juntamente com a informação de que Cristo, depois da sua morte e ressurreição, é a fonte de vida a nós revelada e que jamais finda para que também venhamos a crer nela, as Escrituras também nos mostram porque a condição eterna de Cristo nos é revelada e porque, em sua glória, igualmente nós temos a garantia de vida eterna.

O anúncio de que na glória de Cristo encontra-se revelada a condição de que Ele é Eterno igualmente significa afirmar que não há mais morte para Ele e nem morte eterna para quem Nele permanece, assim como ele coopera para que saibamos ainda mais firmemente que Cristo é o Único Fundamento da vida eterna ou que Ele é a própria vida eterna inabalável.

*Romanos 6: 8 Ora, se já morremos com Cristo, cremos que também com ele viveremos,
9 sabedores de que, havendo Cristo ressuscitado dentre os mortos, já não morre; a morte já não tem domínio sobre ele.*

*João 11: 25 Disse-lhe Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá;
26 e todo o que vive e crê em mim não morrerá, eternamente.
Crês isto?*

É a posição eterna de Cristo que torna ainda mais evidente a condição eterna do Evangelho e da eterna sustentação de tudo o que este Evangelho promete para a eternidade, assim como é através do conhecimento da glória de Cristo que o nosso coração é transformado a viver e andar fortalecido enquanto caminhamos no presente mundo rumo à eternidade com o Senhor.

*Apocalipse 21: 3 Então, ouvi grande voz vinda do trono, dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles.
4 E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram.
5 E aquele que está assentado no trono disse: Eis que faço novas todas as coisas. E acrescentou: Escreve, porque estas palavras são fiéis e verdadeiras.
6 Disse-me ainda: Tudo está feito. Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim. Eu, a quem tem sede, darei de graça da fonte da água da vida.
7 O vencedor herdará estas coisas, e eu lhe serei Deus, e ele me será filho.*

1Timóteo 1: 12 **Sou grato para com aquele que me fortaleceu, Cristo Jesus, nosso Senhor, que me considerou fiel, designando-me para o ministério,**

13 a mim, que, noutra tempo, era blasfemo, e perseguidor, e insolente. Mas obtive misericórdia, pois o fiz na ignorância, na incredulidade.

14 Transbordou, porém, a graça de nosso Senhor com a fé e o amor que há em Cristo Jesus.

15 Fiel é a palavra e digna de toda aceitação: que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal.

16 Mas, por esta mesma razão, me foi concedida misericórdia, para que, em mim, o principal, evidenciasse Jesus Cristo a sua completa longanimidade, e servisse eu de modelo a quantos não de crer nele para a vida eterna.

17 Assim, ao Rei eterno, imortal, invisível, Deus único, honra e glória pelos séculos dos séculos.
Amém!

Uma vez que Cristo é a exata expressão da glória do Único Deus Eterno, Cristo somente poderia ser esta expressão sendo também eterno.

E é em sua soberana e eterna condição que Cristo é digno de ser visto, recebido e adorado em nossos corações e servido eternamente.

Hebreus 13: 8 **Jesus Cristo, ontem e hoje, é o mesmo e o será para sempre.**

C12. A Glória Daquele em Quem Há Múltiplos Ministérios e que os Exerce Conjuntamente e em Plena Harmonia

No capítulo anterior, foi mencionado um tópico onde foi exposto que sobre o Senhor Jesus Cristo reside também a glória de ser Aquele que designa a operação da apresentação da glória de Deus às pessoas e que designa e atua para que as dádivas do Evangelho do Senhor se tornem experiências vivas e práticas naqueles que creem Nele e o recebem também segundo o seu Evangelho.

Além disso, para que algo possa ser colocado em prática, movimento ou operação, é necessário também que haja condições e ações para que aquilo que se almeja realizar seja concretizado.

Portanto, ver a Cristo sob a perspectiva Dele também ser Aquele que é designado por Deus para fazer toda regência do que nos é oferecido pelo Evangelho, descortina todo um novo horizonte em relação às múltiplas facetas do que está contido também na glória do próprio Cristo.

Considerando que Cristo é a salvação, também é necessário um salvador que realize a salvação.

Uma vez que Cristo é a paz, também é necessário que haja alguém que reparta a paz e estabeleça a paz.

Uma vez que Cristo é a nossa justiça, também é necessário que alguém estenda esta justiça àqueles que dela necessitam e a queiram receber.

E ainda, considerando que o contato crescente com a glória de Cristo, que expressa a glória de Deus, é o caminho determinado pelo Senhor para que sejamos transformados de glória em glória segundo o propósito do Pai Celestial, também é necessário que alguém nos manifeste esta glória de forma que possamos conhecê-la ou ter acesso a ela.

Conforme já comentamos anteriormente, uma dádiva necessita um meio para ser entregue, e um meio de entrega necessita de alguém que o utilize para realizar efetivamente a entrega, conectando assim a dádiva àquele a quem ela é destinada.

Saber que Deus tem ilimitada provisão de dádivas e que Ele as concede com abundância por meio da sua graça à todos os que recebem o seu Evangelho é de vital importância para uma pessoa estar devidamente informada sobre aquilo que há disponível para ela em Deus. Entretanto, é igualmente relevante que uma pessoa também saiba como o Senhor atua e por qual ministério (ou serviço) o Senhor faz com que estas dádivas cheguem àqueles que por elas anelam mediante a fé em Deus.

Assim, o Evangelho da Glória de Deus e da Glória de Cristo, além de evidenciar que Cristo é a essência das dádivas do Evangelho, nos revela também os ministérios que o Pai Celestial designou a Cristo após a sua ressurreição para que em tudo possamos ser supridos Naquele no qual somos chamados a viver para todo o sempre.

Por desconhecerem como o Senhor realiza de forma prática o compartilhamento de das dádivas do reino celestial ou por não se interessarem pelos ministérios através dos quais o Senhor distribui os dons que Ele oferece mediante o seu Evangelho, muitas pessoas deixam de se beneficiar daquilo que se encontra abundantemente em Deus e do que também tanto necessitam.

Quando as pessoas, por exemplo, não conhecem que Cristo é a luz que ilumina o próprio entendimento do Evangelho da Glória, elas também se restringem de enxergar o que já lhes está disponível em Deus.

Quando as pessoas não conhecem ou não aceitam a glória de Cristo como o Único Mediador entre Deus e todos os seres humanos, elas deixam de acessar aquilo que é o mais importante para as suas vidas, que é a comunhão com o seu Criador.

Quando as pessoas ignoram ou não aceitam a glória de Cristo como Aquele que as auxilia para que seja apartado de suas vidas aquilo que já não condiz com a sua nova posição e condição em Deus, elas também podem vir a não experimentar o estabelecimento da novidade de vida que lhes é oferecida livremente pela graça do Senhor.

Obviamente, é bom e imprescindível falar das dádivas de Deus a nós direcionadas, pois é através delas que o Senhor sustenta as nossas vidas. Entretanto, igualmente vitais são os serviços ou ministérios de Cristo pelos quais o Senhor realiza a disponibilização e o acesso a estas dádivas.

Se considerarmos, por exemplo, uma criança recém-nascida, podemos ver que aquilo que a sustenta com vida natural engloba as dádivas do oxigênio, da comida, da bebida, do vestuário e de eventuais remédios que necessita. Contudo, estas dádivas somente chegam a ela se alguém exercer serviços (ministérios) que façam com que estas dádivas sejam disponibilizadas à esta criança.

Assim, a partir do momento em que as pessoas passam a conhecer a glória de Cristo também em relação aos seus ministérios, através dos quais o Senhor realiza o compartilhamento das dádivas que Ele oferece a elas mediante o seu Evangelho, toda uma nova experimentação tangível das dádivas de Deus pode começar a se tornar realidade em suas vidas.

Nos capítulos anteriores, também mencionamos que os ministérios de Cristo aos quais estamos nos referindo neste estudo, não são somente os ministérios daquilo que Cristo fez por nós quando estava entre os seres humanos também como Filho do Homem, mas são os ministérios que Cristo exerce no presente a favor de todos aqueles que recebem o seu Evangelho e Nele creem para a salvação e para a novidade de vida no Senhor.

Cristo veio ao mundo trazer luz para que as pessoas conhecessem o Evangelho que do céu lhes é oferecido. Entretanto, Cristo continua tendo o ministério de luz no presente para que as pessoas vejam como é viver segundo este Evangelho.

Cristo veio em carne ao mundo para fazer a provisão de mediação para que, mesmo depois de terem sido escravizadas ao pecado, as pessoas pudessem ter o caminho de retorno a Deus. Entretanto, Cristo continua sendo o Mediador entre Deus e todas as pessoas também no tempo presente.

Cristo é Aquele que veio fazer a provisão para que aquilo que precisava ser afastado também fosse removido a fim de que a reconciliação das pessoas com Deus pudesse ser reestabelecida. Cristo veio como o Cordeiro para tirar o pecado do mundo. Entretanto, Cristo continua sendo o Cordeiro que foi morto e ressuscitou e que remove o pecado de cada coração que se rende a Ele, continuando a realizar o ministério do estabelecimento da reconciliação das pessoas com Deus em todas as gerações.

Conforme também já foi citado anteriormente, o fato das ações realizadas por Cristo na história passada serem extremamente preciosas e proeminentes jamais deveria

ofuscar a grandeza do que Cristo quer realizar a nosso favor e em nós no presente e no futuro, pois, afinal de contas, tudo o que Cristo fez no passado, Ele o fez para Ser o que necessitamos que Ele seja no presente e no futuro.

Portanto, e tendo apresentado na introdução deste capítulo mais uma vez alguns pontos essenciais sobre o conhecimento da glória dos ministérios ou serviços que encontram-se em Cristo a nosso favor, gostaríamos de avançar mais em alguns detalhes relacionados precisamente com esta multiplicidade de ministérios que Cristo apresenta no presente.

Quando as Escrituras, por exemplo, mencionam que Cristo também exerce a posição e a função de ser o meio ou o Mediador através do qual as dádivas de Deus podem ser concedidas para aqueles que creem no Evangelho do Senhor, esta posição e função são muito mais amplas do que possa vir a ser considerado somente por alguns pensamentos superficiais sobre este tema.

O fato do Pai Celestial ter designado a Cristo para múltiplos ministérios que possibilitam tornar a comunhão das pessoas com Deus em uma experiência prática, não significa que este relacionamento mais próximo das pessoas com Deus passou a estar disponível de qualquer maneira ou que ele possa ser realizado sob quaisquer condições às quais as pessoas escolherem se sujeitar.

Os múltiplos ministérios nos quais o Pai Celestial estabeleceu a Cristo atuam conforme eles são definidos por Deus para atuarem e não conforme as definições que as pessoas ou o mundo atribuem a eles.

Em seus múltiplos ministérios, Cristo não é somente um mensageiro entre Deus e as pessoas. Cristo não é um mero repassador de orações das pessoas a Deus e das respostas de Deus às pessoas. Cristo é um Mediador plenamente autorizado e capacitado para estabelecer a comunhão das pessoas com Deus e de Deus com as pessoas.

*João 17: 1 **Tendo Jesus falado estas coisas, levantou os olhos ao céu e disse: Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que o Filho te glorifique a ti,***
*2 **assim como lhe conferiste autoridade sobre toda a carne, a fim de que ele conceda a vida eterna a todos os que lhe deste.***
*3 **E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste.***

*Mateus 28: 18 **Jesus, aproximando-se, falou-lhes, dizendo: Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra.***

*1 João 5: 11 **E o testemunho é este: que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está no seu Filho.***
*12 **Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida.***

O Senhor Jesus Cristo não morreu na cruz do Calvário, foi sepultado, desceu as profundezas da Terra ou do abismo e, em seguida, ressuscitou dentre os mortos para servir como um caminho que permite as pessoas se achegarem a Deus com as mesmas condições e formas pelas quais elas tentavam se achegar a Deus antes de conhecerem a Cristo como o Senhor de suas vidas.

Quando as Escrituras nos ensinam que Cristo tem ou exerce múltiplos ministérios, elas também nos ensinam que Cristo é aquele que prepara e instrui as pessoas sobre como se achegarem a Deus para também serem aceitas diante do Pai Celestial.

João 15: 16 Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros e vos designei para que vades e deis fruto, e o vosso fruto permaneça; a fim de que tudo quanto pedirdes ao Pai em meu nome, ele vo-lo conceda.

Se, por exemplo, uma pessoa que está cheia de amargura ou rancor quer se achegar ao Pai Celestial para uma comunhão Ele, Cristo se oferece primeiro a esta pessoa para colocar luz sobre as suas condições interiores e a instrui a confessar os seus pecados diante de Deus para que ela, em seguida, possa estar sob uma condição de paz na comunhão com o Pai Celestial.

*Romanos 5: 1 Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo;
2 por intermédio de quem obtivemos igualmente acesso, pela fé, a esta graça na qual estamos firmes; e gloriamo-nos na esperança da glória de Deus.*

*1 João 2: 1 Filhinhos meus, estas coisas vos escrevo para que não pequeis. Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo;
2 e ele é a propiciação pelos nossos pecados e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro.*

Além disso, também no sentido da comunhão do Pai Celestial para com as pessoas, Cristo igualmente opera a favor daqueles a quem o Pai Celestial quer compartilhar a sua vontade.

Muitas vezes as pessoas perguntam a Deus o querer do Pai Celestial para as suas vidas sem de fato estarem devidamente preparadas em seus corações para receberem o conhecimento de algum aspecto particular da vontade de Deus para elas, necessitando, antes, da luz ou da atuação e direção de Cristo para prepará-las para estarem aptas a conhecerem, receberem e realizarem a vontade do Pai Celestial para elas.

Efésios 5: 14 Pelo que diz: Desperta, ó tu que dormes, levanta-te de entre os mortos, e Cristo te iluminará.

*15 Portanto, vede prudentemente como andais, não como néscios, e sim como sábios,
16 remindo o tempo, porque os dias são maus.*

17 Por esta razão, não vos torneis insensatos, mas procurai compreender qual a vontade do Senhor.

João 15: 15 Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas tenho-vos chamado amigos, porque tudo quanto ouvi de meu Pai vos tenho dado a conhecer.

Através da multiplicidade de ministérios de Cristo, podemos ver ainda mais acuradamente qual é a amplitude da glória da praticidade que o Pai Celestial atribuiu às intervenções do Senhor Jesus a nosso favor e como são realizadas as ações destas intervenções.

Conforme já mencionamos acima, a posição do Senhor Jesus Cristo é muito mais voltada ao apoio, instrução, sustentação e regência de vidas do que uma posição de simples mensageiro ou repassador das instruções do Pai Celestial àqueles com quem Deus quer falar ou daqueles que querem falar com o Senhor.

O Senhor Jesus Cristo, a quem foi dado todo o poder e autoridade tanto no Céu como na Terra, foi estabelecido pelo Pai Celestial para exercer a função de governo sobre tudo e sobre todos, exceto sobre o próprio Pai Celestial.

1Coríntios 15: 27 Porque todas as coisas sujeitou debaixo dos pés. E, quando diz que todas as coisas lhe estão sujeitas, certamente, exclui aquele que tudo lhe subordinou.

Apocalipse 19: 11 Vi o céu aberto, e eis um cavalo branco. O seu cavaleiro se chama Fiel e Verdadeiro e julga e peleja com justiça.

12 Os seus olhos são chama de fogo; na sua cabeça, há muitos diademas; tem um nome escrito que ninguém conhece, senão ele mesmo.

13 Está vestido com um manto tinto de sangue, e o seu nome se chama o Verbo de Deus;

14 e seguiam-no os exércitos que há no céu, montando cavalos brancos, com vestiduras de linho finíssimo, branco e puro.

15 Sai da sua boca uma espada afiada, para com ela ferir as nações; e ele mesmo as regerá com cetro de ferro e, pessoalmente, pisa o lagar do vinho do furor da ira do Deus Todo-Poderoso.

16 Tem no seu manto e na sua coxa um nome inscrito: REI DOS REIS E SENHOR DOS SENHORES.

Ainda outro aspecto interessante a ser observado também na diversidade de ministérios de Cristo é que os seus múltiplos ministérios atuam de forma conjunta e cooperativa entre si.

Em Cristo, cada um dos seus ministérios complementa e dá suporte aos seus outros ministérios, de tal forma que podemos ter, em Cristo, tudo o

que necessitamos para sermos estabelecidos na vida que do reino celestial é concedida à todos aqueles que recebem o Evangelho de Deus em seus corações.

Cristo não tem um ministério de intervenção parcial das dádivas que há no Pai Celestial para nós, e nem de uma intervenção parcial de apresentação das nossas necessidades perante Deus.

Como o Filho de Deus, como a exata expressão da glória de Deus e como Aquele em quem habita a plenitude de Deus, Cristo tem toda a autoridade e todos os ministérios necessários para fazer uma intervenção baseada em uma perfeita provisão para representar plenamente a Deus perante todos os seres humanos.

Por outro lado, como o perfeito Filho do Homem, sem pecado e como Aquele que realizou toda a provisão para justificar as pessoas perante Deus e perante a condenação do pecado e da lei, Cristo também tem todos os ministérios necessários para fazer uma perfeita intervenção de todos os seres humanos perante Deus.

*Hebreus 1: 3 **Ele, (Cristo), que é o resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser, sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder, depois de ter feito a purificação dos pecados, assentou-se à direita da Majestade, nas alturas,***
*4 **tendo-se tornado tão superior aos anjos quanto herdou mais excelente nome do que eles.***

*Hebreus 4: 13 **E não há criatura que não seja manifesta na sua presença; pelo contrário, todas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas.***
*14 **Tendo, pois, a Jesus, o Filho de Deus, como grande sumo sacerdote que penetrou os céus, conservemos firmes a nossa confissão.***
*15 **Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado.***

*João 12: 45 **E quem me vê a mim vê aquele que me enviou.***

*João 14: 9 **Disse-lhe Jesus: Filipe, há tanto tempo estou convosco, e não me tens conhecido? Quem me vê a mim vê o Pai; como dizes tu: Mostra-nos o Pai?***

Dissociada da compreensão da posição e dos ministérios de regência ou governo que Cristo tem sobre toda a criação e separada do entendimento da posição sacerdotal que Cristo tem a nosso favor diante do Pai Celestial, e a qual foi evidenciada ainda mais após a sua ressurreição, também a compreensão da posição de Cristo e da sua glória fica grandemente diminuída ou prejudicada.

Sem a compreensão de que em Cristo encontramos também Aquele que nos foi dado para ser o nosso Único Sumo Sacerdote e também para ser o nosso Rei dos Reis e

Senhor dos Senhores, o entendimento, de forma satisfatória, da posição Cristo e da sua glória torna-se muito mais difícil de ser alcançado.

Os atributos do Senhor Jesus Cristo formam um todo associado a Ele. E assim como o seu amor, graça e paz não podem ser dissociados da sua justiça e retidão, assim também a posição e a glória de Cristo não podem ser dissociadas dos ministérios de Sumo Sacerdote, Senhor e de Rei da Justiça e da Paz que também há em Cristo.

Quando uma pessoa opta por ter Cristo como o Senhor da sua vida para através Dele obter a salvação e novidade de vida em Deus, ela também opta por Cristo em todos os seus ministérios que podem atuar em seu favor.

Portanto, é na atuação conjunta e harmoniosa da diversidade de ministérios que há em Cristo, que o Senhor é plenamente capaz de salvar, guardar, instruir, guiar, suprir e estabelecer de acordo com a sua justiça ou de acordo com os seus retos, perfeitos e justos juízos a todos aqueles que Nele confiam.

*Jeremias 23: 5 **Eis que vêm dias, diz o SENHOR, em que levantarei a Davi um Renovo justo; e, rei que é, reinará, e agirá sabiamente, e executará o juízo e a justiça na terra.***

*Romanos 5: 17 **Se, pela ofensa de um e por meio de um só, reinou a morte, muito mais os que recebem a abundância da graça e o dom da justiça reinarão em vida por meio de um só, a saber, Jesus Cristo.***

...
*21 **a fim de que, como o pecado reinou pela morte, assim também reinasse a graça pela justiça para a vida eterna, mediante Jesus Cristo, nosso Senhor.***

Considerando o que o último texto acima descreve, se a graça reina através da justiça para a vida eterna, mediante o nosso Senhor Jesus Cristo, podemos ver que Cristo é Aquele por quem de fato a graça e a justiça reinam, mostrando-nos, implicitamente, que Cristo é o Rei da justiça e da graça, e através de quem a graça, a justiça e o juízo são manifestos justamente.

Quando as pessoas carecem da compreensão da glória de Cristo a respeito da multiplicidade de seus ministérios, como estes ministérios se complementam entre si e sobre aquilo que pode lhes ser dado somente em Cristo, elas correm o risco de tentarem suprir aquilo precisam através de meios e ministérios que de fato não suprirão o que elas necessitam.

Quando as pessoas não atentam à multiplicidade de ministérios presentes no Senhor Jesus Cristo, elas ficam sob o risco de não perceberem que é somente através dos seus múltiplos ministérios que Cristo sustenta aqueles que Nele creem e provê aquilo que estes necessitam receber de Deus em sua condição de novas criaturas em Cristo.

Assim, ter os olhos do entendimento dispostos a ver a glória de Cristo engloba também ter a disposição de querer ver associado a Cristo tudo aquilo que a glória do Senhor quer nos mostrar, e não somente o que as pessoas pensam que precisam ver.

Quando as pessoas focam sua atenção somente na glória das dádivas que o Senhor pode dar a elas, sem focarem a atenção também nos múltiplos ministérios de Cristo, através dos quais o Senhor concede estas dádivas, as pessoas não percebem que as dádivas não são dissociáveis do seu Doador e nem dos ministérios mediante os quais elas são concedidas.

Somente Aquele por meio de Quem tudo foi criado é apto para exercer a regência de toda a criação e a mediação desta criação com o seu Criador e com as dádivas que Dele advém.

Corrigir o foco para também almejar ver mais de perto os ministérios de Cristo, portanto, conforme já citamos anteriormente, exige uma dedicação maior do que ficar somente na posição de mero espectador ou recebedor de dádivas, pois também é para ver a Glória de Cristo em suas múltiplas facetas que Deus nos chamou em sua salvação a nós oferecida.

É também para ver a sua glória, na face de Cristo, que Deus nos concedeu e concede a salvação que desceu dos céus para nos reconciliar com o Senhor para uma eterna comunhão com Ele.

Conhecer os ministérios através dos quais Cristo nos estende as dádivas de Deus e como Ele exerce cada um dos seus ministérios não é, em nada, menos significativo do que conhecer sobre as próprias dádivas eternas que Deus designou para aqueles que Nele creem segundo a sua graça e justiça.

Assim, e com o objetivo de cooperar na correção do foco em relação à percepção da glória do Senhor, para também crescermos no conhecimento da glória de seus múltiplos ministérios no tempo presente e como estes ministérios operam conjuntamente, é que procuraremos continuar expondo, nos próximos capítulos, alguns dos principais pontos destes diversos ministérios de Cristo, os quais, apesar de estarem amplamente apresentados nas Escrituras concedidas a nós por Deus, são ainda por demais desconhecidos até por muitos que se dizem ser seguidores de Cristo.

Através dos ministérios que Deus já de antemão profetizou que estariam atuantes em Cristo após a sua morte e ressurreição, o Pai Celestial disponibilizou a nosso favor Aquele que é plenamente poderoso e apto para realizar o que reis e sacerdotes tentaram conciliar ou combinar por séculos sem, contudo, alcançarem êxito em seus intentos.

*Zacarias 6: 13 **Ele mesmo edificará o templo do SENHOR, e levará a glória, e assentar-se-á, e dominará no seu trono, e será sacerdote no seu trono, e conselho de paz haverá entre ambos.***

+

*2 Coríntios 6: 16 (b) **Porque vós sois o templo do Deus vivente, como Deus disse: Neles habitarei e entre eles andarei; e eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo.** (RC)*

Através de Cristo no coração daqueles que o recebem, Deus habita nos seus filhos, anda entre eles, é o Deus deles e eles são o povo do Senhor. Entretanto, é através da intervenção dos múltiplos ministérios de Cristo, suportada pela diversidade e operação conjunta de seus ministérios, que a habitação de Deus e o andar de Deus, junto aos

Seus filhos, se torna real e se constitui em uma experiência verdadeira e plenamente satisfatória.

Cristo, na vida dos cristãos, é a real esperança para que a glória do Senhor possa vir a ser conhecida por eles. Entretanto, é através da glória que há nos múltiplos ministérios de Cristo que a esperança se concretiza em experiências vivas e práticas no dia-a-dia daqueles que depositam a sua confiança no Senhor Jesus e nos ministérios a Ele atribuídos pelo Pai Celestial.

Somente Cristo, o único que tem a posição e o ministério de Salvador e Sumo Sacerdote Eterno, segundo a Ordem de Melquisedeque, e que também é Senhor, Rei e Cabeça sobre toda a criação, é Aquele que pode tratar com justiça e paz tanto aquilo que as pessoas apresentam a Deus como aquilo que Deus apresenta para a vida de cada pessoa.

Hebreus 5: 6 Como também diz noutra lugar: Tu és sacerdote eternamente, segundo a ordem de Melquisedeque.

7 O qual, nos dias da sua carne, oferecendo, com grande clamor e lágrimas, orações e súplicas ao que o podia livrar da morte, foi ouvido quanto ao que temia.

8 Ainda que era Filho, aprendeu a obediência, por aquilo que padeceu.

9 E, sendo ele consumado, veio a ser a causa de eterna salvação para todos os que lhe obedecem,

10 chamado por Deus sumo sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque. (RC)

Diante do conhecimento de que Cristo é a essência da expressão de toda a vida provinda de Deus e do reino dos céus a nosso favor, não deveríamos ser simplistas de nos atermos somente ao aspecto genérico ou impessoal deste conhecimento. Pelo contrário, deveríamos atentar ao chamado para avançarmos na compreensão mais detalhada desta preciosíssima dádiva que de Deus nos é oferecida e concedida se recebida mediante a fé em Deus.

Através da comunhão com Cristo, expressa também pela comunhão com “o Pão que desce do céu” para nos alimentar, instruir e fortalecer, somos chamados a conhecer também os ministérios através dos quais o Senhor reparte a sua vida conosco para que tenhamos os olhos do nosso coração abertos ou iluminados para reconhecer cada vez mais os aspectos da eterna glória do Senhor e que Nele estão para atuarem em nosso favor.

Lucas 24: 30 E aconteceu que, quando estavam à mesa, tomando ele o pão, abençoou-o e, tendo-o partido, lhes deu;

31 (a) então, se lhes abriram os olhos, e o reconheceram.

C13. A Glória da Luz do Evangelho da Glória

Ao começar a ver mais de perto o tema sobre o Evangelho da Glória de Deus e da Glória de Cristo, procuramos expor, nos capítulos anteriores, que esta faceta do Evangelho nos é dada, entre outros pontos, para:

- ⇒ 1) Enaltecer o sobremodo excelente propósito do Senhor associado ao seu o Evangelho, o qual é que conheçamos a Deus de uma forma mais ampla e pessoal por meio da revelação de quem é Cristo;
- ⇒ 2) Enaltecer a novidade de vida ou vida eterna que que provém Daquele que “já consumou” tudo o que era necessário ser realizado para que esta novidade de vida pudesse ser ofertada a todos os seres humanos mediante a graça celestial;
- ⇒ 3) Enaltecer ao Senhor Jesus Cristo como Aquele que sustenta o que já foi consumado e que sustenta a vida eterna que provém Dele;
- ⇒ 4) Enaltecer o ponto de que é através dos seus múltiplos ministérios exercidos em sua posição ao lado do Pai Celeste, e evidenciados após a sua crucificação, morte, sepultamento e ressurreição, que o Senhor Jesus Cristo atua para que cada uma das dádivas que necessitamos, segundo o seu Evangelho, também passe a ser uma realidade ou uma experiência viva em nós.

Entretanto, e considerando que o conhecimento da glória de Cristo e o relacionamento com ela é tão crucial para o avanço ou crescimento na novidade de vida concedida por Deus, por que, então, um número tão elevado de pessoas, inclusive muitas que buscam intensamente conhecê-la, conhecem tão pouco sobre a glória do Senhor Jesus Cristo em sua condição presente e exaltada por Deus sobre tudo e sobre todos, exceto sobre o próprio Pai Celestial que tudo lhe outorgou?

Para que possamos analisar uma resposta mais ampla e, ao mesmo tempo, mais precisa à pergunta do parágrafo anterior, gostaríamos de relembrar abaixo o texto que está sendo adotado neste estudo como base para a referência ao Evangelho da Glória de Deus e da Glória de Cristo:

- 2 Coríntios 4: 3 **Mas, se o nosso evangelho ainda está encoberto, é para os que se perdem que está encoberto,***
- 4 **nos quais o deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus.***
- 5 **Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor e a nós mesmos como vossos servos, por amor de Jesus.***
- 6 **Porque Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo.***

Se alguém for precipitado em analisar o último texto exposto acima, poderá, através de uma análise superficial dele, chegar a uma conclusão equivocada de que o motivo pelo qual as pessoas não veem o Evangelho também como o Evangelho da Glória de Cristo e da Glória de Deus é a cegueira que o diabo causa nas pessoas.

Embora o texto acima declare que o deus deste século, chamado também como o príncipe das trevas, produza cegueira em muitas pessoas, o texto não declara que esta ação é realizada indistintamente sobre todas as pessoas e nem declara que esta ação é realizada independentemente da postura que as pessoas adotam em suas vidas.

O texto em referência deve ser visto com grande ou especial atenção para que ninguém incorra no pensamento de que o diabo tem poder para cegar o entendimento de qualquer um que ele almeje cegar.

Dita a consideração do parágrafo anterior sobre o último texto em referência, podemos observar que os versos em questão nos mostram que **o motivo pelo qual as pessoas não veem o que há no Evangelho da Glória do Senhor, é a falta de acesso que elas têm à luz do próprio do Evangelho da Glória, e que esta falta de luz, por sua vez, lhes é imputada pelo diabo por causa da incredulidade que as próprias pessoas adotam em seus corações.**

Se olhássemos o texto em referência sob o prisma de várias camadas, poderíamos talvez, como exemplo, dizer que a cegueira causada pelo chamado deus deste século é a camada mais externa e superficial dos motivos que impedem as pessoas de verem o Evangelho da Glória do Senhor como deveriam vê-lo. Entretanto, onde a falta de acesso à luz do próprio Evangelho da Glória, causada pela incredulidade das pessoas, é a causa mais profunda para que elas não venham a se relacionar com a glória do Evangelho como o Senhor intenta que elas o façam.

Em outras palavras, talvez poderíamos dizer que o Evangelho da Glória de Cristo e da Glória de Deus permanece encoberto para muitas pessoas porque a luz para vê-lo não lhes resplandece. Entretanto, esta luz não lhes resplandece porque o deus deste século se interpõe para que não vejam a luz, usando, para isto, a incredulidade das pessoas para poder se interpor entre os incrédulos e a luz do Evangelho da Glória.

A compreensão do texto ao qual estamos nos reportando é particularmente desafiadora, pois ele faz referência às atuações distintas de três partes também distintas, a saber:

- ⇒ 1ª parte distinta: Relaciona-se ao posicionamento de fé ou de incredulidade de cada pessoa.
- ⇒ 2ª parte distinta: Relaciona-se à atuação do deus deste século sobre as pessoas que se posicionam com incredulidade em relação ao que lhes é oferecido pelo Senhor.
- ⇒ 3ª parte distinta: Relaciona-se à atuação da luz do Evangelho da Glória do Senhor em relação às pessoas que creem e recebem o que Deus oferece a elas através do seu Evangelho.

Por mais que o texto em referência mencione o que o deus deste século intenta fazer em relação àqueles que se posicionam como incrédulos e por mais que Deus queira que a luz do Evangelho da Glória seja concedida aos creem Nele para compreenderem de forma mais ampla e precisa o que lhes é oferecido neste mesmo Evangelho, é a atuação da parte que cabe aos seres humanos realizarem que define a atuação das outras partes no que se refere à cegueira em relação à luz do Evangelho da Glória ou relação ao conhecimento desta luz.

A compreensão do texto em referência é desafiadora, pois o texto nos mostra uma sucessão de fatos que podem advir do posicionamento que uma pessoa adota no coração. O texto em questão nos mostra que o posicionamento que uma pessoa adota em relação àquilo que Deus intenta que ela creia, também define aquilo que se segue em relação à respectiva opção de fé ou incredulidade feita por uma pessoa.

Se uma pessoa passa a crer naquilo que o Senhor quer que ela inicialmente creia, a consequência desta atitude a leva a ver a **luz** do Evangelho da Glória, que, por sua vez, ilumina o entendimento desta pessoa para continuar crescendo no conhecimento do Evangelho da Glória de Deus e da Glória de Cristo.

Se, porém, uma pessoa se posicionar em incredulidade para com aquilo que o Senhor intenta que ela creia primeiramente, a consequência desta descrença leva esta pessoa ao encontro com a cegueira de entendimento para que não lhe resplandeça a **luz** do Evangelho da Glória.

A luz do Evangelho da Glória é o que permite uma pessoa ver mais amplamente o que há nele. Entretanto, se uma pessoa não crê naquilo que ela é chamada a crer inicialmente sobre o Evangelho, a luz do Evangelho que permite conhecer mais sobre ele também pode lhe ser obstruída.

Para que uma pessoa possa ver mais precisamente ou mais detalhadamente o que há no Evangelho, ela precisa aceitar primeiramente o Evangelho segundo aquilo que lhe é oferecido inicialmente para crer neste Evangelho.

Quando, por exemplo, uma pessoa compra uma luminária para usá-la para ter luz em algum lugar específico da sua casa, ela não pode ter a luz desta luminária na sua casa se ela também não levar a luminária para a sua residência.

Similarmente, a **luz** do Evangelho da Glória também é parte do Evangelho que é concedido àqueles que recebem o Evangelho primeiramente em seus pontos básicos. E este é um dos principais aspectos porque as pessoas encontram tanta dificuldade para compreender mais sobre o Evangelho da Glória do Senhor.

Muitas pessoas no mundo, inclusive muitos estudiosos, e até muitos estudiosos que também se denominam cristãos, têm buscado conhecer a glória de Cristo e de Deus sem fazerem uso da **luz** que o Senhor lhes oferece. Pelo fato de não crerem de fato naquilo que Deus já lhes apresentou sobre o seu Evangelho, eles têm se distanciado muito da simplicidade que há em Cristo e no amor de Deus, ficando, assim, também sujeitos a serem cegados pelo príncipe deste mundo a respeito das imensuráveis características da glória de Deus e do seu Evangelho.

Se uma pessoa não tem acesso à luz do Evangelho da Glória de Cristo e da glória de Deus, ela na realidade não tem um amplo ou verdadeiro acesso a este Evangelho, mas somente tem acesso a um conjunto de letras e palavras sobre o Evangelho e não à verdadeira vida que há nele.

Sem a luz do Evangelho, uma pessoa está inapta a distinguir “a letra que mata” do “Espírito que vivifica”, conforme exposto mais detalhadamente no tema Letra ou Vida da primeira série de estudos do Ensino Sistemático sobre a Vida Cristã.

*João 5: 39 **Examinai as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de mim.***

*40 **Contudo, não quereis vir a mim para terdes vida.***

Para que uma pessoa possa ter a **luz** que a ilumina para o conhecimento do Evangelho da Glória do Senhor, ela precisa primeiro ter recebido esta **luz** em sua vida.

Portanto, a **luz** do Evangelho da Glória de Cristo e, por consequência, da Glória de Deus que precisa ser recebida para que um indivíduo possa ver mais amplamente o próprio Evangelho da Glória de Cristo e da Glória de Deus, por sua vez, é o próprio Senhor Jesus Cristo, o qual também é a essência de todo Evangelho que nos é oferecido por Deus mediante a sua graça.

*João 8: 12 **De novo, lhes falava Jesus, dizendo: Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andará nas trevas; pelo contrário, terá a luz da vida.***

Cristo é **a luz do mundo**, a **luz** enviada por Deus a fim de resplandecer a sua glória no coração das pessoas que estavam na região e sombra da morte.

Cristo é a **luz** enviada do céu ao mundo para as pessoas através Dele poderem se reconciliar com o seu Criador, mas Ele também é **a luz da vida** de Deus que uma pessoa somente pode encontrar no próprio Cristo.

*Mateus 4: 16 **O povo que jazia em trevas viu grande luz, e aos que viviam na região e sombra da morte resplandeceu-lhes a luz.***

*João 1: 4 **A vida estava nele e a vida era a luz dos homens.**
5 **A luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela.***

À parte de Cristo, as pessoas ficam privadas de ver e alcançar a vida que está no Evangelho oferecido pelo Senhor, pois carecem da verdadeira e única fonte de **luz** que pode fazê-las ver o que lhes é oferecido por Deus mediante a graça e pela fé nesta graça.

Deus estabeleceu revelar a glória da sua salvação exclusivamente em Cristo Jesus, seu Filho Unigênito ou o Filho do Seu Amor. Mas é também somente em Cristo Jesus que Deus estabeleceu que os demais aspectos da sua glória revelada em seu Evangelho sejam conhecidos por aqueles que recebem esta salvação.

É na “face de Cristo”, é no olhar para Cristo, através da comunhão pessoal com Ele, que nos é revelada a **luz** que nos é concedida a partir do reino dos céus para que continuemos a conhecer a glória de Deus que tanto necessitamos para continuar crescendo segundo esta mesma glória.

*2 Coríntios 4: 6 **Porque Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo.***

Cristo é o nome sobre todo nome, a palavra viva eternamente, a novidade de vida e a **luz eterna** através da qual Deus estabeleceu que a sua glória seja mais amplamente revelada.

Salmos 115: 1 Não a nós, SENHOR, não a nós, mas ao teu nome dá glória, por amor da tua misericórdia e da tua fidelidade.

*Filipenses 2: 9 Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome,
10 para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra,
11 e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai.*

*João 6: 68 Respondeu-lhe Simão Pedro: Senhor, para quem iremos? Tu tens as palavras da vida eterna;
69 e nós temos crido e conhecido que tu és o Santo de Deus.*

Cristo é a expressão da beleza e da santidade de Deus.

Salmos 29: 2 Tributai ao SENHOR a glória devida ao seu nome, adorai o SENHOR na beleza da santidade.

Cristo não declarou que Ele é uma **luz** a mais no mundo ou que Ele é mais uma **luz** para a vida. Cristo declarou que Ele é “**α**” **luz** do mundo e “**α**” **luz** da vida, informando-nos que se uma pessoa rejeitar a Cristo, ela também rejeita a única **luz** para conhecer mais sobre a glória do próprio Cristo e de Deus em quem está toda a vida segundo o querer do reino dos céus.

Portanto, antes de avançar sobre o papel de Cristo como a **luz** de um cristão, é imprescindível que as pessoas compreendam que elas necessitam ter Cristo como Senhor em seus corações para, então, terem a **luz** de Cristo para iluminá-las em como poderão viver e andar na novidade de vida ou vida eterna que lhes é oferecida no Senhor.

Quando as Escrituras nos mostram que Cristo é a **luz** do Evangelho da sua glória e da glória do Pai Celestial, elas também nos informam que aquilo que está no seu Evangelho somente pode ser visto mais amplamente através da presença do Senhorio de Cristo junto àquele que quer conhecer mais este Evangelho.

A obra de Deus que permite uma pessoa receber a **luz da vida** para ver os demais aspectos da glória de Cristo e da glória de Deus, a fim de ser guiado pelo Senhor em conformidade com esta glória, é, e sempre será, a mesma, conforme exposto nos textos abaixo:

*João 6: 28 **Dirigiram-se, pois, a ele, perguntando: Que faremos para realizar as obras de Deus?***
 29 **Respondeu-lhes Jesus: A obra de Deus é esta: que creiais naquele que por ele foi enviado.**

*Romanos 10: 13 **Porque: Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.***

*João 1: 11 **Veio para o que era seu, e os seus não o receberam.***
 12 **Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no seu nome;**
 13 **os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus.**

Como a **luz** que ilumina os demais aspectos do Evangelho da sua glória e da glória de Deus, ou como a **luz da vida eterna**, Cristo é uma dádiva de Deus para aqueles que, primeiramente, o recebem como a **luz** do mundo ou para aqueles que o recebem primeiramente como o Senhor das suas vidas.

O Pai Celestial revelou a sua glória em Cristo na cruz do calvário e na ressurreição de Cristo para que, através de Cristo, as pessoas passem a viver segundo a glória que de antemão já lhes estava reservada no Senhor Eterno, pois o próprio **Deus disse: Das trevas resplandecerá a luz, ... para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo.**

A glória que estava sobre Cristo para que Ele fosse apresentado como o Cordeiro perfeito que tira o pecado do mundo, também é a glória que brilhou diante da escuridão da morte para iluminar aqueles que creem na glória salvadora do Senhor. E isto, para que estes venham a ter a **luz** também para o conhecimento da glória eterna que há em Deus, revelada na face de Cristo.

Quando uma pessoa crê na glória de Cristo como o Salvador e Senhor da sua vida pessoal, recebe a Cristo em seu coração desta maneira, e mantém comunhão com o seu Senhor, ela também recebe a glória de Cristo como a **luz** para viver e andar em novidade de vida no presente e na eternidade.

Quando uma pessoa recebe a Cristo como Senhor, ela também recebe a Ele como a **luz** que ilumina o entendimento do fato de que nos demais aspectos da glória de Cristo encontram-se a plenitude de virtudes que são necessárias para que a sua vida seja guardada e sustentada no presente e para sempre no Senhor.

E, por sua vez, quando um cristão reconhece a Cristo como Senhor e recebe a **iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo**, toda uma nova percepção sobre Deus, sobre Cristo e sobre como o Senhor quer ensiná-lo e conduzi-lo em todas as áreas da sua vida pode vir a se descortinar diante deste cristão.

Reconhecer e receber a Cristo como Senhor e como a verdadeira luz para a vida pessoal diária em Deus é o caminho para crescer no

conhecimento dos demais atributos de Deus e de Cristo, pois Deus estabeleceu o próprio Cristo para, através do Espírito Santo, nos ensinar sobre como podemos nos relacionar com o Espírito do Senhor, com Cristo e com o Pai Celestial.

Efésios 3: 16 ... para que, segundo a riqueza da sua glória, vos conceda que sejais fortalecidos com poder, mediante o seu Espírito no homem interior;

17 e, assim, habite Cristo no vosso coração, pela fé, estando vós arraigados e alicerçados em amor,

18 a fim de poderdes compreender, com todos os santos, qual é a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade

19 e conhecer o amor de Cristo, que excede todo entendimento, para que sejais tomados de toda a plenitude de Deus.

Quando alguém recebe a Cristo como o Senhor, a luz do Senhor está disposta a brilhar no coração deste indivíduo para que também veja como Cristo pode estar com ele continuamente e como Cristo pode operar nele a esperança e a fé que é de acordo com a vontade do Pai Celestial.

Depois que uma pessoa tem a Cristo como seu Senhor e a sua luz, Cristo continua a mostrar mais amplamente a ela quem Ele é nos seus mais diversos atributos e funções. E isto, para que ela também confie mais em Cristo no sentido de permitir que o Senhor opere aquilo que ela necessita que Deus realize nela e favor de sua vida.

Independentemente se uma pessoa a busca ou não, em Cristo está e sempre estará toda a glória que um ser humano precisa conhecer para obter uma vida segundo a fé e esperança em Deus. Entretanto, quando alguém busca a Cristo para Ele ser o Senhor da sua vida, Deus lhe concede a salvação eterna e também a luz para que possa ver a glória eterna do Senhor que nos é revelada pelo Evangelho da sua Glória.

Quando olhamos o Evangelho da Glória pelo ângulo da glória do Senhorio e da luz de Cristo, vemos explicitado mais uma vez porque Paulo pregava tanto a Cristo como o Senhor, pois é pelo reconhecimento de que Cristo é o Senhor que uma pessoa é salva, mas também porque é através deste reconhecimento que olhos do entendimento desta pessoa são mantidos iluminados pelo Senhor da Glória.

*Romanos 10: 13 **Porque: Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.***

*2 Coríntios 4: 3 **Mas, se o nosso evangelho ainda está encoberto, é para os que se perdem que está encoberto,***

*4 **nos quais o deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus.***

*5 **Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor e a nós mesmos como vossos servos, por amor de Jesus.***

6 Porque Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo.

Quando alguém se levanta dentre aqueles que são considerados como mortos em suas ofensas e pecados, e clama pessoalmente e diretamente a Cristo para Ele ser o Senhor da sua vida, Cristo é poderoso para salvá-lo e, ainda, para fazer brilhar a **luz** do reino de Deus inclusive diante das mais densas trevas que tentarem se opor ao brilhar desta **luz** no coração daquele que clama ao Senhor.

Efésios 5: 6 Ninguém vos engane com palavras vãs; porque, por essas coisas, vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência.

7 Portanto, não sejais participantes com eles.

8 Pois, outrora, éreis trevas, porém, agora, sois luz no Senhor; andai como filhos da luz

9 (porque o fruto da luz consiste em toda bondade, e justiça, e verdade),

10 provando sempre o que é agradável ao Senhor.

11 E não sejais cúmplices nas obras infrutíferas das trevas; antes, porém, reprovai-as.

12 Porque o que eles fazem em oculto, o só referir é vergonha.

13 Mas todas as coisas, quando reprovadas pela luz, se tornam manifestas; porque tudo que se manifesta é luz.

14 Pelo que diz: Desperta, ó tu que dormes, levanta-te de entre os mortos, e Cristo te iluminará.

A **luz** na qual um cristão é chamado para andar depois que realizou a obra de crer em Cristo e recebê-lo em seu coração é o próprio Senhor Jesus Cristo a quem ele recebeu. E é na comunhão do cristão com o Senhor que Cristo o ilumina tanto em relação ao que lhe é bom fazer a cada novo dia como àquilo do qual é melhor se abster para o seu benefício.

A compreensão mais ampla do Evangelho da Glória de Cristo e da Glória de Deus passa, obrigatoriamente, pela **luz** deste Evangelho. Entretanto, a iluminação que esta **luz** concede é alcançada pela comunhão com Aquele que é a fonte de toda a **luz** para a vida eterna.

Conforme já mencionado acima, se uma pessoa rejeitar a Cristo e o Seu Senhorio, ela também despreza a **luz** para a sua vida, assim como se uma pessoa refutar a **luz** que do céu lhe é oferecida, ela também rejeita a Cristo, pois Cristo e a sua **luz** são inseparáveis.

João 3: 19 O julgamento é este: que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram más.

20 Pois todo aquele que pratica o mal aborrece a luz e não se chega para a luz, a fim de não serem reprovadas as suas obras.

21 Quem pratica a verdade aproxima-se da luz, a fim de que as suas obras sejam manifestas, porque são feitas em Deus.

Muitos são os livros que há mundo sobre a vida cristã, muitos são os livros que há, inclusive, a respeito do Evangelho, como, por exemplo, o presente estudo. Entretanto, **o viver e o andar pessoal segundo a vontade de Deus está diretamente associado a uma pessoa crer no Senhor, manter a comunhão com Cristo e permanecer sob a luz para compreender as demais facetas do Evangelho da Glória de Cristo e da Glória de Deus, pois é através destas demais facetas da sua glória, que o Senhor guia a cada cristão no caminho que lhe é benéfico para o presente e para a eternidade.**

Sem receber a Cristo no coração mediante a fé ou sem a comunhão com Cristo, também como a **luz** do seu Evangelho, as pessoas podem ler, escrever e até pregar sobre o Evangelho e ainda assim permanecerem sem entendimento da glória de Cristo e de Deus que nos é anunciada e oferecida por seu intermédio.

Sem a fé em Cristo, no sentido de reconhecerem a Cristo como o Senhor em seus corações, as pessoas se privam da **luz de Deus**. E, por sua vez, dissociados da **luz eterna**, as pessoas ouvem, mas não compreendem, tem olhos, mas não veem o que Deus já lhes tem oferecido diante dos seus olhos.

Não crer em Cristo e na sua posição de Senhor Eterno é igual a colocar-se em uma condição de incredulidade, e mediante a qual o diabo procura atuar para cegar o entendimento das pessoas para que também não vejam os demais aspectos da glória de Cristo e da glória de Deus.

*João 5: 36 **Mas eu tenho maior testemunho do que o de João; porque as obras que o Pai me confiou para que eu as realizasse, essas que eu faço testemunham a meu respeito de que o Pai me enviou.***
*37 **O Pai, que me enviou, esse mesmo é que tem dado testemunho de mim. Jamais tendes ouvido a sua voz, nem visto a sua forma.***
*38 **Também não tendes a sua palavra permanente em vós, porque não credes naquele a quem ele enviou.***

Apesar do mundo, e até muitos cristãos, não conhecerem a glória que há no Cristo ressurreto, e apesar de muitos não saberem o poder de transformação que há no conhecimento desta glória, e exclusivamente pelo conhecimento dela de glória em glória, o diabo conhece o poder transformador que o conhecimento da glória de Deus e do relacionamento com ela pode causar na vida de um ser humano. E, por isto, o deus deste século também atua tão insistentemente para que as pessoas não a venham a conhecer a **luz** do evangelho que revela a glória transformadora do Senhor.

O diabo se opõem intensamente a Deus e não quer que as pessoas venham a conhecer o seu Criador. E por isto, uma das principais ações do diabo é combater o entendimento de que é na **luz** de Cristo que as pessoas podem vir a conhecer a Deus mais amplamente. Visto que o diabo jamais poderá tocar e corromper a Deus e a sua glória, ele atua na tentativa de obscurecer cada vez mais o conhecimento da glória de Deus entre as pessoas que não creem em Cristo.

Usando como base a incredulidade das pessoas em relação à Cristo Jesus e à sua obra em favor das pessoas através da sua morte na cruz do Calvário e através da sua ressurreição dos mortos, o diabo também tenta se interpor contra a **luz** do Evangelho,

que é Cristo, para que as pessoas também não venham a conhecer os demais aspectos da glória de Deus e da glória Cristo reveladas também em seu Evangelho.

Notemos bem, mais uma vez, que o texto de 2 Coríntios 4 não descreve que o deus deste século procura cegar o entendimento dos incrédulos para não verem o Evangelho da Glória de Cristo e da Glória de Deus, mas diz que o diabo procura cegar o seu entendimento para que não vejam a luz do Evangelho da Glória do Senhor.

Apesar do diabo se opor a todo o Evangelho de Deus e apesar dele não querer que as pessoas venham a conhecer o Evangelho do Senhor, o foco dele é mais intensamente direcionado para que as pessoas não vejam a luz do Evangelho da Glória de Cristo.

Mais do que tentar evitar que as pessoas tenham acesso às declarações do Evangelho do Reino de Deus, o que o diabo intenta evitar ainda mais é que as pessoas venham a conhecer a luz do Evangelho.

*2 Coríntios 4: 3 **Mas, se o nosso evangelho ainda está encoberto, é para os que se perdem que está encoberto,**
4 **nos quais o deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus.***

O relacionamento com a luz do Evangelho, que é Cristo, é algo muito interessante de ser observado, pois apesar das trevas não poderem prevalecer contra a luz, Deus permitiu e permite que as pessoas escolham receber esta luz ou escolham se abster desta luz nas suas vidas pessoais.

A cegueira de uma pessoa em relação à Cristo pode ser ocasionada pelo fato de uma pessoa desconhecer que o Senhor veio ao mundo para ser o Redentor e Salvador da sua vida, mas ela também pode ocorrer por uma escolha de não crer em Cristo como o Senhor enviado pelo Pai Celestial para nos salvar ou por não estar disposto a recebê-lo como Senhor no coração.

Embora uma pessoa possa ter a luz à sua disposição ou ao seu alcance, ela pode se privar da luz por se retirar da presença da luz ou, simplesmente, através do uso de um véu que se interponha entre ela e a luz ou que impeça que a luz chegue aos olhos do seu entendimento.

Portanto, a incredulidade em relação aos aspectos básicos do Evangelho ou da posição de Cristo como o Redentor, Salvador e Senhor atrai um véu que pode cegar uma pessoa em relação à luz do Evangelho, levando em conta ainda que a maneira como a incredulidade é praticada pode ser bem diversificada.

A incredulidade pode variar desde a crença que alega que Deus não existe até a crença nas mais variadas religiões que adoram múltiplos deuses, ou, inclusive, a partir da crença nas religiões que propõem adorar ao Único Deus Criador, mas que não o fazem através de Cristo conforme nos é instruído pelo Senhor nas Escrituras.

*Romanos 10: 2 **Porque lhes dou testemunho de que eles têm zelo por Deus, porém não com entendimento.**
3 **Porquanto, desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria, não se sujeitaram à que vem de Deus.***

Nenhuma **luz** de conhecimento natural ou de conhecimento religioso, por mais zelosa que tenha sido a produção deste conhecimento ou desta religião, pode substituir a única **luz** que pode brilhar inclusive nas densas trevas para resgatar as pessoas que se afastaram de Deus em seus corações, pois a **luz** que Cristo vem oferecer, ilumina o ser humano também para as coisas espirituais da vida eterna que somente podem ser vistas através do Espírito Santo que Cristo concede àqueles que Nele creem.

1 Coríntios 2: 14 **Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente.**

...

12 **Ora, nós não temos recebido o espírito do mundo, e sim o Espírito que vem de Deus, para que conheçamos o que por Deus nos foi dado gratuitamente.**

...

6 **Entretanto, expomos sabedoria entre os experimentados; não, porém, a sabedoria deste século, nem a dos poderosos desta época, que se reduzem a nada;**

7 **mas falamos a sabedoria de Deus em mistério, outrora oculta, a qual Deus preordenou desde a eternidade para a nossa glória;**

8 **sabedoria essa que nenhum dos poderosos deste século conheceu; porque, se a tivessem conhecido, jamais teriam crucificado o Senhor da glória;**

9 **mas, como está escrito: Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam.**

10 **Mas Deus no-lo revelou pelo Espírito; porque o Espírito a todas as coisas perscruta, até mesmo as profundezas de Deus.**

Quer seja pela tentativa de negar a existência de Deus ou de Cristo, ou quer seja pela adoção de leis religiosas como se uma pessoa pudesse ser aperfeiçoada diante de Deus através destas leis e assim alcançar a salvação de sua alma, o véu da incredulidade impede as pessoas de compreenderem a vontade do Senhor para com elas apesar da **luz** já estar próxima ou disponível diante delas, pois o véu da incredulidade cega o entendimento daquele que passa a se submeter e crer nas coisas associadas ao véu.

2Coríntios 3: 14(a) e 15 **Mas os sentidos deles se embotaram. Pois até ao dia de hoje, quando fazem a leitura da antiga aliança, o mesmo véu permanece, ... até hoje, quando é lido Moisés, o véu está posto sobre o coração deles.**

Apesar do véu do templo de Jerusalém já ter sido rasgado ao meio pelo poder de Deus quando Cristo morreu na cruz do Calvário, mostrando que o caminho a Deus está plenamente aberto através de Cristo e que não há mais necessidade de nenhum outro meio para chegar ao Pai Celestial, a remoção do véu sobre o entendimento de uma pessoa, e que se interpõe contra a **luz** de Cristo em seu coração, depende da atitude particular de uma pessoa em relação a Cristo.

O rasgar do véu do templo de Jerusalém foi feito uma vez por todas para mostrar que somente em Cristo uma pessoa pode se aproximar de Deus e que nenhuma religião baseada em leis e obras para a justificação dos seres humanos terá êxito diante do Senhor. Entretanto, o véu do templo também foi rasgado para que ninguém mais precise carregar um véu pessoal diante dos seus olhos ou sobre o seu coração.

O rasgar do véu do templo, ocorrido quando Cristo foi crucificado, representou a ação de Deus em deixar o caminho a Ele aberto em favor de toda a humanidade. Entretanto, o véu sobre ou diante de cada coração representa o posicionamento ou a atitude que cada pessoa adota em relação ao que Deus já fez uma única vez para sempre e que é plenamente suficiente para a redenção de todas as pessoas.

O véu diante de cada coração, que se interpõe contra o conhecimento mais próximo do Evangelho da Glória de Cristo e da Glória de Deus, somente vem a ser removido para aqueles que abandonam a incredulidade em relação aos aspectos básicos do Evangelho ou do Senhorio de Cristo.

Independentemente do que as pessoas creem ou deixam de crer, o rasgar do véu que manifestou o “novo e vivo caminho” para Deus, através de Cristo, permanece inalterado para sempre. Entretanto, se uma pessoa rejeita a Cristo, no sentido de não recebê-lo como Senhor em seu coração, ela também não chega a compreender que ainda há outro véu que está diante dos olhos dela e que similarmente precisa ser removido.

Quando a pessoa rejeita a Cristo, no sentido de não recebê-lo como Senhor em seu coração, ela inclusive pode nem alcançar a revelação de que há um véu diante dela que cega o seu entendimento sobre a glória de Deus e também que este véu somente pode ser removido em Cristo ou quando alguém se converte a Cristo.

Quando uma pessoa rejeita a Cristo como o Redentor, Salvador e Único Mediador entre as pessoas e Deus, ela também permanece com o entendimento cegado sobre o fato que Cristo é a *luz* para que ela compreenda a glória de Deus nas outras facetas que há em Cristo.

2 Coríntios 3: 15 Mas até hoje, quando é lido Moisés, o véu está posto sobre o coração deles.

14 Mas os sentidos deles se embotaram. Pois até ao dia de hoje, quando fazem a leitura da antiga aliança, o mesmo véu permanece, não lhes sendo revelado que, em Cristo, é removido.

Quando, porém, uma pessoa aceita a Cristo como o enviado de Deus para salvá-la de uma vida distanciada da comunhão com Deus, aquele véu que a impedia de ver que o próprio Cristo é a *luz* para que as outras partes do Evangelho também lhe sejam reveladas é tirado.

Por causa da incredulidade no coração em relação ao Senhorio de Cristo, aos aspectos básicos da salvação oferecida por Deus através do Evangelho ou da condição de Cristo como o exclusivo Mediador entre os seres humanos e Deus, as pessoas se abstêm da *luz* que poderia lhes dar o devido entendimento sobre os demais aspectos que estão contidos no Evangelho da Glória de Cristo e da Glória de Deus.

Entretanto, pela fé em Cristo e pela comunhão com o Senhor Jesus, as pessoas passam a ter acesso à **luz** para que o entendimento do Evangelho da Glória de Cristo e da Glória de Deus também lhes seja concedido.

Se uma pessoa aceita a Cristo como Senhor em seu coração, Cristo se revela como a **luz deste indivíduo para que ele possa conhecer mais de Cristo e, isto, com o propósito de que ele também venha a desfrutar dos outros maravilhosos atributos do Senhor.**

2 Coríntios 3: 16 **Quando, porém, algum deles se converte ao Senhor, o véu lhe é retirado.**

17 **Ora, o Senhor é o Espírito; e, onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade.**

18 **E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito.**

1 Pedro 1: 13 **Por isso, cingindo o vosso entendimento, sede sóbrios e esperai inteiramente na graça que vos está sendo trazida na revelação de Jesus Cristo.**

Efésios 1: 17 ... **para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos conceda espírito de sabedoria e de revelação no pleno conhecimento dele.**

Quando alguém se converte a Cristo ou o recebe como Senhor para também receber a vida eterna, esta vida eterna, que é Cristo, já começa a se mostrar presente e atuante na vida daquele que a recebeu, pois sem o véu sobre o coração, a pessoa pode passar a ver a **luz** que antes não via. E mediante esta **luz**, por sua vez, ela pode passar a conhecer a glória de Deus e de Cristo como jamais poderia conhecer de outra maneira.

Quando alguém recebe a Cristo no coração para ser livre da sujeição ao pecado e do corpo do pecado, ela também tem à disposição dela a **luz** para ver os demais aspectos da glória do Senhor e os quais ela tanto precisa para crescer na novidade de vida que a ela é oferecida no Senhor através do Evangelho.

João 17: 3 **E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste.**

1 João 5: 12 **Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida.**

Pedro 1: 3 **Visto como, pelo seu divino poder, nos têm sido doadas todas as coisas que conduzem à vida e à piedade, pelo conhecimento completo daquele que nos chamou para a sua própria glória e virtude, ...**

2 Coríntios 3: 18 *E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito.*

Repetindo em outras palavras, quando alguém crê em Cristo como as Escrituras o instruem a crer, quando alguém faz obra de Deus que é crer em Cristo como o Senhor enviado pelo reino dos céus, o véu lhe é tirado para que veja a **luz** que sempre existiu em Deus. E isto, a fim de que veja a glória de Deus para também ser transformado de glória em glória.

Por outro lado, também pode ocorrer o fato de muitas pessoas quererem a Cristo como salvador, mas quando veem a **luz** que Ele oferece trazer aos seus corações ou às suas vidas, elas se opõem à **luz** e, por consequência, à posição de Cristo como o Senhor, pois a **luz** de Cristo é poderosa para iluminar todas as áreas da vida de uma pessoa e não somente aquelas que a pessoa gostaria de ver iluminadas.

Por não entenderem a glória de Cristo como a **luz** das suas vidas ou por não almejarem o benefício que é ter **luz** nas mais diversas áreas da vida, muitas pessoas realizam muitas práticas religiosas vãs, sacrifícios inúteis e até seguem sacerdotes que de fato não os conduzem à **luz**, pois como poderá “um cego guiar a outro cego”?

Pelo fato de não discernirem a glória de Cristo como o Senhor de suas vidas, e na sequência como a ÚNICA **LUZ** VERDADEIRA para as suas vidas, muitas pessoas são enganadas e seguem também enganando umas às outras.

Quando as pessoas rejeitam a Cristo como Redentor e Senhor, ou seja, rejeitam a **luz de Deus** em suas vidas, o que lhes resta são os rudimentos do mundo, trevas e o ser guiado por outros que carecem da **luz** ou até pelo príncipe das trevas que as rege segundo o curso deste mundo.

***João 3: 20 Pois todo aquele que pratica o mal aborrece a luz e não se chega para a luz, a fim de não serem arguidas as suas obras.
21 Quem pratica a verdade aproxima-se da luz, a fim de que as suas obras sejam manifestas, porque feitas em Deus.***

***Efésios 2: 1 Ele vos deu vida, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados,
2 nos quais andastes outrora, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe da potestade do ar, do espírito que agora atua nos filhos da desobediência;
3 entre os quais também todos nós andamos outrora, segundo as inclinações da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos, por natureza, filhos da ira, como também os demais.***

Quando as pessoas não sabem ou não reconhecem quem é Cristo ou não sabem qual é a glória de Cristo em sua posição de Salvador e Senhor, elas buscam fazer com que outros ou que outras coisas sejam para elas aquilo que estes jamais poderão ser de fato.

Isaiás 40: 18 Com quem comparareis a Deus? Ou que coisa semelhante confrontareis com ele?

19 O artífice funde a imagem, e o ourives a cobre de ouro e cadeias de prata forja para ela.

20 O sacerdote idólatra escolhe madeira que não se corrompe e busca um artífice perito para assentar uma imagem esculpida que não oscile.

21 Acaso, não sabeis? Porventura, não ouvís? Não vos tem sido anunciado desde o princípio? Ou não atentastes para os fundamentos da terra?

22 Ele é o que está assentado sobre a redondeza da terra, cujos moradores são como gafanhotos; é ele quem estende os céus como cortina e os desenrola como tenda para neles habitar;

23 é ele quem reduz a nada os príncipes e torna em nulidade os juízes da terra.

24 Mal foram plantados e semeados, mal se arraigou na terra o seu tronco, já se secam, quando um sopro passa por eles, e uma tempestade os leva como palha.

25 A quem, pois, me comparareis para que eu lhe seja igual? — diz o Santo.

26 Levantai ao alto os olhos e vede. Quem criou estas coisas? Aquele que faz sair o seu exército de estrelas, todas bem contadas, as quais ele chama pelo nome; por ser ele grande em força e forte em poder, nem uma só vem a faltar.

27 Por que, pois, dizes, ó Jacó, e falas, ó Israel: O meu caminho está encoberto ao SENHOR, e o meu direito passa despercebido ao meu Deus?

28 Não sabes, não ouviste que o eterno Deus, o SENHOR, o Criador dos fins da terra, nem se cansa, nem se fatiga? Não se pode esquadriñar o seu entendimento.

29 Faz forte ao cansado e multiplica as forças ao que não tem nenhum vigor.

30 Os jovens se cansam e se fatigam, e os moços de exaustos caem,

31 mas os que esperam no SENHOR renovam as suas forças, sobem com asas como águias, correm e não se cansam, caminham e não se fatigam.

*Isaiás 42: 8 **Eu sou o SENHOR, este é o meu nome; a minha glória, pois, não a darei a outrem, nem a minha honra, às imagens de escultura.***

Receber a **luz do Senhor** certamente implica em desafios de mudança nos pensamentos e nas atitudes, e que podem também vir a implicar em grandes reposicionamentos na vida. Entretanto, a **luz** também aponta e ilumina o caminho de paz e de bem não só para o tempo presente, mas também para toda a eternidade.

*João 8: 12 **De novo, lhes falava Jesus, dizendo: Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andar***
á trevas; pelo contrário, terá a luz da vida.

Cristo é a luz que mostra o caminho da salvação de Deus à humanidade.

Cristo é a luz que veio ao mundo para fazer toda a provisão necessária para a salvação de todas as pessoas.

Entretanto, Cristo igualmente é a **luz** que ilumina o coração daqueles recebem a sua salvação e o reconhecem como Senhor para que, na condição de salvos, tenham os olhos do entendimento abertos para verem ainda mais amplamente, através do Evangelho da Glória, quem é o Senhor que os salvou e que continuamente se dispõe a estar com eles.

*Filipenses 4: 19 **E o meu Deus, segundo a sua riqueza em glória, há de suprir, em Cristo Jesus, cada uma de vossas necessidades.***

João 14: 21(b) ... e aquele que me ama será amado por meu Pai, e eu também o amarei e me manifestarei a ele.

A **luz que veio ao mundo** para nos salvar, nos mostra que no crer em Cristo e no receber a Cristo como o Senhor está salvação para a nova vida em Deus. Entretanto, também é a mesma **luz que veio ao mundo** que nos mostra que em continuar crendo em Cristo como o Senhor é que está a **luz** para os demais aspectos desta vida. E isto, para possamos compreender a glória de Cristo e a glória de Deus, a glória que também sustenta a vida que é concedida pelo Senhor àqueles que já receberam tão grande salvação.

*Hebreus 2: 1 **Por esta razão, importa que nos apeguemos, com mais firmeza, às verdades ouvidas, para que delas jamais nos desviemos.***
*2 **Se, pois, se tornou firme a palavra falada por meio de anjos, e toda transgressão ou desobediência recebeu justo castigo,***
*3(a) **como escaparemos nós, se negligenciarmos tão grande salvação?***

*Atos 2: 29 **Irmãos, seja-me permitido dizer-vos claramente a respeito do patriarca Davi que ele morreu e foi sepultado, e o seu túmulo permanece entre nós até hoje.***
*30 **Sendo, pois, profeta e sabendo que Deus lhe havia jurado que um dos seus descendentes se assentaria no seu trono,***
*31 **prevendo isto, referiu-se à ressurreição de Cristo, que nem foi deixado na morte, nem o seu corpo experimentou corrupção.***
*32 **A este Jesus Deus ressuscitou, do que todos nós somos testemunhas.***
*33 **Exaltado, pois, à destra de Deus, tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vedes e ouvis.***
*34 **Porque Davi não subiu aos céus, mas ele mesmo declara: Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita,***
*35 **até que eu ponha os teus inimigos por estrado dos teus pés.***
*36 **Esteja absolutamente certa, pois, toda a casa de Israel de que a este Jesus, que vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo.***

C14. A Glória do Único Mediador Entre Deus e as Pessoas

Depois de considerar, nos capítulos anteriores, sobre o quão essencial é para uma pessoa ter um adequado entendimento sobre a glória de Cristo e o quanto o relacionamento com esta glória pode lhe ser benéfico no presente e para a vida eterna, entendemos ser muitíssimo relevante dar sequência a algumas considerações sobre a glória específica de outros ministérios inerentes ao Senhor Jesus Cristo.

Similarmente, depois de saber que um dos primeiros aspectos da glória de Cristo que uma pessoa precisa conhecer para ver as demais facetas desta mesma glória é que o próprio Senhor Jesus Cristo é a luz do Evangelho da Glória, entendemos ser particularmente significativo conhecer os ministérios de Cristo que se tornaram especialmente evidenciados após o Senhor ter sido ressurreto pelo Pai Celestial e após Ele ter sido elevado à posição de honra e glória à direita do trono do Deus Eterno, e onde Cristo, além de Filho de Deus, também foi exaltado em glória como Filho do Homem que triunfou sobre a morte.

Embora já tenhamos considerado, nos capítulos anteriores, que Cristo é Aquele a quem Deus designou para fazer toda a regência da intervenção do que nos é necessário no Senhor, no reino celestial, para os demais aspectos da vida eterna e inclusive para que os vejamos através da sua luz, entendemos ser muito significativo conhecer de maneira ainda mais objetiva, específica e precisa a posição e os ministérios de Cristo também para que não venhamos a ser envolvidos por pretensas ou falsas proposições sobre a vida cristã e por ministérios que se propõem a fazer o que é exclusivamente pertinente a Cristo.

Portanto, ao avançar na diversidade de aspectos sobre os ministérios de Cristo evidenciados após a sua ressurreição, gostaríamos de iniciar esta nova etapa ressaltando mais uma vez o caráter de exclusividade que Deus atribuiu a vários pontos dos ministérios de Cristo, tomando por base que Cristo não é somente um dos meios para a mediação do relacionamento de Deus com as pessoas ou das pessoas com Deus, mas o meio exclusivo eleito pelo Pai Celestial para sempre.

E para tornar o exposto acima sobremodo destacado, as Escrituras nos informam explicitamente ou diretamente que o Senhor Jesus Cristo não é um dos mediadores entre Deus e as pessoas, mas o Único **Mediador**, conforme exposto abaixo:

- 1 Timóteo 2: 3 **Isto é bom e aceitável diante de Deus, nosso Salvador,***
*4 **o qual deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade.***
*5 **Porquanto há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem,***
*6 **o qual a si mesmo se deu em resgate por todos: testemunho que se deve prestar em tempos oportunos.***

Novamente neste ponto fica notória a condição crucial do relacionamento com Cristo como a luz do Evangelho da Glória para que tenhamos os olhos do entendimento iluminados de que somente Ele, o próprio Cristo, é também o Único Mediador entre Deus e os seres humanos.

Pelo reconhecimento e aceitação da glória de Cristo, como Ele sendo a luz do Evangelho da Glória do Senhor, podemos também passar a ver os demais ministérios do Senhor segundo a mesma glória e as dádivas que Deus tem reservado àqueles que Nele depositam a sua confiança.

Entretanto, através da posição e ministério de Cristo como o Único Mediador entre Deus e cada ser humano, fica notório que também o acesso às ações e dádivas que resultam da glória do Senhor pode ser alcançado exclusivamente mediante o próprio Senhor Jesus Cristo.

Assim, como temos feito ao longo deste estudo, entendemos ser conveniente e muito significativo destacar aqui que também a posição de Cristo como Mediador é uma posição viva, atual e presente, e não somente uma posição passada quando Cristo fez a obra na cruz do Calvário como a provisão de mediação para o resgate das nossas vidas da escravidão ao pecado e ao corpo do pecado.

Cristo, de fato, é o Único Mediador porque Ele fez uma obra de resgate em favor de todos e que já está realizada plenamente, conforme foi amplamente exposto no estudo sobre “O Evangelho da Justiça de Deus”. Entretanto, a mediação que Ele fez por nós quando veio em carne ao mundo e se entregou a nosso favor também serviu para nos manifestar que Cristo é continuamente o Mediador entre Deus e aqueles que querem se acercar ao Pai Celestial e ao reino de Deus.

Cristo sempre foi o caminho que permite uma pessoa estabelecer a reconciliação e a comunhão com o Pai Celestial. Entretanto, Ele igualmente e para sempre continua a ser este singular caminho.

*João 14: 6 **Respondeu-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim.***

*2 Coríntios 5: 18 **Ora, tudo provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo e nos deu o ministério da reconciliação,**
19 **a saber, que Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões, e nos confiou a palavra da reconciliação.***

*20 **De sorte que somos embaixadores em nome de Cristo, como se Deus exortasse por nosso intermédio. Em nome de Cristo, pois, rogamos que vos reconcilieis com Deus.***

Cristo de fato foi revelado ao mundo como a provisão de Deus para que as transgressões das pessoas não lhes fossem imputadas e elas ficassem impedidas de se reconciliarem com o Pai Celestial, mas Cristo igualmente é o Mediador para um relacionamento presente ou atual entre Deus e uma pessoa e entre uma pessoa e Deus.

Cristo veio revelar ao mundo o amor do Pai Celestial no que tange à provisão para a redenção de cada ser humano. Entretanto, Cristo é Aquele que continua a nos revelar o Pai Celestial e o querer do Pai para as nossas vidas, pois a glória do Pai Celestial é expressa na face de Cristo, como vimos nos capítulos anteriores.

E por outro lado, o Senhor Jesus também apresenta as nossas vidas ao Pai Celestial pelo fato de Cristo ser o nosso Cordeiro perfeito e eterno através de quem podemos nos achegar de forma aceitável e mediante a fé diante do Pai Celestial.

Por causa do seu corpo partido e do seu sangue derramado em nosso favor, as Escrituras nos ensinam que Cristo abriu o “novo e vivo caminho para a comunhão com o Pai Celestial”. Entretanto, as Escrituras também nos anunciam que Cristo continua sendo o próprio “novo e vivo caminho” para nos achegarmos ao nosso Deus Eterno.

No mundo, muitas pessoas proferem as palavras de que Cristo abriu o “novo e vivo caminho”, mas várias delas pensam que este caminho pode ser trilhado diretamente sem passar por Cristo, como se Cristo tivesse aberto uma estrada onde as pessoas poderiam se achegar a Deus pelas mais diversas formas que elas viessem a pensar. Esquecendo-se, porém, que o “novo e vivo” caminho é “vivo”, é a pessoa de Cristo, e não uma vereda dissociada do Senhor Jesus.

Em suas poucas, mas muito profundas palavras que foram registradas nas Escrituras, João Batista nos ensina que uma pessoa somente pode receber o que do céu lhe é dado. E considerando que Cristo é o Único Mediador entre Deus e os seres humanos aceito por Deus, podemos dizer que uma pessoa somente pode receber o que lhe é dado do céu através de Cristo Jesus.

*João 3: 27 **Respondeu João: O homem não pode receber coisa alguma se do céu não lhe for dada.***

Cristo veio revelar a glória de Deus ao mundo quando veio a ele em carne e como Filho do Homem, conforme vimos nos primeiros capítulos deste estudo. Entretanto, Cristo continua sendo o meio pelo qual Deus estabeleceu se revelar a todas as pessoas, e assim será até o fim dos séculos no presente mundo.

*João 1: 18 **Ninguém jamais viu a Deus; o Filho Unigênito, que está no seio do Pai, é quem o revelou. (RA+RC)***

Tudo o que uma pessoa quer saber de fato sobre Deus, Deus o revela através de Cristo. Tudo o que uma pessoa quer pedir a Deus, necessariamente precisa passar por Cristo. Tudo o que uma pessoa quer receber de Deus, Deus somente o entrega através de Cristo, pois o Pai Celestial estabeleceu que em Cristo esteja tudo o que as pessoas necessitam conhecer sobre Deus e receber de Deus.

*Colossenses 2: 2 ... **para que o coração deles seja confortado e vinculado juntamente em amor, e eles tenham toda a riqueza da forte convicção do entendimento, para compreenderem plenamente o mistério de Deus, Cristo,***
3 em quem todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão ocultos.
4 Assim digo para que ninguém vos engane com raciocínios falazes.

5 Pois, embora ausente quanto ao corpo, contudo, em espírito, estou convosco, alegrando-me e verificando a vossa boa ordem e a firmeza da vossa fé em Cristo.

**6 Ora, como recebestes Cristo Jesus, o Senhor, assim andai nele,
7 nele radicados, e edificados, e confirmados na fé, tal como fostes instruídos, crescendo em ações de graças.**

8 Cuidado que ninguém vos venha a enredar com sua filosofia e vãs sutilezas, conforme a tradição dos homens, conforme os rudimentos do mundo e não segundo Cristo;

9 porquanto, nele, habita, corporalmente, toda a plenitude da Divindade.

João 15: 4 **Permanecei em mim, e eu permanecerei em vós. Como não pode o ramo produzir fruto de si mesmo, se não permanecer na videira, assim, nem vós o podeis dar, se não permanecerdes em mim.**

5 Eu sou a videira, vós, os ramos. Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer.

Conforme veremos mais adiante ainda no presente material, quando as Escrituras nos informam a glória de Cristo como o Rei que reina sobre tudo e sobre todos, exceto sobre o Pai Celestial a quem Ele é sujeito, elas estão nos ensinando porque o Senhor pode nos conceder as dádivas que Ele oferece a nós e também como Ele coordena todo o universo para que tudo o que de Deus necessitamos possa chegar a nós de tal forma que todas as coisas cooperem para o bem daqueles que creem no Senhor também como o Rei, Fundamento, Intercessor e Provedor Eterno das suas vidas.

Romanos 8: 28 **Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito.**

29 Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos.

30 E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou.

31 Que diremos, pois, à vista destas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós?

32 Aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura, não nos dará graciosamente com ele todas as coisas?

33 Quem intentará acusação contra os eleitos de Deus? É Deus quem os justifica.

34 Quem os condenará? É Cristo Jesus quem morreu ou, antes, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus e também intercede por nós.

Quando as Escrituras nos informam a glória de Cristo como o Singular Sumo Sacerdote Eterno e Rei Eterno da Justiça e da Paz, elas estão nos ensinando a posição que o Senhor Jesus possui para que possa ouvir e responder todas as orações que as

peçoas de todo o mundo fazem a Ele e ao Pai Celestial, mostrando-nos também porque Ele é habilitado a responder a todas aquelas orações que são feitas em conformidade com a vontade de Deus.

1 João 5: 12 Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida.

13 Estas coisas vos escrevi, a fim de saberdes que tendes a vida eterna, a vós outros que credes em o nome do Filho de Deus.

14 E esta é a confiança que temos para com ele: que, se pedirmos alguma coisa segundo a sua vontade, ele nos ouve.

15 E, se sabemos que ele nos ouve quanto ao que lhe pedimos, estamos certos de que obtemos os pedidos que lhe temos feito.

Por não conhecerem ou por rejeitarem a glória de Cristo também como o único Mediador entre Deus e cada ser humano, as pessoas buscam e se entregam aos mais diversos meios e ações inapropriados para tentarem estabelecer um relacionamento com Deus e para tentarem obter de Deus o que elas almejam receber do Senhor.

Quando, por exemplo, as pessoas dizem que é por causa da disciplina e da intensidade de trabalho que elas alcançam as bênçãos de Deus, elas negam que é através de Cristo e da sua graça que elas são favorecidas pelo Senhor, e acabam se entregando a filosofias humanistas na tentativa de usá-las como caminhos de mediação entre elas e Deus.

Similarmente, quando as pessoas declaram que alcançam os favores de Deus pelo conhecimento que adquiriram e pelo tempo de dedicação que usaram para adquirirem o conhecimento, elas também podem estar tentando colocar o conhecimento como mediador entre elas e Deus, negando igualmente desta maneira a posição exclusiva de Cristo.

Devido ao desconhecimento ou a rejeição de Cristo como o Único Mediador entre Deus e os seres humanos, as pessoas criam imagens, idolatram animais e outros aspectos da natureza, veneram aos seus semelhantes, e idolatram até a si próprias como divindades no intuito de se achegarem a Deus ou a alguns atributos de divindade.

Por causa do desconhecimento ou da rejeição de Cristo como o Único Mediador entre Deus e os seres humanos, as pessoas seguem líderes, guias, mestres, apóstolos, profetas, sacerdotes e pastores humanos com intuito de que estes se interponham a favor delas diante do Senhor, além de realizarem toda a sorte de sacrifícios, ofertas e entrega de dízimos pensando equivocadamente que, através deles, poderão obter a atenção e o favor do Deus Altíssimo.

Entretanto, tudo o que vem de Deus a uma pessoa segundo a perfeita vontade do Senhor para ela, vem a ela por intermédio de Cristo, ainda que ela não reconheça a Cristo pessoalmente.

Ainda que uma pessoa rejeite a Cristo em seu coração e não o reconheça como o Senhor sobre toda a vida, o próprio fôlego da vida que ela recebe continua sendo concedida a ela por Deus através de Cristo Jesus, conforme o texto que voltamos a apresentar abaixo:

*Hebreus 1: 1 **Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas,**
 2 **nestes últimos dias, nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o universo.**
 3 **Ele, que é o resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser, sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder, depois de ter feito a purificação dos pecados, assentou-se à direita da Majestade, nas alturas,**
 4 **tendo-se tornado tão superior aos anjos quanto herdou mais excelente nome do que eles.***

E retornando aqui a um ponto anteriormente comentado, salientamos mais uma vez que somente através de Cristo é que Deus permite que sejamos reconciliados com Ele, mas também é somente através de Cristo que podemos desfrutar da reconciliação a nós concedida.

*2 Coríntios 5: 18 **Ora, tudo provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo e nos deu o ministério da reconciliação,**
 19 **a saber, que Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões, e nos confiou a palavra da reconciliação.***

*Romanos 5: 11 **E não apenas isto, mas também nos gloriamos em Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, por intermédio de quem recebemos, “agora”, a reconciliação.***

Uma vez que somente o Senhor Jesus Cristo deu a sua vida perfeita, sem culpa ou sem pecado em favor de todos os seres humanos, o Pai Celestial também estabeleceu que a verdade e a novidade de vida eterna que há Nele somente sejam concedidas a todos através de Cristo Jesus.

Conforme vimos mais acima, o desejo do Pai Celestial é que todos os seres humanos cheguem ao conhecimento da verdade, mas também já vimos que Cristo é a verdade de Deus.

Assim, comopositor à verdade e a comunhão das pessoas com a vida eterna ou com Deus, o diabo sabe que se uma pessoa se dirigir diretamente a Cristo para chegar ao Pai Celestial, esta pessoa verá e entenderá a salvação de Deus, será reconciliada com Ele e receberá a nova vida que é concedida do reino dos céus. E, por isto, o deus deste século também luta tanto para que as pessoas não vejam a luz de Cristo refletida sobre este fundamental aspecto do ministério de Cristo como o Único Mediador Eterno entre Deus e os seres humanos.

Entender a oposição que há ao ministério exclusivo de Cristo como o Mediador entre Deus e os seres humanos é crucial, pois o diabo, através de pessoas, ensinamentos distorcidos e filosofias, procura introduzir vãs sutilezas que intentam insinuar que o caminho para Deus não pode ser tão simples, não pode ser somente pela fé em Cristo, não pode ser pelo simples fato de uma pessoa se relacionar com o Cristo vivo em qualquer tempo e em

qualquer lugar, não pode ser pelo fato de Cristo estar no coração de uma pessoa e poder atendê-la a cada instante e em todos os dias da sua vida.

Entender a oposição que há aos aspectos fundamentais dos ministérios de Cristo pode cooperar para que um indivíduo não incorra no que é alertado no seguinte texto:

*2 Coríntios 11: 3 **Mas receio que, assim como a serpente enganou a Eva com a sua astúcia, assim também seja corrompida a vossa mente e se aparte da simplicidade e pureza devidas a Cristo.***

A posição de ter somente a Cristo como o Mediador entre uma pessoa e o seu Criador incomoda ao diabo e a muitas pessoas porque ela é uma posição de liberdade inigualável e inestimável, e na qual nem o diabo e nem as outras pessoas podem continuar exercendo o domínio espiritual sobre os corações daqueles que se achegam a Deus através do Senhor Jesus.

*João 8: 36 **Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres.***

*1 Coríntios 6: 20 **Porque fostes comprados por bom preço; glorificai, pois, a Deus no vosso corpo e no vosso espírito, os quais pertencem a Deus. (RC)***

*1 Coríntios 7: 23 **Por preço fostes comprados por bom preço; não vos torneis escravos de homens. (RA+RC)***

Depois da vinda de Cristo ao mundo como Filho do Homem e depois da sua morte e ressurreição, qualquer pessoa, grupo, religião ou organização que não seja o próprio Cristo que se proponha a intermediar o relacionamento de outros indivíduos com Deus está oferecendo um serviço falso, enganoso, contrário à vontade de Deus e o qual nenhum deles poderá de fato realizar de forma minimamente satisfatória.

Deus somente aceita como Mediador o Único que inocentemente assumiu a culpa de todos e morreu em favor da libertação de todos do jugo da escravidão ocasionada pela sujeição ao pecado ou da rejeição ao Deus Criador, pois também somente em Cristo a obra da redenção eterna pôde ser feita uma vez para sempre.

Somente Aquele que foi enviado por Deus para fazer uma provisão única para o perdão dos pecados de todas as pessoas é que é digno diante de Deus de representar a todos e de representar Deus a todos.

Pessoas são chamadas por Deus para anunciarem as verdades sobre Cristo. Elas podem pregar livremente sobre o Evangelho de Deus umas às outras e podem anunciar o Mediador Cristo Jesus Cristo a seus semelhantes. Pessoas podem proclamar a boa nova de que cada ser humano pode se achegar a Deus através deste Único Mediador. Entretanto, diante de Deus, ninguém pode desempenhar o papel de mediação atribuído exclusivamente a Cristo e também ninguém recebe de Deus o chamado para ser um mediador do Pai Celestial para com os outros seres humanos ou vice-versa.

Aqueles que alegam que Deus precisa de mediadores terrenos para que as pessoas se acheguem ao Senhor até podem vir a ter aparência de piedade. Entretanto, ao fazerem isto, negam a posição única de Cristo como o Único Mediador plenamente capaz e estabelecido pelo Pai Celestial para atender a todos em todos os lugares e em todas as épocas. E, por consequência, rejeitam o testemunho do próprio Deus sobre a única fonte de vida eterna disponibilizada para habitar no coração de todos os que creem na novidade de vida que há no Senhor.

2 Timóteo 3: 5 ... tendo forma de piedade, negando-lhe, entretanto, o poder. Foge também destes.

1 João 5: 11 E o testemunho é este: que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está no seu Filho.

O Senhor Jesus Cristo é o caminho ou a provisão plenamente suficiente para as pessoas se achegarem a Deus, e elas não precisam de outras pessoas, de anjos ou de qualquer outra criação ou criatura do passado, do presente ou do futuro para poderem realizar o acesso ao Senhor. Uma pessoa somente precisa pedir em fé ao Senhor Jesus Cristo que Ele a acompanhe para ela se achegar ao Pai Celestial. E Cristo o fará, pois este papel, depois da sua ressurreição, é um dos seus ministérios centrais anunciados amplamente por Deus ao mundo.

Romanos 10: 13 Porque: Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.

1 Coríntios 15: 57 Graças a Deus, que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo.

A posição ou o ministério de Cristo como o Único Mediador entre Deus e as pessoas é, ao mesmo tempo, tão poderoso, mas também tão simples, tão objetivo e tão direto que para muitos é difícil de ser crido, aceito e utilizado.

Por outro lado, compreender e viver sob a condição em que Cristo é o Único Mediador entre Deus e os seres humanos, e que não há e nunca haverá outro mediador, é conhecer e crer em um dos aspectos mais proeminentes e imprescindíveis da glória de Cristo e da glória de Deus.

Quando o Senhor Jesus orientou as pessoas a procurarem um lugar de alívio dos seus cansaços e das sobrecargas da escravidão ao pecado, à carne e ao mundo, Ele não disse para elas procurarem este lugar em templos feitos por mãos humanas e naqueles que oficiam, ministram ou trabalham nestes templos. Pelo contrário, Cristo declarou para as pessoas virem diretamente a Ele, pois Ele é único autorizado por Deus para oferecer a salvação, o alívio eterno e a novidade de vida que somente do reino do céus pode ser concedida àqueles que procuram se achegar ao Senhor.

*Mateus 11: 27 **Tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar.***

*28 **Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei.***

*29 **Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma.***

O Cristo ressurreto é o Único Mediador entre Deus e os seres humanos, e como Ele está eternamente vivo, Ele nunca delegou e nunca delegará esta função a nenhuma outro homem, mulher ou qualquer outra criatura, quer no Céu, quer na Terra.

Saber que o Senhor Jesus Cristo é a luz do Evangelho da sua Glória e da Glória de Deus, e compreender que Ele é o Único Mediador entre Deus e os seres humanos, são, sem dúvida nenhuma, algumas das primeiras e principais necessidades que um indivíduo, depois que é salvo em Cristo, precisa ter resolvidas para também viver e andar em conformidade à estes aspectos.

Não é uma pessoa via outra pessoa ou criatura que possibilita o acesso de um indivíduo a Deus. Não é assim que Deus o estabeleceu!

O acesso pessoal a Deus ou à comunhão com Deus de qualquer indivíduo que vive na Terra foi estabelecida por Deus para se dar mediante a fé no Senhor Jesus Cristo e a comunhão com Ele, a qual inclusive pode ocorrer no próprio coração de um indivíduo que já recebeu a Cristo Jesus como Senhor em seu coração.

Conforme já comentamos, o Senhor Jesus Cristo não é somente o Mediador da Salvação, mas Ele também é o Mediador de toda a vida que advém da salvação de Deus, conforme exemplificado por mais alguns textos que seguem abaixo:

*Hebreus 13: 15 **Por meio de Jesus, pois, ofereçamos a Deus, sempre, sacrifício de louvor, que é o fruto de lábios que confessam o seu nome.***

*Efésios 1: 3 **Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos tem abençoado com toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais em Cristo,***

*4 **assim como nos escolheu nele antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor***

*5 **nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade,***

*6 **para louvor da glória de sua graça, que ele nos concedeu gratuitamente no Amado, ...***

*2 Coríntios 2: 14 **Graças, porém, a Deus, que, em Cristo, sempre nos conduz em triunfo e, por meio de nós, manifesta em todo lugar a fragrância do seu conhecimento.***

*Romanos 5: 1 **Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo;***

*Romanos 5: 17 **Se, pela ofensa de um e por meio de um só, reinou a morte, muito mais os que recebem a abundância da graça e o dom da justiça reinarão em vida por meio de um só, a saber, Jesus Cristo.***

Compreender que Cristo está vivo e que o seu ministério para com Deus e para conosco engloba a posição e atuação de Mediador em todos os momentos das nossas vidas, também faz com que não precisemos mais ficar limitados a ter somente um conhecimento “sobre Deus”, mas permite que cada um possa “conhecer a Deus” pessoalmente como o Deus que está sobre o cristão, com o cristão e no cristão para guardá-lo, ajudá-lo e guiá-lo em todos os aspectos da sua vida. (Conforme também está exposto no estudo sobre Conhecendo sobre Deus ou Conhecendo a Deus).

Tanto o que o intentamos apresentar da nossa parte perante Deus como aquilo que vem da parte de Deus para nós somente pode ser realizado através do Singular Mediador estabelecido pelo próprio Deus, a saber: O Senhor Jesus Cristo.

E se estamos mantendo a comunhão com Deus através de Cristo, efetivamente estamos mantendo a comunhão com o nosso Criador.

Assim como a carência da luz do Evangelho da Glória de Deus leva as pessoas à sujeição à cegueira no que se refere aos demais aspectos da glória de Deus e de Cristo que nos são oferecidos no Evangelho, assim também a lacuna no relacionamento de uma pessoa com Cristo, como o Mediador entre Deus e esta pessoa, resulta na carência da comunhão dela com os demais aspectos que Deus lhe oferece através do mesmo Evangelho.

Cristo é a boa nova central do Evangelho. Cristo é a dádiva central do Evangelho. Entretanto, Cristo também é Aquele através de quem as demais boas novas e dádivas do Evangelho são entregues, ao longo de toda a vida, àqueles que creem em Cristo como o seu Senhor e como o Mediador de Deus para com elas.

Quando uma pessoa entende que Cristo é o seu Único Mediador e passa a viver segundo este entendimento, o próprio Senhor Jesus Cristo se encarregará de conduzir esta pessoa adiante no conhecimento de Deus e nas riquezas da glória que há Nele e nos seus outros ministérios.

*2 Coríntios 4: 6 **Porque Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo.***

*João 4: 14 **Aquele, porém, que beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede; pelo contrário, a água que eu lhe der será nele uma fonte a jorrar para a vida eterna.***

*João 6: 35 **Declarou-lhes, pois, Jesus: Eu sou o pão da vida; o que vem a mim jamais terá fome; e o que crê em mim jamais terá sede.***

Quando lemos sobre o exemplo do encontro de Saulo com Cristo, a partir do ponto em que Saulo passou a ser chamado mais frequentemente de Paulo, podemos notar que Cristo falou com ele ainda em sua posição de incrédulo. Na sequência, porém, vemos que o próprio Cristo instruiu Paulo a aguardar a visita de Ananias, com quem o Senhor também falara a respeito de Paulo. Ananias era um cooperador de Cristo, mas tanto Paulo, que recém encontrara com Cristo, como Ananias eram instruídos primeiramente pelo Senhor. Era Cristo quem os ouvia e falava a ambos sobre o que deveriam fazer conjuntamente.

Assim, concluindo este capítulo, ressaltamos que crer em Cristo como o Único Mediador e viver segundo esta verdade também leva-nos a sermos aprofundados no conhecimento dos outros ministérios de Cristo, através dos quais o Senhor nos mostra e ensina como Ele realiza de forma prática e tangível a intermediação para a qual Ele foi separado pelo Pai Celestial a nosso favor.

Quando um indivíduo crê em Cristo, como o seu Mediador para com o Pai Celestial, Cristo também o conduz a compreender e experimentar quais são os outros ministérios que Ele exerce em favor desta pessoa para que ela possa ter um acesso crescente a Deus e para que possa receber de Deus tudo o que necessita para a nova vida que lhe foi concedida através do Evangelho Eterno do Senhor.

*João 4: 23 **Mas vem a hora e já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para seus adoradores.***

*24 **Deus é espírito; e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade.***

*25 **Eu sei, respondeu a mulher, que há de vir o Messias, chamado Cristo; quando ele vier, nos anunciará todas as coisas.***

*26 **Disse-lhe Jesus: Eu o sou, eu que falo contigo.***

...

*42 **e diziam à mulher: Já agora não é pelo que disseste que nós cremos; mas porque nós mesmos temos ouvido e sabemos que este é verdadeiramente o Salvador do mundo.***

*1 Timóteo 2: 5 **Porquanto há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem,***

*6 **o qual a si mesmo se deu em resgate por todos: testemunho que se deve prestar em tempos oportunos.***

C15. A Glória Daquele que Tira o Velho e Estabelece o Novo

Uma vez que anteriormente já foi visto que Cristo é a “luz do Evangelho da Glória do Senhor” e também o “Único Mediador entre Deus e cada um dos seres humanos”, entendemos ser muito relevante realizar um aprofundamento maior sobre alguns outros detalhes dos ministérios de Cristo, com o firme propósito de conhecermos mais sobre como o Senhor realiza de forma prática as funções de **Senhor, Justiça, Paz, Salvação, Graça, Salvador, Mediador** e outras a nosso favor.

Quando mencionamos que ainda há uma necessidade de um conhecimento e entendimento mais amplo da glória de Cristo e da glória de Deus em outras funções ou ministérios, não o fazemos no sentido de que já não temos tudo o que necessitamos nos atributos de Cristo que comentamos no parágrafo anterior, mas no sentido de que também necessitamos conhecer, de forma prática, os ministérios do Senhor Jesus Cristo através do quais Ele nos estende aquilo que Ele nos mostra em suas posições de nosso Senhor, Luz, Mediador e assim por diante.

Conforme também já foi mencionado, devido ao ministério de Cristo ser a luz da sua própria glória e da glória de Deus, e pelo fato Dele ser o Singular Mediador entre o Pai Celestial e os seres humanos, nós podemos ver e acessar a glória e os benefícios da sua salvação, amor, justiça, paz, poder e do cumprimento das suas promessas. Entretanto, estes ministérios de luz e mediação necessitam de outros ministérios ou ações ainda mais específicos para que as revelações e dádivas de fato cheguem às nossas vidas.

Se uma pessoa, por exemplo, não tem acesso ao ministério de Cristo, onde Cristo é a luz para que ela veja o que lhe é oferecido no Senhor, ela fica sujeita a não enxergar aquilo que já lhe está disponível em Cristo mediante fé. Similarmente, se uma pessoa não tem acesso a Cristo como o Mediador das dádivas celestiais, ela fica sujeita a permanecer na carência destas. Entretanto, ainda que a pessoa tenha acesso Cristo como a luz e como o Singular Mediador, a luz e o ministério de Mediador se manifestam também por outros aspectos ainda mais tangíveis para que venham a expressar os seus efeitos em relação às pessoas.

A carência de muitas pessoas em relação à glória de Deus nem sempre está no fato delas não terem a informação de que Cristo veio ao mundo para se manifestar como Salvador, Senhor, Luz e Mediador para salvá-las e que elas, através desta salvação, podem ter acesso ao amor, justiça, paz, graça e poder de Deus.

A carência da glória de Deus, muitas vezes, reside no fato das pessoas não saberem e não conhecerem o que o Senhor se propõe a fazer em suas vidas e como Ele o faz para que os aspectos da sua glória realmente passem a atuar em seu favor.

Depois que uma pessoa vem a conhecer que Deus estabeleceu a Cristo como a fonte da novidade de vida que vem do reino dos céus e de tudo o que acompanha esta vida, um próximo passo muito significativo a ser compreendido está associado à como ocorre o relacionamento prático com esta fonte, pois sem uma comunhão real com o Senhor, um indivíduo pode até ter informações a respeito da fonte de vida, mas ainda assim permanecer na ignorância de como as mudanças provindas do Senhor poderão ocorrer em sua vida.

Além disso, devido à falta de conhecimento de como o Senhor pode atuar em relação a elas, algumas pessoas podem dar lugar a um temor em relação a este aspecto e o qual

pode inclusive levá-las a optarem em se absterem de um relacionamento mais próximo com a fonte de novidade de vida eterna.

Em diversos aspectos, o conhecimento dos ministérios mais práticos ou mais tangíveis através dos quais Cristo repassa efetivamente a novidade de vida celestial, as dádivas e as ações de transformações na vida de um indivíduo é até mais importante do que o conhecimento detalhado sobre algumas dádivas que uma pessoa pode encontrar no Senhor, pois sem o relacionamento funcional com os meios através dos quais o Senhor entrega as suas dádivas às pessoas ou as conduz a serem transformadas, elas ainda podem continuar em condição de carência destas dádivas.

*João 5: 39 **Examinai as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de mim.***

*40 **Contudo, não quereis vir a mim para terdes vida.***

*41 **Eu não aceito glória que vem dos homens;***

*42 **sei, entretanto, que não tendes em vós o amor de Deus.***

*43 **Eu vim em nome de meu Pai, e não me recebeis; se outro vier em seu próprio nome, certamente, o recebereis.***

*44 **Como podeis crer, vós os que aceitais glória uns dos outros e, contudo, não procurais a glória que vem do Deus único?***

*45 **Não penseis que eu vos acusarei perante o Pai; quem vos acusa é Moisés, em quem tendes firmado a vossa confiança.***

*46 **Porque, se, de fato, crêsseis em Moisés, também crerieis em mim; porquanto ele escreveu a meu respeito.***

*47 **Se, porém, não credes nos seus escritos, como creereis nas minhas palavras?***

A ênfase central de todo o ministério de Cristo para com as pessoas que ainda habitam no mundo está muito clara. E as Escrituras, vez após vez, nos mostram que esta ênfase central se refere à concessão real, efetiva ou prática da vida do reino de Deus para todos aqueles que creem no Filho Amado que o Pai Celestial lhes oferece através do Evangelho, o que também foi confirmado repetidamente pelo próprio Senhor Jesus Cristo enquanto estava em carne no presente mundo.

*João 10: 10 **O ladrão vem somente para roubar, matar e destruir; eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância.***

*João 8: 12 **De novo, lhes falava Jesus, dizendo: Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andarás nas trevas; pelo contrário, terá a luz da vida.***

*João 11: 25 **Disse-lhe Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá;***

*26 **e todo o que vive e crê em mim não morrerá, eternamente. Crês isto?***

Os relatos das Escrituras a respeito de Cristo foram feitos para que as pessoas também no presente venham a crer no Senhor Jesus Cristo e para que pratiquem a comunhão de forma viva e real com o Cristo ressurreto, vivo e eterno, bem como para que se relacionem efetivamente com os ministérios que o próprio Cristo exerce nos dias contemporâneos.

Portanto, quanto ao aspecto de avançar para um aprofundamento e uma continuidade no crescimento sobre o conhecimento dos ministérios que o Senhor exerceu e continua exercendo especificamente em favor das pessoas que Nele creem, gostaríamos de avançar, neste capítulo, mais especificamente sobre a glória de Cristo como Aquele que “tira o velho ou o primeiro” e “estabelece o novo ou o segundo”.

Um dos aspectos centrais da ação de Cristo quando veio ao mundo, como Filho do Homem, é que o Senhor veio para cumprir tudo o que era necessário ser cumprido para nos oferecer a salvação eterna. Entretanto, Cristo também veio para cumprir o que era necessário para que muitos conceitos, condutas ou práticas que ao longo dos séculos se tornaram equivocadas ou antiquadas pudessem ser removidas ou encerradas na vida daqueles que aceitassem a salvação oferecida por Deus, conforme exemplificado a seguir:

1Pedro 1: 17 E, se invocais por Pai aquele que, sem acepção de pessoas, julga segundo a obra de cada um, andai em temor, durante o tempo da vossa peregrinação,
18 sabendo que não foi com coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados da vossa vã maneira de viver que, por tradição, recebestes dos vossos pais,
19 mas com o precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro imaculado e incontaminado,
20 o qual, na verdade, em outro tempo, foi conhecido, ainda antes da fundação do mundo, mas manifestado, nestes últimos tempos, por amor de vós;
***21 e por ele credes em Deus, que o ressuscitou dos mortos e lhe deu glória, para que a vossa fé e esperança estivessem em Deus.** (RC)*

Romanos 6: 6 Sabendo isto: que foi crucificado com ele o nosso velho homem, para que o corpo do pecado seja destruído, e não sirvamos o pecado como escravos;

No estudo sobre O Evangelho da Salvação, nós procuramos expor de que um aspecto central da salvação provinda de Deus sempre faz referência a tirar a pessoa a ser redimida de uma condição de “não salva” para colocá-la em uma condição de “salva”, o que, evidentemente, envolve troca de situações, princípios, contextos e práticas.

Assim, quando o Senhor Jesus veio em carne ao mundo a fim de fazer a provisão para que a salvação de Deus pudesse ser oferecida a todos os seres humanos, Ele evidentemente também trouxe a possibilidade de as pessoas poderem alcançar um novo contexto de vida principalmente no que concerne aos seus corações, pois se o Senhor tivesse feito uma provisão de salvação para que as pessoas ficassem exatamente na mesma condição de quando não eram salvas, principalmente em seu estado interior, Ele na realidade não estaria oferecendo uma real salvação.

- Colossenses 1: 9* **Por esta razão, também nós, desde o dia em que o ouvimos, não cessamos de orar por vós e de pedir que transbordeis de pleno conhecimento da sua vontade, em toda a sabedoria e entendimento espiritual;**
- 10 a fim de viverdes de modo digno do Senhor, para o seu inteiro agrado, frutificando em toda boa obra e crescendo no pleno conhecimento de Deus;**
- 11 sendo fortalecidos com todo o poder, segundo a força da sua glória, em toda a perseverança e longanimidade; com alegria,**
- 12 dando graças ao Pai, que vos fez idôneos à parte que vos cabe da herança dos santos na luz.**
- 13 Ele nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do Filho do seu amor,**
- 14 no qual temos a redenção, a remissão dos pecados.**
- 15 Este (Filho) é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação;**
- 16 pois, nele, foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele.**
- 17 Ele é antes de todas as coisas. Nele, tudo subsiste.**

Se Cristo veio ao mundo para fazer a provisão para a reconciliação das pessoas com Deus através da fé Nele, na sua obra de justiça na cruz do Calvário e no Pai Celestial que o enviou, todo este conjunto de ações não faria sentido se Cristo também não lhes oferecesse um caminho novo de reconciliação e se Deus não declarasse nulo os caminhos pelos quais as pessoas tentaram chegar ao Senhor ao longo das suas vidas e mediante os quais nunca o conseguiram fazer.

Quando Cristo veio ao mundo para oferecer a salvação a todos os seres humanos e se manifestar como o Salvador de todos aqueles que Nele creem, Ele veio manifestar o caminho pelo qual as pessoas poderiam ser salvas, mas também para expor ou tornar claro os caminhos pelos quais as pessoas jamais alcançariam esta salvação.

A revelação do Senhor Jesus Cristo como “o novo, vivo e único caminho” para a reconciliação e comunhão com Deus é também, ao mesmo tempo, uma revelação oficial da não validade ou da proclamação da inutilidade de todos os outros caminhos pelos quais as pessoas procuravam alcançar a reconciliação com Deus, mas pelos quais nunca obtiveram êxito no objetivo que intentavam alcançar.

- Hebreus 7: 18* **Portanto, por um lado, se revoga a anterior ordenança, por causa de sua fraqueza e inutilidade**
- 19 (pois a lei nunca aperfeiçoou coisa alguma), e, por outro lado, se introduz esperança superior, pela qual nos chegamos a Deus.**

Considerando, porém, que o caminho que Cristo veio oferecer para a salvação das pessoas também implica em mudanças que ocorrem primeiramente no coração de cada indivíduo, algumas das principais mudanças que Cristo quer realizar através aquilo que Ele quer “tirar” e algumas das principais mudanças que Cristo quer realizar através do

que Ele veio “estabelecer” nem sempre são tão claramente percebidas por aqueles que querem compreender a salvação somente no nível natural ou superficialmente.

A compreensão de que aquilo que Cristo fez através da sua obra na cruz Calvário e da sua ressurreição quanto ao estabelecimento de um novo e vivo caminho, assim como quanto à declaração de nulidade de qualquer outra alternativa, também precisa abranger o entendimento de que esta ação histórica feita por Cristo somente se torna uma experiência firmemente estabelecida em uma pessoa se ela receber a Cristo em seu coração e se ela permitir que Cristo, na sequência, remova o velho também do seu coração para ali estabelecer cada vez mais o novo.

Portanto, a não compreensão de que Cristo veio para tirar ou remover aquilo que não é compatível com a salvação e com a nova vida em Deus que Ele oferece, e, da mesma forma, a não compreensão daquilo que Cristo veio estabelecer para esta novidade de vida, podem vir a se tornar em empecilhos que se interpõem fortemente para que as pessoas não cheguem a experimentar de fato aquilo que lhes está disponível em Cristo.

Se uma pessoa, por exemplo, estava acostumada a praticar a tentativa de um relacionamento com Deus através de mediadores humanos, imagens, deuses ou através das suas práticas e ofertas religiosas que realizava antes de chegar a conhecer a Cristo pessoalmente, a partir do conhecimento de Cristo, esta pessoa é chamada a deixar os caminhos ou ações praticados anteriormente e é chamada a seguir somente a nova maneira pela qual Cristo a quer instruir e dar direção para a sua vida.

As maneiras velhas ou antiquadas usadas nas tentativas de alcançar um relacionamento com Deus, herdadas por tradições, culturas ou lideranças humanas, não são compatíveis com o novo e vivo caminho que Cristo veio estabelecer na vida de cada pessoa.

E por mais que as pessoas procurem enaltecer, preservar ou até idolatrar as suas culturas e tradições, aquilo que se opõe ao querer de Deus e ao relacionamento com Deus através do Senhor Jesus Cristo e do Espírito do Senhor necessita ser afastado das práticas de vida daqueles que querem andar segundo a vontade do Senhor.

*2Coríntios 6: 14 **Não vos prendais a um jugo desigual com os infiéis; porque que sociedade tem a justiça com a injustiça? E que comunhão tem a luz com as trevas?***

*15 **E que concórdia há entre Cristo e Belial? Ou que parte tem o fiel com o infiel?***

*16 **E que consenso tem o templo de Deus com os ídolos? Porque vós sois o templo do Deus vivente, como Deus disse: Neles habitarei e entre eles andarei; e eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo. (RC)***

Quando um indivíduo crê em Cristo e que o Senhor na sua glória também é Aquele que tira o velho para estabelecer o novo, tira o que é antiquado ou obsoleto em relação à forma como Deus quer se relacionar com cada pessoa, o Senhor também ensinará e conduzirá este indivíduo especificamente sobre o que ele precisa remover da sua vida a fim de ser estabelecido cada vez mais no singular caminho da vida eterna.

Quando uma pessoa se relaciona com Cristo também no imprescindível aspecto do seu ministério de tirar o velho para estabelecer o novo, o

próprio Senhor purifica aquele que Nele crê das práticas que constituem em caminhos sem proveito ou caminhos de perdição, assim como também o estabelece nas práticas que constituem o caminho da salvação e de novidade de vida eterna.

Hebreus 9: 14 ... muito mais o sangue de Cristo, que, pelo Espírito eterno, a si mesmo se ofereceu sem mácula a Deus, purificará a nossa consciência de obras mortas, para servirmos ao Deus vivo!

*Salmos 139: 23 **Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração, prova-me e conhece os meus pensamentos;**
24 **vê se há em mim algum caminho mau e guia-me pelo caminho eterno.***

A intervenção de Cristo como Salvador e Senhor de uma pessoa não se refere à disponibilização de um conjunto de ações através dos quais o Senhor vem abençoar as pessoas sob as mesmas práticas de busca ao Senhor que elas tentavam realizar antes de conhecerem a Cristo e através das quais estavam seguindo um caminho de morte e destruição eterna.

A intervenção de Cristo como Salvador e Senhor a favor de uma pessoa é concedida para uma novidade vida estabelecida em novas práticas, mas que também envolve o abandono de práticas antigas por mais apreço que uma pessoa tenha tido por elas antes de se achar a Deus através de Cristo.

Quando vemos o exemplo de Paulo, quando ele ainda era mais conhecido pelo nome Saulo, podemos ver o quão zeloso ele era na busca do cumprimento da lei de Moisés. Entretanto, quando Saulo se encontrou com Cristo, o Senhor lhe mostrou que a prática de seguir aquela lei jamais poderia salvá-lo. Ainda que Saulo estivesse muito habituado e, talvez, até gostasse muito de seguir os preceitos da lei da antiga aliança, esta prática jamais poderia levá-lo ao objetivo almejado.

Entretanto, como Paulo creu em Cristo e seguiu as suas instruções, o Senhor abriu os olhos de Paulo, iluminou o seu entendimento e tirou do seu coração o apego, devoção ou zelo por obras mortas e às quais ele tanto se dedicara por tantos anos da sua vida, mostrando-lhe, em contrapartida, o quão mais sublime era o novo e vivo caminho que agora ele poderia viver “em Cristo”.

Vejamos abaixo algumas palavras que o próprio Paulo pronunciou a respeito das mudanças em sua vida em relação aos seus caminhos antigos depois que ele conheceu o caminho eterno e sublime que há exclusivamente no Senhor Jesus Cristo:

*Filipenses 3: 4 **Bem que eu poderia confiar também na carne. Se qualquer outro pensa que pode confiar na carne, eu ainda mais:**
5 **circuncidado ao oitavo dia, da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus; quanto à lei, fariseu,**
6 **quanto ao zelo, perseguidor da igreja; quanto à justiça que há na lei, irrepreensível.**
7 **Mas o que, para mim, era lucro, isto considerei perda por causa de Cristo.***

Pelo fato de Paulo crer em Cristo e reconhecer o ministério “*Daquela que remove o velho e estabelece o novo*”, ele experimentou a vivificação do seu espírito em Cristo, mas ele também experimentou a renovação do seu entendimento, ao ponto de declarar, em outro texto, as seguintes formosas e muito significativas palavras:

2 Coríntios 5: 17 E, assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas.

Quanto ao deixar o velho e quanto a receber o novo, Paulo aceitou o tempo e o modo que Deus estabelecera para falar com ele tanto a respeito da novidade de vida revelada em Cristo Jesus como a remoção do tempo e o modo que não tinha mais validade para a sua vida, bem como para todas as pessoas do mundo.

Quando Paulo teve os olhos do seu entendimento iluminados sobre a revelação do Filho de Deus também como o Cristo Mediador da sua relação com Deus, ele prontamente também aceitou a remoção do que precisava ser tirado diante do novo que lhe fora revelado.

Em outras palavras, Paulo recebeu o novo que lhe era oferecido em Cristo e foi estabelecido nele porque ele também aceitou a remoção de tudo aquilo que não estava de acordo com o novo que lhe foi oferecido.

E ainda, Paulo não tentou conciliar, misturar ou combinar o velho com o novo, aceitando também a seguinte instrução que o Senhor declarou aos seus apóstolos enquanto ainda estava em carne no mundo:

Lucas 5: 36 Também lhes disse uma parábola: Ninguém tira um pedaço de veste nova e o põe em veste velha; pois rasgará a nova, e o remendo da nova não se ajustará à velha.

37 E ninguém põe vinho novo em odres velhos, pois o vinho novo romperá os odres; entornar-se-á o vinho, e os odres se estragarão.

39 E ninguém, tendo bebido o vinho velho, prefere o novo; porque diz: O velho é excelente.

Após ter sido ensinado pelo Senhor Jesus sobre o que deixar para trás e sobre o que era necessário ou fundamental para ser estabelecido em sua vida, Paulo, inspirado pelo Espírito Santo, nos escreve em suas cartas, e ainda com outras palavras, o mesmo ponto que Cristo já nos anunciara nos versos acima, conforme podemos ver a seguir:

Romanos 6: 6 Sabendo isto: que foi crucificado com ele o nosso velho homem, para que o corpo do pecado seja destruído, e não sirvamos o pecado como escravos.

Efésios 4: 22 ... no sentido de que, quanto ao trato passado, vos despojeis do velho homem, que se corrompe segundo as concupiscências do engano,

23 e vos renoveis no espírito do vosso entendimento,

24 e vos revistais do novo homem, criado segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade.

Colossenses 3: 9 Não mintais uns aos outros, uma vez que vos despistes do velho homem com os seus feitos

10 e vos revestistes do novo homem que se refaz para o pleno conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou;

11 no qual não pode haver grego nem judeu, circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita, escravo, livre; porém Cristo é tudo em todos.

Quando as pessoas não percebem aquilo que Cristo veio introduzir como parte da sua salvação, assim como também aquilo que Cristo veio declarar como não tendo validade para esta mesma salvação, elas também ficam sujeitas a não ver aquilo que Cristo quer remover diante dos olhos do entendimento dos seus corações e nem aquilo que Cristo quer estabelecer como novidade de vida em seus corações.

2 Coríntios 3: 13 E não somos como Moisés, que punha véu sobre a face, para que os filhos de Israel não atentassem na terminação do que se desvanecia.

14 Mas os sentidos deles se embotaram. Pois até ao dia de hoje, quando fazem a leitura da antiga aliança, o mesmo véu permanece, não lhes sendo revelado que, em Cristo, é removido.

15 Mas até hoje, quando é lido Moisés, o véu está posto sobre o coração deles.

16 Quando, porém, algum deles se converte ao Senhor, o véu lhe é retirado.

17 Ora, o Senhor é o Espírito; e, onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade.

18 E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito.

Quando as pessoas não deixam aquilo que deveria ser abandonado ou removido, elas podem se colocar em uma posição onde ficam privadas de experimentar o que já poderiam estar desfrutando.

Entretanto, como é que as pessoas reconhecerão e distinguirão o que deve ser removido se não creem que as suas vãs maneiras de viver precisam ser deixadas para trás ou se não conhecem o fato de que na glória do ministério de Cristo se encontra o estabelecimento do que precisa ser estabelecido, mas também a remoção daquilo que deve ser removido?

Como as pessoas reconhecerão e distinguirão o que é o velho, o primeiro e a antiga aliança que deve ser removida se nem sabem o conteúdo ao qual estas expressões se referem?

Como as pessoas saberão deixar para trás o que já deveria ter sido abandonado se nem ao menos conhecem os pontos básicos daquilo que Cristo veio remover, bem como daquilo que Ele veio estabelecer?

Como as pessoas reconhecerão e distinguirão a instrução de Cristo às suas vidas sobre o que deixar e sobre o que estabelecer se elas permanecem sujeitas às tentativas de relacionamento com Deus que já não são autorizadas pelo Senhor ou se elas permanecem fazendo uso destas tentativas equivocadas em vez de se submeterem, pela graça e misericórdia celestial, à única maneira que efetivamente pode firmar o relacionamento das pessoas com o Senhor em todos os momentos e locais das suas vidas de agora e para sempre?

Quando as Escrituras mencionam que parte do ministério do Senhor para conosco é realizar “o fim da lei”, que Ele é o Singular Mediador entre Deus e os seres humanos, que Ele é o Mediador de uma nova aliança e que o Senhor veio remover o primeiro para estabelecer o segundo, elas não descrevem os textos relacionados a estas expressões somente para adornar as Escrituras com palavras de sabedoria humana.

Conforme os exemplos abaixo, quando as Escrituras atribuem a Cristo o ministério que traz à luz o novo e remove ou torna obsoleto aquilo que se opõem ao novo, elas o fazem porque há verdades incluídas em cada uma destas referências que são necessárias para o conhecimento ou compreensão daqueles que querem experimentar mais amplamente a vida que Cristo lhes oferece.

*Hebreus 8: 6 **Agora, com efeito, obteve Jesus ministério tanto mais excelente, quanto é ele também Mediador de superior aliança instituída com base em superiores promessas.***

*Hebreus 9: 15 **Por isso mesmo, ele é o Mediador da nova aliança, a fim de que, intervindo a morte para remissão das transgressões que havia sob a primeira aliança, recebam a promessa da eterna herança aqueles que têm sido chamados.***

*Hebreus 12: 24 **E a Jesus, o Mediador da nova aliança, e ao sangue da aspersão que fala coisas superiores ao que fala o próprio Abel.***

*Hebreus 10: 5 **Por isso, ao entrar no mundo, diz: Sacrifício e oferta não quiseste; antes, um corpo me formaste;**
6 não te deleitaste com holocaustos e ofertas pelo pecado.
7 Então, eu disse: Eis aqui estou (no rolo do livro está escrito a meu respeito), para fazer, ó Deus, a tua vontade.
8 Depois de dizer, como acima: Sacrifícios e ofertas não quiseste, nem holocaustos e oblações pelo pecado, nem com isto te deleitaste (coisas que se oferecem segundo a lei),
9 então, acrescentou: Eis aqui estou para fazer, ó Deus, a tua vontade.
Remove o primeiro para estabelecer o segundo.*

Quando as Escrituras nos informam que há aspectos da vida que precisam ser removidos, mas também que há novos aspectos que precisam ser estabelecidos, elas o fazem para que também venhamos a compreender que a ação de Cristo em relação a estes aspectos são para o nosso benefício ainda que estas ações venham a requerer de nós uma dedicação para compreender de forma mais profunda os ministérios que Cristo exerce a nosso favor em nossos dias, conforme comentamos no início deste capítulo.

Se um indivíduo realmente tiver fome e sede das verdades de Deus, ele não permitirá que as coisas temporais da vida roubem dele o crescimento naqueles aspectos que são vitais também para a sua vida eterna.

Colossenses 2: 20 **Se morrestes com Cristo para os rudimentos do mundo, por que, como se vivésseis no mundo, vos sujeitais a ordenanças:**

- 21 não manuseies isto, não proves aquilo, não toques aquele outro,
22 segundo os preceitos e doutrinas dos homens? Pois que todas estas coisas, com o uso, se destroem.
23 Tais coisas, com efeito, têm aparência de sabedoria, como culto de si mesmo, e de falsa humildade, e de rigor ascético; todavia, não têm valor algum contra a sensualidade.
3: 1 Portanto, se fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus.
2 Pensai nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra;
3 porque morrestes, e a vossa vida está oculta juntamente com Cristo, em Deus.**

A experiência de viver e andar em Cristo e com Cristo, como Ele sendo Aquele que tem na sua glória o ministério de também ser Aquele que tira o que precisa ser tirado e estabelecer aquilo que precisa ser estabelecido, é algo verdadeiramente libertador, um benefício sobremodo excelente e um aspecto que não poderá ser compreendido por aqueles que não creem e não se relacionam com Cristo também nesta área do seu ministério.

João 8: 31 **Disse, pois, Jesus aos judeus que haviam crido nele: Se vós permanecerdes na minha palavra, sois verdadeiramente meus discípulos;
32 e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.**

36 Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres.

Compreender aquilo do que nós precisamos ser tirados, aquilo que precisa ser tirado de nós e confiar em Cristo para que Ele nos guie neste processo, conduz a uma experiência de liberdade que somente há Naquele que também tem todos os ministérios concedidos por Deus para realizar a libertação de forma plenamente satisfatória de todos aqueles que creem nesta parte da glória do Senhor Jesus.

Nos próximos capítulos, objetivamos, então, detalhar mais alguns dos aspectos não condizentes à vida em Cristo e das quais Cristo quer nos libertar, bem como aqueles aspectos nos quais o Senhor quer nos estabelecer. Entretanto, não gostaríamos de avançar em direção a este maior detalhamento desta libertação sem previamente ressaltar o quão crucial é esta libertação e a posição e o ministério do Senhor Jesus Cristo também referente a este quesito.

Somente através de Cristo e em Cristo é que uma pessoa alcança a compreensão daquilo que ela precisa deixar, daquilo do qual ela precisa ser tirada e no que ela precisa ser estabelecida a fim de experimentar para sempre a novidade de vida eterna que lhe é concedida no Senhor.

Aquilo que o Senhor Jesus Cristo propõe para que seja tirado do coração de uma pessoa ou abandonado por ela, o Senhor o faz para que esta pessoa possa se desvencilhar de fundamentos falsos de vida e para que ela possa ser estabelecida sobre o único fundamento que é firme para sustentá-la por todos os dias da sua vida na Terra e também para toda a eternidade.

*1 Coríntios 3: 10 **Segundo a graça de Deus que me foi dada, lancei o fundamento como prudente construtor; e outro edifica sobre ele.***

Porém cada um veja como edifica.

*11 **Porque ninguém pode lançar outro fundamento, além do que foi posto, o qual é Jesus Cristo.***

Deus estabeleceu que o conhecimento da sua glória seja alcançado através de dons concedidos em Cristo, mas também através de serviços que Cristo objetiva realizar em nosso favor e em nós, como, por exemplo, iluminar o nosso entendimento, ser o nosso Mediador para com Deus e atuar como Aquele que tira o velho e estabelece o novo.

E tudo isto, ainda, para que venhamos a saber que a excelência do poder é de Deus, e não de nós ou de qualquer outra criatura como tantas vezes os seres humanos tentaram insinuar ou propagar através de várias culturas humanas que têm o objetivo de não reconhecerem a glória do seu Único Criador e Deus Eterno.

*2 Coríntios 4: 6 **Porque Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo.***

*7 **Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós.***

C16. A Glória Daquele que Tira o Primeiro e Estabelece o Segundo

A. A Importância de Compreender Mais Detalhadamente o Ministério de Cristo que Possibilitou Remover o Primeiro e Estabelecer o Segundo

- Hebreus 10: 7 Então, eu disse: Eis aqui estou (no rolo do livro está escrito a meu respeito), para fazer, ó Deus, a tua vontade.*
- 8 Depois de dizer, como acima: Sacrifícios e ofertas não quiseste, nem holocaustos e oblações pelo pecado, nem com isto te deleitaste (coisas que se oferecem segundo a lei),*
- 9 então, acrescentou: Eis aqui estou para fazer, ó Deus, a tua vontade. Remove o primeiro para estabelecer o segundo.*

Embora o título deste novo capítulo seja similar ao do capítulo anterior, o tema a ser abordado a seguir objetiva tratar de uma ênfase mais específica de um dos aspectos que globalmente estão contemplados nos conceitos do capítulo anterior.

Apesar do ministério de Cristo em *tirar o velho para estabelecer o novo* abranger o auxílio do Senhor em todo o tipo de situações relacionadas à nova vida oferecida pela salvação de Deus àqueles que Nele creem, podemos observar que as Escrituras não se limitam somente a mostrar uma ênfase generalizada daquilo que precisa ser removido e daquilo que precisa ser estabelecido.

À medida em que avançamos no conhecimento sobre os múltiplos ministérios de Cristo, também passamos a poder ver mais detalhes do que Cristo realizou e realiza na vida daqueles que crescem na vida de fé que é de acordo com o Evangelho da Glória de Deus e da Glória de Cristo.

Quando as Escrituras passam da menção genérica ou global dos ministérios e das ações de Cristo a nosso favor para uma consideração mais específica sobre eles, como é a menção em relação a *remover o primeiro e estabelecer o segundo*, elas nos sinalizam que o conhecimento geral da atuação do Senhor também necessita vir a se tornar um conhecimento e uma experiência mais detalhada ou específica, ainda que em um primeiro momento estes termos possam soar pouco familiares.

Quando as Escrituras passam a pormenorizar alguns pontos sobre os ministérios e as ações de Cristo, elas o fazem porque também nos detalhes da atuação do Senhor a nosso favor encontram-se manifestos aspectos que são imprescindíveis para o nosso crescimento e estabelecimento na nova vida recebida através da salvação celestial a nós estendida.

Em um primeiro momento, a pessoa que eminentemente necessita da salvação de Deus talvez somente precisará saber como alcançar esta salvação em Cristo para passar a experimentá-la ainda em tempo oportuno. Entretanto, após receber a salvação também é razoável que esta pessoa passe a conhecer e a aprofundar-se na vida sob a

salvação que ela recebeu, o que, igualmente, ocorre em relação ao conhecimento daquilo que precisa ser removido e do que precisa ser estabelecido em sua na vida.

As Escrituras nos mostram abordagens genéricas e amplas do que o Senhor realizou e se propõe a realizar em nossas vidas para que possamos ver com clareza quais são os grandes e principais propósitos das suas ações e de suas dádivas para conosco. Entretanto, as Escrituras também nos mostram as abordagens mais específicas e detalhadas de como o Senhor age para que cada um dos seus propósitos possa vir a ser plenamente concretizado.

O uso combinado de abordagens genéricas em conjunto com as abordagens mais específicas e detalhadas é algo não somente útil, mas também necessário, e o qual também é realizado diariamente pelas pessoas no mundo nas suas mais diversas atividades.

Quando, por exemplo, um pai e uma mãe instruem os filhos a irem para a escola, eles procuram passar aos seus filhos a ideia global daquilo que o ir para a escola visa acrescentar à vida deles. Entretanto, os pais também sabem que é na frequência à escola e na abordagem detalhada do dia-a-dia, através de diversas atividades, que a ideia global proposta aos filhos pode vir a se tornar em uma experiência e realidade pessoal em suas vidas. É também no convívio com os detalhes de cada dia que os propósitos genéricos propostos aos filhos ganham vida e podem ser efetivamente alcançados.

Assim, entendemos que a introdução que estamos procurando apresentar no início deste capítulo é de grande relevância devido à importância que pode haver na compreensão mais detalhada do que vem a ser o *primeiro a ser removido* e o que vem a ser o *segundo a ser estabelecido*, pois certamente a compreensão mais ampla destas duas expressões também pode vir a representar uma grande contribuição esclarecedora em relação a vários aspectos centrais para a vida de uma pessoa após o recebimento da salvação concedida a ela segundo o Evangelho de Deus.

Sem a compreensão mais detalhada do que vem a ser o *primeiro que deveria ser removido* e o *segundo que deveria ser estabelecido*, e sem a comparação entre eles para perceber as principais diferenças que há entre estes dois conjuntos de instruções de vida, uma pessoa poderá ficar exposta a pensar que a combinação dos preceitos do *primeiro* com o *segundo* é também perfeitamente aceitável, ficando, assim, alheia à percepção de que um é extremamente incompatível com o outro a despeito de ambos estarem descritos ou contemplados no mesmo compêndio chamado de Escrituras.

Conhecer o fato de que a vontade do Pai Celestial, a qual Cristo veio realizar no mundo através da sua crucificação e ressurreição, também contempla precisamente a *remoção do primeiro para o estabelecimento do segundo* pode vir a ser vital para o crescimento na vida cristã, pois também é nesta vontade que o cristão é estabelecido para que venha a estar cada vez mais alinhado com Deus e santificado (separado) no Senhor para que também venha a viver e andar na vontade de Deus para a sua vida, conforme nos é exposto na continuidade do texto citado na introdução deste capítulo:

*Hebreus 10: 9 **Então, acrescentou: Eis aqui estou para fazer, ó Deus, a tua vontade. Remove o primeiro para estabelecer o segundo.***
10 Nessa vontade é que temos sido santificados, mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo, uma vez por todas.

Apesar da compreensão do que vem a ser *o primeiro a ser removido* e o que vem a ser *o segundo a ser estabelecido* talvez vir a requerer um grau de dedicação maior do que alguns outros temas sobre a vida cristã, os benefícios para aquele que no Senhor alcança a realização desta tarefa são imensuráveis e indescritíveis, assim como é toda a vontade de Deus.

Além disso, lembramos, ainda, que o Senhor não nos deixou sozinhos na referida tarefa, mas enviou-nos o Consolador para ser o nosso guia em todos aspectos da sua vontade e da verdade.

Romanos 12: 2 E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.

Salmos 25: 5 Guia-me na tua verdade e ensina-me, pois tu és o Deus da minha salvação, em quem eu espero todo o dia.

João 16: 13 Quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas que hão de vir.

Para que a remoção do primeiro e o estabelecimento do segundo pudessem vir a ser realizados e oferecidos a nós como um caminho para a novidade de vida no nosso Senhor e Criador, foi da vontade de Deus, e também necessário, que Cristo oferecesse o seu corpo ou a sua vida como uma oferta viva a ser sacrificada, crucificada ou morta em nosso lugar.

Seria muito, então, requerer de um cristão que ele, ao menos, se dedicasse a ouvir ao Espírito do Senhor e as Escrituras do Pai Celestial para compreender de forma mais detalhada aquilo que custou tão alto preço ao nosso Senhor Eterno e que foi feito para o próprio benefício deste cristão?

B. O Tema Central tanto no que é Chamado *Primeiro* como no que é Chamado *Segundo*

Para avançar de forma mais específica na questão do que é chamado de *primeiro* e do que é chamado de *segundo*, estamos apresentando abaixo o texto base citado na parte inicial deste capítulo mais uma vez, acrescido, porém, de mais dois versos:

- Hebreus 10: 5* ***Por isso, ao entrar no mundo, diz: Sacrifício e oferta não quiseste; antes, um corpo me formaste;***
6 não te deleitaste com holocaustos e ofertas pelo pecado.
7 Então, eu disse: Eis aqui estou (no rolo do livro está escrito a meu respeito), para fazer, ó Deus, a tua vontade.
8 Depois de dizer, como acima: Sacrifícios e ofertas não quiseste, nem holocaustos e oblações pelo pecado, nem com isto te deleitaste (coisas que se oferecem segundo a lei),
9 então, acrescentou: Eis aqui estou para fazer, ó Deus, a tua vontade.
Remove o primeiro para estabelecer o segundo.
10 Nessa vontade é que temos sido santificados, mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo, uma vez por todas.

O que, então, vem a ser esta referência que Cristo fez a um *primeiro* e a um *segundo* e quando disse ao Pai Celestial que Ele viera ao mundo, como o Filho do Homem e no corpo que o Senhor lhe preparou, para cumprir a vontade de Deus e para anunciar que não eram sacrifícios e holocaustos que Deus procurava para que as pessoas pudessem se reconciliar com o seu Criador?

O que a referência à remoção de um *primeiro* para o estabelecimento de um *segundo* nos mostra de tão significativo ao ponto de uma pessoa poder vir a ser separada (santificada) para o Senhor a fim de também vir a conhecer a vontade de Deus para a sua vida?

Fazer a menção das perguntas dos parágrafos anteriores no início da abordagem mais específica do que vem a ser o *primeiro* e o *segundo* não é somente um mero exercício de uma expressão didática. Ela nos parece ser crucial uma vez que os próprios versos da Bíblia, colocados em referência no início deste tópico, não explicitam diretamente aquilo ao qual os termos *primeiro* e *segundo* estão se referindo, o que, por sua vez, pode levar aos leitores destes versos a simplesmente, mas também infelizmente, não perceberem a grandeza daquilo ao qual eles estão fazendo referência.

Se há a menção de um *primeiro* e também de um *segundo*, esta menção obviamente deve estar fazendo referência a algum tema central comum entre eles. Entretanto, se não soubermos o tema ao qual os dois pontos se referem, também aquilo que é referenciado ao *primeiro* e ao *segundo* dificilmente será compreendido.

Quando um *primeiro* e um *segundo* são mencionados, isto nos mostra que há diferenças entre eles, inclusive quanto ao fato de que um vem antes do outro, mas também nos revela que os dois são uma variação de um tema comum a ambos a tal ponto de serem ordenados um após o outro.

Se, por exemplo, um casal vem a ter um *segundo* filho, este filho é distinto do primeiro, recebe um nome distinto e é tratado como uma pessoa distinta. Entretanto, o fato dele ter sido recebido na mesma família também faz com que ele esteja associado a alguns temas comuns ao *primeiro* filho ou ao seu irmão tais como: filiação, família, herança e etc.

Assim, o fato de não haver uma explicação mais específica do que vem a ser o *primeiro* e o *segundo* nos próprios versos de Hebreus que citamos acima não nos impede de saber o tema central ao qual eles estão associados.

Se nos versos específicos apresentados acima não encontramos a explicação do tema central ao qual o *primeiro* e o *segundo* estão associados, no livro no qual os versos referenciados aparecem, certamente, teremos a informação da qual necessitamos, pois as Escrituras não iriam nos deixar desamparadas em um assunto de tão grande relevância e através do qual o Senhor Jesus nos auxilia a podermos estar alinhados com a vontade de Deus ou sermos santificados (separados) no Senhor.

Quando nas Escrituras não nos é concedida uma compreensão direta de um tema em algum verso específico, a averiguação do contexto do livro no qual o verso se encontra torna-se ainda mais imprescindível e pode vir a nos servir de grande apoio.

Portanto, se os versos que foram expostos no início deste tópico ainda não nos mostram diretamente aquilo ao qual eles estão se referenciando, o livro de Hebreus, no qual os versos estão inseridos, por sua vez, nos revela repetidamente e abundantemente qual é o tema central ao qual o chamado *primeiro* e o chamado *segundo* estão associados, conforme exemplificamos abaixo:

*Hebreus 1: 1 **Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas,***
*2 **nestes últimos dias, nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o universo.***

*Hebreus 8: 1 **Ora, o essencial das coisas que temos dito é que possuímos tal sumo sacerdote, que se assentou à destra do trono da Majestade nos céus,***
*2 **como ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, não o homem.***

*Hebreus 7: 12 **Pois, quando se muda o sacerdócio, necessariamente há também mudança de lei.***

Embora o tema central do livro de Hebreus também possa ser visto sob a ótica de uma troca de uma aliança ou de um *primeiro* pacto para um *segundo* pacto entre Deus e os seres humanos, que de certa maneira também é outra maneira de fazer referência ao assunto central do livro de Hebreus, o tema central a ser descortinado para que possamos procurar esclarecer mais amplamente e, ao mesmo tempo, mais objetivamente o que vem a ser respectivamente o que é chamado de *primeiro* e de *segundo*, é um tema largamente tratado nas Escrituras que está diretamente associado

à “comunicação entre Deus e as pessoas que vivem na Terra” e que também é chamado de “sacerdócio”.

Apesar do que é chamado de *primeiro* e do que é chamado de *segundo* serem distintos um do outro, o tema comum a que ambos fazem referência é, prioritariamente, sobre o *sacerdócio* direcionado a Deus.

Assim, aquilo que é chamado de *primeiro* é um tipo de *sacerdócio* e aquilo que é chamado de *segundo* é outro tipo de *sacerdócio*, mas ambos tratam do *sacerdócio* das pessoas em relação a Deus.

Se as pessoas percebessem mais o quanto a compreensão do que vem a ser um *sacerdócio* também afeta as suas vida individualmente, muitos iriam se empenhar muito mais para alcançar uma compreensão mais ampla e mais precisa sobre este tema, pois é também naquilo que é relacionado ao que é chamado de *sacerdócio* que reside o caminho de acesso das pessoas a Deus que lhes concede vida.

Provavelmente por terem ouvido falar mais sobre as características do que vem a ser um *sacerdócio* de acordo com a ideia do que é exposto no que é chamado de “*primeiro sacerdócio*”, muitas pessoas podem vir a pensar que o *sacerdócio* é um assunto que somente é interessante de ser visto por aqueles que são intitulados ou que se intitulam como sacerdotes no mundo e que o fazem a fim de realizarem um serviço sacerdotal em lugar de outros.

Entretanto, considerar como sendo *sacerdócio* somente o que está mencionado no parágrafo anterior, de forma alguma está de acordo com o que Deus espera que as pessoas compreendam sobre o que está associado ao *sacerdócio* segundo a definição estabelecida pelo reino celestial.

Quando visto a partir da perspectiva a nós ensinada a partir do reino de Deus, o *sacerdócio* engloba, sem exceção, todas as pessoas de todas as partes do mundo, ainda que muitos não estejam conscientes disto.

Sem a compreensão dos aspectos centrais do que vem a ser um *sacerdócio* e sem a compreensão de que há tipos distintos de *sacerdócios* que buscam estabelecer o relacionamento dos seres humanos com Deus, sendo divididos essencialmente entre o que é chamado de *primeiro*, ou variações deste, e o que é chamado de *segundo*, as pessoas que vivem no mundo ficam continuamente sujeitas a postergarem o crescimento ou o processo de amadurecimento que já lhes está disponível no Senhor.

Hebreus 5: 7 Ele, Jesus, nos dias da sua carne, tendo oferecido, com forte clamor e lágrimas, orações e súplicas a quem o podia livrar da morte e tendo sido ouvido por causa da sua piedade,
8 embora sendo Filho, aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu
9 e, tendo sido aperfeiçoado, tornou-se o Autor da salvação eterna para todos os que lhe obedecem,
10 tendo sido nomeado por Deus sumo sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque.
11 A esse respeito temos muitas coisas que dizer e difíceis de explicar, porquanto vos tendes tornado tardios em ouvir.
12 Pois, com efeito, quando devíeis ser mestres, atendendo ao tempo decorrido, tendes, novamente, necessidade de alguém que vos ensine, de novo, quais são os princípios elementares dos oráculos de Deus; assim, vos tornastes como necessitados de leite e não de alimento sólido.

- 13 ***Ora, todo aquele que se alimenta de leite é inexperiente na palavra da justiça, porque é criança.***
- 14 ***Mas o alimento sólido é para os adultos, para aqueles que, pela prática, têm as suas faculdades exercitadas para discernir não somente o bem, mas também o mal.***

Similarmente, ou dito em outras palavras, se as pessoas não discernirem adequadamente o que está associado ao que é um *sacerdócio* e como é cada *tipo de sacerdócio* ao qual elas podem se associar, elas também ficam sujeitas a andarem sob *sacerdócios* que não são fundamentados na justiça do reino celestial e que, por isto, não podem, jamais, aperfeiçoar aqueles que buscam a Deus através deles, o que nos é mostrado também no início do texto que exhibe que o *primeiro sacerdócio* precisa ser removido para que o *segundo sacerdócio* seja estabelecido.

Hebreus 10: 1 ***Ora, visto que a lei tem sombra dos bens vindouros, não a imagem real das coisas, nunca jamais pode tornar perfeitos os ofertantes, com os mesmos sacrifícios que, ano após ano, perpetuamente, eles oferecem.***

2 ***Doutra sorte, não teriam cessado de ser oferecidos, porquanto os que prestam culto, tendo sido purificados uma vez por todas, não mais teriam consciência de pecados?***

3 ***Entretanto, nesses sacrifícios faz-se recordação de pecados todos os anos,***

4 ***porque é impossível que o sangue de touros e de bodes remova pecados.***

5 ***Por isso, ao entrar no mundo, diz: Sacrifício e oferta não quiseste; antes, um corpo me formaste;***

6 ***não te deleitaste com holocaustos e ofertas pelo pecado.***

7 ***Então, eu disse: Eis aqui estou (no rolo do livro está escrito a meu respeito), para fazer, ó Deus, a tua vontade.***

8 ***Depois de dizer, como acima: Sacrifícios e ofertas não quiseste, nem holocaustos e oblações pelo pecado, nem com isto te deleitaste (coisas que se oferecem segundo a lei),***

9 ***então, acrescentou: Eis aqui estou para fazer, ó Deus, a tua vontade.***

Remove o primeiro para estabelecer o segundo.

10 ***Nessa vontade é que temos sido santificados, mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo, uma vez por todas.***

Ainda que um tipo de *sacerdócio* se apresente como direcionado exclusivamente ao Único Deus Criador dos Céus e da Terra, se ele for estabelecido nos moldes ou com características do modelo de *sacerdócio* abrangido pelo que é chamado de *primeiro*, este *sacerdócio* não é firmado na justiça revelada por Deus em Cristo. E, portanto, também não é aceito por Deus e por consequência jamais poderá aperfeiçoar, diante do Senhor, aqueles que fazem uso deste *tipo de sacerdócio*.

Desta forma, depois que sabemos que o *primeiro* e o *segundo* referem-se respectivamente a tipos distintos de *sacerdócios* e que a distinção entre eles é crucial

para o discernimento de um relacionamento adequado com Deus, entendemos que o passo seguinte que necessita ser realizado é conhecer mais detalhadamente aquilo que está envolvido com o termo *sacerdócio* e quais são os principais aspectos que compõem cada um destes dois tipos distintos de *sacerdócio* denominados, respectivamente, de *primeiro* e de *segundo*.

C. O Conjunto dos Principais Aspectos que Estão Envolvidos com aquilo que é Chamado de Sacerdócio

Na medida em que passamos a ver que os chamados de *primeiro a ser removido* e de *segundo a ser estabelecido* estão intimamente e diretamente associados ao que também é denominado de *sacerdócio*, podemos ver também que todo um leque de novos assuntos é introduzido para que possamos crescer na compreensão do que vem a ser, respectivamente, o próprio *sacerdócio* ao qual as Escrituras do livro de Hebreus fazem referência.

Antes mesmo de conhecer o que vem a ser o *primeiro* e o *segundo*, faz-se necessário saber quais são os aspectos globais do tema que tratam e que é também chamado de *sacerdócio*.

Não havendo uma compreensão mínima do que as Escrituras nos ensinam globalmente sobre o que vem a ser o que nelas é chamado de *sacerdócio*, também fica muito complicada uma compreensão minimamente adequada sobre o que vem a ser os chamados *primeiro sacerdócio* e *segundo sacerdócio*.

E por sua vez, o termo *sacerdócio*, falando de forma muito genérica, sucinta e simplificada, significa, basicamente, o ofício (a função e os serviços) a ser realizado por um ou mais *sacerdotes*.

Portanto, sendo o termo *sacerdócio* praticamente indissociável do que é e o que faz um *sacerdote*, a exposição do que é um *sacerdócio* necessita, então, avançar para a exposição da posição funcional dos *sacerdotes* e dos serviços que são atribuídos a estes.

Não há como separar o *sacerdócio* da demanda de *sacerdotes*, e não há como ter *sacerdotes* sem que estes estejam associados a um tipo de *sacerdócio*.

A palavra *sacerdócio*, assim como as palavras dele derivadas como *sacerdote* e *sacerdotal*, têm uma relevância muito grande nas Escrituras, e é basicamente em torno delas que uma expressiva parte do livro de Hebreus está estruturado. Em diversos pontos do livro de Hebreus, estas palavras encontram-se entrelaçadas e quase que uma expressando o próprio significado da outra, conforme exemplificado a seguir:

Hebreus 7: 11 ***Se, portanto, a perfeição houvera sido mediante o sacerdócio levítico (pois nele baseado o povo recebeu a lei), que necessidade haveria ainda de que se levantasse outro sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque, e que não fosse contado segundo a ordem de Arão?***

Entretanto, quando começamos a pensar na posição de um *sacerdote* e nos serviços que podem vir a ser atribuídos a ele, passamos a nos deparar ainda com uma outra questão, a qual é a necessidade de que a posição dos *sacerdotes* e dos serviços que se pretende atribuir a eles também estejam pré-definidos e pré-estabelecidos, sob o risco de que um *sacerdócio* específico não venha a ter uma identidade de como ou do que ele é composto.

Assim, para que um *sacerdócio* possa funcionar, é necessário que um ou mais *sacerdotes* sejam estabelecidos. Entretanto, para que se venha a saber a posição e os serviços que são esperados de um ou mais *sacerdotes*, que é o seu ofício *sacerdotal*, faz-

se necessário, primeiramente, a apresentação da conceituação e do funcionamento almejado do ofício *sacerdotal*, o qual, por sua vez, é estabelecido por uma lei ou um conjunto de definições a seu respeito e que rege a operação deste ofício.

Em outras palavras, todo *sacerdócio* necessita de um conjunto de instruções, chamado como a lei de um *sacerdócio*, que defina o ofício daqueles que irão atuar neste *sacerdócio* como *sacerdotes*, podendo esta lei ser escrita formalmente ou ser baseada em declarações ou promessas expressas e aceitas por aquele ou aqueles que irão operar neste *sacerdócio*.

Hebreus 7: 28 **Porque a lei constitui sumos sacerdotes a homens sujeitos à fraqueza, mas a palavra do juramento, que foi posterior à lei, constitui o Filho, perfeito para sempre.**

Quer seja através de lei formalmente escrita ou por declarações reconhecidas, um *sacerdócio* sempre está associado a um conjunto de instruções por mais forte ou mais frágil que este seja. Conjunto este, que (1) define o *sacerdócio*, que (2) determina quem são e como são os *sacerdotes* chamados para realizar o *sacerdócio* em questão, além de ainda (3) definir a forma e a estrutura através das quais os *sacerdotes* são chamados a atuar no referido *sacerdócio*.

Compreender que um *sacerdócio* tem uma lei ou um conjunto de instruções associado a ele e que o define, e que um *sacerdócio* é a expressão de serviços que os *sacerdotes* realizam segundo esta lei ou o conjunto de suas instruções, é o conhecimento inicial que é imprescindível para a continuidade da compreensão dos outros aspectos sobre o que vem a ser um *sacerdócio*.

Quer seja uma lei formalmente escrita em um compêndio de regras ou uma lei informal ou que tem os seus parâmetros baseados em declarações e promessas reconhecidas, todo *sacerdócio* está associado a um conjunto de aspectos que o define.

Assim, para dar continuidade ao que está sendo dito nos últimos parágrafos, encontramos também no livro de Hebreus um dos textos que mais objetivamente e, ao mesmo tempo, mais ricamente nos oferece um ensino daquilo que está envolvido de forma global em todo e qualquer *sacerdócio*, conforme podemos ver a seguir:

Hebreus 7: 12 **Pois, quando se muda o sacerdócio, necessariamente há também mudança de lei.**

O conteúdo que este último texto exposto acima nos mostra é de uma riqueza e de um significado imensurável, e que jamais deveria ser desprezado ou visto de uma maneira meramente superficial.

Quando o último texto em referência assevera de uma forma inequívoca e de maneira global que **qualquer troca de sacerdócio implica também em mudança da lei**, ele confirma o que foi exposto na introdução do presente tópico.

O texto de Hebreus 7, verso 12, nos mostra que cada tipo de *sacerdócio* é diferenciado dos outros *sacerdócios* e, por isto, também singular em relação aos demais *sacerdócios* precisamente pelo fato de cada *sacerdócio*

ter uma lei ou um conjunto de declarações próprias que rege o seu funcionamento e, principalmente, o funcionamento do ofício dos sacerdotes em torno do qual todo o sacerdócio se manifesta ou se propõe a funcionar.

Ainda em outras palavras ou para insistir um pouco mais na abordagem conceitual, para que haja um *sacerdócio*, a lei formalmente escrita ou a lei informal ou verbalmente conhecida e associada a um *sacerdócio* precisa definir ou estabelecer:

- ⇒ 1) Qual é o tipo de *sacerdotes* que irão exercer as atividades *sacerdotais* do respectivo *sacerdócio*;
- ⇒ 2) Como estes *sacerdotes* são chamados, escolhidos ou nominados;
- ⇒ 3) Quais são as atividades *sacerdotais* a serem realizadas;
- ⇒ 4) Quais são os critérios para a realização das atividades *sacerdotais* do respectivo *sacerdócio*.

Portanto, embora cada tipo de *sacerdócio* tenha a sua própria lei ou seu próprio conjunto de parâmetros que definem como este *sacerdócio* objetiva operar, é muito significativo perceber o conceito global de que todos os *sacerdócios* estão associados à uma lei ou a um conjunto de parâmetros que os definem, pois sem este entendimento, muitas pessoas acabam cedendo espaço indevido a tipos de *sacerdócio* que não atuam realmente em seu favor.

Devido a não conhecerem o conceito geral de que o primeiro tipo de sacerdócio é muito distinto do segundo tipo de sacerdócio mencionado no livro de Hebreus, ou que cada um deles tem definições próprias e parâmetros que lhes são pertinentes, muitas pessoas não alcançam a compreensão desta distinção entre os dois e de que eles não são compatíveis um com outro, sob nenhuma hipótese, porque também os aspectos que os definem são amplamente distintos e divergentes já desde os seus pontos fundamentais.

Por outro lado, depois de entender que todos os tipos de *sacerdócios*, de uma forma ou de outra, acabam estando associados aos *sacerdotes* a eles ligados e a um conjunto de princípios que se propõem a designar a posição dos *sacerdotes* e os serviços que estes devem realizar (denominado também de lei associada ao *sacerdócio*), parece-nos que fica mais facilitado o avanço para conhecermos mais detalhes sobre o que um tipo específico de *sacerdócio* propõe devido ao seu conjunto de diretrizes ou da sua lei.

Quando chegamos ao ponto de perceber que todos os tipos de sacerdócios estão associados de alguma forma a um conjunto mais detalhado daquilo que é almejado que seja realizado através de seus sacerdotes, também a tarefa de separar o que é distinto entre eles pode ficar muito enriquecida e ao mesmo tempo facilitada.

Por mais que muitas pessoas queiram equiparar o *primeiro tipo de sacerdócio* ao *segundo tipo de sacerdócio* mencionados no livro de Hebreus, quando um indivíduo toma consciência de que cada um deles têm um conjunto muito distinto de parâmetros, também as tentativas de equiparar impropriamente estes dois tipos de *sacerdócios* ficam muito mais evidentes, e, portanto, podem ser mais facilmente discernidas e rejeitadas.

Através do conhecimento pormenorizado do ofício de somente um tipo específico de *sacerdócio* pode-se conhecer diversas características deste *sacerdócio*. Entretanto, sem uma compreensão de que este *sacerdócio* em particular somente é verdadeiramente exposto à luz das diferenças que há em sua lei ou conjunto de parâmetros em comparação com outros tipos de *sacerdócios*, o entendimento geral do que vem a ser um *sacerdócio* tenderá a ficar muito prejudicado, limitado e até sujeito ao risco de ser muito distorcido.

Em outras palavras, um tipo específico de *sacerdócio* não necessariamente define o que é o conceito mais amplo de *sacerdócio*, pois dependendo da lei ou dos parâmetros de um tipo específico de *sacerdócio*, o conceito deste tipo específico pode passar uma ideia que não se aplica ao que é definido por outro tipo de *sacerdócio*.

Quando uma pessoa, por exemplo, pensa que aquilo que todos os *sacerdotes* fazem ou deveriam fazer é de acordo com o modelo de um *sacerdócio* específico, e no qual a maioria das pessoas não é participante direta do serviço *sacerdotal* porque neste modelo é dito que algumas pessoas são especialmente chamadas para serem *sacerdotes* e outras não, esta pessoa não tem uma conceituação global bem ajustada sobre *sacerdócio*, mas uma definição de somente um tipo específico de *sacerdócio* e de somente um modelo de ofício de *sacerdotes* ou serviços segundo este mesmo tipo.

Assim, o conhecimento do que vem a ser *sacerdócio* somente sob a ótica de algum tipo que se assemelha ao *primeiro tipo de sacerdócio* mencionado em Hebreus, ou, por outro lado, a falta de um entendimento mais amplo do que está associado de forma geral ao *segundo tipo de sacerdócio* exposto no mesmo livro de Hebreus, pode levar uma pessoa a ficar muito mais vulnerável para incorrer no equívoco de pensar que um tipo de *sacerdócio* pode servir como modelo referencial de estrutura e compreensão do conceito geral de *sacerdócio* ou do *segundo tipo de sacerdócio*.

Se os conceitos globais do que vem a caracterizar um ofício *sacerdotal* não forem conhecidos e compreendidos prioritariamente sob a ótica do *segundo tipo de sacerdócio*, as pessoas poderão ficar sujeitas ao não discernimento e à aceitação de proposições de *sacerdócios* inadequados e indevidos que estão no seu entorno. E isto ocorre por não perceberem que uma determinada proposição feita a eles pode estar se referindo de fato a uma ótica muito limitada do que o conceito mais geral de *sacerdócio* contempla.

Sem o conhecimento dos conceitos globais do que vem a constituir um *sacerdócio* de acordo com o *segundo tipo de sacerdócio* mencionado nas Escrituras, as comparações entre *sacerdócios* distintos ficam amplamente prejudicadas, assim como o próprio conhecimento e discernimento das Escrituras.

Se nos relacionamentos naturais que as pessoas estabelecem umas com as outras, ao longo de suas vidas, já há uma grande necessidade de serem compreendidos alguns aspectos globais da dinâmica que há na enormidade de questões a serem tratadas diariamente, quanto mais esta necessidade de comparação de alguns conceitos gerais também não estará presente no relacionamento de cada ser humano nas suas relações espirituais e em relação àquilo que é chamado de *sacerdócio*?

E uma vez feita essa menção de que o conhecimento global sobre o que é um *sacerdócio* pode contribuir em muito para a vida de uma pessoa, vamos procurar, então, avançar para o que vem a ser um serviço *sacerdotal* a ser realizado por um *sacerdote*, mas ainda visando um aspecto global desta conceituação.

Portanto, falando de maneira mais geral, um *sacerdócio*, ou seja, a posição e os serviços de um *sacerdote*, é o conjunto que envolve a estrutura, a posição, os meios e as ações realizadas por um ser humano para apresentar-se diante do que é considerado por ele uma divindade e cuja apresentação ele realiza em prol de si mesmo ou em nome de outros.

Um *sacerdócio* é o meio para realizar funções ou serviços direcionados, sempre, por uma pessoa àquilo ou àquele que ela considera uma divindade e em relação ao qual a pessoa que executa as funções ou os serviços é também chamada de *sacerdote*.

Ainda em outras palavras, o *sacerdócio* de forma genérica engloba os serviços e as funções dos *sacerdotes* colocados como os agentes para se apresentarem àquilo ou àquele que eles, ou aqueles que eles representam, consideram como divindade e com o que ou com quem pretendem estabelecer um relacionamento onde possam apresentar as suas causas na expectativa de também obterem respostas para si próprios ou para aqueles que eles representam.

Por exemplo, em relação a Deus, ainda que uma pessoa não esteja consciente de estar fazendo uso de um *sacerdócio* e de um *sacerdote*, ninguém consegue se chegar a Deus sem fazer uso de uma forma *sacerdotal* estabelecida e sem que a pessoa passe por um serviço *sacerdotal* e um *sacerdote*, inclusive podendo ela mesma ser o *sacerdote*.

Por outro lado, o mero fato de alguém usar uma forma qualquer de *sacerdócio* também não implica em dizer, automaticamente, que Deus irá aceitar o tipo de *sacerdócio* e o *sacerdote* que alguém escolheu para se apresentar ao Senhor ou para que alguém o represente diante de Deus.

Considerando que a restauração da comunhão com Deus é (1) o que o Senhor Jesus Cristo denomina de vida eterna, (2) que a comunhão com o Senhor é a maior dádiva que uma pessoa pode receber em toda a sua existência, e, ainda, (3) que o *sacerdócio* é o meio através do qual uma pessoa pode se relacionar apropriadamente com Deus, a compreensão do que vem a ser um *sacerdócio adequado diante de Deus*, ou que é de acordo como a vontade do Senhor, torna-se um dos aspectos mais vitais que uma pessoa pode alcançar ou receber em toda a sua vida.

O que as Escrituras chamam de *sacerdócio* tem uma posição primordial na determinação dos demais aspectos centrais da vida das pessoas, pois é a partir da definição do tipo de *sacerdócio* que uma pessoa adota que grande parte dos principais aspectos relacionados à sua vida também são definidos.

Portanto, o conceito geral do que é *sacerdócio* visa colaborar para que as pessoas saibam a condição imprescindível que este tema representa para as suas vidas, mas também, ou ao mesmo tempo, para que saibam que nem todo o tipo de *sacerdócio* proposto a elas é, automaticamente, um tipo de serviço *sacerdotal* adequado, bom ou benéfico.

No mundo, há uma enormidade de proposições de *sacerdócios* ou de *ofícios de sacerdotes* que estão em desacordo com aquilo que as Escrituras apresentam a respeito do *segundo tipo de sacerdócio* mencionado no livros de Hebreus, as quais, portanto, precisam ser devidamente discernidas por causa dos significativos danos que estas podem vir a

causar não somente para o tempo presente, mas também, e principalmente, para o tempo eterno da vida daqueles que se associam a eles.

Assim, quando os conceitos gerais sobre o *sacerdócio* são conhecidos firmemente ou apropriadamente de acordo com o *segundo tipo de sacerdócio* exposto no livro de Hebreus, até as frases que as pessoas querem apresentar com um tom e aparência despretensiosa em relação à vida *sacerdotal* podem passar a ser discernidas com um grau de entendimento muito mais acurado.

Quando, por exemplo, uma pessoa diz que “*não importa o meio ou maneira pela qual uma pessoa busca a Deus, desde que o busque*”, ela, na realidade, não está propondo somente um pensamento qualquer e despretensioso, por mais que queira dar a entender que uma frase como esta é uma mera expressão de liberdade e sem maiores efeitos para a vida das pessoas que passam adotar princípios similares.

Uma frase que diz que “*não importa o meio ou maneira pela qual uma pessoa busca a Deus, desde que o busque*”, na realidade é uma proposição objetiva de tentativa de introdução de um tipo específico de *sacerdócio* e que contém os elementos básicos do que é um *sacerdócio* no conceito global do termo, pois mesmo em sua proposta de ser despretensiosa e informal, ela expressa uma proposição de conceitos e condutas do relacionamento de pessoas com a divindade.

Uma frase como o exemplo de que “*não importa o meio ou maneira pela qual uma pessoa busca a Deus, desde que o busque*”, além de não ser despretensiosa, é uma proposição direta de um *sacerdócio* e ainda é uma proposição de um tipo *de sacerdócio* que é, inclusive, contrário a todo outro tipo de *sacerdócio* que propõe que a busca a Deus e o relacionamento com o Senhor tenham princípios firmemente estabelecidos.

Uma frase com a que estamos usando como exemplo nos últimos parágrafos, é a proposição de um tipo de *sacerdócio* em que a regra principal é que cada indivíduo pode fazer a sua busca a Deus na forma que queira fazer ou de qualquer maneira que pensa ser certo fazê-la.

A proposição do tipo de *sacerdócio* que a última frase em referência procura introduzir, é uma proposição de um *sacerdócio* que tem uma lei informal que diz “que cada pessoa pode criar as suas próprias leis, regras ou parâmetros para buscar a Deus”, tentando, com isto, também propor que qualquer tipo de *sacerdócio* poderia ser válido diante do Senhor Eterno.

Uma frase como a que está exemplificada nestes últimos parágrafos não é uma simples frase sem significado ou uma mera proposição lançada ao vento. Ela é uma declaração que contém conceitos, definições, proposições e elementos suficientes para associá-la ao termo global de *sacerdócio* ainda que as pessoas queiram passar a ideia de que a frase em referência não vise se equiparar ao que vem a ser mais um tipo peculiar de *sacerdócio*.

Pelo fato do conceito geral de *sacerdócio* referir-se a um relacionamento com aquilo ou com aquele que uma pessoa considera ser uma divindade para ela, podendo as vezes considerar aos seus semelhantes ou a si própria como tal, qualquer proposição ou conceituação que proponha um caminho ou uma forma deste relacionamento supostamente ser estabelecido é uma proposição do que genericamente falando é chamado de *sacerdócio*.

O mero desprezo, desinteresse ou demonstração de não querer saber sobre os temas relacionados ao que vem a ser de forma geral um *sacerdócio*, não dá garantia de um indivíduo não estar envolvida com algum tipo de *sacerdócio*, pois qualquer ação que uma pessoa realiza sob a esperança ou crença de uma expectativa de obter através da sua esperança ou confiança o que lhe é necessário para a vida, quer natural, espiritual ou eterna, já faz com que uma pessoa esteja envolvida com a conceituação geral de um *sacerdócio*.

O descaso passivo ou o desprezo ativo em relação à compreensão do que vem a ser um *sacerdócio* de forma geral, e até em relação àquilo que representa o conceito geral das leis de cada *sacerdócio*, não constitui nenhuma garantia de que uma pessoa vá se posicionar corretamente em relação aos tipos de *sacerdócios* que estão em seu entorno. Pelo contrário, o desconhecimento ou desprezo coloca uma pessoa ainda mais em risco de estar associada a um tipo de *sacerdócio* incompleto, inválido, inútil e prejudicial para a sua vida.

Por outro lado, à medida em que uma pessoa começa a crescer na compreensão de que tipo de relacionamento um *sacerdócio* se propõe a realizar ou atender, de que um *sacerdócio* também é constituído pela lei que está associada a ele, e de que cada *sacerdócio* atua através de *sacerdotes* que a ele são inerentes, uma parte significativa do conhecimento dos principais aspectos sobre *sacerdócio* já começa a ficar pavimentada para avançar rumo à uma compreensão mais completa ou apropriada deste tema.

D. Aspectos Centrais de um Sacerdício quando Visto sob a Ótica de um Relacionamento

No capítulo anterior foi exposta uma definição de que o sacerdício expressa a interação ou a tentativa de uma interação de um sacerdote com aquilo que por ele é considerado uma divindade em relação à sua vida.

Essa definição, exposta no capítulo anterior, evidencia que o sacerdício, então, está estritamente associado ao que é chamado de um relacionamento específico entre partes também bem específicas.

Além disso, observar o sacerdício sob a ótica de relacionamento, por sua vez, passa a nos permitir a averiguar mais um conjunto de aspectos centrais que são inerentes aos sacerdícios em geral e que, igualmente ao que vimos no capítulo anterior, visam nos instruir para que possamos fazer uma distinção das intenções ou pretensões que há por trás dos tipos de sacerdícios que nos são apresentados. E isto, obviamente, a fim de que também possamos reconhecer aquele sacerdício que é aceito por Deus e rejeitar toda proposta que seja contrária ao sacerdício ao qual Deus quer que estejamos associados.

Conhecer o que está envolvido com o sacerdício na particularidade da perspectiva do relacionamento é muito relevante e pode ser muito interessante, pois o sacerdício não é um relacionamento normal de pais e filhos, de fornecedores e clientes, de irmãos, e assim por diante. O sacerdício se refere ao relacionamento ou à tentativa de um relacionamento de uma pessoa com aquilo ou com aquele que esta pessoa tem sob consideração especial no sentido de atribuir-lhe um status de divindade, o que torna os relacionamentos propostos pelos diversos sacerdícios também distintos.

Ver o sacerdício pelo ângulo do relacionamento não muda o que é o sacerdício e aquilo que já vimos sobre ele. Entretanto, esta ótica permite expandir a compreensão de que tipos de relacionamentos podem estar associados aos mais diversos sacerdícios e pode esclarecer alguns pontos sobre os sacerdícios de uma maneira mais diversificada ou exemplificada.

Assim, como um primeiro ponto deste novo tópico, podemos, por exemplo, observar que apesar do sacerdício sempre estar associado a um relacionamento, a tentativa do estabelecimento de alguns sacerdícios nem sempre prevê o relacionamento entre duas partes vivas, podendo, inclusive, procurar criar um relacionamento entre duas posições distintas que uma mesma parte procura assumir.

Enquanto aquilo que chamamos de relacionamento entre as pessoas presume que haja a participação de ao menos dois indivíduos vivos, as Escrituras nos informam que algumas formas sacerdotais que as pessoas se propõem a seguir, são proposições de relacionamentos de pessoas com partes da criação ou com coisas que elas criaram que inclusive são desprovidas de alma ou de uma vida com a qual uma pessoa possa estabelecer de fato um relacionamento bilateral, conforme exemplificado abaixo:

Isaías 40: 18 **Com quem comparareis a Deus? Ou que coisa semelhante confrontareis com ele?**

19 O artífice funde a imagem, e o ourives a cobre de ouro e cadeias de prata forja para ela.

20 O sacerdote idólatra escolhe madeira que não se corrompe e busca um artífice perito para assentar uma imagem esculpida que não oscile.

Salmos 115: 1 Não a nós, SENHOR, não a nós, mas ao teu nome dá glória, por amor da tua misericórdia e da tua fidelidade.

2 Por que diriam as nações: Onde está o Deus deles?

3 No céu está o nosso Deus e tudo faz como lhe agrada.

4 Prata e ouro são os ídolos deles, obra das mãos de homens.

5 Têm boca e não falam; têm olhos e não veem;

6 têm ouvidos e não ouvem; têm nariz e não cheiram.

7 Suas mãos não apalpam; seus pés não andam; som nenhum lhes sai da garganta.

8 Tornem-se semelhantes a eles os que os fazem e quantos neles confiam.

De forma similar, conforme comentamos acima, enquanto aquilo que chamamos de “relacionamento entre as pessoas” sempre presume que haja a participação de ao menos dois indivíduos vivos e distintos, quando a questão refere-se ao sacerdócio, há ainda pessoas que colocam a si mesmas em duas posições distintas para exercer o sacerdócio, a saber, a posição de “criatura” e a posição de um “deus”, conforme também exemplificado pelos seguintes versos da Bíblia:

2 Ts 2: 3 Ninguém, de nenhum modo, vos engane, porque isto não acontecerá sem que primeiro venha a apostasia e seja revelado o homem da iniquidade, o filho da perdição,

4 o qual se opõe e se levanta contra tudo que se chama Deus ou é objeto de culto, a ponto de assentar-se no santuário de Deus, ostentando-se como se fosse o próprio Deus.

Quando passamos a ver o sacerdócio da perspectiva de um relacionamento, também podemos começar a entender que quando as pessoas começam a confiar e ter esperança de obter de outras fontes, inclusive a partir de si próprias, aquilo que somente deveriam obter de Deus, elas também estão realizando um tipo de sacerdócio.

Quando as pessoas tentam atribuir à criação atributos divinos que não lhe são pertinentes e passam a exercer esperança de receber as coisas que almejam destes supostos atributos que elas conferiram à criação, elas estão exercendo a confiança em algo que elas consideram maiores que si mesmas. Uma atitude que, portanto, ou no mínimo, constitui a tentativa de estabelecimento de uma relação sacerdotal ainda que não tenham consciência do que estão fazendo ou ainda que neguem estar praticando alguma conduta sacerdotal.

Um segundo ponto que podemos passar a ver quando vemos o sacerdócio sob a perspectiva de um relacionamento é que aquele ou aquilo com o qual uma pessoa procura interagir sob uma perspectiva sacerdotal também passa a ter influência sobre ela, inclusive se o relacionamento ao qual venha a se dedicar seja com um objeto inanimado e sem vida.

Ainda em outras palavras, o relacionamento sacerdotal ao qual uma pessoa se inclina, segue ou pratica, também acaba tendo influência sobre a sua vida ou mostrando o que há em seu coração, não importando se o relacionamento é com um outro ser vivo ou com aspectos desprovidos de vida.

Salmos 115: 4 Prata e ouro são os ídolos deles, obra das mãos de homens.

5 Têm boca e não falam; têm olhos e não veem;

8 Tornem-se semelhantes a eles os que os fazem e quantos neles confiam.

Tanto os que fazem objetos aos quais tentam atribuir características de divindade como aqueles que confiam nestes objetos e fazem uso deles passam a receber a influência deste envolvimento, e isto, pelo fato de estarem se envolvendo com os aspectos que caracterizam um tipo de relacionamento sacerdotal.

Portanto, a questão de ser influenciado pelo que resulta do relacionamento através de um sacerdócio inadequado ou contrário ao que Deus estabeleceu a partir do denominado segundo tipo de sacerdócio sempre aponta para aspectos negativos e prejudiciais àqueles que se sujeitam a este tipo de relacionamento.

Por outro lado, quando o sacerdócio para o qual alguém se inclina, segue ou pratica é de acordo com a vontade de Deus, a influência resultante desta prática traz inúmeros benefícios, pois este relacionamento também aplica-se ao sacerdócio que é direcionado ao Senhor Eterno e à sua glória, conforme o texto que já foi citado várias vezes no presente estudo e repetido abaixo:

2 Coríntios 3: 18 E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito.

A influência sobre as próprias pessoas daquele ou daquilo ao qual elas prestam reverência como uma divindade sobre elas é uma característica comum a todos os sacerdócios, mostrando-nos isto, que a compreensão deste conceito global comum a todos os sacerdócios é crucial para que as pessoas estejam conscientes do quão significativa é a escolha a que tipo de sacerdócio elas querem estar sujeitas ou expostas.

Convém frisar aqui que até quando uma pessoa confia em si mesma ou em outras pessoas como a força central de sua vida, e não atribui a força de sua vida como vinda do Senhor Eterno, ela está praticando um sacerdócio que não é direcionado a Deus, mas a si própria ou aos seus semelhantes, e dos quais ela não poderá colher aquilo que somente pode lhe ser dado pelo Pai Celestial.

Jeremias 17: 5 Assim diz o SENHOR: Maldito o homem que confia no homem, faz da carne mortal o seu braço e aparta o seu coração do SENHOR!

- 6 *Porque será como o arbusto solitário no deserto e não verá quando vier o bem; antes, morará nos lugares secos do deserto, na terra salgada e inabitável.*
- 7 *Bendito o homem que confia no SENHOR e cuja esperança é o SENHOR.*
- 8 *Porque ele é como a árvore plantada junto às águas, que estende as suas raízes para o ribeiro e não receia quando vem o calor, mas a sua folha fica verde; e, no ano de sequeidão, não se perturba, nem deixa de dar fruto.*
- 9 *Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto; quem o conhecerá?*
- 10 *Eu, o SENHOR, esquadrinho o coração, eu provo os pensamentos; e isto para dar a cada um segundo o seu proceder, segundo o fruto das suas ações.*
-

Assim, à medida em que vamos avançando na abordagem dos aspectos gerais dos sacerdócios quando vistos sob a perspectiva de relacionamentos, podemos observar que alguns aspectos dos sacerdócios passam a ficar notoriamente evidentes, pois quando uma pessoa começa a colocar em pauta os aspectos globais dos sacerdócios quanto aos relacionamentos inerentes a eles, ela poderá observar também sob esta perspectiva que há sacerdócios úteis e completos, assim como há sacerdócios que podem ser inúteis, prejudiciais e incompletos.

E, por sua vez, se começarmos a ver as considerações do parágrafo anterior primeiramente pela utilidade ou inutilidade de um sacerdócio em particular, podemos passar a observar também, como terceiro ponto do presente tópico, que **um sacerdócio específico somente é útil se aquilo que as pessoas necessitam dele também possa ser realizado de fato e se aquilo que pode ser concretizado também for realmente benéfico a elas.**

Um determinado tipo de sacerdócio pode vir ter a sua inutilidade exposta pelo aspecto dele de fato não ser capaz de realizar o que as pessoas necessitam alcançar através dele ou também porque aquilo que o sacerdócio lhes concede não seja de fato para o seu bem.

Quando as pessoas escolhem adorar a seus semelhantes, ídolos, imagens, esculturas, religiões ou qualquer outra coisa segundo os seus entendimentos, culturas ou tradições, elas estão nomeando os tipos de divindades aos quais querem servir, mas também pelos quais querem ser servidos. E as pessoas somente podem colher dos sacerdócios a que se submetem aquilo que estes sacerdócios realmente ou de fato podem lhes oferecer.

Se uma pessoa procura um sacerdócio de relacionamento com deuses mudos, cegos e incapazes de agir, é o silêncio, a cegueira e a incapacidade que ela vai colher.

Se uma pessoa, por exemplo, adora o sol que é desprovido de alma, de virtudes de pensamento e de decisões em relação àquilo que os seus adoradores lhe apresentam, o sol somente poderá continuar se oferecendo como sol, levando as pessoas a colherem a inutilidade, o engano e o prejuízo do tempo em que se dedicaram a um “deus” que de fato nunca poderá lhes responder qualquer oração a ele direcionada.

Quando as pessoas procuram se relacionar com seus semelhantes esperando destes o cumprimento do que elas na realidade deveriam ter buscado primeiramente em Deus,

os seus semelhantes talvez até atendam algumas coisas do que lhes são pedidas, mas isto não significa que aquilo que eles concederem será de fato para um propósito verdadeiramente benéfico ou, principalmente, satisfatório também para a vida eterna.

João 3: 27 **Respondeu João: O homem não pode receber coisa alguma se do céu não lhe for dada.**

...

31 Quem vem das alturas certamente está acima de todos; quem vem da terra é terreno e fala da terra; quem veio do céu está acima de todos

32 e testifica o que tem visto e ouvido; contudo, ninguém aceita o seu testemunho.

33 Quem, todavia, lhe aceita o testemunho, por sua vez, certifica que Deus é verdadeiro.

34 Pois o enviado de Deus fala as palavras dele, porque Deus não dá o Espírito por medida.

35 O Pai ama ao Filho, e todas as coisas tem confiado às suas mãos.

36 Por isso, quem crê no Filho tem a vida eterna; o que, todavia, se mantém rebelde contra o Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus.

Mateus 13: 11 **Ao que respondeu: Porque a vós outros é dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas àqueles não lhes é isso concedido.**

As Escrituras nos alertam que nos últimos dias, os dias iniciados após a vinda de Cristo ao mundo como Filho do Homem, seriam dias em que as pessoas buscariam umas às outras para ensinarem a elas mesmas o que elas querem ouvir e não o que o Senhor tem a dizer a elas.

E quando fazem isto, elas estão se associando a sacerdócios enganadores e altamente maléficos ainda que estes sacerdócios atendam uma parte dos anseios e anelos das pessoas naquilo que elas querem ser atendidas.

2 Timóteo 4: 3 **Pois haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos;**

4 e se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas.

Por fim, quando observamos as considerações sobre um sacerdócio em relação ao aspecto dele ser completo ou incompleto, conforme mencionado a alguns parágrafos acima, podemos ver ainda, como um quarto ponto associado ao sacerdócio também como um relacionamento, que **um sacerdócio em particular somente é útil se ele também for completo, ou seja, se ele atender os requisitos mínimos necessários para o funcionamento adequado de um sacerdócio.**

E, por sua vez, para um sacerdócio ser completo, ele precisa ser válido. E para ser válido, ele também precisa ser aceito pela parte à qual o sacerdócio é direcionado.

Ou seja, para um sacerdócio em particular ser válido, ele precisa ser aceito pela divindade com quem ou com o que este sacerdócio propõe que o relacionamento das pessoas seja realizado.

Muitos tipos de sacerdócios já foram propostos no mundo e muitos deles ainda continuam sendo propostos. Entretanto, a validade de cada um deles depende muito mais “daquele” a quem o sacerdócio é direcionado do que das pessoas que propõe um determinado tipo de sacerdócio.

De nada adianta as pessoas constituírem os mais simples ou mais elaborados sacerdócios se a parte a quem o sacerdócio é direcionado não o reconhecer ou não lhe conferir a devida credibilidade.

Quando um determinado tipo sacerdócio, por exemplo, visa estabelecer um relacionamento com Deus, o fato de uma pessoa usar este sacerdócio ou se colocar em uma posição de sacerdote não faz com que ela automaticamente seja aceita pelo Senhor, pois se uma pessoa buscar a Deus através de um deus falso, de um ídolo ou de um meio não autorizado pelo Senhor para buscá-lo, este sacerdócio, ou o sacerdote que o pratica, igualmente é falso ou chamado de idólatra, conforme já mencionado em textos expostos anteriormente.

Similarmente também acontece com o outro exemplo citado mais acima, onde uma pessoa que diz que Deus pode ser buscado por qualquer caminho ou de qualquer maneira. Uma pessoa de fato pode propor um sacerdócio segundo as suas próprias proposições, mas este sacerdócio jamais será completo visto que ele também nunca será validado pelo Senhor a quem o sacerdócio procura ser direcionado.

Deus sempre deixou muito explícito em suas Escrituras de que Ele não aceitaria qualquer sacerdócio que procurasse estabelecer caminhos alternativos a Ele através de culto, adoração e serviços a imagens ou esculturas, bem como também não iria validar qualquer sacerdócio direcionado a Ele que, simultaneamente, também estivesse direcionado àquilo que as pessoas, em seus próprios entendimentos, gostariam de considerar como divindades para as suas vidas, conforme exemplificado por mais alguns textos a seguir:

*Isaías 48: 11 **Por amor de mim, por amor de mim, é que faço isto; porque como seria profanado o meu nome? A minha glória, não a dou a outrem.***

*Isaías 43: 5 **Assim diz Deus, o SENHOR, que criou os céus e os estendeu, formou a terra e a tudo quanto produz; que dá fôlego de vida ao povo que nela está e o espírito aos que andam nela.***

*6 **Eu, o SENHOR, te chamei em justiça, tomar-te-ei pela mão, e te guardarei, e te farei mediador da aliança com o povo e luz para os gentios;***
*7 **para abrires os olhos aos cegos, para tirares da prisão o cativo e do cárcere, os que jazem em trevas.***

*8 **Eu sou o SENHOR, este é o meu nome; a minha glória, pois, não a darei a outrem, nem a minha honra, às imagens de escultura.***

Isaiás 45: 6 Para que se saiba, até ao nascente do sol e até ao poente, que além de mim não há outro; eu sou o SENHOR, e não há outro.

...

21 Declarai e apresentai as vossas razões. Que tomem conselho uns com os outros. Quem fez ouvir isto desde a antiguidade? Quem desde aquele tempo o anunciou? Porventura, não o fiz eu, o SENHOR? Pois não há outro Deus, senão eu, Deus justo e Salvador não há além de mim.

Compreender (1) que o sacerdócio é um relacionamento que produz influência sobre aquele que se expõe aos respectivos serviços sacerdotais e (2) que um sacerdócio em particular pode ser útil ou inútil, completo ou incompleto, dependendo com o que, com quem ou através de quem uma pessoa procura estabelecer o relacionamento sacerdotal, é uma dádiva celestial para que uma pessoa que venha a ter este entendimento (1) passe a ter consciência do quão crucial é aquilo que está associado ao sacerdócio e (2) para que ela também possa escolher se relacionar com aquele sacerdócio que verdadeiramente possa lhe conceder vida duradoura, influência reta e adequada sobre ela, e um caminho que a encaminhe verdadeiramente sob a vontade do Senhor.

Quando Cristo disse que ninguém poderia vir ao Pai Celestial senão por meio dele, sendo Ele o singular caminho, a verdade e a vida, Ele não estava falando somente de uma via impessoal para as pessoas virem à presença de Deus ou sem de fato se relacionarem com o Cristo das suas vidas.

Quando o Senhor Jesus Cristo disse que somente Ele próprio é “O Caminho” para as pessoas poderem vir a estar diante de Deus para receberem a vida eterna oferecido através do Evangelho, Ele estava declarando e mostrando que o sacerdócio que Ele veio estabelecer é o único sacerdócio adequado que as pessoas podem vir a se associarem para, através dele, terem um relacionamento significativo e eterno com o Pai Celestial.

João 14: 6 Respondeu-lhe Jesus: Eu sou O Caminho, e A Verdade, e A Vida; ninguém vem ao Pai senão por mim.

E. Havendo Mudança de Sacerdócio, Necessariamente Há Também Mudança de Lei

Depois que vimos que aquilo que no livro de Hebreus é chamado de primeiro e de segundo fazem referência a um mesmo tema central denominado de sacerdócio, e que o sacerdócio, por sua vez, é composto basicamente pelo ofício dos sacerdotes e da lei que estão associados ao respectivo sacerdócio, e ainda, que o sacerdócio é essencialmente caracterizado por um relacionamento entre pessoas e o que elas consideram como divindade, gostaríamos de retornar a um texto que foi mencionado nos tópicos anteriores para fazer uma abordagem mais específica sobre ele.

Hebreus 7: 12 **Pois, quando se muda o sacerdócio, necessariamente há também mudança de lei.**

O último texto citado acima é de extrema relevância ou vital para a continuidade do que tem sido mencionado até aqui sobre o sacerdócio e também sobre o que é chamado de primeiro sacerdócio e de segundo sacerdócio.

O texto em referência é de tão grande relevância pelo fato dele, de uma forma muito prática e objetiva, nos mostrar um caminho ordenado para uma avaliação mais consistente dos demais assuntos que estão associados aos diversos sacerdócios que são oferecidos aos seres humanos enquanto vivem na Terra.

O fato do texto de Hebreus 7, verso 12, nos informar que qualquer troca de sacerdócio também, necessariamente, gera uma troca de lei, nos mostra que cada sacerdócio tem a sua própria lei de funcionamento para que possa ser manifestado, oferecido e usado. Isto, por sua vez, também faz com que ele possa ser observado e avaliado.

A troca de sacerdócio é um fato gerador para um indivíduo também trocar para a respectiva lei do sacerdócio ao qual ele escolheu se associar.

Entretanto, saber que a troca de sacerdócio necessariamente gera a troca de lei, também nos mostra que cada tipo de sacerdócio, com a sua própria lei, é, no final das contas, incompatível com qualquer outro sacerdócio por causa da incompatibilidade que há em seus parâmetros específicos.

O fato de cada tipo de sacerdócio estar associado a um conjunto de conceitos e princípios peculiares a cada um deles, quer seja formal ou informal, abre toda uma nova perspectiva de reflexão sobre o tema dos sacerdócios.

Saber que cada sacerdócio tem a sua própria lei, formal ou informal, facilita, em muito, a compreensão do sacerdócio com um todo, pois ele também abre um caminho para sabermos que a ampla variação dos quesitos que há em cada tipo de sacerdócio, de uma forma ou de outra, sempre está revelada para que também todos os sacerdócios estejam desvendados a fim de poderem ser avaliados, rejeitados ou escolhidos.

Se as pessoas no mundo podem vir a ficar privadas de um relacionamento adequado com o seu Único Deus Criador devido ao desconhecimento do que de forma geral vem a ser um sacerdócio, e, por consequência, ficarem privadas de viver a vida segundo a vontade do Senhor, elas também podem ficar privadas do conhecimento do que realmente vem a ser um sacerdócio ou o que vem a ser o sacerdócio ao qual elas estão

associadas por causa da falta de entendimento do fato de que cada sacerdócio tem uma lei pertinente a ele e que a troca de sacerdócio necessariamente implica também em mudança para um conjunto de parâmetros distintos.

Saber que todo sacerdócio tem uma lei formal ou informal associada a ele, e saber que a troca de sacerdócio implica, necessariamente, na troca de lei, pode contribuir muito para que as pessoas venham a entender as características centrais do que vem a ser os sacerdócios de uma forma geral, mas também para estarem informadas sobre as principais características particulares de cada tipo de sacerdócio específico.

A compreensão de que cada sacerdócio está associado a uma lei que lhe é pertinente, e de que um sacerdócio não pode ser dissociado desta lei, também pode gerar uma compreensão muito mais ampla, robusta ou transparente sobre o que realmente está incorporado e o que é proposto por um determinado sacerdócio.

Se, por exemplo, adotarmos para análise as possíveis regras ou parâmetros associados a um tipo de sacerdócio que faz uso de imagens e esculturas para realizar os seus serviços sacerdotais, logo poderemos observar que a composição deste tipo de sacerdócio também envolverá toda uma conceituação de como estas imagens devem ser feitas, gerando também uma indústria de imagens e esculturas, uma indústria de onde estes ídolos e esculturas serão expostos para serem servidos e adorados, bem como envolverá também toda uma indústria de serviços para a guarda e proteção destas imagens ou ídolos.

Vejamos abaixo um exemplo do que está sendo referenciado no último parágrafo:

*Atos 19: 23 **Por esse tempo, houve grande alvoroço acerca do Caminho.**
 24 **Pois um ourives, chamado Demétrio, que fazia, de prata, nichos de Diana e que dava muito lucro aos artífices,**
 25 **convocando-os juntamente com outros da mesma profissão, disse-lhes: Senhores, sabeis que deste ofício vem a nossa prosperidade**
 26 **e estais vendo e ouvindo que não só em Éfeso, mas em quase toda a Ásia, este Paulo tem persuadido e desencaminhado muita gente, afirmando não serem deuses os que são feitos por mãos humanas.**
 27 **Não somente há o perigo de a nossa profissão cair em descrédito, como também o de o próprio templo da grande deusa, Diana, ser estimado em nada, e ser mesmo destruída a majestade daquela que toda a Ásia e o mundo adoram.***

Se, por outro lado, adotarmos para análise um tipo de sacerdócio que na sua lei não prevê ou não aceita o uso de imagens e ídolos, toda uma parte muito complexa que está associada ao tipo de sacerdócio que usa do expediente de imagens e ídolos não precisará mais ser contemplada no novo sacerdócio que estiver em avaliação.

Através da observação mais detalhada da lei associada a cada tipo de sacerdócio, quer a lei seja formal ou informal, poderá ser visto que alguns tipos de sacerdócios desencadeiam uma sequência de aspectos gigantesca para aqueles que querem estar associados a este tipo de sacerdócio, enquanto outros podem apresentar modelos muito mais simplificados.

Somente a título de uma breve menção, pois procuraremos ver as suas características mais amplamente mais adiante, quando observamos a lei do tipo de sacerdócio denominado de primeiro, podemos perceber que ele se refere a um tipo de sacerdócio altamente complexo de ser operacionalizado ainda que ele não previsse o serviço ou a adoração a ídolos, imagens ou esculturas, pois este tipo sacerdócio se mostra dependente, por exemplo, de um número enorme de sacerdotes mediadores, levitas, sacrifícios e estruturas físicas para a realização dos seus serviços sacerdotais.

Portanto, é também através da clareza sobre a associação de um sacerdócio a uma lei que lhe é pertinente que a compreensão da distinção entre o chamado primeiro sacerdócio e o segundo sacerdócio adquire mais significado e pode ser alcançada de maneira mais ampla e precisa.

É através dessa mesma clareza da associação de um sacerdócio à lei que lhe é pertinente que, por exemplo, os termos como *lei*, *a antiga aliança* e *a nova aliança*, tão frequentemente referenciados nas Escrituras, podem também ser vistos mais amplamente e compreendidos na maneira que o Senhor quer que os entendamos.

Quando passamos a ver que cada sacerdócio está associado a um lei que lhe serve de parâmetro, ainda que ela seja informal, também a compreensão dos demais aspectos específicos de cada sacerdócio ficam sujeitos ao entendimento dos pontos centrais da lei de cada sacerdócio.

Através da lei de cada sacerdócio, quer ela seja formal ou informal, as pessoas têm um leque maior de informações para virem a conhecer a proposição de funcionamento de cada sacerdócio, o que cada um deles propõe alcançar e como cada um propõe para que os seus alvos sejam alcançados. E tudo isto, para que as pessoas possam comparar e escolher a qual sacerdócio querem estar associados.

Depois que uma pessoa começa a compreender os aspectos gerais que estão associados ao que é chamado de sacerdócio e que cada sacerdócio está associado à uma lei ou um conjunto mais detalhado de parâmetros a ele associados, ela pode passar à uma questão mais direta, significativa ou prática para a sua vida, a qual é saber a qual sacerdócio ela quer estar associada, pois todas as pessoas, de uma ou de outra forma, estão associadas a algum tipo de sacerdócio e a lei que o rege.

Considerar que um sacerdócio indevido pode enganar, tornar nulas muitas práticas da vida ou cegar o entendimento daqueles que sujeitam a ele, conforme já mostramos acima, mas que também um sacerdócio adequado pode conectar uma pessoa à fonte de vida e vida para a eternidade, reforça e enaltece mais uma vez a excelsa dignidade e misericórdia do Senhor em se dispor a também nos instruir e ensinar que é nas leis associadas aos sacerdócios que cada tipo de sacerdócio também está revelado. E isto, para que possamos reconhecer e escolher aquele que nos é verdadeiramente benéfico.

E além do exposto acima, a abordagem de que cada sacerdócio está associado a uma lei pertinente a ele e de que a troca de sacerdócio implica também em troca de lei ainda precisa ser vista sob outra ótica para que alguns pontos do que é afirmado no texto que estamos adotando como referência neste tópico não sejam confundidos ou invertidos.

Quando as Escrituras nos informam que a troca de sacerdócio implica, necessariamente, na troca de lei, que por sua vez estabelece os princípios que regem o ofício dos sacerdotes e do povo a eles associados, as Escrituras nos mostram que a troca de lei pode implicar na troca de praticamente todas as características que havia na lei do sacerdócio que uma pessoa

adotava anteriormente, exceto, obviamente, os conceitos gerais do que vem a ser um sacerdócio.

Assim, ***havendo mudança de sacerdócio*** pode também significar, por exemplo:

- ⇒ 1) Mediadores diferentes e uma maneira diferenciada de designação dos mediadores e das suas funções;
- ⇒ 2) Uma forma diferente de designação e estabelecimentos de sacerdotes;
- ⇒ 3) Uma maneira diferente de designação daqueles que não serão considerados como sacerdotes se um determinado sacerdócio tiver a divisão de pessoas entre as quais são consideradas sacerdotes e as que não são consideradas sacerdotes;
- ⇒ 4) Uma estrutura sacerdotal diferente para a alocação dos sacerdotes;
- ⇒ 5) Um conjunto distinto de serviços que os sacerdotes são chamados a realizar;
- ⇒ 6) Uma mudança na maneira de justificação e obtenção de bênçãos daqueles que exercem o sacerdócio e daqueles que são representados pelos sacerdotes;
- ⇒ 7) Uma mudança na maneira da adesão ou associação ao tipo específico de sacerdócio;
- ⇒ 8) Uma mudança do sistema de culto ou de adoração;
- ⇒ 9) Uma mudança na necessidade de local de ajuntamento e de culto;
- ⇒ 10) Uma mudança no sistema de ofertas e sacrifícios.

A expressão de que “***havendo mudança de sacerdócio, necessariamente há também mudança de lei***” abrange muito mais do que a grande maioria das pessoas sequer pensa que pode ser abrangido em função da saída de um tipo de sacerdócio para fazer a adesão a outro.

Conforme já foi comentado acima, se a troca de sacerdócio implica, necessariamente, na troca da lei que define como os sacerdotes são estabelecidos e o que eles são chamados a realizar debaixo de cada tipo de sacerdócio, a troca de um tipo de sacerdócio, obrigatoriamente, também deve implicar em que haja a troca do tipo de sacerdotes e o que eles fazem.

Não há como os sacerdotes de um determinado serviço sacerdotal não estarem ligados à lei deste sacerdócio, a não ser que também renunciem e deixem a posição de sacerdotes naquele tipo de sacerdócio específico ao qual estavam associados.

Um sacerdote está ligado ao tipo de sacerdócio que ele serve e não está livre para officiar o seu serviço sacerdotal a contento em outro sacerdócio ainda que tente e se esforce muito em fazê-lo. Para um sacerdote de um tipo de sacerdócio officiar livremente em outro tipo de sacerdócio, ele precisa, antes, se dissociar do sacerdócio antigo e passar a estar associado e reconhecido como sacerdote no tipo de sacerdócio ao qual ele quer passar a realizar os seus serviços sacerdotais.

A maneira e todo o conjunto de princípios como se reconhece e constitui sacerdotes são específicos para cada tipo de sacerdócio, e não servem como princípio, e nem como exemplo, de como se reconhece e constitui sacerdotes em outro tipo de sacerdócio.

Quando, por exemplo, o sacerdócio cristão é descrito no livro de Hebreus, pode ser visto claramente que Cristo não estava associado à linhagem sacerdotal do sacerdócio da antiga aliança ou do tipo denominado de primeiro, assim como está explícito que Cristo também não veio a se associar como sacerdote àquele tipo de sacerdócio, conforme mostram os seguintes textos:

Hebreus 7: 12 **Pois, quando se muda o sacerdócio, necessariamente há também mudança de lei.**

13 **Porque aquele de quem são ditas estas coisas pertence a outra tribo, da qual ninguém prestou serviço ao altar;**

14 **pois é evidente que nosso Senhor procedeu de Judá, tribo à qual Moisés nunca atribuiu sacerdotes.**

15 **E isto é ainda muito mais evidente, quando, à semelhança de Melquisedeque, se levanta outro sacerdote,**

16 **constituído não conforme a lei de mandamento carnal, mas segundo o poder de vida indissolúvel.**

17 **Porquanto se testifica: Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque.**

18 **Portanto, por um lado, se revoga a anterior ordenança, por causa de sua fraqueza e inutilidade**

19 **(pois a lei nunca aperfeiçoou coisa alguma), e, por outro lado, se introduz esperança superior, pela qual nos chegamos a Deus.**

Hebreus 8: 1 **Ora, o essencial das coisas que temos dito é que possuímos tal sumo sacerdote, que se assentou à destra do trono da Majestade nos céus,**

2 **como ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, não o homem.**

3 **Pois todo sumo sacerdote é constituído para oferecer tanto dons como sacrifícios; por isso, era necessário que também esse sumo sacerdote tivesse o que oferecer.**

4 **Ora, se ele estivesse na terra, nem mesmo sacerdote seria, visto existirem aqueles que oferecem os dons segundo a lei,**

5 **os quais ministram em figura e sombra das coisas celestes, assim como foi Moisés divinamente instruído, quando estava para construir o tabernáculo; pois diz ele: Vê que faças todas as coisas de acordo com o modelo que te foi mostrado no monte.**

6 **Agora, com efeito, obteve Jesus ministério tanto mais excelente, quanto é ele também Mediador de superior aliança instituída com base em superiores promessas.**

7 **Porque, se aquela primeira aliança tivesse sido sem defeito, de maneira alguma estaria sendo buscado lugar para uma segunda.**

Quando passamos a compreender que um sacerdócio gira basicamente em torno do que é atribuído pela respectiva lei a um ou vários sacerdotes, e que as ações que se espera das pessoas que querem se associar a um determinado sacerdócio são definidas a partir daquilo que é especificado para os sacerdotes, podemos, então, passar a focar mais atentamente à exposição do que é um sacerdote e de quais são as atividades que dele se espera em cada tipo de sacerdócio.

O conhecimento de que os princípios básicos para os sacerdotes encontram-se na respectiva lei que está associada a cada tipo de sacerdócio realmente é crucial, pois uma das maiores dificuldades que muitas pessoas têm ao quererem entender como o relacionamento de Deus com os seres humanos é proposto na vida cristã está no fato delas pensarem, equivocadamente, que o relacionamento dos cristãos com Deus deveria seguir o modelo de sacerdotes e serviços sacerdotais segundo o tipo do sacerdócio de Moisés ou Levítico.

Quando as pessoas não se dão conta que o sacerdócio cristão é um tipo específico de sacerdócio, implicando em troca de lei e, por consequência, em troca de como se reconhece e constitui sacerdotes, bem como quais são os serviços destes sacerdotes no novo sacerdócio e como estes serviços deveriam ser realizados, elas confundem diversos tipos de sacerdócios e misturam leis de sacerdócios que são completamente distintos do que o Senhor quer dos cristãos.

Além disso, notemos bem, aqui, que apesar de uma pessoa também poder se associar a um tipo sacerdócio pelo fato de aderir a partes da lei deste, primariamente é a escolha por um determinado “tipo de sacerdócio” que define a “lei” sacerdotal à qual um indivíduo se sujeita ou à qual uma pessoa passará a estar associada, e não necessariamente o contrário.

Olhando as Escrituras e de forma prática a vida em geral, vemos que a carência de uma compreensão mais clara da questão citada no último parágrafo é tão elevada e, ao mesmo tempo, tão crucial, que até nos faltam palavras para tentar evidenciar isto mais incisivamente ou intensamente.

O texto de Hebreus 7, verso 12, que estamos usando como título do presente tópico, não diz que a troca de lei é que gera troca de sacerdócio, mas que a troca de sacerdócio é que causa, necessariamente, a troca de lei.

Portanto, entendemos que convém frisar aqui que ainda que as duas abordagens do último parágrafo pareçam ser iguais, elas apresentam consideráveis distinções.

Apesar da troca de um tipo de sacerdócio para outro tipo implicar necessariamente em troca de lei, a tentativa de trocar somente a lei de um tipo de sacerdócio, para não precisar romper a associação com este tipo específico de sacerdócio, é um processo inválido ou contrário ao descrito no capítulo 7 do livro de Hebreus.

Ou seja, de nada adianta, por exemplo, um indivíduo querer viver sob a nova aliança e a liberdade que Deus oferece a ele em Cristo, uma nova aliança onde Deus fala diretamente ao coração de cada pessoa, se ele continuar optando em se associar aos sacerdotes que atuam em conformidade com o tipo de sacerdócio que não é condizente com o sacerdócio que Deus estabeleceu em Cristo e para aqueles que o seguem.

Se uma pessoa que alega querer seguir a Cristo não chegar a deixar o sacerdócio antigo ao qual estava sujeita ou se após começar a seguir a Cristo ela voltar a se sujeitar a outro sacerdócio, ela não fará com que a sua situação diante do Senhor se torne adequada somente pelo seguir alguns princípios que há na lei de Cristo, pois é, primeiramente, o sacerdócio que define a que tipo de lei uma pessoa também está sujeita.

Se uma pessoa, por exemplo, está debaixo do sacerdócio chamado também como o sacerdócio segundo Moisés, e que tem a lei que diz que uma pessoa somente é bendita

se ela cumprir todas as regras da lei deste sacerdócio, a prática de algumas das chamadas boas obras cristãs poderá não lhe ser de muita valia, pois uma única obra não cumprida da lei associada ao sacerdócio de acordo com Moisés coloca esta pessoa sob uma condição de maldição.

Se uma pessoa estiver associada a um tipo de sacerdócio que é de acordo ou similar ao sacerdócio segundo Moisés, a mera prática de alguns atos do sacerdócio segundo Cristo, e sem se dissociar do primeiro sacerdócio, não implica em que ela encontrará a sua justificação perante Deus.

A escolha de um indivíduo por um tipo de sacerdócio também pode resultar na sua sujeição ou associação à lei deste sacerdócio e das consequências que advém desta lei, ainda que este indivíduo não concorde com todos pontos da lei do tipo de sacerdócio ao qual ele se conectou.

Gálatas 3: 10 Todos quantos, pois, são das obras da lei estão debaixo de maldição; porque está escrito: Maldito todo aquele que não permanece em todas as coisas escritas no Livro da lei, para praticá-las.

E o que foi exposto no parágrafo anterior, similarmente também ocorre com as pessoas que confiam em si próprias ou nos seus semelhantes para a sua justificação ou como a sua referência de força e confiança, conforme já vimos anteriormente no texto que repetimos mais uma vez abaixo:

Jeremias 17: 5 Assim diz o SENHOR: Maldito o homem que confia no homem, faz da carne mortal o seu braço e aparta o seu coração do SENHOR!

Além disso, considerando que a escolha de um tipo de sacerdócio também implica na mudança de lei, quando as pessoas optam pelos mediadores humanos entre elas e Deus, elas também optam pelas leis e preceitos que estes mediadores acabarão apresentando a elas.

Um determinado tipo de sacerdócio estabelece a existência da lei que lhe é pertinente, pois apesar de um sacerdócio necessitar de uma lei associada a ele e que o defina e o exponha, se um determinado tipo de sacerdócio não existir, também não faz sentido existir uma lei a respeito daquilo que é inexistente.

A lei associada a um sacerdócio existe para que as características de um sacerdócio possam ser estabelecidas nos mais diversos detalhes. Entretanto, se um sacerdócio não estiver previamente estabelecido, a lei não terá algo ao qual fazer referência.

Portanto, frisando este ponto mais uma vez, também é por causa do conjunto dos principais pontos aos quais uma pessoa se sujeita ao escolher um tipo de sacerdócio, como, por exemplo, a lei ou o conjunto de parâmetros deste sacerdócio, que é tão crucial conhecer os aspectos centrais que estão conectados à cada tipo de sacerdócio antes de passar a se submeter ou se associar a uma determinada proposição de sacerdócio.

F. Diferenciando o Primeiro e o Segundo Sacerdócios dos Demais Sacerdócios que Há no Mundo

Uma vez que sabemos, pelas Escrituras, que um sacerdócio também é especificado pelos critérios que o constituem de forma mais pormenorizada e expressos no que é chamado da lei associada a cada sacerdócio, quer seja informal ou formal, entendemos que podemos avançar ainda um pouco mais ou mais objetivamente na tarefa de diferenciar os principais aspectos dos sacerdócios e que, de certa forma, os classificam em grandes grupos com características muito evidentes e distintas entre eles.

No mundo, há uma variedade grande de proposições de sacerdócio. Por outro lado, porém, estas proposições também acabam tendo características mais gerais que permite distingui-las e posicioná-las em grupos já a partir de alguns poucos pontos básicos que as compõem, explicitando já a partir de poucos aspectos quais são as linhas mais gerais que fazem parte destes sacerdócios.

Assim, entendemos que o primeiro aspecto central ou fundamental que diferencia um sacerdócio de outros sacerdócios é quem ou o que é considerado como divindade em cada sacerdócio.

E, como consequência, entendemos que o segundo aspecto básico que diferencia um sacerdócio de outros sacerdócios está ligado à questão dele ser ou não ser reconhecido e autorizado por aquele ou aquilo que é considerado como divindade no respectivo sacerdócio.

Ainda em função da primeira diferenciação entre sacerdócios, pode-se também dizer, então, que a primeira grande divisão de sacerdócios em grupos distintos acaba dividindo os sacerdócios somente em dois grandes grupos.

Quando vemos os diversos sacerdócios à luz das Escrituras e no aspecto da divindade a que são direcionados, podemos ver que neste aspecto todos os sacerdócios acabam sendo divididos entre:

- ⇒ 1) Aqueles sacerdócios que alegam que além do Eterno Deus Único há outros deuses e divindades que podem ser invocados e buscados ou que inclusive não reconhecem ao Único Criador;
- ⇒ 2) Aqueles sacerdócios que buscam ou invocam ao Único Deus Criador dos Céus e da Terra e aquilo que neles há.

Se um determinado tipo de sacerdócio crê, ensina e aceita que no universo podem haver vários deuses ou divindades aos quais as pessoas podem buscar e se devotar, considerando inclusive a possibilidade do próprio ser humano poder representar um tipo de divindade ou ser autossuficiente para definir a vida natural e eterna segundo seu próprio entendimento, este sacerdócio, juntamente com todos os outros que também têm características similares, formam, neste sentido, um mesmo grupo comum de sacerdócios ainda que eles entre si possam ter característica muito variadas.

E o fato de existir esse primeiro fator tão expressivo de divisão dos tipos de sacerdócios poderia, talvez, fazer com que alguém viesse a pensar que o sacerdócio denominado de *primeiro* no livro de Hebreus viesse a ser esse grupo de sacerdócios que

se abstém do Único Deus Criador ou que não aceitam a condição de somente haver um Único Deus soberano e eterno.

Entretanto, quando passamos a observar o primeiro grupo citado acima mais de perto, podemos ver que não é a este grupo de sacerdócios ao qual o texto de Hebreus se refere sob o nome de *primeiro*.

Apesar dos chamados *primeiro* e *segundo* sacerdócios serem muito distintos entre si, ambos não pertencem ao primeiro grupo que apresentamos nos parágrafos acima.

Tanto o sacerdócio chamado de *primeiro* como o denominado de *segundo* pertencem ao grupo de sacerdócios que buscam ao Único Deus Criador dos Céus e da Terra, o que, por sua vez, os diferencia grandemente de todos os outros sacerdócios que há no mundo e que não têm esta mesma característica em comum.

Contudo, depois de classificar os sacerdócios como aqueles que não buscam ao Único Deus Criador exposto pelas Escrituras e como aqueles que o buscam, vimos acima que ainda há um segundo aspecto básico que classifica os tipos de sacerdócios em grupos, o qual é a aceitação ou a validade dos sacerdócios diante da divindade à quem eles são direcionados.

Se um tipo de sacerdócio não busca ao Único Deus Criador, é de se esperar também que ele, obviamente, não seja aceito e validado pelo Senhor, pois este tipo de sacerdócio procura abster e afastar as pessoas do seu Criador.

O segundo aspecto da classificação dos sacerdócios em grandes grupos, entretanto, abre um espaço para que também possa haver divisões significativas dentro de cada grande grupo de sacerdócios.

Assim, se considerarmos somente o segundo grande grupo de sacerdócios, que são aqueles que buscam ao Único Deus Criador, podemos encontrar também neste grupo mais uma segunda grande divisão referente à sua classificação.

Portanto, o grupo de sacerdócios classificado, primeiramente, como o grupo daqueles que procuram o serviço sacerdotal direcionado ao Único Deus Criador, podem ainda, de acordo com o segundo critério de classificação de sacerdócios, serem classificados em:

- ⇒ 1) Os sacerdócios que buscam ao Único Deus Criador, mas que nunca foram aceitos ou autorizados pelo Senhor para serem praticados;
- ⇒ 2) Os sacerdócios que buscam ao Único Deus Criador e que foram autorizados pelo Senhor para serem usados pelas pessoas, ainda que somente temporariamente, como é o caso do chamado *primeiro* tipo de sacerdócio.

Há alguns tipos de sacerdócios que são propostos às pessoas no mundo e que se apresentam como sacerdócios que buscam ao Único Deus Criador, mas que jamais tiveram alguma instrução ou validação do Senhor para serem usados por elas, o que torna estes tipos de sacerdócios em um conjunto de proposições que foram elaborados unilateralmente pela criação como se a criatura pudesse estabelecer ao Senhor como Ele deveria aceitar às pessoas e como Ele deveria se relacionar com elas.

Portanto, o sacerdócio chamado de *primeiro* no texto de Hebreus que tem sido adotado como referência no presente capítulo, também ainda não se refere a este

conjunto de sacerdócios que buscam ao Único Deus Criador sem qualquer aval do Senhor para assim procederem.

Tanto o sacerdócio denominado de *primeiro* como o sacerdócio chamado de *segundo* fazem parte do mesmo grupo de sacerdócios que buscam ao Único Deus Criador, mas também do grupo de sacerdócios que foram autorizados pelo Senhor para serem praticados pelos seres humanos, ainda que o *primeiro* tenha sido autorizado somente por um período determinado.

E o fato do sacerdócio chamado de *primeiro* e o sacerdócio chamado de *segundo* terem algumas características básicas que os colocam em uma mesma classificação de um conjunto tão específico de sacerdócios é, provavelmente, um dos aspectos mais desafiadores para a tarefa de compreender as distinções entre estes dois tipos específicos de sacerdócios.

Quando passamos a ver que o sacerdócio chamado de *primeiro* é também um sacerdócio muito próximo ao sacerdócio chamado de *segundo* quanto à classificação de sacerdócios em grupos, também podemos passar a ter uma percepção mais precisa de como é desafiador e necessário fazer uma abordagem mais específica e mais precisa quanto à distinção entre estes dois sacerdócios em particular.

Assim, é a partir da proximidade que o denominado *primeiro* sacerdócio tem com o chamado de *segundo* em termos de classificação dos sacerdócios em grupos, mas, ao mesmo tempo, também a partir do fato de que ainda há grandes diferenças entre outras das suas características fundamentais, que a compreensão das distinções dos chamados *primeiro* sacerdócio e *segundo* sacerdócio pode ser melhor ou mais objetivamente alcançada.

G. Introduzindo a Distinção Entre o Sacerdócio Chamado de Primeiro e o Sacerdócio Denominado de Segundo

*Hebreus 10: 8 Depois de (Cristo) dizer, como acima: Sacrifícios e ofertas não quiseste, nem holocaustos e oblações pelo pecado, nem com isto te deleitaste (coisas que se oferecem segundo a lei),
9 então, acrescentou: Eis aqui estou para fazer, ó Deus, a tua vontade.*

*Remove o primeiro para estabelecer o segundo.
10 Nessa vontade é que temos sido santificados, mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo, uma vez por todas.*

Tão próximos, mas, ao mesmo tempo, tão diferentes!

Depois de ter visto que tanto o chamado de *primeiro* como o denominado *segundo* sacerdócios pertencem ao mesmo grupo de sacerdócios que buscam a Deus e que ambos foram autorizados por Deus para serem praticados ou seguidos em seus respectivos tempos, não é de se admirar que algumas pessoas cheguem até a pensar que estes dois tipos de sacerdócios talvez pudessem não ser tão distintos entre si.

Entretanto, ou apesar da proximidade que se poderia tentar atribuir a alguns pontos do denominado *primeiro* sacerdócio com o chamado de *segundo* sacerdócio, é fundamental e imprescindível conhecer que a diferença entre os dois na realidade é enorme, a ponto destes dois sacerdócios jamais poderem vir a ser conciliados.

Se há *um primeiro a ser removido* e *um segundo a ser estabelecido*, também é razoável que haja grandes diferenças ou distinções significativas entre eles.

O fato de haver, até certo ponto, uma proximidade entre o chamado *primeiro* sacerdócio e o denominado de *segundo* não deveria ser confundido com a ideia de que se ambos buscam ao Senhor Eterno eles, no final das contas, também poderiam ser iguais ou poderiam alcançar os mesmos resultados.

Ainda que o sacerdócio denominado de *primeiro* e o chamado de *segundo* busquem, de maneiras distintas, alguns alvos similares, eles de fato não têm os mesmos fundamentos, não convergem para os mesmos princípios essenciais e nem compartilham dos mesmos resultados.

Quando, por exemplo, olhamos para algumas plantas muito perigosas ou venenosas da natureza, pode ser observado que algumas delas têm uma aparência muito similar a outras que até são frutíferas e benéficas para aqueles que se alimentam delas, exibindo assim uma proximidade ou similaridade visual, mas escondendo uma distinção profunda entre as espécies.

Portanto, por mais que o *primeiro* tenha sido feito como uma tentativa de uma réplica muito bem elaborada do chamado *segundo* sacerdócio, algumas similaridades do chamado *primeiro* sacerdócio com o denominado de *segundo* sacerdócio não faz com que os fatores básicos ou fundamentais da novidade de vida verdadeira que há no *segundo* sacerdócio possam ser incorporados ao chamado de *primeiro*.

É precisamente na proximidade do chamado *primeiro* sacerdócio com o denominado de *segundo* que muitas pessoas ficam confusas sobre estes dois sacerdócios. Entretanto, também é na proximidade dos dois referidos sacerdócios que as diferenciações mais profundas e sutis entre eles ficam muito mais claramente descortinadas e evidenciadas.

As diferenciações ou distinções entre o chamado de *primeiro* sacerdócio e o denominado de *segundo* não somente são elevadíssimas em quantidade, mas também em princípios, lei, estrutura, funcionamento e, por fim, nos resultados que cada pessoa que a eles se associa pode alcançar ou deixar de alcançar.

As diferenciações entre os dois sacerdócios que procuraremos mostrar com maior evidência a partir dos próximos tópicos se estendem por muitas áreas práticas da vida e se estendem desde os fundamentos básicos das suas concepções até uma enormidade de pequenos detalhes que estão associados a eles.

Apesar da aparente proximidade do chamado *primeiro* sacerdócio com o denominado de *segundo*, a diferenciação entre os dois é um dos temas que mais ocupou espaço e mais foi evidenciado nas Escrituras. Este aspecto nos mostra que o entendimento daquilo que está relacionado a estes dois sacerdócios também representa um dos maiores desafios para as pessoas compreenderem o que de fato vem a ser o sacerdócio ao qual o Senhor quer que as pessoas se associem, e quais vem a ser os tipos de sacerdócios com os quais o Senhor não quer que as pessoas estejam associadas.

As diferenciações entre os dois sacerdócios em referência são tão expressivos em grau de importância e em quantidade de aspectos que este assunto foi recorrentemente tratado nas Escrituras por milhares de anos e continua igualmente sendo necessário de ser compreendido atualmente.

Considerando que o sacerdócio é o principal meio operacional de uma pessoa se relacionar com Deus, o entendimento das diferenciações dos princípios básicos que estão associados aos chamados *primeiro* e *segundo* sacerdócios também têm um papel vital para que a novidade de vida concedida pelo reino celestial ou a vida eterna seja alcançada ou seja alcançada mais abundantemente, o que torna este assunto ainda mais essencial ou crucial para cada ser humano.

Além disso, a falta de compreensão de que o *primeiro* e o *segundo* sacerdócios são fundamentalmente distintos provavelmente também é um dos motivos mais expressivos para que muitas pessoas não cristãs tenham receio de se achegarem à vida cristã, pois muitos indivíduos pensam que se vieram a Cristo, também precisariam aderir aos princípios, preceitos ou práticas religiosas do que é denominado de *primeiro* sacerdócio ou similar ao *primeiro* tipo.

Por não saberem que o *segundo* sacerdócio não é um tipo de sacerdócio ligado aos preceitos religiosos do *primeiro* sacerdócio, o qual é ligado a preceitos desprovidos de um caminho de vitória para a vida eterna, muitas pessoas acabam se abstendo do *segundo* sacerdócio através do qual não somente poderiam ser vitoriosas em Cristo, mas mais do que vitoriosas, conforme descrito em capítulos anteriores.

É interessante observar que é pela proximidade, mas também pela grande diferença que há entre os chamados de *primeiro* e o *segundo* sacerdócios que se faz necessário

ampliar este assunto e inclusive desmembrá-lo em vários subtemas distintos para compreendê-lo mais satisfatoriamente, conforme procuraremos apresentar nos próximos tópicos deste mesmo capítulo e até nos próximos capítulos.

Ao realizarmos a partição do tema em questão em mais tópicos e capítulos, estamos também confiantes de que este é um caminho mais abrangente e esclarecedor do que uma tentativa de sumarizar em excesso aquilo que, no final das contas, terá que ser detalhado de uma forma ou de outra para que um esclarecimento satisfatório seja minimamente estruturado.

H. O Fator Temporal e o Registro nas Escrituras do Chamado Primeiro Sacerdócio

Quando passamos a avançar mais detalhadamente na averiguação das distinções entre os chamados de *primeiro* e de *segundo* sacerdócios, pode-se observar que três aspectos em particular têm gerado uma grande dificuldade prática para muitas pessoas diferenciarem os referidos sacerdócios, os quais são:

- ⇒ 1) O fato de ambos os sacerdócios estarem registrado nas Escrituras;
- ⇒ 2) O fato de Deus ter autorizado um *primeiro* sacerdócio fraco e inútil;
- ⇒ 3) O fato de um sacerdócio autorizado por Deus ter se evidenciado como temporário e ter que vir a ter a sua autorização revogada.

As três dificuldades apontadas no parágrafo anterior são muito interessantes e importantes de serem observadas, pois elas, de certa forma, precedem a análise específica dos dois sacerdócios em questão.

A dificuldade de compreensão de um assunto muitas vezes nem reside no próprio assunto que se almeja entender, mas na carência da compreensão de alguns aspectos que precedem o assunto em particular e que podem até gerar uma barreira quase que intransponível para que o objetivo mais específico seja alcançado.

Para chegar a um ponto específico, muitas vezes é necessário, antes, remover alguns obstáculos prévios que impedem as pessoas de chegarem ao ponto que elas almejam alcançar, como é o caso das três barreiras citadas acima.

Assim, em primeiro lugar, se uma pessoa, por exemplo, persistir no pensamento ou não se demover da ideia de que tudo o que está registrado nas Escrituras deveria ser seguido e aplicado por todos aqueles que querem seguir o que as Escrituras descrevem, ela terá uma enorme dificuldade em compreender as diferenças entre os chamados de *primeiro* e *segundo* sacerdócios.

As próprias Escrituras nos ensinam que todas as suas partes são inspiradas pelo Senhor e que são úteis para a instrução e aperfeiçoamento. Entretanto, as Escrituras nos ensinam que todas as suas partes também são úteis para correção, repreensão e para a educação na justiça daquilo que está equivocado na vida daquele que anela viver e andar na vontade de Deus.

2 Timóteo 3: 16 Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça,

17 a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra.

As Escrituras nos ensinam aspectos vitais pertinentes à vida e que todo ser humano deveria anelar compreender e seguir. Entretanto, as Escrituras igualmente nos mostram e ensinam sobre os caminhos ineficazes e de engano dos quais cada pessoa deveria se abster.

Alegar que tudo o que está apresentado nas Escrituras está exposto nelas para também ser seguido ao pé da letra, não somente é contrário às próprias Escrituras, mas

também é incoerente e contraditório, pois como uma pessoa poderia vir a ter êxito ao tentar seguir, ao mesmo tempo, o que lhe é favorável e o que é contrário à sua vida?

Toda a Escritura foi, de fato, inspirada por Deus, mas ela também foi inspirada pelo Senhor para expor ou esclarecer aqueles aspectos que se apresentam na vida com sutilezas para tentar enredar as pessoas em falsas proposições de uma vida de temor ou reverência a Deus.

O fato das Escrituras nos mostrarem que há um sacerdócio chamado de *primeiro* que precisava ser removido e o fato delas nos mostrarem que este *primeiro* sacerdócio foi permitido por um período para que a sua temporalidade e fragilidade ficasse evidente, apesar de sua enormidade de detalhes, não deveriam se tornar em uma causa de escândalo em relação às Escrituras, mas, muito pelo contrário, em uma causa de muito mais respeito ao Senhor, às Escrituras e pelo que nelas está registrado.

As Escrituras são concedidas aos seres humanos para lhes ensinarem o caminho de vida no qual cada pessoa é chamada a andar, mas elas também nos mostram com clareza e com detalhes quais são os caminhos e os resultados dos caminhos que não conduzem à vida, como, por exemplo, o sacerdócio chamado como *primeiro*.

As Escrituras nos são concedidas pelo Senhor para nos mostrar o caminho de vida e os caminhos de morte a fim de que possamos encontrar a vida e nos afastar das veredas de morte. Ou seja, as Escrituras sempre deveriam ser lidas com discernimento para entender que os seus temas apontam para vários aspectos distintos, conforme também descrevemos mais amplamente no estudo sobre a Adequada Divisão da Palavra da Verdade.

Assim, se as Escrituras fazem especial menção a uma série de detalhes do chamado de *primeiro* sacerdócio, elas o fazem porque também é necessário evidenciar os detalhes deste tipo de sacerdócio a fim de que as pessoas vejam a sua fraqueza e inutilidade, e uma vez que a humanidade se sente grandemente atraída por proposições similares a este sacerdócio.

*Hebreus 7: 18 **Portanto, por um lado, se revoga a anterior ordenança, por causa de sua fraqueza e inutilidade***
*19 **(pois a lei nunca aperfeiçoou coisa alguma), e, por outro lado, se introduz esperança superior, pela qual nos chegamos a Deus.***

O fato do sacerdócio chamado de *primeiro* receber um destaque especial nas Escrituras não é para lhe dar credibilidade no sentido de que as pessoas deveriam se associar a ele, mas é para mostrar que por mais próximo que ele possa vir a ser do verdadeiro sacerdócio que Deus quer que as pessoas adotem, este sacerdócio chamado de *primeiro* nunca poderá se equipar ao que o verdadeiro sacerdócio em Cristo pode prover para aqueles que o recebem como Senhor.

Pelo fato do sacerdócio chamado de *primeiro* almejar tanto mostrar que poderia prover a novidade de vida que somente o *segundo* sacerdócio pode oferecer, mas jamais poder fazê-lo de fato, é que também se fez necessário registrar o *primeiro* nas Escrituras com tantos detalhes para que a sua inutilidade fosse amplamente evidenciada, mostrando que uma cópia aparente não pode, jamais, substituir o verdadeiro concedido pelo Senhor.

Em segundo lugar, conforme mencionado no início deste tópico, outro ponto que gera dificuldades para muitas pessoas alcançarem a compreensão das distinções entre os chamados *primeiro* e *segundo* sacerdócios, é o fato de Deus, no passado, ter autorizado um grupo de pessoas a tentarem viver as suas vidas com base nos princípios do sacerdócio chamado de *primeiro*.

O fato de ter Deus ter autorizado o *primeiro* sacerdócio, a despeito da sua fraqueza e inutilidade, é a razão para haver os sacerdócios denominados de *primeiro* e *segundo*. Ou seja, somente os sacerdócios autorizados pelo Senhor a serem praticados é que receberam também uma menção destacada sob nomes específicos de “sacerdócios” nas Escrituras.

Quando as Escrituras nos mostram que o Filho Unigênito de Deus veio ao mundo para que o 1º pudesse vir a ser removido e para que o 2º pudesse ser estabelecido, elas não citam a necessidade da remoção de outros sacerdócios que há pelo mundo afora, pois nenhum dos outros foi autorizado pelo Senhor a ser praticado e, portanto, não precisam ser removidos pelo próprio Senhor.

Entretanto, o fato do Senhor ter autorizado o *primeiro* sacerdócio, não implica em dizer que ele representou aquilo que o Senhor queria para aquele povo a quem foi autorizado seguir pelo caminho deste *primeiro* sacerdócio.

Nas palavras do profeta Jeremias, podemos observar claramente que o Senhor não almejou o *primeiro* sacerdócio, a sua lei e todos os atos derivados desta lei para aquele povo, mas estes aspectos foram autorizados porque as pessoas a quem Deus queria guiar não quiseram a direção direta do Senhor.

O *primeiro* sacerdócio foi autorizado porque o povo quis que Deus permitisse as pessoas caminharem na opção feita pelo próprio povo.

Jeremias 7: 22 **Porque nada falei a vossos pais, no dia em que os tirei da terra do Egito, nem lhes ordenei coisa alguma acerca de holocaustos ou sacrifícios.**

23 **Mas isto lhes ordenei, dizendo: Dai ouvidos à minha voz, e eu serei o vosso Deus, e vós sereis o meu povo; andai em todo o caminho que eu vos ordeno, para que vos vá bem.**

24 **Mas não deram ouvidos, nem atenderam, porém andaram nos seus próprios conselhos e na dureza do seu coração maligno; andaram para trás e não para diante.**

O *primeiro* sacerdócio foi fruto de um anelo carnal do povo em oposição à proposição que Deus estava oferecendo para guiar as pessoas, conforme também é exposto no livro de Hebreus capítulo 7.

Neste ponto, entretanto, algumas pessoas ainda poderiam vir a se deparar com a questão de como é possível Deus autorizar um tipo de sacerdócio que é contrário ao tipo de sacerdócio que o próprio Senhor intenta que as pessoas venham a seguir?

A compreensão deste último aspecto é muito significativa, especialmente à luz do Evangelho do Senhor, o qual tem por característica ser uma oferta. E como o Evangelho é uma oferta, ele não pode ser caracterizado como uma imposição.

O convite para a adesão ao sacerdócio que Deus intenta para todas as pessoas, que é o chamado de *segundo* sacerdócio, refere-se ao sacerdócio que é oferecido para ser aderido por opção e não por imputação. Um aspecto que nos mostra que as pessoas, por outro lado, também têm a opção de escolherem se associar a outros tipos de sacerdócios ainda que contrários à vontade de Deus.

Portanto, no caso do chamado *primeiro* sacerdócio, e atendendo uma demanda contrária a Deus do povo que foi chamado para ser guiado por Deus, o Senhor fez uma concessão muito específica e muito diferenciada para que as pessoas pudessem ver mais adiante que o sacerdócio pelo qual elas estavam optando em contrariedade ao Senhor era um sacerdócio que, no final das contas, não funcionaria ainda que o Senhor lhes fosse favorável e lhes concedesse tudo o que necessitassem da parte de Deus para andarem no sacerdócio que o próprio povo escolheu para andar.

O Senhor de fato autorizou o *primeiro* sacerdócio para que o povo andasse de acordo com o tipo de sacerdócio que este grupo escolheu. Entretanto, isto foi feito para que o mundo todo também viesse a conhecer que este tipo de sacerdócio jamais poderia alcançar aquilo que ele se propunha a alcançar mesmo que Deus autorizasse um povo a segui-lo por um determinado tempo e não se opusesse a que o povo assim o fizesse.

Se, por um lado, o chamado *primeiro* sacerdócio não poderia levar o povo a alcançar o que ele almejava, por outro lado, o fato deles tentarem exaustivamente realizar o que Deus não queria que eles seguissem, viria a se mostrar como um benefício para revelar ao mundo todo que este tipo de sacerdócio *nunca aperfeiçoou coisa alguma*, por mais que as pessoas se esmerem e insistam em segui-lo.

Quando as pessoas que foram chamadas para serem guiadas por Deus pediram que o Senhor lhes desse um caminho alternativo, a fim de que pudessem tentar servir a Deus de acordo com uma proposição que mais agradasse ao próprio povo e que fosse segundo os intentos naturais delas, a maioria destas já havia feito uma escolha no coração em contraposição ao que o Senhor lhes oferecera. Entretanto, a autorização para o *primeiro* sacerdócio vir a ser instaurado e adotado pelo povo somente foi concedida porque o mundo ainda não era consciente e ainda não havia testemunhado da fraqueza e inutilidade deste *primeiro* sacerdócio.

E, por fim neste tópico, vimos que há ainda um terceiro aspecto que pode tentar se interpor na compreensão da diferenciação entre os chamados de *primeiro* e o *segundo* sacerdócios.

Esse terceiro ponto, porém, praticamente já fica respondido e evidenciado pelos dois primeiros pontos que vimos acima. Ou seja, o fato de Deus ter registrado o chamado *primeiro* sacerdócio nas Escrituras e o fato de Deus ter autorizado, por um determinado tempo, que as pessoas procurassem viver de acordo com este *primeiro* sacerdócio, nos mostra que Deus é soberano para remover a autorização daquilo que Ele permitiu ser seguido por um período da história para o nosso ensino.

Quando Cristo anuncia que Ele foi introduzido em carne no mundo e que Deus lhe dera um corpo para que a vontade do Senhor em *remover o primeiro* e *estabelecer o segundo* fosse cumprida, Ele nos mostra que Deus é plenamente soberano para remover a validade daquilo que foi autorizado para fins de revelar e ensinar ao mundo aquilo que as pessoas que habitam nele não deveriam seguir.

O registro nas Escrituras da existência de um *primeiro a ser removido* por causa do *estabelecimento de um segundo* também nos informa, claramente, sobre uma divisão

de tempos e uma divisão de formas de abordagem ou de práticas relacionadas a um mesmo tema.

O fato das Escrituras nos informarem que existe um *primeiro a ser removido* e existe um *segundo a ser estabelecido*, enriquece o desafio de compreender alguns assuntos da vida em consonância com a vontade de Deus e também nos mostra que a vida do ser humano passou e passa por períodos distintos. E, ainda, que nestes períodos diferentes, há também aspectos que tiveram uma expressão temporária diante de Deus e cujo tempo de aceitação ou tolerância foi alterado por aspectos que vieram posteriormente e tomaram o lugar do que estava anteriormente em atuação.

Apesar de “*toda a Escritura*” ser inspirada pelo Senhor e útil para ensino e aperfeiçoamento daqueles que permitem que o Senhor os instrua através da palavra escrita, convém lembrar que na própria “*Escritura*”, há instruções sobre o que Deus quer que as pessoas sigam e que são eternas, mas também há nela ensinamentos que são temporários. E como tais, alguns ensinamentos foram ou estão registrados na “*Escritura*” exatamente para instruir as pessoas de épocas específicas a não pautarem mais as suas vidas neles.

O fato de Deus estabelecer ou permitir que algo seja praticado por um determinado tempo ou o fato de Deus ter se manifestado por algum meio durante uma época específica e através de outro meio em outro período, não significa que Deus não possa interromper ou desautorizar o que foi útil ou permitido por um tempo, ou que Deus não possa simplesmente deixar de usar algumas maneiras de manifestação temporária que foram utilizadas em momentos passados da história humana.

Se observarmos a história humana de uma forma mais global desde a sua criação, podemos ver que Deus nunca repetiu os grandes eventos que nela ocorreram.

Na história humana, somente houve um processo de criação como o inicial, e somente houve um dilúvio. Somente houve um chamado como foi aquele que o Senhor fez a Abraão e Sara. Houve uma única abertura do Mar Vermelho para o povo passar com os pés enxutos e ser liberto coletivamente do Egito. Somente houve uma intervenção de Cristo para a realização da provisão de salvação de todos os seres humanos da sua condição de condenação por causa do pecado.

Além disso, em cada uma desses grandes eventos únicos, também sempre houve troca de várias condições de vida e das instruções para viver a vida após cada uma dessas intervenções.

O profeta Daniel nos ensina que Deus, como Soberano sobre tudo e sobre todos, é o Senhor Eterno e, por isto, também é o Senhor dos tempos, das estações e períodos em que algo pode ser liberado temporariamente ou pode ser interrompido segundo o justo governo de Deus tanto sobre os Céus como sobre a Terra.

*Daniel 2: 20 Disse Daniel: Seja bendito o nome de Deus, de eternidade a eternidade, porque dele é a sabedoria e o poder;
21 é ele quem muda o tempo e as estações, remove reis e estabelece reis; ele dá sabedoria aos sábios e entendimento aos inteligentes.*

Desde o momento em que Adão e Eva receberam a promessa de que um descendente deles viria a ser constituído para derrotar a serpente que se levantou contra eles e desde o momento em que Abraão e Sara foram chamados para andarem em fé segundo as instruções que Deus lhes concederia, o Senhor sempre anunciou mudanças de tempos ou de épocas que iriam ocorrer em função das ações realizadas através das suas intervenções justas junto aos seres humanos, conforme é exemplificado nas palavras abaixo que Deus anunciou a Abraão:

- Gênesis 15: 12* **Ao pôr-do-sol, caiu profundo sono sobre Abrão, e grande pavor e cerradas trevas o acometeram;**
13 então, lhe foi dito: Sabe, com certeza, que a tua posteridade será peregrina em terra alheia, e será reduzida à escravidão, e será afligida por quatrocentos anos.
14 Mas também eu julgarei a gente a que têm de sujeitar-se; e depois sairão com grandes riquezas.
15 E tu irás para os teus pais em paz; serás sepultado em ditosa velhice.
16 Na quarta geração, tornarão para aqui; porque não se encheu ainda a medida da iniquidade dos amorreus.

E se através de diversos chamados direcionados por Deus aos homens e mulheres do mundo o Senhor já introduziu tantas mudanças para também remover situações e condições praticadas até o momento destas mudanças, quanto mais o Senhor não o faria conjuntamente e após a introdução do seu Filho Amado no mundo para ser o Salvador e Cristo de todas as pessoas que nele creem?

- Gálatas 4: 4* **Vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei,**
5 para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos.
6 E, porque vós sois filhos, enviou Deus ao nosso coração o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai!
7 De sorte que já não és escravo, porém filho; e, sendo filho, também herdeiro por Deus.

- Gálatas 3: 24* **De maneira que a lei nos serviu de aio para nos conduzir a Cristo, a fim de que fôssemos justificados por fé.**
25 Mas, tendo vindo a fé, já não permanecemos subordinados ao aio.
26 Pois todos vós sois filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus.

- Hebreus 1: 1* **Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas,**
2 nestes últimos dias, nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o universo.

Sem a compreensão de que diversos pontos estabelecidos ou autorizados pelo próprio Senhor também tiveram um propósito específico para alguns momentos da história humana e que diversos destes pontos somente foram liberados sob uma condição temporária, uma pessoa que procura compreender as Escrituras poderá enfrentar grandes dificuldades em separar o que se aplica à todas as gerações, à sua geração e aquilo que serviu de aplicação somente para gerações passadas.

A falta de percepção de que Deus pode liberar algo temporariamente e a falta de entendimento simples e cristalino de que aquilo que é chamado de *primeiro* somente foi consentido por Deus para um determinado tempo até que fosse revelado mais amplamente o *segundo* sacerdócio, tem sido um dos itens mais centrais, marcantes e atuantes na tentativa de impedir as pessoas de perceberem aquilo que Deus não quer mais que elas sigam e, por consequência, também de entenderem aquilo que o Senhor quer que elas vejam, creiam e recebam em suas vidas.

Assim, uma vez exposta a diversidade de algumas peculiaridades que há na abordagem de duas perspectivas distintas sobre um mesmo tema, denominadas respectivamente de *primeira* e de *segunda*, e uma vez exposto o fato de que estas duas perspectivas também foram permitidas para ressaltar a temporariedade da *primeira* diante da *segunda*, entendemos que passamos a estar melhor amparados para avançar em mais detalhes sobre cada um dos dois sacerdócios em referência e de suas peculiaridades.

I. A Proximidade do Primeiro Sacerdócio com os Demais Sacerdócios do Mundo e a Exclusiva Validade Presente e Eterna do Segundo Sacerdócio

*Hebreus 10: 8 **Depois de (Cristo) dizer, como acima: Sacrifícios e ofertas não quiseste, nem holocaustos e oblações pelo pecado, nem com isto te deleitaste (coisas que se oferecem segundo a lei),***

*9 **então, acrescentou: Eis aqui estou para fazer, ó Deus, a tua vontade.***

Remove o primeiro para estabelecer o segundo.

*10 **Nessa vontade é que temos sido santificados, mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo, uma vez por todas.***

Se retornarmos um pouco ao que foi exposto nos tópicos anteriores do presente capítulo, podemos lembrar que neles foi dito que os chamados *primeiro* e *segundo* sacerdócios se distinguem de todos os demais sacerdócios do mundo, basicamente, pelo fato dos dois buscarem ao Único Deus Criador e pelo fato de somente estes dois terem recebido uma referência específica de sacerdócios que foram autorizados formalmente pelo Senhor para serem aderidos e praticados, fazendo com que somente estes tenham efetivamente nomes específicos de sacerdócios expostos de forma mais ampla nas Escrituras.

Entretanto, quando avançamos um pouco mais nas Escrituras e nos motivos pelos quais o *primeiro* sacerdócio também foi incluso nelas de forma tão detalhada, podemos passar a ver que este *primeiro* sacerdócio não é, na realidade, tão distinto dos demais sacerdotes que há no mundo e que não são aprovados pelo Senhor.

Se por um tempo o primeiro sacerdócio se distinguiu dos demais sacerdócios do mundo por ele ser um sacerdócio autorizado pelo Senhor para ser praticado, este sacerdócio passou a não estar mais no grupo do sacerdócios autorizados a partir do momento em que Deus enviou o Seu Filho Unigênito para através Dele também revogar a validade do primeiro sacerdócio, equiparando, desta forma, este primeiro aos demais sacerdócios em geral no mundo no quesito de não serem válidos diante do Senhor.

Após a morte de Cristo na cruz do Calvário, o seu sepultamento e a sua ressurreição dentre os mortos, o primeiro sacerdócio também passou à condição de não aceito ou de rejeitado por Deus ainda que as pessoas continuem tentando estabelecer através deste sacerdócio um relacionamento com Deus.

*Hebreus 7: 18 **Portanto, por um lado, se revoga a anterior ordenança, por causa de sua fraqueza e inutilidade***

*19 **(pois a lei nunca aperfeiçoou coisa alguma), e, por outro lado, se introduz esperança superior, pela qual nos chegamos a Deus.***

Depois que Deus permitiu o *primeiro* sacerdócio ser praticado para que também as tentativas de estabelecer um sacerdócio na força da carne demonstrassem a fraqueza e a inutilidade que há neste tipo de sacerdócio, o *primeiro* sacerdócio, no final das contas, acabou sendo revelado como um modelo mais completo ou mais amplamente elaborado do que os demais sacerdócios em que os próprios seres humanos tentam estabelecer, na força da carne, a realização das diversas ações a serem seguidas nos sacerdócios que eles criam e com os quais muitas pessoas se associam.

Depois que a sua fraqueza e incapacidade para alcançar o que um verdadeiro sacerdócio deveria estabelecer foram expostas por séculos, o *primeiro* sacerdócio passou a ficar evidenciado como um sacerdócio similar aos demais sacerdócios humanos por ser igualmente inútil para prover o que somente pode ser provido por um verdadeiro sacerdócio ou pelo sacerdócio eternamente aceito por Deus.

Depois da exposição até a exaustão do chamado *primeiro* sacerdócio, pode ser observado que este sacerdócio não é tão diferente dos demais sacerdócios do mundo, pois similarmente aos demais sacerdócios espalhados pela Terra, o *primeiro* sacerdócio também teve por base a busca da divindade segundo a força do ser humano ou segundo a força natural ou carnal, através da qual ninguém pode, jamais, herdar o reino de Deus porque este não pode ser alcançado por esforços ou méritos humanos.

No livro de Gálatas, Paulo, apóstolo do Senhor Jesus Cristo, também nos mostra que após a vinda de Cristo ao mundo, o *primeiro* sacerdócio, estabelecido no monte Sinai através de Moisés, acabou sendo revelado como associado a uma lei de mandamento carnal e que não pode herdar o reino celestial juntamente com o *segundo* sacerdócio estabelecido por Deus mediante Cristo.

Gálatas 4: 21 Dizei-me vós, os que quereis estar sob a lei: acaso, não ouvís a lei?

22 Pois está escrito que Abraão teve dois filhos, um da mulher escrava e outro da livre.

23 Mas o da escrava nasceu segundo a carne; o da livre, mediante a promessa.

24 Estas coisas são alegóricas; porque estas mulheres são duas alianças; uma, na verdade, se refere ao monte Sinai, que gera para escravidão; esta é Agar.

25 Ora, Agar é o monte Sinai, na Arábia, e corresponde à Jerusalém atual, que está em escravidão com seus filhos.

26 Mas a Jerusalém lá de cima é livre, a qual é nossa mãe;

27 porque está escrito: Alegra-te, ó estéril, que não dás à luz, exulta e clama, tu que não estás de parto; porque são mais numerosos os filhos da abandonada que os da que tem marido.

28 Vós, porém, irmãos, sois filhos da promessa, como Isaque.

29 Como, porém, outrora, o que nascera segundo a carne perseguia ao que nasceu segundo o Espírito, assim também agora.

30 Contudo, que diz a Escritura? Lança fora a escrava e seu filho, porque de modo algum o filho da escrava será herdeiro com o filho da livre.

31 E, assim, irmãos, somos filhos não da escrava, e sim da livre.

5: 1 Para a liberdade foi que Cristo nos libertou. Permanecei, pois, firmes e não vos submetais, de novo, a jugo de escravidão.

Se, por um lado, Deus permitiu que o primeiro sacerdócio fosse autorizado para ser praticado por aqueles que insistiram em receber um sacerdócio deste tipo, com a vinda do segundo sacerdócio, o primeiro perdeu toda a validade perante Deus de continuar sendo praticado, visto que o próprio primeiro sacerdócio expôs a sua fraqueza e inutilidade após ter sido praticado por anos, séculos e até mais do que um milênio.

A partir da revelação e da evidência, através de Cristo, do segundo sacerdócio ao mundo, e de que somente o segundo sacerdócio passou a ser autorizado perante Deus, o primeiro sacerdócio deveria ser visto basicamente como o registro de um amplo exemplo histórico de fatos e de princípios que jamais poderão levar uma pessoa à transformação profunda de vida e à uma condição de se relacionar em liberdade com o Senhor.

E, por fim, sendo o chamado de primeiro um sacerdócio muito amplo e completo na sua proposição do ser humano tentar conseguir realizar todo o sacerdócio que ele almeja estabelecer diante de Deus, apesar de jamais conseguir fazê-lo através deste, este sacerdócio acabou se tornando um modelo genérico de todos os outros sacerdócios elaborados pelos seres humanos, pois todos os outros sacerdócios elaborados pelas pessoas ao longo dos séculos acabam sendo uma variação do modelo do primeiro sacerdócio e de tudo o que há na sua respectiva lei.

O primeiro sacerdócio, em certo sentido, foi dado a conhecer ao mundo para que a partir do conhecimento deste, as pessoas possam discernir também os outros sacerdócios que são contrários à vontade de Deus, pois, essencialmente, todos os sacerdócios propostos pelos seres humanos vão acabar incorrendo em proposições fundamentadas na fraqueza da sabedoria ou da natureza humana e não na sabedoria e no poder de Deus.

Portanto, pelo fato do segundo sacerdócio ser o único que de fato pode levar uma pessoa a alcançar o relacionamento com a verdadeira divindade, ou seja, com o Único Deus Criador e Eterno, também é somente o segundo sacerdócio que passou a ter a autorização e aprovação diante de Deus após a revelação ampla deste segundo sacerdócio ao mundo.

Insistir na prática do primeiro sacerdócio e insistir em fazer apologias a este sacerdócio atualmente é, então, uma posição de resistência ao querer e à proposição da justiça salvadora que Deus oferece à humanidade, ainda que as pessoas que o pratiquem o primeiro sacerdócio ou similar e ele tentem demonstrar zelo por Deus.

*Romanos 10: 1 **Irmãos, a boa vontade do meu coração e a minha súplica a Deus a favor deles são para que sejam salvos.***

*2 **Porque lhes dou testemunho de que eles têm zelo por Deus, porém não com entendimento.***

*3 **Porquanto, desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria, não se sujeitaram à que vem de Deus.***

*4 **Porque o fim da lei é Cristo, para justiça de todo aquele que crê.***

Em Cristo está o fim do primeiro sacerdócio, pois também em Cristo está o fim da lei do primeiro sacerdócio.

Depois da revelação clara da fraqueza e inutilidade do *primeiro* sacerdócio e da perfeição e da glória eterna do *segundo* sacerdócio, este *segundo* sacerdócio, estabelecido através de Cristo e em Cristo, passou a ser o único sacerdócio válido diante de Deus e o qual continua sendo o único reconhecido no presente e para toda a eternidade.

Atualmente e eternamente, o *segundo* sacerdócio é o último e exclusivo sacerdócio aceito diante de Deus e que jamais será abalado ou removido.

Hebreus 7: 20 E, visto que não é sem prestar juramento (porque aqueles, sem juramento, são feitos sacerdotes,
21 mas este, com juramento, por aquele que lhe disse: O Senhor jurou e não se arrependerá: Tu és sacerdote para sempre);
22 por isso mesmo, Jesus se tem tornado fiador de superior aliança.
23 Ora, aqueles são feitos sacerdotes em maior número, porque são impedidos pela morte de continuar;
24 este, no entanto, porque continua para sempre, tem o seu sacerdócio imutável.

J. Os “Dois”, e não “Três”, Posicionamentos de Vida que São Revelados na Compreensão do *Primeiro* e do *Segundo* Sacerdócios

Depois de vermos que a temporalidade do *primeiro* sacerdócio leva este sacerdócio também ser equiparado, em muitos aspectos, aos mais diversos sacerdócios que há no mundo e que procuram estabelecer a justiça das pessoas perante Deus pelas obras que elas praticam, podemos também ver que a obra de Deus junto aos seres humanos, através Cristo, trata de profundezas de pensamentos e de atitudes que para muitos nem pareciam ser práticas não aprovadas pelo Senhor.

Quando as pessoas somente permanecem na condição de verem genericamente e superfluamente o que está contemplado no ministério de Cristo quanto à remoção de coisas que já não condizem com a novidade de vida concedida pelo Senhor através da sua salvação, elas facilmente podem incorrer na ideia equivocada de que Cristo somente veio atuar na remoção daquilo que está relacionado aos pecados que diretamente procuram tirar todo o interesse das pessoas pelo relacionamento com Deus.

Uma vez que o pecado essencialmente objetiva o rompimento de um relacionamento adequado das pessoas com Deus, conforme exposto no estudo sobre O Evangelho da Justiça de Deus, talvez muitos facilmente poderiam vir a pensar que tudo aquilo que Cristo quer que seja tirado dos corações daqueles que recebem a salvação de Deus está ligado diretamente ao total desinteresse das pessoas pelo seu Criador.

Entretanto, quando vemos mais de perto aquilo que as Escrituras tem a dizer especificamente sobre *remover o primeiro e estabelecer o segundo*, podemos observar que o conjunto de aspectos com a qual Cristo quer tratar para remover o que é indevido com a novidade de vida Nele, é muito mais amplo do que somente os pecados que procuram atuar no desinteresse direto das pessoas por Deus.

A busca pelo afastamento do Senhor e o desprezo pelo Criador dos Céus e da Terra certamente é uma forma muito objetiva e prática da atuação do pecado. Porém, buscar o Senhor através de caminhos não instruídos por Deus, e até fazê-lo com grande fervor ou intensidade, também é uma forma muito objetiva e direta de atuação do pecado.

Nas Escrituras e na vida prática em geral, podemos observar que são exatamente alguns aspectos que têm aparência de piedade, devoção e busca a Deus que mais atraem muitas pessoas ao que já não deveriam mais se apegar após a crucificação e ressurreição de Cristo dentre os mortos.

Muitas vezes é precisamente em relação às ações de busca ao Senhor, mas de forma inadequada, que as pessoas mais relutam em aceitar o parecer de Cristo sobre o que precisa ser removido em suas vidas e no que elas precisam passar a estar estabelecidas.

Devido ao desconhecimento ou desprezo das Escrituras, muitos têm deixado de perceber que o estabelecimento, cada vez mais firme, da novidade de vida que é oferecida juntamente com a salvação concedida pelo Senhor, ocorre também pela disposição das pessoas em permitir que Cristo as ensine a respeito da verdade e que Ele remova das suas vidas inclusive aqueles pecados que são cometidos exatamente na intensa, mas inadequada, busca pelo próprio Eterno Deus Criador.

Esse tema relacionado a ser liberto de crenças, credos, religiões e de ações através dos quais uma pessoa busca a Deus e até o reconhece como o único Criador dos Céus e da Terra, mas tentando fazê-lo através de maneiras que já não são aprovadas pelo Senhor após a vinda de Cristo ao mundo também como o Filho do Homem, é um tema que jamais deveria ser olhado com pouca atenção e que jamais deveria ser considerado como um tema de pouca relevância para cada um dos seres humanos que habitam na Terra.

O mero fato das pessoas procurarem ao Único Deus Todo-Poderoso e até se mostrarem muito zelosas para com o Senhor não implica em dizer que Deus automaticamente as justifique e faça com que elas possam vir a ser resgatadas do pecado para viverem uma vida reconciliada com o Senhor.

A mera intenção de buscarem ao mesmo Deus Criador dos Céus e da Terra não faz com que todos aqueles que o busquem sejam igualmente recebidos e aceitos pelo Senhor quando esta busca é feita em conformidade com a maneira escolhida pelas pessoas buscarem a Deus e não de acordo com a maneira que Deus lhes mostra para ser achado por elas.

*Mateus 7: 21 **Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus.***

*22 **Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor!***

Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres?

*23 **Então, lhes direi explicitamente: nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade.***

Quando as pessoas procuram buscar a Deus com base nas suas ações e através dos caminhos que elas querem estabelecer para buscarem a Deus, elas, na realidade, não estão buscando a Deus no sentido de receber o que o Senhor tem a oferecer a elas.

Quando os seres humanos querem que Deus as aceite com base nos termos que elas mesmas querem estabelecer, elas de fato não estão querendo que o Senhor seja realmente o seu “Deus”, mas que “Deus” seja o servo delas e que as sirva com todo o seu poder e com todas as suas dádivas nos termos estabelecidos por aqueles que buscam a Deus e não de acordo com os termos que Deus estabeleceu para a comunhão com as pessoas.

Quando as pessoas procuram buscar a Deus com base em suas próprias crenças, credos, ações, caminhos ou até de acordo com o primeiro sacerdócio, elas procuram sujeitar Deus a si mesmas porque, na realidade, não querem se sujeitar ao Deus Criador das suas vidas e ao seu caminho.

*Romanos 10: 1 **Irmãos, o bom desejo do meu coração e a oração a Deus por Israel é para sua salvação.***

*2 **Porque lhes dou testemunho de que têm zelo de Deus, mas não com entendimento.***

*3 **Porquanto, não conhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria justiça, não se sujeitaram à justiça de Deus.***

A obra de busca pelo Senhor através dos próprios métodos daqueles que o buscam ou até através da lei do primeiro sacerdócio, pode vir a se tornar em um dos mais hostis e perversos pecados contra Deus e contra os demais seres humanos.

Em muitos casos, as buscas a Deus, pelas maneiras que as pessoas querem buscar a Deus, são pecados realizados sob uma bandeira sutil de religiosidade que tenta passar uma aparência de verdadeira devoção e busca intensa pelo Senhor Criador dos Céus e da Terra, mas que, na prática, atuam para impedir as pessoas de verdadeiramente se achegarem ao Reino de Deus.

*Mateus 23: 13 **Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque fechais o reino dos céus diante dos homens; pois vós não entrais, nem deixais entrar os que estão entrando!***

...
 15 ***Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque rodeais o mar e a terra para fazer um prosélito; e, uma vez feito, o tornais filho do inferno duas vezes mais do que vós!***

*Colossenses 2: 20 **Se morrestes com Cristo para os rudimentos do mundo, por que, como se vivésseis no mundo, vos sujeitais a ordenanças:***

21 ***não manuseies isto, não proves aquilo, não toques aquilo outro,***
 22 ***segundo os preceitos e doutrinas dos homens? Pois que todas estas coisas, com o uso, se destroem.***

23 ***Tais coisas, com efeito, têm aparência de sabedoria, como culto de si mesmo, e de falsa humildade, e de rigor ascético; todavia, não têm valor algum contra a sensualidade.***

Referente ainda ao primeiro que precisa ser removido, as Escrituras nos mostram claramente que há uma série de cultos direcionados a Deus, mas que não têm utilidade para aqueles que prestam estes cultos e que eles não são aceitos por Deus por serem expressões exteriores de cultos e não expressões de um novo coração concedido pelo Pai Celestial para aqueles que receberam a Cristo como Senhor.

*Hebreus 9: 9 **É isto uma parábola para a época presente; e, segundo esta, se oferecem tanto dons como sacrifícios, embora estes, no tocante à consciência, sejam ineficazes para aperfeiçoar aquele que presta culto.***

*Isaías 29: 13 **O Senhor disse: Visto que este povo se aproxima de mim e com a sua boca e com os seus lábios me honra, mas o seu coração está longe de mim, e o seu temor para comigo consiste só em mandamentos de homens, que maquinalmente aprendeu,***

14 continuarei a fazer obra maravilhosa no meio deste povo; sim, obra maravilhosa e um portento; de maneira que a sabedoria dos seus sábios perecerá, e a prudência dos seus prudentes se esconderá.

15 Ai dos que escondem profundamente o seu propósito do SENHOR, e as suas próprias obras fazem às escuras, e dizem: Quem nos vê?

Quem nos conhece?

16 Que perversidade a vossa! Como se o oleiro fosse igual ao barro, e a obra dissesse do seu artífice: Ele não me fez; e a coisa feita dissesse do seu oleiro: Ele nada sabe.

Por mais impressionante que possa parecer, as Escrituras nos informam inclusive que, em certo sentido, é mais fácil aqueles que não buscam a Deus aceitarem a oferta de reconciliação com o Senhor do que aqueles que já têm insistido em buscar a Deus através de caminhos propostos por eles mesmos ou propostos de acordo com o primeiro sacerdócio.

Isaías 65: 1 Fui buscado pelos que não perguntavam por mim; fui achado por aqueles que não me buscavam; a um povo que não se chamava do meu nome, eu disse: Eis-me aqui, eis-me aqui.

Mateus 21: 31 Qual dos dois fez a vontade do pai? Disseram: O segundo. Declarou-lhes Jesus: Em verdade vos digo que publicanos e meretrizes vos precedem no reino de Deus.

Romanos 9: 30 Que diremos, pois? Que os gentios, que não buscavam a justificação, vieram a alcançá-la, todavia, a que decorre da fé.

Apesar do desprezo ao Deus Criador ser manifestado intensamente pelo fato das pessoas tentarem negar a sua existência ou pelo fato delas tentarem corromper a sua glória como o Único Deus sobre todo o universo ou, ainda, pela tentativa de elevar a criatura aos status de Deus, a busca por Deus através de ações e caminhos que não são oferecidos pelo Senhor é igualmente uma expressão de desprezo a Deus.

As pessoas rejeitam o que Deus lhes oferece também através da busca do Senhor mediante os caminhos carnais ou propostos pela criatura, e mostram, assim, que elas creem que os seres humanos são mais sábios do que o próprio Deus para definir qual é o caminho apropriado de reconciliação e comunicação com o Senhor.

A negação da existência de Deus, a rejeição à busca pelo Senhor e a proposição de corromper a glória de Deus em relação à criação certamente são formas de resistência à posição soberana do Senhor. Entretanto, a não aceitação das ações e caminhos oferecidos pelo Senhor para as pessoas o buscarem também ou igualmente é resistir à posição soberana do Senhor sobre tudo e sobre todos.

E quando as pessoas resistem a Deus, quer negando a sua existência ou tentando buscar ao Senhor mediante os caminhos religiosos dos seres

humanos, elas também resistem à concessão da justiça, da graça, da salvação e da novidade de vida que procedem do Senhor.

*Tiago 4: 6 **Antes, ele dá maior graça; pelo que diz: Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes.***

*7(a) **Sujeitai-vos, portanto, a Deus.***

Além de Cristo ter em seu ministério uma função global de tirar ou remover aquilo que precisa ser removido das pessoas que querem viver segundo a vontade de Deus, o aspecto da remoção do que precisa ser deixado para trás precisamente em relação às diversas maneiras inapropriadas de busca pelo Senhor também mostra-se expressivamente relevante devido à quantidade de registros que as Escrituras apresentam especificamente sobre este tema.

Apesar das Escrituras abrangerem amplamente o pecado em geral como um agente que causa o afastamento do coração de muitas pessoas do Criador Eterno, inclusive ao ponto de muitas delas chegarem a negar a existência do próprio Deus que as criou, as Escrituras também dedicam um amplo espaço para expor todo o complexo ao qual as pessoas se associam para buscar a Deus através das ações e dos caminhos escolhidos por elas ou de acordo com o *primeiro* sacerdócio em contrariedade ao caminho e ao *segundo* sacerdócio oferecidos pelo Pai Celestial em Cristo Jesus.

Portanto, sem conhecer o que as Escrituras expõem sobre a temporalidade do *primeiro* sacerdócio e sobre a soberania e exclusiva validade do *segundo* sacerdócio, uma pessoa até poderia considerar que as pessoas no mundo se distinguem entre (1) aquelas que não buscam ao Deus Criador, (2) aquelas que buscam ao Deus Criador por meio do *primeiro* sacerdócio ou sacerdócios similares a ele e (3) aquelas que buscam ao Deus Criador através do *segundo* sacerdócio, e, ainda, que Deus aceitaria igualmente as pessoas que o buscassem através do *primeiro* ou do *segundo* sacerdócio.

Entretanto, após a revelação e a declaração da fraqueza e inutilidade do *primeiro* sacerdócio ou similares a ele, fica evidenciado que as pessoas no mundo acabam se distinguindo somente entre (1) aquelas que estão relacionados a caminhos ou sacerdócios não aceitos por Deus e (2) aquelas que estão associadas ao que é chamado de *segundo* sacerdócio.

Assim, conseqüentemente, o desconhecimento da possibilidade das pessoas se posicionarem somente em duas posições distintas, e não três, tem sido motivo de causa de muitas frustrações e incompreensões das pessoas em relação às próprias Escrituras e, principalmente, para com Deus.

No mundo, há muitas pessoas que anelam por conhecer mais ao Deus que as criou, mas que têm receio de procurá-lo pelo fato de pensarem que para fazê-lo, também necessitariam passar a realizar o que as pessoas associadas ao *primeiro* sacerdócio ou similares a eles seguem ou praticam. Assim, confundem o *primeiro* e o *segundo* sacerdócios por não saberem que o *primeiro já foi revogado* e que quem o pratica acaba se equiparando com aqueles que não se relacionam com Deus, conforme exemplificado nos textos abaixo e também exposto mais amplamente no estudo sobre O Evangelho da Justiça de Deus:

*Romanos 3: 9 **Que se conclui? Temos nós qualquer vantagem? Não, de forma nenhuma; pois já temos demonstrado que todos, tanto judeus como gregos, estão debaixo do pecado;***

*10 **como está escrito: Não há justo, nem um sequer,***

*11 **não há quem entenda, não há quem busque a Deus;***

*12 **todos se extraviaram, à uma se fizeram inúteis; não há quem faça o bem, não há nem um sequer.***

*Romanos 10: 9 **Se, com a tua boca, confessares Jesus como Senhor e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo.***

*10 **Porque com o coração se crê para justiça e com a boca se confessa a respeito da salvação.***

*11 **Porquanto a Escritura diz: Todo aquele que nele crê não será confundido.***

*12 **Pois não há distinção entre judeu e grego, uma vez que o mesmo é o Senhor de todos, rico para com todos os que o invocam.***

*13 **Porque: Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.***

A propagação da posição de busca de Deus através de caminhos não autorizados pelo Senhor, e mais especificamente pelos princípios similares ao *primeiro* sacerdócio, muitas vezes tem confundido aqueles que querem se chegar ao Senhor Eterno, pois muitos percebem que aquilo que as pessoas praticam para buscar a Deus até com grande esforço sob os preceitos similares ao *primeiro* sacerdócio não soa de fato como o verdadeiro caminho para a liberdade, a paz e a novidade de vida em Deus.

O anúncio de que as pessoas devem buscar a Deus através dos caminhos que se baseiam no esforço humano em cumprir preceitos ou regras pré-estabelecidas não somente se opõe ao caminho que Deus oferece para a reconciliação com Ele, mas também pode vir a se tornar em um instrumento para afastar alguns de qualquer busca pelo Senhor.

Ao pensarem que a única forma de poderem encontrar ao Senhor é elas igualmente terem que ser praticantes dos mesmos atos religiosos daqueles que inadequadamente buscam a Deus, muitas pessoas ficam desapontados e optam em nem tentar mais um relacionamento com o Senhor.

Sem a percepção distinta e clara de que as pessoas somente podem se posicionar adequadamente em relação ao Senhor através do *segundo* sacerdócio, e que o desprezo a Deus e a busca a Deus através de meios inapropriados acabam se equivalendo, como é o caso do *primeiro* sacerdócio, também pode ficar bastante dificultada a tentativa de ensinar as pessoas sobre como elas podem alcançar um relacionamento verdadeiramente satisfatória com o Senhor Eterno e do Senhor Eterno com elas.

Em vários aspectos, é mais desafiador distinguir as pessoas que verdadeiramente querem se relacionar com Deus através do caminho oferecido pelo Senhor daqueles que querem se relacionar com Deus através de meios e bases inadequadas do que distinguir os que querem se relacionar verdadeiramente com Deus daqueles que nem têm um objetivo de se relacionarem com o Único Deus Criador dos Céus e da Terra.

Se o parágrafo anterior fosse dito em outras palavras, talvez poderíamos dizer, em certos sentidos, que é mais desafiador distinguir o posicionamento entre as pessoas ligadas ao *primeiro* e ao *segundo* sacerdócios do que distinguir o posicionamento entre as pessoas ligadas ao *segundo* sacerdócio e aquelas que não buscam efetivamente ao Único Deus Criador.

A proposição de buscar a Deus através de ações e caminhos que não são alinhados à proposição oferecida pelo Senhor é desafiadora de ser compreendida, pois ela, ao longo da história, desencadeou proporções enormes, complexas e que podem ofuscar o entendimento daqueles que não têm os olhos do entendimento iluminados para verem a maneira como Deus propõe se relacionar com cada ser humano.

As Escrituras, contudo, não nos deixam desassistidos na tarefa de distinguir também os aspectos centrais da busca inadequada a Deus. Devido à condição crucial que esta distinção representa para a vida de cada ser humano, Deus permitiu que na história humana, e também nas suas Escrituras, os caminhos da busca inadequada a Ele fossem expostos amplamente e tratados como um capítulo à parte chamado de *primeiro* sacerdócio.

Quando as Escrituras citam que Cristo veio a nós também para remover do nosso coração a mentalidade das práticas “velhas” do ser humano decaído e que se opõem à novidade de vida concedida pelo Senhor através da Sua salvação, elas estão levando em consideração tanto a posição do não buscar a Deus como o buscar ao Senhor através de caminhos inadequados. Entretanto, devido à relevância que a distinção da busca a Deus por caminhos inapropriados requer devido à sua tentativa de aparentar como uma verdadeira piedade, o Senhor também nos ensina de forma específica que Cristo é aquele que veio para *tirar o primeiro* e para *estabelecer o segundo*.

Enquanto a menção nas Escrituras a respeito do “tirar os atributos do velho homem pecador”, genericamente falando, refere-se à ambos os posicionamentos citados no parágrafo anterior, a expressão *remover o primeiro* para *estabelecer o segundo* é diretamente direcionada ao objetivo de esclarecer que também na busca ao Único Deus pode estar oculta uma posição pela qual as pessoas podem não encontrar a reconciliação com o Senhor se esta busca for feita através das maneiras que as pessoas querem determinar para Deus e não através de caminho em Cristo oferecido pelo Pai Celestial.

Para possibilitar que os caminhos da busca inadequada a Deus não ficassem obscuros sob nenhuma hipótese, ainda que estes procurem se ocultar através de uma aparências de piedade, o Senhor nos concedeu o exemplo da fraqueza e da inutilidade do *primeiro* sacerdócio, mostrando que o desprezo pela busca ao Senhor e a busca por Deus através de um caminho inadequado são ambos caminhos que abstem as pessoas da comunhão para a qual o Pai Celestial as chama em Cristo Jesus.

K. O Fator Histórico que Introduziu o Sacerdócio também Chamado de Primeiro

Um dos aspectos que torna o assunto sobre o *primeiro* e o *segundo* sacerdócios tão crucial e, ao mesmo tempo, tão desafiador de ser conhecido é a sua amplitude, mas isto pelo fato deste tema também englobar uma grande quantidade de aspectos práticos relacionados à vida de cada um dos seres humanos.

Desde o primeiro ser humano criado até os indivíduos que vivem na Terra nos dias presentes ou que viverão no futuro, cada pessoa está diretamente envolvida com o tema sacerdócio, quer ela tenha consciência a respeito deste termo ou não.

Já desde o início da vida de uma criança, ela está envolvida em um relacionamento com o Criador da sua vida, conforme nos mostram os textos a seguir:

***Salmos 8: 1 Ó SENHOR, Senhor nosso, quão magnífico em toda a terra é o teu nome! Pois expuseste nos céus a tua majestade.
2 Da boca de pequeninos e crianças de peito suscitaste força, por causa dos teus adversários, para fazeres emudecer o inimigo e o vingador.***

***Mateus 21: 15 Mas, vendo os principais sacerdotes e os escribas as maravilhas que Jesus fazia e os meninos clamando: Hosana ao Filho de Davi!, indignaram-se e perguntaram-lhe:
16 Ouves o que estes estão dizendo? Respondeu-lhes Jesus: Sim; nunca lestes: Da boca de pequeninos e crianças de peito tiraste perfeito louvor?***

Marcos 10: 14 Jesus, porém, vendo isto, indignou-se e disse-lhes: Deixai vir a mim os pequeninos, não os embarceis, porque dos tais é o reino de Deus.

O assunto de sacerdócio sempre esteve presente de alguma maneira na vida humana, e também é por isto que uma grande parte do que necessitamos aprender sobre ele encontra-se exposto ao longo da história da humanidade apresentada a nós por Deus através de suas Escrituras.

Sem o conhecimento de alguns pontos básicos da história humana, conforme ela nos é apresentada pelas Escrituras, a tarefa da compreensão de alguns aspectos fundamentais de como os seres humanos procuram se associar aos sacerdócios e quais são as características básicas dos sacerdócios poderá ficar bastante limitada e até prejudicada.

Os aspectos históricos das Escrituras sobre os sacerdócios não somente nos narram fatos, mas eles também expõem razões, motivações e propósitos relacionados aos tipos de sacerdócios que mais se evidenciaram ao longo desta história, permitindo a visualização de um quadro mais amplo do quão fundamental é esta questão de sacerdócio para a vida de cada indivíduo, começando já por Adão e Eva.

O primeiro homem e a primeira mulher do mundo, Adão e Eva, logo após serem criados, realizavam o serviço de sacerdócio diretamente diante de Deus todas as vezes que o Senhor se aproximava deles para falar com eles. Visto que eles eram destituídos de pecado e que andavam nos caminhos que o Senhor lhes instruíra, eles mesmos eram seus próprios sacerdotes e não necessitavam que ninguém mediasse seus assuntos com Deus.

Deus visitava Adão e Eva no jardim do Éden e o próprio Senhor os instruíra, eles mesmos ouviam diretamente a Deus, e tinham livre acesso para conversarem com Deus e apresentarem a Ele todas as suas questões.

No início, antes da associação de Adão e Eva ao pecado, a posição de sacerdócio deles diante de Deus era tão “natural” que eles nem sabiam que o estavam praticando.

Os próprios Adão e Eva eram os sacerdotes da vida deles diante de Deus, onde Deus lhes falava e ensinava diretamente, conforme exemplificado no texto a seguir:

*Gênesis 1: 27 **Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.***

*28 **E Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra.***

*29 **E disse Deus ainda: Eis que vos tenho dado todas as ervas que dão semente e se acham na superfície de toda a terra e todas as árvores em que há fruto que dê semente; isso vos será para mantimento.***

Entretanto, quando a serpente se apresentou a eles dizendo que poderiam ter o mesmo conhecimento que Deus tinha ou que poderiam vir a ser iguais a Deus quanto ao conhecimento do bem e do mal, o diabo não somente lhes propôs uma ofensa que resultaria em uma transgressão, mas ele também se apresentou como um mediador da relação de Adão e Eva com o seu Criador. O diabo usou da ideia de poder dizer a Adão e Eva quem era Deus e como poderiam mudar o relacionamento deles com o Senhor Eterno.

Em sua proposição, o diabo estava dando a entender a Adão e Eva que eles não precisariam mais recorrer a Deus para serem suficientes em si mesmos. Ou seja, a serpente estava atacando exatamente a condição de “sacerdócio” que Adão e Eva tinham diante de Deus.

E se o diabo conseguisse afetar o relacionamento de Adão e Eva com Deus, ele pretendia exercer domínio sobre eles, pois como criatura, o diabo se via como mais sagaz, mais forte e mais poderoso que o ser humano.

Se o diabo pudesse causar a descontinuidade de um relacionamento apropriado do homem e da mulher com Deus, este homem e esta mulher não mais poderiam exercer o “livre sacerdócio” diante do Senhor Eterno como sempre o faziam, pois entre eles e Deus estaria a escravidão ao pecado e ao corpo do pecado, segundo a proposição e dominação do reino das trevas.

Mais adiante, uma tentação similar àquela que foi apresentada pelo diabo a Adão e Eva foi apresentada também por ele, séculos depois, ao Senhor Jesus Cristo, oferecendo-lhe todos os reinos da Terra se, somente, o Senhor Jesus “prostrado lhe adorasse”.

Ao abordar o Senhor Jesus, o diabo estava lhe propondo “uma mudança de sacerdócio”, alegando que a regra básica da “lei” no “sacerdócio” que ele estava oferecendo era adoração a Satanás em troca de riquezas e dominação, mas também tentando ocultar que este “sacerdócio” proposto era todo constituído sobre o fundamento da mentira e do engano.

Mateus 4: 8 Novamente, o transportou o diabo a um monte muito alto; e mostrou-lhe todos os reinos do mundo e a glória deles.

9 E disse-lhe: Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares.

10 Então, disse-lhe Jesus: Vai-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor, teu Deus, adorarás e só a ele servirás. (RC)

Portanto, o “sacerdócio”, ou seja, o prestar reverência, honras, adoração e serviço a alguém ou a algo superior ao ser humano ou que o ser humano considera superior ou uma divindade, é algo que faz parte da criação da humanidade. E cada indivíduo no mundo, de uma ou de outra forma, sempre o estará fazendo.

E uma vez que o ser humano sempre estará adorando alguém ou algo, o ponto central em questão passa a ser o aspecto relativo a quem cada indivíduo estará direcionando o seu serviço sacerdotal e através de qual sacerdócio cada pessoa tentará realizar aquilo que faz parte da sua natureza como criatura.

Se uma pessoa não adora ou serve ao Deus Criador, ela acabará adorando a si mesma e as suas próprias ideias, ou irá adorar a outras pessoas, ídolos, imagens ou religiões de toda a sorte e até a espíritos malignos, empenhando ou emprestando, assim, o serviço sacerdotal da sua vida àquilo que jamais poderá salvá-la e guardá-la verdadeiramente para a vida eterna.

Todo ser humano é um “sacerdote nato”, e isto jamais poderá ser-lhe tirado. A questão maior, então, não é se ele é ou não é um sacerdote, mas a quem ele direciona a sua condição “sacerdotal” e a que tipo de “sacerdócio” ele se dispõe a servir.

O tesouro mais precioso que uma pessoa pode ter é a comunhão adequada com o seu Criador. E, por sua vez, o sacerdócio apropriado é o meio através do qual a comunhão com Deus e a comunicação com o Senhor sob uma condição de liberdade podem ser praticadas ou mantidas.

Considerando que o viver e o andar de uma pessoa em consonância com a vontade de Deus depende do seu relacionamento com o Senhor, uma condição ajustada de sacerdócio entre a pessoa e Deus também é o que vai definir se esta pessoa vai alcançar ou não alcançar o entendimento e a realização da vontade do Senhor para a sua vida.

Continuando a verificar a história humana, ressaltamos aqui que apesar da referência do texto de Hebreus capítulo 7 ser feita a um *primeiro* a ser removido e a um *segundo* a ser estabelecido, este *primeiro*, conforme já vimos, na realidade não é a primeira forma de relacionamento das pessoas com o Senhor Eterno descrita nas Escrituras.

Assim, ressaltar que o sacerdócio já estava em prática mesmo antes do conhecimento formal deste tema e que ele já existia antes do estabelecimento do chamado *primeiro* sacerdócio e da sua lei é de grande necessidade e relevância, pois é impressionante como a mentalidade mais focada na lei do *primeiro* sacerdócio procura se interpor para que as pessoas não vejam que o propósito de Deus, desde o início da criação, sempre foi que cada ser humano seja um sacerdote da sua própria vida diante do Senhor Eterno.

A primeira forma de relacionamento entre o ser humano e Deus era o relacionamento direto no qual Deus visitava Adão e Eva no Éden na chamada hora da *viração do dia*, conforme comentamos nos parágrafos anteriores.

Esse relacionamento direto e contínuo, conforme também já vimos acima, foi grandemente afetado quando o ser humano acolheu uma ofensa contra o Senhor e quando o ser humano deu sequência à admissão desta ofensa em seu coração a ponto de avançar para o pecado de transgressão da instrução recebida diretamente de Deus, conforme foi exposto com mais detalhes no material sobre O Evangelho da Justiça de Deus.

A partir do momento em que o ser humano aderiu à ofensa contra Deus e ao pecado, o relacionamento da humanidade com o Senhor foi grandemente alterada, iniciando-se um tempo onde as pessoas oscilavam entre o desprezar a Deus e o buscar a Deus através das formas mais variadas, conforme está descrito, por exemplo, em Gênesis 6 referente ao período prévio ao dilúvio, assim como, posteriormente, na construção da torre de Babel descrita respectivamente no livro de Gênesis capítulo 11.

Entretanto, sabendo que as pessoas não poderiam restaurar a sua posição de sacerdócio segundo as suas próprias ações por estarem sujeitas ao pecado, ao corpo do pecado e à escravidão pela falta de uma ampla luz em seus corações, Deus passou a se manifestar a algumas pessoas de forma mais específica e objetiva sobre o que Ele, o Senhor, faria quanto à provisão para restaurar a posição sacerdotal dos seres humanos.

Ao se manifestar a algumas pessoas na antiguidade, o Senhor sempre tinha em vista o propósito de introduzir no mundo um caminho que pudesse servir para que todos os seres humanos pudessem, novamente, se relacionar com o Senhor de uma forma contínua, livre e plenamente satisfatória, e isto para que eles também pudessem voltar a viver e andar segundo a instrução ou vontade de Deus para as suas vidas.

Essas intervenções de Deus foram sendo realizadas de forma crescente, onde, através de Abraão e Sara, Deus passou a separar um povo através do qual Ele introduziria o estabelecimento de um caminho de reconciliação da comunhão do seres humanos de todos os povos e nações com o Criador Eterno.

Através de Abraão, Deus estava separando um povo, por um determinado de tempo, para mostrar às pessoas deste povo como elas poderiam viver sob a direção de Deus a fim de que aquilo que este povo experimentasse servisse de exemplo e modelo para que as pessoas dos demais povos também viessem a saber como poderiam ter a comunhão com Deus restaurada.

Assim, referente à trajetória deste povo, Deus chamou a Abraão para sair da sua terra natal, Ur dos Caldeus, para ir à terra que Deus lhe mostraria e que depois foi manifestada como a terra de Canaã, simbolizando o lugar onde o povo estaria sendo instruído e guiado livremente pelo Senhor.

Entretanto, antes de ser estabelecido na terra de Canaã, o povo descendente de Abraão, Isaque e Jacó foi ao Egito para provisão e sustento, mas onde também acabou experimentando o peso da escravidão imposta a ele pelos faraós que vieram a reinar após a vida de José e que não temiam ao Deus Criador dos Céus e da Terra e de tudo o que neles há.

Quando, porém, a iniquidade do povo do Egito e de outros povos que não queriam se sujeitar ao Deus Criador se tornou completa diante dos olhos do Senhor, Deus também deu sequência ao projeto que Ele prometera já para Adão e Eva e o qual Ele passou a realizar de forma mais tangível ao entendimento humano através de Abraão e Sara e o seu filho prometido pelo Senhor e chamado de Isaque.

Antes dos descendentes de Abraão e Sara rumarem para a terra prometida, Deus permitiu que eles fossem expostos a uma experiência do que vem a estar sob uma dominação sobre os seus semelhantes realizada por aqueles que não temem ao Senhor. E isto, também com o propósito de ensinar ao povo separado a jamais querer fazer uso deste mesmo tipo de opressão e dominação para com os seus semelhantes, aos quais eles deveriam dar testemunho da direção de Deus em suas vidas.

Na sequência, quando a escravidão no Egito se tornou mais acirrada, chegando às raias de se tornar insuportável, os descendentes de Abraão viram como era o comportamento dos povos que não andavam sob a direção do Deus Eterno e passaram a clamar a Deus para libertá-los de tão terrível escravidão. E logo que clamaram a Deus, o Senhor também os atendeu, enviando-lhes Moisés, através de quem Deus operou com grande poder, sinais e milagres para libertar o povo da terra do Egito que antes os abrigara em ajuda, mas que agora havia se tornado muito cruel como consequência do desprezo do temor ao Único Deus Criador dos Céus e da Terra.

Ainda antes de continuarmos sobre o surgimento do que vem a ser o *primeiro* sacerdócio, há algo interessante a ser observado neste ponto da história, o qual é o aspecto de que quando os descendentes de Abraão estavam sob intensa aflição de escravidão no Egito, eles não tinham sacerdotes que os mediavam, e nem por isto, eles tinham receio de clamar diretamente ao Deus de Abraão, Isaque e Jacó, o qual também os ouviu, atendeu e libertou.

Neste ponto da história, é interessante observar que quando os descendentes de Abraão estavam escravizados pelos egípcios e quando estavam sob intensa opressão, eles, quanto à questão sacerdotal, eram mais livres, em certo sentido, para se achegarem a Deus do que depois que estavam livres dos Egípcios, mas sujeitos ao *primeiro* sacerdócio.

Enfim, ali no Egito, ainda que como escravos e desprezados pelos Egípcios, e ainda que o sacerdócio individual estivesse aquém do que necessitava ser restaurado pelo Senhor, as pessoas do povo Hebreu clamaram direto a Deus. Ainda que em condições externas muito precárias, cada pessoa deste povo podia exercer sua posição pessoal de sacerdote e assim se dirigiram diretamente a Deus. E visto que os indivíduos do próprio povo buscavam diretamente a Deus, o Senhor também ouviu e enviou um libertador e uma libertação que já lhes haviam sido prometida séculos antes para Abraão.

Ainda enquanto escravos, os descendentes de Abraão praticaram o que mais tarde seria escrito no Salmo 65. E o Senhor os ouviu e atendeu o seu clamor, não importando se eram escravos ou livres, velhos ou jovens, homens ou mulheres, com dinheiro ou sem dinheiro, pois tudo isto não importa para Deus quando alguém clama direto a Ele.

Salmos 65: 2 **Ó tu que ouves as orações! A ti virá toda a carne.**
3 Prevaecem as iniquidades contra mim; mas tu perdoas as nossas transgressões. (RC)

As pessoas escravas no Egito e que exerceram o seu direito de sacerdócio que já estava incluso na criação dos seres humanos, ainda que este direito tinha sido prejudicado pelo pecado e sujeito à escravidão, viram a libertação que o Senhor lhes provera, viram que Deus os tirou de uma circunstância que ficara para trás para estabelecê-las em uma nova condição.

Após a saída do Egito, aquele povo liberto e também experimentado em como é a vida sob o domínio daqueles que se opõem a Deus e que não exercem uma posição de sacerdócio diante do Único Deus Eterno, agora estava livre de seus alçozes para, a partir do deserto, receber as instruções de como cada pessoa poderia vir a viver a vida segundo a vontade de Deus na terra à qual Deus prometera levar os descendentes de Abraão.

Depois que o povo chamado saiu do Egito, ele de fato era um povo politicamente livre dos egípcios e também experimentado na vida debaixo da escravidão. Este grupo, entretanto, ainda não era instruído sobre como o Senhor queria que cada pessoa vivesse na liberdade proporcionada por Deus e para que, estando livre, não viesse a se comportar das mesmas maneiras que o egípcios e outros povos se comportavam.

Quando o povo finalmente se deparou com o fim do tempo da escravidão ou do período em que a iniquidade do Egito e dos demais povos que se opunham a Deus fosse amplamente manifestada e rejeitada, Deus libertou este povo que clamou diretamente a Ele. Entretanto, em seguida, Deus também se apresentou àqueles que foram libertos para mostrar que Ele proporcionara esta libertação para se relacionar diretamente com cada família e com cada indivíduo deste povo ainda sob uma liberdade muito mais ampla, chamando todas as pessoas deste povo para serem um “reino sacerdotal”.

Deus tirou um povo do Egito para uma condição de liberdade mais ampla onde todas as pessoas ou os indivíduos em geral poderiam exercer um sacerdócio pessoal e direto a Deus, e onde Deus falaria e instruiria a cada família ou os indivíduos dela até a vinda do descendente prometido, o descendente que proveria para eles também plena libertação do pecado e do corpo do pecado, e não somente do Egito, conforme também exemplificado no texto abaixo:

Êxodo 19: 3 **Subiu Moisés a Deus, e do monte o SENHOR o chamou e lhe disse: Assim falarás à casa de Jacó e anunciarás aos filhos de Israel:**
4 Tendes visto o que fiz aos egípcios, como vos levei sobre asas de águia e vos cheguei a mim.
5 Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, então, sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos; porque toda a terra é minha;
6 vós me sereis reino de sacerdotes e nação santa. São estas as palavras que falarás aos filhos de Israel.

Entretanto, quando Deus propôs falar diretamente com as pessoas do povo liberto do Egito, assim como Ele tinha falado com Noé, Abraão, Sara e outros que exerciam a fé no Senhor, ou seja, quando Deus apresentou a sua proposição para instruir

pessoalmente cada família e cada indivíduo dela, o povo não quis aceitar esta maneira oferecida por Deus a eles, iniciando neste ponto todo um contexto que levou ao surgimento, exatamente, daquilo que posteriormente em Hebreus foi chamado de *primeiro* sacerdócio.

Êxodo 20: 18 Todo o povo presenciou os trovões, e os relâmpagos, e o clangor da trombeta, e o monte fumegante; e o povo, observando, se estremeceu e ficou de longe.

19 Disseram a Moisés: Fala-nos tu, e te ouviremos; porém não fale Deus conosco, para que não morramos.

20 Respondeu Moisés ao povo: Não temais; Deus veio para vos provar e para que o seu temor esteja diante de vós, a fim de que não pequeis.

Por mais estranho que venha a ser, quer seja por causa do temor de viverem constantemente sob a luz direta da instrução de Deus em cada instante das suas vidas ou pelo mero fato de que não queriam a direção do Senhor no dia-a-dia, as pessoas do povo liberto do Egito fizeram uma proposição a Deus de como eles pensavam que seria a melhor maneira do Senhor passar a falar com eles.

Em contrapartida à proposição de um “reino de sacerdotes”, conforme fora proposto pelo Senhor e onde cada pessoa começaria a retornar à posição e função de sacerdote que é inata a cada ser humano, as pessoas do povo sugeriram a Deus que Ele falasse com os membros deste povo por meio de um semelhante dentre elas e que as liderasse nesta tarefa.

Em oposição ao que o Senhor propusera, o povo propôs que Deus falasse com cada pessoa através de alguém que fosse separado para realizar a comunicação ou relacionamento com Deus em nome dos demais irmãos.

O que está descrito no contexto dos capítulos 19 e 20 do livro de Êxodo é um ponto muito significativo, pois ele contempla à proposições de dois tipos de “sacerdócios muito distintos”. O que Deus propôs era um tipo de sacerdócio onde cada pessoa seria um sacerdote no reino que estava sendo constituído, mas o que o povo estava propondo era que somente alguns membros dele fossem considerados como sacerdotes, propondo a Deus, na realidade, uma “nova ordem sacerdotal” ou um “novo tipo de sacerdócio”.

A proposição que o povo fizera a Deus, sugeria uma segregação ou divisão de um mesmo povo entre os que seriam sacerdotes e os que não seriam sacerdotes, gerando assim um “clero sacerdotal” distinto das demais pessoas.

No novo tipo de sacerdócio que o povo estava propondo a Deus, a grande maioria das pessoas estaria abrindo mão de “todos serem sacerdotes” ou “individualmente serem sacerdotes” em prol de somente “alguns serem sacerdotes no lugar de todos”, propondo um sacerdócio muito distinto do que foi intentado pelo Senhor desde início quanto a cada ser humano ser um sacerdote direto diante de Deus.

Além disso, como cada troca de tipo de sacerdócio também implica em troca completa de lei, a proposição feita pelo povo não era algo tão simples como poderia até aparentar aos seus olhos.

A opção por “um reino em que nem todos são sacerdotes”, precisaria também uma constituição de um conjunto de definições e regras de como um reino deste tipo poderia vir a funcionar e como as funções dos sacerdotes e do povo seriam distribuídas a cada grupo neste reino.

Portanto, a escolha precedente por “um sacerdócio onde nem todos ligados àquele sacerdócio seriam sacerdotes”, foi o berço da constituição do *primeiro* sacerdócio, mas também, por consequência, da constituição de uma lei que define este sacerdócio e a sua complexa estrutura.

Aquilo que as Escrituras, no livro de Hebreus, chamam de *primeiro* sacerdócio, e que depois também teria que vir a ser “removido” para dar lugar ao *segundo*, surgiu pelo fato do povo não aceitar a proposição de Deus de estabelecer a cada indivíduo com um “sacerdócio pessoal” diante do Senhor e pelo fato do modelo de mediação escolhido pelo povo postergar a maneira como Deus queria falar com cada uma das famílias e pessoas deste povo.

Exatamente no ponto entre “deixar o velho para ser estabelecido no novo”, e onde as pessoas poderiam passar a se relacionar com maior liberdade com o Deus que realizou a libertação delas do Egito, foi também onde ocorreu o surgimento do *primeiro* que precisaria ser removido posteriormente.

Apesar do relacionamento de Adão e Eva com Deus praticado no Éden antes do seu pecado ser a primeira maneira ou o primeiro sacerdócio realizado pelo ser humano para com o Senhor, o chamado de *primeiro* no livro de Hebreus não se refere à esta primeira condição do primeiro casal que habitou a Terra, mas ele aponta para a primeira condição que foi estabelecida entre os descendentes de Abraão libertos do Egito e Deus.

O chamado de *primeiro* no livro de Hebreus surgiu no povo liberto do Egito precisamente entre a libertação política e territorial ocorrida e antes do estabelecimento deles na vida segundo esta liberdade, assim como ainda atualmente muitas pessoas querem a libertação da opressão em que se encontram, mas não querem a vida e aquilo que Deus que as libertou lhes oferece diretamente para o estabelecimento das suas vida como indivíduos livres no Senhor.

O denominado de *primeiro* no livro de Hebreus surgiu pelo fato das pessoas quererem a Deus como libertador das suas vidas, mas não quererem a Deus ao ponto de permitir que Ele venha a se tornar o instrutor, guia e Senhor direto das suas vidas no momento do estabelecimento da liberdade a elas oferecida pelo Senhor.

O denominado de *primeiro* é a expressão do que é chamado de um sacerdócio no qual as pessoas procuram estabelecer o relacionamento delas com Deus amparando-se e utilizando-se do serviço de mediação de outras pessoas entre elas e o Senhor Eterno. E isto, para não serem expostas diretamente diante Daquela que todas as coisas são conhecidas e reveladas de forma plena e sem obscuridades.

O sacerdócio denominado de *primeiro* é a expressão do que é chamado de um sacerdócio no qual as pessoas procuraram, e ainda procuram, terceirizar totalmente ou parcialmente a parte do relacionamento com o

Senhor Eterno que elas próprias deveriam realizar diretamente diante do Criador de suas vidas.

Ainda neste ponto da história, parece-nos ser muito significativo destacar um aspecto muito peculiar que, talvez ou provavelmente, possa ter cooperado para que o povo fizesse a proposição de que Deus concordasse em estabelecer uma forma indireta de falar com as pessoas e das pessoas falarem com Deus, e que também nos mostra porque, mais adiante, este próprio sacerdócio denominado de *primeiro* se tornou mais próximo dos demais sacerdócios do mundo do que do sacerdócio eterno apresentado posteriormente por Deus e também chamado de *segundo* sacerdócio.

A ideia de um sacerdócio onde algumas pessoas mediavam outras pessoas não era algo tão estranho ao povo que fora liberto do Egito, pois no Egito, e em muitos outros povos do mundo, a posição e a função de sacerdotes mediadores da relação das pessoas com o que elas consideravam divindades já era amplamente praticado.

O sacerdócio que veio posteriormente a ser chamado de *primeiro* tinha a origem da sua proposição um aspecto que o povo liberto do Egito já havia visto ser praticado pelos egípcios e pelos demais povos dos quais receberam informações a respeito da vida religiosa destes.

Apesar do povo liberto do Egito ter compreendido até em grande medida de que o Deus de Abraão, Isaque e Jacó era o Único Deus digno de ser adorado e que os egípcios e os outros povos adoravam deuses estranhos, o povo liberto não compreendeu ou não quis aceitar que a forma adequada de sacerdócio para se relacionar com o Único Deus também era completamente diferente da forma dos sacerdócios que os outros povos praticavam.

Talvez, em outras palavras, poderíamos dizer que “o povo que saiu do Egito não havia compreendido ainda que a possibilidade de adorar a Deus com mais liberdade, implicaria também na troca do tipo de sacerdócio e da lei do que entendiam até então como sacerdócio”.

Apesar do povo ter seguido o Deus Único e que lhe trouxe uma libertação tão expressiva, o povo conhecia este Deus pelo que ouvia falar a respeito Dele e pela intervenção poderosa que fizera para prover a sua libertação do Egito. Entretanto, o povo recém liberto, ainda não conhecia como era ser instruído e guiado continuamente por este Deus no viver diário, pensando, provavelmente, que a relação com o Único Deus, em partes, deveria ser através de maneiras similares às tentativas de relacionamento que as pessoas de outros povos procuravam estabelecer com os seus deuses estranhos.

As pessoas que foram libertas do Egito haviam recebido de fato uma liberdade física, política ou territorial em relação àquilo que as restringia anteriormente. Entretanto, a liberdade maior que ainda necessitavam encontrar, era uma liberdade de compreensão de como funciona um sacerdócio verdadeiramente livre para com Deus.

O que estamos procurando dizer nestes últimos parágrafos não é tão incomum assim, pois isto acontece ainda nos dias atuais quando uma pessoa se dispõe a receber a salvação que lhe é oferecida no Evangelho de Deus.

Ou seja, muitas pessoas equivocadamente pensam que quando elas vêm para Cristo e para a vida cristã, elas têm que praticar atos parecidos com o que se pratica nas outras

religiões, não se dando conta, muitas vezes, que o sacerdócio em Cristo é completamente diferente e baseado em uma lei muitíssimo distinta do *primeiro* sacerdócio e de outros sacerdócios que há no mundo.

O denominado de *segundo* sacerdócio é baseado em sua própria lei sacerdotal, a qual é denominada da “lei da liberdade” ou também a “lei de Cristo”.

Da experiência no Egito, o povo libertado provavelmente incorreu no pensamento de que o problema central anterior era o rei do Egito ou o faraó do Egito, e que se agora fosse colocado um “líder” justo como Moisés sobre a vida das pessoas do povo, elas teriam uma vida de liberdade e um sacerdócio satisfatório, não se dando conta de que a verdadeira liberdade na realidade está associada também a um sacerdócio adequado que cada pessoa realiza individualmente para com Deus ou o Criador da sua vida.

Por causa do tempo que estiverem no Egito, provavelmente o povo tenha ficado inclinado a pensar que o problema maior da escravidão que enfrentaram anteriormente era o faraó e não o sistema sacerdotal dos Egípcios, o que agora, em sua nova condição, também poderia levá-los a querer sobre eles um novo “faraó” melhor, ou seja, Moisés. E juntamente com isto, também se inclinaram ao desejo por um sistema de sacerdotes similar ao Egito ou um modelo que similarmente tivesse mediadores no relacionamento com o Senhor.

A maioria das pessoas do povo liberto do Egito não se ativeram, naqueles dias, ao fato de que o maior problema de um mau governo sobre uma nação não estava primeiramente ou somente no próprio governo e seus ocupantes, mas estava no modelo de sacerdócio com o qual as pessoas estavam associadas.

Muitos aspectos centrais ou consequências da vida das pessoas primeiramente estão associados ao tipo de sacerdócio ao qual elas estão associadas, como posteriormente o Senhor ensinou ao seu povo conforme exposto nas Escrituras abaixo:

2Crônicas 7: 14 **Se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, e orar, e me buscar, e se converter dos seus maus caminhos, então, eu ouvirei dos céus, perdoarei os seus pecados e sararei a sua terra.**

Deus não disse que Ele ouvirá as orações de sacerdotes ou reis que forem “especialmente” separados, mas o Senhor disse que **se o meu povo** orar e buscar a minha face, Ele também atenderá o seu clamor.

Faraó, com todo o seu poder, não pôde deter no Egito o povo que clamou ao único e verdadeiro Deus. Nenhum governo ou governante pode.

Entretanto, se as pessoas de um povo viverem dissociadas de um sacerdócio aceito por Deus, não se humilharem, não buscarem o verdadeiro Deus diretamente ou por si próprias, e não estiverem dispostas a deixarem os seus maus caminhos, elas também fazem a opção por um caminho de erro contínuo.

Não houve nada que impedisse Deus de tirar do Egito o povo que clamou a Ele diretamente. Nem faraó, seu poderoso exércitos e nem os obstáculos naturais, como o Mar Vermelho, puderam impedir o que Deus determinara em resposta às orações das pessoas dirigidas a Ele.

Similarmente, nada e ninguém pode impedir a Deus de salvar a alma de uma pessoa que clama diretamente a Ele. Entretanto, se alguém clama a mediadores e os mediadores não clamam a Deus como prometem ou se os mediadores não são aceitos diante de Deus, a oração de quem a faz através de mediadores também não é acatada por Deus.

Quando as pessoas do povo escolheram o caminho de sacerdotes humanos para os mediar, elas na realidade andaram para trás e não para frente como o Senhor ensinou também muitos séculos depois através do profeta Jeremias, conforme o texto já exposto neste estudo e repetido abaixo com o acréscimo de mais alguns versículos:

- Jeremias 7: 21 Assim diz o SENHOR dos Exércitos, o Deus de Israel: **Ajuntai os vossos holocaustos aos vossos sacrifícios e comei carne.***
*22 **Porque nada falei a vossos pais, no dia em que os tirei da terra do Egito, nem lhes ordenei coisa alguma acerca de holocaustos ou sacrifícios.***
*23 **Mas isto lhes ordenei, dizendo: Dai ouvidos à minha voz, e eu serei o vosso Deus, e vós sereis o meu povo; andai em todo o caminho que eu vos ordeno, para que vos vá bem.***
*24 **Mas não deram ouvidos, nem atenderam, porém andaram nos seus próprios conselhos e na dureza do seu coração maligno; andaram para trás e não para diante.***
*25 **Desde o dia em que vossos pais saíram da terra do Egito até hoje, enviei-vos todos os meus servos, os profetas, todos os dias; começando de madrugada, eu os enviei.***
*26 **Mas não me destes ouvidos, nem me atendestes; endureceste a cerviz e fizestes pior do que vossos pais.***
*27 **Dir-lhes-ás, pois, todas estas palavras, mas não te darão ouvidos; chamá-los-ás, mas não te responderão.***
*28 **Dir-lhes-ás: Esta é a nação que não atende à voz do SENHOR, seu Deus, e não aceita a disciplina; já pereceu, a verdade foi eliminada da sua boca.***

E se Deus ouviu as orações das pessoas de um povo escravo debaixo do domínio do poderoso Egito e o libertou de tão forte opressão, Ele não poderia também instruir cada família e indivíduo do povo como viver fora da escravidão da qual foram tirados e como viver e andar no novo tempo de vida em que foram inseridos?

- Salmos 106: 9 **Repreendeu o mar Vermelho, e este se secou, e os fez caminhar pelos abismos como pelo deserto.***
*10 **E livrou-os da mão daquele que os aborrecia e remiu-os da mão do inimigo.***
*11 **As águas cobriram os seus adversários; nem um só deles ficou.***
*12 **Então, creram nas suas palavras e cantaram os seus louvores.***
*13 **Cedo, porém, se esqueceram das suas obras; não esperaram o seu conselho;***
*14 **mas deixaram-se levar da cobiça, no deserto, e tentaram a Deus na solidão. (RC)***

Quando as pessoas sugerem a Deus o que é melhor para si próprias e resistem ao que o Senhor propõe a elas, elas ainda não se deram conta de

que somente Deus é quem pode prever e propor o que realmente é bom e perfeito para elas.

Isaiás 40: 13 **Quem guiou o Espírito do SENHOR? E que conselheiro o ensinou?**

14 Com quem tomou conselho, para que lhe desse entendimento, e lhe mostrasse as veredas do juízo, e lhe ensinasse sabedoria, e lhe fizesse notório o caminho da ciência? (RC)

Provérbios 8: 14 **Meu é o conselho e a verdadeira sabedoria; eu sou o entendimento, minha é a fortaleza. (RC)**

Provérbios 19: 21 **Muitos propósitos há no coração do homem, mas o conselho do SENHOR permanecerá. (RC)**

A libertação física, territorial e política foi concedida a um povo escravo e chamado para fora do Egito para que uma libertação maior pudesse tomar lugar. Entretanto, foi desta última proposição de liberdade que o povo acabou se esquivando através de uma proposição contrária a ela apresentada ao Senhor.

As pessoas que saíram do Egito queriam a liberdade da opressão dos egípcios que somente o Deus de seus pais poderia providenciar. Entretanto, elas não queriam assumir a responsabilidade de estabelecer um contato pessoal com este Deus como os seus pais faziam, levando este povo a propor, conforme já comentamos acima, algo muito mais complicado de ser estabelecido e vivido do que Deus tinha lhes oferecido.

Em outras palavras, as pessoas que foram libertas do Egito queriam ser livres dos fardos que o Egito lhes impunha, mas não queriam assumir a responsabilidade pessoal de ter comunhão em liberdade com o Deus que as libertou.

Deus tinha seu próprio plano para oferecer a sua aproximação à cada pessoa, mas aquele povo queria fazê-lo de acordo com a sua própria proposição e objetivos. Ou seja, o povo tinha uma alternativa paralela à proposição de Deus.

As pessoas libertas do Egito não queriam um sistema ou tipo de sacerdócio que os expusesse diretamente diante de Deus. Elas queriam um sacerdócio onde poderiam, como os egípcios e os outros povos, aplacar a “ira dos deuses” e “obter favores dos deuses para a sua prosperidade” através de mediadores, onde a diferença, no caso deles, era que estavam optando por um só e o Único Deus Criador dos Céus e da Terra.

E foi assim, então, que surgiu o acordo ou a aliança em torno do denominado de *primeiro* sacerdócio, o qual procuraremos continuar a expor do ponto de vista histórico também no próximo tópico.

L. A Lei e a Aliança Introduzidas a partir da Introdução Histórica do Chamado Primeiro Sacerdício

Dando sequência ao tópico anterior deste mesmo capítulo e conforme já foi comentado, a constituição de um sacerdócio, “de acordo com a sugestão do povo”, não era algo tão simples como as pessoas talvez pensaram que fosse quando apresentaram esta sugestão ao Senhor.

Se observarmos também o que foi comentado em outros tópicos que precedem este novo ponto, podemos lembrar o relevante aspecto de que ***quando se muda o sacerdócio, necessariamente há também mudança de lei.***

Quando as pessoas sugeriram um sacerdócio com mediadores na relação deles para com Deus a fim de ouvirem as instruções do Senhor, o processo para atender àquilo que o povo pediu, obrigatoriamente, também implicaria na constituição e estabelecimento de uma lei de acordo com o tipo de sacerdócio pedido, assim como também a constituição e estabelecimento de uma aliança de adesão ao sacerdócio sugerido.

Se um novo modelo de sacerdócio fosse acatado e estabelecido, as definições deste sacerdócio e do seu funcionamento também precisariam ser especificadas, assim como também os termos da adesão a este novo sacerdócio.

A constituição de um novo modelo de sacerdócio envolve, entre outros, principalmente, e no mínimo, os seguintes aspectos:

- ⇒ 1) A definição, como item maior de todo o processo, a própria proposição do modelo do sacerdócio e quem serão os sacerdotes neste modelo; que é o que o povo fez ao sugerir a Moisés como seu mediador perante Deus;
- ⇒ 2) A definição, na sequência do primeiro ponto, do conjunto dos diversos termos ou regras deste sacerdócio; o qual é chamado a lei de um sacerdócio;
- ⇒ 3) A definição da aliança que permite que as partes envolvidas façam uma adesão ao sacerdócio proposto.

Ou seja:

→ (1º) é definido uma proposição de um tipo de sacerdócio; → (2º) é definida a lei específica do sacerdócio sugerido; → 3º é definido o conjunto de aspectos ou uma aliança para que múltiplas partes possam fazer a adesão ao tipo de sacerdócio.

Um modelo de sacerdócio sem um conjunto de termos explícitos que definem o seu funcionamento e sem uma aliança clara de adesão a ele já demonstra nestes próprios aspectos a incoerência e a fragilidade deste modelo sacerdotal.

Um tipo de sacerdócio que não tem uma definição clara associada a ele, já é obscuro pelo simples fato de não se expor com clareza diante de quem ele se apresenta.

Um padrão de sacerdócio sem um conjunto de termos explícitos fica sujeito à mudanças segundo o anelo daqueles que querem conduzi-lo, mostrando que aqueles que o propõe na realidade não são dignos de confiança, pois não atuam com transparência ou clareza.

Muitos modelos sacerdotais propostos no mundo inclusive têm os seus próprios deuses, criados pelos próprios criadores do modelo de sacerdócio. E os seres humanos gostam de criar figuras de deuses porque em relação aos deuses que eles próprios criam, eles também podem definir as regras de como deveriam se relacionar com estes deuses.

Entretanto, se as pessoas determinam como os deuses devem aceitá-los, como os deuses deles se comportam e como eles devem atendê-los, estes deuses, de fato, estão sujeitos às pessoas.

Neste último caso, na realidade, as pessoas são os deuses dos seus deuses e também é por isto que muitos indivíduos apreciam tanto os deuses e ídolos criados por eles ou pelos seus semelhantes.

Devido ao distanciamento das pessoas da comunhão com o Único Deus Criador, conforme abordado no estudo sobre O Evangelho do Criador, as pessoas começaram a pensar que muitas coisas podem ser deuses e que elas poderiam ser os dominadores dos deuses, comprando-os com ofertas, sacrifícios e outras tentativas para agradá-los.

Entretanto, vendo a questão mais a fundo, a pretensão de agradar aos deuses visa achar um caminho que permita obter controle sobre os deuses. E quando isto não ocorre, as pessoas mudam as regras de seus sacerdócios, desqualificando assim também os modelos de seus sacerdócios devido ao fato destes não terem uma lei e uma aliança bem estabelecidas.

Portanto, a definição e o estabelecimento da lei de um sacerdócio certamente não é algo simples. Pelo contrário, a constituição da lei de um sacerdócio é um processo tão complexo que nenhum ser humano consegue realizá-lo de forma completa ou minimamente satisfatória. Razão pela qual, o Senhor somente reconheceu dois sacerdócios oficiais no período da vida humana sobre a Terra.

Somente a lei do denominado *primeiro* sacerdócio, chamada também de Lei de Moisés, e a lei do *segundo* sacerdócio, também chamada de Lei da Liberdade ou Lei de Cristo, foram definidas e estabelecidas por Deus, ainda que o *primeiro* sacerdócio tenha vindo a partir de um modelo sugerido pelo povo liberto do Egito.

A maneira como o povo liberto do Egito sugeriu que Deus falasse com as pessoas participante deste grupo, por exemplo, e para começar a conversa, não poderia se limitar somente a Moisés como o povo sugeriu. O povo liberto do domínio cruel do Egito estava rumando para uma terra e também para uma maneira de viver onde Moisés não poderia estar atendendo as pessoas nas mais diversas regiões que estas passariam a viver e cultivar, assim como Moisés também não poderia permanecer entre o povo na medida em que os anos avançassem e que as novas gerações passassem a surgir.

Ao pedir que Moisés fizesse a função de mediador entre cada um dos seus membros e Deus, o povo confiava em Moisés como sendo um bom representante, mas como isto ficaria quando este povo estivesse disperso na terra para a qual estavam rumando?

E como o tipo de sacerdócio que propuseram a Deus funcionaria se Moisés não estivesse mais entre eles?

Desta maneira, a partir da proposição que o povo fez a Deus para Ele falar com os seus indivíduos através de Moisés, também se ergueu a necessidade de ser estabelecido um conjunto de princípios que regeria esta maneira de Deus falar com o povo na

sequência dos anos e das gerações quando tivesse passado o deserto e estivesse habitando a terra prometida.

Após as pessoas do povo pedirem a Deus um sacerdócio diferenciado do que aquele que o Senhor lhes propusera, também era necessário que este sacerdócio estivesse claramente definido para que o povo não ficasse a cada momento querendo abandonar aquilo pelo qual optou e para que não ficasse querendo mudar o sacerdócio escolhido a cada passo que avançasse em sua jornada, pois sem uma definição precisa, o sacerdócio deste povo facilmente poderia vir a igualar-se por completo com os sacerdócios dos povos dos quais este grupo foi liberto.

Quando as pessoas pediram que Deus estabelecesse para elas um sacerdócio onde um dos seus semelhantes fizessem o papel de mediador diante de Deus, na realidade estava implícito também o pedido de um sacerdócio onde diversos dos seus semelhantes, ao longo da história, teriam que ser levantados para este serviço para atender as pessoas nas mais diversas regiões que viessem a viver, e também para que aqueles que não pudessem mais praticar o serviço de mediador pudessem ir sendo substituídos devido às regras do próprio sacerdócio, desistência, doença ou falecimento.

Quando as pessoas sugeriram que Deus estabelecesse para elas um sacerdócio onde alguns dos seus semelhantes fariam o papel de mediá-los diante de Deus, também estava implícito que no povo fosse criada uma divisão de classes ou categorias de pessoas, onde alguns poderiam e deveriam se achegar ao Senhor e onde a maioria ficaria dependente dos “escolhidos para serem sacerdotes” para que os seus pedidos chegassem a Deus e para que a instrução do Senhor chegasse à maioria.

O que parecia ser uma simples sugestão do povo em contrapartida ao que Deus intentava fazer a favor de cada indivíduo, era, na realidade, o surgimento de um sistema extremamente complexo de ser instituído, operacionalizado e mantido.

As sugestões ou escolhas para buscar a Deus através de caminhos não escolhidos pelo Senhor nunca são escolhas de caminhos simples ou que não envolvam um grande contingente de conceitos e consequências que estão implícitos na opção escolhida ou na sugestão apresentada.

Em função da escolha das pessoas em se oporem à busca do Único Deus Criador dos Céus e da Terra muitos conjuntos de conceitos, filosofias, teorias, religiões, projetos e estruturas são deflagrados para tentarem sustentar as teses que não aceitam esta posição de haver somente um Deus Único.

Entretanto, também em função do posicionamento das pessoas quererem buscar ao Único Deus através das suas próprias maneiras e em oposição à forma sugerida pelo Senhor, muitos conjuntos de conceitos, filosofias, religiões, projetos, ações, estruturas e caminhos são similarmente deflagrados para tentar estabelecer e sustentar as suas supostas alternativas de sacerdócio.

Portanto, a opção por um modelo de sacerdócio com sacerdotes mediadores entre o povo e Deus implicitamente representava que aquele povo e os seus descendentes também estavam fazendo uma opção por uma lei específica e um tipo específico de aliança nas quais os mais diversos aspectos do sacerdócio sugerido e escolhido passaram a estar descritos.

Ressaltando este ponto mais uma vez: Foi o povo que sugeriu um sacerdócio com sacerdotes mediadores. Entretanto, foi Deus que deu ao povo uma lei de acordo com o que o Senhor constituiu nesta lei, pois o povo jamais teria a mínima condição de estabelecer uma lei que previsse tudo o que teria que ser previsto para que o modelo sugerido de sacerdócio também tivesse uma lei completa ou santa associada a ele.

Assim, algo muito intrigante na questão da constituição do denominado *primeiro* sacerdócio é que Deus, a quem ninguém pode ensinar ou dar conselhos, acatou a sugestão do povo em estabelecer sacerdotes mediadores para que aqueles que originalmente eram chamados para fazê-lo, ou seja todas as pessoas do povo, fizessem o repasse ou a terceirização do seu sacerdócio pessoal para que outros o fizessem em seu lugar.

Como, então, foi possível se dar este fato em que Deus aceitou uma sugestão do povo liberto do Egito ainda que o pedido deste povo não estivesse de acordo com a vontade do Senhor ou com o “reino sacerdotal” que Deus propusera?

É muito desafiador compreender o posicionamento de Deus em que Ele autorizou um povo ou uma nação a seguir por um tipo de sacerdócio que não desembocaria em êxito.

Entretanto, também foi através desta maneira que Deus agiu de forma perfeita e em retidão para respeitar a liberdade de escolha do povo liberto do Egito e para estabelecer um exemplo registrado nas Escrituras e amplamente detalhado para que as gerações futuras, inclusive nos dias atuais, viessem a estar devidamente informadas para que pudessem escolher não mais incorrerem no modelo deste *primeiro* sacerdócio ou similares a ele.

Deus ofereceu às pessoas libertas do Egito uma condição de serem um reino de sacerdotes. E respeitando a sua condição de libertas, o Senhor não lhes apresentou a sua sugestão como uma imposição, assim como Deus atualmente também oferece o Evangelho para que as pessoas o recebam por livre escolha e não por imposição.

Ao convidar as pessoas libertas do domínio do Egito a serem guiadas pela voz do Senhor, Deus queria que elas também entendessem que o modelo celestial de sacerdócio era a única opção real de vida segundo o reino dos céus e assim, com liberdade, o escolhessem.

Deus apresentou a sua proposição como uma oferta para que as pessoas que foram libertas também escolhessem com liberdade o que Deus estava lhes propondo.

Entretanto, como as pessoas libertas do Egito não escolheram o que Deus lhes ofereceu, Deus aceitou acompanhá-las em sua escolha para que a manifestação prática desta escolha também viesse a ser exposta exaustivamente, a ponto de ficar de exemplo para que as pessoas, por entendimento e por opção, não precisem mais se inclinar ao modelo do *primeiro* sacerdócio ou modelos similares a ele depois que o *segundo* sacerdócio foi amplamente revelado ao mundo em Cristo Jesus.

Assim, embora a proposição do povo de um sacerdócio com sacerdotes mediadores provavelmente tivesse em mente partes dos modelos usados no Egito e no mundo, o modelo que Deus iria autorizar, ainda que temporariamente e conforme o desejo carnal das pessoas libertas do Egito, teria que ser um modelo com uma lei santa e que também concedesse o propósito almejado se todos os critérios deste modelo fossem cumpridos.

Por isso, a lei do denominado *primeiro* sacerdócio é chamada, ao mesmo tempo, a lei de um mandamento carnal, mas também uma lei santa.

Hebreus 7: 15 ***E isto é ainda muito mais evidente, quando, à semelhança de Melquisedeque, se levanta outro sacerdote, 16 constituído não conforme a lei de mandamento carnal, mas segundo o poder de vida indissolúvel.***

Romanos 7: 11 ***Porque o pecado, prevalecendo-se do mandamento, pelo mesmo mandamento, me enganou e me matou.***

12 Por conseguinte, a lei é santa; e o mandamento, santo, e justo, e bom.

13 Acaso o bom se me tornou em morte? De modo nenhum! Pelo contrário, o pecado, para revelar-se como pecado, por meio de uma coisa boa, causou-me a morte, a fim de que, pelo mandamento, se mostrasse sobremaneira maligno.

O fato de Deus acatar a sugestão do povo e apresentar a eles uma lei santa para o sacerdócio carnal que eles propuseram, mostrou-se, na manifestação prática, como benéfico no sentido de permitir as pessoas verem de forma mais intensa a maldade do pecado e das proposições humanas influenciadas pelo pecado para tentarem servir a Deus partir dos conceitos, da força ou das obras dos seres humanos.

Se, por uma lado, a sugestão do *primeiro* sacerdócio teve uma inspiração influenciada por modelos carnis, por outro lado, o que Deus acordou fazer no que foi chamado de *primeiro* sacerdócio era um sacerdócio baseado em uma lei justa apesar daquele modelo proposto.

Para estabelecer o que foi mencionado no parágrafo anterior, a lei do *primeiro* sacerdócio precisou, então, ser transcrita fielmente por Moisés de acordo com o que o Senhor lhe mostrou a partir do céu.

A instauração do chamado de *primeiro* sacerdócio era um processo muito delicado ou complicado de ser realizado, pois embora ele tivesse similaridades aos sacerdócios mediadores que outros povos adotavam, a lei deste sacerdócio teria que ser santa para receber a autorização de Deus, pois Deus não poderia ser parte da aprovação de algo que no final das contas não almejasse algum benefício para os seres humanos. Deus não poderia fazer a aliança com as pessoas relacionado a algo que não desembocasse em algum benefício para elas em certo momento, ainda que em um ponto futuro ou ainda que o próprio sacerdócio proposto não pudesse prover às pessoas aquilo que elas necessitavam.

Deus somente aceitou estabelecer o denominado de *primeiro* sacerdócio com uma lei bem clara, definida e pelo fato deste caminho vir a ser um instrumento para ensino para todos os povos a respeito daquilo que as pessoas do mundo inteiro não deveriam adotar em suas vidas, permitindo, assim, a prática autorizada deste sacerdócio durante séculos até que estivesse completamente demonstrado que as pessoas não conseguiriam cumprir o tipo de sacerdócio que elas propõem ao Senhor.

Deus sugeriu se relacionar com o povo liberto do Egito de uma maneira, mas o povo queria fazê-lo de acordo com a sua própria perspectiva. E Deus o permitiu, mas somente com uma lei adequada para que, mais adiante, as pessoas vissem demonstrado que o tipo de sacerdócio sugerido por elas não iria funcionar apropriadamente nem mesmo com uma lei santa, e também para evidenciar que somente o tipo de sacerdócio oferecido por Deus era de fato aquele que atua em amor verdadeiro e para o verdadeiro benefício de cada ser humano.

E não é também pela tentativa das crianças de fazer algumas coisas que elas ainda não conseguem fazer que elas aprendem algumas das suas limitações? E muitas vezes, sob uma devida supervisão e cuidado, não é também produtivo deixar as crianças tentarem realizar o que elas não conseguem fazer a fim de conhecerem melhor as capacidades que lhe estão ao alcance, bem como aquelas das quais elas dependem de um auxílio complementar para alcançar?

Para que a lição derivada da escolha por um sacerdócio que jamais poderia aperfeiçoar as pessoas pudesse ficar notoriamente registrada na história e para todas as gerações, Deus concedeu uma lei santa para o denominado *primeiro* sacerdócio. E ainda mais, Deus inclusive se prontificou a ajudar aquele povo a tentar cumprir aquela lei para que as pessoas vissem que aquele sacerdócio não seria bom para elas nem mesmo se estivessem sob uma posição em que o Senhor não se opusesse a elas.

Mesmo Deus autorizando a tentativa do caminho sugerido pelas pessoas libertas do Egito e não fazendo oposição a elas, o chamado de *primeiro* sacerdócio nunca poderia prover o que de fato as pessoas precisariam receber do Senhor, que é a mudança no interior do coração e que não pode ser realizada a contento através de outros mediadores também não aperfeiçoados em seus corações.

Deus não resistiu às pessoas libertas do Egito quanto à opção pelo tipo de sacerdócio com o qual elas queiram se associar. Pelo contrário, o Senhor se dispôs a acompanhar estas pessoas e dar-lhes suporte enquanto permanecessem na opção que elas fizeram para que, pela sua própria experiência, viessem a conhecer que um sacerdócio mediado por outros seres humanos também pecadores e falhos jamais pode aperfeiçoar tanto o mediador como os mediados. E tudo isto, para despertar as pessoas a verem a glória que exclusivamente há no sacerdócio chamado de *segundo* ou chamado de sacerdócio de acordo com Cristo.

*Hebreus 9: 9 **É isto uma parábola para a época presente; e, segundo esta, se oferecem tanto dons como sacrifícios, embora estes, no tocante à consciência, sejam ineficazes para aperfeiçoar aquele que presta culto,***

10 os quais não passam de ordenanças da carne, baseadas somente em comidas, e bebidas, e diversas abluções, impostas até ao tempo oportuno de reforma.

O denominado de *primeiro* sacerdócio era composto por regras externas para que cada pessoa não precisasse enfrentar diante de Deus as suas questões pessoais internas, pois ele era um sistema que propunha a execução de atos externos para agradar a Deus sem a necessidade de

mudanças interiores no coração, assim como era o sacerdócio de outros povos.

E Deus concordou em atender a demanda das pessoas libertas do Egito, pois se elas já haviam estabelecido no coração a forma como queriam viver, Deus não iria impor-lhes à sua própria proposição, pois isto descaracterizaria o estado de liberdade que recém havia sido concedido a elas.

O denominado de *primeiro* sacerdócio era somente uma sombra em oposição ao que Deus propôs inicialmente ao povo. E assim como uma sombra somente lembra o original, não é o original e de fato não pode realizar o que somente poderá ser obtido através do original, assim também o chamado de *primeiro* sacerdócio jamais poderia realizar o que o sacerdócio verdadeiro vindo de Deus poderia prover.

Hebreus 10: 1 Ora, visto que a lei tem sombra dos bens vindouros, não a imagem real das coisas, nunca jamais pode tornar perfeitos os ofertantes, com os mesmos sacrifícios que, ano após ano, perpetuamente, eles oferecem.

O denominado de *primeiro* sacerdócio foi permitido para contribuir para o ensino de que jamais um sacerdócio alternativo àquele que Deus oferece poderá realizar o que somente o verdadeiro pode realizar.

O chamado de *primeiro* sacerdócio foi permitido por Deus como um testemunho prático da fraqueza e da inutilidade que há nas tentativas das pessoas criarem caminhos para o relacionamento com Deus ainda que o Senhor viesse a lhes conceder uma lei santa para tentarem ser exitosas em seu objetivo.

Por isto, ao fim deste tópico, ressaltamos novamente que uma vez demonstrado exaustivamente durante séculos de que o chamado de *primeiro* sacerdócio não poderia, jamais, tornar perfeitos os que estivessem associados a este tipo de sacerdócio, Deus interveio na história, no tempo oportuno, manifestando e oferecendo amplamente o sacerdócio perfeito e eterno de acordo com a proposição celestial, mas não sem primeiro também revogar, para sempre, a autorização e validade do denominado *primeiro* sacerdócio, da sua lei e da aliança correspondente a ele.

M. Observando ainda um Pouco Mais de Perto o Contexto Em Que o Chamado de Primeiro Sacerdócio Foi Sugerido

Sem querer nos delongar muito mais sobre o fator histórico da introdução do denominado *primeiro* sacerdócio, mas também procurando não incorrer em deixar de ressaltar mais alguns pontos relevantes sobre o contexto em que este sacerdócio foi introduzido, gostaríamos de abordar ainda mais alguns aspectos daquilo que, de certa forma, norteou ou pode ter norteado a decisão do povo em propor o que propuseram ao Senhor. E isto, para que também possamos avançar melhor amparados para perceber as distinções entre os denominados de *primeiro* e *segundo* sacerdócios e para que possamos avançar para uma compreensão mais clara de como a opção pelo sacerdócio chamado de *segundo* pode ser realizada.

Quando citamos nos tópicos anteriores que o povo optou em sugerir um sacerdócio que veio a se constituir no chamado *primeiro* sacerdócio, composto também pela lei chamada de Lei de Moisés e por uma aliança que posteriormente foi chamada de antiga aliança ou a aliança que Deus fizera com o povo no Sinai depois da saída do Egito, não estamos almejando, de forma alguma, criticar o posicionamento das pessoas naqueles dias, pois elas, diferentemente de nós, não tinham visto o chamado de *primeiro* sacerdócio, a sua lei e a antiga aliança terem sido expostos na prática até a exaustão sem poderem de fato levar as pessoas à vitória que estas almejavam.

Em sua eterna e perfeita soberania, Deus também permitiu eventos ocorrerem na história de acordo com a escolha dos seres humanos para que estes mesmos eventos, no seu devido tempo, servissem de testemunho e ensino também para outras gerações.

1 Coríntios 10: 6 Ora, estas coisas se tornaram exemplos para nós, a fim de que não cobicemos as coisas más, como eles cobizaram.

...

11 Estas coisas lhes sobrevieram como exemplos e foram escritas para advertência nossa, de nós outros sobre quem os fins dos séculos têm chegado.

A conduta do povo liberto territorialmente e politicamente do domínio do Egito expressou o que a maioria das pessoas de todas as gerações também iriam adotar em circunstâncias similares.

As pessoas do grupo liberto do Egito passaram por uma escravidão de séculos e onde eles não tinham acesso a muitos atos ou práticas que os “seus senhores” podiam fazer, gerando possivelmente, em muitos, uma apreciação por aquilo que não lhe estavam disponível e também uma mentalidade em que a ideia de liberdade é ter acesso àquilo que os “seus senhores” tinham acesso.

E não é exatamente o tipo de mentalidade expresso no parágrafo anterior que muitas vezes ocorre entre aqueles que são privados de algo que outras pessoas possuem? Mas isto, muitas vezes, também não pode ser a definição de cobiça das coisas alheias e que, por fim, não são de fato benéficas àqueles que as almejam ter?

Entretanto, **Deus não tirou um determinado grupo de pessoas do Egito porque este povo não tinha acesso àquilo que os egípcios tinham. Deus os tirou para levá-los à uma condição de vida muito distinta e incomparável à vida do Egito e dos demais povos da Terra.**

A escravidão à qual os descendentes de Abraão estavam sujeitos no Egito não era definida principalmente pela abstenção do que os egípcios podiam praticar e acessar, mas era definida, em muitos aspectos, precisamente por aquilo que os egípcios podiam acessar e por aquilo praticavam em relação aos seus semelhantes.

Quando uma pessoa, por exemplo, intenta receber a Cristo como o beneficiador da sua vida para alcançar a prosperidade material que os ricos têm, ela de fato não quer a Cristo e a vida que acompanha esta decisão. O que ela quer é a vida que as pessoas que ela considera mais afortunadas têm, não se dando conta, porém, que aquele tipo de vida que ela mesma almeja, talvez também possa ser um caminho que a afaste de Cristo e da vida mais sublime, da vida que importa para a eternidade.

As pessoas nos séculos contemporâneos não pensam de forma tão diferenciada das pessoas do tempo em que os descendentes de Abraão foram libertos do Egito para não viverem mais como no Egito. Pelo contrário, o caráter humano, dissociado do seu Criador, não progrediu e às vezes até anda para trás.

*2 Timóteo 3: 1 **Sabe, porém, isto: nos últimos dias, sobrevirão tempos difíceis, pois os homens serão egoístas, avaros, jactanciosos, arrogantes, blasfemadores, desobedientes aos pais, ingratos, irreverentes, 3 desafeiçoados, implacáveis, caluniadores, sem domínio de si, cruéis, inimigos do bem, 4 traidores, atrevidos, enfatuados, mais amigos dos prazeres que amigos de Deus, 5 tendo forma de piedade, negando-lhe, entretanto, o poder. Foge também destes.***

Apesar de talvez parecer que a escravidão no Egito ocorreu basicamente por causa dos faraós que nele exerciam o governo, a origem da escravidão exercida pelos faraós sobre os outros povos estava intimamente ligada aos sacerdócios e a quem ou a que estes sacerdócios adoravam.

O Deus de Abraão, Isaque e Jacó foi revelado aos faraós egípcios e se tornou conhecido através do que fizera por meio de José, resultando na provisão de alimento a muitos povos durante um período de sete anos de grande escassez que se abateu sobre muitas nações. Entretanto, quando José faleceu, os faraós que se levantaram para governar em seguida, esqueceram-se também do Deus de José, ficando novamente entregues às suas adorações pagãs, resultando na inimizade com os descendentes de Abraão e na sua escravidão.

*Êxodo 1: 6 **Faleceu José, e todos os seus irmãos, e toda aquela geração.***

...

*8 **Entrementes, se levantou novo rei sobre o Egito, que não conheceu a José.***

*9 **Ele disse ao seu povo: Eis que o povo dos filhos de Israel é mais numeroso e mais forte do que nós.***

*10 **Eia, usemos de astúcia para com ele, para que não se multiplique, e seja o caso que, vindo guerra, ele se ajunte com os nossos inimigos, peleje contra nós e saia da terra.***

11 E os egípcios puseram sobre eles feitores de obras, para os afligirem com suas cargas. E os israelitas edificaram a Faraó as cidades-celeiros, Pitom e Ramessés.

Quando as pessoas se afastam de Deus, elas acabam se entregando a uma série de fantasias de outros deuses e a uma série de fantasias de como elas podem se relacionar com estes deuses, ou até, como no caso dos faraós, passam a adotar a postura de se intitularem ou serem intituladas pelos seus sacerdócios de deuses, como se um ser humano pudesse alcançar esta posição.

Sob esta condição de sacerdócios totalmente dissociados da adoração ao Único Deus Criador, os egípcios apresentavam dízzimos, ofertas e toda a sorte de sacrifícios para os sacerdotes que tinham estabelecido para representá-los diante dos seus deuses e faraós. Já muito antes do chamado *primeiro* sacerdócio ser estabelecido, os egípcios davam enormes contribuições de suas colheitas e entregavam inúmeros sacrifícios aos seus sacerdotes. Em seu modelo sacerdotal, essas eram as maneiras pelas quais pensavam que poderiam obter a benevolência dos deuses.

Por isso, depois de séculos debaixo do modelo sacerdotal egípcio, apesar de não terem acesso para se associarem a ele pelo fato de serem escravos, não é de se admirar que o povo libertado por Deus tinha em mente um sacerdócio como era o sacerdócio dos “seus anteriores senhores”. Não é de se admirar que as pessoas agora libertas do Egito também tinham em mente aquilo que aqueles que eram “os livres” no Egito tinham, ainda mais que muitos dos egípcios eram cumulados de bens e riquezas.

As Escrituras não declaram expressamente que o povo libertado do Egito quis um mesmo modelo de sacerdócios praticados pelos egípcios. Entretanto, a proposição prática deles estava refletindo o que o Egito praticava, ainda que eles agora se dirigissem somente a um “novo Deus Único”.

Além disso, em vários pontos futuros da história narrada nas Escrituras, podemos observar que as pessoas libertas do Egito e seus descendentes se colocavam em posição de necessitarem serem admoestadas por Deus pelo fato de voltarem a inclinar o coração e a confiança nas coisas do Egito ou até em um possível retorno ao Egito.

Portanto, sugerir Moisés como mediador de todo o povo, não era algo muito diferente da posição dos faraós e na qual estes figuravam a representação dos deuses na Terra.

E ainda outro fator que pode ter contribuído para a questão de sugerir um sacerdócio de mediação de Moisés em nome do povo, é que Moisés, seguindo uma sugestão de “*um sacerdote de Midiã*”, a saber seu sogro Jetro, já havia praticamente se assentado sobre o povo como um líder sobre a nova nação que estava sendo constituída, assim como faraó era um líder sobre toda a nação egípcia.

Quando Jetro, “*sacerdote de Midiã*”, logo após o povo ter saído do Egito, sugeriu a Moisés o estabelecimento de um sistema governamental em forma de pirâmide, Jetro, na prática, também estava sugerindo que Moisés deveria se assentar no topo da pirâmide.

Na prática, a sugestão de Jetro era uma proposição onde Moisés seria o mediador das grandes necessidades do povo para com Deus e onde os líderes na cadeia da pirâmide responderiam as causas simples do povo, mesmo que estes líderes ainda

tivessem sido instruídos minimamente por Deus sobre como viver a nova vida que Deus reservara para o povo liberto.

Portanto, se Moisés poderia ser o mediador das “grandes e especiais causas” do povo para com Deus, por que Moisés também não poderia ser o grande sacerdote que falaria as coisas de Deus para o povo?

Através da experiência do conselho de Jetro a Moisés, narrada em Êxodo 18, vemos o quão crucial é discernir a qual sacerdócio uma pessoa serve antes de ouvi-la e antes de acatar os conselhos que ela propõe, ainda que seja um parente ou alguém muito próximo.

Em outras palavras, quando Jetro falou com Moisés, apesar de ser sogro de Moisés, ele não falou como um sogro, mas falou como um “*sacerdote de Midiã*”.

E ainda, considerando que um sacerdócio também está associada a uma lei que lhe é correspondente, Jetro, juntamente com o seu conselho, também sugeriu todo um sistema e uma lei de governo a Moisés, mas que, na prática, não era tão diferente do que Moisés vira no Egito e da cadeia de comandos hierárquicos que os demais povos estabeleciam nos seus governos.

Depois de quarenta anos fora do sistema de governo egípcio, Moisés, talvez, não percebeu que aquilo que Jetro lhe sugeriu, como *sacerdote de Midiã*, era muito familiar ao sistema no qual ele, Moisés, crescera e fora ensinado pelos egípcios, conselho que, portanto, também era uma maneira de governo que resultava na escravidão dos povos sob líderes e tutores dominadores.

Assim, muitas vezes, também é nas coisas mais familiares que são expostas como se fossem uma proposição de Deus que pode haver uma necessidade de um discernimento mais profundo entre aquilo que realmente procede de Deus e aquilo que não procede do Senhor.

*Colossenses 2: 8 **Cuidado que ninguém vos venha a enredar com sua filosofia e vãs sutilezas, conforme a tradição dos homens, conforme os rudimentos do mundo e não segundo Cristo;**
9 **porquanto, nele, (em Cristo), habita, corporalmente, toda a plenitude da Divindade.***

Nas Escrituras, não vemos Deus fazendo alguma repreensão a Moisés por ter adotado o conselho de Jetro, pois nem Moisés ainda havia sido ensinado como Deus queria que o povo liberto passasse a viver. Entretanto, similarmente, também não vemos Deus endossando o conselho de Jetro, pois este era frágil e impraticável para o futuro que Deus tinha proposto para este povo.

Quando o povo chegasse à terra de Canaã, o sistema de Jetro jamais poderia funcionar com o povo espalhado por vários territórios e divididos nas suas diversas tribos, pois simplesmente não seria prático e funcional, a não ser que fosse regido com mão de ferro.

Além disso, mais tarde vemos que Deus atesta a condição de não querer um rei humano regendo todo o seu povo ou quando afirma que as pessoas do povo liberto do Egito não necessitariam ter um rei como os povos gentios tinham.

Ainda outro exemplo de que Deus tinha planos distintos da proposição de Jetro para as pessoas do seu povo é mostrado quando o Senhor diz para Moisés separar, ainda no

tempo do deserto, setenta homens e sobre eles repartir a unção que estava sobre a sua vida para que o povo fosse melhor atendido.

Quer por dureza de coração, por cobiça conforme foi mencionado em um dos textos apresentados acima, por desconhecimento, pela influência do sacerdócio de Jetro segundo Midiã ou pelo modelo dos sacerdócios do Egito que tinham em mente, as pessoas do povo liberto do Egito, de certa forma, queriam um Deus que as abençoasse nas suas reivindicações, mas que não fosse totalmente presente com elas em todos os seus afazeres.

Os integrantes do povo liberto do Egito não queriam um sistema sacerdotal que os expusesse diante de Deus. Eles queriam um sacerdócio através do qual poderiam, como os egípcios e outros povos, aplacar a “ira dos deuses” e “obter favor dos deuses para a prosperidade das pessoas do povo”, sendo que a diferença no caso deste povo é que ele estava escolhendo servir a um só Deus.

As pessoas libertas do Egito queriam um Deus que as guiasse, mas com uma certa distância. E para isto, elas estavam dispostas a pagar um alto preço, menos o preço de Deus chegar diretamente a cada uma delas ou cada uma delas ter que se apresentar continuamente e diretamente diante de Deus.

Em certo sentido, as pessoas do povo liberto do Egito queriam ter o controle de quando quisessem se achegar a Deus e de quando Deus deveria se achegar a elas para que seu viver e andar diário não sofresse restrições diretas da presença contínua do Senhor com elas.

As pessoas libertas do Egito estavam dispostas a praticar alguns atos diante de Deus ou direcionados ao Senhor com uma certa distância para terem a garantia de que Deus as abençoaria e protegeria. Entretanto, elas não estavam dispostas a ter a Deus muito próximo de si para que as suas atitudes mais íntimas ou pessoais não tivessem que se amoldar ao caminho e à instrução contínua do Senhor.

*Jeremias 7: 22 **Porque nada falei a vossos pais, no dia em que os tirei da terra do Egito, nem lhes ordenei coisa alguma acerca de holocaustos ou sacrifícios.***

*23 **Mas isto lhes ordenei, dizendo: Dai ouvidos à minha voz, e eu serei o vosso Deus, e vós sereis o meu povo; andai em todo o caminho que eu vos ordeno, para que vos vá bem.***

*24 **Mas não deram ouvidos, nem atenderam, porém andaram nos seus próprios conselhos e na dureza do seu coração maligno; andaram para trás e não para diante.***

E quanto aos dias atuais, será que aquilo que foi exposto nos parágrafos anteriores é assim tão diferente?

E nos tempos recentes, será que também há pessoas que querem a Deus, mas desde que elas possam colocar os limites de quanto Deus pode se aproximar delas e o quanto elas deveriam se aproximar do Criador de suas vidas?

O indivíduo que opta em ser guiado por Deus somente parcialmente ou através de regras exteriores, muitas vezes pode estar se colocando em posição pior do que aquele que optou em não ser guiado por Deus, pois a

pessoa que está afastada de Deus às vezes é mais consciente de que precisa retornar ao Senhor do que aquele que está disposto a seguir no caminho do Senhor, mas não de uma maneira em que a presença ou a luz de Deus esteja muito próxima a ele.

Entendemos ser necessário estar atento aos contextos acima mencionados, pois o *primeiro* sacerdócio é baseado na tentativa desta condição de vida “meio-dedicada” a Deus.

O *primeiro* sacerdócio é o modelo do sacerdócio que se preocupa com as aparências e com os atos externos, mas que não vai a fundo suficientemente nas questões internas do coração e de um posicionamento mais próximo e transparente diante do Senhor.

Sob a aflição do Egito, os descendentes de Abraão clamaram diretamente a Deus e não deixaram que o fato de serem escravos se interpusse em seu clamor direto ao Senhor. Entretanto, quando estavam livres para serem guiados continuamente e diretamente por Deus quiseram algo que assemelhasse o que viram no Egito, pois tinham o foco na cobiça e no exterior, assim como é visto de forma repetida também em cada nova geração.

Na prática, as pessoas libertas do Egito demonstraram que não queriam a pressão do trabalho que os egípcios lhe imputavam, mas, por outro lado, não queriam rejeitar completamente o sistema de sacerdócio e governança dos egípcios, não percebendo, porém, que não era somente o povo do Egito que as escravizava. O Egito as escravizava por causa do sistema de sacerdócio e governança que era adotada naquela nação.

Portanto, para receber e guardar o vinho novo é necessário odre novo. E para se vestir de novidade de vida precisa também das respectivas vestes novas.

Quando as pessoas pediram a Deus para livrá-las do Egito, Deus ouviu o clamor para de fato libertá-las do Egito, mas não para libertá-las somente do território e do domínio dos egípcios. No deserto e antes de entrarem na terra de Canaã, Deus queria que as pessoas livres fisicamente do domínio do Egito também fossem livres dos modelos de sacerdócio e governança que havia no Egito e nos outros povos do mundo.

Entretanto, mais uma vez, como a sugestão de Deus não foi acatada naqueles dias em que o povo liberto do Egito estava diante do monte Sinai, ainda era necessário que ficasse demonstrado que o sacerdócio de acordo com o pensamento humano não teria êxito na mão dos seres humanos, ainda que Deus os autorizasse e até favorecesse para fazê-lo. Este modelo jamais poderia livrar as pessoas de suas prisões mais profundas, jamais poderia livrá-las da profunda escravidão ao pecado e jamais poderia livrar as pessoas do egoísmo de tentarem controlar as suas próprias vidas.

Sem que o verdadeiro sacerdócio oferecido pelo Criador seja estabelecido no coração de uma pessoa, esta não pode se libertar de si própria, pois o chamado de *primeiro* sacerdócio é uma proposta de manutenção de um certo distanciamento proposital do Único que pode prover plena libertação na vida interior ou no coração de um indivíduo.

O sacerdócio denominado de *primeiro* não funciona de fato, pois, na sua operação prática, ele tenta misturar o fermento velho com o propósito de viver o novo. O *primeiro* sacerdócio propõe atingir o novo através dos mesmos princípios de funcionamento do velho que nunca podem alcançar o novo de fato.

No estudo sobre O Evangelho da Salvação, e outros, foi abordado acentuadamente o tópico de que a salvação de Deus não se limita a um livramento, mas que ela é uma oferta de uma salvação que propõe levar as pessoas a uma condição de viverem efetivamente em novidade de vida a partir de um novo coração.

Similarmente, quando as pessoas escravas no Egito clamaram ao Único Deus por libertação, o Senhor os salvou para lhes oferecer um novo tipo de vida que implicaria em um novo tipo de sacerdócio. Entretanto, aquelas pessoas, até para nosso ensino e instrução, optaram em seguir um caminho pesaroso e de muitos sacrifícios que nunca agradaram a Deus, permitidos pelo Senhor para que na plenitude dos tempos fosse evidenciada para todas as nações, de forma plenamente sublime, a glória do *segundo* sacerdócio ou aquele que Deus nos oferece exclusivamente em Cristo Jesus.

Assim, no final deste tópico, vejamos mais uma vez com atenção no texto abaixo o ponto principal sobre aquilo que Deus quer nos ensinar sobre o *remover o primeiro e estabelecer o segundo*:

Hebreus 8: 1 Ora, o essencial das coisas que temos dito é que possuímos tal sumo sacerdote, que se assentou à destra do trono da Majestade nos céus,

2 como ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, não o homem.

3 Pois todo sumo sacerdote é constituído para oferecer tanto dons como sacrifícios; por isso, era necessário que também esse sumo sacerdote tivesse o que oferecer.

4 Ora, se ele estivesse na terra, nem mesmo sacerdote seria, visto existirem aqueles que oferecem os dons segundo a lei,

5 os quais ministram em figura e sombra das coisas celestes, assim como foi Moisés divinamente instruído, quando estava para construir o tabernáculo; pois diz ele: Vê que faças todas as coisas de acordo com o modelo que te foi mostrado no monte.

6 Agora, com efeito, obteve Jesus ministério tanto mais excelente, quanto é ele também Mediador de superior aliança instituída com base em superiores promessas.

7 Porque, se aquela primeira aliança tivesse sido sem defeito, de maneira alguma estaria sendo buscado lugar para uma segunda.

8 E, de fato, repreendendo-os, diz: Eis aí vêm dias, diz o Senhor, e firmarei nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá,

9 não segundo a aliança que fiz com seus pais, no dia em que os tomei pela mão, para os conduzir até fora da terra do Egito; pois eles não continuaram na minha aliança, e eu não atentei para eles, diz o Senhor.

10 Porque esta é a aliança que firmarei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o Senhor: na sua mente imprimirei as minhas leis, também sobre o seu coração as inscreverei; e eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo.

11 E não ensinará jamais cada um ao seu próximo, nem cada um ao seu irmão, dizendo: Conhece ao Senhor; porque todos me conhecerão, desde o menor deles até ao maior.

12 Pois, para com as suas iniquidades, usarei de misericórdia e dos seus pecados jamais me lembrarei.

13 Quando ele diz Nova, torna antiquada a primeira. Ora, aquilo que se torna antiquado e envelhecido está prestes a desaparecer.

N. A Glória de Cristo como o Único que Cumpriu a Lei do Primeiro Sacerdócio para Que Este Pudesse Ser Removido

Hebreus 7: 11 **Se, portanto, a perfeição houvera sido mediante o sacerdócio levítico (pois nele baseado o povo recebeu a lei), que necessidade haveria ainda de que se levantasse outro sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque, e que não fosse contado segundo a ordem de Arão?**

12 Pois, quando se muda o sacerdócio, necessariamente há também mudança de lei.

Hebreus 7: 18 **Portanto, por um lado, se revoga a anterior ordenança, por causa de sua fraqueza e inutilidade**

19 (pois a lei nunca aperfeiçoou coisa alguma), e, por outro lado, se introduz esperança superior, pela qual nos chegamos a Deus.

Hebreus 10: 8 **Depois de dizer, como acima: Sacrifícios e ofertas não quiseste, nem holocaustos e oblações pelo pecado, nem com isto te deleitaste (coisas que se oferecem segundo a lei),**

9 então, acrescentou: Eis aqui estou para fazer, ó Deus, a tua vontade. Remove o primeiro para estabelecer o segundo.

10 Nessa vontade é que temos sido santificados, mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo, uma vez por todas.

Depois de vermos tantos aspectos nos tópicos anteriores sobre o primeiro sacerdócio, chegamos, provavelmente, ao ponto mais significativo do conhecimento que necessitamos ter sobre este sacerdócio, o qual é saber que ninguém mais, no mundo todo, precisa seguir a lei e a aliança relacionada a este sacerdócio por causa da obra de Cristo na cruz do Calvário, através de quem a validade deste primeiro sacerdócio foi removida e o segundo foi estabelecido.

Neste ponto, há algo muito interessante a ser observado sobre o primeiro sacerdócio, a sua lei e a sua aliança, pois uma vez que uma pessoa fizesse adesão a este tipo de sacerdócio, ela também estava se sujeitando àquilo pelo qual estava optando e do qual ela não poderia simplesmente se desligar, a não ser que o desligamento fosse de acordo com os termos da lei e da aliança do próprio sacerdócio ao qual ela estava se associando.

Quando alguém se associava ao sacerdócio também chamado de levítico, como visto acima, ele se associava à lei e à aliança baseada neste sacerdócio ou vice-versa. Ou seja, se alguém viesse a se associar ao primeiro sacerdócio, sua lei ou à sua aliança, ele também passava a estar sujeito a todo o conjunto de aspectos deste sacerdócio.

E no caso do primeiro sacerdócio, a associação a ele era especialmente complicada, pois este sacerdócio era fundamentado em uma proposição onde as pessoas declaravam perante testemunhas e perante Deus que elas iriam seguir rigorosamente todos os itens da lei do primeiro sacerdócio, sob pena de se tornarem alvos de severa maldição ou condenação caso não cumprissem um só item da lei deste sacerdócio.

De certa forma, o pacto em torna do *primeiro* sacerdócio era simples: Se a pessoa que aderiu a ele cumprisse toda a lei, ela viveria. Entretanto, se ela não cumprisse a sua lei na íntegra, ela era digna de condenação de morte, pois um só item não cumprido da lei a desqualificava de forma geral, ainda que a aplicação de algumas condenações não fossem executadas já em seguida à transgressão.

O aspecto altamente difícil e complicado da lei do *primeiro* sacerdócio era a obrigação de cumprir “todos os itens” que constavam desta lei para, então, obter a vida.

Tiago 2: 10 **Pois qualquer que guarda toda a lei, mas tropeça em um só ponto, se torna culpado de todos.**

Romanos 10: 5 **Ora, Moisés escreveu que o homem que praticar a justiça decorrente da lei viverá por ela.**

Gálatas 3: 12 **Ora, a lei não procede de fé, mas: Aquele que observar os seus preceitos por eles viverá.**

...
10 Todos quantos, pois, são das obras da lei estão debaixo de maldição; porque está escrito: Maldito todo aquele que não permanece em todas as coisas escritas no Livro da lei, para praticá-las.

Convém lembrar neste ponto mais uma vez que Deus não iniciou a oferta de um sacerdócio onde as pessoas receberiam leis ou mandamentos através de sacerdotes mediadores, mas esta foi uma sugestão apresentada pelo povo a Deus, onde Deus, então, apresentou ao povo uma lei pela qual a pessoa que a cumprisse na íntegra também alcançaria a vida por ter alcançado uma condição de justiça através do cumprimento de todos os atos desta lei.

Quando as pessoas do povo liberto do Egito escolheram o caminho de serem instruídas por Deus através de seus semelhantes e de acordo com o que o Senhor falasse aos mediadores, e não pela instrução de Deus a cada família e às pessoas nelas, elas fizeram a opção por um “código de regras” transcrito por aquele que os mediarium para que através das “regras escritas” pudessem viver de maneira justa ou sem incorrer em pecado que os afastaria de Deus e, por consequência, da vida eterna, pois é Deus quem provê a vida eterna.

E por que “toda a lei” do denominado *primeiro* sacerdócio teria que ser cumprida por aqueles que se associassem ou se sujeitassem a ele?

A lei do denominado *primeiro* sacerdócio precisava ser “toda” cumprida porque aqueles que associavam a ela declaravam que eles, em seu próprio esforço, seriam justos “em tudo” desde que lhes fosse fornecido um conjunto de regras externas nas quais poderiam se basear.

Portanto, assim como Adão ficou sujeito ao pecado e à injustiça por um só pecado em que ele tentou se equiparar a Deus, assim aquele que assumisse o compromisso de viver e andar justamente em tudo que a lei tivesse estabelecido, mas não o fizesse, similarmente também estaria sujeito ao pecado e à injustiça.

O mandamento do sacerdócio chamado de *primeiro* é considerado carnal também porque aqueles que aderem a ele assumem um compromisso de andar em retidão no presente e no futuro baseados na confiança em sua própria palavra e força, nem sabendo se estarão aptos a fazer no dia seguinte o que prometeram. O posicionamento de que o futuro está nas mãos e sob o controle daquele que adere ao chamado de *primeiro* sacerdócio é uma atitude baseada na soberba. É uma postura de confiança de que, pelas forças e promessas humanas, uma pessoa irá cumprir o que ela se compromete a fazer.

O denominado *primeiro* sacerdócio é baseado no tipo de posicionamento onde o ser humano se coloca em posição de garantidor de um futuro como se ele certamente fosse capaz de fazê-lo.

Tiago 4: 13 Atendei, agora, vós que dizeis: Hoje ou amanhã, iremos para a cidade tal, e lá passaremos um ano, e negociaremos, e teremos lucros.

14 Vós não sabeis o que sucederá amanhã. Que é a vossa vida? Sois, apenas, como neblina que aparece por instante e logo se dissipa.

15 Em vez disso, devíeis dizer: Se o Senhor quiser, não só viveremos, como também faremos isto ou aquilo.

16 Agora, entretanto, vos jactais das vossas arrogantes pretensões. Toda jactância semelhante a essa é maligna.

O Senhor sugeriu acompanhar cada família e cada pessoa de forma específica ou particular. Entretanto, as pessoas optaram por um caminho de lei antemão estabelecida para que a tivessem previamente e para que pudessem tentar viver e andar sob esta lei sem ter que ficar consultando a Deus a todo momento como deveriam se portar em justiça para garantir a “benção e proteção de Deus” sobre elas.

Os integrantes do povo liberto do Egito refutaram um dos principias aspectos do propósito de Deus tê-los libertado do Egito. O Senhor os livrou para ter comunhão com os indivíduos libertos, mas o caminho da lei era uma posição contrária à comunhão porque quem quer andar pela lei ou regras pré-estabelecidas fica facilmente sujeito a pensar que não precisa ter comunhão com Deus uma vez que supostamente ele já sabe de antemão tudo o que precisa fazer na sua vida.

Similarmente, a ideia de viver de acordo com uma lei ou um conjunto de mandamentos de antemão estabelecidos também atua no sentido de levar as pessoas a pensarem que não precisam de fé em Deus para viver a sua vida, pois se alguém cumprir toda a lei ou o conjunto de regras pré-definido e supostamente acordado com Deus, o Senhor também ficaria “obrigado” a abençoar e proteger aqueles que cumprirem a lei acordada.

Entretanto, também pelo fato do denominado *primeiro* sacerdócio ser baseado em uma proposta de vida dissociada de fé, confiança e comunhão contínua com o Senhor, as Escrituras nos informam que Deus não se agradou de nenhum dos sacrifícios, ofertas e holocaustos que foram realizados debaixo deste *primeiro* sacerdócio, pois as Escrituras nos ensinam que “***o justo viverá por fé***” e que “***sem fé é impossível agradar a Deus***”.

Deus não se agradou do chamado de *primeiro* sacerdócio porque este sacerdócio, além de não salvar as pessoas do pecado ao qual já estavam escravizadas, as escravizava ainda mais.

Se depois de se associar ao denominado *primeiro* sacerdócio, um indivíduo deixasse de cumprir um só item da respectiva lei, ele estaria duplamente escravizado para sempre, pois além da condenação causada pela sujeição ao pecado, ele ficaria sujeito também à condenação prevista na lei deste sacerdócio.

Uma vez que indivíduo incorreu na dívida de morte para com a lei, a pessoa somente poderia sair dela se esta dívida fosse paga, a qual somente poderia ser paga através da exposição à execução da condenação associada ao chamado de *primeiro* sacerdócio.

Qualquer pessoa que se associava ao denominado *primeiro* sacerdócio já era anteriormente escrava do pecado, cuja dívida era a morte. Entretanto, ao aderir a este *primeiro* sacerdócio, ela tornava-se mais uma vez ou duplamente devedora de morte quando deixasse de cumprir somente um item da lei deste sacerdócio.

Portanto, para ser livre da condenação de morte, a pessoa associada ao denominado *primeiro* sacerdócio precisaria, então, encontrar tanto a quitação da sua dívida com o pecado como também a quitação da sua dívida para com o sacerdócio ao qual ela aderiu, pois certamente ela não iria cumprir na íntegra o que ela assumiu cumprir.

Em princípio pode até parecer que a dívida do pecado e da lei são a mesma coisa, mas não são. Elas são duas dívidas distintas com a mesma penalidade, mas ainda assim são distintas. E aquele que ficou sujeito a elas precisa da quitação das duas partes para ser livre de condenação de morte.

Assim, a aparentemente simples escolha sugerida pelo povo para a implantação de um sacerdócio com mediadores implicou também na escolha de um sacerdócio e de uma lei aos quais as pessoas que aderiram a ele ficaram escravizadas por sua própria sugestão, opção e adesão. E assim ficariam para sempre se do céu não lhes fosse provida uma salvação e libertação também deste sacerdócio além da redenção e libertação do pecado que já lhes era necessária.

Incorrer na adesão ao chamado de *primeiro* sacerdócio significava incorrer na necessidade de Deus fazer uma provisão não somente para a redenção das pessoas do pecado, mas também para libertar os indivíduos associados a este *primeiro* sacerdócio pelo fato de que jamais um indivíduo poderia sair dele através de seus méritos uma vez que tivesse transgredido um só de todos os itens da respectiva lei.

Enquanto as pessoas que não se associavam ao denominado de *primeiro* sacerdócio tinham a dívida para com o pecado, aqueles que se associavam a este *primeiro* sacerdócio ficavam com dupla dívida, uma para com o pecado e outra para com a respectiva lei.

Assim como o pecado requeria a morte como salário ou paga da dívida, conforme explicado mais amplamente no estudo sobre O Evangelho da Justiça de Deus, também a lei do *primeiro* sacerdócio requeria a morte como salário ou paga.

Portanto, a demanda por uma solução para remir as pessoas do jugo ou do corpo do pecado passou a ser acrescida da necessidade de remi-las também de sua associação ao *primeiro* sacerdócio.

E como, então, as pessoas sujeitas à lei do *primeiro* sacerdócio, já amaldiçoadas e condenadas pelas suas transgressões desta lei, poderiam ser livres da dívida para com a lei e o sacerdócio com o qual se associaram se a dívida era de morte assim como era a dívida de pecado?

Assim, se o preço para a remissão das pessoas do pecado era a morte de um inocente no lugar delas, assim também a morte de um inocente para com a lei poderia remir os que estavam debaixo da lei ou do *primeiro* sacerdócio.

Supondo que Cristo tivesse vindo em carne ao mundo somente para ser o inocente em relação ao pecado que foi crucificado para remir as pessoas do pecado, os indivíduos associadas ao *primeiro* sacerdócio ou similares a ele jamais poderiam ter sido salvas.

Quando Cristo veio ao mundo para prover salvação a todos, foi necessário que Ele nascesse como Filho do Homem, e sem culpa pessoal fosse crucificado para quitar a dívida de todos com o pecado. Entretanto, para poder quitar igualmente a dívida com a lei do *primeiro* sacerdócio, era necessário que Cristo, como o Filho do Homem, também nascesse sob condição de estar debaixo da lei e para que, nesta condição, cumprisse os requerimentos da lei para que, sendo morto como inocente também em relação à lei do *primeiro* sacerdócio, pudesse quitar de uma só vez a dívida de todos com o pecado e também com a lei daquele tipo de sacerdócio.

Quando Deus enviou o seu Filho Unigênito ao mundo através da condição de Filho do Homem acrescido da condição de ter nascido sob a lei do *primeiro* sacerdócio, Deus o fez para que todos os escravizados não somente ao pecado, mas também à lei do *primeiro* sacerdócio, ou similares a ele, pudessem ser livres do jugo que imputaram sobre as suas vidas ao se associarem a este tipo de sacerdócio.

Gálatas 4: 3 Assim, também nós, quando éramos menores, estávamos servilmente sujeitos aos rudimentos do mundo;
4 vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, (1) nascido de mulher, (2) nascido sob a lei,
5 para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos.

Portanto, assim como em Cristo foi revelada a glória Daquela que salva e livra as pessoas do pecado, assim em Cristo também foi revelada a glória daquele que salva e livra os seres humanos da lei do *primeiro* sacerdócio.

Quando as pessoas que saíram do Egito escolheram o denominado *primeiro* sacerdócio, Deus não se agradou da escolha deles apesar de permitir esta alternativa. Entretanto, apesar da escolha das pessoas por um caminho de morte e não de vida, o Senhor não as deixou entregues para sempre à condenação de acordo com o *primeiro* sacerdócio, exercendo misericórdia também com aqueles que, além do pecado, escolherem se sujeitar a uma lei da qual não poderiam ser libertos por si próprios.

E assim, na plenitude do tempo, onde a atuação das trevas tanto através do pecado como da lei do *primeiro* sacerdócio já se tornara amplamente exposta ao mundo, Deus

enviou a provisão de salvação inclusive para todo aquele indivíduo que ficou sujeito duplamente ao salário de morte.

- Romanos 3: 19* **Ora, sabemos que tudo o que a lei diz, aos que vivem na lei o diz para que se cale toda boca, e todo o mundo seja culpável perante Deus,**
- 20 visto que ninguém será justificado diante dele por obras da lei, em razão de que pela lei vem o pleno conhecimento do pecado.**
- 21 Mas agora, sem lei, se manifestou a justiça de Deus testemunhada pela lei e pelos profetas;**
- 22 justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo, para todos e sobre todos os que creem; porque não há distinção,**
- 23 pois todos pecaram e carecem da glória de Deus,**
- 24 sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus,**
- 25 a quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para manifestar a sua justiça, por ter Deus, na sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos;**
- 26 tendo em vista a manifestação da sua justiça no tempo presente, para ele mesmo ser justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus.**
-

O Evangelho, portanto, salva tanto o indivíduo que estava sem lei como aquele que sujeitou à lei, mostrando que a graça de Deus se estende a toda e qualquer pessoa que crê na obra de Deus manifestada em Cristo Jesus, nosso Eterno Senhor e Salvador.

- Atos 13: 37* **Porém aquele a quem Deus ressuscitou não viu corrupção.**
- 38 Tomai, pois, irmãos, conhecimento de que se vos anuncia remissão de pecados por intermédio deste;**
- 39 e, por meio dele, todo o que crê é justificado de todas as coisas das quais vós não pudestes ser justificados pela lei de Moisés.**

- Romanos 1: 16* **Pois não me envergonho do evangelho de Cristo, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego;**
- 17 visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé.**
-

A opção pelo denominado *primeiro* sacerdócio trouxe um peso de condenação a todos que associaram a ele, quer tivessem se empenhado muito em cumprir os itens da lei associada a este sacerdócio ou quer nem tentaram cumprir algum dos seus mandamentos.

Entretanto, apesar das próprias pessoas terem feito a opção por um tipo de sacerdócio que certamente as levaria e levou à condenação de morte, o Senhor mais uma vez não as deixou abandonadas às consequências das suas próprias escolhas.

Assim como Deus, em Cristo Jesus, revelou a sua misericórdia, graça e salvação para a libertação das pessoas do jugo do pecado, assim Deus, também em Cristo Jesus, revelou e tornou disponível a provisão perfeita para a redenção de todo aquele que se tornou devedor para com a lei do primeiro sacerdócio ou similar a ele.

Romanos 10: 4 **Porque o fim da lei é Cristo, para justiça de todo aquele que crê.**

5 **Ora, Moisés escreveu que o homem que praticar a justiça decorrente da lei viverá por ela.**

6 **Mas a justiça decorrente da fé assim diz: Não perguntes em teu coração: Quem subirá ao céu?, isto é, para trazer do alto a Cristo;**

7 **ou: Quem descerá ao abismo?, isto é, para levantar Cristo dentre os mortos.**

8 **Porém que se diz? A palavra está perto de ti, na tua boca e no teu coração; isto é, a palavra da fé que pregamos.**

9 **Se, com a tua boca, confessares Jesus como Senhor e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo.**

10 **Porque com o coração se crê para justiça e com a boca se confessa a respeito da salvação.**

11 **Porquanto a Escritura diz: Todo aquele que nele crê não será confundido.**

12 **Pois não há distinção entre judeu e grego, uma vez que o mesmo é o Senhor de todos, rico para com todos os que o invocam.**

Assim, depois da revelação de Cristo ao mundo, insistir na sustentação do denominado primeiro sacerdócio, ou sacerdócios similares a ele, é insistir em algo que não somente não tem mais crédito algum diante de Deus, como também resiste e se opõe ao sacerdócio da graça que nos tem sido oferecido dos céus.

Gálatas 2: 16 **Sabendo, contudo, que o homem não é justificado por obras da lei, e sim mediante a fé em Cristo Jesus, também temos crido em Cristo Jesus, para que fôssemos justificados pela fé em Cristo e não por obras da lei, pois, por obras da lei, ninguém será justificado.**

Se até vinda de Cristo em carne ao mundo, as pessoas ainda poderiam vir a pensar que poderiam ser salvas através de suas próprias obras ou das obras da lei, mesmo que durante séculos foi demonstrado que não poderiam, a partir da vinda de Cristo e da provisão de libertação tanto do pecado como da lei, o testemunho sobre a inutilidade do primeiro sacerdócio e a exclusividade do segundo sacerdócio quanto à salvação para a vida eterna tornou-se mais do que claro ou evidente, justificando plenamente a revogação de qualquer validade do primeiro sacerdócio.

O. Removendo Todo Um Conjunto, também Remove-se Todos os Itens do Conjunto

Conforme comentamos anteriormente, a instituição de um sacerdócio como o chamado de *primeiro*, onde algumas pessoas de um grupo passariam a mediar outras na relação com Deus, requereu a elaboração de um sistema muitíssimo complexo para prever este funcionamento não somente no momento de ser estabelecido, mas também no decorrer dos dias, anos e séculos subseqüentes, necessitando considerar de antemão as mais diversas possibilidades de condutas que viriam a surgir nos dias que estavam por vir.

Quando as pessoas se inclinaram para um tipo de sacerdócio como o denominado de *primeiro* e quando Deus aceitou que ele viesse a ser constituído, um conjunto enorme de regras, condutas, posições e estruturas teve que passar a ser definido e instituído, o qual, na seqüência, também acabou servindo para ensino e testemunho de que este sacerdócio não poderia suprir o que as pessoas realmente precisavam.

Deus não tentou impingir sobre o povo um tipo de boicote ao funcionamento do *primeiro* sacerdócio para levar esta tentativa ao fracasso, pois se o fizesse, o povo poderia continuar querendo uma nova tentativa de uso deste modelo de sacerdócio.

Apesar de saber que o tipo de sacerdócio sugerido pelas pessoas jamais poderia suprir os principais aspectos que elas viriam a necessitar em suas vidas e que este sacerdócio não iria alcançar êxito por mais amparadas que os indivíduos estivessem, Deus não fez restrições de nenhum recurso que era esperado ser provido da parte Dele.

O fato de Deus concordar em instituir o denominado *primeiro* sacerdócio, ainda que não fosse do seu agrado, não fez que Deus se comprometesse parcialmente no estabelecimento deste sacerdócio ou que Ele tentasse atrapalhar o seu funcionamento.

Quando Deus concordou em fazer uma aliança em torno do *primeiro* sacerdócio, Ele se dispôs ajudar plenamente as pessoas de acordo com o que foi estabelecido na aliança deste sacerdócio e também disponibilizou tudo o que era necessário para que a aliança tivesse, da parte do Senhor, a provisão completa de recursos para ser operacionalizada.

Entretanto, considerando o ponto do futuro ensino sobre a fraqueza e a inutilidade deste tipo de sacerdócio, o Senhor também interveio para que cada um dos aspectos deste complexo sacerdócio fossem registrados para que, mais adiante, as pessoas soubessem com precisão o que se tentou praticar sob este sacerdócio ou para saberem cada um dos pontos considerados para ele ser constituído.

Para que cada um dos pontos do denominado *primeiro* sacerdócio não ficassem despercebidos quando a sua validade viesse a ser removida, Deus tornou os vários aspectos nele contidos explicitamente notórios.

Deus foi muito além do que as pessoas pediram. E sem as pessoas sequer estarem conscientes de algo que lhes seria necessário na seqüência, o Senhor também estabeleceu caminhos de misericórdia e de postergação da maldição ou condenação de morte que as pessoas imputavam sobre si ao incorrerem no descumprimento dos itens da lei à qual aderiram.

Portanto, para ficar evidente aquilo que seria necessário considerar no denominado de *primeiro* sacerdócio, a descrição concedida por Deus também se mostrou muito extensa, pois ela precisaria prever vários grupos de instruções, como por exemplo:

- ⇒ 1) Quem seriam e como seriam os sacerdotes dentre o povo que representariam a todos demais e quem seriam os indivíduos que comporiam o povo representado;
- ⇒ 2) Quais seriam os serviços a serem realizados pelos sacerdotes em relação à Deus, e quais seriam os seus serviços em relação ao povo;
- ⇒ 3) Como e onde os serviços dos sacerdotes seriam realizados para que o povo também pudesse acompanhar, pelo menos exteriormente, se os seus representantes estavam fazendo os serviços para os quais também seriam separados;
- ⇒ 4) Quais seriam os serviços das pessoas que não eram sacerdotes, como elas apresentariam as suas causas aos sacerdotes e como as pessoas fariam para seguir o que os seus sacerdotes passariam a lhes instruir.

Através da pequena lista de itens de um tipo sacerdócio como o denominado de *primeiro* exposta no parágrafo anterior, mas uma lista onde cada item passa a ter uma enormidade de aspectos, podemos ver que o estabelecimento da relação de um povo para com os seus sacerdotes, e vice-versa, acaba expondo os sacerdotes a uma demanda enorme de itens a serem cumpridos.

Uma vez que os sacerdotes, no referido sacerdócio, assumem o papel de representantes do povo para com Deus e de Deus para com o povo, eles também se colocam em uma condição em que deveriam estar aptos a ouvir todas as pessoas do respectivo grupo praticamente em tudo o que Deus precisaria ouvi-las, assim como deveriam estar aptos a responder a estas pessoas em tudo o que Deus lhes tivesse instruído, tendo, porém, a enorme diferença de que os sacerdotes do *primeiro* sacerdócio também eram meros homens e sujeitos às suas próprias fraquezas.

Hebreus 7: 28 **Porque a lei constitui sumos sacerdotes a homens sujeitos à fraqueza, mas a palavra do juramento, que foi posterior à lei, constitui o Filho, perfeito para sempre.**

A escolha pelo denominado *primeiro* sacerdócio é uma tentativa de um caminho alternativo para alcançar o que poderia estar disponível em Deus, mas operacionalizado por sacerdotes que não são “Deus”, que são meros homens ou que estão sujeitos às mesmas fraquezas dos que tentam fazer uso dos serviços dos sacerdotes.

Assim, a opção pelo denominado *primeiro* sacerdócio também precisaria prever as implicações da convivência com os fatores gerados pela troca do que era bom e perfeito por aquilo que era imperfeito e permeado de muitas limitações e falhas.

Escolher o *primeiro* sacerdócio representava também ter que levar em consideração como as pessoas iriam ter que lidar com as consequências da rejeição do caminho direto e da opção pelo caminho tortuoso e repleto de muitos perigos e falhas.

Escolher o *primeiro* sacerdócio representava também ter que levar em consideração como as pessoas iriam ter que lidar com as consequências de trocar o certo pelo incerto, do seguro pelo instável, do eterno pelo temporal, do perfeito e de acesso pessoal por aquilo que para as pessoas seria muito mais complexo, imperfeito e que jamais poderia reproduzir de fato o acesso direto e pessoal ao Senhor.

Uma vez que, no *primeiro* sacerdócio, os sacerdotes são humanos, limitados, e sujeitos a muitas deficiências, eles falham em seus serviços, e eles morrem, razão pela qual, eles precisam ser repetidamente substituídos, o que, por sua vez, levou à uma necessidade da previsão de constituição de muitos sacerdotes.

Hebreus 7: 23 **Ora, aqueles são feitos sacerdotes em maior número, porque são impedidos pela morte de continuar.**

Por causa da fraqueza dos sacerdotes do *primeiro* sacerdócio, todo um contingente sacerdotal precisou ser definido e instituído, gerando uma estrutura onde havia a necessidade de um sumo sacerdote, sacerdotes e até um grupo enorme de levitas que viessem a auxiliar os sacerdotes no enorme conjunto de serviços que eles teriam que realizar perante Deus e perante as pessoas que representavam.

Se, por ventura, alguém tentar pensar em algo complexo para estabelecer a relação entre “as pessoas a serem representadas, → as pessoas mediadoras, → e Deus”, ou “Deus, → as pessoas mediadoras, → e as pessoas representadas, o primeiro sacerdócio sempre será ainda mais complexo do que qualquer mente humana possa conceber.

Para poder oferecer ao menos um mínimo de atendimento ao povo, Deus definiu, então, que para cada onze pessoas ou tribos, era necessária uma pessoa ou uma tribo que fizesse a representação dos demais e os serviços desta posição de representatividade diante de Deus.

Este contingente enorme, composto agora de sumo sacerdote, dos sacerdotes em geral e dos levitas, tinha que estar disponível constantemente ao povo, gerando assim uma necessidade de um local para este “grupo sacerdotal” poder realizar os seus serviços. Local este, chamado inicialmente de tabernáculo, e no qual também era necessário haver um altar para distinguir quando os representantes estavam se dirigindo a Deus ou quando estavam servindo ao povo.

Entretanto, este conjunto enorme de servos e representantes do povo também precisava uma condição distinta de suprimentos de vida uma vez que eles estavam em um serviço de dedicação de “tempo integral” para com o povo, gerando, assim, também uma obrigação de serem sustentados por aqueles que faziam uso dos seus serviços.

Considerando que o *primeiro* sacerdócio representava uma “terceirização do relacionamento das pessoas com Deus em vez de cada pessoa fazê-lo diretamente com Deus e sem custo”, também se tornou óbvio que esta “terceirização” precisasse ser prevista e regulamentada quanto ao sustento dos sacerdotes e seus conjuntos de ajudantes, os levitas, para que o povo “não tomasse o serviço alheio sem a devida paga”.

Assim, um tabernáculo, altar, tribo, cidades de sacerdócios e locais de moradia dos sacerdotes e levitas passaram a ser necessários por causa da aparentemente simples, mas na realidade muitíssima complexa opção pelo denominado de *primeiro* sacerdócio.

Dízimos e uma variedade enorme de ofertas foram previstos e regulamentados para que a relação “sacerdotes + levitas” com o povo pudesse ser uma relação de “tomar serviço” com uma paga no mínimo satisfatória para a subsistência daqueles que seriam eleitos para servirem o povo como mediadores dos demais.

Não bastando tudo isto, se o povo levantasse acampamento e viajasse, era necessário que toda a estrutura sacerdotal também o acompanhasse. E se o povo voltasse a se

assentar em algum local, todo o sistema sacerdotal também precisava ser assentado ali, gerando também neste sentido todo um contingente de instruções específicas.

Ainda outro aspecto que precisava ser considerado neste complicado contexto era a necessidade de haver todo um conjunto de regras que regulasse a conduta não condizente das partes envolvidas, gerando todo um conjunto de regras de ressarcimento, restituições e até de condenações caso uma das partes não realizasse o que lhes foi atribuído, quer fosse o povo ou o conjunto de sacerdotes.

O conjunto global de regras e aspectos a serem de antemão previstos se tornou algo inimaginável para uma relação que nem precisaria ter vindo a ser constituída se as pessoas não insistissem em servir a Deus segundo a mentalidade ou a maneira sugerida pela própria criação e não pelo Criador.

E apesar desta relação ser exageradamente complicada e também altamente custosa, era evidente que os sacerdotes que deveriam mediar o povo não eram de fato aptos para fazê-lo como deveria ser feito, porque se eles também cometessem um erro da lei, eles também já comprometeriam a representação dos demais diante de Deus. Aspecto este, que gerou a necessidade de um sistema de ofertas sacrificiais tanto por causa dos erros dos indivíduos em geral como dos sacerdotes a fim de tentarem, de alguma forma, aplacar a condenação das transgressões cometidas.

Desta forma, fica notório que *primeiro* sacerdócio jamais poderia ser do agrado de Deus, pois se nem aqueles que iriam representar as pessoas do povo a Deus poderiam alcançar uma condição apropriada diante do Senhor, muito menos as pessoas em geral iriam poder alcançá-lo.

Portanto, considerando que nem os sacerdotes e nem o povo iriam de fato cumprir a lei do primeiro *sacerdócio* que assumiram cumprir, acrescido do ponto de que eles obviamente iriam tentar burlar a lei ou abandonar a lei na tentativa de alcançar um pouco de alívio, mas sem que conseguissem alcançá-lo de fato porque nas suas consciências a culpa da lei continuaria a acusá-los, era necessário prever ainda outros aspectos para permitir alguma representatividade das pessoas perante o Senhor.

No final das contas, ninguém estaria apto a chegar diante de Deus com verdadeira liberdade, pois ninguém alcançaria uma condição digna suficiente para isto.

Assim, considerando que o processo de purificação para ao menos poder ser ouvido por Deus seria algo muito pesaroso e impraticável se muitos tivessem que realizá-lo, também ficou evidente a necessidade de que fosse previsto e definido neste sacerdócio o papel de alguém que assumisse uma posição de representação dos sacerdotes ou denominado de “sumo sacerdote” que representasse todos os demais sacerdotes, levitas e as pessoas em geral perante Deus pelo menos de vez em quando.

O processo de purificação do sumo sacerdote para representar a si mesmo, pois ele também era pecador, para depois representar os demais sacerdotes e levitas que também eram pecadores e para, no final, representar as pessoas do povo em geral, que igualmente era pecadoras, era um processo extremamente complexo e cheio de detalhes, a ponto de Deus definir que somente um único sacerdote, uma única vez ao ano, poderia tentar fazer esta representação diante do Senhor. E, ainda, correndo o risco de não ser aceito se a purificação não tivesse sido apropriadamente realizada conforme a descrição da lei do *primeiro* sacerdócio.

Notemos bem mais uma vez, que não foi Deus quem sugeriu um sacerdócio onde alguns mediadores teriam que se apresentar a Ele no lugar de outros. Esta foi uma

sugestão das pessoas e a qual fez com que Deus lhe desse uma lei conforme o tipo de sacerdócio pedido. Entretanto, Deus também considerou nesta lei alguns aspectos que permitiriam algumas intervenções da sua misericórdia e que permitiriam sinalizar o tipo de sacrifício futuro e eterno que teria vir a ser realizado em Cristo para libertar as pessoas deste sistema ultra complexo ao qual se submeteram por opção própria.

Portanto, na medida em que a enormidade de aspectos que teria que ser prevista no denominado *primeiro* sacerdócio foi sendo desvendada, e na medida em que as pessoas procuravam seguir a sua lei, este sacerdócio evidentemente se tornou um fardo insuportável e fazia com que todos os envolvidos ficassem esmorecidos com a tentativa de praticá-lo, assim como as pessoas que atualmente tentam agradar a Deus através das obras que elas pensam que precisam fazer para o Senhor, mas sem perguntar a Deus qual é a obra principal que Ele quer que elas façam.

*João 6: 28 **Dirigiram-se, pois, a ele, perguntando: Que faremos para realizar as obras de Deus?***

*29 **Respondeu-lhes Jesus: A obra de Deus é esta: que creiais naquele que por ele foi enviado.***

O denominado de *primeiro* sacerdócio jamais poderia aliviar definitivamente a carga mais pesada das pessoas. Pelo contrário, como este sacerdócio não tinha uma provisão apropriada para extirpar a dívida do erro contra a lei e da sujeição ao pecado, mas somente para cobri-lo para ganhar uma postergação da condenação, o *primeiro* sacerdócio ia se tornando um fardo acumulativo, figurado posteriormente, nas Escrituras, pelo exemplo da mulher encurvada que de modo algum podia endireitar-se, pelo homem com a mão mirrada, os milhares de leprosos, os cegos espirituais que guiavam outros cegos, pelo tanque de Betesda abarrotado de enfermos, e assim por diante.

O denominado de *primeiro* sacerdócio era a proposição de uma solução que procrastinava o encontro com a verdadeira solução, impondo jugos e fardos pesados sobre aqueles que não tinham força para carregá-los.

Assim, logo após a instauração do denominado *primeiro* sacerdócio, o grande desafio passou a ser a obtenção de uma solução para que as pessoas pudessem sair ou se desvencilhar do sacerdócio ao qual optaram em se sujeitar. Entretanto, ninguém podia fazê-lo pelo fato de já terem se tornado réus de maldição e condenação de morte por causa da escolha que fizeram, não podendo mais sair deste sacerdócio se a dívida para com a sua lei não fosse paga, como explicado no capítulo anterior.

Desta forma, e visto que no tópico anterior já apresentamos que Cristo veio para cumprir toda a lei do *primeiro* sacerdócio para ter autoridade para libertar as pessoas sujeitas à esta lei, o ponto central que queremos destacar no presente tópico, refere-se à questão de que se o *primeiro* sacerdócio é um sacerdócio tão complexo e tão inadequado, não faz sentido racional algum tentar preservar a validade nem sequer algumas partes deste sacerdócio, visto que:

*1 Coríntios 15: 56 **O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei.***

*Romanos 3: 19 **Ora, sabemos que tudo o que a lei diz, aos que vivem na lei o diz para que se cale toda boca, e todo o mundo seja culpável perante Deus,**
20 **visto que ninguém será justificado diante dele por obras da lei, em razão de que pela lei vem o pleno conhecimento do pecado.***

Se, por causa de tudo aquilo que o compunha, o denominado de **primeiro sacerdócio gerou um conjunto de regras e ações fracas e inúteis quanto ao propósito principal de salvação e do relacionamento das pessoas com Deus, a sua remoção, evidentemente, também implicaria na remoção de tudo o que nele foi instituído ou estabelecido.**

Portanto, considerando que **quando se muda o sacerdócio, necessariamente há também mudança de lei**, Deus fez questão de que todos os aspectos da lei do primeiro sacerdócio fossem detalhadamente descritos por Moisés para que não houvesse dúvidas a respeito de tudo aquilo que compunha o conjunto de fatores associados a este sacerdócio e para que as pessoas também soubessem com clareza o conjunto total das coisas que deixariam de ser válidas quando o primeiro fosse removido e o segundo fosse estabelecido.

Em outras palavras, Deus reuniu os aspectos da composição do primeiro sacerdócio ou do sacerdócio Levítico sob a lei de Moisés não somente com vistas a que as pessoas que optaram por ele soubessem à complexidade de aspectos à qual estariam se sujeitando, mas também para que mais adiante ficasse notório que no encerramento da validade do primeiro sacerdócio, também se findaria a validade de tudo o que há neste modelo de sacerdócio, como, por exemplo, o sumo sacerdote humano e fraco, os demais sacerdotes, os levitas deste sacerdócio, o altar, o templo e toda a sorte de sacrifícios e ofertas que praticavam debaixo deste sacerdócio.

Similarmente, com o fim da validade dos sacerdotes da velha aliança, finda-se também validade dos serviços deste sacerdotes, levando, por consequência, à não necessidade de tabernáculos, templos, altares ou qualquer outra estrutura usados para realizarem os serviços do primeiro sacerdócio ou similares a ele.

E igualmente, ou por sua vez, sendo removida a validade dos sacerdotes, dos seus serviços e dos seus tabernáculos, encerra-se também a validade das provisões, dízimos e ofertas relacionadas a eles, pois não havendo mais um tipo de sacerdócio que precisa de sacerdotes humanos mediadores e tudo que é associado a ele em termos de lei, serviços e estrutura, não faz mais sentido manter o sistema de sacrifícios, dízimos e ofertas deste sacerdócio.

Assim, quando o segundo sacerdócio foi revelado e estabelecido também quanto ao aspecto da quitação da dívida das pessoas para com o primeiro sacerdócio, tudo o que estava na lei do primeiro sacerdócio foi igualmente revogado.

Conforme comentado no tópico anterior, o mesmo Evangelho de Deus que veio prover a libertação das pessoas da sua dívida eterna com o pecado e com a morte, também veio prover a libertação das pessoas de toda a sua associação com a lei do primeiro sacerdócio e da condenação eterna a ela associada.

*Romanos 6: 14 **Porque o pecado não terá domínio sobre vós; pois não estais debaixo da lei, e sim da graça.***

Romanos 7: 5 **Porque, quando vivíamos segundo a carne, as paixões pecaminosas postas em realce pela lei operavam em nossos membros, a fim de frutificarem para a morte.**
6 Agora, porém, libertados da lei, estamos mortos para aquilo a que estávamos sujeitos, de modo que servimos em novidade de espírito e não na caducidade da letra.

Romanos 8: 1 **Portanto, agora, nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o espírito.**
2 Porque a lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte.
3 Porquanto o que fora impossível à lei, no que estava enferma pela carne, isso fez Deus enviando o seu próprio Filho em semelhança de carne pecaminosa e no tocante ao pecado; e, com efeito, condenou Deus, na carne, o pecado,
4 a fim de que o preceito da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito.
5 Porque os que se inclinam para a carne cogitam das coisas da carne; mas os que se inclinam para o Espírito, das coisas do Espírito.
6 Porque o pendor da carne dá para a morte, mas o do Espírito, para a vida e paz.
7 Por isso, o pendor da carne é inimizade contra Deus, pois não está sujeito à lei de Deus, nem mesmo pode estar. (RA+RC)

Considerando, ainda, que o *primeiro* sacerdócio é equiparado também a um mandamento carnal quanto a inspiração da sua proposição, conforme já vimos no texto de Hebreus, inclinar-se ao *primeiro* sacerdócio é também inclinar-se para um caminho de morte.

Portanto, o denominado de *primeiro* sacerdócio e todo o conjunto de detalhes da sua lei, aliança e estrutura não são aspectos com as quais alguém deveria lidar levemente e sem esperar ficar exposta à severas consequências caso se associe a ele.

A adesão ao *primeiro* sacerdócio foi a escolha por um caminho árduo para aqueles que o fizeram depois de saírem do Egito, mas eles ainda não conheciam na prática ou mais detalhadamente o que estavam escolhendo, o que foi amplamente testemunhado somente nos anos que ainda estavam por vir.

Entretanto, um indivíduo se associar ao *primeiro* sacerdócio nos dias contemporâneos, ou a modelos similares a ele, pode ter consequências ainda piores, visto que a fraqueza deste sacerdócio e de qualquer um dos seus itens já foi demonstrada, exposta, registrada por escrito e declarada revogada para que ninguém mais se incline a ele ou faça opção por este caminho.

A associação ao denominado *primeiro* sacerdócio nos dias atuais, ou similares a ele, pode não somente ter o efeito de cegar o entendimento daquele que se expõe a este tipo de sacerdócio, mas também pode causar o efeito de afastá-lo dos benefícios daquilo que

já foi disponibilizado no *segundo* sacerdócio, o sacerdócio de justiça, paz e vida eterna que é encontrado em Cristo Jesus.

2Coríntios 3: 13 E não somos como Moisés, que punha véu sobre a face, para que os filhos de Israel não atentassem na terminação do que se desvanecia.

14 Mas os sentidos deles se embotaram. Pois até ao dia de hoje, quando fazem a leitura da antiga aliança, o mesmo véu permanece, não lhes sendo revelado que, em Cristo, é removido.

15 Mas até hoje, quando é lido Moisés, o véu está posto sobre o coração deles.

16 Quando, porém, algum deles se converte ao Senhor, o véu lhe é retirado.

17 Ora, o Senhor é o Espírito; e, onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade.

18 E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito.

Gálatas 5: 1 Para a liberdade foi que Cristo nos libertou. Permanecei, pois, firmes e não vos submetais, de novo, a jugo de escravidão.

2 Eu, Paulo, vos digo que, se vos deixardes circuncidar, Cristo de nada vos aproveitará.

3 De novo, testifico a todo homem que se deixa circuncidar que está obrigado a guardar toda a lei.

4 De Cristo vos desligastes, vós que procurais justificar-vos na lei; da graça decaístes.

5 Porque nós, pelo Espírito, aguardamos a esperança da justiça que provém da fé.

6 Porque, em Cristo Jesus, nem a circuncisão, nem a incircuncisão têm valor algum, mas a fé que atua pelo amor.

7 Vós corréis bem; quem vos impediu de continuardes a obedecer à verdade?

8 Esta persuasão não vem daquele que vos chama.

Deus concordou ou autorizou o uso do denominado *primeiro* sacerdócio por um período de tempo para o nosso ensino, porque Deus sabia que em cada geração, haveriam pessoas que procurariam usar de caminhos ou meios similares para tentarem se relacionar com o Senhor.

Entretanto, uma vez que na história humana já foi demonstrada a ineficácia do *primeiro* sacerdócio por séculos e até milênios, e considerando que Deus já revogou a alternativa da velha aliança em todos os seus aspectos, ninguém mais é autorizado a guardar alguns itens da lei ou da estrutura da velha aliança, assim como ninguém deveria sequer tentar fazê-lo.

Considerando que a associação ao *primeiro* sacerdócio acrescenta ainda uma segunda condenação àquele que se associa a ele e que Deus já revogou a sua validade por já ter sido revelado como fraco e inútil durante tantos séculos, não é mais minimamente razoável tentar continuar insistindo em viver e andar segundo os

preceitos da lei deste sacerdócio e nem tentar insistir em que talvez alguns itens desta lei ainda sejam aplicados.

Romanos 3: 19 **Ora, sabemos que tudo o que a lei diz, aos que vivem na lei o diz para que se cale toda boca, e todo o mundo seja culpável perante Deus.**

Hebreus 10: 1 **Ora, visto que a lei tem sombra dos bens vindouros, não a imagem real das coisas, nunca jamais pode tornar perfeitos os ofertantes, com os mesmos sacrifícios que, ano após ano, perpetuamente, eles oferecem.**

2 *Doutra sorte, não teriam cessado de ser oferecidos, porquanto os que prestam culto, tendo sido purificados uma vez por todas, não mais teriam consciência de pecados?*

3 *Entretanto, nesses sacrifícios faz-se recordação de pecados todos os anos,*

4 **porque é impossível que o sangue de touros e de bodes remova pecados.**

5 **Por isso, ao entrar no mundo, diz: Sacrifício e oferta não quiseste; antes, um corpo me formaste;**

6 *não te deleitaste com holocaustos e ofertas pelo pecado.*

7 *Então, eu disse: Eis aqui estou (no rolo do livro está escrito a meu respeito), para fazer, ó Deus, a tua vontade.*

8 *Depois de dizer, como acima: Sacrifícios e ofertas não quiseste, nem holocaustos e oblações pelo pecado, nem com isto te deleitaste (coisas que se oferecem segundo a lei),*

9 *então, acrescentou: Eis aqui estou para fazer, ó Deus, a tua vontade.*

Remove o primeiro para estabelecer o segundo.

10 **Nessa vontade é que temos sido santificados, mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo, uma vez por todas.**

E se Deus já declarou que é necessário remover o *primeiro* sacerdócio, por que resistir a Deus como fez o povo no deserto? E por que não aceitar a remoção que Deus já estabeleceu para que também o *segundo*, o *perfeito* e o *verdadeiro* sacerdócio eterno revelado pelo Senhor possa ser firmado na vida das pessoas?

Gálatas 5: 16 **Digo, porém: andai no Espírito e jamais satisfareis à concupiscência da carne.**

17 **Porque a carne milita contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne, porque são opostos entre si; para que não façais o que, porventura, seja do vosso querer.**

18 **Mas, se sois guiados pelo Espírito, não estais sob a lei.**

Tentar seguir o caminho do *primeiro* sacerdócio ou partes dele foi, desde o início, um desejo das pessoas confiarem na sua força natural ou na

força dos seus semelhantes em vez de estabelecerem a sua confiança diretamente em Deus, o que também é expresso em nossos dias quando alguém ainda insiste em seguir por um caminho similar àquele escolhido pelas pessoas libertas do Egito, tendo, porém, a diferença de que na antiguidade, as pessoas foram autorizadas pelo Senhor a tentarem andar no caminho por elas escolhidos e hoje em dia não.

Por mais que muitos tentem sofisticar suas tentativas de reintroduzirem a legitimidade de alguns aspectos da lei do *primeiro* sacerdócio que lhes interessam ou que estão de acordo com seus interesses gananciosos, ou por mais que tentam dissimular que é a Cristo que estão seguindo e que querem resgatar alguns aspectos da antiga lei para servirem melhor ao Senhor, as suas tentativas sempre incorrerão em resistência ou obstinação contrária à vontade de Deus. E, portanto, também estão sujeitas aos riscos advindos do servir aos desejos carnis e não de fato ao Senhor.

Jeremias 17: 5 Assim diz o SENHOR: Maldito o homem que confia no homem, faz da carne mortal o seu braço e aparta o seu coração do SENHOR!

...
7 *Bendito o homem que confia no SENHOR e cuja esperança é o SENHOR.*

...
9 *Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto; quem o conhecerá?*

10 *Eu, o SENHOR, esquadrinho o coração, eu provo os pensamentos; e isto para dar a cada um segundo o seu proceder, segundo o fruto das suas ações.*

Gálatas 3: 12 Todos os que querem ostentar-se na carne, esses vos constroem a vos circuncidardes, somente para não serem perseguidos por causa da cruz de Cristo.

13 *Pois nem mesmo aqueles que se deixam circuncidar guardam a lei; antes, querem que vos circuncideis, para se gloriarem na vossa carne.*

14 *Mas longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim, e eu, para o mundo.*

Por fim, neste tópico, gostaríamos de frisar um ponto que entendemos que precisa ser especialmente destacado para que também não venha a ser esquecido e confundido, o qual refere-se ao aspecto de que a lei do primeiro sacerdócio não é o que o Senhor chama de sua lei de vida, perfeita e justa, mas ela é chamada de Lei de Moisés, pois sem esta percepção na leitura das Escrituras muitos aspectos podem ser confundidos.

Quando no Salmo 1, por exemplo, as Escrituras anunciam que bem aventurado é o indivíduo que tem prazer na lei do Senhor e nela medita de dia e de noite, não é à lei de Moisés ou à lei do primeiro sacerdócio que o Salmo está se referindo.

A lei do denominado *primeiro* sacerdócio não é a lei de vida. Ela é a lei que torna evidente o pecado e a condenação para que saibamos que não é neste sacerdócio que a novidade de vida se encontra, assim como para que saibamos que é na lei perfeita de Deus que está a vida eterna, a qual, por sua vez, é nos revelada também como a lei do Espírito e vida, a lei de Cristo, a lei de acordo com o segundo sacerdócio, a lei da liberdade, e a lei de acordo com a Nova Aliança.

Romanos 8: 1 **Portanto, agora, nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o espírito.**

2 *Porque a lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte.*

...

6 *Porque a inclinação da carne é morte; mas a inclinação do Espírito é vida e paz.*

7 *Porquanto a inclinação da carne é inimizade contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser. (RC)*

Portanto, quão sublimes são a paciência, a longanimidade, a misericórdia e o amor que Deus teve e tem para com os seres humanos a ponto de não somente permitir que as pessoas sejam instruídas a respeito das decisões contrárias a Deus reveladas através de um testemunho tão amplamente escrito, mas também ou principalmente pelo fato do Senhor Eterno já ter se oferecido em Cristo para assumir as maldições, dívidas e condenações de todas as pessoas para lhes oferecer uma provisão e um caminho de retorno àquilo que sempre foi da vontade de Deus para cada indivíduo.

Gálatas 3: 10 **Todos quantos, pois, são das obras da lei estão debaixo de maldição; porque está escrito: Maldito todo aquele que não permanece em todas as coisas escritas no Livro da lei, para praticá-las.**

(mas)

13 Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar (porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado em madeiro),

14 para que a bênção de Abraão chegasse aos gentios, em Jesus Cristo, a fim de que recebêssemos, pela fé, o Espírito prometido.

P. A Fidelidade e a Temporalidade de Moisés, Josué e Vários Outros Profetas a Despeito do Primeiro Sacerdócio

Já comentamos anteriormente que quando Deus enviou a Cristo em carne ao mundo para que o *primeiro* sacerdócio fosse removido e o *segundo* viesse a ser estabelecido, o Senhor não veio somente fazer uma obra para remover aquilo que era diretamente relacionado à sujeição das pessoas ao pecado, mas também aquilo que tivera uma utilidade temporária ou que fora permitido temporariamente até que um completo testemunho para registro e ensino tivesse sido estabelecido.

Nem tudo o que veio a ser declarado sem validade a partir da vinda de Cristo ao mundo e da sua obra através da cruz do Calvário havia sido necessariamente errado. Alguns dos aspectos removidos simplesmente eram temporais e serviram para um tempo e para gerações específicas ou serviram temporariamente e de forma auxiliar para demonstrar e estabelecer posições eternas que foram mais amplamente reveladas somente após a não plenitude do temporário ter sido evidenciada na prática.

No sentido do que está exposto nos parágrafos acima, é que podemos, então, compreender, por exemplo, que Moisés serviu a Deus com fidelidade, ainda que ele tenha servido ao Senhor para que o *primeiro* sacerdócio viesse a ser estabelecido.

Uma vez que Deus havia concordado em fazer no Sinai a aliança referente ao *primeiro* sacerdócio, o Senhor também necessitaria de pessoas que o representassem com fidelidade para que a lei da antiga aliança e a própria aliança antiga fossem apresentadas de forma fiel e íntegra de acordo com o que Deus declarou.

O fato de Moisés ser um cooperador do Senhor para estabelecer algo que o povo propusera em contrapartida ao que Deus havia oferecido, não o colocava em condição de oposição a Deus. Pelo contrário, devido à sua fidelidade a Deus é que Moisés pode ser um canal ou instrumento cooperativo do Senhor para que aquilo que o povo pediu e que foi acordado com o Senhor pudesse ser estabelecido apropriadamente, conforme nos é mostrado também no livro de Hebreus nos seguintes versos:

- Hebreus 3: 1* ***Por isso, santos irmãos, que participais da vocação celestial, considerai atentamente o Apóstolo e Sumo Sacerdote da nossa confissão, Jesus,***
- 2 o qual é fiel àquele que o constituiu, como também o era Moisés em toda a casa de Deus.***
- 3 Jesus, todavia, tem sido considerado digno de tanto maior glória do que Moisés, quanto maior honra do que a casa tem aquele que a estabeleceu.***
- 4 Pois toda casa é estabelecida por alguém, mas aquele que estabeleceu todas as coisas é Deus.***
- 5 E Moisés era fiel, em toda a casa de Deus, como servo, para testemunho das coisas que haviam de ser anunciadas;***
- 6 Cristo, porém, como Filho, em sua casa; a qual casa somos nós, se guardarmos firme, até ao fim, a ousadia e a exultação da esperança.***
- 7 Assim, pois, como diz o Espírito Santo: Hoje, se ouvirdes a sua voz,***
- 8 não endureçais o vosso coração como foi na provocação, no dia da tentação no deserto,***
- 9 onde os vossos pais me tentaram, pondo-me à prova, e viram as minhas obras por quarenta anos.***

10 Por isso, me indignei contra essa geração e disse: Estes sempre erram no coração; eles também não conheceram os meus caminhos.

Apesar do povo liberto do Egito optar por andar sob um mandamento originado em vontade carnal, pois o *primeiro* sacerdócio não previa Deus perto do coração das pessoas para a partir dele mudar o seu entendimento ou corrigir as suas posturas de crenças, Moisés foi fiel em tudo o que Deus lhe mostrou para ser estabelecido e edificado. E isto, para testemunho a respeito dos detalhes do *primeiro* sacerdócio para todas as gerações e todos os povos da Terra, conforme já comentamos anteriormente e como pode ser visto no último texto acima.

Moisés não era um homem sem defeitos e sem erros, mas era um homem que tinha um temor muito profundo e muito intenso pelo Senhor. E também por causa disto, foi chamado pelo Senhor para conduzir o povo para fora do Egito.

A fidelidade de Moisés recebeu um destaque muito especial diante do Senhor, pois ainda que ele tivesse uma posição de proeminência no Egito, Moisés continuou a colocar a Deus e o povo do Senhor em primeiro lugar na sua vida.

Até os quarenta anos de idade, Moisés tinha a posição de filho da filha de faraó e estava na família mais próspera e poderosa da inteira geração dos seus dias, materialmente ou naturalmente falando. Moisés tinha um lugar assegurado entre os chamados de “grandes” pelos povos e não havia nenhuma pressão ou ameaça sobre ele que o fizesse ter que abrir mão da sua confortável ou destacada condição no mundo. Mas ainda assim, em seu coração, Moisés não se apartou do Senhor, o que também ficou notório diante de Deus a ponto de, muitos anos depois, receber a seguinte menção especial nas Escrituras:

Hebreus 11: 23 Pela fé, Moisés, apenas nascido, foi ocultado por seus pais, durante três meses, porque viram que a criança era formosa; também não ficaram amedrontados pelo decreto do rei.
24 Pela fé, Moisés, quando já homem feito, recusou ser chamado filho da filha de Faraó,
25 preferindo ser maltratado junto com o povo de Deus a usufruir prazeres transitórios do pecado;
26 porquanto considerou o opróbrio de Cristo por maiores riquezas do que os tesouros do Egito, porque contemplava o galardão.

Portanto, é necessário dissociar a vida e a pessoa de Moisés do que é denominado de “Moisés” ou “Lei de Moisés” quando o seu nome está associado a uma referência ao *primeiro* sacerdócio.

Quando as Escrituras instruem as pessoas a deixarem “Moisés” para virem ao novo sacerdócio ou à nova aliança estabelecida em Cristo, elas não estão instruindo as pessoas a passarem a desonrar e desprezar a pessoa de Moisés e o seu exemplo de fidelidade, visto que o próprio Deus não o fez e, ainda, exaltou a posição ou atitude pessoal de fidelidade Moisés para com Ele.

Entretanto, à despeito da fidelidade de Moisés, as Escrituras também nos ensinam para não considerar a Moisés mais do que um homem que serviu fielmente ao Senhor e

que o fez para um propósito temporário que necessitaria ser substituído por algo mais glorioso, por algo perfeito e eterno.

Moisés foi fiel a Deus porque ele serviu ao Senhor naquilo que era pertinente ser feito na sua geração e para que o testemunho do que ocorreria naqueles dias fosse devidamente estabelecido. Apesar de suas debilidades, Moisés escolheu servir a Deus, e o Senhor direcionou Moisés a fazer o que era pertinente ser feito no seu tempo específico de vida.

Diferentemente de Moisés, ao longo dos séculos, muitas pessoas têm anunciado uma intenção de servir ao Senhor, mas apesar do que declaram, elas de fato não querem servir a Deus no que é necessário ou pertinente em sua geração ou em seu tempo específico de vida.

Nos dias atuais, por exemplo, muitos indivíduos que declaram querer servir ao Senhor ainda insistem em fazê-lo de acordo com o *primeiro* sacerdócio instituído fielmente através de Moisés somente para um período determinado ou ficam gastando o tempo precioso de suas vidas com projeções futuras a respeito de coisas que ainda não são possíveis de serem vividas.

Em todas as gerações, há muitos que se desviam do que é pertinente para as suas épocas, quer tentando retornar ao que pertence ao passado ou querer tentando antecipar o que ainda não é cabível ao tempo presente. E assim, não se sujeitam ao Senhor para fazer a vontade de Deus conforme deve ser feita no presente para que a preparação para os tempos futuros seja apropriadamente apressada, conforme Pedro nos instrui nas seguintes Escrituras:

2 Pedro 3: 9 Não retarda o Senhor a sua promessa, como alguns a julgam demorada; pelo contrário, ele é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento.

10 Virá, entretanto, como ladrão, o Dia do Senhor, no qual os céus passarão com estrepitoso estrondo, e os elementos se desfarão abrasados; também a terra e as obras que nela existem serão atingidas.

11 Havendo, pois, de perecer todas estas coisas, que pessoas vos convém ser em santo trato e piedade,

12 aguardando e apressando-vos para a vinda do Dia de Deus, em que os céus, em fogo, se desfarão, e os elementos, ardendo, se fundirão? (RA+RC)

Quem dera houvesse, no mundo atual, muito mais homens e mulheres com a fidelidade de Moisés para servir ao Senhor precisamente de acordo com o que Deus lhes pedisse para fazerem em seus dias e geração sem ficarem tentando fazer o que já é passado ou aquilo que o Senhor somente pedirá que as pessoas façam mais adiante.

Se alguém que vive nesta geração anela por servir ao Senhor, também é de acordo com o que o Deus quer fazer neste período específico que ele deveria querer servir ao Senhor.

Somente Deus é aquele que esteve presente em todas as gerações e permanece de geração em geração que habita a Terra. E somente Deus vê o quadro todo da sua obra realizada ao longo de muitas gerações.

O ser humano não é Deus e nem é responsável pelo quadro geral dos acontecimentos, podendo, no máximo, encontrar a graça do Senhor para ter uma parcela de participação da obra toda de Deus. E isto, em um tempo específico e conforme é pertinente a cada período. Não cabe a um ser humano em particular saber e dizer a Deus o que é melhor para ser feito em cada época, pois as pessoas não podem ver o que exatamente é melhor para cada época a não ser que o Senhor o mostre a elas e elas o creiam e recebam segundo Deus lhes revela.

Moisés sabia que o Senhor era Deus de todas as gerações, o Eu Sou Eterno. E ele compreendeu que aquilo que importava ser feito nos seus dias era aquilo que Deus lhe pedisse para fazer, ainda que soubesse que o descanso verdadeiro ainda estaria por vir através de um descendente futuro de Abraão que seria maior do que ele.

Moisés esperava em Deus e compreendeu que ainda que o descendente esperado pelo mundo viesse somente anos ou séculos depois da sua vida na Terra, a ação deste descendente também viria para remir inclusive aqueles que serviram ao Senhor em épocas que precederam a revelação ao mundo do descendente eterno aguardado.

Também através do Salmo exposto abaixo, Moisés mostrou a percepção que ele tinha da posição soberana e eterna de Deus e da necessidade dele vir a ser agraciado pelo Senhor para fazer o que era necessário especificamente em seus dias:

Salmos 90: 1 Uma Oração de Moisés, o Homem de Deus.

Senhor, tu tens sido o nosso refúgio, de geração em geração.

2 Antes que os montes nascessem e se formassem a terra e o mundo, de eternidade a eternidade, tu és Deus.

3 Tu reduces o homem ao pó e dizes: Tornai, filhos dos homens.

4 Pois mil anos, aos teus olhos, são como o dia de ontem que se foi e como a vigília da noite.

5 Tu os arrastas na torrente, são como um sono, como a relva que floresce de madrugada;

6 de madrugada, viceja e floresce; à tarde, murcha e seca.

7 Pois somos consumidos pela tua ira e pelo teu furor, conturbados.

8 Diante de ti puseste as nossas iniquidades e, sob a luz do teu rosto, os nossos pecados ocultos.

9 Pois todos os nossos dias se passam na tua ira; acabam-se os nossos anos como um breve pensamento.

10 Os dias da nossa vida sobem a setenta anos ou, em havendo vigor, a oitenta; neste caso, o melhor deles é canseira e enfado, porque tudo passa rapidamente, e nós voamos.

11 Quem conhece o poder da tua ira? E a tua cólera, segundo o temor que te é devido?

12 Ensina-nos a contar os nossos dias, para que alcancemos coração sábio.

13 Volta-te, SENHOR! Até quando? Tem compaixão dos teus servos.

14 Sacia-nos de manhã com a tua benignidade, para que cantemos de júbilo e nos alegremos todos os nossos dias.

15 Alegra-nos por tantos dias quantos nos tens afligido, por tantos anos quantos suportamos a adversidade.

16 Aos teus servos apareçam as tuas obras, e a seus filhos, a tua glória.

17 Seja sobre nós a graça do Senhor, nosso Deus; confirma sobre nós as obras das nossas mãos, sim, confirma a obra das nossas mãos.

Quando Deus concordou em estabelecer o *primeiro* sacerdócio a partir de uma solicitação das pessoas que foram libertas do Egito, o Senhor o fez também para expor o que estava oculto em seus corações, mas não diante de Deus. E isto, para que aquilo que estava oculto ao conhecimento humano também se tornasse conhecido de todos para testemunho e para que cada pessoa pudesse decidir rejeitar o que mais tarde, à luz da verdade de Deus, foi exposto mais amplamente como inadequado a todo o mundo.

Jeremias 7: 23 **Mas isto lhes ordenei, dizendo: Dai ouvidos à minha voz, e eu serei o vosso Deus, e vós sereis o meu povo; andai em todo o caminho que eu vos ordeno, para que vos vá bem.**

24 **Mas não deram ouvidos, nem atenderam, porém andaram nos seus próprios conselhos e na dureza do seu coração maligno; andaram para trás e não para diante.**

Mateus 10: 26 **Portanto, não os temais; pois nada há encoberto, que não venha a ser revelado; nem oculto, que não venha a ser conhecido.**

Se a questão do *primeiro* sacerdócio pudesse ser atribuída somente a Moisés, e principalmente no sentido de alguém querer atribuir culpa a ele pela escolha por um tipo de sacerdócio como este, o *primeiro* sacerdócio poderia ter findado no deserto quando Moisés morreu ou poderia ter sido encerrado quando o povo entrou em Canaã. Entretanto, o *primeiro* sacerdócio não cessou no deserto e acompanhou o povo por longos anos e até séculos após a travessia do deserto e a entrada na terra de Canaã porque foram as pessoas do povo que haviam feito esta escolha e continuavam a fazê-la.

Apesar da lei do *primeiro* sacerdócio ser chamada de Lei de Moisés, Moisés não foi o foco do problema. Pelo contrário, ele foi um fiel servo de Deus, conforme já mencionado, e ainda profetizou que o povo necessitava de alguém que fosse maior que ele próprio.

João 5: 45 **(Jesus disse:) Não penseis que eu vos acusarei perante o Pai; quem vos acusa é Moisés, em quem tendes firmado a vossa confiança**

46 **Porque, se, de fato, crêsseis em Moisés, também crerieis em mim; porquanto ele escreveu a meu respeito.**

47 **Se, porém, não credes nos seus escritos, como creereis nas minhas palavras?**

Moisés sabia que mais adiante, um descendente específico de Abraão viria para proporcionar um descanso definitivo às pessoas e que este descendente inclusive também não era Josué que o sucedeu, conforme nos instruem as Escrituras e como também veremos mais abaixo.

Desta forma, ainda que Moisés tivesse morrido e as pessoas libertas do Egito já estivessem em Canaã, terra que Deus lhe dera por herança porque os povos naquela terra foram abomináveis e preencheram a medida da iniquidade perante Deus, elas ainda estariam separadas da liberdade central que necessitavam porque também na nova terra continuavam sujeitas ao sacerdócio associado ao nome de Moisés.

A pessoa Moisés ou o indivíduo Moisés não entrou com o povo na terra de Canaã, mas o sacerdócio de acordo com a lei levítica entrou porque fora o povo que tinha pedido este tipo de sacerdócio e não Moisés. E por isto, os integrantes do povo não podiam encontrar o descanso que almejavam em seus corações, nem ainda na terra que passou a ser de sua propriedade.

Apesar de também ter cometido falhas, Josué também foi maravilhosamente fiel a Deus. Entretanto, pelo fato do povo continuar sujeito ao *primeiro* sacerdócio mesmo em Canaã, o povo, ainda que em um novo território e com um novo governante fiel e justo, similarmente continuava sem entrar na “terra do descanso” para o coração.

Outro ponto interessante a ser observado ainda no período da história iniciada no deserto, e apesar das pessoas libertas do Egito estarem debaixo do *primeiro* sacerdócio ou que é de acordo com a “Lei de Moisés”, é que inclusive Cristo, por ser o Filho Eterno do Deus Eterno, estava sempre com aquelas pessoas.

Entretanto, o problema daquele povo era que Cristo não estava colocado no lugar que lhe cabia estar e, por isto, as pessoas não encontravam o descanso do qual mais necessitavam. Elas queriam andar em seus próprios caminhos e não serem guiados por Cristo, conforme pode ser observado também nos dois preciosos textos do Novo Testamento citados abaixo:

*Hebreus 4: 1 **Temamos, portanto, que, sendo-nos deixada a promessa de entrar no descanso de Deus, suceda parecer que algum de vós tenha falhado.***

*2 **Porque também a nós foram anunciadas as boas-novas, como se deu com eles; mas a palavra que ouviram não lhes aproveitou, visto não ter sido acompanhada pela fé naqueles que a ouviram.***

*3 **Nós, porém, que cremos, entramos no descanso, conforme Deus tem dito: Assim, jurei na minha ira: Não entrarão no meu descanso. Embora, certamente, as obras estivessem concluídas desde a fundação do mundo.***

*4 **Porque, em certo lugar, assim disse, no tocante ao sétimo dia: E descansou Deus, no sétimo dia, de todas as obras que fizera.***

*5 **E novamente, no mesmo lugar: Não entrarão no meu descanso.***

*6 **Visto, portanto, que resta entrarem alguns nele e que, por causa da desobediência, não entraram aqueles aos quais anteriormente foram anunciadas as boas-novas,***

*7 **de novo, determina certo dia, Hoje, falando por Davi, muito tempo depois, segundo antes fora declarado: Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o vosso coração.***

*8 **Ora, se Josué lhes houvesse dado descanso, não falaria, posteriormente, a respeito de outro dia.***

*9 **Portanto, resta um repouso para o povo de Deus.***

*10 **Porque aquele que entrou no descanso de Deus, também ele mesmo descansou de suas obras, como Deus das suas.***

*11 **Esforcemo-nos, pois, por entrar naquele descanso, a fim de que ninguém caia, segundo o mesmo exemplo de desobediência.***

*12 **Porque a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração.***

- 13 E não há criatura que não seja manifesta na sua presença; pelo contrário, todas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas.**
- 14 Tendo, pois, a Jesus, o Filho de Deus, como grande sumo sacerdote que penetrou os céus, conservemos firmes a nossa confissão.**
- 15 Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado.**
- 16 Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna.**

- 1 Coríntios 10: 1 Ora, irmãos, não quero que ignoreis que nossos pais estiveram todos sob a nuvem, e todos passaram pelo mar,**
- 2 tendo sido todos batizados, assim na nuvem como no mar, com respeito a Moisés.**
- 3 Todos eles comeram de um só manjar espiritual**
- 4 e beberam da mesma fonte espiritual; porque bebiam de uma pedra espiritual que os seguia. E a pedra era Cristo.**
- 5 Entretanto, Deus não se agradou da maioria deles, razão por que ficaram prostrados no deserto.**
- 6 Ora, estas coisas se tornaram exemplos para nós, a fim de que não cobicemos as coisas más, como eles cobiçaram.**
-

Quando Deus aceitou fazer a aliança de acordo com o denominado *primeiro* sacerdócio, Ele, de sua parte, sempre manifestou a sua fidelidade e até colocou a Cristo, figurado como a pedra espiritual, junto a este povo. Entretanto, neste *primeiro* sacerdócio, porque o povo assim o queria, Cristo era aquele que seguia as pessoas e não aquele que ia à sua frente.

Portanto, o descanso verdadeiro ou real para a alma não está no *primeiro* sacerdócio, mas está em ter Cristo como Senhor e viver de acordo com o sacerdócio revelado por Cristo, no qual, por sua vez, há um trono de graça e de abundância de misericórdia para todo aquele que vem a ele mediante a fé. Ter a Cristo como o Senhor é a única condição para o verdadeiro descanso do coração aflito, mas os integrantes das pessoas libertas do Egito tinham outros intentos em seus corações.

Cristo em nós é a esperança da glória. É o local em que Deus habita quando um coração está quebrantado e contrito diante do Senhorio de Cristo e quando a pessoa está disposta a deixar que Deus a guie.

Cristo em nós é o caminho da nova criatura, da nova aliança, da paz e do descanso, e não as coisas do mundo ou ser guiado de acordo com as coisas do mundo que se opõe ao Senhor tanto por não buscá-lo como por insistir em buscar a Deus através de caminhos que são contrários a Deus.

- Gálatas 6: 14 Mas longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim, e eu, para o mundo.**
- 15 Pois nem a circuncisão é coisa alguma, nem a incircuncisão, mas o ser nova criatura.**

16 E, a todos quantos andarem de conformidade com esta regra, paz e misericórdia sejam sobre eles e sobre o Israel de Deus.

Romanos 9: 30 **Que diremos, pois? Que os gentios, que não buscavam a justificação, vieram a alcançá-la, todavia, a que decorre da fé;**
31 e Israel, que buscava a lei de justiça, não chegou a atingir essa lei.
32 Por quê? Porque não decorreu da fé, e sim como que das obras.
Tropeçaram na pedra de tropeço,
33 como está escrito: Eis que ponho em Sião uma pedra de tropeço e rocha de escândalo, e aquele que nela crê não será confundido.

Romanos 8: 13 **Porque, se viverdes segundo a carne, caminhais para a morte; mas, se, pelo Espírito, mortificardes os feitos do corpo, certamente, vivereis.**

Romanos 11: 32 **Porque Deus a todos encerrou na desobediência, a fim de usar de misericórdia para com todos.**

Mateus 11: 27 **Tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar.**
28 Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei.
29 Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma.
30 Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve.

Avançando ainda no curso da história, podemos ver que também Davi foi fiel a Deus e serviu ao Senhor maravilhosamente na sua geração apesar de igualmente não ser alguém perfeito para ser posto como sumo sacerdote perfeito sobre todos ou como sacerdote no lugar dos seus semelhantes.

Portanto, também sob o reinado de Davi, o descanso mais substancial esperado ainda não fora alcançado, mesmo que o povo tivesse conquistado mais território e até chegou a alcançar paz com os povos vizinhos.

Através da fé em Deus, Davi foi um homem que teve o privilégio de receber do Senhor a graça para ver de antemão muito daquilo que viria a acontecer futuramente através de Cristo. E assim, ele profetizou que em seu descendente, que seria o Cristo, Deus estabeleceria algo muito superior àquilo que ele, Davi, alcançara e disponibilizara às pessoas, ao ponto de Davi chamar o seu descendente de Senhor que assentou ao lado do seu Senhor, ou seja, ao lado do Pai Celestial.

E ao longo da história, ainda houveram muitos outros que serviram a Deus em fidelidade em suas gerações e a despeito de estarem sob o jugo da Lei de Moisés. Entretanto, por causa da necessidade de que um sacerdócio superior ainda haveria de ser revelado no futuro que muito do que através deles foi instituído teve um cunho

somente temporal, pois debaixo do *primeiro* sacerdócio, jamais poderiam chegar plenamente ao verdadeiro descanso.

Inclusive quando estava cumulado de terras, paz territorial e riquezas, o povo liberto do Egito oscilava entre buscar a Deus através do antigo sacerdócio e ficar farto de tentar servir a Deus por causa do grande peso deste mesmo *primeiro* sacerdócio.

Debaixo do governo de reis poderosos e ricos, as pessoas libertas do Egito tentaram ainda construir templos, pensando que um local físico maior ou mais suntuoso para o *primeiro* sacerdócio, materialmente falando, pudesse resolver a necessidade da glória e do descanso provenientes de Deus que o *primeiro* sacerdócio jamais poderia lhes proporcionar.

E neste afã ou busca desesperada de fazer viabilizar o sacerdócio escolhido pelas pessoas no deserto, os reis lhes imputavam mais impostos, e as pessoas os pagavam pensando que poderiam encontrar a paz na ampliação do lugar do serviço do *primeiro* sacerdócio. Entretanto, cada nova tentativa somente fazia crescer o jugo dos custos e dos pecados cobertos porque jamais eram eficientes para tirá-los dos seus corações.

Desta forma, em meio a todo este cenário árduo e pesado do *primeiro* sacerdócio, tornou-se necessário erguer ou fortalecer ainda mais os ministérios dos profetas, pois na medida que o povo ia esmorecendo diante da lei do *primeiro* sacerdócio que optaram seguir, os profetas lhes lembravam do compromisso que haviam assumido, mas também traziam uma palavra de alento aos corações aflitos e que aguardavam a revelação de alguma libertação daquele fardo tão pesado sobre as suas vidas.

A vida sob o *primeiro* sacerdócio tinha os profetas como uma das válvulas de escape da pressão que este sacerdócio gerava sobre o povo.

Ou seja, alguns dos profetas eram aqueles que Deus encontrava dispostos a voltar a ouvir diretamente a sua voz, a despeito de também fazerem parte de um povo debaixo da lei do árduo sacerdócio levítico.

Deus sempre deixou um canal aberto para falar com as pessoas, ainda que estas se colocassem em graves e obscuras limitações ou prisões. E no caso do *primeiro* sacerdócio, eram os profetas que faziam este papel de introduzir uma esperança para o futuro da qual Deus não queria que as pessoas esquecessem.

Através de alguns profetas, o Senhor mostrava as pessoas como elas continuamente se afastavam do *primeiro* sacerdócio que prometeram seguir. Entretanto, também era através deles que Deus exortava as pessoas para manterem a esperança no seu Senhor, apontando a elas o dia em que o velho sacerdócio seria tirado de seus ombros e um novo sacerdócio de vida, um sacerdócio segundo Deus, lhes seria oferecido.

Através de Malaquias, por exemplo, o último dos profetas que teve as suas palavras registradas nas Escrituras, encontramos Deus mostrando de maneira muito evidente o fracasso do *primeiro* sacerdócio, tanto da parte dos sacerdotes e dos levitas como as pessoas em geral que estavam debaixo daquele sacerdócio.

Através de Malaquias, Deus tornou explicitamente conhecido e registrado que nem os sacerdotes, nem os levitas, e nem as pessoas em geral eram fiéis, e também que jamais viriam a ser se permanecessem sob a mesma condição sacerdotal, pois até os indivíduos que procuravam pagar fielmente os dízimos aos levitas e sacerdotes reclamavam da demora de Deus intervir a favor deles, apesar de também não estarem cumprindo uma série de outros itens da lei de Moisés.

Considerando que no *primeiro* sacerdócio os sacerdotes eram os mediadores das pessoas em geral, se, porventura, o povo se inclinasse a ser fiel à aliança assumida, podia ocorrer a situação dos sacerdotes e levitas não o fazerem. Similarmente, podia ocorrer o fato de um sacerdote procurar ser fiel ao seu chamado sacerdotal, mas ainda assim poderia ser impedido de livremente declarar bênçãos sobre as pessoas em geral se estas estivessem sob atitudes de infidelidade.

O denominado *primeiro* sacerdócio já não havia funcionado nem no deserto, onde todos estavam agrupados e sob uma supervisão severa de Moisés e da cadeia piramidal que ali foi implantada por ele. Assim, quanto mais este sacerdócio não se degradaria e ficaria enfermo pela posições carnis das pessoas na medida em que estivessem espalhadas em suas diversas tribos, territórios e, inclusive, em gerações futuras?

Quando, no livro do profeta Malaquias, Deus levanta a questão das pessoas passarem a ser fiéis na paga dos dízimos pode até parecer a alguns que o Senhor estava conclamando o povo para fazê-lo, mas isto não condiz de forma alguma com o contexto de todo o livro do profeta Malaquias. Quando Deus menciona a questão do dízimo neste livro, Ele o fez como uma hipótese porque já estava evidente que naquele sistema denominado *primeiro* sacerdócio sempre ou continuamente havia alguém ou um contingente de várias pessoas em posição de infidelidade para com Deus e para com os seus semelhantes.

O resultado da tentativa de seguir o denominado *primeiro* sacerdócio inevitavelmente levava as pessoas a se portarem como infieis e como ladrões para com a lei de Moisés e para com os seus irmãos.

Mas como, então, Deus poderia intervir a favor do povo debaixo do *primeiro* sacerdócio se continuamente, em algum ponto da lei, tanto os mediadores como as pessoas em geral incorriam em algo indevido?

Portanto, também através do profeta Malaquias, o Senhor declara mais uma vez que somente “um novo dia” poderia mudar aquela circunstância de subjugação ao velho sacerdócio ou ao sacerdócio levítico, aspecto depois ratificado por João Batista e em vários textos das Escrituras inspiradas pelo Senhor após a revelação de Cristo ao mundo, conforme exemplificado a seguir:

Malaquias 4: 2(a) Mas para vós outros que temeis o meu nome nascerá o sol da justiça, trazendo salvação nas suas asas.

Lucas 1: 68 Bendito seja o Senhor, Deus de Israel, porque visitou e redimiu o seu povo,
69 e nos suscitou plena e poderosa salvação na casa de Davi, seu servo,
70 como prometera, desde a antiguidade, por boca dos seus santos profetas,
 ...
77 para dar ao seu povo conhecimento da salvação, no redimi-lo dos seus pecados,
78 graças à entranhável misericórdia de nosso Deus, pela qual nos visitará o sol nascente das alturas,
79 para alumiar os que jazem nas trevas e na sombra da morte, e dirigir os nossos pés pelo caminho da paz.

- Romanos 8: 3* **Porquanto o que fora impossível à lei, no que estava enferma pela carne, isso fez Deus enviando o seu próprio Filho em semelhança de carne pecaminosa e no tocante ao pecado; e, com efeito, condenou Deus, na carne, o pecado,**
- 4 a fim de que o preceito da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito.**
- 5 Porque os que se inclinam para a carne cogitam das coisas da carne; mas os que se inclinam para o Espírito, das coisas do Espírito.**
- 6 Porque o pendor da carne dá para a morte, mas o do Espírito, para a vida e paz.**
- 7 Por isso, o pendor da carne é inimizade contra Deus, pois não está sujeito à lei de Deus, nem mesmo pode estar.**
-

Na parte final das suas palavras, o profeta Malaquias anunciou que um “novo dia” viria para que a Lei de Moisés fosse lembrada. Entretanto, esta lei já não seria mais lembrada para ser seguida, mas como testemunho de que algo incomparavelmente superior estaria sendo estabelecido para permitir as pessoas receberem também uma salvação superior e finalmente um descanso em seus corações.

- Hebreus 7: 18* **Portanto, por um lado, se revoga a anterior ordenança, por causa de sua fraqueza e inutilidade**
- 19 (pois a lei nunca aperfeiçoou coisa alguma), e, por outro lado, se introduz esperança superior, pela qual nos chegamos a Deus.**

Se pelo descumprimento contínuo das regras de vida sob a Lei de Moisés foi demonstrado claramente que através daquele sacerdócio as pessoas jamais viriam a alcançar a instrução de Deus da maneira como lhes era necessária, no cumprimento de toda a lei para resgatar os escravizados à esta mesma Lei, Cristo manifestou a sua grandeza e glória também em relação ao que nenhum dos chamados “homens e mulheres de Deus da antiguidade” puderam realizar no passado, mesmo aqueles que amavam mais intensamente ao Senhor.

Por maior que tenha sido o serviço de qualquer pessoa fiel a Deus na antiguidade, em Cristo foi demonstrado que somente o Senhor poderia abrir, também a partir da sua condição de Filho do Homem, o caminho de um sacerdócio eternamente útil, verdadeiro e perfeito diante de Deus.

- Hebreus 8: 6* **Agora, com efeito, obteve Jesus ministério tanto mais excelente, quanto é ele também Mediador de superior aliança instituída com base em superiores promessas.**

Quando Deus propôs falar com as pessoas libertas do Egito, o povo quis que o sacerdócio fosse feito por um caminho que um homem abrisse perante Deus para eles, e para isto, sugeriram a ordem sacerdotal segundo Moisés.

Entretanto, em Cristo, Deus assumiu condição semelhante aos dos homens. E por amor e misericórdia, Cristo, também como Filho do Homem, fez o que nenhum outro ser humano jamais poderia fazer.

Em Cristo, Deus fez o que as pessoas quiseram que outras pessoas fizessem no lugar de Deus, mas para isto poder ser feito, o Senhor também precisou vir e salvar as pessoas da prisão em que elas escolheram se submeter segundo a sua própria vontade.

Para que os seres humanos soubesses que Deus entendia a situação deles de criaturas e que Ele conhecia a aflição deles no contexto do mundo criado e que se apartou da comunhão com o Criador, o Senhor, em Cristo, se fez similar à criatura para ser o Sumo Sacerdote perfeito que a criatura queria ter diante de Deus.

Assim, para dissipar qualquer dúvida em relação ao amor de Deus por cada pessoa, o Senhor, em Cristo, assumiu a condição de Filho do Homem e abriu o novo e vivo caminho para a comunhão com o Criador também a partir da ótica da aflição e angústia humana.

Isaiás 53: 6 **Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho, mas o SENHOR fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos.**

...

10 *Todavia, ao SENHOR agradou moê-lo, fazendo-o enfermar; quando der ele a sua alma como oferta pelo pecado, verá a sua posteridade e prolongará os seus dias; e a vontade do SENHOR prosperará nas suas mãos.*

11 *Ele verá o fruto do penoso trabalho de sua alma e ficará satisfeito; o meu Servo, o Justo, com o seu conhecimento, justificará a muitos, porque as iniquidades deles levará sobre si.*

12 *Por isso, eu lhe darei muitos como a sua parte, e com os poderosos repartirá ele o despojo, porquanto derramou a sua alma na morte; foi contado com os transgressores; contudo, levou sobre si o pecado de muitos e pelos transgressores intercedeu.*

Hebreus 4: 15 **Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado.**

16 *Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna.*

Hebreus 7: 26 **Com efeito, nos convinha um sumo sacerdote como este, santo, inculpável, sem mácula, separado dos pecadores e feito mais alto do que os céus,**

27 *que não tem necessidade, como os sumos sacerdotes, de oferecer todos os dias sacrifícios, primeiro, por seus próprios pecados, depois, pelos do povo; porque fez isto uma vez por todas, quando a si mesmo se ofereceu.*

28 *Porque a lei constitui sumos sacerdotes a homens sujeitos à fraqueza, mas a palavra do juramento, que foi posterior à lei, constitui o Filho, perfeito para sempre.*

**8: 1 Ora, o essencial das coisas que temos dito é que possuímos tal sumo sacerdote, que se assentou à destra do trono da Majestade nos céus,
2 como ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, não o homem.**

Sob o sacerdócio de Moisés, o indivíduo que era tentado pelo mal e pecava tinha que se envergonhar e ficar amedrontado em relação à condenação que viria sobre ele. Entretanto, em Cristo, a pessoa pode se achegar a Cristo com o coração sincero, sabendo que se ele se achegar a Cristo para ser auxiliado e perdoado por Cristo, ele também encontrará refrigério no Único Sumo Sacerdote Eterno que sofreu aflições, venceu o mundo e que sabe salvar e instruir perfeitamente aquele que se achega a Ele.

Portanto, é na comunhão com Cristo, estando Cristo em nosso coração e nós estando Nele, que está o verdadeiro descanso e a glória eterna que acompanha este descanso.

João 14: 1 (Disse Jesus): Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim.

Não é onde uma tenda ou um templo segundo o *primeiro* sacerdócio ou similar a ele é edificado que está a glória de Deus, mas Cristo no coração de cada indivíduo é o local do descanso almejado e um local para a glória de Deus começar a brilhar cada vez mais perante uma pessoa até ser “dia perfeito”.

Por que, então, procurar em coisas exteriores ou nas outras pessoas, nos templos, nos livros, nos guias espirituais ou em qualquer outro aspecto da criação aquilo que Cristo reservou para revelar a cada um na comunhão e intimidade que Ele oferece de acordo com o seu perfeito e eterno sacerdócio?

2 Coríntios 4: 6 Porque Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo.

Quando, em Cristo, Deus removeu o que foi estabelecido por um período através de Moisés e o que foi tentado ser sustentado com esmero por outros homens e mulheres ao longo história, Deus não estava desprezando a fidelidade e o serviço destes indivíduos para com Deus, mas estes, e as suas obras temporais, simplesmente não tinham as qualidades de serem “o Cristo” vindo de Deus para a humanidade. E aquilo que fizeram, que era temporal e permitido até que amadurecesse a plenitude do tempo, também precisava ser removido para dar lugar ao perfeito e eterno.

Em muitas construções de casas e edifícios são utilizadas vigas temporárias de sustentação destas obras, mas estas vigas temporárias, por mais que tenham tido muito úteis durante a obra, não são mantidas para as pessoas habitarem com elas depois que a obra está pronta. Revogar, tirar, remover aquilo que de alguma forma foi útil temporariamente para que o propósito objetivado pudesse ser estabelecido é parte da dinâmica da vida.

Como o construtor soberano, Deus tem todos os direitos e prerrogativas de remover, em tempo devido, o que deve ser removido. E o ser humano, que é beneficiário por um tempo daquilo que Deus permite ser utilizado temporariamente, não deveria resistir, para o seu próprio bem, o que Deus quer remover da sua vida no tempo apropriado.

Quando uma pessoa resiste em reconhecer como antiquado aquilo que o Senhor já declarou como inadequado para um novo período, ela não somente resiste ao que Deus quer remover, mas também àquilo que o Senhor quer estabelecer em seguida.

Em muitos aspectos, o primeiro sacerdócio tornou evidente os efeitos adversos da postergação do encontro com a vontade de Deus, mas este sacerdócio se mostrou necessário para demonstrar para o mundo e as suas gerações o quão inútil e danoso é para uma pessoa postergar o bem que Deus almeja para ela.

Assim, ainda que a lei do primeiro sacerdócio, Moisés, Josué, Davi e vários outros profetas desempenharam papéis muito significativos ao longo da história, vários aspectos relacionados a eles ficaram para trás diante da obra de Deus através da obra de Cristo na cruz do Calvário, do seu sepultamento e da sua ressurreição para libertar as pessoas do jugo do pecado, assim como da escravidão à lei do primeiro sacerdócio.

Lucas 16: 16 ***A Lei e os Profetas vigoraram até João; desde esse tempo, vem sendo anunciado o evangelho do reino de Deus, e todo homem se esforça por entrar nele.***

Romanos 10: 4 ***Porque o fim da lei é Cristo, para justiça de todo aquele que crê.***

Insistir além do tempo em manter o que foi feito para ser temporário, por mais que tenha sido útil no passado, ou insistir em sustentar, além do que é pertinente, a posição dos servos que fizeram o que temporariamente foi necessário, é tentar elevar o temporário à uma posição de definitivo, e é tentar valorizar os servos além do que lhes é devido, como é o caso exemplificado no livro de Mateus, capítulo 21, a partir do verso 33 até o verso 46.

Insistir em elevar o temporário ou os seus cooperadores a um status de definitivo é uma tentativa da introdução de uma proposição que procura veladamente igualar uma pequena pedra utilizada na obra com o fundamento de toda a construção somente porque a pedra se mostrou em evidência por um determinado período de tempo. É uma tentativa de inverter a glória devida à cada uma das partes.

Falando de forma resumida, o ser humano não é Deus, não é apto para poder ser Deus para a vida de outros ou na vida de outros, e nem deveria ser considerado além do que lhe é apropriado.

Isaiás 48: 11 ***Por amor de mim, por amor de mim, é que faço isto; porque como seria profanado o meu nome? A minha glória, não a dou a outrem.***

1 Coríntios 4: 1 Assim, pois, importa que os homens nos considerem como ministros de Cristo e despenseiros dos mistérios de Deus.

Romanos 12: 3 Porque, pela graça que me foi dada, digo a cada um dentre vós que não pense de si mesmo além do que convém; antes, pense com moderação, segundo a medida da fé que Deus repartiu a cada um.

Quando Cristo veio cumprir a lei da antiga aliança para resgatar os que estavam aprisionados debaixo dela, assim como para que, em seguida, o *primeiro* sacerdócio fosse removido, Ele também encerrou o que era temporário em termos de profetas, visto que à luz do *segundo* e perfeito sacerdócio, ninguém mais precisa continuar vivendo debaixo daquele antiquado sistema.

Depois de Cristo ter revelado o *segundo* sacerdócio, o Senhor ainda anunciou profecias a respeito da vida das pessoas e através de outras pessoas, mas passou a fazê-lo através de um dom concedido pelo Espírito do Senhor aos que creem em Cristo e não pelo ofício de profetas. Portanto, a condição de um cristão poder ser usado para declarar algumas profecias através de um dom de Cristo jamais se equipara aos profetas e aos seus ofícios no tempo do *primeiro* sacerdócio.

No novo sacerdócio, cada pessoa pode acessar direto a Cristo se ela o receber em seu coração e pode validar direto com Cristo alguma profecia que a ela foi direcionada, e, principalmente, como e quando aplicar a profecia se ela de fato procedeu de Deus, algo que no velho sacerdócio não era disponibilizado àqueles que quisessem viver sujeitos àquele sacerdócio.

Colossenses 3: 15 Seja a paz de Cristo o árbitro em vosso coração, à qual, também, fostes chamados em um só corpo; e sede agradecidos.

Em Cristo, as pessoas são chamadas à paz de Cristo em um só corpo, que tem somente um Cabeça sobre todos e que é tudo em todos. Em Cristo, não há divisões em múltiplas cabeças ou múltiplos mediadores dos membros deste corpo no relacionamento com o Cabeça do corpo.

A obra de Deus, através de Cristo, para remover o *primeiro* sacerdócio, não foi uma obra de desrespeito para com aqueles que amaram a Deus e fizeram obras temporárias antes de Cristo vir em carne ao mundo. Pelo contrário, a obra de Deus em Cristo para remover o *primeiro* é também uma obra de amor e consideração inclusive para com aqueles que serviram fielmente em coisas temporárias para que o sacerdócio eterno pudesse ser manifestado em glória na plenitude do tempo.

Ninguém, exceto Cristo, cumpriu a lei do *primeiro* sacerdócio na medida que precisava ser cumprida. E pelo fato de que o Senhor o fez de maneira perfeita, somente através de Cristo que o *primeiro* sacerdócio pôde ser removido e o *segundo* pôde ser estabelecido em consonância com a vontade do Pai Celestial.

Em Cristo, um cristão tem um sacerdócio ainda mais completo até do que Adão e Eva tinham antes da queda, pois em Cristo, Deus revelou o Seu eterno e soberano propósito de comunhão contínua das pessoas com o Senhor já a partir do mais íntimo do coração, onde, então, o Senhor é o nosso Deus e nós o seu povo, e também o nosso Pai Celestial e nós os seus filhos segundo a linhagem dos remidos em Cristo Jesus.

Mateus 11: 11 Em verdade vos digo: entre os nascidos de mulher, ninguém apareceu maior do que João Batista; mas o menor no reino dos céus é maior do que ele.

Através do testemunho da história do denominado *primeiro* sacerdócio podemos ver que nem no Egito, no deserto, em Canã sob a direção de Josué ou de Davi, na Babilônia e nem espalhadas pelas nações, as pessoas puderam encontrar o verdadeiro descanso ou paz para as suas almas, pois só em Cristo, e Cristo no coração de uma pessoa, que a provisão das fundamentais, principais e mais vitais necessidades humanas pode ser encontrada.

Gálatas 3: 16 Ora, as promessas foram feitas a Abraão e ao seu descendente. Não diz: E aos descendentes, como se falando de muitos, porém como de um só: E ao teu descendente, que é Cristo.

***1 Timóteo 2: 5 Porquanto há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem,**
6 o qual a si mesmo se deu em resgate por todos: testemunho que se deve prestar em tempos oportunos.*

***Atos 10: 36 Esta é a palavra que Deus enviou aos filhos de Israel, anunciando-lhes o evangelho da paz, por meio de Jesus Cristo.**
Este é o Senhor de todos.*

Q. As Diferenças Entre o Primeiro e o Segundo Sacerdócios São Gritantes ou Gigantescas já a partir dos Seus Pontos Essenciais

Nos diversos tópicos anteriores deste capítulo, muitas diferenças entre o *primeiro* e o *segundo* sacerdócios já foram expostas e muitas outras ainda serão expostas nos capítulos posteriores devido à condição altamente crucial que há neste assunto.

Cada um dos detalhes distintos do *primeiro* e do *segundo* sacerdócios corroboram e se somam para evidenciar que de fato estes dois sacerdócios são extremamente opostos um ao outro. E isto, para demonstrar, através dos mais vários ângulos, que não há nenhuma condição de igualdade quanto à vida debaixo de cada um deles e nem quanto aos resultados que advém da adesão a cada um deles.

Os muitos detalhes distintos em cada um dos sacerdócios em referência, demonstram também através de muitas maneiras diferentes como a proposição do denominado *primeiro* sacerdócio inicialmente procura se apresentar como uma pequena variação do *segundo*, mas que na sequência desemboca em um mar de princípios e colheitas completamente distintos.

Entretanto, antes de darmos prosseguimento a mais detalhes das distinções entre o *primeiro* e o *segundo* sacerdócios, entendemos ser muito significativo destacar que todas as distinções entre estes dois sacerdócios, na realidade, são uma sucessão de detalhes que advém das principais distinções que estão nas partes fundamentais de cada um dos sacerdócios em referência.

Os muitos detalhes diferenciados entre os denominados *primeiro* e o *segundo* sacerdócios nascem ou tem a sua origem, de fato, em muito poucos e fundamentais aspectos, fazendo com que a abordagem, nas Escrituras, das muitas diferenças entre eles acabem sempre retornando aos pontos básicos que os fazem ser tão divergentes.

Conhecer pormenorizadamente muitos detalhes das diferenças entre o *primeiro* e o *segundo* sacerdócios pode vir a ser muito proveitoso. Entretanto, para não incorreremos na fixação excessiva de atenção aos detalhes destas distinções a ponto de deixar de ver o quadro das principais divergências, também entendemos ser muito relevante repetidamente voltar a enfatizar as distinções fundamentais que estão presentes já desde as bases e os princípios iniciais de cada um dos dois sacerdócios em questão.

Conhecer diversos aspectos de cada sacerdócio visa permitir conhecer uma distinção mais pormenorizada de cada sacerdócio, mas se isto também não visar reconhecer o fundamento distinto de cada um deles e a destinação à qual cada um se propõe a levar as pessoas, corre-se o alto risco de proceder como o Senhor Jesus declarou no seguinte texto:

Mateus 23: 24 **Guias cegos, que coais o mosquito e engolis o camelo!**

O *primeiro* e o *segundo* sacerdócios, conforme já vimos anteriormente, são completamente incompatíveis em milhares de pontos, mas não somente isto, as diferenças que entre eles se apresentam em cada detalhe também são gritantes e separadas por abismos que impedem qualquer conciliação entre ambos porque as suas

distinções já estão estabelecidas desde os pontos iniciais e essenciais de cada um deles. E é isto que é crucial sempre manter em mente durante toda as abordagens comparativas entre eles.

Relembrando que a essência de um sacerdócio é o estabelecimento de ações práticas para que o relacionamento de uma pessoa com Deus ocorra de uma maneira satisfatória para ambas as partes, também já é neste ponto essencial que o *primeiro* e o *segundo* sacerdócios têm proposições inteiramente distintas em suas constituições iniciais, ainda que o *primeiro* também apregoe a necessidade que as pessoas têm do Único Deus Criador.

Apesar de sua aparência de piedade, o *primeiro* sacerdócio é uma proposição de negação ao propósito de Deus manifesto na criação do ser humano. Este *primeiro* sacerdócio propõe que somente alguns se relacionem diretamente com o Criador e que os demais sejam colocados em subcategorias onde dependem de outros para se achegarem a Deus, propondo, assim, divisões de classes, dominações ou subjugações que Deus nunca tentou que fossem criadas para as pessoas se achegarem a Ele.

Conforme já comentamos anteriormente, o denominado *primeiro* sacerdócio surgiu de uma proposição de como um povo liberto do Egito queria se relacionar com Deus, mas a partir do seu próprio entendimento e não o de Deus, não a partir de um coração primeiramente instruído e ensinado na vontade de Deus.

Atrás da sua aparência de piedade exterior, o *primeiro* sacerdócio essencialmente procura ocultar um desejo das pessoas não quererem de fato se relacionar individualmente com Deus, ainda que apregoem o contrário. Por isto, talvez, a proposição do *primeiro* sacerdócio seja também a exposição de uma falta de ousadia das pessoas que se associam a ele de assumirem abertamente que não querem um relacionamento mais próximo de Deus, mas que, por outro lado, também não querem assumir a posição de deixar a Deus pelo receio de perderam os benefícios que supostamente podem vir a obter do Senhor.

O *primeiro* sacerdócio propõe um postura conflitante em si mesmo, onde sugere que nem todos se acheguem pessoalmente a Deus, mas onde apregoa que todos precisam de Deus quanto a receberem os benefícios que almejam obter do Senhor.

São aspectos como os expostos nos parágrafos anteriores que precisam ser evidenciados para não virem a ser como os “camelos” que não são filtrados apropriadamente na peneira exemplificada por Cristo.

Portanto, um ponto inicial e central que define se uma proposição de um sacerdócio é similar ao tipo do *primeiro* sacerdócio reside na questão se há ou se não há nele algum tipo de mediadores entre as pessoas e Deus que não seja exclusivamente o Senhor Jesus, quer os mediadores ofereçam serviços de oração a Deus em lugar de outros, quer ofereçam conduzir aos outros a cultos ditos serem para Deus ou quer ofereçam direcionamentos específicos do que outros devem ou não devem fazer e que somente caberiam a serem instruídos diretamente pelo Senhor à cada pessoa.

Quer requeira paga ou não, o *primeiro* sacerdócio é o tipo de sacerdócio que, de uma ou outra forma, tenta se interpor no lugar de outros no relacionamento direto das pessoas com Deus e com Cristo, ainda que nele até seja apregoadado que cada pessoa poderia buscar direto a Deus.

Alguns sacerdócios similares ao *primeiro* sacerdócio até fazem questão de alegar que não negam o acesso pessoal a Deus por parte daqueles que se associam a eles. Entretanto, ou por outro lado, mesmo assim oferecem às pessoas opções alternativas pelas quais também dizem que é possível ser atendido por Deus.

Nessas opções alternativas eles oferecem sacerdotes que se propõem a fazer mediações parciais, mas dizendo que as pessoas também estão livres para buscar a Deus pessoalmente se preferirem ou necessitarem.

Ou seja, no mundo, há vários sacerdócios que propõem mais de um caminho concomitante para as pessoas poderem chegar a Deus, contrariando o ensino de Cristo em que o Senhor nos diz: ***Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim.*** São sacerdócios que sutilmente procuram desviar as pessoas para caminhos que naturalmente lhes parecem mais acessíveis, afastando-as, porém, gradativamente do único caminho verdadeiro.

O *primeiro* sacerdócio, a título figurativo, poderia talvez ser comparado ainda aos relacionamentos dos filhos com um bom e sábio pai, onde de repente os filhos, para não serem mais expostos diretamente ao bondoso pai e à sua sabedoria, propõem que um ou dois irmãos os representem perante o pai, e ainda podendo até chegar ao ponto de se disporem a pagar pelos serviços dos irmãos escolhidos para falarem em nome dos outros com o pai bondoso.

Ora, como um pai bondoso que ama profundamente a cada um dos filhos se sentiria sabendo que os filhos não almejam mais falar e se relacionar diretamente com ele?

Como um pai se sentiria se alguns filhos ou filhas propusessem a mediação de um ou de alguns irmãos ou irmãs em lugar dos outros por preço e por pedágio para que o relacionamento dos demais fosse minimamente mantido com o pai?

Como o pai se sentiria ainda que não o fizessem por preço, mas os filhos o fizessem para evitar ao pai por falta de amor a ele ou por medo de se relacionarem diretamente com ele?

O último exemplo descrito acima é algo similar àquilo que aconteceu com os seres humanos na proposição do *primeiro* sacerdócio em relação a Deus ou similares a ele, mas de forma muito mais danosa e mais extensa em termos de quantidade de pessoas representadas, visto que ninguém jamais poderia representar satisfatoriamente os outros irmãos diante de Deus e ninguém, muito menos, poderia representar a Deus diante dos seus irmãos ou ainda diante de um povo ou multidões como alguns sacerdotes deste tipo de sacerdócio alegam que podem fazer.

Considerando que Deus é um Pai perfeitamente sábio e cuja sabedoria está acima de toda e qualquer sabedoria da criação, apto a atender e ouvir a todos, e responder a todos individualmente em seus corações, quem poderia querer se equiparar a Ele? Ou quem poderia querer estabelecer alguns irmãos para mediar os demais no infindável universo de questões ou pontos em que as pessoas necessitam interagir com Deus?

Como poderá um sacerdote humano estar toda a manhã com aqueles que ele se propõem a mediar? Como ele poderá instruir uma pessoa em cada instante do dia em que ela necessita de uma instrução específica? Como um sacerdote humano poderá aconselhar às pessoas até quando estão dormindo, como faz o Senhor?

Salmos 16: 7 ***Bendigo o SENHOR, que me aconselha; pois até durante a noite o meu coração me ensina.***

Como poderá um sacerdote mediador humano dar assistência às pessoas em todas as suas fraquezas e nas fraquezas somadas de todas as pessoas que ele media, assim como como Cristo faz através do Espírito do Senhor para aqueles que creem Nele? Como um sacerdote mediador humano poderá compreender aquela dor e aflição mais profunda de outros e que nem pode ser bem expressa em palavras e sentimentos?

*Romanos 8: 26 **Também o Espírito, semelhantemente, nos assiste em nossa fraqueza; porque não sabemos orar como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós sobremaneira, com gemidos inexprimíveis.***

*Isaiás 40: 28 **Não sabes, não ouviste que o eterno Deus, o SENHOR, o Criador dos fins da terra, nem se cansa, nem se fatiga? Não se pode esquadriñar o seu entendimento.***

*29 **Faz forte ao cansado e multiplica as forças ao que não tem nenhum vigor.***

*30 **Os jovens se cansam e se fatigam, e os moços de exaustos caem,**
31 **mas os que esperam no SENHOR renovam as suas forças, sobem com asas como águias, correm e não se cansam, caminham e não se fatigam.***

Poderá um sacerdote humano e supostamente mediador que diz que Deus não instrui as pessoas diretamente, mas que o Senhor somente o faz através Escrituras, responder a todas as questões individualizadas da vida quando as pessoas se depararam com as dúvidas sobre como aplicar as Escrituras em suas mais diversas situações peculiares ou singulares?

Terá este sacerdote humano supostamente mediador, ou mesmo um conjunto de vários sacerdotes, a mínima habilidade para compreender cada questão específica das outras pessoas, mesmo as mais complexas e técnicas, para apresentá-las a Deus com propriedade? E, depois, terá ele habilidade para compreender a resposta de Deus e repassá-la com fidelidade àqueles que aguardam pela resposta?

Não é contraditório os sacerdotes humanos que querem mediar os outros dizerem que Deus “somente fala pelas Escrituras” e depois eles mesmos orarem a Deus para receberem as respostas do Senhor para as dúvidas que eles próprios têm sobre as Escrituras?

Se Deus somente respondesse através das Escrituras e as questões “mais relevantes” através de mediadores, por que aqueles que querem ser sacerdotes de outros, então, insistem para as pessoas orarem ou rezarem tanto a Deus para Deus lhes ser favorável?

O denominado *primeiro* sacerdócio é aquele que foi firmado sob uma “lei toda detalhada e escrita”, mas também foi este sacerdócio que aprisionou as pessoas a uma “letra que mata” e a um conjunto de sacerdotes que não conseguia cumprir aquilo para o qual eram designados, impedindo estas mesmas pessoas de viverem a vida segundo o “Espírito que vivifica”, conforme encontra-se exposto também no estudo intitulado de Letra ou Vida.

Se Deus supostamente somente fala às pessoas através de leis escritas, como, então, compreender que os escritores das próprias Escrituras ouviram Deus e foram inspirados pelo Espírito Santo para escrevê-las? Como compreender que os cristãos do primeiro século poderiam ser guiados e instruídos pelo Espírito do Senhor se as Escrituras do denominado Novo Testamento ainda não estavam estabelecidas?

Também neste ponto podemos ver o quanto o *primeiro* sacerdócio se opõe ao relacionamento das pessoas com Deus e quer afastá-las das instruções diretas que o próprio Deus estabeleceu nas suas Escrituras ao dizer para as pessoas viverem da Palavra Viva, do Verbo Vivo, da palavra da sua boca e do contemplar ao Deus das suas vidas a ponto de poderem ser transformadas de glória em glória, conforme exemplificado também por outros textos abaixo:

*Mateus 4: 4 **Jesus, porém, respondeu: Está escrito: Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus.***

*Isaías 45: 22 **Olhai para mim e sede salvos, vós, todos os limites da terra; porque eu sou Deus, e não há outro.***

*Isaías 48: 17 **Assim diz o SENHOR, o teu Redentor, o Santo de Israel: Eu sou o SENHOR, o teu Deus, que te ensina o que é útil e te guia pelo caminho em que deves andar.***

*Isaías 31: 1 **Ai dos que descem ao Egito em busca de socorro e se estribam em cavalos; que confiam em carros, porque são muitos, e em cavaleiros, porque são mui fortes, mas não atentam para o Santo de Israel, nem buscam ao SENHOR!***

*2 **Todavia, este é sábio, e faz vir o mal, e não retira as suas palavras; ele se levantará contra a casa dos malfeitores e contra a ajuda dos que praticam a iniquidade.***

*3 **Pois os egípcios são homens e não deuses; os seus cavalos, carne e não espírito. Quando o SENHOR estender a mão, cairão por terra tanto o auxiliador como o ajudado, e ambos juntamente serão consumidos.***

*Isaías 50: 4(b) **Ele desperta-me todas as manhãs, desperta-me o ouvido para que ouça como aqueles que aprendem. (RC)***

Por mais gloriosas, santas, proveitosas e imprescindíveis que sejam as Escrituras e uma vida pautada de acordo com os ensinamentos nelas contidos, não são as Escrituras que dão vida às pessoas, mas é o próprio Deus e também a sua instrução diária que dá vida a cada coração, conforme foi exposto no estudo Letra ou Vida já citado acima.

O ser humano não foi criado para viver sem a contínua instrução viva de Deus na sua vida.

Deus não criou as pessoas para estas viverem separadas de um relacionamento vivo e pessoal com o Criador Eterno.

Assim, para um sacerdote humano poder suprir a vida de Deus na vida dos seus irmãos ou seus semelhantes, ele teria também que ser feito um “deus”, como o Deus Eterno, para suprir tudo o que todos precisam em todos os momentos e todos os lugares, algo que o dominador da Babilônia sempre almejou fazer na congregação, conforme apresentado abaixo:

*Isaiás 14: 13 **Tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu; acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono e no monte da congregação me assentarei, nas extremidades do Norte;***

*14 **subirei acima das mais altas nuvens e serei semelhante ao Altíssimo.***

*15 **Contudo, serás precipitado para o reino dos mortos, no mais profundo do abismo.***

Querer ser sacerdote de outros pode se assemelhar à vontade de ser como “Deus” na vida dos outros. E alguém querer ter um sacerdote humano como mediador sobre a sua vida é ver o semelhante numa condição acima do que a ele deveria ser atribuída, e a qual Paulo continuamente refutava veementemente.

Querer ser sacerdote de outros pode equivaler a competir com o Espírito Santo em relação a um mesmo coração. E aquele que aceita outros sacerdotes humanos sobre a sua vida se aparta de como um cristão espiritual guiado pelo Espírito do Senhor é chamado a andar, tornando-se carnal a partir do momento em que começa a andar segundo os homens, por mais que eles aleguem servir a Deus.

*1 Coríntios 3: 4 **Quando, pois, alguém diz: Eu sou de Paulo, e outro: Eu, de Apolo, não é evidente que andais segundo os homens?***

*5 **Quem é Apolo? E quem é Paulo? Servos por meio de quem crestes, e isto conforme o Senhor concedeu a cada um.***

...

*16 **Não sabeis que sois santuário de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?***

*17 **Se alguém destruir o santuário de Deus, Deus o destruirá; porque o santuário de Deus, que sois vós, é sagrado.***

*18 **Ninguém se engane a si mesmo: se alguém dentre vós se tem por sábio neste século, faça-se estulto para se tornar sábio.***

*19 **Porque a sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus; porquanto está escrito: Ele apanha os sábios na própria astúcia deles.***

*20 **E outra vez: O Senhor conhece os pensamentos dos sábios, que são pensamentos vãos.***

*21 **Portanto, ninguém se glorie nos homens; porque tudo é vosso:***

*22 **seja Paulo, seja Apolo, seja Cefas, seja o mundo, seja a vida, seja a morte, sejam as coisas presentes, sejam as futuras, tudo é vosso,***

*23 **e vós, de Cristo, e Cristo, de Deus.***

*4: 1 **Assim, pois, importa que os homens nos considerem como ministros (diáconos, servos) de Cristo e despenseiros dos mistérios de Deus.***

2 Ora, além disso, o que se requer dos despenseiros é que cada um deles seja encontrado fiel.

O denominado *primeiro* sacerdócio ou similares a ele oferecem uma proposição destruidora ou de oposição ao funcionamento apropriado do verdadeiro santuário interior com vistas a dar lugar ao estabelecimento de um santuário externo e falso, onde ninguém é aperfeiçoado como deveria enquanto estiver ligado a este tabernáculo externo e às suas ofertas, leis e práticas.

Hebreus 9: 6 **Ora, depois de tudo isto assim preparado, continuamente entram no primeiro tabernáculo os sacerdotes, para realizar os serviços sagrados;**

7 mas, no segundo, o sumo sacerdote, ele sozinho, uma vez por ano, não sem sangue, que oferece por si e pelos pecados de ignorância do povo,

8 querendo com isto dar a entender o Espírito Santo que ainda o caminho do Santo Lugar não se manifestou, enquanto o primeiro tabernáculo continua erguido.

9 É isto uma parábola para a época presente; e, segundo esta, se oferecem tanto dons como sacrifícios, embora estes, no tocante à consciência, sejam ineficazes para aperfeiçoar aquele que presta culto,

10 os quais não passam de ordenanças da carne, baseadas somente em comidas, e bebidas, e diversas abluções, impostas até ao tempo oportuno de reforma.

11 Quando, porém, veio Cristo como sumo sacerdote dos bens já realizados, mediante o maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos, quer dizer, não desta criação,

12 não por meio de sangue de bodes e de bezeros, mas pelo seu próprio sangue, entrou no Santo dos Santos, uma vez por todas, tendo obtido eterna redenção.

13 Portanto, se o sangue de bodes e de touros e a cinza de uma novilha, aspergidos sobre os contaminados, os santificam, quanto à purificação da carne,

14 muito mais o sangue de Cristo, que, pelo Espírito eterno, a si mesmo se ofereceu sem mácula a Deus, purificará a nossa consciência de obras mortas, para servirmos ao Deus vivo!

15 Por isso mesmo, ele é o Mediador da nova aliança, a fim de que, intervindo a morte para remissão das transgressões que havia sob a primeira aliança, recebam a promessa da eterna herança aqueles que têm sido chamados.

À parte de um sacerdócio direto em Cristo entre uma pessoa e Deus, jamais um indivíduo encontrará verdadeira satisfação, instrução, descanso e paz interior em seu coração.

Como, então, alguém poderia propor uma pessoa receber a Cristo diretamente como o Príncipe da Paz, a Luz da Vida, Conselheiro, Deus Forte, Maravilhoso, Pai da Eternidade e em seguida apresentar-lhe uma proposição que lhe nega o acesso direto a Cristo e ao Pai Celestial através do Senhor Jesus?

Se uma pessoa é instruída a orar diretamente a Cristo e invocá-lo como Senhor para ser salva, por que, então, na sequência ela teria que passar por meio de outros para se chegar Àquele que ela na primeira vez já pode se chegar diretamente?

Por que uma pessoa deveria ir a outros para poder chegar a Cristo se Cristo vem à porta do coração de cada pessoa para oferecer comunhão com ela?

Apocalipse 3: 20 ***Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele, comigo.***

Questões como as que vimos acima é que são pontos que podem ser comparados aos “camelos” que muitos guias cegos e os seus guiados têm deixado passar pelas suas peneiras enquanto ficam discutindo os pormenores dos seus sistemas de cultos e ofertas que dizem promover para “ajudar aos outros a cultuarem a Deus”, como se o Espírito Santo não pudesse ajudar as pessoas em suas fraquezas e também em como adorar ao Senhor.

Cristo é o perfeito Sumo Sacerdote para a humanidade porque Cristo oferece o caminho de relacionamento com Deus a todos que o querem, mas também porque Cristo oferece este caminho de maneira que cada um possa fazê-lo pessoalmente. Cristo é o Único “Personal” Sumo Sacerdote para todo indivíduo que quiser ter comunhão pessoal e direta com Deus, e a qual todos precisam tanto.

Cristo não instrui as pessoas a irem às casas (lugares físicos) ou aos desertos (lugares retirados) nas quais dizem que Ele está, como já vimos anteriormente, porque Ele é quem vem aos corações daqueles que Nele creem e o recebem em seus corações.

Conforme veremos mais detalhadamente em capítulos mais à frente, Cristo é o Sumo Sacerdote perfeito para representar a todos, mas em Cristo, também cada pessoa é feita sacerdote da sua vida para se relacionar diretamente com Cristo, e para, em Cristo, se relacionar a partir do coração com o Pai Celestial e com o Espírito que do Pai é outorgado aquele que crê no Senhor.

Apocalipse 1: 4 ***João, às sete igrejas que estão na Ásia: Graça e paz seja convosco da parte daquele que é, e que era, e que há de vir, e da dos sete Espíritos que estão diante do seu trono;***
5 e da parte de Jesus Cristo, que é a fiel testemunha, o primogênito dos mortos e o príncipe dos reis da terra. Àquele que nos ama, e em seu sangue nos lavou dos nossos pecados,

...

5: 10 ***e para o nosso Deus os fizeste reis e sacerdotes; e eles reinarão sobre a terra. (RC)***

Romanos 5: 5 ***Ora, a esperança não confunde, porque o amor de Deus é derramado em nosso coração pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado.***

Portanto, a diferença que existe entre o *primeiro* e o *segundo* sacerdócio é gigantesca, extrema ou de forma alguma conciliável.

A distinção é tão marcante que os sacerdotes do *primeiro* sacerdócio podem chegar até ao ponto de se verem superiores aos outros, ao ponto de imputarem aos seus semelhantes fardos pesados que eles não querem carregar e ao ponto de procurarem se destacar das pessoas simples e que pelos sacerdotes são chamados de pecadores, mas que também são os seus irmãos.

Em Cristo, porém, encontramos que todos são elevados, igualmente e diretamente, na mesma posição diante de Deus. Em Cristo, encontramos que o próprio Cristo se fez similar às pessoas no mundo e assumiu a culpa dos pecados delas para também ser um Sumo Sacerdote plenamente auxiliador para que cada pessoa possa desempenhar, Nele e através Dele, a sua própria condição de sacerdote perante o Senhor.

Vejam a distinção exposta nestes últimos parágrafos exemplificado ainda por mais alguns textos:

Mateus 23: 4 ***Atam fardos pesados e difíceis de carregar e os põem sobre os ombros dos homens; entretanto, eles mesmos nem com o dedo querem movê-los.***

5 ***Praticam, porém, todas as suas obras com o fim de serem vistos dos homens; pois alargam os seus filactérios e alongam as suas franjas.***

6 ***Amam o primeiro lugar nos banquetes e as primeiras cadeiras nas sinagogas,***

7 ***as saudações nas praças e o serem chamados mestres pelos homens.***

8 ***Vós, porém, não sereis chamados mestres, porque um só é vosso Mestre, e vós todos sois irmãos.***

9 ***A ninguém sobre a terra chameis vosso pai; porque só um é vosso Pai, aquele que está nos céus.***

10 ***Nem sereis chamados guias, porque um só é vosso Guia, o Cristo.***

11 ***Mas o maior dentre vós será vosso servo.***

12 ***Quem a si mesmo se exaltar será humilhado; e quem a si mesmo se humilhar será exaltado.***

13 ***Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque fechais o reino dos céus diante dos homens; pois vós não entrais, nem deixais entrar os que estão entrando!***

Filipenses 2: 5 ***De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus,***

6 ***que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus.***

7 ***Mas aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens;***

8 ***e, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte e morte de cruz.*** (RC)

O *primeiro* sacerdócio tenta corromper o propósito da criação e do relacionamento humano com Deus a tal ponto que o Senhor nos instrui nas suas Escrituras que aquele que quiser continuar servindo no velho tabernáculo ou no primeiro sacerdócio não faz parte do mesmo altar de Cristo e não pode participar da comunhão com o Senhor como lhe é proposta por Deus, pois os que “servem no *primeiro* sacerdócio não servem verdadeiramente a Cristo e a sua posição de Eterno Senhor”, mas a um mandamento carnal que resiste ao sacerdócio em Cristo oferecido por Deus igualmente a todos.

Hebreus 13: 9 Não vos deixeis levar em redor por doutrinas várias e estranhas, porque bom é que o coração se fortifique com graça e não com manjares, que de nada aproveitaram aos que a eles se entregaram.

10 Temos um altar de que não têm direito de comer os que servem ao tabernáculo. (RC)

A ideia associada ao *primeiro* sacerdócio ou similares a ele procura corromper até aquilo que é claro ou explícito no *segundo* sacerdócio, procurando inclusive ensinar que o fundamento dos apóstolos e dos profetas são os próprios apóstolos e profetas, opondo-se ao fato de que em Cristo não há nem sacerdotes e nem fundamentos mediadores.

Quando Paulo escreve que os cristãos são família de Deus e edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, ele não está dizendo que os cristãos são edificados sobre outros homens como no *primeiro* sacerdócio, mas que todos eles são edificados diretamente em um mesmo e único fundamento, assim como os apóstolos e profetas foram.

E quem sempre foi o fundamento dos apóstolos? Não é somente Cristo, como Paulo declara de forma inquestionável?

E quem é o fundamento para o qual os profetas apontavam? Não era toda a esperança deles convergida para o Cristo que haveria de vir e ser o fundamento eterno e direto de cada pessoa que Nele cresse?

Quando as Escrituras nos ensinam que cada cristão é da família de Deus, concidadão dos santos e edificado no fundamento dos apóstolos e profetas, elas estão declarando que cada cristão individualmente é edificado direto em Cristo assim como Paulo, Pedro, João, Mateus e outros foram, e jamais sobre estes homens ou outros, aos quais nós deveríamos considerar como servos e despenseiros de Deus, mas jamais como fundamento da vida pessoal em Deus.

Um cristão não é chamado a edificar a sua vida sobre “pedrinha ou uma pequena pedra” como é o significado do nome Pedro, mas sobre a rocha eterna da revelação de que o Senhor Jesus é o Eterno Cristo.

Um cristão não é chamado para edificar a sua vida sobre nenhum outro cristão, mas sobre o Único que morreu e livrou este cristão do pecado, do corpo do pecado e também da escravidão da lei do *primeiro* sacerdócio ou similares a ele.

- Efésios 2: 17 E, vindo, ele evangelizou a paz a vós que estáveis longe e aos que estavam perto;*
 18 *porque, por ele, ambos temos acesso ao Pai em um mesmo Espírito.*
 19 *Assim que já não sois estrangeiros, nem forasteiros, mas concidadãos dos Santos e da família de Deus;*
 20 *edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra da esquina;*
 21 *no qual todo o edifício, bem ajustado, cresce para templo santo no Senhor,*
 22 *no qual também vós juntamente sois edificados para morada de Deus no Espírito. (RC)*

- 1 Coríntios 3: 10 Segundo a graça de Deus que me foi dada, lancei o fundamento como prudente construtor; e outro edifica sobre ele. Porém cada um veja como edifica.*
 11 *Porque ninguém pode lançar outro fundamento, além do que foi posto, o qual é Jesus Cristo.*
 12 *Contudo, se o que alguém edifica sobre o fundamento é ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno, palha,*
 13 *manifesta se tornará a obra de cada um; pois o Dia a demonstrará, porque está sendo revelada pelo fogo; e qual seja a obra de cada um o próprio fogo o provará.*

Paulo jamais se contradisse ao afirmar que Cristo é o único fundamento, que cada um veja como edifica sobre Cristo e que ele, Paulo, era somente um ministro, servo ou despenseiro de Cristo e depois, em outro lugar, dizer que as pessoas deveriam edificar sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, pois o fundamento de todos eles também sempre foi exclusivamente Cristo.

Aqueles que têm a consciência cauterizada pelo *primeiro* sacerdócio e se inclinam a ele ou parte dele, é que procuram apresentar estes pensamentos distorcidos que tentam colocar homens ou mulheres mediadores em tudo e que tentam corromper o princípio de que cada pessoa pode ter a Cristo como o único o fundamento eterno da vida. Assim, além de tentarem corromper ou bloquear o acesso das pessoas direto a Deus, tentam também corromper aquilo que sustenta as pessoas ou lhe dá suporte para a novidade de vida no Senhor.

E assim como Paulo não se contradisse ao anunciar que Cristo indubitavelmente é o Único fundamento eterno digno para uma pessoas edificar a sua vida, assim também o próprio Cristo não se contradisse em dizer para aqueles que o seguirem que somente há um único Guia, Mestre e Pai Celestial digno de ser seguido e que todos os outros que seguem ao Senhor são irmãos uns dos outros em Cristo e servos uns dos outros, e não sacerdotes uns dos outros e muito menos fundamentos, guias, líderes ou pais uns dos outros.

O edifício bem ajustado em Cristo é aquele onde um irmão não se sobrepõe sobre outro irmão e nem tenta ser o fundamento de outro. É a edificação onde todos têm Cristo no coração e onde cada um, pessoalmente, está diretamente fundamento em

Cristo, assim como cada um também pode ser instruído por Aquele que lhe oferece o único suporte eterno.

Colossenses 1: 26 **O mistério que esteve oculto desde todos os séculos e em todas as gerações e que, agora, foi manifesto aos seus santos;**
27 aos quais Deus quis fazer conhecer quais são as riquezas da glória deste mistério entre os gentios, que é Cristo em vós, esperança da glória;
28 a quem anunciamos, admoestando a todo homem e ensinando a todo homem em toda a sabedoria; para que apresentemos todo homem perfeito em Jesus Cristo. (RC)

Anunciar e ensinar a outros de que cada um pode ter Cristo no coração e que cada um deveria também viver e andar em Cristo, sem a necessidade de mediadores, é um ensino verdadeiramente alinhado com o denominado *segundo* sacerdócio concedido por Deus e que um cristão pode compartilhar com outros se ele de fato amá-los e quiser que cada um tenha o acesso livre ao Pai Celestial que ama a todos com o seu perfeito amor.

Todo aquele que quer se fiar no sacerdócio e nas instruções de outras pessoas que não o direcionam a buscar ao Senhor em primeiro lugar para ser instruído diretamente por Ele, deveria estar consciente de que quando ele prestar contas a Deus da sua vida, ele não poderá se fiar na desculpa de que seguiu a outros, porque ***cada um de nós dará contas de si mesmo a Deus.***

Se uma pessoa se prestou a tentar mediar a outros, ela dará conta diante de Deus de si mesma a respeito deste aspecto e porque ela o fez. Entretanto, aquele que se sujeitou a outros dará conta de si mesmo porque não aceitou o sacerdócio direto oferecido a ele por Deus em Cristo, optando por mediadores não autorizados pelo Senhor a partir da revogação do *primeiro* sacerdócio.

Romanos 14: 11 **Como está escrito: Por minha vida, diz o Senhor, diante de mim se dobrará todo joelho, e toda língua dará louvores a Deus.**
12 Assim, pois, cada um de nós dará contas de si mesmo a Deus.

Se uma pessoa escolheu seguir um sacerdócio que mantém similaridades ao denominado *primeiro*, também conforme esta escolha ela será requerida a prestar contas. Se, por outro lado, ela optou pelo *segundo* sacerdócio, e nem mesmo a um similar a ele, pois a sombra e a aparência não constituem um sacerdócio verdadeiro, ela responderá de acordo com o *segundo*, o qual é firmado em melhor e superior aliança, repleta de misericórdia e perdão para aquele que aceita recebê-lo de Deus sem associar este perdão aos méritos de ter cumprido obras similares às apregoadas pelo *primeiro* sacerdócio.

As tentativas de estabelecer um relacionamento com Deus através de um sacerdócio que procura fazê-lo externamente, por meio de outros ou através regras de cultos externos, enquanto o outro o faz a partir do coração e conforme Cristo o orienta a fazer, evidenciam que o *primeiro* e o *segundo* sacerdócios caminham respectivamente para alvos totalmente distintos, a saber: morte ou vida, trevas ou luz, lei ou graça.

O *primeiro* e o *segundo* sacerdócios não se misturam e jamais poderão ser fundidos ou compatibilizados. Assim como morte e vida são opostos e antagônicos, assim o *primeiro* sacerdócio é oposto e hostil ao *segundo*, não importando o quanto uma pessoa se esforce em cumprir pormenorizadamente o *primeiro* sacerdócio, pois não cumprindo um item da lei deste sacerdócio, ela já é condenada pela respectiva lei que ela optou em seguir.

Se uma pessoa é mais atuante ou menos atuante no *primeiro* sacerdócio, isto acaba não sendo tão essencial no final, pois se ela for culpada em um ponto, ela é culpada de todos assim como aqueles que descumprem muito mais princípios deste sacerdócio.

A mentalidade do *primeiro* sacerdócio é alcançar uma condição de dignidade por mérito próprio, e isto inviabiliza qualquer pessoa que permanece sujeita a ele ser salva, pois ***todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus.***

Somente há uma solução para uma pessoa em relação ao *primeiro* sacerdócio: aceitar que este sacerdócio diante de Deus não tem validade, legalidade ou crédito algum para salvação e para a vida em conformidade com a vontade do Senhor. A única solução é aceitar o testemunho que Deus dá tanto sobre a remoção do *primeiro* sacerdócio como sobre a novidade de vida que é concedida no *segundo* sacerdócio.

Gálatas 2: 16 ... sabendo, contudo, que o homem não é justificado por obras da lei, e sim mediante a fé em Cristo Jesus, também temos crido em Cristo Jesus, para que fôssemos justificados pela fé em Cristo e não por obras da lei, pois, por obras da lei, ninguém será justificado.

1 João 5: 10 Aquele que crê no Filho de Deus tem, em si, o testemunho. Aquele que não dá crédito a Deus o faz mentiroso, porque não crê no testemunho que Deus dá acerca do seu Filho.

11 E o testemunho é este: que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está no seu Filho.

Tentar viver e andar em consonância com o sacerdócio denominado de *primeiro* ou levítico é como alguém incorrer em “patinar na lama” e não conseguir sair do lugar, ficando mais sujo quanto mais tentar sair do atoleiro por esforço próprio.

O *primeiro* sacerdócio é como a areia movediça da qual uma pessoa não consegue mais sair. Se tentar sair acirradamente, afunda ainda mais. Se não tentar, pode demorar mais, mas também afunda. O *primeiro* sacerdócio é um infundável sacerdócio de regras, mas que nunca alcança o que tanto procura ou propõe.

Por outro lado, através das experiências do povo hebreu sob o *primeiro* sacerdócio e apesar de todos os repetidos pecados e da insistência das pessoas em quererem permanecer sujeitas ao *primeiro* sacerdócio, também ficou demonstrado que Deus sempre amou as pessoas e sempre estava pronto para estender a sua misericórdia quando elas pediam a ajuda do Senhor enquanto ainda havia tempo para fazê-lo, apontando para o fato de que somente com o auxílio de Deus um indivíduo pode vir a encontrar a libertação do jugo opressor do *primeiro* sacerdócio.

Assim, no tempo apropriado, Deus tornou amplamente evidente que somente em Cristo uma pessoa tem a provisão de Deus para sair do *primeiro* sacerdócio e deixá-lo para trás, pois também somente em Cristo está a novidade de vida concedida mediante a graça do reino celestial.

Na plenitude do tempo, o Pai Celestial revelou a Cristo como a provisão de um sacerdócio de vida e não de morte. Revelou a Cristo como a expressão da sua misericórdia eterna, mostrando a Cristo como a essência do *segundo* sacerdócio e a expressão do tempo oportuno para fazer a opção pelo sacerdócio no qual está a vida eterna de Deus para aquele que crer no Senhor e recebê-lo em seu coração.

Salmos 100: 5 ***Porque o SENHOR é bom, a sua misericórdia dura para sempre, e, de geração em geração, a sua fidelidade.***

2 Coríntios 6: 2 ***(porque ele diz: Eu te ouvi no tempo da oportunidade e te socorri no dia da salvação; eis, agora, o tempo sobremodo oportuno, eis, agora, o dia da salvação).***

No *segundo* sacerdócio, o indivíduo que aceita que Cristo o justificou e justifica é salvo e convidado a se relacionar diretamente com o seu Criador Eterno e a permanecer para sempre nesta eterna justificação oferecida somente por Cristo, conforme exposto mais amplamente no estudo sobre O Evangelho da Justiça de Deus e do qual relembramos abaixo o seguinte texto:

Romanos 5: 1 ***Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo;***
2 por intermédio de quem obtivemos igualmente acesso, pela fé, a esta graça na qual estamos firmes; e gloriamo-nos na esperança da glória de Deus.

E considerando o fato de Cristo ser o bem maior da vida de um cristão, o Salvador e Senhor sempre presente, e que através do Senhor Jesus ele também pode se relacionar com o Pai Celestial, o Pai do eterno amor, e com o Espírito de vida, paz e graça, o que resta de importante nos ritos e nas regras de alianças inferiores, velhas ou caducas para alguém ainda continuar a se apegar a elas ou até mesmo a algum item isolado destes tipos de sacerdócios?

1 Pedro 3: 18 ***Pois também Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-vos a Deus; morto, sim, na carne, mas vivificado no espírito,***

...

4: 1 Ora, tendo Cristo sofrido na carne, armai-vos também vós do mesmo pensamento; pois aquele que sofreu na carne deixou o pecado,

2 para que, no tempo que vos resta na carne, já não vivais de acordo com as paixões dos homens, mas segundo a vontade de Deus.

O que na Terra poderia valer mais do que Àquele que criou toda a Terra, os céus e aquilo que neles há?

O denominado *primeiro* sacerdócio foi permitido para mostrar que nem o próprio ser humano, o aspecto mais sublime de toda a criação de Deus na Terra, é digno de tomar o lugar de Deus ou mediar a Deus em seu relacionamento com as pessoas a quem Ele pessoalmente ama, quer bem e convida para também virem a ser constituídas na condição de seus filhos eternos por opção livre da parte de cada indivíduo.

Salmos 73: 23 **Todavia, estou sempre contigo, tu me seguras pela minha mão direita.**

24 **Tu me guias com o teu conselho e depois me recebes na glória.**

25 **Quem mais tenho eu no céu? Não há outro em quem eu me compraza na terra.**

26 **Ainda que a minha carne e o meu coração desfaleçam, Deus é a fortaleza do meu coração e a minha herança para sempre.**

Salmos 16: 1 **Guarda-me, ó Deus, porque em ti me refugio.**

2 **Digo ao SENHOR: Tu és o meu Senhor; outro bem não possuo, senão a ti somente.**

3 **Quanto aos santos que há na terra, são eles os notáveis nos quais tenho todo o meu prazer.**

4 **Muitas serão as penas dos que trocam o SENHOR por outros deuses; não oferecerei as suas libações de sangue, e os meus lábios não pronunciarão o seu nome.**

5 **O SENHOR é a porção da minha herança e o meu cálice; tu és o arrimo da minha sorte.**

6 **Caem-me as divisas em lugares amenos, é mui linda a minha herança.**

7 **Bendigo o SENHOR, que me aconselha; pois até durante a noite o meu coração me ensina.**

8 **O SENHOR, tenho-o sempre à minha presença; estando ele à minha direita, não serei abalado.**

9 **Alegra-se, pois, o meu coração, e o meu espírito exulta; até o meu corpo repousará seguro.**

10 **Pois não deixarás a minha alma na morte, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção.**

11 **Tu me farás ver os caminhos da vida; na tua presença há plenitude de alegria, na tua destra, delícias perpetuamente.**

Um cristão pode se alegrar e ter prazer naqueles que andam segundo a vontade de Deus e que também tem ao Senhor como a sua porção, mas nenhuma outra pessoa é a “nossa porção ou a nossa herança”. Antes de tudo, a nossa herança é o Senhor no qual todos igualmente podem ter herança se receberam a Cristo no coração e Nele permanecerem.

A distinção entre o *primeiro* e o *segundo* sacerdócios, em um dos aspectos mais centrais e absolutos, é a diferença entre quem uma pessoa quer ter assentada como “senhor” em seu coração, podendo respectivamente ser a ideia de alguma coisa criada, uma outra pessoa ou ela própria, ou o Criador Eterno da sua vida.

Assim, quando alguém escolhe a Cristo como seu Senhor, também é o sacerdócio segundo Cristo que ela deveria escolher seguir para viver fundamentada na justiça eterna.

Romanos 5: 20 ***Sobreveio a lei para que avultasse a ofensa; mas onde abundou o pecado, superabundou a graça,***
21 ***a fim de que, como o pecado reinou pela morte, assim também reinasse a graça pela justiça para a vida eterna, mediante Jesus Cristo, nosso Senhor.***

O *segundo* sacerdócio é a oferta de uma vida de relacionamento com Deus de acordo com a proposição do próprio Senhor e que é de acordo com o conhecimento que o Senhor tem sobre o ser humano, suas limitações e fraquezas, e no qual o Senhor lembra que o ser humano habita em um corpo que é pó e que voltará ao pó. E pelo fato da proposição do *segundo* sacerdócio ser justa e repleta de misericórdia é que ela também é perfeita para todo aquele que receber ao Senhor Cristo Jesus mediante a fé.

Salmos 103: 13 ***Como um pai se compadece de seus filhos, assim o SENHOR se compadece dos que o temem.***
14 ***Pois ele conhece a nossa estrutura e sabe que somos pó.***

A proposição de que alguns são chamados a se relacionar mais com Deus do que outros e que uns podem mediar a outros no relacionamento pessoal com o Senhor, em contradição à proposição de uma vida de relacionamento pessoal e direto com Deus oferecida igualmente a todos em Cristo, é uma questão fundamental que estabelece uma separação irreparável entre o *primeiro* e o *segundo* sacerdócios, e da qual derivam as demais ou a enorme diversidade de distinções incompatíveis entre estes sacerdócios.

Se o denominado *segundo* sacerdócio, o sacerdócio de Cristo, não previsse que todos que se associam a ele pudessem se chegar pessoalmente a Deus, o que falar sobre os seguintes textos?

1 Coríntios 1: 9 ***Fiel é Deus, pelo qual fostes chamados à comunhão de seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor.***

2 Coríntios 13: 14 ***A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vós.***

R. A Aplicação da Remoção do Primeiro e o Estabelecimento do Segundo na Vida Pessoal

Se há um *primeiro a ser removido* e um *segundo a ser estabelecido*, isto indica que os dois também devem ser diferentes um do outro para que haja a necessidade de uma mudança, ainda que ambos tratem sobre o mesmo tema.

Se há um *primeiro a ser removido* e um *segundo a ser estabelecido*, também é porque os dois são incompatíveis entre si a ponto de que não seja viabilizada uma possível convivência conjunta entre eles.

E se há um *primeiro a ser removido* para um *segundo ser estabelecido*, é porque o *primeiro*, por uma ou por várias razões, tem na realidade na sua constituição uma característica temporária e descartável diante daquele que é introduzido por último.

Após o estabelecimento dos fatos que revelaram mais amplamente o que veio por último, para Deus a disponibilização do denominado *segundo* sacerdócio passou a implicar a não aceitação ou a rejeição do denominado *primeiro* sacerdócio.

Muitas são as informações que nos ensinam a respeito da mudança histórica que houve em relação ao denominado *primeiro* sacerdócio diante da revelação do *segundo*, mas, ainda assim, uma das principais questões que se sobressai no final de tudo refere-se à qual é a implicação desta mudança histórica também para as pessoas do presente e como ela pode ser refletida individualmente na vida de cada indivíduo.

Atualmente, quem se depara com o tema do *primeiro* e o *segundo* sacerdócios já encontra definido o que foi estabelecido pelo Senhor no passado, já encontra a condição de que o *primeiro* sacerdócio foi revogado perante Deus e o mundo tanto natural como espiritual, assim como também encontra a condição de que o *segundo* sacerdócio já foi estabelecido para sempre diante do Senhor e apresentado como tal ao mundo.

Entretanto, um fato necessita ser notado com atenção especial e que é o ponto de que apesar do *primeiro* sacerdócio já ter sido revogado, as pessoas ainda insistem em querer aderir a ele ou a modelos que parcialmente adotam as características do *primeiro* sacerdócio.

Nesse último sentido, as Escrituras nos informam que apesar do *primeiro* sacerdócio, a sua lei e a sua antiga aliança já terem sido declarados como antiquados e ultrapassados diante de um novo sacerdócio, o *primeiro* ainda permanece exposto ao mundo por um certo período, ainda que em breve virá a desaparecer por completo.

E olhando para as Escrituras de forma mais ampla, parece-nos que o tempo breve para que o *primeiro* sacerdócio desapareça por completo somente ocorrerá coincidentemente com o término do mundo como ele é conhecido no presente.

Hebreus 8: 13 Quando ele diz Nova, torna antiquada a primeira. Ora, aquilo que se torna antiquado e envelhecido está prestes a desaparecer.

A menção de que algo já revogado, antiquado, obsoleto ou envelhecido ainda permanece de alguma forma pode soar estranho. Entretanto, as Escrituras nos mostram que isto é um fato que ocorre no mundo e que muitas pessoas continuaram e

ainda continuam a buscar o *primeiro* sacerdócio após a sua revogação inclusive sob a esperança de que o Senhor ainda irá reconhecer a sua associação a este sacerdócio.

As Escrituras, entretanto, também comparam a tentativa de reestabelecer o *primeiro* sacerdócio na vida das pessoas como uma tentativa e proposta de fascinação ou um encantamento, como uma obra de sutil astúcia e perversidade.

Gálatas 2: 19 **Porque eu, mediante a própria lei, morri para a lei, a fim de viver para Deus. Estou crucificado com Cristo;**

20 logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim.

21 Não anulo a graça de Deus; pois, se a justiça é mediante a lei, segue-se que morreu Cristo em vão.

3: 1 Ó gálatas insensatos! Quem vos fascinou a vós outros, ante cujos olhos foi Jesus Cristo exposto como crucificado?

2 Quero apenas saber isto de vós: recebestes o Espírito pelas obras da lei ou pela pregação da fé?

2 Coríntios 3: 14 **Mas os sentidos deles se embotaram. Pois até ao dia de hoje, quando fazem a leitura da antiga aliança, o mesmo véu permanece, não lhes sendo revelado que, em Cristo, é removido.**

Tendo em vista que foi necessário Cristo morrer na cruz do Calvário para que a lei do *primeiro* sacerdócio fosse revogada apropriadamente e para que Deus realizasse a provisão para a libertação das pessoas da escravidão a esta lei, procurar afirmar que o sacerdócio revogado ainda é legítimo é uma tentativa distorcida ou perversa de tentar manter ativo aquilo que escravizava as pessoas para novamente tentar sujeitá-las a um jugo do qual já foram libertas, conforme nos é advertido no texto a seguir:

Gálatas 5: 1 **Estai, pois, firmes na liberdade com que Cristo nos libertou e não torneis a meter-vos debaixo do jugo da servidão. (RC)**

Toda essa questão de revogação de um sacerdócio, da sua lei e da sua aliança pode parecer um tema não conhecido para muitos, mas no mundo, as pessoas continuamente estão expostas à mudanças de leis e revogações de outras, criando direitos e obrigações diferentes em momentos distintos e onde uma pessoa, quer por opção ou porque está desavisada, pode tentar viver sob uma lei revogada mesmo que isto já não lhe confira nenhum direito.

E se, porventura, uma pessoa conscientemente tentar viver de acordo com uma lei antiga depois que esta foi revogada, ela não poderá alegar desconhecimento da nova lei e pode estar iludindo a si própria de que a sua decisão pessoal poderá superar a condição de não estar sujeita a uma nova lei porque pessoalmente optou em se sujeitar uma lei antiquada.

Assim, apesar da escolha por uma lei já revogada parecer ser desprovida de propósito, no mundo sempre há pessoas que tentam viver de acordo com leis antiquadas mesmo quando já foram avisadas das suas revogações.

As tentativas de sustentar uma lei antiquada ou revogada pode parecer um absurdo para muitos, mas na prática, este disparate nem sempre é visto da mesma maneira por todos, principalmente quando as tentativas de manter uma lei antiquada representam a busca da preservação de algum interesse ou desejos daqueles que pensam que a manutenção da lei que foi revogada ainda pode lhes prover benefícios.

Desta forma, pensemos, por exemplo, na revogação da posição de uma enormidade de sacerdotes do *primeiro* sacerdócio e que através dos serviços de mediação também extraíam o seu sustento material, além das posições sociais privilegiadas que o antigo sacerdócio lhes garantia.

Como aqueles sacerdotes, que teriam as suas funções revogadas pelo denominado *segundo* sacerdócio, veriam uma lei sendo declarada a eles e que tornava o ofício deles não somente em um serviço inválido, mas também em um ofício que passava a se opor ao que Deus estava estabelecendo em favor daqueles que os sacerdotes até então mediavam, permitindo que cada pessoa pudesse se achegar diretamente a Deus sem a necessidade de sacerdotes mediadores?

Aqueles sacerdotes que eram mais piedosos, tementes a Deus e que esperavam a revelação do *segundo* sacerdócio muito provavelmente passariam a receber de bom grado a novidade vinda do Deus que amavam e também passariam a confiar no Senhor para instruí-los a como viver daquele ponto para frente, mas quantos não passariam a se opor e resistir ao novo que lhes estava sendo anunciado?

Apesar da mudança de um tipo sacerdócio para outro ser primeiramente uma definição espiritual diante de Deus, os impactos práticos na vida profissional, familiar, econômica e social também podem ser muito amplos e significativos.

A partir do momento que um sacerdócio passa a perder a sua condição ou função válida, os seus sacerdotes, templos, construções, serviços, sacrifícios e ofertas igualmente passam a perder a validade que até então possuíam.

Na história humana, há algumas intervenções que podem causar muito mais mudanças do que muitas pessoas sequer começam a perceber. E algumas intervenções na história humana não são aceitas por muitas pessoas como deveriam nem com o passar dos séculos e nem que sejam para o benefício de todos, como é o caso da revogação do *primeiro* sacerdócio e o do estabelecimento do *segundo*.

Uma pequena frase das Escrituras expressa no começo do livro de Hebreus de que “Deus outrora nos falava através de certas maneiras, mas agora nos fala através de outra”, pode desdobrar em muitas implicações espirituais e naturais que não receberão as boas vindas de todas as pessoas.

Quando Cristo veio em carne ao mundo, havia milhares de sacerdotes e levitas associados ao *primeiro* sacerdócio e que supostamente atuavam como mediadores do povo e que também resultava em milhares de negociações de sacrifícios, ofertas e dízimos que eram realizadas diariamente.

E uma vez que o dízimo era um dos preceitos do *primeiro* sacerdócio e que este sacerdócio era adotado praticamente a nível nacional, a arrecadação deste sacerdócio englobava quase um décimo de toda a economia advinda das plantações e do

incremento dos rebanhos da nação, além dos outros impostos que o povo pagava aos demais governantes.

Assim, observando a amplitude de aspectos envolvida na troca do tipo de um sacerdócio, aquela percepção de que muitos não querem aceitar o novo sacerdócio com uma nova lei e uma nova aliança já passa a deixar de parecer tão absurda.

Conhecer estes aspectos gerais da revogação do *primeiro* sacerdócio e a não aceitação desta revogação por muitos pode ser muito relevante ou crucial, pois ela mostra que apesar do *primeiro* sacerdócio já estar obsoleto diante de Deus, muitos ainda querem se associar a ele. E muitos fazem isto para tentar criar diante da sociedade uma ideia de que cada pessoa pode optar por aquilo que lhe parece melhor e mesmo assim ter a aprovação de Deus ou para tentar sustentar a ideia de que até a convivência de um indivíduo com dois sacerdócios simultaneamente poderia vir a ser aceitável diante do Senhor, onde as pessoas supostamente poderiam escolher partes de um e partes de outro como melhor lhes convier.

E na prática, muitas pessoas de fato seguem a ideia da suposta possibilidade de associação simultânea a mais de um sacerdócio, fazendo-o inclusive por pressão de seus cônjuges, familiares e por outros interesses. Entretanto, não importa quantas pessoas optem por estas tentativas de viverem associadas à múltiplos sacerdócios, elas jamais poderão reestabelecer diante de Deus o *primeiro* sacerdócio ou parte dele.

O *primeiro* sacerdócio já foi declarado obsoleto ou revogado pelo Senhor, e Cristo já foi revelado como o fim da lei e, por consequência, também da aliança do *primeiro* sacerdócio. Entretanto, muitas pessoas ainda apresentam o *primeiro* sacerdócio como uma opção porque também muitos indivíduos ainda insistem em querer sacerdócios de acordo com o modelo do *primeiro* e em contrariedade ao *segundo* a despeito do *primeiro* já ter sido revogado pelo Senhor.

Portanto, compreender que as pessoas no presente ainda usam das suas prerrogativas de poderem fazer escolhas para optarem por sacerdócios com características do *primeiro* sacerdócio passa a ser também um ponto fundamental para o posicionamento de cada pessoa em relação àquilo que Deus lhe oferece.

Depois que o Senhor revogou o *primeiro* sacerdócio, Ele não aceita mais a adesão de uma pessoa a este sacerdócio, a sacerdócios similares ao *primeiro* ou a posicionamentos mistos de uma pessoa querendo conciliar o *primeiro* com o *segundo* sacerdócio. Ao mesmo tempo, entretanto, as pessoas no mundo continuam tendo a opção de escolherem por si próprias aquilo que o Senhor já declarou revogado.

O fato de Deus já ter anunciado que o *primeiro* sacerdócio é contrário à sua vontade não significa que o Senhor vai impedir as pessoas de continuarem a optar por ele ou se associarem a ele.

Entretanto, considerando que em sua definição mais recente nas Escrituras, a circuncisão passou a representar também uma simbologia de qualquer ato de associação de um indivíduo ao *primeiro* sacerdócio ou similar a ele, a escolha pela associação ao *primeiro* sacerdócio ou algum similar a ele, atualmente não autorizado pelo Senhor, pode implicar em gravíssimas consequências como, por exemplo, no desligamento da pessoa do sacerdócio de Cristo e da graça do Senhor, conforme a exortação abaixo:

Gálatas 5: 1 Estai, pois, firmes na liberdade com que Cristo nos libertou e não torneis a meter-vos debaixo do jugo da servidão.

2 Eu, Paulo, vos digo que, se vos deixardes circuncidar, Cristo de nada vos aproveitará.

3 De novo, testifico a todo homem que se deixa circuncidar que está obrigado a guardar toda a lei.

4 De Cristo vos desligastes, vós que procurais justificar-vos na lei; da graça decaístes.

5 Porque nós, pelo Espírito, aguardamos a esperança da justiça que provém da fé. (RC+RA)

Considerando a impossibilidade de responder conjuntamente à duas leis opostas e contraditórias em relação a um mesmo tema ou a não razoabilidade da associação à duas leis inteiramente antagônicas, Deus não se associa com um indivíduo se ele decidir se associar uma aliança sacerdotal contrária ao sacerdócio que há em Cristo.

Tendo em vista que não é possível estabelecer termos comuns entre um sacerdócio que resiste a Deus e já foi declarado obsoleto com o sacerdócio que atua em consonância com a vontade do Senhor, Deus não se associa com aquele que quer se associar a sacerdócios opostos a Ele ainda que um indivíduo intente se associar somente em partes com aquilo que já teve a validade revogada.

Diante de Deus, por exemplo, não é aceitável uma pessoa querer se justificar pela lei do *primeiro* sacerdócio, que é baseado no cumprimento das obras desta lei e onde ela é considerada culpada se não cumprir um só item, e, ao mesmo tempo, querer ser justificada pela graça mediante a fé.

Paulo alerta explicitamente que se uma pessoa deliberadamente se associar a um sistema de sacerdócio onde um indivíduo é justificado pela realização das obras da lei, a obra de Cristo na cruz do Calvário não lhe será por proveito. Depois de Cristo já ter sido crucificado, uma pessoa ainda insistir em tentar viver segundo uma lei escrita já não é mais algo reconhecido por Deus e expressa uma ação em dissonância com o Evangelho de Cristo.

Ainda que as pessoas não respeitem às suas próprias decisões, Deus respeita as suas decisões ou escolhas do tipo de sacerdócio ao qual querem se associar, ainda que optem por um sacerdócio já obsoleto e revogado.

Faz sentido, por exemplo, uma pessoa comprar um carro e querer que o fabricante concorrente se responsabilize pela garantia do carro comprado? Faz sentido as pessoas se associarem a um tipo de sacerdócio falho, incapaz de salvá-las e aperfeiçoá-las, e ainda assim esperarem que Deus sempre intervenha a favor delas quando o sacerdócio ao qual elas querem ficar sujeitas não lhes atender conforme o desejado?

Portanto, repetindo o que já comentamos nos tópicos anteriores: As diferenças entre o *primeiro* sacerdócio e o *segundo* sacerdócio são gritantes, antagônicas, extremas e sem qualquer possibilidade de conciliação, combinação e parceria, razão pela qual o único caminho para passar a viver associado a outro sacerdócio é deixar um para se associar ao outro.

Nas leis civis no mundo, as vezes ocorre o fato de uma lei condenatória ser parceira de uma lei de absolvição, mas no caso do *primeiro* e do *segundo* sacerdócios isto não se

aplica, pois a oposição de um em relação ao outro não permite que eles sejam mesclados ou combinados.

O *primeiro* e o *segundo* sacerdócios são distintos e não compatíveis já desde a sua constituição e fundamento, conforme já vimos anteriormente.

Optar pelo denominado *primeiro* sacerdócio automaticamente exclui a escolha pelo *segundo*, e vice-versa. A associação a um deles implica, automaticamente, na oposição e rejeição ao outro, pois eles se opõem como a carne e o Espírito se opõem.

Gálatas 5: 17 Porque a carne milita contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne, porque são opostos entre si; para que não façais o que, porventura, seja do vosso querer.

Assim, uma observação que nos parece ser muito pertinente neste ponto e que talvez aflija algumas pessoas é que se alguém aceita a remoção do *primeiro* sacerdócio em concordância com o que Deus fez, ele não está desonrando nem as Escrituras e nem a Deus. Pelo contrário, ele está deixando de resistir ao Senhor quanto ao que não é benéfico para a sua vida para também estar livre para receber aquilo que Deus sempre quis oferecer a cada ser humano.

Cristo não veio para meramente anunciar a imperfeição do velho, revogar o que era imperfeito, remover aquilo que pela prática foi demonstrado ineficiente e que por isto também foi considerado antiquado ou obsoleto pelo Senhor. Cristo não veio meramente tirar aquilo no qual as pessoas confiaram por tantos séculos e deixá-los sem direção, sem rumo ou desassistidos. Cristo veio mostrar a imperfeição dos sistemas no qual as pessoas estavam inseridas no mundo, mas não sem lhes oferecer aquilo que é superior, perfeito e eterno.

Cristo veio em carne ao mundo para cumprir todas as exigências da lei do *primeiro* sacerdócio que eram necessárias para libertar as pessoas do peso do pecado, do corpo do pecado e da lei de Moisés a fim de revogar a condenação que estes aspectos impunham sobre as pessoas, mas Cristo também veio para estabelecer as pessoas na vida de liberdade que elas podem ter no Senhor que as libertou.

Quando Cristo morreu por seus discípulos para libertá-los do “velho homem” e das condições às quais este “velho homem” estava inserido e subjugado, Ele também disse que não os deixaria desamparados ou desassistidos. Pelo contrário, o Senhor disse que sempre estaria com eles através do Espírito Santo que enviaria aos seus corações.

Deus não se intimida de anunciar a necessidade que as pessoas têm de abandonar o que não é benéfico a elas ainda que elas pensem ao contrário, pois o novo que o Senhor oferece é superior, benéfico e visa a verdadeira salvação daqueles que o recebem.

De muitas maneiras e palavras, o Senhor anunciou e anuncia o que precisa ser removido e o que precisa ser estabelecido. Entretanto, devido às implicações cruciais que estas mudanças podem causar na vida de uma pessoa que as aceita ou rejeita, o Senhor nos concedeu todo um livro das Escrituras voltado ao propósito de compreendermos quais são estas mudanças e cujo entendimento é tão vital para a vida das pessoas, a saber: O Livro de Hebreus.

O livro de Hebreus não somente é introduzido com uma narrativa sobre a radical mudança que ocorreu no relacionamento de Deus com as pessoas após a morte e ressurreição de Cristo. Ele também expõe pormenorizadamente quais são as mudanças que ocorreram e quais foram as ações que proporcionaram para que estas mudanças pudessem ser realizadas de forma legítima a fim de que as pessoas também possam ter a certeza de fé e esperança na justiça e na graça do Senhor, se assim o quiserem.

Também através do livro de Hebreus, por exemplo, o Senhor nos permite traçar paralelos entre os caminhos ineficientes quanto ao objetivo de salvar perfeitamente as pessoas em comparação ao caminho que as leva a um relacionamento com o Senhor que de fato seja proveitoso. E isto, para permitir que as pessoas, com entendimento, possam fazer a escolha de qual caminho querem seguir.

A vinda de Cristo em carne ao mundo ou a introdução de uma manifestação viva do reino de Deus através do Senhor Jesus Cristo também pela morte na cruz do Calvário, seguida da sua ressurreição, introduziram um tempo onde Deus passou a mostrar a sua glória de uma maneira completamente nova para a humanidade. Entretanto, Deus não o fez sem revogar a maneira antiga praticada por muitos até a vinda de Cristo ao mundo como o Filho do Homem.

Depois da morte e ressurreição de Cristo dentre os mortos, Deus anunciou explicitamente tanto o exclusivo caminho da salvação e reconciliação das pessoas com Ele como a rejeição a todo e qualquer caminho alternativo que não salva as pessoas de fato para a vida eterna, e isto, para que as pessoas também saibam o que elas são chamadas a rejeitar ou afastar de suas vidas.

Por outro lado, se as pessoas não aceitarem a remoção do que através da obra de Cristo foi considerado obsoleto, elas não somente farão oposição para que o novo estabelecido em Cristo venha a fazer parte de suas vidas, como também não poderão mais ter o sistema antigo com a autorização de Deus como era no deserto e antes da vinda de Cristo em carne ao mundo, pois para Deus, aquele sistema antigo já está antiquado, sem validade e prestes a desaparecer.

A partir da morte e ressurreição de Cristo dentre os mortos, tentar manter a afirmação de validade do *primeiro* sacerdócio passou a ser uma proposição de tentativa de manutenção de um engano, encantamento ou de um tipo de fascinação.

O fato das pessoas não saberem ou não crerem que na glória e no ministério de Cristo também está inserido o “tirar ou revogar a validade” do que Deus declara que foi revogado e daquilo que não condiz com o novo que o Senhor veio “estabelecer”, faz com que as pessoas tentem continuar a viver associadas a algo cuja aprovação já expirou. Tentam viver sob algo que não tem mais legitimidade perante o Senhor, abstendo-se também de alcançar aquilo que realmente tem a aprovação de Deus e verdadeiramente lhes é benéfico.

Além disso, algumas pessoas até sabem que certos permissões e ações já têm sua aprovação expirada, mas por orgulho, interesse ganancioso, por tradição familiar, ou seja lá qual for o intento, não adotam uma postura adequada em relação àquilo que já foi revelado e determinado pelo Senhor e não adotam a atitude que João Batista adotou quando o novo tempo se manifestou diante dele, conforme o texto abaixo:

João 3: 30 Convém que ele cresça e que eu diminua.

31 Quem vem das alturas certamente está acima de todos; quem vem da terra é terreno e fala da terra; quem veio do céu está acima de todos

32 e testifica o que tem visto e ouvido; contudo, ninguém aceita o seu testemunho.

33 Quem, todavia, lhe aceita o testemunho, por sua vez, certifica que Deus é verdadeiro.

Por outro lado, se um indivíduo não tem clareza de que Cristo **é o fim da lei para a justiça de todo aquele que Nele crê**, se ele não conhece o ministério de Cristo que remove o velho para depois estabelecer o novo ou se ele nem sabe a qual lei as Escrituras se referem quando expõem o *primeiro* sacerdócio, como que ele poderá vir a compreender a necessidade se abster daquilo que já é obsoleto e conhecer mais precisamente o novo que o Senhor lhe oferece?

Portanto, sobre este último ponto citado no parágrafo anterior, destacamos mais uma vez a misericórdia de Deus e o chamado dos que já estão no novo sacerdócio para orarem ao Senhor, pedindo que Ele estenda a sua misericórdia a cada ser humano, e para darem testemunho a respeito de Cristo em tempo oportuno:

2 Pedro 3: 9 Não retarda o Senhor a sua promessa, como alguns a julgam demorada; pelo contrário, ele é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento.

1 Timóteo 2: 1 Admoesto-te, pois, antes de tudo, que se façam deprecações (súplicas), orações, intercessões e ações de graças por todos os homens,

2 pelos reis e por todos os que estão em eminência, para que tenhamos uma vida quieta e sossegada, em toda a piedade e honestidade.

3 Porque isto é bom e agradável diante de Deus, nosso Salvador,
4 que quer que todos os homens se salvem e venham ao conhecimento da verdade.

5 Porque há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo, homem,

6 o qual se deu a si mesmo em preço de redenção por todos, para servir de testemunho a seu tempo. (RC)

Concluindo, entendemos que convém ressaltar aqui ainda que a misericórdia de Deus não deve ser confundida com a ideia de que Deus de alguma forma será permissivo ou cúmplice com a opção equivocada das pessoas pelo *primeiro* sacerdócio ou similares a ele, pois embora a misericórdia do Senhor se estenda a salvar os pecadores e aqueles sujeitos às leis de sacerdócios que causam profunda opressão, ela jamais atuará em contradição a justiça do Senhor.

Hebreus 12: 25 Tende cuidado, não recuseis ao que fala. Pois, se não escaparam aqueles que recusaram ouvir quem, divinamente, os

- advertia sobre a terra, muito menos nós, os que nos desviamos daquele que dos céus nos adverte,**
26 aquele, cuja voz abalou, então, a terra; agora, porém, ele promete, dizendo: Ainda uma vez por todas, farei abalar não só a terra, mas também o céu.
27 Ora, esta palavra: Ainda uma vez por todas significa a remoção dessas coisas abaladas, como tinham sido feitas, para que as coisas que não são abaladas permaneçam.
28 Por isso, recebendo nós um reino inabalável, retenhamos a graça, pela qual sirvamos a Deus de modo agradável, com reverência e santo temor;
29 porque o nosso Deus é fogo consumidor.

Conforme visto no início da presente série de estudos, O Evangelho de Deus é a expressão da oferta do novo sacerdócio em consonância com a novidade de vida eterna no Senhor. E para uma oferta ser mantida sob a característica de oferta, ela não pode ser imposta, cabendo ao destinatário da oferta recebê-la ou rejeitá-la.

Assim, no caso do sacerdócio de Cristo, ele nos é oferecido mediante a graça do Senhor, mas também por causa desta graça, o recebimento do novo implica na sequência na necessidade do afastamento do *primeiro* sacerdócio para que um indivíduo seja firmemente estabelecido para sempre somente no novo que do céu lhe é oferecido.

Hebreus 7: 12 **Pois, quando se muda o sacerdócio, necessariamente há também mudança de lei.**

Tito 2: 11 **Porquanto a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens,**
12 educando-nos para que, renegadas a impiedade e as paixões mundanas, vivamos, no presente século, sensata, justa e piedosamente,
13 aguardando a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus,
14 o qual a si mesmo se deu por nós, a fim de remir-nos de toda iniquidade e purificar, para si mesmo, um povo exclusivamente seu, zeloso de boas obras.

E, por sua vez, a maneira para receber o novo sacerdócio oferecido por Deus através do Evangelho, diferente dos cerimoniais complicados do sacerdócio revogado, é muito simples e muito pessoal diante do Senhor, a saber:

Romanos 10: 9 **Se, com a tua boca, confessares Jesus como Senhor e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo.**

Em Cristo, ninguém precisa, e também nem é aceito, que alguém terceirize a sua relação com Deus, porque o próprio Pai quer que todos se relacionem com Ele, com o Senhor Jesus e com o Espírito Santo através de Cristo.

Portanto, deixar para trás o sacerdócio temporal denominado de *primeiro*, ou similares a ele, e escolher a vida sob o senhorio de Cristo é o caminho oferecido por Deus para aqueles que recebem a salvação que do céu lhes é oferecida, mediante a graça do Senhor, para também alcançarem o perfeito sacerdócio para um eterno relacionamento com Deus.

Atos 10: 36 ***Esta é a palavra que Deus enviou aos filhos de Israel, anunciando-lhes o evangelho da paz, por meio de Jesus Cristo. Este é o Senhor de todos.***

Deixar o antigo já anunciado como reprovado por Deus após a ressurreição de Cristo é vital para não retardar o aprofundamento do relacionamento com o novo sacerdócio, o sacerdócio em Cristo, no qual há tantas novidades preciosas e imensuráveis de vida aguardando para serem vividas. Por isto, o Senhor nos enviou o Evangelho, e no qual procuraremos continuar a avançar nos próximos capítulos do presente estudo agora sabendo um pouco mais de que, em Cristo, há toda uma novidade repleta da graça e da bondade de Deus nos aguardando.

C17. A Glória do Mediador da Nova Aliança, e Não da Velha

Embora o título deste novo capítulo e o que pretendemos abordar nele possam aparentar serem inicialmente iguais ao capítulo sobre a Glória de Cristo como o Único Mediador entre Deus e os Homens e a Glória de Cristo como Aquele que Remove o Primeiro e Estabelece o Segundo, o assunto que gostaríamos de expor na sequência tanto é singular como complementa os temas referidos.

Como o Único Mediador entre Deus e os Homens, Cristo tem uma posição geral de mediação entre Deus e todos os seres humanos, fazendo com que tudo seja sustentado e conhecido por Ele, ainda que uma pessoa não reconheça ou não aceite a Cristo em sua vida pessoal, conforme podemos ver nos textos exemplificados mais uma vez abaixo:

- Colossenses 1: 13* **Ele nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do Filho do seu amor,**
14 **no qual temos a redenção, a remissão dos pecados.**
15 **Este (Filho) é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação;**
16 **pois, nele, foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele.**
17 **Ele é antes de todas as coisas. Nele, tudo subsiste.**
18 **Ele é a cabeça do corpo, da igreja. Ele é o princípio, o primogênito de entre os mortos, para em todas as coisas ter a primazia,**
19 **porque aprovou a Deus que, nele, residisse toda a plenitude**
20 **e que, havendo feito a paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele, reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, quer sobre a terra, quer nos céus.**

- Hebreus 1: 1* **Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas,**
2 **nestes últimos dias, nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o universo.**
3 **Ele (Jesus), que é o resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser, sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder, depois de ter feito a purificação dos pecados, assentou-se à direita da Majestade, nas alturas,**
4 **tendo-se tornado tão superior aos anjos quanto herdou mais excelente nome do que eles.**
5 **Pois a qual dos anjos disse jamais: Tu és meu Filho, eu hoje te gerei? E outra vez: Eu lhe serei Pai, e ele me será Filho?**
6 **E, novamente, ao introduzir o Primogênito no mundo, diz: E todos os anjos de Deus o adorem.**
7 **Ainda, quanto aos anjos, diz: Aquele que a seus anjos faz ventos, e a seus ministros, labareda de fogo;**
8 **mas acerca do Filho: O teu trono, ó Deus, é para todo o sempre; e: Cetro de equidade é o cetro do seu reino.**
9 **Amaste a justiça e odiaste a iniquidade; por isso, Deus, o teu Deus, te ungiu com o óleo de alegria como a nenhum dos teus companheiros.**

**10 Ainda: No princípio, Senhor, lançaste os fundamentos da terra, e os céus são obra das tuas mãos;
 11 eles perecerão; tu, porém, permaneces; sim, todos eles envelhecerão qual veste;
 12 também, qual manto, os enrolarás, e, como vestes, serão igualmente mudados; tu, porém, és o mesmo, e os teus anos jamais terão fim.**

Entretanto, quanto a ser Mediador da nova aliança, a posição de Cristo refere-se a uma posição de mediação bem mais específica, a qual, diferente da mediação em geral, refere-se a uma função voltada somente para aqueles que recebem a Cristo em seus corações e os quais querem ao Senhor Jesus como o Mediador desta nova aliança.

De forma similar, quando vimos que é através de Cristo que o primeiro sacerdócio foi removido e o segundo foi estabelecido, vimos a ação de Deus através de Cristo tanto no sentido de Ele ter sido a provisão geral para que todas as pessoas escravizadas à lei do primeiro sacerdócio possam ser resgatadas, bem como Aquele através de quem Deus estabeleceu de forma geral o segundo sacerdócio. Porém, quando vemos a Cristo como o Mediador da nova aliança, podemos ver também a sua posição e atuação para que aquilo que foi feito no geral possa vir a se tornar pessoal para todo aquele que quer ver o primeiro sacerdócio removido e o segundo estabelecido na sua vida pessoal.

Cristo é Aquele através de quem Deus estabeleceu e disponibilizou a todos a provisão geral de salvação e de livramento da escravidão ao pecado e ao primeiro sacerdócio. Entretanto, Cristo também é o Mediador da nova aliança para que as provisões gerais realizadas por Deus e os propósitos advindos delas venham a ser individualizados e sustentados na vida de todos aqueles que os quiserem receber mediante a graça e a fé no Senhor.

Há, por exemplo, uma grande diferença entre uma pessoa encontrar a solução para algum assunto concernente à vida humana ou ela também ser aquela que consiga distribuir e aplicar esta solução para todos aqueles que dela necessitam e que a queiram receber.

Cristo foi o meio para a provisão da solução da salvação dos seres humanos ou a própria provisão para esta salvação. Entretanto, Cristo também é Aquele que realiza a distribuição desta salvação ou o seu estabelecimento na vida de todos aqueles que dela necessitam e que também a querem receber.

Cristo é a provisão de salvação das pessoas da escravidão ao pecado e da escravidão aos sacerdócios que nunca podem levar as pessoas à vida segundo a vontade de Deus. Entretanto, como o Mediador da nova aliança, Cristo também é aquele que providencia o oferecimento da salvação junto a todos e a estende a todos aqueles que a querem receber segundo a graça celestial e a fé em Deus e no próprio Cristo.

Apocalipse 3: 20 **Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele, comigo.**

À medida em que vamos nos aprofundando em conhecer a glória de Cristo, que também é a exata expressão da glória de Deus, começamos a ver a maravilhosa glória do Senhor se estendendo aos mínimos detalhes e mostrando que todos os aspectos tanto da vida natural como da vida espiritual estão completamente abrangidos pelo cuidado e pela regência de Deus sobre todos e sobre tudo nos mais infinitos aspectos.

Ninguém precisa temer crescer no conhecimento mais amplo das múltiplas posições e atuações de Cristo e dos detalhes da ação de Deus a nosso favor. Deus nos mostra a diversidade de aspectos da sua glória para que tenhamos firme confiança de que Nele tudo está previsto e também para que passemos a estar familiarizados com as diversas frentes da atuação do Senhor Jesus a nosso favor. E isto, para que possamos nos dispor cada vez ao seu agir em nós e para que não sejamos achados como aqueles que colocam obstáculos que se opõem ao que Cristo quer realizar em nós e através de nós a cada novo dia.

Quando alguém confia a sua vida ao senhorio de Cristo, o Senhor não toma o controle unilateral desta vida e imputa sobre ela o seu querer. Mesmo tendo sido colocado como o Senhor no coração por opção da pessoa que o fez, Cristo continua atuando em consonância com a concordância de cada pessoa a cada passo que esta vai avançando na vida. E por isto, é tão significativo uma pessoa saber as posições e funções de Cristo em relação a ela para que também saiba decidir ou se posicionar de forma adequada nos mais diversos passos do caminho que Cristo lhe for revelando.

Deus, certamente, sempre estará pronto a nos carregar se chegarmos ao ponto de necessitarmos da sua intervenção desta forma. Porém, de forma geral, as Escrituras nos instruem que Cristo vai adiante daqueles que Nele creem, deixando a decisão final de adotar ou não cada passo sugerido pelo Senhor a cada pessoa a quem o caminho é exposto.

O senhorio de Cristo na vida de uma pessoa não é uma imposição e uma dominação do Senhor em sua vida independentemente do querer de um indivíduo. O senhorio de Cristo é sugestivo, instrutivo e que sustenta plenamente aquele que recebe e segue as instruções do Senhor, mas que não obriga uma pessoa a dar passos que ela não quer seguir, apesar de todos os passos sugeridos pelo Senhor serem para o bem daqueles que o seguem.

O Senhor convida as pessoas a viverem e andarem Nele, e chama cada indivíduo a ser instruído e sustentado na vontade de Deus, mas a decisão de viver e andar em Cristo permanece com cada pessoa que se relaciona com o Senhor.

*Mateus 11: 28 **Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei.***

*29 **Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma.***

*30 **Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve.***

*João 7: 17 **Se alguém quiser fazer a vontade dele, conhecerá a respeito da doutrina, se ela é de Deus ou se eu falo por mim mesmo.***

*Marcos 8: 34 **Então, convocando a multidão e juntamente os seus discípulos, disse-lhes: Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me.***

Por mais glorioso que seja o poder de Cristo e por mais que Ele tenha pleno direito sobre todas as vidas, quer por tê-las criado ou por ter feito a provisão, pelo seu sangue, para salvá-las da escravidão ao pecado e às leis de sacerdócios inadequados, o Senhor deixa que cada pessoa negue a si mesma e siga a Ele através das escolhas diárias que ela faz diante do Senhor, de si própria e do mundo.

Assim, os aspectos comentados nos parágrafos anteriores, são essenciais quando o tema do sacerdócio para com Deus começa a chegar no ponto da aliança que está associada a cada sacerdócio, pois é no ponto da aliança que a questão do acesso e adesão a um sacerdócio, ou a questão da rejeição e não adesão a este sacerdócio, passam a se tornar efetivos e específicos na vida de um indivíduo.

O aspecto da aliança com um sacerdócio é o ponto em que a provisão genericamente realizada e os seus propósitos tornam-se aplicáveis ou não aplicáveis à vida de uma pessoa, dependendo, respectivamente, da adesão à aliança ou da não adesão a ela.

Se, por exemplo, uma pessoa somente ouve falar do segundo sacerdócio e de seus benefícios, mas não faz uma aliança segundo os moldes da aliança deste segundo sacerdócio, ela pode vir a ter inúmeras informações sobre este sacerdócio sem ter parte alguma nele.

Toda a provisão para que uma pessoa possa se vincular ao segundo sacerdócio certamente já necessita ter sido realizada previamente. E, obviamente, que a realização desta provisão é o primeiro e mais importante aspecto para uma pessoa poder ter acesso a este sacerdócio. Entretanto, do ponto de vista estritamente pessoal, o aspecto da aliança é o fator mais crucial para que uma pessoa possa ter acesso ao segundo sacerdócio e aquilo que este oferece à vida daquele que se associa a ele.

A aliança com o segundo sacerdócio é um aspecto tão central que tem levado as pessoas a discuti-lo veemente por séculos e desde o início da manifestação mais específica do reino de Deus aos seres humanos, pois ele é o ponto onde de fato se estabelece a conexão entre um indivíduo específico e a provisão já revelada ao mundo a respeito do segundo sacerdócio ou o sacerdócio disponível em Cristo Jesus.

O Senhor Jesus disse que uma vez que o reino de Deus estivesse disponível entre os seres humanos para ser acessado, todos passariam a se esforçar para entrar nele. Entretanto, isto não significa que todos que tentarem fazê-lo também conseguirão alcançar este objetivo, pois o reino de Deus somente pode ser acessado através da “*nova*” aliança.

*Lucas 16: 16 **A Lei e os Profetas vigoraram até João; desde esse tempo, vem sendo anunciado o evangelho do reino de Deus, e todo homem se esforça por entrar nele.***

*Mateus 7: 13 **Entrai pela porta estreita (larga é a porta, e espaçoso, o caminho que conduz para a perdição, e são muitos os que entram por ela),***

14 porque estreita é a porta, e apertado, o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela.

O fato de alguém estar diante do reino de Deus, e o reino de Deus, em Cristo, inclusive estar batendo à porta de uma pessoa, não significa que um indivíduo por si próprio ou por seu esforço conseguirá entrar neste reino ou que ele conseguirá fazer com que o reino venha a entrar em seu coração, conforme foi exposto mais amplamente no estudo sobre O Evangelho do Reino de Deus e conforme é relembrado no texto exemplificado abaixo:

- João 3: 1 **Havia, entre os fariseus, um homem chamado Nicodemos, um dos principais dos judeus.***
- 2 **Este, de noite, foi ter com Jesus e lhe disse: Rabi, sabemos que és Mestre vindo da parte de Deus; porque ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não estiver com ele.***
- 3 **A isto, respondeu Jesus: Em verdade, em verdade te digo que, se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus.***
- 4 **Perguntou-lhe Nicodemos: Como pode um homem nascer, sendo velho? Pode, porventura, voltar ao ventre materno e nascer segunda vez?***
- 5 **Respondeu Jesus: Em verdade, em verdade te digo: quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus.***
- 6 **O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espírito é espírito.***
- 7 **Não te admires de eu te dizer: importa-vos nascer de novo.***
- 8 **O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito.***
- 9 **Então, lhe perguntou Nicodemos: Como pode suceder isto? Acudiu Jesus:***
- 10 **Tu és mestre em Israel e não compreendes estas coisas?***
- 11 **Em verdade, em verdade te digo que nós dizemos o que sabemos e testificamos o que temos visto; contudo, não aceitais o nosso testemunho.***
- 12 **Se, tratando de coisas terrenas, não me credes, como credeis, se vos falar das celestiais?***
- 13 **Ora, ninguém subiu ao céu, senão aquele que de lá desceu, a saber, o Filho do Homem que está no céu.***
- 14 **E do modo por que Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do Homem seja levantado,***
- 15 **para que todo o que nele crê tenha a vida eterna.***
- 16 **Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.***
-

A entrada no reino de Deus dá-se pelo novo nascimento, mas o novo nascimento, por sua vez, dá-se através da aliança proposta por Cristo, onde o próprio Cristo é o Mediador da nova aliança.

As tentativas das pessoas para entrarem no reino ou receberem o reino em suas vidas têm se multiplicado e diversificado ao longo dos séculos. Entretanto, nenhuma tentativa de realização deste objetivo pode ser estabelecida unilateralmente segundo o

querer dos seres humanos, pois a adesão ao reino celestial somente é feita através da nova aliança e, por isto, ela somente pode ser feita em torno de uma proposição aceita por parte daquele que oferece o reino e não daquele que quer entrar no reino.

Para alguém ser aceito para entrar no reino de Deus ou para o reino celestial ser concedido a uma pessoa, isto não depende, primeiramente, das pessoas, mas Daquele a quem o reino pertence desde o princípio. Apesar das pessoas se empenharem, alguns a todo custo, para tentarem entrar no reino de Deus, ele não pode ser tomado por esforço ou paga de acordo com o que os seres humanos quiserem estabelecer. Aquilo que torna o reino de Deus disponível às pessoas não cabe a elas estabelecerem, mas cabe a ser estabelecido por Aquele que detém a propriedade do reino celestial em suas mãos.

O fato do Senhor ter permitido que as pessoas tivessem algum poder em relação ao seu reino e a Cristo durante o tempo do processo de crucificação do Senhor Jesus, não significa que o Senhor venha a permitir que isto venha a se realizar novamente. Cristo se deu uma única vez para sempre por todos os seres humanos. Porém, após a sua ressurreição, Ele somente se dá a cada indivíduo se este o receber conforme os termos da nova aliança que o reino dos céus passou a estabelecer.

O que estabelece o direito de uma pessoa entrar no reino de Deus e para o reino de Deus estar presente na vida de uma pessoa é uma aliança entre estas duas partes. E no caso do reino de Deus, os termos da aliança para que as pessoas possam se associar voluntariamente ao reino celestial são todos definidos pelo detentor deste reino singular.

Apesar do assunto que pretendemos abordar neste novo capítulo já ter sido exposto sob vários ângulos nos capítulos anteriores e em especial no capítulo que trata a remoção do primeiro sacerdócio e do estabelecimento do segundo, entendemos ser necessário abordá-lo de forma mais específica também pelo ângulo da aliança, pois apesar da aliança ser parte integrante de um sacerdócio, ela também, de certa forma, é uma parte que se interpõe entre aquilo que é pertinente a um sacerdócio e o que não faz parte deste sacerdócio.

Apesar da aliança do sacerdócio ser parte integrante do respectivo sacerdócio, ela exerce uma função à parte que define as fronteiras do sacerdócio e divide o que está ligado a ele ou o que está dissociado do sacerdócio em questão.

A aliança, por exemplo, é como a porta de entrada e saída de uma casa.

E embora a porta de entrada e saída de uma casa seja parte integrante dela, a porta divide o que é a casa e o que ela não é. Ela separa o que faz parte da estrutura da casa e o que não faz parte da casa. Por outro lado, apesar da porta da entrada e saída de uma casa ser parte dela, a porta, em si mesma, também não é toda a casa, somente o ponto que conecta e desconecta alguém da casa e separa o interior e exterior de uma estrutura.

Conhecer o princípio de que a porta da casa faz parte da construção, mas também que ela estabelece as fronteiras ou a separação do que compõe ou do que não compõe a casa, pode nos auxiliar a compreender a multiforme glória de Cristo, onde Ele é a essência do sacerdócio oferecido a nós da parte de Deus, mas onde Ele também é a porta de acesso àquilo que Deus nos oferece mediante o seu amor e a sua eterna graça.

*João 10: 7 **Jesus, pois, lhes afirmou de novo: Em verdade, em verdade vos digo: eu sou a porta das ovelhas.***

Quando vemos os detalhes de um sacerdócio também no que tange à aliança relacionada a ele, podemos observar que a essência do sacerdócio é o que a aliança oferece, mas o sacerdócio não é a própria aliança. A aliança é um instrumento através do qual uma pessoa pode vir a ser associada a tudo o que um sacerdócio oferece, assim como pode impedir o acesso àquilo que é oferecido se uma pessoa não se associar à respectiva aliança.

Assim, compreender a aliança de um sacerdócio conjuntamente com aquilo que é um sacerdócio de forma mais ampla é vital para que haja uma dosagem adequada na abordagem de um sacerdócio e da sua aliança, pois se um indivíduo somente ficar no ato da aliança, ele não verá a essência do que a aliança oferece de fato.

E, por outro lado, se um indivíduo tentar focar somente na essência de um sacerdócio, sem compreender a aliança, ele pode vir a incorrer em somente contemplar partes externas da essência sem tomar parte de fato desta essência.

Nos dias atuais, muito tem sido falado sobre “*A Nova Aliança*”. No entanto, em muitos casos, muitas pessoas têm falado sobre ela sem de fato expor o que está por trás ou o que está associado a esta aliança, e sem instruir as pessoas de que a aliança expressa somente o início de uma nova vida em um novo sacerdócio ao qual uma pessoa passa a se associar mediante a aceitação da aliança a ela oferecida.

Assim como nos dias em que o Senhor estava em carne na Terra, assim muitos atualmente até têm trazido as pessoas até a porta, mas, contudo, sem ensinar as pessoas a entrarem naquilo que está além desta porta ou até agindo para impedi-las de entrarem pela porta, como se uma pessoa pudesse desfrutar do que está dentro de uma casa vivendo somente à porta desta casa ou sem de fato entrar nela.

Mateus 23: 13 Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque fechais o reino dos céus diante dos homens; pois vós não entraís, nem deixais entrar os que estão entrando!

Falando de forma redundante, a aliança é o ponto pelo qual uma oferta concebida para ser concedida a outros é ofertada efetivamente e através da qual a oferta apresentada pode ser de fato recebida e acessada.

De certa forma, a aliança é o passo inicial e a garantia de que uma pessoa pode acessar aquilo que está contido nos termos da aliança.

Assim, no que se refere ao primeiro e segundo sacerdócios, temos para cada um deles os seguintes pontos centrais:

- ⇒ Um sacerdócio; → A lei pertinente a este sacerdócio; → A aliança; → O acesso ao sacerdócio e à sua lei.

Apresentar os elementos que estão envolvidos em uma aliança de sacerdócio, talvez, possa soar estranho a algumas pessoas, mas no mundo, continuamente os seres humanos estão estabelecendo acordos e alianças nas mais diversas áreas, os quais se estendem, por exemplo, aos contratos de serviços, escolas, empregos, aluguéis, assim como se aplicam inclusive às uniões matrimoniais. E em cada um destes itens,

encontram-se grupos de elementos similares aos que compõem uma aliança em torno de um sacerdócio, ainda que o conteúdo associado a cada um deles obviamente seja específico e distinto dos demais tipos de alianças.

Portanto, uma vez que a aliança representa um ponto de acesso àquilo que é proposto através dela e que ela também é o ponto que vincula um indivíduo ao que ele acorda na mesma aliança, podemos observar a diversidade de alianças um pouco mais de perto, o que nos leva a perceber que há níveis variáveis de complexidade e maneiras de uma aliança ser definida e estabelecida entre as partes envolvidas.

As definições das alianças, propriamente ditas, podem variar significativamente de uma para a outra, podendo algumas estarem firmadas em uma grande lista de detalhes, outras em curtos termos, outras através de várias etapas e ainda outras apenas por meio de poucas expressões verbais.

Notemos aqui, então, que aquilo que está definido em uma aliança e como se firma ou realiza a aliança entre as partes são aspectos distintos.

Há, por exemplo, alianças com longos termos escritos e uma quantidade enorme de promessas mútuas, mas cujo estabelecimento entre as partes é realizado somente por uma simples assinatura dos que querem se tornar parte do pacto. Por outro lado, também há alianças cujos termos e promessas são mais curtos, mas cujo estabelecimento entre as partes envolvidas é cercada de várias etapas ou até de vários ritos altamente complicados e intensos.

Quanto ao período de duração de uma aliança ou das consequências de ruptura dela, há alianças que não são extensas e que têm resultados de curtíssimo prazo, e há outras cuja continuidade ou os seus efeitos podem inclusive vir a ter duração eterna.

Há alianças que são para o bem e outras que são para o mal.

No mundo, algumas alianças são mais completas ou mais bem definidas, e há outras que são incompletas, dúbias, falhas ou até escritas com intuito de esconder intenções para enredar outras partes em compromissos que elas nem estão conscientes que estão assumindo.

Algumas alianças podem ser firmadas somente entre duas partes, enquanto outras exigem testemunhas e formalizações diante de pessoas ou órgãos formalmente estabelecidos para o reconhecimento das alianças firmadas, sem o qual as alianças não têm de fato validade.

Em algumas alianças, as partes envolvidas exigem exclusividade um da outra. Enquanto que em outras, os envolvidos em uma aliança específica também estão autorizados a se aliançarem com outras partes ou outros pactos similares livremente.

E, ainda, há outras alianças, pactos ou contratos que chegam a envolver especialistas em avaliações de estabelecimento de acordos ou que inclusive se colocam como mediadores e garantidores dos arranjos que outros intentam estabelecer entre si, quer pela complexidade e amplitude do que está envolvido nos acordos ou pela exigência das partes que pretendem firmar uma aliança.

Apesar da realização de uma aliança, um pacto ou um contrato representar o ponto inicial e introdutório de uma pessoa àquilo que está considerado nos termos do acordo, a adesão a uma aliança também pode representar a adesão a um caminho de edificação e vida ou pode ser a adesão a um caminho de destruição e morte.

Portanto, aderir a uma aliança ou pacto sem conhecer, ao menos, os termos básicos dela e o que sustenta e garante um acordo, é como uma pessoa assinar um contrato sem ter conhecido previamente os seus termos, podendo, por isto, vir a colher, na sequência, uma série de dissabores e por longo tempo, mostrando-nos isto, que a própria efetivação de um aliança também é um tópico distinto, crucial e de grande valia.

A palavra *aliança* ou *pacto* é um termo que necessita ser associado ao conjunto específico ao qual ela faz referência, pois sozinha ela não expressa o que está por trás dela ou tudo aquilo ao qual uma pessoa se associa ao aderir a ela.

Desta forma, quando passamos a ver a glória de Cristo como ***o Mediador da Nova Aliança***, é necessário que vejamos este aspecto de forma bem específica e pontual como ele está declarado e exposto nas Escrituras, mas também sem perder o foco dos outros aspectos que vimos sobre Cristo e sobre aquilo que está por traz desta aliança ou associada a ela.

Quando as Escrituras declaram que Cristo é ***o Mediador da Nova Aliança***, elas nos informam objetivamente a respeito de muito mais aspectos do que a maioria das pessoas sequer pensa que estão envolvidos nesta declaração.

A começar pela própria expressão ***o Mediador da Nova Aliança***, podemos passar a saber que a aliança que Deus oferece através de Cristo é o tipo de aliança que somente pode ser realizada através de um “mediador”, não podendo ser realizada sem passar por Cristo. Reafirmando, assim, que aquilo que já foi declarado como referencial para o estabelecimento da reconciliação e comunhão das pessoas com Deus também se aplica ao contexto da ***Nova Aliança***, conforme texto exposto mais uma vez abaixo:

1 Timóteo 2: 5 Porquanto há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem, 6 o qual a si mesmo se deu em resgate por todos: testemunho que se deve prestar em tempos oportunos.

E um segundo aspecto explicitamente expresso na declaração de que Cristo é ***o Mediador da Nova Aliança*** e que gostaríamos de voltar a destacar aqui, é que Cristo é o Mediador da ***Nova Aliança*** e não o mediador da ***Antiga ou Primeira Aliança***, conforme apresentado nos textos que exemplificamos a seguir:

Hebreus 8: 6 Agora, com efeito, obteve Jesus ministério tanto mais excelente, quanto é ele também Mediador de superior aliança instituída com base em superiores promessas.

Hebreus 9: 15 Por isso mesmo, ele é o Mediador da nova aliança, a fim de que, intervindo a morte para remissão das transgressões que havia sob a primeira aliança, recebam a promessa da eterna herança aqueles que têm sido chamados.

*Hebreus 12: 18 **Ora, não tendes chegado ao monte palpável e ardente, e à escuridão, e às trevas, e à tempestade, ...***
*21 **Na verdade, de tal modo era horrível o espetáculo, que Moisés disse: Sinto-me aterrado e trêmulo!***
*22(a), 24 **Mas tendes chegado ... a Jesus, o Mediador da nova aliança, e ao sangue da aspersão que fala coisas superiores ao que fala o próprio Abel. (RC+RA)***

É interessante observamos que aquilo que é explícito às vezes não é aceito como evidente pelos seres humanos, especialmente quando isto lhes parece difícil de ser compreendido ou quando não é do seu agrado.

Por isto, também é necessário ressaltar inúmeras vezes que Cristo não veio ao mundo para mediar as pessoas para se associaram, através de uma aliança, com o primeiro sacerdócio, o qual também é chamado pelos nomes de primeira aliança ou de antiga aliança.

Cristo não veio ao mundo para propor e realizar a associação daqueles que ainda não estavam associados com o primeiro sacerdócio a este mesmo primeiro sacerdócio.

Em outras palavras, Cristo não veio para associar os chamados de pagãos, gentios, gregos, bárbaros ou os outros povos da Terra que não eram hebreus, à aliança do primeiro sacerdócio, à aliança do povo de Israel feita sob os moldes do sacerdócio e da lei associados à Moisés e ao pacto feito depois que o povo saiu do Egito.

Cristo não foi revelado ao mundo para que os incircuncisos, não associados ou “não aliançados” ao sacerdócio de acordo com Moisés fossem ensinados sobre o primeiro sacerdócio ou circundados para se tornarem parte da aliança mediada por Moisés com o povo que foi liberto do domínio do Egito.

O que estamos procurando dizer acima é de uma necessidade ou significado de valor indescritível, pois ao longo dos séculos, aqueles que estão associados à velha aliança e a um sacerdócio já revogado por Deus através de Cristo, ou aqueles que querem sustentar ao menos algumas partes deste velho sacerdócio, têm tentado, das formas mais variadas, produzir um tipo de conceito que transmita a ideia de que o primeiro sacerdócio ainda continua em pé e com validade diante de Deus.

Se não é pelo fato de apresentarem a proposição direta de que o primeiro sacerdócio ainda continua válido perante o Senhor, as pessoas e instituições, referidas no parágrafo anterior, tentam de alguma forma maquiagem a revogação do primeiro sacerdócio expressando com sutileza, por exemplo, que Cristo não veio de fato revogar o primeiro sacerdócio, mas que o Senhor Jesus, segundo a proposição deles, veio conceder o “Espírito do Senhor” para que, então, as pessoas supostamente pudessem passar a ter força para cumprir a lei de Moisés, força que elas não tinham antes da vinda de Cristo ao mundo.

Ora, se Cristo veio conceder o Espírito do Senhor para que as pessoas pudessem se associar ao primeiro e obsoleto sacerdócio ou com algumas partes deste ultrapassado sacerdócio, Cristo não seria de fato um “mediador de uma nova aliança para algo novo e para a novidade de vida”, mas “o mediador de uma nova aliança para um velho e mesmo sacerdócio que não poderia jamais conduzir as pessoas a

experimentarem a verdadeira novidade de vida enquanto estivessem debaixo deste velho sacerdócio”.

Assim, o exposto acima mostra mais uma razão pela qual é tão necessário conhecer com mais detalhes que Cristo veio *remover o velho ou o primeiro e estabelecer o novo ou o segundo*, e saber da total incompatibilidade entre os dois, pois estes pontos evidenciam que Cristo jamais veio ao mundo para revelar uma nova capacidade às pessoas para elas, então, passarem a estar fortalecidas de algo novo para cumprir o velho que nunca haviam conseguido cumprir.

Algumas pessoas dizem que Cristo não veio ao mundo remover a lei de Moisés, mas que Ele veio tirar a “literalidade da lei de Moisés” para que o “espírito da lei de Moisés” seja seguido mediante a força do “Espírito de Deus”, mas como explicar, então, os seguintes textos que também já citamos anteriormente?

*Romanos 10: 4 **Porque o fim da lei é Cristo, para justiça de todo aquele que crê.***

*Romanos 7: 6 **Agora, porém, libertados da lei, estamos mortos para aquilo a que estávamos sujeitos, de modo que servimos em novidade de espírito e não na caducidade da letra.***

*Romanos 3: 19 **Ora, sabemos que tudo o que a lei diz, aos que vivem na lei o diz para que se cale toda boca, e todo o mundo seja culpável perante Deus,***
*20 **visto que ninguém será justificado diante dele por obras da lei, em razão de que pela lei vem o pleno conhecimento do pecado.***

*Romanos 6: 14 **Porque o pecado não terá domínio sobre vós; pois não estais debaixo da lei, e sim da graça.***

Estar debaixo da lei do primeiro sacerdócio ou estar debaixo do pecado, em certo sentido, são expressões similares. Estar debaixo da lei do primeiro sacerdócio ou estar debaixo do pecado somente são variações de condições ou posturas que levaram as pessoas a estarem sujeitas a um jugo similar de condenação e do qual ninguém consegue sair ou ser liberto a não ser pela misericórdia e pela salvação provida por Deus que somente há no novo sacerdócio.

Se Cristo tivesse vindo ao mundo para revelar e oferecer uma nova maneira das pessoas se associarem ao velho, isto seria uma duplicidade do que já era feito sob a aliança de Moisés e representaria um desperdício do esforço de Cristo para as pessoas alcançarem o mesmo que já podiam acessar através da primeira ou antiga aliança.

*Gálatas 2: 21 **Não anulo a graça de Deus; pois, se a justiça é mediante a lei, segue-se que morreu Cristo em vão.***

Ainda outro pensamento distorcido que muitas pessoas têm procurado suscitar e sustentar ao longo dos séculos, após a vinda de Cristo em carne ao mundo, é a alegação que Cristo veio oferecer uma “nova aliança” para um “novo sacerdócio”, mas somente para aqueles que ainda não tiveram a oportunidade de se associarem com o “primeiro ou velho sacerdócio”.

Ora, se o primeiro sacerdócio foi declarado obsoleto e Deus enviou a Cristo para salvar a todas as pessoas do pecado, e não somente aqueles que não estavam associados ao primeiro sacerdócio, pois os sujeitos ao velho sacerdócio igualmente estavam debaixo do jugo do pecado, não faz sentido algum, em face da obra de Cristo, dizer que o Senhor não quer resgatar as pessoas sujeitas ao primeiro sacerdócio ou que Ele quer deixá-las à sorte do antigo sacerdócio que não pode salvar ninguém e somente acentua a condenação daqueles que lhe estão sujeitos.

Deus permitiu que pessoas vivessem sem qualquer associação ao primeiro sacerdócio, e Deus também deixou que pessoas se associassem ao primeiro sacerdócio. E isto, para mostrar que tanto aquele que estava sem lei como aquele que estava debaixo do primeiro sacerdócio necessitavam e igualmente continuam a necessitar da salvação e do sacerdócio que do céu lhes é oferecido, o qual não é de acordo com um mandamento estabelecido a partir de motivações e anelos carnis, conforme vimos no capítulo anterior e conforme exemplificamos mais uma vez através dos textos a seguir:

Gálatas 3: 10 Todos quantos, pois, são das obras da lei estão debaixo de maldição; porque está escrito: Maldito todo aquele que não permanece em todas as coisas escritas no Livro da lei, para praticá-las.

Romanos 4: 9 Vem, pois, esta bem-aventurança exclusivamente sobre os circuncisos ou também sobre os incircuncisos? Visto que dizemos: a fé foi imputada a Abraão para justiça.

10 Como, pois, lhe foi atribuída? Estando ele já circuncidado ou ainda incircunciso? Não no regime da circuncisão, e sim quando incircunciso.

11 E recebeu o sinal da circuncisão como selo da justiça da fé que teve quando ainda incircunciso; para vir a ser o pai de todos os que creem, embora não circuncidados, a fim de que lhes fosse imputada a justiça,

12 e pai da circuncisão, isto é, daqueles que não são apenas circuncisos, mas também andam nas pisadas da fé que teve Abraão, nosso pai, antes de ser circuncidado.

13 Não foi por intermédio da lei que a Abraão ou a sua descendência coube a promessa de ser herdeiro do mundo, e sim mediante a justiça da fé.

Romanos 11: 30 Porque assim como vós também, outrora, fostes desobedientes a Deus, mas, agora, alcançastes misericórdia, à vista da desobediência deles,

31 assim também estes, agora, foram desobedientes, para que, igualmente, eles alcancem misericórdia, à vista da que vos foi concedida.

32 *Porque Deus a todos encerrou na desobediência, a fim de usar de misericórdia para com todos.*

Romanos 3: 23 ***Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus,***
24 *sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a*
redenção que há em Cristo Jesus,
25 *a quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante*
a fé, para manifestar a sua justiça, por ter Deus, na sua tolerância,
deixado impunes os pecados anteriormente cometidos;
26 *tendo em vista a manifestação da sua justiça no tempo presente,*
para ele mesmo ser justo e o justificador daquele que tem fé em
Jesus.
27 *Onde, pois, a jactância? Foi de todo excluída. Por que lei? Das*
obras? Não; pelo contrário, pela lei da fé.
28 *Concluimos, pois, que o homem é justificado pela fé,*
independentemente das obras da lei.
29 *É, porventura, Deus somente dos judeus? Não o é também dos*
gentios? Sim, também dos gentios,
30 *visto que Deus é um só, o qual justificará, por fé, o circunciso e,*
mediante a fé, o incircunciso.

Cristo é o Mediador da nova aliança exatamente porque a nova aliança de um novo tipo de sacerdócio vem para salvar a todos para o novo e livrá-los do velho, quer tenham estado associados ao primeiro e obsoleto sacerdócio ou quer não tenham nem conhecido este primeiro sacerdócio.

O Senhor Jesus é o Mediador da nova aliança precisamente porque aquilo que a aliança que Ele apresenta e oferece também é completamente novo e para todo e qualquer ser humano, independentemente do credo ou de qualquer aliança com a qual uma pessoa tenha se associado antes de conhecer a Cristo.

Como o Mediador das pessoas somente para a nova aliança, o Senhor Jesus só media as pessoas para esta nova aliança. E por mais que isto seja tão óbvio ou explícito, muitas pessoas ainda insistem em contrariar esta verdade tão explicitamente declarada nas Escrituras já desde as promessas declaradas à Abraão e também anunciadas pelo próprio Moisés, por Davi e tantos outros profetas.

Intentar dizer que Cristo iria se dispor a mediar as pessoas para um relacionamento com um sacerdócio caduco é tentar alegar que Cristo iria mediar pessoas com aquilo do qual ele veio salvar as pessoas, o que é um disparate e um absurdo contra toda a ação de Deus através do Senhor Jesus Cristo em favor de todos os seres humanos.

A glória de Cristo como o Mediador da nova aliança é perfeita precisamente também por Ele não ser um mediador de uma aliança que jamais poderia prover a verdadeira novidade de vida tão necessária à cada ser humano como era a aliança na qual Moisés fora o mediador no Sinai.

Hebreus 8: 6 ***Agora, com efeito, obteve Jesus ministério tanto mais excelente, quanto é ele também Mediador de superior aliança instituída com base em superiores promessas.***

- 2 Coríntios 3: 7 ***E, se o ministério da morte, gravado com letras em pedras, se revestiu de glória, a ponto de os filhos de Israel não poderem fitar a face de Moisés, por causa da glória do seu rosto, ainda que desvanecente,***
- 8 ***como não será de maior glória o ministério do Espírito!***
- 9 ***Porque, se o ministério da condenação foi glória, em muito maior proporção será glorioso o ministério da justiça.***
- 10 ***Porquanto, na verdade, o que, outrora, foi glorificado, neste respeito, já não resplandece, diante da atual sobreexcelente glória.***
- 11 ***Porque, se o que se desvanecia teve sua glória, muito mais glória tem o que é permanente.***

- Atos 13: 32 ***Nós vos anunciamos o evangelho da promessa feita a nossos pais,***
- 33 ***como Deus a cumpriu plenamente a nós, seus filhos, ressuscitando a Jesus, como também está escrito no Salmo segundo: Tu és meu Filho, eu, hoje, te gerei.***
- 34 ***E, que Deus o ressuscitou dentre os mortos para que jamais voltasse à corrupção, desta maneira o disse: E cumprirei a vosso favor as santas e fiéis promessas feitas a Davi.***
- 35 ***Por isso, também diz em outro Salmo: Não permitirás que o teu Santo veja corrupção.***
- 36 ***Porque, na verdade, tendo Davi servido à sua própria geração, conforme o desígnio de Deus, adormeceu, foi para junto de seus pais e viu corrupção.***
- 37 ***Porém aquele a quem Deus ressuscitou não viu corrupção.***
- 38 ***Tomai, pois, irmãos, conhecimento de que se vos anuncia remissão de pecados por intermédio deste;***
- 39 ***e, por meio dele, todo o que crê é justificado de todas as coisas das quais vós não pudestes ser justificados pela lei de Moisés.***
-

Quando vemos a questão da nova aliança também quanto ao novo que está associado àquilo que a nova aliança torna disponível àqueles que se associam a ela, e não somente a aliança como um item isolado, podemos ver de uma forma ainda muito mais enaltecida e sublime o que Cristo fez quando veio em carne ao mundo para que “o primeiro fosse removido” e para que “o segundo fosse estabelecido”.

- Hebreus 7: 9 ***Então, acrescentou: Eis aqui estou para fazer, ó Deus, a tua vontade. Remove o primeiro para estabelecer o segundo.***
- 10 ***Nessa vontade é que temos sido santificados, mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo, uma vez por todas.***

- 2 Coríntios 5: 17 ***E, assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas.***
-

Portanto, alcançar a reconciliação ou entrar em associação com Deus através Cristo como **o Mediador da nova aliança** é passar a estar em Cristo, o próprio Mediador, onde o primeiro e antigo sacerdócio se torna passado e em quem a novidade de vida do segundo sacerdócio nos é de direito através da nova aliança.

*Romanos 6: 4 **Fomos, pois, sepultados com ele na morte pelo batismo; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida.***

A nova aliança, mediada por Cristo, é exclusiva. É uma aliança que liberta as pessoas da sujeição ao pecado em geral, mas também do que é do primeiro sacerdócio para que as pessoas possam ser firmadas em bases justas e inabaláveis que o próprio Senhor estabeleceu e na qual nenhuma justiça (ou na realidade injustiça) do primeiro sacerdócio é aceita.

*Romanos 3: 20 **Visto que ninguém será justificado diante dele por obras da lei, em razão de que pela lei vem o pleno conhecimento do pecado.***

...
28 Concluimos, pois, que o homem é justificado pela fé, independentemente das obras da lei.

Apesar de muitos alegarem que há caminhos distintos para uma pessoa estabelecer a comunhão com Deus, as Escrituras em geral e as palavras de Cristo nos mostram que isto somente é possível através do eterno e exclusivo Mediador e por meio da única aliança que Ele media, não havendo qualquer outra alternativa para que um sacerdócio seja reconhecido e aceito perante o Senhor.

Ressaltamos isso repetidamente porque, especialmente em relação à nova aliança, muitos ensinamentos no mundo têm externado algumas considerações equivocadas que podem levar as pessoas a pensarem que a antiga aliança e a nova aliança, no final das contas, poderiam ser mescladas ou até que a segunda aliança é uma continuidade e um aperfeiçoamento da primeira, o que, de fato, não é o caso.

Quando vemos que as alianças referenciadas no parágrafo anterior são as expressões de adesão a um tipo de sacerdócio, mais especificamente ao primeiro ou ao segundo sacerdócios, e que o primeiro e o segundo sacerdócios são efetivamente opostos e não compatibilizáveis, podemos ver que também a primeira e a segunda alianças referem-se respectivamente a aspectos que não são meramente distintos, mas antagônicas e não conciliáveis sob nenhuma hipótese.

Reconhecer a posição oposta entre alianças divergentes pode representar um aspecto crucial para as pessoas, pois a opção de um indivíduo por uma aliança que contraria a aliança única, singular, gloriosa, perfeita e exclusiva que Cristo oferece pode dissociá-lo da aliança de vida, da graça e da misericórdia infundáveis que há somente no segundo sacerdócio, na lei de Cristo e na nova aliança.

Tudo aquilo que Deus nos oferece no sacerdócio e na aliança em que Cristo é o Único Mediador é o que igualmente também nos é oferecido através do Evangelho do Senhor. Entretanto, tudo aquilo que o Evangelho nos oferece também pode se tornar nulo para uma pessoa se ela não optar pela nova aliança em Cristo ou se ela quiser a aliança de Cristo, mas não de forma exclusiva.

Devido ao fato da nova aliança ser exclusiva em relação às demais alianças sacerdotais, e lembrando que circuncisão é também um tipo de figura de uma associação de pessoa a uma aliança e o respectivo sacerdócio, entendemos que convém ressaltar mais uma vez o texto que já foi mencionado várias vezes no presente estudo:

Gálatas 5: 1 Estai, pois, firmes na liberdade com que Cristo nos libertou e não torneis a meter-vos debaixo do jugo da servidão.

2 Eu, Paulo, vos digo que, se vos deixardes circuncidar, Cristo de nada vos aproveitará.

3 De novo, testifico a todo homem que se deixa circuncidar que está obrigado a guardar toda a lei.

4 De Cristo vos desligastes, vós que procurais justificar-vos na lei; da graça decaístes.

5 Porque nós, pelo Espírito, aguardamos a esperança da justiça que provém da fé.

6 Porque, em Cristo Jesus, nem a circuncisão, nem a incircuncisão têm valor algum, mas a fé que atua pelo amor.

7 Vós corréis bem; quem vos impediu de continuardes a obedecer à verdade?

8 Esta persuasão não vem daquele que vos chama.

9 Um pouco de fermento leveda toda a massa.

10 Confio de vós, no Senhor, que não alimentareis nenhum outro sentimento; mas aquele que vos perturba, seja ele quem for, sofrerá a condenação.

11 Eu, porém, irmãos, se ainda prego a circuncisão, por que continuo sendo perseguido? Logo, está desfeito o escândalo da cruz. (RC+RA)

Quando Deus intentou introduzir a Cristo como a pedra espiritual de quem flui os rios de água vida ou como o Anjo que iria à frente do povo no deserto e em Canaã, Cristo não foi aceito desta forma e passou a seguir as pessoas em vez de ir à sua frente. E isto o Senhor fez por séculos.

Entretanto, ao se cumprir a plenitude do tempo ou o tempo oportuno perante Deus para que uma mudança profunda ocorresse, o velho sacerdócio ou a velha proposição de relacionamento com Deus perdeu totalmente o seu lugar perante o Senhor, dando espaço precisamente Àquele que por tanto tempo havia sido rejeitado ou negligenciado.

Salmos 118: 22 A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular;

23 isto procede do SENHOR e é maravilhoso aos nossos olhos.

24 Este é o dia que o SENHOR fez; regozijemo-nos e alegremo-nos nele.

1 Pedro 2: 7 Para vós outros, portanto, os que credes, é a preciosidade; mas, para os descrentes, A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular

8 e: Pedra de tropeço e rocha de ofensa. São estes os que tropeçam na palavra, sendo desobedientes, para o que também foram postos.

9 Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz;
10 vós, sim, que, antes, não éreis povo, mas, agora, sois povo de Deus, que não tínheis alcançado misericórdia, mas, agora, alcançastes misericórdia.

Romanos 9: 33 **Como está escrito: Eis que ponho em Sião uma pedra de tropeço e rocha de escândalo, e aquele que nela crê não será confundido.**

+

Romanos 10: 9 **Se, com a tua boca, confessares Jesus como Senhor e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo.**

10 Porque com o coração se crê para justiça e com a boca se confessa a respeito da salvação.

11 Porquanto a Escritura diz: Todo aquele que nele crê não será confundido.

12 Pois não há distinção entre judeu e grego, uma vez que o mesmo é o Senhor de todos, rico para com todos os que o invocam.

13 Porque: Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.

Por fim, neste capítulo, observando novamente os últimos textos citados acima, gostaríamos ainda de ressaltar que Cristo é, da parte de Deus, o garantidor da nova aliança que nos associa ao segundo sacerdócio ou ao sacerdócio segundo Cristo, e não segundo a lei de Moisés ou de um mandamento carnal.

E uma vez que através de Cristo, Deus já estabeleceu a remoção do velho modelo de sacerdócio, o Senhor não tem mais qualquer compromisso com este sacerdócio, ao ponto de que se alguém que já se associou à nova aliança voltar a se associar ao velho sacerdócio ou similar a ele, este indivíduo também se coloca sob a condição de se desligar de Cristo ou se dissociar do sacerdócio que é estabelecido sob a graça celestial.

Assim, talvez até por excessivo cuidado, mas devido ao conflito que tem sido gerado em torno deste tema, gostaríamos de reiterar mais uma vez que:

- ⇒ 1) O Senhor Jesus jamais morreu na cruz para que as pessoas recebessem força especial para praticarem a lei de Moisés, pois Cristo veio para remover a validade desta lei e prover libertação às pessoas do jugo pesado da antiga lei;
- ⇒ 2) O Senhor Jesus Cristo não foi, não é, e nunca será um mediador das pessoas para com a velha aliança, o primeiro ou antigo sacerdócio, com a lei de Moisés ou com qualquer aspecto similar a estes ou de alguma de suas partes;
- ⇒ 3) O Senhor Jesus nunca foi, não é, e jamais será mediador das pessoas para com a velha aliança, o velho e obsoleto sacerdócio, e com a lei de Moisés, sendo isto válido para todas as pessoas do mundo ou para todas as pessoas figuradas ou denominadas nas Escrituras tanto de “judeu” como “grego” (ou gentio).

Por outro lado, aquele que se associa a Cristo e permanece voluntariamente optando no seu coração pela associação à nova aliança também tem a garantia do Senhor de que

ele será sustentado para sempre nesta nova aliança, ainda que oposições ou rejeições possam vir a se levantar contra ele precisamente por estar associado a Cristo na única e nova aliança aceitável diante do Senhor.

Conforme também já vimos anteriormente, Cristo é o firme fundamento de todo aquele que se associa a Deus através da nova aliança. Cristo é a rocha inabalável que sustenta o sacerdócio segundo a vontade de Deus. Cristo é o que instrui e ensina aqueles que se associam a Deus através Dele em tudo o que necessário para a plena e eterna salvação.

- Hebreus 7: 12 **Pois, quando se muda o sacerdócio, necessariamente há também mudança de lei.***
- 13 **Porque aquele de quem são ditas estas coisas pertence a outra tribo, da qual ninguém prestou serviço ao altar;***
- 14 **pois é evidente que nosso Senhor procedeu de Judá, tribo à qual Moisés nunca atribuiu sacerdotes.***
- 15 **E isto é ainda muito mais evidente, quando, à semelhança de Melquisedeque, se levanta outro sacerdote,***
- 16 **constituído não conforme a lei de mandamento carnal, mas segundo o poder de vida indissolúvel.***
- 17 **Porquanto se testifica: Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque.***
- 18 **Portanto, por um lado, se revoga a anterior ordenança, por causa de sua fraqueza e inutilidade***
- 19 **(pois a lei nunca aperfeiçoou coisa alguma), e, por outro lado, se introduz esperança superior, pela qual nos chegamos a Deus.***
- 20 **E, visto que não é sem prestar juramento (porque aqueles, sem juramento, são feitos sacerdotes,***
- 21 **mas este, com juramento, por aquele que lhe disse: O Senhor jurou e não se arrependerá: Tu és sacerdote para sempre);***
- 22 **por isso mesmo, Jesus se tem tornado fiador de superior aliança.***
- 23 **Ora, aqueles são feitos sacerdotes em maior número, porque são impedidos pela morte de continuar;***
- 24 **este, no entanto, porque continua para sempre, tem o seu sacerdócio imutável.***
- 25 **Por isso, também pode salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles.***
-

Através da mediação que Cristo nos oferece para a nova aliança, e não para a velha, o Senhor Jesus nos oferece para estarmos Nele, porque também Ele é o fiador ou garantidor em quem a Nova Aliança permanece para sempre ou jamais pode ser abalada.

Mediante a fé em Cristo, como sendo Ele o enviado por Deus para a nossa redenção da velha aliança ou da sujeição ao jugo pecado, podemos vir a vivenciar que Cristo nos resgata, nos introduz à nova aliança, nos auxilia e media em tudo que nos é necessário para a reconciliação e comunhão com Deus e com o seu reino, e, por fim, que Cristo ainda nos sustenta para que possamos desfrutar eternamente das preciosas condições e dádivas que estão associadas ao Evangelho e estão exclusivamente associadas à nova aliança.

- Romanos 8: 31* **Que diremos, pois, à vista destas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós?**
- 32** *Aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura, não nos dará graciosamente com ele todas as coisas?*
- 33** *Quem intentará acusação contra os eleitos de Deus? É Deus quem os justifica.*
- 34** *Quem os condenará? É Cristo Jesus quem morreu ou, antes, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus e também intercede por nós.*
- 35** *Quem nos separará do amor de Cristo? Será tribulação, ou angústia, ou perseguição, ou fome, ou nudez, ou perigo, ou espada?*
- 36** *Como está escrito: Por amor de ti, somos entregues à morte o dia todo, fomos considerados como ovelhas para o matadouro.*
- 37** *Em todas estas coisas, porém, somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou.*
- 38** *Porque eu estou bem certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas do presente, nem do porvir, nem os poderes,*
- 39** *nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor.*
-

Sejam o Pai Celestial e Cristo exaltados pela Eterna Glória que nos é manifesta tão abundantemente através da glória de Deus na face de Cristo também como o nosso eterno e inabalável **Mediador da Nova Aliança**, e associado à qual ainda há tanto a ser conhecido e vivido.

Hebreus 8: 6 **Agora, com efeito, obteve Jesus ministério tanto mais excelente, quanto é ele também Mediador de superior aliança instituída com base em superiores promessas.**

C18. Proposições Apregoadas como Nova Aliança, mas que na Realidade Tem por Base as Motivações da Velha Aliança

A. O Papel das Motivações na Inclinação para os Aspectos Similares aos Associados à Velha Aliança

Dando sequência ainda ao aspecto abordado no capítulo anterior de que Cristo é o Mediador da nova aliança e não da velha, entendemos ser necessário nos atermos ainda um pouco mais neste tema, pois, além do fato de muitas pessoas procurarem alegar que Cristo veio oferecer uma nova aliança como uma renovada capacidade para viver a velha aliança, também há muitos que alegam crer que Cristo veio oferecer uma nova aliança para uma nova condição, e não a velha, mas que, na questão prática das suas proposições, acabam se inclinando para tentar associar a vida cristã a alguns dos aspectos da velha aliança.

Portanto, aqueles que alegam crer em Cristo como o enviado de Deus para a sua salvação, mas que não se conformam ao fato de que, após a crucificação de Cristo, Deus já estabeleceu a revogação ou remoção completa de qualquer condição válida do primeiro sacerdócio, da lei de Moisés e da antiga aliança, de uma outra de outra forma persistem em procurar alternativas para que os referidos aspectos antigos e obsoletos, ou partes deles, possam ser mantidos ativos em suas vidas.

Quer pela alegação de que Cristo trouxe uma nova aliança para viver o antigo ou pela alegação de que de fato Cristo veio prover nova aliança e novidade de vida, mas sem isto implicar na necessidade de um afastamento total dos aspectos da velha aliança, há muitas pessoas no mundo que não querem se conformar àquilo que Deus declarou estabelecido a partir da crucificação, sepultamento e ressurreição de Cristo, assim como da sua ascensão ao céu para se assentar à direita do trono do Pai Celestial.

E aqui entendemos ser oportuno abrir um espaço para perguntar por que tantas pessoas ainda insistem nos aspectos inerentes à velha aliança se Deus já se manifestou tão objetivamente e explicitamente quanto à condição obsoleta do primeiro sacerdócio, da sua lei e da sua aliança?

Considerando que Deus, através de Cristo, já expressou com tanta clareza e firmeza que Cristo não veio fortalecer as pessoas para tentarem viver novamente aquilo do qual Cristo veio libertá-las, por que as pessoas ainda insistem em tentar manter aquilo ou parte daquilo que atua para escravizá-las?

Tendo em mente que Cristo é o fim da lei para a justiça de todo aquele que Nele crê e que através de Cristo foi cancelado todo o escrito espiritual de dívida que era contrário às pessoas tanto por causa do pecado como por causa da velha aliança, por que, então, as pessoas insistem em querer aspectos da velha aliança ou similares a eles?

Se a intervenção de Cristo em favor dos seres humanos através da sua morte na cruz do Calvário e pelo oferecimento da nova aliança significa a tão necessária oportunidade para receberem a libertação da sujeição ao pecado acentuado pela lei da velha aliança, por que as pessoas ainda se sentem tão atraídas a ter vínculo com aquilo do qual foram libertas e que somente objetiva mantê-las sob o pesado jugo da “letra que mata”?

Assim, visando responder ao menos uma parte significativa das questões acima expostas, entendemos ser crucial abordar o tema da nova aliança e da antiga aliança não somente do ponto de vista dos fatos em si que ocorreram ao longo da história, mas

também sob uma ótica mais detalhada sobre as motivações pelas quais as pessoas se associaram ao primeiro sacerdócio e através das quais, de alguma forma, continuam tentando associar a vida cristã a aspectos da velha aliança e da sua lei.

Considerando que as Escrituras explicitamente ensinam que o primeiro e o segundo sacerdócios são incompatíveis já desde seus aspectos fundamentais e de que, perante o Senhor, o primeiro sacerdócio já está considerado como obsoleto e revogado mediante a obra de Cristo na cruz do Calvário, pode parecer que o mais razoável ou até óbvio seria que as pessoas não mais insistissem em carregar a bandeira do primeiro sacerdócio, partes dele ou de sacerdócios similares a ele. No entanto, este não é o caso pelo fato de que a remoção do primeiro não implica necessariamente na remoção das motivações dos seres humanos que os levaram a anelar pela primeira aliança.

A despeito de Deus já ter permitido o mundo vir a conhecer de forma prática a fraqueza e a inutilidade do primeiro sacerdócio, da lei de Moisés e da antiga aliança, as pessoas resistem em se apartar deste tipo de sacerdócio ou partes deles não necessariamente por que lhes falta a devida informação a respeito do que o Senhor já fez, mas porque deixam as suas motivações falarem mais alto do que aquilo que Deus já revelou amplamente e explicitamente ao mundo.

Convém ressaltar aqui, então, que através da revelação dos fatos históricos da instauração do primeiro sacerdócio, da sua remoção através e a partir da obra de Deus em Cristo Jesus na cruz do Calvário e da declaração explícita da fraqueza e da inutilidade do primeiro sacerdócio, o Senhor não tem chamado a nossa atenção meramente aos fatos históricos em si, mas para que através dos fatos tenhamos o coração instruído sobre aquilo que motivou os fatos e cujas motivações continuam a estar presentes nos corações dos seres humanos inclusive depois da remoção do primeiro sacerdócio.

Quando relembremos que o primeiro sacerdócio originou a partir de uma atração por um mandamento carnal e que Deus descreveu a associação a ele como a escolha das pessoas pelos seus próprios caminhos em vez da maneira pela qual o Senhor queria instruí-las, vemos que os aspectos acentuados por Deus nos anos e séculos que se seguiram ao estabelecimento da velha aliança passaram a ter o seu destaque primordialmente direcionados àquilo que estava no coração das pessoas ou àquilo que as motivou a se inclinarem para os tipos de aspectos associados à primeira aliança.

Jeremias 7: 22 **Porque nada falei a vossos pais, no dia em que os tirei da terra do Egito, nem lhes ordenei coisa alguma acerca de holocaustos ou sacrifícios.**

23 **Mas isto lhes ordenei, dizendo: Dai ouvidos à minha voz, e eu serei o vosso Deus, e vós sereis o meu povo; andai em todo o caminho que eu vos ordeno, para que vos vá bem.**

24 **Mas não deram ouvidos, nem atenderam, porém andaram nos seus próprios conselhos e na dureza do seu coração maligno; andaram para trás e não para diante.**

25 **Desde o dia em que vossos pais saíram da terra do Egito até hoje, enviei-vos todos os meus servos, os profetas, todos os dias; começando de madrugada, eu os enviei.**

26 **Mas não me destes ouvidos, nem me atendestes; endurecestes a cerviz e fizestes pior do que vossos pais.**

Após todo o período histórico da instauração do primeiro sacerdócio até a declaração da sua condição obsoleta, de fraqueza e inutilidade, vemos que um dos aspectos essenciais resultantes não foi somente expor a enormidade de detalhes associados ao antigo sacerdócio, mas tornar conhecido aqueles pontos que são agentes propulsores para as pessoas reincidentemente continuarem a almejar vários dos aspectos associados àquele tipo de sacerdócio.

Em um primeiro momento, nos dias atuais, algumas pessoas talvez possam pensar que o contexto do primeiro sacerdócio estava relacionado somente àquele momento da história e que elas atualmente não estão mais sob o risco de serem envolvidas por aquele contexto após o antigo ter sido declarado obsoleto pelo Senhor. Entretanto, quando passamos a ver que aquilo que motiva as pessoas a se inclinarem a aspectos similares ao primeiro sacerdócio ainda continua igualmente ativo nos corações dos seres humanos, a despeito da primeira aliança já ter a sua condição legítima perante Deus encerrada, podemos perceber que o Senhor permitiu aqueles fatos para que também em todas as gerações se faça conhecido aquilo que impulsiona as pessoas a se inclinarem completamente ou parcialmente a sacerdócios contrários à vontade de Deus, conforme as seguintes Escrituras similarmente nos ensinam:

1 Coríntios 10: 6 Ora, estas coisas se tornaram exemplos para nós, a fim de que não cobicemos as coisas más, como eles cobicaram.

Ao fazer referência ao tempo passado do povo liberto do domínio do Egito e que passou a escolher a sujeição à velha aliança, o texto de 1Coríntios 10 nos é concedido por Deus como mais uma das narrativas que não se limita aos fatos exteriores ou aparentes, mas, similarmente ao texto de Jeremias 7 e vários outros, ele faz sobressair o aspecto motivacional associada às atitudes das pessoas ao optarem por este tipo de caminho.

Além disso, o texto de 1Coríntios 10 explícita que as mesmas questões motivacionais não cessaram com o fim do primeiro sacerdócio perante o Senhor e que as pessoas em qualquer geração igualmente estão diante do risco de incorrerem em situações similares.

Nos dias atuais, muitas pessoas já não propõem mais o cumprimento de toda a lei de Moisés porque sabem que é um fardo insuportável e impraticável. Entretanto, muitas dentre elas, ainda assim elegem as partes daquela lei que pensam que mais irão lhes ser convenientes, e fazem isto pelas mesmas razões que sempre levaram as pessoas no passado a proporem o primeiro sacerdócio.

Ressaltamos aqui, então, que é a postura pessoal de cada indivíduo que dá espaço ou não à lei do primeiro sacerdócio ou aos aspectos associados à velha aliança ainda que, no sentido geral, o primeiro sacerdócio, a sua lei e a sua aliança já tenham sido declarados obsoletos ou revogados diante do Senhor.

Sob a nova aliança, Cristo não conduz as pessoas a se associarem com aquilo que as afasta Dele e volta a escravizá-las. Entretanto, como a nova aliança é firmada sob o conceito de ser uma oferta de vida e não uma imposição, as pessoas continuam a ter a

opção de escolherem segundo o seu próprio juízo aquilo que elas próprias querem escolher.

E ao observarmos a referência mais global ou resumida que é feita em 1Coríntios 10 às motivações que procuram impulsionar as pessoas em todas as gerações a se inclinarem ao que não lhes é apropriado, inclusive quanto ao aspecto de tentarem buscar a Deus segundo as suas próprias proposições, encontramos descrito ainda que um dos principais pontos entre elas é aquela que é denominada de *cobiça* ou também traduzida em alguns versões ou idiomas como *desejos*.

Por causa daquilo que *cobiçaram* ou *desejaram*, as pessoas, à muitos séculos atrás, almejavam coisas que não eram verdadeiramente caminhos de novidade de vida, mas de condenação e morte. Por outro lado, conforme nos explica o texto de 1Coríntios 10 e outros, isto também foi permitido para que viesse a se tornar em exemplo à todas as gerações para que as pessoas estejam informadas destas motivações inadequadas e não repitam o erro de igualmente se inclinarem a seguir pelos mesmos caminhos.

Portanto, considerando que associado à palavra *cobiça*, mencionada em 1Coríntios capítulo 10 e vários outros textos das Escrituras, há fatores tão significativos e cruciais para as escolhas dos aspectos centrais para a vida de cada indivíduo, entendemos ser necessário averiguar mais extensamente neste ponto, aquilo que foi almejado mostrar como associado à esta palavra e também porque o seu atual uso apresenta algumas variações que podem limitar ou até distorcer o significado que este termo tinha nos tempos em que as Escrituras foram produzidas.

No presente, para muitos, e até assim é descrita em alguns dicionários, a palavra *cobiça* ressoa como um desejo inadequado ou até como um sinônimo de palavras como *ganância*, *inveja*, *avareza* ou *luxúria*.

Entretanto, enquanto a palavra *cobiça* nos dias atuais tende a ser relacionada por muitos a uma conotação negativa ou em que a condição negativa sempre prevalece, nos dias antigos, este termo também tinha uma conotação neutra quanto àquilo que alguém desejava ou anelava, a ponto do texto de 1Coríntios capítulo 10 nos instruir *a não cobiçarmos as coisas “más”* e a ponto desta palavra *cobiça*, inclusive nos dias atuais, ainda permanecer sendo descrita por diversos dicionários contemporâneos como um anelo ou desejo por algo, conforme vários exemplos abaixo:

Cobiça:

Comentários na Online Bible associados ao léxico de Strong:

- a) *Desejo;*
- b) *Ganância;*
- c) *Girar em torno de algo;*
- d) *Ter um desejo por, anelar por, desejar (inclui-se também o desejo por coisas proibidas).*

Dicionário Merriam-Webster (traduzido pelo autor para o português):

Além do uso negativo:

- a) *Um anelo ou desejo intenso;*
- b) *Entusiasmo.*

Uso considerado obsoleto:

- a) *Inclinação pessoal;*
- b) *Desejo.*

Definição Apresentada pelo Google:

- a) *Desejo ardente de possuir algo ou conseguir alguma coisa;*
- b) *Desejo imoderado de bens, riquezas ou honras;*
- c) *Ambição, avidez, concupiscência.*

O Novo Dicionário da Bíblia (Edições Vida Nova):

Versão em Português:

- a) *Qualquer desejo intenso, o qual, se mal orientado, poderá ser concentrado sobre dinheiro, ... possessões, ... imoralidade, ... vícios, ... avareza, ... tendo como essência a adoração ao “eu”, caracterizando-se no final em idolatria.*

Traduzido da Palavra *Luxúria* do Dicionário em Inglês (a qual é usada em inglês também para a palavra *cobiça*):

- a) *A palavra em inglês originalmente era um termo neutro, descrevendo qualquer desejo forte ou intenso;*
- b) *Em seu limitado uso moderno no sentido de paixão sexual, ela não mais espelha o uso mais antigo;*
- c) *No uso antigo, expressa o intenso anelo, qualquer desejo intenso, sendo que o contexto ou o adjetivo ao qual ela é associada é que vai determinar a sua natureza se ela é boa ou má.*

Desta forma, se não nos limitarmos somente ao significado mais comumente utilizado para a palavra *cobiça*, e fizermos uso do conceito mais amplo de que ela expressa um intenso desejo das pessoas por algo, podemos também ampliar a compreensão daquilo que motivou e ainda continua a motivar as pessoas a anelarem de forma tão persistente por aspectos similares àqueles que estavam associados à velha aliança ou ao velho sacerdócio.

Embora a palavra *cobiça*, em sua condição original nas Escrituras, tenha sido utilizada mais frequentemente relacionada a desejos impróprios, ressaltamos que este nem sempre foi o caso, porque no passado, ela também podia ter a conotação somente de desejo intenso, assim como ela também não foi aplicada somente a alguns desejos, mas ao conceito em geral daquilo que as pessoas anelam ou desejam em geral de forma mais intensa.

Assim, quando as Escrituras nos exortam a *não cobiçarmos as coisas más* que foram desejadas por aqueles que optaram por um sacerdócio com mediadores humanos na sua relação com Deus, que não devemos dar lugar a desejos malignos ou que não devemos nos deixar ser guiados por paixões carnis, elas estão nos alertando para estarmos atentos de forma geral às motivações às quais o nosso coração pode vir a se inclinar a fim de não darmos lugar aos maus desejos e sermos guiados por estes e não pelo Senhor.

Em outras palavras, o que estamos procurando abordar aqui é que embora o Senhor já tenha declarado o primeiro sacerdócio obsoleto e revogado, as pessoas continuam a se inclinar às tentativas de mesclar a nova aliança com a antiga aliança porque acabam dando lugar ou preferência aos seus desejos e não àquilo que o Senhor já fez, anunciou, ofereceu e instruiu para seguirmos.

Estamos insistindo de forma repetitiva neste ponto porque embora *cobiçar as coisas más* possa incluir a *cobiça* pelo dinheiro ou paixões carnis mais específicas, como veremos mais adiante, **é a inclinação de forma geral para que os seus desejos**

pessoais prevaleçam que faz com que as pessoas acabem incorrendo em proposições em que querem a bênção de Deus, mas não querem o Senhor tão próximo a elas a ponto de terem que abrir mão de muitos desejos pessoais no coração, similarmente àquilo que ocorreu nos tempos antigos.

Assim como as pessoas libertas do domínio do Egito queriam o cuidado de Deus sobre elas, mas não queriam ao Senhor tão próximo a ponto de terem que se afastar dos seus desejos inapropriados, sugerindo, portanto, um sacerdócio baseado em mandamentos de comportamento aparente ou exterior e com mediadores humanos, assim também muitas pessoas querem a nova aliança em Cristo, mas com certas similaridades com a velha aliança para que igualmente possam continuar a seguir a sua inclinação às “*más cobiças*”.

Portanto, as *más cobiças* das pessoas que alegam querer a nova aliança, mas que ao mesmo tempo também atuam na tentativa de corromper esta nova aliança, são o reflexo das suas insistências em quererem o favor de Deus, mas sem que isto implique em que Deus de fato seja Senhor em suas vidas para que também não necessitem se apartar dos maus desígnios de seus corações.

A postura de *cobiçar as coisas más que eles cobiçaram*, acaba levando as pessoas a quererem o bem vindo de Deus na medida em que parece propício a eles, mas sem que necessitem se expor muito ao Senhor para que não se deparem com luz de Deus a fim de que não sejam iluminadas a respeito dos desejos dos quais não querem se apartar. Ela é uma posição onde as pessoas querem os benefícios que supõem poder alcançar no Senhor, mas na qual não querem que Deus intervenha em seus pensamentos e desejos aos quais querem ficarem apegados.

Um dos pontos centrais que se encontra em *cobiçar as coisas más que eles cobiçaram* está na manutenção do objetivo de não perder os favores advindos do relacionamento com Deus, mas, ao mesmo tempo, tentando manter o coração independente do Senhor.

A atitude de *cobiçar as coisas más que eles cobiçaram* se mostra como algo muito perigoso porque ela pode levar as pessoas ao pensamento de que uma devoção aparente a Deus pode justificar os desejos inapropriados do coração, podendo levar as pessoas à ideia de que não há tanto problema assim se um indivíduo se rendeu a algo inapropriado desde que ele cumpra algumas regras religiosas.

Quanto mais espaço as pessoas dão ao *cobiçar as coisas más que eles cobiçaram*, mais elas começam a ficar sujeitas ao pensamento de que os seus desejos justificam aquilo que almejam, ainda que aquilo que desejam não seja em absoluto razoável. É o tipo do pensamento que leva alguns a crerem que é o desejo que justifica a busca por algo ou a realização de algo mesmo que contrário à vontade de Deus.

Quanto mais lugar as pessoas dão ao *cobiçar as coisas más que eles cobiçaram*, mais elas passam a se sentir no direito de elas mesmas definirem o que elas têm direito, como, por exemplo, alegarem que têm direito a serem felizes a qualquer custo. E é a partir deste tipo de aspecto que muitos começam a pensar que podem associar à nova aliança aquilo que elas desejam que venha a compor a nova aliança.

Assim, os detalhes ou aspectos específicos pelos quais as pessoas querem modificar ou distorcer a nova aliança são muitos, mas aquilo que as equipara àqueles indivíduos que quiseram um sacerdócio com regras exteriores acaba, de uma ou de outra forma, estando conectado ao pensamento de que a criação pode propor, ou ao menos propor

parcialmente, como deveria ser o relacionamento dos seres humanos com o seu Criador.

A atitude de *cobiçar as coisas más que eles cobiçaram* é querer as bênçãos de Deus que são designadas a partir do mundo espiritual, mas sem que o homem natural precise abrir mão dos seus desejos segundo a sua natureza humana e assim venha a ser iluminado para passar a viver e andar segundo o entendimento e a vontade espiritual do reino dos céus.

A postura de *cobiçar as coisas más que eles cobiçaram* é querer benefícios espirituais para serem acrescentados ao viver e andar segundo a carne e não em conformidade com a instrução do Espírito do Senhor, espelhando o desejo de não abrir mão de uma suposta posição de proeminência do homem natural.

1 Coríntios 2: 14 Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente.

João 3: 19 O julgamento é este: que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram más.

Deus é notoriamente claro ou explícito quanto à posição exclusiva de Cristo como o Mediador da nova aliança para a novidade que há exclusivamente no novo sacerdócio. Entretanto, quando o homem natural quer que os seus desejos prevaleçam segundo a sua limitada ótica natural e dissociada da luz do Senhor em seu coração, é segundo o homem natural que ele também irá tentar compreender, amoldar ou estabelecer o seu relacionamento com o Senhor.

Quando, por um lado, as pessoas não querem se apartar completamente do cuidado e do favor de Deus, mas, por outro lado, não querem a Deus como o Senhor em suas vidas, elas inevitavelmente acabam enveredando para caminhos nos quais tentarão compatibilizar a nova aliança com aquilo que almejam fazer ou obter, incorrendo em tentar de alguma forma compatibilizar os desejos do homem natural com a proposição de nova aliança oferecida pelo Senhor.

Quando sujeito à limitada mentalidade da criatura, o homem natural pensa que pode definir formas de relacionamento com o Senhor, onde Deus é bem-vindo a servi-lo, mas não para ser o seu Senhor de fato a ponto de intervir nos seus maus desígnios, cobiças ou desejos.

Portanto, apesar de que perante Deus o primeiro sacerdócio já é considerado revogado e que Cristo é Único Mediador da nova aliança e não da velha, muitas pessoas em todas as gerações continuarão procurando caminhos para tentar, de alguma forma, manter partes ou conceitos do primeiro sacerdócio ainda que necessitem se render às mais variadas dissimulações para tentarem justificar as suas inapropriadas opções ou as suas inclinações do coração, como também nos é informado nas Escrituras abaixo:

2 *Timóteo 4: 3* ***Pois haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos;***
4 ***e se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas.***

Ou seja, assim como as pessoas que sugeriram um sacerdócio onde alguns dos seus semelhantes seriam os seus mediadores porque não queriam se apartar da *cobiça por coisas más*, mas ao mesmo tempo, não queriam se apartar por completo do Deus que havia lhes libertado do Egito, visando manter a proteção e as bênçãos deste Deus para com eles, assim também, em todas as gerações, continua havendo pessoas que de alguma forma procuram caminhos fantasiosos onde imaginam que em suas proposições poderão harmonizar a manutenção de uma vida com uma certa medida de devoção a Deus sem necessitarem se apartar dos maus desejos dos seus corações.

Em sua busca por modelos que agradam aos seus interesses carnis, há pessoas em todas as gerações que procuram se cercar de ensinamentos que lhes agradam para respaldarem o que desejam, mas através dos quais também incorrem na rendição ou sujeição a uma variedade de perniciosas e enganosas fábulas.

Em sua busca por modelos que atuem em consonâncias com as suas *cobiças pelas coisas más*, há pessoas, em todas as gerações, que procuram se cercar de ensinamentos que lhes proporcionem a ideia, embora ilusória, de que elas podem continuar a sugerir a Deus algumas formas sacerdotais que lhes agradem, e que elas, inclusive, podem estabelecer e seguir proposições do que elas próprias entendem que seria apropriado considerar como aquilo que compõe o segundo sacerdócio ou a nova aliança, chamando, ainda, estas proposições de suas doutrinas ou das doutrinas dos grupos que elas constituem.

Ao desejarem manter uma certa devoção a Deus, mas também permitirem que as suas *cobiças pelas coisas más* ou *outros anelos da carne* tomem à frente da direção de suas vidas, e não a boa, perfeita e agradável vontade de Deus como o Senhor a apresenta na nova aliança, as pessoas, de uma ou de outra forma, procurarão estabelecer modelos mistos de sacerdócios onde elas se inclinam a tentar agrupar um pouco daquilo que as agrada na nova aliança com aquilo que as atrai no primeiro ou outros sacerdócios contrários a Cristo, pensando ainda, em suas fábulas, que isto até pode vir a ser aceitável diante de Deus.

Assim, em sua sujeição às fábulas oriundas dos ensinamentos dos quais eles próprios escolherem se cercar, muitas pessoas, por exemplo, continuam ousando a propor que ainda podem eleger os mediadores que lhes convém, mesmo depois da ressurreição de Cristo e do fato do Pai Celestial já ter estabelecido a Cristo como o Único Mediador entre Deus e os seres humanos.

Em seu descabimento, muitos chegam inclusive à intrepidez de propagarem ou ensinarem de que até na nova aliança em Cristo, é tolerável perante Deus que alguns associados à esta aliança sejam erguidos como mediadores de outros associados à mesma aliança e, ainda, que estes mediadores humanos inclusive continuam tendo o direito de cobrar dízimos e ofertas similarmente à velha aliança como se isto ainda estivesse alinhado com a vontade de Deus.

Portanto, mais uma vez, conhecer os fatos históricos narrados nas Escrituras sobre o primeiro sacerdócio, com vistas a que as motivações indevidas que procuram afligir os

corações das pessoas em cada geração venham a estar mais amplamente reveladas, passa a ser um ponto crucial para que aquilo que está além do aparente ou do aspecto superficial seja desvendado, pois embora Deus já tenha estabelecido a revogação do primeiro sacerdócio, as motivações que levaram as pessoas a se inclinarem a ele agora se canalizam como resistência à nova aliança em Cristo Jesus.

Visando um discernimento sobre aquilo que tenta aparentar como alinhado com o reino de Deus, mas que na realidade é um conjunto de suposições e proposições distorcidas segundo o homem natural, entendemos que é crucial saber que os fatores motivadores da resistência à nova aliança em Cristo, similar ao ocorrido na proposição do denominado primeiro sacerdócio, podem não se expressar em oposição explícita ou necessariamente direta contra a nova aliança. Quando, porém, vistas além da superficialidade, várias resistências apresentarão características motivacionais similares às associadas aos anéis das pessoas na antiguidade pela antiga aliança.

Apesar do denominado primeiro sacerdócio já ter tido encerrado o seu tempo para tentar se mostrar apropriado, conhecer as motivações das pessoas em se associar a ele pode cooperar em evidenciar as razões pelas quais tantas pessoas, de geração em geração, acabam recaindo na resistência ao caminho de relacionamento com Deus na forma como lhes é oferecido pelo Senhor.

As tentativas de inserir proposições que tentam mesclar itens da velha e da nova alianças podem até apresentar um discurso de uma suposta concordância com vontade de Deus em Cristo de remover o velho para estabelecer o novo, mas estas proposições, na prática, têm tido um papel de oposição à Cristo, pois elas continuam a refletir o que reina no coração do homem natural que não quer a Deus como o seu Senhor.

O fato do primeiro sacerdócio ter advindo de uma proposição carnal, e não espiritual provinda do céu, explica, em vários sentidos, quais eram os alvos que as pessoas tinham ao propor um sacerdócio deste tipo, o que também acaba explicando as tentativas de proposições e implantações atuais de ministérios mistos e contrários ao querer de Deus ou à posição de Cristo na nova aliança.

Por fim neste tópico, gostaríamos de ressaltar ainda que quando as Escrituras nos chamam para estarmos atentos às motivações das pessoas que estavam presentes no contexto da opção pelo primeiro sacerdócio, elas ainda nos chamam a atentar para o fato já anteriormente citado e que menciona que **um pouco de fermento leveda toda a massa**, e que embora a nova aliança não possa jamais ser corrompida, um bom solo, uma boa massa ou um bom coração, se permitido, pode, sim, vir a ser corrompido pelo “fermento da cobiça pelas coisas más” que também estava presente na proposição do primeiro sacerdócio.

1 Coríntios 5: 6 Não é boa a vossa jactância. Não sabeis que um pouco de fermento leveda a massa toda?

7 Lançai fora o velho fermento, para que sejais nova massa, como sois, de fato, sem fermento. Pois também Cristo, nosso Cordeiro pascal, foi imolado.

8 Por isso, celebremos a festa não com o velho fermento, nem com o fermento da maldade e da malícia, e sim com os asmos da sinceridade e da verdade.

B. A Motivação por Andar por Vista e Não Mediante a Fé em Deus

Após vermos que Cristo é o Mediador exclusivo da nova aliança e que o Senhor Jesus de forma alguma atua como um mediador da velha aliança, mas que é pelas motivações em seus corações que as pessoas se movem a tentarem mesclar a nova aliança com os aspectos do primeiro sacerdócio, entendemos ser interessante também avançar um pouco mais em direção a observarmos algumas motivações específicas pelas quais as pessoas procuram associar à nova aliança partes de sacerdócios contrários a Deus.

E como um primeiro ponto mais específico a ser visto neste capítulo, lembramos que uma referência básica de vida sob a velha aliança é o andar por vista, pelo que é palpável, pelo tabernáculo materializado, pelo mandamento previamente escrito, pelo esforço natural ou da carne e pelas obras aparentes. E conforme já visto anteriormente, é o andar que não é mediante a fé no Senhor.

Gálatas 3: 11 E é evidente que, pela lei, ninguém é justificado diante de Deus, porque o justo viverá pela fé.
12 Ora, a lei não procede de fé, mas: Aquele que observar os seus preceitos por eles viverá.

Quando as pessoas não querem viver e andar sob a luz de Cristo em seus corações para não serem iluminadas a ponto de que vejam que necessitam mudar os seus desejos pessoais, elas se fecham às coisas do Espírito de Deus, o que, conforme visto no tópico anterior, as coloca em uma condição em que também deixem de compreender ou discernir as coisas espirituais, ficando restritos ao conhecimento e sabedoria do homem natural.

1 Coríntios 2: 14 Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente.

E, por sua vez, quando as pessoas não vivem e não andam mediante a fé em Deus, elas começam a ter os seus corações inclinados a tentar realizar seus próprios planos ou agendas, associando-os prioritariamente com atos externos e repetitivos como se, desta forma, pudessem vir a agradar a Deus e obter a justificação e as bênçãos que almejam receber da parte do Senhor.

Quando as pessoas começam a focar a sua atenção preponderantemente nas coisas terrenas, elas não somente passam a se afastar do entendimento da vontade de Deus, como também começam a se inclinar a caminhos contrários à vida em conformidade com o reino de Deus, podendo chegar ao ponto de incorrerem na condição de inimidade para com a obra de Cristo na cruz do Calvário por alegarem querer seguir ao Senhor, mas preferirem as coisas da carne, naturais ou terrenas em vez daquilo que está associado à vida segundo o Espírito do Senhor.

Vejamos abaixo mais alguns textos que exemplificam as condutas acima mencionadas:

- Gálatas 4: 8* **Outrora, porém, não conhecendo a Deus, servíeis a deuses que, por natureza, não o são;**
9 mas agora que conheceis a Deus ou, antes, sendo conhecidos por Deus, como estais voltando, outra vez, aos rudimentos fracos e pobres, aos quais, de novo, quereis ainda escravizar-vos?
10 Guardais dias, e meses, e tempos, e anos.
11 Receio de vós tenha eu trabalhado em vão para convosco.

- Filipenses 3: 17* **Irmãos, sede imitadores meus e observai os que andam segundo o modelo que tendes em nós.**
18 Pois muitos andam entre nós, dos quais, repetidas vezes, eu vos dizia e, agora, vos digo, até chorando, que são inimigos da cruz de Cristo.
19 O destino deles é a perdição, o deus deles é o ventre, e a glória deles está na sua infâmia, visto que só se preocupam com as coisas terrenas.
20 Pois a nossa pátria está nos céus, de onde também aguardamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo,
21 o qual transformará o nosso corpo de humilhação, para ser igual ao corpo da sua glória, segundo a eficácia do poder que ele tem de até subordinar a si todas as coisas.

- Romanos 8: 5* **Porque os que se inclinam para a carne cogitam das coisas da carne; mas os que se inclinam para o Espírito, das coisas do Espírito.**
6 Porque o pendor da carne dá para a morte, mas o do Espírito, para a vida e paz.

- Colossenses 2: 20* **Se morrestes com Cristo para os rudimentos do mundo, por que, como se vivésseis no mundo, vos sujeitais a ordenanças:**
21 não manuseies isto, não proves aquilo, não toques aquilooutro,
22 segundo os preceitos e doutrinas dos homens? Pois que todas estas coisas, com o uso, se destroem.
23 Tais coisas, com efeito, têm aparência de sabedoria, como culto de si mesmo, e de falsa humildade, e de rigor ascético; todavia, não têm valor algum contra a sensualidade.
3: 1 Portanto, se fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus.
2 Pensai nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra;
3 porque morrestes, e a vossa vida está oculta juntamente com Cristo, em Deus.

Além disso, para não nos atermos somente ao aspecto de que o ser humano em sua escolha por andar por vista e não por fé acaba ficando ainda mais sujeito a valorizar inapropriadamente o seu relacionamento com Deus e também com as próprias coisas naturais, gostaríamos ainda de ponderar sobre algumas razões que corroboram para as pessoas se atentarem em excesso às coisas palpáveis ou tangíveis aos olhos naturais.

Assim, a motivação que gostaríamos de analisar aqui quando um indivíduo escolhe andar por vista e não por fé, e assim não consegue compreender as coisas espirituais, refere-se à sua sensação de vulnerabilidade em relação àquilo que ele não conhece, tentado, portanto, amenizar este sentimento de vulnerabilidade com a ação de cercar-se de coisas que ele possa compreender e controlar ao menos em parte ou em certa medida.

Uma vez que o homem natural não consegue compreender a origem da vida e nem o seu destino após a sua morte natural, e isto por optar em não querer a Deus como o seu Senhor, ele tende a se apegar àquilo que lhe é tangível ou parece mais próximo, passando inclusive a depositar a sua confiança nas coisas naturais para de alguma forma vislumbrar algum nível de segurança.

Salmos 49: 11 **O seu pensamento íntimo é que as suas casas serão perpétuas e, as suas moradas, para todas as gerações; chegam a dar seu próprio nome às suas terras.**

...
13 Tal proceder é estultícia deles; assim mesmo os seus seguidores aplaudem o que eles dizem.

O ser humano apresenta uma necessidade de confiar. E ainda que alguém diga que não confia em nada e em ninguém, ele ainda assim está confiando que a sua opção de não confiar em nada e em ninguém é o parâmetro da sua confiança.

Provérbios 28: 26 **O que confia no seu próprio coração é insensato, mas o que anda em sabedoria será salvo.**

E, por sua vez, em sua demanda por depositar a sua confiança em algo, se o ser humano não depositar a sua confiança no Senhor e não for instruído a perceber a vida também sob a ótica espiritual do reino de Deus, ele tenderá a depositar a sua confiança naquilo que ele possa ver ou materializar de alguma forma, chegando inclusive ao ponto de criar ídolos para em seguida depositar a sua confiança naquilo que ele mesmo criou.

Isaías 44: 14 **Um homem corta para si cedros, toma um cipreste ou um carvalho, fazendo escolha entre as árvores do bosque; planta um pinheiro, e a chuva o faz crescer.**

15 Tais árvores servem ao homem para queimar; com parte de sua madeira se aquece e coze o pão; e também faz um deus e se prostra diante dele, esculpe uma imagem e se ajoelha diante dela.

16 Metade queima no fogo e com ela coze a carne para comer; assa-a e farta-se; também se aquece e diz: Ah! Já me aqueço, contemplo a luz.

17 Então, do resto faz um deus, uma imagem de escultura; ajoelha-se diante dela, prostra-se e lhe dirige a sua oração, dizendo: Livra-me, porque tu és o meu deus.

18 Nada sabem, nem entendem; porque se lhes grudaram os olhos, para que não vejam, e o seu coração já não pode entender.

19 Nenhum deles cai em si, já não há conhecimento nem compreensão para dizer: Metade queimei e cozi pão sobre as suas

***brasas, assei sobre elas carne e a comi; e faria eu do resto uma abominação? Ajoelhar-me-ia eu diante de um pedaço de árvore?
20 Tal homem se apascenta de cinza; o seu coração enganado o iludiu, de maneira que não pode livrar a sua alma, nem dizer: Não é mentira aquilo em que confio?***

Enquanto o ser humano não aceita que ele necessita de Deus em tudo, inclusive para que as suas motivações sejam expostas à luz do Senhor e ele venha a conhecer os aspectos centrais da vida também pela perspectiva espiritual que somente o reino de Deus pode lhe conceder, ele continuará a tentar se firmar em coisas materiais ou que sejam tangíveis naturalmente como referência para depositar a sua confiança.

Portanto, também é por causa da sua falta de confiança em Deus e da sua inclinação à confiar em coisas palpáveis que as pessoas tentam distorcer a nova aliança e tentam acrescentar à ela alguns itens que lhes deem um sentimento naturalmente mais tangível. E isto, sob a pretensa alegação de estarem querendo solidificar mais a sua associação à esta aliança.

Sob o pretexto de tornar a nova aliança mais consistente e mais tangível às pessoas, muitos querem acrescentar a ela o fermento da velha aliança, criando regras e rituais dos quais Cristo veio libertá-los e não para novamente sujeitá-los a eles.

A firmeza da nova aliança está em Deus, no reino espiritual inabalável, no fundamento eterno que é o Senhor Jesus Cristo, em quem podemos crer mesmo que ainda não podemos vê-lo. E tudo isto, precisamente para que a nossa confiança esteja em Deus e não nas coisas visíveis ou abaláveis que o homem natural tanto admira e valoriza.

Assim, a alegação da necessidade de se filiar oficialmente à grupos que se dizem cristãos porque isto representa segurança para os seus membros é um exemplo de como as pessoas não aceitam o fato de que sua associação com o Senhor na nova aliança é no Espírito e que o nome daquele que recebeu a condição de filho de Deus em Cristo Jesus está arrolado no céu e não precisa estar em nenhuma lista humana no mundo presente para ter reafirmado a sua posição de filho eterno diante do Pai Celestial.

Em seu afã de querer se assegurar em coisas que são por vista, como se estas pudessem representar alguma garantia perante Deus, muitos se apartam da simplicidade que há na associação a Cristo de todo aquele que nele crê, e, como consequência, criam as coisas mais absurdas sob o nome de supostamente serem cristãs ou partes necessárias à nova aliança com o Senhor.

Jeremias 17: 5 Assim diz o SENHOR: Maldito o homem que confia no homem, faz da carne mortal o seu braço e aparta o seu coração do SENHOR!

...

7 Bendito o homem que confia no SENHOR e cuja esperança é o SENHOR.

Salmos 20: 7 **Uns confiam em carros, outros, em cavalos; nós, porém, nos gloriaremos em o nome do SENHOR, nosso Deus.**

Salmos 146: 1 **Aleluia! Louva, ó minha alma, ao SENHOR.**

- 2 Louvarei ao SENHOR durante a minha vida; cantarei louvores ao meu Deus, enquanto eu viver.**
3 Não confieis em príncipes, nem nos filhos dos homens, em quem não há salvação.
4 Sai-lhes o espírito, e eles tornam ao pó; nesse mesmo dia, perecem todos os seus desígnios.
5 Bem-aventurado aquele que tem o Deus de Jacó por seu auxílio, cuja esperança está no SENHOR, seu Deus,
6 que fez os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há e mantém para sempre a sua fidelidade.

2 Coríntios 5: 7 **Visto que andamos por fé e não pelo que vemos.**

- 1 Pedro 1: 17* **Ora, se invocais como Pai aquele que, sem acepção de pessoas, julga segundo as obras de cada um, portai-vos com temor durante o tempo da vossa peregrinação,**
18 sabendo que não foi mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados do vosso fútil procedimento que vossos pais vos legaram,
19 mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo,
20 conhecido, com efeito, antes da fundação do mundo, porém manifestado no fim dos tempos, por amor de vós
21 que, por meio dele, tendes fé em Deus, o qual o ressuscitou dentre os mortos e lhe deu glória, de sorte que a vossa fé e esperança estejam em Deus.

- 1 Pedro 1: 6* **Nisso exultais, embora, no presente, por breve tempo, se necessário, sejais contristados por várias provações,**
7 para que, uma vez confirmado o valor da vossa fé, muito mais preciosa do que o ouro perecível, mesmo apurado por fogo, redunde em louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo;
8 a quem, não havendo visto, amais; no qual, não vendo agora, mas crendo, exultais com alegria indizível e cheia de glória,
9 obtendo o fim da vossa fé: a salvação da vossa alma.

- João 1: 12* **Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no seu nome;**
13 os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus.

1 Coríntios 6: 17 Mas aquele que se une ao Senhor é um espírito com ele.

Hebreus 12: 22 Mas tendes chegado ao monte Sião e à cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial, e a incontáveis hostes de anjos, e à universal assembleia

23 e igreja dos primogênitos arrolados nos céus, e a Deus, o Juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados,

24 e a Jesus, o Mediador da nova aliança, e ao sangue da aspersão que fala coisas superiores ao que fala o próprio Abel.

...

28 Por isso, recebendo nós um reino inabalável, retenhamos a graça, pela qual sirvamos a Deus de modo agradável, com reverência e santo temor.

1 João 5: 11 E o testemunho é este: que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está no seu Filho.

12 Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida.

13 Estas coisas vos escrevi, a fim de saberdes que tendes a vida eterna, a vós outros que credes em o nome do Filho de Deus.

C. A Motivação por Estar no Controle

Um segundo ponto mais específico em função do qual muitas pessoas procuram associar aspectos similares ao do primeiro sacerdócio à nova aliança está em seu anseio por estarem em uma suposta posição de controle ou domínio sobre a vida, as coisas em seu entorno e inclusive sobre Deus.

Em sua devoção às suas próprias vontades, muitos chegam a se inclinar às tentativas de controlar aquilo e inclusive aqueles que estão ao seu redor. Entretanto, para não deixar isto tão explícito, muitos tentam ocultar a inclinação inapropriada às suas más cobiças através de aparentes ou exteriores devoções ao Senhor, conforme exemplificado pelo texto a seguir:

- Mateus 7: 15 **Acautelai-vos dos falsos profetas, que se vos apresentam disfarçados em ovelhas, mas por dentro são lobos roubadores.***
- 16 **Pelos seus frutos os conhecereis. Colhem-se, porventura, uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos?***
- 17 **Assim, toda árvore boa produz bons frutos, porém a árvore má produz frutos maus.***
- 18 **Não pode a árvore boa produzir frutos maus, nem a árvore má produzir frutos bons.***
- 19 **Toda árvore que não produz bom fruto é cortada e lançada ao fogo.***
- 20 **Assim, pois, pelos seus frutos os conhecereis.***
- 21 **Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus.***
- 22 **Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres?***
- 23 **Então, lhes direi explicitamente: nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade.***

Em seu afã de se manterem no controle das suas próprias vontades e das situações em seu entorno, muitos indivíduos chegam ao ponto em que até parecem ser muito dedicados a Deus, mas na realidade, mesmo quando se mostram servindo a Deus, eles querem que aquilo que eles querem fazer prevaleça como o aspecto justificador de suas vidas, o que, por sua vez, é a tentativa de novamente se justificar por obras como era na velha aliança.

A aparente devoção dos falsos profetas foi denominada pelo Senhor Jesus como prática de iniquidade, pois estes estavam tentando usar os seus feitos alcançados como o ponto central da justificação para entrarem no reino de Deus, contrariando o fato de que Cristo é o fim da lei para a justiça de todo aquele que Nele crê, aspecto abordado mais amplamente nos estudos sobre O Evangelho da Justiça de Deus e O Evangelho da Graça de Deus.

Em seus desejos de controlarem inclusive o direito de acesso ao reino celestial, os falsos profetas estabelecem serviços, obras e metas mensuráveis à vista para usarem do cumprimento destas metas como parâmetros para serem justificados perante o Juiz Eterno.

Romanos 10: 1 Irmãos, a boa vontade do meu coração e a minha súplica a Deus a favor deles são para que sejam salvos.

2 Porque lhes dou testemunho de que eles têm zelo por Deus, porém não com entendimento.

3 Porquanto, desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria, não se sujeitaram à que vem de Deus.

4 Porque o fim da lei é Cristo, para justiça de todo aquele que crê.

Na nova aliança as pessoas não são salvas mediante as obras exteriores que praticam, pela quantidade de sacrifícios que fazem, pelo volume de ofertas ou dízimos que dão, mas são salvas pela graça mediante a fé na obra justificadora feita uma única vez para sempre por Cristo Jesus. Entretanto, é precisamente em relação à este ponto em que o homem natural não pode se vangloriar em seus feitos e não pode ter o controle sobre a vida e sobre Deus que muitos procuram corromper a nova aliança, incorrendo inevitavelmente nas tentativas de voltar a dar credibilidade aos aspectos associados à velha aliança.

Entendemos ser muito significativo notar, então, que na nova aliança, Deus não quer pessoas que façam coisas para Ele conforme elas pensam que devem fazer.

Deus não quer pessoas devotas a Ele segundo as motivações humanas, como era na antiga aliança.

Na nova aliança, as pessoas são convidadas para estarem em Cristo e em comunhão com Ele para que primeiramente Deus as leve a conhecer a sua vontade e para que andem na vontade do Senhor não por obrigação ou para serem justificadas através das obras, mas porque compreendem que a vontade de Deus é boa, agradável e perfeita em tudo.

A iniquidade das pessoas que fizeram obras supostamente sob o “nome do Senhor” e o chamaram de “Senhor, Senhor”, não era, em primeiro lugar, as obras que fizeram, mas a posição de terem feito o que eles queriam fazer para tentarem se justificar na maneira pela qual elas próprias queriam se justificar perante o Senhor, sendo, portanto, rejeitadas por Deus.

A iniquidade das pessoas que supostamente fizeram obras para o Senhor e o chamaram de “Senhor, Senhor”, mas não foram aceitas diante de Deus, foi tentarem reestabelecer um dos princípios centrais do primeiro sacerdócio, fazendo-o somente com outros tipos de obras escolhidas segundo a sua vontade ou de acordo com aquilo que gostaram de realizar.

E quando uma pessoa diz que ela é livre para fazer o que o próprio Deus já revogou, ela não está declarando que ela pensa que é livre até de Deus para o que intentar fazer?

Algumas pessoas inclusive alegam que elas querem seguir algumas práticas similares às do primeiro sacerdócio não porque se sentem obrigadas a fazê-lo, mas porque gostam de fazê-lo ou apreciam aquelas práticas. Entretanto, é também neste tipo consideração que caem na fascinação da velha aliança como em todas as outras gerações passadas, pois ao declararem que querem seguir alguns aspectos similares aos da velha aliança por que gostam, elas estão assumindo uma posição em que alegam que o que elas gostam é mais relevante do aquilo que Deus declarou como obsoleto e não benéfico ao ser humano.

Quando um indivíduo procura usar o seu desejo pessoal ou a sua voluntariedade para justificar a sua opção pelos aspectos similares ao da velha aliança, ele está procurando justificar o seu desejo de fazer de forma autônoma o que ele quer e entende ser apropriado para o seu relacionamento com Deus, a despeito do Senhor já ter declarado que a vida sujeita aos princípios do primeiro sacerdócio não é de acordo com a sua vontade e nem pode conduzir uma pessoa à novidade de vida eterna que há em Cristo.

*Efésios 5: 15 **Portanto, vede prudentemente como andais, não como néscios, e sim como sábios,***
*16 **remindo o tempo, porque os dias são maus.***
*17 **Por esta razão, não vos torneis insensatos, mas procurai compreender qual a vontade do Senhor.***

Liberdade em Cristo não é uma proposição através da qual uma pessoa supostamente pode passar fazer o que ela deseja fazer ou como ela deseja fazê-lo. A liberdade em Cristo é a condição de uma pessoa poder receber a compreensão da vontade de Deus acompanhada também da força no coração para decidir e agir em conformidade com esta vontade, inclusive quando isto implicar em deixar de praticar aquilo que o Senhor já declarou revogado.

Quem permanece em mim, diz o Senhor, este dará muito fruto. Ele, porém também diz que sem Ele, nada se pode fazer. Ou seja, se alguém faz algo pensando ser para Deus sem ter permanecido em Cristo e sem que a obra seja uma extensão desta comunhão e da instrução do Senhor, esta pessoa pode estar tentando levantar um conceito de primeiro sacerdócio onde tenta colocar a realização de obras acima da comunhão com Deus, como nos tempos antigos.

Um cristão é chamado a fazer obras conjuntamente com Deus porque entende que aquilo que o Senhor Lhe sugere é reto, justo e bom para a sua própria vida e para os que estão ao redor dele, não necessitando fazer obras de forma dissociada do Senhor ou para Lhe agradar a fim de tentar acelerar as bênçãos que quer obter de Deus.

Por isto, muitos dos falsos profetas que Cristo mencionou são aqueles que o Senhor ainda chama de *sepulcros pintados de cal que, por fora, se mostram belos* e que tem o objetivo de transmitir a ideia de que são dedicados à piedade e pureza, mas que na realidade são caminhos de opressão, destruição e morte.

*Mateus 23: 27 **Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque sois semelhantes aos sepulcros caiados, que, por fora, se mostram belos, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos e de toda imundícia!***

*Mateus 23: 4 **Atam fardos pesados e difíceis de carregar e os põem sobre os ombros dos homens; entretanto, eles mesmos nem com o dedo querem movê-los.***

Por fim neste tópico, ressaltamos que em suas motivações de estarem em posições de controle, muitas pessoas, até quando supostamente servem, atuam para alcançar posições de proeminência que jamais deveriam ser almeçadas por alguém que verdadeiramente almeja viver e andar segundo a nova aliança em Cristo.

Na velha aliança, as pessoas, em geral, dependiam de outras para poderem apresentar as suas causas a Deus e serem instruídas pelo Senhor. E isto, também se dava porque havia aqueles que queriam ficar dependentes de outros e aqueles que apreciavam que outros dependessem deles, razão pela qual muitos também continuam tentando inserir estes aspectos na nova aliança.

Em seus anseios por estarem no controle, muitos desprezam as palavras diretas de Cristo no que tange ao relacionamento entre os cristãos e ainda procuram se elevar acima dos seus semelhantes, similarmente às divisões entre clero e povo que havia na velha aliança.

*Mateus 23: 1 Então, falou Jesus às multidões e aos seus discípulos:
2 Na cadeira de Moisés, se assentaram os escribas e os fariseus.*

- ...
8 *Vós, porém, não sereis chamados mestres, porque um só é vosso Mestre, e vós todos sois irmãos.*
9 *A ninguém sobre a terra chameis vosso pai; porque só um é vosso Pai, aquele que está nos céus.*
10 *Nem sereis chamados guias (ou líderes), porque um só é vosso Guia, o Cristo.*

Ao longo da história, muitos tentaram formular o funcionamento da Igreja de Cristo a partir do modelo do primeiro sacerdócio, gerando ensinamentos que tentaram inserir a novidade de vida em Cristo no modelo antigo que não a suporta ou vice-versa, fracassando vez após a vez e criando um ciclo de dissimulações sobre dissimulações.

E, assim, é também a partir dos modelos distorcidos que foram gerados da tentativa de conciliar a Igreja de Cristo a algumas partes da lei de Moisés que muitos têm procurado explicar a Igreja dos dias de Paulo, Timóteo, Tito e outros, gerando um ciclo cuja raiz sempre é a tentativa de fazer alguma conexão com o primeiro sacerdócio e do qual parece que não conseguem mais sair.

Tentar ver a Igreja do Senhor a partir dos cargos similares aos do sacerdócio de acordo com a Lei de Moisés ou tentar ver a Igreja a partir dos modelos atuais cheios de cargos, títulos, e divisões de cleros e povo, simplesmente é não ver a Igreja do Senhor de fato, pois a Igreja do Senhor não é sujeita ao controle de cleros ou pessoas que se apossam dos seus grupos de pessoas, das suas estruturas e ainda os denominam de suas Igrejas. É não ver a Igreja em concordância com o segundo sacerdócio e com a nova aliança, onde Cristo é o Único Mediador da nova aliança e o Sumo Sacerdote Eterno de todos que se achegam diretamente através Dele ao Pai Celestial.

Um pouco antes de ser crucificado, o Senhor Jesus disse aos seus discípulos que não os deixaria órfãos, mas que voltaria a eles. Diante do tempo em que a validade do primeiro sacerdócio seria removida, o Senhor Jesus anunciou que Ele não deixaria jamais os seus discípulos desassistidos quanto ao relacionamento deles com Deus.

Próximo aos dias em que o período permitido por Deus para a velha aliança chegasse ao fim, o Senhor Jesus disse que não deixaria órfãos aqueles Nele criam, não os deixariam sem saber o que fazer e que Ele voltaria a eles depois da sua ressurreição. E assim Ele o fez ao estar com os discípulos após a sua ressurreição e ao enviar o Espírito Santo ou o Consolar Celestial aos corações daqueles que Nele criam, assim como o Senhor Jesus continua a fazê-lo ainda agora como o Sumo Sacerdote Eterno escolhido pelo Pai Celestial para atender a todos que mediante a graça e a fé em Deus o recebem em seus corações.

Cristo, o Filho Unigênito e Eterno do Pai Celestial, se tornou o nosso irmão mais velho, nascido de mulher, para que todos os demais filhos da família daqueles que creem em Deus não precisem mais de nenhum outro mediador para se achegarem à presença e à comunhão com o Pai Eterno, assim como também não precisam mais dos supostos irmãos que de uma de outra forma dizem que receberam uma unção especial para gerenciar ou controlar a vida dos seus semelhantes.

Assim, um cristão pode orar ao Pai Celestial em favor de outros cristãos e inclusive é chamado a fazê-lo, mas como irmão ou auxiliador, e jamais como mediador do relacionamento de uma pessoa com o Pai Eterno e nem como o mestre, guia, líder ou pastor da vida do seu próximo.

Na nova aliança, cada indivíduo é chamado a compreender e passar a fazer uso da comunhão direta que lhe está disponível no Senhor para que também desfrute do amor e da abundância de vida que há em Deus através de Cristo Jesus.

*Efésios 3: 14 Por esta causa, me ponho de joelhos diante do Pai,
15 de quem toma o nome toda família, tanto no céu como sobre a terra,
16 para que, segundo a riqueza da sua glória, vos conceda que sejais fortalecidos com poder, mediante o seu Espírito no homem interior;
17 e, assim, habite Cristo no vosso coração, pela fé, estando vós arraigados e alicerçados em amor,
18 a fim de poderdes compreender, com todos os santos, qual é a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade
19 e conhecer o amor de Cristo, que excede todo entendimento, para que sejais tomados de toda a plenitude de Deus.*

Efésios 5: 14 Pelo que diz: Desperta, ó tu que dormes, levanta-te de entre os mortos, e Cristo te iluminará.

D. A Motivação pela Glória Diante das Pessoas ou do Mundo

Presente

Dando sequência aos pontos mais específicos em razão dos quais muitos procuram associar aspectos similares ao do primeiro sacerdócio à nova aliança, podemos ver nas Escrituras que a preocupação das pessoas com a glória pessoal perante os seus semelhantes também tem papel muito representativo, conforme exemplificado nos textos a seguir:

*João 12: 42 **Contudo, muitos dentre as próprias autoridades (ou governantes) creram nele, mas, por causa dos fariseus, não o confessavam, para não serem expulsos da sinagoga;**
43 **porque amaram mais a glória dos homens do que a glória de Deus.***

*Gálatas 6: 12 **Todos os que querem ostentar-se na carne, esses vos constroem a vos circuncidardes, somente para não serem perseguidos por causa da cruz de Cristo.**
13 **Pois nem mesmo aqueles que se deixam circuncidar guardam a lei; antes, querem que vos circuncideis, para se gloriarem na vossa carne.**
14 **Mas longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim, e eu, para o mundo.**
15 **Pois nem a circuncisão é coisa alguma, nem a incircuncisão, mas o ser nova criatura.***

*Mateus 23: 5 **Praticam, porém, todas as suas obras com o fim de serem vistos dos homens; pois alargam os seus filacterios e alongam as suas franjas.***

*Mateus 6: 1 **Guardai-vos de exercer a vossa justiça diante dos homens, com o fim de serdes vistos por eles; doutra sorte, não tereis galardão junto de vosso Pai celeste.**
2 **Quando, pois, deres esmola, não toques trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas, nas sinagogas e nas ruas, para serem glorificados pelos homens. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa.**
3 **Tu, porém, ao dares a esmola, ignore a tua mão esquerda o que faz a tua mão direita;**
4 **para que a tua esmola fique em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará.***

Uma vez que o primeiro sacerdócio girava em torno do andar por vista e não mediante a fé, e que ele estava inteiramente associado ao cumprimento de regras aparentes ou exteriores, é praticamente inevitável

que ele não passasse a acentuar a motivação das pessoas pela glória ou reconhecimento diante dos seus semelhantes.

Considerando que na velha aliança, as pessoas buscavam a aprovação por obras, ofertas e sacrifícios visíveis ou materialmente tangíveis, também a apreciação por ser visto como um praticante destas obras passou a ser um aspecto inevitável, a ponto de que inclusive aquilo que deveria ser feito em particular ou em condição mais reservada passou a ser feito como exibição pública, como, por exemplo, a prática da oração e do jejum, conforme mencionado também no texto de Mateus 6.

E tendo em vista ainda que o primeiro sacerdócio tem por base um mandamento carnal ou um conjunto de motivações do homem natural, não é de se admirar que muitas pessoas também persistam em tentar associar a nova aliança com o anelo delas pela glória, reconhecimento e fama diante dos seus semelhantes.

A fama ou a glória diante do mundo atrai muitas pessoas, pois para aqueles que se apoiam no andar por vista, ela também é uma forma de obter objetivos, favores, controle e bens materiais.

Fazendo uso da sua fama, muitas pessoas buscam privilégios, serem servidas, presentes, poder e muitos outros aspectos.

Por isto, quanto à nova aliança, muitas pessoas tentam associar a ela várias medidas de desempenho, títulos, cargos ou posições que, embora possam ter nomes diferenciados do primeiro sacerdócio, são proposições muito similares à velha aliança.

Quando as pessoas, por exemplo, procuram transformar as funções de presbíteros, diáconos e bispos mencionadas no denominado Novo Testamento em cargos e posições, elas não estão alinhadas com a nova aliança em que todos são irmãos em Cristo e onde todos são chamados a servirem uns aos outros com o dom que o Senhor concede a cada um, mas estão tentando incluir na nova aliança a estrutura daquilo que já foi removido eternamente pelo Senhor por ser fraco e inútil.

Devido ao anelo por fama e também por interesses gananciosos, como veremos mais adiante, muitos têm procurado transformar aquilo que representa somente um dom de serviço e cooperação para com os irmãos em posições estruturais por causa das suas cobiças más por poder, domínio, controle e lucro.

Entretanto, um dos problemas centrais que acompanham a ambição por fama ou glória diante dos semelhantes ou do mundo também é o crescente significado que a opinião das outras pessoas passa a ter para aquele que anela por fama, chegando ao ponto em que o apego à fama ou desejo pela glória passa a competir com a vontade do Senhor e se torna mais relevante do que ouvir a voz de Deus.

Assim, em suas ambições por reconhecimento ou aprovação humana, as pessoas passam a se sentir pressionadas a agir conforme o pensamento humano, recaindo também por esta via no andar por vista e não mediante a fé no Senhor.

Em suas ambições por reconhecimento humano, as pessoas, então, se dispõem a serem ousadas, a tomarem a iniciativa e à frente das suas ações, a romperem com as suas condições de paz, paciência e quietude diante de Deus, e chegam ao ponto de inclusive pensarem e declararem que por si próprias podem escolher onde e como praticar o bem para com os seus semelhantes. Alegando, ainda, que se a motivação é fazer o bem a si próprias ou até aos seus semelhantes, elas podem arriscar fazê-lo

inclusive sem consultar ao Senhor em onde fazê-lo e como fazê-lo, semelhantemente ao que fizeram os falsos profetas mencionados no livro de Mateus capítulo 7.

Quando a fama perante os seus semelhantes e o mundo se torna o ponto de referência da vida de uma pessoa, não é mais Deus que está em primeiro lugar na sua vida. E desta forma, as pessoas também negam o que o Senhor nos ensina, por exemplo, nos seguintes textos:

João 15: 5 **Eu sou a videira, vós, os ramos. Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer.**

Romanos 7: 18 **Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum, pois o querer o bem está em mim; não, porém, o efetua-lo.**

Isaías 30: 15 **Porque assim diz o SENHOR Deus, o Santo de Israel: Em vos converterdes e em sossegardes, está a vossa salvação; na tranquilidade e na confiança, a vossa força, mas não o quisestes.**

1 João 2: 15 **Não ameis o mundo nem as coisas que há no mundo. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele;**

16 porque tudo que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não procede do Pai, mas procede do mundo.

17 Ora, o mundo passa, bem como a sua concupiscência; aquele, porém, que faz a vontade de Deus permanece eternamente.

Um cristão ou alguém que está associado à nova aliança nunca pode então ser exaltado ou ter alguma glória ou posição de honra diante dos seus semelhantes?

Em resposta à pergunta acima, retornamos mais uma vez ao aspecto da velha aliança onde um dos maiores problemas não era que as pessoas queriam rejeitar a Deus por completo, mas queriam que Ele viesse atrás delas para abençoá-las nos caminhos que elas próprias queriam andar.

Portanto, na nova aliança, não é o papel de um indivíduo buscar a fama ou a glória diante dos seus semelhantes, mas se achegar em humildade a Cristo que é manso e humilde no coração, se achegar diante de Deus com um espírito quebrantado, deixando nas mãos do Senhor o ser ou não ser exaltado e o quando ser exaltado.

Mateus 11: 29 **Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma.**

Tiago 4: 4 **Infiéis, não compreendeis que a amizade do mundo é inimiga de Deus? Aquele, pois, que quiser ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus.**

- 5 ***Ou supondes que em vão afirma a Escritura: É com ciúme que por nós anseia o Espírito, que ele fez habitar em nós?***
- 6 ***Antes, ele dá maior graça; pelo que diz: Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes.***
- 7 ***Sujeitai-vos, portanto, a Deus; mas resisti ao diabo, e ele fugirá de vós.***
- 8 ***Chegai-vos a Deus, e ele se chegará a vós outros. Purificai as mãos, pecadores; e vós que sois de ânimo dobre, limpai o coração.***
- 9 ***Afligi-vos, lamentai e chorai. Converta-se o vosso riso em pranto, e a vossa alegria, em tristeza.***
- 10 ***Humilhai-vos na presença do Senhor, e ele vos exaltará.***

Isaías 57: 15 ***Porque assim diz o Alto, o Sublime, que habita a eternidade, o qual tem o nome de Santo: Habito no alto e santo lugar, mas habito também com o contrito e abatido de espírito, para vivificar o espírito dos abatidos e vivificar o coração dos contritos.***

- Mateus 6: 5* ***E, quando orardes, não sereis como os hipócritas; porque gostam de orar em pé nas sinagogas e nos cantos das praças, para serem vistos dos homens. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa.***
- 6 ***Tu, porém, quando orares, entra no teu quarto e, fechada a porta, orarás a teu Pai, que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará.***
- 7 ***E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios; porque presumem que pelo seu muito falar serão ouvidos.***
- 8 ***Não vos assemelheis, pois, a eles; porque Deus, o vosso Pai, sabe o de que tendes necessidade, antes que lho peça.***

- Colossenses 3: 1* ***Portanto, se fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus.***
- 2 ***Pensai nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra;***
- 3 ***porque morrestes, e a vossa vida está oculta juntamente com Cristo, em Deus.***
- 4 ***Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então, vós também sereis manifestados com ele, em glória.***

E. A Motivação pelas Tradições, Culturas, Legados, Coisas Familiares ou Coletividades

Similarmente ao tópico anterior, ainda outro ponto mais específico em função do qual muitos procuram associar à nova aliança aspectos similares ao do primeiro sacerdócio, refere-se ao apego inapropriado à tradições, culturas, coisas que lhes sejam familiares ou coisas que lhes foram transferidas.

Vendo a questão do desejo por fama ou glória diante dos seus semelhante e do mundo ainda de outro ângulo, podemos ver que um dos pontos pelos quais algumas pessoas quiserem a Cristo nos dias em que o Senhor Jesus estava em carne no mundo, mas não se dispuseram a segui-lo, foi o fato de não estarem dispostas a enfrentar o rompimento com aquilo que o primeiro sacerdócio havia introduzido na vida das sociedades nas quais estavam inseridos, conforme o texto repetido abaixo:

*João 12:42 **Contudo, muitos dentre as próprias autoridades (ou governantes) creram nele, mas, por causa dos fariseus, não o confessavam, para não serem expulsos da sinagoga.***

E aqui também, há um outro aspecto que é muito característico das proposições de vida similares a como é o primeiro sacerdócio ou a velha aliança.

Uma vez que o primeiro sacerdócio propõe operar através de mediadores que representam o povo ou um conjunto de pessoas, a condição coletiva, grupal ou não individual também é altamente acentuada. O que, por sua vez, também acentua uma dependência praticamente inevitável do coletivo para as tentativas de relacionamento com Deus.

E quando o coletivo passa a ter uma representatividade sobre um grupo de pessoas como é o caso do primeiro sacerdócio, as coisas que sob ele são praticadas começam a se confundir com as tradições, culturas ou legados que vão sendo repassados às pessoas e às gerações que vem a estar sob a regência deste coletivo. Sob aspectos de coletividade, várias indivíduos começam a fazer muitas coisas por mera continuidade ou por sua posição de sucessão daqueles que os precederam.

Assim, quando Deus passou a revelar a nova aliança em Cristo Jesus e que nesta nova aliança cada pessoa pode se achar individualmente e diretamente ao Senhor sem a necessidade do coletivo, Deus não somente anunciou um novo e vivo caminho individual para o relacionamento com cada ser humano, mas também anunciou o caminho que possibilita uma pessoa romper com a sua dependência ou sujeição a muitos aspectos coletivos aos quais ela estava sujeita anteriormente.

Portanto, é em oposição à tão sublime e singular liberdade que a vida em Cristo também proporciona em relação à dependência do coletivo para o relacionamento com Deus que muitos levantam proposições com vista a distorcer a nova aliança com o objetivo de manter suas tradições e culturas ou com o objetivo de repassar os seus legados religiosos para que outros deem continuidade aos credos, obras e estruturas aos quais tanto se dedicaram, ainda que a dedicação a eles tenha sido em vão.

Fica ressaltado também aqui, o quanto o andar por vista e não por fé é muito atrativo ao homem natural, pois aos olhos naturais, a ideia do coletivo pode ser muito confortante ou dar a ideia de segurança, além de que na coletividade as pessoas não

necessariamente precisam ajustar ou corrigir os desejos dos seus coração, pois elas pensam que podem ir no embalo do coletivo e dos que estão à frente deste, como é característico da velha aliança.

Muitos apreciam fazer parte formalmente de um grupo para ali poderem saciar o desejo de fama e glória, como vimos no tópico anterior. Entretanto, muitos também apreciam fazer parte formalmente de um grupo devido ao sentimento de segurança ou aceitação que isto lhes proporciona.

Similarmente, o andar por vista e não por fé também aprecia as tradições, culturas ou coisas familiares devido ao fato de grande parte de suas práticas já serem conhecidas pela alma. Porém, a novidade de vida em Cristo e a dependência contínua do Senhor são aspectos a serem conhecidos espiritualmente e de forma renovada a cada novo dia, razão pela qual o Senhor Jesus nos adverte que:

*Lucas 5:39 **E ninguém, tendo bebido o vinho velho, prefere o novo; porque diz: O velho é excelente.***

Diante da proposição da nova aliança, muitas pessoas vislumbram a importância que nela há, mas ainda assim não a recebem totalmente de bom grado porque isto as desafia a deixar o velho que lhes é mais saboroso do que o novo ou no qual pensam estarem mais seguras. E, por isto, similarmente às outras cobiças por coisas más, elas procuram harmonizar o que lhes parece atrativo na nova aliança com o que apreciam na velha aliança, a qual é uma postura através da qual também incorrem nos princípios básicos do primeiro sacerdócio que é a vida sob a vista e não mediante a fé em Deus.

Portanto, é inevitável que a característica do primeiro sacerdócio de tentar fazer prevalecer a vontade humana sobre a vontade de Deus venha a propor uma valorização das tradições, culturas, legados humanos ou coisas familiares acima da vontade do Senhor ou do que Deus nos oferece na nova aliança em Cristo Jesus.

*Mateus 15: 6(b) **E, assim, invalidastes a palavra de Deus, por causa da vossa tradição.***

*Marcos 7: 8 **Negligenciando o mandamento de Deus, guardais a tradição dos homens.***

*9 **E disse-lhes ainda: Jeitosamente rejeitais o preceito de Deus para guardardes a vossa própria tradição.***

Alguns aspectos de tradições e culturas certamente não competem com a vontade de Deus, como, por exemplo, alguns aspectos da culinária, o idioma de uma nação e outros que uma pessoa recebe como legado.

Entretanto, quando algo se opõe ao relacionamento pessoal de um indivíduo com Deus ou quando algo procura tomar as posições e funções que pertencem exclusivamente a Cristo, isto representa uma resistência do homem natural às coisas do Espírito, e que, portanto, deveria ser rejeitado e deixado para trás por aquele que quer andar no caminho de salvação e novidade de vida que o Senhor lhe oferece.

A nova aliança em Cristo oferece libertação da sujeição ao pecado e também da sujeição à velha aliança ou à lei do primeiro sacerdócio, ou ainda, similares a ele, o que também implica na possibilidade de um afastamento das coisas que para trás ficam e um avançar para coisas que estão à frente, por mais que as coisas que para trás ficam sejam reconhecidas por muitos como tradições ou culturas quase que intocáveis.

Filipenses 3: 13 **Irmãos, quanto a mim, não julgo havê-lo alcançado; mas uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão,**
14 prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus.

Colossenses 2: 8 **Cuidado que ninguém vos venha a enredar com sua filosofia e vãs sutilezas, conforme a tradição dos homens, conforme os rudimentos do mundo e não segundo Cristo;**
9 porquanto, nele, habita, corporalmente, toda a plenitude da Divindade.
10 Também, nele, estais aperfeiçoados. Ele é o cabeça de todo principado e potestade.

Conforme comentado também em outro ponto, uma vez que todo aquele que já experimentou o vinho velho prefere o velho, e não o novo, ressaltamos aqui que o avançar para a vida em Cristo pode incluir também um posicionamento que inicialmente não seja aprazível à pessoa que o faz, pois a nova aliança oferece um caminho que pode desagradar em muito as motivações do homem natural.

Por outro lado, quando uma pessoa opta pelo novo e vivo caminho de vida que o Senhor lhe oferece, ela logo poderá perceber que ele é um caminho de vida que a liberta da escravidão aos próprios desejos carnis à qual ela estava sujeita antes e da qual ela não podia alcançar libertação por si própria.

Assim, visto que a obra de Cristo na cruz do Calvário foi realizada também para libertar as pessoas de tradições, culturas e legados que lhes foram repassados e que se opõem ao relacionamento direto com o Senhor ou que elas criaram em contrariedade à vontade de Deus, nenhum cristão tem a obrigação de dar continuidade à manutenção de qualquer um destes aspectos que lhe foi transferido por outras gerações ou que outros querem que ele continue a dar sustentação.

Um cristão, primeiramente, é chamado a viver e andar segundo a vontade de Deus e não a vontade dos seus semelhantes, da coletividade que está em seu entorno ou do mundo.

1 Pedro 1: 17 **Ora, se invocais como Pai aquele que, sem aceção de pessoas, julga segundo as obras de cada um, portai-vos com temor durante o tempo da vossa peregrinação,**
18 sabendo que não foi mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados do vosso fútil procedimento que vossos pais vos legaram,

19 *mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo,*
 20 *conhecido, com efeito, antes da fundação do mundo, porém manifestado no fim dos tempos, por amor de vós*
 21 *que, por meio dele, tendes fé em Deus, o qual o ressuscitou dentre os mortos e lhe deu glória, de sorte que a vossa fé e esperança estejam em Deus.*

Mateus 7: 21 Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus.

Mateus 10: 32 Portanto, todo aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos céus;
 33 *mas aquele que me negar diante dos homens, também eu o negarei diante de meu Pai, que está nos céus.*

2 Coríntios 1: 21 Mas aquele que nos confirma convosco em Cristo e nos ungiu é Deus,
 22 *que também nos selou e nos deu o penhor do Espírito em nosso coração.*

Quando olhamos atentamente para as Escrituras, podemos ver que não há dúvida que Deus quer que os cristãos tenham comunhão também entre si e se beneficiem dos frutos desta comunhão. Entretanto, isto não significa que a coletividade deva mediar ou reger a vida de uma pessoa e nem que as pessoas, através desta comunhão, são chamadas para darem continuidade ou sustentação às tradições e culturas que lhes forem ensinadas em seu contexto de vida e que são contrárias à nova aliança em Cristo Jesus.

1João 1: 3 O que temos visto e ouvido anunciamos também a vós outros, para que vós, igualmente, mantenhais comunhão conosco. Ora, a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo.

F. A Motivação pelas Coisas Materiais ou a Motivação da Ganância

Além das motivações mais específicas que abordamos nos tópicos anteriores, e em função das quais muitas pessoas procuram associar aspectos similares ao do primeiro sacerdócio à nova aliança, ainda há várias outras como, por exemplo, o desejo pelo poder, fazendo com que muitos querem ter o direito de usar o “nome de Cristo” e o poder associado a ele, mas sem terem a disposição de aceitar o senhorio de Cristo ou a vontade de Deus em suas vidas, conforme foi declarado pelo Senhor Jesus em relação aos falsos profetas no texto de Mateus anteriormente visto.

Entretanto, para não nos delongarmos em demasia nestes aspectos com objetivo de avançar para conhecermos ainda vários outros pontos da glória do Senhor Jesus Cristo, iremos considerar neste capítulo ainda somente a questão da motivação pelas coisas materiais, bens e dinheiro quando esta está associada a uma cobiça disposta a tentar corromper a nova aliança.

Conforme também já comentamos anteriormente, o fato da velha aliança ser direcionada a um andar por vista, segundo o querer do homem natural e não mediante à fé, acrescido do fato de muitos serviços centrais do primeiro sacerdócio estarem associados a estruturas e ofertas materiais, resultou em uma valorização crescente dos aspectos materiais e também uma cobiça cada vez mais intensa e aprimorada em relação a eles.

O andar prioritariamente segundo aquilo que é tangível vai fazendo com que as pessoas comecem a ficar com os seus olhos focadas cada vez mais nas coisas naturais, levando também o coração a apreciar estas coisas a ponto dos interesses do coração ficarem cada vez mais aprisionadas às questões deste mundo e deixando de lado o foco nas questões segundo a ótica do Pai Celestial, o Pai das Luzes.

Assim, pelo fato do primeiro sacerdócio ter o seu foco nas coisas materiais, as pessoas também começaram a se entregar ao pensamento de que “a essência das bênçãos” a serem recebidas da divindade que adoram é alcançar a prosperidade em coisas terrenas ou materiais.

O primeiro sacerdócio, devido ao fato dele sempre ter tido o foco em tantos aspectos exteriores, na realidade, ou na prática, acabou cooperando para potencializar nas pessoas uma mentalidade baseada na barganha, na negociata, na oferta de alguns bens ou recursos para prioritariamente receberem um retorno material ainda maior.

A partir das motivações que estavam em seus corações, as pessoas que foram libertas do domínio do Egito chegaram ao ponto em que estavam prontamente dispostas, por exemplo, a sacrificarem e ofertarem muitos dos seus pertences para que o “bezerro de ouro” viesse a ser feito sob o intento de que pudessem alcançar prosperidade material similar à nação da qual foram libertas.

Desta forma, a proposição de piedade associada à velha aliança acabou se evidenciando para muitos como uma devoção à lei deste sacerdócio sob o objetivo principal de obtenção de lucro, enriquecimento material, bem-estar, e segurança social e territorial.

Entretanto, como a mentalidade de barganha ou de ganância não é algo exclusivo do primeiro sacerdócio, mas é algo inerente ao coração do ser humano sujeito ao pecado,

as pessoas continuam a procurar caminhos para tentar manter conceitos do primeiro sacerdócio ativos inclusive depois de Deus já ter declarado o antigo sacerdócio como revogado ou obsoleto.

Para não se verem diante do desafio de abrir mão dos seus interesses gananciosos, mas tentando ocultá-los perante Deus e até dos seus semelhantes, muitas pessoas insistem em não se apartar daquilo que já foi demonstrado como uma tentativa vã ou inútil de piedade, chegando ao ponto de incorrerem em tentativas de distorção inclusive da sã doutrina ou das palavras do Senhor Jesus Cristo.

E ainda que procurem fazê-lo através de formas com aparências distintas do primeiro sacerdócio ou usando conotações que supostamente seriam da nova aliança ou do sacerdócio revelado em Cristo, muitos acabam adotando condutas ou atitudes que denominam de cristãs, mas que acabam, de uma ou de outra forma, repetindo ou refletindo o comportamento das pessoas sob o primeiro sacerdócio com sua mentalidade de barganha. Realidade essa, descrita de forma muito esclarecedora pelo texto exposto por Paulo ao escrever a Timóteo alertando aos verdadeiros cristãos a se apartarem dos que assim o fazem, conforme segue:

1 Timóteo 6: 3 Se alguém ensina outra doutrina e não concorda com as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo e com o ensino segundo a piedade,

4 é enfatuado, nada entende, mas tem mania por questões e contendas de palavras, de que nascem inveja, provocação, difamações, suspeitas malignas,

5 alterações sem fim, por homens cuja mente é pervertida e privados da verdade, supondo que a piedade é fonte de lucro.

Aparta-te dos tais.

6 De fato, grande fonte de lucro é a piedade com o contentamento.

7 Porque nada temos trazido para o mundo, nem coisa alguma podemos levar dele.

8 Tendo sustento e com que nos vestir, estejamos contentes.

9 Ora, os que querem ficar ricos caem em tentação, e cilada, e em muitas concupiscências insensatas e perniciosas, as quais afogam os homens na ruína e perdição.

10 Porque o amor do dinheiro é raiz de todos os males; e alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé e a si mesmos se atormentaram com muitas dores.

11 Tu, porém, ó homem de Deus, foge destas coisas; antes, segue a justiça, a piedade, a fé, o amor, a constância, a mansidão.

Embora o último texto acima esteja mais amplamente exposto nos estudos sobre O Outro Evangelho, que se expressa também como um suposto evangelho da piedade aparente e associada à ganância, e sobre O Cristão e as Riquezas, podemos ver que o problema mais acentuado, muitas vezes, até não está centrado somente nos atos rituais do primeiro sacerdócio, mas na mentalidade que leva as pessoas a construírem uma ideia de vida piedosa em que elas próprias passam a supor o que vem a ser esta piedade ou um sacerdócio, e não segundo aquilo que Deus define sobre o que vem a ser uma vida ou um sacerdócio segundo a verdadeira piedade.

1 Timóteo 6: 5 ... *contendas de homens corruptos de entendimento e privados da verdade, cuidando (ou supondo) que a piedade seja causa de ganho (ou fonte de lucro).*
Aparta-te dos tais. (RC+RA)

A instrução de Paulo a Timóteo ao dizer ***apartai-te dos tais*** reflete o que também nos é ensinado nas Escrituras quanto à necessidade das pessoas se apartarem do primeiro sacerdócio, sua lei e sua aliança, pois na sujeição à mentalidade do primeiro sacerdócio, as pessoas incorrem em privação da verdade porque a mediação do relacionamento com Deus e com a verdade através de homens ou mulheres nunca levará as pessoas a conhecerem a verdade e a vontade de Deus no transcorrer diário das mais variadas áreas de suas vidas.

No mundo, muitos que alegam querer a Cristo, na realidade, querem ao Senhor de acordo com uma proposição de sacerdócio estabelecido segundo os seus intentos ou sob o conceito de que a piedade é o caminho para buscarem a satisfação de suas ganâncias ou para que “Cristo os abençoe a serem prósperos em seus intentos prioritariamente terrenos, materiais ou carnis”.

Muitas pessoas querem a Cristo, mas o querem como Aquele que as segue e as abençoa em toda e qualquer decisão que tomarem, mesmo quando estas forem opostas à justiça e retidão de Deus, similarmente aos mesmos desejos maus que uma grande parte das pessoas libertas do domínio do Egito carregavam em seus corações.

E ao escolherem não dar a Deus o primeiro lugar em suas vidas por causa das suas buscas pelo que denominam de *prosperidade, avanço, desenvolvimento, crescimento* ou até *aproveitar a vida ou a boa sorte*, muitas pessoas se movem em direção às más cobiças, ou àquilo que aos seus olhos lhes parece apropriado, e se rendem às suas mais diversas empreitadas. Elas inclusive passam a confiar mais no que elas propõem e em seus empreendimentos do que em Deus, similarmente a quando um indivíduo opta em colocar o desejo pela fama ou glória humana acima da vontade de Senhor.

Entretanto, ao pensarem que indivíduos ou ministérios podem estabelecer os alvos materiais que lhes parecem apropriados e que Deus os irá abençoar em seus propósitos somente porque denominam a si mesmos de cristãos ou porque fazem uso do “nome de Cristo”, eles deixam de levar em conta que estes caminhos também são comparados com aqueles em que os espinhos ganham espaço, se multiplicam, e sufocam a palavra de Deus em suas vidas e os levam a ficarem sujeitos às condições que lhes atormentarão com muitas dores, conforme também os seguintes textos nos ensinam:

1 Timóteo 6: 10 Porque o amor do dinheiro é raiz de todos os males; e alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé e a si mesmos se atormentaram com muitas dores.

Mateus 13: 22 O que foi semeado entre os espinhos é o que ouve a palavra, porém os cuidados do mundo e a fascinação das riquezas sufocam a palavra, e fica infrutífera.

Lucas 8: 14 A que caiu entre espinhos são os que ouviram e, no decorrer dos dias, foram sufocados com os cuidados, riquezas e deleites da vida; os seus frutos não chegam a amadurecer.

Quando Cristo contou a parábola do Semeador que saiu a semear a palavra de Deus, Ele disse que muitos receberiam a palavra de Deus com alegria, assim como as pessoas libertas do domínio do Egito receberam com alegria à sua libertação daqueles que exteriormente os oprimiam.

No entanto, o Senhor também chamou a atenção de seus ouvintes dizendo que, na sequência, muitos que receberam a palavra deixariam que os espinhos das demandas dos cuidados da vida, das riquezas e dos deleites da vida recebessem um espaço indevido a ponto de sufocarem a palavra de salvação e vida que Deus permitiu receberem.

E similarmente, também neste ponto, como em vários aspectos vistos em tópicos anteriores, muitas pessoas, ao não quererem assumir uma posição explícita de se apartarem de Cristo, procuram alguma alternativa de combinação entre aquele sistema de barganha do primeiro sacerdócio e a nova aliança.

Sob o aspecto que estamos procurando destacar neste tópico, não nos parece ser tão difícil ver porque as pessoas inicialmente receberam a Cristo com muita alegria, mas na sequência passaram a se escandalizar em vários aspectos da nova proposição de aliança que Ele veio a lhes oferecer, conforme exemplificado a seguir:

Mateus 6: 19 Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam;
20 mas ajuntai para vós outros tesouros no céu, onde traça nem ferrugem corrói, e onde ladrões não escavam, nem roubam;
21 porque, onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração.

João 6: 26 Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: vós me procurais, não porque vistes sinais, mas porque comestes dos pães e vos fartastes.
27 Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela que subsiste para a vida eterna, a qual o Filho do Homem vos dará; porque Deus, o Pai, o confirmou com o seu selo.
28 Dirigiram-se, pois, a ele, perguntando: Que faremos para realizar as obras de Deus?
29 Respondeu-lhes Jesus: A obra de Deus é esta: que creiais naquele que por ele foi enviado.

Lucas 12: 15 Então, lhes recomendou: Tende cuidado e guardai-vos de toda e qualquer avareza; porque a vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui.

Muitas pessoas rejeitaram a nova aliança não somente porque não apreciaram alguns aspectos novos que Cristo veio lhes oferecer, mas também ou até principalmente por causa daquilo que, na nova aliança, precisariam deixar para trás ou abrir mão.

A aceitação da rejeição plena do primeiro sacerdócio ou também conhecido pela associação ao nome de Moisés, conforme já comentamos em outras palavras anteriormente, também implicaria no recuo de espaços que a carne, a natureza humana, os homens e mulheres, principalmente os religiosos e os poderosos, já tinham alcançado, gerando enormes desconfortos e confrontos entre a proposição da nova aliança e da remoção da antiga aliança e todo o contexto envolvido com este sacerdócio.

Aquilo que começou como algo onde as pessoas prometeram cumprir, segundo o seu esforço, um conjunto de regras e sacrifícios para supostamente serem abençoadas por Deus em contrapartida ao cumprimento das regras e dos sacrifícios, tornou-se em uma enorme estrutura onde muitos angariavam seus ganhos em detrimento e em opressão de outros em número ainda muito maior do que no início do primeiro sacerdócio.

Cristo não veio em carne ao mundo somente para fazer uma provisão geral que livra as pessoas da condenação da sua sujeição ao pecado, algo que até os gananciosos iam querer receber. Cristo também veio prover libertação às pessoas do sistema sacerdotal que era um potencializador da ganância e que passou a ser o referencial de vida para muitos. E era isto que gerava tanto desconforto para muitos indivíduos que tinham ganhos materiais com toda a estrutura que se desenvolveu a partir de um chamado “simples tabernáculo no deserto”, pois o fermento cresce e leveda toda a massa, chegando a levedar quase que toda uma nação.

Nos dias em que Cristo foi crucificado e depois ressuscitou dentre os mortos, havia muitos sacerdotes, grupos de estudiosos e líderes religiosos como os fariseus e saduceus, os escribas e os doutores, intérpretes da lei, levitas de diversas classes, os levitas músicos, os levitas que degolavam os sacrifícios, os levitas que cuidavam do funcionamento geral do pátio do templo, os levitas da tesouraria, e muitas outras situações em que as pessoas obtinham os seus ganhos materiais a partir do que girava em torno da velha aliança.

Nos dias em que Cristo veio em carne ao mundo, todos deveriam ir, ao menos uma vez ao ano, à Jerusalém. Com isto, além do trânsito de pessoas e suas despesas, 10% da agricultura ou da pecuária eram designados a virem para o sistema religioso segundo a velha aliança.

No grande fluxo de recursos que eram movimentados em torno da velha aliança, inclusive passou a ser instituído no país afora um sistema de cambistas que transformavam as ofertas e dízimos originais das pessoas em valor monetário para que as pessoas pudessem viajar a Jerusalém sem terem que levar as pesadas cargas das suas ofertas propriamente dito.

O sistema de hospedagem e o comércio em geral também extraíam vultuosos ganhos materiais e econômicos de toda aquela movimentação religiosa.

De repente, porém, diante da oferta de novidade de vida segundo a nova aliança, de uma dia para o outro, todo um segmento da economia de uma nação atuante por séculos não tinha mais razão de existir.

A partir da morte de Cristo na cruz do Calvário para expiação de toda a culpa de toda a humanidade para com o pecado, nenhuma tentativa de obter o perdão dos pecadores

e a salvação por meio de diversos sacrifícios segundo a lei de Moisés permaneceu autorizada pelo Senhor, mas, igualmente, também nenhum sacerdote receptor de sacrifícios e das confissões dos pecadores continuou sendo necessário.

Não bastando isto, a vinda da nova aliança e o fim da lei de Moisés também tornava evidente que qualquer sacerdócio similar ao de Moisés, ou seja, qualquer sacerdócio com mediadores e focado prioritariamente em sacrifícios e obras materiais, igualmente não era mais necessário, conforme muitas pessoas compreenderem em Éfeso depois que Paulo lhes anunciou o Evangelho de Cristo e onde ele foi perseguido por aqueles que tinham os seus ganhos associados ao templo da chamada deusa Diana.

Com a morte de Cristo na cruz do Calvário e o estabelecimento de uma vez e para sempre do pagamento da dívida de toda a humanidade para com o pecado e com a lei do primeiro sacerdócio, ou de qualquer outro sacerdócio no mundo, os antigos sacrifícios e ofertas do primeiro sacerdócio ou similares a ele já não faziam sentido algum, assim como a necessidade de sacerdotes mediadores também deixou completamente de ter qualquer finalidade.

Cristo permitiu que o seu sangue fosse derramado na cruz do Calvário para fazer a provisão de salvação de todos para a vida eterna. Porém, Ele também morreu na cruz para livrar as pessoas de velhas e caducas alianças para que elas, já desde o encontro pela fé com Cristo, também pudessem ficar livres da obrigatoriedade de sacerdócios terrenos e para que o sacerdócio celestial tomasse o devido lugar exclusivo nos corações daqueles que recebessem a salvação a eles oferecida por Deus mediante à sua graça eterna.

Quando os sacerdotes, reis e governantes induziram o povo a pedir a crucificação de Cristo e deram o seu aval para que esta crucificação fosse de fato realizada, eles, conjuntamente, endossaram o fim de qualquer validade do primeiro sacerdócio, assim como também o fim da validade de todas as funções dos sacerdotes, levitas, templos, serviços, sacrifícios e ofertas que eram praticadas até aquele ponto, pois com a morte de Cristo na cruz do Calvário, tudo aquilo para o qual os sacerdotes da velha aliança existiam perdeu efeito imediato e cabal, perdeu o efeito por completo perante Deus.

*1 Coríntios 2: 7 **Mas falamos a sabedoria de Deus em mistério, outrora oculta, a qual Deus preordenou desde a eternidade para a nossa glória;***

8 sabedoria essa que nenhum dos poderosos deste século conheceu; porque, se a tivessem conhecido, jamais teriam crucificado o Senhor da glória.

A partir do estabelecimento e oferecimento da nova aliança em Cristo Jesus, Deus voltou a reiterar o que havia dito a Davi, a saber, que Ele não habita em templos feitos por mãos humanas, declarando que a própria finalidade do templo para mostrar a fraqueza e a inutilidade da velha aliança também já havia expirado e que quem insistisse no ponto de que o Senhor habita em templos feitos por mãos humanas estaria se opondo ao Espírito do Senhor.

*Atos 7: 46 **Este achou graça diante de Deus e lhe suplicou a faculdade de prover morada para o Deus de Jacó.***

- 47 Mas foi Salomão quem lhe edificou a casa.*
48 Entretanto, não habita o Altíssimo em casas feitas por mãos humanas; como diz o profeta:
49 O céu é o meu trono, e a terra, o estrado dos meus pés; que casa me edificareis, diz o Senhor, ou qual é o lugar do meu repouso?
50 Não foi, porventura, a minha mão que fez todas estas coisas?
51 Homens de dura cerviz e incircuncisos de coração e de ouvidos, vós sempre resistis ao Espírito Santo; assim como fizeram vossos pais, também vós o fazeis.

Atos 17: 24 O Deus que fez o mundo e tudo o que nele existe, sendo ele Senhor do céu e da terra, não habita em santuários feitos por mãos humanas.

Quando, no livro de Atos, vemos que um anjo do Senhor instrui aos apóstolos do Senhor que haviam recém sido liberados da prisão a também irem pregar a “mensagem completa” aos cristãos em geral e aqueles que ainda iam ao antigo templo, ele não estava dizendo que as pessoas em Cristo precisavam ir ao templo, mas estava lhes instruindo a pregarem “a mensagem completa” de que em Cristo cada pessoa é o templo ou a habitação do Senhor se também permanecer no Senhor e na nova aliança na maneira como ela é oferecida.

1 Coríntios 3: 16 Não sabeis que sois santuário de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?

Se a vida cristã dependesse de templos feitos por mão humanas, Deus não teria permitiria a destruição do templo do antigo sacerdócio. Porém, como o reino de Deus não é estabelecido em coisas abaláveis, mas nas inabaláveis, conforme já vimos no estudo sobre O Evangelho do Reino de Deus, o Senhor permitiu que muitas coisas tidas como inabaláveis fossem abaladas por não pertencerem de fato ao reino celestial revelado em Cristo Jesus mediante a nova aliança.

Deus é justo e não faz acepção de pessoas. Por isto também, o sistema do antigo sacerdócio, que sempre faz acepção de pessoas já pelo simples fato de requerer que as pessoas venham aos seus locais de sacerdócio, não poderia mais ser tolerado além da plenitude do tempo em que sua fraqueza já havia sido plenamente exposta.

Pelo fato de Deus ter considerado encerrado o tempo do primeiro sacerdócio, Deus também não tem mais compromisso com estes tipos de estruturas, leis, sacerdócios e alianças que oprimem e escravizam as pessoas. Deus tem compromisso com pessoas ou indivíduos de todas as raças, povos e classes sociais que o buscam para recebê-lo em humildade em seus corações.

Isaías 57: 15 Porque assim diz o Alto, o Sublime, que habita a eternidade, o qual tem o nome de Santo: Habito no alto e santo lugar, mas habito também com o contrito e abatido de espírito, para vivificar o espírito dos abatidos e vivificar o coração dos contritos.

No primeiro sacerdócio, “Deus era para ser encontrado no templo”, “se os sacerdotes e o povo estivessem com os serviços religiosos em dia”. Na nova aliança, porém, Deus se deixa ser encontrado em qualquer lugar, em qualquer vila, em qualquer casa, em qualquer lugar onde alguém abre o seu coração a Cristo, mesmo que ninguém mais ao redor queira a Cristo como Senhor de sua vida.

A respeito do próprio Senhor Jesus Cristo, não há mais relatos que Ele tenha entrado no templo feito por mãos humanas depois que Ele ressurgiu dentre os mortos e esteve entre os seus discípulos com um corpo glorificado.

Se antes, o Senhor Jesus Cristo seguiu ou cumpriu a lei de Moisés para resgatar os que estavam sujeitos a ela, agora ressurreto, tendo o véu do templo sido rasgado, aquele antigo templo era uma construção de pedras naturais como qualquer outra construção humana e sem o aval de Deus para continuar sendo chamado de casa de Deus, também não precisando mais de sacerdócios humanos para mediar a relação com Deus. E isto, porque Cristo, o próprio caminho a Deus, foi estabelecido como o Novo e Vivo Caminho da Nova Aliança e que vem ao coração daquele que Nele crê para que, a partir dali, cada pessoa, em Cristo, seja sacerdote de sua vida perante Deus e para que Cristo seja o Sumo Sacerdote perfeito que assiste perfeitamente a todos que se achegam através Dele a Deus.

Após a sua ressurreição, Cristo mostrou aos seus discípulos que Ele era plenamente habilitado para entrar em uma casa sem que se abrissem as suas portas materiais que estavam trancadas para que também através disto soubessem que não havia mais restrições para Ele ir onde fosse necessário ir e para demonstrar que Ele poderia estar em qualquer lugar onde um coração anelasse por Ele.

Desta forma, se no sacerdócio da velha aliança, por exemplo, os aprisionados por vários motivos não poderiam ir ao templo, no sacerdócio vindo dos céus, é o Senhor que vai ao encontro dos aprisionados para lhes consolar e fortalecer o coração se eles o receberem como a oferta ou a dádiva do amor de Deus para a sua redenção e salvação.

Depois de ressurreto, Cristo foi revelado por Deus como o Sumo Sacerdote perfeito para todos porque Ele pode atender perfeitamente a qualquer coração em qualquer lugar e tempo que este precise do Senhor, mas também porque Ele entrou nos céus para sempre “**para comparecer, agora, por nós, diante de Deus**”.

Colossenses 1: 20 ... e que, havendo feito a paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele, reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, quer sobre a terra, quer nos céus.

Hebreus 9: 12 ... não por meio de sangue de bodes e de bezerras, mas pelo seu próprio sangue, entrou no Santo dos Santos, uma vez por todas, tendo obtido eterna redenção.

Hebreus 9: 23 Era necessário, portanto, que as figuras das coisas que se acham nos céus se purificassem com tais sacrifícios, mas as próprias coisas celestiais, com sacrifícios a eles superiores.

²⁴ Porque Cristo não entrou em santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém no mesmo céu, para comparecer, agora, por nós, diante de Deus;

25 nem ainda para se oferecer a si mesmo muitas vezes, como o sumo sacerdote cada ano entra no Santo dos Santos com sangue alheio.

Hebreus 4: 14 Tendo, pois, a Jesus, o Filho de Deus, como grande sumo sacerdote que penetrou os céus, conservemos firmes a nossa confissão.

15 Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado.

16 Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna.

Depois que Ele fez a provisão para o fim da lei de Moisés, o Cristo ressurreto nunca mais se sujeitou a qualquer coisa ligada àquele antigo sacerdócio, lei, aliança ou estrutura.

O que antes era extremamente amplo, complexo, custoso, cheio de milhares de detalhes, sacrifícios, agendas e tanto outras coisas difíceis de serem realizadas em termos naturais, tanto a curto prazo como a longo prazo, de um instante para o outro, com a morte, sepultamento e ressurreição de Cristo, se tornou tão simples, muito simples, a ponto de que qualquer um, iletrado ou instruído, judeu ou grego, homem ou mulher, escravo ou livre, pudesse recebê-lo e ser participante dele a partir do seu próprio coração, por onde fosse e em todo o tempo.

Em sua sabedoria soberana, o Senhor permitiu o primeiro sacerdócio, conforme já comentamos, também para que as pessoas vissem o quanto a ganância e o apego inapropriado aos bens, estruturas, templos e recursos deste mundo geram opressão mútua entre aqueles que alegam querer a Deus sobre as suas vidas, mas não em suas vidas.

A fraqueza do primeiro sacerdócio foi sendo desvendada dia-a-dia durante séculos diante de todo o povo até que ele teve o véu do seu santuário terreno rasgado de cima até embaixo pelo poder de Deus quando Cristo foi crucificado, anunciando que o tempo de permissão de tentativa de viver através deste sacerdócio havia chegado ao fim, pois o que é segundo a carne não produz a vontade de Deus e jamais poderá fazê-lo.

Romanos 8: 7 Porquanto a inclinação da carne é inimizade contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser.

8 Portanto, os que estão na carne não podem agradar a Deus. (RC)

Assim, a despeito do que Deus fez através de Cristo, muitas pessoas tinham grande interesse na manutenção daquele sistema já praticado há muitos séculos não porque a velha aliança fosse de fato benéfica às pessoas, pois já estava provado e testemunhado que não era, mas por causa da ganância e das ambições daqueles que tinham lucros ou que recebiam poder com aquele sistema, uma postura que perdura sendo feito por séculos.

Por isto, diante do fato de que o processo de tornar evidente as motivações que se apresentam no coração do homem natural em sua busca de relacionamento com Deus foi um dos aspectos centrais pelos quais o Senhor autorizou as pessoas a tentarem viver por um tempo em conformidade com a velha aliança, ressaltamos que Deus também nos chama a atenção para estarmos atentos a não ceder às condutas de ganância em nossos dias que tentam associar a nova aliança às práticas antigas já revogadas, como exemplifica mais um texto a seguir:

2 Pedro 2: 1 Assim como, no meio do povo, surgiram falsos profetas, assim também haverá entre vós falsos mestres, os quais introduzirão, dissimuladamente, heresias destruidoras, até ao ponto de renegarem o Soberano Senhor que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina destruição.
2 E muitos seguirão as suas práticas libertinas, e, por causa deles, será infamado o caminho da verdade;
3 também, movidos por avareza, farão comércio de vós, com palavras fictícias; para eles o juízo lavrado há longo tempo não tarda, e a sua destruição não dorme.

Portanto, quando pessoas propuserem que dízimos e as antigas ofertas que lhes interessam são cabíveis à nova aliança, não importa o argumento que estiverem usando, elas estão procurando corromper a nova aliança através da associação a ela de preceitos da velha aliança, do seu sistema de barganha ou de suas más cobiças similares às más cobiças da antiguidade, pois o velho sacerdócio foi declarado obsoleto por completo pelo Senhor, e não só em partes.

O Senhor Jesus, em uma situação específica, falou para os fariseus praticarem o dízimo. Isto, porém, Ele disse porque eles ainda estavam debaixo da lei de Moisés e porque Cristo ainda não havia sido crucificado segundo a mesma lei para resgatar os que estavam debaixo da lei da velha aliança.

Entretanto, depois da ressurreição de Cristo, não há nenhum ensino para um cristão vir a praticar o dízimo ou qualquer outra oferta da velha aliança. E isto, também por um razão óbvia, a saber: Se não há mais necessidade de sacerdotes, levitas e templos feitos por mãos humanas, se o que era feito na velha aliança era para servir a sombra que não pode aperfeiçoar aqueles que praticam seus atos, também não há razão para serem mantidos os dízimos e as ofertas exclusivamente criados e implantados para atender a estrutura do primeiro sacerdócio ou similares a eles.

Os sacerdotes e levitas tinham que passar horas e horas por dia degolando animais para o sacrifício e se preparando para entrar no tabernáculo ou no templo feito por mãos humanas, e depois ainda atender o povo que muitas vezes se acumulava em multidões diante deles. Mas uma vez que acabou a necessidade de qualquer sacrifício para a justificação das pessoas por causa do sacrifício perfeito que Deus apresentou ao mundo através do seu Filho Jesus Cristo, nenhum serviço do tipo de sacerdotes e levitas mediadores continuou sendo necessário, nem mesmo a necessidade dos próprios sacerdotes e levitas mediadores visto que Cristo foi revelado o Único Mediador entre Deus e os seres humanos.

Em seu afã de quererem justificar os dízimos, alguns ainda tentam alegar que Abraão era “dizimista”, mas o que também é uma distorção dos fatos, visto que Abraão

dizimou em uma única situação e nem dizimou uma parte dos seus próprios bens, mas de despojos de guerra de outros reis e os quais inclusive devolveu a eles, conforme veremos em um dos capítulos mais adiante.

Por outro lado, entendemos que convém lembrar aqui que não foram os sacerdotes e levitas que pediram a velha aliança, mas as pessoas em geral o fizeram.

Assim, o desejo ou a cobiça má pela manutenção dos dízimos e do sistema de ofertas da velha aliança, ou similares a ela, não pode ser atribuído somente àqueles que querem ser sacerdotes, levitas, ministros, líderes, pastores, padres, apóstolos, reverendos, patriarcas ou qualquer outro nome que se atribua estas funções, pois as pessoas que se dispõem a seguir os sistemas que propõem os dízimos e as mais variadas ofertas também veem nestes sistemas uma possibilidade de barganha, de obtenção de “lucro” ou para procurar atender as suas cobiças por segurança, controle, bens ou recursos materiais.

E em sua ganância, é interessante observar como vários dos proponentes a receber as ofertas e dízimos, assim como vários daqueles que querem se sujeitar a este sistema, se mostram incoerentes ao não se importarem em declarar, por exemplo, que o dízimo ainda é válido, mas que não é mais necessário as pessoas guardarem o sábado devido a isto ser um item da lei revogada com a revelação de Cristo ao mundo.

Sujeitas às suas ganâncias, as pessoas chegam a pensar que podem selecionar os itens da velha aliança que lhes interessam financeiramente e descartar aqueles que lhes parecem ser excessivamente pesados, esquecendo-se, porém, de que aquele que quer viver sujeito a um item da lei também fica obrigado a cumprir todos os itens da lei.

Portanto, depois da ressurreição de Cristo, o Senhor Jesus, Pedro, João, Paulo, o autor do livro de Hebreus, assim como todas as Escrituras do denominado Novo Testamento jamais ensinaram sobre guardar o sábado, ir à Jerusalém nos dias de festas, implantar sacerdotes e levitas, e toda a sua estrutura de serviços e cultos, assim como também não ensinaram sobre o antigo sistema de ofertas e dízimos, porque Cristo é o fim de “toda a lei” da velha aliança e não somente das partes que as pessoas acham interessante deixar para trás.

Na velha aliança, havia tributos que as pessoas ficavam obrigadas a pagar por terem escolhido transferir o seu sacerdócio ou relacionamento pessoal com Deus para terceiros. Elas optavam em “terceirizar” o seu relacionamento pessoal com Deus a outros e ficavam obrigadas a “pagar por este serviço”. E onde houver conceito similar sendo aplicado, isto caracteriza o uso de um conceito básico da velha aliança independentemente de como as ofertas ou os dízimos são denominados e independentemente dos nomes ou títulos pelos quais aqueles que fazem os supostos serviços para com Deus são chamados, ou ainda, que em tempos contemporâneos tenham títulos que pareçam mais amenos e menos evidentes que os antigos.

Quando algumas pessoas estabelecem uma relação entre si em que alguns atuam para realizar supostos serviços diante de Deus em lugar de outros, tanto aquele que se dispõe a prestar os serviços como aquele que se sujeita a este tipo de serviços dos seus semelhantes incorrem em um sistema similar à velha aliança, ainda que queiram propagar que sejam parte da nova aliança com Cristo.

Uma pessoa que de fato quer viver e andar em conformidade com a nova aliança ou em Cristo não é chamada pelo Senhor para “coxear entre dois caminhos com

destinações opostas”, não havendo diante de Deus nenhuma possibilidade de harmonizar o desejo de participar simultaneamente de duas alianças sacerdotais que não podem ser compatibilizadas. Razão pela qual, a insistência em se associar a aspectos da velha aliança, ainda que somente alguns, é tão perigosa, pois pode levar uma pessoa que já foi liberta deste sistema pela nova aliança em Cristo a voltar a se afastar de Cristo e cair da graça, conforme já foi citado algumas vezes anteriormente.

Ainda quanto aos dízimos e ofertas, entendemos ser importante ressaltar aqui que também não é o mero deixar de pagar ou dar este tipo de oferta que exime uma pessoa de estar associada a um sacerdócio similar à velha aliança se ela de alguma outra forma está associada a este tipo de sacerdócio.

Deixar de dar os dízimos ou as ofertas a um sistema não dissocia uma pessoa deste tipo de sacerdócio se ela continuar fazendo uso ou participando de outra forma daquele sistema, pois embora os dízimos e as ofertas sejam uma maneira das pessoas se associarem à sistemas com características da velha aliança, eles não são a única forma.

Se uma pessoa supõe que estar sob um sacerdócio similar à velha aliança a exime de ser parte daquele sacerdócio porque ela não dá dízimos ou as ofertas requeridas por este sacerdócio, ela está correndo o risco de querer “coar ou filtrar o mosquito e deixar passar um grande camelo”.

O que é maior, os dízimos e as ofertas ou o sacerdócio, os sacerdotes e a estrutura que os recebem?

Se uma pessoa se sujeita à parte maior de um sacerdócio que faz uso de partes dos aspectos da velha aliança ou similares à ela, este indivíduo continua associado a este sacerdócio ainda que escolha não cumprir alguns itens nele requeridos, assim como era na antiguidade.

Além disso, ainda há aqueles que tentam fazer o oposto. Ou seja, procuram não participar de nenhum aspecto de um sistema sacerdotal humano, mas ainda assim, quer por receio de deixarem de ser abençoados por Deus ou por ganância, repassam os seus dízimos ou uma parte dos seus recursos a sistemas religiosos humanos, como se pudessem não ser parte destes sistemas, mas contar com as supostas bênçãos deles. Proceder este, que igualmente é uma associação com alianças similares à velha aliança, pois basta um item da lei para uma pessoa se associar à toda lei de sacerdócios similares ao primeiro.

Usando uma expressão popular, não adianta “adoçar ou dourar uma pílula prejudicial” pensando que assim ela vai se tornar em algo benéfico.

Não adianta “dourar” um sacerdócio similar ao primeiro sob a “bandeira” de que ele é da nova aliança e de acordo com o sacerdócio em Cristo. Se uma proposição de vida com Deus, na prática, apresenta alguns se colocando como mediadores ou líderes de outros a despeito de Cristo ter expressamente dito para não fazê-lo, se ela contempla alguns se oferecendo como obreiros especiais para conduzir outros a Deus e “a cultos de adoração a Deus”, alegando terem um chamado especial para fazê-lo, se ela está baseado em um sistema que gira em torno de locais físicos tidos como especiais para adoração a Deus, ou se ela tenta sustentar qualquer outro aspecto da velha aliança, esta proposição tem a característica de ser fermento velho ainda que as pessoas veemente se declarem seguidoras da nova aliança.

Por mais que as pessoas tentem adornar algo corrompido como sendo algo digno de ser aceito ou seguido por elas, por mais que tentem se mostrar piedosas e por maior

que seja o montante de ofertas e dons que alegam estar oferecendo ao Senhor, Deus olha os corações, conhece as suas motivações e não se deixa ser corrompido.

Jeremias 17: 9 Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto; quem o conhecerá?

10 Eu, o SENHOR, esquadrinho o coração, eu provo os pensamentos; e isto para dar a cada um segundo o seu proceder, segundo o fruto das suas ações.

Deuteronomio 10: 17 Pois o SENHOR, vosso Deus, é o Deus dos deuses e o Senhor dos senhores, o Deus grande, poderoso e temível, que não faz aceção de pessoas, nem aceita suborno.

Hebreus 4: 12 Porque a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração.

13 E não há criatura que não seja manifesta na sua presença; pelo contrário, todas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas.

A partir da revelação de Cristo ao mundo como o eterno Salvador e Senhor, o mistério guardado por séculos foi revelado, mostrando que a glória que as pessoas tanto necessitam não se encontram nas coisas palpáveis do presente mundo, mas em Deus que a todos criou.

E desta forma, também todo o sistema de buscar a Deus através de coisas materiais e que atua para corromper ainda mais o coração humano foi declarado fraco, inútil, obsoleto ou revogado, permanecendo aceito perante Deus somente o mistério guardado por séculos e revelado em Cristo Jesus, o qual é *Cristo em nós, esperança da glória, e nós em Cristo.*

Hebreus 10: 1 Ora, visto que a lei tem sombra dos bens vindouros, não a imagem real das coisas, nunca jamais pode tornar perfeitos os ofertantes, com os mesmos sacrifícios que, ano após ano, perpetuamente, eles oferecem.

2 Doutra sorte, não teriam cessado de ser oferecidos, porquanto os que prestam culto, tendo sido purificados uma vez por todas, não mais teriam consciência de pecados?

3 Entretanto, nesses sacrifícios faz-se recordação de pecados todos os anos,

4 porque é impossível que o sangue de touros e de bodes remova pecados.

5 Por isso, ao entrar no mundo, diz: Sacrifício e oferta não quiseste; antes, um corpo me formaste;

6 não te deleitaste com holocaustos e ofertas pelo pecado.

7 Então, eu disse: Eis aqui estou (no rolo do livro está escrito a meu respeito), para fazer, ó Deus, a tua vontade.

8 Depois de dizer, como acima: Sacrifícios e ofertas não quiseste, nem holocaustos e oblações pelo pecado, nem com isto te deleitaste (coisas que se oferecem segundo a lei),

9 então, acrescentou: Eis aqui estou para fazer, ó Deus, a tua vontade.

Remove o primeiro para estabelecer o segundo.

10 Nessa vontade é que temos sido santificados, mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo, uma vez por todas.

11 Ora, todo sacerdote se apresenta, dia após dia, a exercer o serviço sagrado e a oferecer muitas vezes os mesmos sacrifícios, que nunca jamais podem remover pecados;

12 Jesus, porém, tendo oferecido, para sempre, um único sacrifício pelos pecados, assentou-se à destra de Deus,

13 aguardando, daí em diante, até que os seus inimigos sejam postos por estrado dos seus pés.

14 Porque, com uma única oferta, aperfeiçoou para sempre quantos estão sendo santificados.

Colossenses 1: 27 Aos quais Deus quis dar a conhecer qual seja a riqueza da glória deste mistério entre os gentios, isto é, Cristo em vós, a esperança da glória;

28 o qual nós anunciamos, advertindo a todo homem e ensinando a todo homem em toda a sabedoria, a fim de que apresentemos todo homem perfeito em Cristo.

G. Sob Motivações Similares até Aquilo que Parece Muito

Distinto se Torna Similar

Por fim, para concluir o presente capítulo sobre as proposições apregoadas como nova aliança, mas que na realidade tem por base as motivações da velha aliança, gostaríamos de reiterar que Paulo ensinou que as tentativas de mesclar a lei do primeiro sacerdócio naquilo que está associado à nova aliança são tentativas de gerar fascinação, engano e encantamento no entendimento das pessoas para que se apartem da simplicidade de acesso a Deus que pode ser realizada através de Cristo e da justificação pela graça feita para sempre e que pode ser recebida individualmente mediante a fé no Senhor.

2 Coríntios 11: 3 **Mas receio que, assim como a serpente enganou a Eva com a sua astúcia, assim também seja corrompida a vossa mente e se aparte da simplicidade e pureza devidas a Cristo.**

Gálatas 3: 1 **Ó gálatas insensatos! Quem vos fascinou a vós outros, ante cujos olhos foi Jesus Cristo exposto como crucificado?**

2 Quero apenas saber isto de vós: recebestes o Espírito pelas obras da lei ou pela pregação da fé?

3 Sois assim insensatos que, tendo começado no Espírito, estejais, agora, vos aperfeiçoando na carne?

Gálatas 5: 7 **Vós corréis bem; quem vos impediu de continuardes a obedecer à verdade?**

8 Esta persuasão não vem daquele que vos chama.

9 Um pouco de fermento leveda toda a massa.

As Escrituras nos ensinam a rejeitar as fábulas velhas e caducas que tentam sustentar aspectos do primeiro e obsoleto sacerdócio, da sua lei e da sua aliança.

1 Timóteo 4: 7 **Mas rejeita as fábulas profanas e de velhas caducas. Exercita-te, pessoalmente, na piedade.**

Tito 1: 14 **E não se ocupem com fábulas judaicas, nem com mandamentos de homens desviados da verdade.**

E devido às severas consequências que podem sobrevir a uma pessoa que quer um relacionamento com Deus segundo a nova aliança, mas também anela por aspectos da velha aliança ou se deixa fascinar por eles, Paulo ainda escreve aos cristãos algumas considerações que mostram que inclusive aquilo que pode parecer ser muito distinto, pode vir a ser equiparado em vários dos seus aspectos fundamentais quando visto a partir do que motivou o surgimento de uma proposição de vida em particular.

- Gálatas 4: 21 **Dizei-me vós, os que quereis estar sob a lei: acaso, não ouvís a lei?***
- 22 **Pois está escrito que Abraão teve dois filhos, um da mulher escrava e outro da livre.***
- 23 **Mas o da escrava nasceu segundo a carne; o da livre, mediante a promessa.***
- 24 **Estas coisas são alegóricas; porque estas mulheres são duas alianças; uma, na verdade, se refere ao monte Sinai, que gera para escravidão; esta é Agar.***
- 25 **Ora, Agar é o monte Sinai, na Arábia, e corresponde à Jerusalém atual, que está em escravidão com seus filhos.***
- 26 **Mas a Jerusalém lá de cima é livre, a qual é nossa mãe;***
- 27 **porque está escrito: Alegra-te, ó estéril, que não dás à luz, exulta e clama, tu que não estás de parto; porque são mais numerosos os filhos da abandonada que os da que tem marido.***
- 28 **Vós, porém, irmãos, sois filhos da promessa, como Isaque.***
- 29 **Como, porém, outrora, o que nascera segundo a carne perseguia ao que nasceu segundo o Espírito, assim também agora.***
- 30 **Contudo, que diz a Escritura? Lança fora a escrava e seu filho, porque de modo algum o filho da escrava será herdeiro com o filho da livre.***

Através deste último texto, Paulo nos mostra como vários aspectos que parecem ser muito distintos acabam se assemelhando quando são vistos sob a ótica daquilo que lhes é comum quanto à sua origem ou natureza humana e quanto aos resultados que produzem na vida das pessoas, ao ponto de Paulo comparar e considerar aspectos que parecem que jamais poderiam ser equiparados como semelhantes, como, por exemplo, declarar que Agar, mãe dos descendentes que vieram a constituir o que foi denominado de Arábia, é a Jerusalém atual ou é o monte Sinai no qual Moisés recebeu a lei do primeiro sacerdócio ou a velha aliança.

Ora, Moisés não era descendente de Agar, como, então, a lei da qual ele foi mediador pode ser comparada como se ela fosse da descendência ou da aliança de Agar?

Assim, em outras palavras, o que Paulo está ensinando no livro de Gálatas é que independentemente da origem natural de um sacerdócio, quer seja o primeiro sacerdócio ou aquilo que descende de Agar, se algo tem a sua origem de acordo com a natureza humana ou também denominado de uma obra da carne, ele acaba tendo por base a vontade humana que resiste à vontade de Deus e que tem por alvo escravizar as pessoas que se submetem àquilo que é proposto pela criatura em oposição ao caminho apontado pelo Senhor.

E quando as pessoas procuram amoldar a vida cristã que Cristo oferece aos seus anelos carnis, à ganância, a um tipo de proposição de barganha, à uma pretensa piedade que no fundo tem a sua prioridade direcionada ao andar por vista e não por fé, ao objetivo de estar no controle, à atração pela glória humana, ao lucro ou ganhos materiais, a modelos religiosos que procuram estabelecer mediadores no relacionamento de outros com Deus, elas na realidade estão operando na tentativa de instituir proposições que aparentam ser relacionadas à nova aliança, mas que na prática são versões veladas quanto à sua origem e outros pontos que são somente variações de alguma forma do primeiro sacerdócio ou da velha aliança.

Mesmo que demonstrem um interesse aparente ou parcial pela nova aliança, ou que as proposições que passam a seguir aparentem ter regras e formatos exteriores muito distintos, quando as pessoas se apegam às coisas às quais a carne se inclina, às suas ambições ou às suas concupiscências, elas acabam sendo atraídas por coisas similares ao primeiro sacerdócio.

Portanto, entendemos que convém lembrar aqui os seguintes textos:

1 Samuel 16: 7(b) ... porque o SENHOR não vê como vê o homem. O homem vê o exterior, porém o SENHOR, o coração.

Mateus 22: 16 E enviaram-lhe discípulos, juntamente com os herodianos, para dizer-lhe: Mestre, sabemos que és verdadeiro e que ensinas o caminho de Deus, de acordo com a verdade, sem te importares com quem quer que seja, porque não olhas a aparência dos homens.

João 7: 24 Não julgueis segundo a aparência, e sim pela reta justiça.

Devido às suas cobiças por coisas más mencionadas nos tópicos deste capítulo e várias outras, muitas pessoas têm criado, multiplicado e expandido obras e ministérios que alegam ser em conformidade com a nova aliança, a aliança da Jerusalém de cima, com Cristo ou com a vida cristã. Entretanto, na realidade, são segundo o filho da carne, o filho da aliança figurativa denominada de Agar, Jerusalém atual ou a velha aliança estabelecida no monte Sinai, um monte da Arábia, ou ainda outras variações para aquilo que é nascido da carne e não do Espírito do Senhor.

E em suas corrompidas ambições, muitas obras, ministérios ou obreiros que se denominam de cristãos ainda têm procurado estender as suas proposições de forma mundial, incorrendo, assim, no texto já mencionado anteriormente em que Cristo adverte aqueles que buscam angariar os seus prosélitos até em lugares remotos, mas que além de não lhes mostrarem de fato a salvação para a libertação dos seus pecados, ainda querem escravizá-los às proposições semelhantemente cobiçosas como na velha aliança, aspecto também alertado várias vezes por Paulo.

Mateus 23: 13 Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque fechais o reino dos céus diante dos homens; pois vós não entrais, nem deixais entrar os que estão entrando!

...
15 Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque rodeais o mar e a terra para fazer um prosélito; e, uma vez feito, o tornais filho do inferno duas vezes mais do que vós!

- Atos 20: 29* **Eu sei que, depois da minha partida, entre vós penetrarão lobos vorazes, que não pouparão o rebanho.**
30 E que, dentre vós mesmos, se levantarão homens falando coisas pervertidas para arrastar os discípulos atrás deles.
31 Portanto, vigiai, lembrando-vos de que, por três anos, noite e dia, não cessei de admoestar, com lágrimas, a cada um.

Insistir atualmente na velha aliança, ainda que parcialmente, é continuar insistindo para que o entendimento da liberdade que há em Cristo não chegue às pessoas que dela tanto necessitam. É continuar a insistir em deixar as pessoas debaixo da sombra e da região da morte, lembrando, porém, que se antes da vinda de Cristo, antes da vinda da nova aliança, o primeiro sacerdócio já conduzia as pessoas à condenação, quanto mais severo não é tentar segui-lo depois que o Senhor já foi anunciado a sua revogação?

- Hebreus 10: 26* **Porque, se vivermos deliberadamente em pecado, depois de termos recebido o pleno conhecimento da verdade, já não resta sacrifício pelos pecados;**
27 pelo contrário, certa expectativa horrível de juízo e fogo vingador prestes a consumir os adversários.
28 Sem misericórdia morre pelo depoimento de duas ou três testemunhas quem tiver rejeitado a lei de Moisés.
29 De quanto mais severo castigo julgais vós será considerado digno aquele que calcou aos pés o Filho de Deus, e profanou o sangue da aliança com o qual foi santificado, e ultrajou o Espírito da graça?

Portanto, as questões ligadas a andar segundo homem natural, a carne, o primeiro sacerdócio, a lei e a aliança do Sinai, as características do filho da aliança denominada de Agar, e a piedade que procura se basear em coisas aparentes e associadas às más cobiças, jamais deveriam ser vistas com leviandade, pois elas invariavelmente atuam para escravizar todo aquele que a elas se submetem.

Ninguém, jamais, deveria desprezar o poder que há na atração pela velha aliança, pela aliança denominada Agar, Jerusalém atual, primeiro sacerdócio, lei de Moisés, sacerdócio Levítico e qualquer coisa similar a isto, pois a fascinação que este tipo proposição apresenta vai muito de encontro com aquilo que o homem natural ou a denominada carne ambiciona, acrescido ainda do fato de que em sua condição natural, e não sob a direção do Espírito do Senhor, o homem natural inclusive resiste a tudo aquilo que procede do Espírito de Deus.

- 2 Coríntios 3: 14* **Mas os sentidos deles se embotaram. Pois até ao dia de hoje, quando fazem a leitura da antiga aliança, o mesmo véu permanece, não lhes sendo revelado que, em Cristo, é removido.**
15 Mas até hoje, quando é lido Moisés, o véu está posto sobre o coração deles.
16 Quando, porém, algum deles se converte ao Senhor, o véu lhe é retirado.
17 Ora, o Senhor é o Espírito; e, onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade.

Lucas 5: 39 ***E ninguém, tendo bebido o vinho velho, prefere o novo; porque diz: O velho é excelente.***

As razões que antigamente atuaram para atrair as pessoas a um sacerdócio ineficaz ou enganoso são as mesmas em todas as gerações, a saber: a carne ou a natureza humana querendo comandar a Deus com as sugestões humanas e limitadas de como Deus deveria agir. Razão pela qual, a sua atratividade repete-se de geração em geração.

Quando, por exemplo, Cristo cita a atração que os escribas e fariseus tinham por vestimentas distintas ou longas, pelos primeiros lugares nos banquetes, pelas cadeiras principais nos locais de reuniões e ensinamentos, por serem saudados nas praças e diante das pessoas ou multidões, e por serem chamados de mestres ou por títulos diferenciados, Ele não estava expondo somente as motivações que haviam nos corações dos líderes daquela geração, mas aquilo que as pessoas têm repetido nos mais diversos grupos de geração em geração.

Marcos 12: 38 ***E, ao ensinar, dizia ele: Guardai-vos dos escribas, que gostam de andar com vestes talares e das saudações nas praças;***
39 e das primeiras cadeiras nas sinagogas e dos primeiros lugares nos banquetes;
40 os quais devoram as casas das viúvas e, para o justificar, fazem longas orações; estes sofrerão juízo muito mais severo.

Mateus 23: 5 ***Praticam, porém, todas as suas obras com o fim de serem vistos dos homens; pois alargam os seus filactérios e alongam as suas franjas.***
6 Amam o primeiro lugar nos banquetes e as primeiras cadeiras nas sinagogas,
7 as saudações nas praças e o serem chamados mestres pelos homens.
8 Vós, porém, não sereis chamados mestres, porque um só é vosso Mestre, e vós todos sois irmãos.
9 A ninguém sobre a terra chameis vosso pai; porque só um é vosso Pai, aquele que está nos céus.
10 Nem sereis chamados guias (ou líderes), porque um só é vosso Guia, o Cristo.

A partir das motivações de grupos específicos de pessoas, Cristo estava nos alertando a nos abstermos destes tipos de motivações e também nos ensinando para discernirmos aqueles que alegam servir a Deus, mas na realidade estão servindo aos seus próprios interesses.

O aspecto descrito no parágrafo anterior também encontra-se novamente ratificado por Paulo, conforme segue:

1 Coríntios 5: 11 ***Mas, agora, vos escrevo que não vos associeis com alguém que, dizendo-se irmão, for impuro, ou avarento, ou idólatra,***

ou maldizente, ou beberrão, ou roubador; com esse tal, nem ainda comais.

Se também recordarmos mais uma vez o texto de Mateus 7 sobre os falsos profetas, sobre aqueles indivíduos que se apresentam com vestes de ovelhas, mas que por dentro são lobos roubadores, vemos que a ênfase do discurso deles estava “neles e naquilo que eles fizeram”. Tudo se voltava a eles, e a motivação do que supostamente fizeram “em o nome do Senhor”, visava poder para reivindicar coisas de Deus. Em o “nome do Senhor”, “eles” expeliram demônios, “eles” profetizaram, “eles” fizeram milagres.

E quão diferente não foi a atitude de Cristo quando João Batista enviou seus discípulos a perguntar ao Senhor Jesus se Ele era de fato o Messias que haveria de vir?

Quando perguntado pelos discípulos de João, o Senhor não direcionou a ênfase da sua resposta para exaltar cada uma das coisas que “Ele” fez, mas apontou para as pessoas que eram beneficiadas por elas para que a ação do amor, da misericórdia e da graça de Deus para com os seres humanos necessitados destes aspectos fosse exaltada.

Mateus 11: 2 Quando João ouviu, no cárcere, falar das obras de Cristo, mandou por seus discípulos perguntar-lhe:

3 És tu aquele que estava para vir ou havemos de esperar outro?

4 E Jesus, respondendo, disse-lhes: Ide e anunciai a João o que estais ouvindo e vendo:

5 os cegos veem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos pobres está sendo pregado o evangelho.

6 E bem-aventurado é aquele que não achar em mim motivo de tropeço.

Lucas 18: 9 Propôs também esta parábola a alguns que confiavam em si mesmos, por se considerarem justos, e desprezavam os outros:

10 Dois homens subiram ao templo com o propósito de orar: um, fariseu, e o outro, publicano.

11 O fariseu, posto em pé, orava de si para si mesmo, desta forma: Ó Deus, graças te dou porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros, nem ainda como este publicano;

12 jejuo duas vezes por semana e dou o dízimo de tudo quanto ganho.

13 O publicano, estando em pé, longe, não ousava nem ainda levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, sê propício a mim, pecador!

14 Digo-vos que este desceu justificado para sua casa, e não aquele; porque todo o que se exalta será humilhado; mas o que se humilha será exaltado.

A carência do conhecimento da glória de Cristo como o Mediador da nova aliança, e jamais da velha ou de qualquer variação desta, tem cegado e pode cegar a muitos para a realidade da nova aliança, assim como também pode gerar fascinação quase que inacreditável e inimaginável pela velha aliança a ponto das pessoas não verem mais que a essência da nova aliança

é a Luz desta aliança, a qual é, e sempre será, exclusivamente Cristo Jesus, o Senhor de todos.

E considerando que Cristo é a Luz de Deus que ilumina o coração de uma pessoa, também é o que Ele declara sobre o primeiro e o segundo sacerdócios que ilumina o que, respectivamente, vem a ser de fato a velha aliança e a nova aliança.

Entretanto, quando as pessoas escolhem colocar outros mediadores na sua relação com Deus, elas colocam bloqueios à luz, colocam véus sobre seus olhos, obstruem os seus ouvidos, colocam tetos que se interpõem na relação com o Senhor, e ficam sujeitas àqueles que não são transparentes e verdadeiros no que dizem e propõem.

As proposições que tentam associar coisas de outras alianças à na nova aliança ou que são contrárias a ela são tão ardilosas porque atuam no espectro geral da inclinação das pessoas aos desejos ou cobiças da carne. E se não conseguem atrair uma pessoa por um determinado tipo de cobiça, eles tentam atuar em outros em relação aos quais um indivíduo é mais atraído, por isto:

Gálatas 5: 16 **Digo, porém: andai no Espírito e jamais satisfareis à concupiscência da carne.**

17 Porque a carne milita contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne, porque são opostos entre si; para que não façais o que, porventura, seja do vosso querer.

18 Mas, se sois guiados pelo Espírito, não estais sob a lei.

Assim, saber que muitos aspectos se equiparam diante de Deus por causa dos seus pontos fundamentais similares, ainda que apresentem itens exteriores que pareçam ser muito distintos, é um ponto que pode ser muito cooperativo no discernimento que o Senhor se dispõe a conceder para que as pessoas possam distinguir e rejeitar aquelas proposições que aparentam ser nova aliança, mas não o são de fato.

Diante de Deus, não há “meia-nova aliança”. Não há nova aliança com um pouco da velha. Não há a nova aliança com acréscimo do que uma pessoa gosta da velha, pois a nova aliança é pura, e também o Senhor quer purificar e santificar (separar) da velha aliança aqueles que a Ele se achegam para terem comunhão com Ele e para Nele andarem.

Lucas 11: 23 **Quem não é por mim é contra mim; e quem comigo não ajunta espalha.**

Hebreus 10: 9 **Então, acrescentou: Eis aqui estou para fazer, ó Deus, a tua vontade.**

Remove o primeiro para estabelecer o segundo.

10 Nessa vontade é que temos sido santificados, mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo, uma vez por todas.

Além do Senhor Jesus Cristo ressurreto, vivo e atuando através do Espírito Santo, não há ninguém que possa conduzir cada cristão a conhecer a sua nova realidade no Senhor e guiá-lo passo a passo e de tal forma que o rompimento da associação com a primeira aliança, já provido na cruz do Calvário, se dê também na vida pessoal daqueles que creem no Evangelho de Deus.

Hebreus 9: 14 ... muito mais o sangue de Cristo, que, pelo Espírito eterno, a si mesmo se ofereceu sem mácula a Deus, purificará a nossa consciência de obras mortas, para servirmos ao Deus vivo!
15 Por isso mesmo, ele é o Mediador da nova aliança, a fim de que, intervindo a morte para remissão das transgressões que havia sob a primeira aliança, recebam a promessa da eterna herança aqueles que têm sido chamados.

João 8: 31 Disse, pois, Jesus aos judeus que haviam crido nele: Se vós permanecerdes na minha palavra, sois verdadeiramente meus discípulos;
32 e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.
 ...
36 Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres.

Concluindo, diante de tanta resistência do ser humano em geral e individual para com Deus e para com a nova aliança, não é de admirar que alguns dos primeiros aspectos que podem ser encontrados para quem se achega ao trono da graça, através da nova aliança, são a misericórdia e a própria graça para os ajudar em suas debilidades.

Hebreus 4: 14 Tendo, pois, a Jesus, o Filho de Deus, como grande sumo sacerdote que penetrou os céus, conservemos firmes a nossa confissão.
15 Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado.
16 Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna.

C19. A Glória de Cristo como o Sumo Sacerdote Celestial

Um aspecto que nos parece ser muito relevante na abordagem do primeiro sacerdócio e do segundo sacerdócio, ou da abordagem da antiga aliança e da nova aliança, é que na troca de um para o outro pode haver um risco de não ser praticada uma adequada medida de atenção tanto ao antigo como ao novo, podendo, isto, resultar em prejuízo no que de fato é o alvo da troca, que é deixar o velho e passar a viver efetivamente no novo.

O conhecimento daquilo que é deixado para trás pode ser crucial para que para que na sequência uma pessoa saiba rejeitar qualquer proposição que queira fazer com ela retorne àquilo ao qual não deveria voltar a inclinar o coração depois de ter sido liberta da sujeição a ele. Por outro lado, avançar para o novo, passa a ser vital para que um indivíduo seja firmemente estabelecido naquilo que o Senhor lhe oferece. No final das contas, é a firmeza no novo que irá sustentar uma pessoa na novidade de vida para que também o alvo novo seja alcançado e estabelecido para sempre.

Ao longo do presente estudo, temos abordado diversos aspectos da condição das pessoas antes de conhecerem a Cristo para evidenciar a necessidade de sua salvação e da grandeza da salvação oferecida pelo Senhor. Mas, ao mesmo tempo, também temos insistido com os leitores deste material para que se sintam animados ou exortados a colocar a sua atenção cada vez mais ou de forma contínua e crescente naquilo que passou a estar disponibilizado a eles na novidade de vida em Cristo Jesus.

Se uma pessoa não compreende que há um antigo que precisa ser deixado para trás e não enxerga aquilo do qual deveria se apartar, ela corre o risco de ficar presa àquilo que a quer reter e impedir de avançar para o que ela necessita. Entretanto, se uma pessoa não sabe que é precisamente no novo que está o auxílio para ela conseguir se desvencilhar de fato do antigo, ela poderá incorrer na tentativa de empenhar grandes esforços em ações ineficazes no sentido de alcançar a liberdade em relação àquilo do qual ela tanto precisa ser liberta e permanecer liberta.

Alguns dos principais fatos pelos quais muitos cristãos têm tido tantas frustrações nas tentativas de resistir ao pecado muitas vezes podem ter tido a sua origem não na falta de esforço ou desejo do cristão em vencer as suas tentações, mas pelo fato do cristão talvez não estar combatendo, primeiramente, o bom combate da fé e por não estar combatendo o bom combate segundo as condições, forças, dons e armas que lhe são oferecidas somente na nova aliança em Cristo Jesus.

Considerando que uma pessoa jamais poderá conseguir alcançar a sua libertação da escravidão ao pecado e à lei do primeiro sacerdócio através das condições e armas das coisas velhas que a aprisionavam, também não serão estas condições ou meios antigos que lhe concederão vitória contra novas proposições para incorrer novamente em escravidão ao pecado e à antiga lei depois que alguém já recebeu a salvação de Deus.

A liberdade e a novidade de vida que Cristo oferece às pessoas não referem-se a uma libertação para as pessoas terem uma nova oportunidade para tentarem realizar novamente as coisas antigas que ficaram para trás, assim como também não é uma oportunidade de viverem e andarem em novidade de vida fazendo uso das condições, formas e instrumentos velhos ou declarados obsoletos pelo Senhor.

Em Cristo, tudo é em conformidade com a novidade da nova aliança ou da lei perfeita e da liberdade no Senhor. E tudo aquilo que foi declarado obsoleto continua

fraco ou inútil tanto para vencer as proposições baseadas no velho sacerdócio como para viver na nova condição de vida em Deus.

Ninguém, em sã consciência, mistura, por exemplo, um alimento velho contaminado ou estragado com um alimento novo e saudável esperando que o velho vá proporcionar mais conservação ao novo. Por mais custoso que o adquirir o alimento estragado tenha sido para uma pessoa, a solução de lançá-lo fora ainda é muito mais benéfica do que se expor aos danos que ele pode causar se for usado ou consumido.

Portanto, se nos últimos capítulos talvez adotamos uma medida de abordagem maior sobre o antigo sacerdócio, sua lei e sua aliança, daqui para frente procuraremos aumentar a atenção ao novo que nos é oferecido em Cristo para que, por fim, o novo venha a ser destacado em maior medida e para que a ênfase do novo passe a se sobressair cada vez mais sobre o antigo, tendo em vista ainda, que a glória do novo, conforme já vimos anteriormente, é infinitamente e incomparavelmente superior à glória daquilo que somos exortados a deixar para trás para sempre.

E diante da revelação mais ampla dos aspectos do sacerdócio que Deus nos oferece em Cristo, gostaríamos de avançar para o fato das Escrituras nos mostrarem que um dos pontos centrais da glória de Cristo que mais nos é necessário, depois que somos introduzidos pelo Senhor na nova aliança, refere-se ao conhecimento da revelação de que Cristo é o Sumo Sacerdote Celestial estabelecido por Deus para com todo aquele que é introduzido nesta nova aliança.

Assim, em primeiro lugar, quando passamos a observar mais de perto a condição de Cristo como Sumo Sacerdote Celestial, podemos compreender melhor não somente aquilo que o Senhor Jesus fez como Cristo na Terra, mas também aquilo que Cristo fez e faz a partir do céu e do reino celestial depois que Ele ressuscitou e foi elevado à sua condição presente que Ele exerce no céu.

Na cruz do calvário, todo o escrito de dívida foi exposto diante dos seres humanos e diante dos principados e potestades, ficando exposto à vergonha e mostrando que tanto o escrito da dívida para com o pecado como para com a lei de Moisés foram quitados plenamente através da morte de Cristo em lugar dos devedores ou em lugar daqueles sobre quem residia a maldição de morte.

Entretanto, em relação à condição de Cristo como o Sumo Sacerdote Eternamente Perfeito, podemos ver de forma mais evidente que ainda era necessário que o Cristo ressurreto apresentasse a oferta santa e reta que Ele fizera na Terra em favor de todos os seres humanos também diante do trono eterno do Pai Celestial. E isto, para que o perdão concedido às pessoas em relação às suas dívidas para com o pecado e com a lei também fosse consolidado diante de Deus e servisse de caminho de reconciliação das pessoas com o Eterno Criador.

Através da sua morte na cruz do Calvário e pelo derramar do seu sangue diante dos seres humanos, dos principados e das potestades do mundo, Cristo fez a provisão de quitação de todo o escrito de dívida das pessoas perante os seus cruéis credores, a saber, o pecado, a lei e a morte. Lembramos aqui, porém, que a ofensa dos seres humanos não somente representou uma sujeição ao pecado e à lei da velha aliança ou similares a ela, mas também expressou uma ofensa contra Deus e que causou uma obstrução da livre comunhão das pessoas com o seu Criador, aspecto abordado mais amplamente no estudo sobre o Evangelho da Justiça de Deus.

Quando os seres humanos pecaram, além de se sujeitarem ao pecado e depois muitos também à lei do primeiro sacerdócio, eles também pecaram contra Deus e

perderam a condição de serem chamados de filhos de Deus, pois Deus não tem parte com o pecado e nem com a injustiça do primeiro sacerdócio que prega a justificação através de obras humanas e não a justificação mediante à graça redentora oferecida pelo Senhor.

Portanto, após ter sido perfeitamente realizada a provisão para a libertação das pessoas do jugo do pecado e da lei, ainda era necessário que também a provisão para que a ofensa dos seres humanos para com o Senhor fosse perfeitamente resolvida diante do trono celestial de Deus.

A obra de Cristo na cruz do Calvário imediatamente estabeleceu a provisão da absolvição de todo o escrito de dívida eterna do pecado e da lei que estava sobre todas as pessoas, mas a reconciliação com Deus ainda precisava ser estabelecida nos céus.

Em uma das parábolas apresentadas pelo Senhor Jesus, vemos que o filho mais novo que deixou a casa de seu pai para tentar viver uma vida dissociada do seu pai declarou que a principal questão que ele precisava solucionar, quando posteriormente caiu em si e reconheceu o seu pecado, era se apresentar perante o seu pai para declarar a sua condição de pecador também contra o céu e o pai, conforme segue:

*Lucas 15: 18 **Levantar-me-ei, e irei ter com o meu pai, e lhe direi: Pai, pequei contra o céu e diante de ti;***
*19 **já não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus trabalhadores.***
*20 **E, levantando-se, foi para seu pai. Vinha ele ainda longe, quando seu pai o avistou, e, compadecido dele, correndo, o abraçou, e beijou.***
*21 **E o filho lhe disse: Pai, pequei contra o céu e diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho.***

Se, por exemplo, Cristo morresse na cruz do Calvário, mas não ressuscitasse, a dívida da humanidade com o pecado e a lei até poderia estar paga, pois foi através da morte de um inocente que assumiu a dívida de todos na cruz do Calvário que o pecado e a lei do primeiro sacerdócio perderam o direito de cobrar as suas dívidas ou passaram a estar plenamente quitadas. Entretanto, do que adiantaria as pessoas terem a dívida quitada para com o pecado e para com a lei se não pudessem voltar a ter acesso à vida eterna que somente é encontrada em Deus?

Desta forma, era necessário alguém subir ao alto e sublime lugar de Deus para também ali testemunhar o que foi realizado na Terra e estabelecer a paz entre Deus e os seres humanos também diante do tribunal celestial ou eterno.

Deus enviou o Filho do Seu Amor para realizar uma obra na Terra, mas também o fez para que Cristo retornasse à presença do Pai Celestial para testemunhar e apresentar perante Ele a obra de redenção concluída. E isto, para que ela fosse aprovada diante do trono de Deus para que também em todas as regiões celestiais fossem removidos os impedimentos que os seres humanos colocaram entre si e Deus quanto à comunhão com o seu Criador.

Cristo foi enviado em nome do Pai Celestial a partir do seu alto e sublime trono, e é também por isto que a obra de Cristo necessitava ter a sua validação ou aprovação final diante do mesmo ponto do qual Ele foi enviado ao mundo.

Quando Cristo concluiu a obra que veio fazer no mundo através de sua condição de Filho do Homem ou quando rendeu o seu espírito ao Pai Celestial e morreu na cruz em fidelidade ao propósito devido ao qual o Pai o havia enviado ao mundo, o Pai o ressuscitou para que Cristo também trouxesse diante do seu trono o resultado da obra para a qual o Pai havia lhe enviado em carne à Terra.

Aquele a quem Deus enviou ao mundo para realizar a vontade celestial para a redenção das pessoas da sujeição ao pecado e à lei da velha aliança, também era Aquele de quem o Pai queria receber a apresentação da conclusão do que do que havia sido feito na Terra em favor de todos os seres humanos.

Assim, se a apresentação do Cristo ressurreto diante dos seus discípulos foi em glória resplandecente e jamais antes concebida pela mente humana, quanto maior não foi, então, a glória quando Cristo apresentou o fruto da sua obra, o sangue inocente vertido em favor da redenção dos pecadores, diante do Pai Celestial e diante de todos os anjos do Senhor?

*João 20: 17 **Recomendou-lhe Jesus: Não me detenhas; porque ainda não subi para meu Pai, mas vai ter com os meus irmãos e dize-lhes: Subo para meu Pai e vosso Pai, para meu Deus e vosso Deus.***

Aquele que desceu ao mundo e desceu aos mais profundos abismos da Terra para tirar o cativoiro no qual a humanidade estava aprisionada, também é Aquele que subiu acima de todos os céus para apresentar diante de Deus a oferta plenamente perfeita para a reconciliação das pessoas com o Criador e Pai Celestial.

*Efésios 4: 8 **Por isso, diz: Quando ele subiu às alturas, levou cativo o cativoiro e concedeu dons aos homens.***

*9 **Ora, que quer dizer subiu, senão que também havia descido às regiões inferiores da terra?***

*10 **Aquele que desceu é também o mesmo que subiu acima de todos os céus, para encher todas as coisas.***

*1 Timóteo 3: 16 **Evidentemente, grande é o mistério da piedade: Aquele que foi manifestado na carne foi justificado em espírito, contemplado por anjos, pregado entre os gentios, crido no mundo, recebido na glória.***

Se antes da obra de Cristo, como Filho do Homem no mundo, havia impedimentos intransponíveis para os seres humanos se reconciliarem com o Criador e serem chamados de filhos eternos do Eterno Pai Celestial, pela sua condição indigna e de escravidão ao pecado e à lei, agora, através de Cristo, a provisão de libertação desta condição indigna foi inteiramente ou perfeitamente realizada e apresentada diante do trono celestial de Deus para que todos, através desta provisão, possam também ser perdoados e aceitos por Deus.

*1 João 3: 1 **Vede que grande amor nos tem concedido o Pai, a ponto de sermos chamados filhos de Deus; e, de fato, somos filhos de Deus. Por***

essa razão, o mundo não nos conhece, porquanto não o conheceu a ele mesmo.

2 Coríntios 5: 18 Ora, tudo provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo e nos deu o ministério da reconciliação, 19 a saber, que Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões, e nos confiou a palavra da reconciliação.

Cristo “consumou” a obra na Terra, mas Ele também a “consumou” nos céus para que uma nova aliança de reconciliação e novidade de vida pudesse ser estabelecida diante de Deus e oferecida pelo Senhor a todos os seres humanos, a qual pode ser recebida por todos mediante a fé em Deus e na justificação provida para todos em Cristo Jesus.

João 1: 12 Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no seu nome; 13 os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus.

Era nos necessário um Cristo perfeito na Terra para ser feito um sacrifício perfeito pelas nossas dívidas, mas também era nos necessário um Cristo ressurreto e vivo para entrar diante de Deus no céu como uma oferta perfeita para que o perdão, a reconciliação com o Pai Celestial e a condição de filhos do reino celestial pudesse nos ser concedida.

Entendemos ser muito significativo notar bem o que aconteceu neste período da história para perceber que o fim da missão de envio de Cristo ao mundo não foi, então, encerrada por completo antes de Cristo ter se apresentado diante do Pai Celestial em nosso favor como o sacrifício perfeito que abrangeu tudo o que era necessário tanto para podermos ser libertos do que queria nos manter aprisionados eternamente como para nos conceder o perfeito caminho para a reconciliação com Deus e com a vida eterna.

1 Pedro 3: 18(a) Pois também Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-vos a Deus.

Quando vemos que a obra de redenção que Cristo fez em prol de todos os seres humanos culminou com Ele se apresentando diante do Pai Celestial como o sacrifício perfeito e eterno para que possamos encontrar o perdão diante de Deus, vemos que o Senhor Jesus não nos foi revelado somente como a oferta perfeita, mas também como o Sumo Sacerdote perfeito que apresenta a oferta perfeita diante do Pai Celestial e que perfeitamente representa diante Dele aqueles pelos quais o sacrifício eterno foi realizado.

Além disso, lembrando o que foi mencionado no início do presente capítulo, o propósito de Deus em nos libertar do jugo do pecado e da lei da velha aliança, ou

similares a ela, e o fato de podermos ser reconciliados com o Pai Celestial mediante Cristo, novamente não se limitam somente à libertação ou ao deixar a condição anterior, mas eles se revelam como algo novo e perfeito pelo fato de também oferecerem o caminho para que as pessoas redimidas possam efetivamente virem a serem participantes da novidade de vida que o Senhor lhes oferece.

E entre vários dos principais pontos pelos quais vemos que o sacerdócio que é em conformidade com a nova aliança é um sacerdócio inteiramente distinto do sacerdócio da velha aliança, encontramos o aspecto de que no sacerdócio da nova aliança, o Sumo Sacerdote não somente representa as pessoas diante de Deus e apresenta uma oferta perfeita para o perdão delas, mas Ele também **conduz as pessoas a Deus**, conforme descrito no último texto da primeira epístola de Pedro apresentada acima.

Assim, um segundo ponto que gostaríamos de destacar aqui é que também a obra de Cristo de se apresentar diante o Pai Celestial como o sacrifício perfeito, para concluir a provisão que precisava ser feita para a reconciliação eterna das pessoas com Deus, novamente não representou o fim do propósito da obra de amor do Senhor para com os seres humanos, mas a conclusão de uma etapa que permite o início de outra para a qual a primeira foi realizada perfeitamente e uma vez para sempre.

A completção de uma etapa específica através do envio de Cristo ao mundo, e cujos resultados têm validade eterna, foi feita uma única vez de forma plena e para sempre para inaugurar uma nova etapa que permanecerá eternamente diante de Deus.

A condição de Cristo, como Aquele que se apresentou em nosso favor diante do Pai Celestial como a oferta perfeita de redenção e de reconciliação, encerrou perfeitamente e de forma plenamente satisfatória a missão do Pai de tê-lo enviado em carne ao mundo, mas ela também revelou a missão da nova aliança e do novo sacerdócio em Cristo após Ele ter estabelecido o caminho da redenção e da reconciliação das pessoas diante do Pai Celestial.

Ainda em outras palavras, além do Pai Celestial, através do Filho do Seu Amor, ter estabelecido a provisão perfeita para a libertação dos seres humanos dos jugos eternos de condenação aos quais estavam sujeitos e ter reconhecido a Cristo como o Sumo Sacerdote que se apresentou perfeitamente diante do seu trono para apresentar a oferta perfeita para todas as pessoas poderem alcançar o perdão perante Ele, o Pai Celestial ainda revelou a Cristo como o Sumo Sacerdote Eterno que não somente se apresenta diante Dele em favor de outros, mas que também conduz as pessoas e as assiste para que elas mesmas se relacionem pessoalmente com Deus.

Cristo, Aquele que se ofereceu como oferta perfeita e completa, também é Aquele que veio a ser revelado como o Sumo Sacerdote que apresentou a oferta perfeita diante de Deus, mas isto, para que também viesse a ser o Sumo Sacerdote Celestial através de quem as pessoas podem ter acesso à nova aliança para também serem sustentadas por este mesmo Sumo Sacerdote e para poderem se relacionar pessoalmente com Deus.

A posição do Senhor Jesus como o singular Sumo Sacerdote Eterno é vital ou fundamental, porque somente através dela que a obra de Cristo concluída na cruz do Calvário também foi concluída diante do Pai, mas, ao mesmo tempo, também porque esta posição nos foi revelada como eterna para com todo aquele que crê em Cristo e o recebe como o Senhor da sua vida.

Na revelação da glória de Deus na face de Cristo, como sendo Cristo Aquele que foi revelado pelo Pai Celestial como o Sumo Sacerdote Eterno, temos evidenciada a obra redentora do Senhor em Cristo de uma maneira ampla, completa e objetiva, mas também aquilo que adveio desta obra e ainda pode advir para aqueles que receberem a este mesmo Cristo em seus corações também como o Sumo Sacerdote Eterno que está acima dos céus diante do Pai Celestial.

Em Cristo Jesus, como Ele sendo o Sumo Sacerdote do verdadeiro tabernáculo, e não aquele feito por mãos humanas, podemos ter um quadro geral do que no passado foi feito para a redenção ser completa na Terra e no céu, mas também para que o propósito da redenção e a maneira pela qual as vidas redimidas são sustentadas estejam evidenciados, assim como também esteja evidenciado como os resgatados podem alcançar a instrução e a direção de vida segundo Aquele através de quem foram remidos ou salvos.

Em Cristo, revelado também como o Sumo Sacerdote Celestial, podemos ver tanto os aspectos conclusivos que o Senhor fez por nós como aquilo que Ele continua a fazer para nos auxiliar a permanecermos na confiança em Deus e para sermos mais que vencedores através desta permanência Nele.

Cristo é o Sumo Sacerdote que nos convinha para a redenção, salvação e para estabelecer a nossa reconciliação com Deus, mas que também nos é necessário para sempre, conforme exemplificado em vários textos a seguir:

*Hebreus 9: 23 **Era necessário, portanto, que as figuras das coisas que se acham nos céus se purificassem com tais sacrifícios, mas as próprias coisas celestiais, com sacrifícios a eles superiores.***

*Hebreus 2: 10 **Porque convinha que aquele, por cuja causa e por quem todas as coisas existem, conduzindo muitos filhos à glória, aperfeiçoasse, por meio de sofrimentos, o Autor da salvação deles.***

...
*17 **Por isso mesmo, convinha que, em todas as coisas, se tornasse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote nas coisas referentes a Deus e para fazer propiciação pelos pecados do povo.***

*Hebreus 7: 26 **Com efeito, nos convinha um sumo sacerdote como este, santo, inculpável, sem mácula, separado dos pecadores e feito mais alto do que os céus,***

*27 **que não tem necessidade, como os sumos sacerdotes, de oferecer todos os dias sacrifícios, primeiro, por seus próprios pecados, depois, pelos do povo; porque fez isto uma vez por todas, quando a si mesmo se ofereceu.***

*28 **Porque a lei constitui sumos sacerdotes a homens sujeitos à fraqueza, mas a palavra do juramento, que foi posterior à lei, constitui o Filho, perfeito para sempre.***

Hebreus 8: 1 Ora, o essencial das coisas que temos dito é que possuímos tal sumo sacerdote, que se assentou à destra do trono da Majestade nos céus,

2 como ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, não o homem.

3 Pois todo sumo sacerdote é constituído para oferecer tanto dons como sacrifícios; por isso, era necessário que também esse sumo sacerdote tivesse o que oferecer.

4 Ora, se ele estivesse na terra, nem mesmo sacerdote seria, visto existirem aqueles que oferecem os dons segundo a lei,

5 os quais ministram em figura e sombra das coisas celestes, assim como foi Moisés divinamente instruído, quando estava para construir o tabernáculo; pois diz ele: Vê que faças todas as coisas de acordo com o modelo que te foi mostrado no monte.

6 Agora, com efeito, obteve Jesus ministério tanto mais excelente, quanto é ele também Mediador de superior aliança instituída com base em superiores promessas.

7 Porque, se aquela primeira aliança tivesse sido sem defeito, de maneira alguma estaria sendo buscado lugar para uma segunda.

Hebreus 4: 15 Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado.

Hebreus 7: 25 Por isso, também pode salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles.

Em Cristo feito Filho do Homem, a ponto de morrer na cruz do Calvário, Deus nos revelou a grandeza e a profundidade do seu plano para a nossa redenção. Entretanto, em Cristo ressurreto, vivo e estabelecido como o singular Sumo Sacerdote Celestial e Eterno, Deus nos revela a grandeza do que Cristo fez e continua fazendo após ter feito a provisão que permite as pessoas terem acesso à nova aliança com Deus e ao novo sacerdócio que o Senhor oferece a todos através do seu Evangelho.

Portanto, se alguém supõe que com a ressurreição de Cristo dentre os mortos, o Senhor Jesus também encerrou o seu trabalho prático e continuamente atuante em nosso favor, é porque esta pessoa ainda não conhece a glória de Cristo como o Sumo Sacerdote Celestial para com todos aqueles que Nele creem.

Após a morte e ressurreição de Cristo dentre os mortos, é primeiramente através da sua condição de Sumo Sacerdote Celestial eternamente estabelecido que o Senhor Jesus exerce de forma prática o seu senhorio, pastoreio, instrução e cuidado sobre todos aqueles que permitiram que Ele fosse o seu Mediador Eterno para também serem parte da nova aliança com Deus.

E se um cristão ainda não consegue perceber como, primeiramente, o Senhor Jesus quer lhe ajudar, instruir e fortalecer para viver, andar e

crescer na novidade de vida que há na nova aliança, é porque ele ainda carece de conhecer a glória do Senhor Jesus em sua faceta ou função de Sumo Sacerdote Eterno.

Desta forma, quando falamos da diversidade de atributos e de ações de Deus para com a vida de uma pessoa, é muito desafiador destacar o que é mais vital ou definir aqueles pontos que mais são necessários para a vida de cada indivíduo. Entretanto, depois de receber a salvação em Cristo Jesus, aqueles que permitirem que o Senhor lhes ensine sobre a sua glória, poderão ver que a posição de Cristo como o seu Sumo Sacerdote Eterno definitivamente também poderá vir a se tornar em um dos aspectos mais centrais, essenciais e mais gloriosos para ser conhecido mais de perto para toda a sua vida presente e eterna.

O próprio livro de Hebreus, que inicia com uma declaração extraordinária sobre Deus e a revelação do Seu Filho Jesus Cristo, anunciando que nestes dias Deus nos fala através de Cristo e não mais através dos profetas e da estrutura do primeiro sacerdócio, conforme já vimos anteriormente, é o mesmo livro que, ao deparar-se com o ponto de falar sobre o Senhor Jesus como o Sumo Sacerdote Eterno de nossas vidas, parece até carecer de palavras para explicar e expor, em termos de linguagem humana, o quão sublime é aquilo que ele deseja realmente comunicar através dos seus textos.

Quando durante todo o livro de Hebreus, o autor procura nos mostrar a convergência da preciosidade e da grandeza da glória de Deus em Cristo, a posição elevada que o Pai Celestial atribuiu ao seu Filho Unigênito por causa da obra na cruz do Calvário e a função do Cristo ressurreto e vivo para sempre também como o Sumo Sacerdote Celestial assentado nos céus, ele procura dar um destaque todo especial para que esta sequência de aspectos convergentes em Cristo também seja observada com a atenção que lhe é devida, conforme vemos abaixo:

*Hebreus 8: 1 **Ora, o essencial das coisas que temos dito é que possuímos tal sumo sacerdote, que se assentou à destra do trono da Majestade nos céus,***
2 como ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, não o homem. (RA)

ou

*Hebreus 8: 1 **O ponto principal do que estamos dizendo é que temos um sumo sacerdote tal, que se assentou à destra do trono da Majestade nos céus,***
2 como ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo, que o Senhor fundou, não o homem. (EC)

ou

*Hebreus 8: 1 **Ora, a suma do que temos dito é que temos um sumo sacerdote tal, que está assentado nos céus à destra do trono da Majestade,***
2 ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo, o qual o Senhor fundou, e não o homem. (RC)

Que a graça de Deus, que nos ensina a viver uma vida sóbria, justa e piedosa também no presente mundo, possa nos auxiliar a enxergar com mais clareza e abrangência também este “**ponto principal**”, o “**essencial das coisas**”, “**a suma do que tem sido dito**”, assim como possa nos auxiliar a vivenciar os seus efeitos de forma prática e crescente em todos os dias das nossas vidas.

Assim, também é através posição de Cristo como o singular Sumo Sacerdote Celestial que o Senhor instrui a cada cristão sobre como exercer a sua própria condição de sacerdote que é igualmente conferida a todos os cristãos que se unem a Cristo pela nova aliança.

É em Cristo Jesus que o Pai Celestial estabeleceu tudo aquilo que um Sumo Sacerdote Celestial perfeito faz diante de Deus em favor de um cristão e o que o Senhor quer fazer no coração de um cristão, assim como também é nesta condição de Cristo que Deus revela o que um cristão, como o sacerdote da sua vida, é chamado a fazer diante de Cristo e do Pai Celestial.

A compreensão do ministério de Cristo como nosso Sumo Sacerdote Eterno nos mostra o que o Senhor Jesus faz por nós também para nos ajudar a podermos fazer aquilo que cabe a nós fazermos diante de Deus.

Por outro lado, sem compreender a posição de Cristo como o Sumo Sacerdote Eterno, também a compreensão do sacerdócio individual de cada cristão perante Deus pode ficar muito prejudicada, pois desta maneira, o cristão também pode ficar privado de saber o que cabe ao Senhor realizar em seu favor e o que cabe ao cristão cooperar com o Senhor.

Alguns cristãos praticam mais do que outros a sua condição pessoal de sacerdotes que lhe é conferida em Cristo Jesus. Esta condição na nova aliança, porém, é conferida igualmente e absolutamente a todos os cristãos. Quer por desconhecimento ou por negligência, se um cristão não pratica e não exerce a sua condição pessoal de sacerdote diante de Deus para apresentar-se a si mesmo diante do Senhor, isto não anula, altera ou nem nega o fato de que todo e qualquer cristão recebe igualmente a posição e a função de sacerdote em Cristo Jesus.

Em Cristo, em sua posição de nosso Sumo Sacerdote Eterno, temos à nossa disposição toda a provisão do passado que nos era necessária para a redenção. Entretanto, sob esta mesma condição, Ele continua a atuar para salvar “totalmente**” aqueles que **por Ele chegam a Deus**, inclusive **vivendo sempre para interceder por eles** para que permaneçam continuamente na novidade de vida que o Pai Celestial nos oferece na nova aliança.**

E se olharmos o texto de Hebreus 7, verso 25, quanto ao aspecto de Cristo estar **vivendo sempre para interceder por eles**, podemos saber que caso ocorresse a situação em que todos os cristãos viessem a falhar em oração pelos seus irmãos de fé em Cristo, todo cristão ainda permanece com um irmão atuando em oração a seu favor, ou seja, o irmão mais velho que está assentado à direita do Pai Celestial.

Se ninguém orou no dia de hoje por um cristão específico, Cristo, como o Sumo Sacerdote perfeito que vive sempre para interceder por aqueles que Nele creem, já o fez, porque Ele vive para isto e porque não precisa apresentar sacrifícios por si mesmo e nem pelos outros, pois o sacrifício que Ele fez, foi feito uma vez para todo sempre.

O Senhor instrui aos cristãos orarem por todos os seus irmãos que há no mundo para também serem participantes da obra de oração que Cristo faz junto ao Pai Celeste, mas, ao mesmo tempo, o Senhor nunca desampara qualquer um daqueles que por parte do Pai lhe foram confiados à sua condição de Sumo Sacerdote Eterno.

*João 10: 27 **As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem.***

*28 **Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão, e ninguém as arrebatará da minha mão.***

*29 **Aquilo que meu Pai me deu é maior do que tudo; e da mão do Pai ninguém pode arrebatar.***

*30 **Eu e o Pai somos um.***

Se o primeiro sacerdócio com a lei e a aliança de Moisés representava um sacerdócio de cobranças, regras e condenações, o segundo sacerdócio, segundo a lei de Cristo e da nova aliança, começa oferecendo misericórdia, perdão, auxílio e intercessão do próprio Senhor Jesus para sempre diante do Pai Celestial em favor de todo aquele que se achega a Deus mediante Cristo para a salvação e novidade de vida.

Cristo faz a função de não permitir que alguém se apresente diante do Pai Celestial sob uma condição inaceitável, mas Cristo também é Aquele que está no coração daqueles que querem se relacionar com Deus para instruí-los a cada dia em amor e em como podem se apresentar justificados Nele diante do Senhor.

Como o Sumo Sacerdote Celestial e como o Sumo Sacerdote que atua em nossos corações, Cristo é o que nos ensina a encontrar todos os demais atributos, virtudes e dádivas de Deus através do relacionamento vivo com Ele.

*Romanos 5: 1 **Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo;***

*2 **por intermédio de quem obtivemos igualmente acesso, pela fé, a esta graça na qual estamos firmes; e gloriamo-nos na esperança da glória de Deus.***

Cristo é o caminho para nos achegarmos ao Pai Celestial, mas Ele também é quem nos toma pela mão, como o nosso Sumo Sacerdote Eterno, para sabermos como percorrer o caminho para chegarmos à paz, graça, verdade e novidade de vida que há em Deus.

*João 14: 6 **Respondeu-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim.***

João 8: 12 De novo, lhes falava Jesus, dizendo: Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andará nas trevas; pelo contrário, terá a luz da vida.

Como nosso Redentor, Cristo é o caminho para a reconcilia o do nosso relacionamento com Deus. Entretanto, como a nossa Luz e como o nosso Sumo Sacerdote Eterno que nos assiste no cora o e junto ao Pai Celestial, Ele   Aquele que nos instrui e nos sustenta em nossas debilidades e fraquezas para que também possamos, em paz e pela sua abundante graça, de fato trilhar o caminho de vida que nos é proposto por Deus.

Cristo é a vereda para a verdade e a vida que estão no próprio Deus, mas Cristo, como o Sumo Sacerdote Eterno, também é Aquele que nos guia e sustenta para vivermos, andarmos e crescermos na novidade de vida eterna a nós oferecida no Senhor.

1 Pedro 2: 4 Chegando-vos para ele, a pedra que vive, rejeitada, sim, pelos homens, mas para com Deus eleita e preciosa, 5 também v s mesmos, como pedras que vivem, sois edificados casa espiritual para serdes sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo.

6 Pois isso está na Escritura: Eis que ponho em Sião uma pedra angular, eleita e preciosa; e quem nela crer não será, de modo algum, envergonhado.

Salmos 37: 23 O SENHOR firma os passos do homem bom e no seu caminho se compraz;

24 se cair, não ficará prostrado, porque o SENHOR o segura pela mão.

25 Fui moço e já, agora, sou velho, porém jamais vi o justo desamparado, nem a sua descendência a mendigar o pão.

26 É sempre compassivo e empresta, e a sua descendência será uma b n o.

27 Aparta-te do mal e faze o bem, e será perpétua a tua morada.

28 Pois o SENHOR ama a justiça e não desampara os seus santos; serão preservados para sempre, mas a descendência dos ímpios será exterminada.

29 Os justos herdarão a terra e nela habitarão para sempre.

30 A boca do justo profere a sabedoria, e a sua língua fala o que é justo.

31 No cora o, tem ele a lei do seu Deus; os seus passos não vacilar o.

32 O perverso espreita ao justo e procura tirar-lhe a vida.

33 Mas o SENHOR não o deixará nas suas mãos, nem o condenará quando for julgado.

C20. A Glória de Cristo como o Sumo Sacerdote Segundo a Ordem de Melquisedeque

A. A Introdução à Expressão *Ordem Sacerdotal* e à *Ordem de Melquisedeque*

A *Ordem de Melquisedeque* é uma expressão que talvez cause um certo desconforto a algumas pessoas pelo mero fato do seu desconhecimento tanto em termos do que pode ser, segundo as Escrituras, uma *ordem sacerdotal*, como em relação àquilo ou a quem o próprio nome *Melquisedeque* esteja se referindo.

Por outro lado, quando a barreira inicial de se relacionar com aquilo que não é familiar é superada, podemos ver nas Escrituras que a expressão *Ordem de Melquisedeque*, apresentada em contraste à *Ordem de Arão*, é muitíssimo útil para enriquecer e esclarecer de forma ainda mais ampla e precisa o que já tem sido comentado nos últimos capítulos sobre o primeiro e o segundo sacerdócios, as leis e as alianças a eles associados, assim como sobre a importância e o propósito que o tema sacerdócio representa para a vida de todos os seres humanos.

Lembrando que é através do tipo de sacerdócio ao qual uma pessoa se associa que ela também poderá ter ou não ter êxito em um relacionamento apropriado com Deus, estabelecendo assim o tema do sacerdócio como um dos assuntos mais essenciais de toda a vida, não é de admirar que o Senhor, através das Escrituras, procure nos mostrar a condição vital e os detalhes deste tema através de uma diversidade de ângulos e abordagens.

A perspectiva a partir de vários pontos sobre um mesmo tema não somente visa reafirmar ou fortalecer o entendimento que o Senhor almeja que as pessoas tenham sobre este tema, mas também para que alguns aspectos ainda não evidenciados possam vir a ser percebidos de forma mais notória.

Assim, em especial no livro de Hebreus, vemos que a pessoa através de quem ele foi escrito, faz uma exortação muito explícita da relevância que o tema da *Ordem de Melquisedeque* representa para um cristão.

Entretanto, ainda antes de procurarmos avançar no aprofundamento de algumas características mais específicas do tema em referência, entendemos que convém destacar que este assunto apresenta uma particularidade muito especial para ser abordado e aprendido mais apropriadamente.

O tema da *Ordem de Melquisedeque* é apresentado no livro de Hebreus para poder ser acessado por todos os cristãos sem distinção, mas, ao mesmo tempo, ele também é apresentado com uma ressalva de que se uma pessoa não adotar uma postura adequada em relação a ele, ela poderá vir a pensar que o livro de Hebreus apresenta o tema em referência como um assunto de difícil interpretação, sendo que não é isto que é descrito pelo autor deste livro.

O que o livro de Hebreus nos informa é que o tema da *Ordem de Melquisedeque* é difícil de explicar se uma pessoa se fizer negligente ou tardia de ouvidos para realmente compreendê-lo, mostrando que a sua compreensão não é alcançada com uma postura leviana ou supérflua como muitas pessoas que até se chamam de cristãs adotam em relação às Escrituras do Senhor.

As Escrituras equiparam o tema sobre a *Ordem de Melquisedeque* ao assunto sobre a *palavra da justiça*, explanado mais amplamente no estudo sobre O Evangelho da Justiça de Deus, mostrando que ele é um alimento sólido ou muito substancial para aqueles que querem se tornar experimentados pela palavra do Senhor a fim de também serem habilitados a discernir não somente o bem, mas também o mal.

A proposição das Escrituras de apresentarem a *Ordem de Melquisedeque* como um tema associada à *palavra da justiça de Deus* intenta cooperar para que um cristão que se dedica a este tema também passe da condição de infante ou imaturo na fé para uma condição de ser uma pessoa amadurecida e firmemente estabelecida no Senhor e na nova aliança que Ele lhe oferece.

Vejamos, então, uma parte do livro de Hebreus que nos introduz mais especificamente à *Ordem de Melquisedeque* e que nos mostra uma exortação para que, de forma alguma, venhamos a nos abster deste tema:

- Hebreus 4: 13* ***E não há criatura que não seja manifesta na sua presença; pelo contrário, todas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas.***
- 14 Tendo, pois, a Jesus, o Filho de Deus, como grande sumo sacerdote que penetrou os céus, conservemos firmes a nossa confissão.***
- 15 Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado.***
- 16 Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna.***
- 5: 1 Porque todo sumo sacerdote, sendo tomado dentre os homens, é constituído nas coisas concernentes a Deus, a favor dos homens, para oferecer tanto dons como sacrifícios pelos pecados,***
- 2 e é capaz de condoer-se dos ignorantes e dos que erram, pois também ele mesmo está rodeado de fraquezas.***
- 3 E, por esta razão, deve oferecer sacrifícios pelos pecados, tanto do povo como de si mesmo.***
- 4 Ninguém, pois, toma esta honra para si mesmo, senão quando chamado por Deus, como aconteceu com Arão.***
- 5 Assim, também Cristo a si mesmo não se glorificou para se tornar sumo sacerdote, mas o glorificou aquele que lhe disse: Tu és meu Filho, eu hoje te gerei;***
- 6 como em outro lugar também diz: Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque.***
- 7 Ele, Jesus, nos dias da sua carne, tendo oferecido, com forte clamor e lágrimas, orações e súplicas a quem o podia livrar da morte e tendo sido ouvido por causa da sua piedade,***
- 8 embora sendo Filho, aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu***
- 9 e, tendo sido aperfeiçoado, tornou-se o Autor da salvação eterna para todos os que lhe obedecem,***
- 10 tendo sido nomeado por Deus sumo sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque.***
- +
- 11 A esse respeito temos muitas coisas que dizer e difíceis de explicar (ou interpretar), porquanto (ou porque) vos tendes tornado tardios (ou negligentes) em ouvir.***

- 12 Pois, com efeito, quando devíeis ser mestres, atendendo ao tempo decorrido, tendes, novamente, necessidade de alguém que vos ensine, de novo, quais são os princípios elementares dos oráculos de Deus; assim, vos tornastes como necessitados de leite e não de alimento sólido.**
- 13 Ora, todo aquele que se alimenta de leite é inexperiente na palavra da justiça, porque é criança.**
- 14 Mas o alimento sólido é para os adultos, para aqueles que, pela prática, têm as suas faculdades exercitadas para discernir não somente o bem, mas também o mal.**

O assunto sobre o Senhor Jesus ser também o Sumo Sacerdote segundo a *Ordem de Melquisedeque* não é um mero assunto elementar; ele é um alimento sólido. Por outro lado, ele também não é um tema difícil de ser compreendido quando uma pessoa se dispõe em Deus para fazê-lo.

Por causa do desprezo a temas como o da *Ordem de Melquisedeque*, muitos cristãos têm ficado aquém na compreensão da *palavra da justiça de Deus e do reino celestial*. Razão pela qual, também, tantas pessoas têm sido repetidamente e por muito tempo enganadas por “ministérios” que pregam um “outro evangelho” e por “ministérios” que tentam usar princípios do primeiro e antiquado sacerdócio em paralelo com a vida cristã, como se o Senhor Eterno fosse aceitar uma combinação dos dois.

Os que se fazem de infantes e negligentes com temas como a *Ordem de Melquisedeque* e a denominada *palavra da justiça*, ficam vulneráveis a serem enganados por “orientadores e instrutores” que somente lhes oferecem repetidamente o leite espiritual ou até ensinamentos perversos, porque muitos destes “orientadores” sabem que o dia em que as pessoas passarem a se alimentarem do alimento sólido, elas também deixarão de ficar sob a tutoria deles e seguirão o caminho que o Sumo Sacerdote Celestial Jesus lhes mostrar.

Depois que a possibilidade de viver e andar mediante a fé em Cristo foi revelada ao mundo, ninguém mais precisa dos tutores, pedagogos e da lei do primeiro sacerdócio para se relacionar com Deus, porque segundo a *Ordem de Melquisedeque*, todos os que a recebem também são chamados a viverem e andarem guiados pelo Eterno e Supremo Sumo Sacerdote Celestial chamado também de Senhor Jesus Cristo.

Gálatas 3: 24 De maneira que a lei nos serviu de aio para nos conduzir a Cristo, a fim de que fôssemos justificados por fé.

25 Mas, tendo vindo a fé, já não permanecemos subordinados ao aio.

26 Pois todos vós sois filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus;

27 porque todos quantos fostes batizados em Cristo de Cristo vos revestistes.

28 Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus.

29 E, se sois de Cristo, também sois descendentes de Abraão e herdeiros segundo a promessa.

4: 1 Digo, pois, que, durante o tempo em que o herdeiro é menor, em nada difere de escravo, posto que é ele senhor de tudo.

- 2 Mas está sob tutores e curadores até ao tempo predeterminado pelo pai.**
- 3 Assim, também nós, quando éramos menores, estávamos servilmente sujeitos aos rudimentos do mundo;**
- 4 vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei,**
- 5 para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos.**
- 6 E, porque vós sois filhos, enviou Deus ao nosso coração o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai!**
- 7 De sorte que já não és escravo, porém filho; e, sendo filho, também herdeiro por Deus.**
- 8 Outrora, porém, não conhecendo a Deus, servíeis a deuses que, por natureza, não o são;**
- 9 mas agora que conheceis a Deus ou, antes, sendo conhecidos por Deus, como estais voltando, outra vez, aos rudimentos fracos e pobres, aos quais, de novo, quereis ainda escravizar-vos?**
-

Algumas vezes, nos “parece” que até o presente momento da história, a maioria dos cristãos ainda não se ateu à grandeza do que nos é oferecido em Cristo em sua condição de Sumo Sacerdote Celestial e Eterno porque eles se ativeram somente em olhar para a história da salvação provida por Deus através do Senhor Jesus Cristo na cruz do Calvário e o que aconteceu antes disto, e ainda não olharam devidamente para aquilo que começou com a nova aliança cujo único Mediador é o próprio Senhor Jesus.

E por não avançarem na compreensão da posição atual de Cristo como o Sumo Sacerdote Eterno segundo a *Ordem de Melquisedeque* e do relacionamento com o Senhor neste atributo é que muitos têm se tornado novamente presas das coisas já declaradas pelo Senhor como obsoletas.

Devido ao fato de não crescerem e se firmarem no novo que há para elas em Cristo, como comentamos no capítulo anterior, muitas pessoas têm recaído em escravidões das quais já haviam sido libertas ou das quais já poderiam estar libertas.

Utilizamos o termo *parece* em um parágrafo mais acima, pois nos é desconhecido como foi a vida de milhões de cristão ao longo dos séculos, e pode ser que muitos deles encontraram essas verdades e as viveram sem que fossem relatadas na história escrita, sendo registrada talvez somente no céu. Por isto, sempre é arriscado dizer, por exemplo, que nunca houve um grupo grande ou que somente a minoria buscou esta verdade. Mas o fato é que atualmente há pouca literatura, exceto as Escrituras, que procure abordar a posição do Senhor Jesus como Sumo Sacerdote Celestial vivo, ativo e interativo com os que creem em Deus através Dele.

Assim, uma vez feita esta consideração inicial de que o tema da *Ordem de Melquisedeque* é disponibilizado para todos os cristãos e que ele pode ser aprendido satisfatoriamente por todos aqueles que se dispuserem no Senhor a crescerem na vida de fé também através do conhecimento da *palavra da justiça*, gostaríamos de avançar para uma abordagem mais específica sobre o termo *ordem* e a expressão *Ordem de Melquisedeque*.

Primeiramente, então, a *Ordem de Melquisedeque*, falando resumidamente, é uma outra maneira de expressar, com outras palavras, e sob diferentes ângulos, o que vem a ser o segundo sacerdócio ou o sacerdócio em Cristo e que Deus manifestou ao mundo

através do Senhor Jesus quando também, por meio de Cristo, declarou o primeiro sacerdócio, a sua lei e a sua velha aliança como revogados, obsoletos ou antiquados.

Se, por outro lado, avançarmos um pouco mais sobre a maneira especial que a *Ordem de Melquisedeque* é tratada no livro de Hebreus, poderemos ver que este tema, de certa forma, conforme também comentamos no início deste capítulo, divide-se em dois tópicos que se complementam, a saber:

- ⇒ 1) O aspecto do termo *ordem* ou da expressão *ordem sacerdotal*;
- ⇒ 2) O aspecto do nome específico da *ordem* que recebe um maior destaque, ou seja, o nome *Melquisedeque*.

Observando, então, primeiramente o aspecto da palavra *ordem*, destacamos que seu uso no livro de Hebreus está mais relacionado ao conjunto geral de fatos ocorridos, fundamentos, instruções, posições, funções e serviços de um sacerdócio ao qual ela faz referência. Já o nome *Melquisedeque* está mais relacionado ao perfil do Sumo Sacerdote que atua na respectiva *ordem*, o qual as Escrituras também apresentam em contrapartida à *Ordem de Arão* para que tenhamos evidenciados alguns pontos de contraste entre elas ainda que a glória da *Ordem de Melquisedeque* é descrita como infinita e incomparavelmente superior.

Assim, para que possamos abordar tanto o aspecto do termo *ordem* como o nome *Melquisedeque* de forma mais apropriada, entendemos ser mais produtivo abordar os dois pontos em mais de um capítulo, onde no presente capítulo procuraremos ver mais a questão do *conjunto* ou da *ordem* denominada de *Melquisedeque*, deixando a observação mais detalhada sobre o *nome específico da ordem* para o próximo capítulo.

Associada aos sacerdócios em destaque no livro de Hebreus, a palavra *ordem* tem nos parecido ter sido apresentada como um termo que visa expressar de forma reunida todo o conjunto de fatores que poderiam estar associados à *Ordem de Melquisedeque* ou à *Ordem de Arão* sem ter que mencionar repetidamente todos os seus detalhes, o que também seria impossível. E isto, no sentido de definir estes dois tipos de sacerdócios como conjuntos que podem ser comparados para evidenciar suas diferenças e para mostrar também que são completamente distintos e incompatíveis um com outro.

Ao observarmos o uso do termo *ordem* no livro de Hebreus, podemos ver que ele procura abranger, ao mesmo tempo, uma perspectiva sistêmica ou global das *ordens sacerdotais* nele mencionadas e também uma perspectiva sobre alguns pontos centrais a respeito de como elas atuam.

Ao longo do livro de Hebreus, o uso do termo *ordem* procura abranger não somente algumas das principais características das duas *ordens* mencionadas neles, mas também apontar para a origem e até a sistemática de sucessão e genealogia que é adotada em cada um dos tipos de sacerdócios nele expostos.

Quando o livro de Hebreus apresenta uma referência à remoção de um tipo de sacerdócio para o estabelecimento de outro tipo, e isto sob o nome de *ordens sacerdotais*, esta referência nos informa que “todo” um sacerdócio é removido e “todo” um outro sacerdócio é estabelecido, sem deixar de remover qualquer um dos detalhes que compõem o sacerdócio declarado como obsoleto e sem deixar de estabelecer qualquer um dos detalhes que compõem o sacerdócio revelado por Deus em Cristo Jesus.

Convém lembrar mais uma vez aqui, que o foco principal do livro de Hebreus é evidenciar e enaltecer a *Ordem de Melquisedeque*, mas, em partes, isto também pode ser feito mostrando o que a *Ordem de Melquisedeque* não é em comparação com a *ordem sacerdotal* que foi removida por Deus através de Cristo Jesus.

Considerando que no presente estudo já foi visto várias vezes que “a mudança de um sistema de sacerdócio para outro necessariamente implica em troca de lei pertinente a cada sacerdócio”, também é pela comparação das suas respectivas leis e características que aquilo que os compõem e aquilo que não lhes é pertinente pode se tornar mais evidente.

A *Ordem de Melquisedeque* é muito distinta da *Ordem de Arão*, e por isto também, é que o entendimento das características de uma *ordem* ajuda a compreender a definição ou as características da outra.

Ver o tema de sacerdócio sob a ótica de uma *ordem sacerdotal* permite, desta maneira, ver de forma agrupada algumas das principais características que não deveriam deixar de serem vistas em um assunto de tamanha relevância e grandeza.

Assim, e com o objetivo de tornar mais produtiva a análise de algumas das principais características da *Ordem de Melquisedeque*, procuraremos apresentar algumas das comparações dela com a *Ordem de Arão* de forma mais estruturada em alguns novos tópicos expostos a seguir neste mesmo capítulo.

B. A Multiplicidade de Referências e Nomes Associados aos Dois Sacerdócios em Destaque no Livro de Hebreus

Durante os diversos capítulos que antecederam este presente tópico, várias menções foram feitas relativas aos dois principais tipos de sacerdócios que encontramos nas Escrituras.

Entretanto, quando nos deparamos com as expressões *Ordem de Melquisedeque* e *Ordem de Arão*, provavelmente passamos a ter diante de nós um dos melhores pontos para perceber que os diversos nomes e referências feitas aos dois principais sacerdócios em questão, na realidade, somente nos expuseram diversos ângulos pelos quais estes dois sacerdócios foram sendo narrados nas Escrituras, mas que, ao mesmo tempo, sempre se referiram aos próprios dois sacerdócios que agora podemos observar mais uma vez e de uma maneira mais objetiva e condensada.

Assim, para que possamos saber a qual sacerdócio, respectivamente, a *Ordem de Melquisedeque* e a *Ordem de Arão* fazem referência, procuramos apresentar abaixo uma lista de nomes que de alguma forma se aplicam a estes sacerdócios, visando também facilitar a possibilidade de agrupamento e identificação do que está associado a cada um deles.

A *Ordem de Melquisedeque*, então, é a ordem ou o tipo de sacerdócio que também é referenciado nas Escrituras, dentre outros, como:

- ⇒ O segundo sacerdócio;
- ⇒ O sacerdócio que foi manifesto firmemente com a morte e a ressurreição de Cristo;
- ⇒ O sacerdócio segundo Cristo;
- ⇒ O sacerdócio da nova aliança;
- ⇒ O sacerdócio eterno;
- ⇒ O sacerdócio da promessa;
- ⇒ O sacerdócios segundo a lei de Cristo;
- ⇒ O sacerdócio da lei de Deus escrita no coração através do Espírito Santo;
- ⇒ O sacerdócio onde “todos são ensinados do Senhor”;
- ⇒ O sacerdócio perfeito;
- ⇒ O sacerdócio celestial;
- ⇒ O sacerdócio do verdadeiro tabernáculo.

A *Ordem de Arão*, por sua vez, é a ordem ou tipo sacerdotal que também é referenciado nas Escrituras, dentre outros, como:

- ⇒ O primeiro sacerdócio;
- ⇒ O sacerdócio revogado com a morte e ressurreição de Cristo;
- ⇒ O sacerdócio levítico;
- ⇒ O sacerdócio segundo a lei de Moisés ou simplesmente o sacerdócio da lei;
- ⇒ O sacerdócio da primeira ou da antiga aliança;

- ⇒ O sacerdócio segundo a aliança realizada no monte Sinai ou realizada com o povo depois deste sair do Egito;
- ⇒ O sacerdócio terreno;
- ⇒ O sacerdócio de um mandamento carnal;
- ⇒ O sacerdócio da fraqueza e inutilidade;
- ⇒ O sacerdócio do tabernáculo de Moisés ou do primeiro tabernáculo;
- ⇒ O sacerdócio do templo terreno ou de templos feitos por mãos humanas;
- ⇒ O sacerdócio obsoleto ou antiquado, e que está prestes a desaparecer por completo;
- ⇒ O sacerdócio que se tornou em “uma parábola para o tempo presente”.

Observando a lista de nomes e referências que são atribuídas a cada um dos sacerdócios em consideração, entendemos que ter uma possibilidade de vê-los nominados por um nome que abranja todos os aspectos e ainda acrescente mais alguns pontos fundamentais certamente pode auxiliar a elucidar muitos pontos que sem este complemento poderiam talvez permanecer dispersos ou até desconexos.

C. A Origem e a Sucessão dos Personagens Atuantes no Sacerdócio da Ordem de Arão e da Ordem de Melquisedeque

Começando este novo tópico pela Ordem de Arão, podemos ver nas Escrituras que o fato desta ordem carregar o nome de Arão deu-se em função do primeiro sumo sacerdote que nela foi oficialmente estabelecido ser o próprio Arão, o irmão de Moisés.

A Ordem de Arão, segundo a lei desta ordem, somente permitia que alguém que tivesse nascido da descendência de Arão pudesse exercer o serviço de sumo sacerdote nela, gerando uma linhagem de descendência biológica designada para exercer esta função de sumo sacerdote enquanto esta ordem estivesse sob a validade de ser praticada diante de Deus.

Por outro lado, a Ordem de Arão também é chamada de Ordem Levítica, porque segundo a lei deste mesmo sacerdócio, os levitas e demais sacerdotes referiam-se a uma tribo que foi separada das demais onze tribos de Israel para realizar os serviços necessários ao sacerdócio segundo a Ordem de Arão. Todos os sacerdotes e levitas desta ordem tinham que ser descendentes da tribo de Levi, um dos doze filhos de Jacó, por ela ter sido a tribo designada e separada para servir aos demais irmãos e tribos em todos os serviços que o tipo de sacerdócio escolhido pelo povo iria requerer nos anos e séculos que se seguiriam após a escolha feita.

Os levitas eram separados para auxiliarem os sacerdotes em todas as atividades corriqueiras do sacerdócio que, por sua vez, eram separados para auxiliarem o sumo sacerdote da ordem que recebia o nome de Arão ou de levítica.

E uma vez estabelecida esta linhagem de sucessão dentro da tribo de Levi, ninguém fora dela poderia jamais vir a ser sumo sacerdote, sacerdote ou levita desta mesma ordem.

A informação sobre a linhagem sacerdotal inerente à lei da Ordem de Arão é muito significativa de ser registrada por causa da fraqueza desta linhagem, como veremos mais adiante, mas também pelo fato de que nos dias presentes, há muitas pessoas que não têm nenhum vínculo biológico com esta linhagem e que querem se nominar “levitas” ou querem nominar os “ministérios” delas de “levítico”, como se pudessem ser introduzidas na linhagem levítica de forma aceitável sem serem descendentes sanguíneos de Levi, o que segundo a lei de Moisés é inaceitável.

Nos dias atuais, uma pessoa qualquer querer se constituir em “levita” não somente é incoerente por querer se estabelecer em um serviço que já foi revogado, como também é incoerente com a própria lei da ordem sacerdotal que instituíra os levitas e os serviços levíticos.

Portanto, a ideia de introdução de levitas no meio cristão não somente demonstra desconhecimento do ensino de Deus sobre a vida cristã, como também mostra um amplo desconhecimento da própria lei que instituíra levitas.

Querer fazer de cristãos “levitas” ou “ministros que fazem serviços levíticos” é uma incoerência por qualquer ângulo que se aborda este aspecto.

Além disso, esse princípio de linhagem genealógica também é muito significativa para compreender porque a ordem sacerdotal que Deus estabeleceu em Cristo é completamente dissociada da Ordem de Arão.

Quando o Filho de Deus veio ao mundo como Filho do Homem, nascido de mulher, com o nome Jesus e chamado de Cristo, adotado como filho por José para ter reconhecimento oficial diante da lei, não havia nenhuma possibilidade de Ele vir a ser sacerdote da Ordem de Arão, pois a sua descendência de mãe e por adoção de José era, em ambos os casos, da tribo de Judá.

O fato da linhagem de Cristo ter sido associada à tribo de Judá é mais uma evidência irrefutável de que o Senhor Jesus nunca veio em carne ao mundo para a finalidade de ser sumo sacerdote, sacerdote ou levita na ordem de Arão, nem para tentar desbancar alguém desta ordem para tomar o lugar deles, e nem, ainda, para dar sequência à obra e à ordem iniciada em Arão.

Considerando, então, que Cristo é da descendência de Judá no que tange ao seu nascimento como Filho do Homem e à sua adoção por parte de José, o Senhor Jesus tentar fazer parte da Ordem de Arão seria ilegal entre o povo Hebreu e diante da aliança que o povo tinha feito anteriormente com Deus, apesar das pessoas nunca terem sido fiéis a Deus e nem à aliança que pediram para Deus estabelecer com elas.

Cristo nasceu como Filho do Homem através de outra descendência e explicitamente é declarado ser de outra descendência que não a de Arão, conforme vemos abaixo:

*Hebreus 7: 13 **Porque aquele de quem são ditas estas coisas pertence a outra tribo, da qual ninguém prestou serviço ao altar;**
14 **pois é evidente que nosso Senhor procedeu de Judá, tribo à qual Moisés nunca atribuiu sacerdotes.***

O Senhor Jesus jamais foi enviado pelo Pai Celestial ao mundo para ser o grande sumo sacerdote da lei de Moisés ou da Ordem de Arão, e que realizaria uma oferta de um animal perfeito para dar continuidade ao sacerdócio segundo a lei de Moisés.

Pelo contrário, Cristo foi enviado por Deus para ser a oferta perfeita que libertaria o povo do pecado e, inclusive, da lei da Ordem de Arão, pois pelo sacerdócio levítico, jamais alguém poderia alcançar a salvação, mas somente o conhecimento da condenação que viria sobre eles se permanecessem sujeitos à esta ordem.

Ao Cristo nascer através da tribo de Judá, Deus mostrou que o Senhor Jesus não tinha qualquer vínculo de descendência com qualquer linhagem sacerdotal humana, pois à ninguém da linhagem de Judá havia sido atribuído qualquer atribuição sacerdotal segundo a Ordem de Arão durante todos os séculos em que esta esteve em operação.

Pelo fato de Cristo ter sido introduzido em carne no mundo através da linhagem de Judá, da qual ninguém prestou serviço ao altar de qualquer sacerdócio segundo a Ordem de Arão, Ele também estava livre para receber sua linhagem sacerdotal do céu segundo Melquisedeque, cujo perfil iremos expor mais detalhadamente no próximo capítulo.

Vejamos abaixo mais um texto que nos mostra que Cristo não tinha qualquer vinculação com a sucessão da Ordem de Arão, declarando-o, portanto, livre para a ordem sacerdotal que Deus estaria revelando mais diretamente a partir da ressurreição de Cristo dentre os mortos:

- Hebreus 8: 1 **Ora, o essencial das coisas que temos dito é que possuímos tal sumo sacerdote, que se assentou à destra do trono da Majestade nos céus,***
- 2 **como ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, não o homem.***
- 3 **Pois todo sumo sacerdote é constituído para oferecer tanto dons como sacrifícios; por isso, era necessário que também esse sumo sacerdote tivesse o que oferecer.***
- 4 **Ora, se ele estivesse na terra, nem mesmo sacerdote seria, visto existirem aqueles que oferecem os dons segundo a lei,***
- 5 **os quais ministram em figura e sombra das coisas celestes, assim como foi Moisés divinamente instruído, quando estava para construir o tabernáculo; pois diz ele: Vê que faças todas as coisas de acordo com o modelo que te foi mostrado no monte.***
- 6 **Agora, com efeito, obteve Jesus ministério tanto mais excelente, quanto é ele também Mediador de superior aliança instituída com base em superiores promessas.***
-

Em Cristo, tudo é diferente da Ordem de Arão até porque Cristo nunca teve e nem poderia ter qualquer direito na Ordem Levítica, visto que não tinha as prerrogativas de nascimento para tal.

Se Cristo tivesse um vínculo válido para ser sacerdote ou levita da Ordem de Arão, também a validade do serviço sacerdotal ou levítico Dele próprio teria sido revogada quando Deus revogou o primeiro sacerdócio e o declarou obsoleto.

Se Cristo tivesse vindo para ser atuante no velho sacerdócio, Ele teria vindo dos céus para ser removido juntamente com o que a partir do céu Ele veio para remover. Algo totalmente incompatível e absurdo.

Assim, compreender que Cristo não tem nada a ver com a linhagem de Arão é fundamental para aqueles que se associam à nova aliança em Cristo, pois nesta nova aliança não é aceita a manutenção de nenhum sumo sacerdote ou sacerdotes segundo a Ordem de Arão e também não há mais a necessidade de qualquer levita. Em Cristo, nenhum filho de Deus precisa chegar diante de Deus em lugar de outro filho de Deus.

Cristo não somente não nasceu segundo a Ordem de Arão, como também não tem nenhum vínculo de continuidade com esta antiga ordem e atualmente já revogada por Deus.

Em Cristo, ou na Ordem de Melquisedeque, Cristo é o Único e Eterno Sumo Sacerdote de todos e na qual cada filho de Deus é um sacerdote da sua própria vida em Cristo diante de Deus.

D. Linhagem Corruptível e Linhagem Incorruptível

Outro aspecto diretamente resultante das linhagens distintas entre a Ordem de Melquisedeque e a Ordem de Arão é que a de Melquisedeque não se corrompe, mas a de Arão é continuamente corrompida porque já foi constituída a partir do desejo de uma natureza corruptível.

A Ordem de Arão é uma ordem de inferior aliança, pois a base do seu sacerdócio, que são os sumos sacerdotes humanos, os seus sacerdotes e os seus levitas, também se corrompe e porque ela tem mediadores inconstantes em suas atitudes e que também com frequência necessitam ser substituídos.

Por mais que um determinado sumo sacerdote ou sacerdote da Ordem de Arão se mantenha em sua posição por mais tempo do que a média dos outros sacerdotes ou por mais que mostre mais determinação e vigor que os demais, mais cedo ou mais tarde ele acaba saindo do sacerdócio até porque ele é completamente fraco diante do último inimigo que o ser humano tem a vencer e que as Escrituras nominam como a morte.

*Hebreu 7: 22 **Por isso mesmo, Jesus se tem tornado fiador de superior aliança.***

23 Ora, aqueles (da velha aliança) são feitos sacerdotes em maior número, porque são impedidos pela morte de continuar;

24 este (Jesus), no entanto, porque continua para sempre, tem o seu sacerdócio imutável.

Se um sumo sacerdote ou um sacerdote da Ordem de Arão não consegue livrar a si mesmo da morte e nem oferecer vida eterna para a sua própria vida, sendo sacerdote de tempo integral, quanto menos ainda poderá ele livrar as pessoas que por ele são servidas e que igualmente estão sujeitas às condições que as conduzem para a morte sem provisão para a vida eterna?

A Ordem de Arão é a ordem que coloca em suas “funções ou ofícios sacerdotais” indivíduos sujeitos à mesma fraqueza que aqueles que eles representam, esperando que de algo imperfeito saia algo perfeito ou que de algo corruptível saia algo incorruptível.

Ou seja, quanto mais atribuições os sacerdotes da Ordem de Arão assumem e quanto mais ampliam os seus ministérios, também mais os seus defeitos e fraquezas aparecerão, mais expostos à imperfeição ficarão, mais do véu que tenta esconder as suas imperfeições precisarão ser usados para esconderem do povo as muitas falhas e a fraqueza à qual estão sujeitos, e que todos os obreiros segundo a Ordem de Arão similarmente têm diante dos inimigos mais expressivos do ser humano.

*Hebreus 7: 28 **Porque a lei constitui sumos sacerdotes a homens sujeitos à fraqueza, mas a palavra do juramento, que foi posterior à lei, constitui o Filho, perfeito para sempre.***

Na Ordem de Arão, a cada troca de turno de um sacerdote ou cada transição de um indivíduo para a sujeição a outro sacerdote, a pessoa perde a sua representatividade anterior, pois o outro sacerdote que assume o novo turno, muitas vezes, nem conhece a pessoa que a ele é entregue para ser mediada e instruída a partir da troca de turno.

Na Ordem de Arão, quando parece que um sacerdote começa a compreender um pouco mais detalhadamente as pessoas que ele intenta representar, sempre ocorre uma troca de sacerdote, quer porque trocaram o turno deste sacerdote por conveniência da ordem e dos seus líderes, quer porque a pessoa assistida pelo sacerdote teve que mudar de local por questão de trabalho ou qualquer outro detalhe da vida, quer porque o sacerdote entrou em contenda com outros sacerdotes e foi desqualificado da ordem, quer porque as pessoas começam a perceber de forma mais evidente as falhas dos seus sacerdotes, ou ainda, porque todos os sacerdotes humanos morrem.

A linhagem sacerdotal da Ordem de Arão nunca chegará à sua perfeição também pelo fato de que aqueles que a conduzem serem pessoas inconstantes e mais temporais do que muitos deles pensam que são.

Já na Ordem de Melquisedeque, nada do que ocorre sob a fraqueza da linhagem de sacerdotes da Ordem de Arão a afeta, pois no sacerdócio de Cristo, nem o Sumo Sacerdote é passageiro ou temporal e nem há troca de Sumo Sacerdotes, ***pois a palavra do juramento, que foi posterior à lei, constitui o Filho, perfeito para sempre e porque este (Jesus), no entanto, porque continua para sempre, tem o seu sacerdócio imutável.***

Entender a condição imutável, permanente ou eterna do Sumo Sacerdote da Ordem de Melquisedeque pode soar de certa forma óbvio para muitos cristãos, mas, ao mesmo tempo, muitos deles não se dão conta que falam exatamente o contrário quando dizem que “são como ovelhas que não têm pastor” quando perdem ou trocam os “pastores humanos que eles mesmos elegeram para si”.

Ora, se na Ordem de Melquisedeque, o Sumo Sacerdote, que também é o Sumo Sacerdote e Bispo das almas daqueles que Nele creem, é um Sumo Sacerdote imutável, que não pode ser trocado, que é eterno e nunca mais estará sujeito à qualquer ação da morte contra ele, como que uma pessoa que diz que é desta Ordem de Melquisedeque pode ainda querer declarar que ela é uma “ovelha sem pastor”?

Considerando que todo aquele que está na Ordem de Melquisedeque tem um Sumo Sacerdote e Pastor Eterno para com a sua vida, se alguém desta ordem disser que ainda é “ovelha sem pastor” por não ter pastores humanos sobre a sua vida, ele está dizendo, na realidade, que ele não é da nova aliança ou está demonstrando grande ignorância tanto sobre a nova aliança à qual ele se associou como sobre a aliança antiga que já foi removida e da qual ele já desligou.

Somente quem está dissociado de Cristo é que também pode ser como “uma ovelha que não tem pastor”, mas isto, de forma alguma, se aplica àqueles que estão em Cristo.

Há pessoas que acham “bonitinho” dizer algumas frases formuladas em suas comunidades e repeti-las porque estão na “modinha”. Entretanto, podem estar esquecendo que as suas palavras podem estar negando diante dos homens que há um Pastor e Sumo Sacerdote Eterno que nunca deixa ou abandona as ovelhas que o Pai Celestial confiou a Ele.

“Brincar de negar” o pastoreio eterno e contínuo de Cristo porque é “bonitinho” ou para querer se fazer de vítima diante de outras pessoas, não é verdadeiramente uma brincadeira, mas é algo altamente perigoso de se lidar, conforme o Senhor Jesus nos advertiu:

Mateus 10: 32 **Portanto, todo aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos céus;**

33 **mas aquele que me negar diante dos homens, também eu o negarei diante de meu Pai, que está nos céus.**

Na Ordem de Melquisedeque, o Sumo Sacerdote é eterno e imutável. Se, porém, uma pessoa quiser negá-lo na sua própria vida diante dos homens, Cristo diz que o testemunho desta pessoa que o fizer é que estabelecerá o tipo da colheita que ela terá no céu diante de Cristo e do Pai Celestial.

Depois de liberto da ordem que tornava as pessoas escravizadas a outras pessoas igualmente escravas debaixo da lei e da vida temporal, não cabe mais a um cristão continuar andando “segundo os homens”, pois Cristo está sempre presente com todo aquele que Nele crê, e continuamente Ele vive para manifestar esta presença para todos os filhos de Deus.

1 Coríntios 3: 4 **Quando, pois, alguém diz: Eu sou de Paulo, e outro: Eu, de Apolo, não é evidente que andais segundo os homens?**

1 Coríntios 1: 12 **Refiro-me ao fato de cada um de vós dizer: Eu sou de Paulo, e eu, de Apolo, e eu, de Cefas, e eu, de Cristo.**

13 **Acaso, Cristo está dividido? Foi Paulo crucificado em favor de vós ou fostes, porventura, batizados em nome de Paulo?**

Romanos 6: 9 **sabedores de que, havendo Cristo ressuscitado dentre os mortos, já não morre; a morte já não tem domínio sobre ele.**

10 **Pois, quanto a ter morrido, de uma vez para sempre morreu para o pecado; mas, quanto a viver, vive para Deus.**

Por causa da condição corruptível dos principais agentes da Ordem de Arão, a Ordem de Melquisedeque não podia ter qualquer associação com a velha aliança. E também por isto, o sacerdócio do Senhor Jesus Cristo não é da linhagem de Levi, mas segundo a Ordem de Melquisedeque, conforme evidenciamos mais uma vez abaixo:

Hebreus 7: 15 **E isto é ainda muito mais evidente, quando, à semelhança de Melquisedeque, se levanta outro sacerdote,**

16 **constituído não conforme a lei de mandamento carnal, mas segundo o poder de vida indissolúvel.**

17 **Porquanto se testifica: Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque.**

18 **Portanto, por um lado, se revoga a anterior ordenança, por causa de sua fraqueza e inutilidade**

19 **(pois a lei nunca aperfeiçoou coisa alguma), e, por outro lado, se introduz esperança superior, pela qual nos chegamos a Deus.**

E. Promessas Corruptíveis ou Promessas Incorruptíveis

Outro ângulo que evidencia a superioridade da Ordem de Melquisedeque e a expressa inferioridade da Ordem de Arão é todo o sistema de promessas que cada ordem apresenta, assim como a capacidade de sustentar as promessas que cada uma anuncia.

A Ordem de Arão apresenta promessas defeituosas ou até enganosas, mas que atraem as pessoas pelas ilusões e expectativas que promovem junto aos seus ouvintes, sendo equiparadas nas Escrituras a fascinações ou encantamentos.

As promessas da Ordem de Arão são distorcidas pelo fato desta ordem nem poder sustentar o que promete ou porque se conseguir sustentar alguma promessa, as promessas que ela oferece, no seu final, são terrenas e, portanto, passageiras e efêmeras.

A Ordem de Arão não tem sustentação para cumprir o que promete pelo fato do cumprimento das promessas nela ser condicionada a um funcionamento perfeito de toda a coletividade de pessoas e de todo o conjunto de preceitos que a ela é associado, sendo que nem ao menos um só indivíduo dela consegue cumprir o que promete diante de Deus e dos outros.

Uma pessoa associada à Ordem de Arão somente poderia alcançar as promessas desta ordem se cumprisse todos os preceitos da lei desta ordem, o que já foi demonstrado, na história e nas Escrituras, ser impossível de ser realizado por um ser humano sujeito e escravizado à fraquezas, pecados e pesados jugos de condenações.

E como a Ordem de Arão promete o que é temporal e que no fim não é benéfico eternamente para uma pessoa, e também porque não consegue cumprir o que promete, ela é uma ordem que precisava ser exposta para depois ser removida por algo perfeito e superior a ela a fim de que as pessoas pudessem vir a ter uma esperança apropriada e em promessas verdadeiras.

Hebreus 7: 6 Agora, com efeito, obteve Jesus ministério tanto mais excelente, quanto é ele também Mediador de superior aliança instituída com base em superiores promessas.

7 Porque, se aquela primeira aliança tivesse sido sem defeito, de maneira alguma estaria sendo buscado lugar para uma segunda.

Proposições de servir a Deus pela motivação principal de bem-estar material, social e de enriquecimento sempre atraíram e engodaram muitas pessoas na antiguidade como também nos dias contemporâneos, mas também é nestas promessas que residem a temporalidade e a fraqueza das suas promessas, conforme está mais amplamente exposto também no estudo sobre O Cristão e as Riquezas, do qual relembramos abaixo os seguintes textos:

Provérbios 23: 4 Não te cansas para enriqueceres; dá de mão à tua própria sabedoria.

5 Porventura, fitarás os olhos naquilo que não é nada? Porque, certamente, isso se fará asas e voará ao céu como a águia. (RC)

1 Timóteo 6: 9 Mas os que querem ser ricos caem em tentação, e em laço, e em muitas concupiscências loucas e nocivas, que submergem os homens na perdição e ruína. (RC)

Deus é um Senhor amplamente generoso. Entretanto, na ordem sacerdotal que Ele oferece, que é a de Melquisedeque, jamais algo de valor terreno, carnal ou material irá superar o valor da salvação eterna de uma alma.

A Ordem de Arão é uma ordem de barganha para um bem-estar material e que relega a salvação eterna a um segundo plano. A Ordem de Melquisedeque, por sua vez, é uma ordem que expressa as suas promessas com verdade porque aquilo que ela oferece é a verdadeira e eterna benção que cada ser humano necessita.

A Ordem de Melquisedeque não está baseada em promessas de cargos e títulos em estruturas humanas ou ganhos materiais infinitos e tantas outras coisas altivas que repetidamente são almeçadas por aqueles que se sujeitam à Ordem de Arão. Por outro lado, ela promete e pode sustentar plenamente uma pessoa para a vida eterna e para eternamente estar junto ao Deus Altíssimo que oferece amor justo e verdadeiro a todos que Nele permanecem.

Se uma pessoa não aprecia a Ordem de Melquisedeque pela sua origem e constituição, no mínimo deveria olhar para ela com carinho, respeito, reverência e temor pelo que somente esta ordem sacerdotal pode oferecer e sustentar, pois ela é a única que pode prometer e sustentar a vida no presente e para a eternidade.

2 Coríntios 1: 20 Porque quantas são as promessas de Deus, tantas têm nele o sim; porquanto também por ele é o amém para glória de Deus, por nosso intermédio.

F. Serviço Sacerdotal e Tabernáculo Terreno ou Serviço Sacerdotal e Tabernáculo Celestial

Dando sequência aos tópicos que evidenciam as diferenças entre o sacerdócio da Ordem de Melquisedeque e da Ordem de Arão, e aproveitando um texto do livro de Hebreus recém exposto acima, podemos também ver que além da linhagem ou procedência distinta de cada um destes sacerdócios, também há uma diferença abismal em relação ao local no qual os serviços sacerdotais de cada um são exercidos.

Vamos rever uma parte do texto anteriormente citado:

*Hebreus 8: 1 **Ora, o essencial das coisas que temos dito é que possuímos tal sumo sacerdote, que se assentou à destra do trono da Majestade nos céus,***
*2 **como ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, não o homem.***

A Ordem de Melquisedeque não somente é distinta da Ordem de Arão por ter um Sumo Sacerdote Eterno que não é segundo a linhagem de Arão ou de Levi, mas também porque na Ordem de Melquisedeque, as funções sacerdotais são realizadas em locais eternos e não em locais abaláveis ou temporais.

Visto que todas as coisas naturais ou que são da Terra são abaláveis e serão abaladas mais uma vez segundo a promessa de Deus, é necessário que o sacerdócio da Ordem de Melquisedeque atue também em locais eternos para que os seus serviços e frutos advindos deles possam permanecer eternamente.

Como somente aquilo que é parte do reino de Deus permanecerá eternamente em comunhão com o Senhor, conforme já foi exposto no estudo sobre O Evangelho do Reino Deus, somente aquilo que é produzido no reino celestial e a partir deste reino é que terá frutos para a vida eterna.

Portanto, considerando que o reino de Deus encontra-se no céu e no coração das pessoas que recebem a Cristo Jesus como Senhor, também são nestes dois locais que os serviços do sacerdócio da Ordem de Melquisedeque são realizados e ministrados. Como Sumo Sacerdote Eterno, Cristo realiza as suas funções no céu diante de Deus e naqueles que Nele creem.

Desta forma, há um tabernáculo eterno nos céus que está associado ao trono do Pai Celeste e há também um tabernáculo celestial e eterno no coração de cada pessoa que tem a Cristo em sua vida, conforme já foi exposto anteriormente em outros estudos e textos referenciados acima e conforme nos é confirmado pelos versos exemplificados mais uma vez abaixo:

*Apocalipse 7: 14 **Respondi-lhe: meu Senhor, tu o sabes. Ele, então, me disse: São estes os que vêm da grande tribulação, lavaram suas vestiduras e as alvejaram no sangue do Cordeiro,***
*15 **razão por que se acham diante do trono de Deus e o servem de dia e de noite no seu santuário; e aquele que se assenta no trono estenderá sobre eles o seu tabernáculo.***

2 Coríntios 6: 16 *Que ligação há entre o santuário de Deus e os ídolos? Porque nós somos santuário do Deus vivente, como ele próprio disse: Habitarei e andarei entre eles; serei o seu Deus, e eles serão o meu povo.*

1 Coríntios 3: 16 *Não sabeis que sois santuário de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?*

Isaías 57: 15 *Porque assim diz o Alto, o Sublime, que habita a eternidade, o qual tem o nome de Santo: Habito no alto e santo lugar, mas habito também com o contrito e abatido de espírito, para vivificar o espírito dos abatidos e vivificar o coração dos contritos.*

Cristo veio em carne ao mundo, morreu na cruz do calvário e ressuscitou não para edificar sacerdócios e tabernáculos terrenos, e jamais o fará no presente ou no porvir.

Cristo vir ao mundo para edificar sacerdócios e templos terrenos seria uma incoerência diante das palavras do próprio Deus proferidas pela boca do profeta Isaías mencionadas logo acima, assim como também através das palavras que Estevão, cheio do Espírito Santo, proferiu e que foram registradas no livro de Atos, conforme segue abaixo:

Atos 7: 48 *Entretanto, não habita o Altíssimo em casas feitas por mãos humanas; como diz o profeta:*

49 *O céu é o meu trono, e a terra, o estrado dos meus pés; que casa me edificareis, diz o Senhor, ou qual é o lugar do meu repouso?*

50 *Não foi, porventura, a minha mão que fez todas estas coisas?*

51 *Homens de dura cerviz e incircuncisos de coração e de ouvidos, vós sempre resistis ao Espírito Santo; assim como fizeram vossos pais, também vós o fazeis.*

Cristo jamais teve o intento de ser sacerdote terreno, e também por isto nunca fez parte da linhagem de Arão. Entretanto, Ele também nunca teve o intento de ser um Sumo Sacerdote Celestial para ministrar como Sumo Sacerdote no templo dos hebreus ou qualquer outro templo terreno, pois se o quisesse, Ele estaria indo no caminho contrário ao que Deus disse sobre si próprio e sobre os templos feitos por mãos humanas.

Deus permitiu que o povo sob a Ordem de Arão edificasse um tabernáculo como o de Moisés e depois até permitiu que edificassem um maior que o primeiro e em forma de templo, sendo o templo de Salomão o mais suntuoso de todos. Entretanto, isto o Senhor permitiu para mostrar-lhes que mesmo aumentando o tabernáculo de Moisés e edificando um templo enorme, isto não iria solucionar as principais necessidades das pessoas.

O problema das pessoas, no que concerne ao relacionamento com Deus, jamais foi o tamanho do local, da tenda ou do templo para adorar a Deus ou, ainda, em que monte

ou vale o santuário seria erguido ou construído. A questão sempre foi o tipo e a forma do sacerdócio de mediação que tentaram usar ou aos quais se sujeitaram, onde todos eles, de uma ou de outra forma, apresentaram alguma variação do que sempre foi e continua sendo “um serviço sacerdotal amparado por sacerdotes e santuários terrenos”.

Se a essência de algo errado não for removida, o incorreto no pequeno continua incorreto no grande ou até potencializa a sua condição inadequada ainda mais no grande.

O infiel no pouco continua infiel no grande se as bases ou os princípios dele são infiéis e carnais, como era a Ordem de Arão.

*Lucas 16: 10 **Quem é fiel no pouco também é fiel no muito; e quem é injusto no pouco também é injusto no muito.***

Fidelidade e justiça não são relativas ao tamanho da obra ou do templo, mas estão associadas às atitudes e princípios que as pessoas adotam em seus corações, independentemente se é relacionado a uma medida pequena ou grande.

A Ordem de Arão é a antiga aliança firmada pelas pessoas que saíram do Egito. É a ordem ou a aliança feita no deserto a partir de corações contrários ao querer de Deus, tornando-se, assim, toda a aliança antiga em uma aliança de infidelidade contínua ou repetitiva do povo para com Deus, independentemente de onde na Terra os serviços sacerdotais seriam realizados ou dos tipos de ambientes nos quais seriam praticados.

*Hebreus 8: 8 **E, de fato, repreendendo-os, diz: Eis aí vêm dias, diz o Senhor, e firmarei nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá,***
9 não segundo a aliança que fiz com seus pais, no dia em que os tomei pela mão, para os conduzir até fora da terra do Egito; pois eles não continuaram na minha aliança, e eu não atentei para eles, diz o Senhor.

Se uma pessoa quer se esquivar para que a Luz de Deus não brilhe individualmente em seu coração, por um acaso o aumento do tamanho do tabernáculo irá modificar a intenção do seu coração?

Se nos serviços de uma tenda, chamada de tabernáculo de Moisés, já havia injustiça e infidelidade no serviço dos sacerdotes, quanto mais não haveria no templo onde aumentasse o número de sacerdotes, serviços, sacrifícios e os montantes econômicos neles envolvidos?

Recordando os capítulos anteriores, sempre convém lembrar que a Ordem de Arão também é o “sistema onde o serviço do sacerdócio é feito na Terra”. Ou seja, indivíduos na Terra tentam fazer a mediação de outras pessoas para com Deus para coisas terrenas. E por isto, nesta ordem, há tanta busca pela “glória nas coisas materiais, visíveis ou relacionados às aparências exteriores”, relegando, na prática, aquilo que acontece no coração a planos secundários, por mais que as pessoas declarem que os seus corações estão desejosos de seguir a Deus.

Marcos 7: 6 **Respondeu-lhes: Bem profetizou Isaías a respeito de vós, hipócritas, como está escrito: Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim.**

Mateus 13: 15 **Porque o coração deste povo está endurecido, de mau grado ouviram com os ouvidos e fecharam os olhos; para não suceder que vejam com os olhos, ouçam com os ouvidos, entendam com o coração, se convertam e sejam por mim curados.**

O sacerdócio da Ordem de Arão não é o sacerdócio da verdadeira luz de Deus que ilumina uma pessoa em seu interior, mas é uma versão denominada de sombra das coisas verdadeiras. E uma sombra pode até dar um certo vislumbre do que está sendo projetado, mas estar debaixo da sombra, por outro lado, também obscurece aquele sobre quem ela é projetada.

O sacerdócio terreno ou a Ordem de Arão, nas suas versões tanto em tenda como em templos, teve amplo tempo para tentar se estabelecer durante séculos, mas repetidamente mostrou a sua ineficácia pelo fato de ser, na essência, fraco, inútil e sujeito a ser exposto à vergonha devido à sua condição instável e às suas imperfeições. O livro de Hebreus apresenta isto de diversas maneiras, o que é interessante de ser observado mais uma vez abaixo:

Hebreus 7: 11 **Se, portanto, a perfeição houvera sido mediante o sacerdócio levítico (pois nele baseado o povo recebeu a lei), que necessidade haveria ainda de que se levantasse outro sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque, e que não fosse contado segundo a ordem de Arão?**

...
 15 **E isto é ainda muito mais evidente, quando, à semelhança de Melquisedeque, se levanta outro sacerdote,**
 16 **constituído não conforme a lei de mandamento carnal, mas segundo o poder de vida indissolúvel.**

Conforme já comentamos neste tópico, se nem a Terra e nem o corpo natural humano é eterno, se os Céus e a Terra como os vemos em nossos dias vão passar, e tudo o que há de material neles, tudo o que a Ordem de Arão edifica também é passageiro, exceto o testemunho que deixou para que a sua temporalidade ficasse registrada e evidenciada perante todas as pessoas.

Hebreus 9: 1 **Ora, a primeira aliança também tinha preceitos de serviço sagrado e o seu santuário terrestre. ...**
 9(a) **É isto uma parábola para a época presente, ...**

Conforme também já mencionado, a Ordem de Arão foi constituída a partir de um anelo por um sacerdócio humano ou natural por ter sido sugerido a partir de motivações carnis. E por causa da sua origem, ela jamais poderá alcançar a perfeição que exigiria da parte de meros seres humanos um conhecimento divino e pleno da humanidade nas suas mais variadas circunstâncias.

A Ordem de Arão é rudimentar ou espelha os rudimentos do mundo, pensando que através de um conjunto de regras fixas, o ser humano poderá reger toda as circunstâncias da vida que é amplamente dinâmica.

*Hebreus 7: 18 **Portanto, por um lado, se revoga a anterior ordenança, por causa de sua fraqueza e inutilidade***
*19 **(pois a lei nunca aperfeiçoou coisa alguma), e, por outro lado, se introduz esperança superior, pela qual nos chegamos a Deus.***

O véu que os sacerdotes e levitas da Ordem de Arão precisam usar para esconderem suas imperfeições dos seus semelhantes e, isto, para que os seus semelhantes não percam por completo a confiança neles, deixem de se associar a esta ordem e deixem de dar suas ofertas a ela, também é associado pelo Senhor Jesus Cristo à *hipocrisia*. Lembrando aqui, ainda, que a palavra *hipocrisia* tem como base as dissimulações que um ator faz no palco de teatro quando a sua simulação não ocorre como planejada.

*Mateus 16: 6 **E Jesus lhes disse: Vede e acautelai-vos do fermento dos fariseus e dos saduceus.***

*Marcos 8: 15 **Preveniu-os Jesus, dizendo: Vede, guardai-vos do fermento dos fariseus e do fermento de Herodes.***

*Lucas 12: 1 **Posto que miríades de pessoas se aglomeraram, a ponto de uns aos outros se atropelarem, passou Jesus a dizer, antes de tudo, aos seus discípulos: Acautelai-vos do fermento dos fariseus, que é a hipocrisia.***

O sacerdócio da Ordem de Arão gira em torno de uma pretensão de ser celestial. É um “faz de conta” de prover novidade de vida, pois, conforme mencionado acima, ele propõe que a novidade de vida pode ser alcançada através da sombra e não da substância. Ele tenta fazer das coisas terrenas, que são passageiras, coisas eternas e duradouras.

Na Ordem de Arão, os sacerdotes servem em modelos que somente aparentam estarem fundamentados na verdade e no que é eterno. E ao estar somente sob o que é aparente, um indivíduo fica extremamente limitado a alcançar um conhecimento sob a perspectiva celestial de Deus ou mais preciso sobre aquilo que se refere às questões espirituais.

*1 Coríntios 2: 14 **Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente.***

A ordem de Arão não tem acesso à “mente de Cristo”, pois os seus sacerdotes se apresentam como opositores ao que o Pai Celestial sempre tentou fazer através de Cristo e da justiça que Cristo oferece às pessoas.

O sumo sacerdote, os sacerdotes e os levitas da Ordem de Arão concorrem com Cristo para tentar tomar a primazia que pertence a Cristo no coração das pessoas.

Assim, é evidente que quando os obreiros da Ordem de Arão forem inqueridos a responder sobre como de fato é o verdadeiro, eles não o saberão fazer, apelando, geralmente, para o caminho da dissimulação, da mentira, da profecia de que no futuro isto será revelado ou até no sentido de ameaçar o indivíduo que os indagar. Além disso, como eles não têm o conhecimento do verdadeiro por estarem sujeitos a um véu, ainda se escondem atrás da dissimulação de que qualquer um que lhes indaga está se “opondo à sua autoridade”.

Portanto, quando Deus rasgou o véu do templo nos dias de Herodes em duas partes, o Senhor o rasgou também para mostrar que naquele sacerdócio a presença de Deus não era contínua ou que não era ali que o Senhor era encontrado como deveria ser encontrado por cada ser humano.

O rasgar do véu expôs as coisas temporais e frágeis para que ninguém mais buscasse ao Senhor naquele local uma vez que qualquer validade da velha aliança foi anulada diante de Deus, pois o sacerdócio que somente podia ver um pouco da glória de Deus uma vez a cada ano, e através de uma só pessoa, jamais aperfeiçoaria a qualquer indivíduo associado a ele.

No tempo oportuno, juntamente com a fraqueza do seu templo e do seu véu, o sacerdócio antigo e terreno foi exposto para que as pessoas não se deixassem mais iludir pelo pensamento de que ali poderia habitar a presença de Deus como o Senhor a queria revelar aos seres humanos e para que as pessoas passassem a se atentar para o tipo de presença de Deus que realmente lhes era necessária não somente para o tempo presente, mas também eternidade. A qual, por sua vez, está no reino celestial, em Cristo e no coração daqueles que recebem a Cristo como a dádiva de novidade de vida e da presença de Deus com eles concedida do céu.

Com seus templos terrenos e seus sacerdotes limitados em muitos aspectos, a Ordem de Arão nunca pôde prover o acesso das pessoas diante de Deus como elas necessitavam e nem pôde prover o Emanuel, Deus conosco, em todos os lugares que as pessoas necessitavam da presença e da instrução do Senhor com elas.

O fim da aridez e da escassez de acesso a Deus e da presença de Deus com as pessoas na condição de seu Emanuel somente chega ao fim quando aquele que tem fome e sede respectivamente do pão e da água da vida passa a crer em Cristo ou no Sumo Sacerdote da Ordem de Melquisedeque.

*João 6: 35 **E Jesus lhes disse: Eu sou o pão da vida; aquele que vem a mim não terá fome; e quem crê em mim nunca terá sede.***

*João 4: 14 **Mas aquele que beber da água que eu lhe der nunca terá sede, porque a água que eu lhe der se fará nele uma fonte de água a jorrar para a vida eterna.***

A partir da ampla revelação do sacerdócio segundo a Ordem de Melquisedeque, todo “aquele que vem a mim e crer em mim”, diz o Sumo Sacerdote da Ordem de Melquisedeque, se fará NELE uma fonte de água a jorrar para a vida eterna, e não em algum templo externo, acampamento, casa ou em algum outro mediador.

No Sumo Sacerdote da Ordem de Melquisedeque, não somente há a água perfeita que sacia a mais profunda sede de uma pessoa, mas também o poder para estabelecer o fluir de rios de água viva através da presença do Espírito Santo no coração daqueles que creem em Cristo, daqueles que creem no Senhor segundo a revelação que as Escrituras nos dão a respeito de Cristo e não segundo o ensino que o clero sacerdotal de Arão propõe.

João 7: 38 Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva.

39(a) Isto ele disse com respeito ao Espírito que haviam de receber os que nele cressem.

Considerando que Cristo é o Singular Sumo Sacerdote Eterno que pode atender a todos em qualquer lugar e pode representá-los em todo o tempo também diante do trono celestial de Deus, e considerando o coração de uma pessoa como uma cisterna ou poço a partir do qual Cristo revela rios de água viva àqueles que Nele creem, podemos entender porque o livro de Provérbios nos ensina a não dependermos das manifestações das grandes congregações, mas daquilo que Deus deposita em nossos corações.

Provérbios 5: 14 Quase que me achei em todo mal que sucedeu no meio da assembleia e da congregação.

15 Bebe a água da tua própria cisterna e das correntes do teu poço.

16 Derramar-se-iam por fora as tuas fontes, e, pelas praças, os ribeiros de águas?

+

Provérbios 4: 23 Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o coração, porque dele procedem as fontes da vida.

Considerando que Cristo, em Espírito, é plenamente capaz de estar ao mesmo tempo assentado à direita do trono do Pai Celestial e também no coração daqueles que Nele creem, Ele não depende de outros locais físicos, instalações ou montes para manifestar a presença divina do Senhor no coração de um indivíduo em todo o tempo e em todo lugar, e nem depende de uma casta sacerdotal imperfeita, inconstante ou infiel que tenta mediar a relação das pessoas com Deus.

Portanto, entendemos ser muito significativo dar um destaque especial aqui à posição da qual o Sumo Sacerdote segundo a Ordem de Melquisedeque exerce o seu sacerdócio, pois também através deste aspecto, podemos ver a enorme diferença que há deste sacerdócio para com a Ordem de Arão.

Uma vez que na Ordem de Arão as pessoas queriam andar por vista e não por fé, elas também estavam rejeitando o Sumo Sacerdote que não lhes era visível e ao qual somente poderiam ter acesso mediante a fé em Deus.

Quando as pessoas que foram libertas do domínio do Egito quiseram um sacerdócio baseado em coisas palpáveis ou visíveis aos seus olhos naturais, estava implícita também a questão de estarem optando por um sumo sacerdote natural ou segundo a natureza visível, humana, não celestial ou não espiritual. Este ponto, por sua vez, não representava meramente uma inversão da posição do serviço do sumo sacerdote, mas também o local a partir do qual Deus se manifestaria a este sumo sacerdote para que este representasse o povo perante o Senhor.

Considerando que os sumos sacerdotes da Ordem de Arão não podiam subir ao céu por estarem sujeitos às mesmas fraquezas que aqueles que eles representavam, estes sumos sacerdotes necessitavam de lugares separados na Terra para exercerem funções sacerdotais na tentativa de fazer “*Deus descer do céu e vir à Terra*”.

Em sua obstinação por quererem transformar as coisas espirituais em coisas visíveis aos olhos naturais para continuarem a tentar administrar o mundo espiritual, e isto, para não precisarem se apartar das cobiças más de seus corações, as pessoas passaram a depositar expectativas da sua representação divina a seus semelhantes igualmente falhos e que, por isto, teriam que tentar representá-los sob condições, locais e sacrifícios também visíveis ou naturais.

Embora a forma e alguns detalhes serem distintos em relação ao ocorrido na construção da denominada Torre de Babel, quando as pessoas libertas do domínio do Egito quiseram mediadores visíveis ou naturais para se relacionarem com Deus, elas repetiram o erro dos construtores da Torre de Babel em quererem ter um ponto natural de referência para o relacionamento com o Eterno Criador.

Se para os construtores da Torre de Babel a própria torre seria um ponto no qual elas poderiam determinar quando e como poderiam buscar a Deus, no caso da Ordem de Arão, o sumo sacerdote palpável e todo o aparato em torno dele fazia papel semelhante ao da Torre de Babel.

E a atitude mencionada nestes últimos parágrafos perdura até os dias atuais quando as mais variadas religiões procuram estabelecer os pontos fixos onde as pessoas devem servir às suas divindades, mas, principalmente, onde as suas divindades também “deveriam” ouvi-las e atendê-las se tão somente cumprirem os rituais estabelecidos pela respectiva religião. Ponto este, que se aplica também a uma enormidade de grupos ou instituições que se denominam cristãos, mas que se amparam em seus templos, sacerdotes humanos e ritos em vez de se ampararem diretamente e individualmente no Senhor e no sacerdócio que é segundo a Ordem de Melquisedeque e não de Arão.

Assim, na tentativa de assemelhar um sacerdócio e um sumo sacerdote carnal à um sacerdócio e um sumo sacerdote espiritual que ministra diante de um Deus espiritual, era necessário, na Ordem de Arão, separar vários indivíduos do povo ou santificá-los para o sacerdócio, assim como era necessário prover-lhes de estrutura também visível onde supostamente viveriam em oração e santificação na expectativa ou com o intuito de fazer “*Deus descer dos Céus e vir à Terra*” ao encontro dos indivíduos separados nos locais considerados santificados para ali eles terem os seus denominados “*encontros com Deus*”.

Uma enormidade de rituais de sacrifícios de animais, lavagem do corpo dos sacerdotes e dos sumos sacerdotes, vestes especiais e a sua preparação durante um ano inteiro eram dedicados para invocar “*a descida de Deus à Terra*” sem que este sumo sacerdote e nem o povo fossem mortos pela poderosa presença de Deus perto deles.

Como as pessoas quiseram um sacerdócio que anda por vista e não por fé, ou que está amparado em coisas naturais ou da Terra, e não em coisas espirituais ou do reino celestial, elas estavam querendo que Deus não somente aceitasse um sumo sacerdote carnal, mas também mudasse a jurisdição do sacerdócio celestial para um local terreno para que a presença de Deus entre elas também fosse visível aos seus olhos, mostrando mais uma vez que o apego inadequado às coisas materiais desemboca em uma devoção cada vez maior aos aspectos naturais.

E, por sua vez, a preparação para a denominada “*vinda de Deus à Terra*” demandava uma estrutura com um custo muito caro, pois se o local para tentar abrigar Deus na Terra pretendesse apresentar alguma aparência similar à perfeição do local da presença de Deus no céu, também era necessário fazer uso dos recursos mais especiais existentes na Terra.

No final das contas, a Ordem de Arão representava o ser humano custeando a busca pela presença de Deus similarmente ao modelo da Torre de Babel, dos egípcios, e de todos os povos da Terra, e os quais tentavam agradar aos seus deuses com coisas naturais para que as divindades que adoravam “descessem até os homens para lhes abençoar” ou para que o clamor delas chegassem a Deus acompanhadas de suas tentativas de barganhar com Ele ou de suborná-lo.

Quando o ser humano procura estabelecer o “modus operandi” do seu relacionamento com Deus, invariavelmente ele acabar recaindo em proposições semelhantes às quais milhões e milhões de pessoas indevidamente e sem êxito já tentarem fazer ao longo de toda a história humana e que de uma ou de outra forma apresentam proposições onde as pessoas pensam que podem definir a maneira como se justificar perante Deus e como podem ser aceitas perante o Senhor.

Quando o ser humano procura tomar a dianteira da sua reconciliação e do seu relacionamento com Deus, ele invariavelmente recai naquilo que várias gerações já tentaram fazer em suas limitadas tentativas de se estabelecer em lugares altos, em tabernáculos terrenos, em religiões geridas por sacerdotes ou mediadores humanos, ou em suas filosofias, pois quando a proposição parte dos seres humanos, ela sempre incorre em alguma proposição de sacerdócio terreno e não celestial.

Por mais que o ser humano natural procure ser espiritual, mostrar-se desenvolvido em sua espiritualidade ou especular sobre as coisas espirituais, ele acaba recaindo continuamente nos modelos de sacerdócios que de alguma forma são terrenos, pois, dissociado da instrução do Espírito do Senhor, o ser humano não compreende as coisas de Deus ou do reino celestial.

1 Coríntios 2: 11 **Porque qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o seu próprio espírito, que nele está? Assim, também as coisas de Deus, ninguém as conhece, senão o Espírito de Deus.**

12 **Ora, nós não temos recebido o espírito do mundo, e sim o Espírito que vem de Deus, para que conheçamos o que por Deus nos foi dado gratuitamente.**

13 Disto também falamos, não em palavras ensinadas pela sabedoria humana, mas ensinadas pelo Espírito, conferindo coisas espirituais com espirituais.

14 Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente.

Portanto, em sua limitada compreensão, o homem natural pensa que um nível mais amplo de relacionamento com Deus depende do ser humano. Entretanto, quem é o homem natural para afirmar que esta é a única alternativa?

Será que não poderia ser o contrário?

Será que não poderia existir um representante no céu a favor das pessoas que vivem na Terra?

Pois é, parece que nunca ninguém pensou na possibilidade inversa do que os seres humanos pensaram durante tantos séculos, pois, afinal de contas, que outra alternativa os seres humanos em sua perspectiva limitada poderiam sugerir a Deus?

Entretanto, alguém pensou na possibilidade de haver um representante dos homens diante de Deus no céu.

Apesar dos seres humanos não terem se atentado à possibilidade de um Sumo Sacerdote que os representasse no céu e não na Terra, Deus já tinha esta proposição preparada antes que os fundamentos do mundo já tivessem sido criados, mas por muitos séculos a grande maioria das pessoas não quis ouvir a oferta de Deus.

Quando o ser humano, a criatura, pensa que o mundo criado é o seu destino final ou que cabe à criatura achar as soluções para os seus problemas, ele começa a se enroscar em pensamentos que o prendem à limitada perspectiva da criatura, não vendo e não entendendo aquilo que o Senhor vê dos céus e quer lhe instruir.

Além disso, se o representante dos seres humanos estivesse na Terra para mediar o relacionamento com o Senhor, quem o faria depois que as suas vidas naturais chegassem ao fim, conforme vimos no tópico da linhagem temporal e corruptível da Ordem de Arão?

Considerando que Deus não nos criou com propósitos limitados ao mundo natural, mas para estarmos com Ele pela eternidade, é muito mais crucial ter um Sumo Sacerdote eterno nos céus do que um sacerdócio temporal e limitado na Terra, e que não pode acompanhar uma pessoa quando o dia do seu julgamento final perante Deus ocorrer.

Deus nos criou para sermos Dele e estarmos com Ele para sempre. Ele nos criou para sermos eternos e termos vida junto a Ele também eternamente, evidenciando mais uma diferença não conciliável entre a Ordem de Melquisedeque e a Ordem de Arão.

O pensamento do sacerdócio segundo a ordem de Arão está sujeito à ideia de que tudo o que é relevante em termos sacerdotais tem que acontecer no mundo material ou em tabernáculos terrenos. Entretanto, a história em torno da Ordem de Arão já evidenciou que as pessoas não se satisfizeram com este sacerdócio nem ainda em relação às suas provisões materiais e os seus anelos terrenos.

Inicialmente, o povo escravo no Egito queria ser livre da dura escravidão que os afligia. Depois queriam a sombra, a água fresca e o pão de graça que lhes era dado no deserto. E não bastando isto, Deus lhes concedeu terras boas e férteis, e ainda permitiu que os indivíduos que antes eram escravos, agora em liberdade, recebessem inclusive cidades que não construíram e vinhas que não plantaram.

As pessoas libertas do domínio do Egito almejavam terras, Deus lhes concedeu. Almejavam riqueza e abundância, foi lhes acrescido. Quiseram reis como os outros povos, assim foi estabelecido. Ambicionaram templos suntuosos também como outros povos para não ficarem somente com a tenda de Moisés, e também isto lhe foi permitido, tendo por consequência a edificação de um dos mais belos e imponentes templos que já existiu na face da Terra, senão o mais belo e majestoso que já existiu.

Entretanto, por mais atraentes que as bênçãos materiais pudessem parecer, elas não completaram ou suprimiram aquilo que as pessoas buscavam ou realmente necessitavam, pois o sacerdócio ao qual seguiam não era dotado de provisão para a angústia da alma quando se trata das coisas celestiais e da vida eterna.

A Ordem de Arão queria Deus na Terra para servir as pessoas nas coisas da Terra, e não queria Deus nos céus para que as pessoas pudessem se chegar ao Deus celestial segundo o reino e os princípios celestiais.

Em Cristo, porém, tudo mudou completamente. Em Cristo, auxiliado por Ele como o Sumo Sacerdote Eterno e Celestial, uma pessoa pode buscar as coisas que são de cima. Uma pessoa pode se chegar ao trono da graça celeste. Ela pode, em Cristo, pela fé Nele, se assentar nas regiões celestiais. Ela pode entrar no verdadeiro Santo dos Santos, e não da sombra, pelo novo e vivo caminho que, por sua vez, também é Cristo em nós e nós em Cristo.

No sacerdócio da Ordem de Melquisedeque, nós podemos estar justificados diante de Deus em Cristo e Cristo pode estar em nós, e não nos templos feitos por mãos humanas ou nos lugares fisicamente retirados, como o próprio Cristo nos advertiu explicitamente ou diretamente.

*Mateus 24: 23 **Então, se alguém vos disser: Eis aqui o Cristo! Ou: Ei-lo ali! Não acrediteis;***

*24 **porque surgirão falsos cristos e falsos profetas operando grandes sinais e prodígios para enganar, se possível, os próprios eleitos.***

*25 **Vede que vo-lo tenho predito.***

*26 **Portanto, se vos disserem: Eis que ele está no deserto!, não saiais. Ou: Ei-lo no interior da casa!, não acrediteis.***

Para o homem natural, é muito difícil conceber que no seu relacionamento com Deus não precisa haver templo ou tabernáculo erigido por mãos humanas, nem mesmo casas terrenas que as pessoas querem transformar em templos santificados para Deus.

Lembrando o que foi mencionado no início deste estudo, destacamos mais uma vez que o sacerdócio é o que permite uma pessoa se apresentar a Deus ou ser apresentada por alguém a Deus e vice-versa. E, por isto, sendo o sacerdócio o meio para o principal e mais necessário relacionamento de um ser humano, este somente deveria ser confiado Àquele Sumo Sacerdote da Ordem que pode oferecer um relacionamento que seja estabelecido adequadamente ou de fato para a eternidade.

O Senhor Jesus não veio para erigir um templo na Terra e nunca virá para fazê-lo. Razão pela qual, a mentalidade de um templo na Terra é um resquício da Ordem de Arão ou, visto de forma mais ampla, do homem natural tentando solucionar, a seu modo, o seu relacionamento com Deus.

Noé, Enoque, Abraão, Sara, Isaque, Jacó, José, Raabe, Rute e Daniel no exílio, por exemplo, não tiveram um santuário ou um templo para frequentar. E ainda assim, foram homens e mulheres com os quais Deus falou e os instruiu pela fé que tiveram no Senhor inclusive já antes de Cristo ter vindo em carne ao mundo. Quanto mais, então, Deus não irá se relacionar com as pessoas depois que Cristo triunfou na cruz do Calvário sobre o pecado e a escravidão associada à lei da Ordem de Arão?

Assim, o problema de um sacerdócio e seus santuários comandados pelos seres humanos, ainda que aleguem que é Deus quem os guia, não é o tamanho do ministério, o local de reuniões, quantas pessoas cabem nestes locais, se é simples, luxuoso ou suntuosos, mas é o seu conceito de dependência das coisas terrenas e que, de uma ou de outra forma, está correlacionado com a Ordem de Arão que corrompe como o fermento se for dado espaço aos princípios que ela tenta propagar.

*Hebreus 7: 11 **Se, portanto, a perfeição houvera sido mediante o sacerdócio levítico (pois nele baseado o povo recebeu a lei), que necessidade haveria ainda de que se levantasse outro sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque, e que não fosse contado segundo a ordem de Arão?***

Na Ordem de Arão, muitas obras eram realizadas e inúmeros sacrifícios eram apresentados para que Deus “eventualmente descesse a um lugar físico em específico”.

Entretanto, conforme já comentamos, na Ordem de Melquisedeque, Cristo abriu um novo e vivo caminho para que qualquer um possa receber o Sumo Sacerdote Celestial em seu coração para que também possa chegar a Deus a qualquer hora, momento e lugar, não importando de qual povo, raça, tribo, nação ou língua ele seja, nem importando se está limitado a ficar fisicamente onde se encontra ou livre para se locomover.

Na Ordem de Melquisedeque, a salvação é oferecida a todos igualmente, e a posição do Sumo Sacerdote é eterna nas regiões celestiais e também junto àquele que a recebe mediante a nova aliança em Cristo.

A Ordem de Melquisedeque não nos providenciou um caminho para um tabernáculo terreno, mas um caminho para a presença de Deus de forma livre da dependência de construções, locais terrenos ou outras pessoas.

*Hebreus 10: 19 **Tendo, pois, irmãos, intrepidez para entrar no Santo dos Santos, pelo sangue de Jesus,**
20 **pelo novo e vivo caminho que ele nos consagrou pelo véu, isto é, pela sua carne.***

O que era impossível aos seres humanos até pensarem ou imaginarem, Deus providenciou através de Jesus Cristo, nosso Senhor, para que qualquer pessoa, de qualquer lugar, a qualquer tempo, possa se achegar a Deus.

E é também por tudo isso que Paulo registrou as seguintes palavras:

- 2Coríntios 3: 7 **E, se o ministério da morte, gravado com letras em pedras, se revestiu de glória, a ponto de os filhos de Israel não poderem fitar a face de Moisés, por causa da glória do seu rosto, ainda que desvanecente,***
*8 **como não será de maior glória o ministério do Espírito!***
*9 **Porque, se o ministério da condenação foi glória, em muito maior proporção será glorioso o ministério da justiça.***
*10 **Porquanto, na verdade, o que, outrora, foi glorificado, neste respeito, já não resplandece, diante da atual sobre-excelente glória.***
*11 **Porque, se o que se desvanecia teve sua glória, muito mais glória tem o que é permanente.***

Se algumas vezes Deus concordou em se mostrar glorioso no tabernáculo de Moisés, no templo de Salomão e em outros lugares fixos, como parte do processo de ensino da fraqueza destes sistemas ainda que por um tempo Deus tenha sido favoráveis a eles em algumas situações, de quanto maior glória não seria ou é o novo e vivo caminho que permite às pessoas na Terra terem acesso ao Santo dos Santos Celestial, ao verdadeiro tabernáculo, à presença de Deus em seu reino celestial através de Cristo Jesus e de acordo com o que Deus sempre intentou para cada ser humano?

- Efésios 2: 5 **E estando nós mortos em nossos delitos, nos deu vida juntamente com Cristo, —pela graça sois salvos,***
*6 **e, juntamente com ele, nos ressuscitou, e nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus;***
*7 **para mostrar, nos séculos vindouros, a suprema riqueza da sua graça, em bondade para conosco, em Cristo Jesus.***

Cristo veio para oferecer uma Ordem de Sacerdócio que permite que pessoas de qualquer lugar e em todo o tempo possam, mediante a fé, acessar individualmente a Deus, e isto, inclusive nas regiões celestiais.

A Ordem de Melquisedeque não é oferecida para funcionar a partir de templos terrestres ou santuários feitos pelas mãos humanas ainda que feitos em locais de proeminência ou especialmente selecionados. Ela é oferecida para atuar no coração que crê em Cristo e que se dirige pessoalmente a Deus, pois através do Espírito, o Pai Celestial e o Senhor Jesus Cristo estão em todo lugar, em todo o momento e cuja atuação livre a partir do céu jamais poderá ser confinada em paredes e edificações humanas.

A Ordem de Arão é a ordem do confinamento em apriscos dos quais as pessoas precisam ser libertos pelo Senhor. A Ordem de Melquisedeque é a ordem da liberdade no Espírito do Senhor.

- João 3: 8 **O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito.***

- 2 Coríntios 3: 16* **Quando, porém, algum deles se converte ao Senhor, o véu lhe é retirado.**
- 17 Ora, o Senhor é o Espírito; e, onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade.**

Cristo não veio libertar as pessoas de um cativeiro de uma ordem terrena, e por isto limitada e imperfeita, para encaminhá-las outra vez a esta mesma ordem temporal e fraca ou qualquer outra similar a ela.

Cristo não veio fazer uma reforma na Ordem de Arão para tentar mudá-la para uma ordem celestial.

A mudança que Deus estabeleceu através de Cristo foi remover o conjunto completo do primeiro sacerdócio, com todas as suas imperfeições, para estabelecer e oferecer perante os seres humanos uma ordem sacerdotal inteiramente nova para eles. Uma ordem sacerdotal nascida no reino celestial para também ministrar, a partir das regiões celestiais, no coração daqueles que acolheram o reino de Deus em suas vidas.

Quando o Senhor Jesus Cristo foi indagado por uma mulher samaritana sedenta para saber sobre qual monte era o correto para alguém adorar a Deus para que o vazio do seu coração fosse preenchido, o Senhor nos deixou um dos ensinamentos mais preciosos e objetivos da vida sob a Ordem de Melquisedeque, e com o qual também gostaríamos de encerrar o presente tópico para deixar os princípios deste texto ecoando para as demais partes do presente estudo.

Ao falar com a mulher samaritana, o Senhor Jesus lhe ensinou que para receber a novidade de vida vinda de Deus, não lhe era necessário passar por cultos, cerimoniais, rituais, sacerdotes, levitas, pastores, padres, patriarcas, dízimos e variadas ofertas, e nem era necessário ela subir algum monte ou cumprir a agenda de grupos pequenos ou grandes. O que era lhe necessário, a partir do conhecimento da revelação de Cristo, era crer em Cristo em seu coração e, assim, ela receberia a novidade de vida pela qual tanto anelava. E ainda, a receberia não só temporalmente, mas para a vida eterna, porque o próprio Sumo Sacerdote da Ordem de Melquisedeque é Aquele que habita no coração daqueles que o recebem para supri-los e sustentá-los eternamente.

- João 4: 19* **Senhor, disse-lhe a mulher, vejo que tu és profeta.**
- 20 Nossos pais adoravam neste monte; vós, entretanto, dizeis que em Jerusalém é o lugar onde se deve adorar.**
- 21 Disse-lhe Jesus: Mulher, podes crer-me que a hora vem, quando nem neste monte, nem em Jerusalém adorareis o Pai.**
- 22 Vós adorais o que não conheceis; nós adoramos o que conhecemos, porque a salvação vem dos judeus.**
- 23 Mas vem a hora e já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para seus adoradores.**
- 24 Deus é espírito; e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade.**
- 25 Eu sei, respondeu a mulher, que há de vir o Messias, chamado Cristo; quando ele vier, nos anunciará todas as coisas.**
- 26 Disse-lhe Jesus:**
“Eu sou o Cristo, eu que falo contigo”.

G. Justiça Humana ou Justiça de Deus

Outro aspecto que de forma alguma deveria ser deixado de lado quando alguém objetiva conhecer mais amplamente a Ordem de Melquisedeque também através da comparação com a Ordem de Arão, refere-se ao aspecto da justiça associada respectivamente à cada uma destas duas ordens.

Relembrando que o Evangelho da Glória de Deus e da Glória de Cristo também é apresentado pelo Senhor ao mundo como o Evangelho da Justiça de Deus, podemos observar nas Escrituras que o aspecto da justiça certamente é um dos pontos mais proeminentes para evidenciar o quão distintos e quão incompatíveis são a Ordem de Melquisedeque e a Ordem de Arão ou qualquer outra ordem sacerdotal que apresente alguma característica semelhante à Ordem Levítica.

Romanos 1: 16 **Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego;**

17 visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé.

Por outro lado, visto que este tema já foi tratado no estudo sobre O Evangelho da Justiça de Deus e que ele ainda será abordado em um capítulo mais adiante do presente estudo sob o tema do Senhor Jesus Cristo também ser o Rei da Justiça, neste ponto gostaríamos de mencionar resumidamente somente alguns dos aspectos que nos parecem pertinentes a serem mencionados neste contexto da comparação entre as duas ordens sacerdotais em referência no presente capítulo.

E um dos primeiros pontos que gostaríamos de ressaltar aqui, é que a justiça da Ordem de Melquisedeque e a justiça da Ordem de Arão recebem, perante o Senhor, identificações ou classificações distintas, onde a justiça da Ordem de Melquisedeque é denominada de *justiça de Deus, de Cristo, do reino celestial, da fé ou que vem de Deus*, e onde a justiça da Ordem de Arão é denominada de *justiça própria, da lei, que procede da lei, que há na lei, que procede de obras praticadas por nós ou que é segundo a criatura*, conforme exemplificado, em parte, também nos textos a seguir:

Romanos 10: 3 **Porquanto, desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria, não se sujeitaram à que vem de Deus.**

Filipenses 3: 8 **Sim, deveras considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; por amor do qual perdi todas as coisas e as considero como refugio, para ganhar a Cristo**

9 e ser achado nele, não tendo justiça própria, que procede de lei, senão a que é mediante a fé em Cristo, a justiça que procede de Deus, baseada na fé.

Portanto, se olharmos para o aspecto da justiça sob o conceito da sua glória, podemos notar que cada ordem sacerdotal também apresenta uma justiça cuja glória é correspondente aos seus respectivos fundamentos e leis, o que mais uma vez acentua o ponto de que a Ordem de Melquisedeque e a Ordem de Arão têm critérios centrais que não possibilitam que elas sejam compatibilizadas.

A Ordem de Melquisedeque, a ordem da justiça segundo Deus, e a Ordem de Arão, a ordem segundo a justiça dos seres humanos, a justiça própria ou segundo o esforço da carne, apresentam em relação à verdadeira justiça, uma das suas mais acentuadas e principais divergências.

Por isto, Deus é tão enfático e até repetitivo nas Escrituras quanto a exortar as pessoas para não inclinarem os seus corações à Ordem de Arão, porque ela, quanto à glória da sua justiça própria, é uma fonte de geração de muitas injustiças, acrescida do maléfico agravante de procurar ocultar as suas injustiças sob aparências de piedade ou devoção a Deus.

Se retornarmos a considerar o texto de Romanos 10 citado acima, podemos perceber que a origem da tentativa da sustentação da Ordem de Arão, também denominada de mandamento carnal no livro de Hebreus, pode similarmente ser expressa através da rejeição da justiça de Deus quando as pessoas preferem as tentativas de estabelecer a sua própria justiça.

Também pela ótica da justiça, a Ordem de Arão, em contraste à Ordem de Melquisedeque, se mostra um berço que gesta injustiças já a partir da sua constituição fundamentada não em Deus, mas no ser humano ou nos esforços das pessoas para tentarem alcançar a sua justificação e a aceitação perante Deus.

Em um dos seus ângulos, a Ordem de Arão não quer negar ou rejeitar a Deus, inclusive quer Deus apoiando as pessoas, mas quer que o apoio de Deus venha a ser alcançado pelos caminhos que as próprias pessoas escolhem para que Deus as abençoe ou por mérito por terem cumprido um conjunto de obras segundo a lei do respectivo sacerdócio.

Entretanto, considerando que os sacrifícios da Ordem de Arão nunca puderam remover a sujeição das pessoas ao pecado e ao corpo do pecado, somente cobrir a culpa da sujeição ao pecado por um tempo para gerar uma postergação da condenação advinda da obediência ao pecado, a justiça desta ordem é carregada de injustiças. Ela é uma proposição de justiça que requer devoção à sua lei repleta de preceitos ou regras sem que jamais possa resolver os problemas mais graves das pessoas que a servem e aos quais ela alega querer servir, os quais, por sua vez, são a necessidade de libertação das pessoas da sujeição ao pecado, do corpo do pecado e de justificação para de fato poderem ser aceitas diante de Deus.

Entre outros aspectos, a justiça da Ordem de Arão é fonte de injustiça porque:

- ⇒ 1) Não consegue remir as pessoas daquilo que ela se propõe a remi-las;
- ⇒ 2) Chama as pessoas para realizarem obras para com Deus que jamais poderão agradar a Deus;
- ⇒ 3) Requer serviços, obras e recursos sob o pretexto de beneficiar as pessoas, mas que atuam exatamente contra o principal benefício que as pessoas necessitam para as suas vidas, que é a reconciliação com Deus;

- ⇒ 4) Atrai e instiga as pessoas a quererem depender de Deus, mas se interpõe junto à porta do relacionamento com Deus para que ninguém, no aspecto prático, consiga se relacionar com Deus satisfatoriamente.

Assim, além de não libertar as pessoas da sujeição ao pecado em geral, todas as demais derivações da injusta justiça da Ordem de Arão nascem da principal injustiça que ela impõe sobre àqueles que se sujeitam a ela, a qual é manter as pessoas afastadas da verdadeira reconciliação com Deus, acrescido, porém, do objetivo de colocar as pessoas sob um torpor ou uma ilusão de que fazendo as obras desta ordem, elas estarão no caminho em que, um dia, com ainda mais esforço humano, conseguirão se reconciliar com Deus.

A interrupção de um adequado relacionamento da criatura com o Único Deus Criador sempre foi e continua sendo a fonte de toda e qualquer injustiça, mas a Ordem de Arão tem na sua proposição de justiça colocar um véu sobre as pessoas para que estas acreditem que é a partir da obra e dos esforços humanos que a reconciliação com Deus pode ser alcançada.

Muitas pessoas que nos dias atuais continuam sujeitas ao pecado e ao corpo do pecado, não o estão pela falta de volume de conhecimento natural, o qual encontra-se abundante nas mais variadas áreas, assim como muitos não o estão por falta de esforço em relação aos preceitos da Ordem de Arão ou similares a ela, mas estão sujeitas à este tipo de injustiça porque, ao tentarem estabelecer a sua própria justiça, também se privam de conhecer a justiça de Deus e ao Senhor justo e reto na medida apropriada como deveriam conhecê-lo.

Romanos 10: 3 **Porquanto, desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria, não se sujeitaram à que vem de Deus.**

Tito 1: 16 **No tocante a Deus, professam conhecê-lo; entretanto, o negam por suas obras; é por isso que são abomináveis, desobedientes e reprovados para toda boa obra.**

Jeremias 7: 23 **Mas isto lhes ordenei, dizendo: Dai ouvidos à minha voz, e eu serei o vosso Deus, e vós sereis o meu povo; andai em todo o caminho que eu vos ordeno, para que vos vá bem.**
24 **Mas não deram ouvidos, nem atenderam, porém andaram nos seus próprios conselhos e na dureza do seu coração maligno; andaram para trás e não para diante.**

Oséias 4: 1 **Ouvi a palavra do SENHOR, vós, filhos de Israel, porque o SENHOR tem uma contenda com os habitantes da terra, porque não há verdade, nem benignidade, nem conhecimento de Deus na terra.**

1 Coríntios 15: 34 Tornai-vos à sobriedade, como é justo, e não pequeis; porque alguns ainda não têm conhecimento de Deus; isto digo para vergonha vossa.

Deus é amor, verdade e nossa justiça, mas como as pessoas conhecerão esta realidade se elas insistem em permanecer sujeitas a uma “justiça injusta” que, além de não ser capaz de remover os obstáculos para as pessoas poderem se reconciliar com o Senhor Eterno, ainda acrescenta outro conjunto enorme de mais obstáculos que se opõem à justiça do reino celestial?

Por isto, na Ordem de Melquisedeque, um dos primeiros pontos que o Sumo Sacerdote desta ordem evidencia a ser buscado por todo aquele se associa à sua nova aliança refere-se precisamente à justiça que é verdadeira e eterna perante Deus, aspecto lembrado no texto a seguir:

Mateus 6: 33 Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas.

Em contraste à Ordem de Arão que se baseia na não disposição das pessoas em conhecer a justiça de Deus e a Deus pessoalmente, resultando em uma das principais razões para a propagação da injustiça ou para as pessoas procurarem estabelecer a sua própria justiça, a Ordem de Melquisedeque repete o que foi dito, por exemplo, pelo profeta Oséias, conforme segue:

Oséias 6: 3 Conheçamos e prossigamos em conhecer ao SENHOR; como a alva, a sua vinda é certa; e ele descerá sobre nós como a chuva, como chuva serôdia que rega a terra.

Oséias 10: 12 Então, eu disse: semeai para vós outros em justiça, ceifai segundo a misericórdia; arai o campo de pousio; porque é tempo de buscar ao SENHOR, até que ele venha, e chova a justiça sobre vós.

Na Ordem de Melquisedeque, a sua justiça é:

- ⇒ 1) A justiça justificadora mediante a graça de Deus;
- ⇒ 2) A justiça misericordiosa e perdoadora;
- ⇒ 3) A justiça cuja iniciativa de reconciliação do relacionamento das pessoas com Deus foi feita pelo próprio Senhor Eterno;
- ⇒ 4) A justiça que chove do céu sobre aqueles que a recebem e não emerge da criatura tentando se justificar por seus próprios esforços;
- ⇒ 5) A justiça eterna que fundamenta o próprio trono de Deus.

Romanos 4: 6 E é assim também que Davi declara ser bem-aventurado o homem a quem Deus atribui justiça, independentemente de obras.

Romanos 3: 28 **Concluimos, pois, que o homem é justificado pela fé, independentemente das obras da lei.**

Romanos 5: 1 **Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo;**
2 por intermédio de quem obtivemos igualmente acesso, pela fé, a esta graça na qual estamos firmes; e gloriamo-nos na esperança da glória de Deus.

Efésios 2: 8 **Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus;**
9 não de obras, para que ninguém se glorie.

2 Coríntios 5: 19 **A saber, que Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões, e nos confiou a palavra da reconciliação.**

Salmos 89: 14 **Justiça e direito são o fundamento do teu trono; graça e verdade te precedem.**

Portanto, só o aspecto falho da Ordem de Arão em propor a justificação das pessoas perante Deus através de meios indevidos ou o aspecto de propor as pessoas a viverem uma pretensa ou falsa forma de buscar esta justificação, consumindo a vida das pessoas em serviços vãos, já seria mais do que suficiente para que ninguém mais quisesse inclinar o coração para este tipo de ordem sacerdotal.

Entretanto, assim como o conhecimento de Deus leva ao recebimento de chuvas de justiça e ao conhecimento da verdade que liberta, assim o desconhecer a Deus e a falta de um relacionamento apropriado com o Senhor Eterno leva a sucessivas injustiças, e por isto, a Ordem de Arão se alastra também em muitas outras injustiças.

A Ordem de Arão pode até enaltecer e satisfazer por um tempo o ego daquele que sob ela presta cultos, frequenta as suas reuniões ou oferece sacrifícios, ou, ainda, pode apresentar diversos tipos de proposições de “autoajuda” na tentativa de justificação perante Deus, o que é uma outra maneira de fazer referência à justiça própria. Entretanto, ela jamais é capaz de apresentar uma provisão para verdadeiramente tratar com a raiz dos problemas centrais dos seres humanos ou o pecado gerador dos demais pecados, pois a solução contra a atuação da raiz dos problemas somente pode ser encontrada na comunhão de cada pessoa com Deus e que é fundamentada na justiça do Criador e não da criatura.

Sem a justiça procedente do reino celestial, não é possível um indivíduo estar reconciliado com Deus e ter comunhão apropriada com o Senhor, sem a qual, por sua vez, uma pessoa não consegue nem discernir o que se passa em seu coração. Somente

Deus pode iluminar tanto a injustiça que há no coração de um indivíduo como o caminho de justiça para o qual uma pessoa é chamada a viver e andar. Um aspecto exposto já desde a antiguidade também pelos profetas e salmistas:

Jeremias 17: 9 Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto; quem o conhecerá?
10 Eu, o SENHOR, esquadrinho o coração, eu provo os pensamentos; e isto para dar a cada um segundo o seu proceder, segundo o fruto das suas ações.

Salmos 139: 1 SENHOR, tu me sondas e me conheces.
2 Sabes quando me assento e quando me levanto; de longe penetras os meus pensamentos.
3 Esquadrinhas o meu andar e o meu deitar e conheces todos os meus caminhos.
4 Ainda a palavra me não chegou à língua, e tu, SENHOR, já a conheces toda.
5 Tu me cercas por trás e por diante e sobre mim pões a mão.
6 Tal conhecimento é maravilhoso demais para mim: é sobremodo elevado, não o posso atingir.
 ...
23 Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração, prova-me e conhece os meus pensamentos;
24 vê se há em mim algum caminho mau e guia-me pelo caminho eterno.

Salmos 23: 1 O SENHOR é o meu pastor; nada me faltará.
2 Ele me faz repousar em pastos verdejantes. Leva-me para junto das águas de descanso;
3 refrigera-me a alma. Guia-me pelas veredas da justiça por amor do seu nome.

E além do exposto acima, retornando mais uma vez à questão de sumo sacerdotes e tabernáculos terrenos em contrasta ao sacerdócio e tabernáculo do reino de Deus no qual o Sumo Sacerdote Eterno Jesus Cristo opera, relembramos que a Ordem de Arão não podia oferecer uma solução e nem sacerdócio eternos porque tanto ela como os seus sumo sacerdotes eram temporais, mas também porque na sua proposta de atuação, esta ordem era discriminatório e resultava em muitas injustiças em relação a Deus e às pessoas.

No formato e no pensamento da Ordem de Arão não cabe o conceito de justiça para todos, pois se para os fortes e saudáveis segundo a carne já era impossível seguir toda a lei, como, então, os fracos ou debilitados iriam poder atender a lei da velha aliança?

A Ordem de Arão estava estabelecida sob o conceito da necessidade de locais físicos para que os sacerdotes pudessem exercer seus serviços sacerdotais, e já por isto, ela dependia de templos ou santuários terrestres, como já foi exposto anteriormente.

Assim, qualquer religião que se estabeleça sob um conceito de templos ou de pontos de referência terrenos não poderá ser justa para com todos, pois, de alguma forma, ela acaba se inclinando a reconhecer de forma distinta aqueles que têm condições de irem aos seus templos ou pontos de encontro que estabelecem.

Olhando somente para a sua proposição de adoração ou culto, a Ordem de Arão já neste ponto é discriminatória no sentido de que nem todos podem chegar aos templos que ela constrói ou aos locais que estabelece para as pessoas se reunirem com os seus sacerdotes.

Na Ordem de Arão os fisicamente incapacitados, os enfermos, os debilitados pela idade, as crianças, os que não têm condições financeiras e tempo para se deslocarem aos locais de encontro, e assim por diante, são privados do contato com a manifestação de Deus, pois nesta ordem é esperado que Deus se manifeste no templo ou nos locais pré-determinados pelos sacerdotes da ordem sacerdotal. Na Ordem de Arão, essencialmente, Deus era convidado e esperado a vir a locais pré-estabelecidos.

E sob o conceito de que Deus deve vir a um lugar definido pelas pessoas para que ali elas obtenham o acesso à presença ou à manifestação de Deus, a justiça da Ordem de Arão sempre será discriminatória para com alguém, de nada adiantando fazer a construção de santuários maiores e melhores, menores ou mais simples, concentrando as reuniões em um local ou espalhando-as pelas casas.

Se as restrições de acesso aos locais onde Deus supostamente deve se manifestar continuam a existir para alguns, o que sempre ocorrerá na Ordem de Arão, independentemente das mais elaboradas estratégias, técnicas ou tecnologias que procure utilizar, a injustiça continua presente, variando, talvez, em quantidade de pessoas, mas alguns sempre serão deixados de lado ou excluídos pelas regras que requerem que as pessoas acessem algum ponto remoto e mediadores para tentarem se relacionar com Deus.

Uma vez que a Ordem de Arão, em contraste à Ordem de Melquisedeque, foi constituída sobre a base das pessoas “não quererem a Deus no coração ou continuamente muito próxima a elas”, e o que resulta no andar por parâmetros exteriores e não por fé, não há como ela se libertar da necessidade de atrair as pessoas à coisas também visíveis, cujo acesso, por sua vez, de uma ou de outra forma, gera discriminação entre as pessoas.

Portanto, uma ordem sacerdotal fundamentada na fraqueza da justiça humana não produzirá a justiça de Deus. Pelo contrário, um sacerdócio fundamentado na fraqueza humana tende a crescer na escala da injustiça.

Por outro lado, na sua Ordem Sacerdotal, a de Melquisedeque, Cristo disse que Ele sempre estaria tanto com cada pessoa individualmente como em qualquer lugar que aqueles que Nele creem se encontrassem em seu nome, não fazendo qualquer menção a tipos de locais ou meios específicos para os seus encontros.

Uma vez que o Sacerdócio de Cristo é livre e atua pelo Espírito de Deus, e não segundo as limitações da carne e das coisas materiais, este sacerdócio também é livre para sempre estar com aqueles que creem no Senhor, assim como para acompanhá-los a qualquer lugar que forem, não estando sujeito à injustiça de privar as pessoas de estarem em continua comunhão com Deus através de Cristo onde eles estiverem.

*1 Coríntios 1: 9 **Fiel é Deus, pelo qual fostes chamados à comunhão de seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor.***

Na Ordem de Melquisedeque, o Sumo Sacerdote está com as pessoas em suas vidas pessoais o dia todo e não somente parcialmente como invariavelmente o fazem os sumos sacerdotes da Ordem de Arão ou seus representantes.

*Mateus 1: 23 **Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e ele será chamado pelo nome de Emanuel (que quer dizer: Deus conosco).***

*Mateus 1: 20(b) **E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século.***

*Mateus 18: 20 **Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles.***

Notemos bem que Cristo diz que está com cada um sempre. Ou seja, não há a necessidade de dois ou três estarem reunidos para Ele estar com cada pessoa que Nele crê.

Entretanto, Cristo também diz que “onde estiverem dois ou três” reunidos em nome Dele, ali também Ele estará, ensinando-nos que para que haja uma reunião coletiva de cristãos, dois ou três já podem fazer com que ela ocorra desde que se reúnam no nome de Cristo e não nome da “instituição a, b ou c”, ou em nome do “grupo x, y ou z”, ou, ainda, em nome do “líder, pastor, padre, bispo, reverendo ou patriarca a, b ou c”.

Não importa quantos obreiros a Ordem de Arão alicie, quantos pontos de atendimento às pessoas ela disponibilize, quantos chamados “líderes” treine, fazendo-o inclusive à revelia do que Cristo ensinou sobre “não haver líderes entre os irmãos de fé no Senhor”, a Ordem de Arão sempre continuará sendo injusta na sua proposição de cobertura espiritual, porque ela não consegue estar com todos e nem sequer com um só indivíduo em todo o tempo da sua vida.

Somente na Ordem de Melquisedeque temos um Sumo Sacerdote que pode continuar a nos ensinar até quando dormimos ou estejamos de alguma outra forma limitados a nos relacionarmos com outras pessoas.

Quando o Senhor Jesus Cristo veio para revelar o novo e vivo caminho para a nova aliança, segundo a Ordem de Melquisedeque, Ele começou a atender as pessoas nas ruas e foi às vilas e aldeias em que elas viviam, sinalizando que uma grande inversão do atendimento de Deus às pessoas ocorreria após Cristo revelar a justiça celestial também pela sua morte na cruz do Calvário em favor de todos os seres humanos.

O Senhor Jesus começou a mostrar que Deus estava disposto a ir, sempre, onde cada uma das pessoas estavam.

O Senhor Jesus não veio implantar outra ordem terrena, pois se o fizesse, inevitavelmente esta ação também incorreria nas mesmas limitações e injustiças da Ordem de Arão.

A concepção e a execução dos serviços da Ordem de Melquisedeque são completamente distintas de qualquer conceito que o ser humano já tivesse visto e totalmente firmadas na justiça na qual o trono de Deus também está eternamente firmado.

Romanos 5: 5 Ora, a esperança não confunde, porque o amor de Deus é derramado em nosso coração pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado.

6 Porque Cristo, quando nós ainda éramos fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios.

7 Dificilmente, alguém morreria por um justo; pois poderá ser que pelo bom alguém se anime a morrer.

8 Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores.

9 Logo, muito mais agora, sendo justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira.

10 Porque, se nós, quando inimigos, fomos reconciliados com Deus mediante a morte do seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida;

11 e não apenas isto, mas também nos gloriamos em Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, por intermédio de quem recebemos, agora, a reconciliação.

Não importa se uma assembleia ou grupos de pessoas se encontram em um grande templo, em grupos pequenos nas casas ou até via alguma tecnologia digital, se as pessoas não deixarem o conceito da Ordem de Arão para trás para viverem segundo Ordem de Melquisedeque como ela é oferecida para estar no coração de cada indivíduo, eles continuam sujeitos à ideia de que o ponto central da benção de Deus está de alguma forma associada aos pontos de referência naturais e não pela presença de Cristo e do reino de Deus no coração de cada cristão.

Cristo em nós e nós em Cristo é a primeiro e principal condição através da qual a Ordem de Melquisedeque almeja manifestar a glória de Deus para cada pessoa.

Deus, certamente, pode se manifestar de diversas maneiras, através de vários dons e acrescentar muitos benefícios quando os cristãos se encontram uns com os outros, mas isto jamais visa substituir o acompanhamento em tempo integral que o Sumo Sacerdote segundo a Ordem de Melquisedeque oferece a cada pessoa que Nele crê.

Retornando a este aspecto mais uma vez, se em alguma ordem sacerdotal as pessoas precisam estabelecer vínculos exteriores quer com pessoas ou lugares denominadas de “santificados ou sagrados” para poderem se relacionar satisfatoriamente com Deus, este sistema está sujeito à um condição de injustiça para com aqueles que não podem ter acesso a estes pontos referenciais.

A justiça da Ordem de Arão ou similares a ela produz injustiça desde o momento da sua concepção quando já estabelece um público alvo seletivo que quer ou pode atingir, contrariando à justiça de Deus que não faz acepção de pessoas.

Podemos ver nas Escrituras que a escolha de pontos denominados “santificados” e de uma classe especial de pessoas para realizar serviços sacerdotais no lugar de outros

acaba, inevitavelmente, dividindo as pessoas entre líderes e liderados, mas também acabava fazendo com que os próprios líderes da Ordem de Arão passem a advogar a si mesmos como sendo justos e distintos do “povo espiritualmente leigo ou pobre” que supostamente não compreende o que eles, líderes, dizem compreender sobre Deus. Entretanto, aos olhos de Deus estes que se intitulavam líderes foram chamados de raça de víboras, porque acabavam priorizando os seus locais chamados de “sagrados” ou as suas estruturas religiosas, deixando de ter misericórdia com o seu próximo, muito menos com aqueles que não participavam de seus encontros coletivos.

Assim, Deus declarou a Ordem de Arão obsoleta também porque, em sua justiça, ela sempre foi injusta para com as pessoas criadas por Deus por não mostrar o verdadeiro caminho para a reconciliação com o Senhor, mas também por dividir as pessoas entre aquelas que teriam direito e as que não teriam direito de serem atendidas por Deus, completando o ciclo da sua injustiça perante Deus e perante as pessoas no mundo.

Cumprindo-se a plenitude do tempo para o Pai Celestial revelar o sacerdócio que Ele viria a oferecer em Cristo Jesus, Deus não permitiria que as pessoas continuassem sem uma provisão justa para todos poderem, em tempo apropriado, se relacionar com Deus e alcançar a vida eterna.

*1 João 2: 1 **Filhinhos meus, estas coisas vos escrevo para que não pequeis. Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo;***

*2 **e ele é a propiciação pelos nossos pecados e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro.***

*Romanos 3: 21 **Mas agora, sem lei, se manifestou a justiça de Deus testemunhada pela lei e pelos profetas;***

*22 **justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo, para todos e sobre todos os que creem; porque não há distinção.***

Quando os seres humanos encheram a medida da sua iniquidade, quando esgotaram suas tentativas e ideias, quando tudo seria somente uma repetição ou variação do que já era feito indevidamente por séculos, Deus disse basta, interveio, anulou a velha aliança e introduziu uma superior, justa, eterna e disponível a todo aquele que recebe a justiça mediante a graça de Deus e a fé no Senhor Jesus Cristo.

Portanto, depois da vinda de Cristo ao mundo e da provisão de Cristo feita para remir as pessoas do pecado e da Ordem de Arão, insistir nos preceitos da Ordem de Arão já revogada é ainda mais agravante do que era antes de Cristo ser revelado ao mundo, pois é uma tentativa de sustentar a justiça injusta e já declarada por Deus como tal perante o mundo e perante todos os céus.

Quando alguma ordem sacerdotal procura reestabelecer conceitos da Ordem de Arão depois da vinda de Cristo ao mundo, ela tenta reatribuir o escrito de dívida já exposto e cancelado por Cristo na cruz do Calvário novamente sobre as pessoas.

Em outras palavras, uma vez que um sacerdócio segundo a Ordem de Arão existe basicamente para tentar justificar e reconciliar as pessoas com Deus através de obras da lei de um mandamento carnal, voltar a tentar reestabelecer a Ordem de Arão é uma

tentativa de voltar a dar crédito ao um escrito de dívida das pessoas associadas a esta ordem que já foi quitado plenamente, pois se alguém ainda precisa de obras da lei ou frequentar reuniões para ser justificado e aceito diante de Deus, Cristo teria morrido em vão ou a sua morte e ressurreição teriam sido ineficazes e sem validade.

Em sua escalada de injustiças, a tentativa de reestabelecer a Ordem de Arão não somente se opõe à justiça de Deus em Cristo, mas também se volta contra as pessoas, pois o que a Ordem de Arão propõe às pessoas é elas voltarem a se sujeitar aos escritos de dívidas que elas não precisam mais tomar sobre os seus ombros. Ou seja, a tentativa de reestabelecer a Ordem de Arão é uma tentativa de reintroduzir a culpa do pecado e perante a lei que já teve a sua dívida quitada perante o pecado, a lei, a morte e Deus.

E não são estas ações e intentos similares à Ordem de Arão uma clara expressão de imputação de injustiça para os que já têm à disposição deles o recibo da quitação de suas dívidas para com a lei e para com o pecado?

Gálatas 5: 1 Estai, pois, firmes na liberdade com que Cristo nos libertou e não torneis a meter-vos debaixo do jugo da servidão.

Indo ainda um pouco mais adiante, outro ponto de injustiças que a justiça que é segundo a lei da Ordem de Arão ou similares a ela gera em contraste à Ordem de Melquisedeque está relacionado a fato dela, mais cedo ou mais tarde, incorrer na inversão da pretendida ordem de quem serve e de quem é servido.

Para quem conhece as histórias da Bíblia em torno dos templos e para quem conhece a história de vários grupos que ao longo dos séculos se chamaram de cristãos e também se denominarem segundo os nomes dos grupos que constituíram, facilmente poderá observar que os cultos em templos ou em torno de castas distintas de pessoas no grupo acabaram culminando em serviços ao templo e aos seus cleros em detrimento do povo a quem os sacerdotes supostamente deveriam servir.

Na Ordem de Arão, o fluxo da proposição dos sacerdotes servirem ao povo logo se inverte, e o povo é que passa a ser cobrado para servir os sacerdotes que se apresentaram ou foram apresentados para servir às pessoas em geral.

Uma vez constituído o conjunto de aspectos de um sacerdócio que de alguma forma está sujeito a algumas características da Ordem de Arão, o povo passa a ser requerido a fazer grandes sacrifícios para que o templo, o santuário ou qualquer outra estrutura terrena seja estabelecida. Mas depois, as pessoas ainda precisam fazer outro tanto de esforço, e ainda mais, para sustentar a estrutura erguida e suas classes de obreiros e sacerdotes, gerando uma demanda enorme de serviços exteriores e físicos para buscar a garantia de alguma benção ou até para não ser acusado de ser negligente para com toda a estrutura estabelecida.

Uma vez que a Ordem de Arão está associada a uma justiça própria fraca e ao conceito de condenação que a sua lei ressalta precisamente pela ineficácia da sua justiça, esta ordem também incorre na cobrança de engajamento das pessoas em muitas obras a serem exibidas diante dos outros e no uso do medo, das ameaças contínuas ou das acusações de seus

semelhantes promovida pelos seus líderes como alguns dos seus principais instrumentos para tentar manter as pessoas sujeitas às suas injustiças.

*1 João 4: 18(b) **Ora, o medo produz tormento..***

*Romanos 8: 15 **Porque não recebestes o espírito de escravidão, para viverdes, outra vez, atemorizados, mas recebestes o espírito de adoção, baseados no qual clamamos: Aba, Pai.***

O legado pesado do templo de Salomão, por exemplo, fez a injustiça recair sobre o povo em forma de pesada carga de tributos, o que, posteriormente, gerou guerras e uma divisão política e territorial da nação, enfraquecendo o povo que antes havia sido liberto do Egito a tal ponto que uma parte significativa dele chegou a ser espalhado por séculos pelas nações do mundo.

O legado do templo de Herodes, o qual era rei nos dias em que Cristo veio em carne no mundo, se tornou em um “covil de ladrões e salteadores”, inclusive com expressiva participação dos próprios sacerdotes e levitas como se todo aquele fardo pesado estivesse sendo atribuído às pessoas supostamente “em nome de Deus”.

Conforme já comentamos anteriormente, a suposta devoção a Deus primordialmente através de coisas exteriores invariavelmente corrompia aqueles que estavam sujeitos a este tipo de ordem sacerdotal, desde as pessoas em geral como também os cleros.

*Isaías 1: 21 **Como se fez prostituta a cidade fiel! Ela, que estava cheia de justiça! Nela, habitava a retidão, mas, agora, homicidas.***

*22 **A tua prata se tornou em escórias, o teu licor se misturou com água.***

*23 **Os teus príncipes são rebeldes e companheiros de ladrões; cada um deles ama o suborno e corre atrás de recompensas. Não defendem o direito do órfão, e não chega perante eles a causa das viúvas.***

*Jeremias 5: 30 **Coisa espantosa e horrenda se anda fazendo na terra: 31 os profetas profetizam falsamente, e os sacerdotes dominam de mãos dadas com eles; e é o que deseja o meu povo. Porém que fareis quando estas coisas chegarem ao seu fim?***

*Jeremias 12: 10 **Muitos pastores destruíram a minha vinha e pisaram o meu quinhão; a porção que era o meu prazer, tornaram-na em deserto.***

*Isaías 56: 11 **Tais cães são gulosos, nunca se fartam; são pastores que nada compreendem, e todos se tornam para o seu caminho, cada um para a sua ganância, todos sem exceção.***

12 Vinde, dizem eles, trarei vinho, e nos encharcaremos de bebida forte; o dia de amanhã será como este e ainda maior e mais famoso.

Assim, olhando vários fatos históricos tão desoladores e que tão frequentemente se repetiam na história das tentativas de sujeição das pessoas à Ordem de Arão, não é de admirar que Deus já de antemão profetizou muitas vezes que ao chegar a se cumprir a plenitude do tempo, Ele estabeleceria, em contraste ao fraco sacerdócio Levítico, um sacerdócio provido pelo próprio Senhor. E no qual, o Pai Celestial estabeleceria um Único e Eterno Sumo Sacerdote e Pastor vindo da descendência de Judá e de Davi, e não da linhagem do sacerdócio a ser removido, conforme descrito, por exemplo, no capítulo 34 do livro do profeta Ezequiel.

Por fim, neste tópico, podemos ver que a Ordem de Arão também é fundamentada em uma justiça humana e não na justiça de Deus porque ela procura inverter a glória de Deus na vida das pessoas para que a glória referente a aspectos que somente são pertinentes a Deus seja atribuída aos seres humanos falhos e corruptíveis.

A Ordem de Arão é tão hostil a Cristo também porque ela quer que o ser humano seja exaltado perante Deus e o mundo pelos seus feitos ou obras, e não que o ser humano se apresente em humildade, fraqueza e como aquele que necessita da misericórdia, do perdão e do cuidado do seu Criador em todos os aspectos da sua vida.

Em seu afã de promover o ser humano, a sujeição à Ordem de Arão ou similares a ela logo chega ao ponto de querer que a glória devida a Deus na vida de cada indivíduo passe a ser atribuída às pessoas que estão em posição de maior destaque nesta ordem, pois aquele ou aqueles a quem uma pessoa se submete em termos de sacerdócio, ou de quem um indivíduo busca cobertura espiritual, também são aqueles a quem ele passa a conferir a glória concernente à sua vida.

Por isto, considerando que o Pai Celestial estabeleceu a Cristo como o Cabeça de todo homem, quando um homem cobre a sua cabeça espiritualmente com a cobertura de um semelhante seu ou de algum aspecto da criação, ele desonra a Cristo. Ele desonra o sacrifício único e perfeito de Cristo na cruz do Calvário, o qual também foi apresentado diante de Deus nos céus eternos por Aquele que foi feito o nosso Sumo Sacerdote Eterno para que nunca mais venhamos a precisar de outros mediadores para um apropriado relacionamento com o Pai Celestial.

1 Coríntios 11: 4 Todo homem que ora ou profetiza, tendo a cabeça coberta, desonra a sua própria cabeça.

...

7(a) Porque, na verdade, o homem não deve cobrir a cabeça, por ser ele imagem e glória de Deus.

Em sua justiça própria que procura se justificar pelo zelo e feitos humanos, e não pela justificação oferecida por Deus em Cristo Jesus, a Ordem de Arão também acaba incorrendo no desejo de receber para si própria ou dos seus líderes a glória referente aos feitos daqueles que estão sujeitos a ela, incorrendo na busca de cada vez mais elevar a figura do ser humano através dos seus pretensos atos de justiça.

Assim, se em alguma proposição sacerdotal houver uma tentativa de estabelecimento de cobertura espiritual de pessoas sobre pessoas ou instituições sobre

peessoas, ela tem sintomas e características da Ordem de Arão, pouco importando o nome que uma pessoa tenta atribuir à posição de ser mediadora espiritual de outra ou à condição de se sujeitar à cobertura de outros sobre a sua vida.

Ressaltamos aqui, então, que na Ordem de Melquisedeque está muito explícito que Cristo é o novo e vivo caminho para um relacionamento pessoal e adequado com Deus. E Cristo é o caminho exclusivo de novidade de vida e não conjuntamente com mais um grupo de pessoas que querem se elevar a sacerdotes ou cobertura espiritual de outros e que alegam terem sido especialmente selecionados por Deus para este propósito.

1 Coríntios 1: 12 Refiro-me ao fato de cada um de vós dizer: Eu sou de Paulo, e eu, de Apolo, e eu, de Cefas, e eu, de Cristo.

13 Acaso, Cristo está dividido? Foi Paulo crucificado em favor de vós ou fostes, porventura, batizados em nome de Paulo?

1 Timóteo 2: 5 Porquanto há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem,

6 o qual a si mesmo se deu em resgate por todos: testemunho que se deve prestar em tempos oportunos.

Inteiramente diferente da Ordem de Arão, a Ordem de Melquisedeque atua para que a glória da justiça eterna seja sempre atribuída à quem ela é devida eternamente.

Romanos 3: 24 Sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus,

25 a quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para manifestar a sua justiça, por ter Deus, na sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos;

26 tendo em vista a manifestação da sua justiça no tempo presente, para ele mesmo ser justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus.

2 Timóteo 2: 19 Entretanto, o firme fundamento de Deus permanece, tendo este selo: O Senhor conhece os que lhe pertencem. E mais: Aparte-se da injustiça todo aquele que professa o nome do Senhor.

H. Sacerdócio Simbólico ou da Parábola para o Tempo Presente, ou Sacerdócio Verdadeiro e Eterno

Hebreus 9: 1 ***Ora, a primeira aliança também tinha preceitos de serviço sagrado e o seu santuário terrestre.***

...

6 Ora, depois de tudo isto assim preparado, continuamente entram no primeiro tabernáculo os sacerdotes, para realizar os serviços sagrados;

7 mas, no segundo, o sumo sacerdote, ele sozinho, uma vez por ano, não sem sangue, que oferece por si e pelos pecados de ignorância do povo,

...

9 É isto uma parábola para a época presente; e, segundo esta, se oferecem tanto dons como sacrifícios, embora estes, no tocante à consciência, sejam ineficazes para aperfeiçoar aquele que presta culto,

10 os quais não passam de ordenanças da carne, baseadas somente em comidas, e bebidas, e diversas abluções, impostas até ao tempo oportuno de reforma.

Hebreus 8: 13 ***Quando ele diz Nova, torna antiquada (obsoleta) a primeira. Ora, aquilo que se torna antiquado (obsoleto) e envelhecido está prestes a desaparecer. (RA)***

ou

Hebreus 8: 13 ***Dizendo novo concerto, envelheceu o primeiro. Ora, o que foi tornado velho e se envelhece perto está de acabar. (RC)***

Quando começamos a ver mais de perto a Ordem de Melquisedeque também em contraste à Ordem de Arão, e quando nos aproximamos mais dos aspectos sobre como as Escrituras expõem estas ordens depois da morte e ressurreição de Cristo, que é a ótica pertinente também ao nosso tempo presente de vida, também podemos ver como as Escrituras reposicionam cada uma destas ordens após a Ordem de Arão ter sido declarada obsoleta ou envelhecida pela revelação da Ordem de Melquisedeque ao mundo.

Este ponto é um aspecto crucial a ser compreendido e cuja carência de compreensão tem levado milhões e milhões pessoas a não perceberem a condição atual da Ordem de Arão e feito com que muitos ainda sejam influenciados inapropriadamente pelos princípios desta ordem.

Portanto, nos dias presentes, faz-se necessário uma atenção especial a um ponto mencionado nos últimos textos de Hebreus expostos acima, e que é a seguinte referência feita em relação ao sacerdócio da Ordem de Arão, a saber: ***É isto uma parábola para a época presente.***

Quando a carta de Hebreus foi escrita, Cristo já havia sido ressuscitado pelo Pai Celestial, já se assentara à destra do Pai e o sacerdócio da Ordem de Arão já havia sido declarado obsoleto, conforme também está exposto no texto de Hebreus 8 citado acima.

Como, então, podemos compreender que a Ordem de Arão ainda poderia ser “***para a época presente***” se ela já se tornou obsoleta?

Assim, a junção de Hebreus 9, verso 9, e de Hebreus 8, verso 13, pode, inicialmente, parecer incompatível, mas ela, pelo contrário, é muito esclarecedora.

Depois que a nova aliança tornou a primeira aliança antiquada ou também chamada de obsoleta, a envelhecida aliança foi realocada para o nível de ser equiparada a uma parábola. Ou seja, ela passou a não ter mais validade diante de Deus para alguém aderir a ela, mas, ao mesmo tempo, passou a permanecer como uma parábola ou figura para ensino para que ninguém tente viver através dela e continue a desperdiçar dons e sacrifícios que, no final, *no tocante à consciência, são ineficazes para aperfeiçoar aquele que presta culto.*

O ponto acima é muito relevante, pois considerando que a Ordem de Arão sempre propôs a tentativa de viver e andar mediante a sombra do verdadeiro e não do próprio verdadeiro, ela acabou, no final das contas, tornando-se efetivamente em uma parábola, um ícone, uma alegoria, um símbolo muito exposto e provado por séculos sobre algo que nunca pode aperfeiçoar aqueles que quiserem voltar a viver sujeitos a coisas similares a esta parábola na ***época presente***. E isto, precisamente para que também ninguém mais tente fazê-lo sem ter sido alertado antes sobre o fim ao qual esta parábola conduz o indivíduo que quiser viver sujeito à velha aliança.

O fato da Ordem de Arão ser ***uma parábola para a época presente*** existe exatamente porque as pessoas de geração em geração tentarão fazer algo parecido ou que tenha semelhanças com a Ordem de Arão. E para alertá-las e instruí-las a não fazê-lo, já há uma parábola ou figura de centenas e milhares de anos mostrando a fraqueza e a inutilidade de qualquer tentativa de sujeição a algo similar a esta ***parábola***.

Assim, ***a parábola para a época presente*** serve, no mínimo, para dois grandes pontos:

- ⇒ 1) Alertar as pessoas para não iniciarem uma ordem de sacerdócio com similaridades com a Ordem de Arão, visto que ela consumirá dons e sacrifícios sem proveito algum para aquele que se associar à esta opção;
- ⇒ 2) Amparar as pessoas para que estejam providas para discernir e reconhecer atividades formais, institucionalizadas ou até informais que já se colocaram ou que querem se colocar em caminhos similares aos da Ordem de Arão e que dão guarida aos preceitos relativos à ***parábola para a época presente***. E isto, com a finalidade de lhes conceder orientação abundante para não virem a ser envolvidas outra vez por atividades similares à Ordem de Arão e para não terem os seus dons e o seu precioso tempo consumidos por estes tipos de sacerdócios.

Mesmo após a ressurreição de Cristo e da ampla divulgação do seu Evangelho, as pessoas continuaram e ainda continuam tentando viver segundo aquilo que somente deveria ser uma ***parábola para a época presente***, o que faz com que aqueles que querem viver segundo a nova aliança também necessitem estar atentos àquilo que lhes é proposto ou oferecido. Por isto, se eles conhecerem que a Ordem de Arão é ***uma***

parábola para a época presente, eles também podem usar esta compreensão, em conjunto com o relacionamento pessoal com o Sumo Sacerdote Jesus, para discernirem com clareza aquilo do que definitivamente deveriam se apartar.

Independentemente do tempo que uma pessoa se expunha à Ordem de Arão, esta ordem, já antes de ser revogada, jamais conseguiu aperfeiçoar as pessoas que sob ela prestavam serviços ou ofereciam dons, ofertas, dízimos ou sacrifícios, pois ela nunca conseguiu prover aquilo que era necessário para livrar as pessoas de seus problemas mais significativos ou mais profundos no coração. Quanto mais ineficaz, então, não é esta ordem depois de realocada para a condição de **uma parábola para a época presente**?

Vejamos mais uma vez os textos abaixo:

Hebreus 10: 1 **Ora, visto que a lei tem sombra dos bens vindouros, não a imagem real das coisas, nunca jamais pode tornar perfeitos os ofertantes, com os mesmos sacrifícios que, ano após ano, perpetuamente, eles oferecem. (RA)**

ou

Hebreus 10: 1 **A lei, tendo a sombra dos bens futuros, não a imagem exata das coisas, “não pode nunca”, pelos mesmos sacrifícios que continuamente se oferecem de ano em ano, aperfeiçoar os que chegam ao culto. (EC)**

Hebreus 10: 11 **Ora, todo sacerdote se apresenta, dia após dia, a exercer o serviço sagrado e a oferecer muitas vezes os mesmos sacrifícios, que nunca jamais podem remover pecados.**

Se todo e qualquer sumo sacerdote humano na Ordem de Arão era estabelecido em fraquezas, e também as pessoas em geral eram aperfeiçoadas somente segundo estas fraquezas, ambos permaneciam limitados àquilo que passavam a servir, fazendo-se necessário um Sumo Sacerdote perfeito de outra ordem, conforme já comentado anteriormente.

Entretanto, quanto mais agravada não ficou, então, a debilidade da Ordem de Arão depois que Deus já a realocou ao status de **uma parábola para a época presente** para que todos tenham um firme testemunho da fraqueza desta ordem e para que ninguém mais venha a intentar aderir a ela?

A Ordem de Arão chama as pessoas para serem fortes em seus esforços, mas o que ela lhes oferece a praticarem é aquilo que mantém as pessoas fracas debaixo de uma fascinação de que seus cultos, talvez, um dia trarão o aperfeiçoamento. Entretanto, quanto mais evidente não se tornou a fraqueza desta ordem depois que foi revogada, declarada antiquada e tornada obsoleta?

A Ordem de Arão é uma parábola para a época presente para exemplificar como é esta ordem. E sendo ela contrária a Cristo, está parábola também mostra como não é a Ordem de Melquisedeque.

Quando lemos as cartas de Paulo e de seus companheiros, de Tiago, Pedro, João, e também o livro de Hebreus, fica explícita a tendência do ser humano em querer se

justificar através das suas próprias obras. E por isto, o Senhor evidenciou este inadequado comportamento humano de muitas maneiras.

Assim, por várias gerações, Deus permitiu que as pessoas tentassem estabelecer e exemplificassem o funcionamento fraco do mais perfeito sistema de obras e religiosidade humana que poderia existir no mundo, a Ordem de Arão. A qual, contudo, jamais conseguiu estabelecer um relacionamento apropriado e individual dos seres humanos com Deus.

Vindo, porém, a plenitude daquele tempo, ou seja, não havendo mais o que fazer na Ordem de Arão que não fosse repetitivo ou em que as pessoas passaram somente a girar em torno do mesmo círculo vicioso já adotado várias vezes, Deus, mediante a sua misericórdia, interrompeu esse fluxo infrutífero enviando a sua alternativa de salvação e vida para as pessoas, que também é denominada como a Ordem de Melquisedeque.

Neste estudo, já vimos o texto que diz que se a Ordem de Arão tivesse tido êxito, Deus não teria enviado a sua alternativa, pois não seria necessária, e a criatura teria mostrado a Deus que ela poderia, a partir de si própria ou da sua própria justiça, achar o caminho ou os caminhos para a sua salvação, conforme repetido também abaixo:

*Hebreus 7: 11 **Se, portanto, a perfeição houvera sido mediante o sacerdócio levítico (pois nele baseado o povo recebeu a lei), que necessidade haveria ainda de que se levantasse outro sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque, e que não fosse contado segundo a ordem de Arão?***

Na denominada primeira aliança, aspecto também já explicado neste material, Deus permitiu que a criatura tentasse e esgotasse as tentativas desta forma de sacerdócio. Quando eram infiéis e buscavam a misericórdia de Deus, o Senhor renovava seu cuidado sobre eles ainda que estivessem fazendo algo que Deus já sabia que não teria êxito. Deus não os boicotava nas suas tentativas, pelo contrário, lhes concedia as condições que pediram para realizarem estas tentativas.

Em outras palavras, talvez, poderíamos dizer que Deus lhes deu suporte em sua obstinação pela primeira aliança para verem com os seus próprios olhos, e através de sua própria experiência, que aquele modelo da Ordem de Arão, ainda que explorado até os seus limites extremos, não conseguiria lhes conceder o que de fato necessitavam.

Todavia, uma vez que esse experimento foi esgotado ou que, por todas as maneiras, foi comprovada a ineficácia da Ordem de Arão, Deus revelou o problema central do ser humano, o qual é o anelo de viver e andar independentemente de Deus ou parcialmente independente de Deus, e enviou a sua solução ao mundo em contraste à velha aliança.

Citando isto mais uma vez, em Cristo, Deus proveu solução completa e eterna aos seres humanos para serem libertos da condenação eterna advinda da sujeição ao pecado e da rebelião do homem para com Deus. Entretanto, o que gostaríamos de ressaltar aqui, ainda em outras palavras, é que esta provisão de Deus também representava precisamente o encerramento de qualquer finalidade de continuidade da Ordem de Arão, pois onde há remissão de pecados através de uma única, perfeita e eterna oferta, não há mais a necessidade de haver outras ofertas e sacrifícios para libertar as pessoas da sujeição ao pecado e à condenação que dela advém.

Hebreus 10: 18 Ora, onde há remissão destes (pecados e iniquidades), já não há oferta pelo pecado.

A partir do momento que uma Ordem Sacerdotal distinta da Ordem de Arão solucionou o que o sacerdócio segundo Moisés procurava resolver por séculos, e jamais conseguiria, toda a razão da existência da Ordem de Arão perdeu por completo a razão de ser mantida ou considerada válida, permanecendo somente a finalidade de ser mantida como **uma parábola para o tempo presente** para que as pessoas saibam da sua fraqueza e inutilidade a fim de não incorrerem novamente em caminhos similares.

Hebreus 7: 15 E isto é ainda muito mais evidente, quando, à semelhança de Melquisedeque, se levanta outro sacerdote,

16 constituído não conforme a lei de mandamento carnal, mas segundo o poder de vida indissolúvel.

17 Porquanto se testifica: Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque.

18 Portanto, por um lado, se revoga a anterior ordenança, por causa de sua fraqueza e inutilidade

19 (pois a lei nunca aperfeiçoou coisa alguma), e, por outro lado, se introduz esperança superior, pela qual nos chegamos a Deus.

Atos 13: 36 Porque, na verdade, tendo Davi servido à sua própria geração, conforme o desígnio de Deus, adormeceu, foi para junto de seus pais e viu corrupção.

37 Porém aquele a quem Deus ressuscitou não viu corrupção.

38 Tomai, pois, irmãos, conhecimento de que se vos anuncia remissão de pecados por intermédio deste;

39 e, por meio dele, todo o que crê é justificado de todas as coisas das quais vós não pudestes ser justificados pela lei de Moisés.

Olhando somente para os últimos três textos citados acima já teríamos o suficiente para entender que não há mais nenhum sentido ocorrer qualquer adesão à Ordem de Arão, pois esta ordem:

- ⇒ 1) Não tem mais razão de existir, visto que o serviço de intermediação para tentar cobrir o pecado não é mais necessário, pois o Senhor Jesus já morreu na cruz do Calvário para pagar a dívida de todos e livrá-los para sempre do jugo da condenação do pecado e da lei da Ordem de Arão;
- ⇒ 2) Foi revogada ou anulada por Deus. Uma vez que ficaram demonstradas a sua fraqueza e inutilidade, Deus não endossa mais qualquer vínculo com a Ordem de Arão. E se uma pessoa optar em se sujeitar a esta ordem, ela está se associando a ela em contrariedade à vontade de Deus, pois Deus não tem mais nenhum compromisso com a Ordem de Arão a não ser permitir que ela sirva de **parábola para o tempo presente** para demonstração de sua fraqueza e inutilidade;

- ⇒ 3) Nunca poderá justificar ninguém perante Deus, ainda muito mais como **uma parábola**, visto que a justificação somente é alcançada pela fé na justificação oferecida na Ordem de Melquisedeque, conforme nos mostra também a lista de textos abaixo:

Romanos 3: 23 **Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus,**
 24 **sendo justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção**
que há em Cristo Jesus,
 25 **a quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante**
a fé, para manifestar a sua justiça, por ter Deus, na sua tolerância,
deixado impunes os pecados anteriormente cometidos;
 26 **para demonstração da sua justiça neste tempo presente, para que**
ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus.
 27 **Onde, pois, a jactância? Foi de todo excluída. Por que lei? Das**
obras? Não; pelo contrário, pela lei da fé.
 28 **Concluimos, pois, que o homem é justificado pela fé, sem as obras**
da lei.

Romanos 5: 1 **Sendo, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus por**
nosso Senhor Jesus Cristo;

Gálatas 2: 16 **Sabendo que o homem não é justificado pelas obras da lei,**
mas pela fé em Jesus Cristo, temos também crido em Jesus Cristo,
para sermos justificados pela fé de Cristo e não pelas obras da lei,
porquanto pelas obras da lei nenhuma carne será justificada.

Devido à sua fraqueza e inutilidade em relação àquilo que o ser humano mais precisa de solução em toda a sua existência, e devido à infidelidade do ser humano na antiga aliança ou na sua proposição de justiça própria, a Ordem de Arão foi revogada, mas não sem ser realocada para **uma parábola para a época presente**.

Assim, a Ordem de Arão, provavelmente, é a “maior parábola” que existe na história da humanidade. E isto, para que todos tenham ao seu dispor um testemunho muitíssimo amplo de que não há nenhum caminho de salvação e reconciliação com o Criador proveniente da criatura, nem pelo desprezo e afastamento da criatura em relação a Deus, mas também não pelas tentativas da criatura tentar vir a Deus pela força ou pelos caminhos da carne.

Apesar da insistência da criatura em buscar a salvação através de obras que não podem salvá-la de fato, Deus, nem por esta razão, abandonou as pessoas, nem aqueles sem a lei de Moisés e nem aqueles da Ordem de Arão. Apesar da oposição ao Criador Eterno, Deus ofereceu e oferece a todos uma opção de saída das suas condições contrárias ao Senhor, oferecendo-lhes salvação mediante a única ordem sacerdotal que realmente pode conceder novidade de vida, a saber: a Ordem chamada de Melquisedeque.

A Ordem de Melquisedeque não é uma versão melhorada ou aperfeiçoada da Ordem de Arão. A Ordem de Melquisedeque é baseada em

uma oferta perfeita, inigualável e única vinda do céu à humanidade, e que é expressa também como o Evangelho, as boas novas de vida eterna segundo a proposição de Deus.

*Romanos 1: 16 **Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego.***

*Romanos 10: 4 **Porque o fim da lei é Cristo, para justiça de todo aquele que crê.***

A Ordem de Melquisedeque é a ordem da nova aliança exatamente porque em nada é igual a velha e nem tem parte alguma com ela. Razão pela qual, a velha aliança passou a estar limitada a ser somente *uma parábola para o tempo presente* depois que Deus revelou a sua nova aliança ao mundo.

A Ordem de Melquisedeque foi manifestada por Deus ao mundo também revelando o antiquado sacerdócio como *uma parábola para o tempo presente* para tornar evidente que somente na Ordem de Melquisedeque há a remoção da dívida humana com o pecado e com a lei, e para que não haja qualquer dúvida em relação à quem todas as Escrituras se referem como sendo Aquele à quem o Pai Celestial conferiu toda a autoridade sobre toda a vida e para conceder vida eterna, a saber: O Senhor Jesus Cristo.

*João 1: 29 **No dia seguinte, viu João a Jesus, que vinha para ele, e disse: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!***

*João 14: 6 **Respondeu-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim.***

*João 17: 1 **Tendo Jesus falado estas coisas, levantou os olhos ao céu e disse: Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que o Filho te glorifique a ti,***

*2 **assim como lhe conferiste autoridade sobre toda a carne, a fim de que ele conceda a vida eterna a todos os que lhe deste.***

*3 **E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste.***

Cristo veio em carne ao mundo através de uma tribo *à qual Moisés nunca atribuiu sacerdotes*. E isto, para que Cristo pudesse introduzir perante todos o sacerdócio eterno vindo diretamente do céu ou o único sacerdócio que jamais se tornará em somente uma figura de ensino, pois o sacerdócio de Cristo veio do trono de Deus, atua no céu e para sempre

continuará atuando em favor de todo aquele que recebe a Cristo como Senhor em sua vida.

*Hebreus 7: 28 **Porque a lei constitui sumos sacerdotes a homens sujeitos à fraqueza, mas a palavra do juramento, que foi posterior à lei, constitui o Filho, perfeito para sempre.***

*Hebreus 5: 6 **Como em outro lugar também diz:
Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque.***

I. Um Sacerdócio que Consome Dons, Sacrifícios e Vida ou Um Sacerdócio que Concede Graça, Novidade de Vida e Dádivas

A Ordem de Arão, o denominado primeiro sacerdócio, era baseada em ordenanças de culto ou serviços segundo a natureza da carne, pois uma vez que os seus templos ou santuários eram terrenos e materiais, a exigência da manutenção deles também faria com que a maior quantidade de serviços passasse a ser em torno de coisas materiais.

Sem templos ou pontos de referência materiais ou naturais, a Ordem de Arão ou similares a ela têm dificuldades enormes para funcionar. Uma vez que estas ordens não visam iluminar o coração de cada indivíduo e levar as pessoas a se fortalecerem diretamente em Deus, mas sujeitá-las às próprias ordens sacerdotais, elas precisam se ocupar com coisas materiais ou de alguma forma visíveis para manterem o público alvo ligado a elas, ainda que chamem as suas atividades de espirituais e as distribuam em múltiplos e menores pontos de encontro ou referência.

Através dos seus sistemas de cultos litúrgicos e repetitivos em seus templos ou pontos de referência, os sacerdócios com as características similares aos da Ordem de Arão executam seus serviços rotineiros e os chamam de “sagrados” apesar de que nunca conseguem aperfeiçoar os corações daqueles que oferecem dons e serviços, tanto os dos sacerdotes como os dos indivíduos do povo.

O que acontece, então, nos cultos ou serviços similares à Ordem de Arão, nos sacerdócios similares a ***uma parábola para a época presente?***

Vejamos mais uma vez o texto que já visto no tópico anterior, mas sob a ênfase direcionada a tipos de reuniões e cultos:

Hebreus 9: 1 ***Ora, a primeira aliança também tinha preceitos de serviço sagrado e o seu santuário terrestre.***

...

6 Ora, depois de tudo isto assim preparado, continuamente entram no primeiro tabernáculo os sacerdotes, para realizar os serviços sagrados;

7 mas, no segundo, o sumo sacerdote, ele sozinho, uma vez por ano, não sem sangue, que oferece por si e pelos pecados de ignorância do povo,

...

9 É isto uma parábola para a época presente; e, segundo esta, se oferecem tanto dons como sacrifícios, embora estes, no tocante à consciência, sejam ineficazes para aperfeiçoar aquele que presta culto,

10 os quais não passam de ordenanças da carne, baseadas somente em comidas, e bebidas, e diversas abluções, impostas até ao tempo oportuno de reforma.

Assim, a resposta à última pergunta acima sobre o que acontece nos cultos ou reuniões de ***uma parábola para a época presente*** é: ***e, segundo esta, se oferecem tanto dons como sacrifícios, embora estes, no tocante à consciência, sejam ineficazes para aperfeiçoar aquele que presta culto, os quais não passam de ordenanças da carne.***

A Ordem de Arão é insistente e exigente em suas rotinas com aqueles que nela prestam culto ou serviços a fim de fidelizá-los a si, e ainda cobra altos preços pelos seus serviços. Entretanto, a Ordem de Arão não consegue se separar de sua condição de fraqueza e inutilidade nem mesmo cobrando altos preços e contínuos esforços daqueles que se associam a ela.

Independentemente da amplitude da dedicação das pessoas à Ordem de Arão, ela continua sob a condição de não conseguir cooperar para que os indivíduos que se agregam a ela alcancem justificação ou aperfeiçoamento no tocante à consciência, pois, mencionando isto mais uma vez, o problema maior é que esta ordem não aperfeiçoa o coração daquele que nesta ordem presta culto, adoração ou serviços.

Uma ordem que subjuga alguns irmãos continuamente a um grupo de outros irmãos de uma mesma família não opera para a liberdade de todos perante Deus, colocando-se com um grande obstáculo para o aperfeiçoamento dos membros desta família.

*Hebreus 7: 5 **Ora, os que dentre os filhos de Levi recebem o sacerdócio têm mandamento de recolher, de acordo com a lei, os dízimos do povo, ou seja, dos seus irmãos, embora tenham estes descendido de Abraão.***

Portanto, uma vez que a Ordem de Arão não consegue realizar o que intenta ou promete fazer, ela também representa uma indústria de desperdício de dons, sacrifícios, os mais variados recursos e, o pior de tudo, a força e o tempo útil da vida das pessoas em itens que não colaboram para a sua eternidade.

A Ordem de Arão ou outras com características similares a ela representam um sistema sacerdotal onde aquele que presta culta, a pessoa comum, pensa que pode “terceirizar” o seu relacionamento com Deus para que outros o façam em seu lugar, o que, na maioria dos casos, implica também em alguma forma de pagamento pelo serviço tomado ainda que este sistema não produza mudança efetivamente benéfica naquele que participa dele ou não consiga conceder o que é necessário para uma pessoa alcançar a justificação para a vida eterna.

Mas ainda que uma pessoa não tenha “que pagar nada” ao recorrer a sistemas que tenham características da denominada velha aliança, se ela se expõe a mediadores na sua relação com Deus, mediadores com perfis da Ordem de Arão ainda que se denominem com outro nome, esta pessoa que recorre aos mediadores, no mínimo, está emprestando seus ouvidos e o tempo da sua vida em algo que não lhe será de real proveito para viver e andar na vontade de Deus.

Ainda que uma pessoa “não precise pagar” para ser participante de alguma ordem sacerdotal com características da Ordem de Arão, se ela se expor a este tipo de ordem, ela não está atuando para remir o tempo da sua vida para viver e andar segundo o querer de Deus que cada pessoa deveria se dispor a buscar diretamente junto a Cristo, conforme nos ensina o seguinte texto:

*Efésios 5: 14 **Pelo que diz: Desperta, ó tu que dormes, levanta-te de entre os mortos, e Cristo te iluminará.***

*15 **Portanto, vede prudentemente como andais, não como néscios, e sim como sábios,***

*16 **remindo o tempo, porque os dias são maus.***

17 Por esta razão, não vos torneis insensatos, mas procurai compreender qual a vontade do Senhor.

Sistemas sacerdotais como o da Ordem de Arão são aqueles em que se alega que as ofertas de dons, sacrifícios, cultos ou outros serviços são feitos para Deus, mas onde, na realidade, os recursos são administrados por aqueles que dizem buscar a Deus em nome do povo e em lugar dos indivíduos do povo que alegam representar.

Entretanto, vejamos mais uma vez o que o Senhor diz sobre as ofertas e sacrifícios da Ordem de Arão ou segundo **a parábola para o tempo presente** quando as pessoas alegam que estas ofertas são realizadas não a homens, mas para Deus, conforme os textos abaixo:

Hebreus 10: 5 Por isso, ao entrar no mundo, diz: Sacrifício e oferta não quiseste; antes, um corpo me formaste;

6 não te deleitaste com holocaustos e ofertas pelo pecado.

7 Então, eu disse: Eis aqui estou (no rolo do livro está escrito a meu respeito), para fazer, ó Deus, a tua vontade.

8 Depois de dizer, como acima: Sacrifícios e ofertas não quiseste, nem holocaustos e oblações pelo pecado, nem com isto te deleitaste (coisas que se oferecem segundo a lei),

9 então, acrescentou: Eis aqui estou para fazer, ó Deus, a tua vontade. Remove o primeiro para estabelecer o segundo.

10 Nessa vontade é que temos sido santificados, mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo, uma vez por todas.

Jeremias 7: 21 Assim diz o SENHOR dos Exércitos, o Deus de Israel: Ajuntai os vossos holocaustos aos vossos sacrifícios e comei carne.

22 Porque nada falei a vossos pais, no dia em que os tirei da terra do Egito, nem lhes ordenei coisa alguma acerca de holocaustos ou sacrifícios.

23 Mas isto lhes ordenei, dizendo: Dai ouvidos à minha voz, e eu serei o vosso Deus, e vós sereis o meu povo; andai em todo o caminho que eu vos ordeno, para que vos vá bem.

24 Mas não deram ouvidos, nem atenderam, porém andaram nos seus próprios conselhos e na dureza do seu coração maligno; andaram para trás e não para diante.

Isaías 29: 13 O Senhor disse: Visto que este povo se aproxima de mim e com a sua boca e com os seus lábios me honra, mas o seu coração está longe de mim, e o seu temor para comigo consiste só em mandamentos de homens, que maquinalmente aprendeu.

Assim, se antes da vinda de Cristo em carne ao mundo o Senhor já não queria os holocaustos, sacrifícios, ofertas e dízimos do povo, pois todos estes aspectos eram meios para tentar alguma sustentação da ordem que sempre se opôs à justificação mediante a graça do Senhor e a fé em Deus, muito menos o Senhor irá querer qualquer um destes aspectos depois que Cristo veio em carne ao mundo, morreu na cruz do

Calvário como a oferta perfeita em prol de todos e para todo o sempre, ressuscitou dentre os mortos e foi assentado à direita do Pai Celestial como o Único Sumo Sacerdote Eterno segundo a Ordem de Melquisedeque.

No texto de Hebreus 9, verso 10, exposto acima, podemos ver que aqueles que se sujeitaram à lei da Ordem de Arão também aderiam a um sistema no qual era obrigatório ofertar dons e sacrifícios. Entretanto, a partir da remoção do envelhecido sacerdote, esta imposição caducou juntamente com a transformação da Ordem de Arão em **uma parábola para o tempo presente**.

Deus não quer que as pessoas continuem a repetir as ofertas e sacrifícios de recursos e dons conforme era feito na Ordem de Arão. Muito pelo contrário, o que Deus quer é que as pessoas creiam e aceitem o que Ele fez em favor delas eternamente, a saber: Deus “removeu o sacerdócio velho”, e isto para que somente o “novo sacerdócio” já estabelecido de forma geral no céu também seja aceito mediante a graça ou gratuitamente para ser estabelecido individualmente em cada coração.

Ora, quem em sã consciência, e com intuito de encontrar verdadeira novidade de vida, colocaria dons e recursos à disposição de algo que já se provou inábil a prover novidade de vida, que já ficou obsoleto e que é representado atualmente como uma parábola somente para indicar o quão inapropriada é qualquer associação com ele?

Ainda que alguém chame uma reunião ou um serviço como “culto cristão”, se esta reunião ou serviço tiver características do culto da **parábola para a época presente**, ele também terá a característica de desperdício, pois não poderá aperfeiçoar aquele que dá as ofertas materiais ou que faz sacrifícios para obter o favor de Deus.

Deus não concede a justificação e o aperfeiçoamento aos “seus filhos” à base de troca de dons e sacrifícios. Deus aperfeiçoa os “seus filhos” por causa do seu amor e graça quando estes “filhos” tão somente confiam no Senhor e na sua ação direta em suas vidas.

A vida e aquilo que Deus deu e dá aos homens e mulheres para usarem a fim de serem canais de bênçãos, sal da Terra e luz do mundo, para usarem nas suas famílias e na sociedade em geral por onde forem e em todos os dias das suas vidas, a Ordem de Arão procura tomar das pessoas para realizar serviços que não propiciam o proveito de uma vida transformada, segundo a vontade de Deus, aos que servem esta ordem fraca e obsoleta.

Além disso, por que Deus iria querer que alguém devolvesse um dom que Ele mesmo deu à uma pessoa para ela usar em sua vida e em prol de outras pessoas?

Quando os sacerdotes ou líderes de ordens similares à Ordem de Arão, da ordem da **parábola para a época presente**, passam a tomar o que era para uma pessoa usar segundo a orientação do Senhor Eterno, eles não somente estão tomando um dom ou recurso que era para ela usar em sua vida, mas também estão agindo para manter a pessoa como um infante e insegura em relação à fé em Deus exatamente por privá-la de aprender a usar o dom ou recurso segundo a instrução que o Senhor daria a ela.

Deus dá dádivas para as pessoas as usarem em suas vidas e para abençoarem a outras, mas o Senhor também concede os dons e recursos para que as pessoas sejam aperfeiçoadas através da própria maneira como são ensinadas diretamente por Deus a usarem estes dons.

A Ordem de Arão, por uma via, inibe o acesso direto de uma pessoa a Deus e, por outra via, inibe a pessoa a ser instruída pelo próprio Senhor sobre como usar aquilo que da parte de Deus é concedido a esta pessoa.

A Ordem de Arão pode chegar, inclusive, às raias de produzir líderes humanos que chegam a pressupor e até a acreditar que de fato eles poderão reportar a Deus tudo o que as pessoas que estão sujeitas a eles necessitam reportar ao Senhor, acrescido ainda da presunção de que saberão ouvir Deus para instruir as pessoas a como cada uma delas poderá usar as dádivas de Deus nas mais variadas atividades das suas vidas, como se a unção que receberam da Ordem de Arão os fizesse tão altamente capacitados.

Assim, a Ordem de Arão é cercada de tão grande fraqueza e inutilidade também por ser tão ilusória quanto ao que os líderes nela estabelecidos imaginam que supostamente são capazes de realizar.

*Hebreus 7: 28 **Porque a lei constitui sumos sacerdotes a homens sujeitos à fraqueza, ...***

*Hebreus 7: 18 **Portanto, por um lado, se revoga a anterior ordenança, por causa de sua fraqueza e inutilidade.***

Passar a estar associado a uma ordem sacerdotal que toma dons e recursos de outros para usá-los segundo a direção dos que lideram aquela ordem, e não segundo a direção pessoal do Senhor para aquele a quem o dom foi dado, também é estar associado a uma condição de escravidão que desvia recursos e, principalmente, vidas da finalidade para a qual foram concedidos.

Cristo pagou um preço de valor inestimável para conceder o dom da vida que pode ser vivida sob a direção direta e livre do Espírito do Senhor. E por isto, Cristo não quer que ninguém confie a direção da sua vida àqueles que não têm uma designação válida de Deus para mediar os outros perante o Senhor.

Somente a Cristo pertence a glória de ter feito a provisão para a libertação das pessoas do jugo de escravidão do pecado e das leis associadas aos sacerdócios que querem atuar segundo a justiça própria da criatura. E por isto, também, somente ao Senhor pertence a glória de ser o principal instrutor e guia daqueles que por Ele foram libertos.

*1 Coríntios 6: 20 **Porque fostes comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo.***

*1 Coríntios 7: 23 **Por preço fostes comprados; não vos torneis escravos de homens.***

2 Coríntios 5: 14 **Pois o amor de Cristo nos constrange, julgando nós isto: um morreu por todos; logo, todos morreram.**
15 E ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou.

As ordens similares à Ordem de Arão apreciam hierarquias clericais, pois como são ineficientes para atenderem a quem pretendem atender, acabam se vendo obrigadas a multiplicar e escalonar os seus obreiros, o que também acaba levando a uma demanda ainda maior de recursos.

E, por sua vez, as suas hierarquias começam na figura do sacerdote “Sênior” ou de um gestor principal, cargo pelo qual há grandes disputas dos que querem ser os próximos a herdarem o primeiro assento. E depois, vão descendo a diversos outros escalões, variando entre diversos tipos de sacerdotes auxiliares, uma longa cadeia de “ministros, levitas ou servidores” de toda a sorte, ficando na parte mais baixa, no final da linha ou na base da pirâmide, o povo a quem deveriam servir. Por último está o povo sujeito aos sacerdotes ou líderes, mas que, por fim, acaba sendo cobrado para prover os recursos para a toda a estrutura ou acusado de ser o culpado por não atuar o suficiente quando a ordem sacerdotal toda inevitavelmente não funciona como o esperado.

A inteira estrutura necessária para tentar suportar e acomodar as diversas hierarquias clericais, ou também chamadas de “grupo ministerial” do sacerdócio ou “grupo ministerial” do “ministério” a, b ou c, obviamente tem um “custo” que é agregado ao custo da manutenção do templo e que também é imposto sobre o povo que supostamente “se serve” do “ministério” ao qual as pessoas se associam.

Além disso, outro aspecto relacionado à toda questão envolvida com o custo mencionado no parágrafo anterior é que ele não engloba somente um custo material.

Pelo fato da estrutura das ordens sacerdotais similares à de Arão gerarem um custo que não pode, através do que é oferecido, salvar a vida das pessoas e nem aperfeiçoá-las para uma vida segundo o querer de Deus, o custo ainda maior para aquele que se associa a este tipo de sacerdócio não envolve somente os bens materiais que ele disponibiliza para a ordem, mas o bem maior que é o tempo precioso de sua vida.

Se a salvação eterna pudesse ser alcançada mediante a Ordem de Arão ou ministérios que se assemelham a ela, o custo, talvez, seria somente um mero detalhe, mas a questão é que esta ordem cobra pelo que jamais poderá entregar.

Neste ponto, entendemos que convém uma atenção especial, pois muitas pessoas avaliam que as maiores perdas que uma pessoa pode ter na associação aos sacerdócios similares à Ordem de Arão são, principalmente, voltadas ao aspecto do valor financeiro que ali ela despende com suas ofertas. Entretanto, como os sacerdotes ou obreiros desta ordem passam a dizer que são eles que fazem o papel principal de apresentar as causas do povo a Deus, uma das principais e mais danosas perdas que este tipo de sacerdócio impõe sobre os que são associados a ele é a atrofia que ele cria e produz nas pessoas quanto ao seu relacionamento pessoal ou individual com Deus.

À medida em que as pessoas tentam “terceirizar” o relacionamento delas com Deus a outros, elas também se privam de aprender como se relacionar diretamente com o Senhor em todos os detalhes das suas vidas.

E assim, cada vez mais, vão se afastando da certeza de que elas próprias poderiam chegar-se a Deus sem a necessidade dos mediadores.

A “terceirização da vida espiritual” a outros gera uma dependência dos outros e uma atrofia em relação à prática do que uma pessoa poderia fazer pessoalmente junto ao Senhor.

E esta atrofia ou estado de torpor pode chegar ao ponto em que o próprio anúncio de que um indivíduo não precisa de fato de mediadores para se relacionar com Deus venha, inclusive, a soar, para alguns, até como uma ofensa, algo estranho ou que não poderia ser possível de ser realizado.

Visto que na Ordem de Melquisedeque, o Senhor concede a nós e em nós o Espírito Santo, ou se o Senhor nos dá o Espírito da Graça e da Paz para que a Paz de Cristo seja o árbitro ou ponto referencial de discernimento em nossos corações, não é, no mínimo, estranho dizer que um cristão precisa “terceirizar” o seu relacionamento com Deus a outros ou fazê-lo através de outros?

Considerando ainda que a comunhão pessoal com o Senhor é comparada a cear com o Senhor, não é, no mínimo, estranho alguns quererem cear com o Senhor no lugar dos outros que são deixados para fora para não receberem o alimento diretamente da mesa do Senhor?

Nas Escrituras, está claro que os cristãos são chamados a compartilhar com outros irmãos vários aspectos que o Senhor compartilhou com eles e várias partes do que aprenderam com o Senhor nas suas Escrituras, o que pode ser útil até para agilizar o aprendizado mútuo sobre estas Escrituras. Entretanto, isto é muito diferente de uma proposição onde alguns querem dar a entender que alguns filhos são convidados a participarem mais da comunhão com o Senhor do que outros, como é no caso da Ordem de Arão ou similares a ela.

A direção específica ou final do que um cristão deveria ou não deveria fazer na sua vida é uma prerrogativa que pertence a Cristo, o qual é o Único Senhor Eterno desta pessoa. E para isto, Cristo se oferece a nós como nosso perfeito Sumo Sacerdote Eterno e nos concede, em nossos corações, o Espírito Santo, o Espírito da Verdade que nos guia no querer do Senhor.

Conforme já foi citado no texto acima de Efésios 5, quando alguém se apresenta a Cristo, disposto a receber a Luz de Cristo e disposto a conhecer e fazer a vontade de Deus, é Cristo, como o Sumo Sacerdote da Ordem de Melquisedeque, que orienta diretamente a cada um dos filhos de Deus sobre qual é a vontade do Pai Celestial para a sua vida.

*Romanos 8: 9 **Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se, de fato, o Espírito de Deus habita em vós. E, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele.***

...

*14 **Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus.***

*15 **Porque não recebestes o espírito de escravidão, para viverdes, outra vez, atemorizados, mas recebestes o espírito de adoção, baseados no qual clamamos: Aba, Pai.***

Ora, um filho de Deus não tem medo de ser guiado pelo Espírito concedido pelo Senhor que morreu para lhe prover a salvação e não tem medo de ser guiado por Aquele que ele elegeu como o Senhor da sua vida ou a quem ele confia a sua vida eterna.

Já a Ordem de Arão foge das questões personalizadas, pois ela não tem respostas individualizadas. E por isto, ela apela ao que pode ser visto pela coletividade ou para aquilo que é aceito na comunidade exteriormente.

A Ordem de Arão não tem a ênfase naquilo que acontece no coração de cada pessoa e na intimidade de cada indivíduo diante de Deus no seu dia-a-dia. E por isto, também fica exposta a produzir situações onde as pessoas, apesar de estarem em grandes aglomerações, continuam a estar debaixo de males destruidores que, em muitas situações, sequer são percebidos ou que ficam ocultos sob as tentativas que a Ordem de Arão procura usar para manter as aparências externas de piedade.

*Colossenses 2: 23 **Tais coisas, com efeito, têm aparência de sabedoria, como culto de si mesmo, e de falsa humildade, e de rigor ascético; todavia, não têm valor algum contra a sensualidade.***

*Provérbios 5: 14 **Quase que me achei em todo mal que sucedeu no meio da assembleia e da congregação.***

O aspecto coletivo encontrado na Ordem de Arão atrai e fascina muitas pessoas pelo fato delas ali não precisarem tratar com algumas condições pessoais mais profundas. Entretanto, também é nesta fascinação da Ordem de Arão de atentar a todos de forma primordialmente coletiva e superficial que as pessoas podem estar rumando para caminhos que jamais produzirão uma verdadeira libertação da escravidão aos seus maiores temores.

É também para manter a aparência coletiva ou perante às suas ordens sacerdotais comunitárias que muitos indevidamente oferecem dons, sacrifícios de recursos, mas principalmente o precioso tempo das suas vidas, conforme já comentamos anteriormente.

A Ordem de Arão oferece uma proposição de nuvem coletiva e um consolo através de honrarias às obras aparentes para as pessoas se esconderem e se manterem escondidas do contato direto com a Luz de Deus, atuando ainda sob a repetida proclamação de que estão buscando a Deus com ofertas e sacrifícios. Entretanto, é nesta proposição que reside um dos maiores perigos em um indivíduo se sujeitar a ela.

Embora a Ordem de Arão tenha o foco direcionado às coisas aparentes ou superficiais, e não à uma intervenção pessoal e mais profunda de Deus no coração de cada indivíduo, ela não é tão isenta quanto deseja aparentar em relação ao coração das pessoas, pois é precisamente em sua proposição de evitar que as pessoas necessitem ter um contato individual e contínuo com a luz de Deus que um sacerdócio segundo a Ordem de Arão acaba levando aqueles que a ele estão associados a também viverem e andarem em superficialidade ou segundo aquilo que é aparente.

A Ordem Arão é o sacerdócio que instiga as pessoas a oferecerem dons e sacrifícios para correrem em vão ou por uma coroa corruptível, e onde a

vida consumida nestes propósitos vãos é o dom mais precioso de tudo o que é sacrificado nos cultos ou serviços que não aperfeiçoam os que vivem e andam segundo esta ordem.

Em suas proposições muito atrativas à carne ou à alma, ou em suas proposições de aromas agradáveis que atraem multidões a se sujeitarem a ela, a Ordem de Arão ou similares a ela também se assemelham à postura da mulher adúltera que com suas suaves palavras atrai e engoda as pessoas a entregarem o melhor de suas vidas e as suas próprias vidas às proposições contrárias à vontade de Deus e àqueles que estão à frente destas ordens.

Provérbios 5: 6 Ela não pondera a vereda da vida; anda errante nos seus caminhos e não o sabe.

7 Agora, pois, filho, dá-me ouvidos e não te desvies das palavras da minha boca.

8 Afasta o teu caminho da mulher adúltera e não te aproximes da porta da sua casa;

9 para que não dês a outrem a tua honra, nem os teus anos, a cruéis;

10 para que dos teus bens não se fartem os estranhos, e o fruto do teu trabalho não entre em casa alheia;

11 e gemas no fim de tua vida, quando se consumirem a tua carne e o teu corpo.

A Ordem de Arão, ou que usam os seus princípios ou parte deles, são ordens que querem tomar para si o que Deus deu para as pessoas usarem sob a direção do Senhor e não de outros ou as suas instituições.

A Ordem de Arão, ou similares a ela, são aquelas que querem fazer com que as pessoas entreguem o que receberam de Deus à quem não é devido recebê-lo e à quem nem é devido instruir um indivíduo a como fazer uso daquilo que o Senhor lhe concedeu através da graça celestial.

Quando as pessoas deixam de olhar para Jesus Cristo através de um relacionamento vivo e pessoal de dependência do Senhor, elas podem ficar sujeitas a correrem conduzidas pelas mais variadas distrações que se apresentam diante de suas vidas, inclusive, aquelas que parecem ser obras para Cristo, mas que Cristo jamais pediu para serem feitas.

Hebreus 12: 1 Portanto, também nós, visto que temos a rodear-nos tão grande nuvem de testemunhas, desembaraçando-nos de todo peso e do pecado que tenazmente nos assedia, corramos, com perseverança, a carreira que nos está proposta,

2 olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus, o qual, em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia, e está assentado à destra do trono de Deus.

Olhar firmemente para o Senhor Jesus é olhar para “as coisas que são de cima”. É olhar para o local de regência que Cristo tem ao lado do trono de Deus sobre toda a vida. É olhar e receber a Cristo como o Único Mediador e Único Sumo Sacerdote Eterno segundo a Ordem de Melquisedeque.

Na Ordem de Melquisedeque, uma pessoa não precisa estar debaixo de uma nuvem de religião, da coletividade da lei que promove a busca pela justiça própria, pois na Ordem de Melquisedeque, a vida daquele que está associado a ela, está oculta no próprio Sumo Sacerdote Eterno desta ordem e no Eterno Pai Celestial.

Colossenses 3: 1 Portanto, se fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus.

*2 Pensai nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra;
3 porque morrestes, e a vossa vida está oculta juntamente com Cristo, em Deus.*

Salmos 91: 14 Porque a mim se apegou com amor, eu o livrarei; pô-lo-ei a salvo, porque conhece o meu nome.

15 Ele me invocará, e eu lhe responderei; na sua angústia eu estarei com ele, livrá-lo-ei e o glorificarei.

16 Saciá-lo-ei com longevidade e lhe mostrarei a minha salvação.

Na Ordem de Arão, toda a estrutura sacerdotal-levítica recebia os dons, ofertas e sacrifícios para oferecê-los a Deus em nome dos outros e também para deles viverem, mas isto sempre associado ao conceito de busca pela justiça própria dos ofertantes. Entretanto, na Ordem de Melquisedeque, Cristo foi feito a oferta por todos e derramou o seu próprio sangue para ser eternamente o Sumo Sacerdote daqueles por quem Ele morreu.

Hebreus 9: 24 Porque Cristo não entrou em santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém no mesmo céu, para comparecer, agora, por nós, diante de Deus;

25 nem ainda para se oferecer a si mesmo muitas vezes, como o sumo sacerdote cada ano entra no Santo dos Santos com sangue alheio.

26 Ora, neste caso, seria necessário que ele tivesse sofrido muitas vezes desde a fundação do mundo; agora, porém, ao se cumprirem os tempos, se manifestou uma vez por todas, para aniquilar, pelo sacrifício de si mesmo, o pecado.

E se Deus nos deu a Cristo pela graça e se Cristo também já deu a sua preciosa vida mediante a graça para salvar as pessoas, não nos dará Ele ainda mais da sua vida também “mediante a graça” para sermos guiados por Ele em vida?

Romanos 8: 32 Aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura, não nos dará graciosamente com ele todas as coisas?

Romanos 5: 17 Porque, se, pela ofensa de um só, a morte reinou por esse, muito mais os que recebem a abundância da graça e do dom da justiça reinarão em vida por um só, Jesus Cristo. (RC)

Gálatas 3: 1 ***Ó gálatas insensatos! Quem vos fascinou a vós outros, ante cujos olhos foi Jesus Cristo exposto como crucificado?***

2 Quero apenas saber isto de vós: recebestes o Espírito pelas obras da lei ou pela pregação da fé?

3 Sois assim insensatos que, tendo começado no Espírito, estejais, agora, vos aperfeiçoando na carne?

Cristo não precisa que as pessoas lhe ofereçam dons, ofertas e um templo material para serem justificadas da culpa advinda da sujeição ao pecado ou para lhes conceder graça do reino celestial, pois como o Sumo Sacerdote da Ordem de Melquisedeque e do Santuário Celestial e Eterno, Cristo nem precisa de templos físicos e das suas atividades. E uma vez que não há a necessidade de templos físicos e nem de sacrifícios e dons para justificar as pessoas eternamente, Cristo também não precisa dos cleros para manter os templos e os cultos que tomam dons, ofertas ou sacrifícios.

Uma vez que Cristo não precisa e nem requer dons e sacrifícios materiais das pessoas para templos e para a sua justificação, os lugares que se estabelecem para promoverem cultos para tomar ofertas e dízimos dos “irmãos” não o fazem segundo o sacerdócio da Ordem de Melquisedeque. Estes locais, antes, passam a se equiparar a Ordem de Arão, serva da lei de Moisés, ainda que parcialmente, e onde a pessoa que paga (ou dá) ofertas, dons e dízimo ergue sobre si própria como sacerdotes aqueles que recebem da mão dela as ofertas, dízimos e dons que ela entrega, gerando um fluxo repetitivo de fraqueza e inutilidade da Ordem de Arão que já era assim inclusive antes de ser revogada.

Portanto, uma vez que Cristo concede o seu sacerdócio mediante a graça para nos conceder virtudes e dádivas de Deus para vivermos e andarmos segundo a justiça e fé em Deus, e não mediante a justiça da própria criatura, aqueles tipos de sacerdócios que procuram manter esforços ou ofertas das pessoas como meio tangível para alcançarem a justificação e a benção do Senhor acabam repetindo vez após vez as ações daquilo que jamais pode agradar a Deus e nem coopera com o bem eterno de suas vidas.

Hebreus 11: 6 ***De fato, sem fé é impossível agradar a Deus, porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que se torna galardoador dos que o buscam.***

João 6: 29 ***Respondeu-lhes Jesus: A obra de Deus é esta: que creiais naquele que por ele foi enviado.***

O único sacerdócio que aperfeiçoa as pessoas para a necessidade que elas têm de se relacionar com Deus e para obterem a vida eterna é também aquele que não cobra pela salvação e pelo aperfeiçoamento dos corações, e muito menos pelo relacionamento de um filho de Deus com o Pai Celestial, pois a base de atuação da Ordem de Melquisedeque é ***o dom gratuito de Deus.***

Romanos 6: 23 *Porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor.*

A Ordem de Melquisedeque é o sacerdócio que concede graça, vida e dons, mas em contraste, a Ordem de Arão e seus sacerdotes requerem dons, ofertas, sacrifícios e vidas para consumi-los naquilo que não há proveito e naquilo que já foi revogado por Deus depois que a Ordem de Arão foi reposicionada para ser lembrada somente como ***uma parábola para o tempo presente.***

Finalizando, então, mais este tópico, gostaríamos de sugerir mais uma vez uma leitura de alguns textos abaixo com especial atenção, reflexão e com a esperança de que o Senhor possa abrir os olhos do nosso entendimento e também mantê-los abertos para que a clareza da condição de Cristo como o Sumo Sacerdote Eterno da Ordem do Dom Gratuito esteja sempre presente e evidente no nosso coração.

Hebreus 10: 1 *Ora, visto que a lei tem sombra dos bens vindouros, não a imagem real das coisas, nunca jamais pode tornar perfeitos os ofertantes, com os mesmos sacrifícios que, ano após ano, perpetuamente, eles oferecem.*

2(a) *Doutra sorte, não teriam cessado de ser oferecidos ... ?*

Hebreus 9: 9 *É isto uma parábola para a época presente; e, segundo esta, se oferecem tanto dons como sacrifícios, embora estes, no tocante à consciência, sejam ineficazes para aperfeiçoar aquele que presta culto,*

10 *os quais não passam de ordenanças da carne, baseadas somente em comidas, e bebidas, e diversas abluções, impostas até ao tempo oportuno de reforma.*

Hebreus 7: 18 *Portanto, por um lado, se revoga a anterior ordenança, por causa de sua fraqueza e inutilidade*

19 *(pois a lei nunca aperfeiçoou coisa alguma), e, por outro lado, se introduz esperança superior, pela qual nos chegamos a Deus.*

20 *E, visto que não é sem prestar juramento (porque aqueles, sem juramento, são feitos sacerdotes,*

21 *mas este, com juramento, por aquele que lhe disse: O Senhor jurou e não se arrependerá: Tu és sacerdote para sempre);*

22 *por isso mesmo, Jesus se tem tornado fiador de superior aliança.*

Colossenses 2: 8 *Cuidado que ninguém vos venha a enredar com sua filosofia e vãs sutilezas, conforme a tradição dos homens, conforme os rudimentos do mundo e não segundo Cristo;*

9 *porquanto, nele, habita, corporalmente, toda a plenitude da Divindade.*

10(a) *Também, nele, estais aperfeiçoados.*

J. Um Sacerdócio que Dissimula a Respeito dos Sintomas, Diagnóstico e Soluções ou Um Sacerdócio que Ilumina o Coração e Oferece Verdadeiro Diagnóstico e Solução

Dependendo da necessidade ou do problema que uma pessoa tiver na sua vida, a obtenção da solução, em muitos casos, dependerá de uma satisfatória compreensão dos sintomas do problema, do diagnóstico do problema e da solução esperada para o problema.

Os sintomas manifestam o que já está presente, o que já está em curso, enquanto o diagnóstico procura definir a causa ou fato gerador que está por detrás daqueles sintomas. E isto, para que a raiz do problema possa ser confrontada e, preferencialmente, erradicada.

Há sintomas que sinalizam um problema a ser diagnosticado para que somente então uma solução possa ser prescrita. Se, porém, os sintomas forem dissimulados, o diagnóstico poderá ser severamente afetado, o que também implicará em um impacto diferencial sobre a prescrição da solução.

Entretanto, mesmo quando os sintomas não são dissimulados, se não houver conhecimento suficiente sobre eles ou se a pessoa que os estiver avaliando não for suficientemente habilitada, a realização da fase do diagnóstico poderá sofrer sérias dificuldades em obter resultados corretos, fazendo com que mais uma vez a prescrição da solução sofra com este processo.

O fato de uma pessoa estar cercada de sintomas não significa, automaticamente, que ela terá as condições de fazer um diagnóstico adequado do problema.

Quando alguns problemas começam a crescer e gerar uma demanda de solução, mas sem que haja um devido diagnóstico sobre eles, um dos recursos ao qual muitas vezes as pessoas recorrem, devidamente ou indevidamente, é para a fase de tentativas de aplicação de algumas soluções por proximidade de problemas, mas sem terem uma certeza mais acentuada dos efeitos que estas tentativas podem gerar em todo o processo.

Assim, quando vemos este quadro de sintomas, diagnósticos e prescrições de soluções em face de um dos mais essenciais aspectos da vida, o qual é o tema do sacerdócio, podemos ver que isto igualmente é muito pertinente a este assunto específico e também, em especial, quando a comparação entre a Ordem de Arão e a Ordem de Melquisedeque é realizada.

E por que o alinhamento dos sintomas, diagnóstico e prescrição de uma solução é tão crucial para um tema tão essencial como o sacerdócio e mais especificamente para as duas ordens sacerdotais em referência?

Uma percepção mais precisa ou acurada do tema de sintomas, diagnósticos e soluções quando relacionado às ordens sacerdotais de Arão e de Melquisedeque torna-se especialmente relevante porque também nestes aspectos há um contraste ou uma distinção enorme entre estas duas ordens.

Enquanto a Ordem de Arão é oferecida às pessoas sob a ótica de evitarem um contato mais intenso com a luz que pode tornar os sintomas, diagnósticos e soluções mais evidentes, a Ordem de Melquisedeque é

oferecida para que as pessoas possam conhecer mais precisamente não somente os sintomas do que lhes é contrário, mas também a raiz daquilo que procura afastá-las do diagnóstico e da solução que necessitam para as suas vidas.

Conforme já foi mencionado em tópicos anteriores, para tentarem evitar a necessidade de se apartarem de suas cobiças más, as pessoas livres do domínio cruel do Egito preferiram a opção por um sistema de sacerdócio focado em regras exteriores para não rejeitarem a Deus por completo, mas, ao mesmo tempo, para também não terem a Deus muito próximo aos seus corações, incorrendo naquilo que posteriormente também foi anunciado pelo Senhor Jesus Cristo da seguinte maneira:

João 3: 19 **O julgamento é este: que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram más.**

20 **Pois todo aquele que pratica o mal aborrece a luz e não se chega para a luz, a fim de não serem arguidas as suas obras.**

21 **Quem pratica a verdade aproxima-se da luz, a fim de que as suas obras sejam manifestas, porque são feitas em Deus.**

Portanto, a opção pela sujeição à Ordem de Arão ou similares a ela é uma escolha por um sistema de vida que não somente procura se fundamentar na justiça própria do ser humano, mas que também rejeita a avaliação de Deus sobre a qualidade ou integridade da justiça própria daqueles que estão associados à esta ordem.

Em outras palavras, a Ordem de Arão é improdutiva quanto à questão da avaliação de sintomas, diagnósticos e soluções verdadeiramente necessárias para as pessoas porque ela é uma opção pela rejeição do conhecimento da verdade que liberta.

Dito ainda de outra forma, uma vida sujeita à Ordem de Arão, à velha aliança, ao primeiro sacerdócio ou similares a ela é uma escolha pelo uso de um véu de dissimulação que obscurece e mantém obscurecido o entendimento das pessoas sobre a sua própria real condição de vida.

Assim como há pessoas que se habitam com alguns sintomas físicos anormais a ponto de pensarem que eles são normais, assim também já abordamos o aspecto de que há muitas pessoas que escolhem se colocar e permanecer sob condições de anomalia espiritual ao ponto em que nem mais perceberem os sintomas que lhes alertam sobre a sua situação inadequada de vida, conforme exemplificamos mais uma vez abaixo:

2 Coríntios 3: 14 **Mas os sentidos deles se embotaram. Pois até ao dia de hoje, quando fazem a leitura da antiga aliança, o mesmo véu permanece, não lhes sendo revelado que, em Cristo, é removido.**

15 **Mas até hoje, quando é lido Moisés, o véu está posto sobre o coração deles.**

A situação mencionada no texto acima parece ser muito desafiadora de ser compreendida, pois ela também aponta para o fato de que uma pessoa que já está com o véu da Ordem de Arão posto sobre o seu coração, pode, inclusive, deixar de perceber que ela está debaixo deste véu. Ela pode deixar de perceber sintomas que inclusive são

amplamente evidentes ou notórios para aqueles que não estão sob o mesmo tipo de véu.

Entretanto, haveria ainda alguma solução para uma pessoa que acabou incorrendo na sujeição à ordens sacerdotais que também implicam na sujeição a um véu sobre os olhos do entendimento e que se interpõem para ela não vir a conhecer o Sacerdócio de Cristo ou que é segundo a Ordem de Melquisedeque?

Certamente que há solução, pois assim como há a possibilidade de uma pessoa não perceber uma doença por também não sentir os seus sintomas, mas poder vê-la detectada quando vai fazer um exame periódico com algum médico, assim também há a possibilidade das questões relacionadas aos sacerdócios serem detectadas se alguém procura Aquele que é o médico apropriado em relação a estes aspectos.

Há uma série de doenças que um médico habilitado pode perceber com mais precisão mesmo antes delas terem se expressado em sintomas mais perceptíveis ao paciente. O médico, em princípio, é treinado para perceber muitos sintomas que as pessoas em geral não são treinadas para ver ou detectar.

Portanto, o que estamos procurando dizer é que por mais confiante que uma pessoa esteja de que ela está no local onde deveria estar no que concerne à sua vida sacerdotal, ela na realidade não tem condições de fazer uma avaliação completa sozinha e também não tem condições de fazer esta avaliação sem alguém mais especializado para fazê-lo.

Em suas avaliações próprias ou limitadas à percepção natural da vida, o ser humano pode incorrer em uma das piores pretensões da sua existência, a qual é chegar a cogitar que ele pode se autodiagnosticar naquilo que vai além da sua capacidade de diagnosticar, inclusive quando está muito empenhado “em servir a Deus” segundo o próprio entendimento humano.

Em muitas partes das Escrituras, encontramos instruções que nos alertam sobre o fato de que uma pessoa não é apta a avaliar a si mesma em todos os aspectos da sua vida e que, para uma série de questões espirituais, inclusive as outras pessoas também não são aptas a avaliarem umas às outras.

Vejam somente alguns exemplos abaixo visto que vários outros já foram citados anteriormente:

*1 Coríntios 4: 3 **Todavia, a mim mui pouco se me dá de ser julgado por vós ou por algum juízo humano; nem eu tampouco a mim mesmo me julgo.***

*4 **Porque em nada me sinto culpado; mas nem por isso me considero justificado, pois quem me julga é o Senhor.***

*Provérbios 3: 5 **Confia no SENHOR de todo o teu coração e não te estribes no teu próprio entendimento.***

*6 **Reconhece-o em todos os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas.***

*7 **Não sejas sábio a teus próprios olhos; teme ao SENHOR e aparta-te do mal.***

*Salmos 139: 23 **Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração; prova-me e conhece os meus pensamentos.***

24 E vê se há em mim algum caminho mau e guia-me pelo caminho eterno.

1 Coríntios 2: 14 Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente.

Quando Deus declara, através das palavras do profeta Jeremias, que **maldito é o homem que confia no homem**, Ele também o diz no contexto de que o próprio ser humano não é apto a perceber todos os aspectos que atuam no seu coração contra a sua própria vida. Portanto, um ser humano guiando outro ser humano nas questões espirituais ou de sacerdócio pode ser comparado a um indivíduo com o entendimento cegado guiando outro cego.

E também no mesmo contexto, o profeta Jeremias escreve que somente o Senhor é que conhece as profundezas do coração humano, o qual, portanto, somente pode ter os seus segredos ou até enganos mais profundos expostos quando revelados pelo Senhor Eterno que a todos e a tudo conhecesse.

Jeremias 17: 5 Assim diz o SENHOR: Maldito o homem que confia no homem, faz da carne mortal o seu braço e aparta o seu coração do SENHOR!

...

7 Bendito o homem que confia no SENHOR e cuja esperança é o SENHOR.

8 Porque ele é como a árvore plantada junto às águas, que estende as suas raízes para o ribeiro e não receia quando vem o calor, mas a sua folha fica verde; e, no ano de sequeidão, não se perturba, nem deixa de dar fruto.

9 Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto; quem o conhecerá?

10 Eu, o SENHOR, esquadrinho o coração, eu provo os pensamentos; e isto para dar a cada um segundo o seu proceder, segundo o fruto das suas ações.

Assim, por mais que uma pessoa venha a pensar que está correta no que ela está fazendo, ela deveria estar atenta a não fechar a porta para Aquele que vê o quadro todo e vê com precisão o que está no mais íntimo de cada coração.

Se uma pessoa se fechar para qualquer possibilidade de ser diagnosticada pelo Senhor ou ela somente recorrer aos seus semelhantes para alcançar uma avaliação sobre a sua vida, ela pode vir a se colocar em uma posição extremamente complicada de não conseguir perceber nem mesmo os sintomas de uma situação inadequada à qual pode estar sujeita.

Quando Cristo veio ao mundo e lançou luz sobre a cegueira que a sujeição à Ordem de Arão causava no coração das pessoas, Ele também veio oferecer uma possibilidade das pessoas se depararem com a realidade de que talvez não estivessem no caminho correto tanto quanto pensavam estar.

Cristo veio ao mundo também para oferecer uma possibilidade para que as pessoas passassem a ser esclarecidas inclusive a respeito dos sintomas que não percebiam. E isto, para igualmente mostrar-lhes um diagnóstico que apontava para a raiz dos maiores problemas aos quais estavam associadas, obviamente oferecendo-lhes também em conjunto o caminho para a solução ou salvação que tanto necessitavam.

Retornando, então, mais uma vez à Ordem de Arão, por que as pessoas debaixo do véu desta ordem, da lei de Moisés ou de ordens similares a ela não veem com nitidez os sintomas que atuam contra as suas vidas?

As pessoas sujeitas ao véu da antiga aliança não veem o que deveriam ver porque a Ordem de Arão é uma ordem que propõe o afastamento das pessoas de uma relação pessoal com a única fonte que pode fazê-las ver o que precisam ver, a qual é o Senhor Eterno e do qual se afastam quando escolhem outras pessoas ou as suas estruturas para os mediar parcialmente ou integralmente.

As pessoas debaixo do véu de ordens sacerdotais que expressam *a parábola para a época presente* não veem a realidade de sua própria situação por uma razão muito simples: Elas perguntam a homens e mulheres sobre a condição da sua própria vida espiritual em vez de perguntá-lo diretamente, intimamente e pessoalmente a Deus, contrariando aquilo que o Senhor Jesus instruiu as pessoas a fazerem.

*Mateus 6: 6 **Tu, porém, quando orares, entra no teu quarto e, fechada a porta, orarás a teu Pai, que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará.***

*Mateus 11: 28 **Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei.***

*29 **Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma.***

Se as pessoas ousassem perguntar a Deus e se achegassem mais ao Senhor com o desejo sincero de saber a instrução do reino celestial para as suas vidas, e não ficassem limitadas à mentalidade do homem natural para discernir a condição dos seus corações e do relacionamento com o seu Criador, elas também receberiam a luz de Cristo e poderiam passar a ver muitos aspectos segundo a perspectiva de Deus.

O caminho oposto à sujeição ao véu da Ordem de Arão, à dependência inapropriada do pensamento da coletividade ou aos torpores causados por religiões com ênfase na justiça própria do homem natural, é atender pessoalmente o chamado do Senhor para se dispor diante Dele ainda que no contexto ao redor muitos estejam como que adormecidos em relação à vontade do Senhor, conforme lembrado nos textos a seguir:

*Efésios 5: 14 **Pelo que diz: Desperta, ó tu que dormes, e levanta-te dentre os mortos, e Cristo te esclarecerá (iluminará).** (RC)*

2 Coríntios 3: 15 **Mas até hoje, quando é lido Moisés, o véu está posto sobre o coração deles.**

16 **Quando, porém, algum deles se converte ao Senhor, o véu lhe é retirado.**

João 8: 12 **Falou-lhes, pois, Jesus outra vez, dizendo: Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andará em trevas, mas terá a luz da vida. (RC)**

Ninguém deveria rever ou avaliar a sua vida somente em função daquilo que outras pessoas dizem, pois o chamado do Senhor também engloba as pessoas se prontificarem diante Dele com disposição de serem iluminadas por Ele para a verdade.

Nas Escrituras, Deus ensina que é invocando a Ele como Senhor em seu coração que um indivíduo é salvo pelo próprio Senhor daquilo que ele precisa ser salvo para receber a vida eterna.

O Senhor é livre para em várias situações orientar um indivíduo a buscar outras pessoas para receber destas algum conhecimento sobre as Escrituras, mas ainda assim é o Senhor que instrui uma pessoa a buscar aos seus semelhantes. Apesar de Deus cooperar na edificação de pessoas através dos dons onde uns servem aos outros, todo cristão é chamado a perceber que a primazia da instrução para a sua vida sempre pertencerá ao Senhor.

O Senhor pode considerar e leva em conta a ajuda de pessoas para anunciar à outras que elas podem buscar pessoalmente ou individualmente a Cristo. Mas para estabelecer um relacionamento mais próximo com a Luz de Cristo, Deus chama cada pessoa se levantar em fé diante de Cristo disposta a ser iluminada e esclarecida pelo próprio Senhor Jesus, pois somente Ele é o Sumo Sacerdote Celestial segundo a Ordem de Melquisedeque que pode dar novidade de vida interior e verdadeira instrução a todos.

Pessoas podem cooperar e anunciar as verdades das Escrituras, proclamá-las aos seus semelhantes para animá-los a buscarem a instrução para as suas vida em Deus, mas quem convence pessoas no mundo de tudo o que é mais relevante na vida é Cristo, através do Espírito Santo:

João 16: 7 **Todavia, digo-vos a verdade: que vos convém que eu vá, porque, se eu não for, o Consolador não virá a vós; mas, se eu for, enviar-vo-lo-ei.**

8 **E, quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, e da justiça, e do juízo:**

9 **do pecado, porque não creem em mim;**

10 **da justiça, porque vou para meu Pai, e não me vereis mais;**

11 **e do juízo, porque já o príncipe deste mundo está julgado.**

...

13 **Mas, quando vier aquele Espírito da verdade, ele vos guiará em toda a verdade, porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará o que há de vir.**

14 **Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar.**

15 Tudo quanto o Pai tem é meu; por isso, vos disse que há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar.

1 João 2: 27 Quanto a vós outros, a unção que dele recebestes permanece em vós, e não tendes necessidade de que alguém vos ensine; mas, como a sua unção vos ensina a respeito de todas as coisas, e é verdadeira, e não é falsa, permaneci nele, como também ela vos ensinou.

Quando uma pessoa se dispõe a ter o seu estado real avaliado por Cristo através da comunhão pessoal com Ele, o Senhor, através do Espírito Santo, envia-lhe a palavra viva que é afiada e poderosa para dividir todas as divergências entre o que é segundo a alma e o que é segundo o Espírito de Deus. A palavra que permite distinguir o que é apoio temporário e o que é fonte de vida eterna, e que separa aquilo tem aparência de verdade da verdade eterna, e assim por diante.

Hebreus 4: 12 Porque a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração.

13 E não há criatura que não seja manifesta na sua presença; pelo contrário, todas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas.

14 Tendo, pois, a Jesus, o Filho de Deus, como grande sumo sacerdote que penetrou os céus, conservemos firmes a nossa confissão.

15 Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado.

16 Achequemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna.

Diversas ordens similares à de Arão até não se importam muito quando uma pessoa quer trocar para outra ordem similar. Entretanto, muitas vezes elas se opõem intensamente quando alguém intenta ir diretamente a Cristo, em quem encontra-se a luz contra a qual as trevas ou os enganos mais dissimulados não conseguem prevalecer.

As ordens similares à de Arão visam manter as pessoas afastadas do contato pessoal e contínuo com Cristo, o Cabeça de todo o corpo. E para isto, criam até cultos denominados de especiais em torno de pregadores ou mensageiros (anjos) para divulgarem as mais mirabolantes visões que criaram em suas almas, chegando ao ponto de inclusive alegarem que Deus os escolheu para falar das suas visões a outros para que estes nem precisem buscar a Deus individualmente sobre qual “visão” deveriam seguir.

E não é isto um dos aspectos centrais do que a Ordem de Arão sempre propôs, ou seja, uma relação das pessoas com Deus baseada integralmente ou parcialmente em mediadores humanos fracos e inconstantes em seus propósitos e ações?

Colossenses 2: 18 **Ninguém se faça árbitro contra vós outros, pretextando humildade e culto dos anjos (ou mensageiros), baseando-se em visões, enfatuado, sem motivo algum, na sua mente carnal,**
19 e não retendo a cabeça, da qual todo o corpo, suprido e bem vinculado por suas juntas e ligamentos, cresce o crescimento que procede de Deus.
20 Se morrestes com Cristo para os rudimentos do mundo, por que, como se vivêsseis no mundo, vos sujeitais a ordenanças:
21 não manuseies isto, não proves aquilo, não toques aquilooutro,
22 segundo os preceitos e doutrinas dos homens? Pois que todas estas coisas, com o uso, se destroem.

ou

Colossenses 2: 18 **Ninguém vos domine a seu bel-prazer, com pretexto de humildade e culto dos anjos, metendo-se em coisas que não viu; estando debalde inchado na sua carnal compreensão,**
19 e não ligado à cabeça, da qual todo o corpo, provido e organizado pelas juntas e ligaduras, vai crescendo em aumento de Deus.
20 Se, pois, estais mortos com Cristo quanto aos rudimentos do mundo, por que vos carregam ainda de ordenanças, como se vivêsseis no mundo,
21 tais como: não toques, não proves, não manuseies?
22 As quais coisas todas perecem pelo uso, segundo os preceitos e doutrinas dos homens;
23 as quais têm, na verdade, alguma aparência de sabedoria, em devoção voluntária, humildade e em disciplina do corpo, mas não são de valor algum, senão para a satisfação da carne. (RC)

Conforme já comentado também no tópico anterior, a Ordem de Arão é semelhante a uma mulher adúltera que se diz ser de um, mas se inclina na prática a relacionamentos com outros a ponto de nem saber mais quais são os sintomas da sua própria deslealdade e daqueles que com ela se associam. Se declara ser de Deus, mas é a que menos quer que os seus associados tenham intimidade e relacionamento pessoal com Deus.

A Ordem de Arão quer o “nome de pertencer a Deus” para obter benefícios deste nome, mas não quer a fidelidade ao Único e Eterno Deus a ponto de ter que abrir mão de seguir as cobiças más da carne. E para isto, se associa a preceitos que obscurecem o entendimento dos males aos quais ela se sujeita.

Provérbios 5: 1 **Filho meu, atende a minha sabedoria; à minha inteligência inclina os ouvidos**
2 para que conserves a discricção, e os teus lábios guardem o conhecimento;
3 porque os lábios da mulher adúltera destilam favos de mel, e as suas palavras são mais suaves do que o azeite;
4 mas o fim dela é amargoso como o absinto, agudo, como a espada de dois gumes.

5 Os seus pés descem à morte; os seus passos conduzem-na ao inferno.

6 Ela não pondera a vereda da vida; anda errante nos seus caminhos e não o sabe.

Deus já revogou a Ordem de Arão através de Cristo Jesus. No entanto, ela também foi realocada para **uma parábola para a época presente** para servir de ensino que a raiz ou a causa do problema que gerou a Ordem de Arão ainda continua igualmente presente entre os seres humanos em todas as gerações.

O fato da Ordem de Arão ainda permanecer como **uma parábola para a época presente** é para que esta parábola sirva como parâmetro de detecção ou percepção de situações similares na vida das pessoas quando proposições e ações similares às da Ordem de Arão voltarem a tentar assolar as pessoas a cada nova geração.

A fonte geradora de injustiça sempre foi derivada da desconexão de indivíduos de um relacionamento pessoal e adequado com Deus, a qual, até hoje, procura se manifestar também através das proposições com aparência de piedade, mas que ocultam a tentativa de desconectar as pessoas de Cristo, o Sumo Sacerdote da única Ordem Sacerdotal aceita pelo Pai Celestial.

Se as pessoas podem vir a nem perceber que estão debaixo de um véu quando estão dissociadas da comunhão com Cristo e da sua luz por causa da associação à ordens sacerdotais similares à de Arão, ou se elas não conseguem nem ver os sintomas e o estado espiritual em que elas se encontram, elas estarão ainda muito mais limitadas para alcançarem por si próprias um adequado diagnóstico e solução para as suas vidas.

Desta forma, a não exposição de um indivíduo à luz Deus em seu coração não somente ofusca uma percepção apropriada da sua condição espiritual precária, mas também o leva a atuar sem a luz apropriada nos mais diversos aspectos práticos ou produtivos da sua vida.

Quando as pessoas não têm a luz do Senhor atuante em seus corações, elas replicam esta ausência de luz também para os seus relacionamentos familiares, para as suas profissões e para as mais diversas obras que realizam em suas vidas.

Portanto, reiterando mais uma vez este aspecto, uma avaliação adequada de sintomas, diagnósticos e prescrição de soluções para a vida espiritual, e por consequência também a natural, não o inverso, somente ocorre junto a Àquele que vê tudo e a todos, a saber: O Senhor Cristo Jesus, o Senhor sobre tudo e todos.

Mateus 11: 27 **Tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar.**

28 Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei.

29 Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma.

Considerando que o Senhor conhece a tudo e a todos, e tem autoridade sobre tudo e sobre todos, ainda que uma pessoa não esteja consciente do estado do seu próprio coração, se ela em oração se dirige a Cristo e clama pela sua ajuda, ela pode encontrar no Senhor a verdadeira luz para ver tanto os sintomas e o diagnóstico daquilo que os causa, assim como para encontrar a tão necessária salvação.

Nas Escrituras, encontramos muitas descrições de sintomas, diagnósticos e sobre a solução de Deus para as pessoas em todas as partes do mundo, mas ainda assim é Cristo que deseja guiar cada pessoa a compreender como ela pode vir a ter as Escrituras aplicadas em sua vida pessoal.

Cristo é aquele que instrui cada pessoa adequadamente para que esta também venha de fato a experimentar a “remoção sobre a sua vida de sacerdócios similares ao denominado primeiro sacerdócio” e que tentam impedi-la de inclusive ver a sua precária condição, assim como para que seja “estabelecida em sua vida o denominado segundo sacerdócio”, o sacerdócio da Ordem de Melquisedeque.

Nas Escrituras, há uma descrição ampla de onde a novidade de vida é encontrada e onde ela não é encontrada, mas assim como a leitura da bula de um remédio não caracteriza uma pessoa estar se expondo de fato ao remédio, assim também é necessário que uma pessoa que queira conhecer a provisão de Deus para a sua vida interior não se restrinja à letra escrita e avance para um relacionamento vivo com o Cristo que é o Sumo Sacerdote Eterno e em que está a novidade de vida eterna.

Portanto, também neste ponto entendemos que convém repetir um dos texto bases do material intitulado de Letra ou Vida, conforme segue:

*João 5: 39 **Examinai as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de mim.***
*40 **Contudo, não quereis vir a mim para terdes vida.***

É em Cristo Jesus que as Escrituras são associadas à sabedoria tão necessária a cada indivíduo para discernir o bem como também o mal, e para também vir a experimentar a salvação para a novidade de vida que do céu lhe é oferecida pelo Pai Celestial.

*2 Coríntios 4: 6 **Porque Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo.***

*Salmos 25: 5 **Guia-me na tua verdade e ensina-me, pois tu és o Deus da minha salvação, em quem eu espero todo o dia.***

*1 Coríntios 1: 30 **Mas vós sois dele, em Cristo Jesus, o qual se nos tornou, da parte de Deus, sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção,***
*31 **para que, como está escrito: Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor.***

K. Eis a Questão: Troca Periódica de Sacerdotes, Templos, Estruturas e Métodos ou Uma Troca Única para um Sacerdócio Único, Perfeito e que Permanece para Sempre?

Após abordar vários tópicos em que as Escrituras nos mostram os enormes contrastes que há entre a Ordem sacerdotal de Arão e a Ordem sacerdotal de Melquisedeque, gostaríamos de concluir o presente capítulo destacando mais uma vez o aspecto da inconstância que há na Ordem de Arão em contraste à firmeza ou condição inabalável da Ordem de Melquisedeque.

Tendo em mente que a Ordem de Arão é associada à fraca, infiel e volátil justiça própria do ser humano ou à inconstância da vida sob o governo da carne, ou ainda, do andar por vista e não por fé, as tentativas de viver e andar sob esta ordem ou similares a ela invariavelmente também acabam desembocando em caminhos e proposições inconstantes.

Pelo fato de que na Ordem de Arão (1) nem os sumos sacerdotes são constantes e permanentes, mas são sujeitos às mais diversas fraquezas e à morte, (2) a linhagem e as promessas desta ordem são corruptíveis, (3) as suas estruturas são terrenas e, portanto, sujeitas às fragilidades das coisas naturais, (4) esta ordem consome dons, recursos e vida sem poder corresponder o que as pessoas de fato necessitam, e pelo fato de (5) propor um caminho de negligência para com a luz celestial e uma avaliação do real estado da alma das pessoas, a Ordem de Arão inevitavelmente também conduz as pessoas associadas a ela a um ciclo vicioso de inconstância.

E, por sua vez, neste ciclo de inconstância, fica evidente que as pessoas associadas aos sacerdócios que usam princípios similares à Ordem de Arão muito frequentemente se tornam insatisfeitas com a condição na qual se encontram, levando-as ainda a outro pensamento igualmente inapropriado de que a solução para elas talvez esteja em fazer mudanças em sua ordem sacerdotal ou até mudarem para outros segmentos similares à ordem da qual estavam participando.

Sob o véu gerado pela associação à ordens sacerdotais com fundamentos fracos e inconstantes, e sem retornarem a Cristo e à sua ordem eterna, constante e inabalável, muitas pessoas ainda tentam aprimorar ou modificar aquilo ao qual estão associadas ou inclusive criar novas vertentes do que imaginam ser uma possível solução para as suas vidas, expondo-se a um contínuo ou periódico desafio de tentativas de mudanças dos tipos de sacerdócios aos quais servem e de readaptação à estas mudanças.

Sob o véu gerado pela associação à ordens sacerdotais com fundamentos fracos e instáveis, e sem retornarem a Cristo e à sua ordem eterna, constante e inabalável, muitas pessoas acabam entregando as suas preciosas vidas a um ciclo de tentativas e erros na expectativa de que poderão aperfeiçoar aquilo que não tem um fundamento constante e que, portanto, jamais poderá ser aperfeiçoado por mais empenho e recursos que sejam aplicados nestas tentativas.

Quando as pessoas insistem em permanecer associadas às ordens sacerdotais que se opõem à comunhão pessoal e direta com Deus, as pessoas começam a pensar nas mais diversas alternativas para tentarem eliminar as falhas destas ordens, variando desde a tentativa de substituição dos mediadores até as variações em seus pontos de referência de reunião e o que realizam nestes encontros.

Por negligenciarem a luz que pode iluminar a raiz dos problemas dos quais precisam ser libertas, muitas pessoas em ordens similares à Ordem de Arão vão de segmento em segmento destas ordens, vão de templo em templo ou escolhem trocar os sacerdote aos quais se expõem achando que a troca de segmento, templo, local, obreiro ou grupo de pessoas de uma parte da Ordem de Arão vai resolver o problema que somente pode ser resolvido se deixarem esta ordem e se voltarem para a ordem sacerdotal de Cristo.

Uma vez que as ordens que têm características similares à Ordem de Arão são fundamentadas em proposições do homem natural ou também do denominado mandamento carnal, é inevitável que também muitas divisões ocorram nelas, pois algumas das obras da carne mais evidenciadas nas Escrituras são precisamente as contendas, disputas, porfias e assim por diante.

Gálatas 5: 19 a 21 Ora, as obras da carne são conhecidas e são: ... idolatria, ... inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissensões, facções, invejas, ... e coisas semelhantes a estas, a respeito das quais eu vos declaro, como já, outrora, vos preveni, que não herdarão o reino de Deus os que tais coisas praticam.

Através das Escrituras, já vimos nos capítulos anteriores que se uma pessoa se diz ser de Paulo, Apolo, Pedro ou seja qualquer outra pessoa que não Cristo, ela demonstra um sintoma claro de que está agindo contrariamente a Ordem de Melquisedeque e sob o conceito da Ordem de Arão, evidenciado por Paulo ao descrever que isto é “andar segundo os homens ou a carne” e não segundo Deus.

E também é nesta opção de “andar segundo os homens” que um indivíduo se coloca sob uma condição de ficar exposto à inconstância das “coisas do homem natural”.

Alguns sacerdócios que se sujeitam aos preceitos da Ordem de Arão, ainda que somente em parte, podem inclusive ser aqueles que alegam que a “Igreja do Senhor” são os seus templos, instituições ou “as pessoas que são chamadas para saírem de suas casas e virem para os templos, congregações ou assembleias”, mas não conhecem ou se negam a reconhecer que a “Igreja do Senhor” são aqueles que individualmente tem a Cristo em suas vidas, que se mantêm unidos ao Único Cabeça do corpo e que não aceitam que Cristo seja dividido segundo as bandeiras e denominações que muitos a bel-prazer inventam e atribuem a si.

Entretanto, não importa quantas mudanças uma pessoa tente introduzir nos preceitos de ordens similares à Ordem de Arão ou quantas vezes uma pessoa tente trocar de segmento ou de sacerdotes em um dos ramos desta ordem, ela nunca encontrará nelas a solução de ser verdadeiramente livre no Espírito do Senhor, pois as ordens que procedem da Ordem de Arão tem o DNA da velha aliança e que se opõe ao livre e direto viver e andar de uma pessoa com Deus.

Se os sacerdotes ou obreiros da Ordem de Arão ou ordens similares a ela viessem a ensinar a verdade sem distorcê-la em seguida, eles estariam militando contra as suas próprias ordens, pois se eles reconhecerem o fato de que somente a Ordem de Melquisedeque é a verdadeira ordem sacerdotal que concede a novidade de vida vinda do reino celestial, eles mais uma vez estariam reafirmando a fraqueza, inutilidade e a razão pela qual estas ordens não são aceitáveis perante Deus.

Algo muito relevante a ser observado com especial a atenção nos sacerdócios similares ao da Ordem de Arão é que o primeiro ou o maior

problema deles não são as pessoas que nele ministram, mas o próprio conceito desta ordem sacerdotal que é constituído sob bases fracas e corruptíveis de um mandamento carnal.

A associação de pessoas à sacerdócios com características similares à Ordem de Arão corrompe os indivíduos que a eles se associam porque eles essencialmente são sistemas fracos, corruptíveis e corruptores de quem se associa a eles. E é isto que as Escrituras mencionam em Gálatas 5, em diversos outros textos e quando, em várias partes, se referem ao fermento que corrompe.

As ordens com características da Ordem de Arão até pregam e ensinam a palavra de Deus, mas o fazem com o fermento da doutrina da dependência de mediadores embutida em suas mensagens e ensinamentos. E onde o fermento é permitido atuar, é ele que prevalece naquela massa.

Gálatas 5: 9 Um pouco de fermento leveda toda a massa.

Na velha aliança, por séculos, as pessoas tinham a expectativa de que em cada troca do seu sumo sacerdote por outro poderia ocorrer uma solução melhor e duradoura. Entretanto, a espera sempre foi em vão porque aquilo que precisava ser trocado era todo o sistema sacerdotal, que finalmente foi declarado obsoleto pela vinda da superior aliança, não segundo a Ordem de Arão, mas segundo a Ordem de Melquisedeque.

O tabernáculo de Moisés, em relação ao qual as pessoas se alegraram ou celebraram no início do seu estabelecimento, na sequência virou um fardo difícil de ser carregado a cada deslocamento que o povo fazia.

Notemos bem: uma vez que as pessoas quiseram a visita de Deus em um local físico limitado e confinado, toda vez que o povo se locomovia, ele também tinha que levar o tabernáculo junto para o novo local, pois se não o fizessem, eles deixariam o local em que Deus deveria visitá-los para trás. Entretanto, pelo cansaço de carregar tão pesado fardo, muitas vezes de fato deixaram que aquele tabernáculo caísse em desprezo ou esquecimento.

Ainda em outro dos seus itens relacionados à tentativa de variar as suas atividades e de ocultar a sua contrariedade à vontade de Deus, os sacerdócios que usam preceitos da Ordem de Arão se enaltecem pelo fato de serem um meio de grande valia para o ensino dos filhos daqueles que são associados a eles. Entretanto, que benefício eles produzem para as crianças e jovens ensinando-os a serem dependentes de religiões e de mediadores humanos, e não do Senhor Jesus Cristo como é a vontade do Pai Celestial?

Assim, o contraste entre a Ordem de Arão e a Ordem de Melquisedeque continua tendo a mesma questão central que acompanhou a humanidade desde o dia que ela foi abordada pela serpente no jardim do Éden, e que, respectivamente, é viver e andar instruído e guiado por alguma parte da criação quanto aos aspectos fundamentais da vida ou viver e andar em comunhão com Deus e instruído pelo Senhor.

Se uma pessoa procurar se afastar de Deus ou também tentar viver pela Ordem de Arão, que é uma forma velada de querer ficar afastada de Deus e permanecer sendo guiada pela carne, ela poderá tentar trocar inúmeras vezes de sacerdotes, templos, estruturas, atividades, sistemáticas de ofertas, eventos e assim por diante, mas em todas estas tentativas, ela ainda estará tentando fugir do encontro pessoal e essencial

com Aquele Único diante do qual ela poderá se colocar para ser iluminada para a vida presente e também para a vida eterna, a saber, o Senhor Jesus Cristo.

Efésios 5: 14 ***Pelo que diz: Desperta, ó tu que dormes, levanta-te de entre os mortos, e Cristo te iluminará.***

João 17: 3 ***E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste.***

Como os sacerdócios com características similares à de Arão se opõem ao aspecto essencial do que Deus nos ensina ser a vida eterna, pois eles, de uma ou de outra forma, procuram apartar as pessoas de um contínuo relacionamento pessoal ou direto com Deus, o que eles acabam propondo também acabará sendo dissociado da característica de ser inabalável.

Como as ordens com características similares à Ordem de Arão oferecem alternativas de justificação segundo a instável justiça própria do ser humano, o que elas acabam propondo também sofrerá variações segundo a sua própria instabilidade.

Já em relação à Ordem Sacerdotal que procede do reino celestial, Deus nos ensina que somente há um caminho para uma pessoa encontrar um relacionamento adequado e vivo com o Senhor. E este caminho é, e sempre será, o Único Sumo Sacerdote Eterno da Ordem de Melquisedeque, Aquele que está assentado eternamente junto ao trono do Pai Celestial para atender e conceder plena salvação a todos que se achegarem a Deus através Dele.

Hebreus 7: 23 ***Ora, aqueles são feitos sacerdotes em maior número, porque são impedidos pela morte de continuar;***

24 este (Jesus), no entanto, porque continua para sempre, tem o seu sacerdócio imutável.

25 Por isso, também pode salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles.

Revedo aqui, então, alguns dos aspectos da Ordem de Melquisedeque, relembramos que esta ordem é a expressão do sacerdócio imutável, irrepreensível, incorruptível e inabalável para sempre, assim como é o Sumo Sacerdote Eterno designado pelo Pai Celestial para ela.

Portanto, quanto à escolha por um tipo de sacerdócio, voltamos às considerações do título do presente tópico, ou seja: Escolher um sacerdócio que periodicamente será exposto à troca de sacerdotes, templos, estruturas ou métodos, ou fazer uma escolha única e eterna para o único eterno e perfeito Sumo Sacerdote que é estabelecido segundo a Ordem de Melquisedeque que permanece para sempre?

Quão maravilhoso é sabermos que apesar de estarmos em um contexto tão inconstante ao nosso redor, temos em Deus a nosso dispor uma opção perfeita e eterna para nos salvar de toda inconstância humana e firmar os

nossos pés no fundamento que pode proporcionar também a nós uma condição eternamente inabalável.

*Hebreus 12: 26 **Aquele, cuja voz abalou, então, a terra; agora, porém, ele promete, dizendo: Ainda uma vez por todas, farei abalar não só a terra, mas também o céu.***

*27 **Ora, esta palavra: Ainda uma vez por todas significa a remoção dessas coisas abaladas, como tinham sido feitas, para que as coisas que não são abaladas permaneçam.***

*28 **Por isso, recebendo nós um reino inabalável, retenhamos a graça, pela qual sirvamos a Deus de modo agradável, com reverência e santo temor;***

*29 **porque o nosso Deus é fogo consumidor.***

C21. Quem era Melquisedeque?

No capítulo anterior, comentamos que o entendimento de algumas das principais características da Ordem de Melquisedeque poderia ser mais amplamente alcançado se fosse compreendido tanto o que vem a ser o termo *Ordem* e o que a vem ser o próprio nome de *Melquisedeque*.

Referir-se a um tipo de sacerdócio também pelo termo *ordem* é uma forma de fazer uma referência que visa abranger, ao mesmo tempo, todo o conjunto de leis, alianças, estruturas e comportamentos adotados em um sacerdócio, bem como o tipo de linhagem dos sumos sacerdotes que atuaram ou atuam em um determinado sacerdócio.

Referir-se a um tipo de sacerdócio também pelo termo *ordem* é agrupar absolutamente tudo o que é pertinente a um tipo de sacerdócio, fazendo, contudo, uma referência especial à origem e ao perfil dos sumos sacerdotes desta ordem.

O perfil ou tipo dos sumos sacerdotes de um determinado de sacerdócio é o que, na prática, definirá como este sacerdócio atuará de fato. Um tipo de sacerdócio, no final das contas, não poderá alcançar mais do que o sumo sacerdote daquela ordem poderá alcançar, ainda que a lei deste sacerdócio almeje e prometa alcançar mais do que o respectivo ou os respectivos sumos sacerdotes podem realizar.

Portanto, o nome de uma ordem sacerdotal, baseado no primeiro sumo sacerdote da ordem, define o limite, a capacidade e os defeitos de todos os sumos sacerdotes daquele tipo de sacerdócio ou, por outro lado, também define a condição ilimitada e perfeita do sumo sacerdote de uma ordem, se este for o caso.

A Ordem de Arão, por exemplo, foi introduzida na linhagem familiar ou genealogia de Levi, filho de Jacó, mostrando-nos que Arão foi o primeiro sumo sacerdote oficializado nesta ordem, mas mostrando-nos também o tipo do perfil que os demais sumo sacerdotes teriam.

Conforme já vimos no capítulo anterior, a linhagem de sumo sacerdotes da Ordem de Arão era sujeita à fraquezas como todo o povo que pretendiam representar. Além de serem também pecadores como o povo, necessitando oferecer sacrifícios por si próprios até antes de iniciarem o oferecimento dos sacrifícios em nome das pessoas que mediavam, os sacerdotes desta ordem eram sujeitos à morte e à inevitável substituição.

Uma vez que na Ordem de Arão nem mesmo o sumo sacerdote era perfeito, ou nem mesmo ele poderia chegar à perfeição através do próprio sacerdócio no qual servia, ficava evidente que todo o povo a quem este tipo de sacerdócio servia também não viria a ser aperfeiçoado.

Assim, seguindo as mesmas conceituações gerais sobre uma ordem sacerdotal, podemos passar a ver que o conceito de que o primeiro sumo sacerdote define toda a continuidade de um sacerdócio também se aplica à Ordem de Melquisedeque. E isto, para que possamos conhecer a linhagem do sumo sacerdote deste tipo de sacerdócio e as garantias que temos nesta linhagem.

Inicialmente, então, é essencial lembrar mais uma vez que a Ordem de Melquisedeque não tem nenhuma relação com a linhagem da Ordem de Arão. A Ordem de Melquisedeque não é herdeira da Ordem de Arão, e assim, ela não tem nenhum compromisso com a continuidade do tipo de sacerdócio chamado também de Levítico.

Vejam mais uma vez abaixo o texto que expõe este princípio:

*Hebreus 7: 12 **Pois, quando se muda o sacerdócio, necessariamente há também mudança de lei.***

*13 **Porque aquele de quem são ditas estas coisas pertence a outra tribo, da qual ninguém prestou serviço ao altar;***

*14 **pois é evidente que nosso Senhor procedeu de Judá, tribo à qual Moisés nunca atribuiu sacerdotes.***

*15 **E isto é ainda muito mais evidente, quando, à semelhança de Melquisedeque, se levanta outro sacerdote,***

*16 **constituído não conforme a lei de mandamento carnal, mas segundo o poder de vida indissolúvel.***

*17 **Porquanto se testifica: Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque.***

*18 **Portanto, por um lado, se revoga a anterior ordenança, por causa de sua fraqueza e inutilidade***

*19 **(pois a lei nunca aperfeiçoou coisa alguma), e, por outro lado, se introduz esperança superior, pela qual nos chegamos a Deus.***

Mas quando ou como, então, foi apresentado o primeiro sacerdote da Ordem de Melquisedeque a alguma pessoa no mundo?

Quem era este tal de Melquisedeque que serviu como referência à ordem sacerdotal na qual Deus estabeleceu a Cristo como o único Sumo Sacerdote Eterno?

Quem era este Melquisedeque que precedeu a revelação ao mundo do Sumo Sacerdote que não morre, que não tem defeitos e que também tem a perfeita provisão para ajudar nas debilidades aqueles que se achegam a Deus através Dele?

E precisamente em relação a este tema, encontramos um belíssimo enigma ou mistério da antiguidade que nos foi revelado em Cristo, ***em quem todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão ocultos*** para serem revelados no tempo apropriado para aqueles que buscam compreendê-los no Senhor.

Levi, um dos descendentes de Jacó, gerou também os seus descendentes. E de um descendentes, nasceu Arão, o qual foi feito o primeiro Sumo Sacerdote do povo que foi liberto da escravidão no Egito, sendo este sacerdócio também considerado como aquele que é de acordo com a lei de Moisés.

Entretanto, com Melquisedeque, tudo foi muito diferente.

Quando apareceu citado pela primeira vez nas Escrituras, Melquisedeque nem descendente de Abraão era.

Melquisedeque já era sacerdote do Deus Altíssimo antes sequer de Abraão ter tido um filho.

Portanto, apesar do Senhor Jesus ser considerado como descendente de Abraão, ele não recebeu o seu sacerdócio a partir de Abraão ou de qualquer um da linhagem de Abraão.

A primeira referência feita na Bíblia à Melquisedeque está em Gêneses 14 quando é descrito que Abraão voltava de uma guerra onde ele libertou a Ló, seu sobrinho, e diversas outras pessoas que foram aprisionadas por reis maus, conforme está exibido abaixo em uma parte do texto em referência:

Gênesis 14: 17 Após voltar Abrão de ferir a Quedorlaomer e aos reis que estavam com ele, saiu-lhe ao encontro o rei de Sodoma no vale de Savé, que é o vale do Rei.

18 Melquisedeque, rei de Salém, trouxe pão e vinho; era sacerdote do Deus Altíssimo;

19 abençoou ele a Abrão e disse: Bendito seja Abrão pelo Deus Altíssimo, que possui os céus e a terra;

20 e bendito seja o Deus Altíssimo, que entregou os teus adversários nas tuas mãos. E de tudo lhe deu Abrão o dízimo.

21 Então, disse o rei de Sodoma a Abrão: Dá-me as pessoas, e os bens ficarão contigo.

22 Mas Abrão lhe respondeu: Levanto a mão ao SENHOR, o Deus Altíssimo, o que possui os céus e a terra,

23 e juro que nada tomarei de tudo o que te pertence, nem um fio, nem uma correia de sandália, para que não digas: Eu enriqueci a Abrão;

24 nada quero para mim, senão o que os rapazes comeram e a parte que toca aos homens Aner, Escol e Manre, que foram comigo; estes que tomem o seu quinhão.

Apesar do breve relato deste último texto, ele é muito significativo na compreensão da origem do sacerdócio segundo a Ordem de Melquisedeque.

Depois que Abraão retornou vitorioso de uma grande batalha, e quando ainda era chamado de Abrão, ele estava no vale de Savé e que quer dizer vale do Rei.

Abraão não era rei. Era um homem comum que Deus visitara em Ur dos Caldeus, chamando-o para sair da sua terra natal a fim de seguir, mediante a fé, a instrução do Senhor para onde Ele o guiasse a ir.

E Abraão, mediante a fé, de fato seguiu a Deus que havia falado com ele. Em seu coração, Abraão confiou que o Senhor estava falando com ele, e por isto, adotou a postura de continuar seguindo as suas instruções até chegar à terra na qual Deus prometeu estabelecê-lo e torná-lo em uma grande nação.

Mediante a fé, Abraão foi um homem que livremente optou em confiar em Deus e seguir aquilo que o Senhor lhe instruía a fazer, alcançando também desta forma o lugar que Deus lhe apontou para se estabelecer.

Posteriormente, porém, quando Abraão já habitava na terra prometida, houve uma guerra da qual vimos o resultado no último texto exposto acima.

Seguindo ainda o texto em referência, podemos ver que depois que Abraão voltou da mencionada batalha, dois reis se apresentam a ele no vale de Savé.

Naquela época, era costume as pessoas fazerem alianças com reis para contarem com seu apoio e proteção.

Entretanto, pelo que podemos extrair da história de Gênesis 14, nenhum rei havia procurado Abraão para fazer uma aliança com ele até o momento referenciado no texto.

Além disso, no mesmo contexto, podemos também ver que pela primeira vez surge a figura de Melquisedeque. E este Melquisedeque era completamente novo no cenário, enquanto o rei de Sodoma já habitava ali há algum tempo e pelo visto jamais havia procurado a Abraão até os dias que sucederam a batalha narrada acima.

Os reis que atacaram a Sodoma e levaram a Ló e a sua família cativos também saquearam as cidades de Sodoma e Gomorra, e levaram cativo uma parte do povo destas cidades.

Desta forma, fica notório que o rei de Sodoma, e outros reis associados a ele, tinham interesse em encontrar com Abraão, pois como vencedor da batalha, Abraão agora tinha sob sua tutela o povo destes reis e grande parte dos seus bens.

O que cinco reis não conseguiram fazer contra quatro reis que os atacaram, Abraão fez só com os valentes que moravam na sua casa. E por isto, certamente este homem chamado naquele tempo de Abrão ficou em grande evidência entre as pessoas de sua região.

Entretanto, antes do encontro de Abraão com o rei de Sodoma que habitava em terras próximas ao local em que Abraão estava se estabelecendo, ou mesmo junto com este encontro, ou ainda em meio a este encontro, aparece um rei inusitado, o rei chamado de Melquisedeque, ou também referenciado no texto como o rei de Salém.

Além disso, Melquisedeque, ao se introduzir diante de Abraão, trouxe algo consigo. Ele trouxe pão e vinho, porque este Melquisedeque também era sacerdote do Deus Altíssimo, do Deus Criador dos Céus e da Terra, e do Senhor de quem Abraão ouvira a voz e a quem ele seguiu mediante a fé.

E como sacerdote, juntamente com o pão e vinho que trouxera, Melquisedeque, já ao chegar, abençoou a Abraão dizendo:

***Bendito seja Abrão pelo Deus Altíssimo, que possui os céus e a terra;
e bendito seja o Deus Altíssimo, que entregou os teus adversários
nas tuas mãos.***

Relendo o texto acima outra vez, podemos observar nele vários detalhes do que Melquisedeque disse, tais como:

- ⇒ 1) Ele declarou que Abraão fosse Bendito (abençoado) pelo Deus Altíssimo;
- ⇒ 2) Ele declarou que este Deus Altíssimo é o Deus que tudo possui nos Céus e na Terra;
- ⇒ 3) Ele declarou que o Deus Altíssimo também fosse bendito pelo que fez por Abraão;
- ⇒ 4) Ele declarou que foi Deus que entregou os adversários de Abraão nas suas mãos, e assim, que não foi primeiramente a estratégia e a força dos guerreiros de Abraão que lhe permitiram alcançar a vitória.

O que, então, este Melquisedeque, que de repente se apresentou a Abraão, estava fazendo?

Quando Melquisedeque se apresentou diante de Abraão, ele se apresentou como aquele que estava “mediando e mostrando de maneira mais ampla” a relação de Deus com Abraão e de Abraão com Deus, onde a base desta “mediação” era o pão e o vinho que o próprio Melquisedeque trouxera.

Ora, pão e vinho são os elementos simbólicos em toda a Bíblia para fazer referência a uma apropriada comunhão.

Melquisedeque se apresentou à Abraão para que este pudesse tomar mais consciência de como Deus era com ele na prática, guardando-o e fazendo-o vitorioso quando se levantava para andar em fé e fazer o bem.

Melquisedeque também falou que “Deus fosse bendito” pelo que o próprio Deus fizera através de Abraão.

Melquisedeque se apresentou diante de Abraão para lhe para mostrar que Deus já havia abençoado a Abraão antes mesmo deste entrar na batalha, assim como para tornar claro a Abraão que ele só havia vencido os inimigos porque Deus havia estado com ele.

Assim, o serviço do Sacerdote Melquisedeque foi “mediar” a benção de Deus para aqueles que confiam em Deus e, por outro lado, bendizer a Deus pelo que o Senhor faz na Terra, para com as pessoas e através das pessoas que o Senhor abençoa.

Notemos ainda, que Melquisedeque não esperou receber algo de Abraão para lhe oferecer comunhão, assim como Melquisedeque não esperou receber algo de Abraão para lhe abençoar.

Melquisedeque veio “em nome de Deus” e bendisse a Abraão, e isto, sem pedir qualquer coisa da parte de Abraão.

Tudo o que Melquisedeque fez no encontro com Abraão, ele o fez previamente ou independentemente de qualquer ação de retribuição de Abraão.

No texto em referência, lemos que depois que Abraão foi abençoado pelas palavras de Melquisedeque, ele deu, por sua própria e livre vontade, o dízimo do despojo da batalha a este sacerdote que havia vindo ao seu encontro. E notemos ainda que “ele deu”, “não pagou”.

***Melquisedeque, rei de Salém, trouxe pão e vinho; era sacerdote do Deus Altíssimo;
abençoou ele a Abrão e disse: Bendito seja Abrão pelo Deus Altíssimo, que possui os céus e a terra;
e bendito seja o Deus Altíssimo, que entregou os teus adversários nas tuas mãos.
E de tudo (de todo despojo da batalha) lhe deu Abrão o dízimo.***

E depois do ocorrido acima, o texto que encontramos em todo o livro de Gênesis não fala mais nada especificamente sobre o relacionamento entre Melquisedeque e Abraão.

Continuando ainda um pouco mais, vemos que depois que as descrições das ações entre Melquisedeque e Abraão finalizam em Gênesis 14, o rei de Sodoma se introduz e oferece um acordo ou até uma paga para Abraão pelo que Abraão fizera em favor do povo de Sodoma.

Então, disse o rei de Sodoma a Abrão: Dá-me as pessoas, e os bens ficarão contigo.

A posição adotada pelo rei de Sodoma parece até uma atitude razoável a ser feita.

Entretanto, Abraão percebeu ou sabia que o rei de Sodoma não era um rei confiável, assim como também não era a sua proposta.

Mas por que Abraão entendeu a proposição do rei de Sodoma como não correta ou não apropriada?

Vamos ver abaixo mais alguns detalhes sobre os fatos em referência.

Não havia Melquisedeque recém acabado de mostrar a Abraão que fora Deus que lhe havia concedido a vitória, e não o braço de Abraão, sua força e seu exército caseiro?

Portanto, se Abraão recebesse a paga do rei de Sodoma para liberar o povo desta cidade, ele aceitaria a glória da conquista para si e para o seu próprio exército, e estaria tomando para si próprio a glória pertencente ao Deus Altíssimo. E desta forma, também estaria desprezando a comunhão, a benção e as palavras que Melquisedeque recém havia lhe conferido.

Abraão entendeu que ele não poderia receber a paga de homens por aquilo que Deus havia feito naquela situação para libertar o seu sobrinho Ló e o povo que havia sido levado cativo.

Abraão entendeu que Deus poderia usá-lo para que vidas fossem salvas sem que ele tivesse que cobrar ou tomar das vidas salvas o que pertencia a elas antes de serem salvas, sinalizando provavelmente também que a salvação a ser oferecida séculos depois pelo Senhor para libertar as pessoas do cativeiro do pecado e da lei seria concedida mediante a graça e não por paga ou obra de justiça humana.

Através da comunhão com Abraão, Melquisedeque esclareceu que foi Deus que concedeu aquela vitória específica a Abraão para salvar as vidas que haviam sido aprisionadas por reis maus.

A guerra entre os referidos reis, em princípio, não era uma guerra que havia sido feita diretamente contra Abraão, a sua casa ou seus pertences. Abraão acabou fazendo parte deste cenário de guerra para salvar a vida do seu sobrinho Ló e da sua família da escravidão e opressão daqueles reis maus. E neste intento de libertar o seu sobrinho e, por consequência, também muitas outras pessoas, Deus abençoou a Abraão.

Depois do fim da referida batalha, Abraão não precisava cobrar pela ação que fez, pois ele já era um homem abençoado e provido por Deus antes desta guerra. Somente pelo fato de estar seguindo em fé o que Deus havia lhe instruído a fazer, Abraão já desfrutava da graça de ser considerado um homem abençoado diante de Deus. Ele não precisava pilhar ou espoliar as pessoas que foram libertas na batalha e muito menos receber a paga pelo que Deus fizera por intermédio dele neste evento.

Da mesma forma, pelo fato de ter podido atuar para beneficiar as pessoas que foram libertas na batalha, Abraão não reivindicou aquelas pessoas para passarem a estar debaixo do seu domínio.

Além disso, Abraão ainda realizou outro gesto nobre. Ele não impôs a outros a sua opção pessoal de não aceitar a paga pela libertação que por meio dele foi provida a muitos, deixando os outros livres para decidirem por si próprios se adotariam ou não uma postura similar.

Assim, depois que a guerra havia acabado e Melquisedeque havia vindo ao seu encontro, Abraão se recusou a ficar com qualquer coisa do rei de Sodoma que pudesse manchar aquilo que Deus lhe tinha permitido realizar:

Então, disse o rei de Sodoma a Abrão: Dá-me as pessoas, e os bens ficarão contigo.

Mas Abrão lhe respondeu: Levanto a mão ao SENHOR, o Deus Altíssimo, o que possui os céus e a terra, e juro que nada tomarei de tudo o que te pertence, nem um fio, nem uma correia de sandália, para que não digas: Eu enriqueci a Abrão; nada quero para mim, senão o que os rapazes comeram e a parte que toca aos homens Aner, Escol e Manre, que foram comigo; estes que tomem o seu quinhão.

Continuando ainda na sequência dos fatos acima mencionados ou depois que Abraão recusou a proposta feita a ele pelo rei de Sodoma, e isto para permanecer sob as palavras e a benção de Melquisedeque e do Deus Altíssimo, vemos que as Escrituras, a partir de Genesis 15, nos informam que Deus fez uma aliança com Abraão, dizendo que lhe daria um descendente, um herdeiro de todas as promessas que Deus lhe fizera para a benção de todos os povos e famílias da Terra, cujo texto começa da seguinte forma:

Gênesis 15: 1 Depois destes acontecimentos, veio a palavra do SENHOR a Abrão, numa visão, e disse: Não temas, Abrão, eu sou o teu escudo, e teu galardão será sobremodo grande.

O que foi anunciado a Abraão naqueles dias que sucederam à visita de Melquisedeque, de forma alguma foram palavras de pouco significado e de pouca repercussão sobre as gerações vindouras dos descendentes de Abraão, mas também para o mundo inteiro. Repercussão está, que se tornou muito mais evidente quando o eterno herdeiro de Abraão foi amplamente revelado por Deus ao mundo, conforme nos é explicado também no seguinte texto escrito vários séculos após:

Gálatas 3: 8 Ora, tendo a Escritura previsto que Deus justificaria pela fé os gentios, preanunciou o evangelho a Abraão: Em ti, serão abençoados todos os povos.

...

16 Ora, as promessas foram feitas a Abraão e ao seu descendente. Não diz: E aos descendentes, como se falando de muitos, porém como de um só: E ao teu descendente, que é Cristo.

17 E digo isto: uma aliança já anteriormente confirmada por Deus, a lei, que veio quatrocentos e trinta anos depois, não a pode ab-rogar, de forma que venha a desfazer a promessa.

18 Porque, se a herança provém de lei, já não decorre de promessa; mas foi pela promessa que Deus a concedeu gratuitamente a Abraão.

Ao retornar a estes fatos da história de Abraão, entendemos ser muito significativo destacar mais uma vez que a promessa de Deus de conceder a Abraão um herdeiro no

qual os povos da Terra e as suas famílias seriam abençoados foi dada antes da existência de qualquer aspecto da lei de Moisés ou da Ordem de Arão, e foi dada de tal forma que a lei de Moisés, que veio posteriormente, não tivesse qualquer força ou valia para revogar a promessa anteriormente feita por Deus.

A promessa dada por Deus à Abraão, logo após a visita de Melquisedeque e que fazia referência a um herdeiro eterno que representaria uma bênção para as pessoas de todas as nações e povos, era superior à qualquer lei que pudesse vir a ser introduzida posteriormente.

Deus permitiu que a lei de Moisés fosse introduzida somente séculos após a promessa e por um intervalo com início e fim estabelecidos para que, no tempo oportuno, e não de acordo com a lei, a promessa feita a Abraão se cumprisse em Cristo Jesus.

*Gálatas 3: 18 **Porque, se a herança provém de lei, já não decorre de promessa; mas foi pela promessa que Deus a concedeu gratuitamente a Abraão.***

*19 **Qual, pois, a razão de ser da lei? Foi adicionada por causa das transgressões, até que viesse o descendente a quem se fez a promessa, e foi promulgada por meio de anjos, pela mão de um mediador.***

*20 **Ora, o mediador não é de um, mas Deus é um.***

*21 **É, porventura, a lei contrária às promessas de Deus? De modo nenhum! Porque, se fosse promulgada uma lei que pudesse dar vida, a justiça, na verdade, seria procedente de lei.***

Portanto, como um dos primeiros pontos a respeito de quem Melquisedeque era, gostaríamos de destacar que o fato dele ser citado somente uma vez e muito brevemente no livro de Gênesis não significa que esta menção seja de pouco significado ou esclarecimento no que tange à questão de ordens sacerdotais, pois esta menção única de Melquisedeque no tempo de vida de Abraão também nos confirma que um sacerdócio segundo a Ordem de Melquisedeque inclusive é precedente à promessa do herdeiro. Assim, ele também é precedente à existência de Arão e precedente à existência de qualquer aspecto da lei de Moisés, da primeira aliança, do denominado primeiro sacerdócio ou do sacerdócio levítico.

Avançando um pouco mais nas Escrituras, como um segundo aspecto na averiguação de quem era Melquisedeque, podemos ver que o seu nome é citado ainda mais uma vez nos Salmos antes de ser citado e esclarecido posteriormente no livro de Hebreus, a saber um salmo proferido pelo Rei Davi, conforme segue:

*Salmos 110: 1 **Disse o SENHOR ao meu senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés.***

*2 **O SENHOR enviará de Sião o cetro do seu poder, dizendo: Domina entre os teus inimigos.***

*3 **Apresentar-se-á voluntariamente o teu povo, no dia do teu poder; com santos ornamentos, como o orvalho emergindo da aurora, serão os teus jovens.***

*4 **O SENHOR jurou e não se arrepende: Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque.***

Podemos notar que neste Salmo, é dito que “**o Senhor disse ao meu Senhor**” que Ele, o segundo Senhor em referência, era sacerdote eterno segundo a ordem de Melquisedeque.

Séculos mais tarde, o Senhor Jesus Cristo cita o salmo acima, fazendo referência a si próprio como o Cristo a quem o Senhor falou e ao qual Davi fez referência, conforme segue:

- Mateus 22: 41 Reunidos os fariseus, interrogou-os Jesus:*
42 Que pensais vós do Cristo? De quem é filho? Responderam-lhe eles: De Davi.
43 Replicou-lhes Jesus: Como, pois, Davi, pelo Espírito, chama-lhe Senhor, dizendo:
44 Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés?
45 Se Davi, pois, lhe chama Senhor, como é ele seu filho?
46 E ninguém lhe podia responder palavra, nem ousou alguém, a partir daquele dia, fazer-lhe perguntas.

- Marcos 12: 35 Jesus, ensinando no templo, perguntou: Como dizem os escribas que o Cristo é filho de Davi?*
36 O próprio Davi falou, pelo Espírito Santo: Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés.
37 O mesmo Davi chama-lhe Senhor; como, pois, é ele seu filho? E a grande multidão o ouvia com prazer.

Ainda Pedro, no primeiro discurso dele descrito em Atos, também faz referência à condição superior de Cristo, afirmando que o Senhor Jesus é o Senhor de Davi a quem o Senhor do Senhor havia falado.

- Atos 2: 25 Porque a respeito dele diz Davi: Diante de mim via sempre o Senhor, porque está à minha direita, para que eu não seja abalado.*
26 Por isso, se alegrou o meu coração, e a minha língua exultou; além disto, também a minha própria carne repousará em esperança,
27 porque não deixarás a minha alma na morte, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção.
28 Fizeste-me conhecer os caminhos da vida, encher-me-ás de alegria na tua presença.
29 Irmãos, seja-me permitido dizer-vos claramente a respeito do patriarca Davi que ele morreu e foi sepultado, e o seu túmulo permanece entre nós até hoje.
30 Sendo, pois, profeta e sabendo que Deus lhe havia jurado que um dos seus descendentes se assentaria no seu trono,
31 prevendo isto, referiu-se à ressurreição de Cristo, que nem foi deixado na morte, nem o seu corpo experimentou corrupção.
32 A este Jesus Deus ressuscitou, do que todos nós somos testemunhas.

- 33 Exaltado, pois, à destra de Deus, tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vedes e ouvis.**
- 34 Porque Davi não subiu aos céus, mas ele mesmo declara: Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita,**
- 35 até que eu ponha os teus inimigos por estrado dos teus pés.**
- 36 Esteja absolutamente certa, pois, toda a casa de Israel de que a este Jesus, que vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo.**
-

Assim, as referências do próprio Senhor Jesus e de Pedro ao Salmo 110 apontam, igualmente, para o Senhor Jesus Cristo.

Também outro aspecto interessante a ser observado no Salmo 110 é que o Senhor Deus diz ao Senhor de Davi, ou seja, ao Senhor Jesus Cristo, que:

Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque.

No Salmo 110, não diz que o Senhor a quem o Senhor se refere foi sacerdote ou que Ele viria a ser sacerdote, mas diz que **“*Tu és Sacerdote para sempre*”**.

Seguindo ainda nos Salmos, outra referência pela qual pode ser observada a questão eterna ou celestial da Ordem de Melquisedeque é a menção à Salém, onde o sacerdote Melquisedeque também é rei, e quando Salém é equiparada à Sião, o local da morada eterna de Deus, conforme o segue:

Salmo 76: 1 Conhecido é Deus em Judá; grande, o seu nome em Israel.
2 Em Salém, está o seu tabernáculo, e, em Sião, a sua morada.

A Ordem de Melquisedeque procede de Salém, quer dizer *paz*. Ou seja, ela vem da morada de Deus, do lugar da eterna paz de Deus. Ela vem do tabernáculo celestial que já estava preparado no céu antes de existir o terreno, pois o tabernáculo de Moisés era somente como uma sombra do verdadeiro que já existia.

Quem, então, era Melquisedeque?

Vamos observar mais uma vez o Salmo 110 sob a ótica do Senhor Jesus Cristo ter considerado as palavras proferidas neste salmo como relacionados a si próprio.

Quando o Senhor Jesus correlaciona as palavras de Davi a si próprio, Ele anuncia que apesar Dele ser considerado como descendente de Davi, Ele, Jesus, já era o Senhor de Davi quando Davi proferiu o referido Salmo.

Similarmente, em seu testemunho, e apesar de João Batista ter nascido antes do nascimento de Cristo como o Filho do Homem, João Batista declara que o Senhor Jesus tinha a primazia sobre ele porque Cristo já existia antes dele.

João 1: 14 E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai.
15 João testemunha a respeito dele e exclama: Este é o de quem eu disse: o que vem depois de mim tem, contudo, a primazia, porquanto já existia antes de mim.

Quando o Senhor Jesus disse que Davi disse que Ele, Jesus, era o seu Senhor, Davi estava dizendo que o rei que descenderia dele era e seria também o Senhor da sua vida. Ou seja, Davi estava de antemão profetizando que o Senhor Jesus, apesar de seu descendente, era maior que ele porque este Jesus é Aquele que se assenta à destra do trono de Deus.

Como rei e antecessor na questão de linhagem real, Davi estava dizendo que o seu descendente era e seria rei inclusive sobre ele.

Ainda em outra conversa do Senhor Jesus Cristo com alguns judeus, Ele disse:

*João 8: 49 **Replicou Jesus: Eu não tenho demônio; pelo contrário, honro a meu Pai, e vós me desonrais.***

*50 **Eu não procuro a minha própria glória; há quem a busque e julgue.***

*51 **Em verdade, em verdade vos digo: se alguém guardar a minha palavra, não verá a morte, eternamente.***

*52 **Disseram-lhe os judeus: Agora, estamos certos de que tens demônio. Abraão morreu, e também os profetas, e tu dizes: Se alguém guardar a minha palavra, não provará a morte, eternamente.***

*53 **És maior do que Abraão, o nosso pai, que morreu? Também os profetas morreram. Quem, pois, te fazes ser?***

*54 **Respondeu Jesus: Se eu me glorifico a mim mesmo, a minha glória nada é; quem me glorifica é meu Pai, o qual vós dizeis que é vosso Deus.***

*55 **Entretanto, vós não o tendes conhecido; eu, porém, o conheço. Se eu disser que não o conheço, serei como vós: mentiroso; mas eu o conheço e guardo a sua palavra.***

*56 **Abraão, vosso pai, alegrou-se por ver o meu dia, viu-o e regozijou-se.***

*57 **Perguntaram-lhe, pois, os judeus: Ainda não tens cinquenta anos e viste Abraão?***

*58 **Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade eu vos digo: antes que Abraão existisse, EU SOU.***

Quem era, então, aquele que surgiu perante Abraão como sacerdote do Deus Altíssimo com o nome de Melquisedeque e trouxe pão e vinho, os elementos da aliança de Cristo conosco?

Para focarmos a resposta à pergunta acima mais objetivamente, vejamos ainda o texto no livro de Hebreus que nos expõe o referido tema mais amplamente:

*Hebreus 6: 20 ... **onde Jesus, como precursor, entrou por nós, tendo-se tornado sumo sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque.***

*7: 1 **Porque este Melquisedeque, rei de Salém, sacerdote do Deus Altíssimo, que saiu ao encontro de Abraão, quando voltava da matança dos reis, e o abençoou,***

2 para o qual também Abraão separou o dízimo de tudo (primeiramente se interpreta rei de justiça, depois também é rei de Salém, ou seja, rei de paz;

3 sem pai, sem mãe, sem genealogia; que não teve princípio de dias, nem fim de existência, entretanto, feito semelhante ao Filho de Deus), permanece sacerdote perpetuamente.

Ora, observemos bem o texto do livro de Hebreus citado acima.

O Melquisedeque que se apresentou a Abraão, não tinha pai e mãe no sentido da genealogia humana, assim como não teve princípio de dias, nem fim de existência. Quem, então, poderia ele ser?

Quem existiu antes de qualquer ser humano ter sido criado? Quem veio do Pai Celestial para prover a oferta perfeita para um sumo sacerdote perfeito apresentá-la a Deus em favor de todos os seres humanos para estes poderem ter um caminho de reconciliação com o Pai Celestial?

Se uma ordem sacerdotal somente tem um sumo sacerdote ativo e Melquisedeque não tem fim de existência, e Cristo foi feito o Sumo Sacerdote Eterno segundo a Ordem de Melquisedeque, quem mais poderia ser este Melquisedeque a não ser Aquele que estava com Deus, era Deus e desde sempre teve a primazia sobre toda criação?

João 1: 1 No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.

2 Ele estava no princípio com Deus.

3 Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez.

4 A vida estava nele e a vida era a luz dos homens.

5 A luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela.

...

9 a saber, a verdadeira luz, que, vinda ao mundo, ilumina a todo homem.

A referência de Hebreus 7 a respeito de Melquisedeque ainda nos informa que: ***feito semelhante ao Filho de Deus, permanece sacerdote para sempre.***

Portanto, qual outro, a não ser o Senhor Jesus Cristo, que sempre nos foi apresentado pelo Pai Celestial como o seu Filho Unigênito e que também assumiu a condição de Filho do Homem para nos prover redenção e salvação eterna?

João 3: 16 Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.

Se recordarmos também o aspecto de que Melquisedeque era rei de Salém, que significa paz, isto não nos arremete semelhantemente para o único que é chamado de *Príncipe da Paz* nas Escrituras e que nos é oferecido como o caminho para a paz com Deus?

Isaiás 9: 6 **Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz.**

Romanos 5: 1 **Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo.**

2 por intermédio de quem obtivemos igualmente acesso, pela fé, a esta graça na qual estamos firmes; e gloriamo-nos na esperança da glória de Deus.

Além disso, olhando ainda para o último texto acima, através de quem Abraão foi iluminado para saber que a vitória que obtivera sobre os reis maus lhe fora dada pelo Deus Altíssimo?

Quem ensinou a Abraão atribuir toda a glória a Deus a não ser Aquele através de quem toda a glória eterna é atribuída ao Deus único e eternamente sábio?

Romanos 16: 24 **A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja com todos vós. Amém!**

25 Ora, àquele que é poderoso para vos confirmar segundo o meu evangelho e a pregação de Jesus Cristo, conforme a revelação do mistério guardado em silêncio nos tempos eternos,

26 e que, agora, se tornou manifesto e foi dado a conhecer por meio das Escrituras proféticas, segundo o mandamento do Deus eterno, para a obediência por fé, entre todas as nações,

27 ao Deus único e sábio seja dada glória, por meio de Jesus Cristo, pelos séculos dos séculos. Amém!

Ainda outro aspecto relacionado à Melquisedeque e ao Senhor Jesus Cristo é o fato de que *Melquisedeque* significa *meu rei é Sedeque* e, por sua vez, *Sedeque* significa *justiça*, ou ainda, que Melquisedeque equivale também a dizer *rei da justiça*. (Definições de acordo com os comentários associados ao Léxico de Strong na Online Bible).

E conforme já comentamos em capítulos anteriores, no estudo do Evangelho da Justiça de Deus e ainda iremos abordar em capítulos mais à frente, **o Senhor Jesus Cristo também é aquele que foi feito “nossa justiça” ou “nossa justificação” para todo o sempre, e que, portanto, é o eterno “Rei da Justiça”.**

Romanos 3: 24 ... **sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus,**

25 a quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para manifestar a sua justiça, por ter Deus, na sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos;

26 tendo em vista a manifestação da sua justiça no tempo presente, para ele mesmo ser justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus.

*1 Coríntios 6: 11(b) ... **mas fostes justificados em o nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito do nosso Deus.***

*1 Coríntios 1: 30 **Mas vós sois dele, em Cristo Jesus, o qual se nos tornou, da parte de Deus, sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção,**
31 **para que, como está escrito: Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor.***

*Romanos 10: 4 **Porque o fim da lei é Cristo, para justiça de todo aquele que crê.***

Portanto, apesar de não haver nas Escrituras uma expressão direta dizendo que Melquisedeque é o próprio Senhor Jesus, todas as características apontam e evidenciam que Cristo, o Filho eterno do Deus Altíssimo, sempre foi eternamente o Único Sacerdote Eterno perante o Pai Celestial.

Após a vinda do Filho de Deus em carne ao mundo, ter nascido de mulher e ter se tornado Filho do Homem, o Melquisedeque Eterno também passou a ser revelado ao mundo através do nome de Jesus. E em Jesus, o Cristo, o Filho de Deus Eterno que sempre existiu, temos o Sumo Sacerdote Eterno e agora também o Filho do Homem ressurreto revelado numa só pessoa, sendo Ele Aquele que sempre esteve diante de Deus como o Melquisedeque Eterno, aquele *que não teve princípio de dias, nem fim de existência.*

O Filho de Deus sempre foi o Sumo Sacerdote diante de Deus. Entretanto, depois que Ele foi feito Filho do Homem, agora Ele também é o Sumo Sacerdote Eterno que viveu a condição do homem e demonstrou que pode compadecer-se perfeitamente das fraquezas daqueles que a Ele se achegam para, através Dele, também se achegarem com confiança a Deus.

*Hebreus 4: 14 **Tendo, pois, a Jesus, o Filho de Deus, como grande sumo sacerdote que penetrou os céus, conservemos firmes a nossa confissão.***

*15 **Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado.***

*16 **Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna.***

O Filho de Deus, e que se apresentou a Abraão também como Melquisedeque, sempre esteve diante de Deus. Entretanto, para se manifestar perfeito aos homens para que estes cressem Nele, Ele se fez carne, habitou entre nós, tomou sobre si a culpa do nosso pecado, morreu

como o sacrifício perfeito, mas também ressuscitou dentre os mortos e voltou à posição de Filho de Deus e Sumo Sacerdote Eterno diante do trono de Deus.

E agora, como Filho de Deus, Soberano Eternamente, existente antes de Abraão, Davi e João Batista, mas também como Filho do Homem descendente de Abraão, de Judá e de Davi, Ele está à direita de Deus para nos assistir também no presente e na eternidade que está por vir.

João 8: 56 Respondeu Jesus: ... Abraão, vosso pai, alegrou-se por ver o meu dia, viu-o e regozijou-se.

- Hebreus 2: 10 Porque convinha que aquele, por cuja causa e por quem todas as coisas existem, conduzindo muitos filhos à glória, aperfeiçoasse, por meio de sofrimentos, o Autor da salvação deles.*
- 11 Pois, tanto o que santifica como os que são santificados, todos vêm de um só. Por isso, é que ele não se envergonha de lhes chamar irmãos,*
- 12 dizendo: A meus irmãos declararei o teu nome, cantar-te-ei louvores no meio da congregação.*
- 13 E outra vez: Eu porei nele a minha confiança. E ainda: Eis aqui estou eu e os filhos que Deus me deu.*
- 14 Visto, pois, que os filhos têm participação comum de carne e sangue, destes também ele, igualmente, participou, para que, por sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo,*
- 15 e livrasse todos que, pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida.*
- 16 Pois ele, evidentemente, não socorre anjos, mas socorre a descendência de Abraão.*
- 17 Por isso mesmo, convinha que, em todas as coisas, se tornasse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote nas coisas referentes a Deus e para fazer propiciação pelos pecados do povo.*
- 18 Pois, naquilo que ele mesmo sofreu, tendo sido tentado, é poderoso para socorrer os que são tentados.*
- 3: 1 Por isso, santos irmãos, que participais da vocação celestial, considerai atentamente o Apóstolo e Sumo Sacerdote da nossa confissão, Jesus,*
- 2 o qual é fiel àquele que o constituiu, como também o era Moisés em toda a casa de Deus.*
- 3 Jesus, todavia, tem sido considerado digno de tanto maior glória do que Moisés, quanto maior honra do que a casa tem aquele que a estabeleceu.*
- 4 Pois toda casa é estabelecida por alguém, mas aquele que estabeleceu todas as coisas é Deus.*
- 5 E Moisés era fiel, em toda a casa de Deus, como servo, para testemunho das coisas que haviam de ser anunciadas;*
- 6 Cristo, porém, como Filho, em sua casa; a qual casa somos nós, se guardarmos firme, até ao fim, a ousadia e a exultação da esperança.*

*Hebreus 7: 26 **Com efeito, nos convinha um sumo sacerdote como este, santo, inculpável, sem mácula, separado dos pecadores e feito mais alto do que os céus,***
*27 **que não tem necessidade, como os sumos sacerdotes, de oferecer todos os dias sacrifícios, primeiro, por seus próprios pecados, depois, pelos do povo; porque fez isto uma vez por todas, quando a si mesmo se ofereceu.***
*28 **Porque a lei constituiu sumos sacerdotes a homens sujeitos à fraqueza, mas a palavra do juramento, que foi posterior à lei, constituiu o Filho, perfeito para sempre.***

O Senhor Jesus não deve seu sacerdócio a nenhum homem ou qualquer linhagem humana. Como Filho de Deus, Ele já estava pré-estabelecido por Deus nos céus antes dos homens egerem sacerdotes humanos para si.

O sacerdócio de Cristo é livre também porque ele sempre foi livre.

Assim, notemos ainda o seguinte: Antes que a lei viesse, Abraão já tinha consentido com condição de Melquisedeque ser o Sacerdote ou Mediador entre Deus e ele e ele e Deus.

Quando Melquisedeque se apresentou a Abraão sendo maior que este, e Abraão o reconheceu como tal, Abraão fez como Davi declarou em um dos seus Salmos. Abraão também, de antemão, já estabeleceu que o seu descendente seria também o seu Sumo Sacerdote junto ao Deus Altíssimo.

Ou seja, Melquisedeque era o Filho de Deus que se tornaria descendente de Abraão para ser o Sumo Sacerdote de Abraão mesmo sendo descendente deste, porque antes de ser descendente de Abraão, Ele já era Filho de Deus e Sacerdote do Deus Altíssimo.

Davi declarou que o seu descendente seria o seu rei porque o seu descendente já era rei antes dele.

Abraão elegeu o seu descendente como seu Sumo Sacerdote porque já era Sumo Sacerdote antes dele.

João Batista testemunhou que o Senhor Jesus, embora nascido depois e como seu parente como Filho do Homem, tinha a primazia ou preeminência sobre sua vida porque o Senhor Jesus já era antes dele.

Quando Abraão aceitou que o Filho de Deus, o Melquisedeque eterno, fosse seu sacerdote, Deus concedeu a Abraão que este Melquisedeque também viesse a ser seu descendente entre os filhos do homem para ser o Cordeiro Perfeito que se compadeceria de todos os povos e de cada um dos indivíduos nestes povos, o qual também foi revelado posteriormente pelo nome Jesus, que quer dizer “Deus é a salvação”.

Portanto, Abraão só poderia ter Jesus por descendente se ele, primeiramente ou de antemão, consentisse que Jesus fosse maior que ele mesmo e apesar dele, Abraão, ser pai da genealogia humana através da qual Cristo viria a nascer como Filho do Homem.

*João 8: 57 **Perguntaram-lhe, pois, os judeus: Ainda não tens cinquenta anos e viste Abraão?***

*58 **Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade eu vos digo:***

antes que Abraão existisse, EU SOU.

Nos dias de Abraão na Terra, o Senhor Jesus ainda não tinha sido manifestado ao mundo como o “Verbo Encarnado” para prover a todos o caminho da redenção e salvação.

Entretanto, como o Melquisedeque eterno, sem começo e nem fim de dias, Ele já tinha servido pessoalmente pão e vinho a Abraão porque este assentara em seu coração ter ao Senhor como o seu eterno Deus e porque Abraão já em seu tempo se relacionava com Deus mediante a fé que no tempo oportuno seria revelada mais amplamente como um dos pontos centrais da nova aliança oferecida por Deus a todos os seres humanos.

Considerando que Cristo é o Sumo Sacerdote Eterno segundo a Ordem de Melquisedeque e também revelado a nós como o único Mediador entre Deus e os homens, e que Cristo é Mediador da nova aliança que tem o pão e vinho por símbolo referencial de comunhão com Deus, também era somente Ele que poderia ter de antemão se apresentado para Abraão para sinalizar o tipo de aliança superior e exclusiva que o descendente de Abraão viria a oferecer posteriormente e na plenitude do tempo a todos os seres humanos.

*1 Timóteo 2: 5 **Porquanto há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem,**
6 **o qual a si mesmo se deu em resgate por todos: testemunho que se deve prestar em tempos oportunos.***

*Hebreus 8: 6 **Agora, com efeito, obteve Jesus ministério tanto mais excelente, quanto é ele também Mediador de superior aliança instituída com base em superiores promessas.***

*Hebreus 12: 24 **... e a Jesus, o Mediador da nova aliança, e ao sangue da aspersion que fala coisas superiores ao que fala o próprio Abel.***

*Lucas 22: 19 **E, tomando um pão, tendo dado graças, o partiu e lhes deu, dizendo: Isto é o meu corpo oferecido por vós; fazei isto em memória de mim.***

*20 **Semelhantemente, depois de cear, tomou o cálice, dizendo: Este é o cálice da nova aliança no meu sangue derramado em favor de vós.***

A comunhão que Melquisedeque ofereceu a Abraão com o Deus Altíssimo era inteiramente distinta e que não poderia ser equiparada por nenhum outro reino no mundo, ainda que estes oferecessem a sua proteção e as suas muitas riquezas a Abraão.

- Salmos 146: 3 Não confieis em príncipes nem em filhos de homens, em quem não há salvação.*
- 4 Sai-lhes o espírito, e eles tornam para sua terra; naquele mesmo dia, perecem os seus pensamentos.*
- 5 Bem-aventurado aquele que tem o Deus de Jacó por seu auxílio e cuja esperança está posta no SENHOR, seu Deus,*
- 6 que fez os céus e a terra, o mar e tudo quanto há neles e que guarda a verdade para sempre. (RC)*
-

Por fim, neste capítulo, no que tange à identificação de Melquisedeque, gostaríamos de abordar ainda alguns aspectos relacionados à questão do dízimo que Abraão deu a Melquisedeque.

Além do texto de Gênesis, vejamos, então, também o que texto do livro de Hebreus tem a dizer sobre o tópico do dízimo de Abraão ou que Abraão deu a Melquisedeque:

- Hebreus 7: 1 **Porque este Melquisedeque, rei de Salém, sacerdote do Deus Altíssimo, que saiu ao encontro de Abraão, quando voltava da matança dos reis, e o abençoou,***
- 2 para o qual também Abraão separou o dízimo de tudo (primeiramente se interpreta rei de justiça, depois também é rei de Salém, ou seja, rei de paz;*
- 3 sem pai, sem mãe, sem genealogia; que não teve princípio de dias, nem fim de existência, entretanto, feito semelhante ao Filho de Deus), permanece sacerdote perpetuamente.*
- 4 Considerai, pois, quão grande era este, a quem até o patriarca Abraão deu os dízimos dos despojos. (RA+RC)*
-

Em primeiro lugar, é crucial fazer uma clara distinção entre o dízimo de Abraão e os dízimos da lei de Moisés, conforme também é complementado a seguir:

- Hebreus 7: 5 **Ora, os que dentre os filhos de Levi recebem o sacerdócio têm mandamento de recolher, de acordo com a lei, os dízimos do povo, ou seja, dos seus irmãos, embora tenham estes descendido de Abraão;***
- 6 entretanto, aquele cuja genealogia não se inclui entre eles recebeu dízimos de Abraão e abençoou o que tinha as promessas.*
- 7 Evidentemente, é fora de qualquer dúvida que o inferior é abençoado pelo superior.*
- 8 Aliás, aqui (na ordem segundo Levi) são homens mortais os que recebem dízimos, porém ali, aquele de quem se testifica que vive.*
- 9 E, por assim dizer, também Levi, que recebe dízimos, pagou-os na pessoa de Abraão.*
- 10 Porque aquele ainda não tinha sido gerado por seu pai, quando Melquisedeque saiu ao encontro deste.*
- 11 Se, portanto, a perfeição houvera sido mediante o sacerdócio levítico (pois nele baseado o povo recebeu a lei), que necessidade haveria ainda de que se levantasse outro sacerdote, segundo a*

ordem de Melquisedeque, e que não fosse contado segundo a ordem de Arão?

O dízimo que Abraão deu foi um ato feito somente uma única vez e ainda sobre os despojos da batalha da qual estava retornando.

O dízimo de Abraão é um fato isolado, e jamais se referiu a um dízimo sobre aquilo que Deus já tinha abençoado a Abraão pelos anos que havia andado em fé com Deus.

A Bíblia também nunca mais cita qualquer outra situação na qual Abraão tenha praticado o ato de dar o dízimo uma segunda vez sequer. E nem menciona um retorno periódico de Melquisedeque para receber outros dízimos.

O dízimo dado por Abraão à Melquisedeque, portanto, representa um fato único ou isolado!

Qual foi, então, o significado deste ato singular de Abraão dar o dízimo para Melquisedeque uma única vez?

Apesar de não termos outra a explicação direta sobre este ponto a não ser o texto de Hebreus 7, entendemos que o fato de Abraão ter dado dízimo a Melquisedeque uma única vez em sua vida, e especificamente sobre o despojo de uma batalha em particular, representou a expressão de uma decisão pessoal e de um testemunho público válido para sempre que Abraão fez em reconhecimento e concordância de que Melquisedeque era grande, digno de honra e total confiança, o representante ou sacerdote legítimo do Deus Altíssimo, e, por isto, superior ao próprio Abraão.

*Hebreus 7: 4 **Considerai, pois, quão grande era este, a quem até o patriarca Abraão deu os dízimos dos despojos.***

...
7 Ora, sem contradição alguma, o menor é abençoado pelo maior.
(RC)

A razão pela qual Abraão escolheu dar o dízimo para mostrar o reconhecimento da glória associada a Melquisedeque, e não através de alguma outra maneira, talvez, era a forma ou o costume praticado em seus dias para reconhecer a condição distinta de alguém, e esta não recebe muita atenção nos textos da Bíblia.

As Escrituras têm a sua ênfase muito mais voltada à postura de coração e de fé de Abraão em demonstrar o seu reconhecimento e aceitação da comunhão para sempre com Aquele que era Sacerdote do Deus Altíssimo e Rei da Justiça e da Paz procedentes de Deus.

O que as Escrituras destacam como essencial é que Abraão reconheceu e aceitou Melquisedeque como o Mediador entre ele e Deus. Ele aceitou a Melquisedeque como o sacerdote que lhe abençoasse e o aceitou como o sacerdote que bendissesse a Deus pelo que Deus havia feito por ele.

Se Abraão tivesse agido de forma inapropriada em relação a Melquisedeque e tivesse reconhecido como o seu rei, protetor ou sacerdote um mero homem como, por

exemplo, o rei de Sodoma, Deus jamais teria feito com ele a aliança que lhe prometera um descendente em quem convergiriam o cumprimento de todas as promessas feitas por Deus quanto ao caminho de redenção e bênção para as pessoas de todos os povos.

E se olharmos o texto Hebreus 7 com a devida atenção, podemos ver que este ato de único de Abraão de dar o dízimo a Melquisedeque representou um ato único aplicável inclusive à todos os descendentes de Abraão, não sendo mais necessário ser repetido em qualquer geração.

O dízimo que Abraão deu a Melquisedeque uma única vez foi considerado pelo Senhor como um testemunho aplicável para todas as épocas, não havendo qualquer necessidade de ser repetido em tempos futuros por qualquer pessoa do mundo.

Hebreus 7: 9 E, para assim dizer, por meio de Abraão, até Levi, que recebe dízimos, pagou dízimos.

10 Porque ainda ele estava nos lombos de seu pai, quando Melquisedeque lhe saiu ao encontro. (RC)

Em Abraão, ainda em seus lombos, ainda uma semente futura em Abraão, Levi já tinha repassado o dízimo para sempre na pessoa de Abraão. Ou seja, aquele ato de Abraão feito diante de Melquisedeque foi um ato único para toda a sua descendência.

O texto de Hebreus 7 divide a questão do dízimo distinguindo explicitamente o dízimo de Abraão à Melquisedeque dos dízimos tomados pelos filhos de Levi, os quais eram repassados segundo a lei de Moisés ou o sacerdócio levítico. E ainda termina afirmando que os dízimos relacionados a Levi ou à lei de Moisés demonstraram-se completamente ineficazes.

Ou seja, muito antes que Levi veio a nascer, Abraão já havia elegido Melquisedeque como o Sumo Sacerdote Eterno da sua vida. E como testemunho do reconhecimento da condição superior de Melquisedeque para sempre, Abraão espontaneamente lhe deu os dízimos dos despojos da batalha na qual havia sido vencedor. Portanto, a lei de Moisés, vinda depois, e que constitui por lei uma forma de dízimo das pessoas aos seus irmãos, foi aceita somente por um intervalo determinado para que a tentativa do povo viver diferentemente do que Deus havia acordado com Abraão ficasse evidenciada como fraca e inútil.

Pelo fato da Ordem de Arão ou o sacerdócio segundo Levi e Moises ser completamente ineficaz quanto à justificação das pessoas e à vida que é mediante a fé, o denominado de primeiro sacerdócio ou da lei de Moisés não podia jamais remover a aliança e a promessa que Deus havia apresentado no início ou anteriormente a Abraão.

O que vemos em Hebreus 7 é o mesmo conceito de Gálatas 3 verso 17 visto no início do presente capítulo. Ou seja, a lei vinda após a promessa imutável de Deus a Abraão não pode mudar ou revogar o que Deus prometeu que viria a ser cumprido mediante o descendente eterno de Abraão, o Senhor Jesus Cristo.

O sistema de dízimo que era praticado na Ordem de Arão, e no qual os levitas tinham ordem de tomá-lo de seus irmãos segundo a lei de Moisés, nunca foi e nunca será equiparável ao dízimo que Abraão deu uma única

vez dos despojos de guerra e o qual Abraão já deu inclusive por Levi e pelos seus filhos antes mesmo de Levi nascer.

Hebreus 7: 5 Ora, os que dentre os filhos de Levi recebem o sacerdócio têm mandamento de recolher, de acordo com a lei, os dízimos do povo, ou seja, dos seus irmãos, embora tenham estes descendido de Abraão;

6 entretanto, aquele cuja genealogia não se inclui entre eles recebeu dízimos de Abraão e abençoou o que tinha as promessas.

O dízimo segundo o sacerdócio levítico, que é um dízimo das pessoas que aceitam terceirizar o sacerdócio para aqueles que pretensiosamente dizem que irão mediá-los ou guiá-los, é um dízimo que liga as pessoas a sistemas segundo a Ordem de Arão, um tipo de sacerdócio já declarado fraco, inútil e obsoleto por Deus.

Os filhos de Levi recebem, segundo a lei de Moisés, dízimo dos seus próprios irmãos. Entretanto, Melquisedeque, cuja genealogia não é contada entre os filhos de Levi, que nunca fez parte das ações de Levi e da lei, não recebe dízimos de seus irmãos, mas só os recebeu de Abraão em uma situação especial, pois Melquisedeque já havia previamente abençoado a Abraão e seus descendentes por todas as gerações se tão somente permanecerem na vida mediante a fé e a comunhão com o descendente Jesus Cristo, em quem está o direito de acesso e cumprimento de todas as promessas feitas à Abraão.

Em outras palavras, Melquisedeque, Aquele que se testifica que vive eternamente, mas também Aquele que nunca foi participante da Ordem dos Levitas, nunca recebeu dízimo dos seus irmãos, como os levitas faziam. Ele recebeu dízimos somente uma vez de Abraão que o fez livremente, e não por lei, como um gesto de testemunho para as pessoas e reinos ao seu redor, assim como para a sua descendência, anunciando de antemão que Melquisedeque era o Sacerdote Eterno e que ele, Abraão, o aceitava desta forma em sua vida e para que todas as suas gerações também viessem a ter a possibilidade de crer neste mesmo Senhor Eterno.

Quando no deserto, após a saída do Egito, as pessoas sugeriram sacerdotes humanos mediadores separados do próprio povo, irmãos mediando a relação de seus irmãos com o Deus de todos, esta estrutura de sacerdotes passou a receber por um período os dízimos de todos os irmãos, mas seu sacerdócio foi ineficaz, e o povo nunca foi continuamente fiel em dar os dízimos conforme a lei ordenava. Tanto o povo como os sacerdotes agiram inapropriadamente porque ambos escolheram andar não segundo a Ordem de Melquisedeque que o próprio pai Abraão já havia escolhido para sempre.

Além do sacerdócio segundo a Ordem de Arão ter sido contrário à proposição de Deus para o povo, ele ainda foi uma tentativa de estabelecimento de um sacerdócio contrário ao que o próprio Abraão de antemão escolhera e anelava que a sua descendência seguisse.

Quando o Senhor Jesus Cristo começou a revelar e restaurar o que Deus havia acordado com Abraão, o Senhor Jesus explicitamente disse:

*Mateus 23: 8 **Vós, porém, não sereis chamados mestres, porque um só é vosso Mestre, e vós todos sois irmãos.***

...

10 *Nem sereis chamados guias, porque um só é vosso Guia, o Cristo.*

Se tivéssemos somente estes dois últimos versos acima para entender a Ordem de Melquisedeque, isto já seria o suficiente para saber que qualquer sacerdócio que considere alguns irmãos como guias dos seus semelhantes ou mediadores de outros diante de Deus é expressamente oposto ao que o Senhor declarou e contrário ao que Deus e Abraão já acordaram entre si desde a antiguidade.

1 Timóteo 6: 3 *Se alguém ensina outra doutrina e não concorda com as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo e com o ensino segundo a piedade,*

4 *é enfatuado, nada entende, mas tem mania por questões e contendas de palavras, de que nascem inveja, provocação, difamações, suspeitas malignas,*

5 *altercações sem fim, por homens cuja mente é pervertida e privados da verdade, supondo que a piedade é fonte de lucro.*

Apartai-vos dos tais. (RA+RC)

A Ordem de Levi, ou similares a ela, divide os irmãos em categorias distintas, e por isto, dividem famílias, povos e nações, ainda cobrando por este “desserviço” de contendas, provocações, divisão e ineficácia nas tentativas de trazer a paz entre as pessoas e Deus.

Considerando que um pouco de fermento leveda toda a massa, os sacerdócios que se espelham atualmente no que lhes interessa da Ordem de Arão, apesar desta já ter sido revogada pelo Senhor, tornam-se, por isto mesmo, ainda muito mais severos do que a própria Ordem de Arão.

Os sacerdócio que atualmente tentam se valer de uma lei obsoleta, por isto mesmo, não têm pudor de inclusive propor a velha lei com acréscimos segundo as suas próprias interpretações.

Em sua avidez pelos recursos das pessoas, esses sacerdócios associados ao fermento da Ordem de Arão cobram o dízimo de toda a renda dos seus membros e alguns, inclusive, do tempo deles, enquanto que na Ordem de Arão, o dízimo era limitado somente à produção de colheita e aumento de gado, nunca sobre transações, serviços ou comércio entre as pessoas, e muito menos ainda sobre o tempo dos indivíduos.

Em sua avidez pelos recursos das pessoas, muitos que se denominam de “ministérios de Deus” criam todos os tipos de fórmulas estranhas e abusivas para cobrar dízimos ou ofertas dos seus associados, escondendo-as muitas vezes inclusive atrás do discurso de que incentivam o dízimo voluntário e não obrigatória, mas, ao mesmo tempo, o fazem também sob a bandeira da ameaça dizendo que se um indivíduo não for generoso nos dízimos, ele está sob forte risco de ficar sujeito à maldições ou danos.

E ainda que de fato não deem ênfase no dízimo, muitos dos referidos sacerdócios já se caracterizam com semelhanças à Ordem de Arão por exigirem que as pessoas que fazem parte deles realizem atos exteriores ou tangíveis de associação com eles, algo que de forma alguma é necessário na nova aliança com Cristo e que acaba, ainda que através de outro ato exterior, equivalendo-se ao que está associado à ideia da antiga

circuncisão. Ponto abordado mais amplamente nos estudos O Evangelho da Justiça de Deus e A Nova Criatura em Cristo.

Além disso, convém destacar que o dízimo previsto na lei de Moisés ainda deveria ser dividido ou compartilhado com os pobres, as viúvas e estrangeiros para que os necessitados fossem assistidos, algo que muitos que tomam dízimos em nossos dias nem pensam em fazer ou o fazem em parte para manter uma aparência de piedade.

Atualmente há proposições de sacerdócios que tributam o dízimo sobre tudo e sobre todos, mostrando que algum resquício de misericórdia que pudesse ter havido por um tempo na Ordem de Arão também se consome pelo fermento com o passar dos anos, tornando-se assim, a cada nova versão, mais dura, severa ou acrescida ainda de mais impiedade.

Portanto, os que creem no Sacerdócio segundo a Ordem de Melquisedeque, também aceitam aquilo que Abraão fez uma vez por todas, não querendo tentar repetir o que não precisa ser repetido quando Abraão reconheceu Aquele que era antes dele, que Abraão escolheu como o seu Único e Eterno Sumo Sacerdote, e que para fins de redenção e salvação das pessoas de todos os povos se tornou seu descendente vindo ao mundo também como Filho do Homem.

Deus abençoou a Abraão, mediante a fé deste, antes de Abraão dar algo a Deus, pois é pela fé que a justificação, a salvação e a vida eterna são alcançadas em Deus, e nunca por obras de justiça própria ou por sacrifícios humanos.

Gálatas 3: 7 Sabei, pois, que os da fé é que são filhos de Abraão.

8 Ora, tendo a Escritura previsto que Deus justificaria pela fé os gentios, preanunciou o evangelho a Abraão: Em ti, serão abençoados todos os povos.

9 De modo que os da fé são abençoados com o crente Abraão.

Romanos 4: 2 Porque, se Abraão foi justificado por obras, tem de que se gloriar, porém não diante de Deus.

3 Pois que diz a Escritura? Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça.

O que justifica uma pessoa não é ela dar dízimos supostamente a Deus, mas é graça que pode ser recebida mediante a fé de um indivíduo na pessoa e na obra de Cristo Jesus, assim como Abraão creu no Senhor.

Efésios 2: 8 Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus;

9 não de obras, para que ninguém se glorie.

Em todo o contexto da visita de Melquisedeque à Abraão, o foco estava em apontar para a glória devida ao Deus Altíssimo e para a comunhão com o Senhor, e não para a glória das obras das pessoas como se elas próprias pudessem realizar obras de justificação e salvação.

Gálatas 5: 4 **De Cristo vos desligastes, vós que procurais justificar-vos na lei; da graça decaístes.**

Tito 3: 4 **Quando, porém, se manifestou a benignidade de Deus, nosso Salvador, e o seu amor para com todos,**
5 não por obras de justiça praticadas por nós, mas segundo sua misericórdia, ele nos salvou mediante o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo,
6 que ele derramou sobre nós ricamente, por meio de Jesus Cristo, nosso Salvador,
7 a fim de que, justificados por graça, nos tornemos seus herdeiros, segundo a esperança da vida eterna.

Além disso, se alguém recebesse a salvação para depois ter que dar “dízimos” e “ofertas” periódicas ao Senhor, ele não teria recebido uma salvação mediante a graça, mas um escrito de dívida, o qual é a base do sacerdócio segundo a Ordem de Arão e não segundo a Ordem de Melquisedeque.

Em Cristo, somos chamados para a comunhão com base na obra de Cristo na cruz do Calvário, com base no corpo partido mediante a misericórdia e graça de Deus por nós e pelo sangue inocente vertido em nosso favor, simbolizados respectivamente pelo pão e pelo vinho que Melquisedeque trouxe por si próprio e ofereceu à Abraão.

E depois que somos justificados gratuitamente pela justiça de Cristo, e passamos a participar de uma comunhão ativa com o Senhor também para sermos restaurados, fortalecidos Nele e instruídos por Ele para que compreendamos a vontade de Deus, é que podemos, com entendimento, fazer o que é correto aos olhos do Senhor não porque isto pode nos justificar perante Ele, mas pelo fato de entendermos que aquilo que é correto é o certo a ser feito, e porque o que é correto é como o Justo e Reto Sumo Sacerdote Eterno atua para o bem de todas as pessoas.

João 6: 29 **Respondeu-lhes Jesus: A obra de Deus é esta: que creiais naquele que por ele foi enviado.**

Romanos 5: 1 **Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo;**
2 por intermédio de quem obtivemos igualmente acesso, pela fé, a esta graça na qual estamos firmes; e gloriamo-nos na esperança da glória de Deus.

Gálatas 3: 24 **De maneira que a lei nos serviu de aio para nos conduzir a Cristo, a fim de que fôssemos justificados por fé.**
25 Mas, tendo vindo a fé, já não permanecemos subordinados ao aio.

Romanos 10: 4 **Porque o fim da lei é Cristo, para justiça de todo aquele que crê.**

Antes de tudo, não foi a comunhão que Melquisedeque veio oferecer à Abraão?

E também não é a mesma comunhão que Melquisedeque veio oferecer a todo àquele que também, primeiramente, crê em Deus e naquele Melquisedeque que o Senhor enviou como Sacerdote do Deus Altíssimo para ser Mediador entre Deus e os homens?

1 Coríntios 1: 9 **Fiel é Deus, pelo qual fostes chamados à comunhão de seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor.**

Abraão escolheu uma ordem sacerdotal, e uma parte dos seus descendentes escolheu outra ordem. Entretanto, somente a ordem sacerdotal que foi escolhida pela fé, e não segundo as obras dos homens, é que prevaleceu, e diante da qual, a Ordem de Arão foi revogada no tempo oportuno para que as pessoas saibam que somente no sacerdócio da fé, na Ordem de Melquisedeque ou em Cristo é que há salvação e vida eterna junto ao Deus Altíssimo.

Assim, cristãos darem ou pagarem dízimos aos seus irmãos, irmãs ou suas instituições para, através deles, serem mais aceitáveis diante de Deus ou para deles receber proteção ou direção de vida é inapropriado de várias maneiras, pois os cristãos deveriam ser sabedores que eles são considerados como descendentes de Abraão mediante a fé e não por causa de preceitos similares à lei de Moisés.

Muitos daqueles que alegam ser cristãos e que nos dias presentes requerem dízimos e ofertas contínuas de seus semelhantes ainda o fazem porque continuam a pensar indevidamente que eles mesmos e os cristãos precisam realizar obras para que sejam justificados e aceitos perante Deus ou porque se enquadram entre aqueles que são guiados pelos seus olhos gananciosos e que veem a piedade como fonte de lucro, conforme descrito no texto de 1Timóteo 6 exposto mais acima.

Por outro lado, muitos cristãos têm permitido serem repetidamente ou continuamente espoliados por outras pessoas ou suas instituições porque não reconhecem de fato que **Cristo é o fim da lei para a justiça de todo aquele que crê**, que eles são chamados para a nova aliança que é segundo a Ordem de Melquisedeque e em nenhum aspecto segundo a Ordem de Arão, e que eles são chamados a ser guiados por Deus e não mais por tutores desnecessários àqueles que escolhem andar por fé e não por vista.

A título figurativo, decidir por um sacerdócio que não provém de Deus, é como entrar por uma via da bifurcação que no começo pode parecer similar à Ordem de Melquisedeque e até apresentar a declaração de que almeja o mesmo objetivo e o destino da nova aliança, mas que, na sequência, vai se distanciando mais e mais até se manifestar como um caminho inteiramente oposto e contrário ao que Deus oferece segundo a sua sabedoria celestial.

Por isto, é tão crucial conhecer a origem da linhagem de um tipo de sacerdócio, pois se ele iniciou sob um fundamento temporal, em uma linhagem sacerdotal carnal, fraca

e limitada pela morte, e não em um fundamento eterno, ele também somente poderá, no máximo, atender ao que é temporal.

2 Coríntios 4: 18 ... não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas.

Uma ordem sacerdotal que é contrária à justiça de Deus a nos oferecida em Cristo Jesus, contrária à paz que procede da reconciliação com o Pai Celestial mediante a comunhão que é concedida pela graça que está em Cristo, e ainda, que é contrária ao Espírito de Deus por preferir o esforço e as obras da carne, não poderá, jamais, por suas obras e sacrifícios prover o reino celestial ao coração das pessoas, pois:

Romanos 14: 17 Porque o reino de Deus ... é ... justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo.

***Romanos 5: 1 Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo;
2 por intermédio de quem obtivemos igualmente acesso, pela fé, a esta graça na qual estamos firmes; e gloriamo-nos na esperança da glória de Deus.***

Quem, então, sempre foi, é, e sempre será o Melquisedeque que não depende de ofertas, sacrifícios e dízimos das pessoas para exercer o seu sacerdócio diante do Pai Celestial e para abençoar as pessoas que o recebem no coração mediante à fé similar à que Abraão exerceu em relação ao Deus Altíssimo?

Quem, então, sempre foi, é, e sempre será o Melquisedeque ***que não teve princípio de dias, nem fim de existência***, que precede e é maior do que Abraão, Davi e João Batista, que foi contemplado em visão por Isaías como o sacrifício perfeito para a nossa redenção e salvação, e que foi revelado pelo autor de Hebreus como o Sumo Sacerdote Singular que pode nos assistir para sempre porque vive eternamente?

Hebreus 13: 8 Jesus Cristo, ontem e hoje, é o mesmo e o será para sempre.

C22. A Gloriosa Obra ou Ministério Vivo do Singular Sumo Sacerdote Jesus em Prol da Novidade de Vida, Consciência e Comunhão com Deus de Cada Pessoa que Nele Crê

Uma vez que Abraão reconheceu de antemão a Melquisedeque como Sacerdote do Deus Altíssimo e deu testemunho a respeito para ser crido por toda a sua descendência que é mediante a fé em Deus, e uma vez que o Senhor Jesus, também como Filho do Homem, já foi exaltado por Deus como Sumo Sacerdote segundo a Ordem de Melquisedeque, passamos a ter evidenciado pelas Escrituras que temos em Cristo Jesus o perfeito Sumo Sacerdote Eterno e o perfeito Mediador entre Deus e os homens.

O Senhor Jesus Cristo já foi exaltado por Deus à posição referenciada no parágrafo anterior. Esta questão não é algo ainda a ser feito no futuro. E é imprescindível que saibamos os pontos centrais por causa dos quais Ele está estabelecido nesta condição, assim como também é vital que saibamos que independentemente do que fizermos ou deixarmos de fazer, Ele continuará sendo o Sumo Sacerdote Eterno segundo a Ordem de Melquisedeque e nada mais poderá mudar isto.

Assim, nos parece muito necessário seguirmos adiante e sabermos qual é a atuação do Senhor Jesus Cristo neste papel de Sumo Sacerdote Eterno.

Quais seriam, então, as funções práticas de um Sumo Sacerdote de um tabernáculo celestial a favor das pessoas na Terra?

Encontrar palavras apropriadas para descrever o quão significativa é a posição de Cristo como o Sumo Sacerdote Eterno é muito desafiador diante da mentalidade terrena das pessoas e o quão breve muitas pessoas esquecem de olhar para ***as coisas que são de cima*** enquanto ainda habitam no presente mundo.

Conhecer a Cristo pessoalmente como o Sumo Sacerdote Eterno é conhecê-lo não somente pelos fatos históricos que narram que Ele veio ao mundo como menino, morreu na cruz do Calvário e ressuscitou dentre os mortos, mas é conhecê-lo de forma viva, presente e na condição em que Ele se encontra hoje e na qual permanecerá eternamente a favor daqueles que Nele creem.

O encontro de uma pessoa com a salvação do Senhor Jesus Cristo e do entendimento de que isto ocasiona uma troca de tipo de sacerdócio, conjuntamente com a troca da respectiva lei, pode afetar mais áreas e muito mais aspectos para as pessoas que receberam este entendimento do que sequer elas possam ter imaginado antes de conhecerem a Cristo também nesta posição e função.

Em diversos casos, pode até ser que o entendimento da posição de Cristo como Sumo Sacerdote Eterno seja até mais fácil de ser alcançado para uma pessoa que nunca esteve envolvida com algum sistema organizado de religião do que para aquelas que estão ou já estiverem em algum destes sistemas que têm por característica os sacerdócios humanos sobre os seus semelhantes.

*Lucas 5: 39 **E ninguém, tendo bebido o velho, quer logo o novo, porque diz: Melhor é o velho.***

Aqueles que já estiveram envolvidos com estruturas similares à primeira aliança, sacerdócios similares ao da Ordem de Arão, podem ter passado por certos aspectos que os levaram a fortes frustrações e desapontamentos com sacerdócios humanos. E por isto, podem se colocar em uma posição de indevida precaução ao assunto sobre sacerdócio como um todo.

Entretanto, uma aspecto relevante a ser destacado aqui é que não é o tema sacerdócio em si mesmo que causou a frustração para muitos, mas o tipo de sacerdócio ao qual se associaram.

Por isto, ressaltamos aqui novamente que Cristo não é equiparável a nada do que há no mundo em termos de *sacerdócio*. E também é por isto que o Senhor Jesus veio para *tirar o sacerdócio denominado de primeiro ou de velha aliança e estabelecer o segundo*, no qual o Senhor Jesus também é o Mediador da *nova aliança*.

O fato de alguém deixar para trás a velha aliança não implica, de forma automática, que ela já conheça a nova aliança e saiba viver de acordo com ela. E é também para atender ao propósito de nos ensinar a viver e andar na nova aliança que o Senhor Jesus nos é oferecido como Mediador.

Ou seja, Cristo é Aquele que ajuda uma pessoa a ser introduzida à nova aliança, mas também é Aquele que ajuda esta pessoa a compreender a novidade de vida que lhe está disponível depois que ela já estiver associada com Deus nesta nova aliança.

Relembrando o estudo sobre O Evangelho do Reino de Deus, destacamos que o processo de renovação do entendimento quanto à nova aliança ou do novo sacerdócio começa no coração. O reino de Deus vem ao coração das pessoas que se encontram no presente mundo, e é a partir do coração que o Senhor começa a orientar os indivíduos na compreensão da novidade de vida celestial, mas também quanto às mudanças práticas que se seguem quando esta novidade de vida passa a ser conhecida.

Portanto, gostaríamos de destacar o quão relevante é que um cristão tenha a informação e o entendimento de que o Senhor Jesus é Aquele através de quem Deus manifesta o seu amor por todas as pessoas do mundo e ainda muito mais depois que alguém recebe a salvação advinda do Senhor.

*Romanos 5: 8 Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores.
9 Logo, muito mais agora, sendo justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira.*

Na Ordem de Melquisedeque, nenhuma pessoa é somente um número a mais para ser contabilizado nas estatísticas, mas cada pessoa é um indivíduo amado pessoalmente pelo Senhor e Sumo Sacerdote Eterno das nossas vidas.

Tendo em vista que Cristo amou todas as pessoas quando elas ainda estavam sujeitas ao pecado, ao corpo do pecado e à lei condenatória das religiões que seguiam, a ponto de dar a sua vida na cruz do Calvário em favor de todos os seres humanos, não manifestará Ele ainda muito mais o seu amor com cada indivíduo que recebe a sua salvação depois que Ele ressuscitou dentre os mortos e vive para assistir ou ajudar para sempre aqueles que Nele creem?

Quando Deus nos chama para a comunhão com Cristo, Ele já declara o intento de se relacionar com cada pessoa, não oferecendo-a somente coletivamente, mas pessoalmente entre as partes que participam da comunhão.

Apocalipse 3: 20 Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele, comigo.

O Senhor Jesus está à direita do Pai Celestial para atender ao clamor e prover a salvação a “todo aquele que invocar o seu nome”. Entretanto, Ele também está nesta posição para uma série muito extensa de outras funções que necessitamos para as nossas vidas e das quais aqueles que creem em Cristo e se achegam a Ele são os grandes beneficiados.

Hebreus 7: 22 Por isso mesmo, Jesus se tem tornado fiador de superior aliança.

23 Ora, aqueles são feitos sacerdotes em maior número, porque são impedidos pela morte de continuar;

24 este, no entanto, porque continua para sempre, tem o seu sacerdócio imutável.

25 Por isso, também pode salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles.

Notemos bem o quão maravilhoso também é este último texto apresentado acima!

Além do Senhor Jesus ser o Mediador para que uma pessoa possa vir a se tornar parte da nova aliança, Cristo também foi estabelecido pelo Pai Celestial para ser o *fiador* da nova aliança, ou seja, o *patrocinador* e *garantidor* desta nova aliança.

Em outras palavras, o Senhor Jesus é a provisão de justificação e caminho para a salvação e novidade de vida eterna. Entretanto, Ele nos salvou para que tenhamos novidade ou abundância de vida NELE.

O Senhor Jesus Cristo nos oferece a salvação eterna para nos conceder novidade de vida precisamente em conjunto ou pela comunhão com Ele.

E *por isso*:

⇒ 1) *Pode salvar totalmente os que que por ELE se chegam a Deus;*

⇒ 2) *Vive sempre para intercede por eles.*

O Senhor Jesus não é só o nosso meio para a salvação eterna. Ele não é somente o Mediador para nos associarmos à nova aliança ou o Mediador do início desta aliança. Pelo contrário, Ele continua a estar conosco e nos acompanha em tudo da vida que a nova aliança nos proporciona.

Cristo é Aquele que está diante do Pai Celestial e em nosso coração, através do Espírito Santo, para crescermos nesta salvação e sermos

completamente salvos por meio Dele para desfrutarmos Nele da vida que Deus nos oferece na nova aliança que é segundo o seu Eterno Evangelho.

O Pai Celestial estabeleceu a posição do Senhor Jesus Cristo como Sumo Sacerdote Eterno ao seu lado para que, a partir desta posição elevada acima de tudo e de todos, Cristo esteja de prontidão contínua para nos ajudar a crescer na salvação eterna e para que esta salvação atinja todas as áreas da nossa vida.

Como Cristo não precisa ficar oferecendo sacrifícios todos os dias como os sacerdotes da Ordem de Arão, Ele está junto ao Pai Celestial para continuamente interceder por nós a fim de que o Pai libere a sua graça, a sua misericórdia e todas as provisões que precisamos para sermos cada vez mais livres no Senhor e para desfrutarmos da novidade de vida que acompanha a salvação que Deus nos oferece em Cristo Jesus.

Entretanto, entendemos ser crucial destacar mais uma vez que a atuação de Cristo como o nosso Sumo Sacerdote em nosso favor não é em tudo automática.

O Senhor Jesus coloca a sua função de Sumo Sacerdote a disposição de todos aqueles que se achegam a Deus através Dele. Se, contudo, alguém se abstém de se achegar a Ele, a sua atuação como Sumo Sacerdote a favor deste indivíduo também pode vir a sofrer restrições.

O Senhor Jesus Cristo disse que se alguém permanecer Nele, e Ele permanecer naquele que Nele permanece, este também se coloca em posição de receber abundante frutificação em sua nova condição de vida no Senhor. Entretanto, se alguém não permanecer no Senhor, também a possibilidade de ser frutífero na novidade de vida celestial passa a ficar significativamente prejudicada.

Deus estabeleceu a provisão da salvação e da remissão dos pecados independentemente de qualquer opinião favorável dos seres humanos. Quando a iniquidade dos seres humanos se tornou evidente nas mais variadas formas, Deus, em vez de destruí-los, fez com que a dívida da prática do pecado e da lei recaísse sobre o seu Filho Amado para que os pecadores pudessem ter uma opção de salvação de sua sujeição ao pecado e à lei caduca que jamais poderia lhes proporcionar novidade de vida e salvação eterna.

O mundo, porém, que se escandalizou e que se escandaliza com esta atitude do Pai Celestial ter dado o seu Unigênito Filho para a redenção de pecadores, não conhecia o poder de Deus de vencer a morte pela ressurreição de Cristo dentre os mortos uma vez que a dívida do pecado e da lei estivessem quitadas.

Assim, Deus já realizou a provisão de salvação em favor de todos e independentemente da concordância dos pecadores. Este aspecto já está feito ou **está consumado** para sempre.

Quer as pessoas aceitem e sejam favoráveis ao que Deus fez a favor delas ou quer elas rejeitem e até se oponham com intensidade contra esta obra de Deus, nada poderá mudar ou anular o que foi feito em favor de todos uma vez para sempre. O que o Senhor já fez, tem efeitos eternos e imutáveis que não podem ser mudados.

Entretanto, quanto ao serviço de Mediador da nova aliança e de Sumo Sacerdote, vimos no último texto acima, que Cristo o realiza para aqueles que o recebem em seus corações e para aqueles que continuam se achegando a Deus através Dele.

O texto em referência não diz que Cristo é o Sumo Sacerdote Eterno que está disponível a realizar a salvação completa de todos que tentam se aproximar a Deus por qualquer via ou maneira, mas que Ele é o Sumo Sacerdote que pode salvar completamente aqueles que se aproximam a Deus através Dele.

Em outras partes das Escrituras, o Senhor Jesus ainda declarou que a sua atuação em favor de cada indivíduo junto ao Pai Celestial também está associada à como uma pessoa o reconhece diante dos seus semelhantes, conforme segue:

*Lucas 9: 26 **Porque qualquer que de mim e das minhas palavras se envergonhar, dele se envergonhará o Filho do Homem, quando vier na sua glória e na do Pai e dos santos anjos.***

*Mateus 10: 32 **Portanto, todo aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos céus;***
 33 ***mas aquele que me negar diante dos homens, também eu o negarei diante de meu Pai, que está nos céus.***

A salvação oferecida por Deus está disponível a todas as pessoas!

Entretanto, a glória de Cristo no que tange a interação Dele como Sumo Sacerdote Eterno diante do Pai Celestial a favor de um indivíduo, para que este seja aperfeiçoado Nele e na novidade de vida eterna, é para aqueles que se aproximam através Dele a Deus, que o confessam como Senhor diante dos homens, que não se envergonham Dele como Senhor de suas vidas e que não tentam se aproximar a Ele e ao Pai Celestial através de outros sacerdotes ou meios que eram usados na Ordem de Arão ou similares a ela.

*Salmos 118: 8 **Melhor é buscar refúgio no SENHOR do que confiar no homem.***
 9 ***Melhor é buscar refúgio no SENHOR do que confiar em príncipes.***

*Salmos 146: 3 **Não confieis em príncipes, nem nos filhos dos homens, em quem não há salvação.***

*Salmos 20: 7 **Uns confiam em carros, outros, em cavalos; nós, porém, nos gloriaremos em o nome do SENHOR, nosso Deus.***

Quando uma pessoa assenta em seu coração que o Senhor Jesus é o seu único Mediador da nova aliança e Aquele que aperfeiçoa quem adere a esta aliança, e não se envergonha disto diante de outras pessoas, ela tem, junto ao Pai Celestial, um Sumo Sacerdote Perfeito que não cessa de interceder por ela para que o Pai Celestial a conduza a ser salva completamente e para que venha a ser frutífera em sua nova condição de vida no Senhor.

João 15: 4 Permanecei em mim, e eu permanecerei em vós. Como não pode o ramo produzir fruto de si mesmo, se não permanecer na videira, assim, nem vós o podeis dar, se não permanecerdes em mim.

5 Eu sou a videira, vós, os ramos. Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer.

6 Se alguém não permanecer em mim, será lançado fora, à semelhança do ramo, e secará; e o apanham, lançam no fogo e o queimam.

Notemos bem o último texto acima. Ele não diz, primeiramente, que alguém pode vir a ser lançado fora por não ter produzido fruto ou alguma obra em conjunto com Deus, mas por “*não permanecer em Cristo*”, pois é através Dele que alguém pode se chegar ao Pai Celestial para andar no caminho do Senhor.

Se alguém é desligado da videira, é porque, na vida prática, ele já tem vivido desligado dela e não porque ele não dá fruto, pois uma pessoa somente é inteiramente infrutífera diante de Deus se, primeiramente, não permanecer em Cristo.

Cristo declara que ninguém pode arrebatar da sua mão uma pessoa que está Nele. Entretanto, por vontade própria, uma pessoa pode se apartar de Cristo, pode deixar de permanecer em Cristo ou permitir que outros a façam se apartar de Cristo.

Conforme já vimos várias vezes nos capítulos anteriores, quando uma pessoa volta a um sacerdócio que apresenta alguma característica de mediação do seu relacionamento com Deus que não seja através de Cristo, ela fica sujeita ao risco de se desligar de Cristo e ficar dissociada da graça do reino celestial.

Quando, porém, alguém permanece em comunhão com Cristo, ele experimenta o que está associado a Cristo e ao seu nome. E o nome do nosso Senhor é o Senhor Jesus Cristo, o Sumo Sacerdote segundo a Ordem de Melquisedeque, o Sumo Sacerdote perfeito e perpétuo para que nós também possamos viver sob um sacerdócio repleto de graça e inteiramente adequado diante Dele e do Pai Celestial.

Quando uma pessoa atende ao chamado que recebe de Deus para ter comunhão com Cristo a ponto de estar em Cristo e de Cristo permanecer em seu coração como o seu Senhor Eterno, esta pessoa pode passar a ver aspectos da salvação e da atuação de Cristo que ela jamais poderia pensar que necessitasse ou que fossem possíveis de serem realizados na sua vida.

E para destacarmos aqui um dos aspectos centrais que resultam da atuação de Cristo como Sumo Sacerdote em favor daqueles que Nele creem e que permanecem na comunhão com Ele para a qual são chamados, gostaríamos de ver abaixo mais uma vez um texto que expõe um aspecto em particular que apresenta uma distinção enorme quando visto, respectivamente, segundo a Ordem de Arão e segundo a Ordem de Melquisedeque:

Ordem de Arão:

*Hebreus 9: 9 **É isto uma parábola para a época presente; e, segundo esta, se oferecem tanto dons como sacrifícios, embora estes, no tocante à consciência, sejam ineficazes para aperfeiçoar aquele que presta culto.***

Ordem de Melquisedeque ou de Cristo:

Hebreus 9: 11 **Quando, porém, veio Cristo como sumo sacerdote dos bens já realizados, mediante o maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos, quer dizer, não desta criação,**

12 **não por meio de sangue de bodes e de bezerras, mas pelo seu próprio sangue, entrou no Santo dos Santos, uma vez por todas, tendo obtido eterna redenção.**

13 **Portanto, se o sangue de bodes e de touros e a cinza de uma novilha, aspergidos sobre os contaminados, os santificam, quanto à purificação da carne,**

14 **muito mais o sangue de Cristo, que, pelo Espírito eterno, a si mesmo se ofereceu sem mácula a Deus, purificará a nossa consciência de obras mortas, para servirmos ao Deus vivo!**

15 **Por isso mesmo, ele é o Mediador da nova aliança, a fim de que, intervindo a morte para remissão das transgressões que havia sob a primeira aliança, recebam a promessa da eterna herança aqueles que têm sido chamados.**

No capítulo anterior, já abordamos diversas considerações sobre a Ordem de Arão. E neste ponto, não objetivamos retornar àquilo que já foi mencionado. Aqui, porém, gostaríamos de destacar mais uma vez um dos aspectos centrais daquilo que a Ordem de Arão **não faz**. Ou seja, a Ordem de Arão não oferece condições para que a consciência daquele que nela presta culto ou adoração seja aperfeiçoada.

Por outro lado, temos a Ordem de Cristo ou de Melquisedeque, a qual também supre exatamente o aspecto acima mencionado, e todos os que vêm na sequência, que a Ordem de Arão não consegue proporcionar.

Considerando que o ponto mencionado acima é apresentado no capítulo 9 de Hebreus como um aspecto diferencial essencial do resultado da ação das duas ordens, nos parece, então, ser de grandíssimo significado conhecer este aspecto em particular mais de perto.

Assim, podemos ver que o último texto apresentado acima nos ensina que o sangue de Cristo, vertido em nosso favor quando Cristo, mediante o Espírito Eterno, se ofereceu como sacrifício perfeito para a nossa redenção, **“purificará a nossa consciência de obras mortas, para servirmos ao Deus vivo!”**

Ora, que *obras mortas*, então, são essas que também são considerados como associadas à primeira aliança ou à Ordem de Arão?

O que é a referida *consciência* que necessita ser purificada de *obras mortas*?

Entre um dos seus principais aspectos, a palavra *consciência* está associada:

- ⇒ 1) Ao estar consciente sobre algo;
- ⇒ 2) Ter uma convicção de que algo deve ser feito;
- ⇒ 3) Ter uma convicção de que algo deve ser feito ou deixado de lado respectivamente por causa da consciência de se sentir obrigado a realizar algo ou da consciência de ser proibido de realizar algo.

A Ordem de Arão era uma ordem repleta de obrigações externas que tinham que ser cumpridas, e ainda sob ameaças severas se alguém não as cumprisse.

Assim, por exemplo, “uma criança que cresceu ouvindo que ela tinha que ir ao culto semanalmente para não estar em grave pecado e sujeita à condenação”, pode ter vindo a ter constituída uma “consciência” ou “convicção pessoal inquestionável” de que ela precisa ir a um culto toda semana para atender a vontade de Deus, ainda que a vontade do Senhor não condiga com esta convicção que ela carrega em seu coração.

Ou seja, uma pessoa pode ficar sujeita, restrita ou até escrava àquilo que ela carrega consigo em sua própria consciência!

Considerando que seja amplamente possível que as convicções de uma pessoa possam ser contrárias à vontade de Deus, inclusive sem que ela se aperceba disto, aquilo que foi armazenado no mais profundo das convicções de uma pessoa (ou em sua consciência), também pode vir a restringi-la ou aprisioná-la a uma vida sujeita às suas próprias convicções quando esta adota a atitude de “nunca agir contra o conjunto de parâmetros que compõem as suas convicções ou a sua consciência”.

Um indivíduo que somente segue a sua própria consciência ou o seu conjunto de parâmetros formatados ao longo dos anos pelas tradições e culturas humanas para discernir o que é bom e o que é mal, pode chegar ao ponto de se tornar insensível a sintomas que sinalizam que ela precisa de ajuda, conforme foi visto a dois capítulos atrás.

O efeito das obras requeridas pelos sacerdócios com características da Ordem de Arão ou da primeira aliança pode ser tão intenso no coração das pessoas que apesar de suas obras serem contrárias a Deus, muitas indivíduos continuam a praticá-las pelo fato de terem uma convicção que é para Deus que devem fazer estas obras.

O resultado das obras dos sacerdócios que seguem preceitos similares aos da Ordem de Arão, ainda que só em partes, pode levar àqueles que se sujeitam a eles a terem um desejo profundo e sincero de agradar a Deus, mas que, ao mesmo tempo, é contrário a Deus por causa natureza das obras que ensinam as pessoas a praticarem.

Há muitas situações nas quais uma pessoa resiste a algo diferente do que a sua consciência diz, porque ela, honestamente ou sinceramente, não quer ir contra a sua consciência, mas, ainda assim, ela pode estar equivocada apesar de toda a sua intenção de honestidade e sinceridade.

A “consciência de uma pessoa” ou “o conjunto de convicções interiores” pode vir a se tornar um sistema ou um conjunto de parâmetros quase que impenetrável.

Dissemos quase no parágrafo anterior, porque para Deus não há impossível. E para o Senhor, não há trevas que a Luz de Cristo não possa iluminar.

Se alguém disser à criança exemplificada acima, depois que ela se tornou uma pessoa adulta, que, perante Deus, ela não está obrigada a guardar o mandamento de ir ao culto toda semana, isto pode parecer a ela um absurdo ou até uma enorme ofensa, pois ela tem registrado em sua consciência, ou convicções profundas, alguns princípios que são muitos difíceis para serem contrariados por ela.

Assim, se por um lado, a Ordem de Arão apresenta uma ênfase às obras exteriores ou de aparência perante as pessoas, por outro lado, ela procura sedimentar, assentar ou firmar regras e conceitos pela constante repetição para que sejam assimilados no mais íntimo da convicção de um indivíduo, procurando gerar grande apreço e dependência de alma em relação a estas obras, mas as quais, nem por isto, têm valor algum diante do Senhor.

Isaías 29: 13 **O Senhor disse: Visto que este povo se aproxima de mim e com a sua boca e com os seus lábios me honra, mas o seu coração está longe de mim, e o seu temor para comigo consiste só em mandamentos de homens, que maquinalmente aprendeu,**
14 continuarei a fazer obra maravilhosa no meio deste povo; sim, obra maravilhosa e um portento; de maneira que a sabedoria dos seus sábios perecerá, e a prudência dos seus prudentes se esconderá.
15 Ai dos que escondem profundamente o seu propósito do SENHOR, e as suas próprias obras fazem às escuras, e dizem: Quem nos vê? Quem nos conhece?
16 Que perversidade a vossa! Como se o oleiro fosse igual ao barro, e a obra dissesse do seu artífice: Ele não me fez; e a coisa feita dissesse do seu oleiro: Ele nada sabe.

A Ordem de Arão é assentada em fundamento fraco. E por isto, ela recorre às tentativas de disciplina ou ao uso de recursos para escrever os seus preceitos em “umbrais, na testa, junto à mão”, assim como ela precisa de reuniões e eventos periódicos para amplificar e relembrar os seus preceitos para que o povo não os deixe e não se afaste deles por esquecimento. Este esforço, contudo, é vão.

A Ordem de Arão necessita de firmes disciplinas e agendas para manter-se ativa. E no princípio, para uma pessoa muito indisciplinada, até parece que a disciplina e as repetidas agendas trazem alguns benefícios. Entretanto, com o passar dos anos, todas estas obrigações e agendas tornam-se em fardos, pois são imposições externas sobre corações não transformados a partir de uma apropriada mudança interior.

E uma vez que o Senhor já declarou o primeiro sacerdócio, a velha aliança ou o sacerdócio da Ordem de Arão revogado, obsoleto e realocado para **uma parábola para a época presente**, quanto mais não serão consideradas mortas as obras que são feitas no presente em consonância a este sacerdócio declarado como fraco e inútil?

Por outro lado, a postura de um pessoa em não querer contrariar à sua consciência, em si mesma, é boa.

Não é bom um indivíduo adotar uma postura de vida de agir contra a sua própria consciência, pois a consciência é um sinalizador de proteção dado pelo próprio Deus aos seres humanos. Entretanto, quando a consciência está baseada em parâmetros ou conceitos inadequados em relação à vontade Deus, esta consciência precisa que dela seja tirado o que não provém de Deus para, então, uma pessoa viver e andar de fato segundo uma “boa consciência”.

Para tentar manter os indivíduos sujeitas a ela, a Ordem de Arão até enaltece uma virtude boa das pessoas, a qual é o sistema de alertas que a consciência gera no que concerne às suas decisões. Por outro lado, porém, ela atua de forma prejudicial às

peessoas quando procura inculcar nelas conteúdos inadequados, de acordo com a sua lei ou que de fato não são bons parâmetros para a consciência de cada pessoa.

Portanto, quanto à este último ponto, entendemos ser crucial destacar que o Sacerdócio de Cristo não objetiva remover a dívida da consciência e dos alertas que esta produz, mas ele nos é oferecida pelo Senhor para que possamos trocar o conteúdo que há na consciência.

A atuação de Cristo como nosso Sumo Sacerdote nos é oferecida segundo a Ordem de Melquisedeque, e não a Ordem de Arão, porque ela a única capaz de purificar a nossa consciência ou o nosso conjunto de convicções para que sejamos de fato libertos do conteúdo velho, revogado ou obsoleto. E isto, para que, agora sem o véu da velha aliança e sob o cuidado Cristo na sua condição de Sumo Pastor e Bispo das nossas almas, possamos passar compreender a instrução de Deus que Cristo quer nos ensinar para também passarmos a viver e a andar segundo a verdade.

É para uma renovação de entendimento, a ponto de corrigir as mais profundas convicções da consciência, que as Escrituras declaram que *muito mais o sangue de Cristo, que, pelo Espírito eterno, a si mesmo se ofereceu sem mácula a Deus, purificará a nossa consciência de obras mortas, para servirmos ao Deus vivo!*

Uma pessoa que facilmente ou levemente age contra a sua consciência pode se tornar uma pessoa muito vulnerável a ficar insensível e se inclinar cada vez mais a caminhos muito maus ou perversos. Por esta razão, o Senhor Jesus não atua para anular a consciência. Pelo contrário, o Senhor atua naqueles que Nele confiam para fortalecer as suas consciências para estarem amparadas para saberem rejeitar o mal ou aquilo que não provém de Deus e para cooperarem para o estabelecimento do ensino ou da instrução daquilo que é de acordo com o querer eterno de Deus.

- 1 Timóteo 4: 1* ***Ora, o Espírito afirma expressamente que, nos últimos tempos, alguns apostatarão da fé, por obedecerem a espíritos enganadores e a ensinamentos de demônios,***
2 ***pela hipocrisia dos que falam mentiras e que têm cauterizada a própria consciência,***

- Tito 1: 13* ***Tal testemunho é exato. Portanto, repreende-os severamente, para que sejam sadios na fé***
14 ***e não se ocupem com fábulas judaicas, nem com mandamentos de homens desviados da verdade.***
15 ***Todas as coisas são puras para os puros; todavia, para os impuros e descrentes, nada é puro. Porque tanto a mente como a consciência deles estão corrompidas.***

- Filipenses 2: 12* ***Assim, pois, amados meus, como sempre obedecestes, não só na minha presença, porém, muito mais agora, na minha ausência, desenvolvei a vossa salvação com temor e tremor;***
13 ***porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade.***

Conforme já comentamos, na sua função de Sumo Sacerdote, o Senhor Jesus não quer atuar no sentido de levar uma pessoa a “violar” a sua consciência e tornar esta inativa. Pelo contrário, Cristo quer auxiliar a pessoa para que ela tenha uma consciência acertada ou alinhada com a verdade.

O Senhor Jesus quer que cada pessoa tenha convicções de entendimento, mas isto, em coisas verdadeiras perante Deus e não nas coisas que o homem natural tenha tentado lhe impor, aspecto também confirmado várias vezes por Paulo, conforme exemplificado abaixo:

1 Ts 1: 5 Porque o nosso evangelho não chegou até vós tão-somente em palavra, mas, sobretudo, em poder, no Espírito Santo e em plena convicção, assim como sabeis ter sido o nosso procedimento entre vós e por amor de vós.

Atos 24: 16 Por isso, também me esforço por ter sempre consciência pura diante de Deus e dos homens.

Colossenses 2: 1 Gostaria, pois, que soubésseis quão grande luta venho mantendo por vós, pelos laodicenses e por quantos não me viram face a face;

2 para que o coração deles seja confortado e vinculado juntamente em amor, e eles tenham toda a riqueza da forte convicção do entendimento, para compreenderem plenamente o mistério de Deus, Cristo,

3 em quem todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão ocultos.

Colossenses 4: 12 Saúda-vos Epafras, que é dentre vós, servo de Cristo Jesus, o qual se esforça sobremaneira, continuamente, por vós nas orações, para que vos conserveis perfeitos e plenamente convictos em toda a vontade de Deus.

A atribuição de efetuar o querer e o realizar naquele que segue a instrução de buscar a Cristo como o Sumo Sacerdote Eterno é devida a Deus. E como o querer e o realizar passam também pelo sistema de aprovação de uma pessoa ou da sua consciência, também é neste conjunto de convicções que o Senhor Jesus se dispõe a auxiliar àqueles que anelam por viver e andar na vontade de Deus e não na vontade do mundo, dos seus semelhantes ou na vontade que procura se amparar na justiça própria de um indivíduo ou de suas obras.

Quanto ao conjunto de convicções de um indivíduo virem a ser alinhados com a verdade ou a vontade de Deus, nenhum cristão tem o direito de tentar impor a sua vontade sobre o seu próximo ou tentar levá-lo a realizar a sua vontade e não a vontade

do Senhor. A tentativa de impor o querer pessoal sobre os seus semelhantes é uma volta ao flerte com os princípios da mediação ou lei da aliança da Ordem de Arão.

Portanto:

2 Coríntios 1: 12 **Porque a nossa glória é esta: o testemunho da nossa consciência, de que, com santidade e sinceridade de Deus, não com sabedoria humana, mas, na graça divina, temos vivido no mundo e mais especialmente para convosco.**

1 Timóteo 1: 5 **Ora, o intuito da presente admoestação visa ao amor que procede de coração puro, e de consciência boa, e de fé sem hipocrisia.**

...
19 **mantendo fé e boa consciência, porquanto alguns, tendo rejeitado a boa consciência, vieram a naufragar na fé.**

Assim, os textos que vimos acima nos mostram que existe tanto a *boa consciência* como a *consciência corrompida*, e que, inclusive, existem aqueles que têm a *consciência como que cauterizada*, o que é mau e os leva a ser ainda mais perversos.

Conforme já mencionamos, Deus não almeja que a consciência das pessoas se torne inativa, mas provê-las de uma consciência que esteja em conformidade com a vontade do Senhor e com a maneira de realizá-la segundo **as coisas que são do alto**.

E ainda, no aspecto sobre a condição de cada pessoa alcançar uma consciência renovada em Deus também em relação ao contato passado com as obras mortas e as transgressões sob a primeira aliança, parece-nos ser produtivo citar, de tempos em tempos, o exemplo da vida de Pedro, um dos apóstolos de Cristo.

Quando pela primeira vez teve um encontro com o Senhor Jesus, Pedro creu em Cristo e prontamente seguiu ao Mestre.

Mais adiante, quando o Senhor ressurgiu dentre os mortos e apareceu aos seus discípulos, o Senhor disse aos seus apóstolos para irem às nações e fazerem “discípulos de Cristo”, não deles mesmos, e fazê-lo em todos os povos e pregando o Evangelho a toda a criatura, declaração que claramente também foi direcionada a Pedro (conforme Mateus 28).

Nestes mesmos dias, o Senhor Jesus também disse aos Seus discípulos que eles seriam testemunhas Dele até os confins da Terra após receberem o poder através da descida do Espírito Santo sobre eles.

Parece-nos, então, até aqui, que a instrução de Cristo de que a salvação de Deus era para todos os povos, e não somente para os judeus ou os descendentes de Abraão segundo a carne, estava muito clara, não precisando ser mais objetiva do que foi.

Entretanto, na consciência de Pedro, o que Cristo disse tão explicitamente não estava tão claro e não era tão objetivo assim. Apesar de Cristo ter dito o que disse, a consciência de Pedro não registrou, naquele momento, o significado do que Cristo disse a ele.

Assim, quando mais adiante, inclusive depois que Cristo já havia sido elevado ao céu, o Senhor Jesus chama Pedro para pregar o Evangelho aos gentios (aos não judeus

segundo a carne), o Senhor, conforme Atos 10, precisou primeiramente lidar com a consciência de Pedro, porque mesmo depois de ter encontrada a salvação no Senhor, a consciência de Pedro ainda continha em seu sistema de filtros diversas instruções da Ordem de Arão. Embora salvo, discípulo de Cristo, e um daqueles que havia visto Jesus sendo crucificado, morto, sepultado e ressurreto em seu favor, Pedro ainda estava com algumas convicções associadas a alguns conceitos da Ordem de Arão que ainda lhe retinham para não seguir a vontade de Deus em certas áreas.

Para contar com a disposição voluntária e livre de Pedro para realizar a vontade do Pai Celestial, o Senhor Jesus precisou lidar com o conteúdo da consciência de Pedro para que este pudesse ir em paz e pregar o evangelho à casa de Cornélio que era gentio, um homem da corte ou do exército dos romanos.

Mas o Senhor já não havia dito objetivamente aos discípulos e a Pedro, no mínimo duas vezes, que eles deveriam ir a todos os povos e anunciar o Evangelho para que também os indivíduos destes pudessem vir a serem discípulos segundo este mesmo Evangelho?

Sim, o Senhor já tinha declarado que o Evangelho a ser pregado é para todos os povos. Entretanto, segundo o filtro da sua consciência, Pedro simplesmente não percebeu ou não viu o que Cristo lhe falou ou, ao menos, não via como Cristo via aquilo que Ele anunciou aos seus discípulos.

O Senhor precisou lidar à parte ou pessoalmente com Pedro para mostrar o que estava no coração do seu discípulo e para prover a libertação a Pedro de profundas ou enraizadas convicções na sua consciência para que, então, Pedro pudesse seguir servindo ao Senhor conforme a vontade do Senhor e não segundo o conteúdo obsoleto que até aquele momento ainda estava na consciência de Pedro.

- Atos 10: 10 **Estando Pedro com fome, quis comer; mas, enquanto lhe preparavam a comida, sobreveio-lhe um êxtase;***
*11 **então, viu o céu aberto e descendo um objeto como se fosse um grande lençol, o qual era baixado à terra pelas quatro pontas,***
*12 **contendo toda sorte de quadrúpedes, répteis da terra e aves do céu.***
*13 **E ouviu-se uma voz que se dirigia a ele: Levanta-te, Pedro! Mata e come.***
*14 **Mas Pedro replicou: De modo nenhum, Senhor! Porque jamais comi coisa alguma comum e imunda.***
*15 **Segunda vez, a voz lhe falou: Ao que Deus purificou não consideres comum.***
*16 **Sucedeu isto por três vezes, e, logo, aquele objeto foi recolhido ao céu.***
*17 **Enquanto Pedro estava perplexo sobre qual seria o significado da visão, eis que os homens enviados da parte de Cornélio, tendo perguntado pela casa de Simão, pararam junto à porta;***
*18 **e, chamando, indagavam se estava ali hospedado Simão, por sobrenome Pedro.***
*19 **Enquanto meditava Pedro acerca da visão, disse-lhe o Espírito: Estão aí dois homens que te procuram;***
*20 **levanta-te, pois, desce e vai com eles, nada duvidando; porque eu os enviei.***

Conforme a narrativa do texto acima, Pedro não estava tendo dificuldades em “querer e se dispor” em fazer a vontade de Deus. Pedro estava tendo dificuldade de concordar com a vontade do Senhor porque o que foi apresentado a ele contrariava o que estava enrustido firmemente na sua consciência, mas que, ao mesmo tempo, também precisava ser removido dela à luz da verdade Daquele que é nosso Sumo Sacerdote Eterno.

Pedro tinha por convicção que aquilo que ele pensava em determinado assunto era correto, mas que, na realidade, não era verdade à luz da Ordem Sacerdotal de Cristo. O que Pedro considerava como verdade era ainda um resquício da velha aliança que já havia sido declarada obsoleta.

Entretanto, como Pedro tinha escolhido estar sob a Ordem de Melquisedeque, o Sumo Sacerdote desta ordem veio a Pedro para ajudá-lo na **remissão das transgressões que havia sob a primeira aliança** e para **purificar a sua consciência de obras mortas para** que ele pudesse **servir ao Deus vivo**.

Como Sumo Sacerdote da Ordem Celestial de Melquisedeque, o Senhor Jesus conhece o nosso interior e sabe como nos livrar daquelas convicções que parecem ser boas, mas que não o são, que são contrárias a Ele ou contrárias à vontade celestial.

O Senhor Jesus sabe expor a nós até o que convictamente pensamos estar correto, mas que de fato não é de acordo com a verdade ou que não estamos vendo como deveria ser visto por causa das culturas e tradições que nos foram ensinadas. E ainda, o Senhor sabe fazê-lo com perfeição e sem destruir a nossa consciência.

Assim, aquele mesmo Pedro citado acima, vários anos depois da experiência narrada no livro de Atos, escreve:

1Pedro 1: 17 Ora, se invocais como Pai aquele que, sem acepção de pessoas, julga segundo as obras de cada um, portai-vos com temor durante o tempo da vossa peregrinação,

18 sabendo que não foi mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados do vosso fútil procedimento que vossos pais vos legaram,

19 mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo,

20 conhecido, com efeito, antes da fundação do mundo, porém manifestado no fim dos tempos, por amor de vós

21 que, por meio dele, tendes fé em Deus, o qual o ressuscitou dentre os mortos e lhe deu glória, de sorte que a vossa fé e esperança estejam em Deus.

22 Tendo purificado a vossa alma, pela vossa obediência à verdade, tendo em vista o amor fraternal não fingido, amai-vos, de coração, uns aos outros ardentemente,

23 pois fostes regenerados não de semente corruptível, mas de incorruptível, mediante a palavra de Deus, a qual vive e é permanente.

Aquele Pedro que pensava que sinceramente estava fazendo algo correto ao se abster dos gentios, e que ainda tinha reservas na consciência quanto ao fato de que Deus querer salvar pessoas que eram de povos distintos daquele no qual ele nascera, mais adiante em sua vida descreve que Deus não faz acepção de pessoas e que o Senhor, por causa do seu sangue derramado na cruz do Calvário em favor de todos, também é plenamente poderoso para purificar a consciência e a alma de todos aqueles que se expõem a Cristo como o Senhor e o Sumo Sacerdote de suas vidas.

Somente depois que Pedro foi exposto pessoalmente à atuação do seu Sumo Sacerdote Cristo que ele passou a ver que já não era apropriado chamar de imundo aquilo em favor do qual Deus fizera um provisão perfeita para reconciliar tudo consigo mesmo, quer na Terra ou nos Céus, conforme Paulo também descreve no texto a seguir:

Colossenses 1: 19 **Porque aprovou a Deus que, nele, residisse toda a plenitude**
20 e que, havendo feito a paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele, reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, quer sobre a terra, quer nos céus.

Considerando que o pecado e a lei da Ordem de Arão são meios para sujeitar a criação à escravidão, uma vez que Cristo condenou o pecado e a lei na sua ineficácia e fraqueza, ou removeu os obstáculos que impediam a reconciliação de tudo com Deus, também todo o conceito do que era puro ou imundo segundo a lei de Moisés foi condenado ou tornado obsoleto. E era esta uma das principais convicções à qual Pedro precisava ter a sua consciência ajustada.

Pedro havia ouvido Cristo falar que o Evangelho era para todos. Entretanto, ele ainda necessitou uma intervenção mais profunda do Senhor a seu favor para também entender apropriadamente o que lhe fora dito anteriormente pelo Senhor Jesus.

Embora Pedro tenha sido exposto várias vezes à palavra do Senhor Jesus quanto à questão do Evangelho ter sido revelado ao mundo como uma oferta de salvação e novidade de vida a todos os seres humanos, Pedro somente veio a compreender o que o Senhor lhe havia dito porque permaneceu em comunhão com Cristo mesmo depois do Senhor Jesus já ter sido assunto ao céu para a partir dali exercer a sua função de Sumo Sacerdote Eterno.

Portanto, notemos que as Escrituras nos ensinam que o poder de Cristo manifestado também através do seu sangue derramado na cruz do Calvário para nos perdoar dos nossos pecados e da associação à leis sacerdotais contrárias a Deus não é limitado ao passado e ao aspecto do perdão, mas ele continua a atuar de forma viva naqueles que têm comunhão com o Senhor para que os seus corações sejam perscrutados quanto à purificação da consciência para que possam deixar os caminhos maus e para que possam ver e seguir o caminho de vida eterna.

Salmos 139: 1 **SENHOR, tu me sondas e me conheces.**
2 Sabes quando me assento e quando me levanto; de longe penetras os meus pensamentos.
3 Esquadrinhas o meu andar e o meu deitar e conheces todos os meus caminhos.

...

23 Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração, prova-me e conhece os meus pensamentos;
24 vê se há em mim algum caminho mau e guia-me pelo caminho eterno.

1 João 1: 9 Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça.

O que a ordem de Arão jamais poderá sondar, muito menos purificar, o Senhor Jesus é poderoso para sondar e nos instruir de tal forma que possamos receber o perdão que Ele nos oferece e ter a nossa consciência purificada das convicções mais profundas que não procedem de Deus.

O benefício de poder alcançar uma mente renovada além do perdão dos pecados é indescritível, e ele é vivo, real, poderoso e disponível para aqueles que permitirem que o Senhor Jesus Cristo seja o Sumo Sacerdote diário e eterno em seus corações e a seu favor diante de Deus.

Salmos 19: 14 As palavras dos meus lábios e o meditar do meu coração sejam agradáveis na tua presença, SENHOR, rocha minha e redentor meu!

E o exemplo de Paulo, mais conhecido anteriormente também pelo nome Saulo? Quantas convicções e zelos sinceros, mas errados, este homem não tinha em sua consciência?

Entretanto, através de uma contínua comunhão viva com o Senhor Jesus, Paulo foi purificado daquelas convicções e zelos sinceros, mas que não tinha a verdade e a justiça de Deus por fundamento.

Assim, ao descrever o batismo que o Pai Celestial nos oferece em Cristo, Pedro diz que o batismo no Senhor Jesus não é a remoção da imundícia da carne, mas a indagação de uma “boa consciência” para com Deus.

O batismo em Cristo, vivido diariamente na comunhão com Cristo, nos faz mergulhar ou imergir no Senhor Jesus. E através deste processo, o Senhor nos mostra que Ele é poderoso para purificar a nossa consciência, mostrando-nos para o que fomos incluídos na sua morte e sepultamento, assim como para aquilo que temos sido incluídos na sua ressurreição para a novidade de vida proveniente de Deus.

1 Pedro 3: 18 Pois também Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-vos a Deus; morto, sim, na carne, mas vivificado no espírito,
19 no qual também foi e pregou aos espíritos em prisão,
20 os quais, noutra tempo, foram desobedientes quando a longanimidade de Deus aguardava nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca, na qual poucos, a saber, oito pessoas, foram salvos, através da água,
21 a qual, figurando o batismo, agora também vos salva, não sendo a remoção da imundícia da carne, mas a indagação de uma boa

consciência para com Deus, por meio da ressurreição de Jesus Cristo;
22 o qual, depois de ir para o céu, está à destra de Deus, ficando-lhe subordinados anjos, e potestades, e poderes.

A figura da imersão na água é um exemplo didático, um símbolo ou uma figura do que é ser batizado no batismo de comunhão com o Senhor em sua condição de nosso Único Sumo Sacerdote Eterno e dos resultados que podemos esperar para a nossa alma ou consciência advindos desta comunhão com este Sumo Sacerdote e Senhor Eterno.

Através da nossa associação a Cristo ou através do sermos batizados em Cristo, temos Nele a nosso favor os benefícios proporcionados pela sua morte na cruz do Calvário ou pelo sangue que por nós foi derramado em sua morte.

Entretanto, os benefícios proporcionados pela morte do Senhor Jesus, por sua vez, nos são oferecidos para que também possamos ter os benefícios da comunhão com o Cristo ressurreto, eternamente vivo e presente diante do Pai Celestial e em nossos corações, sendo um deles podermos ser purificados de convicções ou entendimentos contrários a Deus para também podermos ter uma boa consciência para com o Pai das Luzes.

Permanecer no batismo que nos é proporcionado por Deus em Cristo também é expresso pela permanência no relacionamento com a atuação viva do Senhor Jesus exaltado a favor daqueles que Nele foram inseridos e Nele permanecem.

Portanto, muitos princípios ou práticas da vida dissociada da vontade de Deus, inclusive aquelas oriundas da velha aliança ou da Ordem de Arão, ainda permanecem tão ativas inclusive nas vidas de muitos cristãos que já creram na salvação proporcionada pela obra de Cristo na cruz do Calvário porque muitos cristãos não conhecem, não foram ensinados ou não acessam a glória de Cristo como o Sumo Sacerdote Eterno capaz ou poderoso tanto para lhes purificar a consciência como para lhes conceder o necessário entendimento do que verdadeiramente é a vontade de Deus para as suas vidas.

Não é por acaso que o diabo se empenha tanto em tentar manter obscura a Luz do Evangelho da Glória de Cristo perante as pessoas, conforme já vimos no capítulo sobre a Glória de Cristo também como a Luz do Evangelho de Deus.

*2 Coríntios 4: 3 **Mas, se o nosso evangelho ainda está encoberto, é para os que se perdem que está encoberto,***
*4 **nos quais o deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus.***

E ainda especificamente quanto a ter uma consciência ou convicção apropriada diante de Deus ou ter uma consciência renovada em Cristo, gostaríamos de destacar também que uma das principais estratégias que o diabo tenta usar para tentar confundir as pessoas para não alcançarem uma boa consciência é a via da pregação de partes do próprio Evangelho, mas sob o foco ou a bandeira de exaltar aos supostos pregadores.

Por isto, Paulo declarava:

2 Coríntios 4: 5 Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor e a nós mesmos como vossos servos, por amor de Jesus.

Em outras palavras, umas das estratégias mais aguerridas do diabo é tentar promover pregadores que fazem uso de partes das Escrituras associadas ao Evangelho para pregarem a si próprios e não a Cristo Jesus como Senhor, Único Mediador e Único Sumo Sacerdote para a vida de um cristão.

Em vez dos pregadores apontarem para a grandeza exclusiva de Cristo e da necessidade da ajuda do Senhor que eles próprios apresentam por causa das suas muitas fraquezas, a estratégia contrária aos cristãos visa procurar enaltecer cada vez mais os pregadores, tentando assim obscurecer a glória do Único Pastor e Bispo das nossas almas, o Senhor Jesus Cristo.

Apesar de cada cristão já ter um Sumo Pastor da sua alma, no mundo há muitos que também querem ser os pastores dos cristãos e que usam de suas pregações para tentarem persuadir as pessoas a segui-los. São pregadores que em parte pregam o Evangelho, mas que o fazem para atrair a confiança de indivíduos e até multidões para seus próprios sistemas sacerdotais, os quais, de uma ou de outra forma, apresentarão características da Ordem de Arão, pois são baseados em intentos carnaís como era o sacerdócio da velha aliança.

De uma ou de outra forma, os pregadores com as características acima tentam resgatar a diferenciação de classes que havia na velha aliança com o intuito de se elevarem sobre os outros em vez de indicarem que somente há um caminho que pode purificar as profundezas da consciência de uma pessoa, e que é o relacionamento pessoal de cada indivíduo com o seu Senhor e Sumo Sacerdote Eterno Jesus Cristo.

Contrariando o ensino de que Cristo está presente com cada cristão também como o Sumo Sacerdote daqueles que Nele creem, muitos homens e mulheres tentam impor suas palavras de aparência de piedade nas consciências dos seus semelhantes com o objetivo de sutilmente ofuscar a comunhão pessoal, simples e direta deles com Cristo para que estes passem a andar segundo os preceitos que eles ensinam e não segundo a vontade do Senhor.

1 Coríntios 1: 12 Refiro-me ao fato de cada um de vós dizer: Eu sou de Paulo, e eu, de Apolo, e eu, de Cefas, e eu, de Cristo.

13 Acaso, Cristo está dividido? Foi Paulo crucificado em favor de vós ou fostes, porventura, batizados em nome de Paulo?

...

3: 3 Porquanto, havendo entre vós ciúmes e contendas, não é assim que sois carnaís e andais segundo o homem?

4 Quando, pois, alguém diz: Eu sou de Paulo, e outro: Eu, de Apolo, não é evidente que andais segundo os homens?

5 Quem é Apolo? E quem é Paulo? Servos por meio de quem crestes, e isto conforme o Senhor concedeu a cada um.

*Atos 20: 29 **Eu sei que, depois da minha partida, entre vós penetrarão lobos vorazes, que não pouparão o rebanho.***
*30 **E que, dentre vós mesmos, se levantarão homens falando coisas pervertidas para arrastar os discípulos atrás deles.***
*31 **Portanto, vigiai, lembrando-vos de que, por três anos, noite e dia, não cessei de admoestar, com lágrimas, a cada um.***
*32 **Agora, pois, encomendo-vos ao Senhor e à palavra da sua graça, que tem poder para vos edificar e dar herança entre todos os que são santificados.***

O que, entretanto, o Senhor Jesus Cristo providenciou para cada indivíduo é:

*Hebreus 10: 19 **Tendo, pois, irmãos, intrepidez para entrar no Santo dos Santos, pelo sangue de Jesus,***
*20 **pelo novo e vivo caminho que ele nos consagrou pelo véu, isto é, pela sua carne,***
*21 **e tendo grande sacerdote sobre a casa de Deus,***
*22 **aproximemo-nos, com sincero coração, em plena certeza de fé, tendo o coração purificado de má consciência e lavado o corpo com água pura.***
*23 **Guardemos firme a confissão da esperança, sem vacilar, pois quem fez a promessa é fiel.***

Em relação ao último texto acima, alguém ainda pode vir a pensar: “Mas eu ainda não posso chegar a Deus, pois ainda não tenho sincero coração e a consciência purificada.”

Entretanto, é também precisamente em relação a este ponto que Cristo nos auxilia como o Nosso Sumo Sacerdote Eterno assentado junto ao Pai Celestial.

Se alguém ainda pensa que precisa de alguma justiça própria para se chegar ao Pai Celestial, ele deveria rever esta posição, pois ele sempre pode se chegar a Jesus, que, como Sumo Sacerdote segundo a Ordem de Melquisedeque, está prontamente disposto a auxiliar este indivíduo a ser liberto daquilo poderia impedi-lo de vir a se reconciliar com Deus. E o próprio Cristo pode ensinar esta pessoa sobre a convicção de que por causa do sangue do Senhor derramado na cruz do Calvário ela pode se chegar a Deus em fé na certeza de que também será aceita pelo Pai Celestial.

Os sacerdotes da Ordem de Arão entravam em tabernáculos terrenos em nome dos outros para tentar representá-los perante Deus a fim de que os seus pecados pudessem ser cobertos por um período de tempo, como que postergando a execução da sentença de condenação daqueles que a ela estavam associados. Mas sob a velha aliança, jamais alguém era definitivamente perdoado, e nem tinha a sua alma purificada das obras mortas da própria Ordem Sacerdotal à qual estava sujeito, porque, neste sacerdócio, ninguém conseguia ir além da confissão de pecados e avançar para uma contínua comunhão com Deus.

Em Cristo, porém, além de termos Nele o perdão dos pecados e das obras mortas da velha aliança ou similares a ela, podemos avançar, através

Dele, para as etapas de ser aperfeiçoado pelo Senhor inclusive na consciência para com Deus e para a rejeição do que se opõe ao caminho da novidade de vida no Senhor.

O Senhor Jesus representa perante Deus aqueles que se achegam a Ele. Mas no tabernáculo celestial, no Santo dos Santos verdadeiro e eterno, Ele vai muito mais além do que isto. Além de representar os que Nele creem como o seu Singular Sumo Sacerdote, o Senhor Jesus os prepara para que cada um deles também possa se achegar continuamente diante do Pai Celestial e ter a mente renovada para compreender a vontade de Deus e não ficar em posição de resistência ao Senhor.

O ministério do Senhor Jesus é um sacerdócio de compaixão e misericórdia, mas também de graça e amor que, diferentemente da Ordem de Arão, não deixa a pessoa afastada da comunhão enquanto o Sumo Sacerdote vai ao lugar mais santo.

Em seu ministério de Sumo Sacerdote segundo a Ordem de Melquisedeque, Cristo prepara aquele que nele crê para poder viver conjuntamente com Ele a cada dia diante do Pai Celestial.

*Efésios 1: 3 **Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos tem abençoado com toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais em Cristo,***

4 assim como nos escolheu nele antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele em amor.

*Efésios 1: 4 **Mas Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor com que nos amou,***

5 e estando nós mortos em nossos delitos, nos deu vida juntamente com Cristo, (pela graça sois salvos),

6 e, juntamente com ele, nos ressuscitou, e nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus;

7 para mostrar, nos séculos vindouros, a suprema riqueza da sua graça, em bondade para conosco, em Cristo Jesus.

Desta forma, através da sua posição de Sumo Sacerdote segundo a Ordem de Melquisedeque, e não da Ordem de Arão, o Senhor Jesus Cristo:

- ⇒ 1) Apresentou diante de Deus o sacrifício perfeito e único para a salvação de todos os homens;
- ⇒ 2) Providencia que a salvação se torne a experiência pessoal de todo aquele que o invoca como Senhor e crê que Deus o ressuscitou dentre os mortos;
- ⇒ 3) Através de atuação viva, contínua e crescente em relação àqueles que Nele creem, Ele purifica a consciência de convicções ou entendimentos que são contrários à vontade de Deus e que produzem obras mortas;
- ⇒ 4) Introduce o indivíduo salvo à presença do Pai Celestial para a comunhão com o Criador e para que conheça a vontade do Pai para a sua vida;

- ⇒ 5) Continua a se compadecer daqueles que Nele creem, atuando continuamente como intercessor e auxiliador daqueles que o recebem também na sua condição de seu Exclusivo Sumo Sacerdote Eterno.

Conforme vimos no início do presente material, Deus designou ao Senhor Jesus Cristo para falar conosco nos presentes dias, nos dias que sucedem à morte e a ressurreição de Cristo, porque o Pai Celestial sabe que Ele também será completamente fiel de trazer aqueles que Nele creem à presença do próprio Pai.

O Pai designou ao Senhor Jesus como o mensageiro vivo e como o exclusivo Mediador do relacionamento da cada indivíduo com Deus porque Cristo em tudo é o fiel e vivo caminho para que as pessoas, mediante a justiça do reino celestial e a não dos homens, retornem ao Criador e Pai Celestial para uma íntima comunhão com Ele em sua condição de Pai Eterno.

*João 16: 23 **Naquele dia, nada me perguntareis. Em verdade, em verdade vos digo: se pedirdes alguma coisa ao Pai, ele vo-la concederá em meu nome.***

*24 **Até agora nada tendes pedido em meu nome; pedi e receberéis, para que a vossa alegria seja completa.***

*25 **Estas coisas vos tenho dito por meio de figuras; vem a hora em que não vos falarei por meio de comparações, mas vos falarei claramente a respeito do Pai.***

*26 **Naquele dia, pedireis em meu nome; e não vos digo que rogarei ao Pai por vós.***

*27 **Porque o próprio Pai vos ama, visto que me tendes amado e tendes crido que eu vim da parte de Deus.***

Quando alguém se achega ao Sumo Sacerdote e Senhor Jesus também para que o Senhor lhe instrua para a purificação da consciência e lhe conceda uma consciência alinhada com uma vida segundo a perspectiva da vontade de Deus, o Senhor o está fortalecendo para passar a experimentar o que é denominado nas Escrituras de **“VIVER EM CRISTO”**.

A revelação da glória de Cristo como Salvador também é acrescida de Cristo em sua posição de Senhor e depois ainda como o Sumo Sacerdote Eterno segundo a Ordem de Melquisedeque. E se aceitarmos o fato de Cristo ser o nosso representante diante do Pai Celestial e representante de Deus em nossos corações, Ele estará continuamente em nós, e nós estaremos continuamente Nele diante do Pai das Luzes.

Quando somos “Dele”?

Quando confiamos que Cristo nos representa plenamente diante do Pai Celestial e quando aceitamos que o Senhor Jesus em tudo também pode representar o Pai Eterno em nossos corações, passamos a nos posicionar naquilo que as Escrituras chamam de *sermos Dele* ou *estarmos Nele*.

E se Cristo está em nós, e nós estamos em Cristo, também podemos estar em Espírito onde Ele está, ou seja, diante do Pai Celestial.

Se alguém meramente declarar que ele está assentado nas regiões celestiais, isto não faz com que este indivíduo de fato esteja nesta condição, pois é através da comunhão com o Sumo Sacerdote Eterno da Ordem de Melquisedeque, que nos assiste diante do Pai Celestial, que alguém está *em Cristo*.

Somente podemos estar nas regiões celestiais de Deus se estivermos em Cristo, pois é em Cristo que temos a Ele como nossa justiça eterna para podermos estar diante do Pai Celestial e para podermos estar devidamente assistidos para também continuarmos a estar diante do Pai Celestial.

Colossenses 1: 26 **O mistério que estivera oculto dos séculos e das gerações; agora, todavia, se manifestou aos seus santos;**
27 aos quais Deus quis dar a conhecer qual seja a riqueza da glória deste mistério entre os gentios, isto é, Cristo em vós, a esperança da glória;
28 o qual nós anunciamos, advertindo a todo homem e ensinando a todo homem em toda a sabedoria, a fim de que apresentemos todo homem perfeito em Cristo.

1 Coríntios 1: 30 **Mas vós sois dele, em Cristo Jesus, o qual se nos tornou, da parte de Deus, sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção,**
31 para que, como está escrito: Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor.

Efésios 2: 11 **Portanto, lembrai-vos de que, outrora, vós, gentios na carne, chamados incircuncisão por aqueles que se intitulam circuncisos, na carne, por mãos humanas,**
12 naquele tempo, estáveis sem Cristo, separados da comunidade de Israel e estranhos às alianças da promessa, não tendo esperança e sem Deus no mundo.
13 Mas, agora, em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, fostes aproximados pelo sangue de Cristo.

Como nosso Sumo Sacerdote Eterno, Cristo nos aproxima e apresenta diante do Pai Celestial também como sacerdotes. Cristo jamais quer atuar por nós para nos manter afastados do Pai das Luzes e de todo verdadeiro amor, pois para nos reconciliar com Deus e também para nos assistir como Sumo Sacerdote que vive para sempre é que Ele morreu em nosso lugar.

Quando passamos a ter a Cristo como a nossa luz, podemos conhecer mais o Pai das Luzes, pois o Senhor é o perfeito Mediador da Nova Aliança e também é o perfeito Sumo Sacerdote que nos assiste para chegarmos ao Pai Celestial e para permanecermos perante o Pai Eterno todos os dias da nossa vida.

Apocalipse 1: 4 **João, às sete igrejas que estão na Ásia: Graça e paz seja convosco da parte daquele que é, e que era, e que há de vir, e da dos sete Espíritos que estão diante do seu trono;**

***5 e da parte de Jesus Cristo, que é a fiel testemunha, o primogênito dos mortos e o príncipe dos reis da terra. Àquele que nos ama, e em seu sangue nos lavou dos nossos pecados,
6 e nos fez reis e sacerdotes para Deus e seu Pai, a ele, glória e poder para todo o sempre. Amém! (RC)***

O chamado do Pai Celestial para as pessoas se relacionarem diariamente com Ele ou praticarem continuamente o sacerdócio diante Dele é um chamado para uma condição oferecida pelo Senhor a todos e que realmente pode ser vivenciada.

Entretanto, o chamado para estar continuamente diante de Deus também refere-se a uma experiência pessoal que somente pode ser alcançada em conjunto com Cristo em sua posição eterna de Sumo Sacerdote daqueles que Nele creem.

Depois que uma pessoa passa a permitir que Cristo a ensine a ver e se relacionar com Ele como o Sumo Sacerdote Eterno e que lhe oferece um jugo leve e suave, onde Cristo é o Sumo Sacerdote Eterno e o cristão é sacerdote juntamente com Cristo, o Senhor Jesus a ensina a descansar Nele e a ver, crer, receber e agir cada vez mais na vontade do Pai Celestial, levando este cristão a desfrutar da presença do Pai Celestial, do querer do Pai Celestial, bem como também a viver uma vida que glorifica ao Senhor.

Portanto, a nossa oração neste ponto é para que Deus conceda a graça também aos cristãos dos nossos dias e as gerações futuras para que possam ter sempre os olhos iluminados com a “Luz do Evangelho da Glória de Cristo e da Glória de Deus” para que nunca se afastem do entendimento de que Cristo também é o Único Sumo Sacerdotes Eterno que pode ajudar cada cristão a exercer a posição que cada um tem como sacerdote da sua vida diante do Pai Celestial.

Efésios 5: 14 Pelo que diz: Desperta, ó tu que dormes, levanta-te de entre os mortos, e Cristo te iluminará.

***Filipenses 3: 9 E também faço esta oração: que o vosso amor aumente mais e mais em pleno conhecimento e toda a percepção,
10 para aprovardes as coisas excelentes e serdes sinceros e inculpáveis para o Dia de Cristo,
11 cheios do fruto de justiça, o qual é mediante Jesus Cristo, para a glória e louvor de Deus.***

C23. A Glória Cheia de Amor e de Misericórdia do Sumo Sacerdote Jesus que nos Conduz às demais Facetas da Glória de Deus

*João 14: 6 **Respondeu-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim.***

A denominada nova aliança é o único meio pelo qual uma pessoa pode vir a ter um relacionamento adequado, satisfatório, contínuo e crescente estabelecido com Deus.

Por outro lado, a nova aliança é uma aliança ou um acordo entre partes tão especial e sublime que ela necessita de um Mediador perfeitamente apropriado para que possa ser devidamente colocada em prática ou estabelecida, e em relação à qual, Cristo é o Único Mediador autorizado por Deus, pois Cristo também se tornou o Filho do Homem prometido como descendente de Abraão que morreu na cruz do Calvário para a redenção dos pecadores e para ser o representante legal de todos os seres humanos perante Deus.

Como Mediador da nova aliança, Cristo conhece todos os aspectos da vida tanto das pessoas que ainda não se reconciliaram com o Eterno Criador como das pessoas que já se reconciliaram com Deus, pois Ele é o Único Mediador de Deus concernente a todos os aspectos da vida de todos os seres humanos, conforme já vimos anteriormente.

Como Mediador da nova aliança, Cristo ouve o clamor dos aflitos que ainda não conhecem a salvação oferecida por Deus, oferece o Evangelho desta salvação a todas as pessoas do mundo, introduz na nova aliança aqueles que recebem a salvação oferecida por Deus e continua a dar suporte e instrução a todo aquele que recebe a salvação e a vida eterna concedida pelo Pai Celestial.

Por um lado, Cristo é o perfeito e único Mediador da nova aliança porque somente Ele é a exata expressão da glória que manifesta aos seres humanos quem e como é Deus. Por outro lado, Ele é o singular Mediador porque somente Ele é um representante legal e perfeito dos seres humanos perante Deus e que tem uma plena ou perfeita provisão feita através da sua morte na cruz do Calvário para demonstrar diante de Deus que todos os seres humanos tiveram suas dívidas eternas com o pecado e com a lei do primeiro sacerdócio, ou similares a ele, quitadas.

Cristo, por um lado, é o perfeito e único Mediador que permite que as pessoas na Terra, mesmo em suas fraquezas, limitações e debilidades, conheçam a Deus na medida que necessitam, mas também na medida que podem suportar enquanto ainda estão no presente mundo. E, por outro lado, Cristo é o perfeito e único Mediador que permite que as pessoas se apresentem a Deus devidamente justificadas e amparadas para que Deus não as rejeite por suas falhas, pecados e obras que as colocariam em condição de condenação eterna diante da justiça e do juízo de Deus.

Cristo é a perfeita revelação celestial de Deus ao mundo e o perfeito meio de conexão de Deus com os seres humanos, mas Cristo também é o que pode apresentar cada ser humano imperfeito de forma aceitável diante de Deus para que cada pessoa, individualmente e por opção própria, possa voltar a se conectar (relacionar) com Deus na medida que de fato lhe é necessária e não somente permanecer como se ela fosse meramente mais um elemento existente na criação ou no mundo.

Entretanto, quando avançamos ainda mais para ver a Cristo como o Sumo Sacerdote Eterno segundo a Ordem de Melquisedeque, além de podermos ver a confirmação de que Cristo é o Único Caminho vivo para nos achegarmos à comunhão com o Pai Celestial, também podemos passar a aprender e experimentar de forma mais próxima outros aspectos relacionados a este Senhor Jesus que nos proporciona a reconciliação e a comunhão de Deus com os seres humanos e dos seres humanos com Deus.

Conhecer a Cristo como o Sumo Sacerdote Eterno segundo a Ordem de Melquisedeque é ir além do conhecimento informativo e geral de que Cristo é o Caminho para a Vida Eterna, passando para um conhecimento mais prático ou tangível de quem é este Senhor que prontamente se dispõe a nos guiar neste Caminho, a nos conceder a Verdade e a Novidade de Vida Eterna, e a nos ensinar a viver e andar na Verdade e na Novidade de Vida a nós concedida juntamente com o Evangelho.

Conhecer a Cristo como o Sumo Sacerdote Eterno segundo a Ordem de Melquisedeque é avançar no conhecimento prático de como Cristo atua nas suas funções de Caminho, Verdade e Vida, e ainda, como Ele se dispõe a nos suportar e ensinar para que também nós possamos viver e andar naquilo que nos é oferecido juntamente com a salvação eterna.

Dizer que Cristo é o Único Mediador da nova aliança, jamais da velha aliança, dizer que Cristo é o Caminho sem o qual ninguém tem acesso a Deus ou dizer que Cristo é o Único Sumo Sacerdote Eterno segundo a Ordem de Melquisedeque são, de certa forma, sinônimos, tendo, porém, como diferença, o fato de que quando conhecemos o Senhor também como Mediador da nova aliança e Sumo Sacerdote segundo esta nova aliança, também passamos a ter acesso a vários aspectos sobre como Cristo, de forma prática, exerce a função de ser para nós o Caminho, a Verdade e a Vida.

Sem que uma pessoa venha a ser exposta à posição de Cristo como o Sumo Sacerdote Eterno da Ordem de Melquisedeque, ela pode ter mais dificuldades de compreender o acesso a um relacionamento apropriado com Deus, pois esta posição de Sumo Sacerdote de Cristo é uma via tangível pela qual Cristo realiza a sua função de Caminho, Verdade e Vida Eterna para conosco.

Ainda que muitas pessoas, ao longo dos séculos, tiveram acesso a Cristo e a um intenso relacionamento com Deus mesmo sem um conhecimento mais específico a respeito do fato de que o Senhor Jesus é o Sumo Sacerdote de suas vidas, elas somente tiveram este relacionamento mais próximo a Deus por causa da posição de Cristo como o Sumo Sacerdote de suas vidas.

Ressaltamos aqui, então, que Cristo é o Sumo Sacerdote segundo a Ordem de Melquisedeque quer as pessoas o reconheçam como tal, quer não o reconheçam ou quer nem tenham conhecimento desta verdade. Entretanto, se as pessoas passarem a conhecer este aspecto mais precisamente ou amplamente, elas poderão crescer de forma ainda mais intensa em seu relacionamento com Deus.

O fato das pessoas desconhecerem a verdade de que Cristo é o Sumo Sacerdote Eterno das suas vidas não é um impedimento para a salvação. Se alguém clamar a Cristo como o Senhor de sua vida, ele já recebe a salvação por este ato. Entretanto, se aqueles que receberem a Cristo também vierem a conhecer a glória de Cristo como o Sumo Sacerdote das suas vidas, estes poderão ser beneficiados ainda muito mais em aspectos práticos da sua nova condição de relacionamento com Deus.

Pelo fato de nem saberem o que representa a posição de Cristo como Sumo Sacerdote para a vida de uma pessoa ou por somente conhecerem de forma superficial o que significa esta condição gloriosa de Cristo, muitas pessoas têm deixado de se beneficiar de inúmeros aspectos que podem advir em favor delas a partir de um relacionamento mais apropriado com o Senhor também nesta sua posição sacerdotal.

Portanto, a posição ou a função de Cristo como o Sumo Sacerdote Eterno não é algo a ser desprezado e nem temido, pois Cristo não foi estabelecido eternamente por Deus nesta condição para a condenação dos seres humanos, mas Ele foi estabelecido nela para, em misericórdia, amor e paz, ajudar as pessoas na sua reconciliação e relacionamento com Deus.

Como Sumo Sacerdote Eterno, Cristo apresentou uma única provisão eterna diante de Deus para que toda dívida eterna das pessoas com o pecado e com as leis de sacerdócios condenatórios viesse a estar quitada.

Entretanto, Cristo apresentou a provisão eterna uma vez para sempre precisamente também para que agora, e a cada novo dia, possamos nos beneficiar dos benefícios desta obra já realizada pelo Senhor, sendo o maior deles, indubitavelmente, o relacionamento com Deus, pois também é partir deste relacionamento que o Senhor manifesta a nós mais amplamente a provisão dos demais aspectos da novidade de vida que Nele se encontra.

Vejamos mais uma vez alguns textos já mencionados no presente estudo, mas com a atenção mais enfaticamente direcionada à reconciliação com Deus e à grande condição de ajuda e misericórdia que nos é ofertada na posição de Cristo como o Sumo Sacerdote Eterno que nos foi concedido eternamente por Deus:

Romanos 5: 10 **Porque, se nós, quando inimigos, fomos reconciliados com Deus mediante a morte do seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida;**
11 e não apenas isto, mas também nos gloriamos em Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, por intermédio de quem recebemos, agora, a reconciliação.

2 Coríntios 5: 18 **Ora, tudo provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo e nos deu o ministério da reconciliação,**
19 a saber, que Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões, e nos confiou a palavra da reconciliação.
20(b) Em nome de Cristo, pois, rogamos que vos reconcilieis com Deus.

Colossenses 1: 21 **E a vós outros também que, outrora, éreis estranhos e inimigos no entendimento pelas vossas obras malignas,**
22 Agora, porém, vos reconciliou no corpo da sua carne, mediante a sua morte, para apresentar-vos perante ele santos, inculpáveis e irrepreensíveis,
23 se é que permanecéis na fé, alicerçados e firmes, não vos deixando afastar da esperança do evangelho que ouvistes e que foi pregado a toda criatura debaixo do céu, e do qual eu, Paulo, me tornei ministro.

*Hebreus 2: 17 **Por isso mesmo, convinha que, em todas as coisas, se tornasse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote nas coisas referentes a Deus e para fazer propiciação pelos pecados do povo.***

...

*4: 15 **Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado.***

*16 **Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna.***

Quando passamos a ver mais de perto a condição de Cristo como o Sumo Sacerdote da Ordem de Melquisedeque, colocado nesta posição a nosso favor, passamos até a nos deparar com um desafio de ressaltar aquilo que é sobremaneira precioso e sublime entre tantos outros aspectos que também são tão preciosos e sublimes.

Entretanto, se colocarmos em destaque o propósito pelo qual Cristo foi estabelecido como Sumo Sacerdote, podemos ver que tudo o que Cristo já fez no passado sempre almejou e ainda almeja que nos beneficiemos do maior bem que todas as suas ações podem nos proporcionar, o qual é: O relacionamento com o Pai Celestial, com Cristo e com o Espírito Santo mediante a graça eterna de Deus.

Nos estudos sobre O Evangelho da Salvação, O Evangelho da Justiça de Deus e O Evangelho da Graça do Senhor abordamos várias vezes o aspectos de que a salvação nos é oferecida em Cristo não somente para a nossa remissão de uma condição de perdidos, mas para que, após remidos, venhamos a viver e andar sob a condição de pessoas salvas e livres no Senhor.

Similarmente, abordamos o aspecto de que a justiça de Deus nos é oferecida como meio de justificação e reconciliação com o Pai Celestial para também vivermos e andarmos como pessoas livres de condenações eternas, assim como a graça redentora nos é oferecida para também passarmos a viver e andar sob a graça eterna do Senhor.

Aqui, porém, gostaríamos de ressaltar que na condição de Cristo como Sumo Sacerdote Eterno daqueles que Nele creem, Deus nos quer mostrar e ensinar sobre Aquele que está prontamente disposto a nos ensinar e suportar para vivermos e andarmos como justificados, salvos e mediante a graça eterna do Pai Celestial.

Como o Sumo Sacerdote Eterno do Deus Vivo segundo a Ordem de Melquisedeque, Cristo foi estabelecido nesta condição por Deus como o Novo e Vivo Caminho precisamente para que, após termos recebido a salvação, possamos continuar a nos chegar livremente e continuamente ao único e sublime trono da graça e de misericórdia, e para que a partir deste trono, o Senhor possa continuar a designar sobre nós a sua superabundante e infindável bondade em todos os dias das nossas vidas.

Cristo é o Caminho ou o Mediador revelado pela misericórdia de Deus para com todos e para que todos possam escolher receber a salvação no Senhor, conforme já foi explanado mais amplamente nos estudos acima mencionados.

*Salmos 25: 8 **Bom e reto é o SENHOR, por isso, aponta o caminho aos pecadores.***

*1 Timóteo 2: 3 **Isto é bom e aceitável diante de Deus, nosso Salvador,**
4 **o qual deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade.***

*5 **Porquanto há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem,***

*6 **o qual a si mesmo se deu em resgate por todos: testemunho que se deve prestar em tempos oportunos.***

Entretanto, quando as Escrituras nos ensinam que Cristo é o Novo e Vivo Caminho para nos achegarmos a Deus, elas não estão se restringindo somente ao meio para um indivíduo receber a salvação de Deus, mas também para que o indivíduo salvo possa continuamente continuar se achegando a Deus ou até continuamente permanecer no Senhor.

A posição de Cristo como o Sumo Sacerdote Eterno que se dispõe a atuar em favor daqueles que já creem Nele vem ressaltar que continuamos precisando Dele como Caminho para avançar no conhecimento da Verdade e da Novidade de Vida Eterna, assim como para sermos instruídos e suportados para viver e andar em consonância com a Verdade e a nova condição de vida que nos é oferecida no Senhor.

Ressaltamos aqui também que, por um lado, o livro de Hebreus certamente pode servir de apoio à uma pessoa não cristã vir a receber informações para passar a decidir a favor de Cristo e receber através Dele a salvação eterna. Mas por outro lado, gostaríamos de destacar que o livro de Hebreus primordialmente é endereçado aos cristãos para que eles venham a saber com quem podem contar no Céu e na Terra para viverem e andarem na nova condição que receberam mediante à salvação que lhes foi concedida pelo Senhor.

Em um dos seus aspectos centrais ou primordiais, o livro de Hebreus foi nos concedido por Deus para que os cristãos se apercebam de quem eles necessitam e com quem eles podem contar após terem sido salvos!

O livro de Hebreus é uma dádiva de Deus para aqueles que creem no Senhor para saberem que é em Cristo Jesus que eles têm o Caminho para conhecerem a Verdade e Novidade de Vida que lhes está disponível após a salvação, para que sejam instruídos e fortalecidos na Verdade e na Novidade de Vida no Senhor, e para que venham a alcançar os benefícios que acompanham o viver e andar no Caminho de Deus, na Verdade e na Novidade de Vida que há no Senhor.

Apesar de que jamais poderemos expressar com palavras humanas de forma plena a sublimidade e a grandeza da graça e da misericórdia a nós revelada na redenção que nos é oferecida por Deus em Cristo Jesus, a posição de Cristo como Sumo Sacerdote acrescenta ainda mais glória à esta graça e misericórdia, mostrando-nos Deus, que a graça e a misericórdia continuam a nos serem oferecidas de maneira superabundante para nos acompanhar em todos os dias a partir do momento em que recebemos a salvação e a vida eterna no Senhor.

Conforme foi abordado no estudo sobre O Evangelho da Justiça de Deus, a justiça celestial que justifica uma pessoa mediante a graça e a misericórdia do Senhor para a salvação é a mesma justiça que continua a justificá-la segundo a graça e a misericórdia de Deus depois de ter recebido a salvação no Senhor.

*Romanos 5: 8 **Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores.**
9 **Logo, muito mais agora, sendo justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira.***

Assim como Cristo é o Mediador para as pessoas poderem vir a receber a salvação para fazerem parte da nova aliança, assim Cristo é a expressão da graça e misericórdia para as pessoas serem guiadas e auxiliadas por Deus para viverem e andarem sob esta nova aliança e para continuarem a receber abundante graça e misericórdia todos os dias de suas vidas.

Nas Escrituras, podemos ver claramente que o favor do Senhor não é limitado a conduzir as pessoas a um encontro com a salvação eterna. A bondade do Senhor igualmente lhes é oferecida para que também as acompanhe a partir do momento em passam a estar sob a condição de remidas pelo Senhor, conforme exemplificado abaixo:

*Tito 2: 11 **Porquanto a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens,**
12 **ensinando-nos que, renunciando à impiedade e às concupiscências mundanas, vivamos neste presente século sóbria, justa e piamente,**
13 **aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo,**
14 **o qual se deu a si mesmo por nós, para nos remir de toda iniquidade e purificar para si um povo seu especial, zeloso de boas obras.** (RC)*

*Salmos 23: 6 **Bondade e misericórdia certamente me seguirão todos os dias da minha vida; e habitarei na Casa do SENHOR para todo o sempre.***

Através de Cristo, uma pessoa é chamada a receber a salvação para poder ser parte da Casa Celestial do Senhor. Entretanto, através de Cristo, uma pessoa também é chamada a desfrutar dos benefícios que há nesta Casa Celestial do Pai Eterno.

Através da posição de Cristo como Sumo Sacerdote Eterno no tabernáculo celestial, Deus tem reservado abundância de bênçãos àqueles que, também mediante Cristo, receberam a salvação que o Senhor lhes ofereceu mediante a sua graça e misericórdia.

*Efésios 1: 3 **Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos tem abençoado com toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais em Cristo.***

Efésios 2: 4 Mas Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor com que nos amou,
5 e estando nós mortos em nossos delitos, nos deu vida juntamente com Cristo, —pela graça sois salvos,
6 e, juntamente com ele, nos ressuscitou, e nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus;
7 para mostrar, nos séculos vindouros, a suprema riqueza da sua graça, em bondade para conosco, em Cristo Jesus.

Se alguém ainda não sabe como receber a graça redentora de Deus, é porque ele ainda não conhece a glória do Senhor e Salvador que pode conduzi-lo a receber, mediante a fé, esta graça salvadora.

Entretanto, se alguém que já foi salvo ainda não conhece o Caminho para avançar para a abundância da graça e misericórdia para todos os dias da sua vida, isto pode ser devido ao fato de ainda não conhecer a glória de Cristo como seu Único e pessoal Sumo Sacerdote Eterno segundo a Ordem Sacerdotal do amor, da paz e da graça celestial, e não segundo as condições limitadas e carnis de sacerdócios similares à Ordem de Arão.

Pelo fato de que Cristo, tanto na Terra e no Céu, concretizou a consagração plenamente satisfatória do caminho de reconciliação entre Deus e os seres humanos e entre as pessoas e Deus, o Pai Celestial também revelou o ressurreto Senhor Jesus Cristo como o Sumo Sacerdote Eterno através de quem o relacionamento com Deus pode ser realizado por aqueles que receberam a salvação eterna concedida a eles mediante a misericórdia e graça do Senhor.

Portanto, considerando que Cristo nos amou até o fim em seu tempo como Filho do Homem na Terra para que o Caminho da reconciliação com Deus fosse perfeitamente estabelecido, não manifestará Ele muito mais do seu amor para que também conheçamos muito mais o amor do Pai Celestial após o caminho da reconciliação ter sido revelado tão maravilhosamente tanto na Terra como no Céu?

João 13: 1 Ora, antes da Festa da Páscoa, sabendo Jesus que era chegada a sua hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim.

João 17: 25 (Oração do Senhor Jesus) Pai justo, o mundo não te conheceu; eu, porém, te conheci, e também estes compreenderam que tu me enviaste.

26 Eu lhes fiz conhecer o teu nome e ainda o farei conhecer, a fim de que o amor com que me amaste esteja neles, e eu neles esteja.

Romanos 5: 17(b) ... os que recebem a abundância da graça e o dom da justiça reinarão em vida por meio de um só, a saber, Jesus Cristo.

Cristo é o Caminho, a Verdade e a Vida porque através Dele e Nele, temos acesso ao Único Deus de toda a Verdade e Vida. Entretanto, é também através da função de Sumo Sacerdote Eterno, segundo a Ordem de Melquisedeque, que Cristo nos fortalece em Deus para que possamos sempre estar recebendo de forma viva e prática também em nós a Verdade e a Vida de Deus.

Cristo nos é dado como a salvação eterna porque Ele é a provisão perfeita para a nossa remissão do jugo eterno do pecado e porque ele é o Sumo Sacerdote que nos introduz à reconciliação com Deus. Entretanto, juntamente com a salvação, Ele também nos é dado como Sumo Sacerdote para nos instruir e guiar a viver reconciliados com Deus e a continuar a acessar o trono da graça para, desta forma, também ser em nós o Auxiliador e o Rei da Glória que em tudo pode nos guiar a sermos mais que vencedores Nele.

Todo acesso a Deus e todo acesso de Deus a nós passa pela posição de Cristo também como Sumo Sacerdote. Também é a partir da posição de Cristo como o nosso Sumo Sacerdote, e da nossa reconciliação com Deus através desta posição, que todas as demais facetas da graça e da glória de Deus e de Cristo nos são manifestas e disponibilizadas, tais como ter a Cristo também como o Sumo Pastor e o Rei da Glória sobre as nossas vidas.

Assim, juntamente com a salvação recebemos a Cristo no coração para que Ele nos conduza a estarmos Nele, pois estando Nele, estamos diante de Deus nas regiões celestiais para, a partir deste lugar altíssimo, Cristo ser a nossa fortaleza, o nosso Pastor e o Rei da Glória sobre as nossas vidas. E isto, por sua vez, para também andarmos segundo a vontade de Deus para podermos ver a glória de Deus nos instruindo em todos os dias e afazeres das nossas vidas.

Se uma pessoa já souber que Cristo é o Caminho, a Verdade e a Vida ela já poderá se beneficiar muito disto e se relacionar com Deus sob este entendimento. Entretanto, quando alguém passa a conhecer mais de perto o amor, a graça e a misericórdia através dos quais Cristo, como o Sumo Sacerdote Eterno, quer instruir esta pessoa e lhe conceder a Verdade e a Vida, ela poderá vir a ser fortalecida ainda mais para avançar na confiança no Senhor ou na vida mediante a fé em Deus nas mais diversas áreas da sua vida.

O ser humano nem sequer sabe orar adequadamente a Deus. Portanto, como Sumo Sacerdote Eterno e imutável, Cristo, através do Espírito Santo, se oferece a ajudar os cristãos em tudo e em todo o tempo se tão somente eles permanecerem Nele.

E além de nos ajudar a orar a Deus, o próprio Cristo também intercede por nós no Céu diante de Deus e estando em nós na Terra através do Espírito do Senhor que nos foi outorgado ao nosso coração.

Em Cristo, temos representação constante diante de Deus tanto no Céu e na Terra, mostrando que em tudo, o amor de Cristo está conosco para nos proteger, fortalecer e auxiliar a viver e andar continuamente sob a bondade e a graça eterna de Deus.

*Romanos 8: 26 **Também o Espírito, semelhantemente, nos assiste em nossa fraqueza; porque não sabemos orar como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós sobremaneira, com gemidos inexprimíveis.***

- 27 E aquele que sonda os corações sabe qual é a mente do Espírito, porque segundo a vontade de Deus é que ele intercede pelos santos.**
- 28 Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito.**
- 29 Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos.**
- 30 E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou.**
- 31 Que diremos, pois, à vista destas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós?**
- 32 Aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura, não nos dará graciosamente com Ele todas as coisas?**
- 33 Quem tentará acusação contra os eleitos de Deus? É Deus quem os justifica.**
- 34 Quem os condenará? É Cristo Jesus quem morreu ou, antes, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus e também intercede por nós.**

- Hebreus 7: 23* **Ora, aqueles são feitos sacerdotes em maior número, porque são impedidos pela morte de continuar;**
- 24 este, no entanto, porque continua para sempre, tem o seu sacerdócio imutável.**
- 25 Por isso, também pode salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles.**

Por fim, neste capítulo, entendemos que ainda outra razão pela qual Deus quer que conheçamos a Glória de Cristo em sua posição de Sumo Sacerdote a nosso favor diante do Pai Celestial, e que já atuou em nosso favor ao apresentar diante do Pai Celestial a provisão perfeita de amor para a nossa redenção, é para que saibamos que o amor com o qual fomos amados para podermos receber a salvação eterna não é uma fonte de amor temporária ou que talvez se limitasse a nos salvar, mas é uma fonte que nos permite sermos revestidos eternamente do amor do Pai Celestial.

Enquanto estava na condição de Filho do Homem no mundo para demonstrar o amor de Deus por nós enquanto nós ainda éramos pecadores, a ponto de dar a sua vida em sacrifício por nós, Cristo prometeu vida abundante e rios de água viva a fluir do interior daqueles que Nele cressem.

Assim, como o Filho de Deus e agora também como Filho do Homem ressurreto dentre os mortos e assentado à direita do Pai Celestial como o Sumo Sacerdote Eterno, Cristo vive para continuar a estender a sua graça, misericórdia e amor para que aquilo que foi prometido a muitos séculos atrás possa se cumprir através do amor celestial na vida de todo aquele que crê no Senhor e naquilo que Cristo prometeu.

1 Coríntios 13: 8(a) **O amor nunca falha (ou jamais acaba).** RC+RA

Como o Sumo Sacerdote Eterno daqueles que Nele creem, Cristo é o nosso Caminho para conhecermos as profundezas do amor de Deus, ao próprio Deus, as virtudes de Deus ou as características da plenitude de Deus tendo em vista também que Deus é amor.

*Efésios 3: 17 E, assim, habite Cristo no vosso coração, pela fé, estando vós arraigados e alicerçados em amor,
18 a fim de poderdes compreender, com todos os santos, qual é a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade
19 e conhecer o amor de Cristo, que excede todo entendimento, para que sejais tomados de toda a plenitude de Deus.*

Assim como a salvação oferecida a todos pelo Pai Celestial tem por fundamento o seu amor revelado a nós em Cristo Jesus, assim também a vida no amor do Pai Celestial nos é revelada por Deus em Cristo Jesus em sua posição de Sumo Sacerdote Eterno que se dispõe a nos suportar, auxiliar e instruir para que em tudo possamos estar firmados neste amor inabalável e eterno do Senhor.

*Romanos 8: 37 Em todas estas coisas, porém, somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou.
38 Porque eu estou bem certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas do presente, nem do porvir, nem os poderes,
39 nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor.*

O livro de Hebreus inicia declarando que nestes dias Deus nos fala através do Filho do seu Amor porque este Filho é a expressa imagem da sua pessoa. Entretanto, este mesmo livro de Hebreus não para nesta parte. Ele avança nos ensinando que uma das principais maneiras que este Filho do Amor de Deus nos fala é através da sua posição, condição ou função de Sumo Sacerdote Eterno segundo a Ordem de Melquisedeque e que sabe ajudar perfeitamente, em amor, a todos aqueles que a Ele se achegam para também estarem junto ao amor eterno do Pai Celestial.

O livro de Hebreus inicia nos informando através de quem podemos nos comunicar continuamente com Deus. Entretanto, ao descrever a Cristo como o nosso Sumo Sacerdote Eterno segundo a Ordem de Melquisedeque, e não da Ordem de Arão, ele esclarece como podemos ter a nossa comunicação e comunhão com Deus estabelecida apropriadamente ou como podemos vir a estar sob um sacerdócio que tem por característica a graça, a misericórdia e o amor eterno do Pai Celestial.

Por isto:

*Colossenses 2: 6 Ora, como recebestes Cristo Jesus, o Senhor, assim andai nele,
7 nele radicados, e edificados, e confirmados na fé, tal como fostes instruídos, crescendo em ações de graças.*

8 Cuidado que ninguém vos venha a enredar com sua filosofia e vãs sutilezas, conforme a tradição dos homens, conforme os rudimentos do mundo e não segundo Cristo;

9 porquanto, nele, habita, corporalmente, toda a plenitude da Divindade.

Mateus 11:29 **Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma.**

C24. A Glória do Sacerdócio cuja Liberdade de Atuação e de Aceitação de Pessoas Não É Limitada às Barreiras Naturais: Em Cristo Não Há “nem” e “nem”

A. A Liberdade e a Aceitação de Pessoas que Acompanham as Pessoas

Na medida em que começamos a avançar no tema do Sumo Sacerdote Eterno que Deus nos oferece em Cristo e na medida que começamos a permitir que este mesmo Sumo Sacerdote renove o nosso entendimento e nos conceda uma consciência renovada segundo o reino celestial, e não segundo os reinos humanos, Cristo também começa a revelar ou evidenciar os aspectos mais relevantes da vida em Deus daqueles que se achegam a Ele e Nele permanecem.

Quando um cristão, em confiança, permite que o seu Sumo Sacerdote Eterno seja mais presente em sua vida, Cristo começa a revelar as verdades do reino de Deus de forma mais intensa, aprofundada e precisa, mas também começa a lançar luz nos pensamentos mais íntimos que a pessoa agasalha em sua consciência, ainda que a própria pessoa nem esteja consciente de alguns pensamentos que ela guarda em seu coração, conforme já comentado em capítulos anteriores.

Quando uma pessoa, em confiança, passa a se relacionar de forma mais próxima com o Sumo Sacerdote Eterno Cristo para conhecer mais de Deus e para saber mais a respeito da glória Daquele que a chama para um contínuo relacionamento pessoal, o próprio Sumo Sacerdote Eterno também ajuda este indivíduo a perscrutar o próprio coração para que ele possa ser liberto também em sua mente para conhecer a Deus e a sua vontade segundo o entendimento concedido pelo reino celestial.

Quando uma pessoa conhece a Cristo como o Sumo Sacerdote Eterno que faz a mediação de todos os aspectos na nova aliança e permanece na comunhão com Ele, ela também pode descansar no Senhor sabendo que Cristo também a ajudará a ver o que ainda não consegue ver ou a corrigir o que precisa ser corrigido a fim de que veja com clareza o que o Senhor está mostrando a ela.

E entre os vários aspectos centrais que Cristo se oferece a mostrar sob a luz do reino celestial àqueles que recebem ao Senhor no coração, encontram-se aqueles que enaltecem a glória eterna de Deus, mas também aqueles que nos permitem passar a conhecer mais amplamente como podemos ou deveríamos ver o ser humano ou a nós mesmos em face do fato de Cristo já ter morrido em nosso lugar como a provisão para a redenção e ter sido ressuscitado pelo Pai Celestial para nos conceder novidade de vida espiritual.

Portanto, como Sumo Sacerdote Eterno segundo a Ordem de Melquisedeque, Cristo atua para que as pessoas conheçam mais amplamente a glória de Deus em sua majestade, mas também para que possam ver mais apropriadamente a si próprias após receberem a salvação e para que possam conhecer melhor como Deus vê os seres humanos segundo a perspectiva espiritual do reino de Deus ou à luz da obra redentora que Cristo já manifestou ao mundo.

2 Coríntios 5: 14 **Porque o amor de Cristo nos constrange, julgando nós assim: que, se um morreu por todos, logo, todos morreram.**

- 15 E ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou.**
16 Assim que, daqui por diante, a ninguém conhecemos segundo a carne; e, ainda que também tenhamos conhecido Cristo segundo a carne, contudo, agora, já o não conhecemos desse modo.

1 Coríntios 2: 14 **Ora, o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente.**

- ...
- 9 Mas, como está escrito: As coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem são as que Deus preparou para os que o amam.**
10 Mas Deus no-las revelou pelo seu Espírito; porque o Espírito penetra todas as coisas, ainda as profundezas de Deus. (RC)
-

Através do Espírito Santo, e em sua posição de Sumo Sacerdote segundo a Ordem de Melquisedeque, Cristo revela a glória de Deus às pessoas, mas Ele também mostra como são as pessoas na perspectiva de Deus para que elas possam deixar o que não provém de Deus e para que possam ser transformadas pela renovação do entendimento segundo a glória de Deus, e não segundo a glória do mundo ou da humanidade.

Lembrando que *sacerdócio*, em seu conceito geral, é expresso pelo relacionamento de uma pessoa com Deus e que o Sacerdócio em Cristo segundo a Ordem de Melquisedeque tem os referenciais deste relacionamento estabelecido segundo o reino celestial e não a mentalidade natural humana, também torna-se muito relevante que aqueles que se achegam à nova aliança passem a conhecer como eles são vistos sob a perspectiva do reino celestial.

Um indivíduo, por exemplo, pode estar em uma condição de destaque aparente diante do mundo, mas que é desprezível diante de Deus, enquanto outro pode ter uma aparência insignificante diante das demais pessoas, mas que é excelsa e sublime diante do Senhor.

1 Samuel 16: 7(b) **Porque o SENHOR não vê como vê o homem. O homem vê o exterior, porém o SENHOR, o coração.**

- 1 Coríntios 1: 26* **Porque vede, irmãos, a vossa vocação, que não são muitos os sábios segundo a carne, nem muitos os poderosos, nem muitos os nobres que são chamados.**
27 Mas Deus escolheu as coisas loucas deste mundo para confundir as sábias; e Deus escolheu as coisas fracas deste mundo para confundir as fortes.
28 E Deus escolheu as coisas vis deste mundo, e as desprezíveis, e as que não são para aniquilar as que são;
29 para que nenhuma carne se glorie perante ele. (RC)

Lucas 12: 15 **Então, lhes recomendou: Tende cuidado e guardai-vos de toda e qualquer avareza; porque a vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui.**

Lucas 16: 15 **E disse-lhes: Vós sois os que vos justificais a vós mesmos diante dos homens, mas Deus conhece o vosso coração, porque o que entre os homens é elevado perante Deus é abominação.**

Assim, conhecer o que está exposto acima pode vir a ser crucial porque, sob a nova aliança com Cristo, uma pessoa pode ter uma condição no plano espiritual que seja muito distinta do que a sua situação no plano natural.

O Sacerdócio segundo Cristo, vê as pessoas sob princípios de aceitação e de liberdade muito mais amplos, favoráveis ou distintos do que o homem natural considera como parâmetros de liberdade e de possibilidade das pessoas serem aceitas perante Deus, conforme mencionado também nos textos a seguir:

João 8: 36 **Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente, sereis livres.**

Colossenses 3:9 **Não mintais uns aos outros, uma vez que vos despistes do velho homem com os seus feitos**
¹⁰ **e vos revestistes do novo homem que se refaz para o pleno conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou (Cristo);**
¹¹ **no qual não pode haver grego nem judeu, circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita, escravo, livre; porém Cristo é tudo em todos.**

Gálatas 3: 26 **Pois todos vós sois filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus;**
²⁷ **porque todos quantos fostes batizados em Cristo de Cristo vos revestistes.**
²⁸ **Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus.**
²⁹ **E, se sois de Cristo, também sois descendentes de Abraão e herdeiros segundo a promessa.**

Entendemos que olhar o aspecto da liberdade de uma pessoa em conjunto com o aspecto da aceitação de um indivíduo é muito necessário no tema do sacerdócio ou de relacionamento com Deus, pois em muitas circunstâncias no mundo, a liberdade ou a falta de liberdade de um indivíduo também é vista, respectivamente, como um fator de aceitação ou de rejeição desta pessoa.

Por isto, quando os textos de Colossenses e Gálatas apresentados acima mencionam que **em Cristo não há escravo ou liberto, ou escravo e livre**, eles nos mostram

que no Sacerdócio segundo Cristo não é aceita a aplicação de barreiras quanto ao relacionamento das pessoas com Deus similares às que as pessoas atribuem umas às outras.

No mundo, há muitas situações em que as pessoas podem se encontrar restritas ou até aprisionadas no plano natural, quer seja devido à debilidades físicas, a um delito cometido ou até porque incorreram em escravidão. Entretanto, ainda assim, elas podem ser pessoas amplamente livres em Cristo e desfrutarem muito mais o acesso a Deus do que muitos indivíduos que têm uma condição natural de ampla liberdade e que não estão no Senhor.

No sacerdócio segundo a lei de Moisés, por exemplo, um aprisionado não tinha como ter acesso ao templo e ao tabernáculo, sendo privado dos serviços sacerdotais ali realizados. Mas, em Cristo, por outro lado, também como um exemplo, podemos ver que foi em prisões ou cadeias que Paulo escreveu uma expressiva parte das maiores revelações que os seres humanos anteriormente jamais haviam ouvido a respeito de Deus e do seu Evangelho.

Paulo chegou a declarar que o fato dele ter vindo a ser aprisionado colaborou em muito para que ficasse manifestada e demonstrada a liberdade da palavra de Deus ou do Evangelho do Senhor no mundo mesmo diante de oposições e resistências.

*2 Timóteo 1: 8 **Não te envergonhes, portanto, do testemunho de nosso Senhor, nem do seu encarcerado, que sou eu; pelo contrário, participa comigo dos sofrimentos, a favor do evangelho, segundo o poder de Deus,***
*9 **que nos salvou e nos chamou com santa vocação; não segundo as nossas obras, mas conforme a sua própria determinação e graça que nos foi dada em Cristo Jesus, antes dos tempos eternos,***
*10 **e manifestada, agora, pelo aparecimento de nosso Salvador Cristo Jesus, o qual não só destruiu a morte, como trouxe à luz a vida e a imortalidade, mediante o evangelho,***
*11 **para o qual eu fui designado pregador, apóstolo e mestre***
*12 **e, por isso, estou sofrendo estas coisas; todavia, não me envergonho, porque sei em quem tenho crido e estou certo de que ele é poderoso para guardar o meu depósito até aquele Dia.***

*2 Timóteo 2: 8 **Lembra-te de que Jesus Cristo, que é da descendência de Davi, ressuscitou dos mortos, segundo o meu evangelho;***
*9 **pelo que sofro trabalhos e até prisões, como um malfeitor; mas a palavra de Deus não está presa.** (RC)*

Por outro lado, se Paulo estivesse na Ordem de Arão, a prisão poderia impedi-lo de continuar a exercer o seu ministério. Em Cristo, porém, ainda que aprisionado em termos físicos, a vida de Paulo continuava a cooperar para que a palavra do Senhor ganhasse ainda mais força de expressão.

As prisões às quais Paulo foi submetido nunca foram impedimento para seu relacionamento com o seu Senhor e Sumo Sacerdote que estava com ele no seu coração,

mas que também estava diante do Pai Celestial intercedendo para que o Pai o sustentasse também nas situações de extrema adversidade nas coisas do mundo presente.

Anteriormente, quando ainda era mais conhecido como Saulo, o próprio Paulo tentou se opor a Cristo como o singular Sumo Sacerdote de cada pessoa, pensando que ações externas de resistência aos cristãos poderiam parar o Evangelho de Cristo e aqueles que aderiam ao Senhor Jesus. Entretanto, por mais que Saulo tentasse fazê-lo, mais o Evangelho se propagava.

*Atos 8: 3 E Saulo assolava a igreja, entrando pelas casas; e, arrastando homens e mulheres, os encerrava na prisão.
4 Mas os que andavam dispersos iam por toda parte anunciando a palavra. (RC)*

Embora as suas ações em oposição ao Evangelho fossem poderosas aos olhos humanos, o entendimento de Saulo sobre o Evangelho era muito limitada e frágil, pois o que ele conhecia sobre o assunto de sacerdócio ou do relacionamento com Deus era somente segundo a Ordem de Arão, onde qualquer pessoa poderia com certa facilidade ser impedida de entrar no tabernáculo ou no templo material.

Aquele Saulo que tentou frear o Evangelho através de ações externas, até de extrema violência, depois veio a conhecer qual é o tipo de poder de Cristo que pode ser manifestado livremente a um indivíduo quando o Senhor Jesus habita no seu coração e quando uma pessoa também se mantém perante Deus para por Ele ser sustentado em todos os momentos ou circunstâncias.

Olhando aqui, então, ainda para o aspecto da liberdade, destacamos que a liberdade natural está sujeita a muitas variações, mas em relação à liberdade espiritual, as pessoas na realidade restringem-se à duas divisões, a saber:

- ⇒ 1) Aqueles que são livres para se relacionar com Deus através de Cristo e, através Dele, serem instruídas pelo Senhor no coração quer sejam ou não sejam privados de liberdade natural;
- ⇒ 2) Aqueles que ainda não fazem uso do acesso a Deus que o Evangelho lhes oferece, ficando, por isto, sujeitos a um viver meramente sob a ótica natural, efêmero ou que não discerne as coisas espirituais provenientes de Deus, pois estas, somente se discernem de forma adequada espiritualmente e através do Espírito Santo que o Senhor concede àqueles que se tornaram filhos de Deus através de Cristo Jesus.

Depois que Saulo pessoalmente conheceu a Cristo e permaneceu na Luz do Senhor, ele descobriu que a Igreja de Cristo não é constituída de templos, de casas ou de qualquer edificação material, mas de pessoas às quais Cristo pode se manifestar livremente onde estas estiverem.

Quando Saulo conheceu a Cristo e o reconheceu como Senhor de sua vida, ele aprendeu que “não poderia aprisionar o que não poderia ser aprisionado” e que a Igreja de Cristo está onde as pessoas que são de Cristo estão, pois Cristo está no coração daqueles que Nele creem.

Anos mais tarde, agora servindo ao Senhor Jesus e sofrendo restrições no plano natural que outros estavam colocando sobre a sua vida, Paulo também experimentou pessoalmente que ainda que um cristão sofra restrições externas, Cristo está com este cristão, e portanto, que a Igreja do Senhor, o Corpo de Cristo ou a Noiva do Senhor está onde um cristão está.

E se o Senhor Jesus está com um cristão mesmo em circunstâncias de restrições externas, o coração deste cristão continua livre a despeito dos fatores externos, pois ***o Senhor é o Espírito; e, onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade.***

Cristo é tudo “em todos”, e não nos templos, nos lugares retirados, nos montes, nas tendas e nem nas casas. E este é um dos pontos centrais por causa dos quais a liberdade e aceitação das pessoas na Ordem de Melquisedeque são incomparavelmente distintas daquilo que a Ordem de Arão oferece em suas condições limitadas a tantos aspectos materiais, terrenos ou naturais.

Voltamos aqui, portanto, novamente à uma questão apresentada no estudo sobre o Evangelho do Reino de Deus. Ou seja, se o reino de Deus é revelado na Terra no coração das pessoas que creem em Cristo e não nas coisas visíveis e aparentes, por que, então, as pessoas buscam tanto fora e nos mais diversos locais externos o que pode estar nelas mesmas pela presença de Cristo em seus corações e ainda que temporariamente possam estar sob diversas restrições do mundo natural?

Mateus 1: 23(b) ... e Ele será chamado pelo nome de Emanuel (que quer dizer: Deus conosco).

B. A Liberdade e a Aceitação de Pessoas que Operam segundo A Misericórdia de Deus e Não segundo o Auto Julgamento das Pessoas

Avançando aqui mais um pouco, mas ainda atendo-nos à acirrada ação de Saulo em tentar aprisionar a liberdade de relacionamento das pessoas com Deus e a transformação que ocorreu em sua própria vida ao receber a Cristo como Senhor no coração, podemos notar outro aspecto que também pode ser determinante para reconhecer a glória da liberdade de atuação e de aceitação de pessoas que há no sacerdócio segundo a Ordem de Melquisedeque.

Utilizando como exemplo a misericórdia e a bondade do Senhor para com ele, Paulo procura ressaltar várias vezes em suas cartas o quão significativo é reconhecer que a glória do Sacerdócio de Cristo quanto à aceitação das pessoas não é segundo o que as pessoas pensam e definem a respeito nem o que a Ordem de Arão ou similares a ela definem.

Embora as pessoas tenham a liberdade de se achegar a Cristo a qualquer momento e nos mais diversos locais que se encontram, muitas vezes elas não percebem esta liberdade por causa de pensamentos restritivos que criaram em suas mentes ou que lhes foram repassados e nos quais passaram a crer.

Apesar de termos comentado no presente material que cada pessoa tem um papel crucial quanto ao aspecto de se achegar a Deus, entendemos ser necessário também abordar este ponto sob o ângulo de que, em diversas situações, as pessoas talvez não se acheguem a Deus não porque não gostariam de fazê-lo, mas porque têm em sua mente alguns conceitos inapropriados a respeito de como um indivíduo pode se achegar a Deus.

Se abordarmos o aspecto das pessoas se achegarem ou não se achegarem a Deus também sob a ótica de que alguns não o fazem por causa de como pensam ou foram instruídos sobre a possibilidade de um indivíduo se achegar ao Senhor, poderemos observar que muitas pessoas não se achegam com liberdade a Cristo, em sua posição de Sumo Sacerdote Eterno, porque (1) não se veem dignas para fazê-lo, (2) não compreendem que em Cristo toda e qualquer barreira de divisão natural já foi abolida, ou porque (3) não se atentaram ainda que em Cristo foram abolidas todas limitações restritivas de acesso a Deus que haviam nas proposições da lei de Moisés.

Por isto, em sua condição de anteriormente ter sido ativo e intenso contra Cristo, mas depois alcançado pela graça redentora de Deus, Paulo diz que ele se tornou um modelo para que todas as pessoas saibam que, em Cristo, elas encontram misericórdia, redenção e novidade vida por mais opostas a Cristo, descrentes, religiosas ou fracassadas que tenham sido anteriormente no mundo ou sob os sacerdócios aos quais estiveram associados.

- 1 Timóteo 1: 12 **E dou graças ao que me tem confortado, a Cristo Jesus, Senhor nosso, porque me teve por fiel, pondo-me no ministério,***
*13 **a mim, que, dantes, fui blasfemo, e perseguidor, e opressor; mas alcancei misericórdia, porque o fiz ignorantemente, na incredulidade.***

- 14 **E a graça de nosso Senhor superabundou com a fé e o amor que há em Jesus Cristo.**
- 15 **Esta é uma palavra fiel e digna de toda aceitação: que Cristo Jesus veio ao mundo, para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal.**
- 16 **Mas, por isso, alcancei misericórdia, para que em mim, que sou o principal, Jesus Cristo mostrasse toda a sua longanimidade, para exemplo dos que haviam de crer nele para a vida eterna.**
- 17 **Ora, ao Rei dos séculos, imortal, invisível, ao único Deus seja honra e glória para todo o sempre. Amém!**

Aquele Saulo que veemente se opôs ao Sumo Sacerdote Celestial, o Eterno Cristo e o Redentor de sua vida, mais tarde declara que se apesar de ter sido tão opositor ao Senhor, ele pôde ser salvo e alcançar livre acesso ao Senhor quer em liberdade natural ou quer em prisões dos homens, também todos os outros pecadores podem saber que a mesma possibilidade de perdão e de acesso a Deus lhes está disponível em Cristo.

Diante da glória da liberdade que o Senhor oferece para as pessoas poderem se achegar a Ele em Cristo Jesus, Paulo diz que nem o fato de ele ter se visto como o principal pecador entre os homens poderia ser considerado como um obstáculo ou impedimento para ser aceito pelo Senhor e para poder se relacionar com o Sumo Sacerdote Cristo em todos os lugares e momentos da sua vida.

Enquanto muitas outras pessoas talvez somente desprezaram a Cristo, Saulo foi objetivamente e intensamente contra Cristo, e isto, inclusive depois que Cristo já havia sido ressuscitado dentre os mortos. Entretanto, nem uma oposição direta contra Cristo que Paulo havia praticado antes de reconhecer a Cristo como Senhor em sua vida lhe foi imputada como impedimento para ser aceito diante do Senhor e para ter uma comunhão pessoal e direta com Deus.

Portanto, aqui, mais uma vez, lembramos o seguinte texto:

Mateus 11: 28 **Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei.**

- 29 **Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma.**
- 30 **Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve.**

Se o Senhor Jesus tivesse restrições a que pessoas cansadas ou sobrecarregadas com o jugo do pecado, da lei e das preocupações do mundo viessem a Ele, Ele não teria convidado precisamente a estas pessoas para virem a Ele.

Se alguém não pudesse vir a Cristo para confessar o seu pecado, como ele faria para vir ao próprio Cristo para ser perdoado e purificado pelo Senhor?

O próprio Senhor Jesus Cristo nos convida para irmos a Ele em confiança levando a Ele todas as nossas cargas para sermos aliviados por Ele e instruídos no caminho da verdade, mostrando assim que os conceitos ou pensamentos de que alguma pessoa poderia estar impedida de vir a Cristo por algo que ela cometeu ou carrega no coração não estão em linha com o tipo de sacerdócio para o qual o Senhor chama a todos.

Em Cristo, toda a obra de provisão para o perdão dos pecados de todos os seres humanos já foi realizada, mas quando uma pessoa se apresenta a Cristo para receber a provisão eterna do perdão já feita a seu favor, o Senhor purifica especificamente o indivíduo que se apresenta a Ele.

Quanto ao pagamento da dívida para com o pecado e para com a lei da condenação, Cristo o fez uma vez para sempre e em favor de todos. Entretanto, considerando que o Evangelho refere-se à uma oferta a ser aceita por aqueles a quem é endereçada, a purificação específica de um indivíduo ocorre diante do Cristo ressurreto e vivo, e estabelecido como o Sumo Sacerdote Eterno, quando uma pessoa em fé se coloca diante do Senhor para ser purificada por Ele.

Cristo é plenamente capaz de conceder perdão e libertação a qualquer pessoa que se achega a Ele. Por isto, Ele também não restringe ninguém de se achegar a Ele.

Na Ordem de Arão, um só sumo sacerdote entrava no Santo dos Santos um vez por ano em favor dele mesmo e do povo para buscar a aceitação diante de Deus para cobrir o pecado por mais um tempo ou a fim de postergar a devida condenação.

Entretanto, *em Cristo*, todos são convidados a se apresentarem pessoalmente e diretamente para também serem perdoados e purificados individualmente, mesmo aqueles que, semelhantemente a Saulo, perseguiram, torturaram e até participaram de ações que sentenciaram cristãos à morte por causa da fé destes em Cristo Jesus.

Mesmo com as nossas fraquezas, cansaços e erros cometidos, o Senhor Jesus nos recebe para nos tornar conscientes do perdão que Ele oferece igualmente a todos, para nos purificar da injustiça e para que a comunhão com Ele esteja cada vez mais firmemente estabelecida.

Deus quer a cada um de nós perto Dele. E se há algo que precisa ser confessado, Ele é fiel para nos perdoar do pecado e purificar de toda a injustiça.

*1João 1: 7 **Se, porém, andarmos na luz, como ele está na luz, mantemos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado.***

*8 **Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós.***

*9 **Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça.***

*10 **Se dissermos que não temos cometido pecado, fazemo-lo mentiroso, e a sua palavra não está em nós.***

*2: 1 **Filhinhos meus, estas coisas vos escrevo para que não pequeis. Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo;***

*2 **e ele é a propiciação pelos nossos pecados e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro.***

Se somente pessoas sem pecado pudessem se achegar a Cristo, ninguém na Terra poderia fazê-lo. Entretanto, como Cristo não é da Ordem de Arão, mas sim da Ordem de Melquisedeque, **Ele pode salvar totalmente aqueles que por Ele se chegam a Deus.**

O mundo, as pessoas no mundo e o diabo tentam criar todo tipo de barreiras e empecilhos para alguém se achegar a Deus. Por outro lado, Deus já estabeleceu em

Cristo a plena provisão para que estas barreiras sejam vencidas. E quem nos mostra como é esta provisão é o próprio Senhor Jesus, o nosso Sumo Sacerdote Eterno junto a Deus.

Se alguém se sente indigno devido a qualquer característica natural ou porque alguém levantou uma acusação contra ele de qualquer ordem baseada em regras humanas ou ditas serem de Deus segundo alguma ordem similar à de Arão, ou ainda, se alguém cometeu delitos dignos de morte diante dos tribunais humanos, ainda assim não há restrições para ele acessar a salvação em Cristo e a mediação que o Senhor oferece a ele para passar a se relacionar com o próprio Cristo e através Dele com o Pai Eterno.

Em Deus, tanto os opositores do Senhor como os condenados pelos homens, e de certa forma todos o são, podem ser vivificados se crerem na oferta de reconciliação que Deus lhes oferece em Cristo Jesus e se receberem a este Cristo também como o Senhor Eterno.

- Lucas 23: 39 Um dos malfeitores crucificados blasfemava contra ele, dizendo: Não és tu o Cristo? Salva-te a ti mesmo e a nós também.*
 40 *Respondendo-lhe, porém, o outro, repreendeu-o, dizendo: Nem ao menos temes a Deus, estando sob igual sentença?*
 41 *Nós, na verdade, com justiça, porque recebemos o castigo que os nossos atos merecem; mas este nenhum mal fez.*
 42 *E acrescentou: Jesus, lembra-te de mim quando vieres no teu reino.*
 43 *Jesus lhe respondeu: Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso.*

1 Pedro 4: 6 Pois, para este fim, foi o evangelho pregado também a mortos, para que, mesmo julgados na carne segundo os homens, vivam no espírito segundo Deus.

Romanos 10: 4 Porque o fim da lei é Cristo, para justiça de todo aquele que crê.

- ...
 9 *Se, com a tua boca, confessares Jesus como Senhor e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo.*
 10 *Porque com o coração se crê para justiça e com a boca se confessa a respeito da salvação.*

Por fim, neste tópico, ressaltamos que toda esta liberdade para todos poderem se acercar a Cristo jamais deveria, obviamente, ser confundida com a permissividade de uma pessoa continuar a se entregar ao pecado ou com alguma ideia de conivência de Cristo com o pecado, conforme foi exposto mais amplamente no estudo sobre O Evangelho da Justiça de Deus.

O Senhor chama a todos a receberem o perdão e a salvação eterna, mas Ele também chama as pessoas que recebem a salvação a permanecerem Nele para que sejam

auxiliadas por Ele a não mais precisarem estar sujeitas ao pecado e às obras da lei de sacerdócios humanos.

O fato de Cristo aceitar a todos sem diferenciação do estado das pessoas antes de virem a Ele é para que todos possam também passar a estar em Cristo para também poderem desfrutar de um novo viver e andar segundo o querer e o realizar de Deus, e não para retornarem ao estado do qual vieram.

*1 João 2: 1 **Filhinhos meus, estas coisas vos escrevo para que não pequeis. Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo;***

*2 **e ele é a propiciação pelos nossos pecados e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro.***

...

*5 **Aquele, entretanto, que guarda a sua palavra, nele, verdadeiramente, tem sido aperfeiçoado o amor de Deus. Nisto sabemos que estamos nele:***

*6 **aquele que diz que permanece nele, esse deve também andar assim como ele andou.***

*Efésios 5: 8 **Pois, outrora, éreis trevas, porém, agora, sois luz no Senhor; andai como filhos da luz***

*9 **(porque o fruto da luz consiste em toda bondade, e justiça, e verdade),***

*10 **provando sempre o que é agradável ao Senhor.***

Assim, relembramos abaixo mais uma vez o tipo de sacerdócio que nos é oferecido em Cristo e o convite que é feito a todos, mas que, ao mesmo tempo, é para ser usado individualmente por cada pessoa que aceita o convite do Senhor feito a ela.

*Hebreus 4: 15 **Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado.***

*16 **Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna.***

C. A Liberdade e a Aceitação de Pessoas que Não Têm por Base as Características Naturais dos Indivíduos

Após termos visto que a liberdade e a aceitação de pessoas na Ordem de Melquisedeque não estão sujeitas às limitações naturais de locais e dos julgamentos que as pessoas fazem de si próprias porque a atuação da Ordem de Melquisedeque ocorre primeiramente no coração daqueles que creem no Senhor e opera segundo a misericórdia e perdão que Deus oferece às pessoas em Cristo Jesus, gostaríamos de abordar neste tópico um terceiro ponto que ressalta que o chamado de Cristo para que as pessoas se relacionem com Deus tem como parâmetro a liberdade segundo os atributos que as pessoas vem a ter no reino celestial.

Desta forma, as tentativas de impedimentos ou diferenciação do relacionamento das pessoas com o Senhor que procuram se basear em diversas características naturais dos indivíduos não são aceitas ou não têm valia no Sacerdócio segundo Cristo.

Vejamos abaixo, então, novamente os textos de Colossenses e Gálatas mencionados nos tópicos anteriores:

Colossenses 3: 9 **Não mintais uns aos outros, uma vez que vos despistes do velho homem com os seus feitos**
10 **e vos revestistes do novo homem que se refaz para o pleno conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou (Cristo);**
11 **no qual não pode haver grego nem judeu, circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita, escravo, livre; porém Cristo é tudo em todos.**

Gálatas 3: 26 **Pois todos vós sois filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus;**
27 **porque todos quantos fostes batizados em Cristo de Cristo vos revestistes.**
28 **Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus.**
29 **E, se sois de Cristo, também sois descendentes de Abraão e herdeiros segundo a promessa.**

Embora já vimos em capítulos anteriores o exemplo da atuação do Senhor na vida de Pedro quanto a ele passar a estar consciente de que Cristo é a provisão de salvação não somente para aqueles que eram do povo de Pedro, mas também para aqueles considerados como gentios e alheios à velha aliança, entendemos que a abrangência deste ponto fica ainda mais amplamente exposta nos textos acima apresentados.

Os textos em referência acima são muito abrangentes, pois além de apresentarem o fato de que as divisões naturais relacionadas ao homem natural não são pertinentes à vida de uma pessoa no que se refere à sua condição de *estar em Cristo*, estes textos ainda descrevem algumas das razões pelas quais as divisões às quais o homem natural está sujeito não se aplicam ao Sacerdócio segundo Cristo.

Ou seja, na condição que é denominada nas Escrituras pela expressão *em Cristo*, que também abrange o aspecto da liberdade de relacionamento das pessoas com Deus segundo a Ordem de Melquisedeque, as bases deste relacionamento são singulares porque as condições que permitem uma pessoa estar na posição de se relacionar com liberdade com o Senhor também são singulares ou muito distintas.

No último texto de Colossenses apresentados acima, é exposto que não é o *homem natural* que é chamado para se relacionar com Deus com base em seu entendimento e seus feitos, mas que *em Cristo*, é o *novo homem* que é chamado para estar no Senhor e para permanecer na comunhão com o seu Criador.

Similarmente, no texto de Gálatas, o Senhor nos ensina que um fator determinante no relacionamento de um indivíduo com Deus que é proporcionado àqueles que creem no Senhor é fato de que todos os que passam a estar em Cristo são vistos igualmente como filhos de Deus mediante a fé em Cristo, herdeiros da promessa, descendentes de Abraão segundo a fé em Deus e aptos a se revestirem do novo homem ou de Cristo.

Portanto, a glória do Sacerdócio segundo Cristo não é somente distinta da glória da Ordem de Arão ou de qualquer proposição do homem natural porque ela oferece um Novo e Vivo Caminho para que as pessoas se acheguem a Deus, mas também porque as pessoas que se achegam a Cristo para receberem a salvação também recebem, juntamente com ela, uma nova condição de quem elas próprias são ou que passam a ser diante de Deus.

Ainda em outras palavras, no Sacerdócio segundo Cristo, as pessoas são chamadas a se relacionarem com Deus com base na condição de *nova criatura* que receberam através do *novo nascimento* que é concedido àqueles que recebem a Cristo como o Senhor no coração.

Na nova aliança, as pessoas não são chamadas a se relacionarem com Deus com base no entendimento e nos feitos aos quais eram associadas antes deste *novo nascimento*, o qual, por sua vez, está abordado mais amplamente no estudo A Nova Criatura em Cristo.

Na condição de *filhos de Deus, novo homem, nova criatura* ou *cristãos*, as pessoas são chamadas a verem a possibilidade do seu relacionamento com o Sumo Sacerdote Eterno Cristo não mais segundo a carne, mas segundo a condição espiritual que passaram a ter no Senhor a partir do momento que se tornaram parte da nova aliança em Cristo e na qual *não há grego nem judeu, circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita, homem ou mulher, servo ou livre.*

Assim, em sua condição natural, as pessoas nascem em nações específicas, são parte de povos em particular, se movem para outros povos e países, nascem homem ou mulher, são sujeitas a maior ou menor liberdade no plano natural, e assim por diante.

Entretanto, por causa do *novo nascimento* representar o que é chamado nas Escrituras de *nascido não da carne, mas do Espírito*, nenhuma das divisões aplicáveis ao homem natural é aplicável à nova criatura em Cristo. E, portanto, também não constituem os parâmetros para o sacerdócio ou o relacionamento espiritual individual de cada pessoa com o Senhor Jesus Cristo, com o Pai Celestial e com o Espírito do Senhor.

Desta forma, o princípio de como as pessoas são vistas em sua condição *em Cristo* e a razão pela qual são vistas desta maneira no relacionamento com o Senhor revela não

somente aspectos da glória de Cristo em sua posição de Sumo Sacerdote, mas também aspectos centrais da glória da condição que as pessoas passam a ter quando do Senhor recebem o *novo nascimento* ou a condição de *nova criatura em Cristo*.

Cristo é o convite para todos se reconciliarem com Deus, mas Cristo também é “o ingresso” para sermos adotados como filhos de Deus e para não permanecermos na condição de nascidos somente do homem natural.

Através de Cristo, somos regenerados para a condição de vivificados no Espírito para sermos filhos espirituais de Deus, pois Deus não nos quer somente de forma temporal, como é a condição no corpo natural. A vontade de Deus é que todos sejam seus filhos espirituais em Cristo para também se relacionarem com Ele em Espírito e em Verdade por toda a eternidade.

*João 1: 12 Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no seu nome;
13 os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus.*

João 3: 6 O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espírito é espírito.

*7 Não te admires de eu te dizer: importa-vos nascer de novo.
8 O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito.*

*João 4: 23 Mas vem a hora e já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para seus adoradores.
24 Deus é espírito; e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade.*

Em Adão, nascemos filhos segundo a natureza do homem. Em Cristo, pelo novo nascimento que um cristão recebe quando recebe a Cristo em seu coração, nós nascemos segundo a natureza eterna de Cristo, na qual somos irmãos de Cristo, herdeiros do Deus Eterno e cordeiros do Eterno Cristo.

Carne e sangue não herdaram o reino de Deus, portanto, se alguém era desqualificado pelo mundo por algum aspecto natural, *em Cristo*, não há as mesmas distinções que o mundo faz das pessoas.

*Gálatas 4: 3 Assim, também nós, quando éramos menores, estávamos servilmente sujeitos aos rudimentos do mundo;
4 vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei,
5 para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos.*

- 6 E, porque vós sois filhos, enviou Deus ao nosso coração o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai!**
7 De sorte que já não és escravo, porém filho; e, sendo filho, também herdeiro por Deus.

A liberdade de acesso a Cristo e a liberdade para que qualquer pessoa em Cristo possa se aproximar a Deus sem restrições naturais e de recursos são tão vastas e para todos em todos os povos que para muitos parece um escândalo, e para outros, uma loucura, mas para os que creem nesta verdade celestial e eterna, ela é poder para salvação e para a vida eterna.

1 Coríntios 1: 18 **Certamente, a palavra da cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós, que somos salvos, poder de Deus.**

...

- 22 Porque tanto os judeus pedem sinais, como os gregos buscam sabedoria;**
23 mas nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios;
24 mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus.

O significado, o valor, o poder do sangue Cristo vertido na cruz do Calvário é o mesmo em favor do homem ou da mulher; é o mesmo em favor da criança e do idoso; é o mesmo em favor do judeu e do grego; foi vertido igualmente pelo livre e pelo escravo, e pelo saudável fisicamente falando ou pelo enfermo; e é o mesmo que foi derramado pelo mentalmente são e pelo que apresenta debilidade mentais.

Em sua obra de provisão para a redenção de todos, Cristo amou igualmente a todos, sofreu de forma igual por todos e morreu por todos da mesma maneira.

- Romanos 3: 21* **Mas agora, sem lei, se manifestou a justiça de Deus testemunhada pela lei e pelos profetas;**
22 justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo, para todos e sobre todos os que creem; porque não há distinção,
23 pois todos pecaram e carecem da glória de Deus,
24 sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus.

E assim como Jesus não dividiu “as gotas” do seu sangue por perfis de pessoas ou em função das características naturais distintas que as pessoas apresentam no mundo natural, assim Ele também não divide as pessoas em função de seus atributos naturais no que se refere à quem pode se aproximar a Ele para um relacionamento pessoal com Ele, com o Pai Celestial e com o Espírito Santo.

Tendo em mente que Cristo morreu em favor de todos sem fazer distinção entre as pessoas de todos os locais e povos para que todos

possam escolher se reconciliar com o Senhor, podemos saber que Cristo também não faz distinção das pessoas em critérios naturais no que se refere ao relacionamento delas com Deus.

Se, por exemplo, uma pessoa considerada mentalmente debilitada perante os homens entender que Jesus a recebe mesmo na sua loucura, ela entendeu mais do que muitos que são considerados saudáveis mentalmente e que não entendem a “loucura do amor de Deus em Cristo por todos”.

Deus seja louvado porque a salvação é dada a todos os que Nele creem, assim como também é o chamado para a comunhão pessoal com Ele através do Senhor Jesus Cristo.

Lembramos aqui ainda que na condição que é denominada *em Cristo*, Deus também não tem netos, bisnetos, sobrinhos, e assim por diante, ***pois todos vós sois filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus.***

Não sei se estaríamos dizendo isto de maneira totalmente correta, mas parece que uma grande parcela dos cristãos dos nossos dias têm uma acentuada dificuldade em compreender o princípio de que Deus não olha para as características naturais ou exteriores das pessoas para se relacionar com elas porque eles confundem o acesso individual e pessoal de comunhão com Cristo com o fluxo de execução de obras em geral da vida ou para o Senhor, o que é um assunto bem distinto.

Embora Deus possa chamar as pessoas para realizarem funções ou obras distintas em função de características naturais que possuem ou sob as quais se encontrem, o que é um tema a ser visto mais adiante, no que tange à liberdade de relacionamento com o Senhor, é a condição de *nova criatura no Senhor* que prevalece e não *as variadas condições naturais* de um indivíduo ou às quais ele esteja sujeito.

Portanto, na questão de acesso ao Senhor Jesus para a comunhão com Ele, quanto ao *estar em Cristo* e quanto ao estar diante de Deus, também não é levado em conta qualquer distinção de hierarquia das pessoas, a não ser a fé individual e a busca pessoal por Cristo como o Senhor e o Sumo Sacerdote Eterno daqueles que Nele creem.

Uma esposa, por exemplo, não precisa pedir permissão ao esposo para orar pessoalmente ao Senhor Jesus; o esposo não precisa do consentimento da sua esposa para ter comunhão com Cristo; um filho ou uma filha não precisa pedir permissão aos pais para orar pessoalmente ao Sumo Sacerdote Eterno que está assentado à direita do trono do Pai Celestial; um escravo não precisa pedir permissão àquele que o mantém em sujeição para poder orar pessoalmente ao seu Eterno Senhor e Salvador; um funcionário não depende do chefe para poder orar a Cristo; um aluno não precisa da autorização do seu professor para se relacionar no coração com Cristo.

Uma mulher com um filho ou filha em necessidade, e que em um determinado momento não tenha acesso ao marido, não precisa esperar pelo marido para pedir que Deus a socorra e socorra a sua criança, pois tanto ela como a criança tem acesso a Deus mediante a fé no Senhor Jesus Cristo, algo que se aplica também em caso do marido incorrer em alguma necessidade similar.

Tendo em vista que o Reino de Deus (abordado no estudo sobre O Evangelho do Reino de Deus) é concedido ao coração das pessoas que creem em Cristo, é inabalável, e não vem ao mundo para estar fora de um indivíduo, uma pessoa pode orar ao Senhor e ouvir ao Senhor através do Espírito Santo a partir do seu coração e não depende, portanto, da autorização ou da mediação de outros para fazê-lo e nem depende de

alguma função natural que exerce ou de alguma função de outros à qual esteja temporariamente sujeita.

Em sua soberana e perfeita sabedoria, Deus proporcionou um Caminho livre a todas as pessoas nas suas mais variadas circunstâncias e funções para se relacionarem com Ele, com o Seu Filho Unigênito e com o Espírito Santo. E este Caminho é o mesmo para todas as pessoas em todos os lugares do mundo, a saber: O Senhor Jesus Cristo habitando no coração daquele que o recebeu como Senhor e Sumo Sacerdote Eterno.

O que estamos procurando dizer acima não significa, por exemplo, que um funcionário cristão, a seu bel-prazer, vai passar a confrontar o seu chefe em algum momento controverso para no meio do expediente parar as suas atividades para se ajoelhar no chão e ficar orando só porque ele tem liberdade de acesso ao Senhor e aceitação de Deus em todos os momentos da sua vida. Um cristão não precisa agir assim porque não é necessário ele fazê-lo desta forma, pois ele pode orar ao Senhor a partir do seu coração, na sua quietude e com humildade pedir a Deus em fé para que o Senhor também o ajude em suas funções ou em relação à qualquer outra situação.

Romanos 14: 22 ***A fé que tens, tem-na para ti mesmo perante Deus. Bem-aventurado é aquele que não se condena naquilo que aprova.***

Quando um cristão permanece *em Cristo*, e o seu testemunho verbalizado for necessário ou importante em um determinado momento, Cristo pode providenciar a oportunidade para que este cristão venha a expressar o seu testemunho aos outros.

O cristão que santificou a Cristo no seu coração sempre deve estar pronto para explicar a razão da sua esperança, mas também deve estar em comunhão com Cristo para saber quando e como fazê-lo.

Colossenses 3: 1 ***Portanto, se fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus.***

2 Pensai nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra;
3 porque morrestes, e a vossa vida está oculta juntamente com Cristo, em Deus.

4 Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então, vós também sereis manifestados com ele, em glória.

1 Pedro 3: 13 ***Ora, quem é que vos há de maltratar, se fordes zelosos do que é bom?***

14 Mas, ainda que venhais a sofrer por causa da justiça, bem-aventurados sois. Não vos amedronteis, portanto, com as suas ameaças, nem fiquéis alarmados;

15 antes, santificai a Cristo, como Senhor, em vosso coração, estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós,

16 fazendo-o, todavia, com mansidão e temor, com boa consciência, de modo que, naquilo em que falam contra vós outros, fiquem envergonhados os que difamam o vosso bom procedimento em Cristo,

17 *porque, se for da vontade de Deus, é melhor que sofraís por praticardes o que é bom do que praticando o mal.*

Quando os cristãos, porém, não permanecem *ocultos em Cristo* e estão muito atuantes em seus próprios pensamentos e ações na carne, eles passam a desconhecer a vontade de Deus no que concerne à quando e como agir ou não agir.

Ainda quanto a oração a Deus, quando consultado pelos discípulos sobre como orar, conforme já mencionado, o Senhor Jesus lhes instruiu, dizendo:

Mateus 6: 5 E, quando orardes, não sereis como os hipócritas; porque gostam de orar em pé nas sinagogas e nos cantos das praças, para serem vistos dos homens. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa.

6 Tu, porém, quando orares, entra no teu quarto e, fechada a porta, orarás a teu Pai, que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará.

A palavra hipócrita deriva de hipocrisia, a qual, por sua vez, significa atuar como ator numa plataforma, num palco.

Portanto, orar para ser visto pelos outros é fazer uma performance de palco que de forma alguma é apreciada pelo Senhor.

Assim, além do aposento pessoal que alguns têm em suas casas, qual é o único quarto individual e pessoal que uma pessoa pode fechar a porta, mesmo aqueles que têm dificuldade de encontrar um quarto material para ficarem realmente a sós? Não seria ele o coração de cada pessoa?

Notemos a intimidade à qual o Senhor Jesus faz referência ao falar sobre a oração, a saber: *E fechada a porta!*

Muitas aspectos da vida de um indivíduo são pessoais e precisam primeiro ser tratados diante do Senhor antes de virem a público.

Fechada a porta, ora ao Pai que está em secreto, e depois segue a instrução que o Senhor conceder.

Quando em outra parte das Escrituras, o Senhor Jesus diz que está à porta e bate para ter comunhão com aquele que abre a porta, não é de portas físicas dos lugares onde as pessoas estão morando que o Senhor está falando, mas do coração de cada indivíduo.

Apocalipse 3: 20 Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele, comigo.

Salmos 62: 8 Confiai nele, ó povo, em todo tempo; derramai perante ele o vosso coração; Deus é o nosso refúgio.

Romanos 5: 5 *Ora, a esperança não confunde, porque o amor de Deus é derramado em nosso coração pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado.*

Provérbios 4: 23 *Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o coração, porque dele procedem as fontes da vida.*

Além disso, através das Escrituras, sabemos que o esconderijo que nos revela a glória de Deus é Cristo, e que quando estamos ocultos em Cristo, estamos também em Deus.

Logo, o *lugar secreto de Deus* mencionado por Cristo ao responder a indagação dos discípulos a respeito de como orar é o Senhor Jesus Cristo, o Nosso Sumo Sacerdote segundo a Ordem de Melquisedeque. E no qual, podemos estar mediante a fé e em espírito como que assentados nas regiões celestiais perante o Pai Celestial.

É necessário observar o texto de Mateus 6 sobre a oração com atenção para que não venhamos pensar que o Senhor Jesus estava se referindo a um lugar secreto nosso, pois o que Cristo disse é que o Pai Celestial é que está *em secreto*.

Se formos considerar o contexto todo, nenhum indivíduo tem um lugar que de fato possa ser completamente considerado como o *seu secreto*, pois perante Deus, ninguém pode se ocultar por completo. Deus vê a todos, conhece a todos e sabe todas as coisas de cada pessoa.

Hebreus 4: 13 *E não há criatura que não seja manifesta na sua presença; pelo contrário, todas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas.*

Salmos 139: 7 *Para onde me ausentarei do teu Espírito? Para onde fugirei da tua face?*

8 *Se subo aos céus, lá estás; se faço a minha cama no mais profundo abismo, lá estás também;*

9 *se tomo as asas da alvorada e me detenho nos confins dos mares,*
10 *ainda lá me haverá de guiar a tua mão, e a tua destra me susterá.*

11 *Se eu digo: as trevas, com efeito, me encobrirão, e a luz ao redor de mim se fará noite,*

12 *até as próprias trevas não te serão escuras: as trevas e a luz são a mesma coisa.*

Através do *seu próprio lugar secreto* é que Deus ouve e responde as orações que cada pessoa faz em seu mais íntimo aposento, o coração. Ou seja, é através do único Mediador, que é Cristo, que o Pai Celestial nos convida a orarmos a Ele independentemente das mais variadas características naturais que possamos vir a ter ou às quais possamos estar sujeitos.

Quando alguém ora e expõe livremente e diretamente a Deus os seus pensamentos, ideias e confissões de pecados, independentemente de sua condição natural, ele está

dizendo a Deus que quer que Ele participe na sua vida sobre aquele assunto. Deus de antemão já sabe todos os aspectos da vida de um indivíduo, mas Ele se agrada de ser convidado a participar ou agir na vida de uma pessoa conforme a concessão que esta pessoa dá ao Senhor.

Se nós pudéssemos fazer um “lugar secreto”, materialmente falando, como que um “quartinho de oração”, nós não estaríamos voltando à ordem de Arão, querendo confinar Deus num templo feito por mãos humanas e confinar a Deus nos horários em que nós pudéssemos ir a este “nosso lugar secreto”?

Não é este último pensamento um conceito de um “mini tabernáculo” de Moisés personalizado ou dentro da casa das pessoas?

Não é que uma pessoa não possa ter um quarto de oração preferido, mas se ela o tiver, sempre haverá o risco dela ser induzida a pensar que é ali que Deus a atende, ou seja, no seu próprio “lugarzinho alto” ou “montezinho de oração”.

O Senhor Jesus já declarou que não é “neste ou naquele monte” que alguém deve tentar “adorar”, “servir” ou fazer o serviço de sacerdote diante de Cristo e do Pai Celestial.

E se esta pessoa que tem o “quarto especial de oração” estiver em seu local externo de trabalho ou viajando, ela simplesmente deixaria de orar, ou Deus deixaria de ouvi-la em todos os lugares em que ela se encontrar?

Assim, o acesso a Cristo como nosso Sumo Sacerdote é direto, sem intermediadores, disponível em qualquer lugar e em qualquer hora. E por esta razão, ele é disponível igualmente a todos independentemente de suas características naturais. Ele não depende de onde uma pessoa esteja ou do que ela tem em termos de aspectos naturais.

*Salmos 121: 1 **Elevo os olhos para os montes: de onde me virá o socorro?***

*2 **O meu socorro vem do SENHOR, que fez o céu e a terra.***

*3 **Ele não permitirá que os teus pés vacilem; não dormitará aquele que te guarda.***

*4 **É certo que não dormita, nem dorme o guarda de Israel.***

*5 **O SENHOR é quem te guarda; o SENHOR é a tua sombra à tua direita.***

*6 **De dia não te molestará o sol, nem de noite, a lua.***

*7 **O SENHOR te guardará de todo mal; guardará a tua alma.***

*8 **O SENHOR guardará a tua saída e a tua entrada, desde agora e para sempre.***

O socorro que mais as pessoas necessitam não vem dos altos montes, dos lugares elevados na Terra ou que as pessoas edificam, e nem dos “mini montes ou templos caseiros.” O socorro que o ser humano mais necessita vem de Deus, que pode concedê-lo em qualquer hora e em qualquer lugar a quem Ele quiser concedê-lo.

Inclusive as crianças que aprenderam que o Senhor Jesus é o Sumo Sacerdote do papai e da mamãe, mas também pessoalmente delas, podem, por exemplo, na sua escola, orarem ao Senhor em seu coração e contarem com Cristo para orientá-las inclusive quando seus pais naturais não estão próximos a elas.

*Mateus 19: 14 **Jesus, porém, disse: Deixai os pequeninos, não os embaraceis de vir a mim, porque dos tais é o reino dos céus.***

*Provérbios 22: 6 **Ensina a criança no caminho em que deve andar, e, ainda quando for velho, não se desviará dele.***

*João 14: 6 **Respondeu-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim.***

Ensinar a criança *no caminho em que deve andar*, é ensinar a criança que *Cristo é o Caminho, o Mediador e o Sumo Sacerdote Exclusivo* do relacionamento mais importante da vida desta criança. É ensinar que a própria criança já pode se relacionar com o Pai Celestial através de Cristo. É ensinar a criança que qualquer pessoa no mundo inteiro pode se chegar direto a Deus se ela também se chegar a Deus através de Cristo, a quem Deus designou com Mediador da nova aliança.

Os sacerdotes segundo a Ordem de Arão quiseram repreender as crianças quando estas clamaram a Cristo dizendo, “*Hosana, Bendito o que vem em Nome do Senhor*”, porque as crianças os aborreciam por serem mais um grupo de pessoas que eles teriam que atender nos seus serviços sacerdotais e tendo em vista que já nem conseguiam atender às demais pessoas do povo.

Cristo, porém, nunca fica aborrecido em atender uma criança, um adulto ou um idoso. O reino de Deus é também das crianças, e, por isto, elas têm acesso a Deus sempre disponível através de Cristo.

Portanto, o fato do Senhor Jesus dizer que *o Pai vê em secreto* e que a oração, em primeiro lugar, é algo íntimo ou pessoal que qualquer cristão pode fazer a Deus é mais uma maneira de declarar que no aspecto da oração perante o Senhor e na comunhão com Ele ***não há grego nem judeu, circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita, homem ou mulher, servo ou livre, pois todos os cristãos são filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus.***

Ao pensarem que a oração deve ser primordialmente perante os seus semelhantes, muitas pessoas incorrem em vários reveses porque tornam públicas as coisas antes de terem abordado elas particularmente ou em secreto diante de Deus.

Há várias coisas, por exemplo, que uma pessoa pode vir a pensar que são boas, mas que não são apropriadas aos olhos de Deus e a respeito das quais o Senhor pode lhe alertar quando ela ora a Ele e espera Dele a resposta. Se uma pessoa aguarda em Deus antes de expor precipitadamente algo aos outros, esta pessoa pode evitar passar pelo transtorno de ter espalhado uma informação inadequada ou em tempo impróprio.

Se um cristão considerar que Cristo é o seu Senhor, Salvador, Sumo Sacerdote e Pastor Eterno, o Senhor Jesus sempre deveria ser o 1º a quem ele deveria confidenciar tudo, pois, repetindo este ponto, o Único Senhor e Sumo Sacerdote Eterno aceito por Deus e capaz de ser o Mediador da nova aliança e do que é concedido nesta aliança aos cristãos é, e sempre será, o próprio Cristo no coração daqueles que Nele creem.

Nem mesmo o marido pode suprir a necessidade que a sua esposa tem de se relacionar pessoalmente com Deus, nem a esposa do esposo, nem os pais dos filhos e nem os filhos dos pais, nem os irmãos naturais dos seus outros irmãos, nem irmãos de fé dos seus outros irmãos de fé. Nem o mundo e nem os anjos de Deus podem suprir o que o Pai Celestial atribuiu a Cristo para ser provido por Ele. Só Cristo pode vir em resposta à necessidade que cada pessoa tem individualmente de Deus.

É *em Cristo* que toda criação encontra a reconciliação com Deus, conforme o texto que foi exibido no capítulo anterior.

Cristo, o Filho Unigênito de Deus, que veio ao mundo em carne para prover o que nos era necessário para a nossa reconciliação com Deus, é o único que deu a sua vida igualmente por todos para que esta reconciliação pudesse tomar lugar. E também por esta razão, o Pai Celestial estabeleceu somente a Cristo como o único Sumo Sacerdote e Bom Pastor que conhece a cada um daqueles que vem a crer Nele.

- João 10: 11* **Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a vida pelas ovelhas.**
 12 **O mercenário, que não é pastor, a quem não pertencem as ovelhas, vê vir o lobo, abandona as ovelhas e foge; então, o lobo as arrebatou e dispersa.**
 13 **O mercenário foge, porque é mercenário e não tem cuidado com as ovelhas.**
 14 **Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem a mim,**
 15 **assim como o Pai me conhece a mim, e eu conheço o Pai; e dou a minha vida pelas ovelhas.**
 16 **Ainda tenho outras ovelhas, não deste aprisco; a mim me convém conduzi-las; elas ouvirão a minha voz; então, haverá um rebanho e um pastor.**
 17 **Por isso, o Pai me ama, porque eu dou a minha vida para a reassumir.**
 18 **Ninguém a tira de mim; pelo contrário, eu espontaneamente a dou. Tenho autoridade para a entregar e também para reavê-la. Este mandato recebi de meu Pai.**

Vejamos mais uma vez as palavras do Eterno Cristo: ***Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem a mim, assim como o Pai me conhece a mim, e eu conheço o Pai.***

Quem mais na Terra, então, pode conhecer cada uma das pessoas assim como Cristo as conhece para ser o Sumo Sacerdote de cada indivíduo diante de Deus?

E quem mais pode conhecer ao Pai Celestial como Cristo conhece para ser um perfeito Sumo Sacerdote e Mediador da nova aliança no coração ou diante de cada pessoa?

- João 1: 15* **João testemunha a respeito dele e exclama: Este é o de quem eu disse: o que vem depois de mim tem, contudo, a primazia, porquanto já existia antes de mim.**
 16 **Porque todos nós temos recebido da sua plenitude e graça sobre graça.**
 17 **Porque a lei foi dada por intermédio de Moisés; a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo.**

18 Ninguém jamais viu a Deus; o Deus unigênito, que está no seio do Pai, é quem o revelou.

Ressaltamos aqui, então, mais uma vez, que algo que é extremamente crucial para todo cristão compreender é que *em Cristo*, absolutamente todos, sem exceção, têm o mesmo caminho aberto para Deus, a provisão de salvação para poderem vir a ser filhos de Deus e a condição de acesso direto a Cristo como seu Sumo Sacerdote Celestial e ao Eterno Pai Celestial.

Assim, como outro exemplo, também um adolescente cristão não precisa esperar seu pai ou sua mãe conhecerem a Cristo para que ele possa orar ao Senhor Jesus diretamente. Pelo contrário, ele pessoalmente pode inclusive orar livremente a Deus a favor de seus pais, pedindo que o Senhor conceda a bondade e a graça aos seus pais naturais para que estes também venham conhecer a oferta de salvação em Cristo e de relacionamento direto com Ele.

Por outro lado, isso não quer dizer que o adolescente exemplificado, que já ora a Deus pessoalmente, poderá fazer o que ele quiser na casa dos seus pais naturais. Como ele está na casa dos pais, existe uma ordem de funcionamento da casa, existe uma necessidade de respeito e obediência aos pais em vários pontos, mas isto é outro assunto que será visto em capítulos mais adiantes.

O que está sendo abordado no presente capítulo é referente ao acesso pessoal a Deus, em relação ao qual todas as pessoas, sem distinção quanto às suas características naturais, podem chegar a Deus sem qualquer necessidade de algum mediador que não seja o Filho de Deus e também o Filho do Homem perfeito em tudo, a saber: o Senhor Jesus Cristo, o Sumo Sacerdote Eterno segundo a Ordem de Melquisedeque.

Ainda em relação à outra circunstância, as Escrituras advertem àqueles que estão em qualquer posição de “senhores” para não maltratarem aqueles que lhes servem, pois as mesmas Escrituras também ensinam que o Senhor ouve as pessoas independentemente da sua condição social ou de hierarquia, inclusive para que os servos apresentem as suas queixas em relação aos seus senhores e para pedirem que Deus intervenha a favor deles em seu estado de servos ou relação à alguma postura má que os seus senhores venham a adotar.

Efésios 6: 9 E vós, senhores, de igual modo procedei para com eles, deixando as ameaças, sabendo que o Senhor, tanto deles como vosso, está nos céus e que para com ele não há acepção de pessoas.

Tiago 5: 4 Eis que o salário dos trabalhadores que ceifaram os vossos campos e que por vós foi retido com fraude está clamando; e os clamores dos ceifeiros penetraram até aos ouvidos do Senhor dos Exércitos.

Uma vez que a confiança dos servos mencionados nos textos acima está em Deus e não em suas condições sociais ou habilidades, eles com esperança podem buscar ao Senhor como *livres em Cristo* para pedirem que Deus intervenha a favor deles ou lhes dê uma orientação de como devem proceder. E o Senhor é plenamente capaz de ouvi-

los e guiá-los para que não precisem agir na carne ou mediante os seus próprios entendimentos e forças.

Ainda em outra situação, algo interessante a ser observado em pessoas que “se sujeitam a outras na questão da busca a Deus”, ou que alegam que “precisam de líderes ou pastores para guiá-los no relacionamento com o Senhor”, é que quando elas estão em “perigo eminente”, elas mesmas clamam a Deus direto.

Ou seja, as mesmas pessoas que buscam outros mediadores, como se realmente necessitassem deles, muitas vezes também são aquelas que procuram se dirigir diretamente a Deus quando os mediadores que escolheram falham, algo que é narrado na Bíblia como um proceder que certamente precisa ser revisto e reconsiderado, conforme exemplificado a seguir:

*Jeremias 2: 25 **Guarda-te de que os teus pés andem desnudos e a tua garganta tenha sede. Mas tu dizes: Não, é inútil; porque amo os estranhos e após eles irei.***

*26 **Como se envergonha o ladrão quando o apanham, assim se envergonham os da casa de Israel; eles, os seus reis, os seus príncipes, os seus sacerdotes e os seus profetas,***

*27 **que dizem a um pedaço de madeira: Tu és meu pai; e à pedra: Tu me geraste. Pois me viraram as costas e não o rosto; mas, em vindo a angústia, dizem: Levanta-te e livra-nos.***

*28 **Onde, pois, estão os teus deuses, que para ti mesmo fizeste? Eles que se levantem se te podem livrar no tempo da tua angústia; porque os teus deuses, ó Judá, são tantos como as tuas cidades.***

*29 **Por que contendeis comigo? Todos vós transgredistes contra mim, diz o SENHOR.***

Ora, se quando o assunto é urgente, as pessoas pensam que podem acessar a Deus direto, por que, então, quando o caso não é urgente, elas pensam que precisam de outros que orem por elas como que servindo de mediadores na relação delas com o Senhor?

Um dos grandes males gerados pela dependência contínua ou repetitiva de outros na tentativa de relacionamento pessoal com Deus, é que na proporção em que uma pessoa fica dependente de outra, ela desenvolve uma “atrofia no relacionamento pessoal com Deus”. Quando o suposto amparo externo não está presente, ela sente-se vulnerável, desamparada e, muitas vezes, desesperada e angustiada em sua alma. E ainda que clame a Deus diretamente, ela fica confusa se Deus a ouve ou não.

Um dos grandes males gerados pela ideia de dependência de outros e de suas supostas funções para a busca do relacionamento pessoal com Deus é o desencadear de “pensamentos e sentimentos distorcidos” de que Deus ouve alguns que são “mais especiais que outros” e não ouve as pessoas “comuns”.

Conforme também já comentamos anteriormente, os cristãos podem orar uns pelos outros e são chamados a fazê-lo inclusive quando estão em oração pessoal diante de Deus. Entretanto, isto não os faz substitutos do relacionamento pessoal de cada pessoa com o Senhor, assim como um irmão que ajuda a outro irmão não se torna, por causa disto, o pai do seu irmão.

Efésios 6: 17 Tomai também o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus;
18 com toda oração e súplica, orando em todo tempo no Espírito e para isto vigiando com toda perseverança e súplica por todos os santos
19 e também por mim; para que me seja dada, no abrir da minha boca, a palavra, para, com intrepidez, fazer conhecido o mistério do evangelho,
20 pelo qual sou embaixador em cadeias, para que, em Cristo, eu seja ousado para falar, como me cumpre fazê-lo.

Quando Paulo exorta aos cristãos a orarem uns pelos outros, ele exorta a “todos” para orarem por “todos” e não somente “alguns por todos”, como é costume em sacerdócios com características similares à Ordem de Arão.

E Paulo também conclama a “todos” orarem em “todo o tempo no Espírito”, mostrando que a oração dos cristãos pelos outros cristãos é muito mais uma condição de oração pessoal diante de Deus do que uma reunião conjunta de oração, pois “todos não podem estar juntos com todos em todo o tempo”.

Voltando ao exemplo do profeta Jeremias citado um pouco mais acima, podemos ver que as pessoas que se intitulavam como o povo do Único Deus Criador, mas que estavam debaixo da Ordem de Arão, acabavam incorrendo cada vez mais na confiança em aspectos da criação e não em Deus, como a confiança em “pedaços de madeira” e “pedras”, ao ponto de que em cada uma das suas cidades, ou em cada concentração e ajuntamento de habitantes, tinham no mínimo um “deus” de “pedra ou de pau”.

Ora, para quem conhece mais amplamente as Escrituras, sabe que “árvore ou um pedaço de madeira” são também simbologias para os seres humanos. As pessoas são comparadas às árvores plantadas junto ao ribeiro, ou às árvores em quem pode estar posto o machado junto à raiz, etc. Similarmente, “uma pedra” também é simbologia para pessoas. O Senhor Jesus disse a Simão que ele seria chamado de *Pedro*, que quer dizer uma *pequena pedra*. E Pedro, mais tarde, diz que os cristãos são pedras vivas edificadas em Cristo.

Assim, quando o profeta Jeremias alerta ao povo sobre o desvio que adotaram em relação à confiança pessoal, direta e exclusiva em Deus, passando a depositarem esta confiança em um sacerdócio com mediadores humanos, isto pode estar simbolizando “a confiança de pessoas em pessoas” como sendo elas os seus “deuses, ídolos ou guias”.

E quando a confiança que um indivíduo deveria depositar em Deus é canalizada para “pessoas vivas”, a questão da idolatria, muitas vezes, é até bem mais desafiadora de ser detectada ou diagnosticada com precisão do que quando as pessoas têm deuses inanimados ou sem vida.

Além disso, essa dependência de pessoas em pessoas para as tentativas de relacionamento com o Senhor pode ser em várias esferas. Pode ser a dependência que pessoas têm de um sacerdote da comunidade, a confiança desproporcional das pessoas no líder do estudo bíblico caseiro, a dependência excessiva de um líder social, a dependência de um líder governamental e pode ser também dentro de um lar.

O marido, por exemplo, pode pensar que sua esposa é “mais espiritual” que ele e, assim, pensar que ele pode deixar que a sua esposa o represente perante Deus. Por outro lado, a esposa pode pensar isto do seu marido.

Entretanto, quanto ao *estar em Cristo*, não há nem homem e nem mulher ou nem macho e nem fêmea. O Senhor recebe a ambos de igual modo.

Há coisas pessoais no coração da mulher que o marido jamais poderá suprir e vice-versa. Há aspectos pessoais que somente serão supridas quando cada pessoa se relaciona diretamente com Deus, e vice-versa.

Cristo é o Sumo Sacerdote pessoalmente do marido tanto quanto é também pessoalmente da mulher, e em Cristo todos são um.

Quando uma mulher ora a Deus a sua oração não é inferior à do marido e vice-versa, nem a dos filhos é inferior à dos pais e vice-versa.

E tanto é assim, como mencionado nos últimos parágrafos, que o Senhor Jesus nos ensina que quando Ele vier para tomar para si eternamente os que Nele creem, poderá ocorrer de ser levado um cônjuge para estar com Cristo e o outro não. Pode ser levado o marido e não a esposa ou pode ser levada a esposa e não o marido. Pode ser levado um dos pais e não o filho. Ou ainda, pode ser levado um filho e não um dos pais, mostrando que “cada um” é individualmente responsável por sua vida diante do Senhor.

Romanos 14: 12 Assim, pois, cada um de nós dará contas de si mesmo a Deus.

Para as pessoas casadas, por exemplo, aprender a conviver com Cristo e ouvir ao Senhor como Sumo Sacerdote Eterno é algo que cada um dos dois cônjuges precisa se dispor a fazer pessoalmente. Inclusive, seria muito proveitoso para o marido, para a esposa e para o matrimônio se ambos, homem e mulher, já estivessem praticando o relacionamento pessoal com o Senhor quando se uniram em casamento.

As Escrituras nos ensinam que quando um homem e uma mulher se casam, eles se tornam uma só carne. Entretanto, eles continuam sendo duas almas completamente distintas. Em Cristo, cada um dos cônjuges tem um espírito a ser fortalecido no Senhor. E na realidade, os dois, espiritualmente, só são um se ambos estiverem vivendo cada um pessoalmente ou individualmente em Cristo.

Assim, qualquer pessoa que recebe a Cristo como o Senhor no coração também pode se dirigir a Cristo como o Sumo Sacerdote Eterno da sua vida, independentemente do seu contexto natural e inclusive se ninguém mais ao seu redor quiser fazê-lo.

Para Deus também não importa se aquele que se achega a Ele é advindo daquilo que as pessoas consideram como de descendência nobre ou especial, se ele é requintado ou se é grosseiro, se é *judeu, grego, bárbaro ou cita*, lembrando que os *citas*, nos tempos antigos, eram considerado, entre os bárbaros, um dos povos mais bárbaros, rudes ou embrutecidos.

O provisão de Deus para o perdão do pecado de todos as pessoas não elegeu perfis distintos segundo o homem natural. E por isto, este fator também nunca foi estabelecido como uma parâmetros desqualificador das pessoas quanto à serem aceitas pelo Senhor Jesus Cristo para serem perdoadas, purificadas e amadas por Deus na nova aliança.

Para Deus não importa se uma pessoa tem uma formação com modos finos ou rudes, se a pessoa é sofisticada ou tem uma formação mais rudimentar, pois Deus não enviou seu Filho ao mundo somente para alguns e de acordo com o perfil que as pessoas acham que as qualifica melhor do que outras.

Deus enviou seu Filho Unigênito “igualmente para todos”, porque todos ficaram sujeitos ao pecado e suas condenações, ainda que alguns pensem não terem incorrido em necessidade igual de salvação por terem adotado algumas condutas naturais diferentes ou por terem uma condição natural ou social distinta diante dos seus semelhantes.

*Romanos 3: 23 **Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus, 24 sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus.***

...
*10: 12 **Pois não há distinção entre judeu e grego, uma vez que o mesmo é o Senhor de todos, rico para com todos os que o invocam.***

A Ordem de Arão apregoa que os fortes é que alcançam o favor de Deus; que são os que se empenham em cumprir os mandamentos no seu próprio esforço é que têm direito às bênçãos de Deus; que são aqueles que fazem muitas obras visíveis ao mundo para mostrarem como servem a Deus que o Senhor atende; ou que aqueles que podem ser favorecidos pelo Senhor são aqueles que dão grandes ofertas, ainda que tenham obtido os seus recursos com opressão, manipulação e com fraude.

Aqueles que são das ordens referentes a **uma parábola para a época presente**, ou seja, similares à Ordem de Arão, é que dividem as pessoas segundo o conceito dos que podem mais, dos que sabem mais e dos que têm mais em comparação aos mais debilitados, menos sábios aos olhos humanos ou os que têm menos, pensando que o cumprimento de suas ações feitas a partir de “mandamentos carnis revestidos de aparência espiritual” é que os credenciam mais diante do Senhor do que os outros que não são “tão afortunados” como eles são em riquezas, habilidades e devoção religiosa.

A Ordem de Arão é a ordem da pressuposição de que se uma pessoa se dedicar verdadeiramente, se empenhar e se disciplinar com afinco, ela, no final das contas, conseguirá cumprir a vontade de Deus e agradar a Deus através de suas ações e pelos alvos que ela atingiu. Esquecendo, porém, que se a salvação e a justificação fossem por obras humanas, nenhuma pessoa, naturalmente falando, poderia ser salva, nem eles mesmos. Ignorando que é neste mesmo pensamento de justificação mediante obras e condições naturais que cada um da Ordem de Arão, ou similares a ela, condenam a si mesmos, pois nenhuma pessoa pode alcançar o êxito de justificação mediante obras ou justiça própria.

*Lucas 18: 10 **Dois homens subiram ao templo com o propósito de orar: um, fariseu, e o outro, publicano.***

*11 **O fariseu, posto em pé, orava de si para si mesmo, desta forma: Ó Deus, graças te dou porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros, nem ainda como este publicano;***

*12 **jejuo duas vezes por semana e dou o dízimo de tudo quanto ganho.***

13 O publicano, estando em pé, longe, não ousava nem ainda levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, sê propício a mim, pecador!

14 Digo-vos que este desceu justificado para sua casa, e não aquele; porque todo o que se exalta será humilhado; mas o que se humilha será exaltado.

Por mais que uma pessoa sob a Ordem de Arão, ou similares a ela, cumprir mais leis que outros e realizar no natural mais do que outros, a ponto de inclusive se elevar sobre os seus semelhantes, procurando classificar as pessoas em fortes e fracos, se ela não cumprir um só item da lei, ela igualmente está sujeito à condenação do pecado e da lei.

A Ordem de Arão, ou similares a ela, por se basearem em obras ou condições exteriores, acabam tentando diferenciar as pessoas que são do mesmo povo ou até na mesma família, mas sempre acabam tornando todos iguais perante a condenação da sua lei. Nestas ordens sacerdotais, os que não fazem questão de acertar tanto e os que querem muito seguir a lei, mas não o conseguem em todos aspectos, no fim, se unem em um só grupo onde ninguém consegue alcançar de fato tudo o que seria necessário ser cumprido para a justificação e aceitação perante Deus.

Jeremias 10: 6 Ninguém há semelhante a ti, ó SENHOR; tu és grande, e grande é o poder do teu nome.

7 Quem te não temeria a ti, ó Rei das nações?

Pois isto é a ti devido; porquanto, entre todos os sábios das nações e em todo o seu reino, ninguém há semelhante a ti.

8 Mas eles todos se tornaram estúpidos e loucos; seu ensino é “vão” e “morto” como um “pedaço de madeira”.

E, ainda, se considerássemos que as pessoas fossem salvas por obras, não seria a obra de gestar uma criança e trazê-la à luz uma das maiores obras no plano natural que uma pessoa poderia fazer?

Entretanto, nem a obra de dar a luz a uma criança pode justificar uma pessoa. Razão pela qual, Paulo exorta as mulheres que derem à luz a uma criança a não se apartarem daquilo que de fato pode fazer com que recebam a salvação eterna, o qual é a permanência na fé no Senhor, na sua justiça e no seu amor.

1 Timóteo 2: 15 Todavia, será preservada através de sua missão de mãe, se ela permanecer em fé, e amor, e santificação, com bom senso.

Completamente diferente da Ordem de Arão, a base da justiça em Cristo sempre é o mesmo e único Cristo para todos e a obra que Ele fez em favor de todos, o qual oferece a sua justiça igualmente a todos, sem qualquer distinção feita segundo os padrões do homem natural e que é compartilhada com todos que creem em Cristo como o Caminho de Deus para salvá-los e conceder-lhes vida eterna.

Portanto, ao estudar todo este tema da glória do Senhor Jesus e de seu sacerdócio, temos a forte impressão de que entre os piores dos piores males que podem afetar o relacionamento das pessoas com Deus está a ideia de que as características naturais ou a estrutura de funções das pessoas no mundo definem uma maior ou menor possibilidade de cada um poder se chegar a Deus ou que um indivíduo depende de outras pessoas para chegar-se a Cristo e a Deus para ter comunhão com o Senhor.

Por outro lado, as mais variadas tentativas de ocultar a glória que há na liberdade e na aceitação das pessoas na Ordem de Melquisedeque no que tange ao seu relacionamento pessoal com Deus não podem prevalecer quando uma pessoa crê em Cristo e abre o coração para a comunhão com Ele.

2 Coríntios 3: 16 **Quando, porém, algum deles se converte ao Senhor, o véu lhe é retirado.**

Apocalipse 3: 20 **Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele, comigo.**

21 **Ao vencedor, dar-lhe-ei sentar-se comigo no meu trono, assim como também eu venci e me sentei com meu Pai no seu trono.**

1 Coríntios 1: 9 **Fiel é Deus, pelo qual fostes chamados à comunhão de seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor.**

Romanos 8: 38 **Porque eu estou bem certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas do presente, nem do porvir, nem os poderes,**
39 **nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor.**

C25. A Glória do Sumo Sacerdote que nos Chama para Estarmos Nele ou para o que é Denominado de Estar Em Cristo

Nos capítulos anteriores, vimos que parte do processo do crescimento de um cristão na salvação recebida em Cristo é ele se achegar em confiança ao Senhor Jesus também para que o Senhor o guie ou auxilie na remoção de convicções no seu entendimento que não procedem de Deus, inclusive aquelas que antes até lhe pareciam estar em linha com a vontade de Deus.

À medida que um cristão cresce no conhecimento da verdade à luz do que o Senhor lhe ensina, ele é convidado ao que as Escrituras chamam de despojar-se do velho homem, de seus conceitos e das suas práticas, o que, de certa forma, pode ser comparado a um desnudar-se em confiança diante do Senhor.

Por outro lado, à medida que nos desnudamos diante de Deus, também passamos a estar preparados para sermos revestidos das novas vestes que o Senhor nos oferece, o que, igualmente, faz parte do ministério do Sumo Sacerdote Eterno Jesus Cristo.

Quando uma pessoa está com vestes sujas, não é usual ela colocar vestes limpas por cima das sujas, pois antes ela tira as sujas, lava o seu corpo e depois põe vestes limpas.

Desta forma, quando o Senhor Jesus quer nos auxiliar e nos purificar, é isto que Ele está nos propondo. Ele deseja que tiremos as roupas velhas porque estão sujas, são inadequadas ou já estão obsoletas para que, principalmente, possamos nos vestir das roupas novas.

Assim como as pessoas podem se apegar às vestes antigas materialmente falando, assim elas também podem apegar-se à pensamentos e conceitos antigos com os quais as suas consciências estavam revestidas.

Assim como uma roupa natural é uma vestimenta para o corpo natural, assim o conjunto de pensamentos e conceitos de atitudes também é exposto nas Escrituras como uma vestimenta para a alma, a consciência ou o entendimento de uma pessoa. Assim, ao adotar e guardar pensamentos e conceitos, uma pessoa se mantém vestida deles.

E quando consideramos que os pensamentos sobre a forma de viver a vida também podem ser equiparados à vestes com as quais uma pessoa reveste o seu entendimento ou a sua consciência, isto inclusive implica em dizer que as pessoas podem ter se vestido de pensamentos que não foram criados por elas próprias, mas que ao vesti-los, eles se tornaram como se fossem delas também.

Também vimos nos capítulos anteriores, que o batismo cristão não é a figura do despojamento de algo material ou da lavagem externa do corpo, mas uma renovação da nossa consciência em primeiro lugar para com Deus.

***1Pedro 3: 18 Pois também Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-vos a Deus; morto, sim, na carne, mas vivificado no espírito,
19 no qual também foi e pregou aos espíritos em prisão,
20 os quais, noutra tempo, foram desobedientes quando a longanimidade de Deus aguardava nos dias de Noé, enquanto se***

- preparava a arca, na qual poucos, a saber, oito pessoas, foram salvos, através da água,***
- 21 a qual, figurando o batismo, agora também vos salva, não sendo a remoção da imundícia da carne, mas a indagação de uma boa consciência para com Deus, por meio da ressurreição de Jesus Cristo;***
- 22 o qual, depois de ir para o céu, está à destra de Deus, ficando-lhe subordinados anjos, e potestades, e poderes.***

O batismo cristão, ou o considerar-se morto para a carne mediante a fé na obra de Cristo na cruz do Calvário e o considerar-se vivo mediante a fé na ressurreição de Cristo, é expresso também como a possibilidade de uma imersão em Deus, através da vida viva do Cristo ressurreto, que faz com que a consciência de quem é imerso em Cristo seja lavada dos conteúdos que não provem de Deus e receba os princípios que são de Deus.

A comunhão com Deus gera uma renovação da mente ou do entendimento, expondo o que é diferente da verdade ou do pensamento de Deus para que o cristão possa se despojar dos pensamentos contrários ao Senhor, assim como a comunhão visa gerar um despertar para aquilo que é o pensamento de Deus a fim de que o mesmo cristão possa vir a se vestir ou agasalhar com o entendimento concedido por Deus.

Vejamos atentamente o texto a seguir:

- Isaías 55: 6 Buscai o SENHOR enquanto se pode achar, invocai-o enquanto está perto.***
- 7 Deixe o perverso o seu caminho, o iníquo, os seus pensamentos; converta-se ao SENHOR, que se compadecerá dele, e volte-se para o nosso Deus, porque é rico em perdoar.***
- 8 Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos, os meus caminhos, diz o SENHOR,***
- 9 porque, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos, mais altos do que os vossos pensamentos.***

Usando o princípio de palavras coligadas que há nas Escrituras (abordado na Série sobre Sugestões de Leitura e Estudo da Bíblia), podemos ver que o texto da carta de Pedro que vimos mais acima explica de forma similar o que o profeta Isaías séculos antes também instruiu a ser feito.

Ou seja, quando buscamos ao Senhor ou nos convertemos a Deus, Ele se compadece de nós, é rico em perdão, e nos mostra os pensamentos que não procedem Dele, mas não o faz sem também nos ensinar os seus pensamentos, pois é no conhecimento do que é segundo Deus é que verdadeiramente podemos ver aquilo que não é procedente de Deus.

Portanto, em sua função de Sumo Sacerdote Eterno, o Senhor Jesus Cristo nos mostra do que devemos nos despir, mas também nos mostra do que devemos nos vestir.

Conforme já mencionado acima, o despojar-se da má consciência e o revestir-se da instrução e da novidade de vida de Deus é uma das facetas centrais do batismo continuado de um cristão em Cristo.

À medida que deixamos o nosso próprio caminho ou o caminhar sem a direção de Deus, e à medida que inclinamos o nosso coração ao Senhor, ele se compadece de nós e nos guia a troca ou renovação dos conteúdos da nossa consciência.

2 Coríntios 3: 15 **Mas até hoje, quando é lido Moisés, o véu está posto sobre o coração deles.**

16 Quando, porém, algum deles se converte ao Senhor, o véu lhe é retirado.

17 Ora, o Senhor é o Espírito; e, onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade.

Quando uma pessoa se aproxima de Cristo e passa a ser estabelecida na comunhão com Ele, o Senhor torna evidente a ela que aqueles pensamentos que antes lhe serviam de aparente proteção, propósito e guia de conduta são na realidade velhos, sujos ou inadequados. E isto, para que ela possa escolher deixá-los para trás e ver com clareza o as vestimentas novas que lhe estão disponíveis em Deus.

Um exemplo bem prático citado em Efésios 4 a respeito do que está sendo mencionada acima é a expressão **não mintais uns aos outros, uma vez que vos despistes do velho homem com os seus feitos** ou **deixai a mentira e falai a verdade cada um com o seu próximo; porque somos membros uns dos outros.**

Antes de uma ser reconciliado com Deus, um indivíduo pode ter aprendido que através das mentiras poderia obter vantagens e que isto faz parte do que é apregoadado como a “lei da sobrevivência dos mais fortes”. Agora, porém, em Deus, a pessoa sem o véu dos conceitos humanos, é chamada a ver como Deus odeia a mentira e que o Senhor é Luz e ama a verdade. E ainda, diante desta percepção de que Deus se agrada da verdade e rejeita a mentira, uma pessoa pode escolher deixar o conceito equivocado de que possa haver benefícios em usar a mentira e pode passar a adotar o conceito de que amparar-se na verdade é a vontade de Deus e proteção para a sua vida, pois Cristo é o Caminho, mas também é a Verdade que guarda a todo aquele que se *cinge com a Verdade*.

Por outro lado, as Escrituras mencionam *vestes* no plural, e não somente uma veste, o que, por exemplo, pode chamar a atenção para que uma pessoa que se revestiu da disposição de andar na verdade também venha ter em mente que ela igualmente é chamada a se revestir do pensamento da prudência (visto no capítulo anterior) de que nem tudo ela deveria sair contando a todos sem que antes tenha orado a respeito ao Senhor.

O fato de um indivíduo compreender que é necessário ele se apartar da mentira e andar na verdade não é um princípio isolado de vida ou uma veste única dissociada da necessidade de se revestir de prudência. O fato de uma pessoa se revestir da verdade não significa necessariamente que os assuntos que ela ainda está tratando com Deus de forma pessoal devam ser todos revelados a outros. Trocar a veste da mentira pela veste da verdade não implica em sair contando tudo às pessoas indiscriminadamente, mas, sim, usar sempre da verdade também com sobriedade e prudência.

1 Ts 5: 8 Nós, porém, que somos do dia, sejamos sóbrios, revestindo-nos da couraça da fé e do amor e tomando como capacete a esperança da salvação.

E se retornarmos aos textos de Pedro e Isaías expostos acima, podemos observar que aquilo que Isaías explica como resultado da busca pelo Senhor é descrito por Pedro quanto a como esta busca pode ser feita.

Pedro escreve que o processo de renovação do entendimento pelo despojamento do velho para se revestir do novo, dá-se pelo que é *figurado* como o batismo que uma pessoa pode alcançar através do Senhor Jesus Cristo vivo e ressurreto.

Pedro nos informa que a arca de Noé foi o meio através do qual Deus salvou as pessoas que nela estavam, mas que o fato da arca ter sido lançado nas águas volumosas também figurou o despojamento de todo um conjunto de pensamentos e condutas que eram contrárias a Deus ou que se opunham ao querer do Senhor. Aqueles que estavam na arca foram salvos para não serem consumidos pelas águas, mas também a experiência destes figura o fim de um conjunto de pensamentos e condutas que as pessoas de forma generalizada haviam adotado até os dias em que ocorreu o dilúvio.

Ora, a arca é também uma figura de Cristo. E quem é batizado em Cristo, quem é escondido ou imerso em Cristo, apesar de também ter sido parte do mundo, é protegido para não ser consumido pelo poder que há em toda a palavra de Deus, colhendo também, juntamente com a imersão na comunhão com Cristo, o despojamento da consciência antiga para receber de Cristo um entendimento renovado segundo a instrução de Deus.

Ou, ainda, quando uma pessoa se converte ao Senhor Jesus Cristo e permanece convertida a Ele, imerge Nele continuamente, o Senhor a insere Nele para que ela possa ser exposta à vontade de Deus de tal forma que possa ver, sem ser destruída, o que não é bom para a sua vida a fim de que possa despir-se do que lhe foi manifestado como inadequado, para que também possa ver os pensamentos que são segundo a verdade de Deus e para que possa se revestir destes à medida que se despoja dos antigos e os deixa para trás.

Através das palavras que escreveu aos cristãos ou santos que estavam em vários lugares distintos, também Paulo diversas vezes atesta as considerações às quais Pedro se referiu, conforme exemplificado a seguir:

- Efésios 4: 1* ***Rogo-vos, pois, eu, o prisioneiro no Senhor, que andeis de modo digno da vocação a que fostes chamados,***
2 com toda a humildade e mansidão, com longanimidade,
suportando-vos uns aos outros em amor,
3 esforçando-vos diligentemente por preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz;
4 há somente um corpo e um Espírito, como também fostes chamados numa só esperança da vossa vocação;
5 há um só Senhor, uma só fé, um só batismo;
6 um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, age por meio de todos e está em todos.

- 7 e a graça foi concedida a cada um de nós segundo a proporção do dom de Cristo.**
- 8 Por isso, diz: Quando ele subiu às alturas, levou cativo o cativo e concedeu dons aos homens.**
- 9 Ora, que quer dizer subiu, senão que também havia descido às regiões inferiores da terra?**
- 10 Aquele que desceu é também o mesmo que subiu acima de todos os céus, para encher todas as coisas.**

- Efésios 2: 1* **Ele vos deu vida, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados,**
- 2 nos quais andastes outrora, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe da potestade do ar, do espírito que agora atua nos filhos da desobediência;**
- 3 entre os quais também todos nós andamos outrora, segundo as inclinações da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos, por natureza, filhos da ira, como também os demais.**
- 4 Mas Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor com que nos amou,**
- 5 e estando nós mortos em nossos delitos, nos deu vida juntamente com Cristo, —pela graça sois salvos,**
- 6 e, juntamente com ele, nos ressuscitou, e nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus;**
- 7 para mostrar, nos séculos vindouros, a suprema riqueza da sua graça, em bondade para conosco, em Cristo Jesus.**

- Colossenses 3: 1* **Portanto, se fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus.**
- 2 Pensai nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra;**
- 3 porque morrestes, e a vossa vida está oculta juntamente com Cristo, em Deus.**
- 4 Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então, vós também sereis manifestados com ele, em glória.**

Simbolizado também pela arca, Cristo é aquele através do qual recebemos um chamado nobre para deixar uma vida dissociada do propósito eterno para andarmos de maneira digna diante do Senhor. Cristo é quem levou cativo o cativo para nos oferecer e conceder novidade de vida a despeito de anteriormente termos vivido sujeito ao pecado e a leis condenatórios como a da Ordem de Arão.

Cristo é aquele em que uma pessoa é liberta de uma condição em que ela é considerada como morta em delitos e ofensas que são baseados em pensamentos humanos instigados pelo príncipe do mundo que jaz no maligno, mas Cristo também é aquele em que uma pessoa é assentada pela fé junto a Deus, nas regiões celestiais, para ter a mente renovada e vivificada pela palavra e pela vontade viva de Deus.

*Efésios 5: 14 **Pelo que diz: Desperta, ó tu que dormes, levanta-te de entre os mortos, e Cristo te iluminará.***

Cristo é Aquele em quem um indivíduo, figurado pelas pessoas na arca, morre para todo um passado dissociado da direção de Deus para passar para um novo tempo a ser vivido segundo a direção de Deus e em Deus através de Cristo. E isto, para que quando Cristo se manifestar ao mundo, este indivíduo também se manifeste juntamente com Cristo.

Quando atendemos ao convite de Deus para a comunhão com Cristo, o Senhor nos perdoa e nos ajuda a tirarmos as vestes antigas à medida que concordamos pessoalmente com Ele de que elas de fato não são apropriadas para as nossas vidas e na medida em que desejamos nos despojar delas. Da mesma forma, quando aceitamos o convite para a comunhão com Cristo, o Senhor nos auxilia a sermos revestidos do novo à medida que concordamos com Ele sobre algo que é apropriado à nossa vida.

Compreender como o Senhor renova o nosso entendimento é vital, pois Ele não nos impõe a sua vontade, mas nos ensina sobre ela para que nós possamos optar por ela com liberdade. O Senhor nos oferece a novidade de vida Nele através do Evangelho que é expresso como uma oferta. E como tal, ela é apresentada a todos, mas somente torna-se pessoal para aqueles que a recebem como uma oferta.

As Escrituras chamam a forma de interação com Deus descrita acima também como *a Lei do Entendimento*, cujo tema também está abordado em um estudo com o mesmo título na série sobre A Vida do Cristão no Mundo e exemplificado no texto abaixo:

*Romanos 7: 25 **Dou graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor. Assim que eu mesmo, com o entendimento, sirvo à lei de Deus, mas, com a carne, à lei do pecado.***

Em todo este processo de ser transformado pela renovação do entendimento, é crucial observar que o Senhor não intenta fazê-lo somente através da ação das pessoas de se desvestirem das suas vestes antigas. Para o Senhor, o revestir-se do novo deveria ocorrer quase que concomitantemente com o primeiro ato de despojamento do velho.

O Senhor não deseja que um cristão seja uma pessoa que se despoje do velho pensar e fique sem um novo pensar ou se torne em um indivíduo sem convicções interiores.

O processo cristão do despojar-se das vestes antigas ou inapropriadas, de certa forma, somente é considerado realizado quando a pessoa também se reveste do novo.

Se o despojar do velho é simbolizado pela figura do imergir nas águas para ali o velho ficar sepultado, o revestir-se do novo é a figura do ressuscitar e do ressurgir para a novidade de vida no Senhor.

Se as pessoas na arca de Noé tivessem sido libertas do dilúvio que destruiu o mundo anterior em que elas viviam, mas as águas do dilúvio não tivessem baixado para elas poderem voltar a viver na Terra, as pessoas da arca igualmente teriam perecido pelo mesmo dilúvio não resultante efetivamente em alguma nova condição de vida.

Assim, o cristão que pensa que só o despojar do velho seria o suficiente para uma nova vida pode ficar exposto à vergonha, pois aí ele só terá argumentos contra o velho, mas não terá nada de novo para oferecer para a sua vida e para quem lhe perguntar sobre a sua nova condição.

Cristo diz:

*Apocalipse 3: 18 **Aconselho-te que de mim compres ouro refinado pelo fogo para te enriqueceres, vestiduras brancas para te vestires, a fim de que não seja manifesta a vergonha da tua nudez, e colírio para ungires os olhos, a fim de que vejas.***

O que, por exemplo, completa um ciclo de atividades de um dia de uma criança que brincou na areia ou na terra, e que por isto ficou toda suja, é quando ela, após um banho, pode vestir uma roupa bem limpinha e cheirosa que alguém lhe preparou.

Portanto, o revestir-se do novo ou do limpo é como a coroação do processo do despir-se e da lavagem.

Quando o último texto acima diz que Cristo chama as pessoas para virem e comprar vestes brancas Dele, Ele obviamente não está dizendo para comprá-las por dinheiro ou por sacrifício, mas simplesmente mediante a fé Nele, lembrando que o profeta Isaías e o livro de Apocalipse declaram que podemos comprar do Senhor o que precisamos não por preço ou por dinheiro, mas simplesmente por mantermos comunhão com o Senhor.

Além disso, depois de vermos nos capítulos anteriores que os pensamentos inadequados também incluem aqueles relacionados à Ordem de Arão e similares à ela, podemos perceber que nós vivemos inseridos em um ambiente com muitos conceitos distorcidos, maldades e perversidades nas mais diversas frentes da vida que há no presente mundo. Razão pela qual, em tudo, necessitamos a misericórdia e a Luz do Senhor tanto para podermos nos despojar dos conceitos inapropriados como para receber os princípios segundo o reino celestial.

Muitas vezes, as manchas mais impregnadas nos pensamentos de um indivíduos são aqueles que advêm de coisas que têm aparência de piedade ou de devoção a Deus, mas que na realidade são atos praticados segundo a Ordem de Arão ou em conformidade com ***a parábola para a época presente***.

Muitos conceitos ou obras que tentam obscurecer a luz da vontade de Deus na vida de uma pessoa não parecem maus aos olhos naturais, têm aparência de boa obra para com Deus e ainda são apresentados sob intensa dedicação e zelo. Entretanto, se eles forem usados como meio para tentar a justificação de uma pessoa perante o Senhor, eles são, indubitavelmente, obras más ou de iniquidade porque desprezam o sofrimento de Cristo na cruz do Calvário e a graça que o Senhor Jesus nos concede depois da sua morte e ressurreição dentre os mortos.

Mas graças a Deus que através do Sumo Sacerdote Jesus nos ajuda para ficarmos livres tanto das vestes das coisas inapropriadas do mundo em geral como das coisas de ordens sacerdotais similares às da Ordem de Arão.

Hebreus 9: 14 ... muito mais o sangue de Cristo, que, pelo Espírito eterno, a si mesmo se ofereceu sem mácula a Deus, purificará a nossa consciência de obras mortas, para servirmos ao Deus vivo!

15 Por isso mesmo, ele é o Mediador da nova aliança, a fim de que, intervindo a morte para remissão das transgressões que havia sob a primeira aliança, recebam a promessa da eterna herança aqueles que têm sido chamados.

Mencionando, então, isso mais uma vez, na exposição das Escrituras, o despojamento de algo expressa também o morrer ou considerar-se morto para aquilo. Quando nos despimos de algum pensamento ou o refutamos, morremos para a conservação e prática daquele pensamento.

A figura do batismo à qual Pedro faz referência quando cita Noé e a Arca que este construiu é uma simbologia do real batismo em Cristo pela fé e comunhão com Ele, no qual, quando somos inseridos mais e mais em Deus pela condução do nosso Sumo Sacerdote Jesus, morremos para os conceitos inapropriados do mundo, mas também para os conceitos da Ordem de Arão ou similares a ela.

Quando no livro de Hebreus é descrito que a troca de Sacerdócio implica em troca de lei, também está implícito que isto significa que morremos para aqueles conceitos e práticas de sacerdócios anteriores para ressurgir juntamente com Cristo para um novo conjunto de princípios encontrados na lei de Cristo, na verdade, na sua justiça ou na lei da liberdade no Espírito de Deus.

Romanos 7: 6 Agora, porém, libertados da lei, estamos mortos para aquilo a que estávamos sujeitos, de modo que servimos em novidade de espírito e não na caducidade da letra.

4 Assim, meus irmãos, também vós morrestes relativamente à lei, por meio do corpo de Cristo, para pertencerdes a outro, a saber, aquele que ressuscitou dentre os mortos, a fim de que frutifiquemos para Deus.

Outros textos que também expõem o que foi mencionado acima são, por exemplo:

Tiago 1: 21 Portanto, despojando-vos de toda impureza e acúmulo de maldade, acolhei, com mansidão, a palavra em vós implantada, a qual é poderosa para salvar a vossa alma.

Colossenses 3: 5 Fazei, pois, morrer a vossa natureza terrena: prostituição, impureza, paixão lasciva, desejo maligno e a avareza, que é idolatria;

6 por estas coisas é que vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência.

7 Ora, nessas mesmas coisas andastes vós também, noutra tempo, quando vivíeis nelas.

8 Agora, porém, despojai-vos, igualmente, de tudo isto: ira, indignação, maldade, maledicência, linguagem obscena do vosso falar.

- 9 **Não mintais uns aos outros, uma vez que vos despistes do velho homem com os seus feitos**
 10 **e vos revestistes do novo homem que se refaz para o pleno conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou;**
 11 **no qual não pode haver grego nem judeu, circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita, escravo, livre; porém Cristo é tudo em todos.**

Notemos como é amplo o conjunto de aspectos que podemos extrair dos textos apresentados acima, entre os quais reforçamos, então, que despojar-se de um pensamento ou linha de conduta é morrer para este aspecto, ou seja, não agasalhar mais um pensamento também é, conseqüentemente, deixá-lo para trás e não praticá-lo mais.

Olhando ainda para o último texto acima em referência, podemos ver evidenciada uma das razões pelas quais o Senhor nos ensina através da figura da arca e do batismo quanto ao despojar-se do velho homem ou do morrer para as coisas do velho homem, pois ao encontrarmos no mesmo texto a expressão “**noutro tempo, quando vivíeis nelas**”, podemos ver que as coisas do velho homem também são consideradas como uma forma de viver a vida.

Portanto, estar sendo guiado por um conjunto de conceitos e condutas é similar a dizer que uma pessoa pode “viver neles” ou “estar neles”.

Por outro lado, para deixar de “estar neles”, é preciso abandoná-las ou estar morto para eles, não se vestir mais deles, não agasalhar-se mais deles, o que envolve uma atitude prática de se apartar deles ou de realmente deixá-los para trás.

Um dos aspectos de “estar em Cristo”, então, é não estar vivendo nas coisas do velho homem, nos seus conceitos e nem segundo as suas condutas. E, por outro lado, é estar revestido dos conceitos e condutas condizentes com a novidade de vida que nos é oferecida através do Evangelho de Deus.

- Efésios 4: 17* **Isto, portanto, digo e no Senhor testifico que não mais andeis como também andam os gentios, na vaidade dos seus próprios pensamentos,**
 18 **obscurecidos de entendimento, alheios à vida de Deus por causa da ignorância em que vivem, pela dureza do seu coração,**
 19 **os quais, tendo-se tornado insensíveis, se entregaram à dissolução para, com avidez, cometerem toda sorte de impureza.**
 20 **Mas não foi assim que aprendestes a Cristo,**
 21 **se é que, de fato, o tendes ouvido e nele fostes instruídos, segundo é a verdade em Jesus,**
 22 **no sentido de que, quanto ao trato passado, vos despojeis do velho homem, que se corrompe segundo as concupiscências do engano,**
 23 **e vos renoveis no espírito do vosso entendimento,**
 24 **e vos revistais do novo homem, criado segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade.**

Neste último texto, podemos ver de forma reiterada que as pessoas praticam muitos males precisamente por causa do que pensam, ou seja, por causa da ***vaidade dos seus próprios pensamentos*** ou porque estão ***obscurecidas de entendimento***.

Assim, quando o Senhor Jesus oferece a nós o seu ministério ou serviço de Eterno Sumo Sacerdote, Ele está nos oferecendo um entendimento do bem e do mal quanto às suas respectivas raízes para que abandonemos a prática do mal e para que nos inclinemos à verdade, à justiça celestial e à prática do bem.

O Senhor Jesus nos oferece um discernimento ou entendimento do bem e do mal mais profundo ou consistente para que não deixemos que a raiz do mal continue a nos fortalecer para o mal e para que passemos a viver e andar segundo a raiz da verdade, da justiça de Deus e dos dons que o Senhor quer conceder àqueles que Nele depositam a sua confiança.

Entretanto, reprisada esta questão da atuação do Senhor Jesus Cristo em sua função de Sumo Sacerdote que nos ensina a nos despojarmos dos pensamentos e dos feitos do velho homem para nos revestirmos do novo homem que é segundo a verdade e a justiça de Deus, gostaríamos de destacar de maneira ainda mais explícita um aspecto sobremaneira excelente do sacerdócio da Ordem de Melquisedeque que nos é oferecido *em Cristo* na sua posição de Sumo Sacerdote Eterno e que a Ordem de Arão ou similares a ela jamais puderem ou poderão vir a oferecer.

Após a introdução de certa forma longa deste capítulo para destacar ou repetir o auxílio que Cristo nos oferecer para termos uma mente renovada segundo a verdade e a justiça de Deus, auxílio este figurado também pela arca construída por Noé e pelo batismo, gostaríamos, então, de passar a ressaltar o tema apresentado no título do presente capítulo, a saber: *A Glória do Sumo Sacerdote que nos Chama para Estarmos Nele ou para o que é Denominado de Estar Em Cristo.*

Entendemos ser muito significativo e até crucial abordar este aspecto diante do que foi exposto anteriormente no presente capítulo para que aqui fique ressaltado que a renovação de entendimento e o discernimento que um cristão necessita para a sua vida lhe é oferecido no Sacerdócio de Cristo de maneira muito distinta de como o mundo em geral ou os sacerdócios similares à Ordem de Arão propõem a renovação de entendimento, da consciência ou de discernimento.

Enquanto o mundo em sua grande maioria e as ordens sacerdotais similares à Ordem de Arão pensam que a transformação de entendimento, da consciência ou do discernimento tem a sua base no conhecimento acumulado ou regras que vão de encontro aos seus anelos por gerenciar o conhecimento adquirido e a vida, na Ordem de Melquisedeque a sabedoria, o entendimento, o discernimento e toda a vida estão fundamentados no Sumo Sacerdote Eterno e no relacionamento com este Sumo Sacerdote.

Assim, quando permitirmos que o Senhor Jesus, como o Sumo Sacerdote Eterno, nos instrua e guie segundo a verdade, Ele primeiramente nos chama para estarmos em íntima comunhão com Ele para, através desta comunhão, nos instruir e fortalecer na verdade ou naquilo que necessitamos conhecer à luz dos pensamentos de Deus.

Desta forma, um discernimento primordial ou um dos aspectos primordiais da renovação de entendimento ao qual Cristo quer nos conduzir refere-se ao ponto de que no sacerdócio segundo a Ordem de Melquisedeque, esta ação não é realizada por uma mera transferência de conhecimento e onde as pessoas ficam com toda a atribuição de viverem e buscarem o crescimento segundo o conhecimento que lhes foi transmitido,

mas ela é realizada primeiramente pela permanência de uma pessoa no Cristo ou no Sumo Sacerdote Eterno que a atende e assiste.

Na Ordem de Melquisedeque, a renovação de entendimento, a concessão de discernimento e o crescimento é uma obra contínua realizada segundo o amor e a misericórdia celestial que está disponível no Senhor a todos aqueles que creem Nele.

- 1 Coríntios 8: 1(b) A ciência incha, mas o amor edifica.*
2 E, se alguém cuida saber alguma coisa, ainda não sabe como convém saber.
3 Mas, se alguém ama a Deus, esse é conhecido dele. (RC)

1 Coríntios 3: 7(b) Deus, que dá o crescimento.

Também através da faceta amor de Deus, somos chamados a nos atentar de que o conhecimento da verdade e a sabedoria do Senhor nos estão disponíveis Nele e no relacionamento com o Senhor.

- 1 Coríntios 1: 30 Mas vós sois dele, em Cristo Jesus, o qual se nos tornou, da parte de Deus, sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção,*
31 para que, como está escrito: Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor.

Portanto, se retornamos à arca de Noé como uma figura do batismo, podemos ver que o que salvou a Noé e sua família não foi o mero conhecimento de que haveria um dilúvio, mas o fato de estarem dentro da arca ou “inseridos” nela.

De forma similar, se retornarmos à figura do batismo associado ao chamado para nos despojarmos do velho homem por causa da morte de Cristo na cruz do Calvário e para nos revestirmos do novo homem criado segundo a verdade e a justiça de Deus, podemos observar ainda em outros textos das Escrituras que o batismo em Cristo também é um ato contínuo de inserção, conforme segue:

*Romanos 6: 3 **Ou, porventura, ignorais que todos nós que fomos batizados em Cristo Jesus fomos batizados na sua morte?***

*Gálatas 3: 26 **Pois todos vós sois filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus;***

27 porque todos quantos fostes batizados em Cristo de Cristo vos revestistes.

28 Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus.

Enquanto os sacerdotes na Ordem de Arão ou em qualquer ordem que usa de mediadores limitados em suas próprias fraquezas procuram a Deus para obterem informações para repassarem ao povo que representam para que, então, as pessoas procurem viver e andar com base em suas próprias forças e nas informações a elas repassadas, na Ordem de Melquisedeque o Sumo Sacerdote nos convida a estarmos continuamente associados a Ele, inseridos Nele ou revestidos Dele.

Mais do que poder ter o privilégio de ter informações, obter conhecimento ou ter discernimento da verdade, o Sumo Sacerdote Eterno segundo a Ordem de Melquisedeque nos chama a permanecermos continuamente na fonte da verdade, sabedoria e novidade de vida para que esta fonte também esteja conosco continuamente ou em tudo o que fizermos.

Relembrando o que também já foi comentado anteriormente, através do ministério de Sumo Sacerdote Eterno, o Senhor Jesus pode atuar em nós purificando também as nossas consciências para que o nosso coração permanece Nele, para que estando Nele, possamos nos assentar juntamente com Ele nas regiões celestiais e para que Ele esteja conosco em todo o tempo das nossas vidas.

Ainda em outras palavras, no sacerdócio segundo a Ordem de Melquisedeque, podemos ter acesso contínuo à mente de Cristo ou do Sumo Sacerdote Eterno em quem estão ocultos todos os tesouros do conhecimento e da sabedoria daquilo que conduz ao crescimento para a vida eterna, também do que não é benéfico e daquilo que nunca fica desatualizado ou obsoleto diante de tantos novos desafios com os quais uma pessoa pode se deparar em sua vida.

*1 Coríntios 2: 14 **Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente.***

*15 **Porém o homem espiritual julga todas as coisas, mas ele mesmo não é julgado por ninguém.***

*16 **Pois quem conheceu a mente do Senhor, que o possa instruir? Nós, porém, temos a mente de Cristo.***

Devido a um cristão poder ter acesso contínuo à mente de Cristo “em Cristo”, ele não precisa viver e andar limitado aos rudimentos, culturas ou tradições do mundo ou às informações que são armazenadas em poças ou cisternas do homem natural, pois “em Cristo”, lhe é oferecido rios de água viva que fluem da presença de Cristo mediante o Espírito Santo no coração daqueles que creem no Senhor e permanecem na comunhão com Ele.

*João 7: 38 **Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva.***

Portanto, em um dos seus aspectos, o denominado *estar em Cristo* é expresso pelo estar ou permanecer em comunhão com o Senhor Jesus de tal maneira que a cada momento da vida de um cristão ele possa estar exposto à verdade, à instrução do Senhor, à luz de Cristo ou à percepção do que é bom ou mal segundo o que o Senhor vê.

*Salmo 32: 8 **Instruir-te-ei e ensinar-te-ei o caminho que deves seguir; guiar-te-ei com os meus olhos. (RC)***

Se alguém está em Cristo, ele está ligado diretamente ao Cabeça do Corpo de Cristo, o qual é o próprio Cristo, e no qual uma pessoa não precisa mais ser sábia aos seus próprios olhos, ela não precisa mais se estribar naquilo que é frágil e limitado, pois ela tem acesso à mente Daquele no qual ela está inserida e que conhece tudo e a todos perfeitamente.

Estamos insistindo na menção do ponto acima porque a vida no Senhor não é meramente baseada em conhecimento transferido e porque a não compreensão de que a atuação de Cristo como Sumo Sacerdote se manifesta a um indivíduo pela permanência na comunhão com Ele tem levado muitas pessoas a ficarem à parte da novidade de vida que já lhes está disponível no Senhor.

Assim, convém ressaltar especificamente aqui em relação ao acesso à “mente de Cristo”, que se alguém deixa de “estar em Cristo”, ele obviamente também não tem mais o acesso à “mente de Cristo”, pois a “mente de Cristo” é de “Cristo”, e não da pessoa que se associou a Ele em algum momento anterior da sua vida e que supostamente teria recebido um “download” da “mente de Cristo” na “sua própria mente”.

O Senhor Jesus Cristo prometeu o Espírito Santo para estar no coração daqueles que creem no Evangelho para guiá-los na verdade e naquilo que Ele (Cristo) e o Pai Celestial quiserem anunciar a uma pessoa. Entretanto, se um indivíduo se mantém à parte da comunhão com o Senhor e com o Espírito Santo, ele não está mais amparado para discernir a verdade e andar na vontade de Deus ainda que em tempos anteriores o tenha feito.

Na sua posição de Sumo Sacerdote Eterno, Cristo pode e quer nos proporcionar o privilégio de podermos estar Nele também porque, sem Ele, não temos a suficiência para viver e andar segundo a vontade de Deus no mundo.

*João 15: 4(a) **Permanecei em mim, e eu permanecerei em vós. ...**
5(b) **... porque sem mim nada podeis fazer.***

A renovação do entendimento que um cristão tanto necessita não é passar a decorar todos os textos da Bíblia, similarmente ao que era praticado em relação à lei de Moisés na Antiga Aliança, mas é compreender que toda a provisão de entendimento, de discernimento do bem e do mal, e de fortalecimento para viver e andar segundo a vontade de Deus não está separada do Senhor ou somente pode ser encontrada na pessoa de Cristo e na comunhão com Ele.

*2 Coríntios 3: 4 **E é por intermédio de Cristo que temos tal confiança em Deus;**
5 **não que, por nós mesmos, sejamos capazes de pensar alguma coisa, como se partisse de nós; pelo contrário, a nossa suficiência vem de Deus,***

6 o qual nos habilitou para sermos ministros de uma nova aliança, não da letra, mas do espírito; porque a letra mata, mas o espírito vivifica.

Em sua posição de Sumo Sacerdote Eterno que nos assiste e intercede por nós junto ao Pai Celestial, Cristo chama a cada cristão para apresentar continuamente a Ele todo pensamento, discernimento ou entendimento, pois também é em Cristo que cada cristão tem as seu dispor as poderosas armas espirituais para a destruição das fortalezas que são baseadas em pensamentos, conselhos ou altivez que se levantam contra o conhecimento de Deus ou que são contrários à vontade do Senhor.

2 Coríntios 10: 3 **Porque, embora andando na carne, não militamos segundo a carne.**

4 Porque as armas da nossa milícia não são carnaís, mas, sim, poderosas em Deus, para destruição das fortalezas;

5 destruindo os conselhos e toda altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo entendimento à obediência de Cristo,

6 e estando prontos para vingar toda desobediência, quando for cumprida a vossa obediência. (RC)

Por que, então, muitas pessoas erram tão seguidamente ou tão repetidamente no que pensam e, por consequência, no que fazem?

Muitas pessoas no mundo se sujeitam a uma continuidade tão acentuada de erros porque não conhecem ou desprezam as Escrituras que dizem que Cristo é o Único Mediador para conhecerem a vontade de Deus segundo a Nova Aliança e porque, não sabendo ou não crendo no Senhor, não vem a Cristo para terem a luz da instrução de Deus que conduz para a vida e não para o caminho de morte.

Em primeiro lugar, Deus não nos conferiu as Escrituras para tentarmos viver através dos próprios escritos ou através do conhecimento adquirido. Deus nos deu as Escrituras para que, através delas, saibamos que a vida está em Cristo e para que saibamos que em Cristo temos acesso a Deus para a Nova Aliança e para a ajuda de um Sumo Sacerdote que em todo o tempo pode nos instruir e assistir.

João 5: 38 **Também não tendes a sua palavra permanente em vós, porque não credes naquele a quem ele enviou.**

39 Examinais as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de mim.

40 Contudo, não quereis vir a mim para terdes vida.

Inclinar-se a tentar viver e andar pelo conhecimento adquirido ou que está nas Escrituras, e não mediante à comunhão contínua com o Senhor Jesus, é uma inclinação para a negação do lugar no qual a novidade de vida do Senhor se encontra, como descrito nas próprias palavras de Cristo. É voltar às tentativas de “viver através da letra que não tem vida em si mesma”, similarmente a como era sob a Ordem de Arão.

Deus não chama as pessoas para fazerem o que elas próprias acham que é bom e certo fazer “para Deus”, assim como Deus também não quer que as pessoas façam o que elas mesmas acham bom fazer por gratidão a Deus.

O que Deus quer que as pessoas façam é que elas permaneçam continuamente em Cristo para que continuamente possam viver e andar conjuntamente com o Senhor.

Portanto, retornando ao aspecto de revestir-se de Cristo, podemos também compreender por este aspecto que o chamado do Senhor para todo cristão é que cada um “entre em Cristo” ou “se vista de Cristo” para saber como Cristo pensa, como Ele nos instrui para agirmos e para que em tudo estejamos amparados pela graça, justiça e força que o Senhor quer nos conceder.

*1Pedro 1: 13 **Por isso, cingindo o vosso entendimento, sede sóbrios e esperai inteiramente na graça que vos está sendo trazida na revelação de Jesus Cristo.***

*Romanos 13: 13 **Andemos dignamente, como em pleno dia, não em orgias e bebedices, não em impudicícias e dissoluções, não em contendas e ciúmes;***

*14 **mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e nada disponhais para a carne no tocante às suas concupiscências.***

Infelizmente, muitos cristãos têm a ideia de que a oração é chegar diante de Deus e despejar diante Dele um conjunto de pedidos, depois virar as costas e esperar que Deus atenda todos os pedidos. E fazem isto por acharem que como “bons cristãos”, eles têm que “cumprir esta obrigação”. Entretanto, este tipo de oração desconsidera que quando Cristo chama as pessoas cansadas e sobrecarregadas para virem a Ele para serem aliviadas dos seus fardos, Ele também as chama para estarem em comunhão com Ele para Nele serem ensinadas a fim de que assim encontrem o refrigério para a alma.

Embora a libertação de pesos e sobrecargas da vida seja parte imprescindível da salvação para a qual Cristo nos chama, é a permanência da presença de Cristo junto a uma pessoa e a permanência dela junto a Cristo que concede aquilo que uma pessoa tanto necessita continuamente em seu coração.

*Mateus 11: 28 **Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei.***

*29 **Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma.***

*Apocalipse 3: 20 **Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele, comigo.***

Uma pessoa somente despejar diante de Deus o que ela quer não é a prática do que é denominado nas Escrituras de *estar em Cristo* e nem do que é *oração*.

Quando o Pai Celestial nos oferece a Cristo como o nosso Sumo Sacerdote Eterno no qual podemos estar continuamente, Ele nos oferece privilégio de *estar em Cristo* para continuamente conhecermos mais a glória de Cristo e do próprio Pai Celestial para sermos também transformados no Senhor de glória em glória.

2 Coríntios 3: 18 E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito.

Portanto, também devido a tudo aquilo que o Senhor oferece àqueles que permanecem Nele ou que aceitam o chamado de estarem em Cristo que a ideia de mediadores que não sejam o Senhor Jesus para o relacionamento das pessoas com Deus é tão inapropriada, sem sentido e desprezível aos olhos do Senhor, e a qual também deveria ser vista da mesma maneira por todo aquele que almeja a vida eterna no Senhor.

João 17: 3 E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste.

Por fim, neste capítulo, gostaríamos de ressaltar que devido à grandeza e essencialidade do tema de podermos *estar em Cristo*, sabemos que ainda há muitas outras partes maravilhosas a serem acrescentadas a ele. Entretanto, para que possamos continuar mais especificamente focados no Evangelho da Glória de Deus e da Glória de Cristo, e para que primeiramente venhamos a conhecer mais a respeito do Senhor que nos é oferecido para ser o nosso Sumo Sacerdote Eterno, estaremos tratando de forma mais específica o assunto do *estar em Cristo* no estudo intitulado O Princípio Central do Viver do Cristão da série A Vida do Cristão no Mundo, bem como nos diversos estudos da série Nova Criatura em Cristo e Andando em Novidade de Vida.

1 Coríntios 1: 2(b) ... aos santificados em Cristo Jesus, chamados para ser santos, com todos os que em todo lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso:

3 graça a vós outros e paz, da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo.

4 Sempre dou graças a meu Deus a vosso respeito, a propósito da sua graça, que vos foi dada em Cristo Jesus;

5 porque, em tudo, fostes enriquecidos nele, em toda a palavra e em todo o conhecimento;

6 assim como o testemunho de Cristo tem sido confirmado em vós.

7 de maneira que não vos falte nenhum dom, aguardando vós a revelação de nosso Senhor Jesus Cristo,

8 o qual também vos confirmará até ao fim, para serdes irrepreensíveis no Dia de nosso Senhor Jesus Cristo.

C26. A Glória do Sumo Sacerdote que é Advogado Amigo Junto ao Pai Celestial

Ao longo dos últimos capítulos, procuramos descrever alguns dos maravilhosos feitos que uma pessoa pode passar a experimentar quando ela compreende e também passa a aceitar a atuação de Cristo em seu favor como o Sumo Sacerdote Eterno segundo a Ordem de Melquisedeque.

Conhecer esta posição e ministério (função ou serviço) de Cristo é particularmente e maravilhosamente desafiador, pois, na posição de Sumo Sacerdote Eterno, o Senhor exerce funções diante de Deus e do seu trono celestial, bem como diante das pessoas atuando em seu favor em seus corações.

O conceito do ministério de um Sumo Sacerdote é a representação de pessoas diante de quem elas esperam ser representadas, o que pode demandar um fluxo prático em que o Sumo Sacerdote em alguns momentos necessite interagir individualmente com as pessoas a serem representadas, em outros diante de quem elas esperam ser representadas, e ainda, no caso da Ordem de Melquisedeque, diante de ambas as partes quando estas estão uma diante da outra.

E, por sua vez, a condição de uma pessoa representada por um Sumo Sacerdote também poder estar junto com o Sumo Sacerdote diante de quem a pessoa almeja ser representada não é algo aceito ou até possível de ser feito em todos os tipos de sacerdócios. Sob a Ordem de Arão, por exemplo, o sumo sacerdote do povo entrava sozinho no lugar denominado de Santo dos Santos, e somente uma vez por ano.

Na Ordem de Arão, quando as pessoas aderiam a esta ordem, elas aderiam a um sacerdócio onde o Sumo Sacerdote daquela ordem tinha como que uma procuração para representar a todos uma vez por ano, mas onde os representados que aderiram à procuração jamais podiam acompanhar o Sumo Sacerdote eleito para representá-los.

O serviço sacerdotal da Ordem de Arão era terreno, externo e confinado a ser exercido em um lugar consagrado e limitado, sendo que somente naquele lugar o Sumo Sacerdote poderia apresentar as suas próprias causas e de todo o povo. Em seguida, o Sumo Sacerdote vinha a transmitir ao povo a sua experiência breve que tivera com Deus e a relatava segundo o seu entendimento e com as ênfases das suas emoções sobre o que havia visto e ouvido. Entretanto, o povo representado nunca podia participar diretamente da manifestação de Deus ao Sumo Sacerdote.

Esses pontos iniciais que estamos considerando no presente capítulo, mostram mais uma vez o quão diferente é a Ordem de Melquisedeque da Ordem de Arão e porque a de Arão é tão fraca e incapaz de “aperfeiçoar aqueles que nela prestavam culto” periodicamente, desperdiçando assim sacrifícios e dons sem alcançarem um proveito verdadeiramente duradouro e transformador.

Convém somente lembrar que o próprio povo pediu este modelo de sacerdócio em contraposição ao que Deus lhe oferecera, onde o Senhor queria apresentar ao povo um plano onde Ele viria estabelecer um relacionamento com cada indivíduo, ponto exposto anteriormente e ao qual não gostaríamos de retornar em detalhes aqui.

Na Ordem de Arão ou outras ordens que propõem estabelecer sacerdotes, obreiros ou ministros mediadores entre Deus e o povo, e que acabam elegendo entre os

sacerdotes aquele que recebe um título superior aos outros, como, por exemplo, *líder sênior, chefe do ministério, pai dos demais ministros*, e muitas outras variações, os riscos das pessoas ouvirem distorcidamente o que estes mediadores dizem ter ouvido de Deus são enormes e potencialmente fadadas a distorções de toda ordem.

Se, por exemplo, um sacerdote humano tem que apresentar as questões de dezenas, centenas ou até milhares de pessoas, como ele saberá, para início de conversa, o que cada indivíduo precisa se ele não tem tempo e capacidade para ouvi-las nem nas questões mais gerais e muito menos nas questões mais particulares?

Jamais uma ordem sacerdotal humana poderá oferecer as mínimas condições para representar uma pessoa diante de Deus visto que nem uma esposa sabe tudo o que se passa no coração do marido e nem o marido o que se passa no coração da esposa. Por mais que um casal desfrute de um matrimônio saudável e por mais que tanto o marido como a esposa procurem viver de forma transparente, respeitosa e sincera em relação ao outro, cada um ainda tem pontos pessoais que somente eles próprios podem apresentar a Deus.

Um coração somente é perscrutável em suas profundezas por Aquele para o qual não existe algo que não possa ser perscrutado e para o qual não existe escuridão que não possa ser exposta à luz.

Somente o Sumo Sacerdote segundo a Ordem de Melquisedeque é que pode representar uma pessoa verdadeiramente diante de Deus e apresentar a ela o que Deus também fala a esta pessoa, porque somente quem é completamente verdadeiro é que pode atuar em plena verdade.

Assim, quando o Senhor Jesus Cristo prometeu que Ele nos enviaria o Espírito Santo para nos guiar em toda verdade ou para toda a verdade, Ele estava anunciando que o Espírito Santo estaria nos guiando para andarmos Nele ou em Deus, pois somente no Senhor há plenitude da verdade.

Por outro lado, apesar do ser guiado na verdade ou para a verdade ser imensuravelmente excelso, precioso e estar associado ao caminho de vida eterna, este processo requer disposição das pessoas para se exporem à luz do Senhor e atenção especial quanto a como este processo pode ser realizado para a sua edificação.

Em um primeiro momento, podemos pensar que toda a pessoa que não enxerga bem gostaria de ver com nitidez e que toda a pessoa que carece de luz gostaria de ter luz satisfatória para ver tudo com clareza. Entretanto, a partir das Escrituras e de exemplos da vida prática, fica evidenciado que o desejo de ver e de ter luz nem sempre é o que as pessoas de fato querem ou não é algo em relação ao elas sempre se sentem confortáveis ou seguras.

Portanto, apesar do ponto a ser abordado a seguir, em certo sentido, relembrar alguns aspectos que já foram vistos nos últimos capítulos, **acreditamos que a abordagem da reação das pessoas em relação à luz celestial que pode expor as questões mais profundas dos seus corações é um tema que ainda merece uma maior atenção especial, pois trata-se de um assunto crucial que pode ser determinante para um indivíduo tanto para a sua vida presente como eterna.**

Aqueles que leram os capítulos anteriores do presente material, onde foram exibidos os textos dos fatos que deram origem à Ordem de Arão, certamente se lembrarão das menções que apontam para o fato de que o povo pediu o sacerdócio segundo Moisés

exatamente para que não precisassem ter as suas vidas pessoais expostas em um relacionamento pessoal com Deus.

Além disso, no livro de Hebreus, encontramos descrito que a rejeição daquilo que Deus ofereceu no deserto às pessoas libertas do domínio do Egito ocorreu a partir dos seus coração, algo que também foi registrado pelos profetas de Deus e em outros textos das Escrituras, conforme segue:

*Hebreus 3: 10 **Por isso, me indignei contra essa geração e disse: Estes sempre erram no coração; eles também não conheceram os meus caminhos.***

*Êxodo 32: 9 **Disse mais o SENHOR a Moisés: Tenho visto este povo, e eis que é povo de dura cerviz.***

*Mateus 13: 15 **Porque o coração deste povo está endurecido, de mau grado ouviram com os ouvidos e fecharam os olhos; para não suceder que vejam com os olhos, ouçam com os ouvidos, entendam com o coração, se convertam e sejam por mim curados.***

Entender a origem da Ordem de Arão e porque tantas pessoas se sentem tão atraídas por ela ou similares a ela é algo que de forma alguma deveria ser desprezado, pois a Ordem de Arão nasceu a partir do desejo das pessoas de se manterem afastadas da luz de Deus em seus coração, mas também, ao mesmo tempo, para tentar remediar este desejo de abstenção da luz com atos externos de obras e sacrifícios que deveriam ser apresentados ao Senhor através de mediadores humanos.

A origem da Ordem de Arão também nos mostra o quanto as pessoas gostariam de contar com as bênçãos de Deus, mas, ao mesmo tempo, o quão desafiador é para elas terem expostos diante de Deus os intentos pessoais de seus corações.

Em seu propósito antagônico de obter o favor de Deus, mas sem precisarem ter o coração iluminado pelo Senhor, as pessoas se deixam levar a conceitos através dos quais pensam que podem propor ao Senhor caminhos alternativos que fazem uso de uma diversidade de supostos mediadores e os mais diversos sistemas religiosos para agradar a Deus sem que haja a necessidade de que aquilo que está em seus corações seja tratado à luz, verdade ou vontade do Senhor.

Onde estava, então, o problema mais central do povo liberto do Egito e onde está uma fonte central do problema mais profundo das pessoas no mundo?

Seriam as paixões da carne? Seriam as pressões externas? Seriam a escassez de recursos? Seriam os principados do mundo? Seriam as forças espirituais do mal nas regiões celestiais?

O povo que se inclinou para o desejo de um sacerdócio com mediadores humanos havia sido recém liberto do Egito, e Deus gradativamente estava lhes concedendo a provisão do que necessitavam para viverem como um povo liberto. Entretanto, ainda assim, a grande maioria das pessoas não queria Deus excessivamente perto.

Por não almejar tratar o verdadeiro problema das pessoas diante de Deus, a Ordem de Arão não passou de uma fachada de aparente piedade quer porque as pessoas não querem uma real solução de Deus para as suas vidas, quer porque têm medo da solução de Deus para elas ou ainda porque nem ao menos sabem que existe uma solução para tão profundo problema.

Portanto, um dos aspectos mais centrais do problema de cada ser humano, se não o mais central, é o próprio coração de cada indivíduo, acrescido de não saber como solucionar o que precisa ser solucionado, ter medo de solucionar o que precisa ser solucionado ou de não querer solucionar o que precisa ser solucionado.

Vejam abaixo mais alguns exemplos de condições contrárias a Deus que o coração de um indivíduo pode incorrer e do posicionamento das pessoas em relação à presença da luz do Senhor individualmente sobre as suas vidas:

Tiago 1: 13 Ninguém, ao ser tentado, diga: Sou tentado por Deus; porque Deus não pode ser tentado pelo mal e ele mesmo a ninguém tenta.

14 Ao contrário, cada um é tentado pela sua própria cobiça, quando esta o atrai e seduz.

15 Então, a cobiça, depois de haver concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, uma vez consumado, gera a morte.

16 Não vos enganeis, meus amados irmãos.

17 Toda boa dádiva e todo dom perfeito são lá do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não pode existir variação ou sombra de mudança.

Tiago 4: 1 De onde procedem guerras e contendas que há entre vós? De onde, senão dos prazeres que militam na vossa carne?

2 Cobiçais e nada tendes; matais, e invejais, e nada podeis obter; viveis a lutar e a fazer guerras. Nada tendes, porque não pedis;

3 pedis e não recebeis, porque pedis mal, para esbanjardes em vossos prazeres.

Efésios 4: 17 Isto, portanto, digo e no Senhor testifico que não mais andeis como também andam os gentios, na vaidade dos seus próprios pensamentos,

18 obscurecidos de entendimento, alheios à vida de Deus por causa da ignorância em que vivem, pela dureza do seu coração,

19 os quais, tendo-se tornado insensíveis, se entregaram à dissolução para, com avidez, cometerem toda sorte de impureza.

Provérbios 4: 20 Filho meu, atenta para as minhas palavras; aos meus ensinamentos inclina os ouvidos.

21 Não os deixes apartar-se dos teus olhos; guarda-os no mais íntimo do teu coração.

22 Porque são vida para quem os acha e saúde, para o seu corpo.

23 Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o coração, porque dele procedem as fontes da vida.

João 3: 19 **O julgamento é este: que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram más.**

20 **Porque todo aquele que faz o mal aborrece a luz e não vem para a luz para que as suas obras não sejam reprovadas.**

21 **Mas quem pratica a verdade vem para a luz, a fim de que as suas obras sejam manifestas, porque são feitas em Deus.**

Diante dos desafios da vida de uma pessoa, a condição do seu coração é um ponto central que ninguém deveria desprezar ou até colocar em segundo em plano.

Quando a Ordem de Arão é exposta diante do fato das pessoas não quererem a luz de Deus em seus corações porque elas sabem ou temem que suas obras sejam contrárias ao Senhor, fica evidenciada a distorcida motivação desta ordem sacerdotal ao propor paliativos, atos externos ou até sacrifícios na tentativa de abrandar o relacionamento delas com Deus sem, contudo, torná-lo muito aprofundado.

Em diversos sentidos, a proposição da Ordem de Arão ou similares a ela têm uma postura até mais distorcida contra Deus do que algumas pessoas que nem querem buscar a Deus, porque neste tipo de sacerdócios, as pessoas estão tentando comprar o favor de Deus com bens e obras materiais para, no final, tentar corromper a Deus na sua santidade, pois se o Senhor aceitasse ser subornado, Ele também não mais teria autoridade de reto juiz para julgar aqueles que se mantiverem em trevas porque amavam mais as trevas do que a luz.

O ser humano que não ama a luz de Deus mais do que o seu próprio coração pode ficar propenso a tentar mover as mais diversas coisas do mundo e oferecer os mais impressionantes serviços, sacrifícios e ofertas somente para que a condição real do seu coração não seja exposta diante de Deus, como se o Senhor já não a conhecesse.

O ser humano que não ama a luz de Deus mais do que a sua atração pelas coisas criadas, inclusive a sua própria vida, faz as coisas mais mirabolantes para tentar esconder do Senhor o que já está plenamente exposto diante do Deus Eterno.

À parte da luz do Senhor, o ser humano chega a pensar que poderá continuar pecando indefinidamente se tão somente agradar a Deus com sacrifícios que ele, o ser humano, quer dar a Deus para tentar aplacar a ira do Senhor. Em seu coração, ele pode até vir a pensar que Deus é sujeito a ser corrompido ou que Deus é conivente com a injustiça assim como é o ser humano sujeito ao pecado.

O ser humano que não ama a luz de Deus acima do seu amor pelas coisas criadas, inclusive a sua própria vida, ama a injustiça mais do que a justiça, se mantendo assim à parte do conhecimento do Evangelho da Justiça de Deus.

Salmos 10: 1 **Por que te conservas longe, SENHOR? Por que te escondes nos tempos de angústia?**

2 **Os ímpios, na sua arrogância, perseguem furiosamente o pobre; sejam apanhados nas ciladas que maquinaram.**

- 3 Porque o ímpio gloria-se do desejo da sua alma, bendiz ao avarento e blasfema do SENHOR.**
- 4 Por causa do seu orgulho, o ímpio não investiga; todas as suas cogitações são: Não há Deus.**
- 5 Os seus caminhos são sempre atormentadores; os teus juízos estão longe dele, em grande altura; trata com desprezo os seus adversários.**
- 6 Diz em seu coração: Não serei abalado, porque nunca me verei na adversidade.**
- 7 A sua boca está cheia de imprecações, de enganos e de astúcia; debaixo da sua língua há malícia e maldade.**
- 8 Põe-se nos cerrados das aldeias; nos lugares ocultos mata o inocente; os seus olhos estão ocultamente fixos sobre o pobre.**
- 9 Arma ciladas em esconderijos, como o leão no seu covil; arma ciladas para roubar o pobre; rouba-o colhendo-o na sua rede.**
- 10 Encolhe-se, abaixa-se, para que os pobres caiam em suas fortes garras.**
- 11 Diz em seu coração: Deus esqueceu-se; cobriu o seu rosto e nunca verá isto. (RC)**
-

O ímpio pode ser precisamente aquele que dá grandes ofertas às chamadas “casas de Deus”, pensando que com isto, ele poderá livrar as partes mais profundas do seu coração do confronto com a verdade e a justiça de Deus. O ímpio pode ser aquele que pensa que Deus é comprável com dízimos e que estes fazem a mediação para que a benção de Deus lhes seja concedida ainda que não permaneçam na comunhão com o Senhor e sob a luz do Senhor nas ações diárias de suas vidas. O ímpio pode ser aquele que pensa que um culto semanal, algumas ofertas ou alguma outra reunião podem aplacar a negação que faz do chamado de estar continuamente em Deus onde a sua vida sempre deveria estar guardada.

Uma vez que nenhuma pessoa é justificada por obras, o ímpio pode ser aquele que insiste em fazer algumas obras para ser aceito diante de Deus e que ainda tenta exigir que outros também o façam para se igualarem a ele. O ímpio também pode se expressar como aquele que insiste em sua justiça própria em vez de se quebrantar pessoalmente diante de Deus e deixar que Cristo o ilumine, o auxilie a mortificar as obras más que aprecia no coração e para que Cristo o levante como uma nova pessoa com uma consciência alinhada com a vontade de Deus.

Gálatas 5: 3 *De novo, testifico a todo homem que se deixa circuncidar que está obrigado a guardar toda a lei.*

Gálatas 6:12 *Todos os que querem mostrar boa aparência na carne, esses vos obrigam a circuncidar-vos, somente para não serem perseguidos por causa da cruz de Cristo.*

13 *Porque nem ainda esses mesmos que se circuncidam guardam a lei, mas querem que vos circuncideis, para se gloriarem na vossa carne.*

14 *Mas longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim e eu, para o mundo.*

15 Porque, em Cristo Jesus, nem a circuncisão nem a incircuncisão têm virtude alguma, mas sim o ser uma nova criatura. (RC)

Quer estejam ligados a alguma instituição religiosa ou não participem em nenhuma, aqueles que estão dissociados de Cristo também estão dissociados da luz do Senhor e da vida segundo o querer de Deus.

O último texto acima descreve que muitos que se fiam no modelo religioso de obras, fazem-no porque querem apresentar uma aparência externa de santidade, como se com isto pudessem ser salvos diante do Deus que vê o coração e não somente superficialmente.

Outros, ainda, tentam impor aos seus semelhantes a obrigatoriedade de participarem de suas “associações religiosas”, muitas inclusive com nome de serem cristãos, talvez, na ideia de que ao formarem uma grande assembleia, inclusive com muitos recursos materiais, Deus não atentará para o que é feito nesta assembleia ou para aquilo que, principalmente, é feito pelos membros da assembleia quando em seu dia-a-dia estão agindo em contrariedade a Deus.

Não consistia a Ordem de Arão, precisamente, na proposição de que o sumo sacerdote desta ordem apresentasse sacrifícios a Deus para expiação do pecado que o povo cometia estando com o coração longe de Deus, tornando-se isto em um ciclo repetitivo e degenerativo onde o povo nunca era aperfeiçoado?

Portanto, ver o próprio coração pode se tornar em um dos maiores desafios ou medos que uma pessoa enfrente em toda a sua vida, porque:

Jeremias 17: 9 Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e perverso; quem o conhecerá? (RC)

Dessa forma, aqui entendemos ser essencial refletir de forma um pouco mais profunda sobre o tema exposto acima, mas também de forma mais óbvia e sóbria, pois por que uma pessoa deveria ter medo de ter o seu coração exposto a Deus se o Senhor já conhece completamente o seu coração?

A atitude de rezear expor o coração a Deus não é, então, algo incoerente?

A não ser que um indivíduo não saiba que Deus é Onisciente e que Ele sabe o que se passa em seu coração, uma pessoa jamais deveria ter medo de expor o seu coração ao Senhor visto que o Senhor já a conhece e de antemão já sabe tudo o que está inclusive no mais íntimo de seu coração, lembrando ainda que o medo gera tormento e pode subjugar uma pessoa à uma escravidão desnecessária.

1 João 4: 18(b) ... Ora, o medo produz tormento; ...

Romanos 8: 15 Porque não recebestes o espírito de escravidão, para viverdes, outra vez, atemorizados, mas recebestes o espírito de adoção, baseados no qual clamamos: Aba, Pai.

Conforme já vimos acima, há pessoas que se apegam ao mal e não querem a luz de Deus. Entretanto, muitos daqueles que querem a luz nas suas vidas, têm, ao mesmo tempo, receio de se expor ao Senhor mais provavelmente por causa dos três motivos a seguir:

- ⇒ 1) Temem conhecer o próprio coração, temem que Deus mostre a elas quem elas são de fato, sem máscara, sem rodeios, sem desculpas;
- ⇒ 2) Temem não saber o que fazer com o conhecimento de quem são e da motivação com que fizeram e ainda fazem muitas coisas;
- ⇒ 3) Temem se tornar conscientes do que são diante da verdade que há na glória de Deus por causa do medo de serem, por isto, condenadas por Deus e pelos outros, podendo inclusive chegar a pensar que a opção intencional pela ignorância talvez possa ser melhor para as suas vidas do que conhecerem a verdade.

Os temores que foram descritos no parágrafo anterior expressam temores que também o profeta Isaías teve quando Deus revelou uma parte considerável da sua glória que ainda não era conhecida por Isaías, conforme segue:

Isaías 6: 1 **No ano da morte do rei Uzias, eu vi o Senhor assentado sobre um alto e sublime trono, e as abas de suas vestes enchiam o templo.**

2 Serafins estavam por cima dele; cada um tinha seis asas: com duas cobria o rosto, com duas cobria os seus pés e com duas voava.

3 E clamavam uns para os outros, dizendo: Santo, santo, santo é o SENHOR dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória.

4 As bases do limiar se moveram à voz do que clamava, e a casa se encheu de fumaça.

5 Então, disse eu: ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros, habito no meio de um povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o Rei, o SENHOR dos Exércitos!

Diante da luz da revelação da glória de Deus, Isaías imediatamente viu a sua precária condição de ser humano pecador e passou a concluir que não havia esperança para Ele diante de tão elevada revelação do Senhor à qual foi exposto.

Entretanto, apesar do temor que havia em seu coração, Isaías não morreu. Isaías não foi condenado pelo Senhor porque ele adotou a postura de abrir o seu coração para Deus e confessar o seu pecado a Ele. Isaías não morreu diante da glória de Deus a ele revelada porque aceitou aquilo que a luz de Deus lhe revelou e porque abriu o seu coração perante Deus, passando a ver, então, outra faceta da glória da misericórdia do Senhor que triunfa sobre o juízo, a qual mais tarde também foi assim descrita por Tiago, conforme segue respectivamente:

Isaías 6: 5 **Então, disse eu: ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros, habito no meio de um povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o Rei, o SENHOR dos Exércitos!**

- 6 ***Então, um dos serafins voou para mim, trazendo na mão uma brasa viva, que tirara do altar com uma tenaz;***
 7 ***com a brasa tocou a minha boca e disse: Eis que ela tocou os teus lábios; a tua iniquidade foi tirada, e perdoado, o teu pecado.***

Tiago 2: 13 ***Porque o juízo é sem misericórdia para com aquele que não usou de misericórdia. A misericórdia triunfa sobre o juízo.***

A glória de Deus aos olhos da Ordem de Arão, ao contrário da experiência de Isaías, era terrível e as pessoas viam a glória de Deus como vinda para destruição. E se o povo se aproximasse dela, sob a antiga aliança que fizeram, realmente seriam condenados e mortos. E por isto, o Senhor os instruía a se manterem afastados desta glória. Entretanto, o Senhor falava assim àquelas pessoas porque não quiseram confiar os seus corações aos cuidados de Deus.

Hebreus 12: 20 ... ***porque não podiam suportar o que se lhes mandava: Se até um animal tocar o monte, será apedrejado.***
 21 ***E tão terrível era a visão, que Moisés disse: Estou todo assombrado e tremendo.***

E aqui, novamente, vemos a evidência da incomparável glória da Ordem de Melquisedeque em contraste com a Ordem de Arão.

Enquanto a Ordem de Arão lutava para que a mediação escolhida pelo povo conseguisse colocar um véu ou uma cobertura entre a luz de Deus e o povo, a outra, a Ordem de Melquisedeque, lança fora o véu e expõe a pessoa que se achega a ela diante de ampla luz para que veja a sua própria imperfeição. Mas isto, para que também veja a glória da misericórdia do Deus das Eternas Misericórdias e que perdoa as iniquidades daqueles que recebem o seu Evangelho Eterno.

Enquanto a Ordem de Arão quer cobrir o que deveria ser exposto para postergar o encontro inevitável de condenação que virá mais adiante, fazendo com que o povo tenha que se esconder de Deus toda vez que o Senhor se manifesta, a Ordem de Melquisedeque propõe que cada indivíduo pessoalmente venha direto a Deus para ver e também ser individualmente liberto no coração. E isto, com o propósito de poder desfrutar sempre e em tudo da presença e da luz de Deus no coração.

1 João 4: 18 ***No amor não existe medo; antes, o perfeito amor lança fora o medo. Ora, o medo produz tormento; logo, aquele que teme não é aperfeiçoado no amor.***

Se retornarmos ao caso de Isaías, podemos ver que o Senhor não o expôs diante de outras pessoas e para ser envergonhado perante todo o povo. Deus mostrou a sua glória pessoalmente a Isaías, e também foi na intimidade diante do Senhor que Isaías foi liberto e curado do seu mal.

O que o povo de coração endurecido ou de dura cerviz não alcançou, e não podia alcançar mediante a Ordem de Arão, foi concedido no particular a Isaías porque Deus sabia que Isaías estava disposto a confessar o que era devido confessar ao Senhor, permitindo assim que o Senhor o curasse.

A Ordem de Arão nunca pôde e nunca poderá aperfeiçoar uma pessoa que está associada a ela porque ela atua sob o medo. E atuando sujeita ao medo, ela não atua no perfeito amor.

Na Ordem de Arão, os sacerdotes ensinam que os pecados do povo os impedem de orar. Mas como, então, poderão ser perdoados e curados se não podem orar a Deus?

Já na Ordem de Melquisedeque, o Senhor convida as pessoas para virem a Ele para conhecerem a verdade e confessarem pessoalmente os seus pecados diante do Senhor. E isto, para que sejam purificados da injustiça, assim como Isaías foi.

*1 João 1: 9 **Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça.***

Não foi Deus quem queria a Ordem de Arão; foi o povo. Deus somente consentiu com este tipo de sacerdócio por um determinado tempo para que as pessoas vissem que a solução para a verdadeira novidade de vida nunca é se esconder do Senhor, mas se expor ao Deus de toda a misericórdia. Portanto, é impressionante observar como a mentalidade da Ordem de Arão e similares a ela procuram confundir as pessoas e atormentá-las apresentando Deus a elas de forma tão distorcida.

E não é a misericórdia o primeiro aspecto oferecido a quem chega ao trono da graça através do Sumo Sacerdote Cristo, o qual está nesta posição segundo a Ordem de Melquisedeque, conforme o texto que repetimos abaixo?

*Hebreus 4: 14 **Tendo, pois, a Jesus, o Filho de Deus, como grande sumo sacerdote que penetrou os céus, conservemos firmes a nossa confissão.***

*15 **Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado.***

*16 **Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna.***

Quando Isaías viu a glória de Deus, ele a viu sem véu ou sem as condições da Lei de Moisés. Ao ver uma primeira parte da glória de Deus, Isaías ficou maravilhado com o Senhor e o seu trono, depois ficou temeroso, mas ousou confessar o seu pecado. E por isto, por fim, Isaías viu ainda outra parte que ele não conhecia da surpreendente glória do Senhor Eterno.

Já a Ordem de Arão nunca tinha ensinado a Isaías que o Deus de toda a glória nos surpreende com a superabundância da sua graça e da misericórdia que há em sua glória, inclusive ao ponto de nos perdoar e purificar a nossa consciência da injustiça e das obras mortas da primeira aliança. Por isto, depois que a Ordem de Arão cumpriu o

seu papel de exaltar a condenação associada à ofensa e servir de testemunho da sua fraqueza e inutilidade, ela já não é mais necessária ou se tornou obsoleta diante de Deus.

Romanos 5: 20 **Sobreveio a lei para que avultasse a ofensa; mas onde abundou o pecado, superabundou a graça,**
21 a fim de que, como o pecado reinou pela morte, assim também reinasse a graça pela justiça para a vida eterna, mediante Jesus Cristo, nosso Senhor.

2 Coríntios 3: 13 **E não somos como Moisés, que punha véu sobre a face, para que os filhos de Israel não atentassem na terminação do que se desvanecia.**

14 Mas os sentidos deles se embotaram. Pois até ao dia de hoje, quando fazem a leitura da antiga aliança, o mesmo véu permanece, não lhes sendo revelado que, em Cristo, é removido.

15 Mas até hoje, quando é lido Moisés, o véu está posto sobre o coração deles.

16 Quando, porém, algum deles se converte ao Senhor, o véu lhe é retirado.

17 Ora, o Senhor é o Espírito; e, onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade.

18 E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito.

Em Cristo ou na nova aliança segundo a Ordem de Melquisedeque, somos livres para conhecer o que mais as pessoas têm medo de ficarem cientes, que é conhecer o seu próprio coração, pois diante do Espírito do Senhor, que a tudo perscruta, também há provisão de misericórdia para confissão, perdão, cura e restauração de vida.

2 Coríntios 1: 3 **Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai de misericórdias e Deus de toda consolação!**

Assim, em Cristo, uma pessoa pode viver em paz e viver com alegria no coração de que o Senhor está com ela e que caso ela venha a tropeçar, não porque ela quer se entregar novamente a uma vida sujeita ao pecado, o Senhor também está pronto a ajudá-la, revelando-nos neste ponto em particular mais uma grande faceta da glória eterna de Cristo Jesus a nosso favor, conforme descrita a seguir:

1 João 2: 1 **Filhinhos meus, estas coisas vos escrevo para que não pequeis. Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo;**

2 e ele é a propiciação pelos nossos pecados e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro.

Estamos mencionando este último ponto de forma destacada aqui porque entendemos que também em relação a ele é necessário observar de forma separada o que Cristo fez por nós daquilo que Cristo continua a fazer por nós ou continua a se oferecer para fazer em nosso favor.

Conforme temos mencionado desde o início do assunto sobre O Evangelho da Glória de Deus e da Glória de Cristo, aquilo que o Senhor nos oferece em seu Evangelho é imensuravelmente precioso por causa de toda a provisão de salvação já feita pelo Pai Celestial em Cristo Jesus, mas também porque toda a provisão feita encontra inabalável fundamento para cumprir a concessão de novidade de vida para a qual a salvação nos é oferecida no Senhor.

Devido ao fato de focarem aquilo que Cristo fez a favor delas no passado, mas não conhecerem ou não darem atenção à posição e ministérios atuais do Senhor Jesus Cristo, muitas pessoas se restringem de serem assistidas de maneira mais ampla pelo Senhor e de acessarem muitos benefícios que já estão disponíveis a elas em Deus.

Portanto, ressaltamos aqui que no texto da primeira epístola de João citado acima, encontra-se evidenciada mais uma vez a maravilhosa propiciação que Cristo providenciou a nosso favor para sermos libertos da sujeição ao pecado, mas o mesmo texto também descreve que Cristo continua atuante a nosso favor e ainda avança na menção de como Cristo atua em nosso benefício.

Juntamente com a declaração de que Cristo é a provisão eterna para o perdão dos nossos pecados com base no que Ele fez por nós na cruz do Calvário, podemos perceber no texto em referência, ainda outro aspecto associado ao Senhor Jesus Cristo em nosso favor, o qual, por sua vez, gostaríamos de dividir em dois pontos, a saber:

- ⇒ 1) Cristo é o nosso ***Advogado***;
- ⇒ 2) Cristo é o nosso ***Advogado “junto ao Pai”***.

E por que estamos abordando a posição de Cristo Jesus como a propiciação pelos nossos pecados e como o nosso Sumo Sacerdote, também expresso pelo papel de nosso ***Advogado***, em conjunto com o chamado de Deus para expormos o nosso coração diante Dele sem medo ou confiantes na misericórdia que o Pai Celestial nos oferece em Cristo?

Neste capítulo, estamos ressaltando mais uma faceta da glória de Cristo ou do seu ministério presente para mostrar através de mais uma maneira o quanto o Senhor nos quer bem e quer nos assistir para que de fato façamos uso da reconciliação e da comunhão para a qual Cristo se ofereceu como o Cordeiro Perfeito na cruz do Calvário em nosso favor.

Além de ter providenciado em Cristo tudo o que nos é necessário para a reconciliação com Ele, o Pai Celestial tanto quer a comunhão com as pessoas que recebem o seu Evangelho que Ele ainda lhes oferece tudo o que necessitam para que possam ser auxiliadas ou assistidas em Cristo para de fato poderem desfrutar da comunhão com Ele e da novidade de vida que Nele se encontra.

Romanos 8: 31 ***Que diremos, pois, à vista destas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós?***

32 *Aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura, não nos dará graciosamente com ele todas as coisas?*

33 *Quem intentará acusação contra os eleitos de Deus? É Deus quem os justifica.*

34 *Quem os condenará? É Cristo Jesus quem morreu ou, antes, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus e também intercede por nós.*

Desta forma, a palavra utilizada para nos apresentar a Cristo como o nosso **Advogado junto ao Pai**, entre outros aspectos, nos é apresentado por alguns dicionários e léxicos da seguinte forma:

Comentários associados ao léxico de Strong na Online Bible:

- 1) *Consolador;*
- 2) *Chamado, convocado a estar do lado de alguém, especificamente convocado a ajudar alguém;*
- 3) *Alguém que pleiteia a causa de outro diante de um juiz, intercessor, conselheiro de defesa, assistente legal, advogado;*
- 4) *Pessoa que pleiteia a causa de outro com alguém, intercessor;*
- 5) *No sentido mais amplo, ajudador, amparador, assistente, alguém que presta socorro.*

Dicionário Online Cambridge:

- 1) *Suportar ou sugerir publicamente uma ideia, desenvolvimento ou o caminho para fazer algo. (Traduzido pelo autor).*

Dicionário Online Google:

- 1) *Representante;*
- 2) *Defensor.*

Assim, se retornarmos ao exemplo de Isaías, que diante do trono de Deus encontrou a revelação, perdão e cura do pecado que lhe afligia, e olharmos este exemplo à luz do texto que declara que Cristo é o nosso **Advogado junto ao Pai**, podemos também vir a saber que, através de Cristo, uma pessoa pode ser amparada para vencer tanto o medo como outros obstáculos que de alguma forma tentam se interpor em sua comunhão com o Pai Celestial.

E se abordarmos primeiramente o aspecto **junto ao Pai** mencionado no texto de 1João, podemos ver que o local no qual o nosso **Advogado** está posicionado não está mencionado por um mero acaso e somente a título de uma mera informação.

Pelo fato de não discernirem alguns aspectos fundamentais que há na menção a respeito do lugar diante do trono celestial de Deus e a posição de Cristo como o nosso **Advogado junto ao Pai Celestial**, muitas pessoas têm ficado privadas de conhecer mais da graça e da misericórdia de Deus.

Relembrando este ponto mais uma vez, nas Escrituras, encontramos claramente que Cristo nos é concedido para habitar em nossos corações e nos fortalecer a partir do nosso interior, mas também vemos no livro de Hebreus que Cristo é o Sumo Sacerdote que ministra a nosso favor nas regiões celestiais ou no lugar mais alto onde o Pai Celestial está assentado Soberano em seu trono celestial, conforme segue:

Hebreus 8: 1 Ora, o essencial das coisas que temos dito é que possuímos tal sumo sacerdote, que se assentou à destra do trono da Majestade nos céus,

2 como ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, não o homem.

3 Pois todo sumo sacerdote é constituído para oferecer tanto dons como sacrifícios; por isso, era necessário que também esse sumo sacerdote tivesse o que oferecer.

4 Ora, se ele estivesse na terra, nem mesmo sacerdote seria, visto existirem aqueles que oferecem os dons segundo a lei,

5 os quais ministram em figura e sombra das coisas celestes, assim como foi Moisés divinamente instruído, quando estava para construir o tabernáculo; pois diz ele: Vê que faças todas as coisas de acordo com o modelo que te foi mostrado no monte.

6 Agora, com efeito, obteve Jesus ministério tanto mais excelente, quanto é ele também Mediador de superior aliança instituída com base em superiores promessas.

Conforme comentamos no início deste capítulo, uma das atribuições de um Sumo Sacerdote é interagir com aqueles que ele vai representar, mas o outro aspecto é ele se apresentar no local estabelecido por aquele diante de quem ele representa os que o escolheram como Sumo Sacerdote para representá-los.

Na Ordem de Melquisedeque, Deus estabeleceu que o local do Sumo Sacerdote se apresentar diante Dele é nos céus e diante do trono eterno do Pai Celestial, do trono que Deus permitiu Isaías ver uma série de aspectos.

Assim, conforme já mencionamos, Cristo tem uma atuação no coração daquele que o recebe e em quem Ele está através do Espírito Santo com o qual o Senhor é um. Entretanto, Cristo também tem uma atuação perante o trono do Pai Celestial ou conjunta com Pai, posição em relação à qual Ele precisa permanecer fielmente também em prol de cada indivíduo que crê Nele na Terra.

Jamais um sumo sacerdote terreno e humano poderia sequer cogitar fazer o que Cristo faz como Sumo Sacerdote estando plenamente representado nos dois lugares essenciais que um Sumo Sacerdote deveria estar.

Entretanto, antes de falarmos da condição de Cristo como o nosso **Advogado junto ao Pai Celestial**, a questão a ser destacada aqui é que anteriormente mencionamos que Cristo não é um Sumo Sacerdote segundo a Ordem de Arão que deixa aqueles a quem ele representa sem possibilidades de acesso pessoal ao Pai Celestial. Pelo contrário, o Senhor Jesus disse que através Dele, uma pessoa também poderia vir ao próprio Pai Celestial diante de quem Cristo está.

Quando uma pessoa ora a Deus, a avaliação ou o julgamento se sua oração será atendida ou não é feito primeiramente no trono celestial e não na Terra.

Portanto, todo este contexto, agora nos faz chegar a um ponto muito impressionante e desafiador de ser compreendido pela mente natural desprovida do conhecimento espiritual que o Senhor nos concede através do Espírito Santo, e que é o aspecto de que um cristão que vive na Terra pode também estar espiritualmente diante do trono celestial de Deus.

Apocalipse 5: 9 E cantavam um novo cântico, dizendo: Digno és de tomar o livro e de abrir os seus selos, porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus homens de toda tribo, e língua, e povo, e nação;
10 e para o nosso Deus os fizeste reis e sacerdotes; e eles reinarão sobre a terra. (RC)

Ora, como rei, ou reino de sacerdotes como dizem algumas traduções, um cristão pode reinar sobre aquilo que Deus confia às suas mãos para ele cuidar. Entretanto, como sacerdote, há um lugar especial para o serviço sacerdotal ser feito que pode ser acessado mediante a fé em qualquer lugar que um cristão se encontra, o qual é o alto e sublime lugar de Deus uma vez que Cristo nos comprou com seu sangue para sermos sacerdotes para o nosso Deus, sendo o Senhor Jesus o nosso Sumo Sacerdote Eterno.

E uma vez que Deus quer que nos apresentemos diante do seu trono para ali realizar o serviço sacerdotal, isso também precisa ser conciliado com a questão de somente Cristo ser Mediador entre Deus e as pessoas. (A questão do cristão receber a condição de rei para o nosso Deus será vista mais adiante, depois que veremos que Cristo é também o Rei da Glória sobre todos).

As Escrituras nos ensinam que Cristo abriu para nós um “novo e vivo caminho” para o Santo dos Santos. E uma vez que o Santo dos Santos do sacerdócio de Moisés já foi anunciado como obsoleto e que o véu da Ordem de Arão já foi rasgado para este sacerdócio antigo ser removido, o Santo dos Santos autorizado por Deus para ser acessado por uma pessoa após a ressurreição de Cristo é o Santo dos Santos nos céus ou onde está o trono eterno de Deus.

Quando o Pai Celestial convida os cristãos para se achegarem ao Santo dos Santos Eterno e Verdadeiro, Ele chama as pessoas para chegarem diante do seu trono mediante a fé de que, através de Cristo, elas estão se apresentado diante do local soberano da sua presença.

Mas por que Deus quer que as pessoas cheguem a Ele precisamente em um lugar tão sublime e elevado?

O Senhor convida as pessoas a se achegarem diante do seu trono eterno porque é deste trono que o Senhor governa sobre todos e sobre todas as coisas.

É a partir do seu trono que um rei reina. É a partir do seu trono que um regente confere as suas sentenças ou vereditos. E é a partir do seu trono que um regente designa a sua vontade e como as pessoas são chamadas a agir para que a sua vontade seja seguida.

A relevância de um cristão compreender que ele presta contas, em primeiro lugar, a um trono celestial, e não terreno, é de uma grandeza que *nem olhos viram e nem ouvidos ouviram*, mas que nos foi revelada pelo Espírito Santo de Deus no tempo oportuno e no tempo da revelação da glória eterna do Cristo ressurreto, exaltado e assentado à direita do trono do Pai Celestial.

Quando uma pessoa recebe a Cristo em seu coração, ela também recebe a cidadania nos céus, o que faz com que ela tenha uma nova pátria e um novo Senhor e Rei. E como tal, o cristão também tem novas instruções e

direções designadas a partir deste novo trono sobre como viver a vida a partir desta nova pátria.

Um cristão é embaixador de Cristo na Terra. E portanto, ele também foi enviado segundo o reino que lhe enviou, e ao qual deveria continuar a se reportar em todos os momentos da sua vida.

O ponto exposto no último parágrafo pode parecer muito intrigante, mas quando vemos que Cristo está, ao mesmo tempo, diante do trono de Deus como o nosso Sumo Sacerdote e também está em nós como o Senhor, mediante o Espírito do Senhor, para nos instruir, conformar e guiar em tudo o que fazemos, também nós podemos começar a compreender de que, em forma semelhante a Cristo, nós também podemos estar na Terra e diante do trono do Senhor.

Se Cristo está ao lado do Pai Celestial e através do Espírito do Senhor em nós, também nós podemos estar no mundo e diante de Deus através do Espírito do Senhor.

Ou talvez dito de uma maneira mais extensa: Se Cristo está diante do Pai Celestial e pelo Espírito Santo em nós, e se nós estamos em Cristo, também é através do Espírito do Senhor que habita em nós que nós também podemos estar onde Cristo está, estando, assim, também diante de Deus em Cristo e vendo cumprido desta maneira o que nos declara o texto que expomos abaixo mais uma vez:

*Efésios 2: 5 ... e estando nós mortos em nossos delitos, nos deu vida juntamente com Cristo, —pela graça sois salvos,
6 e, juntamente com ele, nos ressuscitou, e nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus.*

Ou ainda em outras palavras, para não apresentar o princípio acima de forma equivocada: Quando alguém está *em Cristo*, ele também está perante Aquele ao lado de quem Cristo está assentado.

João 14: 9 Disse-lhe Jesus: ... Quem me vê a mim vê o Pai; ...

*Romanos 10: 6 Mas a justiça decorrente da fé assim diz: Não perguntes em teu coração: Quem subirá ao céu?, isto é, para trazer do alto a Cristo;
7 ou: Quem descerá ao abismo?, isto é, para levantar Cristo dentre os mortos.
8 Porém que se diz? A palavra está perto de ti, na tua boca e no teu coração; isto é, a palavra da fé que pregamos.
9 Se, com a tua boca, confessares Jesus como Senhor e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo.*

O posicionamento para um cristão estar em Cristo é um posicionamento de fé e não de um local físico. Estar em Cristo é um posicionamento de inclinação e atenção do espírito de um indivíduo para se expressar para Deus, mas também para perceber Deus lhe respondendo e instruindo através do Espírito Santo em seu coração.

Veremos mais adiante que este princípio de estar assentado nos lugares celestiais em Cristo também é chamado de *viver em Cristo* ou *viver no Espírito*, onde a pessoa entende que ela pode estar sempre diante do Senhor e que ela sempre pode viver pronta para ser iluminada, ensinada, orientada e até corrigida em amor pelo Senhor. E ainda, que quando o Senhor a chama para um período mais intenso de atenção ao que Senhor lhe quer falar, ela sabe se aquietar diante do Senhor e ouvi-lo assim como Maria fez enquanto Marta se ocupava de fazer obras sem primeiro ter sido instruída pelo Senhor.

Como filhos do homem natural ou de Adão, somos carne e sangue. Entretanto, como filhos de Deus através da fé no Evangelho do Senhor, somos espírito vivificado por Cristo. E, por sua vez, como espírito vivificado, o Senhor pode interagir conosco além das restrições de limites naturais e até nos ensinar enquanto estamos dormindo no nosso corpo natural, conforme já vimos no Salmo 16.

Por outro lado, quando os cristãos não compreendem que nasceram como filhos do homem natural que também vieram a ser feitos filhos de Deus mediante a fé em Cristo, e que, por isto, têm o Espírito do Senhor para guiá-los, relembra-los que são filhos de Deus e para colocar neles um anelo para sempre clamarem e se dirigirem ao Pai Celestial, eles também tendem a se inclinar novamente somente às coisas naturais e que se são da Terra, e não as que são de cima.

Colossenses 2: 20 Se morrestes com Cristo para os rudimentos do mundo, por que, como se vivêsseis no mundo, vos sujeitais a ordenanças: ...
3: 1 Portanto, se fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus.
2 Pensai nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra;
3 porque morrestes, e a vossa vida está oculta juntamente com Cristo, em Deus.

Ao chamar os cristão para estarem atentos a buscar as coisas que são do alto, o Senhor nos ensina que várias coisas que são do alto somente são concedidas se alguém buscá-las em Cristo e permanecer Nele, o que também é permanecer diante de Deus.

Assim, quando nos achegamos ao Senhor Jesus, como Ele já está nos céus, nos achegamos também ao Pai Celestial, a Deus que está assentado no alto e sublime trono.

Quando inclinamos o nosso espírito a Cristo com a atenção de interagir com o Senhor, em qualquer lugar que estivermos, “em Espírito” estamos adorando o Senhor na Terra e no Céu.

Destacando este princípio mais uma vez, quando uma pessoa recebe a Cristo, ela recebe de Cristo um espírito vivificado através do qual ela pode interagir “em Espírito” com Deus, conforme já comentamos acima.

1Coríntios 15: 45 Pois assim está escrito: O primeiro homem, Adão, foi feito alma vivente. O último Adão, porém, é espírito vivificante.

1 Coríntios 6: 17 Mas aquele que se une ao Senhor é um espírito com ele.

Adão também significa iniciador de raça.

Assim, mediante o 1º Adão, nós recebemos um corpo de carne e sangue e uma alma vivente.

Por meio do último Adão, que é Jesus, o Cristo ressurreto, nosso Senhor, recebemos um espírito vivificado.

Os cristãos que estão na Terra ainda não receberam de Cristo um novo corpo, e por isto, não podem estar corporalmente com Cristo no céu. Entretanto, eles podem estar com Cristo mediante o Espírito do Senhor assim como Ele está com eles através do mesmo Espírito Santo.

*João 3: 1 **Havia, entre os fariseus, um homem chamado Nicodemos, um dos principais dos judeus.***

*2 **Este, de noite, foi ter com Jesus e lhe disse: Rabi, sabemos que és Mestre vindo da parte de Deus; porque ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não estiver com ele.***

*3 **A isto, respondeu Jesus: Em verdade, em verdade te digo que, se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus.***

*4 **Perguntou-lhe Nicodemos: Como pode um homem nascer, sendo velho? Pode, porventura, voltar ao ventre materno e nascer segunda vez?***

*5 **Respondeu Jesus: Em verdade, em verdade te digo: quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus.***

*6 **O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espírito é espírito.***

*7 **Não te admires de eu te dizer: importa-vos nascer de novo.***

*8 **O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito.***

*2 Coríntios 1: 22 ... **que também nos selou e nos deu o penhor do Espírito em nosso coração.***

*Gálatas 4: 6 **E, porque vós sois filhos, enviou Deus ao nosso coração o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai!***

A todos aqueles que creem em Cristo e o recebem como Senhor e Salvador, Deus concede uma dádiva eterna e imensuravelmente valiosa, o qual é vida espiritual que é denominada também de *novidade de vida em Cristo, novo homem segundo a verdade e a justiça de Deus, novo homem interior ou nova criatura em Cristo Jesus*, exemplificado através de mais um texto abaixo:

*2 Coríntios 4: 16 **Por isso, não desanimamos; pelo contrário, mesmo que o nosso homem exterior se corrompa, contudo, o nosso homem interior se renova de dia em dia.***

Relembramos aqui também que a palavra *homem* mencionada acima não tem nesse texto a conotação de *macho* para distinguir de *fêmea* ou *mulher*, pois na condição espiritual em Cristo ou nas regiões celestiais diante do Pai Celestial, “*não há judeu nem grego, nem escravo e nem livre, nem homem e nem mulher*”.

Em alemão, por exemplo, Martinho Lutero traduziu a palavra *homem* por *Mensch*, que significa um ser segundo a sua origem, segundo à sua ascendência.

Nos comentários associados ao léxico de Strong na Online Bible, encontramos a palavra *homem* expressa também como *Anthropos*, ou seja, *um ser humano, seja homem ou mulher*.

O *homem interior*, o *ser interior*, o *espírito vivificado em nós por Cristo*, é diferente do ser natural. Ele é um espírito eterno, e como tal, tem similaridades com os anjos.

Mateus 22: 29 **Respondeu-lhes Jesus: Errais, não conhecendo as Escrituras nem o poder de Deus.**
30 **Porque, na ressurreição, nem casam, nem se dão em casamento; são, porém, como os anjos no céu.**

A condição natural de homem ou mulher é uma condição temporal que Deus designou para cada um segundo a sua boa vontade e para que cada pessoa, através do seu corpo, desempenhe na Terra uma série de ações que o Senhor lhe permite ou instrui a realizar. Entretanto, quando um homem e uma mulher oram a Deus ou adoram (servem) a Deus “nas regiões celestiais em Cristo Jesus” e o fazem “em Espírito e em Verdade”, como é descrito em João 4, tanto este homem como esta mulher o fazem “em espírito”, ou seja, como *o novo homem interior*, situação na qual ambos têm uma condição equivalente de filhos de Deus diante de Cristo e do Pai Celestial.

Conforme já expusemos nos capítulos anteriores, independentemente de várias condições naturais de uma pessoa, diante de Cristo e, por consequência diante de Deus, em espírito vivificado, todos são filhos amados de Deus, todos são livres diante do Senhor para se achegarem a Ele em oração, todos são livres para adorar ao Pai Eterno e ao Cordeiro perfeito. É uma liberdade singular e justa onde todos que estão em Cristo são, aos olhos de Deus, preciosos filhos não somente de homens, mas também nascidos do Senhor através novo nascimento em Cristo Jesus.

João 1: 12 **Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no seu nome;**
13 **os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus.**

Assim, por termos sido vivificados em espírito por Cristo, podemos nos achegar a Deus em oração. E quando o fazemos mediante a fé, conversamos com o Senhor Jesus Cristo na condição de estarmos diante de Deus no céu onde Cristo também está assentado para nos assistir.

Ainda que um cristão não veja a Deus ou que ele não veja com olhos naturais a grandeza da glória que Isaías viu, o cristão que se achega a Deus em Espírito e em Verdade, ou seja, se achega a Deus em Cristo que é a Verdade e o Espírito Vivificante,

também se achega ao mesmo trono diante do qual Isaías se viu e sobre o qual João procura descrever uma série de aspectos no livro de Apocalipse.

O Pai Celestial não somente está disposto a receber os que se achegam a Ele diante do seu trono, como Ele “procura” aqueles que o adorem em Espírito e em Verdade na sua presença.

Mas quantos têm crido de que podem se achegar assim a Deus? E quantos têm praticado a oração a Deus em sua intimidade como que estando diante do trono do Senhor?

*1 Pedro 1: 6 **Nisso exultais, embora, no presente, por breve tempo, se necessário, sejais contristados por várias provações,**
7 **para que, uma vez confirmado o valor da vossa fé, muito mais preciosa do que o ouro perecível, mesmo apurado por fogo, redunde em louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo;**
8 **a quem, não havendo visto, amais; no qual, não vendo agora, mas crendo, exultais com alegria indizível e cheia de glória,**
9 **obtendo o fim da vossa fé: a salvação da vossa alma.***

Aqui, porém, mais uma vez retornamos ao ponto que queremos chegar a partir da pausa que fizemos mais acima, o qual é a questão de que Cristo nos é apresentado também como o nosso **Advogado junto ao Pai Celestial**.

Retornando, então, ao nosso ponto de que todo cristão é chamado por Deus para se achegar a Ele, gostaríamos de seguir adiante mais especificamente sobre alguns aspectos práticos de como um cristão pode se achegar em Espírito e Verdade diante do trono celestial da graça ou inclusive como ele pode se achegar a Deus para ser aceito ali quando o foco ainda é confessar os seus pecados, uma vez que Deus é santo e não tem cumplicidade com o pecado.

Portanto, similarmente à situação de Isaías, o primeiro ponto que necessitaremos para nos achegarmos ao Pai Celestial em fé e também sermos recebidos por Deus sem que fiquemos atemorizados de ousar avançar para um relacionamento mais intensamente com Deus é a sua misericórdia, que também é o primeiro aspecto que nos é oferecido pelo trono da graça.

*Salmos 40: 11 **Não retenhas de mim, SENHOR, as tuas misericórdias; guardem-me sempre a tua graça e a tua verdade.***

*Salmos 69: 16 **Responde-me, SENHOR, pois compassiva é a tua graça; volta-te para mim segundo a riqueza das tuas misericórdias.***

*Salmos 119: 41 **Venham também sobre mim as tuas misericórdias, SENHOR, e a tua salvação, segundo a tua promessa.***

*Lamentações 3: 22 **As misericórdias do SENHOR são a causa de não sermos consumidos, porque as suas misericórdias não têm fim; 23 renovam-se cada manhã. Grande é a tua fidelidade.***

E também é precisamente neste ponto da necessidade de misericórdia é que Deus nos oferece a Cristo como o Sumo Sacerdote que também é o nosso *Advogado*.

Quando Deus nos chama a nos dirigirmos a Ele em oração diante do seu trono ou para termos comunhão com Ele, é para um relacionamento com o Pai de Amor que somos chamados. Entretanto, ou ao mesmo tempo, o Pai de Amor também é o Soberano Justo Juiz que discerne todos os intentos dos corações, que estabelece sentenças e que delibera ações segundo a sua eterna e perfeita justiça.

Desta forma, quando nos inclinamos ao relacionamento com o Pai Celestial, há várias questões das nossas vidas que precisam ser tratadas primeiramente com o Senhor Jesus Cristo ou serem assessoradas por Ele para que também o nosso relacionamento com o Pai Celestial possa ser apropriado.

Ora, sabemos que diante de um trono de um tribunal tanto a pessoa que está buscando ser atendida pelo juiz como o réu não podem se manifestar de qualquer maneira diante do juiz ou do tribunal como um todo.

Entretanto, o advogado que assiste um requerente ou um réu pode pedir permissão para se pronunciar a hora que ele quiser. Às vezes lhe é concedida a permissão de continuar, às vezes não, mas ele sempre é livre para pedir permissão de pronunciamento.

As outras pessoas que não estão acompanhadas de um advogados em um caso específico somente podem se pronunciar quando autorizadas pelo juiz. Um requerente ou um réu somente pode falar livremente com os seus respectivos advogados, os quais, antes de tornar algo público, vão discutir com os seus clientes se aquilo está de acordo com a lei e se é pertinente ser pronunciado ou não diante daquele tribunal.

E embora o tribunal de Deus apresente inúmeras diferenças em relação aos tribunais humanos, vários aspectos de conduta diante do trono celestial que o Senhor quer nos ensinar jamais deveriam ser desprezados, razão pela qual Cristo nos é oferecido por Deus como o Sumo Sacerdote Eterno que também pode atuar perfeitamente na função de *Advogado* que em tudo pode nos assistir diante do Pai Celestial.

Devido ao seu ministério também de nosso *Advogado junto ao Pai*, podemos tratar todas as nossas questões com Cristo, tais como o que seria interessante falarmos ao Pai Celestial, como deveríamos falar com o Pai das Luzes ou quando devemos aguardar em silêncio o pronunciamento do Pai Eterno.

Conforme mencionamos acima, o Pai Celestial procura aqueles que o adorem (se achem a Ele e o servem) em Espírito e em Verdade. E como Cristo é aquele que vivifica o nosso espírito e é a Verdade, Ele é o perfeito *Advogado* que pode nos ensinar e assistir para que o nosso relacionamento com o Pai Celestial alcance a condição de verdadeiramente ser baseado no Espírito do Senhor e na Verdade.

Ressaltamos aqui também que o fato de Cristo nos ser oferecido como o nosso **Advogado junto ao Pai** torna evidente que Ele nos é oferecido como **Advogado** de defesa ou que nos assiste diante do Pai, e não como um advogado de acusação.

O Senhor Jesus se oferece a nos ensinar, mostrar o que precisamos rever em nosso entendimento ou ações, o que precisamos confessar a Deus como pecado, o que nos é necessário, o que podemos pedir ao Pai em cooperação com o cumprimento da sua vontade no mundo, e assim por diante. Ou seja, como Sumo Sacerdote Eterno e Advogado, Cristo é o nosso assessor, auxiliador, mediador e companheiro junto ao Pai Celestial para nos assessorar justamente no relacionamento com o Pai Celestial.

1 João 2: 1(b) ... temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo.

Somente através de Cristo ou do endosso Dele junto ao Pai Celestial é que o Pai nos recebe, sendo este mais um aspecto que ressalta que Cristo é o único Mediador entre Deus e todos os seres humanos.

Assim, como nosso **Advogado junto ao Pai**, o Senhor Jesus tem um papel fundamental de nos orientar em tudo como podemos nos portar apropriadamente diante do Pai Celestial. Ou seja, em sua função de **Advogado**, Cristo nos assiste ou prepara para que o nosso relacionamento com o Pai Celestial seja para a nossa edificação e não para a rejeição.

Por exemplo, em seu ministério de nosso **Advogado junto ao Pai**, o Senhor Jesus pode nos assistir quanto ao que devemos “trajar” e o que não devemos “trajar” para o relacionamento com Deus, lembrando que estes atos se referem aos trajes espirituais que foram mencionados no capítulo anterior.

Como Sumo Sacerdote e nosso **Advogado**, Cristo nos mostra aquilo que diante do Pai Celestial é considerado como “trapo de imundícia” e do que, portanto, devemos nos despir. Ou ainda, nos mostra aquilo que precisa passar na lavanderia celestial antes de ser usado diante do Pai em seu trono eterno.

Se alguém, por exemplo, chegar de forma soberba diante do Pai Celestial, nada obterá Dele. Pelo contrário, passará a ter a resistência do Pai em relação a ele.

Por outro lado, se alguém está em Cristo e está buscando a comunhão com Ele, Cristo como **Advogado** pode instruir este cristão a aprender com Ele como ser humilde diante de Deus, pois Ele, Cristo, é **manso e humilde de coração**. O Senhor Jesus é o nosso exemplo a ser seguido em todos as nossas atitudes e comportamentos.

Tiago 4: 6(b) Pelo que diz: Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes.

Filipenses 2: 5 Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus.

1 João 2: 6 Aquele que diz que permanece nele, esse deve também andar assim como ele andou.

Além disso, se retornarmos à condição de Cristo como aquele que realizou a perfeita provisão para a nossa redenção da sujeição ao pecado e como o Sumo Sacerdote que apresentou o sacrifício perfeito diante do Pai Celestial para a nossa reconciliação com Ele, podemos saber que como o nosso **Advogado**, Cristo tem em suas mãos tudo o que é necessário para comprovar que toda a nossa dívida eterna para com o pecado, a lei condenatória e a morte já foi inteiramente paga.

Desta forma, o nosso Sumo Sacerdote e **Advogado** está nesta posição para nos assistir antes, durante e depois da nossa audiência com o Pai Celestial. Ele nos compreende, conhece as nossas fraquezas, sabe das nossas iras, frustrações ou decepções, e conhece plenamente inclusive aquilo que talvez queiramos esconder do Pai das Luzes. Por isto, Ele é o nosso **Advogado** em quem podemos ter plena confiança e a quem podemos contar todas as coisas que se passam em nosso coração.

Se confessarmos os nossos pecados ao nosso **Advogado**, e o Pai perguntar a Ele sobre uma determinada transgressão nossa, o nosso **Advogado** pode dizer que o “seu cliente” lhe contou esta parte e que ela já foi devidamente deixada para trás.

É claro que o Senhor Jesus não precisa que contemos a Ele todos os detalhes dos nossos pecados, pois Ele já os conhece. Entretanto, quando Cristo pede que nós confessemos os nossos pecados, não é por causa Dele que Ele quer que confessemos, mas é por causa de nós mesmos, é para o nosso bem, conforme é mencionado também no texto a seguir:

Provérbios 28: 13 **O que encobre as suas transgressões jamais prosperará; mas o que as confessa e deixa alcançará misericórdia.**

A dívida eterna de todos os nossos pecados já foi quitada integralmente na cruz do Calvário. Entretanto, se confessamos os nossos pecados a Cristo, o Senhor nos torna conscientes de que Ele já pagou a dívida relacionada a cada um deles para que não carreguemos o peso da culpa destes pecados, para que a nossa consciência seja purificada deles e da injustiça que está associada a eles, e para que possamos prosseguir avante segundo a misericórdia e a graça eterna do Senhor.

Quando confessamos os nossos pecados, Cristo volta a reforçar o quão perdoadora é a justiça de Deus para que possamos avançar para a comunhão com o Pai Celestial sem estarmos debaixo de acusação, visto que também isto é muito expressivo para a vida de oração de um cristão diante de Deus.

E também, quando insistimos em confessar repetidamente os mesmos os pecados que já confessados a Deus, Cristo, como nosso **Advogado**, pode se manifestar para nos interromper e instruir que aqueles pecados confessados e perdoados nem são mais nossos para termos que continuar a confessá-los indefinidamente como ocorria na Ordem de Arão, a qual, por sua vez, não tirava o pecado, mas somente o cobria na tentativa de postergar a execução da sentença condenatória sobre a vida dos pecadores.

Quando o nosso coração quer retomar uma culpa já paga e encerrada, Cristo, como nosso **Advogado**, volta a nos assegurar que o trono celestial já deliberou sobre nós o perdão eterno em relação aos nossos pecados ou à sujeição ao pecado e à lei condenatória de Moisés ou similares a ela.

Quando alguém também quer confessar algo que pensa que fez erroneamente, mas não o fez de fato, ou quando alguém quer assumir uma culpa que não é de fato sua, ou, ainda, que tentam atribuir a ele, o Senhor Jesus, como o nosso **Advogado**, nos permite discernir que foram outras pessoas que erraram e que estão tentando transferir a sua culpa a nós, mas a qual não precisamos e não deveríamos de fato assumir.

Muitas pessoas no mundo carregam uma enormidade de culpas que outros lhes colocaram sobre seus ombros, ou melhor, no coração, mas que de fato nem são propriamente suas culpas.

Assim, em sua função de nosso **Advogado** junto ao trono eterno e fundamentado na justiça de Deus, o Senhor Jesus se oferece a nos ajudar a filtrar o que era nossa culpa e o que não era nosso pecado. A ainda, se oferece a nos ajudar a confessar qual era de fato a nossa condição para que sejamos purificados da injustiça que o pecado tenta impor sobre aquele que sujeitou a ele, assim como também para que possamos nos apartar das acusações infundadas contra nós.

Romanos 8: 33 Quem intentará acusação contra os eleitos de Deus? É Deus quem os justifica.

34 Quem os condenará? É Cristo Jesus quem morreu ou, antes, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus e também intercede por nós.

Ainda quanto ao carregar a culpa de outros, no livro de Ezequiel, capítulo 18, as Escrituras são muito explícitas em afirmar que cada pessoa presta contas de si própria diante do Senhor. Neste texto, Deus nos ensina que o pensamento que um filho é corresponsável por cada um dos pecados que o seu pai praticou não é visto desta maneira aos olhos do Senhor, e, por isto, nem deve ser repassado adiante desta maneira por aqueles que creem na justiça redentora do reino celestial.

Por outro lado, o nosso **Advogado junto ao Pai** também sabe muito bem quando acusamos outros dos pecados que de fato fomos nós que cometemos.

Quando o Senhor Jesus mostra que uma pessoa precisa despir as suas vestes, seus pensamentos ou seus sentimentos contrários à Deus, Ele está junto ao Pai Celestial, mas também está junto à pessoa para ajudá-la diante do trono de graça e misericórdia de Deus. Assim, de certa forma, o Pai Celestial confia no **Advogado** e não imputa acusações a um indivíduo enquanto o seu **Advogado** não se pronunciar.

Em outras palavras, o Pai Celestial vê a pessoa redimida mediante o seu Evangelho através do **Advogado** desta pessoa junto ao seu trono, e, por consequência, segundo a lei da nova aliança na qual este **Advogado** está amparado.

Notemos bem, então, nos próximos parágrafos, mais uma vez, a enorme diferença que há na Ordem de Melquisedeque em relação à Ordem de Arão.

Na Ordem de Arão, o homem que se apresentava perante Deus para representar as outras pessoas cheias de falhas, pecados e culpa era, ele mesmo, também um homem sujeito à fraquezas, transgressões e culpa.

Se um sacerdote da Ordem de Arão fizesse o seu serviço corretamente conforme a lei de Moisés, o máximo que ele conseguiria era obter um adiamento da causa das pessoas, mas jamais a eliminação da culpa e do escrito de dívida por completo.

A Ordem de Arão é da espécie que tem advogados (sacerdotes) que querem ganhar tempo, achando que vão fazer com que eles próprios e os seus “clientes” consigam postergar as suas causas para sempre. Tornam-se especialistas em postergação ou procrastinação de causas, mas nunca de uma solução definitiva ou eterna.

Na Ordem de Arão, que atua na Terra em seus templos ou santuários humanos, os representantes do povo reivindicam a Deus a postergação das causas de si próprios e daqueles que eles representam. Entretanto, quando eles, os seus “clientes” ou os “representados” morrerem, quem lhes representará no tribunal eterno?

Quando os “representados” pelos obreiros de Ordens sacerdotais similares à de Arão estiverem junto ao trono de julgamento eterno, como eles agirão sem a ajuda dos seus advogados temporais e que não podem mais apelar para uma postergação das causas em nome daqueles que eles representavam e que já não estão na mais Terra?

Insistir na busca pela postergação daquilo que uma pessoa já poderia e deveria solucionar mediante Cristo diante de Deus representa um caminho de fuga de algo que mais cedo ou mais tarde não mais poderá ser evitado, razão pela qual, João Batista exorta as pessoas a não se fiarem em suas próprias escusas, conforme segue:

Mateus 3: 5 Então, saíam a ter com ele Jerusalém, toda a Judeia e toda a circunvizinhança do Jordão;

6 e eram por ele batizados no rio Jordão, confessando os seus pecados.

7 Vendo ele, porém, que muitos fariseus e saduceus vinham ao batismo, disse-lhes: Raça de víboras, quem vos induziu a fugir da ira vindoura?

8 Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento;

9 e não comeceis a dizer entre vós mesmos: Temos por pai a Abraão; porque eu vos afirmo que destas pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão.

10 Já está posto o machado à raiz das árvores; toda árvore, pois, que não produz bom fruto é cortada e lançada ao fogo.

Ainda em relação às palavras de João Batista acima, podemos observar que em relação ao verso 7, outra versão diz: “**quem vos ensinou a fugir da ira futura?**”

Notemos, então, que parte da plateia à qual João Batista estava pregando era composta de pessoas que foram ensinadas, que aprenderam, e que passaram a gostar da ideia de postergação do reflexo da luz celestial sobre os seus pensamentos e atos na expectativa de não serem esclarecidos da necessidade de se apartarem deles ainda em seu tempo de vida no presente mundo.

Em outro momento, também o próprio Senhor Jesus advertiu que as pessoas que buscavam os seus próprios meios de justificação estavam seguindo uma alternativa muito contrária ao Caminho de novidade de vida que Cristo veio revelar ao mundo.

*Lucas 16: 15 Mas Jesus lhes disse: **Vós sois os que vos justificais a vós mesmos diante dos homens, mas Deus conhece o vosso coração; pois aquilo que é elevado entre homens é abominação diante de Deus.***

Vamos observar abaixo atentamente ainda o seguinte texto:

Gálatas 3: 10 Todos quantos, pois, são das obras da lei estão debaixo de maldição; porque está escrito: Maldito todo aquele que não permanece em todas as coisas escritas no Livro da lei, para praticá-las.

*¹¹ **E é evidente que, pela lei, ninguém é justificado diante de Deus, porque o justo viverá pela fé.***

*¹² **Ora, a lei não procede de fé, mas: Aquele que observar os seus preceitos por eles viverá.***

*¹³ **Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar (porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado em madeiro),***

*¹⁴ **para que a bênção de Abraão chegasse aos gentios, em Jesus Cristo, a fim de que recebêssemos, pela fé, o Espírito prometido.***

Muitos obreiros da Ordem de Arão, ou similares, diziam que as pessoas estariam bem se elas guardassem o sábado, fossem circuncidadas, trouxessem seus sacrifícios, ofertas, dízimos e praticassem diversas outras regras exteriores. Entretanto, propagavam uma enorme inverdade (ou mentira) e a postergação da verdadeira cura do coração dos seus seguidores, pois estes jamais conseguiriam ser justificados pela sua lei. E faziam isto, também porque não queriam deixar de receber os recursos que o povo lhes trazia pelo seu serviço religioso. Recursos que eram usados para mantê-los na posição de representantes com aparência de eficácia, mas que, na realidade, sempre foi um sistema fraco e inútil.

Convém, então, destacar aqui, mais uma vez, que riquezas, amigos da injustiça e obras de justiça própria serão completamente inúteis quando as pessoas estiverem diante do julgamento perante o eterno trono celestial e quando não puderem mais postergar a denominada *ira vindoura*.

*Hebreus 9: 27 **E, assim como aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo, depois disto, o juízo.***

E somando ainda outro ponto aos aspectos mencionados acima, gostaríamos de relembrar que o Evangelho nos é oferecido livremente, o que também implica em dizer que o Senhor Jesus Cristo, como nosso **Advogado junto ao Pai**, oferece ajuda ou assistência à quem Nele crê através da mesma e superabundante graça de Deus.

O Senhor Jesus não cobra honorários nem antes e nem depois pelos benefícios que uma pessoa obtém por receber de bom grado a sua assistência como **Advogado junto ao Pai**. Cristo somente quer que a pessoa assistida por Ele reconheça e confesse a verdade de que foi Ele que a ajudou para que a glória dos fatos também seja de acordo com a verdade e, desta maneira, seja atribuída ao Deus que é digno de toda a glória.

Graças a Deus pelo nosso **Advogado Celestial junto ao Pai Eterno**, a saber: o Senhor Jesus Cristo, Sumo Sacerdote Eterno segundo a Ordem de Melquisedeque!

Portanto, esta é outra faceta da sublime, excelsa e incomparavelmente superior glória de Cristo revelada a nós pelo Evangelho da Glória de Deus.

Como Sumo Sacerdote segundo a Ordem de Melquisedeque e nosso **Advogado junto ao Pai**, o Senhor Jesus se compadece de nós para que todas as coisas relacionadas à nossa vida eterna possam ser sanadas em tempo oportuno e sem que seja necessário ficarmos protelando as questões fundamentais, visto que de antemão Ele já saldou a dívida eterna do pecado na cruz do Calvário.

E ainda que a redenção de um indivíduo seja uma questão de última hora e somente houver tempo para poucas palavras, o **Advogado junto ao Pai Celestial** sabe lidar com todas as situações em que as pessoas o buscam, conforme exemplificado na narrativa repetida abaixo:

- Lucas 23: 39 Um dos malfeitores crucificados blasfemava contra ele, dizendo: Não és tu o Cristo? Salva-te a ti mesmo e a nós também.*
 40 *Respondendo-lhe, porém, o outro, repreendeu-o, dizendo: Nem ao menos temes a Deus, estando sob igual sentença?*
 41 *Nós, na verdade, com justiça, porque recebemos o castigo que os nossos atos merecem; mas este nenhum mal fez.*
 42 *E acrescentou: Jesus, lembra-te de mim quando vieres no teu reino.*
 43 *Jesus lhe respondeu: Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso.*

Graças a Deus que o Senhor Jesus é o **Advogado junto ao Pai** inclusive de última hora e que continuamente está de plantão caso alguém o acione sob esta condição. Pelo fato de Cristo ser um **Advogado** humilde e agir segundo o reino celestial, alguns o desprezam até o fim. Mas ainda assim, Ele não rejeita e salva aqueles que o invocam como Senhor, ainda que seja nos últimos momentos em que isto possa ser feito.

Por outro lado, voltamos a destacar que não são somente os casos de iminentes urgências que recebem a atenção do Senhor Jesus. O Senhor também sabe como conduzir todas as questões que preparam as pessoas para que sejam frutíferas ainda no seu tempo de vida na Terra, pois este é o desejo do Senhor para aqueles que creem em seu nome ainda em tempo de viverem e andarem no Senhor no presente mundo:

- João 20: 30 Na verdade, fez Jesus diante dos discípulos muitos outros sinais que não estão escritos neste livro.*
 31 *Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome.*
 1 Coríntios 10: 31 *Portanto, quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus.*

Do ponto de vista eterno ou da vida após a morte, tanto o ladrão na cruz como João que escreveu o denominado Evangelho de João herdaram a vida eterna. Entretanto, João teve o privilégio de viver em Cristo ainda no tempo em que estava no corpo terreno e assim glorificá-lo no mundo através da sua vida, experimentando ainda na Terra o que o Senhor nos declara nos textos que a seguir:

Romanos 8: 11 Se habita em vós o Espírito daquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos, esse mesmo que ressuscitou a Cristo Jesus dentre os mortos vivificará também o vosso corpo mortal, por meio do seu Espírito, que em vós habita.

Romanos 5: 17 Se, pela ofensa de um e por meio de um só, reinou a morte, muito mais os que recebem a abundância da graça e o dom da justiça reinarão em vida por meio de um só, a saber, Jesus Cristo.

Muitos são salvos em condições extremas ou diante do fim da sua vida na Terra, semelhantemente ao malfeitor crucificado ao lado do Senhor Jesus. Entretanto, aqueles que recebem a Cristo em tempo de ainda poderem estar “em Cristo” também no mundo presente, estes podem ter o privilégio de serem testemunhas do poder de Deus nas suas vidas apesar das suas fraquezas e de sua condição frágil em seus corpos temporais.

2 Coríntios 4: 6 Porque Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo.

7 Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós.

Portanto, nenhuma pessoa deveria, jamais, desprezar o dia da visitação do Senhor na sua vida, pois sem a bondade de Deus concedida a uma pessoa, ninguém consegue, sequer, se arrepender e voltar ao Senhor.

Romanos 2: 4 Ou desprezas a riqueza da sua bondade, e tolerância, e longanimidade, ignorando que a bondade de Deus é que te conduz ao arrependimento?

2 Coríntios 6: 1 E nós, na qualidade de cooperadores com ele, também vos exortamos a que não recebais em vão a graça de Deus

2 (porque ele diz: Eu te ouvi no tempo da oportunidade e te socorri no dia da salvação; eis, agora, o tempo sobremodo oportuno, eis, agora, o dia da salvação).

O nosso **Advogado junto ao Pai**, apesar de não ter cometido pecado, foi feito homem semelhante a nós para nos assegurar que Ele nos compreende, que Ele pode nos representar perfeitamente junto ao Pai e que Ele é plenamente poderoso para remover qualquer impedimento que tente se interpor no nosso relacionamento com o Pai Celestial e com aquilo que necessitamos para sermos aperfeiçoados no Senhor desde o momento que passamos a crer no seu Evangelho.

Hebreus 2: 17 **Por isso mesmo, convinha que, em todas as coisas, se tornasse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote nas coisas referentes a Deus e para fazer propiciação pelos pecados do povo.**

18 Pois, naquilo que ele mesmo sofreu, tendo sido tentado, é poderoso para socorrer os que são tentados.

3:1 Por isso, santos irmãos, que participais da vocação celestial, considerai atentamente o Apóstolo e Sumo Sacerdote da nossa confissão, Jesus,

2 o qual é fiel àquele que o constituiu, como também o era Moisés em toda a casa de Deus.

3 Jesus, todavia, tem sido considerado digno de tanto maior glória do que Moisés, quanto maior honra do que a casa tem aquele que a estabeleceu.

4 Pois toda casa é estabelecida por alguém, mas aquele que estabeleceu todas as coisas é Deus.

5 E Moisés era fiel, em toda a casa de Deus, como servo, para testemunho das coisas que haviam de ser anunciadas;

6 Cristo, porém, como Filho, em sua casa; a qual casa somos nós, se guardarmos firme, até ao fim, a ousadia e a exultação da esperança.

O Senhor Jesus Cristo é o nosso **justo Advogado** porque Ele também é sempre justo para com o Juiz que está assentado no trono da eterna justiça, para com a vontade de Deus e para conosco.

Em Cristo, o Pai Celestial nos oferece a justiça redentora e reconciliadora. Entretanto, ao apresentar a Cristo a nós como o nosso **Advogado junto ao seu trono**, Deus também nos oferece a assistência perfeita para sabermos como acessar e nos relacionarmos com a justiça celestial.

Hebreus 10: 19 **Tendo, pois, irmãos, intrepidez para entrar no Santo dos Santos, pelo sangue de Jesus,**

20 pelo novo e vivo caminho que ele nos consagrou pelo véu, isto é, pela sua carne,

21 e tendo grande sacerdote sobre a casa de Deus,

22 aproximemo-nos, com sincero coração, em plena certeza de fé, tendo o coração purificado de má consciência e lavado o corpo com água pura.

Por que, então, as tentativas de muitos cristãos de acesso ao Pai Celestial fracassam tanto quanto ao estabelecimento da sua comunhão com o Pai Eterno?

Primeiramente, muitos cristãos se privam de uma comunhão mais intensa com o Senhor porque não ousam em humildade chegar diante de Deus de fato, e talvez, muitos ainda em não se atentaram de que podem fazê-lo.

Alguns receberam a Jesus como Salvador, falam sobre ter comunhão com Cristo, mas raramente buscam a Ele para uma comunhão no nível pessoal e individual.

Raramente aquietam o coração e inclinam a sua atenção para realmente conversarem com o Senhor e estarem atentos à resposta do Senhor.

Outros, porém, procuram o acesso ao Senhor pelos métodos da Ordem de Arão, a qual não é uma ordem que atua em prol da comunhão; pelo contrário, ela atua para que esta não ocorra. Creem que Cristo morreu em favor delas e que Ele perdoou os pecados que cometeram antes de serem cristãs. Entretanto, pensam que depois de convertidas a Cristo, precisam de obras para serem aceitos pelo Senhor, esquecendo-se que ninguém é justificado ou continua justificado diante do Senhor mediante obras humanas ou da lei. (Aspecto amplamente abordado no estudo sobre O Evangelho da Justiça de Deus.)

Outros, ainda, se achegam a Deus já não por obras próprias e indicam corretamente a obra de Cristo, o perdão mediante o sangue do Perfeito Cordeiro, e reconhecem que o Senhor Jesus morreu na cruz em favor deles para que o caminho para se achegarem a Deus fosse aberto. Entretanto, tentam se achegar ao Pai Celestial sem primeiro ter ao Senhor Jesus como seu Sumo Sacerdote, **Advogado** pessoal e Mediador diante de Deus.

Esse último grupo é composto das pessoas que já creem que estão perdoadas pelo sangue de Cristo e que isto é um fato irrevogável, mas que ainda não foram ensinadas pelo **Advogado junto ao Pai** de que também precisam colocar de lado as vestes, pensamentos e atitudes que o Senhor Jesus quer orientá-los a tirar para poderem entender a vontade de Deus. São pessoas que não alcançam a renovação do entendimento porque não se achegam a Deus através de Jesus como aquele que **tem grande sacerdócio sobre a casa de Deus** a favor de suas vidas.

Quando alguém inclina o seu coração a Deus, é Jesus Cristo, que tem um grande sacerdócio sobre a casa de Deus, que o quer auxiliar em todo o posicionamento que deve ter no Santo dos Santos. E como Deus estabeleceu a Cristo como tal, o Pai Celestial também respeita a posição para a qual Ele próprio nomeou ao Senhor Jesus.

Uma vez que Deus estabeleceu a Cristo como o Sumo Sacerdote segundo a Ordem de Melquisedeque e como o **Advogado junto ao trono celeste** daqueles que creem Nele, a questão de chegar a Deus de forma aceitável não está associada somente ao perdão prévio do pecado pelo fato de Cristo ter morrido por todos os pecadores de uma vez para sempre, mas também está relacionado a reconhecer quem Deus estabeleceu para as pessoas se achegarem a Ele em comunhão.

Depois que uma pessoa crê que já é justificada pela fé em Cristo, a questão não está somente em ela querer chegar a Deus porque um novo e vivo caminho foi aberto, mas é chegar a Deus através do próprio Novo e Vivo Caminho que Deus nos oferece, e o qual se chama Cristo.

Conforme já comentamos anteriormente, a provisão de perdão dos pecados da humanidade não significa que as pessoas podem se achegar a Deus por qualquer caminho somente porque proclamam sobre elas a provisão que Cristo fez, pois Cristo fez a propiciação por todos, mas Ele também é a própria provisão em favor de todos.

Dissociado de Cristo, não há propiciação pelos pecados. E não havendo a propiciação, Deus não ouve aqueles que vêm a Ele sob o pretexto de quererem comunhão dissociados da provisão viva e eterna que é o próprio Cristo.

Se uma pessoa se dissociar do **Advogado Jesus** e quiser reivindicar a sua causa diretamente diante de Deus, ela jamais terá possibilidade de encontrar absolvição e, muito menos, comunhão com o Senhor.

Entretanto, o que está mencionado no parágrafo anterior é o que muitos têm tentado fazer, pensando que Cristo lhes deu um direito, um termo ou um ingresso com o qual eles mesmos podem se apresentar a Deus sem passar pelo próprio Cristo. Querem a vida cristã e os seus benefícios sem querer a própria vida cristã que é Cristo. Querem a novidade de vida, mas, ao mesmo tempo, desprezam a essência da novidade de vida. E por isto, não alcançam de Deus o que tanto necessitam.

Apesar da obra de Cristo na cruz do Calvário, como uma pessoa poderá compreender a vontade de Deus para a sua vida se tudo o que ela pensa está ainda contaminado para se opor ao que Deus quer lhe conceder?

Assim, também é em função ao ponto mencionado nestes últimos parágrafos que Cristo quer interagir conosco para nos mostrar o que precisa ser abandonado para que vários aspectos da novidade de vida Nele nos sejam acrescentados por Deus.

Em Cristo, Deus já fez a provisão para o perdão do pecado de todas as pessoas. Entretanto, quando uma pessoa vem a Deus através de Cristo, o Sumo Sacerdote e **Advogado Celeste**, o Senhor faz com que aquilo que foi provido na cruz do Calvário seja aplicado à sua vida para que ela experimente pessoalmente a liberdade que foi disponibilizada a ela na cruz do Calvário.

Retornando ao ponto mencionado no início do presente capítulo de que Cristo é a Verdade, uma pessoa já poderá ter compreendido que a obra de Cristo na cruz do Calvário foi para saldar o escrito de dívida que estava sobre ela, mas, ainda assim, ela não poder vir a Deus em “Espírito e Verdade” se ela quiser vir a Deus dissociada de Cristo que é a própria Verdade e o **Advogado** da Verdade.

A dívida eterna da sujeição do ser humano ao pecado foi saldada na cruz de Cristo, mas a mentalidade que leva a pessoa a continuar optando pela sujeição ao pecado é como uma vestidura que precisa ser tirada. E ninguém é aceito para vir advogar a verdade diante de Deus com os seus próprios argumentos humanos e dissociados da Verdade que é Cristo.

Quando uma pessoa quer vir ao Pai Celestial perdoada dos pecados, mas não quer vir a Ele através de Cristo, ela quer se apresentar diante de Deus com base na obra de Cristo, mas desprovida de vestimentas da Verdade, pois para uma pessoas que quer estar em Cristo, Cristo é a própria Verdade da qual uma pessoa necessita se revestir para se apresentar ao Pai Eterno.

Romanos 13: 14 ... mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e nada disponhais para a carne no tocante às suas concupiscências.

Efésios 4: 24 ... e vos revistais do novo homem, criado segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade.

Quando uma pessoa quer se apresentar a Deus sem estar revestida de Cristo ou sem estar “em Cristo”, ela quer entrar no Santo dos Santos celestial mediante a sua condição natural ou carnal, a qual não pode entrar ou herdar o reino dos céus.

Portanto, a pessoa que anela uma comunhão com o Pai Celestial deveria compreender que o caminho de estabelecê-lo em paz e conforme a vontade do Pai Celestial é estar praticando uma contínua e intensa comunhão com o Senhor Jesus Cristo.

*1 Coríntios 1: 9 **Fiel é Deus, pelo qual fostes chamados à comunhão de seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor.***

O caminho para alguém vir a Deus é inseparável de Cristo. Razão pela qual nenhum indivíduo deveria desprezar este Caminho do amor de Deus, deixando que Cristo o conduza em seus próximos passos para crescer adequadamente também na comunhão com o Pai Celestial.

*João 14: 6 **Respondeu-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim.***

Por fim, gostaríamos de destacar neste capítulo ainda o aspecto de que também é na comunhão com Cristo que está a nossa preparação para sermos ensinados a orar em nome de Jesus diante do Pai Celestial e para orarmos segundo a vontade do próprio Pai Celeste.

No devido tempo, O Senhor Jesus nos anuncia previamente aquilo que o Pai Celestial deseja que peçamos a Ele e o que o Pai deseja que estejamos dispostos a fazer, para que, juntamente com Cristo, sejamos preparados para o momento em que o Pai nos perguntar o que queremos pedir ou para o momento em que o Pai nos perguntar o que perguntou a Isaías: “A quem enviarei, e quem há de ir por nós?”

Também em sua posição de *Advogado junto ao Pai*, Cristo nos oferece a sua ajuda e inclusive amizade para nos assistir para que como seus amigos e irmãos, saibamos nos portar diante de Deus também como um amigo de Cristo e irmão de Cristo deveria se portar diante do Pai Celestial.

Aquele que Cristo introduz ao Pai Celestial para ser atendido pelo Pai Eterno para pedir o que o Senhor lhe instruiu, o Pai Celestial também o atende quanto ao que este pedir a Ele em nome do seu Filho Amado Jesus Cristo.

Depois que alguns dos discípulos que andaram mais perto do Senhor foram também, por isto, ensinados por Cristo sobre a verdade e vários aspectos fundamentais da vontade de Deus, Ele mostrou a eles o quanto os tinha em consideração e qual viria a ser condição deles diante do Pai Celestial se também permanecessem na comunhão com Ele, conforme segue:

*João 15: 9 **Como o Pai me amou, também eu vos amei; permaneci no meu amor.***

*10 **Se guardardes os meus mandamentos, permaneceréis no meu amor; assim como também eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai e no seu amor permaneço.***

- 11 *Tenho-vos dito estas coisas para que o meu gozo esteja em vós, e o vosso gozo seja completo.*
- 12 *O meu mandamento é este: que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei.*
- 13 *Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos.*
- 14 *Vós sois meus amigos, se fazeis o que eu vos mando.*
- 15 *Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas tenho-vos chamado amigos, porque tudo quanto ouvi de meu Pai vos tenho dado a conhecer.*
- 16 *Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros e vos designei para que vades e deis fruto, e o vosso fruto permaneça; a fim de que tudo quanto pedirdes ao Pai em meu nome, ele vo-lo conceda.*

João 16: 23 Naquele dia, nada me perguntareis. Em verdade, em verdade vos digo: se pedirdes alguma coisa ao Pai, ele vo-la concederá em meu nome.

- 24 *Até agora nada tendes pedido em meu nome; pedi e recebereis, para que a vossa alegria seja completa.*
- 25 *Estas coisas vos tenho dito por meio de figuras; vem a hora em que não vos falarei por meio de comparações, mas vos falarei claramente a respeito do Pai.*
- 26 *Naquele dia, pedireis em meu nome; e não vos digo que rogarei ao Pai por vós.*
- 27 *Porque o próprio Pai vos ama, visto que me tendes amado e tendes crido que eu vim da parte de Deus.*

“**Naquele dia**”, mencionado no texto acima, é o dia quando nos apresentamos ao Pai Celestial preparados pelo Senhor Jesus Cristo para nos apresentarmos diante do Pai como Cristo nos ensinou a fazermos.

E novamente aqui, perguntamos por que, então, as pessoas não têm obtido tantas e tantas coisas que pedem a Deus?

Muitos não têm alcançado o favor do Pai Celestial no que pedem a Ele porque, primeiramente, não têm desenvolvido uma amizade com o Filho de Deus que morreu por eles na cruz, mas que também ressuscitou dentre os mortos para se relacionar pessoalmente com cada indivíduo.

Muitos não têm obtido respostas às questões que apresentam ao Pai Celestial porque não têm visto a Cristo como o Sumo Sacerdote de amor que o Pai deu em perfeito amor a eles para os ajudá-los e aperfeiçoá-los para se achegarem ao Pai, e também porque muitos não têm aceitado de bom grado e com respeito Aquele que lhes é dado como **Advogado** para assisti-los diante de Deus em toda a verdade.

Muitas pessoas têm procurado a Deus até com zelo e perseverança, mas não têm tido a intensão de fazê-lo em verdade, a qual, por sua vez, só é encontrada em Cristo Jesus. E por isto, oram, usam de vãs repetições, mas como não têm o respaldo do **Advogado junto ao Pai**, também não têm amparo do reino celestial no que pedem.

O Senhor Jesus quer que nos apresentemos com uma mente e atitudes renovadas diante de Deus, e também é exatamente por isto que Deus o estabeleceu como Mediador, Sumo Sacerdote segundo a Ordem de Melquisedeque e *Advogado* da nova aliança.

Cristo quer nos ensinar a orar ao Pai Celestial porque é muito comum as pessoas orarem a Deus objetivando somente os seus prazeres e deleites, fazendo-o sob a postura de arrogância.

Tiago 4: 2 Cobiçais e nada tendes; matais, e invejais, e nada podeis obter; viveis a lutar e a fazer guerras. Nada tendes, porque não pedis;

3 pedis e não recebeis, porque pedis mal, para esbanjardes em vossos prazeres.

4 Infiéis, não compreendeis que a amizade do mundo é inimiga de Deus? Aquele, pois, que quiser ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus.

Cristo nos ensina a pedirmos segundo a vontade de Deus, pois o nosso *Advogado* nos reveste de um espírito com entendimento e de humildade.

Por outro lado, se uma pessoa não é ensinada previamente por Cristo sobre a vontade de Cristo, ela muitas vezes apresenta pedidos ao Pai Celestial que de forma alguma são para o benefício da sua vida ou se seus semelhantes.

Portanto, meramente adicionar o “nome de Cristo” à uma oração ou para o desfecho de um pedido não faz com que esta oração seja de fato em “nome de Cristo” se ela for contrária à real vontade do Senhor Jesus e do Pai Celestial.

Se uma pessoa está com a sua vida alinhada com Cristo, o entendimento e sentimento de Cristo sobre aquilo que é apropriado ou o que não é apropriado acompanha também está pessoa que está Nele.

Colossenses 3: 15 Seja a paz de Cristo o árbitro em vosso coração, à qual, também, fostes chamados em um só corpo; e sede agradecidos.

Gostaríamos de mencionar aqui mais uma vez que aqueles que creem em Cristo e pedem ajuda a Cristo, como Sumo Sacerdote e *Advogado junto ao Pai* Celestial, são ensinados pelo Senhor a serem sinceros e confiarem Nele para abrirem a Ele o seu coração em confiança.

Cristo ensina aqueles que Nele creem a serem sempre sinceros de coração, mesmo quando erram, pois, assim, podem ter a consciência purificada dos pecados e das obras mortas da primeira aliança. Podem ter o corpo lavado pela palavra e verem removidas as manchas dos pensamentos e das práticas de injustiça. E ainda, Cristo se oferece a ensiná-los para que aprendam com Ele a usarem vestes do reino de Deus como às que Ele usa.

Assim, procurando falar de forma muito resumida o que foi procurado ser exposto neste capítulo, a comunhão contínua com Cristo também como o nosso Sumo

Sacerdote e **Advogado** é a perfeita forma de sermos preparados para falar continuamente e apropriadamente também com o Pai Celestial.

Em Cristo, antes de chegarmos diante do Pai Celestial com palavras apressadas, podemos com humildade pedir que o Senhor Jesus previamente nos ajude, purifique e nos ensine como pedir algo em humildade a Deus para que falemos com o Pai também com amor, reverência e respeito, assim como Cristo também sempre o faz e como Ele nos deixou exemplificado mesmo na hora da sua maior agonia na Terra.

*Marcos 14: 36 **E dizia: Aba, Pai, tudo te é possível; passa de mim este cálice; contudo, não seja o que eu quero, e sim o que tu queres.***

*Mateus 11: 29 **Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma.***

Cristo é o Advogado designado por Deus para nos preparar para chegarmos ao Pai Celestial e para cuidar de nós diante Dele.

Portanto, o nosso clamor neste ponto a Deus é para que o Espírito Santo nos auxilie a jamais esquecermos de também esse tão sublime aspecto da glória do Senhor Jesus Cristo e da bondade do Pai Celestial que nos designou o Filho do Seu Amor para esta assistência tão maravilhosa e transbordante de amor.

*1João 1: 9 **Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça.***

*10 **Se dissermos que não temos cometido pecado, fazemo-lo mentiroso, e a sua palavra não está em nós.***

*2:1 **Filhinhos meus, estas coisas vos escrevo para que não pequeis. Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo;***

*2 **e ele é a propiciação pelos nossos pecados e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro.***

C27. A Glória do Sumo Sacerdote que é o Autor e Consumador da Fé

A. A Condição Imprescindível da Fé na Vida de cada Ser Humano e de cada Cristão

Apesar de tudo o que o Senhor Jesus Cristo fez por nós, faz em nós e faz por nós até diante do Pai Celestial, como vimos no capítulo anterior, a assistência que Ele nos oferece e com a qual nos assiste como nosso Advogado, que também é o nosso Amigo, é parte de uma obra ainda mais ampla que Ele quer realizar em nós.

Na medida em que Cristo nos ajuda a confiarmos Nele e no Pai Celestial também para que o nosso coração seja iluminado para ser curado, o próprio Senhor continua a sua obra para conosco e se prontifica a edificar em nós tudo aquilo que necessitamos para uma vida segundo a vontade de Deus.

E, conforme já vimos anteriormente neste estudo e no estudo sobre O Evangelho da Promessa, a vida edificada em Deus é edificada também através de um elemento essencial que é a fé. A fé que atua pelo amor, através da qual o justo vive em Deus e sem a qual ninguém pode agradar a Deus.

Gálatas 5: 6 Porque, em Cristo Jesus, nem a circuncisão, nem a incircuncisão têm valor algum, mas a fé que atua pelo amor.

O assunto sobre a fé é um tema amplamente abordado na Bíblia. E o objetivo aqui não visa, de forma alguma, estender este assunto tão crucial para as mais variadas questões específicas da fé na vida cristã, pois a meta maior do presente estudo é focar no Evangelho da Glória Daquela que é “tudo em todos”, a saber: O Senhor Jesus.

Entretanto, quando trata-se do livro de Hebreus e da atuação de Cristo como o Sumo Sacerdote Eterno, entendemos que o assunto da fé não poderia deixar de ser mencionado destacadamente neste ponto, pois ele tem um papel indispensável e todo especial em tudo o que envolve a ação de Cristo na vida de um cristão.

Convém lembrar também que a fé não é a realização de um ato praticado uma única vez quando a pessoa recebe a salvação. A fé, pela qual uma pessoa recebe a salvação a ela oferecida pelo Senhor e experimenta o novo nascimento através do Espírito de Deus, é uma dádiva que uma pessoa necessita em toda a vida e a cada instante dela, similarmente a como uma pessoa, por exemplo, precisa se alimentar diariamente em sua condição natural.

A fé é concedida para que uma pessoa possa optar por receber a Cristo em seu coração, mas a fé também é concedida para que uma pessoa possa continuar optando em viver a vida cristã a cada novo dia. A fé é um aspecto essencial para que um “não cristão” possa vir a receber a condição de “cristão”, mas ela também é um meio vital para que aquele que se tornou “cristão” possa viver na nova condição de vida que lhe foi concedida.

Romanos 1: 16 **Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego;**

17 visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé.

Nenhuma pessoa pode viver na Terra sem que ela tenha passado pela concepção e por um nascimento, mas ninguém continua vivendo e se alimentando do ato que gerou o seu nascimento propriamente dito. Os fatos do nascimento possibilitaram o surgimento da vida, mas a vida passa a ser sustentada pelos fatos e condições específicas que também dão sustentação a ela posteriormente, havendo também a necessidade de ações e alimentações apropriadas para as diversas etapas desta vida.

Devido à grandeza do papel da fé em Deus na vida do cristão, não é muito fácil estabelecer um paralelo com ela na vida natural de uma pessoa. Entretanto, se tentássemos fazê-lo, poderíamos talvez dizer que a fé é uma virtude espiritual de vida que Deus concede a uma pessoa para ela agir a favor de si própria e até de outros no mundo, e através da qual o Senhor vivifica muitas partes da novidade de vida que ela pode ter em Deus. Assim como a capacidade que uma pessoa tem para decidir respirar, comer, beber, agir, trabalhar, se lavar e assim por diante a mantém ativa no mundo natural, assim a fé coopera para a sua vida espiritual no Senhor.

A dádiva da fé, concedida pelo Senhor, é o que permite uma pessoa tomar decisões na esfera espiritual que movimentam aspectos vivos a seu favor em todas as áreas da sua vida, assim como as decisões na vida natural movimentam aspectos vivos em relação ao corpo de uma pessoa, sendo a fé, por isto, tão valorosa e indispensável.

Assim como uma pessoa que tem a sua capacidade natural de tomar decisões afetada pode vir a não conseguir nem mais suprir os aspectos mais básicos da sua vida natural, assim também a pessoa debilitada em sua fé pode vir a não conseguir mais alcançar os aspectos essenciais da sua vida espiritual que inclusive acabam afetando também vários aspectos centrais da vida natural.

Considerando que o Evangelho de Deus é todo constituído sob a característica de ser uma oferta a quem ele é oferecido, a fé em Deus que uma pessoa pode ter é o aspecto que permite que ela decida voluntariamente se ela quer receber algo que da parte de Deus já está oferecido e disponível a ela.

Figuradamente e sob um dos seus aspectos, a fé em Deus é como ter o acesso Àquele que tem o conjunto de chaves que o próprio Deus dá a uma pessoa e que permite a ela abrir cada um das dádivas que o Senhor de antemão já ofereceu a esta pessoa através do Evangelho. A fé em Deus é como ter acesso Àquele que está disposto a conceder as combinações dos cofres que contém os mais diversos dons que uma pessoa necessita ou necessitará ter acesso durante a sua vida.

Continuando no exemplo do parágrafo anterior, se uma pessoa tem fé em Deus, ela pode acessar Àquele que detém as chaves de todos os aspectos que ela necessita, ou até alguns aspectos que ela simplesmente deseja ter e que pode pedir Àquele que concede todas as boas dádivas da vida. Se uma pessoa não tem a fé em Deus, ela nem tem acesso a realizar o pedido pelas chaves, muito menos tem acesso às dádivas que necessita ou almeja.

Quando o Senhor Jesus Cristo disse aos seus discípulos que Ele lhes concederia as chaves do reino dos céus, Ele estava se referindo também a conceder a eles a fé que permitiria que tivessem o acesso eterno a Ele próprio, em quem estão ocultos todos os tesouros e mistérios do conhecimento e da sabedoria.

- Colossenses 2: 1 **Gostaria, pois, que soubésseis quão grande luta venho mantendo por vós, pelos laodicenses e por quantos não me viram face a face;***
- 2 para que o coração deles seja confortado e vinculado juntamente em amor, e eles tenham toda a riqueza da forte convicção do entendimento, para compreenderem plenamente o mistério de Deus, Cristo,***
- 3 em quem todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão ocultos.***
- 4 Assim digo para que ninguém vos engane com raciocínios falazes.***

Ora, a fé é a certeza e o firme fundamento da esperança. E a certeza e o firme fundamento da esperança somente podem ser Aquele que pode garantir que a esperança possa ser cumprida satisfatoriamente e completamente conforme ela foi proposta, o que foi mais amplamente exposto no estudo sobre O Evangelho da Promessa.

Por isso, uma pessoa é salva quando, mediante a fé, invoca a Cristo como o Senhor, porque somente Cristo é apto para salvá-la de fato.

Como temos mencionado repetidamente em todos os estudos da presente série, Cristo é o ponto central para conhecermos o reino de Deus. Cristo é a salvação oferecida por Deus. Cristo é a justiça, a paz, o poder, a graça, o cumprimento das promessas de Deus e a sustentação da esperança das promessas do Senhor cujo cumprimento ainda há de ser revelado. E era por causa desta convicção que Paulo, assim como o autor do livro de Judas, mantinham tão grande luta a favor da fé dos que já haviam conhecido a Cristo.

A fé em Deus é uma condição onde uma pessoa tem a opção clara e a sobriedade ao menos suficiente de conseguir optar por confiar no verdadeiro Deus, o Único que efetivamente pode salvá-la e continuar auxiliando-a depois de lhe conceder a salvação e a novidade de vida celestial.

A fé em Deus, vista de forma concisa, é a condição dada por Deus a uma pessoa para que esta possa crer que Deus existe, que o Senhor é o firme fundamento da vida e que Deus também é a certeza de toda esperança, ao ponto dela confiar Nele e nas suas palavras ou instruções.

Se uma pessoa se diz confiante em Deus, também é de se esperar que ela confie nas palavras e orientações que o Senhor lhe concede, pois se uma pessoa tem confiança em Deus, ela também confiará que tudo o que o Senhor a instruir a fazer é segundo a justiça celestial e para um benefício verdadeiro e eterno para a sua vida.

A fé em Deus é um convite ou um ingresso que o Senhor concede a uma pessoa e pelo qual o Senhor confere a ela a capacidade e a opção de poder confiar no próprio Senhor, e que se for usado para confiar Nele, também garante que o Senhor se posicione a favor da pessoa que Nele crê para providenciar a realização do que esta pessoa creu para a salvação e para viver a vida como salva no Senhor.

Um dos aspectos relacionados a estar firme na fé, então, é “saber em quem se tem crido”, assim como ocorreu na vida de Sara.

A fé em Deus é o que Sara fez uso quando Deus falou com ela e com Abraão, conforme descrito abaixo:

*Hebreus 11: 11 **Pela fé, também, a própria Sara recebeu poder para ser mãe, não obstante o avançado de sua idade, pois teve por fiel aquele que lhe havia feito a promessa.***

Assim, no que diz respeito às decisões das pessoas quanto à sua vida espiritual e a vida eterna, a fé em Deus, inicialmente, é o que elas têm de mais precioso na Terra.

De modo geral, Deus definitivamente é o que as pessoas têm de mais precioso na vida. Entretanto, olhando pelo lado das principais decisões com as quais uma pessoa pode se deparar, a fé é, inicialmente, o que elas têm de mais precioso.

Ou seja, a fé é a primeira virtude ou dádiva celestial que um indivíduo pode receber pessoalmente para optar em se conectar a um relacionamento adequado com Deus que sustenta toda a sua vida.

Sem a fé em Deus, uma pessoa não está amparada para estabelecer uma conexão adequada entre ela e tudo o que Deus é e lhe quer dar através do Evangelho. Uma pessoa sem fé é como uma pessoa sem Deus no mundo quanto à salvação eterna e quanto ao Evangelho que o Senhor quer conceder a este indivíduo, apesar de Deus, através do seu Espírito, estar em todo lugar e sustentar a tudo e a todos.

Citamos que a fé em Deus, inicialmente, é o ponto mais importante que uma pessoa necessita na sua relação para com Deus porque também é pela cooperação da atuação da fé no Senhor, que há na vida de um indivíduo, que Deus fortalece cada pessoa para também alcançar a esperança e o amor. A Bíblia declara que o amor é o maior entre estes três aspectos, mas para chegar à compreensão do amor, uma pessoa também passa pela esperança e pela fé em Deus.

Em termos de estabelecimento da comunhão do ser humano com Deus, a fé em Deus é absolutamente essencial, pois é somente pela graça que pode ser recebida mediante a fé que uma pessoa é associada à novidade de vida celestial que há exclusivamente em Deus.

Se for visto no sentido oposto, a expressão “**o justo viverá mediante a sua fé**” também significa que “não há vida espiritual verdadeira” ou “não há vida de um justo” se uma pessoa se dissociar da fé, mostrando-nos, também desta maneira, a condição imprescindível da fé para a vida eterna de cada ser humano e também para cada indivíduo que já se encontra na condição de cristão.

B. O Autor e Consumador da Dádiva Chamada Fé

Apesar de ter sido citado no tópico anterior que a fé é “uma virtude ou uma dádiva que Deus concede às pessoas”, entendemos ser altamente necessário reafirmar isto em um tópico específico para evidenciar esta característica da fé.

Devido à essencial relevância da fé e o que é apregoado que pode ser alcançado mediante a fé, muitas pessoas podem ser despertadas, e têm sido, a querer obter esta fé a qualquer custo ou de qualquer maneira por causa dos benefícios que passam a pensar que podem obter através da fé.

Entretanto, o fato de uma pessoa querer “ter fé” não significa que ela de fato saiba o que vem a ser fé, onde a fé é localizada e como ela pode ser obtida.

Saber que algo extremamente vital existe e saber da necessidade disto não significa automaticamente saber onde exatamente localizar o que se deseja e nem significa saber como obter aquilo que se deseja ainda que, eventualmente, até já se saiba o local para encontrá-lo.

Quando as pessoas ouvem sobre algo que é muito significativo e do qual necessitam, muitas entre elas logo ficam ávidas para obtê-lo, mas não ouvem a parte sobre “como” aquilo que elas necessitam pode ser alcançado. Muitas vezes ao ouvirem sobre algo que lhes poderia ser favorável, as pessoas já começam, elas próprias, a pensar e planejar como elas irão fazer para obter o que lhes foi informado que necessitam, como se tudo o que elas precisam dependesse do seu esforço e das suas ações para ser alcançado.

Sob este ímpeto de pensar que podem e devem alcançar por esforço o que lhes é ensinado ser necessário, crucial ou vital, as pessoas inclusive podem vir a compreender de forma distorcida a principal obra que Cristo admoesta a cada ser humano realizar e que se encontra descrita no texto abaixo:

*João 6: 28 **Dirigiram-se, pois, a ele, perguntando: Que faremos para realizar as obras de Deus?***
*29 **Respondeu-lhes Jesus: A obra de Deus é esta: que creiais naquele que por ele foi enviado.***

Portanto, para avançarmos mais sobre o aspecto sobre “como” uma pessoa pode ter fé em Deus ou exercer a fé no Senhor, gostaríamos de abordar a seguir o ponto de que a fé em Deus se divide ao menos em dois grandes itens, a saber:

- ⇒ 1) A fé em Cristo Jesus como o Enviado do Pai Celestial ao mundo para prover a salvação à todo aquele que crê Nele nesta condição;
- ⇒ 2) A fé em Deus que Cristo concede como uma dádiva ou virtude à todo aquele que já creu que Ele é o Enviado de Deus para salvação ou que já recebeu a Cristo como o Senhor da sua vida.

Começando, então, pelo primeiro aspecto da fé descrito no parágrafo anterior, podemos ver nas Escrituras que ele é oferecido através do anúncio do Evangelho à todas as pessoas do mundo.

Já quanto ao segundo aspecto da fé destacado no parágrafo acima, podemos ver que ele é concedido somente àqueles que recebem o primeiro aspecto oferecido à todos.

O primeiro aspecto central da fé em Deus é oferecido às pessoas para ser obtido quando elas inclinam os seus ouvidos para ouvir o que a palavra de Deus proclamada tem a falar a elas sobre o Cristo Redentor e a salvação que lhes está disponível Nele. E também é fruto da atuação do Espírito Santo e da bondade de Deus para que uma pessoa encontre o arrependimento do seu pecado de afastamento de Deus e para que possa optar livremente por receber a Cristo como Senhor em seu coração.

*Romanos 10: 16 **Mas nem todos obedecem ao evangelho; pois Isaías diz: Senhor, quem creu na nossa pregação?***

*17 **De sorte que a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus.** (RC)*

*João 16: 8 **Quando ele (o Espírito Santo) vier, convencerá o mundo do pecado, e da justiça, e do juízo:***

*9 **do pecado, porque não creem em mim;***

*10 **da justiça, porque vou para o Pai, e não me vereis mais;***

*11 **do juízo, porque o príncipe deste mundo já está julgado.***

*Romanos 2: 4 **Ou desprezas a riqueza da sua bondade, e tolerância, e longanimidade, ignorando que a bondade de Deus é que te conduz ao arrependimento?***

*2 Coríntios 6: 2 **(porque ele diz: Eu te ouvi no tempo da oportunidade e te socorri no dia da salvação; eis, agora, o tempo sobremodo oportuno, eis, agora, o dia da salvação).***

A questão da fé que Deus permite uma pessoa alcançar para a salvação é muito simples de ser praticada.

A questão do primeiro aspecto principal da fé está à disposição de todos na medida em que uma pessoa ouve sobre o Evangelho que lhe oferece novidade de vida eterna em Cristo, podendo ela ter duas opções em relação a este Evangelho: Aceitar a Cristo como Senhor da sua vida ou rejeitá-lo quer passivamente ou quer ativamente.

*Romanos 1: 16 **Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego.***

*Romanos 10: 4 **Porque o fim da lei é Cristo, para justiça de todo aquele que crê.***

*Romanos 10: 9 **Se, com a tua boca, confessares Jesus como Senhor e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo.***

10 Porque com o coração se crê para justiça e com a boca se confessa a respeito da salvação.

11 Porquanto a Escritura diz: Todo aquele que nele crê não será confundido.

12 Pois não há distinção entre judeu e grego, uma vez que o mesmo é o Senhor de todos, rico para com todos os que o invocam.

13 Porque: Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.

O primeiro aspecto da fé mencionado acima é simples assim como exposto nos textos acima, onde um dos principais fatores que pode se interpor para uma pessoa não optar por ele é se ela ainda não teve a oportunidade de ouvir sobre as referidas boas novas de Deus, chamadas também de Evangelho de Deus, de Cristo, do Reino de Deus, da Salvação e de tantos outros aspectos.

E considerando que este primeiro grande aspecto da fé já foi mais amplamente tratado em estudos como O Evangelho da Salvação, O Evangelho da Graça e O Evangelho da Justiça de Deus, não queremos avançar nele no presente material e também porque de fato os versos recém citados acima já contêm a descrição de “como” este aspecto da fé pode ser obtido, a saber mais uma vez: Crer em Cristo e clamar a Ele como Senhor para ser salvo por Ele.

O que Cristo fez para nos estender a salvação é algo imensurável quanto à riqueza e profundidade de detalhes como em quantidade de ações. Entretanto, tudo o que foi necessário foi feito para que a salvação pudesse ser nos oferecida de forma muito simples ou segundo a simplicidade que somente há em Cristo Jesus para que todos que quiserem recebê-lo possam também ser salvos.

Já quanto ao segundo grande aspecto da fé, a fé em Deus depois de ter recebido a Cristo como Senhor e ter sido incluído na salvação de Deus, podemos observar que este aspecto de fé já passa a requerer um ensino mais amplo de como ela nos é concedida e como ela pode ser usada em todo o tempo e em todas as atividades da vida de um cristão.

Convém salientar aqui mais uma vez que este segundo aspecto da fé é exclusivo para aqueles que receberam a Cristo em suas vidas. Assim, não faz sentido requerer de um não cristão a compreensão do que ele ainda não recebeu, assim como também não faz sentido querer que um não cristão aja de acordo com este segundo aspecto da fé ou que ele se empenhe a ter este tipo de fé, visto que ele somente pode ser obtido por quem exercer em relação a Cristo, primeiramente, o primeiro grande aspecto da fé.

Em seu segundo aspecto central, a fé em Deus é exclusiva para quem recebeu um novo coração. É exclusiva para quem “nasceu de novo através de Cristo”, o Espírito Vivificante. É exclusiva para quem abriu o coração para voluntariamente receber o Reino de Deus em sua vida.

Tentar requerer que alguém viva mediante a fé em Deus, sem que antes tenha recebido a Cristo, é exigir de um indivíduo que o seu coração esteja firmado em um novo fundamento sem oferecer, antes, que ele possa vir a se colocar no novo fundamento. É exigir que uma pessoa tenha novas atitudes a partir do interior do seu coração sem, contudo, ter recebido o novo no coração para que este novo possa dele ser extraído.

Tentar exigir que alguém viva mediante a fé em Deus sem que antes tenha recebido a Cristo é tentar impor um fardo pesadíssimo à uma outra pessoa. É tentar estabelecer um padrão de conduta para uma pessoa sem dar as condições para que ela possa alcançar o que é requerido.

Conforme já foi comentado no estudo sobre O Evangelho da Promessa, a fé em Deus não é uma convicção pessoal em que um indivíduo crê que a própria convicção pessoal pode fazer o mundo ou partes dele se moverem. Isto está na linha que propõe a ideia do “pensamento positivo”. É pensar que a fé é crer que a crença pessoal tem poder em si mesma para fazer acontecer o que se espera ou deseja. É pensar que a obra de convicção humana é capaz de produzir as obras que movem o universo.

O universo se move quer uma pessoa creia ou não creia que Deus o sustente, pois é Cristo que tudo sustenta através do poder da sua própria palavra, conforme já vimos várias vezes no presente estudo.

A fé em Deus, em conformidade com o segundo aspecto central da fé abordado neste tópico, não é algo que uma pessoa possa exercer, praticar ou crescer antes de recebê-la, pois como alguém poderá crescer naquilo que ainda não lhe foi concedido?

A fé em Deus, tanto no seu primeiro como no seu segundo aspecto central, é uma dádiva oferecida por Deus aos seres humanos, pois se Deus não tivesse enviado a Cristo ao mundo ninguém poderia crer Nele. Entretanto, similarmente, convém destacar que a fé em Deus, no seu segundo grande aspecto, também somente é possível ser acessada se ela antes foi recebida como uma dádiva celestial.

Considerando que a fé em Deus é um benefício ou uma boa e perfeita dádiva, ela não poderia ter outra origem a não ser como uma dádiva vinda do alto para aqueles que a recebem:

*Tiago 1: 16 Não vos enganéis, meus amados irmãos.
17 Toda boa dádiva e todo dom perfeito são lá do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não pode existir variação ou sombra de mudança.*

Assim, por que é impossível alguém agradar a Deus se não for mediante a fé? Por que, então, não é possível um justo viver sem que seja mediante a fé?

A impossibilidade de agradar a Deus, a não ser pela fé, reside no fato da pessoa desprezar o que o próprio Deus concedeu a ela para poder viver a vida segundo a vontade de Deus e não segundo a carne, o mundo e as trevas.

Quem despreza a fé em Deus, despreza também uma dádiva que Deus dá às pessoas para que elas possam estabelecer uma vida de confiança Nele e de amor por Ele.

Deus requer que as pessoas vivam mediante a fé Nele para se relacionarem com Ele, porque Ele, primeiramente, já nos deu a dádiva da fé para, exatamente, podermos confiar Nele.

Deus não requer que as pessoas usem o que não lhes foi primeiramente provido do céu.

Além disso, a fé em Deus vai muito além do conhecimento que uma pessoa pode ter sobre um fato ou até sobre a convicção que ela tem sobre um fato. Uma pessoa pode crer que algo seja de fato como é dito que é e, ainda assim, não ter fé naquilo que ela crê que é verdade.

Meramente crer que alguém ou algo existe, ou simplesmente crer que alguém ou algo pode, eventualmente, vir a realizar alguma coisa, não é o que é chamado de fé em Deus. E insistir nisto, é tentar introduzir uma dissimulação do que vem a ser verdadeiramente a fé em Deus ou até o que vem a ser a fé mencionada nas Escrituras.

Tiago 2: 19 Crês, tu, que Deus é um só? Fazes bem. Até os demônios creem e tremem.

No quesito de meramente crer que algo existe ou possa existir, muitas pessoas inclusive estão em posição até inferior aos demônios, porque nem creem naquilo que os demônios já creem, e que é a existência de um só e Eterno Deus.

Apesar do próprio príncipe do mundo das trevas e suas hostes tentarem induzir as pessoas a não crerem em um só Deus para manter elas afastadas do Criador Eterno, o império das trevas sabe que as evidências de toda a criação proclamam a glória de Deus e cooperam para que as pessoas creiam que Deus existe e está presente na sustentação de todo o universo.

Entretanto, o que Deus oferece às pessoas em Cristo é mais do que um conhecimento geral de que Deus existe e a mera crença nesta existência.

O que Deus oferece às pessoas através de Cristo ou em Cristo é para que elas possam passar da crença geral na existência de Deus para a “fé em Deus” segundo aquilo que está descrito sobre esta fé nas Escrituras.

Diferentemente do crer no sentido de saber que algo existe e é real, a “fé em Deus”, conforme já comentado, é uma dádiva em que uma pessoa alcança uma condição, ao menos mínima, de sobriedade para optar por também confiar a sua vida à Deus, além do crer que Deus exista.

Diante disso, uma pessoa incrédula, então, é um indivíduo que ainda não crê em Cristo como o Senhor da sua vida ou um indivíduo que não exerce a fé que lhe foi dada por Deus se ele já recebeu a Cristo no coração. Portanto, aquele que crê que Deus existe, mas não confia Nele ou não confia a sua vida aos cuidados de Deus segundo o Senhor a orienta a fazer, também é uma pessoa sem fé, uma pessoa que não exerce a fé que lhe foi dada por Deus ou um indivíduo que não vive mediante a fé no Senhor.

Em alguns textos expostos nos capítulos anteriores, acabamos de ver que aqueles que querem se valer das suas obras para se justificarem para se relacionarem com o Criador Eterno, também são as pessoas que não agem mediante fé ou são desprovidas de fé embora creiam no mesmo Deus que um cristão crê e embora creiam que Deus pode recompensá-los se tão somente fizerem as obras estipuladas na lei à qual estão associadas.

As pessoas sujeitas Ordem de Arão ou similares a ela, por exemplo, podem crer que Deus existe e que Ele é o Único Deus do qual podem e deveriam obter bênçãos, mas ainda assim não terem a “fé em Deus” ou a “fé dada por Deus”. E isto, por não crerem em Cristo como Deus as instrui a crer.

1 João 5: 9 Se admitimos o testemunho dos homens, o testemunho de Deus é maior; ora, este é o testemunho de Deus, que ele dá acerca do seu Filho.

10 Aquele que crê no Filho de Deus tem, em si, o testemunho. Aquele que não dá crédito a Deus o faz mentiroso, porque não crê no testemunho que Deus dá acerca do seu Filho.

11 E o testemunho é este: que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está no seu Filho.

12 Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida.

João 20: 30 Na verdade, fez Jesus diante dos discípulos muitos outros sinais que não estão escritos neste livro.

31 Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome.

João 7: 38 Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva.

À luz das Escrituras, não crer em Cristo como o Filho de Deus em quem está toda a vida e toda a provisão para a vida eterna é ser incrédulo. É não viver segundo a fé em Deus ou a fé de Deus, ainda que um indivíduo alegue ter convicção de que Deus existe como o Único Criador do Universo.

Não crer em Deus ou crer em Deus segundo aquilo que as pessoas pensam que devem crer em Deus é igualmente carecer da fé em Deus. É não usar da fé em concordância com os termos que Deus estabeleceu para uma pessoa viver mediante a fé, o que, em outras palavras, é não crer de fato em Deus como Ele se apresenta a nós em Cristo Jesus.

Portanto, quando nos deparamos com este fato de que a fé não são as fortes convicções de uma pessoa, mas que a fé é uma dádiva concedida por Deus para que um indivíduo, em humildade e até em fraqueza, possa confiar em Deus que é forte e todopoderoso para sustentá-lo e guiá-lo em toda a sua vida, também nos deparamos com o fato de que precisamos ser ensinados sobre como esta fé nos é concedida, o que é esta fé e como podemos viver com entendimento celestial de acordo com esta fé.

Uma vez que a fé, em seu segundo aspecto central, é uma dádiva vinda de Deus para quem aceitou a Cristo, a fé e a forma de viver mediante esta fé não são conhecidas amplamente já no primeiro momento em que uma pessoa recebe o dom da fé em Deus mediante a graça.

Enquanto o mundo apregoa a vida pelo esforço e justiça própria, pela força da carne, pelas convicções pessoais ou pela convicção dos seus rudimentos, as Escrituras, quanto à fé, nos apregoam a aprendermos a chegar mesmo com as nossas fraquezas a Deus na confiança e expectativa de que Ele nos ajudará apesar delas e nos instruirá inclusive naquilo sobre o que não temos conhecimento ou qualquer convicção.

Assim, em um das suas primeiras características, o lugar de descanso para a alma humana está em usar da fé que Deus concede a um indivíduo para confiar no próprio Deus e para receber de Deus a convicção de que Ele estará sempre com ela.

*2 Coríntios 12: 9 **Então, ele me disse: A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza. De boa vontade, pois, mais me gloriarei nas fraquezas, para que sobre mim repouse o poder de Cristo.***

*Mateus 11: 28 **Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei.***

*29 **Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma.***

*2 Timóteo 1: 12(b) ... **porque sei em quem tenho crido e estou certo de que ele é poderoso para guardar o meu depósito até aquele Dia.***

Desta forma, podemos ver que o tema da fé em Deus, associado ao contexto da glória de Cristo em que o Senhor é o Sumo Sacerdote Eterno e Advogado Amigo dos cristãos, é muito útil e esclarecedor quanto a como é a tão imprescindível e valiosa fé e como ela pode vir a ser estabelecida em cada coração humano.

Ver a fé em Deus sob o contexto do Evangelho da Glória de Cristo é particularmente significativo e valioso porque ele evidencia que a fé em Deus é uma dádiva para ser usada pelas pessoas em relação ao próprio Senhor e que esta fé não pode ser alcançada e estabelecida pelas próprias pessoas ainda que elas tentem alcançá-la através de muitas ações, esforços ou intensa busca por méritos ou justiça própria.

No seu segundo grande aspecto que mencionamos neste tópico, a fé em Deus é uma dádiva celestial dada a nós mediante a graça eterna de nosso Senhor e Salvador, assim como são a salvação, a justiça, a paz e o poder de Deus.

A fé nos é concedida para ser recebida e usada mediante a graça assim como podemos, pela mesma graça, acessar os outros atributos do Senhor.

Assim como as demais dádivas de Deus são encontradas em Cristo Jesus, visto que Ele é o Mediador da nova aliança e a manifestação viva dos atributos de Deus, assim também a dádiva da fé em Deus é somente encontrada em Cristo Jesus.

Tendo em vista a condição essencial que a fé em Deus representa na vida de cada cristão, Deus jamais nos deixaria desamparados no que se refere a termos acesso à fé que Ele nos concede para confiarmos Nele, assim como também jamais nos deixaria desamparados e desassistidos no conhecimento de como podemos viver e andar na fé que Ele graciosamente nos concede.

Portanto, quando uma pessoa passa a compreender que a fé em Deus é uma dádiva que acompanha a salvação e a nova aliança, e quando ela passa a compreender que, além da fé, o Senhor lhe oferece plena assistência para aprender a viver segundo a fé

em Deus, todo um horizonte ou uma nova perspectiva da vida com Deus começa a ser exposta e tornada clara diante da pessoa que alcançou estas compreensões.

Saber que a fé nos é dada juntamente com Cristo e saber que Cristo nos é dado como Aquele que nos assiste a aprendermos a andar, crescer e ser estabelecidos nesta fé em Deus descortina toda uma nova maneira de viver e nos mostra um dos principais aspectos de como Deus quer que vivamos para alcançarmos a sua boa, perfeita e agradável vontade celestial.

“Em Cristo” está a nossa fonte de fé para que esta dádiva possa ser utilizada amplamente. E é também “em Cristo” que está a provisão para que esta fé se estabeleça para o propósito que nos foi designada.

O mesmo Sumo Sacerdote Eterno que nos assiste em tudo diante de Deus é aquele que nos assiste para termos a nossa confiança Nele e em Deus sempre diante dos olhos do nosso entendimento bem estabelecida e firmada, se tão somente permanecermos Nele e com os olhos fitos Nele.

*Hebreus 12: 1 **Portanto, também nós, visto que temos a rodear-nos tão grande nuvem de testemunhas, desembaraçando-nos de todo peso e do pecado que tenazmente nos assedia, corramos, com perseverança, a carreira que nos está proposta,***
2 olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus, o qual, em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia, e está assentado à destra do trono de Deus.

*Romanos 8: 32 **Aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura, não nos dará graciosamente com ele todas as coisas?***

Assim, o Senhor Jesus Cristo, como nosso Sumo Sacerdote Eterno, também é nosso **Autor e Consumador da Fé em Deus**, através da qual podemos viver de forma agradável a Deus e conforme uma pessoa justificada em Cristo é chamada a viver e andar.

Quando Deus chama um cristão a viver pela fé, Ele somente está pedindo para este cristão usar aquilo que o Senhor já depositou nele quando lhe concedeu o Senhor Jesus Cristo no seu coração e como instrutor que se dispõe a lhe ensinar pessoalmente a viver e ser consolidado na fé em Deus.

*1Pedro 1: 20 **(Cristo) foi conhecido, com efeito, antes da fundação do mundo, porém manifestado no fim dos tempos, por amor de vós***
21 que, por meio dele, tendes fé em Deus, o qual o ressuscitou dentre os mortos e lhe deu glória, de sorte que a vossa fé e esperança estejam em Deus.

*2Pedro 1: 1 **Simão Pedro, servo e apóstolo de Jesus Cristo, aos que conosco obtiveram fé igualmente preciosa na justiça do nosso Deus e Salvador Jesus Cristo.***

Se retornarmos ainda ao exemplo dos capítulos anteriores, onde Isaías se viu na presença de Deus ou diante do majestoso trono de Deus, vemos que Isaías jamais teria fé para se oferecer a Deus para fazer uma obra de profeta para com o seu povo, pois ele se via como um homem de lábios impuros. Entretanto, depois que Isaías foi curado na presença do Senhor através do que Deus fez nele e por ele, e quando, em seguida, Deus perguntou quem iria por Ele para falar a um povo a quem Deus queria enviar uma mensagem, Isaías se prontificou em fé ou em firme confiança diante de Deus para se oferecer a realizar o que Senhor perguntou para ser feito, cujo texto repetimos a seguir:

*Isaias 6: 6 **Então, um dos serafins voou para mim, trazendo na mão uma brasa viva, que tirara do altar com uma tenaz;**
7 **com a brasa tocou a minha boca e disse: Eis que ela tocou os teus lábios; a tua iniquidade foi tirada, e perdoado, o teu pecado.**
8 **Depois disto, ouvi a voz do Senhor, que dizia: A quem enviarei, e quem há de ir por nós? Disse eu: eis-me aqui, envia-me a mim.***

O que sucedeu com Isaías diante do trono celestial é o que o Pai Celestial semelhantemente quer fazer em nós e por nós através do Senhor Jesus Cristo.

O Senhor Jesus Cristo primeiro nos concede fé para que possamos usá-la para crer Nele e confiar Nele. Depois que confiamos Nele e permitimos que Ele nos guie, o Senhor Jesus Cristo passa a atuar em nosso favor como o Sumo Sacerdote Eterno e nos assiste para venhamos a nos conhecer como somos diante da luz de Deus, mas também como Advogado para obtermos um veredito de perdão e misericórdia, acrescido da fé para crer neste perdão.

Entretanto, ainda há outros passos ou conjuntamente com os anteriores em que o Senhor Jesus vai mais adiante e edifica em nós uma certeza de que somos aceitos diante de Deus para ouvir o querer de Deus e pedirmos segundo esta vontade na confiança de que também seremos atendidos pelo Pai Celestial.

*1 João 5: 13 **Estas coisas vos escrevi, a fim de saberdes que tendes a vida eterna, a vós outros que credes em o nome do Filho de Deus, e para que continueis a crer em o nome do Filho de Deus.**
14 **E esta é a confiança que temos para com ele: que, se pedirmos alguma coisa segundo a sua vontade, ele nos ouve.**
15 **E, se sabemos que ele nos ouve quanto ao que lhe pedimos, estamos certos de que obtemos os pedidos que lhe temos feito.**
(RA+NKJV)*

Sem um relacionamento com Cristo uma pessoa nem poderá vir a conhecer mais amplamente a vontade de Deus para a sua vida, pois Cristo é o Mediador de tudo o que se refere à nova aliança, Entretanto, o Senhor também nos mostra que Ele é o Mediador da fé e que Ele inclusive é chamado nas Escrituras de **Autor e Consumador da nossa fé**, conforme já mencionamos acima.

E novamente neste ponto, podemos ver que a fé, em primeiro lugar, não depende do ser humano. Se um indivíduo rejeitar a Cristo e a graça que Deus lhe oferece mediante

o Senhor Jesus, ele também fica desprovido da possibilidade de ter a fé concedida por Deus à sua vida, pois se ele rejeita o **Autor e Consumador da fé**, ele implicitamente também rejeita a fé que este **Autor e Consumador** poderia lhe conceder.

*Romanos 9: 16 **Assim, pois, não depende de quem quer ou de quem corre, mas de usar Deus a sua misericórdia.***

*2 Ts 3: 1 **Finalmente, irmãos, orai por nós, para que a palavra do Senhor se propague e seja glorificada, como também está acontecendo entre vós;***

*2 **e para que sejamos livres dos homens perversos e maus; porque a fé não é de todos.***

Ainda quanto ao aspecto de Cristo ser o **Autor e Consumador da fé em Deus**, gostaríamos de destacar que no livro de Hebreus vemos uma grande lista de pessoas que receberam a graça de terem a fé em Deus. Entretanto, entendemos que não é apropriado chamá-los de “grandes homens ou mulheres da fé” ou “generais da fé”, pois eles em si próprios não eram grandes, somente Deus que lhes concedeu a fé é que era.

As pessoas descritas no capítulo 11 do livro de Hebreus eram pessoas comuns e que creram em Deus quando Deus lhes deu a oportunidade de, através do Senhor, terem a fé vinda de Deus para crerem naquilo que o Senhor lhes chamou a crer.

Portanto, quando as Escrituras nos ensinam para considerarmos aquelas pessoas descritas no livro de Hebreus, capítulo 11, como modelo de vida de fé em Deus, elas estão apontando para o aspecto de que a fé em Deus também nos está disponível se a buscarmos junto ao **Autor e Consumador da nossa fé** ou, sendo mais específico, se mantivermos os olhos fitos no **Autor e Consumador da nossa fé**.

As pessoas narradas no capítulo 11 do livro Hebreus já se foram da Terra e não tem mais atuação no presente mundo. Entretanto, o mesmo Deus continua operando com o mesmo poder. E tentar alegar que Deus não opera mais com o mesmo poder é negar o poder eterno do Soberano Deus que atua em todas as gerações.

Além disso, o mesmo texto do capítulo 11 do livro de Hebreus declara que Deus não somente nos estende a mesma possibilidade de fé que foi concedida às gerações passadas como ainda declara que o Senhor separou coisa superior para nós.

E o que poderia ser este aspecto superior que Deus preparou para aqueles que vivem no mundo a partir da obra de Cristo na cruz do Calvário, da sua ressurreição dentre os mortos e da revelação do seu ministério de Sumo Sacerdote segundo a Ordem de Melquisedeque?

*Hebreus 11: 39 **Ora, todos estes que obtiveram bom testemunho por sua fé não obtiveram, contudo, a concretização da promessa,***
*40 **por haver Deus provido coisa superior a nosso respeito, para que eles, sem nós, não fossem aperfeiçoados.***

*12: 1 **Portanto, também nós, visto que temos a rodear-nos tão grande nuvem de testemunhas, desembaraçando-nos de todo peso e do***

*pecado que tenazmente nos assedia, corramos, com perseverança, a carreira que nos está proposta,
 2 olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus, o qual, em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia, e está assentado à destra do trono de Deus.*

O ponto *superior* que o Pai Celestial nos preparou ou de maior destaque em relação a todos os outros sempre é o Senhor Jesus Cristo que Deus nos concede graciosamente para *ser tudo em todos*.

Desta forma, Deus coroa o chamado para andarmos mediante a fé Nele nos provendo de um Sumo Sacerdote perfeito e eterno para auxiliar a todos que querem a vida Deus mediante esta fé no Senhor a alcançarem este propósito tão especial e sublime, e também nele serem estabelecidos.

Um cristão “não tem que ter fé por si próprio”, mas ele pode aceitar o convite de Deus e usar “da medida de fé que Deus lhe deu para olhar para Jesus”, **o Autor e Consumador da fé**, e não mais tirar os olhos Dele para a cada dia crescer e ser mais firmemente estabelecido nesta dádiva preciosa e imprescindível que há exclusivamente no Senhor.

A fé que Deus inicialmente dá aos cristãos através de Cristo primordialmente é a fé para olhar para o Senhor Jesus, o nosso Sumo Sacerdote perfeito que nos ajuda em todos os outros passos da fé e da qual ninguém jamais deveria se apartar.

Judas 1: 3 Amados, procurando eu escrever-vos com toda a diligência acerca da comum salvação, tive por necessidade escrever-vos e exortar-vos a batalhar pela fé que uma vez foi dada aos santos. (RC)

Portanto, o Senhor Jesus Cristo, o Sumo Sacerdote Eterno e o nosso Advogado junto ao Pai Celestial, também é **o Autor e Consumador da nossa fé** tanto diante de Deus como também quando estamos diante dos mais diversos desafios no presente mundo.

Se um cristão pensa que ainda não tem fé para algo específico que Deus lhe orienta a fazer, mas crê em Jesus como seu Sumo Sacerdote e Advogado, e abre os olhos e olha para Ele, fixa a atenção do seu coração em Jesus, este cristão se abre para que o próprio Senhor produza e complete nele a fé que necessita para crer nas demais orientações dadas a ele por Deus.

Efésios 5: 14 Pelo que diz: Desperta, ó tu que dormes, levanta-te de entre os mortos, e Cristo te iluminará.

Ou seja, depois que uma pessoa recebe a Cristo no coração, qual é a primeira obra que ele deverá continuar fazendo em toda a sua vida?

A resposta à pergunta anterior sempre continua sendo a mesma que permitiu que ele se tornasse cristão. Vejamos esta obra mais uma vez:

*João 6: 29 **Respondeu-lhes Jesus: A obra de Deus é esta: que creiais naquele que por ele foi enviado.***

Se a fé fosse desenvolvida e estabelecida através da força humana e não pelo olhar para Cristo, **o Autor e Consumador da fé**, ela seria concebida por obras da carne, e não pela graça, recaindo novamente em obras da injustiça e não da justiça celestial.

Assim, quanto a fé, Deus primeiramente pede para os seus filhos crerem que o próprio Senhor Jesus Cristo é também **o Autor e Consumador da sua fé**. E se isto fizerem e permanecerem em Cristo, os demais frutos da fé brotarão pela graça a partir deste relacionamento.

Em relação a alguns aspectos, o Senhor Jesus Cristo concede a fé para uma atuação quase que instantaneamente. Em relação a outros, porém, pode ser que a preparação da fé para eles ocorra durante anos. Entretanto, o aspecto crucial em tudo, em todos os momentos ou para cada etapa do processo, é sempre ter os olhos fixos no Senhor Jesus.

Em Cristo Jesus, que é o **Autor e Consumador da nossa fé**, mas também Aquele que, apesar de Senhor, é manso e humilde no coração, o cristão tem Aquele que tira os fardos de crenças e de performance que o Senhor não lhe impôs. E ainda, tem no Senhor Aquele que lhe concede força para suportar todos os desafios de fé que o Pai Celestial lhe propuser durante a jornada da sua vida no mundo presente.

Assim, ninguém precisa se achar pequeno demais diante de Deus, pois na obra de fé no Senhor, não são as pessoas que são grandes, mas o Soberano Deus das pessoas que creem Nele é que é.

*1Coríntios 1: 26 **Irmãos, reparaí, pois, na vossa vocação; visto que não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento;***
*27 **pelo contrário, Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes;***
*28 **e Deus escolheu as coisas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são;***
*29 **a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus.***
*30 **Mas vós sois dele, em Cristo Jesus, o qual se nos tornou, da parte de Deus, sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção,***
*31 **para que, como está escrito: Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor.***

*1 Coríntios 12: 4 **Ora, os dons são diversos, mas o Espírito é o mesmo.***
*5 **E também há diversidade nos serviços, mas o Senhor é o mesmo.***
*6 **E há diversidade nas realizações, mas o mesmo Deus é quem opera tudo em todos.***

Filipenses 2: 13 **Porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade.**

Sem Cristo ninguém pode vir ao Pai Celestial, pois somente Ele é quem concede a fé e assiste as pessoas para poderem chegar ao trono da graça de Deus.

Entretanto, “em Cristo” podemos exercer um sacerdócio diante de Deus amparados e em conjunto com o nosso Sumo Sacerdote Eterno, segundo a Ordem de Melquisedeque, para que conheçamos ao nosso Eterno Pai Celestial e sejamos capacitados na fé para podermos crer no Senhor e viver aquilo que, segundo a preciosa e perfeita vontade de Deus, já nos foi tornado disponível no Evangelho de Deus.

Assim:

Romanos 1: 16 **Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego;**

17 visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé.

2Pedro 2: 1 **Simão Pedro, servo e apóstolo de Jesus Cristo, aos que conosco alcançaram fé igualmente preciosa pela justiça do nosso Deus e Salvador Jesus Cristo:**

2 graça e paz vos sejam multiplicadas, pelo conhecimento de Deus e de Jesus, nosso Senhor.

C. A Fé em Deus: Uma Dádiva Amplamente Combatida

Na medida que começamos a avançar mais na compreensão da fé em Deus e na medida em que passamos a ver que a fé no Senhor é o meio através do qual uma pessoa pode decidir receber a graça do Senhor para sair de uma vida dissociada de um relacionamento adequado com seu o Criador, não há mais razão para uma pessoa pensar que a decisão de aderir a uma vida de fé em Deus também será uma decisão que irá agradar a todos aqueles que querem se manter em uma vida dissociada da fé em Deus.

O ensino sobre a fé tem sofrido árdua oposição durante a existência humana devido a imprescindível condição que ela apresenta para uma pessoa alcançar a vida que é oferecida pelo reino de Deus através do Evangelho da Justiça e da Graça do Senhor, e por isto, o tema da fé precisa ser lembrado e realçado com frequência.

Visando combater a fé em Deus no coração das pessoas, o conceito da fé tem sido exposto à severas oposições e inclusive à muitas tentativas de distorções que tentam revesti-lo de toda a sorte de ideias e pensamentos do mundo e dos poderes das trevas.

Uma vez que os poderes das trevas não podem combater a Deus e prevalecer diretamente contra Ele, é a fé das pessoas no Senhor que elas tentam combater para que os jugos que elas tentam impor sobre a humanidade não se rompam e para que os seres humanos não alcancem o verdadeiro sacerdócio da vida celestial e eterna que há em Cristo.

Se observarmos a Epístola de Judas, podemos ver já em seu início o quanto o tema da fé e o destaque da oposição a ela precisa ser colocado em proeminência em certos momentos, ao ponto de que Judas precisou postergar a abordagem de vários outros tópicos encontrados na salvação que Deus nos oferece em Cristo.

Devido à necessidade emergente dos cristãos compreenderem a condição fundamental da fé para a sua salvação e suas vidas, Judas foi redirecionado por Deus a escrever a eles para batalharem a favor da fé que uma vez por todas lhes foi entregue, mostrando-nos a condição essencial que a fé tem em relação à salvação recebida por uma pessoa, assim como para o crescimento nesta salvação, conforme segue:

*Judas 1: 1 **Judas, servo de Jesus Cristo e irmão de Tiago, aos chamados, amados em Deus Pai e guardados em Jesus Cristo,***

2 a misericórdia, a paz e o amor vos sejam multiplicados.

3 Amados, quando empregava toda a diligência em escrever-vos acerca da nossa comum salvação, foi que me senti obrigado a corresponder-me convosco, exortando-vos a batalhardes, diligentemente, pela fé que uma vez por todas foi entregue aos santos.

4 Pois certos indivíduos se introduziram com dissimulação, os quais, desde muito, foram antecipadamente pronunciados para esta condenação, homens ímpios, que transformam em libertinagem a graça de nosso Deus e negam o nosso único Soberano e Senhor, Jesus Cristo.

Conforme comentamos no tópico anterior, da parte do ser humano, a fé é o aspecto inicial mais crucial a ser usado para que uma pessoa possa retornar efetivamente ao

relacionamento adequado com o Senhor e para passar a viver segundo a novidade de vida que Deus lhe oferece a partir do reino celestial.

Devido à importância que há na fé para o cristão para toda a sua vida cristã, é crucial que não somente o conceito básico da fé seja conhecido, mas também como alguém pode crescer na fé e ser firmado nela, assim como quais são as ações que se opõem à fé na vida de um cristão para ela não ser estabelecida em seu coração.

Quando vemos as Escrituras recomendando que devemos seguir o exemplo de pessoas do passado que obtiveram bom testemunho diante do Senhor, vemos que a maior ênfase dada em relação a eles é que imitemos ou sigamos o exemplo de fé em Deus que eles tiveram, assim como nas referências negativas a outras pessoas nos é instruído a não seguirmos a sua incredulidade ou o não uso da fé em Deus que poderiam ter utilizado.

Vejamos aqui mais alguns exemplos a serem seguidos, assim como a serem evitados:

*Hebreus 6: 11 **Desejamos, porém, continue cada um de vós mostrando, até ao fim, a mesma diligência para a plena certeza da esperança; 12 para que não vos torneis indolentes (negligentes), mas imitadores daqueles que, pela fé e pela longanimidade, herdaram as promessas.***

*1 Timóteo 4:12 **Ninguém despreze a tua mocidade; mas sê o exemplo dos fiéis, na palavra, no trato, na caridade, no espírito, na fé, na pureza.***

*Romanos 4: 18 **Abraão, esperando contra a esperança, creu, para vir a ser pai de muitas nações, segundo lhe fora dito: Assim será a tua descendência.***

*19 **E, sem enfraquecer na fé, embora levasse em conta o seu próprio corpo amortecido, sendo já de cem anos, e a idade avançada de Sara, 20 não duvidou, por incredulidade, da promessa de Deus; mas, pela fé, se fortaleceu, dando glória a Deus, 21 estando plenamente convicto de que ele era poderoso para cumprir o que prometera.***

*Hebreus 3: 19 **Vemos, pois, que não puderam entrar por causa da incredulidade.***

Paulo, assim como Judas, também nos acentua a importância de uma pessoa entender que a fé é combatida e que ela não somente deve ser recebida em alegria como uma dádiva celestial, mas que ela também deve ser guardada com amor e diligência até o fim, até o dia do encontro eterno com Deus na glória eterna de Cristo, conforme exemplificado abaixo:

*Filipenses 1: 27 **Somente deveis portar-vos dignamente conforme o evangelho de Cristo, para que, quer vá e vos veja, quer esteja***

ausente, ouça acerca de vós que estais num mesmo espírito, combatendo juntamente com o mesmo ânimo pela fé do evangelho. (RC)

2 Timóteo 4: 6 Porque eu já estou sendo oferecido por aspersão de sacrifício, e o tempo da minha partida está próximo. 7 Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé. (RC)

De forma similar, também Pedro acentua a condição vital da fé na vida de uma pessoa, mostrando que é por esta dádiva que Deus permite que um cristão alcance não somente um relacionamento adequado com Deus durante a sua vida na Terra, mas que a fé também é o meio pelo qual Deus permite uma pessoa alcançar o propósito maior da fé ter lhe sido concedida, o qual é a salvação eterna da sua alma.

1 Pedro 1: 3 Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a sua grande misericórdia, nos gerou de novo para uma viva esperança, pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, 4 para uma herança incorruptível, incontaminável e que se não pode murchar, guardada nos céus para vós 5 que, mediante a fé, estais guardados na virtude de Deus, para a salvação já prestes para se revelar no último tempo, 6 em que vós grandemente vos alegrais, ainda que agora importa, sendo necessário, que estejais por um pouco contristados com várias tentações, 7 para que a prova da vossa fé, muito mais preciosa do que o ouro que perece e é provado pelo fogo, se ache em louvor, e honra, e glória na revelação de Jesus Cristo; 8 ao qual, não o havendo visto, amais; no qual, não o vendo agora, mas crendo, vos alegrais com gozo inefável e glorioso, 9 alcançando o fim da vossa fé, a salvação da alma. (RC)

A fé e o que ela proporciona alcançar são aspectos preciosos demais para alguém vê-los com leviandade, para alguém não se tornar uma pessoa que conheça a fé de maneira mais aprofundada ou para alguém simplesmente não procurar conhecer o que tanto milita contra esta dádiva tão essencial concedida a partir do reino celestial e através do Senhor Jesus Cristo.

Proteger ou guardar a fé em Deus, oferecida e concedida a uma pessoa através do Senhor Jesus Cristo, pode vir a ser mais vital que a própria vida na Terra, pois a fé é vital para a vida de um cristão no mundo presente, mas muito mais ainda para a sua vida eterna.

Entretanto, quando observamos com mais atenção o texto de Judas, exposto acima, podemos ver que a resistência à fé nem sempre é um confronto direto a ela, como Saulo de Tarso procurava realizar contra a divulgação da fé em Cristo.

Em sua carta, Judas nos ensina que o combate à fé também pode vir com intensidade ou até com uma intensidade ainda maior através de meios

sutis que tentam gradativamente afastar as pessoas de sua posição firme de fé em Deus.

Judas estava se dispondo a escrever aos irmãos na fé em Deus sobre vários aspectos muito significativos que são parte integrante da salvação em Cristo Jesus, mas ele teve que interromper este propósito por causa de um forte sentimento de necessidade para, prioritariamente, alertar aos irmãos de fé a preservarem aquilo que podia mantê-los associados à esta salvação.

O que Judas passou a escrever tomou uma condição de prioridade sobre outros pontos, pois de nada adiantaria Judas escrever sobre diversos aspectos que há salvação em Deus se aqueles à quem ele estava escrevendo se dissociassem da fé em Deus e visto que, sem esta fé, também estariam se dissociando da própria salvação oferecida pelo Senhor.

Vejamos abaixo o texto de Judas ainda sob a ótica de outra versão:

*Judas 1: 3 **Amados, procurando eu escrever-vos com toda a diligência acerca da comum salvação, tive por necessidade escrever-vos e exortar-vos a batalhar pela fé que uma vez foi dada aos santos.***
*4 **Porque se introduziram alguns, que já antes estavam escritos para este mesmo juízo, homens ímpios, que convertem em dissolução a graça de Deus e negam a Deus, único dominador e Senhor nosso, Jesus Cristo. (RC)***

Em sua epístola, Judas nos informa que há pessoas que tentam se introduzir entre os próprios cristãos através de dissimulações ou, como diz em outras versões, de formas secretas e veladas para combater a fé destes, procurando atacar também a graça com dissoluções. Ou seja, procuram propor uma graça dissoluta, dissolvida e dissociada da verdade, e não como ela é de fato.

Ainda em outras palavras, Judas nos informa que há pessoas que exteriormente ou publicamente procuram não se mostrar opositoras a fé e até se mostram simpatizantes a ela, mas que, por interesses escusos e sorrateiros, procuram combater a fé tentando minar sutilmente e gradativamente o entendimento das pessoas quanto aos fundamentos que compõem a fé em Deus e a graça celestial que é inseparável da própria fé no Senhor.

*Judas 1: 12 **Estes são manchas em vossas festas de caridade, banqueteadando-se convosco e apascentando-se a si mesmos sem temor; são nuvens sem água, levadas pelos ventos de uma para outra parte; são como árvores murchas, infrutíferas, duas vezes mortas, desarraigadas;***

*13 **ondas impetuosas do mar, que escumam as suas mesmas abominações, estrelas errantes, para os quais está eternamente reservada a negrura das trevas.***

...
*16 **Estes são murmuradores, queixosos da sua sorte, andando segundo as suas concupiscências, e cuja boca diz coisas mui arrogantes, admirando as pessoas por causa do interesse. (RC)***

ou

- Judas 1: 12 **Estes homens são como rochas submersas, em vossas festas de fraternidade, banqueteadando-se juntos sem qualquer recato, pastores que a si mesmos se apascentam; nuvens sem água impelidas pelos ventos; árvores em plena estação dos frutos, destes desprovidas, duplamente mortas, desarraigadas;***
- 13 **ondas bravias do mar, que espumam as suas próprias sujidades; estrelas errantes, para as quais tem sido guardada a negridão das trevas, para sempre.***
-
- 16 **Os tais são murmuradores, são descontentes, andando segundo as suas paixões. A sua boca vive propalando grandes arrogâncias; são adutores dos outros, por motivos interesseiros.** (RA)*
-

Judas nos adverte que alguns dos mais acentuados combates à fé podem vir exatamente através daquelas pessoas que se aproximam dos cristãos para os adularem ou para mostrar a admiração, pretenciosa e falsa, que eles têm por aqueles que vivem na fé em Deus. Os quais, porém, fazem isto para poderem introduzir os seus próprios conceitos humanos e interesseiros do que viria a ser a fé em Deus e a graça do Senhor.

Aquilo que alguns tentam introduzir na fé e na graça cristã para tentar corrompê-las não necessariamente é uma ação voltada a ensinar as pessoas a deixarem de procurar a Deus e deixarem de procurar viver para Deus. O que eles propõem para corromper a fé é algo muito sutil e perigoso porque eles continuam propondo as pessoas a buscarem a Deus e servirem a Deus, mas não através dos meios e condições que Deus ensina para que uma pessoa viva em relação a Ele.

Ora, não foram precisamente essas mesmas atitudes que levaram as pessoas que saíram do domínio do Egito a proporem o sacerdócio segundo a lei de Moisés ou o sacerdócio segundo a Ordem de Arão?

Não foi exatamente a busca de Deus através dos meios propostos pelas pessoas em oposição à proposição do Senhor que fez com que elas sugerissem e continuassem a insistir em sugerir caminhos de relacionamento com Deus que eram baseados em obras da carne e da justiça própria dissociadas de uma vida de fé diária no Senhor?

- Hebreus 3: 7 **Assim, pois, como diz o Espírito Santo: Hoje, se ouvirdes a sua voz,***
- 8 não endureçais o vosso coração como foi na provocação, no dia da tentação no deserto,***
- 9 onde os vossos pais me tentaram, pondo-me à prova, e viram as minhas obras por quarenta anos.***
- 10 Por isso, me indignei contra essa geração e disse: Estes sempre erram no coração; eles também não conheceram os meus caminhos.***
- 11 Assim, jurei na minha ira: Não entrarão no meu descanso.***
- 12 Tende cuidado, irmãos, jamais aconteça haver em qualquer de vós perverso coração de incredulidade que vos afaste do Deus vivo;***
- 13 pelo contrário, exortai-vos mutuamente cada dia, durante o tempo que se chama Hoje, a fim de que nenhum de vós seja endurecido pelo engano do pecado.***
-

O engano do pecado não procura atuar somente no aspecto de uma pessoa pensar que ela não precisa de Deus, mas também no sentido de tentar fazer com que uma pessoa creia intensamente que ela precise de Deus, mas que pode buscá-lo e alcançar o seu favor através de métodos sugeridos por homens e mulheres, e não conforme a graça e fé de Deus segundo o que o Senhor estabelece como sendo graça e fé.

Judas não estava alertando aos seus irmãos de fé em Cristo contra aqueles que não queriam ter comunhão com eles ou que rejeitavam diretamente a fé deles em Deus. Judas estava alertando aos seus irmãos de fé a tomarem cuidado e estarem atentos a discernir e evitar aqueles que queriam fazer parte da sua comunhão por interesses próprios escusos e com o propósito de impor sutilmente a eles a visão e os conceitos humanos sobre a fé e a graça de Deus.

Judas estava proclamando um alerta para que as pessoas não se demovam da fé de Deus que lhes foi entregue uma vez para sempre e para que não se deixem levar por crenças que outras pessoas lhes propõem e que propagam que a fé em Deus e a graça podem se amoldar ao querer ou aos mais variados desejos dos seres humanos.

A fé em Deus, e que é concedida por Deus através de Cristo Jesus, é como ela é, e não pode ser mudada. Se alguém intentar fazê-lo, aquilo que ele irá colher não será verdadeiramente fé, mas alguma crença distorcida e não condizente com o que de fato é chamado de fé diante de Deus.

Neste ponto, retornamos ao aspecto da enorme relevância de conhecermos e sabermos o princípio da Adequada Divisão da Palavra da Verdade e de sabermos alguns aspectos básicos também sobre a velha aliança e porque ela já foi revogada, tornada obsoleta e somente permanece como *uma parábola para a época presente* para o nosso alerta e ensino dos perigos que nela há e que são tão atrativos a tantas pessoas.

Algo que atrai, e muito, as pessoas a conceitos da antiga Ordem de Arão, ou similares, é que eles podem vir a envolver grandes somas econômicas, em formas de ofertas e dízimos, e também porque eles geralmente são associados a uma série de titulações, cargos e posições distribuídas na sua pirâmide de comando, levando as pessoas a uma vida em que almejam galgar, ao menos, algumas posições consideradas honrosas nesta “pirâmide sacerdotal”.

Quando homens e mulheres dizem que alguns são mais especiais e têm chamados “especiais” da parte de Deus em detrimento de outros que supostamente deveriam se sujeitar às suas ordenanças, eles estão procurando sutilmente e perversamente elevar os corações daqueles que serão colocados como “líderes” sobre “seus denominados irmãos de fé”, pois fazem isto para físgá-los na arrogância e para que estes “líderes” os ajudem a subjugar o povo que intentam dominar e do qual querem extrair as mais diversas vantagens para si próprios.

As pessoas com as quais Judas diz que um cristão deve ter especial cuidado são aqueles que se propõem a serem irmãos de fé, que os bajulam e adulam com “calorosos” elogios, que são muito carismáticos e atenciosos com eles, mas que, na sequência, se isto lhes for permitido e não for radicalmente interrompido, se erguem sobre os que adularam e, com uma frieza quase indescritível, tomam por espólio as suas vida e tudo o que estes têm.

Eliú, que verdadeiramente proferiu palavras de Deus a Jó, já nos alertou na antiguidade sobre o risco da busca de titulações para criar divisão entre pessoas que Deus não almejou que fossem feitas, conforme segue:

Jó 32: 21 Não farei acepção de pessoas, nem usarei de lisonjas com o homem.

22 Porque não sei lisonjear; em caso contrário, em breve me levaria o meu Criador. (RA)

ou

Jó 32: 21 Queira Deus que eu não faça acepção de pessoas, nem use de lisonjas com o homem!

22 Porque não sei usar de lisonjas; em breve me levaria o meu Criador. (RC)

Também Davi declara a posição contrária que Deus tem para com aqueles que usam de lábios lisonjeiros, línguas que falam coisas altivas para atribuir títulos a outros com o propósito de ganhar a sua atenção para depois também fazer uso insensível e exploratório dos outros:

Salmos 12: 3 Corte o SENHOR todos os lábios bajuladores, a língua que fala soberbamente,

4 pois dizem: Com a língua prevaleceremos, os lábios são nossos; quem é senhor sobre nós?

5 Por causa da opressão dos pobres e do gemido dos necessitados, eu me levantarei agora, diz o SENHOR; e porei a salvo a quem por isso suspira.

6 As palavras do SENHOR são palavras puras, prata refinada em cadinho de barro, depurada sete vezes.

7 Sim, SENHOR, tu nos guardarás; desta geração nos livrarás para sempre.

8 Por todos os lugares andam os perversos, quando entre os filhos dos homens a vileza é exaltada.

Os aspectos expostos acima, de forma similar, também nos são expostos no livro de Provérbios e por Paulo, respectivamente:

Provérbios 26: 28 A língua falsa aborrece a quem feriu, e a boca lisonjeira é causa de ruína.

1 Ts 2: 5 A verdade é que nunca usamos de linguagem de bajulação, como sabeis, nem de intuítos gananciosos. Deus disto é testemunha.

E ainda, e o principal, é quando olhamos para aquilo que o Senhor Jesus nos ensinou sobre não tratarmos os irmãos da fé em Deus com distinções similares aos da Ordem de Arão, aspecto exposto amplamente no livro de Mateus, capítulo 23, e do qual citamos os versos que nos expõem o motivo pelo qual não devemos acatar a sugestão de lisonjas de alguns irmãos de fé em detrimento de outros:

Mateus 23: 8 Vós, porém, não sereis chamados mestres, porque um só é vosso Mestre, e vós todos sois irmãos.

9 A ninguém sobre a terra chameis vosso pai; porque só um é vosso Pai, aquele que está nos céus.

10 Nem sereis chamados guias (ou líderes), porque um só é vosso Guia, o Cristo.

Por que o Senhor Jesus Cristo instrui as pessoas que receberam a fé de Deus em seus corações a não se “intitularem” umas às outras além de irmãos de fé, salvos pela mesma graça e pelo mesmo Senhor?

Se olharmos o contexto dos versos acima expostos, vemos que uma das principais razões pelas quais os irmãos de fé não devem dar títulos de destaque uns aos outros é porque, além de ir contra a verdade de quem é Cristo e de quem é Deus Pai, isto realimenta as pessoas com o fermento das divisões de classes de pessoas da velha aliança, a aliança segundo Moisés e seguida pelos fariseus, saduceus e escribas.

A velha aliança é uma ordem sacerdotal baseada em ***um mandamento carnal***. E a vida segundo a carne atua para “dividir uma família de irmãos”. Ela é uma ordem repleta de disputas e contendas que em vez de produzirem vida, produzem toda a sorte de confusão, porfias e muros de separação.

Qualquer ordem sacerdotal que tenta dividir a família de Deus em categorias distintas de pessoas é uma ordem que tem alguma equivalência com a Ordem de Arão ou, no mínimo, que já está dando guarida ao fermento desta ordem, pois se assemelha no mesmo fundamento carnal ou nas cobiças más que deram origem a esta ordem.

E Deus não concede a sua graça e o dom da fé para as pessoas voltarem a viver e edificar as suas vidas sobre o fundamento fraco e passageiro da carne.

1 Coríntios 3: 3 Porquanto, havendo entre vós ciúmes e contendas, não é assim que sois carnis e andais segundo o homem?

4 Quando, pois, alguém diz: Eu sou de Paulo, e outro: Eu, de Apolo, não é evidente que andais segundo os homens?

...

10 Segundo a graça de Deus que me foi dada, lancei o fundamento como prudente construtor; e outro edifica sobre ele. Porém cada um veja como edifica.

11 Porque ninguém pode lançar outro fundamento, além do que foi posto, o qual é Jesus Cristo.

Tiago 3: 16 Pois, onde há inveja e sentimento faccioso, aí há confusão e toda espécie de coisas ruins.

Ainda em outro momento, Cristo firmemente advertiu os seus discípulos sobre o tipo do fermento da velha aliança e dos seus líderes, mostrando que, apesar de Ele ter vindo para que o primeiro sacerdócio fosse removido para que o segundo passasse a ser estabelecido, o fermento do velho sacerdócio ainda é poderoso para fermentar inclusive quem já recebeu a novidade de vida do Senhor, se alguém assim o permitir.

Vejamos abaixo mais alguns dos textos que evidenciam de forma muito clara essa última consideração:

Mateus 16: 6 ***E Jesus lhes disse: Vede e acautelai-vos do fermento dos fariseus e dos saduceus.***

Mateus 16: 11 ***Como não compreendeis que não vos falei a respeito de pães? E sim: acautelai-vos do fermento dos fariseus e dos saduceus.***
12 ***Então, entenderam que não lhes dissera que se acautelassem do fermento de pães, mas da doutrina dos fariseus e dos saduceus.***

Marcos 8: 15 ***Preveniui-os Jesus, dizendo: Vede, guardai-vos do fermento dos fariseus e do fermento de Herodes.***

Lucas 12: 1 ***Posto que miríades de pessoas se aglomeraram, a ponto de uns aos outros se atropelarem, passou Jesus a dizer, antes de tudo, aos seus discípulos: Acautelai-vos do fermento dos fariseus, que é a hipocrisia.***

Em várias situações dos textos recém mencionados, podemos ver também um ajuntamento de pessoas, pois a fé em ação várias vezes atrai pessoas. O poder de Deus que atua através da fé muitas vezes chama a atenção de pessoas. E é nestas circunstâncias que o Senhor Jesus Cristo disse para os seus discípulos se “acautelarem” ou adotarem atitudes de precauções para que a hipocrisia, a dissimulação ou a dissolução não tenham abrigo em suas vidas e venham a destruir a graça e a fé uma vez para sempre depositada em seus corações.

O que o Senhor nos alertou nos textos acima é o que Paulo também nos alerta em outro texto sobre a velha aliança, o primeiro sacerdócio ou a Ordem de Arão, a saber:

Gálatas 5: 9 ***Um pouco de fermento leveda toda a massa.***

Assim, especificamente também em relação à fé, é crucial que se faça uma clara distinção entre o sacerdócio segundo a Ordem de Arão e o sacerdócio segundo a Ordem de Melquisedeque, pois a Ordem de Arão não atua pela fé enquanto que a Ordem de Melquisedeque, por outro lado, é amplamente associada à fé, conforme relembramos abaixo:

Romanos 4: 14 ***Pois, se os da lei é que são os herdeiros, anula-se a fé e cancela-se a promessa.***

Gálatas 3: 5 ***Aquele, pois, que vos concede o Espírito e que opera milagres entre vós, porventura, o faz pelas obras da lei ou pela pregação da fé?***

Gálatas 3: 12 **Ora, a lei não procede de fé, mas: Aquele que observar os seus preceitos por eles viverá.**

Gálatas 3: 11 **E é evidente que, pela lei, ninguém é justificado diante de Deus, porque o justo viverá pela fé.**

Ver a fé em Deus sob o contexto do Evangelho da Glória de Cristo, das duas ordens sacerdotais referenciadas acima e da posição de Cristo na Ordem de Melquisedeque é particularmente significativo e valioso porque:

- ⇒ 1) A fé é uma dádiva concedida por Deus às pessoas através de Cristo Jesus;
- ⇒ 2) A fé não é e nem pode ser gerada, concedida e estabelecida pelo próprio ser humano e nem por ações, esforços, sacrifícios e busca de méritos que este venha procurar realizar para se justificar.

Assim, o conhecimento do que vem a ser a fé em Deus e do que não é fé em Deus, inevitavelmente, nos leva novamente à necessidade de nos depararmos mais um pouco com a glória de Cristo e dos dois sacerdócios que mais expressam as duas únicas opções sacerdotais que as pessoas, no final das contas, tem para escolher na vida, a saber:

- ⇒ 1) **Viver segundo Deus orienta as pessoas a viverem, inclusive sobre o como viver naquilo que Deus concede a elas mediante a graça;**
- ⇒ 2) **Viver segundo o que alguma parte da criação as orienta a viverem,** lembrando sempre que esta segunda opção pode vir disfarçada das mais diversas formas, variando desde a declaração da criação de que Deus não existe até as declarações da criação de que a novidade de vida em Deus pode ser alcançada através obras e esforços humanos.

Por que, então, o tema da fé em Deus nos conduz mais uma vez à glória de Cristo e ao tema do antigo e do novo sacerdócios?

Uma apropriada abordagem do assunto da fé em Deus inevitavelmente nos leva à necessidade de olhar para a glória de Cristo, pois considerando que a fé de Deus é uma dádiva do Senhor, uma virtude do reino de Deus e uma característica específica da nova aliança, ela somente pode ser concedida aos seres humanos através do Único Mediador entre Deus e a humanidade.

Uma vez que a antiga aliança tinha por base obras humanas para tentar justificar as pessoas diante de Deus e que isto é completamente incompatível com a Ordem de Melquisedeque quanto à justificação e o aperfeiçoamento das pessoas quanto à renovação e restauração da consciência, e que a fé é o meio pelo qual uma pessoa justificada é chamada a viver e andar, podemos ver que a Ordem de Arão também é completamente incompatível no quesito da fé em relação ao sacerdócio de Cristo,

lembrando ainda que na primeira aliança nem é possível existir o que as Escrituras chamam de fé.

Uma vez posto o que acima foi comentado, podemos perceber que uma ordem sacerdotal, a de Arão, milita contra ou se opõe à fé, enquanto a outra ordem, a de Melquisedeque, não somente concede fé, como também opera ou atua em favor desta fé e através desta fé.

Considerando que a Ordem de Arão e a Ordem de Melquisedeque estão sobre fundamentos completamente distintos quanto ao que define a fé segundo o que Deus estabelece o que realmente é a fé, as duas ordens, respectivamente, também estão diante de caminhos distintos quanto ao viver mediante a fé e que são contrários, opostos e conflitantes um com o outro.

Sendo mais específico ainda, uma vez que a Ordem de Arão, ou qualquer ordem similar a ela, carece do que realmente é fé, quem escolhe viver sujeito a ela também não poderá viver mediante a fé se continuar associado aos seus preceitos. Ou seja, para trocar a condição de incrédulo para vir a ser uma pessoa que vive mediante a fé em Deus é necessária mudança de sacerdócio, implicando, como consequência, também a troca da lei do sacerdócio.

*Hebreus 7: 12 **Pois, quando se muda o sacerdócio, necessariamente há também mudança de lei.***

Uma vez que a essência da Ordem de Arão não é o viver mediante a fé, mas pelas tentativas de justiça própria que supostamente provém das obras humanas, a busca da fé através desta ordem antiga pode se tornar um processo muito frustrante e desgastante.

Por outro lado, a Ordem de Melquisedeque é uma ordem onde as pessoas já desde o primeiro ato de associação a esta nova ordem são ensinadas a fazê-lo através da fé em Cristo.

Enquanto o sacerdócio de Arão induz e ensina a negação da vida mediante a fé ao sugerir a vida sujeita a uma lei com uma lista de preceitos, o sacerdócio segundo Cristo nem aceita a associação de uma pessoa a ele se esta não ocorrer mediante o caminho da fé em Deus.

Assim, um princípio benéfico que pode ser extraído da Ordem de Arão a respeito da vida mediante a fé é o fato desta ordem ser um exemplo de como não se chega à fé, permitindo que as pessoas fiquem mais conscientes de que que a fé em Deus somente pode ser encontrada em Cristo e em seu sacerdócio celestial.

*Gálatas 3: 23 **Mas, antes que viesse a fé, estávamos sob a tutela da lei e nela encerrados, para essa fé que, de futuro, haveria de revelar-se.***

*24 **De maneira que a lei nos serviu de aio (tutor) para nos conduzir a Cristo, a fim de que fôssemos justificados por fé.***

*25 **Mas, tendo vindo a fé, já não permanecemos subordinados ao aio (ou tutores).***

Cristo é a manifestação do caminho da fé ou o meio para ela se tornar disponível. A dádiva de ter acesso a Cristo, então, é a expressão de ter acesso ao que a fé é diante de Deus.

Portanto, a expressão **tendo vindo a fé**, do livro de Gálatas, capítulo 3, é equivalente a Cristo ter nos sido revelado por Deus para que possamos viver e andar em Cristo.

Em Cristo está a fé assim como em Cristo está a justificação, o amor, a paz, a luz e todas as demais virtudes de Deus que são oferecidas abertamente através do Evangelho do Senhor e que podem ser recebidas por todo aquele que crê que Cristo é a novidade de vida oferecida pelo Pai Celestial.

Antes de Cristo vir em carne ao mundo, a “fé” ainda não havia vindo ao mundo no sentido de ser tornada disponível amplamente e para todos os seres humanos.

Cristo veio em carne ao mundo para nos mostrar e ensinar, através do seu próprio exemplo, como uma pessoa pode viver segundo a fé em Deus, mesmo quando sob severas ou terríveis aflições.

Entretanto, Cristo também veio para tornar a fé disponível a todo aquele que a quiser receber para viver através dela e para não precisar mais viver limitado às condições dos homens naturais e de seus rudimentos, inclusive os rudimentos que fazem parte da Ordem de Arão ou similares a ela.

Gálatas 3: 26 Pois todos vós sois filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus;

27 porque todos quantos fostes batizados em Cristo de Cristo vos revestistes.

28 Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus.

29 E, se sois de Cristo, também sois descendentes de Abraão e herdeiros segundo a promessa.

4: 1 Digo, pois, que, durante o tempo em que o herdeiro é menor, em nada difere de escravo, posto que é ele senhor de tudo.

2 Mas está sob tutores e curadores até ao tempo predeterminado pelo pai.

3 Assim, também nós, quando éramos menores, estávamos servilmente sujeitos aos rudimentos do mundo;

4 vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei,

5 para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos.

6 E, porque vós sois filhos, enviou Deus ao nosso coração o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai!

7 De sorte que já não és escravo, porém filho; e, sendo filho, também herdeiro por Deus.

Deus não procura encontrar nas pessoas ou requer delas o que Ele não deu a elas primeiramente.

Assim, ou também por isso, Deus nos oferece o Filho do seu Amor para que ao recebê-lo, também possamos receber juntamente com Ele a dádiva para viver a vida que é vivida mediante a fé e não por vista.

*Jó 41: 11 **Quem primeiro me deu a mim, para que eu haja de retribuir-lhe? Pois o que está debaixo de todos os céus é meu.***

*Romanos 11: 34 **Quem, pois, conheceu a mente do Senhor? Ou quem foi o seu conselheiro?***

*35 **Ou quem primeiro deu a ele para que lhe venha a ser restituído?***

*36 **Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém!***

Enquanto as pessoas na Ordem de Arão são cobradas e instigadas para obterem a justificação mediante as obras da lei, mas o que nunca poderão fazer através da ordem que tem um fundamento destituído de fé, na Ordem de Melquisedeque a fé é dada e tem um Autor designado por Deus para distribuí-la e para consolidá-la de forma que seja eternamente estabelecida na vida daquele a quem ela é concedida, se tão somente a pessoa que quer correr a carreira que Deus lhe propõe não se esquecer ou não tirar os olhos Daquele que dá a fé e a consolida no coração daqueles que Nele permanecem.

O ensino da Ordem de Arão que propõe a interposição de mediadores humanos entre Deus e as pessoas é tão fraca e mal sucedida porque ela propõe que as pessoas olhem para os seus semelhantes, desviando assim o olhar do Único Autor e Consumador da fé.

E quando as pessoas olham para mediadores humanos ou para outros aspectos da criação, à medida que as falhas das atitudes da criação começam a emergir, elas ficam confusas em suas crenças e começam a pensar que estão perdendo a fé em Deus que na realidade nem estava direcionada a Deus, mas aos seus semelhantes humanos ou aspectos da criação igualmente falhos.

A Ordem de Arão é a ordem que ensina a buscar a Deus pelo modelo humano, pelo modelo do esforço, pela disciplina e determinação humana, atuando no sentido contrário e virando as costas para o que é oferecido graciosamente e gratuitamente por Deus.

Assim como Judas, Pedro e o próprio Senhor Jesus Cristo, também Paulo nos alertou que certas pessoas apreciarão ter seguidores de si próprias e que estas até seguirão entre os próprios supostos irmãos de fé, conforme segue:

*Atos 20: 30 **E que, dentre vós mesmos, se levantarão homens falando coisas pervertidas para arrastar os discípulos atrás deles.***

Em Cristo, Deus oferece a virtude da fé Nele. Entretanto, se uma pessoa rejeita a Cristo, ela também despreza a fé, não importando quem siga, mesmo que pudesse vir a seguir a Paulo, Cefas, Apólo, João ou qualquer outra pessoa.

Quando as pessoas procuram encontrar em seus semelhantes ou coisas criadas a fé que somente podem encontrar diretamente em Cristo, elas rejeitam tanto a fé em Deus como as virtudes do Senhor que são oferecidas através do seu Evangelho, pois assim elas descartam o Autor e Consumador da fé mediante à qual poderiam ter acesso aos demais aspectos do Evangelho da Graça do Senhor.

Assim, no mundo, há muitas doutrinas ou proposições que tentam ensinar que as pessoas “devem ter fé” e “devem crescer na fé” que nem receberam ou da qual estão dissociadas por não estarem em comunhão com a fonte da fé, desprezando, com isto, também mais uma vez o Autor e Consumador da fé.

Muitas doutrinas e proposições no mundo tentam impor sobre as pessoas um conjunto de tarefas que não têm associação com a fonte de vida eterna que desprezam. São proposições sacerdotais que tentam impor ordenanças às pessoas para alcançarem os alvos que elas almejam, mas, ao mesmo tempo, estas mesmas ordenanças atam as pessoas para não poderem de fato alcançar os alvos que elas almejam.

Portanto, vendo repetidamente as insistentes tentativas dos seres humanos em estabelecer diante de Deus o que o Senhor já quer lhes disponibilizar através do amor e da graça, e não por obras, não é de admirar porque o Pai Celestial estabeleceu a Cristo como o nosso Advogado junto ao seu trono celestial.

De dia e noite precisamos da intercessão do Senhor a nosso favor para que não venhamos a ser enredados, outra vez, pela vida regida por obras ou mandamentos a serem cumpridos que tanto os homens sugerem uns aos outros e que tentam lhes impor para afastá-los da fé em Deus.

*Gálatas 2: 19 **Porque eu, mediante a própria lei, morri para a lei, a fim de viver para Deus. Estou crucificado com Cristo;***

*20 **logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim.***

*1 Coríntios 2: 4 **A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder,***

*5 **para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana, e sim no poder de Deus.***

D. Ressaltando a Dissimulação ou Hipocrisia como Arma que Milita Contra a Fé em Deus

*Lucas 12: 1 **Posto que miríades de pessoas se aglomeraram, a ponto de uns aos outros se atropelarem, passou Jesus a dizer, antes de tudo, aos seus discípulos: Acautelai-vos do fermento dos fariseus, que é a hipocrisia.***

*2 Pedro 2: 1 **Assim como, no meio do povo, surgiram falsos profetas, assim também haverá entre vós falsos mestres, os quais introduzirão, dissimuladamente, heresias destruidoras, até ao ponto de renegarem o Soberano Senhor que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina destruição.***

*Judas 1: 3 **Amados, procurando eu escrever-vos com toda a diligência acerca da comum salvação, tive por necessidade escrever-vos e exortar-vos a batalhar pela fé que uma vez foi dada aos santos.***
*4 **Porque se introduziram alguns, que já antes estavam escritos para este mesmo juízo, homens ímpios, que convertem em dissolução a graça de Deus e negam a Deus, único dominador e Senhor nosso, Jesus Cristo.** (RC)*

*1 Timóteo 1: 5 **Ora, o intuito da presente admoestação visa ao amor que procede de coração puro, e de consciência boa, e de fé sem hipocrisia (ou de uma fé sincera ou não fingida).***

No tópico anterior, abordamos a iminente necessidade que Judas apresentou para escrever aos seus irmãos de fé sobre o quão crucial era que eles batalhassem pela fé que uma vez já havia lhes sido dada da parte de Deus. E isto, por causa de pessoas que estavam querendo se introduzir entre eles com intuito de corromper ou até destruir neles a dádiva que lhes havia sido concedida do reino celestial.

Entretanto, se formos observarmos o texto de Judas mais de perto, podemos ver que a palavra usada por Judas para *se introduzirem* é a mesma que Pedro usa para *introduzirão encobertamente ou dissimuladamente*, o que também faz com que algumas traduções se refiram a estes opositores da fé como aqueles que procuram se introduzir usando de *dissimulações*.

Ora, a palavra *dissimulação* é um dos sinônimos da palavra *hipocrisia*, a qual, por sua vez, é associada ao fermento do qual o Senhor nos avisou para nos acautelarmos contra os seus efeitos muito danosos.

A começar pelo texto de Judas, podemos ver que o alvo maior daqueles que usam de *hipocrisias* ou *disfarces para esconder falsos intentos* para se introduzirem no meio dos cristãos é, na realidade, fazerem oposição a Cristo, tentando negar a Ele a sua posição exclusiva de Senhor sobre tudo e todos que lhe foi conferida pelo Pai Celestial.

A oposição à dádiva da fé que Cristo concede a uma pessoa, na realidade, é uma oposição contra a posição soberana de Cristo para que uma pessoa não se relacione livremente com Cristo, com o Pai Celestial e com o Espírito Santo, pois a liberdade de ter acesso pessoal à sabedoria de Cristo e a direção de Cristo impede os falsos irmãos de terem ascendência ou a primazia sobre o coração daqueles que têm e vivem segundo a fé em Deus que Cristo lhes confere mediante a graça.

A oposição que se levanta em libertinagem, em ousada maldade ou em perversidade, se levanta contra a graça de Deus procurando, em uma das suas principais ações, redefinir a graça segundo os conceitos humanos e procurando definir que uma pessoa não tem um acesso tão direto a Deus como as Escrituras dizem que elas têm. Procuram corromper a graça no ponto mais importante que a graça oferece, que é a pessoa retornar ao relacionamento ou à comunhão pessoal com Aquele de quem dependem toda a sua vida presente e eterna.

As tentativas de corrupção da graça obviamente não são tão explícitas, por isto é que elas são comparadas às *dissoluções* ou às tentativas de associar a *hipocrisia* à fé.

Ora, quais são algumas *dissimulações* ou *hipocrisias* que mais se opõem à fé senão aquelas que querem se apresentar como “fés alternativas” que tentam imitar parcialmente a fé concedida por Deus?

*Mateus 23: 27 **Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Pois que sois semelhantes aos sepulcros caiados, que por fora realmente parecem formosos, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos e de toda imundícia.***

*28 **Assim também vós exteriormente pareceis justos aos homens, mas, por dentro, estais cheios de hipocrisia e de iniquidade.***

Dissociado de Cristo e da conexão direta com o Cabeça do Corpo de Cristo, que é Cristo, uma pessoa não tem acesso nem à graça de Deus e nem à fé de Deus para crer Nele, pois é do Cabeça do Corpo de Cristo que provém todo e qualquer suprimento de todas as partes deste corpo espiritual.

Uma vez que Cristo é a novidade de vida provinda de Deus, a maneira mais óbvia de uma pessoa tentar destruir a vida vivida mediante fé em Deus passa a ser, então, tentar dissociar uma pessoa de Cristo. E se este alvo for alcançado, a pessoa passa a ficar sujeita a ser asfixiada pela falta de novidade de vida devido ao seu naufrágio em relação à fé e a graça do Senhor.

*Gálatas 5: 1 **Estai, pois, firmes na liberdade com que Cristo nos libertou e não torneis a meter-vos debaixo do jugo da servidão.***

*2 **Eu, Paulo, vos digo que, se vos deixardes circuncidar, Cristo de nada vos aproveitará.***

*3 **De novo, testifico a todo homem que se deixa circuncidar que está obrigado a guardar toda a lei.***

*4 **De Cristo vos desligastes, vós que procurais justificar-vos na lei; da graça decaístes.***

*5 **Porque nós, pelo Espírito, aguardamos a esperança da justiça que provém da fé.***

*6 **Porque, em Cristo Jesus, nem a circuncisão, nem a incircuncisão têm valor algum, mas a fé que atua pelo amor. (RC+RA)***

*Colossenses 2: 18 **Ninguém se faça árbitro contra vós outros, pretextando humildade e culto dos anjos, baseando-se em visões, enfatuado, sem motivo algum, na sua mente carnal, 19 e não retendo a cabeça, da qual todo o corpo, suprido e bem vinculado por suas juntas e ligamentos, cresce o crescimento que procede de Deus.***

Dissociar alguém de Cristo, da fé em Deus, da verdadeira graça ou da novidade de vida no Senhor são todas expressões que referem-se também a dissociar uma pessoa de uma mesma e única fonte. Estas expressões são inseparáveis umas das outras. E o alvo da dissociação também sempre é o mesmo, o qual é tentar colocar a pessoa de novo sob o jugo da escravidão e da morte, quer seja pelo pecado em geral ou pelo pecado da proposição de caminhar de acordo com uma ordem sacerdotal já revogada e obsoleta.

A fé em Deus ou a fé concedida por Deus é singular, incomparável e jamais pode realmente ser equiparada ou copiada por proposições dos seres humanos, pois ela é dada por Deus, e por isto, ela também tem o selo de Deus.

*Gálatas 5: 6 **Porque, em Cristo Jesus, nem a circuncisão, nem a incircuncisão têm valor algum, mas a fé que atua pelo amor.***

Qual é, então, o selo da singular e verdadeira fé em Deus?

O selo da fé em Deus somente pode ser um, semelhantemente à todas as dádivas de Deus, a saber: “EM CRISTO”.

Portanto, se alguma proposição de fé é apresentada dissociada de uma pessoa “estar em Cristo”, ela não é verdadeira e não tem o amor por fundamento, antes é uma proposição de uma tentativa de *dissimulação* da fé ou do acréscimo de *hipocrisia* à fé.

Somente existe uma fé genuína ou autêntica, o que na realidade é uma redundância, pois se alguma proposição de fé não é a original, essa proposição nem é fé de fato segundo o conceito de fé descrito em Hebreus 11, verso 1. (Conceito abordado mais amplamente no estudo sobre O Evangelho da Promessa).

Assim, a fé, a fé em Deus ou a fé autêntica e verdadeira somente existe em Cristo, fazendo com que a fé em Deus somente esteja disponível para quem primeiro crer em Cristo para também “estar em Cristo”.

*João 6: 29 **Respondeu-lhes Jesus: A obra de Deus é esta: que creiais naquele que por ele foi enviado.***

Quem crê em Cristo crê Naquele em quem estão todas as outras provisões e instruções para também viver pela fé em Deus, inclusive a própria provisão da fé em Deus.

E devido ao fato da fé ser tão crucial para o acesso a tudo o que Deus oferece através do seu Evangelho, ela também é alvo de tantos ataques ou oposições, conforme já comentamos anteriormente.

Entretanto, tendo em mente que a fé é algo tão precioso, não é de admirar que as pessoas não queiram mais abrir mão dela ainda que queiram se apartar de Cristo. E é por isto que muitos dos mais expressivos ataques à fé vem revestidos de *hipocrisias* ou *dissimulações*.

Entendemos que convém notar e ressaltar aqui que a oposição à fé, descrita nas Escrituras, não se limita somente às *simulações*, mas também avança para as esferas das *dissimulações*.

Apesar de já termos citado a *dissimulação* várias vezes no presente estudo, entendemos que ainda não tivemos uma oportunidade apropriada para procurar explicá-la de forma mais específica. Entretanto, tendo em vista o papel opositor que ela faz a Cristo e à fé que Ele concede, parece-nos ser muito relevante fazê-lo neste ponto antes de avançarmos em mais aspectos que também estão inclusos na salvação em Cristo Jesus.

A *simulação*, não a *dissimulação*, é uma proposição, exposição ou apresentação de algo que não é real, ainda não é real ou ainda está em fase de experimentação.

Uma pessoa, por exemplo, pode *simular* ser alguém que ela não é ou ainda não é.

A *simulação*, por sua vez, não necessariamente é má quando ela não é feita sob intenção de mentira, sob intenção de ocultação do que deveria ser exposto ou sob a intenção de dolo, mas ainda assim, no devido tempo, deverá permitir que seja conhecida como uma *simulação*.

As crianças, por exemplo, gostam de *simular* que são adultas em suas brincadeiras, o que, dependendo de cada caso, pode ser até salutar, pois, de certa forma, pode ser uma espécie de “treinamento”.

Indústrias *simulam* acidentes com seus produtos para avaliar a sua confiabilidade, assim como equipes de emergências *simulam* situações de risco para se preparem para situações reais, e assim por diante.

Quando neste estudo usamos algumas vezes de exemplos hipotéticos, ou quando as Escrituras mencionam parábolas, também pode ter ocorrido o uso de *simulações*.

Existem, porém, *simulações* que podem ser muito perversas e que visam induzir pessoas ao erro ou que são associadas às tentativas de obtenção de vantagens para aquele que propõe as *simulações* em detrimento daqueles que são o alvo delas, as quais, nestes casos, inevitavelmente irão desembocar em *dissimulações*.

Assim, a *dissimulação* é o passo seguinte à uma *simulação* que não foi revelada como tal em tempo apropriado.

A *dissimulação* é o conjunto de ações que são feitas para esconder ou disfarçar a *simulação*, podendo chegar às situações mais degradantes de caráter que o ser humano pode imaginar, como exemplificado também a seguir:

Provérbios 26: 18 **Como o louco que lança fogo, flechas e morte,**
19 assim é o homem que engana a seu próximo e diz: Fiz isso por brincadeira.

Em outro exemplo, a *dissimulação* seria como uma empresa ter feito um teste *simulado* de um carro, ter descoberto um defeito grave, mas por interesses escusos, tentar fazer uma maquiagem do defeito esperando que ele nunca seja descoberto. Em

vez de arcar com o custo do acerto do defeito descoberto no teste *simulado*, a empresa *dissimula* que está tudo correto e esconde o defeito dizendo que está tudo bem, fazendo de tudo para sustentar a *dissimulação* mesmo diante de fatos que já evidenciaram ou evidenciam o erro.

Quando começam a aparecer os primeiros sinais por detrás de alguma *dissimulação*, muitas vezes um festival ainda maior de *dissimulações* começa a ser usado para tentar esconder aquilo que não foi revelado com deveria no tempo devido.

Eventualmente, o disfarce para tentar esconder um problema eventualmente ainda pode ser parte de uma *simulação*, mas o disfarce repetitivo ou continuado do problema já avança intensamente para a esfera da *dissimulação*.

A tentativa da manutenção indevida da simulação, o esforço para ocultar algo inapropriado na simulação ou a tentativa de disfarçar algum interesse perverso associado à simulação, mesmo diante do disfarce já perdendo a sua eficácia, é um dos principais aspectos do que é chamado de dissimulação.

Toda pessoa com um mínimo de conhecimento do assunto sabe que o objetivo de um “mágico” é duplo: primeiro fazer uma boa *simulação*, e, depois, fazê-la de tal forma que ninguém descubra a *simulação*. O “mágico hábil” precisa ser hábil nas duas coisas.

Portanto, quando retornamos ao texto exposto por Judas, vemos que ele nos informa e alerta que há mágicos da vida real que procuram se infiltrar entre as pessoas de fé com *simulações*, mas também com *dissimulações* para corromper o entendimento da graça de Deus visando, por fim, afetar a fé das pessoas em Deus.

E aqui mais uma vez, também para finalizarmos o capítulo sobre O Sumo Sacerdote que é o **Autor e Consumador da Fé**, entendemos que não poderíamos deixar de mencionar que algumas das mais fortes tentativas de *dissimulações* acabam também se reportando à Ordem de Arão, que sempre foi uma forte oponente da vida mediante a fé em Deus.

Assim, tentar ressuscitar a Ordem de Arão ou similares a ela entre os cristãos, depois de Cristo ter ressurgido dentre os mortos, é uma tentativa de *dissimular*, através das chamadas *fábulas* ou *fábulas judaicas dos tempos antigos*, a revogação do que já foi declarado obsoleto por Deus.

As referidas fábulas são terríveis para quem as acolhe ou revestem o seu entendimento com elas, pois elas criam ilusões de soluções e provisões de fontes que nunca poderão prover o que é prometido ser concedido através delas, fazendo com as pessoas desperdicem dons, recursos e tempo de vida com aquilo que somente tem aparência de piedade, mas não de verdadeira novidade de vida.

A Ordem da Arão não era e nunca será uma ordem que ensina as pessoas a irem pessoalmente à fonte de fé que é Cristo para também passarem a viver desta fonte.

A Ordem de Arão cobrava e requeria sacrifícios e ofertas repetidamente, e mesmo quando as pessoas enriqueciam materialmente, conforme já vimos também, elas não tinham descanso no coração. As pessoas sob a Ordem de Arão sempre estiveram agitadas pensando que algo exterior lhes faltava, não sendo ensinadas, por esta ordem, que o que lhes faltava era alguém que lhes concedesse a fé em Deus e a estabelecesse no coração de cada indivíduo.

Desta forma, um dos problemas centrais do sistema piramidal da Ordem de Arão é que ele afasta as pessoas da busca pela verdadeira fonte de fé ao sugerir que elas

coloquem as suas expectativas em proposições de que os seus semelhantes irão tomar atitudes e fazer por elas as ações que as próprias pessoas deveriam fazer pessoalmente.

Quando ordens sacerdotais com características da Ordem de Arão pensam que a graça de Deus lhes permite introduzir seus variados mandamentos carnis e propor ilusões às pessoas com *dissimulações* dizendo que outros indivíduos ou ministros especialmente capacitados podem ser os “solucionadores” das suas coisas espirituais, as pessoas passam a se abster cada vez mais de buscar em Deus a fé pessoal e se tornam “dependentes” dos que estão acima deles na cadeia da pirâmide à qual se associaram.

As pessoas sujeitas às proposições similares à Ordem de Arão, no final das contas, são ensinadas a pensarem que não precisam da fé diretamente em Deus pelo fato de haver outros que alegam cuidar da sua vida espiritual. Porém, por outro lado, são tratadas com severidade segundo os preceitos similares à Lei de Moisés para obedecerem as suas regras.

As pessoas sujeitas à ordens sacerdotais similares à de Arão tornam-se temerosas e obedientes a seus semelhantes, passando, ao mesmo tempo, a desagradarem e não temerem a Deus conforme o Senhor gostaria que o fizessem.

Frisando mais uma vez: Um ponto central quando as pessoas se deixam envolver pelas pretensas alegações de que podem servir a Deus através de líderes e através de sacerdotes humanos é que elas não se achegam pessoalmente à fonte da fé em Deus e nem desenvolvem um relacionamento real de fé no Senhor. E isto, por não verem com frequência a glória do Senhor guiando-as diretamente ou individualmente e por não usarem pessoalmente da fé que Deus quer lhes conceder.

Se uma pessoa reluta viver mediante a fé achando que pode viver através das crenças e proposições de outros, ela também não aprenderá de fato e pessoalmente a viver através da fé em Deus, pois a fé em Deus é para ser direcionada a Deus e não a qualquer outra parte da criação.

*Hebreus 11: 6 **De fato, sem fé é impossível agradar a Deus, porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que se torna galardoador dos que o buscam.***

*Gálatas 3: 11 **E é evidente que, pela lei, ninguém é justificado diante de Deus, porque o justo viverá pela fé.***

Vejamos mais uma vez também o seguinte texto:

- Jeremias 17: 5 **Assim diz o SENHOR: Maldito o homem que confia no homem, faz da carne mortal o seu braço e aparta o seu coração do SENHOR!***
- 6 **Porque será como o arbusto solitário no deserto e não verá quando vier o bem; antes, morará nos lugares secos do deserto, na terra salgada e inabitável.***
- 7 **Bendito o homem que confia no SENHOR e cuja esperança é o SENHOR.***

8 Porque ele é como a árvore plantada junto às águas, que estende as suas raízes para o ribeiro e não receia quando vem o calor, mas a sua folha fica verde; e, no ano de sequeidão, não se perturba, nem deixa de dar fruto.

9 Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto; quem o conhecerá?

10 Eu, o SENHOR, esquadrinho o coração, eu provo os pensamentos; e isto para dar a cada um segundo o seu proceder, segundo o fruto das suas ações.

A fé é dada pelo Senhor para cada pessoa se aproximar de Deus, e não para ser direcionada a outros ou terceirizada a outros.

Romanos 14: 22 (a) **A fé que tens, tem-na para ti mesmo perante Deus.**

Sacerdócios que usam preceitos segundo a Ordem de Arão as vezes chegam ao ponto de abertamente declararem que um liderado que está associada a eles pode até nem precisar “viver e andar em fé”, bastando somente confiar nos líderes da sua respectiva ordem e ser fiel nas ofertas para com ela. E estes sacerdócios usam destas dissimulações porque na Ordem de Arão de fato nem existe a fé, como já vimos anteriormente.

Entretanto, ao dizerem que as pessoas não precisam de fé e nem precisam se aproximar diretamente a Deus, como os referidos tipos de sacerdócios respondem à afirmação do seguinte texto que também já mencionamos várias vezes?

Hebreus 11: 6 **De fato, sem fé é impossível agradar a Deus, porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que se torna galardoador dos que o buscam.**

Ainda que os danos materiais não venham sobre um indivíduo que é adepto à Ordens similares à de Arão, pois isto também não é o ponto principal, os estragos no relacionamento desta pessoa com a fé em Deus, ou para impedir que ela venha a ter fé, são devastadores se uma pessoa não se arrepender desta associação a este tipo ordem sacerdotal já obsoleta diante do Senhor.

Jetro, sogro de Moisés e sacerdote de Midiã, propôs um projeto a seu genro que, somado à proposição das pessoas de que Deus era para falar com elas através de Moisés, praticamente aniquilou a fé individual em Deus de cada pessoa de quase toda uma geração.

Quando eram para ficar 2 anos no deserto, as pessoas libertas do domínio do Egito ficaram ali por 40 anos. Elas ficaram 38 anos a mais do que era necessário, pois quando Deus disse para irem à Canaã, e que Ele seria com elas, as referidas pessoas não tiveram fé ou não conseguiram crer na promessa de Deus, pois foram ensinadas por sacerdócios humanos. E depois de 40 anos, somente 2 homens de toda uma geração acima de 20 anos de idade quando saíram do Egito avançaram para a terra de Canaã.

Um conselho de um sacerdote de Midiã associado aos corações propensos a não andar pela fé, mas por vista, foi a causa de levar quase uma geração inteira à incredulidade.

Assim, o sistema proposto por Jetro a Moisés sucumbiu no deserto, mas também já no deserto o sistema de Arão e da Lei de Moisés se mostrou envolto em *dissimulações* que nunca conseguiram estabelecer as pessoas em um verdadeiro descanso interior.

A simulação de piedade da Ordem de Arão, acompanhada de muitas e muitas dissimulações, veio a ser interrompida somente em Cristo.

2 Coríntios 3: 15 Mas até hoje, quando é lido Moisés, o véu está posto sobre o coração deles.

16 Quando, porém, algum deles se converte ao Senhor, o véu lhe é retirado.

Quando Cristo cumpriu o que precisava ser cumprido para também encerrar o que precisava ser encerrado, é que toda *dissimulação* da Ordem Sacerdotal Velha foi exposta pela Luz de Deus diante de todo o mundo.

Assim, mais uma vez:

Romanos 10: 1 Irmãos, a boa vontade do meu coração e a minha súplica a Deus a favor deles são para que sejam salvos.

2 Porque lhes dou testemunho de que eles têm zelo por Deus, porém não com entendimento.

3 Porquanto, desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria, não se sujeitaram à que vem de Deus.

4 Porque o fim da lei é Cristo, para justiça de todo aquele que crê.

5 Ora, Moisés escreveu que o homem que praticar a justiça decorrente da lei viverá por ela.

6 Mas a justiça decorrente da fé assim diz: Não perguntes em teu coração: Quem subirá ao céu?, isto é, para trazer do alto a Cristo;

7 ou: Quem descerá ao abismo?, isto é, para levantar Cristo dentre os mortos.

8 Porém que se diz? A palavra está perto de ti, na tua boca e no teu coração; isto é, a palavra da fé que pregamos.

9 Se, com a tua boca, confessares Jesus como Senhor e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo.

10 Porque com o coração se crê para justiça e com a boca se confessa a respeito da salvação.

Na justiça de Deus e na vida mediante fé no Senhor, não há qualquer necessidade de haver templos, lei de Moisés ou similares, sumo sacerdotes humanos, mas somente um coração disposto a crer que ***Cristo é tudo em todos*** e também disposto a confessar a Cristo como Senhor da sua vida pessoal, mesmo que o coletivo não o faça.

Por isto, tentar alegar que o Sumo Sacerdote Eterno Jesus Cristo não pode atender a todos pessoalmente é uma afirmação que apresenta as mesmas características distorcidas da velha aliança, pois similarmente procura estabelecer limites para a atuação do Senhor que é ***tudo em todos***.

No livro de Atos, quando os cristãos foram dispersos de Jerusalém e desafiados a andarem ainda mais sob uma dependência pessoal de Deus, vemos que o testemunho de Cristo de cada cristão não foi enfraquecido. Pelo contrário, foi fortalecido, e por onde iam, elas falavam de Cristo e do Evangelho do seu amor.

Qualquer pessoa com um razoável senso de família sabe que nenhum filho mais velho é posto para mediar o acesso do pai ao recém-nascido, e que nenhum filho é pai do seu irmão. Por mais que possam ajudar o pai no cuidado de uns para com os outros, irmãos são somente irmãos e o pai continua sendo o pai.

Quanto mais o Pai Celestial não atenderá os pequeninos filhos na fé que chegam a Ele “em Cristo”?

Gálatas 3: 25 **Mas, tendo vindo a fé, já não permanecemos subordinados ao aio.**

26 Pois todos vós sois filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus;

27 porque todos quantos fostes batizados em Cristo de Cristo vos revestistes.

28 Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus.

29 E, se sois de Cristo, também sois descendentes de Abraão e herdeiros segundo a promessa.

Romanos 8: 14 **Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus.**

15 Porque não recebestes o espírito de escravidão, para viverdes, outra vez, atemorizados, mas recebestes o espírito de adoção, baseados no qual clamamos: Aba, Pai.

16 O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus.

Judas disse que ele se dispôs a escrever sobre as maravilhas da salvação comum a ele e aos outros cristãos, mas se sentiu fortemente redirecionado por Deus, através Espírito Santo, a escrever sobre um tema mais necessário naquele momento, pois os seus irmãos estavam sob iminente perigo de ter sua fé atacada por *dissimuladores, mágicos de pretensos evangelhos, sacerdotes opostos a Cristo ou pessoas voltadas somente a si mesmas* para tentarem estabelecer o conceito de que “os seres humanos podem pastorear a si próprios”.

E se posteriormente à ressurreição de Cristo e ao anúncio de que a velha aliança já se tornara obsoleta, Deus moveu Judas a alertar aos seus irmãos de fé em Deus, é porque opositores similares aos dos tempos antigos também estariam se levantando mesmo após o tempo da vinda da fé ao mundo em Cristo, e também para alertar que similares a estes tentarão se levantar em todas as gerações.

Uma intensa oposição à fé não foi algo que ocorreu somente nos dias antigos. Ela sempre existiu, existe e existirá até que o Senhor volte nos céus à Terra para levar consigo para sempre aqueles que Nele creem.

Muitas coisas distorcidas têm sido ditas sobre a fé que precisam ser rejeitadas.

Em muitos casos, parece inclusive que muitas pessoas passaram a confiar nas suas convicções em vez de confiarem em Deus. Elas têm pensado ter fé crendo nas crenças delas e não na própria “fé em Deus”. Comportamento este que novamente é o próprio conceito que está por trás da motivação do surgimento da Ordem de Arão, mas com outras palavras ou *palavras dissimuladas* ajustadas para os dias presentes.

Muitas pessoas têm dito que algo “vai acontecer porque elas creem que vai acontecer” ou “vai acontecer porque elas disseram que vai acontecer”. Isto, porém, não é uma “crença nas próprias crenças”? Aspecto que, por sua vez, não tem vínculo algum com a fé em Deus ou a fé que é concedida por Deus.

Quando uma pessoa diz que algo vai acontecer “porque ela crê que vai acontecer”, ela está *simulando* algo que nem sempre vai conseguir se sustentar. E aí, quando o que ela disse não se sustenta, ela começa a *dissimular* e anexar uma enormidade de apetrechos e justificativas para esconder o fato de ter confiado na sua própria palavra ou na palavra de outra pessoa, sem ter de fato andado na fé em Deus.

A fé não é algo que uma pessoa decide ter e em outro momento decide não ter.

Entretanto, por crerem que a fé é algo que elas podem ou devem produzir é que muitas pessoas vão às chamadas reuniões de estímulo da fé. Como é dito popularmente em alguns lugares, “vão tentar turbinar a sua fé”. São reuniões nas quais uns dizem a outros expressões como “você tem que ter fé” ou “tenha a fé que você chega aonde você quer chegar”, como se o ter fé ou não ter fé dependesse exclusivamente das pessoas e não de sua comunhão pessoal com a fonte da dádiva da fé que provém do reino celestial.

E quando alguém falha neste aspecto do “tem que ter fé” ou “chegar onde disse que podia chegar”, os mesmos que disseram para uma pessoa que ela “tinha que ter fé”, também são os que imputam aos outros acusações como, por exemplo, “eu disse que você tinha que ter fé”, ou seja:

- ⇒ 1) Primeiramente, a pessoa é levada à *simulação* falsa que ela pode ter fé a hora que ele quiser ter, que ela pode produzir por si própria o “tem que ter fé”;
- ⇒ 2) Quando, porém, o “você tem que ter fé” não funciona, a culpa nunca é daquele que disse para que o outro tivesse que ter fé. Quando a suposta fé não funciona, o instrutor que diz que o outro “tem que ter fé” *dissimula* acusando que outros não tiveram fé suficiente para alcançar o que queriam alcançar.

Os divulgadores que tentam impor aos outros que “eles têm que ter fé”, primeiro induzem as pessoas a acreditarem que elas podem ter fé a hora que quiserem, mas quando esta proposição não funciona como declarada, fazem com que aquele que falhou na suposta fé venha a acreditar que se algo deu errado, isto foi “porque ele não creu o suficiente”. Primeiramente propõem uma *simulação* de algo irreal e depois usam de *dissimulações* para esconder a primeira mentira.

As pessoas muitas vezes falam da fé como se ela dependesse somente do ser humano ou que elas pudessem controlar a fé como um controle remoto de TV que liga, desliga, muda de canal, aumenta o volume e abaixa o volume.

A fé, porém, não é algo que uma pessoa designa a outra a “ter que ter”, mas é algo que uma pessoa obtém em Deus e presta contas a Deus em como ela deve usar esta fé segundo o querer do Senhor.

Deus não tem obrigação e nem compromisso de atender o que as pessoas creem por si próprias ou aquilo que outros disseram que elas devem crer. Deus tem compromisso em atender aquilo que Cristo as conduziu a crerem de acordo com o que Deus lhes revelou para crerem ou de acordo com o que Ele quer fazer nelas e através de suas vidas.

E por que nos dias atuais, quando alguma estrutura eclesiástica fica abalada ou perde um líder, seus membros ficam tão desesperados e aflitos nas suas almas? Por que se afligem tanto pelas coisas tangíveis? Não bastaria confiarem no seu Deus para seguirem adiante?

O fato de uma estrutura ou instituição eclesiástica se desestabilizar, por um acaso, pode abalar a Deus e a Cristo no trono celestial ou no coração de uma pessoa?

Se o abalo da Ordem de Arão, a ponto de declará-la como obsoleta e revogada, não pôde abalar o plano da fé que Deus concede em Cristo, também não é o abalo de uma instituição religiosa que poderá abalar a soberania de Deus em nossos dias.

Portanto, o engano da *dissimulação ou hipocrisia* procura atuar através do desconhecimento que as pessoas têm da Glória de Cristo, da negação da Soberania de Cristo e da negação de que Cristo é o Sumo Sacerdote Eterno e Advogado que as pessoas necessitam, inclusive, para serem perdoadas das tentativas de negarem que Cristo é o Autor e Consumador da fé.

Entretanto, uma vez removido o véu que impedia de ver que Jesus é o Autor e o Consumador da fé, os fardos pesados advindos do “ter que ter fé” podem ser por Ele tirados para que em Cristo possamos ser edificados na “fé que nos é dada pela única graça verdadeira e incorruptível”, como todos os demais aspectos do Evangelho.

Por isso, mesmo diante do objetivo de avançar para ver mais aspectos sobre o Evangelho da Glória de Cristo, entendemos que se fez necessário abordar as considerações deste tópico. No mundo, inúmeras vezes se levantaram e continuam a surgir muitas pessoas que querem abalar a fé pessoal em Deus dos justificados em Cristo. Em cada nova geração, há aqueles que continuam a criar muitas *dissimulações* e coisas que delas derivam.

Se Paulo, que conheceu tanto de Deus a partir de seu relacionamento pessoal com Cristo, precisou “guardar” com diligência aquilo que é tão valioso e lhe foi dado como uma dádiva para a sua salvação e novidade vida no Senhor, quanto mais todos os outros cristãos não deveriam também estar atentos à guardar a fé que já lhes foi concedida em Cristo?

E como as pessoas crerão naquilo que Cristo quer que elas creiam se não se relacionam com Ele segundo a graça e a maneira como Deus estabeleceu para o fazerem?

A fé de Deus é nos concedida para crer em Cristo e em Deus, e para vivermos e andarmos em fé segundo a instrução do Senhor para os demais aspectos da vida.

E aquilo que vier a se opor à fé em Cristo, e através de Cristo, é forte candidato à esfera das *dissimulações* e *das aparências de fé e de piedade*, devendo por isto ser firmemente rejeitado.

*2 Coríntios 11: 3 **Mas receio que, assim como a serpente enganou a Eva com a sua astúcia, assim também seja corrompida a vossa mente e se aparte da simplicidade e pureza devidas a Cristo.***

*João 6: 28 **Dirigiram-se, pois, a ele, perguntando: Que faremos para realizar as obras de Deus?***

*29 **Respondeu-lhes Jesus: A obra de Deus é esta: que creiais naquele que por ele foi enviado.***

*2 Timóteo 4:7 **Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé.***

Muitas pessoas procuram fórmulas, lista de passos ou métodos para alcançarem a fé ou o viver e andar mediante a fé. Entretanto, muitas vezes, não se atém ao fato de que a fórmula da fé, da verdade e do caminho de Deus é um Ser Divino e o relacionamento com Aquele que é o **Autor e Consumador da fé**, a saber: O Eterno Senhor Jesus Cristo.

A fé é uma dádiva, um meio e uma virtude que Deus nos dá para, primeiramente, ser canalizada em direção a Cristo, pois somente no sacerdócio de Cristo é que temos um Sumo Sacerdote e Advogado que continua a fortalecer esta fé em nós para que estejamos cada vez mais estabelecidos na razão da fé, a qual é sermos estabelecidos eternamente em firmeza como filhos do nosso Pai Celestial.

*Gálatas 2: 16 **Sabendo, contudo, que o homem não é justificado por obras da lei, e sim mediante a fé em Cristo Jesus, também temos crido em Cristo Jesus, para que fôssemos justificados pela fé em Cristo e não por obras da lei, pois, por obras da lei, ninguém será justificado.***

*Gálatas 3:26 **Pois todos vós sois filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus.***

A vida de fé é uma vida a ser vivida em humildade diante de Cristo, diante Daquele que é o Autor e Consumador da fé em nossos corações. E se algo vir a se cumprir pela fé, é porque Ele nos deu promessas e nos ajudou a crer para a glória do Pai Celestial, e não para a nossa.

*2 Coríntios 4: 7 **Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós.***

Que o Senhor possa estender a sua misericórdia também sobre a nossa geração e sobre nós para nos fortalecer na fé que também nos é conferida segundo a sua eterna

graça. Sim Deus, pedimos que o Senhor estenda a sua misericórdia nestes dias sobre nós como o Senhor também fez a outras gerações até o presente dia!

C28. Viver Em Cristo e Andar Em Cristo

*Efésios 3: 8 **A mim, o menor de todos os santos, me foi dada esta graça de pregar aos gentios o evangelho das insondáveis riquezas de Cristo.***

Nos capítulos anteriores, já vimos que um dos aspectos centrais do Evangelho das insondáveis riquezas de Cristo, que nos é oferecido por Deus, está no fato de que, através deste Evangelho, nos é permitido receber a Cristo em nossos corações, o qual é a razão da esperança de conhecermos a manifestação da glória do Senhor para também sermos transformados de glória em glória como que pelo Espírito do Senhor.

Cristo em nós é o local e a forma perfeita que o Pai Celestial estabeleceu para que a glória do seu Filho Amado e a sua própria glória pudessem vir a ser conhecidas na medida plenamente satisfatória e possível de ser assimilada pelos indivíduos que ainda habitam no mundo sem serem consumidos e destruídos por esta glória infindável.

Cristo em nós é a perfeita opção da manifestação da glória de Deus daquilo que necessitamos conhecer sobre o nosso Deus.

O que o Pai Celestial anela que conheçamos sobre Cristo é o que precisamos que Cristo seja em nós e a favor de nós, lembrando mais uma vez que Cristo é a exata expressão da glória de Deus.

*Hebreus 1: 1 **Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas,***
2 nestes últimos dias, nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o universo.
3 Ele, que é o resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser, sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder, depois de ter feito a purificação dos pecados, assentou-se à direita da Majestade, nas alturas,
4 tendo-se tornado tão superior aos anjos quanto herdou mais excelente nome do que eles.

Quando o Pai Celestial nos concede o seu Filho Jesus Cristo para estar em nós e para conhecermos a parte da sua glória que já nos é necessária conhecer ainda enquanto na Terra, o Pai também está nos concedendo todos os aspectos da novidade de vida do reino celestial que uma pessoa necessita tanto para o tempo que ainda lhe resta na Terra como para toda a eternidade.

*1 João 5: 11 **E o testemunho é este: que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está no seu Filho.***
12 Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida.
***13 Estas coisas vos escrevi, a fim de saberdes que tendes a vida eterna, a vós outros que credes em o nome do Filho de Deus, e para que continueis a crer em o nome do Filho de Deus.** (RA+NKJV)*

1 Coríntios 15: 22 **Porque, assim como, em Adão, todos morrem, assim também todos serão vivificados em Cristo.**

Receber a Cristo no coração ou ter *Cristo em nós* é o começo da maior mudança que uma pessoa pode experimentar em toda a sua existência. Do ponto de vista espiritual e eterno, receber a Cristo no coração é onde começa de fato, para um indivíduo, a vida que Deus anela que todo ser humano venha a conhecer e experimentar desde agora e para sempre. O recebimento de Cristo no coração é o ato que torna uma pessoa nascida também espiritualmente de Deus, não somente nascida do sangue e da carne.

1 Timóteo 2: 3 **Isto é bom e aceitável diante de Deus, nosso Salvador,**
4 **o qual deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade.**

João 3: 3 **A isto, respondeu Jesus: Em verdade, em verdade te digo que, se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus.**

...
5 **Respondeu Jesus: Em verdade, em verdade te digo: quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus.**
6 **O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espírito é espírito.**

João 1: 12 **Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no seu nome;**
13 **os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus.**

João 17: 3 **E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste.**

Entretanto, quando Deus nos concede que o seu Filho Amado habite em nós para que conheçamos a sua glória a fim de que tenhamos a novidade de vida no Senhor, também é de se esperar que a pessoa que recebeu a Cristo venha a dar passos em direção à novidade de vida recebida para desfrutar daquilo que lhe foi concedido pelo Senhor.

Depois que o Senhor nos concede novidade de vida em Cristo, também é esperado, obviamente, que passemos a nos inclinar para a novidade de vida que nos foi concedida e que passemos a inclinar o coração para sermos instruídos sobre esta nova condição de vida.

Depois que o Senhor nos concede novidade de vida através do habitar de Cristo em nossos corações por meio do Espírito Santo, também é esperado, obviamente, que passemos a acessar a vida que nos foi conferida do reino de Deus e que em nós passou a habitar.

Depois que uma pessoa recebeu individualmente a Cristo como o Senhor, a condição de Cristo em nós agora precisa passar para a etapa de nós em Cristo, que é a expressão que as Escrituras utilizam para fazer a referência a alguém estar em Cristo, tema que também expusemos como o título de um dos capítulos anteriores.

Colossenses 1: 28 (Cristo), o qual nós anunciamos, advertindo a todo homem e ensinando a todo homem em toda a sabedoria, a fim de que apresentemos todo homem perfeito em Cristo.

Se, por um lado, toda a glória Deus e a novidade de vida que o Senhor quer nos manifestar encontra-se na dádiva de podermos ter *Cristo em nós*, é na condição de *nós em Cristo* que podemos conhecer toda a glória e novidade de vida de Deus que nos são necessárias.

Quando o Senhor oferece e concede que Cristo habite o coração de uma pessoa, porque a pessoa recebeu a Cristo voluntariamente em sua vida, Cristo, ao vir habitar o coração desta pessoa, continua a oferecer e não impor a novidade de vida que Nele está para a pessoa que o recebeu. Ele convida a pessoa para adentrar na novidade de vida que agora passou a estar tão próxima e tão disponível para ser acessada por ela.

Quando uma pessoa recebe a Cristo como Senhor em seu coração, Cristo se coloca nela, através do Espírito Santo, plenamente disponível de ser acessado, deixando, contudo, a critério da pessoa realizar a opção de acessá-lo de fato.

O Senhor, no coração de um indivíduo, continuamente lembra esta pessoa de que Ele está nela. Ele a recorda de que ela é uma nova criatura. Ele a faz lembrar de que necessita do Pai Celestial e coloca nela um anelo e um clamor por Deus. Cristo constantemente a alerta sobre perigos e pecados que tentam enredá-la novamente. Entretanto, ainda assim, Cristo deixa cada pessoa decidir se ela quer dar ouvidos ou não à sua voz e se ela quer ou não se aprofundar no relacionamento com Aquele que foi concedido pelo Pai Celestial para estar em seu coração.

Cristo nos é concedido ao nosso coração pelo Pai Celestial para que Ele sempre esteja conosco e para que absolutamente nada externo a nós possa se interpor quando quisermos nos relacionar com o Senhor. Mas ainda assim, Deus deixa que a decisão final de um relacionamento mais próximo com Cristo seja feita pela pessoa que recebeu ao Senhor Jesus no coração.

Enquanto o príncipe das trevas e os dominadores do presente mundo tentam se impor e estabelecer a dominação sobre todos aqueles que se sujeitam a eles, Cristo, mesmo eleito voluntariamente como Senhor por uma pessoa, continua se oferecendo para guiar a vida da pessoa de tal forma que esta possa sempre optar em seguir ou não seguir as instruções que Ele concede a ela.

Cristo nos é oferecido do céu como a dádiva em Quem estão todas as outras dádivas celestiais oferecidas a nós através do Evangelho, o qual, por sua vez, tem por característica essencial ser uma oferta. E isto, para que aquilo que necessitamos do Senhor para a vida segundo a vontade de Deus possa ser acessado voluntariamente a partir do nosso coração.

E ainda outra maneira de expressarmos a diferença entre termos *Cristo em nós* e *nós estarmos em Cristo* é o que o próprio Senhor Jesus nos declarou no seguinte texto:

*João 15: 5 **Eu sou a videira, vós, os ramos. Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer.***

*6 **Se alguém não permanecer em mim, será lançado fora, à semelhança do ramo, e secará; e o apanham, lançam no fogo e o queimam.***

*7 **Se permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes, e vos será feito.***

*8 **Nisto é glorificado meu Pai, em que deis muito fruto; e assim vos tornareis meus discípulos.***

No contexto de *Cristo estar em nós e nós estarmos em Cristo*, sugerimos observar mais uma vez com atenção especial o último texto acima para percebermos o que está descrito a seguir, ou seja:

- ⇒ 1) Quando uma pessoa recebe a Cristo em seu coração, esta pessoa passa a ter Cristo na sua vida para poder *estar em Cristo*. Porém, se uma pessoa não recebe a Cristo em seu coração, ela nem pode se conectar a uma série de atributos de Cristo. Ela nem tem a possibilidade de *estar em Cristo e permanecer Nele*.
- ⇒ 2) Quando, porém, alguém recebe a Cristo, esta pessoa passa a ter duas opções. Ou seja, ela passa a poder *permanecer Naquele que nela está* ou escolher *não permanecer Naquele que nela está*.
- ⇒ 3) Quando alguém opta em *permanecer em Cristo que nele está, Cristo, que nele está, também permanece nele*. Entretanto, se alguém recebe a Cristo no coração e constantemente ou repetidamente despreza a presença do Senhor em seu coração *e não permanece Nele*, embora Cristo esteja tão próximo, o Senhor Jesus também pode optar em *não permanecer neste indivíduo*.

Ou ainda, se uma pessoa recebe a Cristo através da graça de Deus, se conecta à graça de Deus e a Cristo, ou vice-versa, ela recebe a Cristo e a graça no coração para desfrutar desta presença em sua vida. Entretanto, se ela, conforme visto várias vezes nos capítulos anteriores, resolve, por exemplo, voltar a se associar a um sacerdócio similar à Ordem de Arão, ela pode vir a se desligar tanto da graça como de Cristo, visto que a graça de Deus e Cristo são aspectos inseparáveis.

Cristo é concedido por Deus àqueles que o recebem para habitar eternamente em seus coração, mas Ele é também concedido para que a pessoa viva Nele, seja ensinada segundo a sua vontade e ande Nele, situação em relação à qual, o desprezo pela novidade de vida que o Senhor Jesus vem a oferecer também representa, diante de Deus, o desprezo pelo próprio Cristo.

Se uma pessoa, por exemplo, está perecendo por não ter acesso à água, ela igualmente perecerá se ela passar a ter acesso à água, mas se recusar a acessá-la por mais que lhe esteja amplamente disponível.

E uma narrativa das Escrituras que exemplifica figuradamente o que acontece com algumas pessoas que recebem a Cristo, mas não o acessam como poderiam e como deveriam fazê-lo, está apresentado no texto a seguir:

- Lucas 10: 38 Indo eles de caminho, entrou Jesus num povoado. E certa mulher, chamada Marta, hospedou-o na sua casa.*
- 39 Tinha ela uma irmã, chamada Maria, e esta quedava-se assentada aos pés do Senhor a ouvir-lhe os ensinamentos.*
- 40 Marta agitava-se de um lado para outro, ocupada em muitos serviços. Então, se aproximou de Jesus e disse: Senhor, não te importas de que minha irmã tenha deixado que eu fique a servir sozinha? Ordena-lhe, pois, que venha ajudar-me.*
- 41 Respondeu-lhe o Senhor: Marta! Marta! Andas inquieta e te preocupas com muitas coisas.*
- 42 Entretanto, pouco é necessário ou mesmo uma só coisa; Maria, pois, escolheu a boa parte, e esta não lhe será tirada.*
-

A título figurativo, receber a Cristo no coração é como receber um hóspede sobremaneira ilustre na vida individual e particular onde uma pessoa pode ter, entre outras, duas atitudes completamente distintas. Ela pode receber a Cristo e tê-lo em sua vida para primeiramente querer servi-lo e fazer muitas coisas diante do Senhor, mas o que pode representar “o não permanecer Nele”, ou ela pode assentar-se primeiramente em quietude diante do Senhor para aproveitar a presença deste hóspede e, antes de tudo, ser ensinada pela mais ilustre pessoa que um indivíduo pode receber em toda a sua existência.

Cristo em nós não é nada menos do que Deus em nós. É Deus conosco. É o Criador dos Céus e da Terra fazendo habitação individual e pessoal em nossas vidas para nos relacionarmos com Ele como filhos de Deus e irmãos em Cristo, e para isto ser estabelecido para toda a eternidade.

Cristo é um hóspede que tem tudo, é tudo e que não necessita que lhe sirvamos antes de recebermos o que Ele tem a nos oferecer, pois, de nós mesmos, a única dádiva que inicialmente temos uma mais ampla autonomia para oferecer a Ele é o nosso coração, pois todas as outras dádivas que necessitamos para servir a Deus vêm primeiro de Deus a nós para serem usadas segundo a instrução do Senhor.

1 João 4: 19 Nós o amamos porque ele nos amou primeiro. (RC)

No texto do livro de Lucas, capítulo 10, visto acima, Marta se assemelha a uma figura do primeiro sacerdócio, a Ordem de Arão, que “não se aquieta” em suas obras e com isto evita ter o coração iluminado pela Luz Eterna e Celeste. Marta pode representar a figura daqueles que se escondem atrás de obras e mais obras, mas não escolhem o “pouco que lhes é necessário”, o “único que lhes é necessário”, o qual, por sua vez, é quedar-se assentado aos pés do Senhor para ser instruído por Ele antes da execução das obras.

No texto do livro de Lucas em referência, podemos ver que Marta acolhe a Cristo em sua casa, não o rejeita por completo ou não quer ficar afastada de Deus. Entretanto, ao mesmo tempo, ela também não quer muita proximidade de Deus. Ela consente em ter Cristo por perto e até o convida para isto, mas não se aquieta para estar ou permanecer em comunhão com Ele no tempo oportuno.

Na circunstância ocorrida, não há nenhuma menção de que Marta estivesse fazendo alguma tarefa que em si mesmo fosse inapropriada. Cristo não chamou a atenção dela para alguma atividade específica com a qual estava envolvido, mas comentou que ela não fizera uma escolha apropriada no sentido mais amplo. E isto, obviamente, o Senhor fez para que ela se arrependesse e passasse a mudar a sua atitude.

Por outro lado, observando ainda o mesmo texto, Maria pode se assemelhar a uma figura do novo sacerdócio, do sacerdócio segundo a Ordem de Melquisedeque, onde uma pessoa é primeiramente edificada através do *permanecer em Cristo* que está hospedado em sua casa para ser instruída por Ele para, no tempo oportuno, também caminhar segundo às veredas e instruções vivas do Senhor.

*Provérbios 3: 5 **Confia no SENHOR de todo o teu coração e não te estribes no teu próprio entendimento.***

*Salmos 86: 11 **Ensina-me, SENHOR, o teu caminho, e andarei na tua verdade; dispõe-me o coração para só temer o teu nome.***

Quando, além de receber a Cristo no coração, uma pessoa também se dispõe a *permanecer Nele* e sob a instrução viva do Senhor, pois o Senhor também é o Verbo Vivo de Deus para conosco, esta pessoa tem a promessa do Senhor de ser frutífera segundo a perspectiva de Deus, pois ela escolhe já não agir mais segundo o seu próprio entendimento, mas segundo a vontade do Senhor ou a direção do Espírito do Senhor.

Ainda outro texto que procura nos expor a diferença entre *ter a Cristo no coração* ou *estar em Cristo*, é o texto narrado no livro de Romanos escrito por intermédio de Paulo e que segue abaixo:

*Romanos 8: 9 **Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se, de fato, o Espírito de Deus habita em vós. E, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele.***

Um indivíduo somente pode viver a vida cristã se ele, primeiramente, receber a Cristo em seu coração, o qual é o meio para também ter o Espírito de Deus habitando nele.

Entretanto, uma pessoa também é chamada a compreender que o Espírito de Deus é nos concedido para que sejamos auxiliados a ter o mesmo sentimento que houve em Cristo Jesus de se render à direção de Deus e *permanecer no Senhor* em todo o tempo e em todos os atos. E se alguém não intenta *permanecer em Cristo*, mesmo que Cristo tenha vindo ao seu coração, ele de fato não vê a Cristo como o Senhor e ainda pode estar resistindo a ser Dele, a ser de Cristo.

Nenhuma outra obra, nenhum conjunto de obras, nenhum conjunto de esforços, quer no plano natural ou no plano espiritual, nenhum conjunto de ofertas, dízimos, sacrifícios de bens, ou até tempo de vida, podem compensar o não permanecer pessoalmente e individualmente em Cristo, visto que as obras supostamente feitas para Deus, por si só, não fazem as pessoas obterem o favor de Deus.

As obras feitas *em Deus* não são realizadas para obter a justificação para as bênçãos. Elas são resultado da bênção maior advinda do *permanecer em Cristo*, ser iluminado pelo Senhor e ser instruído por Ele.

Romanos 4: 5 Mas, ao que não trabalha, porém crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é atribuída como justiça.

João 3: 21 Quem pratica a verdade aproxima-se da luz, a fim de que as suas obras sejam manifestas, porque são feitas em Deus.

As obras feitas *em Deus* são fruto do discernimento do que é bom e do que é mal que verdadeiramente somente Cristo pode conceder a uma pessoa. (Conforme exposto mais amplamente no estudo sobre O Evangelho da Justiça de Deus).

A tentativa de realizar obras para Deus sem elas terem sido instruídas por Cristo, como no caso de Marta e da primeira ou antiga aliança, obscurece e cega as pessoas para o que Cristo quer falar a elas ainda que Ele esteja muito próximo à uma pessoa ou ainda que Ele esteja em sua casa ou em seu coração.

Respondeu-lhe o Senhor: Marta! Marta! Andas inquieta e te preocupas com muitas coisas. Entretanto, pouco é necessário ou mesmo uma só coisa; Maria, pois, escolheu a boa parte, e esta não lhe será tirada.

Nada e ninguém pode substituir o *permanecer em Cristo* quando Cristo já está em alguém para que este *permaneça Nele*.

Uma pessoa pode sofrer expressivas resistências externas e interiores para que não venha a receber a Cristo em seu coração, mas ela também poderá receber significativas resistências que tentam atuar contra o *permanecer em Cristo* que já está nela, e isto porque a carne milita contra o Espírito e o Espírito contra a carne.

Gálatas 5: 17 Porque a carne milita contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne, porque são opostos entre si; para que não façais o que, porventura, seja do vosso querer.

1 Coríntios 15: 50 Isto afirmo, irmãos, que a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus, nem a corrupção herdar a incorrupção.

A resistência que a carne faz ao Espírito, porém, não precisa amedrontar um cristão, pois também é para prevalecermos sobre a carne que Cristo foi concedido para habitar em nós.

Cristo em nós, e nós em Cristo, não é uma promessa de Deus para que todas as lutas cessem, mas é a promessa e a garantia de que mediante a fé e permanência Nele, temos a vitória que nos torna mais que vencedores também no que concerne toda a agitação e oposição da carne e do mundo sujeito às trevas.

1 João 4: 4 Filhinhos, vós sois de Deus e tendes vencido os falsos profetas, porque maior é aquele que está em vós do que aquele que está no mundo.

*1 João 5: 3 Porque este é o amor de Deus: que guardemos os seus mandamentos; ora, os seus mandamentos não são penosos,
4 porque todo o que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé.
5 Quem é o que vence o mundo, senão aquele que crê ser Jesus o Filho de Deus?*

*1 João 2: 15 Não ameis o mundo nem as coisas que há no mundo. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele;
16 porque tudo que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não procede do Pai, mas procede do mundo.
17 Ora, o mundo passa, bem como a sua concupiscência; aquele, porém, que faz a vontade de Deus permanece eternamente.*

Romanos 8: 37 Em todas estas coisas, porém, somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou.

João 16: 33 Estas coisas vos tenho dito para que tenhais paz em mim. No mundo, passais por aflições; mas tende bom ânimo; eu venci o mundo.

A paz e a vitória de uma pessoa sobre o mundo e o pecado estão em Cristo. Ou seja, estão disponíveis no Cristo em nós, mas são acessadas quando alguém também permanece Naquele que lhe é concedido ao coração pelo Pai Celestial.

Por isto, considerando ainda o exemplo de Marta, quando uma pessoa lê textos sobre guardar os mandamentos de Deus, ela precisa estar muito atenta a não ler estes textos sob a ótica da Ordem de Arão ou que use preceitos similares ao da Lei de Moisés, pois em Cristo, no sacerdócio segundo a Ordem de Melquisedeque, o mandamento é:

1 João 5: 5 Quem é o que vence o mundo, senão aquele que crê ser Jesus o Filho de Deus?

*João 6: 28 Dirigiram-se, pois, a ele, perguntando: Que faremos para realizar as obras de Deus?
29 Respondeu-lhes Jesus: A obra de Deus é esta: que creiais naquele que por ele foi enviado.*

*João 15: 4 **Permanecei em mim, e eu permanecerei em vós. Como não pode o ramo produzir fruto de si mesmo, se não permanecer na videira, assim, nem vós o podeis dar, se não permanecerdes em mim.***

A partir da confiança em Cristo, que nos é dado ao coração, e a partir da confiança a tal ponto de *permanecer Nele*, para sermos instruídos e fortalecidos por Ele, é que vários outros aspectos da novidade de vida no Senhor são edificados no cristão.

Receber a Cristo no coração é o evento espiritual mais crucial e imprescindível que uma pessoa pode experimentar em toda a sua existência como ser humano. Entretanto, é pela *permanência em Cristo* que este evento inicial é desenvolvido e estabelecido naquele que voluntariamente recebeu ao Senhor.

Assim como é possível uma criança, no aspecto natural, poder nascer perfeitamente saudável, mas eventualmente vir a morrer mais adiante por deficiência na alimentação, assim uma pessoa pode inicialmente receber a novidade de vida espiritual e morrer mais adiante para esta novidade de vida devido à inanição espiritual por não desfrutar da novidade de vida que nela foi tornada disponível.

Depois que alguém recebe a Cristo no coração, o *permanecer em Cristo*, para através Dele ser alimentado, instruído, purificado e fortalecido para desfrutar a novidade de vida concedida pelo Senhor, é chamado também de ***estar em Cristo***, conforme já vimos anteriormente.

Portanto, após receber a Cristo no coração, o ***estar em Cristo*** também faz parte da essência para uma pessoa desfrutar da novidade de vida que a ela foi concedida quando Cristo lhe foi dado como a dádiva central da vida eterna.

*João 6: 57 **Assim como o Pai, que vive, me enviou, e igualmente eu vivo pelo Pai, também quem de mim se alimenta por mim viverá.***

Apesar de já termos exposto isto várias vezes durante o presente estudo, entendemos que a realidade do *estar em Cristo* precisa ser apresentada e rerepresentada continuamente para que jamais nos afastemos deste princípio essencial que nos conecta de fato à novidade de vida que Deus tem disponível à todos que a querem receber como resultado da exposição à graça celestial.

A meta central de Paulo no seu ministério de apóstolo, mestre e pregador do Evangelho era instruir as pessoas para que entendessem que elas precisavam *estar em Cristo*, porque uma vez que *estão em Cristo*, é claro que Cristo pode salvar perfeitamente os que se achegam por Ele a Deus e pode instruí-los a avançar na vida cristã nas diversas áreas de suas vidas, conforme respectivamente é exposto também no livro de Hebreus. Relembrando, ainda, que a palavra “homem”, mencionada no texto abaixo, refere-se ao termo “Mensch” usado por Martinho Lutero no sentido de se aplicar ao ser humano em geral, tanto o homem como a mulher.

Colossense 1: 28 **O qual (Cristo), nós anunciamos, advertindo a todo homem e ensinando a todo homem em toda a sabedoria, a fim de que apresentemos todo homem perfeito em Cristo;**

29 para isso é que eu também me afadigo, esforçando-me o mais possível, segundo a sua eficácia que opera eficientemente em mim.

Hebreus 7: 22 **Por isso mesmo, Jesus se tem tornado fiador de superior aliança.**

23 Ora, aqueles são feitos sacerdotes em maior número, porque são impedidos pela morte de continuar;

24 este, no entanto, porque continua para sempre, tem o seu sacerdócio imutável.

25 Por isso, também pode salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles.

No texto de Colossenses apresentado acima, sob nenhuma hipótese, Paulo está dizendo que ele, como apóstolo, era mediador para com Deus e que as pessoas eram dependentes dele para acessarem a Cristo, mas que ele se empenhava e ensinava com dedicação para que cada um pudesse compreender e buscar o *estar em Cristo*, o estar em comunhão pessoal, direta e contínua com o Senhor Jesus, a fonte de toda a vida e a expressão exata da glória de Deus.

Colossenses 3: 1 **Portanto, se fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus.**

Paulo nunca teve uma meta de ter discípulos seus, mas levar cada pessoa a entender e experimentar que ela pode ser um discípulo do Senhor Jesus Cristo. E a partir do momento em que um indivíduo aprende este princípio de seguir a Cristo para também *estar em Cristo*, o Senhor instrui e guia a pessoa em seus passos para ela ir se amoldando à vontade do Senhor nos diversos aspectos da sua jornada.

Como todos os seres humanos, Paulo teve uma passagem temporal na vida terrena e nem podia estar com os cristãos todo o tempo do seu ministério, e nunca nem tentou fazê-lo. Paulo se apresentou às pessoas como alguém através de quem ouviram a pregação ou o Evangelho de que poderiam receber a Cristo e depois estarem se relacionando pessoalmente e diretamente com Cristo em seus corações. Paulo se apresentou aos seres humanos como um servo de Cristo que veio anunciar a eles que alguém maior do que ele era o único fundamento da salvação, mas que Cristo também era o único sobre quem as pessoas deveriam edificar as suas vidas.

O processo de salvação em Cristo nunca esteve dissociado do fundamento e da instrução da pessoa edificar ou ser edificada no mesmo Cristo que é o fundamento desta salvação e também o fundamento da vida da pessoa salva.

Assim, *estar em Cristo* também é estar com os alicerces da vida pessoal fundamentados no único fundamento eterno que é Cristo.

Quando uma pessoa recebe a Cristo, ela recebe o fundamento da salvação e da vida. Entretanto, mas quando uma pessoa *permanece em Cristo*, ela é firmada no fundamento que lhe foi concedido. Ela escolhe se manter vinculada ao fundamento de vida eterna que jamais poderá ser abalado para também passar a ser estabelecida nele.

1Coríntios 3: 5 Quem é Apolo? E quem é Paulo? Servos por meio de quem crestes, e isto conforme o Senhor concedeu a cada um.

6 Eu plantei, Apolo regou; mas o crescimento veio de Deus.

7 De modo que nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que dá o crescimento.

8 Ora, o que planta e o que rega são um; e cada um receberá o seu galardão, segundo o seu próprio trabalho.

9 Porque de Deus somos cooperadores; lavoura de Deus, edifício de Deus sois vós.

10 Segundo a graça de Deus que me foi dada, lancei o fundamento como prudente construtor; e outro edifica sobre ele. Porém cada um veja como edifica.

11 Porque ninguém pode lançar outro fundamento, além do que foi posto, o qual é Jesus Cristo.

Se uma pessoa edificar a sua vida sobre um fundamento frágil ou alheio à Cristo, toda a edificação será perdida na sequência.

Cada pessoa é chamada para edificar a sua vida diretamente *em Cristo*, onde, primeiramente, ela mesma é o edifício a ser edificado. Cristo é o único fundamento eternamente inabalável, e ninguém pode por outro fundamento duradoura e confiável, conforme declara a Bíblia, a palavra escrita de Deus ou da verdade.

Se alguém propuser que um cristão edifique sua vida de fé em outra pessoas que não seja Cristo, em algum líder, qualquer outro aspecto da criação ou qualquer tipo de sacerdócio, esta pessoa está tentando roubar a edificação deste cristão *em Cristo*, tentando fazê-lo mover-se do único fundamento da vida eterna.

Se desejar e tiver recursos, uma pessoa pode comprar um apartamento, materialmente falando, onde outros o edificaram para ela e onde outros definem o fundamento e tudo mais. Entretanto, quando o assunto é vida eterna ou vida mediante a fé, ninguém está autorizado a ser fundamento para outra pessoa. Isto é ir contra a expressa vontade de Deus.

Muitas pessoas têm sofrido grandes perdas na sua vida de fé porque edificaram sobre as crenças de homens e mulheres, e sobre muitos que inclusive se dizem cristãos. Entretanto, tudo aquilo que não é edificado diretamente *em Cristo* vai ruir mais cedo ou mais tarde.

Conforme já vimos anteriormente, Diversas pessoas têm dito que os cristãos devem edificar sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, apontando para si mesmas como sendo este fundamento e baseando a sua alegação indevidamente no seguinte texto:

*Efésios 2: 20 ... **edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular;** ...*

Ora, conforme já perguntamos em outra ocasião: Qual sempre foi o fundamento dos apóstolos?

Conforme acabamos de ler acima, o único fundamento dos apóstolos de Cristo sempre foi o próprio Cristo, conforme Paulo escreveu: ***NINGUÉM pode por OUTRO fundamento a não ser o que está posto, que é JESUS CRISTO.***

E qual era a esperança e o fundamento para o qual os profetas de Deus sempre apontaram?

Pedro nos ensina que os verdadeiros profetas de Deus tinham os olhos voltados a Cristo e testemunhavam todos a respeito de Cristo que haveria de vir no tempo oportuno ou na chamada plenitude do tempo.

1Pedro 1: 10 Foi a respeito desta salvação que os profetas indagaram e inquiriram, os quais profetizaram acerca da graça a vós outros destinada,

11 investigando, atentamente, qual a ocasião ou quais as circunstâncias oportunas, indicadas pelo Espírito de Cristo, que neles estava, ao dar de antemão testemunho sobre os sofrimentos referentes a Cristo e sobre as glórias que os seguiriam.

12 A eles foi revelado que, não para si mesmos, mas para vós outros, ministravam as coisas que, agora, vos foram anunciadas por aqueles que, pelo Espírito Santo enviado do céu, vos pregaram o evangelho, coisas essas que anjos anelam perscrutar.

13 Por isso, cingindo o vosso entendimento, sede sóbrios e esperai inteiramente na graça que vos está sendo trazida na revelação de Jesus Cristo.

Os apóstolos de Cristo e os profetas de Deus apontaram, todos, somente para um Único Senhor e Fundamento de todos aqueles que Nele creem: O Senhor Jesus Cristo.

Nenhum homem que já viveu na Terra ou que vive na Terra, exceto o Filho de Deus que se fez homem e foi exaltado por Deus como o Cristo, serve para ser o fundamento de fé e de vida eterna de outra pessoa.

E se os meros seres humanos não podem e não são aceitos pelo Senhor nem para serem mediadores entre Deus e as pessoas, muito menos ainda poderão eles ser fundamento uns dos outros.

Pode um mero ser humano ser fundamento de outro no momento da morte e na sua transição para a vida após a morte? Se não pode, de que adianta ser fundamento de outro no tempo terreno de vida se na hora da maior necessidade nada pode fazer?

Portanto, os cristãos jamais deveriam se afastar da sobriedade concernente ao *estar em Cristo e continuamente permanecer Nele!*

No livro de Romanos, capítulo 1, vemos descrito que os homens quiseram reduzir a glória de Deus ao nível da glória do homem corruptível, mas quando um ser humano quer ser fundamento de vida eterna de outros, não seria isto o “o ser humano tentando elevar a sua glória à condição única de Cristo”?

Por outro lado, o mesmo livro de Romanos também declara que a criação aguarda a revelação dos filhos de Deus e a gloriosa liberdade que eles têm de permanecerem sempre num sólido e único fundamento que nunca se abala.

Por isso, a criação fica confusa quando os próprios cristãos correm de um lado para o outro, de um fundamento a outro, se é que de fato são cristãos. E Paulo adverte que quem volta a andar atrás de outros seres humanos fica sujeito a voltar para a lei de um sacerdócio carnal ou similar à Ordem de Arão e de Moisés, e por fim, ele pode ficar sujeito a ser desligado de Cristo.

Correr atrás da criação na tentativa de obter nela segurança na fé não se compatibiliza com *estar estabelecido em Cristo*. Correr atrás da criação é uma postura de infante onde a pessoa fica sujeita a ser “levada por todo vento de doutrinas pelos quais homens astutos querem induzir as pessoas ao erro” (conforme Efésios 4).

O Senhor Jesus jamais colocaria a alma de uma pessoa em risco por apoiá-la em outra pedra entre Ele e esta pessoa. Por isto, cada um veja que edifique diretamente em Cristo, no único Mediador entre Deus e cada ser humano, no único fundamento igual para todos os que Nele edificam e que não necessita de outras pedras mediadoras de apoio entre o Ele e aquele que é edificado Nele.

Inclusive Jó na sua aflição, e ainda não compreendendo os males que vieram sobre ele, profetizou dizendo estas esplêndidas ou lindas palavras:

Jó 19: 23 Quem me dera fossem agora escritas as minhas palavras!

Quem me dera fossem gravadas em livro!

24 Que, com pena de ferro e com chumbo, para sempre fossem esculpidas na rocha!

25 Porque eu sei que o meu Redentor vive e por fim se levantará sobre a terra.

26 Depois, revestido este meu corpo da minha pele, em minha carne verei a Deus.

27 Vê-lo-ei por mim mesmo, os meus olhos o verão, e não outros; de saudade me desfalece o coração dentro de mim.

Um coração somente poderá ter a sua mais profunda necessidade verdadeiramente atendida por Aquele que é o Único que pode fazê-lo, por Aquele que é o Único que pode saciar a mais profunda sede, por Aquele que é o Único que poder sanar a mais profunda angústia ao conceder a novidade de vida não só temporal, mas eterna.

Quando, mais adiante, Jó viu a Deus, teve um encontro pessoal com Ele, e não como na Ordem de Arão que propõe mediadores fracos para o relacionamento das pessoas com Deus, o anelo de Jó foi amplamente suprido, conforme descrito a seguir:

Jó 42: 1 Então, respondeu Jó ao SENHOR:

2 Bem sei que tudo podes, e nenhum dos teus planos pode ser frustrado.

3 Quem é aquele, como disseste, que sem conhecimento encobre o conselho? Na verdade, falei do que não entendia; coisas maravilhosas demais para mim, coisas que eu não conhecia.

4 Escuta-me, pois, havias dito, e eu falarei; eu te perguntarei, e tu me ensinarás.

5 Eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te veem.

6 Por isso, me abomino e me arrependo no pó e na cinza.

Quem é o ser humano para pensar que poderá suprir na vida do seu próximo o que somente o Deus Todo-poderoso poderá suprir através de Cristo?

Quem é o marido ou a esposa que poderá querer dominar a vida do outro e não deixá-lo orar e consultar a Deus sobre a sua vida, como se um casal pudesse ser pleno sem a direção do Senhor na vida individual de cada cônjuge?

A criação aguarda a revelação dos filhos de Deus ou dos cristãos com esta firmeza de fundamento no próprio Cristo. E o Senhor Jesus está aguardando que os cristãos cheguem a Ele para que Ele os firme neste fundamento eterno.

À medida que um cristão *permanece em Cristo*, o Senhor quer atender o anelo da criação e se manifestar às demais pessoas através dos filhos de Deus para estes anunciarem aos seus semelhantes de que a vida está *em Cristo*.

A criação ou as pessoas que ainda não receberam a Cristo no coração não aguardam para ver os filhos de Deus propriamente dito. O que eles querem saber é a respeito da gloriosa liberdade que os filhos de Deus têm, e esta é o Senhor Jesus Cristo, que os libertou dos seus fardos e pode sustentá-los firmemente na liberdade que há Nele.

A criação não quer saber de mais religião, muito menos uma “religião cristã” criada pelos seres humanos com suas leis e dogmas que tentam misturar a velha aliança com a nova aliança, criando toda sorte de confusão, extorsão de recursos e, principalmente, extorsão do tempo de relacionamento das pessoas com o seu Salvador e Senhor Eterno.

A falta da definição clara e pessoal de quem é ou de quem não é o fundamento da vida de uma pessoa tem levado milhões de indivíduos a ficarem discutindo em quem ou em qual instituição religiosa deveriam ou não deveriam estar fundamentados, desviando-as, assim, de edificar, de uma vez por todas, no Único que o Pai Celestial já estabeleceu como o fundamento de todo o universo e de cada pessoa individualmente.

Quando as pessoas não definem que somente Cristo seja o seu fundamento, elas permitem que o tempo de suas vidas seja consumido com obras mortas, inúteis e que não poderão estabelecê-las firmemente na vida cristã e na novidade de vida em Deus.

*Hebreus 10: 1 **Ora, visto que a lei tem sombra dos bens vindouros, não a imagem real das coisas, nunca jamais pode tornar perfeitos os ofertantes, com os mesmos sacrifícios que, ano após ano, perpetuamente, eles oferecem.***

O fundamento da salvação é Cristo, mas também o fundamento para conhecer a vontade de Deus e crescer nela, igualmente, é Cristo, conforme o texto abaixo que já vimos várias vezes neste estudo:

*Efésios 5: 15 **Portanto, vede prudentemente como andais, não como néscios, e sim como sábios,***
*16 **remindo o tempo, porque os dias são maus.***
*17 **Por esta razão, (para remir o tempo), não vos torneis insensatos, mas procurai compreender qual a vontade do Senhor.***

- ...
- 11 E não sejais cúmplices nas obras infrutíferas das trevas; antes, porém, reprovai-as.**
- 12 Porque o que eles fazem em oculto, o só referir é vergonha.**
- 13 Mas todas as coisas, quando reprovadas pela luz, se tornam manifestas; porque tudo que se manifesta é luz.**
- 14 Pelo que diz: Desperta, ó tu que dormes, levanta-te de entre os mortos, e Cristo te iluminará.**
-

Por que, então, muitos que receberam a Cristo não experimentam e não manifestam a vida de Cristo em seu dia-a-dia?

Muitos cristãos não experimentam a novidade de vida no Senhor simplesmente porque não permanecem no Cristo que neles está ou não se mantêm em Cristo que está tão próximo deles, não inclinando os corações ao alimento sólido, ao alimento da palavra da justiça de Deus, ao alimento que lhes ensina em Quem somos a chamados a *estar* ou *permanecer*, conforme já foi exposto no início deste estudo, no estudo sobre O Evangelho da Justiça de Deus, no material sobre O Evangelho da Salvação e também lembrado no texto a seguir:

- Hebreus 5: 10 (Jesus) chamado por Deus sumo sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque.*
- 11 Do qual muito temos que dizer, de difícil interpretação, porquanto vos fizestes negligentes para ouvir.**
- 12 Porque, devendo já ser mestres pelo tempo, ainda necessitais de que se vos torne a ensinar quais sejam os primeiros rudimentos das palavras de Deus; e vos haveis feito tais que necessitais de leite e não de sólido mantimento. (RC)**
-

Quando uma pessoa se dissocia da ordem sacerdotal que negligencia o chegar-se a Deus, a Ordem de Arão, e vem para a Ordem de Melquisedeque, o ordem na qual o cristão não somente pode receber a Cristo em seu coração, mas também pode *estar Nele*, um novo tempo de vida se inicia para aquele que o faz diante do Senhor Eterno.

Quando uma pessoa se inclina para também *estar e permanecer em Cristo*, Cristo, mais uma vez e de forma viva, revela-se a esta pessoa como Aquele que:

- ⇒ 1) Manifesta a Luz Celestial da glória de Deus aos olhos da pessoa;
- ⇒ 2) Manifesta a sublime e soberana função de mediação que há Nele para apresentar Deus a uma pessoa e uma pessoa a Deus;
- ⇒ 3) Manifesta a poderosa função de remover todo os resquícios das ordens sacerdotais antigas para estabelecer a pessoa na sua ordem sacerdotal onde Ele é o Sumo Sacerdote Eterno e onde cada pessoa, conjuntamente com Ele, pode ser sacerdote diante de Cristo e do Pai Celestial;
- ⇒ 4) Manifesta a extraordinária função Dele ser o Advogado Amigo daqueles que se achegam através Dele diante do Pai Celestial inclusive quando há pecados a

serem confessados, e isto, para sejam purificados das injustiças e para serem fortalecidos mesmo em suas fraquezas;

- ⇒ 5) Manifesta a sua função exclusiva de Autor e Consumador da fé em Deus ou da fé de Deus no coração daquele que anela por viver a vida mediante a fé, a qual é o singular meio possível para agradar a Deus e andar nos caminhos do Senhor;
- ⇒ 6) Oferece muito mais que ainda está para ser descrito neste capítulo e nos seguintes, mas, principalmente, para ser experimentado por aqueles que se achegarem a Cristo que está em seus corações e *permanecerem em Cristo* para *Nele viverem e andarem*.

Como o Sumo Sacerdote Eterno, o Senhor Jesus nos chama com amor para estarmos Nele, pois Cristo nos concede vida quando estamos Nele. Se estamos em Cristo, nos assentamos com Ele nas regiões celestiais, pois é a partir desta posição celestial que Deus nos faz ver a vida sob a sua ótica.

Uma vez que um cristão *permanece em Cristo Jesus* e aprende a conhecê-lo como seu Sumo Sacerdote Eterno, Advogado e o Autor e Consumador da sua fé, apesar da pequenez e da fragilidade do vaso de barro em que um ser humano vive na Terra, o Senhor produz objetivos de fé e obras de fé geradas por Deus somente quando alguém *está em Deus estando em Cristo*.

Se fôssemos pensar em fluxo de processo, é como se aquilo que Senhor Jesus mais quer que aconteça na vida de um indivíduo, a partir da salvação, é que ele aprenda a se aproximar Dele e se apresente a Ele disposto a permitir que o Senhor atue em sua vida para que, como o Sumo Sacerdote, Cristo auxilie este cristão em todo processo de deixar as coisas antigas inapropriadas, o assista para que possa estar diante do Pai Celestial, mas também o auxilie para que, pela fé, ele passe a compreender a instrução que o Pai Celestial confere a cada filho de acordo com a sua vontade celestial.

Conforme já falamos, o Senhor Jesus recebe cada cristão na condição Dele se oferecer como Sumo Sacerdote Eterno, Advogado e Autor e Consumador da fé. Entretanto, também é intenção do Senhor Jesus que este cristão desfrute da novidade de vida sendo frutífera em Deus. E para isto, Ele auxilia o cristão a entender as coisas que são de cima ou do reino celestial.

O Senhor Jesus nos auxilia para que nos desvestirmos do velho homem e para nos revestirmos do novo para que possamos vivenciar de fato uma nova condição de vida no Senhor.

Depois que o Senhor reconhece que a confissão do pecado que Ele nos instruiu a confessar foi realizada e uma renovação ocorreu em nós, Ele também se prontifica a nos vivificar, encorajar e fortalecer para que nos ofereçamos a Deus como instrumentos da justiça celestial.

Romanos 6: 12 Não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal, de maneira que obedeçais às suas paixões;

13 nem ofereçais cada um os membros do seu corpo ao pecado, como instrumentos de iniquidade; mas oferecei-vos a Deus, como ressurretos dentre os mortos, e os vossos membros, a Deus, como instrumentos de justiça.

Neste ponto, porém, não gostaríamos somente de repetir, com outras palavras, o que já foi dito anteriormente, mas também gostaríamos de avançar e expor um pouco mais sobre como este *estar em Cristo* e *permanecer Nele* se manifesta de uma forma prática a ponto de poder alcançar as diversas áreas da vida de um indivíduo.

Depois que compreendemos que o *estar em Cristo* ou o *permanecer em Cristo* é essencial para que a vida celestial venha a se manifestar e desenvolver em nós em conformidade ao propósito pela qual ela nos é concedida, podemos ver também que este *estar em Cristo* caminha para dois aspectos distintos, mas que se completam perfeitamente e que são denominados, respectivamente, de:

- ⇒ 1) *Viver em Cristo*;
- ⇒ 2) *Andar em Cristo*.

O desconhecimento deste princípio vital ou imprescindível de que o *permanecer em Cristo* ou *estar em Cristo* se manifesta através de duas vias distintas, chamadas, respectivamente, de *viver em Cristo* e *andar em Cristo*, é um dos motivos centrais que tem levado muitas pessoas a terem tão grande dificuldade de compreender o que vem a ser o próprio *estar em Cristo* ou, ainda, até o próprio aspecto do *Cristo em vós, esperança da glória*.

Portanto, um momento singular de grande mudança na vida de uma pessoa pode ocorrer quando ela se depara com a compreensão do que vem a ser *Cristo em vós, esperança da glória, estar em Cristo* e *permanecer em Cristo*, acrescido ainda da compreensão de que o *estar em Cristo* se manifesta pelas vias do *viver em Cristo* e do *andar em Cristo*.

É altamente significativo conhecer o princípio do *viver em Cristo* e do *andar em Cristo*, pois a comunhão com Cristo não nos é oferecida para sermos instruídos em um conjunto novo de códigos e regras para tentarmos viver a vida cristã mediante o nosso próprio esforço, pois se assim fosse, ela seria similar à Ordem de Arão, onde as pessoas eram responsáveis, segundo as forças da carne, para obedecerem a lei do sacerdócio ao qual estavam vinculadas.

Em Cristo, o princípio de vida é completamente diferente daquele que havia na Ordem de Arão, não somente em termos de princípios a serem seguidos, mas também em como o cristão pode seguir o que do céu é lhe instruído ao coração.

Na antiga aliança, as pessoas recebiam as instruções e procuravam vivê-las e aplicá-las através de suas capacidades e esforços humanos ou meramente naturais. Entretanto, *em Cristo*, tudo aquilo que Deus nos chama a fazer é para ser realizado *em Cristo* e *através de Cristo*. Através de *Cristo em nós* e mediante *nós em Cristo*. Por isto, o *estar em Cristo* também é expresso como o *viver em Cristo* e o *andar em Cristo*.

Vimos um pouco mais acima, que a criação aguarda a revelação da gloriosa liberdade dos filhos de Deus. E qual é, então, a liberdade que os filhos de Deus têm e que aqueles que ainda não são filhos de Deus não têm?

Entre vários outros aspectos, a liberdade que os filhos de Deus têm no Senhor, e que os outros não têm até virem a Cristo, é que:

- ⇒ 1) *Em Cristo*, um cristão não precisa de mediadores para se relacionar com Deus;
- ⇒ 2) *Em Cristo*, um cristão tem Cristo direto em seu coração e Cristo com ele em todo o lugar que ele for, a despeito de como a situação externa possa estar;
- ⇒ 3) *Em Cristo*, um cristão pode viver sempre em Cristo, e não somente quando está em sua casa ou em algum lugar especial retirado, e nem precisa ir às denominadas “casas de cultos” para ter um “encontro com Deus”;
- ⇒ 4) *Em Cristo*, o cristão pode andar sempre em Cristo, e não precisa ir aos lugares que são chamados de sagrados pelos homens. *Em Cristo*, o lugar alto, o lugar baixo, o vale e o monte são todos aplainados, pois para Cristo não há lugares altos e baixos que possam impedi-lo de guiar a vida daquele que Nele confia.

*Lucas 3: 5 **Todo vale se encherá, e se abaixará todo monte e outeiro; e o que é tortuoso se endireitará, e os caminhos escabrosos se aplanarão;***

6 e toda carne verá a salvação de Deus. (RC)

Qual é, então, a liberdade que um cristão tem *em Cristo*?

Em Cristo, um cristão tem a liberdade de ser instruído sobre a verdade. Entretanto, *em Cristo*, o cristão também tem a liberdade para remir (redimir ou resgatar) o tempo da sua vida, para ser guiado sobre como poderá realizar a vontade do Pai Celeste e para de fato realizar a vontade do Pai das Luzes, porque, *em Cristo*, o cristão também é capacitado a realizar o que precisa ser realizado em conformidade com o querer de Deus.

*2 Coríntios 3: 4 **E é por intermédio de Cristo que temos tal confiança em Deus;***

5 não que, por nós mesmos, sejamos capazes de pensar alguma coisa, como se partisse de nós; pelo contrário, a nossa suficiência vem de Deus,

6 o qual nos habilitou para sermos ministros de uma nova aliança, não da letra, mas do espírito; porque a letra mata, mas o espírito vivifica.

*2 Coríntios 9: 8 **E Deus é poderoso para tornar abundante em vós toda graça, a fim de que, tendo sempre, em tudo, toda suficiência, superabundeis em toda boa obra, (RC)***

*Isaías 57: 15 **Porque assim diz o Alto, o Sublime, que habita a eternidade, o qual tem o nome de Santo: Habito no alto e santo lugar, mas habito também com o contrito e abatido de espírito, para vivificar o espírito dos abatidos e vivificar o coração dos contritos.***

Romanos 8: 11 **Se habita em vós o Espírito daquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos, esse mesmo que ressuscitou a Cristo Jesus dentre os mortos vivificará também o vosso corpo mortal, por meio do seu Espírito, que em vós habita.**

Filipenses 2: 13 **Porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade.**

Quando uma pessoa *permanece em Cristo*, o propósito da concessão de Cristo ao seu coração se manifesta, e que é vivificar todo aquele que *Nele permanece* para que este possa *viver no Senhor e andar no Senhor*.

Assim, resumidamente, o ***estar em Cristo*** se divide, então, em:

- ⇒ 1) No ***viver em Cristo***, através do qual conhecemos o “querer” de Deus e somos fortalecidos na fé para crer neste querer;
- ⇒ 2) No ***andar em Cristo***, através do qual somos fortalecidos no “realizar” o querer quando as ações relacionadas ao que o Senhor nos guiou a crer se fizerem necessárias para serem executadas e manifestas.

O ***viver em Cristo*** engloba o conjunto de ações que adotamos para ***permanecermos em Cristo***, no sentido de nos ocultarmos Nele para Ele nos instruir, purificar, consolar e corrigir, para fortalecer a alma, trocar as vestes de cinzas por vestes de louvor, para nos fazer ver a grandeza da sua justiça, para nos dar a sua paz e para nos encher do Espírito Santo, concedendo em nós um espírito renovado e fortalecido.

Salmos 51: 12 ***Restitui-me a alegria da tua salvação e sustenta-me com um espírito voluntário.***

Romanos 14: 17 ***Porque o reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo.***

O ***andar em Cristo***, por sua vez, é o conjunto de ações que adotamos como resultado do ***viver em Cristo***.

O ***andar em Cristo*** é o conjunto de ações onde, ***continuando a permanecer em Cristo***, fazemos o que o Senhor nos instrui a fazer em direção às coisas tangíveis no mundo natural e nas funções que o Senhor nos confiou para andarmos nelas enquanto estamos ainda na Terra.

Considerando que o *andar* refere-se à quando tocamos a Terra, quando estamos diante dos afazeres práticos cotidianos e onde o contato com a carne e o mundo é intenso e constante, e considerando que *viver em Cristo* e o *andar em Cristo* são

sinônimos, respectivamente, do *viver no Espírito* e do *andar no Espírito*, é também em relação à carne que as Escrituras nos dizem que:

Gálatas 5: 16 **Digo, porém: andai no Espírito e jamais satisfareis à concupiscência da carne.**

17 *Porque a carne milita contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne, porque são opostos entre si; para que não façais o que, porventura, seja do vosso querer.*

18 *Mas, se sois guiados pelo Espírito, não estais sob a lei.*

...

24 *E os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e concupiscências.*

25 *Se vivemos no Espírito, andemos também no Espírito.*

26 *Não nos deixemos possuir de vanglória, provocando uns aos outros, tendo inveja uns dos outros.*

Romanos 8: 14 **Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus.**

Ainda que para fins de explicação tenhamos dito que o *estar em Cristo* se divide em dois aspectos distintos, podemos ver que na realidade o *andar em Cristo*, em muitos aspectos, é resultado direto ou dependente do *viver em Cristo*. Ou seja, o estar preparado para *andar em Cristo* também é uma consequência do *viver em Cristo*, e neste sentido, os dois são indivisíveis e inseparáveis.

1 Coríntios 10: 31 **Portanto, quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus.**

Assim, ainda que chamados por Deus para fazê-lo, por que muitos cristãos não *andam no Espírito*?

Em primeiro lugar, muitos cristãos não *andam no Espírito* porque nem praticam o *viver em Cristo* ou *no Espírito* no sentido de se exporem ao seu Sumo Sacerdote Eterno. Entretanto, muitos até buscam a presença do Senhor pessoalmente, mas não discernem o aspecto complementar que há entre o *viver em Cristo* e o *andar em Cristo*.

Devido a não praticarem antes o *viver em Cristo* com vistas a também *andar em Cristo*, porque têm uma comunhão muito escassa com o Senhor no sentido de que esta comunhão também visa prepará-los para as ações do seu dia-a-dia no mundo ou até porque pensam que o relacionamento com Deus é algo que somente se aplica à esfera espiritual e que não se estende a todos os aspectos naturais da vida, muitos cristãos não avançam para o *andar diário ou contínuo em Cristo*.

Muitos cristãos se absterem de avançar para o *andar no Espírito* porque não separam o devido tempo para procurar “as coisas que são do alto” também para estarem preparados pelo Senhor para lidar com as coisas do mundo.

Por que, então, Deus quer tanto nos revelar a sua glória para que saibamos que podemos *viver em Cristo*, mas também com o foco de sabermos que poderemos *andar em Cristo*?

Por que Deus nos revela a sua glória *em Cristo* como sendo o Senhor Jesus o nosso Salvador, Justiça, Paz, Graça, Amor, Esperança, a Promessa de Vida Eterna, o Emanuel, a Luz da Vida, a Luz do Evangelho, o Mediador da nova aliança e não da velha, o Sumo Sacerdote que nos auxilia, perdoa, purifica e fortalece, o Advogado Amigo que nos assiste junto ao Pai Celestial, o Autor e Consumador da fé, e muito mais?

Deus nos oferece revelar a sua glória *em Cristo* para nos atrair em amor a Cristo a fim de que também passemos a *confiar Nele* e *viver Nele* para que em tudo tenhamos o anelo de buscá-lo e conhecer a sua vontade declarada a partir da sua soberana posição celestial, mas também para que o Senhor esteja conosco, através do nosso *andar Nele*, em todos os nossos afazeres no presente mundo.

Deus quer que conheçamos a Ele através de Cristo para nos mostrar como Ele é, como Ele age e o quanto Ele nos ama, e isto, para que também possamos optar por *agir em tudo em conjunto com Ele* e segundo o amor e a justiça que Nele há.

Através do *viver em Cristo*, Deus quer que conheçamos a misericórdia e o amor de Cristo para conosco nas questões pessoais ou íntimas do coração, para nos revelar a sua vontade e para nos fortalecer na esperança e na fé antes de cada novo desafio que o *viver em Cristo* nos revela. Entretanto, tudo isto também objetiva sabermos que, *no Senhor*, temos toda a suficiência para cada novo momento da nossa vida no mundo.

É de glória em glória revelada a nós através do *viver em Cristo* que o Senhor nos guia e nos transforma para efetuar em nós o seu *querer*, mas também o *realizar*.

Compreender o funcionamento distinto do *viver em Cristo* e do *andar em Cristo* é essencial para perceber melhor como adotar as ações para praticar a ambos. Entretanto, compreender o funcionamento conjunto e cooperativo destes dois aspectos da vida cristã também pode contribuir para vermos um quadro mais amplo da ação de Deus em nós quanto à *recebermos o seu querer no coração e participarmos do seu realizar*.

Quando uma pessoa não conhece os princípios que estão associados ao *viver em Cristo* e ao *andar em Cristo*, e como um coopera com o outro, ela pode vir a pensar que poderá andar na vontade de Deus segundo o que ela própria compreende ser a vontade de Deus e sem ter sido instruída antes pelo Senhor Jesus Cristo. Ou ainda, no caso contrário, ela poderá ter recebido a instrução de Deus para a sua vida, mas permanecer apenas numa posição contemplativa desta vontade sem avançar para a sua realização na prática.

Portanto, o fortalecimento da fé para algo específico ou a exposição à Cristo para Ele ser o Autor e Consumador da fé está mais relacionada ao *viver em Cristo*, enquanto o praticar a obra relacionada àquela fé específica está mais relacionado ao *andar em Cristo*.

A fé é concedida para ser seguida de uma ação que lhe é pertinente no tempo apropriado. Se Cristo, por exemplo, diz para uma pessoa esperar Nele e que Ele vai agir em favor desta pessoa, o ato de fé ou a obra de fé é esperar até Cristo agir. Se, entretanto, em outro momento, Cristo diz para uma pessoa agir em certa situação e que

Ele estará com ela, o ato de fé, a obra da fé ou o andar pela fé é agir conforme foi instruído por Cristo, agindo na confiança de que o Senhor proverá a força e os recursos para que a ação possa ser concluída conforme o querer e a instrução do Senhor.

No caso de Paulo, logo após a sua conversão ao Senhor Jesus Cristo, o Senhor o separou para estar mais intensamente dedicado ao *viver em Cristo* até que Paulo pudesse compreender a diferença entre a lei de Moisés a qual ele servia anteriormente e a novidade de vida e sacerdócio *em Cristo*. Entretanto, depois disto, o Senhor começou a intercalar com mais frequência o chamado para Paulo continuar a *viver em Cristo*, mas também para *andar em Cristo*.

Na medida em que Cristo, como o nosso Sumo Sacerdote Eterno, vai nos introduzindo cada vez mais no conhecimento da sua glória e da glória de Deus, Ele vai se manifestando a nós como Aquele que não somente nos recebe diante do Pai, mas também como Aquele que está conosco e nos fortalece a *andar* segundo o que Ele nos manifestou e instrui a fazer.

Na medida em que Cristo vai nos introduzindo cada vez mais no conhecimento da sua glória e da glória de Deus, é como se Cristo, apesar Dele sempre ser a mesma pessoa e o Senhor que nos ama, passasse a mostrar outras funções que também estão Nele a fim de nos dar suporte e auxílio para o *andar* de acordo com aquilo que aprendemos no *viver Nele*.

É altamente significativo um cristão estar atento a perceber a diferença de posições ou funções de Cristo conforme os momentos distintos da sua vida.

E aspectos similares aos que foram mencionados nos últimos parágrafos, acontecem com muitas pessoas em muitas situações também da sua vida natural. Por exemplo, um pai, em um determinado momento, pode estar em um relacionamento de ensino com um filho para lhe expor o conceito sobre algo, e, em um momento seguinte, chamar este filho para auxiliá-lo a realizar uma tarefa aplicando o que lhe foi ensinado no momento anterior ou em momentos anteriores.

Compreender mais sobre o *estar em Cristo* sob as perspectivas do *viver em Cristo* e do *andar em Cristo*, ou no *Espírito de Deus*, permite que vejamos melhor o que de nós é esperado em momentos distintos, mas também permite que vejamos a posição e a função de Cristo para nos dar suporte e ajuda em cada um destes momentos.

Quando começamos a avançar do *viver em Cristo* também para o *andar em Cristo*, podemos ver também porque necessitamos de um Sumo Sacerdote Eterno que também seja “Rei Eterno”, conforme nos é exposto sobre o Sumo Sacerdote Jesus estabelecido segundo a Ordem de Melquisedeque:

Hebreus 7: 1 **Porque este Melquisedeque, rei de Salém, sacerdote do Deus Altíssimo, que saiu ao encontro de Abraão, quando voltava da matança dos reis, e o abençoou,**
2 para o qual também Abraão separou o dízimo de tudo (primeiramente se interpreta rei de justiça, depois também é rei de Salém, ou seja, rei de paz;
3 sem pai, sem mãe, sem genealogia; que não teve princípio de dias, nem fim de existência, entretanto, feito semelhante ao Filho de Deus), permanece sacerdote perpetuamente.

Como Sumo Sacerdote Eterno, junto ao Pai Celestial, Cristo nos assiste para estarmos diante do nosso Pai Eterno e para nos fortalece no coração. Entretanto, inúmeras circunstâncias das nossas vidas necessitam que também tenhamos a Cristo como o nosso representante que tem autoridade sobre o mundo em que nos encontramos, como o regente que pode mover circunstâncias para que possamos realizar o querer que aprendemos de Cristo e do Pai Celestial através do *viver em Cristo*.

Como Sumo Sacerdote Eterno, Cristo nos ajuda a pedirmos ao Pai Eterno segundo a vontade do Senhor. Entretanto, como o Sumo Sacerdote que também é Rei, Cristo está assentado à direita do trono do Pai Celestial como o nosso regente através de quem Deus delibera o que nós devemos fazer no *andar em Cristo* ou o que no mundo deve ser feito a partir da vontade de Deus e do que foi pedido ao Deus Eterno para ser realizado no mundo segundo esta mesma vontade.

Quando diante do Senhor oramos aspectos mencionados na oração denominada por muitos de “Pai Nosso”, o fazemos através do *viver em Cristo*. Entretanto, se observarmos o início desta oração, podemos ver que muitas ações precisam ser deliberadas para que o Nome do Pai seja santificado no mundo, para que o reino de Deus venha à Terra e para que a vontade do Pai seja feita na Terra como ela também é feita no Céu.

As ações que resultam do *viver em Cristo*, e da posição de Cristo como o Sumo Sacerdote que intercede junto ao Pai Celestial em favor das pessoas na Terra, são todas deliberadas e realizadas através do Senhor Jesus. Considerando que Cristo é o Sumo Sacerdote que é o Rei da Justiça e da Paz, Ele também é responsável diante de Deus para que tudo no Universo seja feito em consonância com o fundamento desta justiça, retidão e paz.

O *viver em Cristo* somente pode ser complementado a contento pelo *andar em Cristo* porque, *em Cristo*, temos, em harmonia, tanto a função do perfeito Sacerdócio como a perfeita Regência sobre o mundo, conforme figurado de antemão pela profecia de Zacarias:

Zacarias 6: 13 Ele mesmo edificará o templo do SENHOR e será revestido de glória; assentar-se-á no seu trono, e dominará, e será sacerdote no seu trono; e reinará perfeita união entre ambos os ofícios.

Quando os cristãos aprendem que Cristo lhes é dado para *estarem Nele* para *viverem em Espírito e andarem em Espírito*, e praticam este chamado, algo novo que a criação aguarda será revelado a ela, e que é a glória Daquela que recebe os cristãos como Sumo Sacerdote Eterno, mas também como o Rei Eterno e Perfeito que os sustenta através do Espírito do Senhor enquanto ainda estão em um corpo carnal e no presente mundo.

Romanos 8: 19 A ardente expectativa da criação aguarda a revelação dos filhos de Deus.
20 Pois a criação está sujeita à vaidade, não voluntariamente, mas por causa daquele que a sujeitou,

21 na esperança de que a própria criação será redimida do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus.

Qual é, então, mais uma vez, a gloriosa liberdade que está disponível aos filhos de Deus?

Em primeiro lugar cada filho de Deus poder ter acesso ao Pai Celestial a qualquer momento diretamente através do Senhor Jesus Cristo ou sem outros mediadores, mas isto também para que cada um passe a *andar em novidade de vida* e livre do cativeiro do pecado, do corpo do pecado, da lei opressora da primeira aliança e da condenação da lei da antiga aliança.

Quando um cristão passa a *viver em Cristo* de fato, coisas maravilhosas também podem acontecer no seu *andar em Cristo*, pois é através do *andar no Senhor* que o Rei da Glória está com o cristão para que ele se manifeste no mundo através deste Rei.

Como o Sumo Sacerdote Eterno, Cristo se compadece de nós, nos acolhe, advoga as nossas causas diante do Pai Celestial, nos ajuda a nos estabelecermos na fé em Deus. Entretanto, como Rei da Glória, Ele é a resposta para um indivíduo vir a atuar em justiça e segundo o amor e a paz de Deus.

Fomos ressuscitados em Cristo para vivermos Nele e estarmos guardados Nele até que o Rei da Glória se manifeste para sermos manifestados juntamente com Ele, porque quer estejamos *vivendo Nele* ou quer estejamos *andando Nele*, o propósito de Deus é que em tudo estejamos Nele para também em tudo atuar em conjunto com Ele.

Colossenses 3: 1 Portanto, se fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus.

2 Pensai nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra;

3 porque morrestes, e a vossa vida está oculta juntamente com Cristo, em Deus.

4 Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então, vós também sereis manifestados com ele, em glória.

Podemos observar que os versos 1 a 3, do último texto citado acima, são mais voltados ao que falamos até aqui nos capítulos anteriores, no sentido de vermos a Cristo como o Sumo Sacerdote, Advogado junto ao Pai Celestial e Autor e Consumador da fé, onde o cristão é chamado para se achegar a Cristo para ouvir a sua instrução, ser auxiliado na troca de vestes, ou seja, na renovação dos pensamentos segundo o reino celestial. Na comunhão com Cristo, o Senhor concede os pensamentos que são mais altos que os nossos pensamentos, e o cristão pode fazer uso do benefício do acesso que ele tem de *viver no seu Senhor e Sumo Sacerdote*.

Por outro lado, se este mesmo cristão ainda está na Terra, ele também está diante de suas funções do dia-a-dia, como ser pai, mãe, filho, irmão, profissional ou estudante, e nas quais está envolvido nas tarefas que ele entende que Deus lhe chamou a participar, e nas quais também aguarda, juntamente com o continuado *viver em Cristo*, que o

Senhor se manifesta para lhe mostrar através de quais caminhos deve *andar* e quais são ações a serem adotadas ou evitadas em cada um destes caminhos.

Quando um cristão *permanece vivendo em Cristo*, mesmo quando, no tempo oportuno e necessário, precisa *andar nas coisas práticas do mundo*, o Senhor Jesus o fortalece e instrui, através do Espírito Santo, a como se manifestar diante das mais variadas circunstâncias da sua vida.

O cristão que pratica o *viver em Cristo* se coloca em posição de receber do alto a percepção e os princípios de Deus sobre as mais variadas áreas da sua vida, mas ele também está em posição de receber de Deus a força e a sabedoria do alto para a aplicação dos princípios de Deus nas suas funções e ações relacionadas à sua condição no mundo presente, pois, conforme já vimos anteriormente, Paulo declara:

2 Coríntios 3: 4 E é por intermédio de Cristo que temos tal confiança em Deus;

5 não que, por nós mesmos, sejamos capazes de pensar alguma coisa, como se partisse de nós; pelo contrário, a nossa suficiência vem de Deus,

6 o qual nos habilitou para sermos ministros de uma nova aliança, não da letra, mas do espírito; porque a letra mata, mas o espírito vivifica.

Na comunhão do *viver em Cristo*, o cristão se expõe a Cristo para que o Senhor o instrua nos ajustes que precisa fazer em quem ele é como cristão e para obter o entendimento do Senhor sobre os princípios da vida.

Já na comunhão do *andar em Cristo*, o cristão continua com o canal aberto para ouvir ao Senhor, mas muitas vezes já mais direcionado a como se portar na Terra diante de Deus, dos seus próximos e em todas as atividades no mundo. Quanto mais um cristão conhece a voz do Senhor através do *viver Nele*, mais em fé e em paz também pode *andar em Cristo* na sua vida diária.

No convívio conjunto do *viver em Cristo* e do *andar em Cristo*, o Senhor Jesus vai realizando aquilo que é necessário ser tratado no coração daquele que se achega ao seu trono, mas também vai à frente daquele que se achega a Ele para guiá-lo e suportá-lo para que aquilo que este indivíduo precisa realizar diante do mundo também possa ser feito conforme a vontade do Pai Celestial.

Romanos 8: 26 Também o Espírito, semelhantemente, nos assiste em nossa fraqueza; porque não sabemos orar como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós sobremaneira, com gemidos inexprimíveis.

27 E aquele que sonda os corações sabe qual é a mente do Espírito, porque segundo a vontade de Deus é que ele intercede pelos santos.

28 Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito.

Através do viver em Cristo, um cristão é chamado a permanecer assentado com Cristo nas regiões celestiais para continuamente ser instruído segundo o reino de Deus. Mas através do andar em Cristo, um cristão é suportado pelo Senhor para andar na vontade de Deus no mundo presente e para realizar esta vontade em conjunto com Cristo, pois Deus não chama os cristãos para fazerem coisas para Ele, mas em conjunto com Ele.

O Senhor chama a todos para terem uma intensa interação com Ele, a qual, por sua vez, é pessoal e que cada um precisa descobrir junto ao Senhor como ela é feita pessoalmente. Nenhum irmão pode *viver em Cristo* no lugar do outro e, portanto, nem pode lhe ensinar de fato como fazê-lo.

E de forma similar, como a preparação para o *andar em Cristo* advém do *viver em Cristo*, o ensino e o fortalecimento para cada cristão se relacionar com os seus semelhantes e com as situações que lhe são confiadas a fazer na Terra também está associado à sua *contínua permanência em Cristo*.

Através da comunhão com Cristo, é oferecido a cada cristão descobrir como o Senhor se comunica com ele pessoalmente estando este cristão em casa, ao estar fazendo uma atividade no trabalho, viajando, ou em qualquer uma das suas ações, conforme exposto em Hebreus 8 sobre a nova aliança e o relacionamento do Senhor com os seus filhos, descrito mais amplamente também no estudo sobre Conhecer sobre Deus ou Conhecer a Deus.

Assim, em um momento o Senhor pode instruir um cristão sobre aspectos da sua família, no outro sobre o cuidado pessoal consigo mesmo e nas suas condutas profissionais, em outro momento o Senhor pode conduzir um cristão a aprender a conviver com irmãos da fé em Cristo, e ainda em outro, o cristão pode estar abatido e cansado necessitando somente que o Senhor o fortaleça, e assim por diante.

Através do *viver em Cristo*, o cristão é edificado no seu interior, mas isto também para que, no tempo devido ou apropriado para cada área da vida do cristão, o Senhor atue em conjunto com este cristão nas ações para “o realizar” a vontade de Deus, completando o que é necessário para que o *andar do cristão* no mundo presente também seja feito *em Cristo e através de Cristo*.

Através do Espírito Santo, o Senhor Jesus quer nos conduzir nos dois aspectos incluídos no *estar em Cristo* para que cada cristão seja guiado quando *vive no Espírito* e quando *anda no Espírito*. Auxílio que Cristo oferece em relação à todas as atividades daqueles que Nele creem.

Gálatas 5: 25 **Se vivemos no Espírito, andemos também no Espírito.**

Gálatas 5: 16 **Digo, porém: andai no Espírito e jamais satisfareis à concupiscência da carne.**

Colossenses 2: 6 **Ora, como recebestes Cristo Jesus, o Senhor, assim andai nele,**

7 nele radicados, e edificados, e confirmados na fé, tal como fostes instruídos, crescendo em ações de graças.

Se as Escrituras nos ensinam a estarmos atentos aos dois aspectos em referência, *viver em Cristo* e *andar em Cristo*, é porque isto é possível de ser alcançado. O próprio Senhor Jesus, e outras partes das Escrituras, nos exemplificam como isto é possível, mostrando que o *viver no Espírito* e o *andar no Espírito* sempre deveriam, ambos, serem buscados no Senhor sem que um deles seja negligenciado.

Abaixo apresentamos, então, mais um texto que nos mostra a necessidade de um cristão perceber o quanto o ouvir ao Senhor ou o *viver em Cristo* também deveria ter uma repercussão prática nos atos relacionados àquilo que foi aprendido ou gerado através do *viver no Senhor*.

Mateus 7: 24 Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as pratica será comparado a um homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha;

25 e caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, que não caiu, porque fora edificada sobre a rocha.

26 E todo aquele que ouve estas minhas palavras e não as pratica será comparado a um homem insensato que edificou a sua casa sobre a areia;

27 e caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, e ela desabou, sendo grande a sua ruína.

O tema do *viver em Cristo*, conforme já comentamos, na realidade, já vem sendo abordado em todo o presente material sobre O Evangelho da Glória de Cristo, chamando as pessoas para estarem em comunhão com o Senhor em sua posição de Luz, Mediador, Sumo Sacerdote, Advogado e Autor e Consumador da fé, o que, por sua vez, precisa ser praticado para que alguém de fato *viva em Cristo*.

Entretanto, o tema do *andar em Cristo* começa a ser mais amplamente exposto daqui para a frente, quando procuraremos avançar de forma mais intensa para a glória de Cristo como o Sumo Sacerdote que também é Rei.

Devido à grandeza do que aguarda um cristão no *estar em Cristo*, tanto através do *viver em Cristo* como do *andar em Cristo*, entendemos que uma vez deixadas as vestes do velho homem ou da velha aliança para trás, há muito a ser descoberto no que é passar a *andar em Cristo* no mundo ou *andar como uma Nova Criatura em Cristo*.

Precioso e imensuravelmente valioso é aquilo que uma pessoa pode experimentar na medida em que avança mais e mais no *estar em Cristo* nos dois sentidos que lhe são pertinentes.

E diante da grandeza do que há nesta realidade do *estar em Cristo*, através do *viver e Nele* e do *andar Nele*, procuraremos avançar nestes aspectos ainda na sequência do presente estudo sobre **a glória do Senhor**, mas também dando sequência ao mesmo tema em séries especificamente voltadas a ele, a saber: A Vida do Cristão no Mundo, Nova Criatura em Cristo e Andando em Novidade de Vida.

Estar em Cristo não é uma ato único. É um processo que se estende por toda a vida. E por isto, ele é tão rico, repleto de diversidades e tão amplo, mostrando mais uma vez a grandeza do nosso Senhor Eterno, Aquele que nos amou ao ponto de dar a sua vida por nós para podermos tê-lo sempre em nós, mas também para que nós, em liberdade, possamos escolher estar sempre Nele, no Espírito Santo e no Pai Celestial.

Conforme temos mencionado na introdução de todos os estudos do Ensino Sistemático sobre a Vida Cristã, o objetivo destes materiais visam cooperar para que as pessoas sejam despertadas a não serem somente ouvintes e conhecedoras teóricas do Evangelho de Deus, mas praticantes, desde já e para sempre, do relacionamento vivo com o Único e Eterno Senhor Soberano, o Único que pode ser ***tudo em todos*** tanto no sentido de *viverem Nele* como de *andarem Nele*.

João 12: 36(a) ***Enquanto tendes a luz, crede na luz, para que vos torneis filhos da luz.***

+

Efésios 5: 8 ***Pois, outrora, éreis trevas, porém, agora, sois luz no Senhor; andai como filhos da luz.***

C29. A Glória do Sumo Sacerdote que também é Rei e o Fundamento para o Andar em Cristo

Embora o nosso objetivo no capítulo anterior fosse abordar a questão do *estar em Cristo* sob a perspectiva das duas vertentes de *viver em Cristo* e de *andar em Cristo*, nós também iniciamos uma breve abordagem de que Cristo tem, da parte de Deus, uma posição de Sumo Sacerdote que também é Rei além de ser o Sumo Sacerdote Eterno, Advogado, Autor e Consumador da fé.

Hebreus 7: 1 **Porque este Melquisedeque, rei de Salém, sacerdote do Deus Altíssimo, que saiu ao encontro de Abraão, quando voltava da matança dos reis, e o abençoou,**
2 **para o qual também Abraão separou o dízimo de tudo (primeiramente se interpreta rei de justiça, depois também é rei de Salém, ou seja, rei de paz;**
3 **sem pai, sem mãe, sem genealogia; que não teve princípio de dias, nem fim de existência, entretanto, feito semelhante ao Filho de Deus), permanece sacerdote perpetuamente.**

A razão pela qual apresentamos o tema do *viver em Cristo* e do *andar em Cristo* conjuntamente com a menção de que Cristo é um Sumo Sacerdote que também é Rei, deu-se em função de que a condição de *andar em Cristo* somente pode ser alcançada pelo fato de Cristo também ter esta posição de Rei para fundamentar tudo o que é necessário para nos oferecer a possibilidade de *andar Nele*.

Se Cristo não fosse também o Rei que fundamenta o nosso *andar Nele* e nos acompanha em todo o processo do “andar nos caminhos” que Ele nos ensina como Sumo Sacerdote, e para o qual ainda nos concede a fé, nós iríamos recair em uma das piores ou mais marcantes falhas que fazem parte da Ordem de Arão ou a ordem da primeira ou antiga aliança.

Saber que em Cristo nós temos tanto o fundamento do *viver Nele* como do *andar Nele* é muitíssimo relevante, pois também neste ponto, o sacerdócio segundo Cristo, o sacerdócio da nova aliança, é extremamente distinto do antigo e obsoleto sacerdócio, levando-nos mais uma vez a enfatizar o seguinte texto:

Hebreus 7: 12 **Pois, quando se muda o sacerdócio, necessariamente há também mudança de lei.**

Na Ordem de Arão, podemos ver que a função dos seus Sumos Sacerdotes, ou mesmo dos demais sacerdotes, não se estendia para a posição de acompanhar cada um dos indivíduos em suas tarefas do dia-a-dia ou em seu “andar diário”, pois estes sacerdotes não podiam exercer uma função dupla também pelo simples fato de não poderem estar onde as pessoas estivessem sem deixarem da sua posição de receberem o povo como sacerdotes nos lugares apontados para os seus serviços sacerdotais.

Além de não ser perfeita e útil quanto ao propósito de um sacerdócio apropriado, a glória dos sacerdotes da Ordem de Arão também se mostrou amplamente incapaz de acompanhar os indivíduos do povo quando estes eram desafiados a *andar* nos

caminhos que os sacerdotes lhes indicavam, mostrando mais uma vez, que nesta ordem sacerdotal, os indivíduos do povo, além de não terem comunhão direta com Deus devido a esta ter sido delegada aos sacerdotes, também não tinham a companhia dos sacerdotes quando necessitavam praticar diariamente as leis que deles eram requeridas.

No sacerdócio da Ordem Arão, os pessoas do povo vinham aos sacerdotes, mas os sacerdotes não iam ao povo, pois eram limitados e já nem conseguiam realizar a contento a recepção das demandas do povo, quanto mais acompanhar cada família na sua atuação fora dos lugares separados para a atuação dos sacerdotes.

Para que cada pessoa pudesse ser acompanhada pelos sacerdotes mediadores em tudo também nas execuções de cada uma de suas atividades, seria necessário que houvesse um sacerdote ou até um sumo sacerdote para cada pessoa e que, inclusive, jamais poderia vir a dormir para não deixar de cuidar em todo o tempo daquele para quem estivesse designado a acompanhar.

Sem querer retornar à tudo que já foi mencionado anteriormente sobre a fraqueza da Ordem de Arão, ressaltamos aqui somente que ela simplesmente era incapaz de atender os mais diversos desafios que a dinâmica da vida apresentava continuamente diante do povo.

Portanto, o fato de Deus ter estabelecido a Cristo como o Sumo Sacerdote que também é Rei representa a única condição que permite que não haja vácuos ou divergências entre o que é instruído a uma pessoa quando ela busca a Deus e o que é instruído a uma pessoa quando ela está diante da realização daquilo que lhe foi ensinado como a vontade do Senhor para a sua vida, pois a condição para uma pessoa poder vir a executar a vontade de Deus vai muito além da disposição de uma pessoa para fazê-lo.

Se, em certo sentido, a salvação de uma pessoa depende somente dela crer em Cristo e “invocar o Senhor para ser salva”, a realização efetiva da salvação por parte do Senhor de “todo aquele que crê e invoca ao seu Nome” pode envolver uma enormidade de fatores para ser completada.

Se, em certo sentido, uma pessoa pode se achegar a Cristo a partir do seu coração para *viver em Cristo*, ainda que o ambiente externo esteja se opondo a isto, o estar amparado para *andar em Cristo* já envolve muitos fatores externos para que a pessoa possa de fato *andar* naquilo que lhe Deus lhe orienta a seguir.

Em diversas situações, quando Cristo chama um indivíduo a *andar Nele*, há uma série de fatores externos que precisam também passar a cooperar com esta pessoa para que ela tenha o caminho aplanado diante dela para *andar neste caminho*, conforme é exemplificado nos seguintes textos:

Salmos 5: 8 **SENHOR, guia-me na tua justiça, por causa dos meus adversários; endireita diante de mim o teu caminho;**

Salmos 3: 5 **Confia no SENHOR de todo o teu coração e não te estribes no teu próprio entendimento.**

6 Reconhece-o em todos os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas.

Assim, se na condição de Sumo Sacerdote Eterno, a glória do Senhor Jesus já é imensurável no aspecto Dele poder receber e conduzir cada uma das pessoas perfeitamente para estarem diante do Pai Celestial, quão sobre-excelente não é também a sua glória quando passamos a ver que Cristo também é Rei Eterno e que tem o poder e todo o domínio de tudo no mundo para deliberar e fazer com que todas as coisas cooperem com todos aqueles que *andam* na vontade que Ele revela aos que ouvem e seguem à sua voz?

Cristo é o firme fundamento daqueles que escolhem *viver Nele* porque Ele fez a perfeita obra para conceder perdão e reconciliação com Deus à todos que Nele creem. Entretanto, Cristo também é o fundamento inabalável daqueles que *andam Nele* porque Deus estabeleceu que, em Cristo, todo o universo é sustentado pelo poder da sua palavra. Ponto expresso no texto do início do livro de Hebreus que já mencionamos por diversas vezes no presente estudo e o qual repetimos mais uma vez abaixo:

*Hebreus 1: 2 **Nestes últimos dias, nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o universo.***

3 Ele, que é o resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser, sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder, depois de ter feito a purificação dos pecados, assentou-se à direita da Majestade, nas alturas,

4 tendo-se tornado tão superior aos anjos quanto herdou mais excelente nome do que eles.

Quando uma pessoa permite que Cristo se mostre a ela como o Sumo Sacerdote Eterno, o Advogado junto ao Pai Celestial e o Autor e Consumador da fé, o Senhor Jesus Cristo a acolhe, conduz à purificação da consciência ou do entendimento, lhe concede o alimento que procede do reino celestial e lhe fortalece na fé em Deus.

Entretanto, se esta pessoa *permanecer no viver em Cristo*, o Senhor também se mostrará a ela como o Senhor Todo-Poderoso, Deus Forte, Pai da Eternidade, o Deus de toda a glória, o Deus contra Quem ninguém pode se levantar com êxito e o Deus em Quem a vida daqueles que Nele creem está guardada ou protegida, e principalmente para a eternidade.

*Efésios 1: 15 **Por isso, também eu, tendo ouvido da fé que há entre vós no Senhor Jesus e o amor para com todos os santos,***

16 não cesso de dar graças por vós, fazendo menção de vós nas minhas orações,

17 para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos conceda espírito de sabedoria e de revelação no pleno conhecimento dele,

18 iluminados os olhos do vosso coração, para saberdes qual é a esperança do seu chamamento, qual a riqueza da glória da sua herança nos santos

19 e qual a suprema grandeza do seu poder para com os que cremos, segundo a eficácia da força do seu poder;

- 20 o qual exerceu ele em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos e fazendo-o sentar à sua direita nos lugares celestiais,**
21 acima de todo principado, e potestade, e poder, e domínio, e de todo nome que se possa referir, não só no presente século, mas também no vindouro.
22 E pôs todas as coisas debaixo dos pés, e para ser o cabeça sobre todas as coisas, o deu à igreja,
23 a qual é o seu corpo, a plenitude daquele que a tudo enche em todas as coisas.

Quando as pessoas se apartam da atitude de ter olhos fitos em Cristo, o Sumo Sacerdote Eterno das suas vidas, ou quando as pessoas deixam de buscar as coisas do alto onde Cristo está assentado à direita do Pai Celestial, elas ficam sujeitas a se apartarem da perspectiva apropriada para as suas vidas também quanto ao *andarem* na vontade de Deus no período que ainda habitam no mundo, pois já não veem mais Aquele que as recebe diante do Pai, mas também que lhes é designado como firme fundamento por onde elas *andam*.

E uma vez que as pessoas perdem a perspectiva de Quem é o Rei de toda a Terra, elas começam a agir baseado em seus próprios pensamentos e entendimentos do que vem a ser viver ou sobreviver no mundo, incorrendo cada vez mais nos caminhos que as afastam da vida no Senhor e daquilo que é para o seu bem e de seus semelhantes.

Quando o Senhor chama os seus discípulos a seguirem a Ele como o caminho de novidade de vida no Senhor ou quando Cristo os chama para que *andem Nele*, Ele o faz para o benefício deles e porque, de fato, somente Nele há sustentação e refúgio seguro para que possam *andar* apropriadamente no mundo presente.

O viver em Cristo somente é uma opção com firme fundamento porque Aquele que nos recebe como Sumo Sacerdote também é Aquele que é Fiel e totalmente capaz para realizar o que nos promete e para nos sustentar em tudo quando *andamos Nele*.

Toda ordem sacerdotal que não tem um rei que dê igualmente sustentação ao que é prometido naquela ordem, é um sacerdócio fadado a não cumprir o que é apregoado por ele, como era o sacerdócio, por exemplo, da Ordem de Arão. Se não há um rei plenamente capaz para conduzir as pessoas a realizarem o que um sacerdócio apregoa, este sacerdócio não passa de uma proposição vã, vazia, sem fundamento ou sem lastro para cumprir o que é proferido.

Portanto, como Rei Eterno, Cristo é o perfeito complemento do sacerdócio segundo a Ordem de Melquisedeque para que estejamos sustentados a fim de que seja realizado e estabelecido o propósito de sermos chamados a *estar Nele, no Espírito Santo e no Pai Celestial* também enquanto estamos no presente mundo.

Se nem um fio de cabelo cai da nossa cabeça sem que Deus o permita, se nem um pardal cai na terra sem que o Senhor o consinta na sua soberana e justa sabedoria, não cuidaria o Senhor também dos demais feitos que envolvem a vida daqueles que se dispõem a *andar Nele*?

Através da posição de Sumo Sacerdote Eterno, o Senhor Jesus nos ensina a nos quietarmos Nele, nos instrui a não tomarmos sobrepesos que vão além do que convém a nós. Entretanto, estando também na posição de Rei Todo-Poderoso e plenamente Justo, o Senhor Jesus nos concede uma perspectiva que pode aquietar o nosso coração

pelo fato de podermos passar a saber de que tudo está nas suas mãos e que em tudo Ele é poderoso para, no devido tempo e através do seu amor, realizar aquilo que é necessário ser realizado em favor daqueles Nele confiam e o amam.

*Romanos 5: 8 **Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores.***

*9 **Logo, muito mais agora, sendo justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira.***

*10 **Porque, se nós, quando inimigos, fomos reconciliados com Deus mediante a morte do seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida.***

...

*17 **Se, pela ofensa de um e por meio de um só, reinou a morte, muito mais os que recebem a abundância da graça e o dom da justiça reinarão em vida por meio de um só, a saber, Jesus Cristo.***

*Romanos 8: 26 **Também o Espírito, semelhantemente, nos assiste em nossa fraqueza; porque não sabemos orar como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós sobremaneira, com gemidos inexprimíveis.***

*27 **E aquele que sonda os corações sabe qual é a mente do Espírito, porque segundo a vontade de Deus é que ele intercede pelos santos.***

*28 **Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito.***

...

*31 **Que diremos, pois, à vista destas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós?***

*32 **Aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura, não nos dará graciosamente com ele todas as coisas?***

Aquilo que nos Salmos foi anunciado sobre a condição do Senhor reinar sobre tudo e sobre todos é nos revelado por Deus como algo que o Pai Celestial designou ao Senhor Jesus Cristo para que também *andemos Nele* além de *vivermos Nele*, confiantes de que Ele também sempre estará conosco nos caminhos que Ele for à nossa frente e nos instruir a *andar*.

*Salmos 47: 8 **Deus reina sobre as nações; Deus se assenta no seu santo trono.***

*Salmos 93: 1 **Reina o SENHOR. Revestiu-se de majestade; de poder se revestiu o SENHOR e se cingiu. Firmou o mundo, que não vacila.***

*Salmos 96: 10 **Dizei entre as nações: Reina o SENHOR. Ele firmou o mundo para que não se abale e julga os povos com equidade.***

Salmos 97: 1 **Reina o SENHOR. Regozije-se a terra, alegrem-se as muitas ilhas.**

Salmos 99: 1 **Reina o SENHOR; tremam os povos. Ele está entronizado acima dos querubins; abale-se a terra.**

Salmos 146: 10 **O SENHOR reina para sempre; o teu Deus, ó Sião, reina de geração em geração. Aleluia!**

Efésios 1: 19 ... **e qual a suprema grandeza do seu poder para com os que cremos, segundo a eficácia da força do seu poder;**
 20 **o qual exerceu ele em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos e fazendo-o sentar à sua direita nos lugares celestiais,**
 21 **acima de todo principado, e potestade, e poder, e domínio, e de todo nome que se possa referir, não só no presente século, mas também no vindouro.**

Apocalipse 1: 5(a) ... **e da parte de Jesus Cristo, a Fiel Testemunha, o Primogênito dos mortos e o Soberano dos reis da terra.**

Para concluir este capítulo, com o propósito de abordar o presente tema mais amplamente nos que ainda seguem, vejamos, então, abaixo, mais alguns exemplos de textos que nos mostram a posição de Cristo como Rei Eterno ou com plena autoridade para reinar sobre tudo e sobre todas as nações:

Mateus 11: 27 **Tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar.**
 28 **Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei.**
 29 **Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma.**
 30 **Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve.**

Lucas 10: 22 **Tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém sabe quem é o Filho, senão o Pai; e também ninguém sabe quem é o Pai, senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar.**
 23 **E, voltando-se para os seus discípulos, disse-lhes particularmente: Bem-aventurados os olhos que veem as coisas que vós vedes.**
 24 **Pois eu vos afirmo que muitos profetas e reis quiseram ver o que vedes e não viram; e ouvir o que ouvís e não o ouviram.**

João 17: 1 Tendo Jesus falado estas coisas, levantou os olhos ao céu e disse: Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que o Filho te glorifique a ti,

2 assim como lhe conferiste autoridade sobre toda a carne, a fim de que ele conceda a vida eterna a todos os que lhe deste.

3 E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste.

Mateus 28: 18 Jesus, aproximando-se, falou-lhes, dizendo: Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra.

...

20(b) E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século.

Apocalipse 17: 14 Pelejarão eles contra o Cordeiro, e o Cordeiro os vencerá, pois é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis; vencerão também os chamados, eleitos e fiéis que se acham com ele.

Apocalipse 19: 16 Tem no seu manto e na sua coxa um nome inscrito: REI DOS REIS E SENHOR DOS SENHORES.

Por isto:

Isaías 52: 7 Quão formosos são sobre os montes os pés do que anuncia as boas-novas, que faz ouvir a paz, que anuncia coisas boas, que faz ouvir a salvação, que diz a Sião: O teu Deus reina!

C30. A Glória do Rei Eterno segundo a Ordem de Melquisedeque

A. O Rei Eterno que Permanece Sacerdote para Sempre

Hebreus 7: 1 **Porque este Melquisedeque, rei de Salém, sacerdote do Deus Altíssimo, ...**

2(b) (primeiramente se interpreta rei de justiça, depois também é rei de Salém, ou seja, rei de paz;

3 sem pai, sem mãe, sem genealogia; que não teve princípio de dias, nem fim de existência, entretanto, feito semelhante ao Filho de Deus), permanece sacerdote perpetuamente.

Ao longo de vários capítulos do presente estudo, procuramos expor o quão singular ou distinta é a glória do Sumo Sacerdote Eterno segundo a Ordem de Melquisedeque, a qual nos oferece um Sumo Sacerdote que atua não em templos feitos por mãos humanas, que nos representa diretamente e eternamente diante de Deus e que não é fraco, debilitado e sujeito à substituições como eram os Sumos Sacerdotes da revogada Ordem de Arão ou de qualquer ordem que adota princípios similares a esta.

Entretanto, quando começamos a ver que uma pessoa, além de ser assistida por um Sumo Sacerdote Perfeito diante de Deus precisa também ser assistida para *andar* amparada e fortalecida em todas as suas atividades em geral da vida, passamos a notar que a mesma pessoa precisa ter alguém igualmente perfeito que a assista e sustente em todas as suas funções e ações também diante do mundo.

E conforme começamos a ver de forma mais específica nos últimos dois capítulos, a assistência e a sustentação perfeita para *andar* apropriadamente diante do mundo somente poderia ser realizada por alguém que tenha uma condição de autoridade, regência ou governo sobre todas as coisas para que uma pessoa possa ser guiada de tal forma que alcance este propósito.

Um aspecto, porém, que gostaríamos de ressaltar aqui mais uma vez a respeito do *viver em Cristo* e do *andar em Cristo*, ou do estar assistido de um perfeito Sumo Sacerdote e de um perfeito Rei, respectivamente, é que o *viver* e o *andar* muitas vezes também se sobrepõem um ao outro ou são necessários serem realizados simultaneamente.

Apesar das ações de relacionamento com o Sumo Sacerdote poderem ser distintas dos atos do relacionamento com o Rei que guia uma pessoa no seu *andar* no mundo presente, na prática da dinâmica da vida, a distinção destas duas vias de relacionamento, muitas vezes, poderá não ser possível de ser dividida tão explicitamente, didaticamente ou vista sob tempos tão distintos como podemos apresentar em um estudo conceitual sobre eles.

Em algumas situações, por exemplo, uma pessoa poderá estar *andando segundo a instrução de Deus*, mas tropeçar em algum detalhe e necessitar se achar, ali mesmo, ao Senhor como o Sumo Sacerdote da sua vida para lhe confessar aquele erro e receber ajuda para continuar, em seguida, o seu processo de *andar no Senhor*.

*1 João 2: 1 **Filhinhos meus, estas coisas vos escrevo para que não pequeis. Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo;***

*2 **e ele é a propiciação pelos nossos pecados e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro.***

*Salmos 37: 23 **O SENHOR firma os passos do homem bom e no seu caminho se compraz;***

*24 **se cair, não ficará prostrado, porque o SENHOR o segura pela mão.***

Para algumas pessoas, pode parecer que a condição simultânea de relacionamento com o Senhor tanto para *viver Nele* como para *andar Nele* em qualquer lugar e em qualquer tempo soe um pouco estranha ou complicada. Entretanto, a realidade de que isto é possível de ser feito de fato demonstra mais uma das maravilhosas facetas da glória da Ordem de Melquisedeque e o quão distinta ela em relação à Ordem de Arão ou à qualquer ordem similar à esta última.

Na Ordem de Arão, por exemplo, os sumos sacerdotes, sacerdotes e levitas não podia estar todo o tempo com o povo, conforme já mencionamos, mas também nem o povo podia estar o tempo todo com os sacerdotes, pois se o fizessem, estariam negligenciando várias das suas atividades que precisavam realizar em seu dia-a-dia. Se todos permanecessem junto aos sacerdotes e levitas em todo o tempo, quem iria plantar, quem iria alimentar o gado, quem iria colher, quem iria tirar o leite, quem iria preparar a comida e quem iria fazer os inúmeros serviços dos quais depende a vida natural das pessoas e de uma sociedade?

A mentalidade de separação do sacerdócio e da regência ou governo da vida em geral de um indivíduo, e nos seus mais diversos detalhes, pode até ter um apelo atrativo no sentido de propor que as pessoas sejam mais focadas em cada uma destas atividades em momentos distintos, mas, na realidade ou na prática, esta proposição é inviável ou insuficiente, pois ela é contrária à dinâmica e às necessidades da própria vida.

Se um profissional, por exemplo, se depara com uma condição urgente em seu trabalho, como poderá ele esperar até o próximo “culto” para “buscar do Senhor” e saber o que Ele tem a falar sobre aquela questão específica ou o que precisa ser feito para ir de encontro à necessária solução?

No texto que segue abaixo, as Escrituras nos ensinam que um cristão não deve deixar o sol se pôr sobre a sua ira e dar lugar ao diabo. Mas como, então, ele poderia fazer isto na Ordem de Arão se nela ele somente poderia ir aos sacerdotes no sábado seguinte ou como alguns outros que somente poderiam ir uma vez por ano a Jerusalém?

*Efésios 4: 26 **Irai-vos e não pequeis; não se ponha o sol sobre a vossa ira.***

*27 **Não deis lugar ao diabo.***

Em Cristo, e ainda que uma pessoa *ande* no caminho que o Senhor lhe apontou, ela poderá se deparar com situações de oposição que a instigam a ter ira. Entretanto, uma vez que *em Cristo* ela também tem o suporte do Sumo Sacerdote Eterno junto ao seu coração, ela pode, em qualquer lugar ou em qualquer momento, apresentar ao Senhor a tentação de ficar irada e pedir que o Sumo Sacerdote Eterno a ajude a encontrar paz no coração e continuar a ser instruída adiante em seu caminhar.

Quando, na Nova Aliança, Deus nos concede acesso à Ordem de Melquisedeque, o Senhor nos concede de forma plenamente satisfatória, algo que nenhuma ordem sacerdotal humana poderia realizar exatamente porque estes tipos de ordens sacerdotais são limitados pelos aspectos das próprias limitações humanas dos seus sacerdotes já em seu sacerdócio e ainda muito mais nas questões relacionadas à regência da vida.

A mentalidade de dissociação ou de separação do sacerdócio e da posição de regência na vida pessoal que sempre houve e continua a existir debaixo das ordens sacerdotais humanas precisa ser abandonada por aquele que quer estar em linha com a vontade de Deus, pois ela em nada é compatível com a proposição e o funcionamento da Ordem de Melquisedeque.

Portanto, *em Cristo*, ou na Ordem de Melquisedeque, o Sumo Sacerdote permanece Sacerdote para sempre, inclusive quando Ele assume ou desempenha a função de Rei. E, por outro lado, na Ordem de Melquisedeque, o Rei Eterno igualmente permanece como Rei para sempre, inclusive quando Ele está na posição de Sumo Sacerdote.

A Ordem de Melquisedeque é a única ordem sacerdotal perfeita, em primeiro lugar, por causa do sacerdócio perfeito que ela oferece. Entretanto, ela também é perfeita porque somente nela a regência, o reinado ou o governo sobre tudo é unificado perfeitamente ao sacerdócio, e vice-versa.

Considerando que Cristo também é chamado como Aquele que viria a ser o nosso *Renovo* que ressuscitaria da morte para ser ***tudo em todos***, podemos ver mais uma vez, também através da profecia de Zacarias, que aquilo que nos era necessário num Rei e num Sacerdócio somente poderia ser feito em união, paz ou harmonia se fosse unificado em um só, se fosse unificado por Aquele que edifica em nós o santuário de Deus, ou seja, um novo coração, que nos faz assentar junto com Ele nas regiões celestiais diante do trono do Pai Celestial e nos fortalece para *andar* no caminho do Senhor.

Zacarias 6: 12 ***E dize-lhe: Assim diz o SENHOR dos Exércitos: Eis aqui o homem cujo nome é Renovo; ele brotará do seu lugar e edificará o templo do SENHOR.***

13 Ele mesmo edificará o templo do SENHOR e será revestido de glória;

***assentar-se-á no seu trono, e dominará,
e será sacerdote no seu trono;***

e reinará perfeita união entre ambos os ofícios.

Aqueles que querem edificar e manter santuários ou templos feitos por mãos humanas para neles serem sacerdotes ou colocarem outros como seus sacerdotes, não somente são aqueles que tentam estabelecer mediadores não autorizados por Deus, mas também são aqueles que tentam impor às pessoas que lhe seguem uma mentalidade de divisão de tempo e local entre o sacerdócio e a regência da vida pessoal, como se algumas coisas fossem mais santas ou não seculares do que outras na vida de um indivíduo ou como se o que a pessoa faz em um determinado local pudesse vir a ser mais santo meramente por esta razão do que aquilo que a pessoa faz em outro local.

Justiça e injustiça não dependem somente do local em que são praticadas, pois a origem delas está no coração independentemente se uma pessoa está fora no mundo ou se ela está confinada em um aprisco, reduto ou espaço religioso segundo as construções e definições dos seres humanos.

- Mateus 15: 16 **Jesus, porém, disse: Também vós não entendeis ainda?***
*17 **Não compreendeis que tudo o que entra pela boca desce para o ventre e, depois, é lançado em lugar escuso?***
*18 **Mas o que sai da boca vem do coração, e é isso que contamina o homem.***
*19 **Porque do coração procedem maus desígnios, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos, blasfêmias.***
*20 **São estas as coisas que contaminam o homem; mas o comer sem lavar as mãos não o contamina.***

A separação do sacerdócio da regência ou do governo da vida pessoal, assim praticado pelas pessoas devido às imperfeições e limitações humanas, somente encontra um fim e uma solução apropriada e perfeita *em Cristo Jesus*, pois Ele é o Único que pôde e pode manter os dois ofícios unificados e em harmonia eternamente.

Cristo é o Sumo Sacerdote perfeito porque Ele tem toda a autoridade e domínio para realizar o que a salvação do seu sacerdócio nos oferece. Entretanto, Cristo também é o nosso Rei perfeito porque Ele é um Rei que tem a misericórdia do Sumo Sacerdote Eterno que se compadece perfeitamente de nós e pode nos sustentar para sempre.

Assim, dizer que Cristo é o Sumo Sacerdote Eterno e perfeito segundo a Ordem de Melquisedeque é igualmente dizer que Ele é o Sumo Sacerdote que também é o Rei perfeito segundo esta mesma Ordem.

E dizer que Cristo é o Rei perfeito, segundo a Ordem de Melquisedeque, é igualmente dizer que Ele é o Sumo Sacerdote perfeito segundo esta Ordem, pois tanto como o Sumo Sacerdote e como Rei Eterno, Cristo é o mesmo e Único Filho de Deus e Filho do Homem perfeito para sempre.

Em Cristo, temos tudo o que precisamos em um Sumo Sacerdote para nos achegarmos a Deus. Entretanto, *em Cristo*, igualmente, temos tudo o que precisamos em um Rei Soberano que, apesar de nossas fraquezas, pode nos assistir perfeitamente para *andarmos* na vontade de Deus em todas as áreas da vida às quais o Senhor nos conduzir.

B. O Rei Eterno que Já É Rei e não que Virá a Ser Rei

Hebreus 4: 14 **Tendo, pois, a Jesus, o Filho de Deus, como grande sumo sacerdote que penetrou os céus, conservemos firmes a nossa confissão.**

15 *Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado.*

16 *Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna.*

Através do seu Sacerdócio Eterno, Cristo hoje já nos recebe diante do Pai Celestial a fim de que nos acheguemos ao trono da graça para obtermos a sua misericórdia e graça. Entretanto, quando avançamos ao ponto de *andar em Cristo*, nós começamos a ver que, além de nos conceder a reconciliação com Deus, a mesma graça de Cristo também é a graça já disponibilizada *em Cristo* para passarmos a *andar em tudo segundo esta mesma graça*.

A graça que nos é concedida através do Sumo Sacerdote Cristo é a graça que também tem um propósito de nos fortalecer e guiar em todos os aspectos da nossa vida diante do mundo.

Tito 2: 11 **Porque a graça de Deus se há manifestado, trazendo salvação a todos os homens,**

12 **ensinando-nos que, renunciando à impiedade e às concupiscências mundanas, vivamos neste presente século sóbria, justa e piamente,**

13 **aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo,**

14 **o qual se deu a si mesmo por nós, para nos remir de toda iniquidade e purificar para si um povo seu especial, zeloso de boas obras. (RC)**

Romanos 5: 17 **Se, pela ofensa de um e por meio de um só, reinou a morte, muito mais os que recebem a abundância da graça e o dom da justiça reinarão em vida por meio de um só, a saber, Jesus Cristo.**

Entretanto, um dos aspectos que procura se interpor para que as pessoas não percebam que elas já podem *andar segundo a vontade de Deus*, ou *reinar em vida*, está no fato delas não saberem ou não crerem que Cristo, sendo da Ordem de Melquisedeque, está posto na posição de Rei da Justiça e Rei da Paz sobre todo o mundo e sobre toda a Terra já no tempo presente.

Em vez de crerem naquilo que Deus anuncia através das Escrituras, muitos se deixam levar pela crença que diretamente ou sutilmente alega que Cristo somente será estabelecido como o Rei sobre tudo e todos em um tempo futuro ou ainda por vir.

As Escrituras que já vimos nos capítulos anteriores, não ensinam que Deus irá assentar a Cristo num dia futuro acima de todo o principado e poder e em uma posição na qual Cristo irá sustentar todo o universo com a palavra do seu poder. Pelo contrário, as Escrituras nos reiteram vez após vez que Deus já assentou a Cristo sobre tudo e sobre todos, exceto em relação ao próprio Pai Celestial que tudo outorgou a Cristo.

*Atos 2: 36 **Esteja absolutamente certa, pois, toda a casa de Israel de que a este Jesus, que vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo.***

Efésios 1: 19 ... e qual a suprema grandeza do seu poder para com os que cremos, segundo a eficácia da força do seu poder;
20 o qual exerceu ele em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos e fazendo-o sentar à sua direita nos lugares celestiais,
21 acima de todo principado, e potestade, e poder, e domínio, e de todo nome que se possa referir, não só no presente século, mas também no vindouro.

*1 Coríntios 15: 27 **Porque todas as coisas sujeitou debaixo dos pés. E, quando diz que todas as coisas lhe estão sujeitas, certamente, exclui aquele que tudo lhe subordinou.***

A partir do momento da ressurreição de Cristo dentre os mortos, o lugar do Senhor Jesus como Rei Eterno segundo a Ordem de Melquisedeque, agora também como o Filho do Homem que ressuscitou dentre os mortos, já naquele presente século e por todos os demais, já foi revelado e estabelecido para toda a eternidade.

O fato de Cristo estar governando o mundo e manifestar situações diferenciadas do seu governo através dos séculos, não tira Dele nenhuma autoridade e não macula em nada a sua condição presente de Rei Eterno e já estabelecido.

O fato de ainda vermos aspectos da injustiça atuando no mundo não tem nenhuma relação com Cristo já estar em plena posição de Rei sobre todo o universo, mas está relacionada aos eventos que o Senhor permite que ocorram para testemunho às nações de que as escolhas contrárias à vontade de Deus conduzem à destruição e morte. E isto também, e principalmente, para que as pessoas possam ser informadas de que apesar de ainda continuarem a se sujeitarem tão intensamente ao pecado ou se manterem afastadas da comunhão com Deus, ainda há a possibilidade delas acessarem a misericórdia do Senhor antes que venha o grande e terrível dia narrado por Pedro e no qual Deus requererá, perante o seu trono eterno, a prestação de contas de todos aqueles que não receberem a Cristo como Ele lhes é oferecido mediante o Evangelho.

*2 Pedro 3: 1 **Amados, esta é, agora, a segunda epístola que vos escrevo; em ambas, procuro despertar com lembranças a vossa mente esclarecida,***
*2 **para que vos recordeis das palavras que, anteriormente, foram ditas pelos santos profetas, bem como do mandamento do Senhor e Salvador, ensinado pelos vossos apóstolos,***

3 tendo em conta, antes de tudo, que, nos últimos dias, virão escarnecedores com os seus escárnios, andando segundo as próprias paixões

4 e dizendo: Onde está a promessa da sua vinda? Porque, desde que os pais dormiram, todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação.

5 Porque, deliberadamente, esquecem que, de longo tempo, houve céus bem como terra, a qual surgiu da água e através da água pela palavra de Deus,

6 pela qual veio a perecer o mundo daquele tempo, afogado em água.

7 Ora, os céus que agora existem e a terra, pela mesma palavra, têm sido entesourados para fogo, estando reservados para o Dia do Juízo e destruição dos homens ímpios.

8 Há, todavia, uma coisa, amados, que não deveis esquecer: que, para o Senhor, um dia é como mil anos, e mil anos, como um dia.

9 Não retarda o Senhor a sua promessa, como alguns a julgam demorada; pelo contrário, ele é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento.

10 Virá, entretanto, como ladrão, o Dia do Senhor, no qual os céus passarão com estrepitoso estrondo, e os elementos se desfarão abrasados; também a terra e as obras que nela existem serão atingidas.

11 Visto que todas essas coisas hão de ser assim desfeitas, deveis ser tais como os que vivem em santo procedimento e piedade,

12 esperando e apressando a vinda do Dia de Deus, por causa do qual os céus, incendiados, serão desfeitos, e os elementos abrasados se derreterão.

2 Coríntios 6: 1 E nós, na qualidade de cooperadores com ele, também vos exortamos a que não recebais em vão a graça de Deus

2 (porque ele diz: Eu te ouvi no tempo da oportunidade e te socorri no dia da salvação; eis, agora, o tempo sobremodo oportuno, eis, agora, o dia da salvação).

Se Cristo já não estivesse estabelecido como Rei segundo a Ordem de Melquisedeque no tempo presente, a possibilidade da realização da própria salvação das pessoas e de tudo o que o Senhor ensina a um indivíduo através do viver em Cristo ou através do seu sacerdócio não teriam fundamento para ser sustentado na vida das pessoas que recebem a Cristo em seus corações, o que, por sua vez, iria equiparar o seu sacerdócio a um sacerdócio fraco e inútil como sempre foi o da Ordem de Arão ou similares a ele.

As pessoas que tentam propagar que Cristo somente virá a ser Rei que reinará num tempo que ainda está por vir, são as mesmas pessoas que procuram destruir a fé dos cristãos no Único Soberano Senhor de suas vidas, aplicando-se os mesmos princípios opostos à fé em Deus que já vimos no capítulo sobre A Glória do Sumo Sacerdote que é o Autor e Consumador da Fé.

Procurar negar a Cristo como o Rei da Ordem de Melquisedeque já estabelecido como tal no presente e para sempre, é tão grave quanto tentar perverter a graça de Deus e negar a Cristo como o único Mediador entre Deus e todos os seres humanos.

Aqueles que resistem à posição de Cristo como aquele que é Rei Eterno já no tempo presente, são aqueles dos quais as Escrituras nos dizem para nos apartarmos, pois devido a seus interesses e paixões pessoais, são traidores e atrevidos contra o próprio Deus.

Aqueles que se opõem à posição de Cristo como Rei no tempo presente ao tentarem afastar as pessoas da realidade de que Cristo é o Rei conosco, o Rei Emanuel, e que é plenamente capaz de ensinar e suportar a todos que Nele creem a conduzirem as suas vidas em consonância à vontade de Deus nas mais diversas áreas, também são aqueles que tentam se interpor para que as pessoas não venham a chegar ao conhecimento da verdade, pois a verdade somente encontra-se *em Cristo, no viver em Cristo e no andar em Cristo também na sua condição de Rei Eterno*.

- 2 Timóteo 3: 4 **Traidores, atrevidos, enfatuados, mais amigos dos prazeres que amigos de Deus,***
*5 **tendo forma de piedade, negando-lhe, entretanto, o poder. Foge também destes.***
*6 **Pois entre estes se encontram os que penetram sorrateiramente nas casas e conseguem cativar mulherinhas sobrecarregadas de pecados, conduzidas de várias paixões,***
*7 **que aprendem sempre e jamais podem chegar ao conhecimento da verdade.***

Se no tempo presente Cristo já não estivesse em uma posição perfeita no aspecto de reinado sobre tudo, Ele jamais poderia nos instruir e nos conduzir em todas as áreas da vida para também *andarmos no Espírito*, além de *vivermos no Espírito*.

Pelo fato de Cristo ser Rei e estar estabelecido sobre tudo e sobre todos, exceto o Pai Celestial, é que Ele também tem todo o poder e autoridade para nos instruir através do Espírito Santo em todos os caminhos que somos chamados pelo Senhor a *andar*, pois de antemão, Ele como Rei, já prepara e aplaina os caminhos e nos concede, com plena autoridade, tudo o que precisa ser concedido também já no tempo presente.

Cristo foi elevado ao céu para estar à direita do Pai Celestial precisamente para poder nos enviar do trono celestial o Consolador, o Espírito Santo, o Espírito de Poder, o Espírito da Verdade, para, através do Espírito do Senhor, manifestar a nós também a sua perfeita condição de Rei sobre tudo e sobre todos.

*João 16: 7 **Mas eu vos digo a verdade: convém-vos que eu vá, porque, se eu não for, o Consolador não virá para vós outros; se, porém, eu for, eu vo-lo enviarei.***

*8 **Quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo:***

*9 **do pecado, porque não creem em mim;***

*10 **da justiça, porque vou para o Pai, e não me vereis mais;***

*11 **do juízo, porque o príncipe deste mundo já está julgado.***

- 12 **Tenho ainda muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora;**
- 13 **quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas que hão de vir.**
- 14 **Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar.**
- 15 **Tudo quanto o Pai tem é meu; por isso é que vos disse que há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar.**

Ora, se tudo o que é do Pai Celestial é também de Cristo, inclusive a autoridade sobre toda a criação e sobre a possibilidade de designar todas as instruções celestiais às pessoas na Terra através do Espírito Santo, o que mais o Senhor Jesus precisaria para ter a plena condição de Rei já no tempo presente?

Portanto:

- Colossenses 2: 6* **Ora, como recebestes Cristo Jesus, o Senhor, assim andai nele,**
- 7 **nele radicados, e edificados, e confirmados na fé, tal como fostes instruídos, crescendo em ações de graças.**
- 8 **Cuidado que ninguém vos venha a enredar com sua filosofia e vãs sutilezas, conforme a tradição dos homens, conforme os rudimentos do mundo e não segundo Cristo;**
- 9 **porquanto, nele, habita, corporalmente, toda a plenitude da Divindade.**
- 10 **Também, nele, estais aperfeiçoados. Ele é o cabeça de todo principado e potestade.**

Apocalipse 1: 5 ... **e da parte de Jesus Cristo, que é a fiel testemunha, o primogênito dos mortos e o príncipe dos reis da terra. Àquele que nos ama, e em seu sangue nos lavou dos nossos pecados,**

- ...
8 **Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim, diz o Senhor, que é, e que era, e que há de vir, o Todo-poderoso.**

C. A Posição do Trono do Rei Eterno

Há muitas pessoas que vislumbram em suas mentes ou anelam o dia em que Cristo virá a ser colocado como Rei sobre toda a Terra e aguardam que Cristo se assentará em um trono terreno para a partir dele reinar. Entretanto, elas não se dão conta ou resistem em reconhecer que Cristo já está posto como o Rei sobre toda a Terra e que Ele já está posto em um trono muito superior a qualquer trono da Terra.

Cristo não necessita vir a se assentar em qualquer trono inferior ao trono eterno de Deus e que está rodeado da glória e do poder do Senhor, conforme descrito, em parte, no primeiro capítulo de Apocalipse, conforme segue:

- Apocalipse 1: 4 João, às sete igrejas que se encontram na Ásia, graça e paz a vós outros, da parte daquele que é, que era e que há de vir, da parte dos sete Espíritos que se acham diante do seu trono*
- 5 e da parte de Jesus Cristo, a Fiel Testemunha, o Primogênito dos mortos e o Soberano dos reis da terra. Àquele que nos ama, e, pelo seu sangue, nos libertou dos nossos pecados,**
- 6 e nos constituiu reino, sacerdotes para o seu Deus e Pai, a ele a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém!**
- 7 Eis que vem com as nuvens, e todo olho o verá, até quantos o traspassaram. E todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele. Certamente. Amém!**
- 8 Eu sou o Alfa e Ômega, o primeiro e o último, diz o Senhor Deus, aquele que é, que era e que há de vir, o Todo-Poderoso.**
- 9 Eu, João, irmão vosso e companheiro na tribulação, no reino e na perseverança, em Jesus, achei-me na ilha chamada Patmos, por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus.**
- 10 Achei-me em espírito, no dia do Senhor, e ouvi, por detrás de mim, grande voz, como de trombeta,**
- 11 dizendo: Eu sou o Alfa e Ômega, o primeiro e o último, o que vês escreve em livro e manda às sete igrejas que estão na Ásia: Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodicéia.**
- 12 Voltei-me para ver quem falava comigo e, voltado, vi sete candeeiros de ouro**
- 13 e, no meio dos candeeiros, um semelhante a filho de homem, com vestes talaras e cingido, à altura do peito, com uma cinta de ouro.**
- 14 A sua cabeça e cabelos eram brancos como alva lã, como neve; os olhos, como chama de fogo;**
- 15 os pés, semelhantes ao bronze polido, como que refinado numa fornalha; a voz, como voz de muitas águas.**
- 16 Tinha na mão direita sete estrelas, e da boca saía-lhe uma afiada espada de dois gumes. O seu rosto brilhava como o sol na sua força.**
- 17 Quando o vi, caí a seus pés como morto. Porém ele pôs sobre mim a mão direita, dizendo: Não temas; eu sou o primeiro e o último**
- 18 e aquele que vive; estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos e tenho as chaves da morte e do inferno.**
- (RA+NKJV) ----

E de qual posição terrena Cristo poderia ter a condição que Ele tem à direita do trono do Pai Celestial e de qual posição terrena Cristo poderia ter as chaves da morte e do inferno em suas mãos, considerando ainda que a vida e a morte quanto ao aspecto eterno não são determinadas a partir de tronos terrenos?

Qual trono terreno poderia suportar a glória de Cristo conforme revelada a João já nas primeiras palavras a serem escritas por ele no livro de Apocalipse?

Assim como Cristo não veio fazer habitação em templos terrenos feitos por mãos humanas, mas veio para mostrar que a habitação de Deus é num alto e sublime trono nos céus e no coração das pessoas, assim também Cristo não veio para edificar e assumir um trono terreno em palácios terrenos.

Cristo veio para anunciar que o trono celestial está acima de tudo, de todos e que Ele igualmente veio como Rei à Terra para habitar o coração das pessoas e nos manifestar o Reino Celestial em primeiro lugar em seus corações.

*Isaías 57: 15 **Porque assim diz o Alto, o Sublime, que habita a eternidade, o qual tem o nome de Santo: Habito no alto e santo lugar, mas habito também com o contrito e abatido de espírito, para vivificar o espírito dos abatidos e vivificar o coração dos contritos.***

É impressionante como as pessoas insistem em querer afirmar que Deus necessita de templos e também de tronos feitos por mãos humanas para ter autoridade sobre toda a Terra, mas esquecem aquilo que o Senhor Jesus Cristo disse a Pilatos ao declarar que toda a autoridade ou poder que Pilatos tinha somente lhe havia sido concedida porque provinha de um trono superior.

Portanto, o trono do reino de Cristo é um trono que pode conceder ou retirar autoridade de qualquer trono e governante terreno.

Quando Pilatos estava para decidir sobre a crucificação ou não de Cristo, o próprio Senhor Jesus falou-lhe da condição de autoridade que Pilatos tinha como governador romano em relação à autoridade de Cristo, a qual o próprio Pilatos não conhecia, conforme segue:

*João 19: 8 **Pilatos, ouvindo tal declaração, ainda mais atemorizado ficou,***
*9 **e, tornando a entrar no pretório, perguntou a Jesus: Donde és tu?***
Mas Jesus não lhe deu resposta.
*10 **Então, Pilatos o advertiu: Não me respondes? Não sabes que tenho autoridade para te soltar e autoridade para te crucificar?***
*11 **Respondeu Jesus: Nenhuma autoridade terias sobre mim, se de cima não te fosse dada; por isso, quem me entregou a ti maior pecado tem.***

Em outra parte, o Senhor Jesus respondeu a Pilatos da seguinte maneira:

*João 18: 35 **Replicou Pilatos: Porventura, sou judeu? A tua própria gente e os principais sacerdotes é que te entregaram a mim. Que fizeste?***
*36 **Respondeu Jesus: O meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, os meus ministros se empenhariam por mim,***

para que não fosse eu entregue aos judeus; mas agora o meu reino não é daqui.

37 Então, lhe disse Pilatos: Logo, tu és rei? Respondeu Jesus: Tu dizes que sou rei. Eu para isso nasci e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade ouve a minha voz.

E ainda em outro trecho, o Senhor Jesus declara:

João 10: 17 Por isso, o Pai me ama, porque eu dou a minha vida para a reassumir.

18 Ninguém a tira de mim; pelo contrário, eu espontaneamente a dou. Tenho autoridade para a entregar e também para reavê-la. Este mandato recebi de meu Pai.

Quando passamos a observar o surgimento da questão sobre haver ou não a necessidade de que houvesse um rei terreno sobre o povo liberto do Egito e chamado para seguir a Deus, podemos ver que o Senhor, já na antiguidade, não intentou que o povo optasse por reis humanos como os gentios ou demais povos faziam, pois isto acarretaria opressões e custos terríveis aos quais o povo não precisaria se sujeitar se escolhessem seguir a vontade do Senhor (conforme 1Samuel 8).

Entretanto, assim como o povo não quis o sacerdócio oferecido por Deus sem primeiro experimentar o sacerdócio segundo um mandamento carnal e conduzido a partir da própria criação, assim também as pessoas não quiseram uma regência ou um governo direto de Deus sobre as suas vidas sem primeiro passar pela experiência por tipos de governos propostos por povos dissociados da comunhão com o seu Criador.

E assim como nenhum sacerdócio humano pode atender as pessoas adequadamente em todas as áreas de suas vidas e nem pode atender a todos, assim também nenhum governo humano poderá atender às demandas mais profundas das pessoas que lhe estão sujeitas.

Deus estabeleceu que o sacerdócio segundo a Ordem de Melquisedeque fosse estabelecido no céu para que Cristo possa atender igualmente a todos na Terra mediante a fé, sem restrições de local físico e de acesso à sua presença.

E quanto à questão do trono real, o mesmo princípio também precisava ser estabelecido por Deus. Se Cristo não tivesse o seu trono junto a Deus, do que adiantaria um acesso sacerdotal de qualquer lugar a qualquer hora se a resposta não pudesse, igualmente, ser ordenada e enviada do céu para qualquer lugar e na devida hora necessária a um indivíduo?

Portanto, assim como o sacerdócio de Cristo é superior e perfeito porque é feito primeiramente no céu, assim a posição de Cristo como Rei na Ordem de Melquisedeque somente é perfeita porque ela também está primeiramente no lugar altíssimo junto ao Pai Celestial.

Deus estabeleceu o trono de Cristo nos céu porque este é o melhor e o único local perfeito para que Cristo possa atuar em plenitude na sua condição de Rei sobre tudo, sobre todas as nações e sobre todas as pessoas.

E a partir do trono celestial, Cristo não compete com outros reinos e reis terrenos, pois todos lhe estão sujeitos em posição e autoridade.

Salmos 47: 8 Deus reina sobre as nações; Deus se assenta no seu santo trono.

Salmos 93: 1 Reina o SENHOR. Revestiu-se de majestade; de poder se revestiu o SENHOR e se cingiu. Firmou o mundo, que não vacila.

Salmos 96: 10 Dizei entre as nações: Reina o SENHOR. Ele firmou o mundo para que não se abale e julga os povos com equidade.

Salmos 99: 1 Reina o SENHOR; tremam os povos. Ele está entronizado acima dos querubins; abale-se a terra.

Qual trono terreno que Cristo poderia vir a querer e cuja majestade pudesse chegar perto da majestade que Ele tem junto ao Pai Celestial?

Qual trono no mundo natural poderia firmar o mundo e os seus fundamentos?

Em qual trono terreno Cristo poderia atender a todos que clamam por seu auxílio e dar ordens aos seus anjos para atenderem àqueles que fazem do Senhor o refúgio de suas vidas?

Salmos 91: 9 Pois disseste: O SENHOR é o meu refúgio. Fizeste do Altíssimo a tua morada.

10 Nenhum mal te sucederá, praga nenhuma chegará à tua tenda.

11 Porque aos seus anjos dará ordens a teu respeito, para que te guardem em todos os teus caminhos.

Quando Cristo veio em carne ao mundo, Ele não veio estabelecer o tão esperado reino terreno que as pessoas queriam. Mas também por isto, que o diabo não conseguiu derrotar a Cristo na tentação quando lhe ofereceu a glória dos reinos terrenos.

Cristo veio ao mundo para revelar às pessoas que é não do mundo que vem a provisão eterna de sacerdócio e de governo para as suas vidas, mas que tudo o que elas necessitam vem, primeiramente, do Pai das Luzes que está acima de qualquer trono e expectativa que a criação possa criar ou propor.

Cristo não veio ao mundo para mostrar às pessoas como elas poderiam se tornar eternas no presente mundo tentando fazer com que Deus viesse a estar “eternalizado” com elas na Terra. Cristo veio mostrar às pessoas que o seu Criador é maior do que o mundo natural que elas conhecem e que no Pai Celestial há vida eterna ainda que o mundo presente, na concepção atual, venha a deixar de existir.

Cristo veio ao mundo para mostrar que os reinos e as nações terrenas são temporais e passageiras, mas que o trono superior do Senhor é um trono de uma realeza eterna e cuja glória é incomparavelmente maior do que tudo o que existe em qualquer reino na Terra.

Nações vem e vão, assim como os seus reis e os seus tronos, mas Cristo e o trono do qual Ele reina são eternos e eternamente inabaláveis.

*Jó 12: 23 **Multiplica as nações e as faz perecer; dispersa-as e de novo as congrega.***

*Salmos 9: 15 **Afundam-se as nações na cova que fizeram, no laço que esconderam, prendeu-se-lhes o pé.***

*Salmos 9: 20 **Infunde-lhes, SENHOR, o medo; saibam as nações que não passam de mortais.***

*Salmos 10: 16 **O SENHOR é rei eterno: da sua terra somem-se as nações.***

*Salmos 22: 28 **Pois do SENHOR é o reino, é ele quem governa as nações.***

*Salmos 46: 10 **Aquietai-vos e sabeis que eu sou Deus; sou exaltado entre as nações, sou exaltado na terra.***

*Salmos 113: 4 **Excelso é o SENHOR, acima de todas as nações, e a sua glória, acima dos céus.***

E para concluir este tópico, gostaríamos de lembrar do fato de que se Cristo tivesse que vir assumir um trono terreno, isto implicaria em Ele deixar vaga a sua posição de Sumo Sacerdote Eterno que sempre deve estar junto ao Pai Celestial para atender a todos aqueles que se achegam a Deus para serem salvos através Dele, o que seria completamente incompatível com a condição da vontade de Deus de que ninguém que vem a Cristo venha a perecer.

Além disso, mais um dos motivos do sacerdócio de Ordem de Arão e similares a ele serem tão contrários à vontade de Deus, fracos e inúteis é porque neles há e sempre haverá uma disputa de poder entre os sacerdotes e os governantes sobre o povo, onde um grupo procura ter maior domínio sobre o povo do que o outro. E Deus, segundo a Ordem de Melquisedeque, jamais deixaria que o seu trono fosse dividido por causar desta disputa entre sacerdócio e a posição de governo. Estabelecendo, portanto, que ambos estejam em uma mesma pessoa e um mesmo ponto de referência, a saber, mais uma vez: O Senhor Jesus Cristo, Sumo Sacerdote Eterno e Rei Eterno junto ao trono eterno do Pai Celestial.

Por mais que uma ordem sacerdotal conduzida pelas pessoas na Terra venha a propor um acompanhamento das pessoas em seus diversos afazeres, mesmo que o tentem fazer através de multiplicação de líderes, grupos e subgrupos de acompanhamento, as ordens sacerdotais segundo a ótica dos seres humanos sempre estarão em falta com muitos daqueles a quem eles propõem atender, o que semelhantemente ocorre também em qualquer proposição de governo humano sobre os seus semelhantes.

Portanto, assim como somente Cristo é a resposta perfeita de Deus para todos os pontos essenciais que uma pessoa necessita para um sacerdócio adequado, assim também, somente Cristo é a resposta perfeita de Deus quanto aos aspectos mais necessários de governo sobre a sua vida. E isto, pelo fato de somente Cristo ser o Mediador que atua simultaneamente e continuamente como o Sumo Sacerdote e Rei Eterno junto à presença de Deus no seu alto e sublime trono celestial.

*Hebreus 7: 1(a) **Porque este Melquisedeque, rei de Salém, sacerdote do Deus Altíssimo, ...***

*2(b) **(primeiramente se interpreta rei de justiça, depois também é rei de Salém, ou seja, rei de paz;***

*3 **sem pai, sem mãe, sem genealogia; que não teve princípio de dias, nem fim de existência, entretanto, feito semelhante ao Filho de Deus), permanece sacerdote perpetuamente.***

*Hebreus 8: 1 **Ora, o essencial das coisas que temos dito é que possuímos tal sumo sacerdote, que se assentou à destra do trono da Majestade nos céus,***

*2 **como ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, não o homem.***

Na Ordem de Melquisedeque, a função de Sumo Sacerdote e de Rei encontram-se em uma mesma pessoa, o Senhor Jesus Cristo, assim como o santuário e o trono eterno de governo também encontram-se no mesmo local eterno e eternamente inabalável do Deus Único, Todo-Poderoso e Eterno. E ninguém deveria tentar dividir ou separar o que o próprio Pai Celestial revelou unificado no seu Filho Amado.

*Colossenses 1: 13 **Ele nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do Filho do seu amor.***

D. A Abrangência do Reinado do Rei segundo a Ordem de Melquisedeque

Embora nos tópicos anteriores deste capítulo já tenhamos abordado, de uma ou de outra maneira, uma parte sobre a abrangência do reinado do Rei segundo a Ordem de Melquisedeque, ou seja do reinado de Cristo, entendemos que este é um ponto que necessita ser detalhado mais amplamente e, ao mesmo tempo, mais profundamente pelo fato de ele estar associado a muitos aspectos práticos na vida de todas as pessoas que ainda habitam a Terra.

A abrangência do reinado de Cristo, a partir do trono celestial, de forma alguma restringe-se somente ao que acontece nos céus, mas também está relacionado a tudo o que está envolvido na vida sobre a Terra.

Quando o Senhor Jesus Cristo nos ensinou uma parábola sobre o chamado para orar continuamente, Ele nos ensinou que Deus está sempre pronto a nos ouvir quando clamamos a Ele por sua intervenção justa. Entretanto, ao final deste ensino específico, o Senhor também lançou uma indagação aos seus ouvintes sobre o aspecto se Ele iria encontrar fé na Terra no sentido das pessoas crerem na intervenção do Senhor no mundo presente e em suas circunstâncias pessoais nele, conforme segue:

Lucas 18: 7 Não fará Deus justiça aos seus escolhidos, que a ele clamam dia e noite, embora pareça demorado em defendê-los?

8 Digo-vos que, depressa, lhes fará justiça. Contudo, quando vier o Filho do Homem, achará, porventura, fé na terra?

Quando o Senhor Jesus Cristo nos mostra a pergunta sobre encontrar fé na Terra para ser usada nas orações para pedir que Deus manifeste a sua intervenção de justiça, Ele está nos mostrando que a abrangência do trono da justiça também engloba toda a esfera de acontecimentos que ocorrem no mundo presente ou natural.

Nos tópicos anteriores, já vimos também que a abundância da graça de Deus e o dom da justiça são nos concedidos para reinarmos em vida, assim como também vimos que o Senhor Jesus é o Senhor soberano sobre todos os reis da Terra.

Em outro trecho das Escrituras no qual o Senhor Jesus também nos ensina sobre oração, Ele nos instrui a orarmos para que o reino de Deus venha a nós e para que a vontade do Senhor seja feita na Terra como no Céu, mostrando-nos mais uma vez que é do trono celestial que advém todas as ordens do Senhor ou que é deste trono que iniciam-se todas as ações que fazem o reino celestial e a vontade de Deus se manifestarem de maneira mais presentes também entre os seres humanos.

Similarmente, quando Cristo estava a poucos dias ou instantes da sua crucificação, Ele declarou de forma muito explícita e precisa sobre a condição que o Pai lhe havia concedido também sobre toda a carne e todas as demais coisas, conforme segue:

João 17: 1 Tendo Jesus falado estas coisas, levantou os olhos ao céu e disse: Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que o Filho te glorifique a ti,

2 assim como lhe conferiste autoridade sobre toda a carne, a fim de que ele conceda a vida eterna a todos os que lhe deste.

*João 13: 3 **Sabendo este que o Pai tudo confiara às suas mãos, e que ele viera de Deus, e voltava para Deus,***

*4 **levantou-se da ceia, tirou a vestimenta de cima e, tomando uma toalha, cingiu-se com ela.***

Portanto, a abrangência do reinado de Cristo vai de um extremo do universo a outro, quer no Céu ou quer na Terra, exceto, conforme já comentamos, sobre o próprio Pai Celestial de quem Cristo recebeu a autoridade sobre tudo.

*1 Coríntios 15: 27 **Porque todas as coisas sujeitou debaixo dos pés. E, quando diz que todas as coisas lhe estão sujeitas, certamente, exclui aquele que tudo lhe subordinou.***

Além disso, quando vemos a abrangência do reinado de Cristo e de como Cristo se oferece a estar com cada pessoa que o recebe como Senhor, podemos notar que o reinado geral de Cristo sobre o mundo não é somente um governo nos aspectos globais do universo e da Terra, distante dos indivíduos ou impessoal.

Por isto, ainda outra maneira do reinado de Cristo sobre as pessoas ser referenciado, está ligado à expressão de Cristo ser o Cabeça sobre aquilo que Ele reina, o que visa nos mostrar que Cristo tem uma ligação pessoal com muitas partes que lhe estão sujeitas e sobre as quais reina do seu trono também de forma personificada.

Assim, para um cristão, o ponto central sobre a abrangência do reinado de Cristo jamais deveria ficar focada no aspecto do Senhor Jesus ser ou não ser o Rei Eterno designado por Deus sobre todos e sobre todas as coisas, pois este aspecto está explicitamente e amplamente declarado nas Escrituras.

Para um cristão, a questão sobre a abrangência do reinado de Cristo, deveria ser focada em compreender como o Senhor reina sobre tudo a partir do trono celestial e a respeito de como um cristão é chamado a se portar em cooperação com este reinado do Senhor.

Por exemplo, quando vemos que Cristo é o Cabeça de cada um dos membros do seu corpo espiritual, chamado de Igreja e composto por aqueles que têm a Cristo como Senhor no coração, podemos ver que cada cristão é tocado diretamente pelo reinado do Senhor. E por isto, cada um deles também deveria buscar no Senhor a instrução a respeito de como ele pode se expor cada vez mais a este reinado celestial.

Desta forma, a abrangência da regência do Senhor, quando vista sob a perspectiva de um reinado que atende pessoalmente à cada pessoa, passa a representar um tema muitíssimo significativo, sendo, por isto mesmo, somente possível de ser conhecido à luz da revelação da glória Daquele que também é Deus e Todo-Poderoso para atender o todo ou o global, mas também a cada uma das partes deste todo.

Por outro lado, visando não estender muito a visão global do presente tópico e visando poder tratar mais especificamente a abrangência do reinado do Senhor sobre algumas das principais partes que envolvem diretamente os seres humanos, e dentre

elas também sobre a vida dos cristãos, continuaremos o desmembramento de algumas partes mais específicas deste tema em capítulos que seguem mais adiante.

E para concluir o presente tópico, lembramos aqui que as Escrituras também nos ensinam a ver separadamente, em vários aspectos, o que vem a ser o reino de Deus e o que vem a ser os reinos dos homens. Entretanto, quando vemos a questão de Cristo como Rei e a abrangência do seu reinado, entendemos que convém destacar repetidamente que apesar de Cristo ser Rei no reino de Deus, esta sua posição de Rei e de regência lhe confere também toda autoridade sobre todos os reinos dos homens, pois também todos estes estão sujeitos ao reino dos céus. (Conforme visto também no estudo sobre O Evangelho do Reino de Deus.)

*Daniel 2: 20 Disse Daniel: Seja bendito o nome de Deus, de eternidade a eternidade, porque dele é a sabedoria e o poder;
21 é ele quem muda o tempo e as estações, remove reis e estabelece reis; ele dá sabedoria aos sábios e entendimento aos inteligentes.*

Daniel 4: 17 Esta sentença é por decreto dos vigilantes, e esta ordem, por mandado dos santos; a fim de que conheçam os viventes que o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens; e o dá a quem quer e até ao mais humilde dos homens constitui sobre eles.

Mateus 28: 18 Jesus, aproximando-se, falou-lhes, dizendo: Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra.

Considerando que Deus estabeleceu a Cristo para em tudo ter a primazia, também é em relação à sua posição de Rei Eterno que esta primazia lhe é devida e digna de toda honra.

*Colossenses 1: 13 Ele nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do Filho do seu amor,
14 no qual temos a redenção, a remissão dos pecados.
15 Este (Filho do Seu Amor) é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação;
16 pois, nele, foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele.
17 Ele é antes de todas as coisas. Nele, tudo subsiste.
18 Ele é a cabeça do corpo, da igreja. Ele é o princípio, o primogênito de entre os mortos, para em todas as coisas ter a primazia,
19 porque aprouve a Deus que, nele, residisse toda a plenitude
20 e que, havendo feito a paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele, reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, quer sobre a terra, quer nos céus.*

E. Rei Eterno, Nascido Rei e Feito Rei

O aspecto da realeza de Cristo é particularmente interessante de ser observado quando o vemos também pela ótica da condição de Cristo como Filho de Deus e Cristo como Filho do Homem.

Cristo, como Filho de Deus, e que na plenitude do tempo veio em carne ao mundo e se tornou também o Filho do Homem, não somente já é Rei no tempo presente, mas sempre já foi Rei. E mesmo antes do mundo ser criado, Ele já tinha a sua posição de glória junto ao Pai Celestial.

Nos tópicos anteriores, vimos alguns textos que anunciam a condição de glória de Cristo antes da sua vinda em carne ao mundo e como Deus criou todas as coisas através do Filho do Seu Amor, como exemplificado mais uma vez a seguir:

*João 1: 3 **Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez.***

Entretanto, como Rei Eterno, o Filho Unigênito de Deus não se ateu à sua posição de glória junto ao Pai Celestial e veio ao mundo também em uma condição de homem. E como tal, Ele veio como servo para morrer na cruz a fim de prover o caminho da redenção e salvação para todas as pessoas.

*João 1: 14 **E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai.***

*Hebreus 2: 9 **Vemos, todavia, aquele que, por um pouco, tendo sido feito menor que os anjos, Jesus, por causa do sofrimento da morte, foi coroado de glória e de honra, para que, pela graça de Deus, provasse a morte por todo homem.***

Assim, quando Cristo nasceu como Filho do Homem, Ele já nasceu Rei ainda que grande maioria das pessoas não o reconhecesse, ainda que tivesse vindo ao mundo para atuar como servo ou ainda que Ele tivesse vindo como aquele que veio para servir as pessoas segundo a vontade de Deus.

Quando alguns magos do Oriente vieram ver ao recém-nascido menino Jesus, seguindo a estrela que os guiou até a cidade onde o Senhor nasceu, eles não perguntaram pelo nascimento de um menino qualquer, mas perguntaram por Aquele que já era nascido Rei dos judeus:

*Mateus 2: 1 **E, tendo nascido Jesus em Belém da Judéia, no tempo do rei Herodes, eis que uns magos vieram do Oriente a Jerusalém, 2 e perguntaram: Onde está aquele que é nascido rei dos judeus? Porque vimos a sua estrela no Oriente e viemos a adorá-lo.** (RC)*

E ao se deparar com a declaração dos magos sobre a condição de realeza de Cristo, alguém talvez poderia perguntar sobre como o Senhor Jesus já poderia ter nascido Rei se as pessoas ainda não o reconheceram como tal?

Neste ponto, é preciso notar que já não estamos mais nos referindo a Cristo ser o Soberano Filho de Deus e Rei no reino de Deus, mas estamos nos referindo a Cristo ser Rei como homem entre os homens.

Apesar de Cristo, como Filho de Deus, ter todo o direito de reinar sobre todos, pois através Dele todos foram criados, Deus respeita algumas decisões de delegação de governo que os seres humanos fazem entre eles para estabelecerem governantes sobre si próprios, conforme veremos mais adiante.

Assim, para afirmar que Cristo já havia nascido como Rei dos Judeus também na condição de homem, pois era em relação à esta condição que os magos estavam se referindo a Cristo, não seria necessário que entre os seres humanos já houvesse sido feita alguma atribuição desta condição a Cristo?

Para Cristo ser chamado de Rei dos Judeus também na condição de Filho do Homem, já a partir do seu nascimento, havia a necessidade Dele já ter recebido este atributo sobre uma nação específica ao nascer ou mesmo muito antes do seu nascimento.

E para encurtar a narrativa da história, podemos ver que o fato de Cristo já ter nascido como Rei dos judeus está baseado no fato de que Ele já havia sido reconhecido como Rei também pelo pai de toda a nação hebreia, e isto antes mesmo do primeiro descendente deste povo ter nascido.

Quando Abraão, antes mesmo de ver o nascimento de Isaque, recebeu a Melquisedeque e o reconheceu como o Rei de Salém, que interpreta-se como Rei da Justiça e da Paz, Abraão deu as boas-vindas a este Melquisedeque como o Sacerdote do Deus Altíssimo, mas igualmente o recebeu na qualidade do Sacerdote do Deus Altíssimo que, ao mesmo tempo, também era Rei.

No capítulo deste estudo intitulado como “Quem era Melquisedeque”, já expusemos quem era este Melquisedeque que apareceu a Abraão e veio ao seu encontro para comunhão e para manifestar a glória do Deus Altíssimo, anunciando a Abraão que havia sido Deus que lhe conferiu a vitória na batalha da qual havia acabado de voltar exitoso.

Ora, se o Melquisedeque que se apresentou a Abraão, é Aquele que é ***sem pai, sem mãe, sem genealogia, não tendo princípio de dias nem fim de vida***, e que é a expressão de Cristo que foi revelado como sendo o Sumo Sacerdote Eterno de todo aquele que Nele crê para a salvação, este mesmo Melquisedeque também é Aquele que é Rei junto ao Pai Celestial desde a eternidade.

Assim, quando Abraão reconheceu ao Melquisedeque eterno para ser o Sumo Sacerdote de toda a sua descendência que também viesse a seguir os passos da fé em Deus e da justificação mediante a fé em Cristo, Abraão também reconheceu, de antemão, ao mesmo Melquisedeque como o Rei Eterno sobre os seus descendentes que viriam a crer em Cristo.

Cristo já nasceu entre homens como o Rei dos judeus também porque Abraão já tinha selado este princípio com o Senhor antes mesmo que Cristo viesse a ser um descendente de Abraão.

Quando Abraão recebeu o pão e vinho que Melquisedeque lhe ofereceu, ele reconheceu e aceitou a comunhão de alguém que era maior do que ele, Abraão, tanto em sacerdócio como em posição de realeza.

Quando Abraão aceitou a comunhão com Melquisedeque, ele aceitou a Melquisedeque por completo. E por isto que, ao recebê-lo para a comunhão, tanto o reconhecimento da posição de Cristo como o Sumo Sacerdote Eterno e como Rei Eterno da Justiça e da Paz já passou a estar acordado entre Deus e Abraão para o futuro da sua descendência.

Quando Abraão escolheu o sacerdócio segundo a Ordem de Melquisedeque diante de Deus, ele também aceitou os princípios da respectiva Ordem de Melquisedeque, os quais desde o início estabelecem que o mesmo Sumo Sacerdote perante Deus também é Aquele que é Rei da Justiça e da Paz.

O texto do livro de Hebreus que temos usado como a principal referência do presente capítulo, reitera que a questão do sacerdócio da Ordem de Melquisedeque e a condição de realeza do Sumo Sacerdote desta Ordem estão associados a uma mesma pessoa e são inseparáveis, conforme podemos ver mais uma vez abaixo:

*Hebreus 7: 1 **Porque este Melquisedeque, rei de Salém, sacerdote do Deus Altíssimo, que saiu ao encontro de Abraão, quando voltava da matança dos reis, e o abençoou,***
*2 **para o qual também Abraão separou o dízimo de tudo (primeiramente se interpreta rei de justiça, depois também é rei de Salém, ou seja, rei de paz;***
*3 **sem pai, sem mãe, sem genealogia; que não teve princípio de dias, nem fim de existência, entretanto, feito semelhante ao Filho de Deus), permanece sacerdote perpetuamente.***

A grandeza explícita de Melquisedeque foi acolhida por Abraão ao receber a este Melquisedeque, mas também foi testemunhada por Abraão diante dos outros povos ao entregar um dízimo específico e único a este mesmo Melquisedeque em seu nome e em nome de toda a sua descendência.

Não querendo retornar aos aspectos sobre o dízimo dado por Abraão que já foram abordados no capítulo recém referenciado acima, gostaríamos somente reforçar mais uma vez que Abraão não deu dízimos para vencer a guerra, pois ele já a havia vencido. Abraão também não deu o dízimo dos seus bens à Melquisedeque como se este tivesse vindo cobrar de Abraão pelas bênçãos concedidas a ele durante toda a sua vida.

Abraão deu voluntariamente o dízimo do despojo da guerra específica que havia vencido e do qual ele não reteve nada para si, devolvendo o despojo aos reis e ao povo de quem haviam sido roubados por outros reis.

As Escrituras não dizem isto expressamente, mas como Abraão deu do dízimo dos bens de outros que ele havia recuperado para eles, isto indica que Abraão o fez para dar testemunho aos povos que ainda não criam em Deus de que é ao Senhor Eterno que eles deveriam servir e no qual deveriam buscar a segurança para as suas vidas, e não nas meras alianças entre reis que estes povos costumavam fazer na tentativa de se protegerem.

Salmos 146: 3 Não confieis em príncipes, nem nos filhos dos homens, em quem não há salvação.
4 Sai-lhes o espírito, e eles tornam ao pó; nesse mesmo dia, perecem todos os seus desígnios.
5 Bem-aventurado aquele que tem o Deus de Jacó por seu auxílio, cuja esperança está no SENHOR, seu Deus,
6 que fez os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há e mantém para sempre a sua fidelidade.

Em tempos antigos, era bem provável que alguns povos pilhados (roubados) por outros povos tinham o costume de oferecer um reconhecimento ou uma paga àqueles que recuperassem os seus bens. E assim, Abraão estava mostrando que se alguém era digno de receber qualquer reconhecimento de glória pela vitória por ele alcançada, este alguém era o Rei que lhe abençoara para ajudar os outros, o Rei da Justiça e da Paz, chamado também de Rei segundo a Ordem de Melquisedeque.

O ato de Abraão perante Melquisedeque foi um testemunho singular e público ou diante dos outros povos de que as pessoas não deveriam confiar nem nele mesmo, Abraão, como um rei sobre eles, pois na realidade Abraão somente havia sido vitorioso por causa da ação de Deus para com ele quando subiu ao campo de batalha.

Quando Abraão separou o dízimo dos despojos que passaram a estar nas suas mãos para repassá-lo à Melquisedeque, ele deu testemunho da grandeza deste Sacerdote-Rei Soberano perante a sua casa, mas também aos povos vizinhos ou ao seu redor.

Hebreus 7: 4 Considerai, pois, quão grande era este Melquisedeque, a quem até o patriarca Abraão deu os dízimos dos despojos. (RC)

Quando Abraão honrou a Melquisedeque dando-lhe voluntariamente o dízimo dos despojos de guerra, ele não pagou um imposto a Melquisedeque pelo pão e vinho que este trouxera, pois nunca Deus ofereceu salvação, comunhão e segurança por preço, mas sempre através da sua graça e do seu amor.

Abraão deu o dízimo reconhecendo a grandeza de Melquisedeque como Sacerdote do Deus Altíssimo, Rei de Salém, Rei Celestial, Rei que veio da parte de Deus, para testemunho para que outros povos soubessem que somente no Deus Eterno e no seu Rei Melquisedeque é que haveria a possibilidade de um reinado fundamentado em verdadeira justiça e paz.

Melquisedeque já tinha trazido pão e vinho e oferecido a sua comunhão à Abraão independentemente de qualquer dízimo em retorno. Melquisedeque também já havia abençoado de antemão a Abraão para ser vitorioso.

Abraão, porém, percebeu que algo mais poderia estar envolvido naquela visita de Melquisedeque.

Abraão não era rei. Abraão estava como peregrino em terra estrangeira. Abraão tinha uma palavra de que Deus o conduziria a uma terra que Ele lhe daria, mas a terra somente poderia ser-lhe dada por alguém que tivesse legalidade sobre “as terras no mundo”.

Ora, um sacerdote não tem a função de dar terras, pois esta função é atribuída a reis.

Assim, neste contexto todo, Abraão se ateve a um detalhe muito significativo. Ele sabia que o Sacerdote que o visitara era incomum, pois aquele Sacerdote do Deus Altíssimo também era Rei de Justiça e Rei de Paz, ou seja, Rei de Salém.

Abraão recém tinha vindo de uma guerra contra quatro reis poderosos que tomaram o despojo de outros cinco reis. Abraão vencera os reis mais poderosos e agora estava com os despojos que aqueles reis haviam tomado inapropriadamente dos povos vizinhos. Em outras palavras, Abraão não era rei, mas ainda assim acabou ficando em posição mais proeminente e poderosa do que todos os reis da sua região. Some-se a isto ainda, as bênçãos que recebera do Sacerdote Melquisedeque.

O que mais um homem precisaria?

Abraão tinha um exército fiel e robusto. Tinha vencido os reis da região em que estava. Tinha recursos em abundância na sua casa e havia conseguido mais um volume extra de despojos de guerra. E tinha as bênçãos do Sacerdote do Deus Altíssimo.

Necessitaria ele, então, se aliançar com reis perdedores? Necessitaria ele pedir favores aos reis daquela terra? Uma vez que tinha salvado as vidas deles, necessitaria Abraão respeitar aqueles que já estavam anteriormente naquelas terras?

Entretanto, o que é lindo nesta história é que Abraão havia chegado até esta terra pelo guiar de Deus. E mesmo quando aparentemente tinha todo o poder e força ao seu lado para tomá-la para si, Abraão não andou segundo o seu próprio entendimento.

Diante da vitória e do poder que recém havia experimentado, Abraão não tomou o governo da sua vida nas suas próprias mãos, assim como não tomou o controle sobre outras vidas só porque era considerado “um homem abençoado” e que atuou para livrá-las.

Abraão se manteve em sua posição e não se auto denominou como rei da sua própria vida e muito menos da vida dos outros. Abraão nunca foi elevado ao status de rei por Aquele que o guiou até a terra que lhe havia prometido, e também não era Abraão que iria fazê-lo por si próprio.

Ao longo da história de Abraão, podemos ver que para ele não fazia sentido ter sido guiado por Deus à terra que Deus lhe mostraria, ter sido abençoado pelo Senhor e, em seguida, ele próprio voltar a guiar a sua vida.

Abraão não quis somente a comunhão com Deus para obter somente algumas bênçãos, mas viu que Melquisedeque também era o Eterno Rei da Justiça e da Paz. Abraão não foi o tipo de homem que queria ter comunhão com Deus somente para obter Dele alguns favores, recursos ou terras no presente mundo, mas Abraão queria a Deus para que DEUS para sempre fosse o seu GUIA e REI!

*Hebreus 11: 8 **Pela fé, Abraão, quando chamado, obedeceu, a fim de ir para um lugar que devia receber por herança; e partiu sem saber aonde ia.***

*9 **Pela fé, peregrinou na terra da promessa como em terra alheia, habitando em tendas com Isaque e Jacó, herdeiros com ele da mesma promessa;***

*10 **porque aguardava a cidade que tem fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e edificador.***

Sem ter alguém para lhe guiar efetivamente em justiça e em paz para desfrutar destes aspectos eternamente, do que adiantariam status, bens, riquezas, terras e poder à Abraão?

Ao reconhecer a Soberania de Deus também em Melquisedeque, Abraão demonstrou que ele não havia atendido o chamado de Deus para sair da sua terra natal primeiramente porque queria mais terras, mas porque depositou a sua confiança no Deus que havia falado com ele. Abraão saiu porque havia ouvido a voz de alguém superior que iria lhe guiar e revelar através dele uma benção para todas as nações.

E para que de fato ele fosse um canal que cooperasse com a benção do Senhor a todos os povos, Abraão também teria que estar fundamentado na base da justiça e da paz de Deus que somente pode ser alcançada por um indivíduo se o Senhor for o seu fundamento e Rei eternamente Justo.

Ao reconhecer à singular posição de Melquisedeque, Abraão demonstrou que não ambicionava ser rei, mas queria que Deus continuasse a guiá-lo mesmo depois que Deus o abençoasse. Abraão não ambicionava ser rei nem de si próprio, nem sobre outros reis e povos, e nem tinha em seu coração o desejo de subjugar Deus a si. O que Abraão queria é que um Rei, superior a ele e justo em tudo, fosse o Rei da sua vida para guiá-lo para sempre em justiça e paz.

Abraão almejou uma aliança com Melquisedeque que se estendesse além das bênçãos no mundo natural. Ele almejou que Melquisedeque viesse a ser seu Rei pessoal, da sua casa e da sua descendência de fé eternamente.

Com um único ato de dar o dízimo dos despojos de uma batalha específica, atitude nunca mais repetido na sequência, Abraão deu testemunho aos povos ao seu redor de que Melquisedeque era maior do que ele ou que ele o reconhecia como o seu Rei perante os outros povos também para testemunho a estes povos.

Quando Abraão deu o dízimo dos despojos, demonstrou aos outros reis e povos que havia aceitado o testemunho de Melquisedeque que declarava que não fora ele, Abraão, que os havia libertado, mas que fora a mão do Deus Altíssimo que havia concedido aquela vitória. Abraão estava lhes mostrando que ele não era o salvador e nem o rei em que deveriam depositar a sua confiança. Estava lhes mostrando que ao Deus Altíssimo é que deviam dar glória e honra, pois havia sido o Deus Altíssimo, e não ele, que permitiu que fossem libertas de fato.

Com o ato do dízimo, feito uma única vez durante a sua vida, Abraão testemunhou que ele havia escolhido para sempre o singular Rei Eterno para guiá-lo, assim como os seus descendentes e os outros povos também deveriam escolher dar todo louvor e toda a glória ao único que é digno de recebê-lo, ao eterno Deus Altíssimo.

Através da guerra em que foi vitorioso, Abraão tinha conquistado um certo direito sobre algumas pessoas de outros povos e seus bens. O próprio rei de Sodoma reconhecia que Abraão tinha autoridade sobre o despojo, pois esta era a maneira que muitos reis na Terra conquistavam as coisas e estruturavam os seus reinos.

Abraão havia libertado aquelas pessoas de reis dominadores. Entretanto, quando ele reconheceu a Melquisedeque como o seu Rei e amparo eternos, Abraão também declarou aquelas pessoas livres de qualquer direito humano que porventura tivesse sobre elas, deixando aberta a possibilidade de elas também voluntariamente optarem por se sujeitar ao Rei Eterno da Justiça e da Paz.

Pelo direito reconhecido entre as pessoas e seus reis naqueles dias, parte de seus povos e bens vieram a estar sujeitos à Abraão. Entretanto, Abraão lhes sinalizou que na realidade era à Melquisedeque, que se apresentou como o representante do Senhor que lhe concedeu a vitória, que eles igualmente deveriam inclinar os seus corações.

Por uma só atitude voluntário de Abraão, ele, como um homem de fé, testemunhou aos demais seres humanos, e de antemão aos seus descendentes, que a verdadeira liberdade que todas as pessoas necessitam está na comunhão e no reconhecimento do Sacerdote do Deus Altíssimo que, ao mesmo tempo, é Rei Eterno da Justiça e da Paz.

Pelo fato de Abraão não querer ser o rei de si próprio, nem querer ser dominador de seus semelhantes e nem querer subjugar ao Senhor a si, Deus fez uma promessa a Abraão de que através de sua descendência viria Aquele que libertaria os seres humanos da escravidão eterna ao jugo do pecado e às trevas.

Quando Abraão aceitou o testemunho de Melquisedeque de que havia sido Deus que lhe havia concedido a vitória e quando Abraão testemunhou perante os homens sobre a sua escolha por este Melquisedeque como seu Sacerdote e Rei, através da maneira que estes provavelmente tinham o costume de fazer naqueles dias, Abraão rejeitou se inclinar ao desejo de sujeitar os seus semelhantes a si, qualificando-se, assim, para a promessa de que o Filho de Deus viria ao mundo também como Filho do Homem que seria considerado como o descendente de Abraão.

E mais uma vez, por que, então, Abraão reconheceu a Melquisedeque e testemunhou a outros a respeito da grandeza deste Rei?

Abraão o fez porque reconheceu que Melquisedeque era maior que ele e que ele próprio precisava de alguém que o ajudasse a andar em justiça e em paz.

Perante a sua casa e de outros reis, Abraão deu testemunho de que a justiça e paz do Deus Altíssimo somente poderiam ser-lhe concedidas através de alguém vindo diretamente da parte de Deus, e este era o Rei de Salém ou o próprio Melquisedeque.

À sua maneira, segundo a época em que vivia, Abraão fez o que o Senhor Jesus Cristo mais tarde nos orientou sobre confessá-lo como o Senhor também perante o mundo.

*Mateus 10: 32 **Portanto, todo aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos céus;***

*33 **mas aquele que me negar diante dos homens, também eu o negarei diante de meu Pai, que está nos céus.***

*Lucas 12: 8 **Digo-vos ainda: todo aquele que me confessar diante dos homens, também o Filho do Homem o confessará diante dos anjos de Deus;***

*9 **mas o que me negar diante dos homens será negado diante dos anjos de Deus.***

Melquisedeque se apresentou como Sacerdote do Deus Altíssimo, e, portanto, o mediador entre Deus e os seres humanos. E como Abraão o recebeu para a comunhão

em torno do pão e vinho, símbolos do corpo partido de Cristo e do seu sangue vertido na cruz do Calvário para a nossa salvação, mas também o confessou diante de outros povos e outros reis, Melquisedeque também confessou a Abraão diante de Deus como um homem digno de ter a Cristo considerado como seu descendente na condição de Filho do Homem e como o Rei Eterno para abençoar todos os povos da Terra.

Se Abraão não tivesse recebido a Melquisedeque também como Rei Eterno, Deus não teria lhe conferido o privilégio de ter a Cristo como Filho do Homem sendo considerado como o seu descendente, pois o anúncio da vinda de Cristo ao mundo como Filho do Homem também como Rei sempre apontou para a libertação das pessoas e não para que elas voltassem a ser aprisionados pelos seus semelhantes.

O Melquisedeque a quem Abraão acolheu para comunhão, previamente o aceitou como seu Rei Eterno e a respeito de quem Abraão não teve dúvida de dar testemunho público aos povos e aos reis da sua geração, é o mesmo Melquisedeque que no futuro veio a ser considerado como o descendente eterno de Abraão e através de quem se manifesta a perfeita salvação e novidade de vida eterna, razão pela qual “já nasceu Rei entre os seres humanos”.

Gálatas 3: 16 Ora, as promessas foram feitas a Abraão e ao seu descendente. Não diz: E aos descendentes, como se falando de muitos, porém como de um só: E ao teu descendente, que é Cristo.

Já desde a antiguidade, Abraão testemunhou e cooperou com a preparação do caminho da vinda do Sumo Sacerdote e do Rei de Salém, segundo a Ordem de Melquisedeque.

Esses relatos da antiguidade são de altíssima relevância, pois nos mostram a autoridade de Deus sobre reis, nações, alianças e pessoas ao redor do mundo em todas as épocas e em todas as gerações.

O Senhor Jesus já era Rei dos descendentes de Abraão antes mesmo destes começarem a existir como povo. E mesmo sendo crucificado, continuou sendo Rei, e o testemunho de que Ele era Rei continuou sendo exposto publicamente.

Como Rei sobre os descendentes de Abraão e de toda a criação, Cristo foi fiel até a morte, e morte de cruz, pois sempre teve em mente prover e oferecer a libertação de todos os seres humanos do vil jugo do pecado e do príncipe deste mundo que queria tomar o domínio sobre eles para si próprio.

João 8: 58 Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade eu vos digo: antes que Abraão existisse, EU SOU.

Hebreus 2: 14 Visto, pois, que os filhos têm participação comum de carne e sangue, destes também ele, igualmente, participou, para que, por sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo,

15 e livrasse todos que, pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida.

16 Pois ele, evidentemente, não socorre anjos, mas socorre a descendência de Abraão.

Uma vez que Abraão creu que Melquisedeque era o Rei da Justiça e o Rei da Paz, o Senhor Jesus, na cruz do Calvário, veio realizar o que Abraão aceitou previamente mediante a fé.

Através da cruz do Calvário, o Senhor revelou a provisão completa ou perfeita para a libertação dos descendentes de Abraão da injustiça eterna à qual estavam condenados e da inimizade eterna para com Deus à qual estavam sujeitos, a qual o diabo queria lhes impor para sempre.

E através da obra na cruz do Calvário, Cristo também abriu o caminho da salvação e novidade de vida que Deus prometeu a Abraão ao dizer de antemão que todos as famílias da Terra seriam abençoadas através do seu descendente.

Portanto, Cristo já nasceu Rei porque o Senhor Jesus, mesmo antes de Abraão existir, já era o Sumo Sacerdote entre Deus e os homens, assim como já era Rei eterno sobre todas as coisas quer no Céu ou na Terra. E também é em relação à essas duas posições de Cristo que Abraão o reconheceu, acolheu e a respeito Dele deu testemunho.

Conforme já comentamos no capítulo anterior sobre “Quem era Melquisedeque”, o ato de Abraão dizimar foi único e com reflexo sobre toda descendência de Abraão que anda mediante a fé, pois por meio deste ato único, Abraão o fez de uma vez para sempre, cabendo aos descendentes crerem neste mesmo Melquisedeque e cabendo a eles confessarem com os seus lábios a este Melquisedeque igualmente como Senhor e Rei para serem participante para sempre da mesma salvação que Abraão recebeu pela fé.

*Gálatas 3: 7 **Sabei, pois, que os da fé é que são filhos de Abraão.***

*Romanos 10: 9 **Se, com a tua boca, confessares Jesus como Senhor e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo.***

*10 **Porque com o coração se crê para justiça e com a boca se confessa a respeito da salvação.***

O dízimo dos despojos de guerra que Abraão deu à Melquisedeque também ocorreu em um ato isolado e único na história porque Melquisedeque se apresentou de forma visível daquele maneira somente uma única vez ao mundo.

Entretanto, considerando que hoje Cristo está em um trono celeste e em um santuário diante de Deus que não é feito por mãos humanas, por mais que uma pessoa quisesse dar dízimos a Cristo atualmente, ela não teria ninguém na Terra para entregá-los, pois Cristo não deixou mediadores terrenos entre Deus e as pessoas nem na questão de sacerdócio e nem não na questão da sua posição de Rei Eterno.

Voltando aqui, então, mais uma vez ao aspecto de Cristo “já ter nascido Rei dos judeus”, Cristo já nasceu Rei pelo reconhecimento e testemunho de Abraão como antecessor de toda a nação que descendeu da promessa de Deus a ele.

Assim, quando Pilatos mandou escrever sobre a cruz de Cristo que o Senhor Jesus, mesmo pendurado na cruz do Calvário, era o Rei dos Judeus, ele não estava fazendo nada contrário a quem Cristo realmente era desde antes da nação hebreia ter o seu primeiro descendente. Pilatos somente estava sendo mais um instrumento para declarar e reafirmar um testemunho que a milhares de anos antes já havia sido feito por Abraão perante Melquisedeque.

*João 19: 19 **Pilatos escreveu também um título e o colocou no cimo da cruz; o que estava escrito era: JESUS NAZARENO, O REI DOS JUDEUS.***

*20 **Muitos judeus leram este título, porque o lugar em que Jesus fora crucificado era perto da cidade; e estava escrito em hebraico, latim e grego.***

*21 **Os principais sacerdotes diziam a Pilatos: Não escrevas: Rei dos judeus, e sim que ele disse: Sou o rei dos judeus.***

*22 **Respondeu Pilatos: O que escrevi escrevi.***

A questão toda a respeito de Cristo ser o Rei sobre os judeus era legal segundo os séculos de história daquele povo. Entretanto, as pessoas não queriam um rei que não fosse segundo os seus desejos carnis. Elas não queriam um rei que governasse a partir da transformação de seus corações, mas um rei que governasse para o interesse delas, similarmente ao motivo pelo qual escolheram a Ordem Sacerdotal de Arão.

E, também em nossos dias, muitas pessoas querem o poder da glória de um rei a seu favor, mas não querem que este rei governe em seus corações.

Muitas pessoas querem o poder da glória de um rei justo e reto a seu favor, mas não querem ser instruídas e preparadas sobre o propósito do poder e da glória de um rei justo e reto.

Por fim, neste tópico, entendemos que ainda falta abordarmos a condição de Cristo também ter sido “feito Rei como Filho do Homem” sobre todos os seres humanos, todos os principados, todas as potestades ou todo poder.

Através de Abraão, vimos que Melquisedeque foi recebido e anunciado como o Rei da Justiça e o Rei da Paz. Entretanto, para que estas características da realeza de Melquisedeque fossem atestadas e testemunhadas à toda a geração de hebreus e a todos os povos, também foi necessário que estas características fossem demonstradas como sendo de fato parte do “já nascido Rei” segundo a Ordem de Melquisedeque.

Portanto, em Cristo, quando Ele veio ao mundo em carne, as declarações de que o Melquisedeque era Rei da Justiça e Rei da Paz foram postas à prova ao extremo do que poderia ser feito, mas foi também através destas severas provas que a condição de realeza de Melquisedeque triunfou e foi demonstrada ser o que ela era de fato.

Em Cristo, que veio ao mundo “já nascido Rei”, foi demonstrado e comprovado que Ele de fato era o Rei da Justiça e Rei da Paz diante da condição extrema de injustiça que sobre Ele foi lançada e diante da situação extrema de ofensas que contra Ele foram lançadas, conforme já havia sido de antemão anunciado também pelo profeta Isaías, conforme segue:

*Isaías 53: 1 **Quem creu em nossa pregação? E a quem foi revelado o braço do SENHOR?***

- 2 Porque foi subindo como renovo perante ele e como raiz de uma terra seca; não tinha aparência nem formosura; olhamo-lo, mas nenhuma beleza havia que nos agradasse.*
- 3 Era desprezado e o mais rejeitado entre os homens; homem de dores e que sabe o que é padecer; e, como um de quem os homens escondem o rosto, era desprezado, e dele não fizemos caso.*
- 4 Certamente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus e oprimido.*
- 5 Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados.*
- 6 Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho, mas o SENHOR fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos.*
- 7 Ele foi oprimido e humilhado, mas não abriu a boca; como cordeiro foi levado ao matadouro; e, como ovelha muda perante os seus tosquiadores, ele não abriu a boca.*
- 8 Por juízo opressor foi arrebatado, e de sua linhagem, quem dela cogitou? Porquanto foi cortado da terra dos viventes; por causa da transgressão do meu povo, foi ele ferido.*
- 9 Designaram-lhe a sepultura com os perversos, mas com o rico esteve na sua morte, posto que nunca fez injustiça, nem dolo algum se achou em sua boca.*
- 10 Todavia, ao SENHOR agradou moê-lo, fazendo-o enfermar; quando der ele a sua alma como oferta pelo pecado, verá a sua posteridade e prolongará os seus dias; e a vontade do SENHOR prosperará nas suas mãos.*
- 11 Ele verá o fruto do penoso trabalho de sua alma e ficará satisfeito; o meu Servo, o Justo, com o seu conhecimento, justificará a muitos, porque as iniquidades deles levará sobre si.*
- 12 Por isso, eu lhe darei muitos como a sua parte, e com os poderosos repartirá ele o despojo, porquanto derramou a sua alma na morte; foi contado com os transgressores; contudo, levou sobre si o pecado de muitos e pelos transgressores intercedeu.*
-

Na cruz do Calvário, Cristo suportou as injustiças e os pecados de toda a humanidade, declarou perdão aos seres humanos e ainda demonstrou, até o último instante e sob grande aflição, que Ele era o caminho de salvação para todo aquele que se achega a Deus através Dele, como foi o caso do ladrão que foi crucificado ao lado do Senhor e que clamou por salvação nos instantes finais da sua vida.

Como Filho Eterno de Deus, Cristo já era Rei Eterno sobre tudo e sobre todos por direito da sua posição de Criador Eterno.

Considerado também como descendente de Abraão, Cristo já era Rei por direito da opção que Abraão fizera para os seus descendentes, pois foi também por causa desta opção de Abraão que os seus descendentes tinham promessas do Senhor a eles endereçadas.

E, por fim, Cristo veio a ser “feito Rei” sobre tudo e sobre todos também como o Filho do Homem por causa da prova de demonstração de justiça e

por direito de aquisição, com o seu sangue, de todos os que estavam escravizados eternamente ao pecado e à lei segundo a Ordem de Arão.

*Atos 2: 36 **Esteja absolutamente certa, pois, toda a casa de Israel de que a este Jesus, que vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo.***

Aqui ainda, como uma observação adicional no sentido de ver mais aspectos da legalidade de Cristo “feito Senhor” sobre tudo por causa da sua obra de justiça na cruz do Calvário, sugerimos ver também o estudo sobre O Evangelho da Justiça de Deus.

Portanto, *em Cristo*, temos o Rei Eterno como Filho de Deus, mas em Cristo, também temos o Rei Eterno feito Rei Eterno por direito de descendência dentre os seres humanos e, ainda, através do direito que Cristo, como Filho do Homem, obteve ao fazer a perfeita provisão de libertação para todas as pessoas e da criação da escravidão ao pecado, à lei condenatória e ao reino das trevas.

E, agora, no Rei Eterno, segundo a Ordem de Melquisedeque, temos unificado o Sumo Sacerdote Perfeito, o Filho Eterno de Deus como o Rei Eterno e perfeito, e o Filho do Homem perfeito também como Rei Eterno e perfeito assentado à direita do Pai Celestial acima de tudo e de todos.

*Hebreus 7: 26 **Com efeito, nos convinha um sumo sacerdote como este, santo, inculpável, sem mácula, separado dos pecadores e feito mais alto do que os céus,***

*27 **que não tem necessidade, como os sumos sacerdotes, de oferecer todos os dias sacrifícios, primeiro, por seus próprios pecados, depois, pelos do povo; porque fez isto uma vez por todas, quando a si mesmo se ofereceu.***

*28 **Porque a lei constitui sumos sacerdotes a homens sujeitos à fraqueza, mas a palavra do juramento, que foi posterior à lei, constitui o Filho, perfeito para sempre.***

*Hebreus 8: 1 **Ora, o essencial das coisas que temos dito é que possuímos tal sumo sacerdote, que se assentou à destra do trono da Majestade nos céus,***

*2 **como ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, não o homem.***

Apocalipse 1: 5 ... e da parte de Jesus Cristo, a Fiel Testemunha, o Primogênito dos mortos e o Soberano dos reis da terra. Àquele que nos ama, e, pelo seu sangue, nos libertou dos nossos pecados,

6 e nos constituiu reino, sacerdotes para o seu Deus e Pai, a ele a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém!

C31. A Glória do Rei da Justiça e Rei da Paz

A. Aspectos do Caráter e das Posturas do Rei Eterno que Destoam dos Reis na Terra

Uma vez visto alguns dos aspectos do estabelecimento de Cristo como Rei à direita do trono do Pai Celestial também como o Filho do Homem ressurreto, e uma vez visto alguns pontos sobre a abrangência do seu reinado, entendemos que um próximo passo que pode ser muito precioso e útil para a vida de um cristão é passar a conhecer algumas das principais características que este Rei Eterno têm e alguns aspectos de ações que este mesmo Rei adota em seu reinado.

Considerando que é do Rei Eterno que saem todas as instruções e formas de condutas a serem praticadas no seu reinado ou que são permitidas nos reinos que estão subordinados a Ele, também é no conhecimento dos atributos do próprio Rei que mais amplamente poderão ser conhecidas as características de como é o seu governo.

Além disso, conhecer especificamente alguns dos principais aspectos do caráter e das posturas do Rei Eterno Jesus Cristo se mostra também essencial porque as suas características não têm por base aquelas que os seres humanos tentam definir a respeito deste Rei, mas aquilo que o próprio reino celestial define sobre quem é o Rei deste reino e, conseqüentemente, sobre todos os reinos da Terra.

Assim como a definições do reino, da justiça, da salvação, da graça, do poder e da paz de Deus, por exemplo, não são de acordo com as definições dos seres humanos sobre estes aspectos, assim também as características e os atributos do Rei Eterno não têm por base o que os seres humanos dizem sobre este Rei e sobre o seu reinado.

Muitas pessoas têm tentado extrair dos modelos humanos de reis e de governos de como o Rei Eterno é, deveria ser ou como deveria ser o seu reinado. Entretanto, elas se esquecem ou desprezam o fato de que os modelos humanos não servem de padrão para o Rei Eterno, e que, pelo contrário, é o padrão do Rei Eterno é que as pessoas deveriam compreender primeiro para também saberem como atuar em suas próprias vidas e para com os seus semelhantes.

O Senhor Jesus Cristo claramente nos alertou que os governantes do mundo não são o padrão a ser seguido por aqueles que querem ter a Cristo como Senhor em suas vidas.

*Mateus 20: 25 **Então, Jesus, chamando-os, disse: Sabeis que os governadores dos povos os dominam e que os maiores exercem autoridade sobre eles.***

*26 **Não é assim entre vós; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva;***

*27 **e quem quiser ser o primeiro entre vós será vosso servo;***

*28 **tal como o Filho do Homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos.***

*Lucas 22: 25 **E ele lhes disse: Os reis dos gentios dominam sobre eles, e os que têm autoridade sobre eles são chamados benfeitores.***

*26 **Mas não sereis vós assim; antes, o maior entre vós seja como o menor; e quem governa, como quem serve.***

*27 **Pois qual é maior: quem está à mesa ou quem serve? Porventura, não é quem está à mesa? Eu, porém, entre vós, sou como aquele que serve.** (RC)*

Quando vimos no capítulo anterior que *em Cristo* somos chamados a reinar em vida através Dele, isto de forma alguma significa que Cristo chamou os cristãos a exercerem domínio sobre os seus irmãos de fé ou reinarem sobre eles segundo as características e atributos que muitos reinos do mundo estabelecem como seus padrões de governo.

Quando as pessoas têm expectativa de encontrar em Cristo o tipo de reinado segundo os padrões dos poderosos da Terra, elas poderão vir a se frustrar com Cristo e com quem Ele é, pois o Senhor Jesus jamais se equiparou e se deixará equiparar com aquilo que as pessoas por si próprias definem sobre o que deveria ser e como deveria agir um governante.

Similarmente, quando as pessoas têm expectativas de serem investidas de poder pelo Rei Jesus segundo os padrões dos poderosos da Terra, elas também podem vir a se frustrar com Cristo, pois Ele não lhes concederá este tipo de poder ou autoridade.

Como o Rei Eterno, segundo a Ordem de Melquisedeque, Cristo é o Rei que está assentado acima de todos os céus à direita do Pai Celestial ou com a posição mais elevada e poderosa que pode existir em todo universo, estando sujeito somente ao próprio Pai das Luzes.

Entretanto, ao mesmo tempo, as Escrituras nos informam que Cristo também é o Rei perfeito em humildade, mansidão, justiça e paz, distinguindo a Cristo dos demais reis e governantes já ou principalmente a partir dos atributos ou das virtudes da sua própria pessoa.

Assim, um dos aspectos que mais confundiu muitas pessoas no passado e ainda confunde a muitos quanto à autoridade do Senhor Jesus Cristo como o Rei Eterno, sobre todos e todas as coisas, exceto sobre o Pai Celestial, refere-se aos atributos singulares da sua pessoa e às posturas distintas de todos os outros reis que Ele adota.

Por exemplo, ainda que com alto grau de poder, qual outro rei em todo o universo poderá declarar com propriedade as seguintes palavras que Cristo declarou?

*Mateus 11: 27 **Tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar.***

*28 **Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei.***

*29 **Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma.***

*30 **Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve.***

Qual rei na Terra, ainda que tivesse um altíssimo grau de poder, poderia dizer com propriedade que “todos” os cansados e oprimidos poderiam vir a ele, pessoalmente ou individualmente, que ele atenderiam a todos, que ele aliviaria cada um das suas cargas eternas e que Ele ensinaria a cada pessoa de tal maneira que ela realmente encontrasse o tão necessário descanso, não somente físico e material, mas também para a sua alma?

Qual é o rei na Terra, com alto grau de poder, poderia dizer com propriedade que todos poderiam aprender Dele porque ele é “***manso e humilde de coração***”?

Ora, se um reino acaba refletindo em muitos aspectos a expressão de quem é o seu rei, nenhum reino humano pode ser comparado com o reino de Deus e o reinado de Cristo pelo simples fato de quem nenhum rei humano pode ser o que somente o Senhor Jesus Cristo foi, é, e será para sempre, a saber: Perfeitamente ***manso e humilde de coração***, apesar do ***tudo me foi entregue por meu Pai***.

O que confundia muitas pessoas no passado, e ainda intriga a muitos hoje, refere-se à sua perplexidade de como que o Rei Eterno, que tem autoridade sobre tudo e sobre todos, foi apresentado por Deus diante das pessoas quando Ele veio em carne ao mundo, por exemplo, da maneira descrita nos textos a seguir:

Mateus 21: 5 Dizei à filha de Sião: Eis aí te vem o teu Rei, humilde, montado em jumento, num jumentinho, cria de animal de carga.

- Isaías 42: 1 Eis aqui o meu servo, a quem sustenho; o meu escolhido, em quem a minha alma se compraz; pus sobre ele o meu Espírito, e ele promulgará o direito para os gentios.***
- 2 Não clamará, nem gritará, nem fará ouvir a sua voz na praça.***
- 3 Não esmagará a cana quebrada, nem apagará a torcida que fumeja; em verdade, promulgará o direito.***
- 4 Não desanimará, nem se quebrará até que ponha na terra o direito; e as terras do mar aguardarão a sua doutrina.***
- 5 Assim diz Deus, o SENHOR, que criou os céus e os estendeu, formou a terra e a tudo quanto produz; que dá fôlego de vida ao povo que nela está e o espírito aos que andam nela.***
- 6 Eu, o SENHOR, te chamei em justiça, tomar-te-ei pela mão, e te guardarei, e te farei mediador da aliança com o povo e luz para os gentios;***
- 7 para abrires os olhos aos cegos, para tirares da prisão o cativo e do cárcere, os que jazem em trevas.***
- 8 Eu sou o SENHOR, este é o meu nome; a minha glória, pois, não a darei a outrem, nem a minha honra, às imagens de escultura.***
- 9 Eis que as primeiras predições já se cumpriram, e novas coisas eu vos anuncio; e, antes que sucedam, eu vo-las farei ouvir.***

O que confundia muitas pessoas no passado, e ainda intriga a muitos, refere-se à sua indagação ou desprezo em relação ao fato que o Rei Eterno, que tem autoridade sobre todos, adotou posturas que são consideradas como atitudes de servos e que Ele ainda ensinou que aqueles que voluntariamente querem segui-lo também são chamados a adotar posturas de humildade tais como Ele adotou, conforme também exemplificadas abaixo:

Filipenses 2: 5 De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus,
6 pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus;
7 antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana,
8 a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz.

Romanos 12: 16 Sede unânimes entre vós; não ambicioneis coisas altas, mas acomodai-vos às humildes; não sejais sábios em vós mesmos.
17 A ninguém torneis mal por mal; procurai as coisas honestas perante todos os homens.

1 Coríntios 1: 26 Irmãos, reparai, pois, na vossa vocação; visto que não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento;
27 pelo contrário, Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes;
28 e Deus escolheu as coisas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são;
29 a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus.
30 Mas vós sois dele, em Cristo Jesus, o qual se nos tornou, da parte de Deus, sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção,
31 para que, como está escrito: Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor.

Qual é o rei na Terra que as pessoas conheceram que era humilde e estaria disposto a morrer humilhado, desprezado, ferido e completamente exposto numa vergonhosa cruz, envergonhado perante o seu próprio povo e pelo seu próprio povo, sendo ele plenamente inocente?

Qual rei no mundo presente iniciaria um projeto sabendo com certeza já de antemão de que ele seria exposto à plena vergonha ou ignomínia como Cristo o fez?

Hebreus 12: 2 ... olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus, o qual, em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia, e está assentado à destra do trono de Deus.

Portanto, que tipo de reino é este que introduz o seu Rei em uma simples manjedoura?

E o que, então, aquele que já era nascido Rei realmente veio oferecer?

Ou, principalmente, que tipo de Rei nos é oferecido em Cristo?

Parece que essas são questões para as quais muitas pessoas tendem a querer deduzir as respostas por si mesmas ou do seu próprio agrado em vez de perguntarem e se interessarem pelas respostas que o reino celestial que lhes é oferecido apresenta.

O Senhor Jesus nos ensina que o Reino de Deus não vem ao mundo com aparência visível ou através de muitos aspectos que são tão significativos aos olhos naturais das pessoas, conforme visto no estudo sobre O Evangelho do Reino de Deus. E nem o Rei Jesus é um rei com características segundo os reinos da Terra. E Ele nunca o será, porque Ele é Rei Segundo a ordem de Melquisedeque, ou seja, Ele é Rei da Justiça Eterna e Rei da Paz Eterna.

Quando Cristo nos é apresentado e oferecido como o Sumo Sacerdote segundo a Ordem de Melquisedeque, ele nos é apresentado como o Sumo Sacerdote com características inteiramente distintas dos Sumo Sacerdotes da Ordem de Arão precisamente por ser de uma ordem sacerdotal inteiramente distinta e associada à uma lei inteiramente distinta da lei da Ordem de Arão ou similares a ela.

Similarmente, o fato do Senhor Jesus Cristo ser Rei Eterno segundo a Ordem de Melquisedeque, denominado também de Rei da Justiça e Rei da Paz, também nos mostra que os aspectos fundamentais da sua condição de regente estão amparados pelos princípios da sua respectiva Ordem de Governo.

Justiça, paz e mansidão, por exemplo, nunca combinaram e nunca combinarão com orgulho ou arrogância.

Por isso, Deus nos concedeu um Rei para também nos ensinar a “andar nas veredas da justiça”, pois é pela justiça de Deus que, no final das contas, temos acesso à graça, à paz e ao amor eterno de Deus também para as questões de governo sobre as nossas vidas.

*Romanos 5: 21 ... **para que, assim como o pecado reinou na morte, também a graça reinasse pela justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo, nosso Senhor.** (RC)*

*Salmos 23: 1 **O SENHOR é o meu pastor; nada me faltará.***

*3(b) ... **Guia-me pelas veredas da justiça por amor do seu nome.***

Se através do sacerdócio eterno de Cristo somos chamados a ver a misericórdia e amor de Deus baseada em sua justiça para permitir cada indivíduo vir a “viver Nele”, pelo lado da posição de Cristo como o Rei Eterno da Justiça e da Paz, vemos o compromisso que o amor de Deus tem com a verdade e a sua justiça em não ser parte de nenhuma injustiça.

*1 Coríntios 13: 6 **(O amor) não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade.***

Da mesma forma que o Senhor Jesus é o Sumo Sacerdote plenamente distinto e incomparável a qualquer sacerdócio humano por causa do seu

caráter de verdade e de justiça, assim Ele também é Rei incomparável com qualquer rei ou governante que possa existir entre os seres humanos, quer tenham pouco poder ou tenham muito poder aos olhos das pessoas do mundo.

Portanto, em sua glória eterna, o Senhor Jesus Cristo sempre foi Rei, nasceu Rei e foi feito Rei segundo as características do reino de Deus e não segundo o pensamento ou o desejo inapropriado de muitas pessoas ou de outros reis.

O Senhor Jesus Cristo já era Rei Eterno e também foi estabelecido como Rei como Filho do Homem, mas tudo isto para ser o Rei segundo o que as pessoas precisam que Ele seja nelas e para elas.

O fato de precisarmos de um Sumo Sacerdote perfeito que pode nos salvar e reconciliar com Deus, por outro lado, também implica que necessitamos de um Rei que seja poderoso para fazê-lo de tal forma que tudo seja realizado segundo a verdade e a justiça do Senhor, mostrando-nos que a justiça do sacerdócio de Cristo e da realeza de Cristo se complementam em perfeição e são aspectos absolutamente inseparáveis porque ambos igualmente atuam em tudo segundo a base do mesmo e único trono eterno de Deus.

*Salmos 89: 14 **Justiça e juízo são a base do teu trono; misericórdia e verdade vão adiante do teu rosto.***

Apesar de Rei Eterno, Cristo permanece como Sumo Sacerdote Eterno porque é nesta posição de sacerdócio que encontramos toda a provisão da verdadeira justiça para podermos ter a nossa comunhão com Deus restaurada. Entretanto, apesar de Sumo Sacerdote Eterno, Cristo também é Rei Eterno, segundo a Ordem de Melquisedeque, para que tudo o que é realizado pelo Rei Eterno na vida de um indivíduo salvo também seja feito segundo a verdade e a justiça de Deus.

*Efésios 4: 22 ... **quanto ao trato passado, vos despojeis do velho homem, que se corrompe segundo as concupiscências do engano,**
23 **e vos renoveis no espírito do vosso entendimento,**
24 **e vos revistais do novo homem, criado segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade.***

Conforme vimos no livro de Hebreus, nos é necessário um Sumo Sacerdote perfeito e que possa se compadecer de nós em nossas fraquezas. Entretanto, também vemos no mesmo livro de Hebreus que igualmente nos é necessário um Rei Soberano segundo a justiça e a paz para que a salvação que nos foi provida também possa ser em tudo sustentada eternamente segundo a justiça e a paz de Deus.

*Hebreus 7: 1 ... **este Melquisedeque, rei de Salém, sacerdote do Deus Altíssimo, ...***

*2(b) **primeiramente se interpreta rei de justiça, depois também é rei de Salém, ou seja, rei de paz.***

As manifestações das riquezas da glória de Cristo vão se somando e atuando em cooperação para que saibamos que tudo o que Nele há, tudo o que Ele faz e também tudo o que Ele nos instrui a fazer sempre está alinhado com a justiça e os seus perfeitos atributos.

O Rei Eterno, segundo a Ordem de Melquisedeque, não chama as pessoas salvas através da justiça celestial da sujeição à injustiça para propor-lhes o reino de Deus para voltarem a agir de forma contrária a justiça na qual o trono celestial está fundamentado.

Apocalipse 15: 3 ... e entoavam o cântico de Moisés, servo de Deus, e o cântico do Cordeiro, dizendo: Grandes e admiráveis são as tuas obras, Senhor Deus, Todo-Poderoso! Justos e verdadeiros são os teus caminhos, ó Rei das nações!

E similarmente à justiça celestial também ocorre em relação ao aspecto da paz.

Em Cristo, uma vez justificadas Nele para viverem e andarem em justiça, as pessoas também são chamadas a uma paz distinta do que o mundo pode lhes oferecer, a começar pela reconciliação ou paz com Deus e pela paz que o Senhor Jesus lhes confere ao coração, conforme abordado mais amplamente no estudo sobre O Evangelho da Paz e do qual relembramos os seguintes textos:

Romanos 5: 1 Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo;
2 por intermédio de quem obtivemos igualmente acesso, pela fé, a esta graça na qual estamos firmes; e gloriamo-nos na esperança da glória de Deus.

João 14: 27 Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como a dá o mundo. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize.

Romanos 14: 17 Porque o reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo.

Ainda que algum rei ou governo no mundo possa cooperar para que as pessoas que fazem parte da extensão do seu domínio venham a ter um alto grau de paz social em seu território, a paz que se estende ao coração de cada indivíduo e para além da vida no plano natural jamais pode ser proporcionada por um governante humano, pois a concessão desta vem exclusivamente do Deus de toda paz, do reino que é paz e do Rei de Salém ou Eterno Príncipe da Paz.

Isaías 9: 6 Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz;

7 para que se aumente o seu governo, e venha paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, para o estabelecer e o firmar mediante o juízo e a justiça, desde agora e para sempre. O zelo do SENHOR dos Exércitos fará isto.

Atos 10: 36 Esta é a palavra que Deus enviou aos filhos de Israel, anunciando-lhes o evangelho da paz, por meio de Jesus Cristo. Este é o Senhor de todos.

2 Pedro 1: 2 Graça e paz vos sejam multiplicadas, no pleno conhecimento de Deus e de Jesus, nosso Senhor.

Concluindo este tópico, ressaltamos ainda que igualmente ao chamado para andarmos em justiça porque Cristo é a nossa justiça, assim também somos chamados a cooperar com a paz vinda a nós através do governo do Eterno Rei da Paz.

Romanos 6: 12 Não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal, de maneira que obedeçais às suas paixões;

13 nem ofereçais cada um os membros do seu corpo ao pecado, como instrumentos de iniquidade; mas oferecei-vos a Deus, como ressurretos dentre os mortos, e os vossos membros, a Deus, como instrumentos de justiça.

14 Porque o pecado não terá domínio sobre vós; pois não estais debaixo da lei, e sim da graça.

Romanos 12: 17 Não torneis a ninguém mal por mal; esforçai-vos por fazer o bem perante todos os homens;

18 se possível, quanto depender de vós, tende paz com todos os homens.

Mateus 5: 9 Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus.

B. O Aspecto da Justiça e da Paz no Nível Individual e Coletivo

Considerando que a base ou o fundamento dos temas da justiça e da paz de Deus em Cristo já foram amplamente abordados nos estudos sobre O Evangelho da Justiça de Deus e o sobre O Evangelho da Paz, não gostaríamos de tratá-los pormenorizadamente neste ponto, onde o nosso foco está mais voltado a evidenciar mais enfaticamente o que a glória de Cristo, segundo a Ordem de Melquisedeque, nos oferece não somente como o nosso Sumo Sacerdote Eterno e perfeito, mas também como um Rei que é perfeitamente fundamentado na justiça e na paz de Deus.

Entretanto, nos estudos referenciados no parágrafo anterior, há algumas ênfases sobre a justiça e a paz de Deus que não foram abordadas neles visto que, em certo sentido, necessitavam também ser precedidos de uma maior compreensão da condição ora abordada de Cristo ser o Rei Eterno e responsável diante de Deus para que todas as coisas estejam em funcionamento segundo a justiça do trono do Senhor.

Se, por um lado, Cristo veio em carne ao mundo para andar em plena justiça para poder fazer uma provisão perfeita e justa para a salvação de todos os escravizados ao pecado e à lei do sacerdócio da Ordem de Arão, por outro lado, depois de ressurreto, o Pai Celestial manifestou a Cristo também como o Rei Eterno da Justiça e da Paz, junto ao seu trono celestial. E isto, para que a realização e a sustentação da salvação de cada indivíduo possa igualmente ser feita em plena justiça diante de Deus como diante de todo o mundo para que ninguém, jamais, possa questionar a retidão da salvação de Deus e aquilo que o Senhor ainda faz e fará em prol daqueles que são salvos.

O fato de Cristo não estar intervindo no mundo da maneira como muitas pessoas gostariam nas suas limitadas percepções, não significa que Ele não esteja em pleno exercício da sua posição de Rei da Justiça e Rei da Paz.

Sem o governo de Deus e se não fosse a presença de Cristo reinando sobre tudo, o mundo já teria entrado em colapso, ainda que, as vezes, possa parecer aos seres humanos que Cristo tarde a intervir.

Durante os vários capítulos que têm composto este estudo até o presente ponto, procuramos abordar o aspecto de Cristo ser a dádiva de Deus para a salvação, vida e instrução de cada indivíduo que Nele crê e que o invoca como Senhor.

A salvação de Deus é oferecida a todas as pessoas, sem distinção. Entretanto, ao mesmo tempo, ela pode ser aceita individualmente no coração por uma pessoa ainda que ninguém ao redor a receba conjuntamente com ela, mostrando que Cristo tem pleno compromisso em salvar a todo e qualquer um que clamar a Ele como Senhor para também receber esta salvação.

Uma vez que o Senhor Jesus Cristo fez um perfeito sacrifício eterno para a redenção de todos, Ele também pode perfeitamente salvar a todos aqueles que se achegam a Deus através Dele, ainda que outros ao redor dos que vão sendo salvos não queiram a Cristo como Senhor em suas vidas ou ainda não inclinaram o coração a esta escolha.

*Hebreus 7: 25 **Por isso, também pode salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles.***

Entretanto, na medida em que a salvação de uma pessoa vai sendo vivenciada e expressa nas mais diversas áreas da sua vida, entendemos que se faz necessário saber

que a salvação que o Senhor estende a uma pessoa também acabará tendo reflexos na vida coletiva em que esta pessoa está inserida.

Assim, por sua vez, o aspecto de uma pessoa viver em um ambiente coletivo faz com que o Senhor Jesus também precise ser, ao mesmo tempo, um Sumo Sacerdote Eterno e poderoso para receber e ouvir cada indivíduo nos seus mais diversos clamores pessoais, bem como um Senhor que sabe ponderar o atendimento ou as repostas a cada indivíduo naquilo que estiver de acordo com a justiça e a retidão de Deus para com as demais pessoas e para com os demais aspectos que sustentam o universo.

Quando pensamos na vida prática na Terra, sabemos que, em muitos aspectos, a vida também tem inevitavelmente um lado “coletivo”. E tudo o que é coletivo entre os seres humanos, apresenta o risco de injustiças, contendas, desavenças, opiniões divergentes, e muitas coisas que as pessoas sabem muito bem que acontecem.

Na coletividade, nem todos tem ao Senhor Jesus como seu Eterno Sumo Sacerdote. Similarmente, aqueles que têm a Cristo como Senhor também nem sempre estão em comunhão como Ele e, por isso, nem sempre agem de acordo com a vontade de Deus.

Sem a direção do Senhor, as pessoas fazem as obras de acordo com a vontade da carne, o que, por sua vez, acarreta em consequências não harmonizadas com Deus e nem com o próximo.

Paulo nos informa que essas obras da carne não são um segredo desconhecido que não possa ser entendido. Pelo contrário, as obras da carne são muito explícitas, e através delas, muita injustiça e contendas são introduzidas. Através das obras da carne surgem muitos dos denominados “conflitos de interesses”.

*Gálatas 5: 19 **Ora, as obras da carne são conhecidas e são: prostituição, impureza, lascívia,**
 20 **idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissensões, facções,**
 21 **invejas, bebedices, glotonarias e coisas semelhantes a estas, a respeito das quais eu vos declaro, como já, outrora, vos preveni, que não herdarão o reino de Deus os que tais coisas praticam.***

No estudo sobre O Evangelho da Paz, foi abordado que os aspectos dos conflitos das obras da carne podem variar de pequenas desavenças a grandes eventos mundiais. As contendas podem crescer e se tornarem até em guerras de grandes dimensões. O fato é que tanto os pequenos e grandes conflitos podem gerar dissabores, dores e injustiças.

E sempre que há injustiças, também a paz é confrontada.

Agora, se olharmos o contexto descrito acima a partir da perspectiva em que um rei precisa administrar ou governar sobre tudo o que é justo e tudo o que é injusto que está sujeito ao seu governo, quão grande não é a missão ou a tarefa deste rei?

Assim, se a grandeza de Cristo como o Sumo Sacerdote Eterno, Advogado e Autor e Consumador da Fé em Deus já é de uma riqueza e de uma abrangência imensurável a ponto Dele poder receber cada pessoa individualmente e continuamente diante do Pai Celestial, quão sublime e imensurável igualmente não é a posição de Cristo como Rei Eterno sobre tudo e sobre todos, inclusive, sobre justos e injustos?

Na posição de Rei, e Rei da Justiça e Rei da Paz, segundo a Ordem de Melquisedeque, o Senhor Jesus também é responsável pela administração

de tudo o que existe e do funcionamento conjunto de todas as coisas sem que Ele seja cúmplice de qualquer injustiça.

Da mesma maneira que necessitamos ter os olhos do entendimento iluminados para a grandeza do nosso Eterno Sumo Sacerdote para de vê-lo adequadamente mediante a fé e de acordo com a ordem em que atua, precisamos também ter os olhos do entendimento iluminados para ver o Rei Jesus Cristo segundo a Ordem de Melquisedeque, Rei de Salém e que se interpreta Rei da Justiça e Rei da Paz.

Se os desafios de Cristo para ser um Sumo Sacerdote Eterno perfeito para mediar a Deus para com todas as pessoas e para mediar todas as pessoas diante de Deus já extrapola qualquer possibilidade humana de compreensão, ainda muito mais engrandecida se revela a glória do Senhor já imensurável quando passamos a ver adicionado a ela que Cristo é também o Rei sobre cada indivíduo e, ao mesmo tempo, sobre todos os conjuntos coletivos que há no universo.

Entretanto, uma perspectiva minimamente satisfatória sobre a condição de Cristo como o Rei Eterno sobre tudo e sobre todos, no individual e no coletivo, não somente é relevante, mas também é crucial para que uma pessoa não crie uma ideia incorreta de quem vem a ser o próprio Senhor como Sumo Sacerdote e Rei Eterno.

Na medida em que as pessoas perdem a perspectiva da condição de Cristo ser o Rei Eterno plenamente correto ou justo para com todos e que Ele faz tudo com base na justiça celestial, as pessoas tendem a criar “fantasias” do que Cristo pode fazer através delas ou até do que acham que Cristo deveria fazer a seu favor.

Quando as pessoas perdem a perspectiva, minimamente satisfatória, de Cristo como Rei da Justiça e Rei da Paz sobre todo o universo, elas tendem a se inclinar ao pensamento de que Cristo, e também o Pai Celestial e o Espírito Santo, estão à sua disposição para lhes servirem nos seus mais diversos interesses, esquecendo-se, porém, que o Senhor somente serve as pessoas e somente coopera com as pessoas segundo a sua retidão, verdade e justiça.

Quando as pessoas perdem a perspectiva da condição de Cristo como Rei segundo a Ordem de Melquisedeque, elas também começam a perder a noção de que procurar a Cristo para que Deus supra os seus desejos carnis inclusive caracteriza uma inimizade para com o Senhor.

Tiago 3: 16 Pois, onde há inveja e sentimento faccioso, aí há confusão e toda espécie de coisas ruins.

17 A sabedoria, porém, lá do alto é, primeiramente, pura; depois, pacífica, indulgente, tratável, plena de misericórdia e de bons frutos, imparcial, sem fingimento.

18 Ora, é em paz que se semeia o fruto da justiça, para os que promovem a paz.

4: 1 De onde procedem guerras e contendas que há entre vós? De onde, senão dos prazeres que militam na vossa carne?

2 Cobiçais e nada tendes; matais, e invejais, e nada podeis obter; viveis a lutar e a fazer guerras. Nada tendes, porque não pedis;

3 pedis e não recebeis, porque pedis mal, para esbanjardes em vossos prazeres.

- 4 *Infiéis, não compreendeis que a amizade do mundo é inimiga de Deus? Aquele, pois, que quiser ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus.***
- 5 *Ou supondes que em vão afirma a Escritura: É com ciúme que por nós anseia o Espírito, que ele fez habitar em nós?***
- 6 *Antes, ele dá maior graça; pelo que diz: Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes.***
- 7 *Sujeitai-vos, portanto, a Deus; mas resisti ao diabo, e ele fugirá de vós.***
- 8 *Chegai-vos a Deus, e ele se chegará a vós outros. Purificai as mãos, pecadores; e vós que sois de ânimo dobre, limpai o coração.***
- 9 *Afligi-vos, lamentai e chorai. Converta-se o vosso riso em pranto, e a vossa alegria, em tristeza.***
- 10 *Humilhai-vos na presença do Senhor, e ele vos exaltará.***

Se Cristo, como Sumo Sacerdote Eterno, é misericordioso e conhece as aflições que sofremos no mundo, por outro lado, como Rei, Cristo tem um compromisso, acima de tudo, com a verdade e a justiça para com o Pai Celestial e para com todas as pessoas.

Quando passamos ver a Cristo como o Rei da Justiça e Rei da Paz, precisamos entender que para Ele ser justo e reto, é necessário que Ele guie cada pessoa que recorre a Ele de forma que cada instrução dada a este indivíduo seja cooperativa com toda a regência geral da justiça que está sob o governo do Senhor, e não contrária a ela.

Portanto, quão elevado ou extraordinário não é, então, a administração do conjunto de opções que os mais diversos seres do universo querem adotar simultaneamente?

Razão pela qual, o Pai Celestial estabeleceu exclusivamente a Cristo como o Rei Fiel sobre todos para fazê-lo sempre segundo a justiça celestial.

Cristo é Aquele que restaura a presença de Deus no coração daqueles que creem no Senhor e no seu Evangelho, e ainda os chama para estarem Nele. Entretanto, Ele também o faz para que aqueles que tiveram a comunhão restaurada com Deus possam deixar de servir ao pecado e possam ser restaurados à condição de justiça e de instrumentos da justiça do Senhor.

- 2 Coríntios 5: 18 *Ora, tudo provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo e nos deu o ministério da reconciliação,***
19 *a saber, que Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões, e nos confiou a palavra da reconciliação.*
- 20 *De sorte que somos embaixadores em nome de Cristo, como se Deus exortasse por nosso intermédio. Em nome de Cristo, pois, rogamos que vos reconcilieis com Deus.***
- 21 *Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus.***

Romanos 6: 12 *Não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal, de maneira que obedeçais às suas paixões;*

13 nem ofereçais cada um os membros do seu corpo ao pecado, como instrumentos de iniquidade; mas oferecei-vos a Deus, como ressurretos dentre os mortos, e os vossos membros, a Deus, como instrumentos de justiça.

Cristo nos foi concedido para que pudéssemos ser libertos do “reinado do pecado e das paixões da carne”, mas fez isto para que também pudéssemos ser colocados sob um “reinado de justiça e verdade”.

Dessa forma, se, por um lado, Cristo se doou em favor da salvação de todos e é longânime com os pecadores, por outro lado, Cristo tem uma agenda de justiça a ser estabelecida e que pode implicar em que Ele não irá esperar indefinidamente até que uma pessoa se arrependa da sua sujeição ao pecado para que somente então Ele estabeleça a justiça de Deus.

O Senhor Jesus não é o tipo de rei que dá “circo e pão para o povo”. Ele não é o rei que evita que todas as pessoas, independente do que fazem, jamais sofram as consequências de atos contrários a Deus que adotam. Cristo não é o rei que tem que patrocinar extensas e demoradas empreitadas de más cobiças das pessoas e ainda assim protegê-las de todos os danos, e assim por diante.

Portanto, o assunto da posição de Cristo como o Rei da Justiça e da Paz jamais deveria ser visto de forma leviana.

O desejo de Deus de fato é de que vivamos na Terra em mansidão e tranquilidade. Entretanto, ou ao mesmo tempo, o Senhor quer que tenhamos esta quietude e sossego para serem usadas para um propósito nobre, justo e que promovam a justiça e a paz, conforme Paulo escreve à Timóteo:

1Timóteo 1: 19 ... conservando a fé e a boa consciência, rejeitando a qual alguns fizeram naufrágio na fé.

20 E entre esses foram Himeneu e Alexandre, os quais entreguei a Satanás, para que aprendam a não blasfemar.

2: 1 Admoesto-te, pois, antes de tudo, que se façam deprecações, orações, intercessões e ações de graças por todos os homens, 2 pelos reis e por todos os que estão em eminência, para que tenhamos uma vida quieta e sossegada, em toda a piedade e honestidade.

3 Porque isto é bom e agradável diante de Deus, nosso Salvador, 4 que quer que todos os homens se salvem e venham ao conhecimento da verdade.

5 Porque há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo, homem,

6 o qual se deu a si mesmo em preço de redenção por todos, para servir de testemunho a seu tempo. (RC)

No texto do livro de Timóteo exposto acima, podemos observar que a vontade de Deus expressa a todos os homens é voltada ao bem de todos, mas também podemos ver que alguns “**tendo rejeitado a boa consciência, vieram a naufragar na fé**”.

E por sua vez, podemos notar que aqueles que naufragaram na fé estavam adotando uma posição de blasfemarem contra Deus, o que em si mesmo não afeta a Deus ou faz

que o Senhor deixe de ser quem Ele é. Entretanto, como a atitude pessoal dos blasfemadores poderia ter reflexos muito negativos sobre outras pessoas, o Senhor interveio severamente contra eles ainda que estes anteriormente já tivessem crido em Cristo Jesus.

Por que, então, Himeneu e Alexandre foram entregues a Satanás? Porque blasfemaram contra a justiça de Cristo que produz fé e uma boa consciência. Rejeitaram a Cristo como Sumo Sacerdote Eterno na purificação da consciência, mas também rejeitaram a Cristo como o Rei da Justiça que concede todas as instruções segundo uma boa consciência em conformidade com a retidão de Deus.

Aqueles que rejeitaram a consciência e a justiça segundo o Senhor Jesus Cristo naufragaram na fé, chegando, inclusive, ao ponto de blasfemarem contra o Rei da Justiça.

Assim, apesar de sua imensurável misericórdia e compaixão com o pecador, o Senhor Jesus Cristo, como o Rei da Justiça, também atua para tratar com a raiz da injustiça e das contendas, e não somente para apaziguar as manifestações externas ou superficiais como era feito sob a Ordem de Arão.

O Senhor Jesus Cristo jamais abrirá mão do comprometimento com a verdade e a justiça nas quais o seu trono está fundamentado. O Senhor Jesus, embora imensuravelmente misericordioso e paciente para com todos os pecadores, tem um compromisso inegociável em permanecer na justiça celestial e dela não será demovido nem que isto implique em que uma pessoa que o rejeitou se coloque sob a condição de perecer.

Desta forma, quando uma pessoa escolhe a Cristo como Salvador, ela também é chamada a conhecer e reconhecer que este mesmo Cristo é o Rei da Justiça que jamais se apartará da justiça que é parte integrante do reino celestial.

Salmos 98: 2 **O SENHOR fez notória a sua salvação; manifestou a sua justiça perante os olhos das nações.**

Malaquias 4: 2(a) **Mas para vós outros que temeis o meu nome nascerá o sol da justiça, trazendo salvação nas suas asas**

Romanos 10: 10 **Porque com o coração se crê para justiça e com a boca se confessa a respeito da salvação.**

Conforme já comentamos anteriormente, a graça de Deus tem a sustentação do seu reinado na justiça de Deus, e ela jamais se apartará da justiça do Senhor.

Romanos 5: 17 **Se, pela ofensa de um e por meio de um só, reinou a morte, muito mais os que recebem a abundância da graça e o dom da justiça reinarão em vida por meio de um só, a saber, Jesus Cristo.**

Romanos 5: 18 **Pois assim como, por uma só ofensa, veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também, por um só ato de justiça, veio a graça sobre todos os homens para a justificação que dá vida.**

Romanos 5: 20 **Sobreveio a lei para que avultasse a ofensa; mas onde abundou o pecado, superabundou a graça,**
21 **a fim de que, como o pecado reinou pela morte, assim também reinasse a graça pela justiça para a vida eterna, mediante Jesus Cristo, nosso Senhor.**

Gálatas 2: 21 **Não anulo a graça de Deus; pois, se a justiça é mediante a lei, segue-se que morreu Cristo em vão.**

Cristo tem a provisão superabundante da graça para a salvação de todo aquele que Nele crer.

Cristo também tem a provisão superabundante da graça para que uma pessoa salva possa vir a experimentar, ainda em vida na Terra, a novidade de vida segundo esta graça mesmo que esteja rodeada de injustiças que há no mundo.

Entretanto, a graça de Cristo jamais se manifesta dissociada da condição de Cristo ser o Rei da Justiça, assim como jamais pode haver graça e paz dissociada desta posição de realeza de Cristo sobre tudo e sobre todos para reinar sempre segundo a justiça do Pai Celestial.

2 Pedro 1: 1 **Simão Pedro, servo e apóstolo de Jesus Cristo, aos que conosco obtiveram fé igualmente preciosa na justiça do nosso Deus e Salvador Jesus Cristo,**
2 **graça e paz vos sejam multiplicadas, no pleno conhecimento de Deus e de Jesus, nosso Senhor.**

Quer no menor dos detalhes da vida de cada indivíduo ou quer nos acontecimentos relacionados a grandes multidões e ao universo, Cristo jamais reinará contrário à sua condição de Rei da Justiça e Rei da Paz segundo a Ordem de Melquisedeque e para a qual o Pai Celestial o estabeleceu para sempre.

Provérbios 16: 12 **A prática da impiedade é abominável para os reis, porque com justiça se estabelece o trono.**

Romanos 14: 17 **Porque o reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo.**

Jeremias 23: 5 **Eis que vêm dias, diz o SENHOR, em que levantarei a Davi um Renovo justo; e, rei que é, reinará, e agirá sabiamente, e executará o juízo e a justiça na terra.**

- Salmos 99: 1* **Reina o SENHOR; tremam os povos. Ele está entronizado acima dos querubins; abale-se a terra.**
- 2 O SENHOR é grande em Sião e sobremodo elevado acima de todos os povos.**
- 3 Celebrem eles o teu nome grande e tremendo, porque é santo.**
- 4 És rei poderoso que ama a justiça; tu firmas a equidade, executas o juízo e a justiça em Jacó.**
- 5 Exaltai ao SENHOR, nosso Deus, e prostrai-vos ante o escabelo de seus pés, porque ele é santo.**

C. O Rei que Serve Segundo a Vontade de Deus e Não Segundo a Vontade da Criatura

Ver a glória do Senhor Jesus Cristo sob a perspectiva de Ele ser o nosso Rei da Justiça e Rei da Paz não somente é interessante, mas também vital para que vejamos a glória da justiça e da paz celestial como aspectos inseparáveis de qualquer ação do Senhor.

Entretanto, o entendimento de que Cristo tem na sua glória a condição de Rei da Justiça e Rei da Paz também pode ser muito significativo para o ajuste de uma outra percepção sobre como é o nosso Senhor Jesus Cristo na sua relação para conosco, a saber: A condição de Cristo ser também o Rei que serve.

Muita literatura tem sido produzida no mundo sobre a condição humilde de Cristo como servo. Entretanto, muitas vezes, parece que há mais literatura sobre o estado de Cristo ser servo do que a condição de Cristo ser antes o Rei sobre tudo e sobre todos. E ainda, parece que muitos dos materiais literários sobre Cristo como servo simplesmente nem cogitam abordar a questão de Cristo ser o Rei da Justiça e da Paz, o Rei elevado junto ao Pai Celestial e acima de toda a criação.

Como servo, Cristo nunca deixou de estar sob plena direção do Pai Celestial através do Espírito Santo, e nunca deixou de estar em posição de regência sobre os fatos que estavam ao seu redor enquanto servia as pessoas.

Portanto, assim como a posição de Rei segundo a Ordem de Melquisedeque não pode ser definida a partir do entendimento que a criação tem sobre o que vem a ser realeza celestial, assim também o entendimento do que vem a ser servo ou de Cristo como servo não pode ser definido com base nos conceitos de servos e escravidão que o mundo adota.

Quando as Escrituras nos orientam a buscar as coisas que são do alto, e não as terrenas, e quando nos orientam a sermos transformados pela renovação de entendimento, elas incluem todos os assuntos da vida, mas também os assuntos pertinentes ao Doador e Rei sobre toda a vida.

E diante disso, o Senhor Jesus Cristo não foi revelado como Rei acima de todas as coisas para realizar o desejo de todas as pessoas, mas para fazer, acima de tudo, o desejo do Pai Celestial que o estabeleceu na função de Rei Eterno ou de Senhor sobre todos.

O Senhor Jesus Cristo faz o bem às pessoas porque o Pai Celestial as quer bem e o Senhor Jesus Cristo, em última análise, só presta contas ao Pai Celestial. O Senhor Jesus Cristo, em última análise, serve ao Pai Celestial e somente serve às pessoas se o Pai Eterno quiser que Ele sirva as pessoas.

João 8: 28 Disse-lhes, pois, Jesus: Quando levantardes o Filho do Homem, então, sabereis que EU SOU e que nada faço por mim mesmo; mas falo como o Pai me ensinou.

Se, por um lado, no Sacerdócio Eterno de Cristo, temos alguém que se compadece de nós, nos auxilia em nossas fraquezas, nos purifica, nos concede vestes da nova criatura em Deus, por outro lado, em Cristo como Rei, nós temos alguém que sabe muito bem o

que precisa ser feito em todo o mundo e que tem uma agenda muito específica junto ao Pai Celestial para cumprir.

O Senhor Jesus Cristo não é o servo que virou rei. O Senhor Jesus é o Rei Eterno que serve ou assume a posição de servo, mas sem nunca ter se apartado do seu chamado de ser Rei e Soberano sobre tudo e sobre todos.

Quando esteve em carne na Terra, o Senhor Jesus Cristo se doou pelas pessoas até a morte, mas não qualquer morte. Cristo deu a sua vida por todas as pessoas através da morte que Ele precisava morrer. A morte a respeito da qual havia sido profetizado ao longo de séculos e sobre a qual havia sido instruído especificamente pelo Pai Celestial.

*João 10: 17 **Por isso, o Pai me ama, porque eu dou a minha vida para a reassumir.***

*18 **Ninguém a tira de mim; pelo contrário, eu espontaneamente a dou. Tenho autoridade para a entregar e também para reavê-la. Este mandato recebi de meu Pai.***

*Lucas 22: 42 ... **dizendo: Pai, se queres, passa de mim este cálice; contudo, não se faça a minha vontade, e sim a tua.***

*João 18: 11 **Mas Jesus disse a Pedro: Mete a espada na bainha; não beberei, porventura, o cálice que o Pai me deu?***

Similarmente, no episódio em que o Senhor Jesus lavou os pés dos seus discípulos para lhes ensinar a respeito de uns servirem aos outros, Cristo, em momento algum, entregou o controle da reunião aos seus discípulos.

Ainda que servindo aos seus discípulos e ensinando-os a servirem uns aos outros, o Senhor Jesus sabia o que fazia e onde queira chegar, porque Ele nunca deixou de ser Rei apesar de servir.

Conforme vimos no capítulo anterior, lembremos aqui que Cristo como recém-nascido já nasceu Rei.

A seguir notemos, então, mais alguns versículos que mostram a humildade do Senhor Jesus e, ao mesmo tempo, a sua humildade na sua grandeza.

*João 13: 3 **Sabendo Jesus que o Pai tudo confiara às suas mãos, e que ele viera de Deus, e voltava para Deus,***

*4 **levantou-se da ceia, tirou a vestimenta de cima e, tomando uma toalha, cingiu-se com ela.***

*5 **Depois, deitou água na bacia e passou a lavar os pés aos discípulos e a enxugar-lhos com a toalha com que estava cingido.***

*6 **Aproximou-se, pois, de Simão Pedro, e este lhe disse: Senhor, tu me lavas os pés a mim?***

*7 **Respondeu-lhe Jesus: O que eu faço não o sabes agora; compreendê-lo-ás depois.***

*8 **Disse-lhe Pedro: Nunca me lavarás os pés. Respondeu-lhe Jesus: Se eu não te lavar, não tens parte comigo.***

- 9 *Então, Pedro lhe pediu: Senhor, não somente os pés, mas também as mãos e a cabeça.*
- 10 *Declarou-lhe Jesus: Quem já se banhou não necessita de lavar senão os pés; quanto ao mais, está todo limpo. Ora, vós estais limpos, mas não todos.*
- 11 *Pois ele sabia quem era o traidor. Foi por isso que disse: Nem todos estais limpos.*
- 12 *Depois de lhes ter lavado os pés, tomou as vestes e, voltando à mesa, perguntou-lhes: Compreendeis o que vos fiz?*
- 13 *Vós me chamais o Mestre e o Senhor e dizeis bem; porque eu o sou.*
- 14 *Ora, se eu, sendo o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros.*
- 15 *Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também.*
- 16 *Em verdade, em verdade vos digo que o servo não é maior do que seu senhor, nem o enviado, maior do que aquele que o enviou.*
- 17 *Ora, se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as praticardes.*
-

No mundo, muitas pessoas pensam que a vida cristã é uma vida de rendição e ajuda aos outros até o esgotamento das suas forças, independentemente se aquilo que as pessoas lhes pedem é segundo a vontade de Deus ou não. E pensam que “isso é o amor que todo crente deveria ter”.

Até devido ao desejo de seguir o exemplo de Cristo, vários cristãos podem chegar a pensar inapropriadamente que servir é fazer os caprichos dos outros. Isto, porém, é um disparate ou um absurdo!

Se alguém observar o relato descrito acima por João, poderá perceber que o Senhor Jesus nunca perdeu o controle de nenhuma situação quando servia as pessoas.

Assim, quando Pedro disse que não deixaria o Senhor lavar os seus pés, o Senhor não lhe deu espaço algum porque Pedro estava tentando tomar o controle das ações da reunião e, por consequência, das ações que ele achava que Cristo deveria fazer.

Embora tivesse vindo ao mundo para servir as pessoas, Cristo jamais entregaria a outros a condução do que a Ele cabia conduzir.

Cristo se apresentou como servo, mas, ao mesmo tempo, deixou explicitamente claro que Ele era o Senhor e o Mestre maior que qualquer um dos seus seguidores e discípulos.

A grandeza de Cristo ter lavado os pés dos discípulos, como exemplo sobre servir, não estava no fato de que um escravo dos discípulos o fez, mas estava no fato do “Rei do Universo” e “Senhor das suas vidas” ter feito o que fez.

A posição firme e inabalável do Senhor na sua humildade é algo que confunde muitas pessoas. E jamais a humildade e o servir de Cristo deveria levar uma pessoa a deduzir ou pensar que Cristo pode ficar sujeita a ela, pois como Abraão já descobriu quando conheceu a Melquisedeque, o menor é abençoado pelo mais proeminente.

*Hebreus 7: 7 **Ora, sem contradição alguma, o menor é abençoado pelo maior. (RC)***

O fato de Cristo estar servindo aos seus discípulos não foi feito em desacordo como o princípio do maior abençoar o menor. Entretanto, ainda que servindo e ter vindo em carne ao mundo para servir, Cristo deixou notoriamente claro que a ordem da sua posição e dos seus discípulos jamais poderia ser invertida.

*João 13: 16 **Em verdade, em verdade vos digo que o servo não é maior do que seu senhor, nem o enviado, maior do que aquele que o enviou.***

*Apocalipse 19: 16 **Tem no seu manto e na sua coxa um nome inscrito: REI DOS REIS E SENHOR DOS SENHORES.***

Pessoas dissociadas de uma boa consciência em relação à glória de Cristo como o Rei da Justiça e Rei da Paz muitas vezes também são aquelas que tentam confundir a outros para levá-los a crer que podem ter a Deus por seu servo e ter a Cristo como o cumpridor das mais diversas declarações que estes fazem em suas arrogantes condutas e posições.

Quando Pedro replicou ao convite de Cristo quando o Senhor Jesus disse que lavaria os seus pés, Cristo não impôs a Pedro que ele deixasse que seus pés fossem lavados. O Senhor não disse a Pedro: “senta aí porque sou eu que mando e vou lavar os teus pés”.

Entretanto, Cristo também não permitiu Pedro tomar conta da condução dos eventos durante a ceia que iria ter com os seus discípulos. E firmemente deu a Pedro uma alternativa para que este optasse o que queria fazer, dizendo-lhe: ***Se eu não te lavar, não tens parte comigo!***

Pedro poderia ter escolhido ir embora, mas o Senhor não abriu mão do serviço que iria realizar e da maneira que iria fazê-lo a Pedro, pois Cristo não veio à Terra fazer o que “Pedros” querem que seja feito, mas Ele veio para fazer a vontade do Pai Celestial e falar o que o Pai Celestial queria que falasse. E também é devido a isto que o Pai Celestial confiou a autoridade sobre tudo exclusivamente a Cristo.

Mais uma vez, então, por que o Senhor agiu assim para com Pedro?

Através do exemplo de Pedro, entre outros aspectos, o Senhor Jesus nos ensinou que Ele somente nos serve naquilo que visa o nosso bem. E jamais seria bom para Pedro e para nós se o Senhor deixasse a criatura assumir domínio sobre o nosso Criador.

No referido episódio, Cristo deixou claro que Ele é que era de fato o Senhor e o Mestre, e que Ele serviria os seus discípulos naquela situação, mas desde que eles o respeitassem como o Senhor e Mestre que serve. E Cristo serviu aos seus discípulos mesmo sabendo que algumas horas após aquela reunião, Ele seria pregado em uma cruz no lugar chamado Calvário.

O Jesus Salvador, o Cordeiro de Deus, o Sumo Sacerdote Eterno que se compadece de nós, é o Cristo, o Rei sobre tudo e todos, mas sempre subordinado e fiel ao Pai Celestial e a vontade do Deus Altíssimo, condição

que Ele não abrirá mão por nenhuma pessoa e por nenhum desejo da criação.

Se em um momento particular da história Cristo permitiu que as trevas triunfassem sobre Ele, também foi porque nesta concessão de triunfo das trevas estava a demonstração da vitória de Deus através de Cristo sobre as próprias trevas e estava a condenação das trevas naquilo que elas achavam que poderiam ser o seu maior triunfo.

*1 Coríntios 1: 25 **Porque a loucura de Deus é mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens.***

*1 Coríntios 2: 6 **Entretanto, expomos sabedoria entre os experimentados; não, porém, a sabedoria deste século, nem a dos poderosos desta época, que se reduzem a nada;**
7 mas falamos a sabedoria de Deus em mistério, outrora oculta, a qual Deus preordenou desde a eternidade para a nossa glória;
8 sabedoria essa que nenhum dos poderosos deste século conheceu; porque, se a tivessem conhecido, jamais teriam crucificado o Senhor da glória;
9 mas, como está escrito: Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam.*

*Apocalipse 17: 14 **Pelejarão eles contra o Cordeiro, e o Cordeiro os vencerá, pois é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis; vencerão também os chamados, eleitos e fiéis que se acham com ele.***

Se, por um lado, Cristo tem todo o tempo que é necessário para nos atender, por outro, Ele está sujeito a uma linha de comando diante do Pai Celestial na qual Ele é chamado a agir em tudo com justiça e conforme o Pai lhe orienta.

Por causa da condição geral de Cristo como o Rei da Justiça e Rei da Paz, assim como também sujeito à realizar todo o querer de Deus, ninguém deveria desprezar o dia da graça e o dia da salvação em qualquer área da vida, pois, no aspecto geral, Cristo também é o Senhor que dará a devida sequência àquilo que o Pai Celestial lhe instruir a realizar.

*2 Coríntios 6: 1 **E nós, na qualidade de cooperadores com ele, também vos exortamos a que não recebais em vão a graça de Deus**
2 (porque ele diz: Eu te ouvi no tempo da oportunidade e te socorri no dia da salvação; eis, agora, o tempo sobremodo oportuno, eis, agora, o dia da salvação).*

Assim, quando chegamos ao nosso Sumo Sacerdote perfeito e eterno e deixamos que Ele nos conduza ao Pai Celestial, o Pai Eterno, por sua vez, exalta ao Senhor Jesus diante dos nossos olhos, e nos faz vê-lo também como seu Filho Eterno, o Cristo, o Rei sobre todos os Reis e o Senhor de todos os Senhores a quem, em tudo, somos chamados

a ouvir e obedecer. E jamais alguma pessoa conseguirá inverter qualquer plano que o Pai Celestial tenha para com o Filho e Rei Jesus Cristo ou qualquer agenda que Cristo tenha para como o Pai Eterno, pois foi o Pai que o exaltou à estas posições.

- Mateus 17: 1* **Seis dias depois, tomou Jesus consigo a Pedro e aos irmãos Tiago e João e os levou, em particular, a um alto monte.**
- 2 E foi transfigurado diante deles; o seu rosto resplandecia como o sol, e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz.**
- 3 E eis que lhes apareceram Moisés e Elias, falando com ele.**
- 4 Então, disse Pedro a Jesus: Senhor, bom é estarmos aqui; se queres, farei aqui três tendas; uma será tua, outra para Moisés, outra para Elias.**
- 5 Falava ele ainda, quando uma nuvem luminosa os envolveu; e eis, vindo da nuvem, uma voz que dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo; a ele ouvi.**
- 6 Ouvindo-a os discípulos, caíram de bruços, tomados de grande medo.**
- 7 Aproximando-se deles, tocou-lhes Jesus, dizendo: Erguei-vos e não temais!**

- Hebreus 4: 6* **Visto, portanto, que resta entrarem alguns nele e que, por causa da desobediência, não entraram aqueles aos quais anteriormente foram anunciadas as boas-novas,**
- 7 de novo, determina certo dia, Hoje, falando por Davi, muito tempo depois, segundo fora declarado: Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o vosso coração.**

Apesar de Rei Soberano e Eterno, Cristo sempre está pronto a servir a todos. Entretanto, se uma pessoa não quiser que Ele a sirva segundo a vontade de Deus, Cristo permite a pessoa negligenciar o seu serviço para com ela, mas jamais aceitará ser dominado por quem quer que seja a pessoa ou por qualquer posição que esta pessoa tenha no mundo e diante dos demais seres humanos.

Como vimos no caso de Pedro, o Senhor serve para o bem, mas caso uma pessoa não queira a maneira do Senhor lhe assistir, Ele claramente diz: ***não tens parte comigo.***

O Senhor Jesus jamais é enganado com propostas de humildade fingida como era a sugestão de Pedro para que ele lavasse os pés do Senhor Jesus, mas que, na realidade, estava questionando o que o Senhor havia dito que faria como se Pedro soubesse melhor do que Cristo o que era mais apropriado realizar naquele momento.

Do Senhor procede toda boa dádiva e todo bom conselho. Por isto, Cristo não necessita tomar conselho advindo das pretensas humildades das pessoas.

Provérbios 8: 14 **Meu é o conselho e a verdadeira sabedoria, eu sou o Entendimento, minha é a fortaleza.**

Isaías 40: 13 **Quem guiou o Espírito do SENHOR? Ou, como seu conselheiro, o ensinou?**

- 14 Com quem tomou ele conselho, para que lhe desse compreensão? Quem o instruiu na vereda do juízo, e lhe ensinou sabedoria, e lhe mostrou o caminho de entendimento?**
- 15 Eis que as nações são consideradas por ele como um pingo que cai de um balde e como um grão de pó na balança; as ilhas são como pó fino que se levanta.**

Isaiás 9: 6 Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz;
7 Do incremento deste principado e da paz, não haverá fim, sobre o trono de Davi e no seu reino, para o firmar e o fortificar em juízo e em justiça, desde agora e para sempre;
o zelo do SENHOR dos Exércitos fará isto. (RA+RC)

Quando o Senhor Jesus se propôs a lavar os pés dos seus discípulos, Ele não foi pego de surpresa pela reação de Pedro, pois Ele o conhecia muito bem. E Ele também não fez isto para expor Pedro à vergonha diante dos outros, mas para que Pedro pudesse se deparar com o desejo que ele próprio tinha de fazer as coisas sempre a seu modo. Pedro precisava entender muitas coisas ali. Pedro precisava ver o distorcido desejo que ele tinha de controlar as situações da sua vida, bem como também dos outros e até de Cristo.

Várias vezes, Pedro se mostrou como a ovelha que queria conduzir o Pastor, em vez de ter “o Senhor” como o “Pastor das Ovelhas”.

Várias vezes em sua vida, Pedro se mostrou impetuoso para tentar liderar inclusive o Senhor Jesus nos seus caminhos, e por isto também por várias vezes era humilhado apesar de querer seguir ao Senhor.

Portanto, a revelação de que em Cristo há um Rei-Servo e não um servo-rei é algo para o qual todo cristão deveria estar atento, pois falta do entendimento da grandeza da glória de Cristo como Rei da Justiça e da Paz pode servir para corromper a consciência dos cristãos, levando-os a pensar que podem governar sobre Aquele que jamais poderá ser governado por criatura alguma, pois nenhuma criatura poderá, jamais, ser colocada na mesma posição de Deus.

Isaiás 45: 22 Olhai para mim e sede salvos, vós, todos os limites da terra; porque eu sou Deus, e não há outro.

Quando as pessoas querem estabelecer a Cristo como seu servo e quando querem estabelecer os próprios seres humanos como aqueles que determinam os destinos das nações, a Terra estremece e não pode subsistir, pois qual ser humano poderá, sequer, chegar próximo ao que Cristo é na sua glória Eterna como Rei da Justiça e Rei da Paz?

Quando o Senhor Jesus caminhou na Terra, Ele era o Rei-Servo vindo de Deus e que seguia a orientação do Pai Celestial em tudo para servir somente àqueles aos quais lhe eram designado servir e como do alto lhe era designado para servi-los. Na condição de Filho do Homem, Cristo aprendeu a crer que tanto o que devia ser feito como o tempo e

a maneira que algo deveria ser feito sempre deveriam estar em conformidade com a vontade do Pai Celestial pelo fato desta vontade ser boa, perfeita e agradável em todos os seus aspectos. E este exemplo de Cristo também é o que nós somos chamados a seguir.

Cristo precisou passar pela morte e morte de cruz para revelar a provisão da nossa salvação. Ele até podia conversar com o Pai em aflição sobre isto, podia pedir para o Pai o livrar da morte de cruz, mas o fez somente sob a condição de que isto não alterasse a vontade do Pai. Cristo cria no fato do Pai Eterno saber o que era justo e reto. Ele tinha o Pai Celestial como firme fundamento da sua fé e tinha as suas promessas como a base de toda a sua esperança.

E devido a Cristo se render integralmente ao Pai Celestial, o Pai Eterno o fez Autor da Salvação e também como Filho do Homem o estabeleceu sobre toda a criação para ser obedecido segundo a obediência que vem pela fé e somente através da qual Cristo está disposto a nos servir eternamente como Sumo Sacerdote Eterno e como o Rei Todo-Poderoso.

*Hebreus 5: 7 **Ele, Jesus, nos dias da sua carne, tendo oferecido, com forte clamor e lágrimas, orações e súplicas a quem o podia livrar da morte e tendo sido ouvido por causa da sua piedade,***
*8 **embora sendo Filho, aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu***
*9 **e, tendo sido aperfeiçoado, tornou-se o Autor da salvação eterna para todos os que lhe obedecem,***
*10 **tendo sido nomeado por Deus sumo sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque.***

*Romanos 16: 25 **Ora, àquele que é poderoso para vos confirmar segundo o meu evangelho e a pregação de Jesus Cristo, conforme a revelação do mistério guardado em silêncio nos tempos eternos,***
*26 **e que, agora, se tornou manifesto e foi dado a conhecer por meio das Escrituras proféticas, segundo o mandamento do Deus eterno, para a obediência por fé, entre todas as nações,***
*27 **ao Deus único e sábio seja dada glória, por meio de Jesus Cristo, pelos séculos dos séculos. Amém!***

Somente na vontade de Deus há salvação, retidão, amor, paz e verdadeira justiça. E por isto, é que Cristo nos serve de maneiras superabundantes somente de acordo com esta vontade soberana, celestial e na qual Ele mesmo sempre andou no mundo sem jamais dela se desviar.

D. O Rei que Reina com Concessões de Escolhas

Quando começamos a ver a questão de Cristo ser também o Rei da Justiça e o Rei da Paz, podemos observar que certamente um dos pontos que deixam muitas pessoas intrigadas está relacionado com a questão do ser humano ter a opção de fazer algumas escolhas fundamentais na sua vida, mesmo quando estas podem não lhe ser favoráveis e ainda que sejam opções por caminhos de injustiça.

Retornando ao exemplo de Pedro abordado no tópico anterior deste capítulo, podemos ver que Cristo concedeu a Pedro a escolha deste deixar que o Senhor lavasse os seus pés ou não, mas, por outro lado, não o fez sem alertar a Pedro da consequência que ele incorreria pela opção que fizesse.

Como o Rei Eterno, Cristo, por exemplo, não obriga ninguém a aceitar o seu Evangelho, sua justiça, paz, luz, salvação, graça, seu sacerdócio, seu reinado e assim por diante, mas, por consequência, as pessoas também ficam sujeitas a colherem da rejeição que fazem destas ofertas do Senhor.

Conforme mencionamos no primeiro estudo desta série, o Evangelho de Deus tem na sua essência a característica de ser uma oferta. E assim, se fosse imposto ao coração das pessoas, ele deixaria de ser verdadeiramente uma oferta. Por outro lado, a rejeição à oferta tão graciosa de Cristo não significa que o Senhor, como Rei, poderá deixar que o desprezo do bem não reflita consequências à vida de uma pessoa, pois neste último caso, o Senhor também não pode agir a favor desta pessoa como Ele poderia fazer se ela tivesse aceito o que do céu lhe foi oferecido.

Por um lado, a escolha do ser humano é muito ampla, pois ele pode decidir seguir a instrução de Deus ou não escolher a favor da orientação que Deus lhe oferece. Por outro lado, a abrangência da sua escolha não é tão ampla como alguns apregoam ser, pois se uma pessoa rejeita a luz do Evangelho de Deus, que é o próprio Cristo, ela também escolhe, por exemplo, ficar restrita quanto a conhecer de maneira mais próxima a glória de Deus e de Cristo que é revelada neste Evangelho.

Em outro exemplo citado anteriormente, também vimos que se uma pessoa optar em se sujeitar à aliança segundo Moisés, ela escolhe pela alternativa onde um véu lhe é posto e que a impede, inclusive, de ver que somente em Cristo o véu pode ser tirado.

Embora o ser humano tenha grande poder de escolha, as escolhas pelos caminhos contrários a Deus vão limitando fortemente a liberdade que uma pessoa possui para fazer as opções corretas.

Embora algumas pessoas apregoem um “livre arbítrio” completo do ser humano, podemos observar nas Escrituras que isto se aplica efetivamente em alguns pontos de decisão, mas não se aplica à todas as decisão que uma pessoa adota ou pretende adotar.

Se as pessoas tivessem plena possibilidade de optar sempre pelo que quisessem, não haveria a necessidade de um Rei da Justiça e Rei da Paz, pois se as pessoas não tivessem restrições e limitações em relação às suas escolhas, este Rei da Justiça e da Paz também não teria autoridade e poder para intervir e restringir as consequências das decisões das pessoas.

Neste ponto, mais uma vez, convém destacar a relevância de Deus nos revelar a sua glória e a glória de Cristo, pois somente através da glória do Senhor é que podemos saber que tudo no reinado de Cristo é feito segundo a justiça eterna de Deus.

Somente através da revelação da glória de que Cristo é o Rei Eterno, Justo, Santo e Todo-poderoso é que podemos compreender e crer que Cristo, como Sumo Sacerdote Eterno, também está disponível a atender a todos que buscam a Deus para se reconciliar com o Senhor, sendo isto impossível de ser compreendido segundo as condições da capacidade do ser humano.

Somente através da revelação da glória de que Cristo é o Rei Eterno é que podemos compreender que Cristo reina justamente e simultaneamente sobre todos individualmente e coletivamente.

Se, porém, os pontos mencionados nos últimos dois parágrafos já são elevadas acima de qualquer similaridade que possa haver na criação, ainda muito mais elevada se mostra a posição de Cristo quando também vemos que ela é acrescida da possibilidade de opções livres a serem realizadas pelas pessoas, mas que, ao mesmo tempo, também são cercadas de restrições e limitações para que em todo o reinado de Cristo jamais haja atuações que comprometam a justiça celestial.

Para que possa haver um reinado em justiça em relação à todas as circunstâncias, faz-se necessário um sistema misto de decisões para o ser humano que vive no mundo, onde, em alguns aspectos, as pessoas têm pleno poder de decisão pessoal, mas onde, em outros aspectos, elas se deparam com restrições, limitações e fronteiras que lhe são estabelecidas pelo Rei da Justiça e Rei da Paz ou até por outros seres humanos e, inclusive, por agentes do reino das trevas.

O tal “sistema de plena independência de escolhas” que muitos gostam de alardear que o ser humano tem não condiz com as Escrituras. E bem sabemos que também não condiz à própria vida civil e societária na qual os seres humanos se encontram.

A começar pelo básico do básico, uma pessoa, na realidade, somente tem opção de fazer, de fato, escolhas livres pelo bem ou pelo mal se Cristo lhe conceder situações onde ela pode fazê-lo com sobriedade e se Cristo lhe conceder circunstâncias onde uma pessoa pode se arrepender dos caminhos contrários à Deus que optou em seguir.

Se Cristo não conceder a uma pessoa ter o acesso à bondade de Deus, ela jamais poderá encontrar o lugar da verdadeira opção pela justiça e pelo bem que provém do Senhor.

*Romanos 2: 4 **Ou desprezas a riqueza da sua bondade, e tolerância, e longanimidade, ignorando que a bondade de Deus é que te conduz ao arrependimento?***

O fato das pessoas não serem completamente consumidas ou destruídas em suas más opções depende, antes de tudo, de uma opção do Rei da Justiça em usar de misericórdia para com elas, conforme é exposto em muitos textos das Escrituras e exemplificado por mais alguns abaixo:

*Salmos 25: 6 **Lembra-te, SENHOR, das tuas misericórdias e das tuas bondades, que são desde a eternidade.***

Salmos 40: 11 Não retenhas de mim, SENHOR, as tuas misericórdias; guardem-me sempre a tua graça e a tua verdade.

Salmos 69: 16 Responde-me, SENHOR, pois compassiva é a tua graça; volta-te para mim segundo a riqueza das tuas misericórdias.

Salmos 145: 9 O SENHOR é bom para todos, e as suas ternas misericórdias permeiam todas as suas obras.

Lamentações 3: 22 As misericórdias do SENHOR são a causa de não sermos consumidos, porque as suas misericórdias não têm fim; 23 renovam-se cada manhã. Grande é a tua fidelidade.

Por que, então, o Senhor Jesus Cristo é o Rei pleno em justiça?

Cristo é o Rei perfeito em justiça também porque naquilo que uma pessoa precisa ter toda a autonomia de decisão, o Senhor não se interpõe na sua escolha, mas naquilo que o Senhor é o regente geral da justiça, Ele estabelece limites e ações para que o fundamento da justiça do trono de Deus jamais seja abalado, entre os quais está também o oferecimento da misericórdia que permite as pessoas se arrependem dos seus maus caminhos e regressarem à comunhão com o Criador Eterno.

Apesar de ninguém ser merecedor delas e apesar de nem todos as acolherem, Cristo oferece a todos as misericórdias de Deus, e nisto, ninguém pode se interpor contra a vontade do Rei da Justiça.

Não há falta de misericórdia em Deus para salvar a todos, mas há pessoas que decidem rejeitar a misericórdia de Deus e, por consequência, também rejeitam a salvação que o Senhor lhes oferece em Cristo Jesus.

Ninguém é condenado por Deus por ter sido parte de injustiças, mas aqueles que estão sujeitos a condenação eterna, o estão por causa da rejeição que fazem da provisão de Deus para não precisarem permanecer condenados. E neste aspecto, uma pessoa tem a autonomia de escolher como ela quer se posicionar, inclusive se a sua opção for contrária à vontade do Senhor e prejudicial à sua própria vida.

João 3: 16 Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.

17 Porquanto Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele.

18 Quem nele crê não é julgado; o que não crê já está julgado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus.

Cristo é o Rei da perfeita justiça celestial porque Nele está a perfeita salvação. E se uma pessoa incorre na condenação perante Deus quanto à vida eterna, isto ocorre

porque a pessoa escolheu rejeitar a provisão que a libertaria de toda a condenação eterna do pecado e da lei de sacerdócios que jamais podem aperfeiçoar aqueles que se submetem a eles.

Lembrando aqui o Evangelho da Justiça de Deus, entendemos que repetidamente convém lembrar que a justiça de Deus para com o ser humano não é expressa essencialmente como condenação, mas é oferecida a todas as pessoas como a provisão de Deus para a salvação eterna de todo aquele que a recebe através da graça de Deus e mediante a fé no Senhor.

Entretanto, a rejeição da justiça do Senhor é um caminho de condenação. É condenação pela rejeição do perdão e da reconciliação que Deus oferece a todos através da justiça celestial.

Assim, uma decisão crucial a ser feita por cada pessoa, e que está diretamente associada à liberdade para as demais escolhas na vida, é receber, voluntariamente, a Cristo como o Rei da Justiça porque ***Cristo é o fim da “lei da condenação” para a justiça de todo aquele que Nele crê*** e para que, a partir desta justificação, esta pessoa passe a estar livre do jugo da injustiça que atua para se interpor para as pessoas não conhecerem a verdade e inclinarem o coração ao Senhor e aos seus caminhos.

Se uma pessoa, porém, rejeita a essência de toda a justiça ou rejeita ao Rei da Justiça que poderá conduzi-la mediante a graça segundo o querer de Deus, como ela poderá fazer as demais opções da sua vida em conformidade com a justiça eterna?

Como uma pessoa desprovida da justiça de Deus, porque que a rejeita, poderá escolher com sobriedade pelos caminhos desta justiça, ainda que tente manifestar um grau zelo por Deus em outros aspectos?

Romanos 10: 1 Irmãos, a boa vontade do meu coração e a minha súplica a Deus a favor deles são para que sejam salvos.

2 Porque lhes dou testemunho de que eles têm zelo por Deus, porém não com entendimento.

3 Porquanto, desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria, não se sujeitaram à que vem de Deus.

4 Porque o fim da lei é Cristo, para justiça de todo aquele que crê.

O Espírito do Senhor continuamente está atuando no mundo para que as pessoas venham a ser alertadas para não incorrerem cada vez mais no pecado e se aprofundarem mais e mais na sujeição a ele. Entretanto, passar a viver uma vida em verdadeira sobriedade para discernir tanto o bem como o mal é algo que não pode ser alcançado de forma dissociada da justiça celestial que há em Cristo Jesus.

Hebreus 5: 13 Ora, todo aquele que se alimenta de leite é inexperiente na palavra da justiça, porque é criança.

14 Mas o alimento sólido é para os adultos, para aqueles que, pela prática, têm as suas faculdades exercitadas para discernir não somente o bem, mas também o mal.

1 Coríntios 1: 30 Mas vós sois dele, em Cristo Jesus, o qual se nos tornou, da parte de Deus, sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção,

31 para que, como está escrito: Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor.

Quando as pessoas pensam que são livres para escolherem o bem para as suas vidas e rejeitarem o mal sem, contudo, discernirem a essência da justiça celestial e andarem segundo esta justiça, elas na realidade ainda não percebem que a verdadeira liberdade não pode ser conhecida e experimentada se elas se mantiverem dissociadas do único caminho no qual encontra-se o bem ou a novidade de vida do Senhor.

Provérbios 12: 28 Na vereda da justiça, está a vida, e no caminho da sua carreira não há morte.

João 8: 31 Disse, pois, Jesus aos judeus que haviam crido nele: Se vós permanecerdes na minha palavra, sois verdadeiramente meus discípulos;

32 e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.

Cristo é o meio para uma pessoa andar em veredas retas. Cristo é o Rei que, segundo a justiça celestial, aplanar os caminhos daqueles que Nele creem. E é somente pela fé em Cristo que alguém recebe o dom da justiça para ser guiada em verdadeira justiça.

Isaías 26: 7 A vereda do justo é plana; tu, que és justo, aplanas a vereda do justo.

8 Também através dos teus juízos, SENHOR, te esperamos; no teu nome e na tua memória está o desejo da nossa alma.

Salmos 5: 8 SENHOR, guia-me na tua justiça, por causa dos meus adversários; endireita diante de mim o teu caminho.

Salmos 86: 11 Ensina-me, SENHOR, o teu caminho, e andarei na tua verdade; dispõe-me o coração para só temer o teu nome.

Romanos 5: 17 Se, pela ofensa de um e por meio de um só, reinou a morte, muito mais os que recebem a abundância da graça e o dom da justiça reinarão em vida por meio de um só, a saber, Jesus Cristo.

Se uma pessoa pensa que é livre pelo fato de poder fazer algumas obras que aos seus olhos pareçam ser boas, mas não está livre para mudar das veredas da injustiça para o caminho da justiça, a sua aparente liberdade de escolha não se refere à verdadeira liberdade que Cristo quer lhe proporcionar e nem ela está discernindo de fato tanto o

bem como o mal quanto às questões mais relevantes da vida e, principalmente, para a vida eterna.

Isaiás 59: 8 **Desconhecem o caminho da paz, nem há justiça nos seus passos; fizeram para si veredas tortuosas; quem anda por elas não conhece a paz.**

Romanos 3: 9(b) ... **pois já temos demonstrado que todos, tanto judeus como gregos, estão debaixo do pecado;**

...
23 pois todos pecaram e carecem da glória de Deus.

Gálatas 2: 16 **Sabendo, contudo, que o homem não é justificado por obras da lei, e sim mediante a fé em Cristo Jesus, também temos crido em Cristo Jesus, para que fôssemos justificados pela fé em Cristo e não por obras da lei, pois, por obras da lei, ninguém será justificado.**

Se não fosse o próprio Deus que desse a opção para uma pessoa escolher entre o caminho da justiça e o caminho da injustiça, uma pessoa sujeita ao pecado jamais sequer se disporia a buscar a Deus, visto que sujeito ao pecado, um indivíduo também tem os olhos do seu entendimento em relação a Deus obscurecidos.

Romanos 5: 12 **Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram.**

2 Coríntios 4: 6 **Porque Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo.**

João 16: 7 **Mas eu vos digo a verdade: convém-vos que eu vá, porque, se eu não for, o Consolador não virá para vós outros; se, porém, eu for, eu vo-lo enviarei.**

8 Quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo:

9 do pecado, porque não creem em mim;

10 da justiça, porque vou para o Pai, e não me vereis mais;

11 do juízo, porque o príncipe deste mundo já está julgado.

Assim, fazer a opção por praticar algumas obras intituladas de “boas obras” não justifica uma pessoa que tem uma dívida de morte para com o pecado ou para com a lei segundo a Ordem de Arão.

A dívida concernente à condenação de morte somente pôde ser paga através de uma vida inocente que se doou em favor dos pecadores. E isto, nenhum ser humano com a natureza herdada de Adão teve ou tem opção ou pré-requisitos para fazê-lo, pois ninguém era e ninguém é de fato livre, por si só, para escolher pelo bem eterno depois que o ser humano se sujeitou ao domínio do pecado e este entrou no mundo.

A verdadeira liberdade de opção somente é alcançada quando Deus a concede a um indivíduo, e a qual é dada, acima de tudo, para uma pessoa poder escolher livremente por Cristo e, por sua vez, estando em Cristo, continuar optando por viver e andar Nele.

A justiça de Deus, e por consequência a liberdade para discernir tanto o do bem como o mal e para escolher o bem principalmente também sob a ótica eterna, não pode ser encontrada sob nenhum outro governo a não ser o governo do Rei Eterno da Justiça e Paz.

*João 8: 36 **Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres.***

Se uma pessoa pudesse optar em fazer o bem exclusivamente a partir da sua própria decisão, ninguém necessitaria de Cristo, ninguém necessitaria de um Rei Soberano da Justiça, pois o andar ou não andar na justiça dependeria de cada ser humano, o qual assim até poderia fazê-lo sem Deus se tão somente tivesse a informação do que seria justo e do que não seria apropriado. E não era exatamente esta a proposta do reinado sob a Ordem de Arão, sob o reinado da lei que durou de Moisés até a vinda da revelação de Cristo ao mundo?

*Gálatas 2: 21 **Não anulo a graça de Deus; pois, se a justiça é mediante a lei, segue-se que morreu Cristo em vão.***

Depois que uma pessoa opta por não seguir a Cristo, por mais que ela pense que ela é livre para escolher o bem a hora que ela quiser, ela é uma pessoa chamada por Paulo de “miserável homem” e, em outro texto, como filho da desobediência sujeito ao curso do mundo e do príncipe das trevas, e não segundo a instrução de Deus.

*Romanos 7: 18 **Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem algum; e, com efeito, o querer está em mim, mas não consigo realizar o bem.***

*19 **Porque não faço o bem que quero, mas o mal que não quero, esse faço.***

...

*23 **Mas vejo nos meus membros outra lei que batalha contra a lei do meu entendimento e me prende debaixo da lei do pecado que está nos meus membros.***

*24 **Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte? (RC)***

*Efésios 2: 1(b) ... **estando vós mortos nos vossos delitos e pecados,***

- 2 nos quais andastes outrora, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe da potestade do ar, do espírito que agora atua nos filhos da desobediência;**
- 3 entre os quais também todos nós andamos outrora, segundo as inclinações da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos, por natureza, filhos da ira, como também os demais.**

Eféios 5: 8(a) Pois, outrora, éreis trevas, ...

Muitas pessoas têm rejeitado a orientação do Rei da Justiça, o Rei Jesus Cristo, porque elas têm sido colocadas debaixo de um torpor de engano sob o pensamento de que pelo fato de poderem escolher não buscar a justiça que há em Cristo, elas estariam em condição de livre escolha ou na condição de exercer um “pleno livre arbítrio”, não percebendo que dissociadas de Cristo, as obras da carne e as forças maiores da maldade têm significativo poder de influência em suas decisões.

Dissociado de Cristo, a alegação de que uma pessoa tem “pleno livre arbítrio” é uma forma disfarçada ou dissimulada de ocultar o fato de que a pessoa está sob um torpor de engano por rejeitar “a liberdade de escolha em favor do amor da verdade de Deus”.

- 2Tessalonicenses 2: 9 Ora, o aparecimento do iníquo é segundo a eficácia de Satanás, com todo poder, e sinais, e prodígios da mentira,*
- 10 e com todo engano de injustiça aos que perecem, porque não acolheram o amor da verdade para serem salvos.*
- 11 É por este motivo, pois, que Deus lhes manda a operação do erro, para darem crédito à mentira,*
- 12 a fim de serem julgados todos quantos não deram crédito à verdade; antes, pelo contrário, deleitaram-se com a injustiça.*

Quando uma pessoa pensa que ela realmente é livre para decidir, a hora que quiser, entre faz o bem e o mal, e segundo a sua própria disposição, ela de fato ainda não compreendeu o quão vital é a posição e a atuação de Cristo como o Rei da Justiça.

Entretanto, quando vemos a maneira como o Senhor atua para com aqueles que rejeitam o amor da verdade, vemos que mesmo diante da opção das pessoas escolherem pela rejeição da justiça que Ele lhes oferece, o Senhor reina sobre elas inclusive quanto ao aspecto de que elas incorram nos erros advindos da escolha de rejeitarem o amor da verdade.

Até diante das opções das pessoas pelos caminhos da injustiça ou da rejeição ao amor da verdade, o Rei da Justiça é justo para com as pessoas quando permite que elas colham resultados das suas más escolhas.

Se uma pessoa optasse pela injustiça e não estivesse sujeita a colher resultados advindos desta escolha, como ela e como as outras pessoas poderiam ver o quão destrutivas e perversas são as escolhas relacionadas à rejeição do amor da verdade?

Gálatas 6: 7 **Não vos enganeis: de Deus não se zomba; pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará.**
8 *Porque o que semeia para a sua própria carne da carne colherá corrupção; mas o que semeia para o Espírito do Espírito colherá vida eterna.*

Primeiramente, o Rei da Justiça atua oferecendo a misericórdia, a verdade e o amor da verdade. Depois ainda atua oferecendo restrições e limitações à prática do mal através de governantes na Terra, tais como os pais, os regentes nas escolas e os demais regentes de uma cidade ou de uma nação. Entretanto, se uma pessoa continua a escolher pela rejeição das alternativas que são oferecidas para a sua proteção, o Senhor também permite que as pessoas colham da injustiça que adotam para que venham a conhecer a “verdade” sobre as más consequências que a escolha pela injustiça pode acarretar na vida daquele que a ela se sujeita.

O Rei da Justiça não deixa o soberbo ou o arrogante inteiramente livre em seus caminhos, mas antes o resiste em vários sentidos, além do fato de que uma pessoa dissociada da graça e da verdade de Deus ainda fica sujeita a também seguir sendo enganada pelo fato de estar dissociada da luz que em verdade poderia iluminar o seu coração e o caminho da novidade de vida no Senhor.

Repetidamente e através de várias maneiras, o Senhor alerta as pessoas sobre as más decisões às quais inclinam os seus corações e as adverte para que se arrependam. Se, porém, elas insistirem em perseverar no mal, o Senhor também permite que colham dos enganos aos quais vão se entregando, podendo, inclusive, acentuar a sujeição delas aos seus erros para que elas e o mundo vejam o quão mal é a opção pelo engano em detrimento da opção pelo caminho da verdade.

2 Timóteo 3: 13 **Mas os homens perversos e impostores irão de mal a pior, enganando e sendo enganados.**

Provérbios 22: 5 **Espinhos e laços há no caminho do perverso; o que guarda a sua alma retira-se para longe deles.**

E considerando que a fascinação das riquezas é figurada no ensino do Senhor Jesus Cristo como espinhos, e ainda, que o amor do dinheiro é raiz de todos os males, uma pessoa que enriquece sem que a sua riqueza tenha vinda com a aprovação do Senhor, é uma pessoa que pode estar sendo envolta cada vez mais em espinhos à medida em que enriquece. Várias prosperidades humanas tidas como nobres entre eles, muitas vezes são, na realidade, a prosperidade de espinhos e laços. (Assunto abordado mais amplamente no estudo sobre O Cristão e as Riquezas da série A Vida do Cristão no Mundo.)

João 3: 27 **Respondeu João: O homem não pode receber coisa alguma se do céu não lhe for dada.**

Por que, então, o Rei da Justiça permite que espinhos e laços se multipliquem no caminho dos perversos?

Entre os outros aspectos, para que tanto os perversos como aqueles que os rodeiam testemunhem o quão danoso é inclinar o coração aos caminhos da injustiça, da iniquidade, da perversidade e do engano.

Deus jamais se omitiu de permitir que as pessoas viessem a saber da existência do mal e de quão danoso é escolher viver e andar nos caminhos da perversidade, sendo isto também parte da revelação da justiça de Deus e da injustiça que se opõe ao Senhor.

Se o assunto da justiça e da injustiça fosse visto somente pelo perspectiva da justiça na Terra e não englobasse a justiça eterna e celestial, jamais a justiça do Rei da Justiça poderia ser compreendida e crida através da fé no Senhor, visto que muitos efeitos da justiça de Senhor somente terão o cumprimento pleno na vida de uma pessoa após o tempo de vida na Terra.

Para a mente natural humana, ou a mente dissociada da fé no Senhor e da instrução de Cristo, entender a justiça onde crianças morrem, ou onde crianças até são mortas, é algo que vai além da capacidade humana de compreensão. Entretanto, saber que o reino dos céus é das crianças é uma instrução que permite elevarmos os nossos olhos à percepção de que na justiça eterna, este tipo de injustiça não prevalece para sempre e de que no devido tempo tudo passará a estar apropriadamente esclarecido àqueles que confiam na justiça do Rei Eterno.

Por outro lado, **o Rei da Justiça também não permite que as pessoas cometam pecados e delitos por tempos indeterminados, inteiramente sem limites e sem que sejam severamente punidos, mostrando-nos que o Senhor, na sua sabedoria eterna e no conhecimento pleno de tudo e de todos, também estabelece limites de tempos para as ações do mal provendo fortes intervenções contra o mal.**

2 Pedro 2: 1 Assim como, no meio do povo, surgiram falsos profetas, assim também haverá entre vós falsos mestres, os quais introduzirão, dissimuladamente, heresias destruidoras, até ao ponto de renegarem o Soberano Senhor que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina destruição.

2 E muitos seguirão as suas práticas libertinas, e, por causa deles, será infamado o caminho da verdade;

3 também, movidos por avareza, farão comércio de vós, com palavras fictícias; para eles o juízo lavrado há longo tempo não tarda, e a sua destruição não dorme.

No presente estudo e nos anteriores, por diversas vezes, já vimos que a vinda de Cristo em carne ao mundo deu-se na plenitude do tempo, deu-se no tempo perfeito para que tanto o bem como o mal, ou a essência da justiça e da injustiça, ficassem expostos em plenitude diante de Cristo e diante da cruz do Calvário, mostrando-nos o absoluto domínio que Deus tem sobre todas as coisas e sobre o tempo para cada uma delas serem expostas à luz para também serem julgadas diante desta luz.

1 Coríntios 4: 5 Portanto, nada julgueis antes do tempo, até que venha o Senhor, o qual não somente trará à plena luz as coisas ocultas das trevas, mas também manifestará os desígnios dos corações; e, então, cada um receberá o seu louvor da parte de Deus.

Já mostramos também várias vezes que a vontade de Deus é que todos venham ao conhecimento da verdade, da verdade de que Cristo é o Único Mediador entre Deus e as pessoas no mundo, e por isto, Deus tem sido longânime em reter o encerramento completo do mundo na concepção que o conhecêssemos em nossos dias.

Portanto, com a mente natural ou restritas às coisas que estão debaixo do sol é difícil compreender a atitude do Rei da Justiça em ser generoso, bondoso, misericordioso com todos ainda que sejam vis pecadores. Mas se assim Ele não fosse, quem dos que já receberam a salvação do Senhor poderiam ter sido salvos, visto que todos pecaram e estavam apartados da glória de Deus?

Ao ver a repetida ênfase que Deus dá à sua misericórdia através das Escrituras, parece-nos ser apropriado extrair delas o pensamento de que o Senhor não desiste de uma pessoa até que a pessoa tenha assentado decididamente no coração rejeitar a bondade e a misericórdia de Deus para com ela.

No sentido eterno da vida, o fato do malfeitor na cruz estar ao lado de Cristo no momento da crucificação foi crucial para ele, pois ele pôde se deparar com a possibilidade do amor do Senhor Jesus bem diante de sua própria iminente condenação não só no plano natural, mas também eterna. Se este ladrão estivesse à soltas nas ruas, teria ele prestado atenção a Cristo, teria ele aberto o coração para a salvação que Deus nos oferece no Senhor Jesus?

De forma alguma estamos aqui defendendo a pena de morte ou este tipo de prática, mas dizendo que o Senhor, ao perdoar aquele malfeitor na iminência de sua morte, exemplificou mais uma vez que a salvação não é por obras, mas pela misericórdia e graça de Deus. E ainda que pelo sistema judiciário de sua época aquele criminoso foi merecedor da pena que lhe foi imposta pelos governantes humanos, conforme ele próprio confessou, Cristo o perdoou porque ele aproveitou a oportunidade de ter ficado frente a frente com a salvação que Deus estava revelando e oferecendo a todas as pessoas no mundo.

Por outro lado, Deus também nos mostrou que mesmo em posição de iminente morte, outros podem resistir até o fim diante da oportunidade e da graça que lhes é oferecida e não recebê-la em seus corações. O segundo malfeitor crucificado ao lado de Cristo, como também grande parte da multidão que assistia a crucificação, continuou a blasfemar de Cristo até o fim, inclusive “exigindo” que Cristo saísse da cruz e também o tirasse de lá.

Lucas 23: 39 Um dos malfeitores crucificados blasfemava contra ele, dizendo: Não és tu o Cristo? Salva-te a ti mesmo e a nós também.

Embora a narrativa do contexto da crucificação de Cristo seja resumida ou breve, podemos observar através dela o quão imensuravelmente desafiador é exercer com justiça a regência de todos os aspectos ali envolvidos, onde estavam colocadas lado a lado (1) a condenação do Filho do Homem completamente inocente e que escolheu permitir que ali estivesse para prover a salvação aos pecadores, (2) a condenação através de governantes humanos e permitida por Deus de um malfeitor que embora condenado perante os homens escolheu se arrepender perante o Senhor e (3) a

condenação de um criminoso que escolheu não se arrepender diante da provisão salvadora de Deus que estava bem diante dos seus olhos.

- Lucas 23: 40 Respondendo-lhe, porém, o outro, repreendeu-o, dizendo:
Nem ao menos temes a Deus, estando sob igual sentença?*
- 41 Nós, na verdade, com justiça, porque recebemos o castigo que os
nossos atos merecem; mas este nenhum mal fez.*
- 42 E acrescentou: Jesus, lembra-te de mim quando vieres no teu
reino.*
- 43 Jesus lhe respondeu: Em verdade te digo que hoje estarás comigo
no paraíso.*
- 44 Já era quase a hora sexta, e, escurecendo-se o sol, houve trevas
sobre toda a terra até à hora nona.*
- 45 E rasgou-se pelo meio o véu do santuário.*
- 46 Então, Jesus clamou em alta voz: Pai, nas tuas mãos entrego o
meu espírito! E, dito isto, expirou.*

Mesmo na hora da sua maior dor, sofrimento e confrontado intensamente pela injustiça, o Senhor Jesus continuou a reinar mediante a justiça e o oferecimento de reconciliação e paz, não livrando, aos olhos naturais, um dos ladrões como este demandava Dele, mas livrando o outro eternamente, embora também tenha permitido que este morresse ali na cruz segundo o juízo dos homens.

E se na cruz do Calvário, o momento da maior aflição do Senhor Jesus, Ele continuou fiel ao reinado da justiça e da paz porque almejava mais a vida eterna dos pecadores do que somente oferecer-lhes um livramento no plano natural, Ele também será eternamente fiel, justo e reto nas suas ações para com todos agora que está junto ao Pai Celestial no mais alto lugar e acima de todos os tronos.

Entretanto, se uma pessoa continuar a rejeitar a justiça de Deus que o Senhor oferece a seu favor, a despeito de toda a longanimidade, misericórdia e prova do amor de Deus que há em Cristo, esta mesma justiça também atuará em conjunto com o reto juízo contra a pessoa que a rejeitou.

Se retornarmos ao exemplo dos malfeitores crucificados ao lado de Cristo, vemos que Cristo, no aspecto eterno, não condenou a nenhum dos dois malfeitores, mas foi a resistência a Cristo como a provisão de salvação eterna que se interpôs para que um deles não ouvisse a promessa de que estaria para sempre com o Senhor.

*Romanos 5: 8 Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo
fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores.*

- Romanos 2: 3 Tu, ó homem, que condenas os que praticam tais coisas e
fazes as mesmas, pensas que te livrarás do juízo de Deus?*
- 4 Ou desprezas a riqueza da sua bondade, e tolerância, e
longanimidade, ignorando que a bondade de Deus é que te conduz ao
arrependimento?*
- 5 Mas, segundo a tua dureza e coração impenitente, acumulas contra
ti mesmo ira para o dia da ira e da revelação do justo juízo de Deus,
6 que retribuirá a cada um segundo o seu procedimento:*

- 7 a vida eterna aos que, perseverando em fazer o bem, procuram glória, honra e incorruptibilidade;**
8 mas ira e indignação aos facciosos, que desobedecem à verdade e obedecem à injustiça.
9 Tribulação e angústia virão sobre a alma de qualquer homem que faz o mal, ao judeu primeiro e também ao grego;
10 glória, porém, e honra, e paz a todo aquele que pratica o bem, ao judeu primeiro e também ao grego.
11 Porque para com Deus não há acepção de pessoas.

João 6: 29 Respondeu-lhes Jesus: A obra de Deus é esta: que creiais naquele que por ele foi enviado.

A missão que o Pai Celestial conferiu ao Rei Jesus Cristo não é, primeiramente, sair erradicando os maus, mas é oferecer-lhes abundantemente o caminho da redenção para que possam alcançar a sobriedade para escolherem, mediante a fé, o bem eterno, a salvação eterna, ainda que o Senhor nem sempre os livre de restrições ou condenações humanas.

1 Pedro 4: 6 Pois, para este fim, foi o evangelho pregado também a mortos, para que, mesmo julgados na carne segundo os homens, vivam no espírito segundo Deus.

Como Rei da Justiça, Cristo conhece a “maldade, as artimanhas e as estratégias” do coração humano e precisa saber agir de tal forma que não os repreenda a ponto de destruí-los. Por outro lado, também não pode deixá-los viver no pecado sem os alertar firmemente para não incorrerem em males piores e nem pode reter o juízo dos malfeitores indeterminadamente.

Portanto, **administrar a justiça diante das opções feitas por cada pessoa e diante da realidade coletiva na qual elas estão inseridas tanto no aspecto temporal como eterno é algo que somente o Rei da Justiça e o Rei da Paz, acima de tudo no Céu e na Terra, pode fazer.**

Cristo desceu diante do mais vil mal produzido para manifestar a justiça soberana de Deus sobre tudo e sobre todos. E também por isto, o Pai Celestial o colocou no lugar mais exaltado, a saber: À sua destra.

- Efésios 4: 7 E a graça foi concedida a cada um de nós segundo a proporção do dom de Cristo.**
8 Por isso, diz: Quando ele subiu às alturas, levou cativo o cativo e concedeu dons aos homens.
9 Ora, que quer dizer subiu, senão que também havia descido às regiões inferiores da terra?
10 Aquele que desceu é também o mesmo que subiu acima de todos os céus, para encher todas as coisas.

A salvação de Deus ocorre no coração de uma pessoa quando ela recebe a Cristo e através da qual a vida eterna já passar a estar nela, pois todo aquele que tem o Filho de Deus tem a vida. Entretanto, algumas partes da ação de Deus no mundo serão reveladas somente no fim do chamado presente século. E até este tempo final do presente mundo, embora tudo esteja sempre sob o governo Daquele que é plenamente poderoso para nos guardar até o fim mediante a fé em Deus, as pessoas que nele habitam permanecem em um ambiente onde há a presença da justiça de Deus simultaneamente com a injustiça.

***1Timóteo 5: 24 Os pecados de alguns homens são notórios e levam a juízo, ao passo que os de outros só mais tarde se manifestam.
25 Da mesma sorte também as boas obras, antecipadamente, se evidenciam e, quando assim não seja, não podem ocultar-se.***

Assim, a condição de longanimidade de Deus pode implicar em algumas injustiças da parte do mundo para com os próprios filhos Deus, pois, para o Senhor, é mais importante que alguns dos seus filhos, firmes na fé, sofram alguma injustiça que não lhe comprometa a vida eterna do que proteger os seus filhos de todos os males e com isto não ser dado uma oportunidade para os pecadores conhecerem a verdade e terem a chance de se arrependem.

***1 Pedro 1: 3 Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a sua muita misericórdia, nos regenerou para uma viva esperança, mediante a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos,
4 para uma herança incorruptível, sem mácula, imarcescível, reservada nos céus para vós outros
5 que sois guardados pelo poder de Deus, mediante a fé, para a salvação preparada para revelar-se no último tempo.
6 Nisso exultais, embora, no presente, por breve tempo, se necessário, sejais contristados por várias provações,
7 para que, uma vez confirmado o valor da vossa fé, muito mais preciosa do que o ouro perecível, mesmo apurado por fogo, redunde em louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo;
8 a quem, não havendo visto, amais; no qual, não vendo agora, mas crendo, exultais com alegria indizível e cheia de glória,
9 obtendo o fim da vossa fé: a salvação da vossa alma.***

Há aflições no mundo que sobrevêm também aos cristãos para que as pessoas venham a conhecer a glória da presença de Cristo no coração dos cristãos e da vitória que o Senhor concede aos filhos de Deus mesmo diante das injustiças.

***1 Pedro 3: 14 Mas, ainda que venhais a sofrer por causa da justiça, bem-aventurados sois. Não vos amedronteis, portanto, com as suas ameaças, nem fiqueis alarmados;
15 antes, santificai a Cristo, como Senhor, em vosso coração, estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós,
16 fazendo-o, todavia, com mansidão e temor, com boa consciência, de modo que, naquilo em que falam contra vós outros, fiquem***

envergonhados os que difamam o vosso bom procedimento em Cristo,
17 porque, se for da vontade de Deus, é melhor que sofraís por praticardes o que é bom do que praticando o mal.

1 Pedro 4: 12 Amados, não estranheis o fogo ardente que surge no meio de vós, destinado a provar-vos, como se alguma coisa extraordinária vos estivesse acontecendo;
13 pelo contrário, alegrai-vos na medida em que sois coparticipantes dos sofrimentos de Cristo, para que também, na revelação de sua glória, vos alegreis exultando.
14 Se, pelo nome de Cristo, sois injuriados, bem-aventurados sois, porque sobre vós repousa o Espírito da glória e de Deus.
15 Não sofra, porém, nenhum de vós como assassino, ou ladrão, ou malfeitor, ou como quem se intromete em negócios de outrem;
16 mas, se sofrer como cristão, não se envergonhe disso; antes, glorifique a Deus com esse nome.

Em seu reinado de justiça e paz, Cristo permite, inclusive, que aqueles que o servem e que já o conheceram como o Rei da Justiça venham a passar por tribulações que cooperam com a própria divulgação da glória do Senhor como Rei da Justiça e da Paz, sendo isto considerado por Paulo até como uma privilégio caso venha a ocorrer.

Filipenses 1: 29 Porque vos foi concedida a graça de padecerdes por Cristo e não somente de crerdes nele,
30 pois tendes o mesmo combate que vistes em mim e, ainda agora, ouvis que é o meu.

2 Timóteo 3: 12 Ora, todos quantos querem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos.
13 Mas os homens perversos e impostores irão de mal a pior, enganando e sendo enganados.

Aqui, porém, gostaríamos de destacar ainda, e de maneira acentuada, que nem todo sofrimento que sobrevém a um cristão lhe sobrevém para contribuir para a glória de Deus. Nem todo sofrimento de um cristão coopera com a glória de Cristo e nem todo prolongamento de um sofrimento na vida de um cristão deveria ser estendido além daquilo que contribui para o testemunho do Senhor ou edificação.

E quanto aos sofrimentos que não cooperam para que a glória de Cristo seja conhecida na vida de um cristão ou anunciada ao mundo que resiste a Deus, o Senhor nos permite recorrer ao seu trono de justiça onde há um conjunto de ações que Cristo adota em função das atitudes, orações ou súplicas dos cristãos em prol da manifestação da justiça e da intervenção do Senhor em suas vidas e no mundo em geral.

Embora nem todo o sofrimento possa ser evitado na vida de um cristão, o Senhor repetidamente nos ensina a não sermos complacentes com os sofrimentos e com as

injustiças que há no mundo, mostrando-nos que a nossa cooperação pode ter expressiva participação em relação à intensidade ou à quantidade de injustiças que ocorrem no mundo.

1 Pedro 4: 15 Não sofra, porém, nenhum de vós como assassino, ou ladrão, ou malfeitor, ou como quem se intromete em negócios de outrem;

16 mas, se sofrer como cristão, não se envergonhe disso; antes, glorifique a Deus com esse nome.

Romanos 6: 12 Não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal, de maneira que obedeçais às suas paixões;

13 nem ofereçais cada um os membros do seu corpo ao pecado, como instrumentos de iniquidade; mas oferecei-vos a Deus, como ressurretos dentre os mortos, e os vossos membros, a Deus, como instrumentos de justiça.

14 Porque o pecado não terá domínio sobre vós; pois não estais debaixo da lei, e sim da graça.

15 E daí? Havemos de pecar porque não estamos debaixo da lei, e sim da graça? De modo nenhum!

16 Não sabeis que daquele a quem vos oferecis como servos para obediência, desse mesmo a quem obedeceis sois servos, seja do pecado para a morte ou da obediência para a justiça?

Paulo orava e pedia orações aos seus irmãos de fé em Cristo para que ele fosse guardado de homens maus e perversos, assim como ele pedia para orarem para que a palavra de Deus também fosse divulgada intensamente no mundo. E se ele orava e pedia oração a outros cristãos é porque as suas orações têm participação no reinado do Rei da Justiça e da Paz.

2 Ts 3: 1 Finalmente, irmãos, orai por nós, para que a palavra do Senhor se propague e seja glorificada, como também está acontecendo entre vós;

2 e para que sejamos livres dos homens perversos e maus; porque a fé não é de todos.

3 Todavia, o Senhor é fiel; ele vos confirmará e guardará do Maligno.

Filipenses 4: 6 Não andeis ansiosos de coisa alguma; em tudo, porém, sejam conhecidas, diante de Deus, as vossas petições, pela oração e pela súplica, com ações de graças.

7 E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará o vosso coração e a vossa mente em Cristo Jesus.

Quando um cristão ora ao Rei da Justiça e ao Rei da Paz para que o Senhor conceda mais da sua justiça e paz sobre a Terra, o Senhor também intensifica a manifestação da sua misericórdia, justiça e paz a estes que oram, bem como àqueles a favor de quem um cristão ora.

A atuação do mal encontra limites diante de Cristo, mas, por outro lado, há decisões pessoais de um indivíduo que Cristo jamais violará. E também por isto, parte da intervenção de Deus a favor das pessoas depende da exposição de suas questões diante do Senhor e de serem acompanhadas de pedidos de intervenção de Cristo a seu favor.

Deus enviou seu Filho ao mundo para morrer por todos para livrá-los do jugo do pecado e da condenação eterna que dele advém. Se, porém, alguém quiser ficar sujeito ao jugo do pecado e da condenação que dele advém e não busca o Senhor em oração, mesmo sabendo que não precisa fazê-lo ou que Cristo já realizou a provisão de redenção e perdão, Deus permite que as pessoas façam esta opção.

Apesar de Cristo ter o governo sobre o estabelecimento dos limites para a atuação da injustiça, uma parte significativa deste estabelecimento depende das pessoas quando pedem a Cristo para intervir a seu favor ou quando não pedem a Cristo para intervir a seu favor.

Uma vez que o Senhor reina usando princípios que concedem alternativas de escolhas às pessoas, o Senhor também lhes concede algumas permissões e uma medida de tempo para que cada geração e cada indivíduo caminhe conforme suas decisões e para que venham a descobrir os efeitos que delas podem advir. Nesses períodos, os resultados das coisas boas e das más vão se tornando mais evidentes, também levando a tempos da intervenção inevitável do Senhor, mas os quais, em várias situações, podem ser antecipados e abreviados se os cristãos orarem ao Senhor para que Ele manifeste a sua justiça na Terra.

Se as gerações atuais consultassem mais as Escrituras sobre a posição de Cristo como o Rei da Justiça e vissem o que as Escrituras testificam sobre esta condição do Senhor, e ainda, orassem para que Cristo se manifestasse ainda mais em justiça a seu favor, elas não precisariam experimentar muitas coisas ruins que outras gerações optaram passar ou que passaram por negligenciar ao Senhor. E a cada nova geração, as evidências da justiça e da injustiça estão mais notórias, o que faz, também, que a responsabilidade das gerações atuais para com a justiça seja mais iminente, conforme exemplificado nos textos abaixo:

1 Coríntios 10: 11 Estas coisas lhes sobrevieram como exemplos e foram escritas para advertência nossa, de nós outros sobre quem os fins dos séculos têm chegado.

Hebreus 12: 25 Tende cuidado, não recuseis ao que fala. Pois, se não escaparam aqueles que recusaram ouvir quem, divinamente, os advertia sobre a terra, muito menos nós, os que nos desviamos daquele que dos céus nos adverte,

26 aquele, cuja voz abalou, então, a terra; agora, porém, ele promete, dizendo: Ainda uma vez por todas, farei abalar não só a terra, mas também o céu.

2 Pedro 3: 11 Visto que todas essas coisas hão de ser assim desfeitas, deveis ser tais como os que vivem em santo procedimento e piedade,

12 esperando e apressando a vinda do Dia de Deus, por causa do qual os céus, incendiados, serão desfeitos, e os elementos abrasados se derreterão.

Para o nosso bem e para a manifestação ainda mais abundante da sua justiça, Cristo anela que pessoas exerçam sua liberdade de escolha para pedirem ao Senhor o bem, fazendo orações por todos em toda a Terra e também clamando ao Senhor em favor de todos aqueles que estão em posição de eminência para que as suas ações cooperem para uma vida tranquila e mansa com vistas à piedade, reverência e honestidade.

1 Timóteo 2: 1 Antes de tudo, pois, exorto que se use a prática de súplicas, orações, intercessões, ações de graças, em favor de todos os homens,

2 pelos reis e por todos os que estão em eminência, para que tenhamos uma vida quieta e sossegada, em toda a piedade e honestidade.

3 Isto é bom e aceitável diante de Deus, nosso Salvador,

4 o qual deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade.

5 Porquanto há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem,

6 o qual a si mesmo se deu em resgate por todos: testemunho que se deve prestar em tempos oportunos.

O Senhor Jesus disse que os seus seguidores são o sal da Terra e a luz do mundo. E isto começa, “**antes de tudo**”, com a oração junto ao trono de Deus, onde o Rei da Justiça e o Rei da Paz está assentado.

Orar ao Senhor em favor de todas as pessoas no mundo e daqueles que estão em posição de eminência é uma obra (ou ministério) que todo cristão é chamado a fazer!

No sistema onde as pessoas têm alternativas de escolhas em vários aspectos de suas vidas, o Senhor anela por indivíduos que o amem e que também, por livre escolha, desejem o bem para as pessoas do mundo ao ponto de orarem a seu favor ao Senhor. E desta forma, a alternativa coletiva do mal encontra também resistência de pessoas que habitam no mundo, pois como há cristãos orando pela justiça de Deus, Cristo intensifica a manifestação da sua luz, misericórdia, justiça, graça e paz sobre as mais diversas áreas da vida na Terra na geração daqueles que oram a Ele.

Assim, a começar pela oração, todo cristão tem um papel de cooperação com o Senhor Jesus Cristo na multiplicação do reino celestial e da justiça de Deus entre as pessoas.

O pensamento de que “se eu temo a Deus, Ele deve me abençoar como eu quero ou somente a mim”, não contribui com o reinado de Cristo. Pelo contrário, é mais um caminho que se inclina a entrar no fluxo de vida egocêntrica e de injustiça que há na Terra.

O Senhor Jesus Cristo diz:

- Mateus 6: 31* **Portanto, não vos inquieteis, dizendo: Que comeremos? Que beberemos? Ou: Com que nos vestiremos?**
- 32* **Porque os gentios é que procuram todas estas coisas; pois vosso Pai celeste sabe que necessitais de todas elas;**
- 33* **buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas.**

Apesar da injustiça não poder prevalecer contra Cristo e o Senhor ser pleno no reinado em justiça, o Senhor convida as pessoas a amarem o seu reinado e a sua justiça. E à medida que o fazem, elas se colocam em posição de serem testemunhas e agentes para que esta justiça se estenda para ser conhecida e oferecida mais amplamente também aos que estão ao seu redor.

Se, porém, um cristão não conhece os aspectos básicos da justiça de Deus, conforme já vimos anteriormente, este cristão se coloca em uma posição de ser “carnal” por não discernir o bem e o mal. E assim, ele pode acabar sendo mais um promotor das obras da carne, da injustiças e de contendas como tantos não cristãos são, sendo, as vezes, até pior do que estes, pois o faz usando o “nome de Deus” para querer dar base ou ar de justiça às suas cobiças más.

Portanto, uma significativa parte das injustiças na Terra ocorre também por causa dos cristãos não praticarem a alternativa que a eles é dada para buscarem o reino e a justiça de Deus em primeiro lugar.

Um cristão que não busca a justiça de Deus em primeiro lugar, ou as vezes nem a busca de qualquer modo, carece do entendimento de que a manifestação da justiça celestial também é concedida para que o Rei da Justiça seja exaltado entre as nações e para que as nações se beneficiem conhecendo a salvação mediante esta justiça em vez de somente conhecerem a injustiça.

Quando o Senhor se referiu à participação dos cristãos como coparticipantes da justiça celestial, ele fez referência duas vezes a ela na lista daqueles que são chamados de bem-aventurados diante de Deus e o fez similarmente usando uma parábola para mostrar o quão atento está o Senhor para a oração dos cristãos em prol da sua intervenção também nas coisas na Terra, conforme segue respectivamente:

- Mateus 5: 6* **Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos;**

...

- 10* **bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o Reino dos céus.**

- Lucas 18: 1* **Disse-lhes Jesus uma parábola sobre o dever de orar sempre e nunca esmorecer:**

2 **Havia em certa cidade um juiz que não temia a Deus, nem respeitava homem algum.**

3 **Havia também, naquela mesma cidade, uma viúva que vinha ter com ele, dizendo: Julga a minha causa contra o meu adversário.**

4 **Ele, por algum tempo, não a quis atender; mas, depois, disse consigo: Bem que eu não temo a Deus, nem respeito a homem algum;**

- 5 *todavia, como esta viúva me importuna, julgarei a sua causa, para não suceder que, por fim, venha a molestar-me.***
6 *Então, disse o Senhor: Considerai no que diz este juiz iníquo.*
7 *Não fará Deus justiça aos seus escolhidos, que a ele clamam dia e noite, embora pareça demorado em defendê-los?*
8 *Digo-vos que, depressa, lhes fará justiça. Contudo, quando vier o Filho do Homem, achará, porventura, fé na terra?*

Em várias partes as Escrituras, o Senhor nos mostra que a participação do reino do céus na Terra é, em diversos aspectos, resultante da cooperação dos cristãos para com Cristo e que ela está associada à prática da fé em Cristo Jesus e no Pai Celestial por parte daqueles que se encontram habitando na Terra.

Assim, entendemos a respeito do último texto acima, que o Senhor Jesus nos mostrou claramente que a sua atuação de justiça na Terra em partes também está associada à responsabilidade das pessoas pedirem com fé para Deus manifestá-la.

Na parábola mencionada acima, Cristo inicia ensinando-os sobre o quão perseverantes nós deveríamos ser em orar continuamente a Deus uma vez que já passamos a saber que temos um Senhor que está pronto para nos atender na medida em que é possível que a sua intervenção possa nos ser manifestada em plena justiça.

Diferentemente do juiz citado na parábola que relutou em atender a causa da viúva que o importunava, Deus recebe com alegria e aguarda com expectativa que os seus filhos clamem pela sua intervenção. Assim, qual não deveria ser a perseverança dos cristãos em orarem a favor da justiça em todos os lugares que estiverem durante a sua vida na Terra?

A pergunta do Senhor no texto acima volta ao tema de Jesus Cristo ser o Autor e Consumador da fé que vimos em capítulos anteriores, pois a questão do texto exposto culmina na seguinte questão: Haverá “FÉ NA TERRA” quanto aos cristãos crerem que Cristo já é o Rei da Justiça e Rei da Paz e que Ele pode intervir agora no mundo e não somente num futuro distante?

Haverá “FÉ NA TERRA” quanto a crer que tudo aquilo que Cristo sugere como Rei da Justiça e Rei da Paz de fato é o caminho da justiça e da paz inclusive para vida no presente mundo?

Haverá “FÉ NA TERRA” para os cristãos deixarem Cristo ser o seu Rei e deixarem a Cristo guiá-los pelas veredas da sua justiça?

Não é fé no céu à qual Cristo está se referindo, mas é fé na Terra, pois, sem fé, é impossível agradar a Deus e sequer se tornar participante da justiça de Deus.

Haverá, então, cristãos com fé “na Terra” que, ao mesmo tempo em que apresentam suas debilidades ao Sumo Sacerdote Celestial, orem também a Ele como o Rei da Justiça que está no céu e que creem que ele pode e age na Terra com toda a eficácia do seu poder?

Crerão os cristãos na Terra de que o Senhor é o Rei da Justiça e o Rei da Paz para intervir de fato também na vida presente para executar ou manifestar justiça e paz para as pessoas em todas as nações e povos?

Quando o Senhor, com seu olhar de compaixão, olhar para a Terra, encontrará nela alguns que estão em oração com fé e com compaixão pelos seus semelhantes pedindo ao Senhor que intervenha pelas pessoas por todo o mundo presente?

Pode um Rei “Celestial” de fato ter uma atuação tão influente e prática na “Terra” a ponto de mudar os fatos para que a justiça de Deus seja conhecida mais amplamente entre todos os povos?

Não foi o Evangelho pré-anunciado à Abraão milhares de anos antes da revelação mais ampla do Rei da Justiça ao mundo pré-anunciado exatamente para proclamar que a bênção em Cristo viesse sobre todos os povos e todas as famílias da Terra?

Gálatas 3: 8 Ora, tendo a Escritura previsto que Deus havia de justificar pela fé os gentios, anunciou primeiro o evangelho a Abraão, dizendo: Todas as nações serão benditas em ti.

Gênesis 12: 3 Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; em ti serão benditas todas as famílias da terra.

Optarão os cristãos da presente geração a darem preferência à oração, ou continuarão a focar a sua esperança primeiramente nos sistemas humanos que atuam sob muitas limitações e distorções da justiça?

Salmos 118: 9 Melhor é buscar refúgio no SENHOR do que confiar em príncipes.

Em outras palavras, haverá cristãos nos dias presentes que orarão ao Rei Jesus Cristo crendo que, do alto, Ele poderá governar a Terra, trazendo justiça e paz do Reino de Deus para a Terra entre todos aqueles a quem ele quer bem, realizando assim os cristãos um dos principais papéis deles de sal da Terra e luz do mundo?

Quando as Escrituras mencionam amplamente o tema da justiça de Deus e o tema da Ordem de Melquisedeque, elas não o fazem como um mero comentário, mas o fazem referindo-se as estes temas como um alimento sólido e que fortalece verdadeiramente os cristãos para perceberem quem é o Rei da Justiça e Rei da Paz ao qual são chamados a ouvir, seguir e servir.

Qual é o ponto limite em que há uma ampla manifestação da injustiça antes de Cristo intervir, e qual é o ponto exato em que Cristo intervém quando um cristão ora pela justiça talvez sejam aspectos que nenhum cristão poderá discernir com exatidão, pois há aspectos do reinado de Cristo que somente a Ele pertencem. Entretanto, a fé em Cristo como o Rei segundo a Ordem de Melquisedeque e a oração a Ele para que depressa se manifeste na Terra têm a promessa do Senhor de que não são aspectos que atuam em vão.

Considerando que Cristo nos instruiu a buscar a justiça de Deus em primeiro lugar e nos instruiu a oramos sempre para que a bondade de Deus se manifesta na Terra e sobre todos os seres humanos sob todos os reinos, com certeza isto é justo a ser praticado, pois em tudo o que Ele nos orienta a realizar, a justiça sempre está amparando o seu trono e o seu reinado.

Somente Deus sabe os extremos e os limites de muitos fatos na vida. Entretanto, ao confiarmos no Senhor, podemos em fé passar a praticar o que Ele nos pede para fazer, e, certamente, quando seguimos as suas instruções, benefícios advirão delas de forma mais ampla do que até podemos pedir ou pensar.

Efésios 3: 20 Ora, àquele que é poderoso para fazer tudo muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos, segundo o poder que em nós opera, ...

Nem sempre é fácil para uma pessoa temente a Deus compreender o que o Rei da Justiça e o Rei da Paz está permitindo em sua soberana sabedoria, mas se ele estiver “em Cristo”, ele pode saber que o Senhor é fiel e poderoso para guardá-lo até o último tempo onde a sua justiça vai lhe ser manifestada como “o brilhar do sol ao meio-dia”.

O jovem Daniel, que mais tarde também veio a ser profeta do Senhor, foi levado cativo à Babilônia por causa dos pecados do seu povo e não por causa dos seus próprios pecados. Entretanto, pela sua fidelidade pessoal a Deus, Daniel se tornou um instrumento de benção para muitos povos, e no final da sua vida, ainda serviu como instrumento para o retorno do seu povo à sua terra da qual havia sido removido.

Apesar das injustiças que Daniel viu e a muitas que foi sujeitado, Daniel não deixou de crer no Deus Justo e Reto eternamente.

Sim, o tema da condição soberana de Cristo como o Rei da Justiça e o Rei da Paz diante de tantas injustiças e diante de tantas guerras tem sido um dos aspectos no qual as pessoas mais se escandalizaram e escandalizam no Senhor. Mas se não fosse exatamente a forma como o Senhor lida com tudo em justiça, ninguém poderia ter encontrado a salvação, e ninguém poderia continuar a encontrá-la.

Já desde os dias antigos de Jó, o tema da justiça e da posição de Deus como o Reto Juiz e que age em retidão era o tema central entre as pessoas e das pessoas para com Deus. Mas também já naquela época o Senhor, através de Eliú, nos ensinou que a resposta para a compreensão da única justiça verdadeira era a rendição do coração em confiança ao próprio Senhor e não o caminho da confrontação desta santa e justa justiça.

- Jó 34: 31 Se alguém diz a Deus: Sofri, não pecarei mais;
32 o que não vejo, ensina-mo tu; se cometi injustiça, jamais a tornarei a praticar,
33 acaso, deve ele recompensar-te segundo tu queres ou não queres? Acaso, deve ele dizer-te: Escolhe tu, e não eu; declara o que sabes, fala?
34 Os homens sensatos dir-me-ão, dir-me-á o sábio que me ouve:
35 Jó falou sem conhecimento, e nas suas palavras não há sabedoria.
36 Tomara fosse Jó provado até ao fim, porque ele respondeu como homem de iniquidade.
37 Pois ao seu pecado acrescenta rebelião, entre nós, com desprezo, bate ele palmas e multiplica as suas palavras contra Deus.*

- 35: 1 Disse mais Eliú:
2 Achas que é justo dizeres: Maior é a minha justiça do que a de Deus?*

- 3 **Porque dizes: De que me serviria ela? Que proveito tiraria dela mais do que do meu pecado?**
 4 **Dar-te-ei resposta, a ti e aos teus amigos contigo.**
 5 **Atenta para os céus e vê; contempla as altas nuvens acima de ti.**
 6 **Se pecas, que mal lhe causas tu? Se as tuas transgressões se multiplicam, que lhe fazes?**
 7 **Se és justo, que lhe dás ou que recebe ele da tua mão?**
 8 **A tua impiedade só pode fazer o mal ao homem como tu mesmo; e a tua justiça, dar proveito ao filho do homem.**
 9 **Por causa das muitas opressões, os homens clamam, clamam por socorro contra o braço dos poderosos.**
 10 **Mas ninguém diz: Onde está Deus, que me fez, que inspira canções de louvor durante a noite,**
 11 **que nos ensina mais do que aos animais da terra e nos faz mais sábios do que as aves dos céus?**
 12 **Clamam, porém ele não responde, por causa da arrogância dos maus.**
 13 **Só gritos vazios Deus não ouvirá, nem atentará para eles o Todo-Poderoso.**
 14 **Jó, ainda que dizes que não o vês, a tua causa está diante dele; por isso, espera nele.**
 15 **Mas agora, porque Deus na sua ira não está punindo, nem fazendo muito caso das transgressões,**
 16 **abres a tua boca, com palavras vãs, amontoando frases de ignorante.**

- 36: 1 **Prosseguiu Eliú e disse:**
 2 **Mais um pouco de paciência, e te mostrarei que ainda tenho argumentos a favor de Deus.**
 3 **De longe trarei o meu conhecimento e ao meu Criador atribuirei a justiça.**
 4 **Porque, na verdade, as minhas palavras não são falsas; contigo está quem é senhor do assunto.**
 5 **Eis que Deus é mui grande; contudo a ninguém despreza; é grande na força da sua compreensão.**
 6 **Não poupa a vida ao perverso, mas faz justiça aos aflitos.**
 7 **Dos justos não tira os olhos; antes, com os reis, no trono os assenta para sempre, e são exaltados.**
 8 **Se estão presos em grilhões e amarrados com cordas de aflição,**
 9 **ele lhes faz ver as suas obras, as suas transgressões, e que se houveram com soberba.**
 10 **Abre-lhes também os ouvidos para a instrução e manda-lhes que se convertam da iniquidade.**
 11 **Se o ouvirem e o servirem, acabarão seus dias em felicidade e os seus anos em delícias.**
 12 **Porém, se não o ouvirem, serão traspassados pela lança e morrerão na sua cegueira.**
 13 **Os ímpios de coração amontoam para si a ira; e, agrilhoados por Deus, não clamam por socorro.**
 14 **Perdem a vida na sua mocidade e morrem entre os prostitutas culturais.**
 15 **Ao aflito livra por meio da sua aflição e pela opressão lhe abre os ouvidos.**

- 16 ***Assim também procura tirar-te das fauces da angústia para um lugar espaçoso, em que não há aperto, e as iguarias da tua mesa seriam cheias de gordura;***
- 17 ***mas tu te enches do juízo do perverso, e, por isso, o juízo e a justiça te alcançarão.***
- 18 ***Guarda-te, pois, de que a ira não te induza a escarnecer, nem te desvie a grande quantia do resgate.***
- 19 ***Estimaria ele as tuas lamúrias e todos os teus grandes esforços, para que te vejas livre da tua angústia?***
- 20 ***Não suspires pela noite, em que povos serão tomados do seu lugar.***
- 21 ***Guarda-te, não te inclines para a iniquidade; pois isso preferes à tua miséria.***
- 22 ***Eis que Deus se mostra grande em seu poder! Quem é mestre como ele?***
- 23 ***Quem lhe prescreveu o seu caminho ou quem lhe pode dizer: Praticaste a injustiça?***
- 24 ***Lembra-te de lhe magnificares as obras que os homens celebram.***
- 25 ***Todos os homens as contemplam; de longe as admira o homem.***
- 26 ***Eis que Deus é grande, e não o podemos compreender; o número dos seus anos não se pode calcular.***

Considerando que o significado do nome de Eliú é “*Ele é o meu Deus*”, este personagem que visitou a Jó em suas aflições para lhe abrir os olhos para a verdadeira justiça celestial, prefigurou, para Jó, Aquele que seria manifesto como o Rei Eterno e Soberano da Justiça e da Paz, segundo a Ordem de Melquisedeque.

Enquanto os outros amigos de Jó tentaram mediar Deus para Jó sem serem mediadores definidos para este papel por Deus, Eliú prefigurou o perfeito mediador no assunto da justiça, o Rei da Justiça designado por Deus. E por isto, Ele pôde conduzir Jó ao genuíno arrependimento.

*Jó 36:1 **Prosseguiu Eliú e disse:***

- 2 ***Mais um pouco de paciência, e te mostrarei que ainda tenho argumentos a favor de Deus.***
- 3 ***De longe trarei o meu conhecimento e ao meu Criador atribuirei a justiça.***
- 4 ***Porque, na verdade, as minhas palavras não são falsas; contigo está quem é senhor do assunto.***
- 5 ***Eis que Deus é mui grande; contudo a ninguém despreza; é grande na força da sua compreensão.***
- 6 ***Não poupa a vida ao perverso, mas faz justiça aos aflitos.***

Se toda ação de injustiça sofresse imediatamente a condenação extrema, ninguém seria salvo, conforme já mencionamos, mas também ninguém poderia andar mediante a fé na justiça de Deus, pois se tudo fosse resolvido imediatamente, as pessoas somente andariam por vista no que lhes seria visível e não pela fé no Cristo justo que também é longânime com os pecadores para que estes venham a se arrepender.

Diante da condição de Cristo como o Rei da Justiça e o Rei da Paz não nos resta, de certa forma, muito mais a dizer do que aquilo que Jó declarou ao ter sido exposto à

revelação da grandeza de Deus e da justiça de Deus sobre tudo e sobre todos, assim como aquilo que Paulo falou a respeito dos tempos de tribulação aos quais os cristãos no mundo estão expostos, conforme segue respectivamente abaixo:

Jó 42: 1 Então, respondeu Jó ao SENHOR:

- 2 Bem sei que tudo podes, e nenhum dos teus planos pode ser frustrado.*
- 3 Quem é aquele, como disseste, que sem conhecimento encobre o conselho? Na verdade, falei do que não entendia; coisas maravilhosas demais para mim, coisas que eu não conhecia.*
- 4 Escuta-me, pois, havias dito, e eu falarei; eu te perguntarei, e tu me ensinarás.*
- 5 Eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te veem.*
- 6 Por isso, me abomino e me arrependo no pó e na cinza.*

2 Coríntios 4: 13 Tendo, porém, o mesmo espírito da fé, como está escrito: Eu cri; por isso, é que falei. Também nós cremos; por isso, também falamos,

- 14 sabendo que aquele que ressuscitou o Senhor Jesus também nos ressuscitará com Jesus e nos apresentará convosco.*
- 15 Porque todas as coisas existem por amor de vós, para que a graça, multiplicando-se, torne abundantes as ações de graças por meio de muitos, para glória de Deus.*
- 16 Por isso, não desanimamos; pelo contrário, mesmo que o nosso homem exterior se corrompa, contudo, o nosso homem interior se renova de dia em dia.*
- 17 Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação,*
- 18 não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas.*

C32. A Oposição Central ao Rei Eterno segundo a Ordem de Melquisedeque

Quando no título deste capítulo mencionamos a oposição ao Rei Eterno segundo a Ordem de Melquisedeque, procuramos expor nele que existe uma oposição especificamente direcionada à condição de Cristo como o Rei, pois não pretendemos reprisar aqui as oposições que já foram descritas neste estudo quanto à questão de Cristo ser o Único Mediador e Sumo Sacerdote Eterno, e visto que também não pretendemos reprisar as oposições à justiça celestial que já foram mencionadas no estudo sobre O Evangelho da Justiça de Deus.

A posição específica de Cristo ser o Rei da Justiça e Rei da Paz é uma condição que apresenta oposições também específicas no sentido de tentar evitar que as pessoas vejam nesta posição de Cristo o que somente Ele pode proporcionar às suas vidas.

Muitos cristãos têm deixado de alcançar muitos aspectos da vida cristã por se negarem ou negligenciarem a comer do alimento sólido chamado palavra da justiça e chamado de Ordem de Melquisedeque. E isto, pelo fato específico de resistirem à condição de Cristo como o Rei Eterno sobre as suas vidas.

Quando começamos a ver a resistência das pessoas à justiça de Deus a partir da perspectiva da condição de Cristo como Rei, também podemos observar que, em muitos casos, ela resulta da questão de uma escolha mais fundamental sobre o tipo de reinado ao qual as pessoas querem estar ou não querem estar sujeitas.

Se na questão de Cristo ser o Sumo Sacerdote Eterno, o ponto em evidência está em uma pessoa se expor à luz do Senhor para passar a se relacionar com Deus para por Ele ter a consciência purificada ou curada, no aspecto de Cristo ser o Rei da Justiça e Rei da Paz, o ponto em evidência está em uma pessoa permitir que Cristo a instrua a *andar nos caminhos do Senhor* e não mais segundo o entendimento da própria pessoa ou de qualquer outro aspecto da criação. E é deste último aspecto que muitos não querem abrir mão.

Em várias situações relacionadas à vida na Terra, muitas indivíduos até gostariam de ter a Cristo como Sumo Sacerdote Eterno e Amigo para recorrerem a Ele quando se encontram em aflição. Entretanto, quando é cogitada a possibilidade de Cristo também guiar as suas ações nos mais diversos afazeres do dia-a-dia, muitos se opõem a buscar a Cristo, preferindo optar pelos caminhos humanos em detrimento dos caminhos instruídos a partir do reino celestial.

Muitas pessoas resistem à oferta de salvação precisamente por causa do que a salvação propõe produzir no seu estágio mais avançado, no seu estágio em que ela concede a real possibilidade de uma pessoa mudar suas condutas nas mais diversas áreas das suas vidas, permitindo um indivíduo passar a “andar na justiça de Deus” e não mais “andar na injustiça que resiste a Deus”.

João 1: 11 Veio para o que era seu, e os seus não o receberam.

João 3: 19 *O julgamento é este: que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram más.*

20 *Pois todo aquele que pratica o mal aborrece a luz e não se chega para a luz, a fim de não serem arguidas as suas obras.*

21 *Quem pratica a verdade aproxima-se da luz, a fim de que as suas obras sejam manifestas, porque são feitas em Deus.*

João 12: 42 *Apesar de tudo, até muitos dos principais creram nele; mas não o confessavam por causa dos fariseus, para não serem expulsos da sinagoga.*

43 *Porque amavam mais a glória dos homens do que a glória de Deus. (RC)*

Apesar do *andar em Cristo* ser fruto do *viver em Cristo*, fazendo com que o *viver* deva preceder o *andar*, muitas pessoas não optam pelo *viver em Cristo* exatamente porque não querem ter alterações no aspecto do *andar*, conforme exemplificado no texto abaixo e o qual já vimos várias vezes ao longo do presente material:

Jeremias 7: 23 *Mas isto lhes ordenei, dizendo: Dai ouvidos à minha voz, e eu serei o vosso Deus, e vós sereis o meu povo; andai em todo o caminho que eu vos ordeno, para que vos vá bem.*

24 *Mas não deram ouvidos, nem atenderam, porém andaram nos seus próprios conselhos e na dureza do seu coração maligno; andaram para trás e não para diante.*

Muitas pessoas até procuram ler as Escrituras, praticar algumas partes do que elas ensinam e citam uma série dos seus textos durante seus diversos afazeres, mas tudo isto ainda pode estar dissociado do ponto central aqui em questão, e o qual é render-se ao Senhorio do Rei da Justiça e da Paz, acompanhado ainda do reconhecimento de que uma pessoa sem Cristo não consegue discernir apropriadamente a vontade de Deus para sua vida.

Outras pessoas até tentam ser assíduas na tentativa de manter um relacionamento sacerdotal com Cristo, mas não cogitam a possibilidade de serem guiadas em tudo pelo Espírito do Senhor, pensando que o render-se ao guiar do Senhor seria um tipo de diminuição da sua autoestima ou uma forma de restrição à independência para poderem tomar as decisões como quiserem fazê-las.

Ora, se somos chamados para *viver em Cristo* e também para *andar em Cristo* para o nosso bem e salvação eterna, é porque também fomos criados para *viver e andar em Deus*, e não para viver ou andar dissociados do *estar em Deus*.

Estar em Cristo, tanto para *viver e andar Nele*, não é uma posição de demérito perante Deus, pois Ele mesmo nos chamou para isto e anela que aceitemos o convite para *estar Nele e ser guiado por Ele*. O guiar de Deus é uma das características essenciais dos filhos de Deus e não uma posição de vergonha diante do Senhor.

Romanos 8: 14 *Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus.*

O ser guiado por Deus ou por Cristo é denominado nas Escrituras de reto caminho, o Caminho Santo ou, simplesmente, de O Caminho.

Se Deus nos criou para Ele e para vivermos e andarmos Nele, por que seria, como muitos pensam, uma vergonha vivermos e andarmos segundo o propósito para o qual fomos criados?

Uma vez que Cristo se deu por completo e por amor a nós para nos salvar e conceder novidade de vida *em Deus*, por que seria vergonhoso e depreciativo o ser humano, criado por Deus, render a sua vida em confiança ao Deus que o criou, que lhe oferece toda a provisão de salvação e que lhe oferece abundância de vida Nele?

1 Coríntios 1: 30 Mas vós sois dele, em Cristo Jesus, o qual se nos tornou, da parte de Deus, sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção, 31 para que, como está escrito: Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor.

Romanos 11: 36 Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém!

A questão da opção por Cristo como Rei, para muitos, esbarra em um dos aspectos mais essenciais que Ele oferece neste seu Senhorio, e o qual é um reinado plenamente estabelecido e realizado segundo a justiça eterna e celestial.

Embora, perante Deus, o *andar* segundo a instrução de Cristo ou o *andar* em dependência do Rei da Justiça é indescritivelmente nobre, valioso e digno de honra, para muitas pessoas isto é vergonhoso, pois muitos, assim como Balaão, passaram a ser amantes da injustiça ou do prêmio da injustiça e têm vergonha de renunciar perante os outros os caminhos perversos aos quais tanto se entregaram.

2 Pedro 2: 15 Abandonando o reto caminho, se extraviaram, seguindo pelo caminho de Balaão, filho de Beor, que amou o prêmio da injustiça.

Manter-se submisso ao Rei da Justiça e ao Rei da Paz nem sempre é o caminho dos lucros humanos abundantes ou dos resultados ágeis e aparentemente mais fáceis de serem alcançados, podendo acarretar inclusive em uma pessoa ser desonrada por outros pelo fato de se manter fiel ao Senhor Jesus Cristo. E também por isto, é que muitos não querem ter a Cristo pessoalmente como o Rei nas suas vidas.

A postura pessoal em favor da fidelidade na confiança em Deus e do amor pela justiça celestial tem um papel determinante no aspecto de querer ou de não querer ter a Cristo como o Rei da Justiça, conforme exemplificado também nos seguintes textos:

1 Coríntios 4: 1 Assim, pois, importa que os homens nos considerem como ministros de Cristo e dispenseiros dos mistérios de Deus.

2 Ora, além disso, o que se requer dos despenseiros é que cada um deles seja encontrado fiel.

Lucas 16: 10 **Quem é fiel no pouco também é fiel no muito; e quem é injusto no pouco também é injusto no muito.**

...
13 Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um e amar ao outro ou se devotará a um e desprezará ao outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas.

A instrução do Rei da Justiça visa nos levar à fidelidade a Deus e à sua vontade em muito mais detalhes da vida do que é proposto pelos sistemas de regras de uma vida sujeita a uma lei pré-estabelecida, como era, por exemplo, a sujeição à lei de Moisés. E esta opção de *em tudo ser guiado pelo Rei da Justiça* é um desafio ao qual muitos não querem se render.

Gálatas 5: 18 **Mas, se sois guiados pelo Espírito, não estais sob a lei.**

...
22 Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade,
23 mansidão, domínio próprio. Contra estas coisas não há lei.

Conforme já mencionamos várias vezes neste estudo e nos anteriores sobre o Evangelho de Deus, a ação de Cristo como Rei ou como Senhor na vida de uma pessoa inicia-se nas mudanças interiores, nas mudanças no coração de um indivíduo e não somente em atos, leis e obrigatoriedades externas pelas quais uma pessoa não pode encontrar o caminho da justiça mediante a fé em Cristo.

Portanto, um dos principais fatores da oposição ao Rei da Justiça é, antes de tudo, uma resistência interior para que de fato a sua justiça não venha a reinar no local que mais precisa do seu reinado, a saber: O coração de cada indivíduo.

Mateus 15: 19 **Porque do coração procedem maus desígnios, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos, blasfêmias.**

Tiago 4: 1 **De onde procedem guerras e contendas que há entre vós? De onde, senão dos prazeres que militam na vossa carne?**

Por que, então, muitas pessoas evitam um encontro mais intenso com o Rei da Justiça e o Príncipe da Paz?

Além de muitos não saberem da condição presente de Cristo no universo já como o Rei da Justiça, muitos não querem este Rei porque não querem a vida deste Rei atuando neles ou porque temem a ação de Cristo em seus corações, como já vimos também em relação a Cristo ser o Advogado a nosso favor junto ao Pai Celestial.

Muitas pessoas gostariam de ter a Cristo como o Rei da Justiça que atuasse a seu favor em relação aos outros e sobre as condições externas que favoreceriam as suas vidas, mas também gostariam que Cristo o fizesse sem envolver diretamente a elas naquilo que pedem a atuação de Cristo como o Rei da Justiça sobre os outros.

Muitas pessoas querem ver a atuação do Rei da Justiça, mas desde que isto não se iniciasse nelas próprias como as primeiras a serem exortadas a abandonarem as injustiças do coração e as suas práticas.

Muitos querem ver a atuação do Rei da Justiça, mas não querem que o alvo da atuação deste Rei seja primeiramente eles próprios para mudar-lhes o coração, pois sabem que a sujeição voluntária ao Rei da Justiça implicará em liberdade para abandonarem injustiças às quais se apegaram e das quais não querem abrir mão.

Há pessoas que preferem não “dar crédito” ou “espaço” em suas vidas à condição de Cristo como o Rei da Justiça para não sofrerem eventuais dissabores, oposições ou perseguições que podem lhes sobrevir se abandonarem o caminho da injustiça.

Gálatas 6: 12 Todos os que querem ostentar-se na carne, esses vos constringem a vos circuncirdades, somente para não serem perseguidos por causa da cruz de Cristo.

13 Pois nem mesmo aqueles que se deixam circuncidar guardam a lei; antes, querem que vos circuncideis, para se gloriarem na vossa carne.

14 Mas longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim, e eu, para o mundo.

Muitas indivíduos até gostariam de desfrutar da justiça do Rei Jesus Cristo, mas desde que o Senhor não fosse tão resoluto em ensinar, guiar e auxiliar as pessoas que o seguem a abandonarem a injustiça a fim de seguirem a justiça celestial.

João 12: 42 Apesar de tudo, até muitos dos principais creram nele; mas não o confessavam por causa dos fariseus, para não serem expulsos da sinagoga.

43 Porque amavam mais a glória dos homens do que a glória de Deus.

44 E Jesus clamou e disse: Quem crê em mim crê não (somente) em mim, mas naquele que me enviou.

45 E quem me vê a mim vê aquele que me enviou.

46 Eu sou a luz que vim ao mundo, para que todo aquele que crê em mim não permaneça nas trevas.

É através da justiça de Deus que temos paz com o Senhor, e é mediante a paz recebida através da justiça que podemos passar a gerar frutos desta justiça. Entretanto, muitas vezes é este aspecto tão prático e poderoso da justiça que faz muitas pessoas se manterem recuadas na ação de renderem-se em confiança ao Rei da Justiça.

No estudo sobre O Evangelho da Graça de Deus, vimos que uma pessoa não precisa saber por si própria como *andar* na graça e na justiça que vem mediante a fé, pois a

própria graça é que ensina as pessoas a *andarem na justiça*. Entretanto, quando a questão chega no ponto de Cristo ser o Rei da Justiça, ela também chega ao fato de que nem todos querem, de fato, ser ensinados pela graça do Senhor.

Cristo faz o convite e diz que quem vier a Ele será ensinado e encontrará descanso na sua alma, mas, conforme já mencionamos, muitos não querem se render ao Senhorio de Jesus devido ao fato de que Ela as guiará à verdade e às veredas do justiça também por amor do seu nome.

*Romanos 5: 1 **Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo;**
2 **por intermédio de quem obtivemos igualmente acesso, pela fé, a esta graça na qual estamos firmes; e gloriamo-nos na esperança da glória de Deus.***

*Tiago 3: 18 **Ora, é em paz que se semeia o fruto da justiça, para os que promovem a paz.***

*Romanos 10: 4 **Porque o fim da lei é Cristo para justiça de todo aquele que crê.***

...
10 **Visto que com o coração se crê para a justiça, e com a boca se faz confissão para a salvação.**

...
16 **Mas nem todos obedecem ao evangelho; pois Isaías diz: Senhor, quem creu na nossa pregação?**

A escalada da oposição e da resistência ao Rei da Justiça, o Rei segundo a Ordem de Melquisedeque, pode alcançar, inclusive, proporções gigantescas, como as citadas no Salmo 2, o qual também foi referenciado por Pedro séculos após conforme descrito no livro de Atos capítulo 4.

Entretanto, ainda assim é no coração que uma pessoa crê na justiça de Deus ou resiste ao reinado da justiça celestial.

É no coração que está o centro da aceitação ou da oposição ao Rei Jesus, pois quanto às oposições dos regentes da Terra que procuram se agrupar contra o Senhor, destas se ri o Senhor na pequenez e fragilidades dos seus planos contra Cristo.

*Salmos 2: 1 **Por que se enfurecem os gentios e os povos imaginam coisas vãs?***

*2 **Os reis da terra se levantam, e os príncipes conspiram contra o SENHOR e contra o seu Ungido, dizendo:***

*3 **Rompamos os seus laços e sacudamos de nós as suas algemas.***

*4 **Ri-se aquele que habita nos céus; o Senhor zomba deles.***

*5 **Na sua ira, a seu tempo, lhes há de falar e no seu furor os confundirá.***

*6 **Eu, porém, constituí o meu Rei sobre o meu santo monte Sião.***

- 7 Proclamarei o decreto do SENHOR: Ele me disse: Tu és meu Filho, eu, hoje, te gerei.**
- 8 Pede-me, e eu te darei as nações por herança e as extremidades da terra por tua possessão.**
- 9 Com vara de ferro as regerás e as despedaçarás como um vaso de oleiro.**
- 10 Agora, pois, ó reis, sede prudentes; deixai-vos advertir, juízes da terra.**
- 11 Servi ao SENHOR com temor e alegrai-vos nele com tremor.**
- 12 Beijai o Filho para que se não irrite, e não pereçais no caminho; porque dentro em pouco se lhe inflamará a ira. Bem-aventurados todos os que nele se refugiam.**
-

No mundo há muitas terríveis e incalculáveis injustiças e que se avolumam em cada geração, mas ainda assim, a oposição mais proeminente ao Senhor da qual uma pessoa pode se tornar participante ocorre quando ela não recebe no coração o Rei da Justiça que é digno e apto a conduzi-la pessoalmente à justiça verdadeira, a justiça segundo o reino de Deus.

Muitas pessoas querem que Deus exerça juízo sobre os outros ou em relação a outros, e até requerem isto do Senhor com orações e brados diante dos céus, mas elas mesmas se opõem à justiça celestial ao não seguirem, primeiramente, o que Cristo disse para elas fazerem em primeiro lugar nas suas vidas, a saber: *Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça.*

Por que Deus deveria atender o clamor ou a súplica daqueles que não querem que Deus comece a manifestar a justiça primeiramente neles e que pessoalmente fazem oposição a Deus resistindo a Cristo em seu próprio coração, não aceitando ao Rei da Justiça para atuar antes de tudo também neles?

Por que Deus deveria atender o pedido por justiça daqueles que rejeitam a maior dádiva da justiça celestial que já lhes está disponível para ser recebida no coração, a qual é Cristo como o Rei da Justiça na vida pessoal?

Por que Deus deveria atender a oração por justiça daqueles que pessoalmente rejeitam o próprio trono estabelecido para fazer toda a regência da justiça de Deus sobre o mundo?

Conforme já vimos no capítulo anterior, muitas pessoas que se apresentam como defensoras da justiça para a humanidade e bradam por justiça, até exigindo-a de Deus, também, muitas vezes, são aquelas que não têm a ousadia ou humildade, ou a soma dos dois, para renderem o seu coração a Cristo para que Ele as ilumine com a luz da verdade e da justiça eterna.

Quando uma pessoa não aceita a Cristo Jesus como o Rei da Justiça na sua própria vida, ela é a primeira a fazer a “obstrução à justiça verdadeira”, por mais que proclame ou brade ser promotora e defensora da justiça.

Ninguém é justo perante Deus. E por isto, é diante de Deus, através de Cristo, que uma pessoa precisa primeiramente encontrar o caminho da justiça e da sua justificação.

A verdadeira justiça é estabelecida pelo Senhor na vida de um indivíduo a partir da sua condição de fé perante Deus, sendo que este caminho não pode ser substituído por um ato externo ou pela soma de dezenas, centenas ou até milhares de atos externos.

- Lucas 18: 7 Não fará Deus justiça aos seus escolhidos, que a ele clamam dia e noite, embora pareça demorado em defendê-los?*
- 8 Digo-vos que, depressa, lhes fará justiça. Contudo, quando vier o Filho do Homem, achará, porventura, fé na terra?*
- 9 Propôs também esta parábola a alguns que confiavam em si mesmos, por se considerarem justos, e desprezavam os outros:*
- 10 Dois homens subiram ao templo com o propósito de orar: um, fariseu, e o outro, publicano.*
- 11 O fariseu, posto em pé, orava de si para si mesmo, desta forma: Ó Deus, graças te dou porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros, nem ainda como este publicano;*
- 12 jejuo duas vezes por semana e dou o dízimo de tudo quanto ganho.*
- 13 O publicano, estando em pé, longe, não ousava nem ainda levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, sê propício a mim, pecador!*
- 14 Digo-vos que este desceu justificado para sua casa, e não aquele; porque todo o que se exalta será humilhado; mas o que se humilha será exaltado.*

Assim, a soberba ou a altivez do coração humano, ao ponto de pensar que não necessita do Rei da Justiça e do Rei da Paz para conduzi-lo à verdadeira salvação e redenção através da justiça celestial, acaba sendo uma das oposições mais intensas e contínuas ao Rei segundo a Ordem de Melquisedeque.

A essência da oposição ao Rei da Justiça engloba, então, alguém não querer ser de Cristo para não lhe estar sujeito a fim de ser guiado pessoalmente no caminho da justiça eterna.

Querer atribuir a outros a culpa de estar em uma condição de injustiça, já tendo a possibilidade de optar pessoalmente pela justiça que há em Cristo, e não o fazendo, também é um meio vil de apegar-se ainda à injustiça em vez de se render à justiça que o Senhor já nos oferece.

Quando injustiçado, Cristo fez o que Deus também nos deixou de exemplo a ser seguido.

Quando maltratado, Cristo rendia-se Àquele que era a sua fonte de justiça e juízo para ser por Deus instruído a *viver e andar em justiça*.

- 1 Pedro 2: 21 Porquanto para isto mesmo fostes chamados, pois que também Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos exemplo para seguirdes os seus passos,*
- 22 o qual não cometeu pecado, nem dolo algum se achou em sua boca;*
- 23 pois ele, quando ultrajado, não revidava com ultraje; quando maltratado, não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga retamente,*

24 carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados, para que nós, mortos para os pecados, vivamos para a justiça; por suas chagas, fostes sarados.

É no coração que se crê para a justiça.

É no coração que se crê que Cristo é a justiça e o Rei da Justiça para a justiça de todo aquele que Nele crê.

Portanto, crer no coração em Cristo como a Nossa Justiça sempre é o principal ponto decisório da aceitação de Cristo como o Rei da Ordem de Melquisedeque ou da rejeição de Cristo nesta sua posição de Rei.

Não querer ao Rei da Justiça ou não querer a Cristo são sinônimos, pois Cristo e a justiça, assim como Cristo e a graça, são em tudo e em todo o tempo inseparáveis.

Romanos 3: 23 **Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus,**
24 sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a
redenção que há em Cristo Jesus,
25 a quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante
a fé, para manifestar a sua justiça, por ter Deus, na sua tolerância,
deixado impunes os pecados anteriormente cometidos;
26 tendo em vista a manifestação da sua justiça no tempo presente,
para ele mesmo ser justo e o justificador daquele que tem fé em
Jesus.

2 Timóteo 2: 19 **Entretanto, o firme fundamento de Deus permanece,**
tendo este selo: O Senhor conhece os que lhe pertencem. E mais:
Aparte-se da injustiça todo aquele que professa o nome do Senhor.

Romanos 6: 15 **E daí? Havemos de pecar porque não estamos debaixo da**
lei, e sim da graça? De modo nenhum!
16 Não sabeis que daquele a quem vos ofereceis como servos para
obediência, desse mesmo a quem obedecéis sois servos, seja do
pecado para a morte ou da obediência para a justiça?
17 Mas graças a Deus porque, outrora, escravos do pecado, contudo,
viestes a obedecer de coração à forma de doutrina a que fostes
entregues;
18 e, uma vez libertados do pecado, fostes feitos servos da justiça.

Oséias 10: 12 **Então, eu disse: semeai para vós outros em justiça, ceifai**
segundo a misericórdia; arai o campo de pousio; porque é tempo de
buscar ao SENHOR, até que ele venha, e chova a justiça sobre vós.

C33. A Glória de Cristo como o Sumo Sacerdote e Rei Eterno que também É “o Cabeça”

Para conhecer mais amplamente ao nosso Criador, ainda que não podemos presenciar toda a grandeza do Senhor, Deus permite que conheçamos vários aspectos fundamentais da sua glória que nos revelam os seus atributos de uma forma plenamente satisfatória para que possamos crer e confiar as nossas vidas ao cuidado do Senhor.

Por sua vez, a forma mais expressiva definida por Deus para nos manifestar a sua glória, encontra-se no Senhor Jesus Cristo, ***que é o resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser.***

Para que possamos saber quais são os atributos fundamentais de Deus e para que saibamos o quanto o Senhor nos ama e estende a sua bondade e misericórdia a fim de que tenhamos sempre um relacionamento vivo e intenso com Ele, Deus nos apresenta, em Cristo Jesus, a revelação dos atributos da sua natureza divina. Em Cristo Jesus, o Senhor nos mostra os seus atributos através da condição de Cristo como o seu Filho Eterno, bem como na condição do Filho do Homem que veio em carne ao mundo, morreu na cruz do Calvário em favor de todos os pecadores, ressuscitou dentre os mortos e que foi assentado junto ao Pai Celestial nas mais altas regiões celestiais.

Quando, através do Evangelho da Glória de Cristo, as Escrituras nos ensinam que Cristo é a Luz do mundo e a Luz do próprio Evangelho, elas estão nos anunciando que Deus é a Luz do mundo e a Luz do Evangelho.

Quando as Escrituras nos ensinam que Cristo está assentado em Majestade à direita do Pai Celestial acima de qualquer outro trono que exista no universo, elas estão nos anunciando que não há outro Deus e não há outro ser que esteja acima da posição em que o Pai Celestial e Cristo estão assentados para reinar, e assim por diante.

Cada atributo que Deus nos revela em Cristo, através do seu santo Evangelho, é um atributo que nos é exibido para que saibamos quem é o nosso Deus Eterno, mas também nos é revelado porque esta revelação é proveitosa e necessária para o nosso viver e andar em Deus.

Assim, quando Deus nos mostra, por exemplo, que Cristo é o nosso Sumo Sacerdote Eterno e Rei Eterno, segundo a Ordem de Melquisedeque, Ele não o faz somente para nos conceder uma mera informação, mas o faz para que saibamos com mais precisão quais são os atributos da sua divindade que nos são oferecidos em Cristo Jesus e através dos quais o Senhor se oferece para atuar em nós e a nosso favor, visto que ***Deus é quem opera tudo em todos*** que Nele creem.

Quando Deus especifica de forma mais detalhada os atributos que há em Cristo Jesus, Ele também o faz porque, diversas vezes, a revelação dos atributos mais básicos de quem Cristo é podem não ser suficientes para algumas pessoas compreenderem o que representa Cristo ser o Senhor sobre toda a vida criada.

Dizer que Cristo é o Senhor sobre tudo e sobre todos, exceto sobre o próprio Pai Celestial que lhe outorgou este senhorio, já abrange a plenitude da soberania de Cristo sobre tudo e sobre todos, mas no entendimento humano, esta amplitude e clareza pode não estar tão evidente e tão abrangente, razão pela qual Deus também expõe esta soberania através de referências à condição de Cristo ainda através de outros termos.

Para alguns, dizer que Cristo é o Senhor Soberano pode não soar com clareza de que Cristo é o Senhor que perfeitamente os recebe nas suas debilidades e que os introduz junto ao Pai Celestial. Cristo como o Senhor é Aquele que também exerce o senhorio do acesso das pessoas a Deus, mas para alguns, o senhorio de Cristo pode ter uma conotação equivocada de que Cristo somente quer dar ordens a eles.

Dizer que Cristo é o Senhor Soberano, para alguns, pode não soar com clareza de que Cristo é o Rei de toda a criação e que também pode fazer com que a criação coopere em favor daqueles que se rendem ao senhorio de Cristo, pensando alguns, novamente e equivocadamente, que o senhorio de Jesus somente representa o estabelecimento de ordens para aqueles que lhe estão sujeitos.

No sentido oposto, alguns podem pensar que o fato de Cristo ser-lhes apresentado como o Senhor que serve implicaria em dizer que Ele deveria atendê-los e servi-los em tudo, mesmo que isto fosse contra a justiça e a retidão de Deus.

Portanto, acrescentar o esclarecimento de que Cristo, além de Salvador e Senhor, é o Sumo Sacerdote e Rei segundo a Ordem de Melquisedeque pode cooperar para que o entendimento das pessoas sobre quem Cristo é venha a se tornar mais preciso, pois o fato de Cristo ser o Senhor Soberano segundo a Ordem Sacerdotal e Real da justiça e da paz representa que Ele é Sumo Sacerdote pleno de misericórdia e graça, mas que, ao mesmo tempo, jamais despreza a justiça e a fidelidade ao Pai Celestial que fundamentam o seu senhorio.

De muitas maneiras ou através de aspectos diversificados, o Pai Celestial quer nos mostrar quem Ele é em Cristo e quem Cristo é para conosco, visto que o conceito de um correto e justo senhorio foi tão distorcido e corrompido entre os seres humanos e também para que saibamos que o Senhorio de Cristo é singular e sem paralelos equivalentes entre os seres humanos.

O senhorio de Cristo é tão amplo, mas também tão específico, que a sua exposição acaba necessitando a soma de várias outras especificações para que a sua amplitude e singularidade sejam expostas de forma mais abrangente e precisa.

O senhorio de Cristo sobre o mundo, sobre as pessoas em geral e sobre as pessoas que Nele creem é diferenciado de qualquer outro senhorio, quer em amplitude ou quer em suas mais diversas características.

Um “senhor” sobre um projeto específico e sobre as pessoas no que tange à sua associação a este projeto, por exemplo, não precisa ser o “senhor” da vida particular daqueles que trabalham neste projeto, o que já é completamente diferente do Senhor da vida e que é a fonte de toda a vida.

Um “rei ou um governante terreno”, também como exemplo, não é responsável por prover salvação eterna àqueles que estão debaixo do seu governo, pois esta atribuição não é de sua competência uma vez que ele nem capacitado é para fazer este tipo de provisão. Entretanto, o Senhor da vida eterna tem atribuições tanto sobre a vida natural presente como sobre a vida espiritual que segue por toda a eternidade.

Quando Deus nos oferece conhecermos a sua glória em Cristo Jesus, Ele usa termos que são conhecidos no mundo natural para se comunicar conosco em uma linguagem que nos é familiar. Entretanto, quando o faz, também associa que tipo de condição

Cristo tem em relação a cada um dos termos referenciados a Ele e que outros que usam estes mesmos termos não têm.

Muito do que Deus quer que conheçamos sobre Cristo não está somente nos títulos dos atributos que Cristo tem, mas também na especificação singular que cada um destes títulos recebe nas Escrituras quando são usados em relação ao Senhor Jesus.

Quando as Escrituras, por exemplo, nos ensinam que Cristo é um Senhor que é o Sumo Sacerdote Eterno, Rei da Justiça e Rei da Paz, elas já distinguem Cristo de qualquer outra conceituação e abrangência de senhorio que existe no mundo, mostrando a glória de Cristo como Senhor Eterno, mas também expondo a sua glória pela apresentação de que tipo de Senhor Eterno Ele é no seu senhorio.

Para compreendermos a glória de Cristo não pela ótica do que o mundo conceitua sobre as características dos títulos dos atributos das pessoas, precisamos conhecer o que as Escrituras falam diretamente sobre cada título e também através do que as Escrituras nos ensinam ao associar as características de Cristo a mais de um título ou a uma pluralidade de títulos, posições e funções.

E é nesta última perspectiva, mencionada no parágrafo anterior, que podemos ver que as Escrituras nos ensinam que a glória de Cristo como Senhor, que é o Sumo Sacerdote e Rei Eterno, também é expressa como Cristo sendo apresentado ao mundo como o “**Cabeça**” sobre tudo, conforme exemplificado a seguir:

*Efésios 1: 22(a) **E pôs todas as coisas debaixo dos pés, e para (Cristo) ser o cabeça sobre todas as coisas, ...***

Em outros textos, os quais veremos mais especificamente nos próximos capítulos, pode ser observado, então, que Cristo é mencionado também como o *Cabeça* que está:

- ⇒ 1) Sobre cada membro do seu corpo;
- ⇒ 2) Sobre cada matrimônio estabelecido segundo a vontade do Pai Celestial;
- ⇒ 3) Sobre a Igreja do Senhor como um todo;
- ⇒ 4) Sobre cada principado e potestade que há no universo.

Passar a ver o senhorio, o sacerdócio, a condição de rei e a luz que há em Cristo, também como o *Cabeça*, passa a expor ou revelar toda uma maneira nova ou particular sobre todos estes demais atributos do Senhor.

Uma pessoa ter uma condição de rei, senhor ou sacerdócio sobre outras pessoas é uma situação que não necessariamente estabelece uma proximidade e uma relação pessoal do regente para com aqueles sobre quem ele governa e também não dos governados para com o seu regente. Quando, porém, dizemos que o Rei, Senhor e Sumo Sacerdote Jesus também é o *Cabeça*, um suposto distanciamento entre Cristo e a pessoa sobre quem Ele está estabelecido é colocado sob uma perspectiva muito peculiar.

A condição de Cristo ser também o *Cabeça* sobre o que Ele foi estabelecido pelo Pai Celestial reafirma, mais uma vez, o que já lhe foi outorgado quando foi estabelecido como Senhor, Mediador, Sumo

Sacerdote e Rei. Entretanto, ela também acrescenta o esclarecimento de uma condição singular e muito específica de proximidade que pode ocorrer entre Cristo e aqueles sobre quem o Pai Celestial o estabeleceu.

A revelação de Cristo ser o Senhor que também é o *Cabeça* estabelece de forma ainda mais precisa e objetiva o que o Senhor Jesus disse ao declarar: ***porque sem mim nada podeis fazer.***

A revelação de que Cristo é o Sumo Sacerdote e Rei que também é o *Cabeça*, também nos faz lembrar do texto em que Paulo afirma:

2 Coríntios 3: 5 Não que, por nós mesmos, sejamos capazes de pensar alguma coisa, como se partisse de nós; pelo contrário, a nossa suficiência vem de Deus.

Ou ainda, quando vemos a revelação de Cristo ser o Senhor que também é o *Cabeça*, podemos ver de forma ainda mais afirmativa este outro texto também apresentado por Paulo:

2 Coríntios 10: 3 Porque, embora andando na carne, não militamos segundo a carne.

4 Porque as armas da nossa milícia não são carnis, e sim poderosas em Deus, para destruir fortalezas, anulando nós sofismas

5 e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo,

6 e estando prontos para punir toda desobediência, uma vez completa a vossa submissão.

Quando uma pessoa entende que Cristo é o Senhor que também é o *Cabeça* da sua vida, ela começa a compreender que a proximidade com Cristo é tão expressiva que até os pensamentos que há em seu coração podem e deveriam estar sujeitos à Cristo, sendo que somente em Cristo, como o *Cabeça*, é que uma pessoa tem verdadeiramente um discernimento sóbrio e espiritual sobre todas as coisas que ela necessita discernir.

Um cristão pode “*ter a mente de Cristo*” não porque Cristo transfere um “pacote de sabedoria” a uma pessoa, mas porque Cristo é o *Cabeça* da sua vida e ao qual ele pode ter e deveria ter constante acesso através da fé e da comunhão.

O fato de Cristo ser apresentado como o Senhor que também é o *Cabeça* reforça ainda mais a condição de somente Cristo ser o Único Mediador entre Deus e os seres humanos, pois uma pessoa e um corpo não são feitos para serem administrados e guiados por mais do que uma *cabeça*.

Uma pessoa ou um corpo sujeito a mais de uma *cabeça*, inevitavelmente, tornar-se-á em uma *casa dividida*, a qual não poderá subsistir por causa da divisão que nela ocorre no ponto em que não deveria haver uma divisão.

Mateus 12: 25 Jesus, porém, conhecendo-lhes os pensamentos, disse: Todo reino dividido contra si mesmo ficará deserto, e toda cidade ou casa dividida contra si mesma não subsistirá.

A divisão do comando da vida sob mais de uma *cabeça* sempre foi um dos principais aspectos controversos e falhos da fraca e inútil Ordem de Arão no que se refere a aperfeiçoar as pessoas que estavam associadas a ela.

A Ordem de Arão, ou segundo Moisés, sempre se debateu entre a discrepância de comando e de interesses que havia entre o aspecto sacerdotal e o aspecto civil que estava sob o governo de um rei, apesar de que o rei, em teoria, também deveria estar sujeito à Ordem de Arão, pois esta última era a legisladora para os sacerdotes e levitas, bem como também para o povo e os reis, conforme exemplificado abaixo:

Deuteronomio 17: 14 Quando entrares na terra que te dá o SENHOR, teu Deus, e a possuíres, e nela habitares, e disseres: Estabelecerei sobre mim um rei, como todas as nações que se acham em redor de mim, 15 estabelecerás, com efeito, sobre ti como rei aquele que o SENHOR, teu Deus, escolher; homem estranho, que não seja dentre os teus irmãos, não estabelecerás sobre ti, e sim um dentre eles. 16 Porém este não multiplicará para si cavalos, nem fará voltar o povo ao Egito, para multiplicar cavalos; pois o SENHOR vos disse: Nunca mais voltareis por este caminho. 17 Tampouco para si multiplicará mulheres, para que o seu coração se não desvie; nem multiplicará muito para si prata ou ouro. 18 Também, quando se assentar no trono do seu reino, escreverá para si um traslado desta lei num livro, do que está diante dos levitas sacerdotes. 19 E o terá consigo e nele lerá todos os dias da sua vida, para que aprenda a temer o SENHOR, seu Deus, a fim de guardar todas as palavras desta lei e estes estatutos, para os cumprir. 20 Isto fará para que o seu coração não se eleve sobre os seus irmãos e não se aparte do mandamento, nem para a direita nem para a esquerda; de sorte que prolongue os dias no seu reino, ele e seus filhos no meio de Israel.

As palavras deste último texto acima até podem soar como bonitas e inspiradoras, mas na prática, e como a *cabeça* de governo era dividida entre os sacerdotes e os reis, os reis não se mantinham fiéis aos escritos da lei de Moisés, pois também estes reis careciam da instrução e comunhão mais diretas, completas e pessoais junto ao Senhor uma vez que parte destas cabia aos sacerdotes fazê-lo em nome dos reis.

Por mais amplamente elaborados que fossem a lei, o sistema de sacerdócio e o sistema de reinado segundo a Ordem de Arão ou de Moisés, os seus modelos nunca subsistiram também porque atuavam com a *cabeça* dividida sobre a mesma casa chamada de Israel e sobre cada uma das pessoas debaixo desta condição. Também pelo aspecto da divisão de poder, foi demonstrada a necessidade desta ordem ser revogada, declarada como obsoleta e ser transformada somente em ***uma parábola para a época presente*** para que ninguém mais precise incorrer no equívoco de seguir estes modelos inapropriados para as suas vidas pessoais.

Quando, por exemplo, uma pessoa do povo recebia uma instrução dos sacerdotes para fazer algo que dependesse também do consenso ou do favor do rei para conseguir fazê-lo, e o rei optasse em não liberá-lo ou não ser favorável a este indivíduo, mesmo que tivesse recebido uma boa palavra dos sacerdotes, esta pessoa ficava de mãos atadas entre o que era instruída a fazer e o que de fato era autorizada e favorecida para fazer.

Por outro lado, se um rei quisesse beneficiar o povo sujeito a ele, mas os sacerdotes não lhe atendessem em buscar verdadeiramente o conselho de Deus, o rei e o povo, apesar terem recursos para fazer algo, ficavam com as mãos atadas sem saber ao certo se o que pretendiam realizar era ou não era da vontade de Deus.

Agora, pensemos neste trâmite entre reis e sacerdotes estabelecidos para atender milhares e centenas de milhares de pessoas. Qual não era a fragilidade ou a debilidade da proposição da Ordem de Arão?

Assim, *em Cristo*, como o *Cabeça*, temos um mesmo ponto que recebe pessoalmente e intimamente o que apresentamos a Ele, bem como o que Ele pessoalmente nos instrui a fazer, permitindo que haja o estabelecimento da paz entre o querer e o realizar para cada indivíduo que se relaciona com o Senhor.

Quando as Escrituras nos mostram que Cristo é o Senhor que também é o Cabeça, podemos saber que Nele uma pessoa tem unificada a condição de Cristo ser o Sumo Sacerdote Perfeito e o Rei Perfeito da sua vida para que também obtenha as instruções unificadas e sem contradições entre os aspectos do viver em Deus e do andar em Deus.

Diante da exposição da glória de Cristo como o Senhor que também é o *Cabeça*, qualquer pensamento de que o sacerdócio e a governança de Cristo são realizados somente de forma genérica e impessoal fica exposto à condição de engano e de mentira, mostrando-nos Deus, que *em Cristo* tudo é sustentado pelo poder da sua palavra, mas que também cada aspecto deste todo é sustentado individualmente pelo Senhor, que também é *Cabeça*.

Quando os salmistas do livro dos Salmos declaram que “O Senhor é o MEU Pastor”, “O Senhor é o MEU refúgio”, “O Senhor é a MINHA Rocha”, e assim por diante, e quando pediam para o Senhor “*vê se há EM MIM algum caminho mal e guíe-ME pelo caminho eterno*”, eles não estavam falando de aspectos distantes e impessoais da glória do Senhor, mas exaltando a grandeza do Senhor poder ser em cada um o que cada um necessita que Deus seja para ele e nele.

Se tudo foi criado por Cristo com individualidade, não poderia Ele também cuidar de cada aspectos criado com individualidade?

Visto que somente Deus é poderoso para atender a todos em todas as suas questões, o ser humano dissociado da comunhão com o Senhor e também o império das trevas, devido às suas limitadas condições, é que tentam impor às pessoas o pensamento de tratamentos dos indivíduos somente por sistemas coletivos e sem a devida pessoalidade.

A exposição da glória de Cristo, também como Cabeça, se opõe à toda tentativa de descaracterizar a condição individual que Cristo tem para com cada pessoa e cada aspecto da sua criação, reafirmando mais uma vez que Cristo é soberano sobre todos, mas que Ele também é soberano sobre cada vida e detalhe do universo.

- Colossenses 1: 13 **Ele nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do Filho do seu amor,**
 14 **no qual temos a redenção, a remissão dos pecados.**
 15 **Este é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação;**
 16 **pois, nele, foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele.**
 17 **Ele é antes de todas as coisas. Nele, tudo subsiste.**
 18 **Ele é a cabeça do corpo, da igreja. Ele é o princípio, o primogênito de entre os mortos, para em todas as coisas ter a primazia,**
 19 **porque aprovou a Deus que, nele, residisse toda a plenitude**
 20 **e que, havendo feito a paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele, reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, quer sobre a terra, quer nos céus.**

2 Timóteo 2: 19 **Entretanto, o firme fundamento de Deus permanece, tendo este selo: O Senhor conhece os que lhe pertencem. E mais: Aparte-se da injustiça todo aquele que professa o nome do Senhor.**

- 1Coríntios 8: 2 **Se alguém julga saber alguma coisa, com efeito, não aprendeu ainda como convém saber.**
 3 **Mas, se alguém ama a Deus, esse é conhecido por ele.**

- Salmos 32: 8 **Instruir-te-ei e te ensinarei o caminho que deves seguir; e, sob as minhas vistas, te darei conselho.**
 9 **Não sejais como o cavalo ou a mula, sem entendimento, os quais com freios e cabrestos são dominados; de outra sorte não te obedecem.**
 10 **Muito sofrimento terá de curtir o ímpio, mas o que confia no SENHOR, a misericórdia o assistirá.**
 11 **Alegrai-vos no SENHOR e regozijai-vos, ó justos; exultai, vós todos que sois retos de coração.**

C34. A Glória de Cristo Como o Cabeça de Cada Pessoa que Nele Crê

Uma vez que passamos a ver a glória de Cristo também como Aquele que é Cabeça, mostrando-nos que tudo o que Deus decidiu oferecer e realizar em Cristo é também unificado e sem divisões em Cristo, podemos passar a ver mais de perto alguns aspectos específicos da condição de Cristo ser também chamado de Cabeça.

Visto que um dos aspectos centrais almejados com a vinda de Cristo em carne ao mundo foi a reconciliação das pessoas que Nele creem com Deus, gostaríamos também de iniciar as considerações mais detalhadas de Cristo como Cabeça em relação ao aspecto Dele ser o Cabeça de cada indivíduo que Nele crê.

Para exemplificar a posição de Cristo como o Cabeça de cada indivíduo que Nele crê, Deus, nas suas Escrituras, nos apresenta uma figura da posição de Cristo como o Cabeça de um corpo, o Cabeça do chamado *corpo de Cristo*.

A posição de Cristo como o Cabeça do que é chamado de seu corpo, por sua vez, divide-se em dois aspectos que se complementam mutuamente. A posição de Cristo como o Cabeça do seu corpo, abrange Cristo ser:

- ⇒ 1) O Cabeça de cada parte do seu corpo;
- ⇒ 2) O Cabeça do corpo como um todo, o Cabeça que está colocado também sobre o funcionamento coletivo e global do seu corpo.

Vejamos abaixo alguns textos que reiteram a posição de Cristo como o Cabeça do seu corpo:

Efésios 1: 22 **E pôs todas as coisas debaixo dos pés, e para ser o cabeça sobre todas as coisas, o deu à igreja,**
23 a qual é o seu corpo, a plenitude daquele que a tudo enche em todas as coisas.

Efésios 4: 15 **Mas, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo,**
16 de quem todo o corpo, bem ajustado e consolidado pelo auxílio de toda junta, segundo a justa cooperação de cada parte, efetua o seu próprio aumento para a edificação de si mesmo em amor.

Colossenses 1: 18 **Ele é a cabeça do corpo, da igreja. Ele é o princípio, o primogênito de entre os mortos, para em todas as coisas ter a primazia,**
19 porque aprovou a Deus que, nele, residisse toda a plenitude
20 e que, havendo feito a paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele, reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, quer sobre a terra, quer nos céus.

Colossenses 2: 18 **Ninguém vos domine a seu bel-prazer, com pretexto de humildade e culto dos anjos, metendo-se em coisas que não viu; estando debalde inchado na sua carnal compreensão,**
 19 **e não ligado à cabeça, da qual todo o corpo, provido e organizado pelas juntas e ligaduras, vai crescendo em aumento de Deus. (RC)**

ou

Colossenses 2: 18 **Ninguém vos prive do prêmio, alegando humildade ou culto aos anjos, baseando-se em visões, enfatuado sem motivo algum na sua mente carnal,**
 19 **e não se mantendo unido à Cabeça, da qual todo o corpo, provido e organizado pelas juntas e ligaduras, vai crescendo com o aumento concedido por Deus. (EC)**

E para podermos observar de forma mais apropriada os dois aspectos mencionados no parágrafo logo acima, entendemos ser melhor separá-los, para fins de apresentação, em dois capítulos distintos, sendo que neste presente capítulo procuraremos começar a ver o primeiro dos dois aspectos supracitados, o qual é Cristo ser o Cabeça de cada um dos membros do seu corpo.

Quando lidamos com palavras como a expressão *todos*, entendemos ser significativo observar que o termo *todos* também é sinônimo de *todas as partes do todo*, bem como também é sinônimo da expressão relativa à *cada uma das partes do todo*.

Embora a expressão *todos*, por um lado, tenha o alvo de referir-se à completa inclusão de todas as partes, sem que nenhuma seja deixada de fora, por outro lado, a expressão *todos* também tem o caráter que procura expor a importância *individual* de cada uma das partes, a ponto de visar que *nenhuma* parte seja deixada de lado ou seja tratada de forma inferior ou diferenciada.

Assim, quando as Escrituras nos dizem que Cristo é o Cabeça que provê e sustenta cada uma das partes e todas as partes do seu corpo, elas também estão nos ensinando que no corpo de Cristo, todas as partes, sem nenhuma exceção, estão ligadas ao Cabeça e tem igual direito e possibilidade de acesso a este mesmo Cabeça.

1 Coríntios 12: 12 **Porque, assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, são um só corpo, assim é Cristo também.**

...

20 **Agora, pois, há muitos membros, mas um corpo.**

Efésios 5: 29 **Porque ninguém jamais odiou a própria carne; antes, a alimenta e dela cuida, como também Cristo o faz com a igreja;**
 30 **porque somos membros do seu corpo, de sua carne e de seus ossos.**

Romanos 12: 5 ... **assim nós, que somos muitos, somos um só corpo em Cristo, mas individualmente somos membros uns dos outros.**

1 Coríntios 12: 27 **Ora, vós sois corpo de Cristo; e, individualmente, membros desse corpo.**

No corpo de Cristo, cada membro individualmente está ligado ao Cabeça e é provido e nutrido pelo Cabeça.

Portanto, um aspecto muito relevante a ser observado quando vemos a comparação dos cristãos serem parte de um corpo que tem muitos membros e que tem somente um Cabeça, assim como o corpo humano tem muitos membros e uma só cabeça, é que a comparação do corpo de Cristo com o corpo humano é figurativa e não a tentativa do estabelecimento de uma igualdade entre os dois tipos de corpos.

O denominado *corpo de Cristo* é um corpo espiritual e não um corpo físico, sendo que a glória de cada um deles é completamente distinta ainda que se possa estabelecer algumas comparações figurativas entre os dois.

1 Coríntios 15: 40 ***Também há corpos celestiais e corpos terrestres; e, sem dúvida, uma é a glória dos celestiais, e outra, a dos terrestres.***

Quando passamos a ver as Escrituras, precisamos estar atentos a não confundir as comparações simbólicas com aquilo que é o verdadeiro, genuíno ou a base do que está sendo comparado. E deveríamos estar atentos para não querer definir o verdadeiro a partir de um detalhamento que nem as Escrituras fazem das figuras de comparação.

Se não compreendermos que as figuras de comparação somente apontam para o verdadeiro e que elas não são o verdadeiro de fato, podemos voltar a incorrer na sistemática de tentar viver através das sombras do verdadeiro, como era o caso da Ordem de Arão ou também conhecida como a Ordem Levítica ou de Moisés.

Paulo nos exorta firmemente de que devemos buscar as coisas que são do alto, onde Cristo está assentado, e não as que são da Terra. Portanto, depois que sabemos da breve analogia que há na comparação do corpo terreno com o corpo de Cristo, deveríamos procurar conhecer como é de fato o corpo de Cristo segundo o que o Senhor nos informa sobre ele.

As Escrituras nos dizem que assim como o corpo humano tem vários membros, assim também o corpo espiritual tem vários membros. Entretanto, ao mesmo tempo, as Escrituras não declaram que os membros do corpo de Cristo e suas funções são as mesmas de corpo natural. Pelo contrário, **as Escrituras nos mostram que as funções dos membros do corpo espiritual de Cristo são completamente diferentes das funções dos membros do corpo natural**, conforme exemplificado no texto abaixo:

Romanos 12: 4 ***Porque assim como num só corpo temos muitos membros, mas nem todos os membros têm a mesma função,***

...

6 tendo, porém, diferentes dons segundo a graça que nos foi dada: se profecia, seja segundo a proporção da fé;

7 se ministério, dediquemo-nos ao ministério; ou o que ensina esmere-se no fazê-lo;

8 ou o que exorta faça-o com dedicação; o que contribui, com liberalidade; o que preside, com diligência; quem exerce misericórdia, com alegria.

Enquanto as funções dos membros do *corpo físico* cooperam para um corpo natural, as funções dos membros do corpo espiritual cooperam também para um corpo espiritual, sendo que as funções do corpo espiritual são nos mostradas nas Escrituras, por exemplo, pelos dons e ações que os membros do corpo devem ter para com Cristo e em relação aos outros membros, e que são, por exemplo, o amor por Deus, pelos irmãos, a ajuda, o socorro, o ensino, a misericórdia, os dons de administração e assim por diante.

Se as pessoas não compreenderem que a comparação figurativa não é exata e que as funções dos membros de um corpo natural não se equivalem em completo como os membros do corpo espiritual, elas poderão começar a querer definir entre os irmão qual, por exemplo, é estômago, qual é intestino, qual é dedo anelar, quem é o dedo indicador, e assim por diante, o que seria um verdadeiro disparate uma vez que o corpo espiritual nem tem estas mesmas divisões e características do corpo natural.

O próprio Senhor Jesus Cristo, quando em carne no mundo, disse que a linguagem simbólica precisa ser seguida de uma linguagem não figurativa a fim de que uma pessoa possa compreender a vontade do Pai Celestial e para que venha a crer no que é celestial e superior ao terreno, conforme exemplificado abaixo:

João 15: 15 **Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas tenho-vos chamado amigos, porque tudo quanto ouvi de meu Pai vos tenho dado a conhecer.**

João 16: 25 **Estas coisas vos tenho dito por meio de figuras; vem a hora em que não vos falarei por meio de comparações, mas vos falarei claramente a respeito do Pai.**

João 16: 13 **Quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas que hão de vir.**

14 **Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar.**

15 **Tudo quanto o Pai tem é meu; por isso é que vos disse que há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar.**

Lucas 8: 10 **Respondeu-lhes Jesus: A vós outros é dado conhecer os mistérios do reino de Deus; aos demais, fala-se por parábolas, para que, vendo, não vejam; e, ouvindo, não entendam.**

Cristo nos mostrou que o ensino somente no nível das parábolas não leva as pessoas a compreensão dos fatos mais profundos expostos a elas, fazendo, inclusive, que a persistência no modo figurativo leve à cegueira e à surdez, as quais, por sua vez,

resultam na compreensão enganosa e distorcida do que é verdadeiro ou segundo o reino de Deus.

Se, por exemplo, no corpo humano existe uma hierarquia de membros que dão sustentação para outros membros estarem ligados à cabeça, no corpo de Cristo não é assim, pois todos têm acesso ao Cabeça e cada um é pessoalmente responsável a se manter “Unido ao Cabeça”.

Se no corpo humano um braço for amputado, isto implica também que a mão se desliga do corpo e da cabeça do corpo. Contudo, o desligamento de um membro do corpo de Cristo, se vier a ocorrer, é individual, personalizado e se dá pelo motivo de uma pessoa passar a se afastar da graça de Deus e da fé em Cristo, conforme já vimos várias vezes e exemplificamos mais uma vez no texto abaixo:

- Gálatas 5: 3* **De novo, testifico a todo homem que se deixa circuncidar que está obrigado a guardar toda a lei.**
- 4 De Cristo vos desligastes, vós que procurais justificar-vos na lei; da graça decaístes.**
- 5 Porque nós, pelo Espírito, aguardamos a esperança da justiça que provém da fé.**
- 6 Porque, em Cristo Jesus, nem a circuncisão, nem a incircuncisão têm valor algum, mas a fé que atua pelo amor.**
- 7 Vós corréis bem; quem vos impediu de continuardes a obedecer à verdade?**

Se no corpo natural um membro pode vir a ficar separado do corpo porque outro membro que se interpunha entre ele e a cabeça foi amputado, no corpo de Cristo, uma pessoa somente é separada dele se ela pessoalmente ou individualmente adotar as ações que a levem a se dissociar deste corpo.

- João 15: 5* **Eu sou a videira, vós, os ramos. Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer.**
- 6 Se alguém não permanecer em mim, será lançado fora, à semelhança do ramo, e secará; e o apanham, lançam no fogo e o queimam.**

Apesar das Escrituras nos ensinarem que também no corpo espiritual de Cristo um membro sofre se os outros membros sofrerem, a forma de isto ocorrer e as consequências que advém deste sofrimento são muito distintas do corpo natural.

Se um indivíduo morasse em uma cidade onde a maioria das pessoas fosse cristã, e cada cristão estivesse vivendo e andando segundo o querer de Cristo, este indivíduo, certamente, teria muitos benefícios coletivos pelo fato de outros membros do corpo de Cristo também estarem em conformidade com a graça e a justiça de Deus. Entretanto, ou ainda assim, o sofrimento que pode sobrevir a um membro do corpo de Cristo quando outro membro sofre ou até venha a ser separado do corpo não é equiparado ao desligamento de um membro do corpo físico, pois eles são tipos de corpos distintos.

Paulo adverte claramente a todos os cristãos para que ninguém deixe que outros se interponham contra eles ao ponto de permitirem que a união deles com Cristo seja interrompida, conforme já vimos acima e cujo texto repetimos abaixo:

*Colossenses 2: 18 **Ninguém vos prive do prêmio, alegando humildade ou culto aos anjos, baseando-se em visões, enfatuado sem motivo algum na sua mente carnal,***
*19 **e não se mantendo unido à Cabeça, da qual todo o corpo, provido e organizado pelas juntas e ligaduras, vai crescendo com o aumento concedido por Deus. (EC)***

No corpo natural, a provisão, por exemplo, não vem do próprio corpo e nem vem da cabeça deste corpo. Ela vem do exterior ao corpo, sendo processada pelo corpo para ser distribuída aos demais órgãos deste corpo. O corpo natural busca o oxigênio externamente, busca a vitamina D pela exposição ao sol, busca exteriormente os mais diversos alimentos, e após recebê-los ou ingeri-los, os processa através dos pulmões, estômago, fígado, intestino e outros órgãos, e assim por diante.

No corpo espiritual, quanto à provisão, por exemplo, tudo é muito diferente do corpo natural. As Escrituras nos dizem que no corpo espiritual, todo o corpo, ou seja, cada uma das suas partes, cada um dos seus membros, é nutrido diretamente pelo Cabeça, motivo pelo qual a permanência constante na dependência direta da provisão vinda deste Cabeça também é vital.

Cristo explicitamente disse: **porque sem mim nada podeis fazer.** Ponto essencial que Paulo também reitera ainda em outro texto:

*Colossenses 2: 8 **Cuidado que ninguém vos venha a enredar com sua filosofia e vãs sutilezas, conforme a tradição dos homens, conforme os rudimentos do mundo e não segundo Cristo;***
*9 **porquanto, nele, habita, corporalmente, toda a plenitude da Divindade.***

Ainda através de outra figura, Paulo também nos ensina que cada indivíduo é um edifício a ser edificado diretamente em Cristo e não em cima de outros, sendo que cada um deve zelar a respeito de onde é edificado e o que vai sendo edificado na sua vida.

*1 Coríntios 3: 9 **Porque de Deus somos cooperadores; lavoura de Deus, edifício de Deus sois vós.***
*10 **Segundo a graça de Deus que me foi dada, lancei o fundamento como prudente construtor; e outro edifica sobre ele. Porém cada um veja como edifica.***
*11 **Porque ninguém pode lançar outro fundamento, além do que foi posto, o qual é Jesus Cristo.***

Paulo anunciava a possibilidade de cada pessoa poder receber a Cristo em seu coração e como esta oferta de Cristo ser o fundamento podia ser recebida na vida de cada indivíduo. Entretanto, a partir do lançamento do fundamento no coração, Cristo o Senhor, cada um deve ver como se relaciona com o fundamento a fim de que também seja edificado segundo o querer deste fundamento.

Nos ensinamentos de Deus que ele nos transmite em suas cartas, Paulo claramente chama os cristãos a não andarem mais segundo a sombra do verdadeiro como era feito na velha aliança, mas chama os cristãos a erguerem os olhos para verem o quão mais superior e distinto é a condição do genuíno ou verdadeiro em comparação ao figurativo.

2 Coríntios 3: 8 ... como não será de maior glória o ministério do Espírito!

9 Porque, se o ministério da condenação foi glória, em muito maior proporção será glorioso o ministério da justiça.

10 Porquanto, na verdade, o que, outrora, foi glorificado, neste respeito, já não resplandece, diante da atual sobre-excelente glória.

No corpo de Cristo, cada indivíduo é convidado a crescer em amor “diretamente” naquele que é o Único Cabeça de todo o seu corpo.

Efésios 4: 15 Mas, segundo a verdade em amor, crescamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo,

16 de quem todo o corpo, bem ajustado e consolidado pelo auxílio de toda junta, segundo a justa cooperação de cada parte, efetua o seu próprio aumento para a edificação de si mesmo em amor.

Quando um membro cresce diretamente e pessoalmente em Cristo, ele está seguindo a verdade em amor, pois Cristo é a verdade. E ele também está fazendo a sua justa cooperação para a edificação da sua vida em amor, pois é no Filho do Amor de Deus que o Senhor nos edifica em amor.

Conforme vimos nos textos acima, o corpo de Cristo é auxiliado por juntas e ligamentos, mas, novamente, as juntas e ligamentos no corpo de Cristo não são estruturas hierárquicas entre os membros espirituais como existe em uma estrutura hierárquica nos membros do corpo físico.

Os ligamentos do corpo espiritual são, por exemplo, o “vínculo da paz”, o “vínculo do amor” e a “fé no Senhor”. Já as justas cooperações deste corpo são, em primeiro lugar, as funções de Cristo como o nosso Único Mediador para com Deus, o Sumo Sacerdote Eterno, o Advogado, Autor e Consumador da Fé, e o Rei da Justiça e Rei da Paz, através de quem somos convidados a “andar unidos com o Senhor” e segundo a vontade do Pai Celestial, seguidos depois da cooperação de cada membro.

*Efésios 4: 3 ... **esforçando-vos diligentemente por preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz.***

*Colossenses 3: 14 **Acima de tudo isto, porém, esteja o amor, que é o vínculo da perfeição.***

*Romanos 5: 11 **E não apenas isto, mas também nos gloriamos em Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, por intermédio de quem recebemos, agora, a reconciliação.***

+

*2 Coríntios 5: 20(b) ... **Em nome de Cristo, pois, rogamos que vos reconcilieis com Deus.***

*Hebreus 4: 15 **Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado.***

*16 **Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna.***

O corpo espiritual de Cristo é um corpo onde cada membro é um filho do Pai Celestial e, por isto, com a possibilidade de um acesso individual e direto também ao seu Pai Eterno através de Cristo.

O corpo espiritual de Cristo é um corpo que tem um único irmão primogênito que deu a vida para que outros irmãos pudessem ser adotados na família de Deus. E também por isto, somente este irmão primogênito é as primícias dos demais irmãos e tem a primazia igual sobre todos aqueles que se achegam através Dele a Deus, vetando claramente que entre os demais irmãos seja estabelecida qualquer conceituação de hierarquia e liderança no que se refere a este corpo espiritual.

*Mateus 23: 8 **Vós, porém, não sereis chamados mestres, porque um só é vosso Mestre, e vós todos sois irmãos.***

*9 **A ninguém sobre a terra chameis vosso pai; porque só um é vosso Pai, aquele que está nos céus.***

*10 **Nem sereis chamados guias, porque um só é vosso Guia, o Cristo.***

Em sua condição de apóstolo do Senhor Jesus, Paulo declarou as seguintes palavras e jamais se ergueu sobre os irmãos de fé para subjugar-los a ele:

*1 Coríntios 4: 1 **Assim, pois, importa que os homens nos considerem como ministros (servos) de Cristo e despenseiros dos mistérios de Deus.***

*1 Coríntios 3: 5 **Quem é Apolo? E quem é Paulo? Servos por meio de quem crestes, e isto conforme o Senhor concedeu a cada um.***

*Colossenses 1: 28 ... **o qual nós anunciamos, advertindo a todo homem e ensinando a todo homem em toda a sabedoria, a fim de que apresentemos todo homem perfeito em Cristo.***

Querer conceituar o corpo de Cristo segundo a figura terrena ou o corpo natural somente interessa àqueles que pensam nas coisas terrenas mais do que nas coisas que são do alto, onde Cristo está assentado. E muitos assim o querem fazer porque querem desligar os outros de Cristo para tentar subjugar-los a si.

Por outro lado, podemos ver a fragilidade daqueles que querem se colocar entre Cristo e os membros do corpo de Cristo sob a alegação de que isto é devido porque o corpo natural tem uma hierarquia de membros, pois ainda que usem o corpo natural de exemplo, também no próprio corpo natural somente há uma cabeça a comandar todo o corpo.

De uma ou de outra forma, aqueles que se negam a aceitar a primazia e a soberania do Senhor Jesus sobre o corpo de Cristo sempre cairão em grandes e graves contradições que, fatalmente, os levam à criarem as mais impressionantes hipocrisias ou dissimulações em relação aos seus intentos de dominação daqueles que eles querem ter como seus seguidores, conforme já vimos em capítulos anteriores.

Inclusive no corpo natural, apesar de neste caso um membro poder vir a invalidar a atuação de outro membro, nenhum membro tem a vocação de ser cabeça sobre outro membro.

No corpo espiritual, quando um membro tem êxito em alguma tarefa específica, ele não deveria, jamais, por causa disto, querer passar a gerenciar os outros membros com base no seu êxito, pois este somente ocorreu por ele ter seguido a instrução e a provisão advinda do único Cabeça do corpo espiritual.

No corpo espiritual, quando um membro consegue completar uma obra, ele sempre deveria sinalizar para os outros membros também buscarem a instrução e a provisão no Único Cabeça deste corpo, ensinando assim aos seus irmãos a dependerem da mesma fonte única que é Cristo e que está igualmente disponível a todos os membros do corpo.

Quando um membro do corpo espiritual de Cristo começa a esquecer que ele é somente um membro como os seus demais irmãos, ele começa a ficar sujeito a pensar que ele também pode mediar os outros membros naquelas necessidades que somente podem ser supridas pelo Cabeça do corpo, incorrendo, muitas vezes, nos seguintes aspectos:

- ⇒ 1) Querer deixar de ser um simples membro do corpo como os demais, ficando ele mesmo sujeito a ser desconectado do Cabeça do corpo espiritual;
- ⇒ 2) Pensar que tem um chamado para ser líder de outros e, por isto, também começar a presumir que ele mesmo tem alguns dos atributos que são exclusivos do Cabeça do corpo de Cristo;
- ⇒ 3) Falar dos membros do corpo de Cristo na terceira pessoa e sem que se veja incluso neles, criando uma separação entre clero e leigos, entre líderes e povo, considerando este último, o povo, sempre como mais ignorante e menos favorecido;
- ⇒ 4) Deixar de fazer o que deveria fazer como membro porque passa a ter muitas tarefas no seu suposto e pretensão chamado de mediador e líder.

Quando um membro passa a pensar que ele é chamado para ser um tipo de cabeça ou “sub cabeça” de outros membros, nem ele mesmo passa a ser o que deveria ser para o corpo e nem o corpo é para ele o que deveria ser, pois os membros que ele intenta comandar, passam a fazer o que um membro do corpo quer e não o que o Cabeça quer que seja feito, trazendo dano ou até destruição para todos os envolvidos nesta oposição ao Único Cabeça verdadeiro.

Quando as pessoas estão dissociadas da ligação direta ao verdadeiro e único Cabeça, elas também não discernem o corpo, criando toda a sorte de injustiças entre aqueles que andam em contrariedade àquilo que lhes foi instruído pelo Senhor.

Quando as pessoas tentam colocar “cabeças” ou mesmo “sub cabeças” no corpo de Cristo, ato que nunca foi autorizado por Cristo para ser estabelecido no seu corpo, elas começam a incorrer no que as Escrituras chamam de não discernir o corpo de Cristo como deveriam discerni-lo. E também por isto, não adianta realizarem supostas ceias de comunhão, pois estão em desunião com a principal parte do corpo, a qual é o Único Cabeça sobre todos.

***1 Coríntios 11: 28 Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e, assim, coma do pão, e beba do cálice;
29 pois quem come e bebe sem discernir o corpo, come e bebe juízo para si.***

Celebrar uma ceia e denominá-la de comunhão cristã entre irmãos, mas onde alguns se interpõem entre os membros e o Cabeça do corpo, e onde alguns se elevam sobre os outros como supostos “cabeças” ou “sub cabeças” sem jamais terem sido nomeados por Deus para isto, é celebrar uma ceia carente do discernimento do corpo de Cristo e ainda muito mais do Cabeça deste corpo.

Quando algumas pessoas querem se interpor como líderes, sacerdotes, pais espirituais (ou padres), pastores ou qualquer outro termo pelos quais tentam se elevar sobre os cristãos, eles estão tentando reduzir o corpo espiritual de Cristo a um corpo carnal, terreno e corruptível a fim de tentarem manipular e dominar este corpo segundo os seus interesses carnis.

1 Coríntios 3: 4 Quando, pois, alguém diz: Eu sou de Paulo, e outro: Eu, de Apolo, não é evidente que andais segundo os homens?

***1 Coríntios 1: 12 Refiro-me ao fato de cada um de vós dizer: Eu sou de Paulo, e eu, de Apolo, e eu, de Cefas, e eu, de Cristo.
13 Acaso, Cristo está dividido? Foi Paulo crucificado em favor de vós ou fostes, porventura, batizados em nome de Paulo?***

Como o Eterno Sumo Sacerdote, Cristo percebe todo o sentimento que cada membro do seu corpo sente, Ele sabe tudo o que acontece com cada membro, mas se uma pessoa se desliga de Cristo e se liga a outras pessoas, ainda que Cristo conheça a tudo e a todos, ela fica na dependência destas pessoas sentirem suas dores para ser socorrida por elas quando precisar.

E quando um membro tem um necessidade em que vários membros do corpo precisam ser mobilizados para ajudá-la, quem irá comandar esta coletividade de ajudas nas horas mais críticas se ele não tem a Cristo como Cabeça?

Se um membro, exemplificado no parágrafo anterior, estiver ligado a Cristo, o Cabeça, o Senhor tem todo o poder de comandar todos os demais membros que são necessários para socorrer aquele que está em necessidade ou para que se voltem àquele que deles precisa de ajuda.

Somente Cristo é O Cabeça de todo aquele que Nele crê, não cedendo jamais esta posição a nenhum outro membro, nem ainda se este tivesse sido um apóstolo.

Paulo explicitamente disse que assim como todos os cristãos igualmente têm um só fundamento e podem ser edificados diretamente no mesmo fundamento que ele e os demais apóstolos e profetas foram edificados, assim também todo aquele que crê no Senhor Jesus têm um Único Cabeça ao qual individualmente deveria se reportar.

Portanto, Cristo é tudo em cada um dos seus membros desde o fundamento que sustenta a vida até o Cabeça que instrui e guia a pessoa que Nele está fundamentada.

Cristo é o Cabeça de cada um dos membros do seu corpo espiritual, lembrando que Nele, no seu corpo espiritual, não há escravo ou livre, homem ou mulher, judeu ou grego, e assim por diante, conforme já comentamos em capítulos anteriores.

A partir da revelação e exaltação do Senhor Jesus como o Sumo Sacerdote e Rei Eterno, não existe na vontade de Deus qualquer possibilidade de um ser humano ser o mediador diante de Deus de outro ser humano, o que, obviamente, se aplica ainda mais quando vemos a posição de Cristo como o Cabeça de cada um dos membros do seu corpo.

Muitos daqueles que dizem que uma pessoa precisa de mediadores entre ela e Deus podem até falar de que isto é temporário e que um dia a própria pessoa poderá ter acesso direto a Deus. Na prática, porém, nunca deixam realmente as pessoas crescerem a este ponto, pois se o fizessem, perderiam a sua razão de existirem como supostos mediadores. Eles atuam para manter as pessoas imaturas porque querem a primazia para si, conforme exemplificado na terceira epístola de João.

Há mediadores que ensinam que aqueles que eles mediam um dia poderão se acercar direto a Deus como eles fazem, mas nunca definem os passos e o tempo para que isto ocorra. Dizem que isto “é um mistério que só o tempo mostrará”. Mas na realidade, é um embuste ou um engodo.

E fazendo aqui uma pergunta óbvia: Se as pessoas precisam de mediadores entre elas e Deus, não é evidente que os mediadores também precisariam de mediadores? E quem mediará o topo da cadeia de mediadores de mediadores?

O que faz os pretensos mediadores pensarem que são tão distintos dos outros para não precisarem, eles mesmos, de mediadores? São eles uma classe especial de indivíduos eleitos e mais privilegiados que o resto dos seres humanos?

E quando perguntados da razão deles mesmos não terem mediadores, estes mesmos pretensos mediadores, sempre dão respostas evasivas, dissimuladas ou que tentam distorcer a verdade.

Por que, então, as suas respostas não são verdadeiras?

As resposta dos pretensos mediadores não é verdadeira por uma razão muito básica: Porque as Escrituras explicitamente dizem que o Único Mediador entre Deus e os seres humanos é Cristo, o Único Cabeça do seu corpo.

Diante das Escrituras, as pessoas que se advogam mediadoras entre Deus e outras pessoas não são de fato o que alegam ser. Se fossem, as Escrituras estariam mentindo. Não é ao Senhor Jesus Cristo que aqueles dizem mediar a Cristo servem de fato, antes resistem a soberania e posição de Cristo como o Único Cabeça.

Cada cristão é templo do Deus vivente e pode se relacionar com o Senhor Jesus Cristo em seu coração para ali receber o reino e a justiça de Deus e para se relacionar com Cristo como seu Sumo Sacerdote, sua Luz, seu Rei da Justiça e da Paz, tendo todos os ministérios de Cristo unificados na sua posição de Cabeça sobre o seu corpo.

Entretanto, aqueles que não creem que Cristo pode fazer tudo o que é requerido Dele como o Cabeça e que Ele tenha todo este poder, e que ainda tentam estabelecer outros para fazer o que somente é pertinente a Cristo, acabam se entregando à discursos e proposições idólatras, visto que o significado da palavra idolatria está relacionado com **“aquilo que é a réplica ou a imagem de algo + um serviço retribuído por salário”**. (Conforme comentários associados ao *Léxico grego de Strong na Online Bible*).

Pelo fato de haver pessoas que estão dispostas a pagar para que outros tentem fazer o relacionamento delas com Deus, ainda que parcial, também há aqueles que oferecem “réplicas ou falsificações de cabeças” que oferecem uma suposta “cobertura espiritual” sobre outros, como se um mero membro do corpo pudesse ter a vocação de ser cabeça de outro membro, conforme já comentamos acima.

A ambição pelo lucro que a pretensa “cobertura espiritual” tem gerado ao longo da história atrai muitos a quererem também se estabelecer como mais uma réplica do Cabeça Cristo para obterem os supostos salários que pensam ser devidos a este tipo de serviço.

**1 Timóteo 6: 3 Se alguém ensina outra doutrina e não concorda com as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo e com o ensino segundo a piedade,
4 é enfatuado, nada entende, mas tem mania por questões e contendas de palavras, de que nascem inveja, provocação, difamações, suspeitas malignas,
5 alterações sem fim, por homens cuja mente é pervertida e privados da verdade, supondo que a piedade é fonte de lucro. Aparte-te dos tais.**

Sendo a idolatria o uso da réplica de algo que é servido por retribuição de salário, aquele que se oferece como réplica de cobertura espiritual, e recebe a paga por oferecer este serviço ou ministério, se caracteriza como o “ídolo idolatrado”. E em relação a estes, o Senhor nos instrui no texto a seguir:

2 Coríntios 6: 16 Que ligação há entre o santuário de Deus e os ídolos? Porque nós somos santuário do Deus vivente, como ele próprio disse: Habitarei e andarei entre eles; serei o seu Deus, e eles serão o meu povo.

**17 Por isso, retirai-vos do meio deles, separai-vos, diz o Senhor; não toqueis em coisas impuras; e eu vos receberei,
18 serei vosso Pai, e vós sereis para mim filhos e filhas, diz o Senhor Todo-Poderoso.**

Aqueles que se apresentam como réplicas do Cabeça Cristo, e como tais recebem salário por retribuição de tentarem ser réplicas de Cristo, se colocam como ídolos que tentam se interpor para que as pessoas não acessem o relacionamento com o Pai Celestial conforme o Pai intenta ter com cada um dos seus filhos.

Cristo firmemente nos advertiu que viriam muitos que tentariam se estabelecer como uma réplica de Cristo, mas também advertiu o que fazer em relação a estes pretensos ou falsos “cabeças”.

**Marcos 13: 21 Então, se alguém vos disser: Eis aqui o Cristo! Ou: Ei-lo ali! Não acrediteis;
22 pois surgirão falsos cristos e falsos profetas, operando sinais e prodígios, para enganar, se possível, os próprios eleitos.
23 Estai vós de sobreaviso; tudo vos tenho predito.**

Em outro texto, Paulo ainda nos diz:

1 Coríntios 10: 14 Portanto, meus amados, fugi da idolatria.

Cristo, o Mediador estabelecido por Deus com exclusividade, não repassou e jamais delegará esta função a outros, pois é para podermos nos achegar a Ele e ao Pai Celestial que Ele veio em carne ao mundo e veio para tornar isto claro diante de todos. Quando nos achegamos direto ao Senhor Jesus, Ele nos conduz para estarmos cada vez mais diretamente Nele, Em Cristo, e através Dele, no Pai Celestial e o Pai entre nós.

O Senhor tem o direito de ser o exclusivo Cabeça de cada pessoa. Cristo tem este direito por ser Criador de todos e por ter-lhes comprado a liberdade na cruz do Calvário com o seu sangue perfeito vertido como o *Cordeiro Perfeito*, algo que ninguém e nenhuma pessoa fez por um dos seus semelhantes, quanto mais por todos.

Independentemente da condição natural que um cristão esteja, ele é livre para acessar a Deus no seu coração sem qualquer jugo de mediação de outros, pois Cristo lhe comprou esta liberdade. E esta é a liberdade que não deve ser jamais desprezada.

1 Coríntios 7: 23 Por preço fostes comprados; não vos torneis escravos de homens.

1 Coríntios 6: 20 Porque fostes comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo.

Apocalipse 1: 5 ... e da parte de Jesus Cristo, a Fiel Testemunha, o Primogênito dos mortos e o Soberano dos reis da terra. Àquele que nos ama, e, pelo seu sangue, nos libertou dos nossos pecados, ...

Os que querem se colocar, indevidamente, como cabeça de outros, quer como seus sacerdotes ou quer como os líderes ou regentes das suas vidas, são como ladrões de vidas alheias. Tentam roubar o controle das vidas alheias para si. Tentam matar aquilo que Deus tem para as pessoas. E assim, tentam destruir todas as possibilidades de produção de frutos que estes poderiam gerar segundo a vontade de Deus.

*Eclesiastes 8: 9 **Tudo isto vi quando me apliquei a toda obra que se faz debaixo do sol; há tempo em que um homem tem domínio sobre outro homem, para arruiná-lo.***

*João 10: 10(a) **O ladrão vem somente para roubar, matar e destruir.***

Terrível coisa é quando uma pessoa tenta mediar a outra como seu cabeça, pois com isto ela tenta dominá-la sob um sacerdócio em que a pessoa não aprende ou desaprende a ouvir diretamente a Deus, mas também porque tenta dominá-la sob uma regência que se interpõe para que esta pessoa não venha a ouvir a instrução do Rei Jesus sobre como ela deveria andar em sua vida.

Notemos bem aqui o seguinte mais uma vez: Se alguém não acessa a Deus para se relacionar com o Senhor, ele também não terá o caminho inverso de receber a orientação de Deus. E assim, fica entregue a ser guiado também no andar sob a direção de outras fontes.

Não estamos aqui dizendo que uma pessoa não possa ouvir sugestões de pessoas em áreas que outros são mais especializados do que ela. Entretanto, isto é diferente de alguém querer determinar ao seu próximo o que ele deve fazer ou deixar de fazer. É diferente de uma pessoa permitir que o seu semelhante lhe seja por cabeça.

Um cristão, por exemplo, pode falar aos seus irmãos de fé sobre as virtudes de Deus e que Deus quer o relacionamento pessoal com cada um. Entretanto, um irmão não é chamado para fazer o papel de mediar a Deus aos irmãos ou os irmãos a Deus, pois isto se opõe completamente à nova aliança em Cristo. (Aspecto exposto mais amplamente no estudo Conhecer sobre Deus ou Conhecer a Deus).

Uma outra questão triste relacionada aos supostos mediadores humanos é que quando os problemas das pessoas mediadas começam a surgir, os mediadores deixam a culpa e a conta nas costas de quem orientaram e não assumem o custo das suas mediações e dos conselhos que deram, dizendo que os indivíduos mediados eram livres para escolherem e adotarem ou não os seus conselhos. Assim, até na hora do fracasso os falsificadores ou falsas cabeças tentam dissimular a vergonha dos seus sistemas.

Os supostos mediadores humanos repetidamente tentam lançar fardos pesados sobre as costas das pessoas que dizem orientar. Conforme já vimos anteriormente, eles o fazem:

- ⇒ 1) Naquilo que orientam, pois não foram designados por Deus para fazê-lo e assim não instruem os outros na verdade ou na vontade de Deus;
- ⇒ 2) Naquilo que exigem;
- ⇒ 3) Naquilo que ameaçam, caso os mediados não sigam suas orientações;
- ⇒ 4) Nas acusações e condenações que lançam sobre os que seguiram as suas instruções quando os fracassos vem e quando começam a ver as coisas se desmoronarem nas suas vidas;
- ⇒ 5) Quando blasfemam e tentam amaldiçoar àqueles que já não suportam seus fardos e se retiram dos seus sistemas pesados e cruéis.

As pessoas colhem dos supostos mediadores humanos aquilo que o ser humano em suas limitações e falhas lhes oferecem.

Gálatas 6: 7 Não vos enganéis: de Deus não se zomba; pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará.

8 Porque o que semeia para a sua própria carne da carne colherá corrupção; mas o que semeia para o Espírito do Espírito colherá vida eterna.

Se, por exemplo, alguém confiou na suposta ou pretensa mediação de um ser humano, ele não poderá contar com ela para assuntos que vão além dos seus limites.

Assim, se na hora de prestar contas ao Senhor cada pessoa o fará pessoalmente e diretamente a Ele, por que então ser guiado por outros e não diretamente pela fonte, ou seja, pelo Pai através de Jesus Cristo?

Romanos 14: 11 Como está escrito: Por minha vida, diz o Senhor, diante de mim se dobrará todo joelho, e toda língua dará louvores a Deus.

12 Assim, pois, cada um de nós dará contas de si mesmo a Deus.

Colossenses 3: 23 Tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração, como para o Senhor e não para homens,

24 cientes de que recebereis do Senhor a recompensa da herança. A Cristo, o Senhor, é que estais servindo;

25 pois aquele que faz injustiça receberá em troca a injustiça feita; e nisto não há acepção de pessoas.

Glória a Deus que através do relacionamento direto com Cristo, como o Cabeça do seu corpo, a vida não é como nos sistemas em que as pessoas oferecem réplicas ou imagens de mediação, pois Cristo é Aquele que já deu prova do seu amor para com cada um dos membros do seu corpo quando em favor deles morreu na cruz do Calvário.

E ainda, se Cristo é dado ao cristão para habitar no seu coração para que não haja interferências externas entre Cristo e o novo homem interior cuja condição é concedida a todo aquele que recebe a Cristo, por que este novo homem interior precisaria de um cabeça externo e de uma cobertura espiritual externa para guiar a sua vida?

Cristo habita em cada membro do seu corpo através do Espírito do Senhor. E o Espírito Santo nos é dado para habitar em nós para não precisarmos mais da cobertura espiritual exterior conforme havia na Ordem segundo Moisés.

Só a título de esclarecimento, de forma alguma neste capítulo estamos dizendo que um cristão não deve respeitar os regentes civis da sua nação. Um aluno deve respeitar um professor, um filho ao pai, um cidadão aos dirigentes da nação e assim por diante. Respeitar autoridades é um aspecto ensinado pelo Senhor e será tratado num capítulo mais adiante.

Entretanto, se um regente ou governante atua contra a vida em si e tenta coibir alguém de buscar a Cristo como o Cabeça da sua vida, esta pessoa na posição de regência não está agindo conforme a autoridade maior que está sobre ele, e, portanto, sempre a posição de Cristo deve prevalecer no coração daquele que serve ao Senhor, conforme também foi testemunhado pelos apóstolos de acordo com o texto a seguir:

*Atos 5: 29 **Então, Pedro e os demais apóstolos afirmaram: Antes, importa obedecer a Deus do que aos homens.***

Cristo pode orientar um filho de Deus a seguir a instrução de uma governante ou de um chefe de um departamento numa empresa, mas um cristão, em última análise, segue a orientação de um regente humano quando Cristo lhe orienta a segui-la.

O cristão se submete aos governantes por causa da orientação do próprio Cristo e segundo a orientação que o Senhor dá a eles. O cristão é chamado se sujeitar primeiramente a Cristo como o seu Cabeça e tem acesso direto a Ele para conferir as direções ou instruções que recebe de regentes humanos.

Seja a paz de Cristo o árbitro em vosso coração. Não é isto que dizem as Escrituras?

Quando o assunto trata-se de mediadores espirituais, nenhum mediador humano tem da parte de Deus a autoridade legal ou reconhecida para fazer este papel, pois estes sistemas de mediação já foram expostos como obsoletos juntamente com a revogação da Ordem de Arão.

E por fim, neste capítulo, e diante destas afirmações de Cristo ser o Cabeça e o fundamento de cada um dos membros do seu corpo espiritual, podemos observar que muitas pessoas se veem em dificuldade de enxergar que isto se aplica, de fato, para todo o corpo, alegando a necessidade de que, ao menos, os recém-nascidos espirituais são dependentes de mediadores humanos sobre as suas vidas.

Ora, se observarmos os pais de uma criança recém-nascida, naturalmente falando, não são os irmãos mais experientes que têm a prioridade de acesso ao novo membro da família, mas sempre os pais. Embora os irmãos mais velhos possam ajudar os pais a cuidar dos mais novos, eles não são os pais.

E quanto mais prioridade de acesso aos seus filhos não terá o Eterno Pai Celestial e o Senhor Jesus Cristo através de quem podem ter acesso ao Pai das Luzes?

Vejam os exemplos do que disse Cristo sobre a relação de Deus com os pequeninos:

Mateus 18: 10 **Vede, não desprezeis a qualquer destes pequeninos; porque eu vos afirmo que os seus anjos nos céus veem incessantemente a face de meu Pai celeste.**

...
14 Assim, pois, não é da vontade de vosso Pai celeste que pereça um só destes pequeninos.

Mateus 11: 25 **Por aquele tempo, exclamou Jesus: Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos e as revelaste aos pequeninos.**

Mateus 21: 15 **Mas, vendo os principais sacerdotes e os escribas as maravilhas que Jesus fazia e os meninos clamando: Hosana ao Filho de Davi!, indignaram-se e perguntaram-lhe:**

16 Ouves o que estes estão dizendo? Respondeu-lhes Jesus: Sim; nunca lestes: Da boca de pequeninos e crianças de peito tiraste perfeito louvor?

Em outro o momento, o Senhor disse:

Mateus 19: 14 **Jesus, porém, disse: Deixai os pequeninos, não os embaraceis de vir a mim, porque dos tais é o reino dos céus.**

Querer alegar que pessoas recém-nascidas espiritualmente precisam de mediadores para com Deus e de que Deus não pode cuidar delas é uma afronta ao Pai Celestial do qual estas crianças espirituais nasceram e é um insulto ao poder do Cabeça que vivificou estes “pequeninos” através de seu próprio Espírito.

Ainda que o Senhor tenha prazer em que os cristãos mais experientes ajudem os mais novos, e os chame para fazê-lo em amor e sem a dominação de uns sobre os outros, dizer que Deus não pode cuidar dos seus filhos, ou que os mais novos necessitam de mediadores entre eles e o Senhor, continua sendo ainda uma tentativa velada de criar ou manter cabeças humanas sobre o corpo de Cristo.

Se Deus não pudesse cuidar dos filhos que gera espiritualmente, como que Felipe poderia despedir em paz o etíope que estava no caminho que descia para Gaza após este receber a Cristo e ser batizado em nome do Senhor Jesus Cristo? (Conforme Atos 8)

Se Deus não pudesse cuidar dos filhos que vivifica espiritualmente, como Ele poderia ter separado o recém convertido Paulo para ser instruído por Cristo durante os primeiros três anos da sua vida cristã?

Uma pessoa recém-nata espiritualmente é a que mais precisa ser ensinada de que a fonte da sua vida vem de Deus diretamente através de Cristo Jesus, a Quem ela pode acessar em todos os lugares e a qualquer tempo mediante a fé no Senhor.

O Senhor Jesus Cristo disse *para ninguém embarçar os pequeninos impedindo-os de irem a Ele*. E quão não é grande o embaraço que uma pessoa pode causar em dizer que um recém-nato filho de Deus não pode ir direto a Deus?

Dizer que uma pessoa precisa de outros para se chegar a Deus é uma das maiores e mais danosas obstruções que alguém pode criar na vida dos recém-natos em Cristo uma vez que eles tanto necessitam ser providos, exatamente, do Único Cabeça de quem procede toda a provisão da novidade de vida espiritual concedida pelo reino celestial.

Cristo pode chamar vários membros do seu corpo a ajudarem novos membros a se desenvolverem, e muitas vezes o faz. Entretanto, desde o momento do nascimento de um filho espiritual de Deus até a plena glória junto a Cristo, o Senhor Jesus é o Único Cabeça de todos, e Ele suscita destes novos não somente um louvor, mas “o perfeito louvor”.

Cristo é “o Cabeça de todo indivíduo do seu corpo espiritual”, quer uma pessoa já faça parte deste corpo a muito tempo ou tenha recém sido associada a ele.

Cristo sabe como tocar, sentir e orientar cada um dos membros do seu corpo, independentemente da maturidade espiritual de cada membro e independentemente do tempo que esta pessoa faz parte do seu corpo.

*Efésios 4: 15 **Mas, seguindo a verdade em amor, crescamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo, de quem todo o corpo, bem ajustado e consolidado pelo auxílio de toda junta, segundo a justa cooperação de cada parte, efetua o seu próprio aumento para a edificação de si mesmo em amor.***

O texto que chama cada cristão a permanecer ligado ao Cabeça e o texto que descreve de quem todo o corpo recebe provisão e vida não dizem para que somente os cristãos espirituais “adultos” o façam.

O relacionamento de um filho espiritual recém-nato com Deus, em primeiro lugar, não depende da capacidade deste recém-nato de saber fazê-lo apropriadamente, mas depende de Deus saber receber a todos e a cada um que se chega a Ele através de Cristo.

*Hebreus 7: 25 **Por isso, também pode salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles.***

É impressionante observar a insistência do ser humano no sentido do quanto ele tenta denegrir o fato de que Deus pode atender a todos que o buscam e o quanto muitos pensam que eles poderiam fazer coisas que pensam que Deus estaria limitado a fazer.

É impressionante notar o quanto muitas pessoas querem ser um complemento do Caminho para Deus, resistindo à verdade de que somente Cristo é o Mediador e o Novo e Vivo Caminho para o Pai Celestial e para a novidade de vida celestial.

E também é impressionante ver como muitas pessoas pensam ou querem pensar que elas podem ter diante de Deus e dos homens a vocação de ser cabeça de outros ou de serem “sub cabeças” de Cristo.

Somente Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo é que são Deus, e o ser humano jamais poderá verdadeiramente ser “deus” para si e muito menos para os outros.

A instrução explícita das Escrituras é que só há um Único Deus. E por isto, elas alertam tão veemente para que cada um permaneça “ligado direto ao Único Cabeça” e para que cada um cuide para não acompanhar aqueles membros que se afastam “do Cabeça” e querem ser “cabeça” de outros.

Os membros guiados pelo Cabeça Cristo são chamados a serem cooperativos com outros membros ou a se ajudarem mutuamente, conforme a orientação que cada um recebe do “Único Cabeça”. Eles são chamados a se ajudarem como irmãos assim como uma família faz, mas jamais para tentarem se interpor para que os outros membros sejam privados de desfrutarem do acesso livre que lhes está disponível em Cristo Jesus.

Já muitos daqueles que não são guiados “pelo Único Cabeça”, também são aqueles que procuram dividir o corpo em agrupamentos de membros onde eles mesmos pensam e alegam que podem ser a cabeça ou sub cabeça de outros, opondo-se diretamente ao Único Cabeça, que é Cristo. Estes, não sendo cabeça de fato, tentam criar “corpos de membros guiados por membros”, tornando-se em cegos guiando outros cegos. São corpos acéfalos, sem cabeça de fato. São homens e mulheres de entendimento corrompido e dissociado da verdade e da novidade de vida que é Cristo, tentando guiar outros que igualmente ficam privados de se relacionarem com o Senhor Jesus como deveriam fazê-lo.

Aqueles que querem comandar os outros membros do corpo pensam de Deus e de Cristo menos do que convém e pensam de si próprios mais do que convém.

*Romanos 12: 3 **Porque, pela graça que me foi dada, digo a cada um dentre vós que não pense de si mesmo além do que convém; antes, pense com moderação, segundo a medida da fé que Deus repartiu a cada um.***

A crença de alguém pensar que pode ser cabeça, líder ou mediador de outros nas questões espirituais não se refere à fé que vem de Deus ou, ainda, nem é fé, pois Deus nunca autorizou membros do corpo de Cristo a serem cabeça e mediadores de outros.

Onde há assembleias, congregações, grupos grandes ou grupos pequenos edificados de forma que consideram outros membros como fundamento, que andam sob a direção de membros como cabeças, e que, portanto, se afastaram do Único Cabeça na tentativa de serem guiados pelos seus semelhantes, a edificação que fazem é um corpo estranho, e não o corpo de Cristo que é unido a um só como Cabeça de todo o corpo.

Os membros que se desconectaram do cabeça e se conectaram a outra rede podem se arrepende e voltar ao Único Cabeça, pois Ele é poderoso para “reconectá-los” na verdadeira e única fonte de vida, Cristo, o Único Cabeça do seu próprio corpo. Entretanto, se permanecerem desconectados do Único Cabeça, quão terrível não é fim destes que se desligaram da graça de Deus?

Pedro, um discípulo de Jesus, algumas vezes tinha um impulso de querer ser cabeça de outros membros e, por vezes, até do Senhor Jesus. O Senhor, porém, lhe advertiu e

ensinou várias vezes que só Ele, o Cristo, é o Cabeça e que somente ou exclusivamente ao Senhor pertencem as ovelhas que a Ele estão ligadas num só corpo.

Infelizmente, no mundo, há muitas pessoas inclinadas a alguns impulsos similares aos que Pedro adotou em certos momentos. Em vez de olharem firmemente para o Senhor Jesus, o Autor e Consumador da fé, querem saber em demasia sobre a vida de outros e pensam que podem tomar a direção da vida de outros em suas mãos. O Senhor Jesus, porém, claramente disse a Pedro a quem é que cabe designar a direção de vida dos membros do corpo de Cristo e também a quem Pedro deveria seguir.

*João 21: 20 **Então, Pedro, voltando-se, viu que também o ia seguindo o discípulo a quem Jesus amava, o qual na ceia se reclinara sobre o peito de Jesus e perguntara: Senhor, quem é o traidor?***

*21 **Vendo-o, pois, Pedro perguntou a Jesus: E quanto a este?***

*22 **Respondeu-lhe Jesus: Se eu quero que ele permaneça até que eu venha, que te importa? Quanto a ti, segue-me.***

Sob a revelação de que o Senhor Jesus é o Cristo, o Único Cabeça, o Senhor disse a Pedro que Ele mesmo, o Cristo, edificaria a SUA Igreja e não a igreja de Pedro.

O Corpo de Cristo jamais terá a cabeça dividida em duas ou mais cabeças. Pensar isto é uma completa aberração. Quando um membro tenta se colocar como cabeça de outro membro, mesmo depois de advertido para o arrependimento, ele se coloca em posição de ser desligado do corpo que em Cristo é indivisível e que permanece unido ao Eterno e Único Cabeça.

Portanto, a Igreja de Cristo é o conjunto dos membros que se mantêm unidos ao Único ou Exclusivo Cabeça. E quem não se mantêm unido ao Único Cabeça, também não se mantêm unido ao corpo de Cristo, a Igreja.

Quando um grupo de pessoas se torna dominador espiritual de outras pessoas, Cristo não se mantêm unido a estes indivíduos, não tem parte em suas obras e, ainda, com poder e autoridade, chama para fora e para Si aqueles que ouvem a sua voz.

*João 10: 1 **Em verdade, em verdade vos digo: o que não entra pela porta no aprisco das ovelhas, mas sobe por outra parte, esse é ladrão e salteador.***

*2 **Aquele, porém, que entra pela porta, esse é o pastor das ovelhas.***

*3 **Para este o porteiro abre, as ovelhas ouvem a sua voz, ele chama pelo nome as suas próprias ovelhas e as conduz para fora.***

*4 **Depois de fazer sair todas as que lhe pertencem, vai adiante delas, e elas o seguem, porque lhe reconhecem a voz;***

*5 **mas de modo nenhum seguirão o estranho; antes, fugirão dele, porque não conhecem a voz dos estranhos.***

*6 **Jesus lhes propôs esta parábola, mas eles não compreenderam o sentido daquilo que lhes falava.***

*7 **Jesus, pois, lhes afirmou de novo: Em verdade, em verdade vos digo: eu sou a porta das ovelhas.***

O lugar das ovelhas de Cristo, ou os membros do corpo de Cristo, não é ficarem aprisionadas em apriscos de pastores, sub pastores e dominadores. O lugar das ovelhas

de Cristo é estarem ligadas ao Cabeça. E para estarem ligadas ao Cabeça, elas precisam estar onde Cristo está e não onde os dominadores querem que elas estejam.

Os apriscos não podem ir onde a todos os lugares que as ovelhas vão. Por isto, a ideia de aprisco ou refúgio físico ou institucional de ovelhas espirituais não funciona, pois os apriscos não conseguem ser sacerdócio, proteção e guia em todos os lugares que as ovelhas precisam ir.

Quando, porém, Cristo é o Cabeça, as ovelha estão onde Cristo está, e Cristo está onde Ele conduz as ovelhas para estarem.

Somente o “Único Pastor” que pode estar em todo o tempo e em todos os lugares com as suas ovelhas é quem pode efetivamente pastoreá-las, pois não é limitado como são os apriscos e os seus líderes em suas mais diversas limitações.

O jovem Davi, cedo na vida, descobriu quem era e como era o Pastor pessoal da sua vida e o que isto representava para ele, declarando:

*Salmos 23: 1(a) **O SENHOR é o meu pastor.***

Centenas de anos depois de Davi, e após ter sido repetidamente ensinado pelo Senhor, Pedro declara que o refúgio verdadeiro das ovelhas está no mesmo Senhor que Davi declarou como sendo o Pastor da sua vida, conforme texto abaixo:

*1 Pedro 2: 25 **Porque estáveis desgarrados como ovelhas; agora, porém, vos convertestes ao Pastor e Bispo da vossa alma.***

E ainda, também o próprio Senhor Jesus, o amado do Pai Celestial, a quem o Pai declarou o seu amor em alta voz do céu, dizendo que “***Este é o meu Filho Amado, em quem me comprazo***”, Ele mesmo nos revelou explicitamente quem Ele era:

*João 10: 14 **Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem a mim,**
15 assim como o Pai me conhece a mim, e eu conheço o Pai; e dou a minha vida pelas ovelhas.
16 Ainda tenho outras ovelhas, não deste aprisco; a mim me convém conduzi-las; elas ouvirão a minha voz; então, haverá um rebanho e um pastor.*

Ao compararmos os últimos textos acima, podemos observar que não existe neles nenhuma referência de divisão do uso do cajado de pastor por mais de um cabeça e que esta tarefa é exclusivamente de Cristo, o Único Pastor.

Os cristãos são chamados para serem testemunhas da justiça do seu Cabeça e do Amor do seu Pastor, são chamados para serem bênção na vida de outros e são chamados para cooperar com o pastoreio de Cristo nas suas vidas. Entretanto, eles não são chamados para ser “Cabeça e Pastor” de outros, mesmo que digam que o façam “em nome do Único Pastor”.

Uma das piores injustiças que alguém pode tentar impor a outras pessoas é tentar impedir que Cristo seja para os outros aquilo que Cristo

foi designado pelo Pai Celestial para ser nas suas vidas como o Único Pastor e Único Cabeça.

A criação geme pela revelação da liberdade da glória dos filhos de Deus. E a liberdade da glória dos filhos de Deus, por sua vez, é ter o acesso à Luz celestial mesmo no mundo em trevas, porque se tiverem a Cristo como Cabeça, estes filhos de Deus têm Nele toda a Luz que necessitam, conforme já vimos em capítulos anteriores.

Entretanto, se os cristãos se eximem de se colocarem em pé diante de Cristo para serem iluminados pelo Único Cabeça que Deus designou para eles, não é debaixo de coberturas espirituais inferiores que eles encontrarão o que tanto necessitam de fato.

Quando o Senhor ressuscitou dentre os mortos, a primeira pessoa que o viu ressurreto foi Maria Madalena (conforme João 20). E também ela foi a primeira a quem o Senhor deu uma orientação para testemunhar aos seus discípulos sobre a condição Dele ter ressuscitado. Ora, Maria Madalena não era um dos 12 apóstolos, mostrando-nos Cristo que o relacionamento de cada membro do seu corpo com Ele como Cabeça é direto e pessoal, e que nem os 12 apóstolos foram chamados para mediar os outros neste relacionamento com o Senhor Jesus.

Maria Madalena estava junto ao sepulcro chorando porque ninguém podia fazê-la saber onde estava o corpo do seu Mestre. Entretanto, o próprio Senhor veio ao seu encontro, consolou-a como o Sumo Sacerdote Eterno e lhe instruiu como Rei a respeito do que ela deveria fazer, mostrando-se como o Cabeça e Pastor que está vivo e apto a atender a todos segundo a justiça de Deus em todos os aspectos das suas vidas.

Embora declarem que creem que Cristo ressuscitou, muitas pessoas relacionam-se com Cristo como se Ele não estivesse vivo de fato ou como se Ele não fosse habilitado para ser Cabeça de cada um dos membros do seu corpo, esquecendo-se, vez após vez, que é a Cristo que Deus estabeleceu para sustentar cada um dos aspectos do universo, quanto mais àqueles que o amam e lhe reconhecem como o Cabeça de suas vidas.

Se um membro do corpo de Cristo se mantiver ligado no Cabeça, o Cabeça do corpo nunca o esquecerá ou o deixará desassistido, antes se dispõe a andar em ampla comunhão com aquele que se mantém unido a Ele.

*Efésios 5: 29 **Porque ninguém jamais odiou a própria carne; antes, a alimenta e dela cuida, como também Cristo o faz com a igreja;**
30 **porque somos membros do seu corpo.***

*1 Coríntios 12: 27 **Ora, vós sois corpo de Cristo; e, individualmente, membros desse corpo.***

*Salmos 25: 5 **Guia-me na tua verdade e ensina-me, pois tu és o Deus da minha salvação, em quem eu espero todo o dia.***

C35. A Glória de Cristo como o Cabeça do Coletivo de Dois Chamado de Matrimônio

A. O Primeiro Relacionamento Horizontal e Coletivo do Ser Humano

No capítulo anterior, passamos a ver que Cristo, como o Cabeça do seu corpo, apresenta esta condição tanto sobre cada indivíduo que Nele crê como sobre o aspecto coletivo do seu corpo, que também é chamado de Igreja.

No capítulo anterior, também passamos a ver, de forma mais detalhada, a condição de Cristo como o Cabeça sobre cada membro individual do seu corpo, fazendo uma menção de que a abordagem de Cristo também ser o Cabeça da coletividade dos membros seria realizada em um capítulo mais adiante.

Entretanto, antes de abordarmos esta segunda parte da posição de Cristo como o Cabeça de todo o seu corpo, coletivamente falando, gostaríamos previamente de abordar um outro aspecto onde Cristo também é o Cabeça, e o qual é a condição de Cristo ser o Cabeça daqueles que estabeleceram um matrimônio segundo o princípio conjugal estabelecido pelo Senhor.

O fato de abordarmos a posição de Cristo como o Cabeça nos matrimônios estabelecidos diante de Deus, antes de abordamos a posição de Cristo sobre todo o seu corpo, não faz desta condição do Senhor em relação ao aspecto conjugal ser mais importante do que a sua condição de Cabeça do seu corpo, pois estas duas condições se complementam e cooperam uma com a outra.

A abordagem da posição de Cristo como o Cabeça sobre matrimônios está sendo feita previamente pela razão desta condição nos arremeter a ver o primeiro relacionamento horizontal coletivo que o ser humano realizou com outro ser humano.

Ainda em outro capítulo anterior, também vimos que o fato de Cristo ser o Rei da Justiça e Rei da Paz tanto sobre indivíduos como sobre a coletividade, torna a tarefa de reinado de Cristo muito amplificada, sendo esta abrangência já muito evidenciada na coletividade criada pela união de 1 + 1 através do matrimônio.

A partir do momento que Adão se uniu conjugalmente à Eva, toda uma nova e singular forma de relacionamento foi introduzida na humanidade, fazendo com que, a partir daquele momento, Adão e Eva não tivessem mais somente uma aliança de vida com Deus, mas também uma aliança em diversos aspectos da vida entre eles.

Antes da união matrimonial, o ser humano se relacionava com Deus sem nenhum vínculo de aliança com outro ser que não fosse o Senhor. Mas esta situação passou a apresentar grandes diferenças a partir do momento da união conjugal de Adão e Eva.

A união conjugal é um coletivo de 1 + 1 que pode resultar em filhos como fruto desta união, frutos que somente podem ser alcançados pela união do que o homem tem a oferecer e o que a mulher tem a oferecer, e que introduziu também um conceito completamente novo de cooperação e de ação conjunta a fim de que propósitos específicos possam ser alcançados por esta atuação conjunta.

E pelo fato da união conjugal ser tão singular, ela também tem uma atenção toda especial da parte de Deus, visto que foi Deus que também estabeleceu em seus planos este tipo de união.

A união conjugal entre o homem e a mulher, ou também chamada de matrimônio, é algo que faz parte da humanidade desde o seu início, e, obviamente, sem ela, a própria humanidade teria deixado de existir.

Desde o princípio da humanidade, Deus tem a união matrimonial em alta honra e em alto valor, dizendo, inclusive, que todos também devem vê-la deste modo, conforme o texto a seguir:

*Hebreus 13: 4 **Digno de honra entre todos seja o matrimônio, bem como o leito sem mácula; porque Deus julgará os ímpuros e adúlteros.***

B. O Princípio Conjugal que Permanece Inalterado desde o

Começo

Embora o nosso propósito neste capítulo não seja realizar um estudo sobre o matrimônio propriamente dito e do que se segue a ele, visto que o nosso propósito é evidenciar a posição de Cristo como Cabeça nesta questão, entendemos ser necessário retornarmos um pouco a alguns princípios básicos sobre a união conjugal conforme ela nos é apresentada pelo Senhor nas Escrituras precisamente para vermos, de forma mais objetiva, a posição de Cristo em relação a ela.

Outro aspecto que torna a união conjugal singular, diferentemente de diversos outros fatores relacionados a humanidade, é que ela, diante de Deus, foi estabelecida por alguns princípios básicos dos quais o Senhor nunca abriu mão de serem ensinados e utilizados como princípios essenciais para qualquer união conjugal reconhecida por Deus.

Para Deus, os princípios do primeiro matrimônio ou da primeira união conjugal são os que encontramos descritos da seguinte forma nas partes iniciais do livro de Gênesis:

- Gênesis 2: 21* ***Então o SENHOR Deus fez cair um sono pesado sobre o homem, e este adormeceu; tomou, então, uma das suas costelas, e fechou a carne em seu lugar.***
- 22* ***Então da costela que o SENHOR Deus tomou do homem, formou a mulher, e a trouxe ao homem.***
- 23* ***Disse o homem: Esta é agora osso dos meus ossos e carne da minha carne; ela será chamada de mulher, pois do homem foi tomada.***
- 24* ***Portanto deixará o homem a seu pai e a sua mãe e unirá-se à sua mulher, e serão os dois uma só carne.*** (EC)

Passados aproximadamente quatro mil anos, o Senhor Jesus Cristo, quando consultado sobre questões relativas ao matrimônio, reiterou as mesmas palavras que Deus falara desde o início do estabelecimento de um matrimônio, desde a primeira vez que o homem e a mulher foram apresentados um ao outro, reafirmando assim que, na ótica de Deus, este assunto nunca sofreu qualquer alteração com o passar dos séculos, a despeito dos seres humanos muitas vezes terem tentado estabelecer outros parâmetros para a questão conjugal.

- Mateus 19: 4* ***Ele, porém, respondendo, disse-lhes: Não tendes lido que, no princípio, o Criador os fez macho e fêmea***
- 5 e disse: Portanto, deixará o homem pai e mãe e se unirá à sua mulher, e serão dois numa só carne?***
- 6 Assim não são mais dois, mas uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou não separe o homem.*** (RC)

- Marcos 10: 5* ***E Jesus, respondendo, disse-lhes: Pela dureza do vosso coração vos deixou ele escrito esse mandamento;***
- 6 porém, desde o princípio da criação, Deus os fez macho e fêmea.***
- 7 Por isso, deixará o homem a seu pai e a sua mãe e unirá-se à sua mulher.***

8 E serão os dois uma só carne e, assim, já não serão dois, mas uma só carne.

9 Portanto, o que Deus ajuntou, não o separe o homem. (RC)

A forma de união de um homem com uma mulher foi estabelecida já desde o matrimônio do primeiro casal sobre a face da Terra e passou a ser, diante de Deus, a base para todos os filhos descendentes de Adão e Eva em todos os povos. A maneira apropriada da união matrimonial não é algo que Deus deixou para os homens e mulheres definirem, mas Ele, como o Criador de ambos, como Deus sobre a criação, mostrou o seu intento e a forma por Ele definida para o matrimônio.

Já desde o início, já diante da primeira união do primeiro homem com a primeira mulher, Deus estabeleceu como deveriam se dar as uniões conjugais de todos os filhos e filhas de deles descendessem.

E sem reconhecer o que para Deus é o matrimônio digno de honra entre todos, e sem o reconhecimento de como é estabelecido um matrimônio diante do Senhor, também não há como o tema de Cristo ser o Cabeça nesta questão ser abordado de forma apropriada.

Veremos mais adiante que na vida conjugal, Cristo é o Cabeça do marido e o marido o cabeça da sua esposa para que haja um funcionamento adequada do matrimônio, mas isto, por sua vez, aplica-se aos matrimônios que são estabelecidos segundo os princípios que Deus deixou definido para que eles sejam estabelecidos.

Ao longo dos séculos e por introduzir variações culturais, o ser humano procurou modificar muitas vezes a essência do que é um matrimônio verdadeiro diante de Deus. Entretanto, o fato de muitas culturas definirem o matrimônio segundo os seus próprios conceitos, não altera o que para Deus é um matrimônio de acordo com a sua instrução.

O fato das sociedades civis, através dos seus costumes, leis e magistrados, aceitarem e reconhecerem matrimônios que estão em desacordo com o que é reconhecido como matrimônio diante de Deus, não implica em que o Senhor reconheça como matrimônio aquilo que os povos estabelecem como sendo uma união conjugal aceitável civilmente.

Se durante o período da Ordem de Arão, Deus tolerou algumas condutas contrárias ao matrimônio por causa da dureza do coração do povo em rejeitar o sacerdócio direto de Deus para com cada pessoa e por causa do período temporário da Ordem de Arão, para fins de testemunho da sua fraqueza e inutilidade, conforme já vimos anteriormente, a partir da vinda de Cristo em carne ao mundo, e a partir da manifestação do estabelecimento da Ordem de Melquisedeque, o Senhor Jesus passou a reiterar o princípio estabelecido desde o princípio, não aceitando mais a temporalidade do que foi adotado sob a revogada Ordem de Arão.

Cristo, como o Sumo Sacerdote Eterno, o Rei da Justiça e o Rei da Paz, é também Cabeça das uniões conjugais, mas somente daquelas que estão alinhadas com os princípios de Deus sobre o que de fato é uma união conjugal e não sobre aquilo que os seres humanos, em suas próprias conjecturas, consideram como sendo um matrimônio.

A glória de Cristo como o Cabeça sobre um casal unido em matrimônio refere-se àquelas uniões matrimoniais que Deus reconhece, independentemente se uma sociedade civil reconhece ou não reconhece os princípios estabelecidos pelo Senhor.

Não tendes lido que, no princípio, o Criador os fez macho e fêmea e disse: Portanto, deixará o homem pai e mãe e se unirá à sua mulher, e serão dois numa só carne?

*Assim não são mais dois, mas uma só carne.
Portanto, o que Deus ajuntou não separe o homem.*

C. A Condição de Cristo como Cabeça que se Aplica de Forma Específica às Pessoas Casadas

Ainda outro ponto que entendemos ser significativo abordar antes de vermos a condição de Cristo como o Cabeça sobre uma união conjugal, é que este princípio se aplica aos casados segundo o princípio matrimonial estabelecido por Deus e não sobre aqueles que não estão unidos pelo matrimônio.

Quando as Escrituras nos informam que Cristo é Cabeça de todo homem, que o homem é o cabeça da mulher e que Deus é o Cabeça de Cristo, conforme veremos mais adiante, a sua primeira e segunda partes não estão fazendo referência àqueles que são, por exemplo, solteiros, viúvos ou separados de forma aceitável diante do Senhor.

A condição de Deus dizer que o homem é o cabeça da mulher não é uma condição geral em que qualquer homem é cabeça de qualquer mulher, mas isto é uma condição restrita para um homem especificamente para com a sua própria e única esposa.

A relação conjugal é de um para um, conforme Cristo já nos mostrou nos textos vistos no tópico anterior e conforme Paulo também nos mostra nos textos a seguir:

- 1 Coríntios 7: 1* **Quanto ao que me escrevestes, é bom que o homem não toque em mulher;**
2 mas, por causa da impureza, cada um tenha a sua própria esposa, e cada uma, o seu próprio marido.
3 O marido conceda à esposa o que lhe é devido, e também, semelhantemente, a esposa, ao seu marido.

Colossenses 3: 18 **Esposas, sede submissas ao próprio marido, como convém no Senhor.**

19 Maridos, amai vossa esposa e não a trateis com amargura.

Além de ser de um para uma, e vice-versa, o relacionamento descrito acima ainda é restrito para quem se une pelo matrimônio, não se aplicando àqueles que não se encontram nesta condição.

Pessoas podem optar em permanecer sob uma condição que não se unem à outras para uma vida conjugal e serem muito abençoadas por Deus e viverem vidas produtivas e em grande paz perante o Senhor Celestial, conforme Paulo nos ensina nos textos a seguir:

- 1 Coríntios 7: 7* **Quero que todos os homens sejam tais como também eu sou; no entanto, cada um tem de Deus o seu próprio dom; um, na verdade, de um modo; outro, de outro.**
8 E aos solteiros e viúvos digo que lhes seria bom se permanecessem no estado em que também eu vivo.
9 Caso, porém, não se dominem, que se casem; porque é melhor casar do que viver abrasado.

- 1 Coríntios 7: 32* **O que realmente eu quero é que estejais livres de preocupações. Quem não é casado cuida das coisas do Senhor, de como agradar ao Senhor;**
- 33 mas o que se casou cuida das coisas do mundo, de como agradar à esposa,**
- 34 e assim está dividido. Também a mulher, tanto a viúva como a virgem, cuida das coisas do Senhor, para ser santa, assim no corpo como no espírito; a que se casou, porém, se preocupa com as coisas do mundo, de como agradar ao marido.**
- 35 Digo isto em favor dos vossos próprios interesses; não que eu pretenda enredar-vos, mas somente para o que é decoroso e vos facilite o consagrar-vos, desimpedidamente, ao Senhor.**
-

As pessoas adultas que creem em Cristo e que optam por não viverem uma vida conjugal respondem direto ao Senhor em tudo, e o Senhor lhes é por Cabeça em todos os aspectos de suas vidas, aplicando-se a eles de forma mais exclusiva o que foi visto no capítulo anterior sobre o Senhor ser o Cabeça de todo membro do seu corpo.

Similarmente acontece com o viúvo ou com a viúva, uma vez que o relacionamento matrimonial foi interrompido pela morte da outra parte, fazendo com que aquele que permanece vivo na Terra passe a estar ligado de forma ainda mais exclusiva no Senhor. As Escrituras, por várias vezes, reiteram que Deus, por exemplo, é o Deus defensor das viúvas e que tem zelo para que elas sejam bem cuidadas. (Por exemplo: Romanos 7: 1 a 4; 1 Coríntios 7; Salmos 68:5).

Ainda existem outras situações em que a posição do marido ser o cabeça da mulher pode ser afetado e que ocorrem por algumas separações muito específicas, conforme exposto por Paulo no texto a seguir:

- 1 Coríntios 7: 10* **Ora, aos casados, ordeno, não eu, mas o Senhor, que a mulher não se separe do marido**
- 11 (se, porém, ela vier a separar-se, que não se case ou que se reconcilie com seu marido); e que o marido não se aparte de sua mulher.**
- 12 Aos mais digo eu, não o Senhor: se algum irmão tem mulher incrédula, e esta consente em morar com ele, não a abandone;**
- 13 e a mulher que tem marido incrédulo, e este consente em viver com ela, não deixe o marido.**
- 14 Porque o marido incrédulo é santificado no convívio da esposa, e a esposa incrédula é santificada no convívio do marido crente. Doutra sorte, os vossos filhos seriam impuros; porém, agora, são santos.**
- 15 Mas, se o descrente quiser apartar-se, que se aparte; em tais casos, não fica sujeito à servidão nem o irmão, nem a irmã; Deus vos tem chamado à paz.**
- 16 Pois, como sabes, ó mulher, se salvarás teu marido? Ou, como sabes, ó marido, se salvarás tua mulher?**
-

Assim, os princípios sobre o que pretendemos abordar sobre o matrimônio nos próximos tópicos deste capítulo, não se aplicam diretamente àqueles que estão fora do matrimônio de acordo com os casos que citamos acima, a não ser que intentem mudar as suas condições para uma condição de casados.

Nem aquele que quer se casar é mais importante que aquele não quer se casar e nem aquele que não quer se casar é mais importante que os outros que querem se casar, mas tanto o que opta em não se casar como aquele que opta pelo matrimônio recebem de Deus a vontade geral de como viver e andar conforme cada uma destas opções.

Se uma pessoa optar em não se casar, existe uma vontade aprovada por Deus de como ela deveria viver a vida como não casada, bem como existe uma vontade aprovada por Deus de como uma pessoa deveria viver se optar por se casar.

Cada um é chamado a viver diante de Deus de acordo com a situação específica que opta viver.

Deus não é um Deus de desordem, mas um Deus de ordem!

Se uma pessoa não quer casar, isto pode ser perfeitamente aceitável por Deus, e Deus pode abençoar muito a vida desta pessoa. Se por outro lado almeja casar, também isto é digno de honra diante de Deus e também o deveria ser diante das demais pessoas.

Todavia, Deus não aprova a mistura destas coisas, ou seja, o solteiro, por exemplo, querer viver um “meio casamento” ou o casado querer viver uma condição de “meio solteiro”. Simplesmente esta não é a vontade geral de Deus e isto entra na esfera da fornicação, lascívia, prostituição e adultério (conforme 1Coríntios 7: 7 até 9).

A pessoa solteira, de certa forma, pode servir ao Senhor com mais exclusividade. E como não está envolvida num casamento, as questões do casamento simplesmente não se aplicam a ela. Entretanto, se ela passar a abraçar-se com outras pessoas, ela se coloca em situações de grande risco inclusive quanto à sua vida eterna, conforme nos admoesta a palavra do Senhor:

- 1 Coríntios 6: 9 **Ou não sabeis que os injustos não herdarão o reino de Deus? Não vos enganeis: nem ímpuros, nem idólatras, nem adúlteros, nem efeminados, nem sodomitas,***
*10 **nem ladrões, nem avaros, nem bêbados, nem maldizentes, nem roubadores herdarão o reino de Deus.***
*11 **Tais fostes alguns de vós; mas vós vos lavastes, mas fostes santificados, mas fostes justificados em o nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito do nosso Deus.***

*1 Coríntios 6: 13 **Os alimentos são para o estômago, e o estômago, para os alimentos; mas Deus destruirá tanto estes como aquele. Porém o corpo não é para a impureza, mas, para o Senhor, e o Senhor, para o corpo.***

*14 **Deus ressuscitou o Senhor e também nos ressuscitará a nós pelo seu poder.***

*15 **Não sabeis que os vossos corpos são membros de Cristo? E eu, porventura, tomaria os membros de Cristo e os faria membros de meretriz? Absolutamente, não.***

*16 **Ou não sabeis que o homem que se une à prostituta forma um só corpo com ela? Porque, como se diz, serão os dois uma só carne.***

*17 **Mas aquele que se une ao Senhor é um espírito com ele.***

*18 **Fugi da impureza. Qualquer outro pecado que uma pessoa cometer é fora do corpo; mas aquele que pratica a imoralidade peca contra o próprio corpo.***

19 *Acaso, não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo, que está em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos?*

20 *Porque fostes comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo.*

Da mesma forma, os casados são chamados para serem fiéis cada um ao seu cônjuge, tendo em vista mais uma vez que:

Hebreus 13: 4 Digno de honra entre todos seja o matrimônio, bem como o leito sem mácula; porque Deus julgará os impuros e adúlteros.

Efésios 5: 28 Assim também os maridos devem amar a sua mulher como ao próprio corpo. Quem ama a esposa a si mesmo se ama.

29 *Porque ninguém jamais odiou a própria carne; antes, a alimenta e dela cuida, como também Cristo o faz com a igreja;*

30 *porque somos membros do seu corpo.*

31 *Eis por que deixará o homem a seu pai e a sua mãe e se unirá à sua mulher, e se tornarão os dois uma só carne.*

Na questão matrimonial, podemos ver, então, que na vontade mais ampla de Deus para a vida das pessoas, existem, de forma geral, duas alternativas bem distintas a seres escolhidas, e que são: (1) não casar ou (2) casar segundo os princípios de Deus. Entretanto, uma vez que uma pessoa opta por um ou por outro caminho, cada caminho também tem particularidades que lhes são pertinentes.

D. A Condição de Cristo como Cabeça que Auxilia a Esclarecer a União Conjugal segundo o Princípio de Deus – Parte 1

1 Coríntios 11: 3 Quero, entretanto, que saibais ser Cristo o cabeça de todo homem, e o homem, o cabeça da mulher, e Deus, o cabeça de Cristo.

Efésios 5: 23 Porque o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja, sendo este mesmo o salvador do corpo.

Quando uma pessoa se associa a outra através de uma união conjugal, há uma série de situações específicas em relação às quais esta pessoa passa a estar sob uma condição não tão individualizada ou independente de outras pessoas como ela estaria se não estivesse unida pelo matrimônio.

A união pelo matrimônio, por sua própria natureza, introduz vários aspectos que são feitos em conjunto com o cônjuge e em relação aos quais uma pessoa também deixa de ter a individualidade que ela teria não unida a outra pessoa por este tipo de união.

Entretanto, sem compreender a posição de Cristo em relação a cada indivíduo, assim como em relação ao marido e à esposa que se uniram em casamento, fica muito dificultada a compreensão da própria união conjugal.

Além de se oferecer para guiar as vidas individuais que Ele criou, Deus também deseja fazer parte das decisões das alianças que os cristãos fazem com outras pessoas e quer guiá-las nestas alianças que eles fazem uns com outros através do matrimônio.

Após a união conjugal, diversos aspectos da vida do casal deixam de ter uma conotação individual e passam a ser vistos de uma forma agrupada. A união matrimonial, em alguns pontos, faz com que Deus veja dois como um e unidos em um mesmo ponto, conforme o texto já visto acima e o qual repetimos a seguir:

Mateus 19: 4 Então, respondeu ele: Não tendes lido que o Criador, desde o princípio, os fez homem e mulher
5 e que disse: Por esta causa deixará o homem pai e mãe e se unirá a sua mulher, tornando-se os dois uma só carne?
6 De modo que já não são mais dois, porém uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem.

Por outro lado, também não devemos considerar a união matrimonial em demasia e além do que é dito sobre ela nas Escrituras, chegando ao ponto de querer considerar unificado o que não cabe à união matrimonial tornar unificado.

Quando lemos as palavras declaradas por Deus no livro de Gênesis e reiteradas posteriormente por Cristo, podemos ver que aquilo que a união conjugal unifica entre o homem e a mulher, que se unem desta forma, é que ambos passam a ser como “uma só carne”, mas as Escrituras do Senhor não dizem que eles se tornam em uma só alma.

A união em “uma só carne” é algo muito abrangente e com extensas derivações, mas ela não vem para anular os indivíduos que foram concebidos, individualmente, como pessoas distintas. A alma que uma pessoa recebe juntamente com a concepção natural e o espírito vivificado que uma pessoa passa a ter ao receber a Cristo como o Senhor da sua vida, mantêm características individuais mesmo depois da união conjugal.

Já no início de Gênesis, as Escrituras claramente nos instruem que na criação da raça humana tanto o homem como a mulher foram formados por Deus e, inclusive, foram criados através de maneiras distintas.

Adão foi criado primeiro. E a partir de uma parte de Adão, Deus formou a Eva, mas ainda assim foi Deus quem criou individualmente a cada um.

Adão, portanto, não é o pai de Eva. Deus é o Pai de Adão tanto quanto é o Pai de Eva.

Milênios mais tarde, o Senhor Jesus Cristo reafirma o que já no início foi declarado, dizendo que foi Deus quem criou a ambos, ***homem e mulher os criou, macho e fêmea os criou.***

Assim, para compreender a união matrimonial é crucial compreender a condição individual, quanto a alma e o espírito, que uma pessoa tem na vida e diante do Pai Celestial e de Cristo.

Cristo é “o Cabeça” de todo membro do seu corpo, é o Pastor de toda ovelha, é o Mestre de todo discípulo e é o Guia de todo seguidor, e, ainda, o Pai Celestial é o Pai de todo indivíduo da sua família.

E esta possibilidade de relacionamento de Deus para com cada pessoa é uma parte da glória do Senhor Jesus Cristo, como o Sumo Sacerdote e Rei segundo a Ordem de Melquisedeque, que não sofre alteração ou impedimento com a união matrimonial.

Como o Sumo Sacerdote Eterno, Cristo fala diretamente com “cada indivíduo” que crê Nele e o recebe para a comunhão pessoal. Como Rei, Cristo guia “cada indivíduo”, orienta-o e ensina-o a ver a vontade geral de Deus para que cada um possa andar nesta vontade, assim como revela a cada um a sua vontade específica. E o casamento, segundo o princípio de Deus, não vem com o propósito de tirar esta possibilidade de relacionamento individual de uma pessoa salva com o Senhor que a salvou.

Se, por exemplo, a união matrimonial viesse a cortar a possibilidade de comunhão direta de uma mulher com Deus ou da comunhão dos filhos com Deus, Deus estaria colocando “maridos mediadores” entre Deus e os seres humanos. E assim, Deus estaria contradizendo a sua declaração que tantas vezes já vimos no presente estudo, a afirmação de que Cristo é o Único Mediador entre Deus e as pessoas que habitam no mundo.

O fato das Escrituras dizerem que Cristo é o Cabeça do marido e que o marido é o cabeça da mulher refere-se aos aspectos da união matrimonial, mas não refere-se à condição de Cristo ser o Cabeça que é “***tudo em todos***”.

Veremos mais adiante que a posição do marido ser o cabeça da mulher é relacionado à uma questão de postura conjunta do casal como tal para a execução e realização dos diversos aspectos que precisam ser realizados pelo casal e para poderem andar em unidade no que deriva da união conjugal, mas isto não coloca o marido como um “sacerdote mediador” sobre a sua esposa e sobre sua família.

Se uma mulher ou um filho fossem privados de se achegarem diretamente a Cristo, ao Espírito Santo e ao Pai Celestial, e fossem privados de exercerem o papel individual de sacerdotes junto ao Sumo Sacerdote Eterno Jesus Cristo, eles nem poderiam orar a Deus e nem poderiam ser instruídos diretamente pelo Senhor em seus corações, o que contradiz tudo o que as Escrituras nos ensinam sobre o amor de Deus em Cristo Jesus por cada indivíduo.

“*Em Cristo*”, na comunhão com o Senhor, na permanência na comunhão com Cristo e no andar em Cristo, as Escrituras declaram e ensinam que:

Gálatas 3: 26 **Pois todos vós sois filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus;**

27 porque todos quantos fostes batizados em Cristo de Cristo vos revestistes.

28 Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus.

ou

Gálatas 3: 28 **Nisto não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus.**

(RC)

O que une um homem e uma mulher na carne é o ato conjugal, mas o que os une espiritualmente, o que os une no Espírito de Deus, é a fé de cada um em Cristo Jesus.

E quanto a esta união “em Cristo”, não pode haver ou não há distinção entre homem e mulher, macho e fêmea, assim como “em Cristo” não pode haver distinção de pessoas por causa das nações, povos, raças ou línguas das quais descendem.

Colossenses 3: 9 **Não mintais uns aos outros, uma vez que vos despistes do velho homem com os seus feitos**

10 e vos revestistes do novo homem que se refaz para o pleno conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou;

11 no qual não pode haver grego nem judeu, circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita, escravo, livre; porém Cristo é tudo em todos.

12 Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, santos e amados, de ternos afetos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de longanimidade.

O “ser interior” ou o “novo homem” que é criado segundo a verdade e a justiça de Deus quando alguém recebe ao Senhor no coração é espiritual, e, portanto, tem acesso livre a Cristo segundo as características de ser espiritual e não de ser carnal.

Se um homem cristão ou mulher cristã tem um cônjuge não cristão, eles podem estar unidos pela união matrimonial, serem uma só carne, mas não são unificados no Espírito, pois um deles ainda não se revestiu de Cristo e não está “em Cristo”.

E no caso do não cristão ser o marido, ficaria a mulher impedida de orar ao Senhor pelo fato do marido ser o seu cabeça no aspecto matrimonial? Certamente que não!

Se uma mulher casada perdesse a sua condição de ouvir diretamente ao Senhor Jesus Cristo que a salvou e habita em seu coração, ela também não poderia ser instruída diretamente por Deus para adotar voluntariamente uma posição de submissão ao marido.

Notemos aqui que quando as Escrituras falam para a mulher se submeter ao marido, como ao Senhor, elas acrescentam de que a sua submissão ao marido deve ser equiparada à submissão que ela já pratica em relação ao Senhor, mostrando-nos que submeter-se ao Senhor é prioritário e uma pré-condição à própria submissão ao marido.

*Efésios 5: 22 **As mulheres sejam submissas ao seu próprio marido, como ao Senhor.***

Se a mulher, ao casar, perdesse a sua condição de submissão, em primeiro lugar, ao Senhor, o Senhor diria para os maridos dizerem para as mulheres serem submissas a eles. Entretanto, as Escrituras não se dirigem aos maridos quando falam da submissão das mulheres. Elas se dirigem à cada mulher para que esta faça a opção voluntária de se submeter ao marido, como ela já deveria ter feito previamente ao Senhor Jesus Cristo.

Na união matrimonial, Cristo é o Cabeça do marido, para o marido ser o cabeça da mulher na vida conjugal. Entretanto, na condição de filha de Deus e na condição de “estar em Cristo”, cada mulher tem também a Cristo como o Cabeça pessoalmente e diretamente, assim como o tem cada um dos membros do Corpo do Senhor.

“Em Cristo” ou no relacionamento individual com Cristo, a mulher tem a mesma posição que o marido. E nesta posição, nem pode haver a separação de macho ou fêmea. “Em Cristo”, todos os homens ou mulheres que têm o Senhor no coração são igualmente filhos do Pai Celestial e membros do Corpo do Senhor Jesus.

Uma esposa pode “viver e andar no Senhor”, ou pode viver e andar pessoalmente no temor do Senhor, ainda que o marido não o faça, podendo, inclusive, ser testemunha de Deus para o marido se ela agir de forma apropriada para que ele veja nela a vida segundo a vontade de Deus.

1 Pedro 3: 1 Mulheres, sede vós, igualmente, submissas a vosso próprio marido, para que, se ele ainda não obedece à palavra, seja ganho, sem palavra alguma, por meio do procedimento de sua esposa, 2 ao observar o vosso honesto comportamento cheio de temor.

Por outro lado, se o marido quiser impedir a esposa de poder se relacionar pessoalmente com Cristo ou de “estar em Cristo”, encontramos nas Escrituras a instrução que se isto perdurar, a mulher pode optar por Cristo em detrimento de ficar sujeita ao marido, mostrando-nos a soberana condição que Cristo tem inclusive sobre a união conjugal desta mulher, aplicando-se isto também para o caso inverso, onde o marido quer estar sujeito a Cristo e a mulher não quer consenti-lo.

- 1 Coríntios 7: 12* **Aos mais digo eu, não o Senhor: se algum irmão tem mulher incrédula, e esta consente em morar com ele, não a abandone;**
- 13* **e a mulher que tem marido incrédulo, e este consente em viver com ela, não deixe o marido.**
- 14* **Porque o marido incrédulo é santificado no convívio da esposa, e a esposa incrédula é santificada no convívio do marido crente. Doutra sorte, os vossos filhos seriam impuros; porém, agora, são santos.**
- 15* **Mas, se o descrente quiser apartar-se, que se aparte; em tais casos, não fica sujeito à servidão nem o irmão, nem a irmã; Deus vos tem chamado à paz.**
- 16* **Pois, como sabes, ó mulher, se salvarás teu marido? Ou, como sabes, ó marido, se salvarás tua mulher?**

Hebreus 12: 9 **Além disso, tínhamos os nossos pais segundo a carne, que nos corrigiam, e os respeitávamos; não havemos de estar em muito maior submissão ao Pai espiritual e, então, viveremos?**

A esposa é chamada a se submeter ao seu marido como convém no Senhor, mas para ela saber como convém se submeter ao marido “*estando no Senhor*”, ela precisa estar pessoalmente em comunhão com Cristo e ouvir as instruções do Senhor em como se submeter em sabedoria também ao marido.

Colossenses 3: 18 **Esposas, sede submissas ao próprio marido, como convém no Senhor.**

Se uma esposa não está “*em Cristo*”, se ela não “*permanece em Cristo*”, se ela não “*está no Senhor*”, ela também não saberá se submeter ao marido como ao Senhor ou como convém *no Senhor*.

Segundo o livro de Cantares de Salomão, uma esposa é para o esposo, além de sua amada, também a sua irmã em Deus, sua amiga e sua companheira, porque “*em Cristo*”, ela tem a mesma condição de acesso ao Senhor que o marido tem para poder ser instruída e edificada individualmente pelo Senhor e também para o bem do casal.

- Cantares 4: 9* **Arrebataste-me o coração, minha irmã, noiva minha; arrebataste-me o coração com um só dos teus olhares, com uma só pérola do teu colar.**
- 10* **Que belo é o teu amor, ó minha irmã, noiva minha! Quanto melhor é o teu amor do que o vinho, e o aroma dos teus unguentos do que toda sorte de especiarias!**

Por outro lado, se o marido não reconhece a Cristo como o Cabeça da sua vida ou nem se apresenta para estar em comunhão com o Senhor para “*estar e permanecer em Cristo*”, ele também não tem como oferecer à sua esposa uma direção segundo a

vontade de Deus. E também por isto, é crucial que a esposa esteja em comunhão com o Senhor para inclusive saber quando não é salutar se sujeitar ao marido naquilo que ele pede em contrariedade ao que o Senhor instruiu a esposa a seguir.

Por diversas vezes, foi ressaltado acima que o casamento não anula a condição de que Cristo é individualmente “o Cabeça” de cada pessoa do casal, pois o casamento não cancela o que cada um dos dois já tinha alcançado “*em Cristo*” quando se tornou parte do corpo de Cristo.

Assim, a posição de Cristo, como Cabeça, que recebe indistintamente e pessoalmente o homem ou a mulher para a comunhão e para instruir-lhes no querer de Deus, jamais deveria ser desprezada por nenhuma parte do casal.

Para um casal caminhar em unidade na vontade de Deus, cada um dos cônjuges precisa se expor diante do Senhor para o conhecimento da vontade de Deus, a qual, primeiramente, é edificada por Cristo pessoalmente no coração de cada pessoa que Nele crê, pois é Ele que é o Autor e Consumador da fé de todos e de cada um daqueles que Nele creem.

A unidade dos cristãos que é de acordo com a vontade de Deus é estabelecida primeiramente quando eles individualmente estão “*em Cristo e no Pai Celestial*”, e este princípio aplica-se igualmente a um casal cristão.

1 João 1: 3 O que temos visto e ouvido anunciamos também a vós outros, para que vós, igualmente, mantenhais comunhão conosco. Ora, a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo.

Assim, uma condição é o casal estar em unidade sobre algo, e outra bem diferente, é o casal estar em unidade na vontade de Deus.

Este ponto é muito significativo e necessário de ser conhecido. Por isto, será exemplificado logo a seguir também com um exemplo negativo.

Algo que convém notar aqui, então, é que nem toda unidade é proveitosa e salutar, pois os casais podem unir-se em bons propósitos, mas também em conveniências, conivências e cumplicidades não apropriadas.

Infelizmente, podemos dizer que podem haver ações de unidades entre um casal que não ocorrem sempre somente “*em Cristo*”. A unidade pode ocorrer entre o marido e a esposa de acordo com as suas próprias vontades ou até em torno da vontade de outros.

Por isso, voltamos a frisar a relevância de cada um dos cônjuges, pessoalmente, sempre procurar estar em comunhão com Cristo também com intuito de evitarem a adoção de caminhos e ações contrárias a Deus que, eventualmente, um dos cônjuges sugere ao outro e para que não se unam em propósitos que possam ser danosos para eles.

Há várias narrativas nas Escrituras que exemplificam a unidade de um casal em torno de propósitos inapropriados. E quando isto acontece, o casal pode incorrer em uma intensa via de multiplicação do erro e do mal.

Procuremos observar no exemplo a seguir o que comentamos acima:

Atos 5: 1 Entretanto, certo homem, chamado Ananias, com sua mulher Safira, vendeu uma propriedade,

- 2** *mas, em acordo com sua mulher, reteve parte do preço e, levando o restante, depositou-o aos pés dos apóstolos.*
- 3** *Então, disse Pedro: Ananias, por que encheu Satanás teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo, reservando parte do valor do campo?*
- 4** *Conservando-o, porventura, não seria teu? E, vendido, não estaria em teu poder? Como, pois, assentaste no coração este designio? Não mentiste aos homens, mas a Deus.*
- 5** *Ouvindo estas palavras, Ananias caiu e expirou, sobrevivendo grande temor a todos os ouvintes.*
- 6** *Levantando-se os moços, cobriram-lhe o corpo e, levando-o, o sepultaram.*
- 7** *Quase três horas depois, entrou a mulher de Ananias, não sabendo o que ocorrera.*
- 8** *Então, Pedro, dirigindo-se a ela, perguntou-lhe: Dize-me, vendestes por tanto aquela terra? Ela respondeu: Sim, por tanto.*
- 9** *Tornou-lhe Pedro: Por que entrastes em acordo para tentar o Espírito do Senhor? Eis aí à porta os pés dos que sepultaram o teu marido, e eles também te levarão.*
- 10** *No mesmo instante, caiu ela aos pés de Pedro e expirou. Entrando os moços, acharam-na morta e, levando-a, sepultaram-na junto do marido.*
-

No último texto exposto acima, temos o exemplo de um casal que entrou em acordo para “mentir”. O texto não diz ao certo, mas parece que este casal queria “aparentar o que não era” perante outros cristãos, queria o reconhecimento perante os irmãos por algo que os dois não fizeram completo ou almejavam alguma outra coisa que não está narrada. O texto não foca o objetivo deles com o ato, mas foca a ação em si.

Ananias e Safira não haviam roubado ninguém, mas entraram em acordo para mentirem por alguma razão. Não sabemos o que almejavam ao certo, mas o foco que queremos ver aqui é a unidade que estabeleceram no erro e o dano que isto lhes causou.

Na pergunta de Pedro, no texto acima, podemos observar que a esposa poderia ter optado em não entrar em acordo com o seu marido, pois a atitude do marido não era condizente com a verdade. Quando Pedro perguntou, “*por que entraste em acordo*”, ele está assinalando que ela tinha opção de não tê-lo feito.

Safira poderia ter buscado diretamente a Deus e ter buscado sabedoria do que fazer na mencionada situação. Todavia, ela entrou em acordo direto com o marido. O texto não diz porque ela entrou em acordo, mas diz que ela efetivamente entrou em acordo. Entretanto, este acordo com o marido, se mostrou como um ato de submissão ao marido que Safira não deveria ter feito, ou seja, no qual ela deveria ter resistido ao marido para se manter em submissão “*ao Senhor*”.

O erro de Ananias, exposto acima, obviamente foi tão grave quanto o erro de Safira ou até pior por ele ser o cabeça da esposa na vida conjugal. Entretanto, devido ao contexto que queremos mostrar sobre qual é o tipo de submissão que Deus pede às esposas, e que elas não perdem a possibilidade de se relacionarem diretamente com Deus por causa do casamento, é que também estamos evidenciando primeiramente a posição da esposa “*em Cristo*” e “*de Cristo*” para com ela.

Ao entrar em acordo com a esposa, Ananias também não ouviu ao Cabeça a quem ele deveria estar sujeito, preferindo ouvir ao diabo. Por isto, Safira, se estivesse “*em Cristo*”, poderia ter resistido àquele que estava atuando no coração do seu marido.

Portanto, entendemos que convém ressaltar aqui algumas considerações, conforme segue:

- ⇒ 1) Pessoas muito próximas, da mesma casa e da mesma cama, podem fazer propostas da carne ou até do maligno uns aos outros como Ananias e Safira fizeram;
- ⇒ 2) Não é a simples unidade do casal que traz a vitória, e nem a unidade entre eles e em torno de suas próprias ideias deveriam ser o alvo de unidade de um casal;
- ⇒ 3) Não é no ambiente coletivo ou em várias pessoas concordando sobre um pensamento que está a garantia de que as suas ideias sempre estão corretas;
- ⇒ 4) Não é a cumplicidade de um cônjuge com o outro que os protege da destruição;
- ⇒ 5) O fato de um cônjuge decidir por algo errado não implica em que o outro tenha que seguir este cônjuge e fazer o mesmo ou ser conivente com o outro.

Se o marido não está em um apropriado relacionamento pessoal com Cristo, ele também terá dificuldades de ter Cristo como o Cabeça do seu matrimônio, afetando, assim, a sua conduta como o cabeça da sua esposa neste matrimônio.

Por outro lado, se a esposa não está com um relacionamento pessoal adequado com Cristo, ela também terá dificuldade de discernir como cooperar e se submeter corretamente ao marido, podendo se opor ao que vem de Deus ou podendo consentir com o que não vem de Deus.

Assim, ou por causa do exposto nestes últimos parágrafos, é que também há tanta insistência ao longo de todo este estudo sobre o assunto da comunhão pessoal e individual do homem e da mulher com Cristo ou no relacionamento direto de cada cristão com o Senhor e Salvador de sua vida.

Depois que se casou, uma mulher pode vir a pensar que a responsabilidade de buscar a vontade de Deus é toda do marido ou o marido pode vir a pensar que a mulher tem toda a responsabilidade de buscar a vontade de Deus para eles. Entretanto, este tipo de pensamento não condiz com o querer de Deus. O Senhor ama igualmente ao marido e a esposa, e quer que ambos continuem “*em Cristo*”. Ele quer que ambos continuem buscando pessoalmente ao Senhor Jesus e ao Pai Celestial mesmo depois de casados.

Antes de falar sobre como um casal se relaciona entre si e como se relaciona como casal com Deus, é necessário frisar que cada um conheça a sua relação pessoal com Deus e com o Senhor da sua vida, com o Senhor que é o Sumo Sacerdote e Rei Eterno para com cada um deles individualmente, e depois, também para com eles como um casal unido diante de Deus.

Quando os casais começam a querer entender o casamento como um relacionamento primeiramente horizontal, destituído da condição pessoal de cada um

deles perante o Senhor, eles começam a ver tudo segundo a ótica terrena. E também por isto, começam a ver os conceitos e ações matrimoniais de forma distorcida.

Portanto, o primeiro grande desafio matrimonial não é o matrimônio propriamente dito, mas é que tanto o marido como a esposa permaneçam, primeiramente e pessoalmente, “*em Cristo*”. Cada cônjuge é chamado a permanecer continuamente no Senhor de cada um individualmente para que, somado a isto, Ele também seja o Senhor na condição coletiva do casal.

O primeiro grande desafio do matrimônio é cada um dos cônjuges permanecer pessoalmente “*em Cristo*” mesmo depois de casado.

Mediante o casamento, um desafio novo é estabelecido, o qual é dois convergirem a propósitos em comum a fim de que os efeitos sobre uma só carne sejam benéficos e não contribuam para o mal. Por outro lado, também é vital que sejam mantidas algumas condutas pessoais, individuais e essenciais no relacionamento de cada um com o Senhor, as quais Deus nunca tentou ou tenta tirar da vida daqueles que, primeiramente, são os seus filhos.

O primeiro lugar no qual Cristo quer conceder justiça e paz é no coração de cada pessoa individualmente, e isto não muda com o casamento. Não há autoridade na Terra ou no céu designada por Deus para se interpor na aliança pessoal que Deus fez com cada indivíduo, e isto também não se aplica ao marido para com a esposa ou da esposa para com o marido.

A comunhão pessoal com Deus, tanto do marido como da esposa, é o caminho para a unidade em torno da vontade de Deus. É o caminho da unidade em torno do que vai edificar o lar e não dividir o lar e as vidas que dele fazem parte.

Na Nova Aliança em Cristo, cada um dos filhos ou filhas do Senhor é instruído ou ensinado a buscar o seu próprio relacionamento com Deus, mesmo depois de unidos pelo matrimônio.

Hebreus 8: 11 ***E não ensinará jamais cada um ao seu próximo, nem cada um ao seu irmão, dizendo: Conhece ao Senhor; porque todos me conhecerão, desde o menor deles até ao maior.***

A união em uma só carne ocorre a partir do momento em que o marido e a mulher se unem pela união conjugal, mas é pela permanência de cada cônjuge também individualmente “*em Cristo*” que a unidade apropriada de propósito pode ser encontrada e é onde a vitória em Deus é estabelecida para este casal. E ainda que um dos cônjuges não queira e não pratique o “*estar em Cristo*”, a outra parte pode permanecer fiel no Pai Celestial e no seu Filho Amado e pode continuar alcançando a dádiva da novidade de vida no Senhor, pois é primeiramente Cristo que sustenta a cada um que é um membro individualmente do seu Corpo espiritual.

1 Coríntios 12: 27 ***Ora, vós sois corpo de Cristo; e, individualmente, membros desse corpo.***

Efésios 5: 29 ***Porque ninguém jamais odiou a própria carne; antes, a alimenta e dela cuida, como também Cristo o faz com a igreja;***
30* *porque somos membros do seu corpo.

E. A Condição de Cristo como Cabeça que Auxilia a Esclarecer a União Conjugal segundo o Princípio de Deus – Parte 2

Marcos 10: 6 Porém, desde o princípio da criação, Deus os fez homem e mulher.

*7 Por isso, **deixará o homem a seu pai e mãe e unirá-se-á a sua mulher,**
8 e, com sua mulher, serão os dois uma só carne. De modo que já não são dois, mas uma só carne.*

1 Coríntios 11: 1 Sede meus imitadores, como também eu, de Cristo.

2 E louvo-vos, irmãos, porque em tudo vos lembrais de mim e retendes os preceitos como vo-los entreguei.

*3 **Mas quero que saibais que Cristo é a cabeça de todo varão, e o varão, a cabeça da mulher; e Deus, a cabeça de Cristo.** (RC)*

Um segundo aspecto importante que a posição de Cristo como o Cabeça nos ensina e esclarece em relação ao matrimônio está relacionado à condição em que “**deixará o homem a seu pai e sua mãe e unirá-se-á a sua mulher**”.

E por que aqueles que se unem em matrimônio devem deixar pai e mãe para efetivamente realizarem a união conjugal?

Uma das principais razões relacionadas a esta última pergunta é esclarecida pela posição narrada por Paulo no texto do livro de Coríntios exposto acima.

Um homem e uma mulher que querem se unir pelo matrimônio são chamados a deixarem seu pai e sua mãe para que, na sua vida conjugal, Cristo tenha a primazia de ser o único Cabeça das suas vidas e da sua união matrimonial.

O deixar pai e mãe é parte integrante e indispensável para que um matrimônio seja estabelecido conforme o princípio declarado por Deus, pois os cônjuges passam a constituir uma nova família diante de Deus, e somente Cristo é autorizado e designado pelo Pai Celestial para ser o Cabeça de cada nova família.

Desde o início, Deus confiou aos pais o ensino e o cuidado de grande parte da vida dos filhos que Ele concede a uma casal. Entretanto, o privilégio de tutelar os filhos é temporário, pois Deus, na medida em que os filhos crescem, intenta se relacionar cada vez mais de forma direta com os filhos e filhas dos pais pelos quais eles foram gerados.

Deus concede aos pais o enorme e até indescritível privilégio de serem meios para conceberem filhos, mas estes filhos, antes e acima de tudo, pertencem a Deus. Os filhos são propriedade de Deus que o Senhor permite que pais terrenos nutram, ensinem e cuidem por um período de tempo, mas sempre com o entendimento de que estes são a herança do Senhor Eterno e herdeiros de Deus.

*Salmos 127: 3 **Eis que os filhos são herança do SENHOR, e o fruto do ventre, o seu galardão.** (RC)*

*Romanos 8: 17 **Ora, se somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e coerdeiros com Cristo; se com ele sofremos, também com ele seremos glorificados.***

*Efésios 1: 11 **Nele, digo, no qual fomos também feitos herança, predestinados segundo o propósito daquele que faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade,***
*12 **a fim de sermos para louvor da sua glória, nós, os que de antemão esperamos em Cristo.***

Deus não tem netos, e o Senhor não se dirige às gerações descendentes de outras como netos, bisnetos ou qualquer um destes tipos de linha genealógica, mas Deus chama a cada geração como filhos, ainda que venham a ser filhos de filhos de filhos.

Quando Deus disse a Adão e Eva para frutificarem e se multiplicarem, e depois também a Noé em relação aos seus filhos e noras, o Senhor jamais tentou estabelecer uma hierarquia ou pirâmide patriarcal ou matriarcal que sujeitasse os filhos, netos e suas sucessões aos seus progenitores.

Conforme vimos anteriormente, Deus, já desde o princípio, disse a Adão e Eva que deveriam deixar pai e mãe quanto ao quesito de se unirem em matrimônio, observando ainda que quando Deus o falou, nem Adão e nem Eva tinham pais para deixarem.

Quando Deus disse que a união conjugal deve ser precedida do deixar pai e mãe, Ele o disse para Adão e Eva no sentido de que, quando viessem a ser pais, ensinassem seus filhos este princípio, bem como também permitissem que os seus filhos deixassem de estar sob a tutela deles para iniciarem um novo tempo diante do Senhor.

Quando os filhos deixam pai e mãe para se unirem pelo matrimônio segundo o princípio de Deus, eles passam a ter uma posição singular diante de Deus para cuidarem de suas próprias famílias, assim como os seus pais também tiveram a sua condição de cuidarem anteriormente da sua respectiva família.

As Escrituras nos ensinam que os filhos continuamente devem ter em grande honra os seus progenitores e, se necessário, devem até cooperar no seu cuidado, o que é muito honroso diante do Senhor.

Entretanto, a partir do momento em que um matrimônio é estabelecido diante de Deus e segundo o princípio do Senhor, a soberania da direção das vidas do novo casal constituído pela união matrimonial é do Senhor Jesus Cristo.

Os filhos, obviamente, deveriam procurar manter comunhão com os seus pais, podem procurar ouvir o que estes têm a lhes dizer, e deveriam observar às experiências e o exemplo de fé em Deus que seus pais lhes deixam. Entretanto, as decisões que um casal unido conjugalmente de acordo com o princípio de Deus devem passar a fazer, sempre deveriam ser de acordo com o que Cristo orienta a este casal para fazer.

O fato dos filhos serem instruídos por Deus para deixarem os pais quando forem se unir pelo matrimônio visa estabelecer de forma explícita que sobre cada casal e cada família somente deve haver um “cabeça” sobre eles, pois esta posição deveria ser exclusiva do Senhor Jesus Cristo.

Considerando que todos os seres humanos descendem de Adão e Eva, e uma vez que Deus nos ensina que somente Cristo é o Cabeça de todo varão, deixar pai e mãe para se unir em matrimônio, além de significar deixar os progenitores diretos, também significa deixar todo o conjunto de progenitores desde Adão e Eva, fazendo com que cada casal possa estar sob a instrução direta de Cristo como sempre foi intentado por Deus desde o princípio da criação.

A união conjugal é um dos meios pelo qual Deus se manifesta à cada nova geração de forma renovada como o Senhor ou como o Cabeça sobre tudo e sobre todos, fazendo-nos lembrar o que nos é declarado em vários textos das Escrituras, a saber:

Salmos 89: 4 **Para sempre estabelecerei a tua posteridade e firmarei o teu trono de geração em geração.**

Salmos 90: 1 **Senhor, tu tens sido o nosso refúgio, de geração em geração.**

Salmos 100: 5 **Porque o SENHOR é bom, a sua misericórdia dura para sempre, e, de geração em geração, a sua fidelidade.**

Lucas 1: 50 **A sua misericórdia vai de geração em geração sobre os que o temem.**

Salmos 102: 12 **Tu, porém, SENHOR, permaneces para sempre, e a memória do teu nome, de geração em geração.**

Salmos 119: 90 **A tua fidelidade estende-se de geração em geração; fundaste a terra, e ela permanece.**

Daniel 4: 3 **Quão grandes são os seus sinais, e quão poderosas, as suas maravilhas! O seu reino é reino sempiterno, e o seu domínio, de geração em geração.**

Lamentações 5: 19 **Tu, SENHOR, reinas eternamente, o teu trono subsiste de geração em geração.**

Salmos 146: 10 **O SENHOR reina para sempre; o teu Deus, ó Sião, reina de geração em geração. Aleluia!**

F. A Condição de Cristo como Cabeça que Auxilia a Esclarecer a União Conjugal segundo o Princípio de Deus – Parte 3

- 1 Coríntios 11: 1 **Sede meus imitadores, como também eu, de Cristo.***
*2 **E louvo-vos, irmãos, porque em tudo vos lembrais de mim e retendes os preceitos como vo-los entreguei.***
*3 **Mas quero que saibais que Cristo é a cabeça de todo varão, e o varão, a cabeça da mulher; e Deus, a cabeça de Cristo. (RC)***

No tópico anterior, vimos que um dos motivos para que os filhos deixem os pais para estabelecerem o matrimônio está relacionado ao fato de Cristo ter sido estabelecido pelo Pai Celestial, que é o Cabeça de Cristo, como o Cabeça sobre cada casal constituído e no qual o homem é também considerado como o cabeça da sua esposa.

Entretanto, quando observamos o texto no qual Paulo declara que Cristo é o Cabeça do marido, pode ser observado que Paulo não está fazendo esta referência somente sob o contexto do marido deixar pai e mãe para que o casal tenha a Cristo como o Cabeça do seu matrimônio.

Quando Paulo apresenta a condição de Cristo ser o Cabeça, ele o faz em referência a ele mesmo, ou seja, ele está fazendo uma referência a si próprio para exemplificar um princípio mais amplo.

Quando Paulo diz, “**mas quero que saibais**”, ele está dando sequência ao aspecto onde ele disse para as pessoas serem imitadoras dele no que concerne a serem também, pessoalmente e individualmente, imitadoras de Cristo e no que concerne a estas pessoas terem sido fiéis em terem retido os princípios de Cristo que ele, Paulo, compartilhou com elas.

“**Mas quero que saibais**” significa que Paulo estava deixando claro que ele não era “cabeça” para nenhum cristão, apesar de ser um exemplo de como alguém deve imitar a Cristo e apesar ter sido usado por Deus para falar e escrever aos cristãos muitos dos princípios centrais sobre a vida cristã.

Através das declarações acima referenciadas, Paulo vem esclarecer que, além de deixar pai e mãe para ter Cristo como Cabeça da vida e do matrimônio, nenhum casal deveria adotar qualquer outra “cobertura” sobre as suas vidas, pois esta é uma posição exclusiva de Cristo Jesus sobre todo marido e sobre toda a união conjugal.

Ora, se Paulo sendo quem ele era diante de Deus, sendo apóstolo do Senhor Jesus Cristo, disse que ninguém deveria ter outro Cabeça a não ser Cristo, muito menos ainda poderão outras pessoas serem cabeças de maridos e de outros casais.

A exclusividade que Paulo, no início da primeira carta aos Coríntios, declarou sobre o fato de Cristo ser o único fundamento sobre o qual uma pessoa deveria edificar a sua vida, agora, em uma parte mais avançada desta mesma carta, é declarada por Paulo também em relação a Cristo ser o Cabeça exclusivo de um matrimônio.

Convém observar ainda que Paulo não diz que o marido é o fundamento da esposa, pois este somente Cristo é, mas Paulo declara que Cristo, em relação ao marido e à mulher, é o Cabeça exclusivo do marido, assim como o marido é da sua própria esposa.

Nos versos seguintes aos citados na introdução deste tópico, Paulo ainda esclarece a exclusividade de Cristo como o Cabeça da seguinte maneira:

*1 Coríntios 11: 4 **Todo homem que ora ou profetiza, tendo a cabeça coberta, desonra a sua própria cabeça.***

*1 Coríntios 11: 7 **O varão, pois, não deve cobrir a cabeça, porque é a imagem e glória de Deus, mas a mulher é a glória do varão.** (RC)*

Ora, se juntarmos o verso 3 do capítulo 11, que declara que ***Cristo é a cabeça de todo homem***, ao que é dito no verso 4, que declara que ***todo homem que ora ou profetiza, tendo a cabeça coberta, desonra a sua própria cabeça***, podemos ver que o varão casado, o homem unido pelo matrimônio à sua mulher, que cobre a sua cabeça com outros instrutores, guias, filosofias e rudimentos humanos ou até com a cobertura dos pais, é um homem que desonra a Cristo.

Não bastando isto, juntamente com a desonra a Cristo, o varão adulto que se sujeita a uma cobertura ou tutela espiritual sobre a sua vida, que não seja exclusivamente o Senhor Jesus, impede que a glória sobre a sua vida, que é devida exclusivamente a Deus, seja atribuída ao Senhor, lembrando que Deus não autoriza, jamais, que a sua glória seja dada a outrem.

*Isaías 42: 8 ***Eu sou o SENHOR; este é o meu nome; a minha glória, pois, a outrem não darei, nem o meu louvor, às imagens de escultura.****

*Isaías 48: 11 ***Por amor de mim, por amor de mim, o farei, porque como seria profanado o meu nome? E a minha glória não a darei a outrem.****

*Salmos 115: 1 ***Não a nós, SENHOR, não a nós, mas ao teu nome dá glória, por amor da tua benignidade e da tua verdade.****

Um varão adulto ou casado segundo o princípio de Deus que aceita cobertura tutelar ou espiritual sobre a sua vida que não seja a cobertura exclusiva de Cristo como o seu Cabeça, desonra a Cristo e entra na esfera de profanar o nome de Deus, tentando ir contra Deus ao procurar atribuir a glória de Deus a outrem.

Assim como toda mediação que não é feita através de Cristo não é aceita entre Deus e as pessoas em geral, assim também nenhuma mediação que não seja feita por intermédio de Cristo é aceita entre Deus e os casais estabelecidos por uma união matrimonial segundo o princípio do Senhor.

Nem ainda para que um matrimônio tenha seu início reconhecido diante de Deus é necessário que haja mediadores que realizem este casamento, pois as Escrituras nos dizem que ***deixará o homem a seu pai e mãe e unirá-se à sua mulher, e, com sua mulher, serão os dois uma só carne.***

Segundo o que foi estabelecido por Deus desde o início, aqueles que fazem ou materializam um matrimônio de um homem e de uma mulher são o homem e a mulher quando se unem um ao outro depois de deixarem pai e mãe.

Na vida de Isaque, vemos que Abraão, o seu pai, o auxiliou na escolha da sua esposa e atuou para a apresentá-la como uma opção a seu filho, e não sem a concordância de Rebeca. Entretanto, ela somente se tornou de fato a esposa de Isaque quando este também a tomou para si como a sua esposa, conforme narrado a seguir:

Gênesis 24: 62 **Ora, Isaque vinha do caminho do poço de Laai-Roi, porque habitava na terra do Sul.**

63 **E Isaque saíra a orar no campo, sobre a tarde; e levantou os olhos, e olhou e eis que os camelos vinham.**

64 **Rebeca também levantou os olhos, e viu a Isaque, e lançou-se do camelo,**

65 **e disse ao servo: Quem é aquele varão que vem pelo campo ao nosso encontro? E o servo disse: Este é meu senhor. Então, tomou ela o véu e cobriu-se.**

66 **E o servo contou a Isaque todas as coisas que fizera.**

67 **E Isaque trouxe-a para a tenda de sua mãe, Sara, e tomou a Rebeca, e foi-lhe por mulher, e amou-a. Assim, Isaque foi consolado depois da morte de sua mãe. (RC)**

Nos dias de Isaque, não era necessário dizer que um casal não necessitava de um sacerdote para tornar-se unido diante de Deus, pois nem Abraão e nem Isaque estavam sujeitos a sacerdotes humanos. O único sacerdote a quem Abraão se submeteu foi a Melquisedeque, que também era Rei Eterno da Justiça e da Paz conforme já procuramos explicar anteriormente.

Desde o princípio, quem estabelece o matrimônio diante de Deus é o noivo e a noiva, sendo que as questões de demandas por sacerdotes “espirituais” para fazerem esta celebração somente surgiram ao longo dos anos. E isto, por questões de tradições e filosofias dos próprios seres humanos e para tentar dar um crédito às funções sacerdotais que nem são reconhecidas perante o Senhor.

Várias vezes nas Escrituras, o Senhor nos ensina a estarmos atentos a não sermos enredados por tradições e filosofias segundo os homens, e ainda repete a admoestação para permanecermos firmes em Cristo Jesus, conforme exemplificado abaixo:

Colossenses 2: 8 **Cuidado que ninguém vos venha a enredar com sua filosofia e vãs sutilezas, conforme a tradição dos homens, conforme os rudimentos do mundo e não segundo Cristo;**

9 **porquanto, nele, habita, corporalmente, toda a plenitude da Divindade.**

Além disso, nem mesmo na revogada e obsoleta Ordem de Arão, a ordem sacerdotal segundo a lei de Moisés, havia qualquer indicação da participação dos sacerdotes ou levitas quanto à celebração de casamentos ou matrimônios.

Nos dias atuais, há pessoas que se dizem ser ministros do Evangelho de Cristo e que, por causa disto, tem “autoridade para declarar um casal como marido e mulher diante de Deus”. Entretanto, em nenhum lugar do Evangelho de Cristo há o estabelecimento de tal prerrogativa. Pelo contrário, é a partir da vinda de Cristo em carne ao mundo e da pregação do Evangelho de Deus que a simplicidade para o estabelecimento de um matrimônio é reenfatizada. É a partir da vinda de Cristo em carne ao mundo, e da sua ressurreição dentre os mortos, que a questão de Cristo ser o único Cabeça sobre o casal é declarada de forma ainda mais clara, enfática ou evidente.

Ninguém na história humana respeitou tanto as mulheres como Cristo o fez. E ninguém recebe tanto o homem como a mulher, sem distinção de um em detrimento de outro, para “*estarem Nele*” como Cristo fez.

Os sacerdotes que se dizem autorizados por Deus para realizarem matrimônios não somente não estão autorizados pelo Senhor para fazê-lo, pois a pregação do Evangelho de Deus não confere a ninguém esta autorização, como também nem estão autorizados para serem sacerdotes espirituais na vida de outros, pois Cristo é o único Sumo Sacerdote Eterno que faz a mediação das pessoas, em tudo, com o Deus Eterno.

Se a própria posição sacerdotal de uma pessoa que se intitula “ministro do Evangelho” em relação a mediação de outros já não tem qualquer validade diante de Deus, pois isto é uma forma velada de tentar reestabelecer princípios da Ordem de Arão, e se nem na Ordem de Arão os sacerdotes eram estabelecidos para realizarem matrimônios, muito menos válida, diante de Deus, é a realização de um matrimônio por aqueles que nem são aceitos pelo Senhor para esta função.

Aqueles que “fazem o casamento” de um casal, segundo o princípio de Deus, são o noivo e a noiva depois de deixarem pai e mãe para se unirem um ao outro.

Se for possível e for do interesse dos noivos ou dos pais dos noivos fazerem uma celebração do casamento, isto é algo que pode ser feito e que, inclusive, é exemplificado em diversas ocasiões nas Escrituras. Entretanto, ainda assim, quem “*faz o casamento*”, é o noivo com a noiva, deixando pai e mãe e unindo-se em uma só carne ao cônjuge, sabendo que eles dois o fazem perante Deus.

Um noivo e uma noiva que compreenderam o princípio de Deus para o casamento, ao serem perguntados sobre “quem *fez o seu casamento*”, deveriam estar prontos a responder, com convicção, que eles mesmos é que se casaram ou se uniram, eles mesmo é que “*fizeram o seu casamento*” e que Deus foi a principal testemunha da união de um com o outro.

A pergunta “*quem fez o casamento*”, biblicamente falando, é até bizarra, pois visto que é o noivo que casa com a noiva, como alguém externo a eles poderia fazer o que somente os noivos podem fazer?

Algumas pessoas podem achar “bonitinha” a realização do casamento em um templo chamado de espiritual ou acharem muito espiritual diante de Deus ter um sacerdote que celebre o pacto dos noivos, mas tudo isto simplesmente não condiz com as Escrituras em nenhum de seus aspectos.

Se, por exemplo, um sacerdote “*oficia o casamento*”, o noivo ou a noiva podem vir a pensar que foi o sacerdote que os uniu e podem não entender que toda a responsabilidade da sua união é por opção própria dos noivos diante de Deus, pois eles próprios se uniram no ato conjugal.

Se um sacerdote “*oficia o casamento*”, o casal pode vir a pensar inapropriadamente:

- ⇒ 1) Que é a suposta bênção de sacerdotes que os fará prosperar;
- ⇒ 2) Que depois de casados, precisam continuar “correndo atrás das supostas bênçãos” de sacerdotes para a continuidade exitosa da sua vida conjugal;
- ⇒ 3) Que ao transferir aos sacerdotes o estabelecimento do matrimônio, também devem continuar buscando a orientação para as suas vidas junto a estes em vez de buscá-la direto em Deus;
- ⇒ 4) Que devem fidelidade à ordem de sacerdotes que “*fez o casamento deles*”.

Ou seja, quando um casamento começa sob a ideia de necessitar de “mediadores” para que seja estabelecido, o casal também tenderá a pensar que precisará dos sacerdotes mediadores para a vida que segue após a sua união conjugal.

Quando os cônjuges pensam que o casamento deles se estabelece através de sacerdócios humanos, eles também tenderão a pensar que precisarão de sacerdotes similares quando tiverem desafios a serem enfrentados. Eles tenderão a pensar que necessitam recorrer primeiramente às pessoas externas ao casamento, e não diretamente a Cristo, para obterem soluções para os seus desafios e problemas.

Entretanto, uma vez que um homem se uniu à própria esposa, a aliança foi de um para um diante de Deus, e os dois são, primeiramente, e através da graça e da ajuda de Deus, responsáveis diante do Senhor pela sua vida conjugal.

Deus nunca chamou e nem quer “*oficiadores espirituais*” de casamento, pois a realização efetiva de um matrimônio é entre o noivo e a noiva diante do Senhor que os vê em todo o lugar em que estiverem.

A realização do matrimônio segundo o princípio anunciado desde o início é simples assim:

- ⇒ 1º) O pretendente ao matrimônio deixará pai e mãe;
- ⇒ 2º) O homem unir-se-á à sua mulher;
- ⇒ 3º) O homem e a mulher se tornarão uma só carne entre eles e diante de Deus;
- ⇒ 4º) Cristo é o Cabeça de cada um dos cônjuges como membros do corpo de Cristo, e Cristo, ao mesmo tempo, é o Cabeça do marido, e o marido da esposa na questão da vida conjugal daqueles que se uniram pelo matrimônio.

E uma vez que a realização efetiva do casamento é feita de fato entre os dois que se uniram, também são eles que vão responder por este matrimônio diante de Deus, diante de si próprios e diante da sociedade.

Além disso, conforme foi visto no capítulo anterior, se cada pessoa prestará contas de si mesma a Deus, e de que os guias humanos nada podem fazer por outra pessoa na prestação de contas de cada um dos noivos perante o Senhor, por que o casal vai querer ter outros guias a não ser, primeiramente, o Senhor Jesus Cristo?

Pessoas podem ajudar casais na sua vida conjugal, podem se oferecer como irmãos de fé e de oração, ou como amigos. Entretanto, ninguém tem uma autorização dada por Deus para a posição de querer liderar, guiar, chefiar ou ser sacerdote de um casal estabelecido pelo matrimônio segundo o princípio do Senhor.

Tendo em vista que Cristo é o mediador individual do homem e da mulher que se casam, Cristo também é o mediador do casal para com Deus, não fazendo sentido cada um do casal ser guiado individualmente por Cristo, ser abençoado por Ele e, quando se casam, passarem a precisar de alguém externo para lhes mediar perante Deus.

A união matrimonial que é segundo o princípio de Deus não prevê na aliança conjugal também uma associação com a estrutura religiosa a, b ou c, e nem os noivos passam a fazer parte de alguma associação dos casados. Nada disto! Eles, simplesmente, são um homem e uma mulher que se uniram para viverem como marido e mulher também, primeiramente, diante do Senhor de suas vidas.

Algumas pessoas insistem em dizer que no casamento, os noivos também precisam fazer uma aliança com Deus. Entretanto, se os dois já estavam “aliançados individualmente com Deus” através da nova aliança e Deus reconhece a união de um homem que deixa pai e mãe e se une a sua esposa, por que teriam que fazer ainda um outro tipo de aliança com Deus?

No princípio, era simples e não complicado como as pessoas passaram a fazê-lo.

Através do casamento, ninguém faz aliança com Deus. A única aliança com Deus possível de ser feita é a “nova aliança” mediada individualmente pelo único Mediador que é Cristo.

E quanto à aliança com Cristo, cada um a faz pessoalmente pela fé no Senhor!

O casamento é a união do noivo com a noiva. É a união 1 + 1, testemunhada por Deus.

Neste ponto, nos parece que ainda cabe mais uma ressalva sobre a celebração do casamento, pois o fato de uma união matrimonial estar sendo feita entre o noivo com a sua noiva não implica em dizer que os noivos não possam comemorar ou festejar a sua união como testemunho perante outros.

Uma festa de casamento pode ser um momento de grande alegria. Pode ser o testemunho do desejo dos noivos se unirem um ao outro sob a união matrimonial. Porém, se eles estabelecerem o matrimônio sob o regime de algum sacerdócio que não seja diretamente o Senhor Jesus Cristo, este matrimônio começa a ficar sujeito a estar em desonra a Cristo e a Deus, a quem exclusivamente deveria ser atribuída a glória, independentemente do tamanho da celebração do casamento.

Na celebração do casamento, os pais, obviamente, podem orar e pedir que o Senhor abençoe os seus filhos e filhas no novo passo de vida que estes passam a dar, se alegrar com eles, falar algumas palavras de carinho a eles, bem como os filhos podem honrar aos seus pais que cuidaram deles até este momento. Entretanto, ainda assim a essência da realização do matrimônio é ***deixará o homem a seu pai e mãe e unir-se-á a sua mulher, e, com sua mulher, serão os dois uma só carne.***

Um noivo e uma noiva podem desejar celebrar com seus pais, parentes e amigos a união que passarão a estabelecer. Ou os pais podem querer oferecer uma festa aos noivos e convidados para comemorarem o começo de uma nova união conjugal que irá iniciar. Entretanto, quem está fazendo a união efetivamente, são o noivo, o homem, e a sua noiva, a mulher. E novamente aqui, segundo o princípio de Deus para o matrimônio, não há a necessidade de nenhum “oficiador espiritual” desta união conjugal.

Por outro lado, se um homem realmente deixou o seu pai e a sua mãe, e se une no matrimônio à sua própria e única esposa, isto perante Deus está feito, quer tenha festa ou quer seja um simples momento singelo entre os noivos.

Quando observamos o exemplo de Isaque e Rebeca citado acima, vemos que não houve nenhuma festa e nem os pais de Rebeca estavam presentes quando a sua união com Isaque foi estabelecida.

O primeiro casal que se uniu em matrimônio após um ter sido apresentado ao outro foi Adão e Eva, e só Deus estava lá para testemunhar e reconhecer esta união.

Portanto, quando o Senhor Jesus reafirma o princípio dito desde o início, de forma alguma ele está retornando à lei de Moisés e suas regras, pois esta somente veio a existir depois de mais de 400 anos da aliança de Deus com Abraão. O Senhor Jesus estava reafirmando a maneira simples, mas muito assertiva que havia sido estabelecida por Deus desde o princípio e a qual diante de Deus nunca sofreu alteração até os dias atuais.

Assim, de forma alguma, estamos incentivando aqui que casais unam-se sem falar com os seus pais ou que desprezam o seu consentimento, pois parte do deixar os pais para unir-se em casamento também pode implicar em consultar e avaliar com os pais sobre a decisão de deixá-los. Entretanto, ou por outro lado, também estamos querendo evidenciar a simplicidade que há em relação ao estabelecimento de um matrimônio entre um homem e uma mulher perante Deus.

Além disso, é depois de deixar o seu pai e a sua mãe é que o homem unir-se-á à sua mulher, não antes. Todo o processo de aliança pode ser muito simples, mas isto não significa que não há um caminho apropriado a ser seguido.

Se um homem se unir a uma mulher, mas não de acordo com o princípio de Deus, ele não está nem na vontade geral de Deus para o solteiro e nem na vontade geral de Deus para o casado. Logo, ele não está na vontade geral de Deus para o matrimônio e estará diante de empecilhos para alcançar a vontade específica de Deus para a sua vida.

Uma pessoa pode não concordar com a forma de união conjugal que Deus definiu, e ainda, praticá-la de forma diferente. E de fato, muitas vezes, Deus permite que isto ocorra ainda que não consentindo com a ação praticada, pois Cristo também reina permitindo as pessoas fazerem opções e buscarem seus próprios caminhos, conforme vimos no capítulo sobre Cristo reinar sobre tudo apesar das pessoas fazerem opções contrárias à vontade de Deus.

A questão que está em foco aqui, porém, não é se uma pessoa pode ou se não pode algo, se consegue ou se não consegue fazer alguma coisa, mas a questão é se um homem e uma mulher amam a vontade de Deus acima dos preceitos humanos ou se amam mais a forma que eles próprios querem usar para conduzirem as suas vidas e alcançarem os seus almejados prazeres.

Em muitas situações, um indivíduo pode optar pela sua própria vontade, mas com isto, também rejeita a vontade de Deus, amando mais a sua própria vontade do que a vontade do Senhor. E conforme a sua opção, a pessoa também se coloca em posição de colher segundo os caminhos nos quais escolheu viver e andar.

O fato das pessoas não seguirem a instrução de Deus para o matrimônio não significa automaticamente que Deus vai castigá-las, por exemplo, com infertilidade, que não vão conseguir obter riquezas materiais ou que não vão ser prósperos profissionalmente aos olhos do mundo. Deus não age assim, e muitas vezes o Senhor

continua concedendo coisas boas inclusive para pessoas sob erro para constrangê-las por seu amor por elas. Mas enquanto as pessoas persistirem em resistência à vontade geral de Deus que em tudo é “boa, perfeita e agradável”, elas não experimentarão o melhor da vida do Senhor para elas, podendo, algumas vezes, até ficarem sujeitas a ter uma vida abundante na Terra, mas sem, contudo, receberem a salvação eterna.

A Bíblia afirma que a vontade de Deus é “boa, perfeita e agradável”, mas muitos preferem às suas próprias vontades ou as que são sugeridas pela sociedade, pelo mundo e pelo diabo. E se uma pessoa escolher as vontades que não sejam a de Deus, e não se arrepender delas em tempo, estas escolhas a conduzirão também aos caminhos das respectivas colheitas destruidoras, ainda que estas às vezes pareçam tardar.

Por fim, neste tópico, entendemos que outro aspecto relevante sobre o casamento em nossos dias é a questão do seguir as leis civis para realizá-lo, podendo estas leis, inclusive, serem para proteção dos noivos e dos filhos que eventualmente venham a ter. Entretanto, ainda assim, é o noivo e a noiva que tem a responsabilidade diante de Deus de terem realizado a união conjugal entre eles.

Desta forma, se houverem pessoas tentando, através de leis, proibir o que Deus estabeleceu para a união conjugal ou houverem pessoas na sociedade consentindo com o que Deus não consentiu, ***mais importa obedecer a Deus do que aos homens.***

- 1 Timóteo 4: 1 **Ora, o Espírito afirma expressamente que, nos últimos tempos, alguns apostatarão da fé, por obedecerem a espíritos enganadores e a ensinos de demônios,***
*2 **pela hipocrisia dos que falam mentiras e que têm cauterizada a própria consciência,***
*3 **que proíbem o casamento e exigem abstinência de alimentos que Deus criou para serem recebidos, com ações de graças, pelos fiéis e por quantos conhecem plenamente a verdade;***
*4 **pois tudo que Deus criou é bom, e, recebido com ações de graças, nada é recusável,***
*5 **porque, pela palavra de Deus e pela oração, é santificado.***

Deus criou os alimentos, e também criou o casamento. E *tudo o que Deus criou é bom*, ainda que as pessoas queiram negá-lo ou desprezá-lo.

Ainda que alguns queiram proibir o casamento ou distorcer as instruções celestiais, se um casal estabelecer um casamento de acordo com o princípio de Deus, o que foi estabelecido segundo Deus e diante de Deus é o que prevalece perante o Senhor.

Embora o matrimônio civil possa vir a ser muito útil para muitos casais e o testemunho civil possa somar em benefício aos casamentos em vários povos, a grande ou principal testemunha de todos os matrimônios segundo o que foi estabelecido desde o princípio ainda assim sempre foi e sempre será o próprio Senhor Eterno.

- Malaquias 2: 14 **E dizeis: Por quê? Porque o SENHOR foi testemunha entre ti e a mulher da tua mocidade, com a qual tu foste desleal, sendo ela a tua companheira e a mulher da tua aliança.***
*15 **E não fez ele somente um, sobejando-lhe espírito? E por que somente um? Ele buscava uma semente de piedosos; portanto, guardai-vos em vosso espírito, e ninguém seja desleal para com a mulher da sua mocidade. (RC)***

Por mais que venha a seguir procedimentos de leis civis, o casamento é primeiramente uma união do noivo com a noiva perante Deus e pela qual eles respondem a Deus ainda que as leis do país mudem e venham a tornar flexível o estabelecimento ou o rompimento dos matrimônios em discordância com a vontade de Deus. Uma união civilmente aceita não é necessariamente aceita diante de Deus, e uma separação civilmente permitida não é necessariamente aceita por Deus. Assim, a questão da fidelidade de um casal diante de Deus é, acima de tudo, de acordo com os princípios que o Senhor estabeleceu.

Quando o homem deixa pai e mãe e se une à sua própria e única mulher, eles passam a estar unidos diante de Deus pelos atos que eles próprios fizeram e que foram testemunhados pelo Senhor.

Concluindo, gostaríamos de considerar ainda que muitas pessoas, ao verem ou reverem os princípios estabelecidos por Deus para a questão conjugal, talvez os estejam vendo depois que já estabeleceram uniões conjugais e que talvez ainda não estejam alinhadas com a vontade de Deus. Nestes casos, cabe a elas se apresentarem em humildade e arrependimento diante de Deus para também buscarem do Senhor a instrução para saberem o que fazer para que as ações indevidas que adotaram possam ser perdoadas, mas também tratadas sob a direção pessoal de Cristo.

Salmos 25: 1 A ti, SENHOR, elevo a minha alma.

- 2 Deus meu, em ti confio; não seja eu envergonhado, nem exultem sobre mim os meus inimigos.*
- 3 Com efeito, dos que em ti esperam, ninguém será envergonhado; envergonhados serão os que, sem causa, procedem traiçoeiramente.*
- 4 Faze-me, SENHOR, conhecer os teus caminhos, ensina-me as tuas veredas.*
- 5 Guia-me na tua verdade e ensina-me, pois tu és o Deus da minha salvação, em quem eu espero todo o dia.*
- 6 Lembra-te, SENHOR, das tuas misericórdias e das tuas bondades, que são desde a eternidade.*
- 7 Não te lembres dos meus pecados da mocidade, nem das minhas transgressões. Lembra-te de mim, segundo a tua misericórdia, por causa da tua bondade, ó SENHOR.*
- 8 Bom e reto é o SENHOR, por isso, aponta o caminho aos pecadores.*
- 9 Guia os humildes na justiça e ensina aos mansos o seu caminho.*
- 10 Todas as veredas do SENHOR são misericórdia e verdade para os que guardam a sua aliança e os seus testemunhos.*
- 11 Por causa do teu nome, SENHOR, perdoa a minha iniquidade, que é grande.*
- 12 Ao homem que teme ao SENHOR, ele o instruirá no caminho que deve escolher.*

G. Serão os Dois Uma Só Carne

*Marcos 10: 6 **Porém, desde o princípio da criação, Deus os fez homem e mulher.***

*7 **Por isso, deixará o homem a seu pai e mãe e unirá-se à sua mulher,***
*8 **e, com sua mulher, serão os dois uma só carne. De modo que já não***
são dois, mas uma só carne.

*9 **Portanto, o que Deus ajuntou não separe o homem.***

Depois que os filhos deixam os pais para se unirem em matrimônio, podemos ver que o aspecto do marido com a sua esposa se tornarem uma só carne é o ponto que mais é evidenciado no texto exposto acima.

Entretanto, compreender toda a amplitude e, ao mesmo tempo, os limites desta união que faz de dois uma só carne parece ser especialmente desafiador, pois as Escrituras não mencionam uma grande lista de detalhes do que este aspecto da união que os torna um representa nos seus mais diversos detalhes.

Por outro lado, os textos que mencionam a união conjugal nos mostram o quão significativa é esta união e o quanto o Senhor anela para que ela seja respeitada tanto pelo marido como pela esposa.

No livro de Efésios, por exemplo, vemos que a união conjugal que é segundo os princípios de Deus faz com que, para o Senhor, a mulher seja como parte do corpo do homem e que se homem não cuidar bem da sua esposa, é como se ele fosse negligente com si próprio.

*Efésios 5: 28 **Assim também os maridos devem amar a sua mulher como ao próprio corpo. Quem ama a esposa a si mesmo se ama.***

*29 **Porque ninguém jamais odiou a própria carne; antes, a alimenta e dela cuida, como também Cristo o faz com a igreja.***

Já em outro texto do livro de 1Coríntios, vemos que a união conjugal é uma concessão do corpo de um cônjuge em favor do outro e é o estabelecimento de vários direitos que um passa ter em relação ao outro, obviamente não por dominação, mas sempre sujeito ao princípio de amor de um pelo outro.

*1 Coríntios 7: 3 **O marido conceda à esposa o que lhe é devido, e também, semelhantemente, a esposa, ao seu marido.***

*4 **A mulher não tem poder sobre o seu próprio corpo, e sim o marido; e também, semelhantemente, o marido não tem poder sobre o seu próprio corpo, e sim a mulher.***

*5 **Não vos priveis um ao outro, salvo talvez por mútuo consentimento, por algum tempo, para vos dedicardes à oração e, novamente, vos ajuntardes, para que Satanás não vos tente por causa da incontidência.***

*6 **E isto vos digo como concessão e não por mandamento.***

Aqui, entretanto, novamente por outro ângulo, vemos que a união do noivo e da noiva a ponto de se tornarem uma só carne, não apresenta uma condição literal de um ser a carne do outro, tanto é que um pode adoecer e o outro não, um pode falecer e o outro não, sendo, inclusive, estabelecido que o matrimônio é uma união por tempo determinado, pois perante Deus, ele é estabelecido no máximo até a morte de um dos cônjuges.

O Senhor Jesus, claramente, explicou que na ressurreição dos mortos, as pessoas não se casam e não se dão em casamento, e que o máximo da duração de um casamento é até a morte de um dos cônjuges. Ocorrendo a morte física, todo o pacto da aliança matrimonial ao qual os respectivos cônjuges estavam associados passa a estar desfeito ou encerrado. (Conforme Marcos 12: 25).

E por que ocorrendo a morte de um dos cônjuges cessa o pacto conjugal?

Um matrimônio se desfaz com a morte porque a união que tornava os cônjuges um era quanto à carne, temporária para a vida na Terra, podendo, inclusive, um dos cônjuges herdar a vida eterna com Deus e outro não, e assim ficarem separados eternamente um do outro apesar de terem vivido como casados na Terra.

Nada do que as pessoas na Terra definam sobre o casamento, e que seja diferente do que Deus definiu, pode alterar o que Deus reconhece como casamento. Já a partir da primeira união conjugal na Terra, Deus estabeleceu como deveriam ser todas as demais uniões conjugais em todas as gerações.

De acordo com o princípio de Deus, o casamento tem início definido, mas também tem fim definido. Tem limites de impacto ou abrangência definidos, e tem limites de tempo de atuação definidos. E o que vai além disto também não provém de Deus.

A dimensão de um homem e de uma mulher “tornarem-se uma só carne pelo matrimônio é incalculável ou imensurável”, mas ainda assim, esta união precisa ser vista com sobriedade e sensatez, objetivando não ficar aquém do que nela está incluso, mas também não avançar além do que é devido à esta união.

A aliança matrimonial é muito especial e singular em função dos aspectos associados à união de dois em um só na carne e que são tão desafiadores de serem conhecidos e vividos, onde um homem e uma mulher optam em viver em conjunto, deixando grande parte da sua independência para trás. Ao mesmo tempo, porém, cada um dos cônjuges também tem uma participação e uma relevância individual crucial para que tanto a vida individual de cada um com Deus continue bem firmada como também para que a vida em conjunto seja bem estabelecida.

E uma vez mencionados mais alguns aspectos que não estão abrangidos pela questão de dois se tornarem um através do matrimônio, gostaríamos de retornar a alguns pontos que podem ou até deveriam ser observados na unidade de dois em só carne que passa a estar em curso quando um homem se une à sua mulher através do casamento e vice-versa.

Assim, a união conjugal é o início de um tempo de vida onde um homem e mulher optam por abrir mão de uma parte da liberdade individual que eles têm para passarem a compartilhar parte das suas vidas com uma pessoa amada, chamada também de cônjuge.

Tanto o homem como a mulher “*em Cristo*” têm a liberdade de não optarem pelo casamento. Entretanto, se o fizerem, optam também pela companhia de outra pessoa e

pela condição que pode vir a possibilitar alcançarem propósitos que de forma individual não poderiam alcançar.

Conforme já comentamos em tópicos anteriores, uma pessoa casada ou uma pessoa não casada não se tornam superiores ou mais importantes pelo estado civil que escolhem viver, mas o que é fato é que cada uma destas opções têm as suas próprias características e desafios.

Sob o conceito cristão, é evidente que quando é citada acima a opção pela “vida individual” em vez da vida de casado, esta menção não está fazendo uma referência à uma vida individual separada de Cristo, mas à uma vida individual não associada com outra pessoa através de uma aliança matrimonial.

A união através do matrimônio ocorre de um para um, de um para com o outro. A união pelo casamento é expressa pelas ações de duas pessoas, um homem, e uma mulher, que passam a constituir “um só e inteiramente novo conjunto de dois indivíduos”, o qual, no presente estudo, também temos chamado de “um coletivo de dois”.

Depois da aliança de uma pessoa com Cristo na nova aliança, a aliança mais antiga e mais próxima segundo a vontade de Deus que pode existir na Terra é a aliança feita entre um homem e uma mulher, inclusive pela proximidade do relacionamento físico que estabelecem entre si.

E a aliança matrimonial também é tão intensa e ampla porque, a partir da união conjugal, o que um cônjuge faz afeta o outro em muitos aspectos da vida, pois através do matrimônio, os cônjuges passam a se associar, diante de Deus e do mundo, a uma aliança através da qual, em muitas coisas naturais, passam a serem vistos como uma só unidade, como um só conjunto ou como “uma só carne”.

Quando um homem e uma mulher optam em se unir pelo matrimônio, eles também decidem se unir com outra pessoa para passarem a decidir em conjunto muitos aspectos relevantes de suas vidas.

Se um homem solteiro ou uma mulher solteira, por exemplo, podiam estar dispostos a aceitar um emprego em diversos locais distintos ou distantes, depois de unidos pelo matrimônio, esta decisão não cabe mais somente a um, pois, por direito de casamento, nenhum deles deveria privar o companheiro de estar junto a ele ou ela sem a concordância mútua.

Depois de estabelecida a união conjugal, um cônjuge passa a estar colocado em posição de cuidar de aspectos da vida do outro e também para lhe agradar, conforme o texto abaixo:

*1 Coríntios 7: 32 **O que realmente eu quero é que estejais livres de preocupações. Quem não é casado cuida das coisas do Senhor, de como agradar ao Senhor;***
*33 **mas o que se casou cuida das coisas do mundo, de como agradar à esposa,***
*34 **e assim está dividido. Também a mulher, tanto a viúva como a virgem, cuida das coisas do Senhor, para ser santa, assim no corpo como no espírito; a que se casou, porém, se preocupa com as coisas do mundo, de como agradar ao marido.***

Apesar de um união conjugal poder ser maravilhosa, definida por Deus como digna de honra entre todos e como um meio apropriado para que muitos propósitos do Senhor possam ser alcançados, está inserida nesta escolha, a necessidade de atenção especial para com o cônjuge com o qual uma pessoa se uniu e cuja posição dever ser considerada com respeito e em grande estima.

A união conjugal é uma aliança de um para um como um pacto de fidelidade e respeito exclusivos em muitos aspectos, e sob a qual, as primeiras pessoas que precisam se respeitar no casamento e quanto à participação de cada um em sua vida conjugal são o marido e a esposa.

Diante do Senhor, e para viver uma vida que sirva a Deus, uma pessoa não precisa optar pelo matrimônio. Entretanto, uma vez que o fizer, é crucial que cada um dos cônjuges saiba que eles estão se unindo a uma outra pessoa de igual valor diante do Senhor e de que o Senhor não atenderá somente a um se isto não estiver em linha com a sua justiça.

1 Pedro 3: 1 Mulheres, sede vós, igualmente, submissas a vosso próprio marido, para que, se ele ainda não obedece à palavra, seja ganho, sem palavra alguma, por meio do procedimento de sua esposa, 2 ao observar o vosso honesto comportamento cheio de temor.

+

1 Pedro 3: 7 Igualmente vós, maridos, coabitai com ela com entendimento, dando honra à mulher, como vaso mais fraco; como sendo vós os seus coerdeiros da graça da vida; para que não sejam impedidas as vossas orações.

Unir-se conjugalmente implica em habitar junto com o cônjuge, mas também fazê-lo com entendimento e de forma cooperativa para o bem de cada um dos cônjuges, bem como para bem do que passam a edificar em conjunto.

Assim, a renovação da compreensão sóbria à luz das Escrituras dos aspectos centrais envolvidos na união conjugal parece ser altamente necessária e urgente também em nossos dias como na realidade sempre foi em todas as outras gerações.

A união conjugal é uma união para também edificar aspectos da vida em conjunto e onde, depois de Deus, o cônjuge é o primeiro a ter direito de opinar, participar e desfrutar dos benefícios, e onde ninguém outro pode ter esta primazia, pois somente o cônjuge é uma só carne com o outro cônjuge.

O matrimônio estabelece uma união onde todas as outras pessoas, inclusive pais, irmãos e amigos, passam a ter uma posição secundária, pois nenhum dos outros é uma só carne ou um só conjunto com o homem ou a mulher unidos em só carne pelo matrimônio.

A união conjugal não visa estabelecer um impedimento de uma pessoa poder ter relacionamentos de irmandade, amizade e profissionais com outras pessoas. Porém, ela estabelece, sim, limites nestes relacionamentos visto que “o cônjuge passou a ser o próximo mais próximo que uma pessoa tem além do próprio Senhor”, o qual sempre é o mais próximo de todos, pois Ele habita no coração daquele que o recebeu em sua vida.

A aliança matrimonial, autorizada e testemunhada por Deus, jamais poderá ser superior à aliança feita por uma pessoa com o Senhor. Porém, no que tange a aliança com outras pessoas, nenhuma outra aliança no mundo deveria superar a aliança que um homem fez com a sua mulher pela união conjugal e vice-versa.

Se uma pessoa não respeitar a aliança que ela mesma fez a ponto do seu cônjuge se tornar a sua própria carne, a ponto de que o cuidar do cônjuge é como cuidar do próprio corpo, como esta mesma pessoa será respeitosa e digna de confiança em eventuais outros pactos que fizer na vida?

A união conjugal vai muito além de um acordo onde dois indivíduos passam a compartilhar a mesma casa e a mesma cama, pois, pela aliança matrimonial, eles se tornam parte intensa da vida um do outro.

Quando voltamos aos textos iniciais de Gênesis, vemos que Deus não designou à Adão a missão de frutificar, multiplicar, encher a Terra e sujeitá-la, mas ele a designou tanto a Adão como a Eva. Deus designou a missão a Adão e também a Eva conjuntamente, embora cada um deles tivesse funções distintas nesta mesma missão.

No livro de Gênesis, podemos ver que no Éden, Deus não viu a Eva dissociada de Adão para aquilo que Ele tinha como propósito para o homem e para a mulher que havia criado, conforme podemos observar no texto abaixo:

*Gênesis 1: 27 **Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.***
*28 **E Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra.***
*29 **E disse Deus ainda: Eis que vos tenho dado todas as ervas que dão semente e se acham na superfície de toda a terra e todas as árvores em que há fruto que dê semente; isso vos será para mantimento.***

De acordo com o texto acima, o único plural “vos” que podia ser composto no momento em que Deus falou aos seres humanos no Éden era Adão e Eva. Não havia outras pessoas na Terra a quem o “vos”, “o coletivo”, pudesse ser aplicado.

Na referência do verso 27 acima, vemos mais uma vez exposto o que já explicamos anteriormente de que existe o conceito “homem” que se aplica a qualquer ser humano, no sentido de raça humana, e existe o conceito “homem” no sentido do homem macho, distinto de “mulher” ou fêmea.

A união que torna um homem e uma mulher em uma só carne aos olhos de Deus, não anula a condição pessoal da alma e do espírito de cada um, conforme já comentamos anteriormente. Entretanto, no sentido do que um homem e uma mulher realizam na Terra, nas coisas naturais, para Deus, após o matrimônio, não há mais indivíduos completamente separados e independentes um do outro, pois aquilo que realizam afeta a vida do casal. E neste quesito, Deus os vê como um.

Quando uma união matrimonial é feita segundo os princípios do Senhor, o que um cônjuge faz está associado a reflexos sobre outro, e as suas ações já não são aspectos inteiramente independentes.

1 Coríntios 11: 11 **No Senhor, todavia, nem a mulher é independente do homem, nem o homem, independente da mulher.**

Se, por exemplo, um dos cônjuges tem um emprego próspero e ele pode realizá-lo a contento porque o outro cônjuge lhe dá suporte cuidando mais das coisas cotidianas do seu lar, não é somente aquele cônjuge que, diante de Deus, é próspero em seu trabalho, mas é “uma só carne”, é o casal, que é próspero em sua empreitada conjunta.

Da mesma forma, se na vida de outro casal, ambos os cônjuges trabalham externamente além das atividades do lar, e os dois prosperam em caminhos justos pelo apoio que um dá ao outro, diante de Deus, “uma só carne” está alcançando o favor e a prosperidade segundo a vontade do Senhor.

Por outro lado, se um homem for insensato ou se uma mulher for insensata, a insensatez individual de cada um pode vir a produzir a ruína do lar conjunto que tentam edificar, pois o que um faz afeta a vida do outro no aspecto conjunto e no qual se uniram.

Provérbios 21: 20 **Tesouro desejável e azeite há na casa do sábio, mas o homem insensato o devora.**

Provérbios 14: 1 **A mulher sábia edifica a sua casa, mas a insensata, com as próprias mãos, a derriba.**

Nos tópicos anteriores, já vimos que uma pessoa não precisa se distanciar de Deus pelo fato do seu cônjuge fazê-lo. E um indivíduo não precisa se privar da salvação eterna em Deus porque o outro cônjuge despreza esta salvação. Entretanto, ou ainda assim, quanto ao projeto matrimônio e família, muitos aspectos que cada cônjuge faz afetam os dois cônjuges, pois neste quesito, eles são uma só carne.

Uma vez que, ao se unir, um casal constitui perante Deus um novo “conjunto”, composto de dois indivíduos, tudo o que o casal fizer ou sobrevier aos cônjuges poderá ter um impacto neste conjunto.

Se um homem, por uma infelicidade, sofre, por exemplo, um grave acidente que lhe cause uma invalidez, mesmo que temporária, a sua vida não será mais a mesma como seria sem aquele acidente. Mas, por outro lado, a vida da sua esposa também não será mais a mesma, pois a mudança da rotina do marido afeta também a vida da esposa, considerando ainda que o exemplo poderia também ser ao contrário.

Além disso, aquilo que um casal construiu com esforço conjunto, já não é mais possível de ser atribuído individualmente a cada um, mas à soma das ações e a participações de ambos e de Deus em ambos.

Se um casal tem um filho ou uma filha, não há como definir com precisão nos filhos o que veio do pai ou da mãe, e nem dissociar cada uma das partes dos filhos que supostamente seriam pertinentes a cada um dos pais. Os filhos são algo totalmente novo e com uma alma nova concedida por Deus, mas também são fruto de partes que vieram de cada um dos pais.

Se um casal unido pelo matrimônio entender que tudo o que cada um fizer afetará automaticamente o “novo conjunto singular que decidiram constituir”, eles veriam que a concorrência e a competição entre os cônjuges de um mesmo matrimônio são coisas bizarras e contrárias ao que eles mesmos estão constituindo. Por que, então, cônjuges iriam competir entre si e não se ajudariam se estão edificando o mesmo conjunto?

Apesar de um homem e de uma mulher unidos pelo matrimônio manterem a alma e o espírito com características individuais, o que eles edificam é o resultado do conjunto das ações de ambos. Depois do casamento, a vida não é mais totalmente dissociada do cônjuge com o qual uma pessoa se uniu.

Um casal, por exemplo, pode até definir um carro para o marido e outro para a esposa conforme a preferência de cada um, ter a pia no banheiro separada para cada um, mas isto só tem finalidade funcional, pois todas estas coisas são dos dois perante Deus. Nos quesitos materiais, Deus os vê como um conjunto, apesar de também continuar a levar em consideração as atuações individuais de cada um dos cônjuges.

Um homem, por exemplo, pode ser temente ao Senhor, piedoso e viver em comunhão com Deus, mas a sua esposa não, ou o contrário. Entretanto, o fato de um se omitir de um relacionamento apropriado com Deus afetará o lar que eles têm em conjunto, ou seja, aquilo que edificam juntos e a vida que passaram a viver juntos.

Quando um homem e uma mulher se unem em matrimônio, conforme já dissemos, algumas coisas se tornam “um”, a saber, por exemplo:

- ⇒ 1) Eles passam a ser “um só casal”;
- ⇒ 2) Passam a constituir “um só lar” ou também chamado de “casa”;
- ⇒ 3) Passam a constituir “uma família singular na Terra”;
- ⇒ 4) Passam a realizar propósitos que são fruto da soma da participação e das ações de ambos.

Assim, se uma parte se omitir do relacionamento com Deus, o “casal” não poderá alcançar tudo aquilo que Deus poderia conceder para os dois como uma só carne, pois uma parte daquilo que é uma só carne se absteve de viver em comunhão com o Senhor das suas vidas.

Por outro lado, uma vez que os dois cônjuges se conscientizam que tudo o que fizerem há de afetar de alguma forma o outro, ainda que cada um tenha um espírito e uma alma individual com opções pessoais de decisão, os dois cônjuges podem edificar de forma muito mais apropriada as coisas que Deus tem preparado para eles na sua vida matrimonial.

H. Cristo como o Cabeça de Uma Só Carne Já Estabelecida –

Parte 1

*Marcos 10: 6 **Porém, desde o princípio da criação, Deus os fez homem e mulher.***

*7 **Por isso, deixará o homem a seu pai e mãe e unirá-se à sua mulher,***
*8 **e, com sua mulher, serão os dois uma só carne. De modo que já não***
são dois, mas uma só carne.

*9 **Portanto, o que Deus ajuntou não separe o homem.***

*1 Coríntios 11: 3 **Quero, entretanto, que saibais ser Cristo o cabeça de***
todo homem, e o homem, o cabeça da mulher, e Deus, o cabeça de
Cristo.

O tema da unidade entre seres humanos atrai a atenção de muitas pessoas e muitas vezes também é acompanhado de muito romantismo e especulações difíceis de serem efetivamente praticadas na vida conjunta, ainda que englobe somente duas pessoas.

A partir do momento que um casal se uniu pelo matrimônio e constituiu um conjunto de dois considerado também como “uma só carne”, ou seja, $1 + 1 = 1$, tudo o que eles fazem, passa a refletir de alguma maneira sobre os dois ainda que nem sempre o percebam. Entretanto, conforme já mencionado, o matrimônio não torna as duas almas em uma. Consequentemente, também não elimina a possibilidade de cada um tomar decisões a cada novo dia e nos diversos momentos de um mesmo dia.

Se por um lado o noivo e a noiva se tornaram em uma só carne, pode ser que nas suas vontades, eles se mantenham opostos um ao outro, podendo, obviamente, trazer prejuízos àquilo que já é um entre eles.

A união matrimonial é um desafio interessante de ser observado e também de ser vivido, pois ele estabelece uma união daquilo que é mais tangível, mas deixa como opção a realização diária da união daquilo que não é tão material e tangível.

Por mais que os noivos queiram se preparar previamente para a vida conjugal, o que pode ser benéfico, no dia-a-dia, ainda surgirão uma enormidade de divergências de opiniões e pontos de vista que estarão envolvidos na vida após o início do matrimônio.

Um casal que se ama e que se uniu em matrimônio para o bem conjunto dos dois cônjuges certamente também quer o bem de cada um deles e daquilo que vão edificar.

Entretanto, uma questão prática que se apresenta nos matrimônios é que os conceitos do que é bom para o casal e do que é de acordo com a verdade podem variar muito de um cônjuge para o outro se a base de parâmetros for os próprios cônjuges.

Cônjuges que se amam e se respeitam podem ter opiniões distintas do que eles consideram bom para si próprios e para o cônjuge com o qual se uniram. E muitas destas opiniões distintas não foram unificadas na união que fez dos dois uma só carne.

Por mais que ambos os cônjuges queiram cooperar naquilo em que se tornaram um, é impressionante observar como as complexidades da vida aumentam quando se coloca somente duas pessoas distintas para viverem em conjunto, ainda que ambas almejem o mesmo propósito.

Aqui, então, há algo muito significativo a ser notado tanto pelo homem como pela mulher unidos pelo matrimônio, a saber: Como cada um dos cônjuges saberá o que é de fato bom para si próprio, para o outro cônjuge e para o conjunto de “dois em uma só carne” que constituíram pela união conjugal?

Um aspecto altamente relevante na vida conjugal é encontrar um consenso sobre a maioria dos assuntos que envolvem a vida do casal. Mas qual é o ponto de convergência que eles devem adotar para chegarem ao consenso?

Portanto, diante das muitas demandas por consenso e diante das muitas pequenas ou grandes divergências que se apresentam na vida matrimonial, mostra-se evidente a necessidade de cada um dos cônjuges ter como ponto referencial alguém maior que os dois, que tenha sabedoria superior à do casal e em torno de quem os cônjuges podem encontrar unidade e consenso.

Assim, para que, além da união em uma só carne, um casal também possa viver e andar em unidade de propósito, caminhos e ações, os cônjuges precisam manter-se sob a condição de Cristo como o Senhor da suas vidas pessoais, mas também ter a Cristo como o Senhor sobre o seu matrimônio.

É no “viver e andar em Cristo” que também os cônjuges da união matrimonial encontram o caminho da unidade de propósito, de ações e do caminho da paz entre eles e em relação àquilo que eles são um.

A vida conjugal não é firmada somente pelo aspecto dos cônjuges se doarem ao interesse do outro cônjuge, mas é fortalecida também ou principalmente através da ação de cada um deles seguirem o propósito e a direção que o seu Criador lhes ensina pessoalmente e também no que concerne ao seu matrimônio em seus vários aspectos.

A coordenação do conjunto coletivo de dois, mas de indivíduos tão distintos mesmo depois de unidos pelo matrimônio, é um grande desafio. Entretanto, também para isto, Cristo se oferece para ajudar a cada um pessoalmente e ajudar os dois juntos ou como casal, oferecendo-se a eles como Rei da Justiça e Rei da Paz também nas questões da vida a dois ou apresentando-se para ser o Cabeça do novo conjunto de dois que o casal constituiu ao se unirem pelo casamento.

Quando os cônjuges buscam a Cristo individualmente e também como casal, é o Senhor que lhes instrui como podem atuar em conjunto e como cada um pode cooperar para que o conjunto que constituíram seja alinhado ao querer de Deus e assim também seja frutífero e proveitoso para ambos.

Adão e Eva eram duas almas distintas, mas que, como casal, compunham um só carne. E como tal, também tinham partes de uma missão conjunta dada por Deus a eles.

Adão não poderia cumprir a missão que havia recebido de Deus sem a efetiva participação de Eva. Nada na principal missão designada ao “casal Adão e Eva” poderia ser concretizado se um dos dois não colaborasse com o propósito que lhes foi proposto.

Individualmente, Adão e Eva até poderiam fazer muitas coisas. Podiam cultivar plantas no Éden, passear pelo jardim, comer, interagir com os animais e etc. Entretanto, se os dois não se unissem no propósito de frutificarem segundo a sua espécie, o propósito central dado a eles pelo Senhor jamais aconteceria. Havia um propósito de Deus para ser feito em conjunto pelos dois.

Abraão e Sara tinham uma promessa de receberem um herdeiro ainda que Sara fosse estéril. E em sua condição de estéril, Sara cogitou solucionar o problema através de uma concubina por meio da qual pensou que poderia prover um filho a Abraão.

Entretanto, Deus não reconheceu o filho da concubina como o herdeiro prometido, pois quando Deus fez a promessa à Abraão, este já era uma só carne com Sara.

Portanto, para Deus, não havia a hipótese do herdeiro prometido vir só da metade daqueles que eram uma só carne. Para Deus era óbvio que Sara estava envolvida diretamente na promessa feita, pois para Deus, Sara era a mulher da aliança de Abraão.

Deus reconheceu o filho de Abraão com a concubina como filho de Abraão. Isso era um fato inegável. Porém, o Senhor não reconheceu este filho como o filho do seu propósito para com Abraão, o filho do chamado que Deus tinha para Abraão e Sara.

Deus não deixou o filho de Abraão com a concubina sem proteção ou sem provisão. Deus o protegeu e o fez prosperar, pois as ações que os seus pais escolheram praticar não foram escolhas do filho, e porque o Senhor também atende o clamor de todos por misericórdia. Entretanto, ainda assim, este menino não era o filho da promessa dada a Abraão porque ele também não era filho de “uma só carne de Abraão e Sara”, não era filho de Sara.

Ismael, o filho da concubina, não era fruto da direção de Deus na vida de Abraão e Sara. Ismael veio a nascer como fruto de Sara e Abraão se estribarem no seu próprio entendimento, o qual, por sua vez, adveio da ação de não permanecerem na unidade nos princípios e promessas do Senhor.

Quando, mais tarde, Deus confirmou a promessa do filho da promessa, Deus o prometeu a Abraão, mas também o fez na presença de Sara. O Senhor o fez falando também com a própria Sara, pois ela era a mulher do matrimônio de Abraão diante de Deus e “uma só carne com Abraão” quando Deus havia lhes chamado a seguirem os caminhos que Ele, o Senhor, lhes mostraria.

Deus tem alguns propósitos para um homem e uma mulher que se unem pelo matrimônio e que somente são possíveis de ocorrer se os dois trabalharem juntos em cooperação. Serão realizações, se vierem a se cumprir, nas quais não se poderá separar com precisão onde está a participação de cada cônjuge, porque são projetos que têm várias interações e colaborações tanto do marido como da esposa.

Filhos, por exemplo, são um projeto completamente conjunto. E a educação destes filhos é uma empreitada que também deveria contar com a cooperação de ambos os cônjuges.

O apoio profissional mútuo àquilo que cada um é chamado a fazer, a edificação do lar, a escolha de amigos, a opção de se encontrar com outros cristãos, e tantas outras coisas, são aspectos que sempre têm ou deveriam ter um lado conjunto para edificar e firmar cada vez mais a união conjugal.

Nos mais diversos aspectos de um matrimônio, é imprescindível que o casal caminhe em discernimento que vá além do mero discernimento natural, e o qual somente pode lhes ser conferido pelo Senhor.

A mesma prudência referente à buscar ao Senhor para as questões pessoais também se aplicam às questões conjugais, o que, por mais evidente que pareça, precisa ser ressaltado de forma especial, pois várias vezes pode ocorrer de um cônjuge pensar que a sugestão do outro cônjuge sempre está em concordância com Deus sem de fato estar.

Se o marido e a esposa estivessem sempre “*vivendo e andando em Cristo*” pessoalmente, e cada um estivesse ouvindo perfeitamente o que Cristo lhe instrui, os dois sempre estariam operando em harmonia. Na prática, porém, o homem e a mulher, também como indivíduos distintos apesar da união conjugal, podem “não estar” “*vivendo e andando em Cristo*” e, assim, introduzirem intenções humanas, carnis e não segundo Deus para a sua vida conjugal.

Desta forma, quando há conflitos de interesse, pode também haver impasses, divergências de opiniões e desejos distintos que tentam obter o seu espaço na vida “de uma só carne”, sendo que algumas destas divergências podem procurar introduzir o que as Escrituras nominam de “casa dividida”.

Quando as Escrituras mencionam a unidade entre um casal, entendemos que não necessariamente está sendo considerado que os cônjuges devem concordar em tudo e gostarem em tudo das mesmas coisas. Por exemplo, o fato de um gostar de chocolate e o outro não gostar, não precisaria ser motivo de discórdia dos objetivos coletivos do casal.

O cônjuge A, por exemplo, pode gostar de chocolate e o B não, e os dois podem se respeitar nestas divergências, pois também no respeito mútuo pelas características pessoais de cada um está a unidade em alguns assuntos. Aceitar e respeitar a diferença do outro também pode ser uma posição de unidade. Entretanto, se, por exemplo, a questão do chocolate começa a representar prejuízo da saúde de um dos cônjuges ou começa a levar a um prejuízo financeiro diante de outras necessidades mais iminentes, o casal composto de dois indivíduos sujeitos ao Espírito de Deus e não à carne, deveria chegar a um acordo sobre medidas de consumo que praticam, pois em tudo são chamados a glorificar a Deus, quer individualmente ou conjuntamente.

1 Coríntios 10: 31 Portanto, quer comais, quer bebais ou façais outra qualquer coisa, fazei tudo para a glória de Deus.

Portanto, assim como o “*viver e andar em Cristo*” é o caminho para uma pessoa caminhar na vontade de Deus e atuar segundo o querer celestial, assim também é na vida conjugal. E também por esta razão, Cristo é estabelecido pelo Pai Celestial como o Cabeça de um casal unido pelo matrimônio.

Se à nossa equação do “coletivo de dois que se tornam um” ainda acrescentarmos a inclusão de filhos, quanto mais diversidade e variáveis não são acrescentadas ao relacionamento entre o marido e a mulher?

Considerando que os filhos, incluindo filhos e filhas, são indivíduos que também têm uma vontade própria intensa, é impressionante o número de variáveis e hipóteses que se multiplicam para serem administrados tanto pelo marido como pela mulher com a chegada de cada um dos filhos que venham a ter.

Em diversos casos, um casal até pode caminhar em boa sintonia quando são somente dois indivíduos. Porém, quando chegam os filhos, isto pode se complicar, pois muitas vezes cada cônjuge quer educar os seus filhos nos moldes que ele ou ela foi educado quando criança, não se dando conta que o filho não é de uma só parte do casal, mas de ambos.

Em um só “conjunto familiar” podem haver muitas divergências em muitos assuntos, mas o Senhor não deseja que isto permaneça continuamente. O Senhor deseja que haja paz no lar. E para isto, é necessário que todos se unam no Senhor, se unam em torno do seu Senhorio ou em torno da sua posição de Cabeça que o Pai Celestial atribui a Cristo.

É no Senhor que ocorre a renovação de entendimento para que os cônjuges alcancem sabedoria celestial também para a vida matrimonial e para a sua posição de pai e mãe, podendo ser que ambos os cônjuges tenham que renovar o entendimento de suas posturas frente àquilo que o Senhor lhes instrui, pois ambos podem também ter herdado culturas e tradições infrutuosas e podem ter mentes não renovados em relação à conceitos que o mundo tenta impor sobre eles.

1 Pedro 1: 17 Ora, se invocais como Pai aquele que, sem aceção de pessoas, julga segundo as obras de cada um, portai-vos com temor durante o tempo da vossa peregrinação,
18 sabendo que não foi mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados do vosso fútil procedimento que vossos pais vos legaram,
19 mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo,
20 conhecido, com efeito, antes da fundação do mundo, porém manifestado no fim dos tempos, por amor de vós
21 que, por meio dele, tendes fé em Deus, o qual o ressuscitou dentre os mortos e lhe deu glória, de sorte que a vossa fé e esperança estejam em Deus.

Romanos 12: 1 Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional.
2 E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.

As respostas sobre como “viver e andar pessoalmente em Cristo” ou segundo a vontade de Deus estão no Senhor, mas também àquelas que se referem à vida conjugal e à como cuidar dos filhos que Deus confiou aos cuidados de um casal. Razão pela qual também, Deus estabeleceu a Cristo com o Cabeça de cada matrimônio realizado segundo o princípio de Deus.

- 1 Pedro 4: 1 Ora, tendo Cristo sofrido na carne, armai-vos também vós do mesmo pensamento; pois aquele que sofreu na carne deixou o pecado,*
- 2 para que, no tempo que vos resta na carne, já não vivais de acordo com as paixões dos homens, mas segundo a vontade de Deus.*
- 3 Porque basta o tempo decorrido para terdes executado a vontade dos gentios, tendo andado em dissoluções, concupiscências, borracheiras, orgias, bebedices e em detestáveis idolatrias.*

É no Senhor que estão as respostas para um vida pessoal piedosa, mas também é no Senhor que estão as respostas para um vida conjugal, paternal e maternal piedosa, o que nos faz lembrar mais uma vez o que o Senhor Jesus Cristo nos deixou dito:

João 15: 5 Eu sou a videira, vós, os ramos. Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer.

Assim, considerando que Cristo é o ponto de unidade para milhares e milhares de homens, mulheres e crianças que Nele creem, quanto mais Ele não pode também ser o ponto de unidade de um casal unido conjugalmente e de uma família, e visto ainda que é em relação a Cristo que Deus declarou à Abraão que todas as famílias da Terra seriam abençoadas?

I. Cristo como o Cabeça de Uma Só Carne Já Estabelecida – Parte 2

*Marcos 10: 6 **Porém, desde o princípio da criação, Deus os fez homem e mulher.***

*7 **Por isso, deixará o homem a seu pai e mãe e unirá-se-á a sua mulher,**
8 **e, com sua mulher, serão os dois uma só carne. De modo que já não
são dois, mas uma só carne.***

*9 **Portanto, o que Deus ajuntou não separe o homem.***

*1 Coríntios 11: 3 **Quero, entretanto, que saibais ser Cristo o cabeça de
todo homem, e o homem, o cabeça da mulher, e Deus, o cabeça de
Cristo.***

No tópico anterior, mencionamos que uma vez que Cristo opera a paz no coração de cada cônjuge, também é Cristo que é designado pelo Pai Celestial para ser o Rei da Justiça e o Rei da Paz no ambiente da vida matrimonial e de uma família.

Primeiro, Cristo quer conceder a paz em cada coração. Depois o Senhor Jesus quer conceder a justiça e a paz do reino de Deus no relacionamento entre o casal e na família que os cônjuges vêm a constituir.

Portanto, primeiramente, o melhor bem que um cônjuge pode querer para o outro, é que cada um, individualmente, esteja em paz com o Senhor e esteja usufruindo amplamente do reino de Deus que encontra-se no coração de todo aquele que tem a Cristo como Senhor.

Quando as pessoas se rendem à instrução de vida segundo o reino de Deus, é interessante observar como a direção do Senhor vai remodelando o interior de uma pessoa e o quanto isto também começa a trazer manifestações benéficas sobre a vida conjugal, o lar e a vida externa daqueles que entregam o coração a Cristo e o seguem como Senhor.

Entretanto, ou ainda assim, na união conjugal são dois que se unem. E se eles tiverem ou adotarem filhos, ainda serão mais pessoas participando da mesma família, estabelecendo um conjunto coletivo que também necessita de uma ordem de funcionamento visto que Deus não é um Deus de confusão, mas um Deus de ordem.

E muitas ações coletivas entre pessoas, de uma forma ou de outra, acabam necessitando de uma instrução de quais atividades serão atribuídas a cada uma das partes, o que também se aplica ao matrimônio.

Assim, embora “em Cristo” não há distinção entre homem e mulher para se relacionarem pessoalmente com o Senhor, na vida conjugal há funções distintas que Deus atribuiu e atribui distintamente ao homem e à mulher.

A começar por funções biológicas básicas, o homem e a mulher, respectivamente, têm partes diferentes dos elementos essenciais necessários para a geração de uma nova vida.

No relacionamento pessoal e espiritual “*em Cristo*”, tanto o homem como a mulher são vistos igualmente como filhos de Deus nascidos segundo o Espírito do Senhor. Porém, em relação à vida conjugal, o Senhor, desde o início da criação, atribuiu algumas funções distintas ao homem e à mulher.

O homem não é mais importante ou mais valoroso perante Deus do que a mulher e nem vice-versa. Entretanto, isto não implica em dizer que Deus não lhes concedeu funções distintas no matrimônio, pois isto seria contradizer a própria maneira como o Senhor estabeleceu a sua criação.

Apesar da condição de homem e mulher ser temporária e não ter os mesmos efeitos na vida celestial que se segue após à vida na Terra, conforme declarado pelo Senhor no texto abaixo, na Terra e na união conjugal, o Senhor estabeleceu algumas funções distintas para eles para que a cooperação do marido e da mulher atue para o bem desta união e para que haja harmonia neste caminhar.

- Lucas 20: 27 Chegando alguns dos saduceus, homens que dizem não haver ressurreição,*
28 perguntaram-lhe: Mestre, Moisés nos deixou escrito que, se morrer o irmão de alguém, sendo aquele casado e não deixando filhos, seu irmão deve casar com a viúva e suscitar descendência ao falecido.
29 Ora, havia sete irmãos: o primeiro casou e morreu sem filhos;
30 o segundo e o terceiro também desposaram a viúva;
31 igualmente os sete não tiveram filhos e morreram.
32 Por fim, morreu também a mulher.
33 Esta mulher, pois, no dia da ressurreição, de qual deles será esposa? Porque os sete a desposaram.
34 Então, lhes acrescentou Jesus: Os filhos deste mundo casam-se e dão-se em casamento;
35 mas os que são havidos por dignos de alcançar a era vindoura e a ressurreição dentre os mortos não casam, nem se dão em casamento.
36 Pois não podem mais morrer, porque são iguais aos anjos e são filhos de Deus, sendo filhos da ressurreição.
37 E que os mortos hão de ressuscitar, Moisés o indicou no trecho referente à sarça, quando chama ao Senhor o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó.
38 Ora, Deus não é Deus de mortos, e sim de vivos; porque para ele todos vivem.

Ainda em outra narrativa do mesmo evento exposto acima e registrada por outro escritor, o Senhor disse:

Mateus 22: 29 Respondeu-lhes Jesus: Errais, não conhecendo as Escrituras nem o poder de Deus.

Assim, a questão do casamento e de alguém ser homem ou mulher não qualifica uma pessoa mais do que a outra para *viverem em Deus*, pois na ressurreição para a vida eterna, estes também são detalhes que ficam para trás.

A posição que Deus estabelece para um homem e uma mulher no matrimônio também não é para que um tenha dominação sobre o outro, pois se havia algum espaço para isto na maldição após o pecado, em Cristo Jesus toda as maldições que foram proferidas sobre o ser humano por causa da prática do pecado tiveram suas dívidas quitadas.

***Gálatas 3: 13 Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar (porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado em madeiro),
14 para que a bênção de Abraão chegasse aos gentios, em Jesus Cristo, a fim de que recebêssemos, pela fé, o Espírito prometido.***

Portanto, a posição funcional em um matrimônio em que Cristo é o Cabeça do homem, e o homem o cabeça da mulher, de forma alguma está associada com algum tipo de punição para a mulher, mas refere-se a uma condição funcional definida por Deus já na criação, conforme já comentamos anteriormente, e não torna o homem mais valioso que a mulher e nem torna o homem independente da mulher.

A posição funcional no matrimônio em que Cristo é o Cabeça do homem, e o homem o cabeça da mulher, refere-se a uma questão operacional para os propósitos de Deus através da união conjugal para aqueles que optam por ela.

- 1 Coríntios 11: 7 Porque, na verdade, o homem não deve cobrir a cabeça, por ser ele imagem e glória de Deus, mas a mulher é glória do homem.***
- 8 Porque o homem não foi feito da mulher, e sim a mulher, do homem.***
- 9 Porque também o homem não foi criado por causa da mulher, e sim a mulher, por causa do homem.***
- 11 No Senhor, todavia, nem a mulher é independente do homem, nem o homem, independente da mulher.***
- 12 Porque, como provém a mulher do homem, assim também o homem é nascido da mulher; e tudo vem de Deus.***
-

Nas questões que envolvem o estabelecimento de uma união que torna $1 + 1 =$ “uma só carne”, surgem necessidades de decisões e conduções que precisam convergir para propósitos e ações em comum, e que deveriam visar o bem comum de todos os participantes do respectivo conjunto.

Conforme já citamos, a união de pessoas distintas, e muitas vezes acrescida ainda de filhos e filhas, vira um universo à parte de diversidade e de anelos a serem atendidos, mas que, ao mesmo tempo, precisam ser levados em consideração sob o foco do bem comum a todos os indivíduos do respectivo grupo.

Um casal unido conjugalmente e a família que os cônjuges constituem, além de suas próprias diversidades, são bombardeadas diariamente com informações sobre como devem viver a vida, gerando uma necessidade de que alguém dentro deste casamento precise ser escolhido para estar à frente em algumas decisões centrais ou finais do que pode ser acatado e o que não pode ser acatado nesta família específica.

Desde o marketing em geral, com suas propagandas que insinuam saber o que deixará as pessoas e as famílias felizes, até os pais, mães, sogros e sogras, irmãos, amigos, vizinhos, e até desconhecidos, todos acham que têm algum direito ou inclusive a obrigação de saberem resolver as questões da vida matrimonial de outros. E tudo isto, precisa ser filtrado individualmente pelos membros da família, mas também demanda um filtro no aspecto coletivo para o bem geral de todos.

Visando suprir a necessidade de um lar ser administrado harmonicamente referente aos assuntos do casal e da família, o Senhor definiu uma ordem funcional, não para gerar opressão e injustiças, mas justamente para que Cristo possa conceder a sua justiça e paz também para o casal e o seu lar.

Entre tantas sugestões, itens e decisões que envolvem uma união de dois, o lar e a família que advém desta união, o Senhor Jesus estabeleceu um caminho de instrução que possa unificar a todos naquilo que nesta unidade se fizer necessário.

Pessoalmente, cada um pode orar e estar em comunhão com Cristo. Entretanto, basta um indivíduo do conjunto não estar alinhado com Cristo por um intervalo de tempo que as coisas já podem vir a se desarrumarem. E se não houverem intervenções em tempo devido, os membros deste conjunto podem vir a caminhar para maus caminhos e até para a destruição de um união conjugal e, por consequência, também vários aspectos que estão edificando em conjunto.

De certa forma, alguém na família precisa ser aquele através do qual Deus instrua o conjunto geral quando nem todos estão seguindo a orientação pessoal de Cristo ou até quando há a necessidade de prévias definições da participação de cada indivíduo que está debaixo desta mesma união conjugal ou do que a partir dela é edificado.

Por exemplo, um filho pode estar pedindo algo a Deus em suas orações, assim como também o seu irmão ou sua irmã podem estar fazendo cada um os seus pedidos. Mas digamos que não é viável para que todos sejam atendidos naquele momento por causa do orçamento familiar. Assim, Deus usa alguém com autoridade sobre todos os filhos para organizar estas questões comunitárias e para definir uma palavra final sobre o assunto, se assim for preciso.

Para administrar todas as coisas com uma ótica global de tal forma que todos possam ser atendidos apropriadamente segundo a vontade de Deus, e para que resulte em paz, o Senhor definiu a Cristo como o Cabeça da família. Porém, o Senhor Jesus também atua nesta sua posição através de uma ordem de funções em uma família.

E se Deus estabeleceu funções distintas neste pequeno complexo coletivo de dois que se tornaram em uma só carne, podendo edificar uma família de dois ou até de mais pessoas com a chegada de filhos e filhas, é porque de fato isto se faz necessário e porque também isto é benéfico à vida de toda a família.

Deus escolheu dar esta atribuição de coordenador geral da vida conjugal e da família a quem Ele também concede a graça de alinhar o conjunto global das coisas. Deus escolheu o marido para a referida atribuição, e é primeiramente para ele que o Senhor designa também a graça e a habilidade para fazê-lo segundo a vontade de Deus.

Mais uma vez, conforme já mencionamos várias vezes, o fato do marido ser considerado por Deus como o cabeça da esposa na vida conjugal, não quer dizer que Deus não vai falar direto com a mulher ou que a esposa não possa falar pessoalmente ou diretamente com o Senhor.

O marido ser o cabeça da esposa não quer dizer que a mulher e nem os filhos são privados do acesso pessoal a Deus. Isto também não quer dizer que a mulher e os filhos não poderão participar e dar sugestões na vida conjunta. Porém, significa dizer que Deus elegeu, entre todos os membros da família, um a quem ele concede a função de ordenar globalmente o coletivo. E aquele à quem Deus confere uma atribuição, à este o Senhor também concede a graça e autoridade para fazê-lo.

Quando Deus concede essa atribuição e graça ao marido para ser o cabeça da esposa na vida conjugal, isto não é definido para que este homem imponha os seus desejos e as suas vontades e torne os membros da família em seus servos.

Muito pelo contrário, a responsabilidade que Deus dá ao homem que se uniu a uma mulher é para ele ser cooperador de Deus para que as condições para cada membro da família poder fazer a vontade de Deus também sejam repassadas para cada um adequadamente.

O marido recebe de Deus a posição de cabeça da sua esposa para que cada um da família receba ajuda para fazer o que Deus quer realizar em cada um e através de cada um dos integrantes daquele lar.

Deus pode falar diretamente com cada membro da família. Deus pode conceder que cada um alcance dádivas e dons não somente através do marido, mas para que a soma de todas estas dádivas seja usada para a edificação conjunta de todos na família, o Senhor optou em estabelecer que o marido tenha a Cristo como o Cabeça e que o marido também seja o cabeça de sua esposa.

Em uma família, Cristo quer o bem da esposa, dos filhos e filhas tanto quanto quer o bem do marido. Entretanto, para que o bem direcionado a cada um dos membros da família e também para a sua condição coletiva seja estendido a todos eles, Deus designou o marido como o cabeça ou um supervisor da vontade do Senhor na união conjugal.

Aqui, porém, entendemos que há um aspecto muito significativo e até essencial a ser compreendido e destacado, e que parece que tantos maridos têm se esquecido ou têm evitado de lembrar, que é saber que ***Cristo é o cabeça de todo homem***.

O que todo marido deveria saber é que antes dele ser chamado para ser o cabeça da sua esposa na vida conjugal, ele é chamado para compreender que *Cristo é o cabeça de todo homem* e que somente quando o marido, primeiramente, está sujeito a Cristo, é que ele também pode ser um bom cabeça para a sua esposa.

Todo marido deveria saber que antes de servir a mulher como o cabeça da sua esposa, ele é chamado a ser instruído por Cristo como o cabeça da sua própria condição de marido.

Em primeiro lugar, o marido é chamado a estar sujeito à Cristo antes de servir à esposa, aos filhos e as filhas para que, na sequência, instrua a esposa, aos filhos e as filhas segundo a vontade do Senhor e não segundo a sua própria vontade.

No estar sujeito a Cristo e no servir primeiro ao Senhor, o marido pode, inclusive, ser instruído pelo Senhor a resistir à vontade da esposa ou dos filhos em alguns intentos que estes querem fazer e que não estão em acordo com o querer de Deus.

Quando, por exemplo, um filho ou uma filha pede algo a Deus que não lhe fará bem, Deus, através do pai dos filhos, pode resistir à vontade daquele filho ou filha.

Por outro lado, Deus também pode mostrar ao marido a importância do filho ou da filha serem preparados em algo que os filhos ainda não entendam ser importante para eles, mas que será importante para eles no futuro.

Enquanto os filhos e as filhas ainda não sabem ouvir a Deus com discernimento apropriado, o marido também é instrumento para ajudá-los a permanecerem naquilo que Deus quer para eles e para ensiná-los a buscarem cada vez mais a instrução do Senhor.

Todo o marido é chamado para estar em Cristo e servir ao Senhor. E em sua condição de fidelidade a Cristo, Deus concede este marido à família para ele ser como um despenseiro que serve a família em vários aspectos da vontade de Deus, ainda que esta família nem sempre veja isto de imediato.

E àqueles que são chamados para serem despenseiros de Deus, vemos a seguinte instrução:

- 1 Coríntios 4: 1 Assim, pois, importa que os homens nos considerem como ministros de Cristo e despenseiros dos mistérios de Deus.*
2 Ora, além disso, o que se requer dos despenseiros é que cada um deles seja encontrado fiel.

E, por outro lado, a esposa, os filhos e as filhas (à medida que vão crescendo na comunhão com Deus), podem acessar sempre a Cristo para checar ou averiguar se as coisas que o marido apresenta conferem ou colidem com o querer de Deus para eles.

O fato do marido ser o cabeça da sua esposa, conforme já expusemos anteriormente, não implica em uma submissão obrigatória ou compulsória, mas voluntária e cooperativa diante do Senhor daqueles que estão sujeitos a este marido em uma família.

Se Safira, do exemplo de Atos 5, e exposto anteriormente, tivesse negado entrar em acordo com o plano perverso e mentiroso do marido, e tivesse se apegado pessoalmente ao Senhor Jesus Cristo, o Senhor Soberano de sua vida, ela teria evitado dano a si própria. E quem sabe, ela talvez até tivesse colaborado de alguma maneira para inclusive salvar o seu próprio marido da loucura que ele estava fazendo?

As mesmas Escrituras que dizem que o marido é o cabeça da mulher e que instruem à esposa a ser voluntariamente submissa ao marido, também instruem a mulher a ser submissa ao seu marido “**no Senhor**”, conforme já mencionamos anteriormente.

Assim, a esposa é chamada, acima de tudo, a estar “*em Cristo*” e estar ouvindo do Senhor a vontade do Pai Celestial, ainda que ela respeite que Deus entregue diversas coisas a ela e à família através do seu marido, pois se o marido não está sujeito à Cristo como o cabeça do seu matrimônio, ele é o primeiro a romper o fluxo da instrução de Deus sobre a sua vida conjugal.

Há muito que aprender neste processo na vida prática, mas temos o consolo de que o Senhor Jesus Cristo se propõe a nos ensinar e a nos guiar em todos os seus detalhes. Porém, sem um alinhamento pessoal com o Senhor nas funções pertinentes a cada um neste assunto do “coletivo de dois”, também as demais coisas da vida conjugal ficam sujeitas a ficarem desarranjadas.

Portanto, depois que cada cônjuge individualmente permanece *em Cristo*, o primeiro grande desafio do casamento não está na “mulher se submeter ao marido”, mas está “no marido se submeter a Cristo”.

E será que a não prática deste aspecto tão essencial mencionado no parágrafo anterior por parte de muitos maridos também não é uma das principais causas e raízes de haver no mundo tantos problemas em tantas uniões matrimoniais?

Já mencionamos vários aspectos a respeito da coletividade ser um enorme desafio, pois nela existe um potencial enorme de divergências. Entretanto, também nisto se sobressai mais uma vez a glória de Cristo, pois o Senhor é capaz de atender tanto as pessoas individualmente como de atender todos os homens e mulheres que se uniram em matrimônio. Mas assim como muitos não buscam ao Senhor Jesus pessoalmente, assim também muitos não o buscam como o Cabeça da vida matrimonial.

Se for descuidada ou ficar dissociada da instrução de Cristo como o Cabeça, a vida conjugal facilmente pode vir a se tornar em um pesado fardo. Mas com Cristo como cabeça, a realização das funções do homem e da mulher na vida conjunta também podem vir a ser um jugo leve e suave, e podem ser de grande valia e alegria para o casal e sua família, assim como para o reino de Deus e a sua justiça.

Se uma união conjugal está em crise e se os cônjuges estão mutuamente feridos ou até divididos, a primeira coisa a ajustar, então, é o retorno pessoal de cada um a Cristo. Entretanto, em especial ao marido, caberia buscar a Cristo especificamente a fim de receber de Deus a sabedoria para saber administrar as respostas do Senhor sobre a vida conjugal como um todo e apropriadamente à todos os envolvidos na respectiva família.

Tentar arrumar as coisas dentro da união conjugal se o casamento não estiver em ordem diante de Deus e conforme as funções que Deus apresenta a serem nela adotadas, esta tarefa pode se tornar muito desgastante e com resultados muito inapropriados aos que nela estão envolvidos.

Depois que cada cônjuge busca pessoalmente a Cristo e cada um tem ao Senhor Jesus como “seu Cabeça”, individualmente falando, a primeira coisa a ser colocada em ordem em sua vida como casados é o marido ter a Cristo como o cabeça do seu matrimônio para que a esposa também possa se sentir segura para seguir as instruções que o Senhor lhe confirmar também através do seu marido.

Mais uma vez, destacamos que a ordem funcional no matrimônio se dá ao fato desta ser a ordem inicial da criação ou a ordem na qual o homem e a mulher foram criados, na qual o homem foi criado primeiro e a mulher foi criada a partir de Adão. E isto não significa que Adão é superior ou mais importante que Eva, mas que eles só tinham funções diferentes para missões em comum.

Em vários idiomas, a palavra submissão também pode ser vista como “sub missão”. Ou seja, uma parte da missão é dividida em uma “sub missão” ou em uma parte distinta, na qual a mulher tem essencial participação, mas onde Cristo atribui ao

marido a supervisão pelo todo. Além de também receber partes específicas para ele desempenhar, o marido ainda é chamado por Deus para a supervisão da missão geral no seu próprio matrimônio.

Na união conjugal, o marido é aquele que deveria ser um facilitador do processo todo para todos. Mas ele só saberá fazer isto se receber a instrução de Cristo. Assim, isto não está primeiramente relacionado à sua capacidade administrativa, mas está em saber ouvir e seguir as instruções do Senhor Jesus Cristo na sua vida também como esposo.

Quando Deus designou o marido como cabeça da sua esposa para servir a ela e a família, o Senhor o fez para o bem de todos desta família. E uma das condições que o Senhor requer do marido é que ele não entregue esta posição a outros da família, assim como Cristo não entregou o controle ou comando quando foi lavar os pés dos discípulos apesar de servi-los. O marido deveria se manter fiel à posição de cabeça ou supervisão da união conjugal não porque ele quer ter poder sobre a esposa e sobre a família, mas porque quer ser fiel ao Senhor que lhe confiou tarefa tão sublime, e a quem, ele jamais deveria deixar de estar submisso.

E quando esta posição de “*Cristo ser o cabeça de todo homem*” é desprezada ou colocada de lado?

Quando a posição de “*Cristo ser o cabeça de todo homem*” é desprezada, Cristo é desonrado, pois o casal que o faz já não vive mais diretamente sob a direção de Cristo e se mantém em posição de ser privado de produzir a vontade de Deus como poderia fazê-lo, o que não glorifica nem a Cristo, nem ao Espírito do Senhor, nem ao Pai Celestial, e nem os próprios cônjuges unidos matrimonialmente.

O homem não sujeito a Cristo passa a envergonhar aquele que é o seu Cabeça e já não traz o bem que Deus queria para a sua própria vida, da sua esposa e para aqueles que se encontram debaixo da sua união conjugal com a sua esposa.

Considerando que o maior tesouro que uma pessoa pode ter é a vida eterna que é concedida pela graça e mediante a fé e a comunhão com Deus, o ponto que o diabo mais almeja atacar na vida de uma pessoa é o relacionamento direto de um indivíduo com Cristo.

Entretanto, de forma similar, o ponto mais atacado na vida conjugal do marido é o seu relacionamento direto com Cristo para que ele não tenha a Cristo como Cabeça da sua vida conjugal e assim não possa ser um cabeça apropriado para a sua esposa.

Quando o marido e a esposa, individualmente, estão em Cristo, e o marido também está em Cristo em favor de sua vida conjugal, ele pode verdadeiramente exercer a posição de cabeça da sua esposa, mas também é onde a esposa é coluna de sustentação do casal, pois a união conjugal é a união de dois que se tornam uma só carne para que ambos cooperem em prol da sua vida e do conjunto que passaram a constituir e edificar.

J. O Que Deus Ajuntou Não Separe o Homem

*Marcos 10: 6 **Porém, desde o princípio da criação, Deus os fez homem e mulher.***

*7 **Por isso, deixará o homem a seu pai e mãe e unir-se-á a sua mulher,***
*8 **e, com sua mulher, serão os dois uma só carne. De modo que já não***
são dois, mas uma só carne.

*9 **Portanto, o que Deus ajuntou não separe o homem.***

A união em uma só carne que “Deus ajunta” não é uma união qualquer. E também não é qualquer união em uma só carne que pode ser considerada como uma união que “Deus ajuntou”.

A união que é considerada a “união que Deus ajuntou”, é a união em que um homem deixa pai e mãe, une-se à sua própria e única mulher, que evidentemente também é chamada a deixar pai e mãe, pois ela também passa a estar sob um novo cabeça em sua vida conjugal, e onde o homem com a sua mulher tornam-se em uma só carne. E é em relação à esta união que Cristo disse: **o que Deus ajuntou não separe o homem.**

Reapresentamos aqui a menção acima, pois há outras ações que muitas pessoas adotam em suas vidas que também podem torná-las “uma só carne” com outras, mas as quais a pessoa que vem a Cristo, evidentemente, não deve realizar ou se as realizou deve se arrepender e se separar desta união a fim de não continuar entregue à escravidão das obras da carne e do pecado, conforme exemplificado a seguir:

*1 Coríntios 6: 15 **Não sabeis que os vossos corpos são membros de Cristo? E eu, porventura, tomaria os membros de Cristo e os faria membros de meretriz? Absolutamente, não.***

*16 **Ou não sabeis que o homem que se une à prostituta forma um só corpo com ela? Porque, como se diz, serão os dois uma só carne.***

*17 **Mas aquele que se une ao Senhor é um espírito com ele.***

*18 **Fugi da impureza. Qualquer outro pecado que uma pessoa cometer é fora do corpo; mas aquele que pratica a imoralidade peca contra o próprio corpo.***

*19 **Acaso, não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo, que está em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos?***

*20 **Porque fostes comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo.***

A união conjugal que o Senhor tem por digno de honra entre todos não é qualquer união estabelecida pela relação sexual, apesar destas tornarem os praticantes participantes uns dos outros. Assim, todo cristão deve fugir de todas estas relações indevidas para zelar pela sua pureza para a qual é também chamado em Cristo Jesus.

*Colossenses 3: 1 **Portanto, se fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus.***

**2 Pensai nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra;
3 porque morrestes, e a vossa vida está oculta juntamente com
Cristo, em Deus.**

**4 Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então, vós
também sereis manifestados com ele, em glória.**

**5 Fazei, pois, morrer a vossa natureza terrena: prostituição,
impureza, paixão lasciva, desejo maligno e a avareza, que é
idolatria;**

**6 por estas coisas é que vem a ira de Deus sobre os filhos da
desobediência.**

**7 Ora, nessas mesmas coisas andastes vós também, noutro tempo,
quando vivíeis nelas.**

**8 Agora, porém, despojai-vos, igualmente, de tudo isto: ira,
indignação, maldade, maledicência, linguagem obscena do vosso
falar.**

**1 Ts 4: 3 Pois esta é a vontade de Deus: a vossa santificação, que vos
abstenhais da prostituição;**

**4 que cada um de vós saiba possuir o próprio corpo em santificação e
honra,**

**5 não com o desejo de lascívia, como os gentios que não conhecem a
Deus;**

**6 e que, nesta matéria, ninguém ofenda nem defraude a seu irmão;
porque o Senhor, contra todas estas coisas, como antes vos avisamos
e testificamos claramente, é o vingador,**

**7 porquanto Deus não nos chamou para a impureza, e sim para a
santificação.**

Conforme já vimos acima, o matrimônio realizado segundo a instrução de Deus é digno de honra entre todos, mas assim também é o leito sem mácula.

**Hebreus 13: 4 Digno de honra entre todos seja o matrimônio, bem como
o leito sem mácula; porque Deus julgará os impuros e adúlteros.**

Por outro lado, quando é declarado nas Escrituras que **o que Deus ajuntou não separe o homem**, elas não estão se referindo somente à intervenção no matrimônio pela infidelidade relacionada às questões de atos extraconjugais.

Sob o propósito de Deus, nenhuma matrimônio apropriadamente estabelecido deveria sofrer separação, a não ser por causa da morte de um dos cônjuges.

Apesar do divórcio ser inevitável em algumas situações porque uma das partes pratica a infidelidade conjugal ou porque uma parte se nega a querer viver em comunhão com Deus e ainda quer negar este direito ao seu cônjuge, Deus nunca apreciou ou aprecia o divórcio de um matrimônio testemunhado por Ele e em relação ao qual o Senhor considerou que dois foram ajuntados em uma só carne segundo o princípio por Ele anunciado desde o princípio.

*Malaquias 2: 14 **E perguntais: Por quê? Porque o SENHOR foi testemunha da aliança entre ti e a mulher da tua mocidade, com a qual tu foste desleal, sendo ela a tua companheira e a mulher da tua aliança.***

*15 **Não fez o SENHOR um, mesmo que havendo nele um pouco de espírito? E por que somente um? Ele buscava a descendência que prometera (uma descendência piedosa). Portanto, cuidai de vós mesmos, e ninguém seja infiel para com a mulher da sua mocidade.***

*16 **Porque o SENHOR, Deus de Israel, diz que odeia o repúdio (o divórcio) e também aquele que cobre de violência as suas vestes, diz o SENHOR dos Exércitos; portanto, cuidai de vós mesmos e não sejais infiéis.***

Apesar de haverem muitos divórcios no mundo, Deus não se agrada desta prática, pois esta muitas vezes deriva primeiramente ou principalmente da dureza do coração das pessoas como resultado do seu afastamento da comunhão com o Senhor.

Entretanto, a advertência de “**não separe o ser humano o que Deus ajuntou**” não é aplicável somente ao ato final onde um cônjuge deixa o outro por completo, mas ela também já deveria ser observada durante toda a vida conjugal e deveria ser observada, inclusive, nas pequenas ações do dia-a-dia.

Uma significativa parcela dos divórcios que ocorrem no mundo não resulta somente dos atos próximos ao final do processo de separação, mas no acúmulo de pequenos atos de distanciamento e separação que os casais vão adotando e permitindo acontecer ao longo de suas vidas matrimoniais.

Uma vez que, pela união matrimonial, os cônjuges fizeram uma aliança de união para serem uma só carne, outros seres humanos não deveriam tentar se interpor continuamente neste pacto ou aliança, ainda que somente em alguns detalhes de uma união conjugal.

Da mesma forma como os seres humanos não são convidados ou autorizados por Deus a serem mediadores do relacionamento de uma pessoa com o Senhor, assim também os seres humanos não recebem de Deus a vocação para tentarem se interpor na vida conjugal de outros.

Cristo é o Cabeça de cada pessoa cristã, pois “em Cristo”, todos são membros do Corpo do Senhor. Porém, Cristo também é o Cabeça de todo homem que é cabeça de sua própria esposa, não havendo nas Escrituras a menção para outros regularmente se interpor entre Cristo e o homem casado ou entre o homem casado e a sua esposa.

Já vimos em textos anteriores, que o marido é instruído a voluntariamente se submeter a Cristo e que a mulher é instruída a voluntariamente se submeter ao seu próprio marido, e não a outros homens e mulheres para que a união “Cristo e o marido” e “marido e a esposa” não sofram divisão ou separação.

Não importa se uma pessoa se apresente como sacerdote, pastor, padre, religioso de qualquer sorte, líder social, pai, mãe, sogro e sogra, filho ou filha, ninguém é chamado, segundo as Escrituras de Deus, para se colocar como mediador do relacionamento entre um marido e Cristo e ente o marido e a sua esposa e cuja vida matrimonial esteja em conformidade com a vontade do Senhor.

Existem situações extremas em que, pelo desrespeito às leis civis e pelo desrespeito humano para com o cônjuge, os governantes precisam intervir em alguns matrimônios que já não estão em conformidade com o querer de Deus. Entretanto, isto não significa que estes mesmos governantes possam determinar, regularmente, o que os casais que estão caminhando segundo o querer de Deus devem praticar ou deixar de praticar nas suas vidas conjugais em particular.

Assim como na “*simplicidade que há em Cristo*”, todos podem se achegar pessoalmente e livremente a Deus em seus corações, assim também, na “*simplicidade que há em Cristo*”, o canal para o marido e a mulher se achegarem a Cristo sempre está aberto.

Entretanto, quando o princípio da liberdade de acesso ao Senhor que há na “*simplicidade que há em Cristo*” já está corrompida na mente dos indivíduos através da ideia de mediadores entre Deus e estas pessoas, mesmo que se chamem de mediadores parciais, esta mentalidade distorcida também tenderá a levar os cônjuges a aceitarem os mediadores nas questões da sua vida conjugal.

Por outro lado, enquanto os cônjuges se mantiverem na “*simplicidade que há em Cristo*”, eles saberão que não há razão, diante do Senhor, para eles convidarem outros a interferirem no relacionamento conjugal entre eles e deles com o Senhor.

Conforme já vimos anteriormente no exemplo de Abraão e Sara, quando Deus deu a promessa a Abraão de que ele receberia um herdeiro, para Deus sempre esteve implícito que o cumprimento desta promessa se daria em Abraão com a sua própria esposa Sara e que era a mulher da sua aliança perante o Senhor. Abraão e Sara eram uma só carne diante de Deus, e Deus não separaria o que Ele considerava um. Mas quando Sara e Abraão consentiram em uma terceira parte se interpor no seu matrimônio, um capítulo à parte e complicado também entrou em cena nas suas vidas.

Quando, porém, falamos das pessoas da antiguidade, sempre convém lembrar do texto abaixo:

1 Coríntios 10: 11 Estas coisas lhes sobrevieram como exemplos e foram escritas para advertência nossa, de nós outros sobre quem os fins dos séculos têm chegado.

Portanto, em todo o processo do estabelecimento do casamento ou da vida conjugal, o primeiro a respeitar a união estabelecida por um homem e uma mulher segundo o princípio do Senhor com certeza é o próprio Deus.

Deus zela por aquilo que estabeleceu como princípio imutável. E o que Deus estabeleceu como princípio imutável é perfeitamente bom.

Nenhuma pessoa da antiguidade tinha as Escrituras que nós temos, o histórico de experiências humanas relatadas que nós temos e nem tinham a revelação de Cristo como o Cabeça de cada vida e de cada matrimônio feito segundo Deus como nós temos, mas ainda assim, e apesar de cometerem alguns erros, vários casais, pela fé, acabaram seguindo o que Deus lhes mostrou ou instruiu.

Em segundo lugar, evidentemente, quem mais deveria respeitar a união que cada um dos cônjuges fez segundo o princípio de Deus, é o próprio homem e a própria mulher que se uniram pelo matrimônio.

Quando o Senhor Jesus disse que “***o que Deus ajuntou não separe o homem***”, esta instrução não se refere ao *homem* somente, mas sim à toda e qualquer pessoa, pois neste caso, a palavra *homem* utilizada é a palavra *ser humano* e não a palavra *homem* no sentido do *ser macho*, do *ser masculino*.

Aqui, então, recorreremos novamente a tradução feita por Martinho Lutero em Alemão. Quando a situação aplica-se a um ser humano em geral, Lutero faz a tradução do termo *homem* para a palavra “*Mensch*”, expressando a ideia de *pessoa*. Assim, usando este conceito no assunto em referência, apresentamos abaixo uma edição adaptada do texto que narra a fala do Senhor Jesus, conforme segue:

Mateus 19: 4 Então, respondeu ele: Não tendes lido que o Criador, desde o princípio, os fez homem e mulher

5 e que disse: Por esta causa deixará o homem pai e mãe e se unirá a sua mulher, tornando-se os dois uma só carne?

6 De modo que já não são mais dois, porém uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou não o separe “o ser humano” ou “qualquer pessoa”. (RA+LUT)

Assim, ao falar do assunto matrimonial em referência, o Senhor Jesus usa palavras distintas, distinguindo quando trata de uma e de outra situação.

Quando o Senhor diz que “*não o separe o homem*”, na realidade, Ele está dizendo “*não o separe qualquer pessoa*”. Ou seja, o Senhor está dizendo que nenhum *homem* ou nenhuma *mulher* devem separar o que Deus ajuntou, a começar, em primeiro lugar, pelos próprios cônjuges que estabeleceram a sua união conjugal segundo o princípio de Deus.

Repetindo mais uma vez, as primeiras pessoas que devem zelar pela manutenção da união matrimonial que eles próprios fizeram diante de Deus obviamente são o marido e a esposa.

O marido e a esposa são os primeiros chamados a vigiarem pessoalmente e conjuntamente para que outros não comecem a dividi-los e para que outros não comecem a interferir na sua unidade matrimonial, pois quando um homem se uniu à sua esposa, e isto está firmado diante de Deus, esta união, apesar de reconhecida por Deus, não é isenta de ser exposta à várias tentativas de interferências na unidade dos cônjuges com Deus e entre eles.

Deus concede graça para que os cônjuges honrem o compromisso tão significativo e sublime que fazem através da união conjugal, mas apesar de avisá-los a vigiarem em oração e amor um pelo outro e pela aliança que fizeram um com o outro, Deus não os obriga ou força a permanecerem juntos.

O Senhor Jesus firmemente exorta para ninguém promover a separação entre um homem e uma mulher que Deus ajuntou, mas também ao adverti-lo, Cristo está mostrando a realidade de que pessoas irão tentar fazê-lo.

Conforme já vimos, perante o Senhor, nenhum cristão precisa deixar a sua condição de solteiro para ser abençoado por Deus e para servir ao Senhor. Entretanto, se vier a casar, também deveria fazê-lo com temor e reverência diante do Senhor, pois Ele respeita muito a união conjugal e adverte que nenhuma pessoa seja agente de sua separação, principalmente aqueles que fizeram esta aliança entre si.

Quando o Senhor Jesus relembrou as pessoas sobre o assunto da instrução de Deus sobre o matrimônio, Ele mencionou que as variações que as pessoas criaram em relação ao que Deus estabeleceu desde princípio foram criadas por causa da dureza dos seus corações. E quando há dureza de coração envolvida, torna-se complicado tratar com sobriedade de um assunto tão nobre como a união conjugal e a fidelidade entre os cônjuges.

Além disso, a vida conjugal também é combatida pelo inimigo de nossas almas, o qual tenta descaracterizá-la e distorcê-la nas mais diversas formas, porque o matrimônio é um projeto estabelecido por Deus já desde o princípio da criação do ser humano e porque, através dele, o Senhor realiza maravilhosos propósitos, tais como trazer novas pessoas à vida e ensiná-las desde cedo a amarem a Deus.

Conforme vimos no texto do livro de Malaquias exposto acima, o Senhor estabeleceu que dois se tornem uma só carne porque Ele almeja uma *descendência piedosa*. O Senhor estabeleceu o matrimônio para que os cônjuges exerçam fidelidade de um para com o outro para também aprenderem a ser ainda mais fiéis a Deus em todos os atos de suas vidas. E é por isto que o diabo e as pessoas que resistem a Deus também resistem tanto ao princípio do matrimônio na forma como Deus o estabeleceu.

O diabo se opõe tão veemente ao casamento segundo a instrução de Deus também porque:

Lucas 16: 10 Quem é fiel no pouco também é fiel no muito; e quem é injusto no pouco também é injusto no muito.

Se um homem e uma mulher aprendem a respeitar continuamente o seu cônjuge, a pessoa que lhe está tão próxima a ponto de compartilhar o mesmo leito, a pessoa com quem compartilham vitórias e dissabores, eles também aprenderão a ser fiéis em outros princípios. E é isto que o inimigo das almas e os infiéis não querem que uma pessoa alcance, pois o indivíduo fiel nas condutas do dia-a-dia também é fortalecido para permanecer fiel ao Senhor Eterno.

Assim como Cristo ama a sua noiva chamada de sua Igreja, e é fiel a ela, assim, por exemplo, o marido é chamado para ser fiel e amar a sua esposa e a Cristo, para que o conjunto no qual vive com a esposa também possa se manter unido no Senhor e segundo a vontade de Deus.

Quando Paulo nos exorta dizendo que Cristo é o Cabeça de todo homem, que o homem é o cabeça da sua esposa e que o Pai Celestial é o Cabeça de Cristo, ele está nos declarando e ensinando um princípio de unidade, fidelidade e vitória, e não um princípio de subjugação e opressão. É o diabo e os infiéis que tentam repassar a ideia de que a instrução de Deus para o matrimônio é injusta ou vergonhosa de ser seguida, pois não querem as pessoas sendo guiadas pelo Senhor também em suas uniões conjugais.

Efésios 5: 22 As mulheres sejam submissas ao seu próprio marido, como ao Senhor;

23 porque o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja, sendo este mesmo o salvador do corpo.

24 Como, porém, a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo submissas ao seu marido.

- 25 **Maridos, amai vossa mulher, como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela,**
 26 **para que a santificasse, tendo-a purificado por meio da lavagem de água pela palavra,**
 27 **para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito.**
 28 **Assim também os maridos devem amar a sua mulher como ao próprio corpo. Quem ama a esposa a si mesmo se ama.**
 29 **Porque ninguém jamais odiou a própria carne; antes, a alimenta e dela cuida, como também Cristo o faz com a igreja;**
 30 **porque somos membros do seu corpo.**
 31 **Eis por que deixará o homem a seu pai e a sua mãe e se unirá à sua mulher, e se tornarão os dois uma só carne.**
 32 **Grande é este mistério, mas eu me refiro a Cristo e à igreja.**

O que Deus estabeleceu e instrui para o marido e a esposa seguirem na vida conjugal, é similar ao que Ele estabeleceu em relação à Cristo e à Igreja. O que Deus estabeleceu a ser seguido no matrimônio é para o bem, para a unidade de propósito, proteção e cuidado do casal, assim como é o relacionamento de Cristo com a sua Igreja.

Assim como Cristo e a Igreja são o modelo de referência para vários aspectos do matrimônio, assim também a unidade e a fidelidade no matrimônio entre um homem e uma mulher exemplificam ou simbolizam, em partes, como é o relacionamento dos membros do corpo de Cristo como o Senhor Jesus.

Através do exemplo de fidelidade do “papai e mamãe vivendo sob a instrução de Cristo e em respeito mútuo”, os filhos deste casal já podem observar, em partes, como poderá ser o relacionamento de cada um deles com o Senhor à medida que vão crescendo no entendimento do relacionamento pessoal com Cristo.

Se o marido voluntariamente se sujeita a Cristo como seu único Cabeça e a mulher voluntariamente se sujeita “no Senhor” também ao marido, a mulher honra a atitude do marido que se sujeitou a Cristo, e assim, Cristo recebe a honra pelo casal que se sujeita a Ele.

Entretanto, quando ocorre uma quebra nesta ordem operacional ou esta ordem funcional da união conjugal é desrespeitada, há também uma resistência à própria glória do Senhor Eterno, glória pela qual há tanta disputa entre os seres humanos ao tentarem se opor ao testemunho de que há um só Deus Criador dos Céus e da Terra que está sobre todos e que todas as pessoas são criaturas diante do Senhor.

1 Coríntios 11: 7 *Porque, na verdade, o homem não deve cobrir a cabeça, por ser ele imagem e glória de Deus, mas a mulher é glória do homem.*

Quando um marido se submete a Cristo como seu Cabeça, ele não se coloca em posição depreciativa. Pelo contrário, ele exalta ao Deus eterno, assim como uma mulher que voluntariamente se submete *no Senhor* ao marido não se deprecia, mas exalta ao Senhor ao seguir a forma que Deus estabeleceu para guiar a sua vida conjugal e familiar.

O último texto acima do livro de 1Coríntios nos mostra que **uma pessoa atribui glória para aquele ou aquela de quem ela toma cobertura** e não necessariamente a quem ela diz atribuir glória.

E o Senhor não quer que ninguém, além Dele, receba a glória pertinente a Ele. Por isso, Deus estabeleceu uma maneira para que a glória da união matrimonial e da vida conjugal também possa ser atribuída a Ele, pois foi o Senhor que criou o homem e a mulher também para a união conjugal.

Se não é Cristo que dá cobertura direta a um homem e uma mulher, outros ou coisas recebem a glória ou reivindicam a glória que somente cabe a Deus, produzindo, mais cedo ou mais tarde, uma ruptura crescente no processo do relacionamento do marido e da esposa com Cristo, mas também no relacionamento do marido com a esposa.

Se um homem que se declara cristão, mas acaba adotando um mentor humano, for perguntado de quem ele recebeu o ensino daquilo que ele sabe, o que ele irá responder?

O homem que se sujeita à cobertura de outra pessoa, grupo ou alguma instituição, na maioria dos casos, vai acabar respondendo que recebeu a instrução dos seus mentores. E ao não se expor diretamente a Cristo como o seu Cabeça, estará desonrando a Cristo e dando a glória de Deus a outrem, gerando desconexão entre ele e Deus, mas também criando separação entre ele e a esposa, pois não estará edificando, *no Senhor*, a via operacional da sua unidade com a sua esposa.

Se um homem ou uma mulher casados precisam de um mentor para guiar seu casamento, por que, então, a Bíblia diria para eles deixarem pai e mãe? Os pais não poderiam, então, ser os seus mentores? E se Deus não autoriza nem que o pai e que a mãe sejam os mentores do homem e de uma mulher que recém casaram, por que Deus escolheria uma pessoa externa ou outras coisas para fazê-lo?

Se um casal buscar outros mediadores na relação com Deus quanto ao casamento, eles passam a se encaminhar de volta à sujeição à ordens sacerdotais similares à Ordem de Arão, e em relação às quais mais uma vez lembramos: *“um pouco de fermento leveda toda a massa”*.

Um casal pode ser tentado a buscar “cobertura sobre suas cabeças” quando começa a pensar no futuro, na educação dos filhos, na casa a ser construída e em tantos outros desafios que podem lhes causar insegurança e temor, mas Cristo lhes diz que Ele é o Cabeça individualmente de cada pessoa e do casal através do marido, englobando nisto os mais diversos assuntos com os quais os casais se deparam na vida.

Similarmente, se a esposa buscar mentores ou mentoras matrimoniais em vez de buscar primeiramente a Cristo e de se colocar, *no Senhor*, em posição de cooperação com o seu marido, não estará ela abrindo a porta da divisão do seu lar?

Se o marido ou a esposa não tiverem a instrução suficiente para algum assunto específico, Cristo sabe orientá-los a buscarem estas instruções em outros lugares e até em outras pessoas. Entretanto, “buscar informação” sobre algum assunto é muito diferente do que “deixar outros guiarem a vida conjugal e da família” e é muito diferente do que transferir para outros a responsabilidade que o marido e a mulher têm diante de Deus e diante de um para com o outro em relação às decisões de sua vida conjugal.

Diante do Senhor, não há o que alguns chamam de “espiritualidade” em buscar a bênção dos filhos através do sacerdócio de outros homens, mulheres ou instituições, pois Cristo é único mediador entre Deus e os seres humanos e visto que qualquer outra

mediação já foi declarada revogada e obsoleta juntamente com a revogação da Ordem de Arão, da ordem segundo a lei de Moisés.

A oração a Deus em favor do cônjuge e dos filhos, a educação e o cuidado dos filhos, e o cuidado mútuo de um cônjuge para com outro, antes de qualquer outra pessoa, é de responsabilidade de cada cônjuge para com o outro e para com a sua família segundo a instrução que recebem de Cristo.

Abraão era um homem comum da sociedade e que tinha uma mulher estéril. Quando Abraão e Sara apresentaram a sua causa a Deus, o Senhor lhes orientou o que poderiam fazer para alcançar o que necessitavam. Deus os visitou, instruiu e concedeu que Sara ficasse grávida do filho que chamaram de Isaque. E Abraão e Sara, conforme Deus lhes guiou, educaram o seu próprio filho.

Quando Rebeca, a esposa de Isaque, filho de Abraão e Sara, também apresentou esterilidade, Isaque não pediu a Abraão para orar por sua esposa, mas ele mesmo orou a Deus pela sua esposa, e o Senhor lhe ouviu e concedeu que também Isaque e Rebeca tivessem filhos.

E como nós podemos vir a ser filhos de Deus mediante a fé, similar à fé de Abraão e de Isaque, nós temos similar possibilidade de nos relacionarmos com o Senhor ou ainda mais ampla depois que Cristo nos é dado para habitar em nossos corações.

Aquela antiga forma direta e simples de Deus guiar as pessoas, também em suas vidas conjugais, de forma alguma envelheceu com os séculos.

O que se manifestou antiquada ou obsoleta foi a proposição temporária de mediadores humanos da Ordem de Arão, mas nunca a direção direta de Deus para um casal unido conjugalmente em concordância com o princípio de Deus.

Mais uma vez, não estamos dizendo aqui que os cônjuges não devem se aprimorar profissionalmente em sua área de trabalho e buscar informações sobre o contexto em que vivem, que os filhos e as filhas não devem ir à escola, aprender a ler e escrever, aprender matemática, ciência e tantas outras coisas. Entretanto, a educação de fé, de valores centrais sobre a vida e do que é mais relevante para a vida eterna e para o relacionamento com Cristo deveria ser algo praticado por cada cônjuge *no Senhor*, entre eles e repassado, primeiramente, pelos pais aos seus filhos e filhas.

E mesmo quando a sabedoria dos pais em como ensinar aos filhos e as filhas a se relacionarem com Cristo e com o seu contexto de vida não é suficiente, o próprio Senhor se manifesta a estes filhos e filhas segundo o amor que tem por eles, falando também pessoalmente aos seus corações.

São muitas as maneiras que o diabo, o mundo, as religiões e as pessoas em geral tentam usar para dividir a vida de um casal unido segundo o princípio de Deus. Porém, se uma casal permanecer em Cristo e em fidelidade de um para com o outro, o Cabeça da união conjugal, Cristo, também os guiará e sustará até o fim.

Destacamos aqui ainda que com a era tecnológica dos nossos dias, muitos agentes externos tentam entrar nos lares também através de diversas mídias, mas também diante destes, um casal deveria estar atento para que cada um dos cônjuge não tenha o seu coração dividido para com Deus e nem para com o companheiro da aliança feita entre eles e testemunhada pelo Senhor.

Quando o Senhor disse ***o que Deus ajuntou não separe o ser humano (ou qualquer pessoa)***, Ele não especificou o meio pelo qual as pessoas tentam separar os cônjuges, mas é evidente que por nenhum meio a divisão para com Deus e no casamento deveria ser aceita na vida de um casal.

Os meios oferecidos pela tecnologia podem vir a se tornar em significativos benefícios profissionais, educacionais e até como instrumentos para lazer, mas os mesmos princípios de santidade que se aplicam à vida perante Deus e para com o cônjuge também se aplicam para o manuseio apropriado do que é oferecido através da tecnologia. Lembrando ainda, que a tecnologia deste mundo passa, mas o amor, a verdade, a esperança, a fé e o relacionamento de fidelidade entre os cônjuges produz frutos eternos.

1 João 2:17 Ora, o mundo passa, bem como a sua concupiscência; aquele, porém, que faz a vontade de Deus permanece eternamente.

Mesmo sem as tecnologias humanas modernas, Deus já falava com Adão e Eva, Abraão e Sara, Isaque e Rebeca. Por séculos, Deus falou com casais que serviram ao Senhor independentemente das tecnologias atualmente disponíveis.

No pentecostes, sem a tecnologia humana moderna, Deus fez com que milhares de pessoas ouvissem e compreendessem umas às outras ainda que falando idiomas distintos. Não poderá, então, este mesmo Deus instruir um casal para auxiliar os cônjuges a andarem em unidade de fé e de propósito depois que estão unidos em uma só carne diante de Deus?

Paulo louva os cristãos de Corinto por terem recebido os ensinamentos do Senhor que ele lhes havia repassado, mas ainda assim ele ressaltou as seguintes palavras:

1 Coríntios 11:3 Quero, entretanto, que saibais ser Cristo o cabeça de todo homem, e o homem, o cabeça da mulher, e Deus, o cabeça de Cristo.

Muitos problemas podem se agravar na vida conjugal quando o marido começa a ouvir opiniões de outros sem checá-las com Aquele que é o seu “Cabeça” e também com aquela que é a sua companheira de aliança, assim como também pode ocorrer quando a esposa se afasta de estar *no Senhor* e também se afasta de ver o marido na posição que o Senhor o estabeleceu.

Assim, se outras pessoas forem a denominada “cobertura espiritual” de um casal, são estas pessoas que tentarão guiá-las, tentando tomar o lugar que somente deveria pertencer ao Senhor, separando ou distanciando as pessoas do Único que pode mantê-las de fato unidas no propósito de Deus.

Se um homem tem uma “cobertura espiritual” de outro homem, ou mesmo de um grupo de pessoas ou instituições, ele não está *em Cristo* e coloca obstáculos para Cristo ser o seu cabeça. E assim, tanto ele como a sua esposa ficam expostos a estarem submissos a outros homens e mulheres. E será que não é esta a causa do incômodo ou da inquietação que algumas mulheres sentem quando pensam em aceitar os seus maridos como cabeça da sua vida matrimonial?

A resistência de uma mulher ao seu próprio marido muitas vezes pode vir a ocorrer exatamente porque há nela uma inquietação e percepção de que algo está desalinhado no relacionamento do seu marido com Cristo, ainda que as vezes ela não saiba exatamente como explicá-lo.

A esposa que se submete ao marido que, por sua vez, se submete a outro homem ou mulher ou grupo de indivíduos como seus mediadores, e não exclusivamente a Cristo, não está, obviamente, sujeita a Cristo ou à linha funcional que Deus definiu. Assim, esta esposa poderá sofrer angústias por não entender porque não sente paz em se submeter ao seu próprio marido, pois se a esposa se submeter ao seu próprio marido neste caso, ela indiretamente está se submetendo a outras pessoas e não ao Senhor Celestial.

Pedro instrui às esposas a voluntariamente se sujeitarem, cada uma, ao seu *PRÓPRIO MARIDO, NO SENHOR*. Entretanto, quando o marido se sujeita espiritualmente à outra pessoa, a esposa fica sob a condição de poder vir a ficar sujeita indiretamente também a outra pessoa. E nisto, o Espírito do Senhor, que habita no coração da filha de Deus, não concordará com o marido e não concederá paz à esposa, pois o processo em questão está contrário ao querer de Deus.

E se uma esposa deseja ver mudada a situação descrita nos últimos parágrafos e deseja estar em submissão a Cristo também na questão matrimonial, ela precisará usar do caminho que ela tem de acesso direto a Cristo como filha de Deus. E na sua comunhão com o Senhor, ela pode pedir em oração que Deus alinhe a sua condição, do seu marido, e de toda a sua casa para serem libertos da cobertura indevida para voltarem ao que foi estabelecido pelo Senhor para todos os cristãos.

De forma similar, o marido que perceber que deixou de estar sujeito direto a Cristo pode retornar a Cristo e pedir-lhe perdão para que o Senhor seja o seu Cabeça e para que ele, o marido, e não mais outros, seja o cabeça da sua própria esposa naquilo que isto é pertinente a ele, evitando assim que outros separem o que Deus ajuntou em uma só carne para estar debaixo do Senhorio bondoso de Cristo.

Como vimos no texto de Hebreus 5 no início do presente estudo, se não avançarmos para além do leite espiritual e ouvirmos sobre a Ordem de Melquisedeque e da grandeza do Senhorio de Cristo para com cada pessoa, haverá carência de discernimento do bem e do mal através luz do Senhor, o que também se aplica às questões que mantêm um casal unido diante do Senhor.

Pelo seu próprio exemplo como apóstolo, Paulo nos mostra que nem mesmo a Igreja do Senhor, que é o corpo de Cristo, tem, através dos seus membros, a autorização do Senhor para se interpor entre Cristo, o marido e a esposa. A Igreja de Cristo não nasceu com vocação de ser cabeça de indivíduos, de matrimônios e de famílias, pois isto Deus estabeleceu exclusivamente em Cristo Jesus.

É essencial ver os assuntos da união conjugal com sobriedade e em oração continuamente junto ao Senhor Jesus, pois somente Cristo pode explicar como Ele vê o posicionamento de cada cônjuge, cada casal e aquilo que necessita ser ajustado para o marido e a esposa não virem a ficar divididos entre eles ou virem a se encontrar em posição de desacordo com o Senhor.

Portanto, destacamos mais uma vez que cabe ao casal ouvir mais a Deus do que as outras pessoas. A aliança entre marido e esposa é feita entre eles principalmente perante Deus, e Deus é testemunha desta aliança e quer guiá-los em tudo através de Cristo.

Deus disse a Adão e Eva o que queria deles. Deus disse a Noé e sua esposa o que queria deles. O Senhor disse a Abraão e Sara o que queria deles. Deus disse a José e a Maria o que queria deles no cuidado do Senhor Jesus Cristo quando este veio em carne ao mundo. Entretanto, todos estes sabiam bem o que Deus queria deles porque eram instruídos direto da fonte.

As instruções centrais da vida conjugal para um casal estão no Senhor, e Ele, como o Senhor, instrui os cônjuges a *viverem e a andarem Nele* e um para com o outro de forma fiel. Porém, se Deus não é a cobertura direta dos cônjuges, o casal também se coloca em caminhos vulneráveis diante do mundo.

Concluindo, então, se um homem e uma mulher unidos pelo matrimônio aceitarem e deixarem que o próprio Deus, através de Cristo, lhes seja por cobertura espiritual, por fundamento, por Sumo Sacerdote, por Rei, por Senhor, enfim, por Cabeça, Deus se compromete a guiá-los, protegê-los e instruí-los também nos mais variados aspectos da união que fizeram e que foi testemunhada e considerada unida pelo Senhor.

K. A União Conjugal e a Casa

Continuando ainda sobre a questão da unidade conjugal e de que ninguém deveria tentar separar a união feita por um homem e uma mulher que foi unida por Deus, podemos observar que quando um homem se une a sua mulher, surge uma figura nova na história deste casal e que é chamada de *casa* ou também de *lar* deste casal.

Quando um homem e uma mulher se unem de acordo com a instrução de Deus, eles começam a edificar a *casa* ou o *lar* que também resulta desta união e que deveria pertencer, debaixo da direção do Senhor, exclusivamente aos membros desta *casa* ou deste *lar*.

Quanto aos aspectos da vida como casal, vimos que Cristo é o Cabeça do marido e o marido da esposa, mas quanto à *casa*, vemos que o casal alinhado com Cristo e entre si atua em conjunto na sua administração.

Salmos 128: 1 Bem-aventurado aquele que teme ao SENHOR e anda nos seus caminhos!

2 Do trabalho de tuas mãos comerás, feliz serás, e tudo te irá bem.

3 Tua esposa, no interior de tua casa, será como a videira frutífera; teus filhos, como rebentos da oliveira, à roda da tua mesa.

4 Eis como será abençoado o homem que teme ao SENHOR!

Provérbios 14: 1 A mulher sábia edifica a sua casa, mas a insensata, com as próprias mãos, a derriba.

Quanto mais alinhados os dois cônjuges de uma união conjugal estiverem com Cristo e entre si, mais justiça e paz terão também na *casa* ou no *lar* que passam a edificar.

A *casa* mencionada neste tópico, evidentemente, não está se referindo à casa física ou material, ao apartamento, ao local de moradia, mas ao conceito de um ambiente ou conjunto de convívio mútuo daqueles que pertencem à esta *casa*.

A *casa*, no sentido conceitual, e com o passar do tempo, vai criando como uma identidade, hábitos, costumes e tradições, ao ponto das pessoas passarem a usar o termo *casa* ou *lar* como algo vivo ou até como se tivesse uma personalidade própria.

Em relação às suas *casas*, as pessoas, por exemplo, dizem: “Nesta *casa* não se faz isto ou nesta *casa* sempre se faz assim”. “Nesta *casa* não se come isto ou come-se aquilo”. “Esta *casa* não apoia a preguiça ou esta *casa* é refúgio de descanso”, e aí por diante. Cada *casa*, como uma unidade, vai estabelecendo seu jeito de ser.

E qual é a vantagem das pessoas reconhecerem que têm uma “*casa*” ou um “*lar*”?

Uma dos aspectos do reconhecimento de uma *lar* é que a chamada *casa* pode criar uma identidade de um local para os seus membros se abrigarem, encontrarem suporte, descanso, renovação de forças, e assim por diante.

Por outro lado, se não for feita com sabedoria e com a devida medida, a personalização de uma *casa* ou de um *lar* pode também representar um risco para um casal ou para a família associada àquela *casa*.

Quando uma *casa* começa a ser tratada excessivamente como se tivesse uma identidade própria, há um risco real das pessoas começarem a usá-la para tentar governar as vidas associadas a esta *casa* via o próprio “*conceito da casa*” que criaram.

Em seu conjunto de conceitos e condutas que foram agrupados pelas pessoas que a compõe e por não ser realmente uma pessoa, uma *casa* pode passar a ficar exposta a uma visão excessiva do coletivo e negligenciar as individualidades de cada pessoa daquela *casa*. Uma *casa*, inclusive, pode ser uma forte via para tornar o relacionamento das pessoas de um *lar* em um relacionamento indiferente e insensível às questões individuais e até chegar a ser muito cruel com os seus membros.

Se, por exemplo, em uma *casa*, *lar* ou *família*, os pais são músicos e os dois primeiros filhos também tem uma inclinação forte para a música, logo os membros desta *casa* poderão querer definir que naquela *casa* todos precisam ser músicos e que aquela *lar* é uma *casa de músicos*. Quando, porém, chega um terceiro filho, que não tem vocação e inclinação para a música, como será tratado este filho em uma *lar* onde “todos têm que ser músicos”?

Uma *casa* poderá querer impor à condição da maioria e dizer: “Nesta *casa*, todos tem que ser músicos”. E assim, esta *casa*, que não é tangível fisicamente, mas que quer tomar a forma de um ser, pode passar a ser amplamente injusta e cruel com aqueles que não tem a mínima aptidão para serem músicos ou que não querem ser músicos.

Assim, ocorrendo algo similar ao nosso exemplo acima também em qualquer outra área da família, cabe aos cônjuges da *casa* estarem atentos à percepção de Cristo sobre as particularidades presentes em seu *lar* para agirem com graça junto à sua família e para evitarem abordagens inadequadas que poderão ocorrer em relação a algum dos seus membros a partir de “*algumas regras coletivas da casa*” que perante Deus não são de fato tão significativas.

Em seu conjunto de conceitos acordados ou aceitos ao longo do tempo, uma *lar* pode tentar insistir em algumas determinadas regras. Entretanto, um *lar* sempre deveria estar sujeita à alguém ou às pessoas que são reais, vivas e que tenham autonomia de fazer a remoção daquelas afirmações e práticas que não são de acordo com a justiça e a vontade de Deus para com os membros da *casa*.

Quando, por exemplo, um marido ouve a Cristo e segue o que Cristo lhe instrui a fazer, a despeito do que já se convencionou na *casa*, o marido se mantém como um instrumento de cooperação da justiça e da paz de Cristo para cada um dos indivíduos que fazem parte daquele *lar*.

Portanto, como um marido e um pai pode ser um instrumento de justiça na mão de Cristo?

Um marido pode ser um instrumento de Cristo em seu *lar* também “ao não deixar a *casa* governar”, “não deixar a *casa* ser o cabeça da família”, “não deixar a *casa* tomar o lugar que não lhe cabe tomar”.

Por outro lado, se o marido quiser impor a mudança na *casa* sem a cooperação da esposa, a *casa* continuará dividida e ficará mais propensa a não subsistir.

O processo de divisão em torno do que é aceito ou não aceito em uma *casa* poderá ir se extremado ao ponto de alguns dos seus membros poderem vir a serem expostos à fortes opressões injustas que a *casa* tenta lhes impor.

Entendemos, então, que também aqui convém lembrar a importância do marido e a esposa se relacionarem em amor mútuo e juntos ou sem divisão mudarem “*as regras da sua casa*” sempre que estas, segundo a instrução do Senhor, precisam ser alteradas.

Ainda no exemplo do *lar* de músicos, qual pode vir a ser uma injustiça da *casa*?

A injustiça na *casa* pode vir a ser “não permitir que cada filho seja quem Deus quer que ele seja”.

Neste exemplo, ainda pode ocorrer também a situação em que o marido não percebe a injustiça da *casa* com algum filho, mas a esposa sim.

Assim, quando uma esposa percebe algo que não está edificando a sua *casa*, ela com respeito pode falar com o marido e se ele passar a perceber isto, eles podem simplesmente mudar o “*conceito da casa*”. Porém, se ele não der ouvidos ou não quiser mudar a sua posição inapropriada, a esposa talvez não deva de imediato iniciar um enfrentamento daquele que é o seu cabeça no matrimônio, pois ela sempre tem, antes de qualquer outra opção, o recurso de recorrer direto ao Cabeça do seu marido, que é o Senhor Jesus e que também é o Cabeça da mulher no sentido dela ser filha de Deus e de que *em Cristo* não há macho ou fêmea.

Em oração, a esposa sempre pode recorrer a Cristo e pode pedir que o Senhor atue junto ao seu esposo sobre um assunto em que este resiste em mudar ou pode pedir que Cristo a ajude a expor ao marido a necessidade tanto de alguma mudança ou a manutenção de um princípio que seja benéfico à toda a *casa*.

Cristo pode instruir a esposa respondendo algumas coisas diretamente a ela ou Ele mesmo pode interagir junto ao cabeça da esposa, com o marido. Como Cristo é o Cabeça do marido, Ele pode dizer à esposa para ficar em paz e esperar um pouco, pois Ele vai atuar junto ao marido, ou o Senhor pode dizer a ela uma estratégia para ela, em sabedoria, falar com o marido, visto que esse pode não estar atento ao próprio Cristo. Ou ainda, Cristo pode lhe mostrar outra sugestão adequada de como ela pode proceder em alguma questão em particular.

Observemos bem que o objetivo do Senhor em relação à *casa* é a unidade do casal em relação ao seu *lar* para que a justiça e a paz de Deus reine naquele pequeno reino chamado *casa* e para que seja afastada a respectiva divisão.

Um homem ou uma mulher podem edificar a sua *casa* com sabedoria ou podem agir de forma que venham a destruí-la. A sabedoria para os dois vem do Pai Celestial através de Cristo e pode ser aplicada pela cooperação de cada parte segundo a maneira funcional que Deus estabeleceu.

Sabedoria no matrimônio engloba compreender a vontade de Deus e saber como agir para que a unidade ocorra em prol da edificação de todos associados à *casa*.

Quando uma mulher tem alguma discordância do marido, isto pode ser por causa de uma visão limitada que ela tem do todo ou uma inclinação dela à injustiça, mas também há discordâncias da mulher que podem ser um sinalizador e alerta de que aquilo que o homem quer para sua *casa* não é apropriado e não procede de Deus.

Por isso, sempre é sábio o marido e a esposa consultarem pessoalmente a Cristo antes de exporem todas as suas propostas um ao outro e para *toda a casa*.

O marido é posicionado por Cristo para governar a *casa* de uma forma geral, mas a esposa, por outro lado, também é a “*fiel da balança*” para que o homem, quando não estiver em boa conexão ao Cabeça Cristo não venha a conduzir a *casa* sob cegueira ou

para que a própria *casa* não venha a conduzir a todos em vez do marido e da mulher em conjunto conduzirem o seu *lar*.

Pedro também nos instrui sobre este processo de cooperação mútua dos cônjuges *no Senhor*:

1Pedro 3: 5 Pois foi assim também que a si mesmas se ataviaram, outrora, as santas mulheres que esperavam em Deus, estando submissas a seu próprio marido,
6 como fazia Sara, que obedeceu a Abraão, chamando-lhe senhor, da qual vós vos tornastes filhas, praticando o bem e não temendo perturbação alguma.
7 Maridos, vós, igualmente, vivei a vida comum do lar, com discernimento; e, tendo consideração para com a vossa mulher como parte mais frágil, tratai-a com dignidade, porque sois, juntamente, herdeiros da mesma graça de vida, para que não se interrompam as vossas orações.

Em uma *casa*, primeiramente e individualmente, todos pertencem a Cristo. E por isto, todos deveriam ser tratados segundo esta individualidade que recebem do Senhor, mas, ao mesmo tempo, também segundo a função que Deus atribui a cada um que está na mesma *casa*.

Em relação à *casa*, também lembramos mais uma vez que o marido não é o sacerdote do *lar*, pois isto seria transformar a casa numa “*mini paróquia*” ou em um “*mini templo*” segundo a Ordem de Arão. Apesar de ser a vontade de Deus que o marido esteja sujeito a Cristo e que seja o cabeça da sua esposa nas coisas pertinentes à vida conjugal, o marido não é mediador entre Deus e as pessoas da sua *casa*, pois somente Cristo morreu na cruz do Calvário e ressuscitou dentre os mortos em favor de cada indivíduo.

Em certo sentido, o marido é como um mordomo designado por Cristo para com a *casa* que Deus permitiu que ele estabelecesse junto com a sua esposa. O marido é como um servo fiel ao Senhor designado por Deus para ajudar aos da *casa* e a ele próprio a alcançarem a vontade de Deus.

Como mordomo de uma *casa*, o marido precisa se importar com o que ocorre naquela *casa*. Porém, semelhante a um mordomo da *casa*, ele também é primeiramente servo de Cristo, depois da sua esposa e família.

O marido às vezes pode ter ideias mirabolantes, mas antes de querer implantá-las na *casa* deveria conversar sobre cada uma delas com o seu Cabeça Cristo. Antes de tudo, o marido é chamado a *viver e andar em comunhão com Cristo* e ser sensível à instrução de Deus sobre o que convém e o que não convém na *casa* sobre a qual ele está posto para cooperar na sua edificação.

Provérbios 16: 1 O coração do homem pode fazer planos, mas a resposta certa dos lábios vem do SENHOR.
2 Todos os caminhos do homem são puros aos seus olhos, mas o SENHOR pesa o espírito.
3 Confiar ao SENHOR as tuas obras, e os teus desígnios serão estabelecidos.

Jessé era um homem temente a Deus e tinha vários filhos. Um dia o profeta Samuel veio à sua *casa* e disse que havia vindo para ungir um dos seus filhos como rei de Israel porque Deus assim o mandara fazer. Estes dias ocorreram “antes de Cristo” e era mais usual Deus falar ao povo através de profetas e juízes.

Jessé, por sua vez, apresentou os filhos em ordem sequencial, pensando que o mais velho seria o eleito para ser rei. Mas quando supostamente apresentou todos filhos, um após o outros, o profeta Samuel (representante de Deus diante de Jessé naquela época da Ordem de Arão), perguntou se Jessé não teria mais um filho, pois nenhum dos que havia apresentado era o eleito para ser rei. E somente então é que Jessé lembrou-se do seu filho caçula Davi que pastoreava as ovelhas do seu pai no campo e que compunha e cantava salmos de louvor a Deus enquanto pastoreava o rebanho.

Assim, se a decisão da escolha do novo rei para a nação de Israel tivesse sido de Jessé e não de Deus, Jessé escolheria o filho que não era para ser o rei, mostrando-nos que o fato de Deus ver o marido por cabeça da sua esposa no matrimônio não coloca o marido na posição de ter a palavra final em tudo.

Mas o interessante dessa história de Jessé e Davi, é que Davi, já como menino, tinha acesso direto a Deus em tudo o que fazia. Davi não dependia somente do pai para buscar a Deus, e Deus se revelou amoroso e poderoso para com Davi ali no campo de ovelhas onde Davi estava já muito antes do profeta Samuel vir à sua *casa*. Ainda que tendo um pai sobre a sua vida, chamado de Jesse, o acesso pessoal de Davi a Deus, tendo ao Senhor como o seu Sacerdote e Rei, era feito diretamente.

Entretanto, quando o assunto foi uma instrução de Deus que precisava passar pela *casa* de Jessé para que a benção de Deus chegasse a Davi ou onde havia a necessidade de um determinado fluxo operacional, Deus o fez através do seu pai Jessé, ainda que Jessé estivesse mais focado em administrar a sua família pelo “*conceito tradicional da casa*” em vez de ver a cada filho individualmente e ouvir de Deus o que o Senhor tinha para cada um dos seus filhos.

Aqui, poderíamos até pensar que Jessé fora injusto em colocar Davi sozinho no campo, mas na realidade, Deus tornou a condição de Davi em bem para a sua vida porque foi também no campo que Deus treinou a Davi para confiar pessoalmente e diretamente no Senhor a ponto de Davi, ainda jovem, declarar: “***O Senhor é o meu Pastor***”.

Conforme já foi comentado, o marido não tem a missão de inserir a sua própria vontade em sua família, mas ajudar a todos alcançarem a vontade de Deus.

Portanto, Deus não quer que o casamento seja um local de disputas de vontades entre o marido e a esposa. A vontade de Deus é que os dois unam força para ajudarem um ao outro ou se apoiem mutuamente para superarem as oposições do mundo e da carne para que na sua *casa* a vontade de Deus prevaleça.

Eclesiastes 4: 9 ***Melhor é serem dois do que um, porque têm melhor paga do seu trabalho.***

¹⁰ ***Porque, se um cair, o outro levanta o seu companheiro; mas ai do que estiver só; pois, caindo, não haverá outro que o levante.***

A cooperação em torno da vontade de Deus sempre é melhor opção.

Por outro lado, nem ainda uma *casa* grande e bem estruturada deveria querer se colocar acima do marido e da esposa que a edificaram e nem deveria ela se colocar como agente que atue para a separação de um casal unido segundo o princípio do Senhor, pois é ao marido e à mulher que o Senhor designou, prioritariamente, a administração do *lar*.

É altamente significativo o entendimento de alguns aspectos centrais da função da *casa* e a submissão que o *lar* deve ter ao marido e à esposa. A *casa* deve estar sujeita ao marido e a esposa, pois ela resulta da sua união e sempre deveria ter o propósito de auxiliá-los, mas não de governar aqueles que a constituíram.

A *casa* tem um papel de contribuir para a família, mas o marido e a mulher têm a incumbência de serem fiéis a Cristo e estarem acima da *casa* para supervisionarem as ações que nela acontecem a fim de que a vontade de Deus seja cumprida e não as demandas indevidas da *casa*.

Se retornarmos ao exemplo da vida de Abraão, podemos ver que Deus lhe instruiu a ensinar tanto aos seus filhos, bem como à sua *casa*, mostrando-nos que a *casa* não deve estar acima das pessoas que a compõem, embora a *casa* possa ser uma grande ferramenta de ajuda a todos os seus membros.

Gênesis 18: 17 Disse o SENHOR: Ocultarei a Abraão o que estou para fazer,
18 visto que Abraão certamente virá a ser uma grande e poderosa nação, e nele serão benditas todas as nações da terra?
19 Porque eu o escolhi para que ordene a seus filhos e a sua casa depois dele, a fim de que guardem o caminho do SENHOR e pratiquem a justiça e o juízo; para que o SENHOR faça vir sobre Abraão o que tem falado a seu respeito.

O principal ensino que os pais devem repassar aos seus filhos e filhas é que cada um viva e ande no caminho do Senhor, o qual é Cristo, sob a justiça celestial que é Cristo, e no juízo segundo Deus que é todo realizado em retidão através de Cristo Jesus como o Rei da Justiça e Rei da Paz para que também eles aprendam que o Senhor concede muitas coisas para cooperar com a sua jornada na Terra, como, por exemplo, a *casa* ou o *lar*. Entretanto, também para que saibam que nenhuma destas coisas é superior ou maior que o próprio Deus e a direção da vida que o Senhor Jesus Cristo concede. Nenhuma *casa* é concedida por Deus para ser edificada para sobrepujar a condição exclusiva do Senhor na vida dos indivíduos que dela fazem parte.

Um cônjuge não é “o caminho do outro cônjuge”, os pais não são “o caminho dos filhos e filhas” e nem a casa que constituem tem a última palavra sobre como é vida, pois esta posição pertence exclusivamente ao Senhor, Aquele que é *O Caminho* no qual uma pessoa deveria começar a aprender a viver e andar já desde a infância.

Provérbios 22: 6 Ensina a criança “no caminho” em que deve andar, e, ainda quando for velho, não se desviará dele.

E, por sua vez, “*O Caminho*” para todos não é somente uma série de histórias bíblicas, alguns conhecimentos sobre Deus. “*O Caminho*” é uma pessoa e tem um nome, a saber: O Senhor Jesus Cristo.

*João 14: 6(a) **Respondeu-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida.***

Por mais que um matrimônio e uma *casa* possam cooperar em muito com aqueles que deles fazem parte, há muitos aspectos que só Deus pode suprir na vida de um indivíduo.

Se o marido quiser prover aos indivíduos da sua *casa* o que cabe ao Senhor fazê-lo, ele se sobrecarregará e passará a ficar sob o risco de dissimular quando não conseguir fazer aquilo que é ação exclusiva de Deus.

Todo cônjuge deveria entender que o outro cônjuge não é o seu “deus”, que ambos têm fraquezas e defeitos, e que eles nunca poderão cumprir todos os anseios uns dos outros e dos seus filhos e filhas, assim como também os filhos e as filhas não são os deuses a quem os pais devem servir segundo a sua vontade ou a vontade dos filhos e filhas, pois a principal provisão interior de novidade de vida e paz também para os filhos e filhas vem do Senhor Eterno.

Um marido e uma esposa não são chamados para abençoar a sua *casa* em seu próprio nome, mas no *nome de Cristo* que lhes é por cobertura e proteção para que eles e também outros saibam que todo o bem e toda a dádiva perfeita que alcançam ou recebem procedem do Pai das Luzes através do Senhor Jesus Cristo e para que aqueles que são do mesmo *lar* saibam que mesmo quando não estiverem juntos devido a algum afazer externo, o Senhor sempre está com eles para guiá-los e protegê-los.

*Colossenses 3: 17 **E tudo o que fizerdes, seja em palavra, seja em ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai.***

É em Cristo que se cumpre a promessa dada por Deus à Abraão de que todas as nações e famílias da Terra seriam abençoadas. E isto, aplica-se também às uniões conjugais feitas segundo o princípio de Deus e às *casas* que são edificadas segundo a instrução do Senhor.

*Gálatas 3: 16 **Ora, as promessas foram feitas a Abraão e ao seu descendente. Não diz: E aos descendentes, como se falando de muitos, porém como de um só: E ao teu descendente, que é Cristo.***

Portanto, à Cristo seja dada a glória por Ele ser o Cabeça de cada membro do seu Corpo, mas também por Ele ser o Cabeça da união matrimonial dos filhos de Deus e das *casas* ou *lares* que os filhos do Pai Celestial constituem.

E ainda, para concluir este tópico, sem querer entrar nos pormenores da união conjugal, pois o nosso alvo neste capítulo é exaltar a posição de Cristo como Cabeça, entendemos ser significativo frisar que mesmo que uma pessoa não se encontre em

uma posição que expresse uma *casa* sujeita aos principais aspectos envolvidos em uma união conjugal segundo o princípio de Deus, o Senhor Jesus Cristo é o Salvador que se oferece, sem distinção, a todos que querem a sua instrução e ajuda. E Ele saberá guiar a cada um pelo Caminho de novidade de vida e em conformidade com a necessidade individual de cada pessoa que se achega através Dele a Deus.

Hebreus 7: 24 (Jesus), no entanto, porque continua para sempre, tem o seu sacerdócio imutável.

25 Por isso, também pode salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles.

26 Com efeito, nos convinha um sumo sacerdote como este, santo, inculpável, sem mácula, separado dos pecadores e feito mais alto do que os céus,

27 que não tem necessidade, como os sumos sacerdotes, de oferecer todos os dias sacrifícios, primeiro, por seus próprios pecados, depois, pelos do povo; porque fez isto uma vez por todas, quando a si mesmo se ofereceu.

C36. A Glória do Senhor Jesus Como Rei e Cabeça do Corpo de Cristo ou da Igreja de Cristo

A. O Corpo do Qual Cristo é o Cabeça

1 Coríntios 12: 12 **Porque, assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, constituem um só corpo, assim também com respeito a Cristo.**

...
20 **O certo é que há muitos membros, mas um só corpo.**

...
27 **Ora, vós sois corpo de Cristo; e, individualmente, membros desse corpo.**

Nos últimos dois capítulos, comentamos que depois de termos visto a posição de Cristo como o Cabeça direto de cada pessoa que Nele crê e como o Cabeça de cada casal unido pelo matrimônio segundo o princípio de Deus, também seria importante e necessário ver a posição de Cristo como o Cabeça do seu corpo como um todo.

Entretanto, para que possamos ver a posição de Cristo como o Cabeça do seu corpo, deveríamos saber antes a qual corpo que as Escrituras se referem quando dizem que Cristo é o Cabeça do seu corpo.

Conforme já ressaltamos anteriormente, embora Deus, através das Escrituras, use de figuras comparativas entre o corpo humano e o corpo de Cristo, as referências na Bíblia ao “*corpo de Cristo que têm muitos membros*” não se referem ao corpo individual e pessoal que Cristo tinha enquanto estava em carne no mundo, assim como também não se referem ao corpo individual ou pessoal com o qual o Senhor se manifestou aos seus discípulos depois de sua ressurreição.

Em função da necessidade que cada pessoa tem para cuidar e lidar diariamente com o seu próprio corpo e pelo fato de vermos o corpo de cada indivíduo como uma unidade singular e distinta dos demais indivíduos, as pessoas podem vir a esquecer que o termo *corpo* também pode ser aplicado e utilizado para um conjunto plural de indivíduos que estão unidos numa mesma sociedade, família, corpo social ou ético, ou outras formas de agrupamento.

Um grupo de colaboradores de uma equipe ou de uma empresa, por exemplo, e que têm funções individuais, mas, ao mesmo tempo, procuram atuar em prol de objetivos em comum, também pode perfeitamente ser chamado como *o corpo de colaboradores* de uma empresa ou equipe.

Assim, o fato de sabermos que em Cristo há um só corpo composto por muitos membros que, individualmente, estão associados a este corpo, nos mostra que as pessoas que recebem a Cristo também passam a fazer parte de um conjunto global específico do qual Cristo tem o comando geral e através do qual Cristo pode estabelecer e realizar propósitos que são alcançados através de ações realizadas por mais de um membro deste conjunto global.

O fato das Escrituras nos mostrarem que Cristo é o Cabeça também do seu corpo de múltiplos membros, nos mostra um corpo com membros que têm funções individuais ou particulares, mas também que há um corpo que expressa um funcionamento coletivo e global coordenado e guiado por Cristo.

Quando um indivíduo recebe a Cristo em seu coração e vem a ser cristão através do novo nascimento por meio do Espírito de Deus, ele recebe a Cristo no coração para ser guiado pessoalmente pelo Senhor Jesus. Entretanto, pelo fato deste indivíduo também vir a ser considerado como um membro de um só corpo de Cristo, é muito significativo ele saber que a direção que Cristo quer lhe conceder também será uma direção que visa cooperar e caminhar em harmonia com os demais direcionamentos que Cristo está concedendo a todo o seu corpo.

*Efésios 4: 1 Rogo-vos, pois, eu, o prisioneiro no Senhor, que andeis de modo digno da vocação a que fostes chamados,
 2 com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor,
 3 esforçando-vos diligentemente por preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz;
 4 há somente um corpo e um Espírito, como também fostes chamados numa só esperança da vossa vocação;
 5 há um só Senhor, uma só fé, um só batismo;
 6 um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, age por meio de todos e está em todos.*

Como o Cabeça de cada pessoa que Nele crê, Cristo é perfeitamente habilitado e poderoso para guiar a cada um que o recebe em seu coração, mas, ao mesmo tempo, Cristo também é perfeitamente habilitado e poderoso para guiar a cada pessoa que Nele crê em conformidade com os propósitos que Ele estabelece e apresenta para o seu corpo de uma forma global.

Assim como pode haver alguém que distribua funções a cada colaborador de um grupo, equipe ou corpo de participantes, mas em consonância com os propósitos em comum para os quais toda a equipe trabalha, assim Cristo é o distribuidor de funções individuais que também, ao mesmo tempo, cooperam para os propósitos que o Senhor estabeleceu para serem alcançados através das ações de muitos membros do seu corpo.

Voltamos a lembrar aqui, mais uma vez, que em algumas partes das Escrituras, o corpo de Cristo é figuradamente comparado ao corpo humano para nos mostrar a ideia de um conjunto funcionando como um todo e estando submisso a uma única cabeça, mas o tipo do Corpo de Cristo não é como um corpo humano e nem a sua Cabeça e os seus membros são segundo a espécie dos membros de um corpo natural.

O corpo de Cristo é um corpo distinto de qualquer “corpo individual” que há no mundo, mas ele também é um corpo diferente de qualquer “corpo coletivo” que há no mundo.

Sem conhecer alguns aspectos básicos da individualidade e, ao mesmo tempo, da pluralidade dos membros do corpo de Cristo, sem entender que tipos de membros compõem o corpo de Cristo e sem compreender como os membros deste corpo são

agrupados e coordenados, também uma compreensão minimamente apropriada do próprio corpo de Cristo pode ficar significativamente prejudicada, pois o corpo de Cristo, essencialmente, é a soma dos membros que compõem este corpo e a posição que este corpo tem em relação ao seu Cabeça que lhe confere toda a vida.

Os primeiros e principais aspectos que definem a composição do corpo de Cristo, que é um corpo único de muitos membros, encontram-se no tipo do Cabeça deste corpo, no tipo de membros do corpo de Cristo e na forma como cada membro está ligado ao Cabeça deste corpo.

A começar pela maneira de um membro do corpo de Cristo estar ligado a este corpo, podemos observar que os mais diversos corpos individuais ou coletivos, similarmente neste aspecto ao corpo humano, têm por característica básica ser a soma de todos os membros que estão ligados a este corpo. E se um membro é desligado deste corpo, ele também já não pertence mais a este corpo.

Olhando o que foi dito no parágrafo anterior por outro ângulo, também podemos dizer que qualquer outro membro que não esteja ligado a um corpo, quer individual ou coletivo, também efetivamente não é o corpo em si.

Assim, em certo sentido, o princípio dos últimos dois parágrafos também se aplica ao corpo de Cristo. Entretanto, em relação a Cristo e ao seu corpo, este princípio sempre é acrescido da condição indispensável de cada membro deste corpo também estar ligado diretamente ao Cabeça deste corpo.

Se em um corpo de colaboradores de uma equipe, algumas pessoas podem não ter a possibilidade de acesso direto e pessoal aos dirigentes deste corpo de colaboradores, isto não é aceito quando trata-se do corpo de Cristo.

Seguindo ainda na conceituação que se está sendo exposta nos últimos parágrafos, destacamos que o ponto essencial que torna uma pessoa em um membro do corpo de Cristo e, portanto, uma parte do próprio corpo de Cristo, é se uma pessoa está ligada individualmente ou diretamente ao Cabeça deste corpo e se ela permanece ligada desta maneira ao Cabeça.

E olhando também esta última consideração por outro ângulo, podemos dizer que nada do que não está ligado ao corpo de Cristo, e respectivamente ao Cabeça deste corpo, é parte deste corpo ou parte que compõem este corpo.

Ainda em outras palavras, o Corpo de Cristo é a soma de todos os membros que estão ligados pessoalmente e diretamente ao Cabeça do corpo, sendo vedada a validação da inclusão ou manutenção de um membro neste corpo que não siga este princípio essencial.

Cada tipo de corpo tem suas próprias características e uma definição quanto à espécie de seus membros e como estes se ligam ou se desligam do corpo. E no caso do corpo de Cristo, a definição do pertencer ou não pertencer a este corpo nunca é feita de forma dissociada da conexão de uma pessoa diretamente e pessoalmente a Cristo.

*João 15: 5 **Eu sou a videira, vós, os ramos. Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer.***

6 Se alguém não permanecer em mim, será lançado fora, à semelhança do ramo, e secará; e o apanham, lançam no fogo e o queimam.

Olhando, então, simplificada, o corpo de Cristo é a soma de todas pessoas que pessoalmente e individualmente tem a Cristo como o seu Cabeça.

Ou seja, basicamente, o Corpo de Cristo é o próprio conjunto daqueles que têm e mantêm a Cristo individualmente como Senhor em seus corações, conforme já foi descrito no capítulo sobre A Glória de Cristo como o Cabeça de Cada Pessoa que Nele Crê.

Quando vemos o tema do corpo de Cristo mais atentamente, podemos ver que não existe nenhuma diferença entre o conjunto das pessoas que têm a Cristo como o Senhor das suas vidas e as pessoas que compõem o corpo de Cristo, pois o corpo de Cristo é uma forma de se referir de forma conjunta às pessoas que tem a Cristo no coração e que permanecem em Cristo e Cristo nelas.

O tipo de membros do corpo de Cristo ou os membros segundo a espécie do corpo de Cristo que compõem este corpo são caracterizados como os indivíduos que vieram a ser concebidos como seres humanos e que receberam a Cristo no coração como o Senhor, sendo o nome *corpo de Cristo* a forma de se referir ao conjunto total destes indivíduos.

Por fim, neste tópico, saber que Cristo é o Cabeça de um corpo que é composto exclusivamente de membros que o receberam como o Senhor em suas vidas e que permanecem em Cristo, nos mostra claramente que o conjunto de membros do corpo de Cristo é constituído exclusivamente por pessoas.

O corpo do qual Cristo é o Cabeça não existe e nem é algo que pode ser constituído dissociado das pessoas que o compõe.

Assim, mais uma vez, dizer que Cristo é o Cabeça do seu corpo é sinônimo de Cristo ser o Cabeça do conjunto de pessoas que individualmente creem Nele e que o receberam em seus corações, pois a definição do corpo do qual o Senhor Jesus Cristo é o Cabeça não pode ser definida de forma dissociada dos membros que compõem este corpo e uma vez que a constituição do corpo de Cristo é estabelecida no ajuntamento Nele dos muitos membros que compõem este corpo.

A expressão *corpo de Cristo* é uma forma de fazer referência, atribuir um nome e apontar características ao conjunto de pessoas que têm a Cristo no coração, mas ele também é uma forma de esclarecer quem ou o que não faz parte do *corpo de Cristo*.

Absolutamente nada do que não seja uma pessoa pode fazer parte do corpo de Cristo, e também nenhuma pessoa que não esteja ligada pessoalmente a Cristo, como o Ele sendo o seu Cabeça, pode fazer parte do corpo de Cristo.

O corpo do qual Cristo é o Cabeça, é o corpo composto por todos aqueles nos quais Cristo habita no coração e os quais permanecem tendo a Cristo como o Senhor em seus corações.

B. Cristo como o Cabeça do Seu Corpo Esclarece o Que É a Igreja de Cristo

Quando passamos a ver de maneira mais objetiva e pormenorizada o que vem a ser o corpo de Cristo ao qual as Escrituras tantas vezes fazem referência, e no qual vemos que Cristo é posto por Cabeça, logo poderemos ver que este corpo de Cristo também é chamado de *Igreja de Cristo*.

A expressão *Igreja de Cristo* é uma outra maneira de fazer referência ao corpo de Cristo e da qual Cristo é igualmente o Cabeça, mostrando-nos que as referências ao corpo de Cristo e à *Igreja de Cristo* são na realidade referências distintas a um só e mesmo conjunto de pessoas que creem no Senhor Jesus Cristo e que têm a Cristo como Senhor no coração.

No texto do livro de Colossenses que está exposto abaixo, pode ser visto claramente que o corpo de Cristo é a Igreja do Senhor e que a Igreja, sendo o corpo de Cristo, também tem somente um Cabeça estabelecido por Deus sobre ela.

- Colossenses 1: 13 Ele nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do Filho do seu amor,*
14 no qual temos a redenção, a remissão dos pecados.
15 Este é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação;
16 pois, nele, foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele.
17 Ele é antes de todas as coisas. Nele, tudo subsiste.
18 Ele é a cabeça do corpo, da igreja. Ele é o princípio, o primogênito de entre os mortos, para em todas as coisas ter a primazia,
19 porque aprovou a Deus que, nele, residisse toda a plenitude
20 e que, havendo feito a paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele, reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, quer sobre a terra, quer nos céus.
21 E a vós outros também que, outrora, éreis estranhos e inimigos no entendimento pelas vossas obras malignas,
22 agora, porém, vos reconciliou no corpo da sua carne, mediante a sua morte, para apresentar-vos perante ele santos, inculpáveis e irrepreensíveis,
23 se é que permaneceis na fé, alicerçados e firmes, não vos deixando afastar da esperança do evangelho que ouvistes e que foi pregado a toda criatura debaixo do céu, e do qual eu, Paulo, me tornei ministro.
24 Agora, me regozijo nos meus sofrimentos por vós; e preencho o que resta das aflições de Cristo, na minha carne, a favor do seu corpo, que é a igreja;
25 da qual me tornei ministro de acordo com a dispensação da parte de Deus, que me foi confiada a vosso favor, para dar pleno cumprimento à palavra de Deus:
26 o mistério que estivera oculto dos séculos e das gerações; agora, todavia, se manifestou aos seus santos;
27 aos quais Deus quis dar a conhecer qual seja a riqueza da glória deste mistério entre os gentios, isto é, Cristo em vós, a esperança da glória;

28 o qual nós anunciamos, advertindo a todo homem e ensinando a todo homem em toda a sabedoria, a fim de que apresentemos todo homem perfeito em Cristo;

29 para isso é que eu também me afadigo, esforçando-me o mais possível, segundo a sua eficácia que opera eficientemente em mim.

Ainda em outro texto que se encontra descrito no livro de Efésios, vemos a mesma exposição do livro de Colossenses que mostra o corpo de Cristo como sendo a Igreja e que, portanto, mostra Cristo sendo o cabeça do seu corpo ou da sua Igreja.

Visto que o conjunto corpo de Cristo e o conjunto denominado de Igreja de Cristo se equivalem completamente e expressam um mesmo e único conjunto de pessoas, fica também evidenciado que Cristo ser o Cabeça do corpo é idêntico a Cristo ser o Cabeça da sua Igreja.

Efésios 5: 23 **Porque o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja, sendo este mesmo o salvador do corpo.**

...

29 **Porque ninguém jamais odiou a própria carne; antes, a alimenta e dela cuida, como também Cristo o faz com a igreja;**

30 **porque somos membros do seu corpo.**

Assim, dizer que Cristo é o Salvador do seu corpo ou dizer que Cristo é o Salvador da sua Igreja são expressões perfeitamente equivalentes, mostrando que aquilo que está exposto como a definição do que é o corpo de Cristo é igual ao que é a Igreja ou que aquilo que é exposto como a definição da Igreja se equivale perfeitamente ao que é o corpo de Cristo.

Por consequência, ser membro do corpo de Cristo, que só tem um Cabeça sobre todo o corpo, e que é o Cabeça de cada um dos membros deste corpo individualmente e coletivamente, é inteiramente equivalente a dizer que uma pessoa também é membro da Igreja de Cristo, a qual, igualmente, também só tem um Cabeça sobre ela.

Quando as Escrituras nos informam que Cristo cuida e nutre de cada um dos membros do seu corpo, isto é equivalente a dizer que Cristo cuida e nutre cada um dos membros da sua Igreja.

Considerando que o corpo de Cristo é composto somente por pessoas e por pessoas ligadas ao Cabeça do corpo, também a Igreja de Cristo é a expressão exclusiva de pessoas ligadas ao Único Cabeça do corpo de Cristo.

Se alguém pertence ao corpo de Cristo, ele pertence a Igreja de Cristo. E se alguém não pertence ao corpo de Cristo, ele também não pertence a Igreja de Cristo, pois nada do que não é considerado corpo de Cristo pode ser considerado como a Igreja do Senhor.

Assim, considerando que um corpo sem a cabeça não têm vida, o corpo de Cristo ou a Igreja de Cristo é o conjunto das pessoas que têm a novidade de vida no Senhor porque estão ligadas diretamente ao Cabeça do corpo ou da Igreja, o qual é o próprio Senhor Jesus Cristo.

C. O Que Não É a Igreja de Cristo diante do Fato de que a Igreja de Cristo É o Corpo de Cristo

Após considerar, no tópico anterior, que a Igreja de Cristo é o corpo de Cristo e que tanto o corpo como a Igreja referem-se ao mesmo conjunto de pessoas que individualmente creram em Cristo como o Salvador e o receberam em seus corações como Senhor e Cabeça de suas vidas, e que assim permanecem em Cristo, torna-se também muito facilitada a percepção do que não vem a ser a Igreja do Senhor Jesus Cristo.

Se alguém não está ligado a Cristo, no sentido de Cristo ser o seu Cabeça, ou se alguém não está como um ramo na videira verdadeira, este alguém também não faz parte do corpo de Cristo e, por conseguinte, também não faz parte da Igreja de Deus, ainda que frequente reuniões religiosas que de alguma forma são denominadas de cristãs.

A Igreja de Cristo é um corpo vivo de membros vivos e que estão ligados diretamente ao Cabeça Vivo de todo o corpo. Entretanto, isto também define explicitamente o que ou quem não faz parte da Igreja de Cristo.

A Igreja de Cristo é ampla, é composta de milhares e milhares de pessoas dos mais diversos séculos da história humana, mas nenhuma pessoa que não atenda as prerrogativas necessárias para fazer parte da Igreja de Cristo pôde ou poderá fazer parte do corpo do Senhor Jesus.

Nenhuma pessoa que não venha a ser vinculada pessoalmente e diretamente ao Cabeça da Igreja de Cristo, e também nenhuma pessoa que não permaneça ligada diretamente a este Cabeça, é ou poderá fazer parte da Igreja do Senhor Jesus Cristo ou do seu corpo espiritual.

Se uma pessoa não se ligar pessoalmente a Cristo e não permanecer ligada a Cristo depois que já se tenha se associado a Cristo como o seu Senhor pessoal, por mais que frequente reuniões e grupos religiosos, ela não tem parte no corpo de Cristo e, portanto, não é parte da Igreja de Cristo.

Uma vez que vemos que a Igreja e o corpo de Cristo são completamente equivalentes e que eles são constituídos das pessoas que têm a Cristo como o Senhor no coração, podemos ver que:

- ⇒ 1) A Igreja de Cristo não é um prédio, um templo ou um santuário onde as pessoas se encontram;
- ⇒ 2) A Igreja de Cristo não é uma casa onde pessoas se encontram para buscar a Deus e a Cristo;
- ⇒ 3) A Igreja de Cristo não é a reunião cristã em si mesma;
- ⇒ 4) A Igreja de Cristo não é uma instituição humana quer informal ou quer juridicamente constituída;
- ⇒ 5) A Igreja de Cristo não é um estatuto que constitui um assembleia, uma associação ou seja qualquer outro termo que se queira utilizar, nem ela é uma assembleia, comunidade ou uma associação que os estatutos civis constituem.

Uma vez que o corpo de Cristo somente aceita receber membros que são pessoas, e pessoas que estão ligadas diretamente e pessoalmente a Cristo, nada do que não é uma pessoa pode ser a Igreja de Cristo.

A Igreja de Cristo é o povo composto pelas pessoas que, individualmente, creem em Cristo e se mantém unidas diretamente e Ele. E qualquer coisa ou pessoa que seja intitulada de Igreja e que esteja em uma condição que não seja condizente com esta definição não é uma expressão daquilo que é de fato a Igreja de Cristo.

Mais uma vez: O que determina o que é o corpo de Cristo, cujo Único Cabeça é Aquele de quem o corpo recebe o seu nome, também define o que é a Igreja de Cristo.

Portanto, a definição da Igreja de Cristo não é o que os dicionários dos homens dizem sobre a palavra *igreja* e nem é o que vários dicionários dizem sobre a palavra em grego que deu origem à palavra atual que usamos como *igreja*, a qual é a palavra “*ekklesia*”.

Assim como as definições humanas não comportam a definição que vem a ser a justiça de Deus, a graça de Deus e tantos outros aspectos que provêm do reino de Deus, e cujas características o próprio reino nos faz compreender através do Espírito do Senhor e pelo que nos é exposto sobre ele nas Escrituras, a definição do que vem a ser a “*Ekklesia de Cristo ou de Deus*” é o que estas mesmas Escrituras nos dizem ser a Igreja de Cristo e não a mera definição linguística de um termo que pode ser usado genericamente para muitos aspectos da vida humana.

A palavra “*ekklesia*” ou igreja, de forma geral, refere-se a “uma assembleia constituída de pessoas que saíram de suas casas para um encontro em lugar comum ou público para deliberar sobre algumas questões”. Porém, a Igreja ou “*Ekklesia*” de Cristo é muito mais do que um encontro de pessoas, é muito mais do que uma assembleia no sentido de reunião de pessoas para deliberar algo.

A Igreja ou “*Ekklesia*” de Cristo é o conjunto vivo das pessoas que estão ligadas ao Cabeça do corpo, quer estejam reunidas com outras em um local ou quer não estejam reunidas, pois, repetindo mais uma vez, o que torna uma pessoa como sendo parte da “*Ekklesia*” de Cristo é ela ser um membro ligado a Cristo ou ao Cabeça do corpo do Senhor.

A união ou a restauração da união de uma pessoa a Cristo é que torna um indivíduo em membro e parte do corpo de Cristo, e não o frequentar uma reunião ou o encontro de uma assembleia como é definido de forma mais geral pelo termo *igreja* ou “*ekklesia*” quando visto segundo alguns dicionários.

No sentido genérico da palavra “*ekklesia*”, chamar uma reunião de pessoas ou uma assembleia deliberativa de *igreja* não está errado, pois esta é a definição da palavra em si. Porém, isto está muito longe de definir o que vem a ser o corpo de Cristo, o qual não se resume à reuniões ou encontros terrenos, pois, apesar de manifestar a multiforme sabedoria de Deus também na Terra, o corpo de Cristo não é terreno, temporal ou natural.

Chamar de *igreja* uma instituição que reúne um grupo de pessoas para se encontrar e deliberar conjuntamente não está errado quanto ao termo “*ekklesia*”. Porém, é crucial que uma pessoa tenha em mente de que isto não expressa o que é o “*Corpo de Cristo*” ou a “*Igreja de Cristo*”.

Muitos grupos de pessoas que se reúnem sob o título de “suas igrejas” de fato estão realizando uma “*ekklesia*” no sentido literal da palavra. Entretanto, se a reunião ou associação natural das pessoas as caracteriza como uma “*igreja*”, esta “*igreja*” é uma associação humana e terrena como são as assembleias de clubes, empresas, partidos políticos, associações assistências e tantas outras que há no mundo, mas não é, de forma alguma, “*A*” Igreja e “*O*” Corpo de Cristo.

Já séculos antes da vinda de Cristo em carne ao mundo, Deus alertou ao profeta Isaías para admoestar ao povo de que nem tudo o que as pessoas chamam de *conjunção* deveria ser chamado de *conjunção*, porque o próprio Deus é o santuário das pessoas do seu povo.

E uma *conjunção* é um pacto associativo que as pessoas fazem. É uma aliança em que as pessoas se associam a algo que elas querem ter em comum, ou, em outras palavras, é um conjunto ao qual elas chamam de associação entre elas. Porém, nem tudo que as pessoas chamam de *conjunção*, *aliança* ou *associação* é equivalente àquilo que o Senhor considera por *aliança* ou *ajuntamento* segundo a sua vontade.

Isaías 8: 11 Porque assim o SENHOR me disse, tendo forte a mão sobre mim, e me advertiu que não andasse pelo caminho deste povo, dizendo:

12 Não chameis conjunção a tudo quanto este povo chama conjunção; não temais o que ele teme, nem tomeis isso por temível.

13 Ao SENHOR dos Exércitos, a ele santificai; seja ele o vosso temor, seja ele o vosso espanto.

14 Ele vos será santuário; mas será pedra de tropeço e rocha de ofensa às duas casas de Israel, laço e armadilha aos moradores de Jerusalém.

Se alguma associação de pessoas não for a expressão direta de pessoas ligadas diretamente ao Cabeça do corpo de Cristo, que tem muitos membros, mas um só Cabeça, esta associação pode até ser uma “igreja que faz referência indireta ou até direta ao nome de Cristo”, mas ela não é a própria Igreja de Cristo e nem tem parte alguma na Igreja de Cristo ou no corpo de Cristo.

D. A Igreja de Cristo É Um Só Corpo de Cristo em Vários Lugares

Por várias vezes nos tópicos anteriores, mencionamos que a Igreja de Cristo é uma só ou representa um só corpo de Cristo que contém associado a ele todos as pessoas salvas em Cristo e que permanecem ligadas a Cristo como o seu Cabeça individual.

Entretanto, diante deste fato, alguém talvez poderia pensar em textos que citam a Igreja de Cristo estando em algumas cidades, ou até em casas, e sendo chamada, por isto, de *Igrejas* no plural, assim como também é mencionado em relação às cartas do início de Apocalipse, referindo-se às sete *Igrejas* para quem estas cartas foram endereçadas, conforme exemplificado a seguir:

1Coríntios 1: 1 ***Paulo, chamado pela vontade de Deus para ser apóstolo de Jesus Cristo, e o irmão Sóstenes,***
2 à igreja de Deus que está em Corinto, aos santificados em Cristo Jesus, chamados para ser santos, com todos os que em todo lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso:

Apocalipse 1: 11 ***dizendo: Eu sou o Alfa e o Ômega, o Primeiro e o Último, o Princípio e o Fim, e, o que vês escreve em livro e manda às sete igrejas: Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodicéia.***

Romanos 16: 3 ***Saudai Priscila e Áquila, meus cooperadores em Cristo Jesus,***
4 os quais pela minha vida arriscaram a sua própria cabeça; e isto lhes agradeço, não somente eu, mas também todas as igrejas dos gentios;
5 saudai igualmente a igreja que se reúne na casa deles. Saudai meu querido Epêneto, primícias da Ásia para Cristo.

Portanto, o fato das Escrituras mencionarem a Igreja de Cristo com referência a algum lugar precisa ser visto mais acuradamente, mas de forma alguma deveria ser visto como uma divisão do corpo de Cristo em várias partes e sim como a expressão do mesmo e único corpo de Cristo ou da mesma Igreja de Cristo em vários lugares.

No texto de 1Coríntios, visto por último acima, podemos observar que a Igreja de Deus ou de Cristo são os santificados em Cristo Jesus e chamados para serem santos juntamente com todos os que em todo lugar invocam a Cristo como Senhor, apesar de também podermos ver que a carta é endereçada por Paulo a um grupo desta Igreja Única que se encontra em uma determinada cidade.

De forma similar, podemos ver na referência a Priscila e Áquila, que a saudação a eles dirigida não é em relação à uma igreja que fosse deles, mas para a parcela da Igreja do Senhor que se reunia na sua casa.

A Igreja de Cristo de uma cidade, então, são todos os indivíduos que são ***santificados em Cristo Jesus, chamados para ser santos, com todos os que em todo lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor***

deles, ainda que se encontrem ou reúnam em casas ou locais distintos, ou ainda que algumas destas pessoas nem se reúnam com as outras.

A Igreja de Cristo não é como a Ordem de Arão, a qual excluía da comunhão com Deus aqueles que não podiam ir ao templo ou tinham restrições que as impediam de entrar no templo.

Em Cristo Jesus, se uma pessoa, por exemplo, está enferma em sua casa e não pode se reunir com outras pessoas, ela é Igreja de Cristo quer que esteja reunindo-se ou não com outros cristãos desde que ela permaneça ligada em fé ao Cabeça do corpo de Cristo, a saber o Senhor Jesus.

Nos textos expressos acima como exemplo, vemos novamente que a Igreja de Cristo são as pessoas propriamente dito, e que os locais são onde uma parcela das pessoas que são a Igreja de Cristo se localizam ou onde elas se reúnem.

Os textos expostos acima, mostram que a Igreja do Senhor não é o local onde os cristãos se encontram, não é pertencente àqueles quem recebem as pessoas da Igreja de Cristo para se reunirem e nem ainda é o próprio encontro das pessoas.

Se os membros da Igreja de Cristo dos locais mencionados passassem a se reunir em outro lugar, a Igreja estaria automaticamente reunida em outro local. E mesmo se não estivessem reunidos, eles continuavam sendo “as pessoas crentes em Jesus” ou a Igreja do Senhor em todos os locais que cada um destes indivíduos viessem a estar.

Considerando que as pessoas que estão em Cristo é que são o corpo de Cristo ou a Igreja de Cristo, elas são e continuam sendo a Igreja de Cristo em todos os lugares e independentemente se elas estão reunidas em algum local físico.

Lugares físicos ou naturais aos quais as pessoas atribuem o nome de *igreja* são casas ou templos feitos por mãos humanas ou são locais separados humanamente para este propósito. Entretanto, não é nestes locais e nestas denominadas *igrejas* que Deus habita, conforme já mostramos várias vezes no presente estudo e também nos textos repetidos abaixo:

Atos 7: 48 **Entretanto, não habita o Altíssimo em casas feitas por mãos humanas; como diz o profeta:**

49 **O céu é o meu trono, e a terra, o estrado dos meus pés; que casa me edificareis, diz o Senhor, ou qual é o lugar do meu repouso?**

50 **Não foi, porventura, a minha mão que fez todas estas coisas?**

51 **Homens de dura cerviz e incircuncisos de coração e de ouvidos, vós sempre resistis ao Espírito Santo; assim como fizeram vossos pais, também vós o fazeis.**

ou

Atos 7: 48 **Mas o Altíssimo não habita em templos feitos por mãos de homens, como diz o profeta: (RC)**

Isaías 57: 15 **Porque assim diz o Alto, o Sublime, que habita a eternidade, o qual tem o nome de Santo: Habito no alto e santo lugar, mas habito também com o contrito e abatido de espírito, para vivificar o espírito dos abatidos e vivificar o coração dos contritos.**

Em outro momento, Cristo disse também:

Mateus 24: 23 Então, se alguém vos disser: Eis aqui o Cristo! Ou: Ei-lo ali! Não acrediteis;

24 porque surgirão falsos cristos e falsos profetas operando grandes sinais e prodígios para enganar, se possível, os próprios eleitos.

25 Vede que vo-lo tenho predito.

26 Portanto, se vos disserem: Eis que ele está no deserto!, não saiais. Ou: Ei-lo no interior da casa!, não acrediteis.

Insistir nas alegações ou tentativas de que a Igreja de Cristo pode ser constituída de locais, casas, encontros, templos, associações e instituições é adotar a atitude daqueles que têm a cerviz endurecida, são incircuncisos de coração e de ouvidos, e que resistem ao Espírito Santo, esperando que Deus vá algum dia reconhecer estes locais, o que o Senhor, certamente, não fará.

O fato de Deus ter consentido na edificação do tabernáculo de Moisés e do templo de Salomão não deveria mais ser confundido com a Igreja de Cristo visto que a antiga aliança e a Ordem de Arão já foram revogadas e declaradas completamente obsoletas, pois o Senhor permitiu a edificação dos referidos templos físicos para as pessoas perceberem e reconhecerem que esta forma de culto é injusta, imperfeita e inútil para aperfeiçoar, quanto às suas consciências diante de Deus, os que prestam estes cultos.

O fato das Escrituras se referirem algumas vezes à Igreja de Cristo no plural como *igrejas* jamais está relacionado ao conceito da velha aliança com os seus templos, casas de culto ou sinagogas, mas são referências usadas no sentido do corpo de Cristo estar representado em todos os lugares em que há pessoas verdadeiramente cristãs.

Dizer que Cristo tem *igrejas* em várias cidades ou locais de forma alguma divide o Corpo Único de Cristo, não faz com que estas *igrejas* sejam pertencentes aos locais em que se encontram e nem que devem estar sujeitas às pessoas que querem se colocar como líderes destes grupos de membros do corpo de Cristo.

As pessoas unidas ao Senhor são a Igreja de Cristo, e o local é onde elas estão. E neste último sentido, alguns agrupamentos de membros do corpo único de Cristo são chamados como a Igreja de Cristo que está em um local x, y ou z, ou até referenciada algumas poucas vezes como a Igreja de tal local.

A soma de todos os verdadeiros cristãos de uma cidade, quer se reúnam ou não, é a Igreja do Senhor naquela cidade, mas também estes cristãos são parte da única Igreja e corpo de Cristo juntamente com todos os demais cristãos. São rebanho de Cristo em um local específico, mas sem jamais deixar de serem “um só rebanho do Senhor”.

A Igreja é constituída das pessoas ligadas ao Único Cabeça Cristo. E em relação à onde os cristãos se localizam, reunidos ou não, a Igreja, somente neste sentido, pode ser referenciada como as “*Igrejas de Cristo*”.

E. Ser Membro e Fazer Parte do Rol de Membros da Igreja de Cristo

Um fato que ocorre com frequência quando as pessoas confundem a Igreja de Cristo com assembleias, grupos ou instituições religiosas constituídos pelos seres humanos, é o surgimento de algumas questões que giram, de uma forma ou de outra, em torno de perguntas tais como:

- ⇒ De que igreja você faz parte?
- ⇒ Que igreja você frequenta?
- ⇒ Em que local você é membro da Igreja de Jesus?
- ⇒ Você é da igreja de quem?

Ora, ter nascido de novo através do Espírito de Deus, pelo fato de ter recebido a Cristo no coração, ou ser cristão é indissociável da condição de uma pessoa se tornar membro do corpo de Cristo.

Assim, se a Igreja de Cristo é o Corpo Único de muitos membros de Cristo, faz algum sentido, por exemplo, perguntar a um cristão de que igreja ele faz parte ou a igreja de quem ele frequenta?

Além disso, o corpo de Cristo, que é a Igreja de Cristo e de Deus, também é o que as Escrituras chamam da *família de Deus*, a qual é única e composta por aqueles que nasceram como filhos de Deus mediante o recebimento de Cristo em seus corações. E Deus tem somente uma *família celestial* da qual os seus filhos podem fazer parte.

João 1: 12 Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder (o direito) de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no seu nome;

13 os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus.

1 João 3: 1 Vede que grande amor nos tem concedido o Pai, a ponto de sermos chamados filhos de Deus; e, de fato, somos filhos de Deus. Por essa razão, o mundo não nos conhece, porquanto não o conheceu a ele mesmo.

Portanto, assim como o corpo de Cristo se equivale ao que é a Igreja de Cristo, assim também a Igreja de Cristo se equivale ao que é a família de Deus, conforme pode ser visto abaixo no texto exposto por Paulo no livro de Efésios:

Efésios 3: 8 A mim, o menor de todos os santos, me foi dada esta graça de pregar aos gentios o evangelho das insondáveis riquezas de Cristo 9 e manifestar qual seja a dispensação do mistério, desde os séculos, oculto em Deus, que criou todas as coisas,

- 10 *para que, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus se torne conhecida, agora, dos principados e potestades nos lugares celestiais,*
- 11 *segundo o eterno propósito que estabeleceu em Cristo Jesus, nosso Senhor,*
- 12 *pelo qual temos ousadia e acesso com confiança, mediante a fé nele.*
- 13 *Portanto, vos peço que não desfaleçais nas minhas tribulações por vós, pois nisso está a vossa glória.*
- 14 *Por esta causa, me ponho de joelhos diante do Pai,*
- 15 *de quem toma o nome toda família, tanto no céu como sobre a terra,*
- 16 *para que, segundo a riqueza da sua glória, vos conceda que sejais fortalecidos com poder, mediante o seu Espírito no homem interior;*
- 17 *e, assim, habite Cristo no vosso coração, pela fé, estando vós arraigados e alicerçados em amor,*
- 18 *a fim de poderdes compreender, com todos os santos, qual é a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade*
- 19 *e conhecer o amor de Cristo, que excede todo entendimento, para que sejais tomados de toda a plenitude de Deus.*
- 20 *Ora, àquele que é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos, conforme o seu poder que opera em nós,*
- 21 *a ele seja a glória, na igreja e em Cristo Jesus, por todas as gerações, para todo o sempre. Amém!*
-

Juntamente com o anúncio de que Deus intenta tornar conhecida a sua multiforme sabedoria aos principados e potestades nas regiões celestiais através da sua Igreja, o corpo de Cristo composto pelas pessoas que estão ligadas a Cristo como o seu Cabeça, Paulo ora para que aqueles que são da família de Deus como filhos do Pai Celestial sejam fortificados para que o propósito que o Senhor intenta fazer através da sua Igreja seja realizado, mostrando-nos que os mesmos indivíduos que compõem a Igreja de Cristo também são aqueles que são chamados a tomar o nome do Pai Celestial sobre si.

Conhecer o fato de que a Igreja de Cristo, o corpo de Cristo e a família de Deus se equivalem é muito significativo também para saber como uma pessoa se torna membro da Igreja, do corpo de Cristo ou da família de Deus, uma vez que o mesmo processo que torna uma pessoa membro de um dos aspectos em referência também a torna membro dos outros aspectos.

Tornar-se membro do corpo de Cristo, tornar-se membro da Igreja de Deus ou tornar-se membro da família de Deus, ocorre por um único e mesmo processo, e não há como uma pessoa tornar-se parte de um destes aspectos sem se tornar também parte dos outros.

E quando é que um indivíduo que crê e recebe a Cristo torna-se filho de Deus?

Um indivíduo torna-se filho de Deus quando recebe a Cristo em seu coração, ato no qual ele também, simultaneamente, se torna membro da família de Deus, membro do corpo de Cristo e, igualmente, membro da Igreja de Cristo que é o próprio corpo de Cristo.

Quando as pessoas não compreendem que a união à Igreja de Cristo, que é o corpo de Cristo, dá-se pela união pessoal à família de Deus através do novo nascimento no Senhor, elas começam a dizer que um cristão não deve ficar “separado ou fora do corpo de Cristo”, pensando que isto pode se dar pelo fato de uma pessoa não estar associado a uma “*ekklesia terrena*” e constituída pelos seres humanos, e não por Deus.

Imaginemos que a associação a uma “igreja terrena ou naturalmente tangível” é que fosse a maneira para uma pessoa se associar a Cristo. Isto, então, também significaria que quando a pessoa fosse mudar de endereço e tivesse que trocar de “igreja”, ela teria que se desligaria do Corpo de Cristo, deixaria de ser da família de Deus e teria que ser reinserida na família de Deus de novo quando chegasse a outra “*ekklesia*” ou “igreja” igualmente terrena, algo que é um completo absurdo no que se refere à condição de uma pessoa ser ou não ser parte da família de Deus.

Em outras palavras, a ideia da necessidade de se tornar membro de “*associações terrenas*” ou “*ekklesias terrenas*” levaria as pessoas, a cada troca de local ou extinção de um local, terem que se desligar do corpo de Cristo, deixarem de ser filhos de Deus e parte da família de Deus para então voltarem a se ligar via outro lugar terreno ao corpo de Cristo a fim de voltarem a ser filhos de Deus e parte da família do Senhor.

E se durante o percurso e o período de transição a pessoa viesse a falecer, ela ficaria desprovida da salvação uma vez que ela não seria filha de Deus no período transitório? Ou a carta de transferência de uma instituição poderia dar a garantia dela ser filho de Deus para a salvação eterna se algo trágico lhe sobreviesse?

Portanto, pensar em um rol de membros ou uma lista terrena referente aos membros do corpo de Cristo é algo destoante do que as Escrituras nos apresentam sobre ser membro da família de Deus, da Igreja do Senhor e do Corpo de Cristo.

A associação por atos externos e por circuncisão (um selo externo da adesão a um grupo ou sacerdócio) era realizada pela Ordem de Arão. Entretanto, diante de Deus, esta ordem já foi declarada obsoleta, não passa de **uma parábola para o tempo presente** e não pode aperfeiçoar perante o Senhor àqueles que a ela se associam.

Se o tornar-se membro de um rol terreno de membros fosse uma condição para uma pessoa vir a ser um verdadeiro cristão e filho de Deus, o malfeitor na cruz da Calvário não poderia ter sido salvo, o eunuco etíope teria sido privado da salvação, assim como milhares e milhares de pessoas que aceitaram a Cristo durante os séculos e não vieram a ser membros de uma instituição humana ou nem tomaram conhecimento desta regra humana e não divina.

Os próprios propagadores da suposta necessidade da “membresia” em instituições terrenas são os mesmos que se contradizem quando falam a uma pessoa no leito de morte que ela pode receber a Cristo ali mesma e ser salva apenas por receber a Cristo no coração.

Ora, se alguns não precisam de uma “membresia” em um órgão religioso terreno, em uma igreja naturalmente tangível ou alguma instituição reconhecida socialmente ou civilmente, e podem ser salvos em Cristo e acrescidos à família de Deus, por que outros precisariam fazê-lo a não ser por interesses corrompidos daqueles que querem aliciar as pessoas para os seus apriscos ou sistemas de dominação e controle da vida alheia?

A circuncisão verdadeiramente cristã, ou seja, o selo da adesão a Cristo, é espiritual e não carnal ou exterior. Ela ocorre no coração e não nas associações que as pessoas fazem com coisas do mundo natural, assim como também é o rol de membros do corpo

espiritual de Cristo, conforme podemos ver explicitamente exemplificado nos textos abaixo:

Romanos 2: 28 **Porque não é judeu quem o é apenas exteriormente, nem é circuncisão a que é somente na carne.**

29 Porém judeu é aquele que o é interiormente, e circuncisão, a que é do coração, no espírito, não segundo a letra, e cujo louvor não procede dos homens, mas de Deus.

Hebreus 12: 22 **Mas tendes chegado ao monte Sião e à cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial, e a incontáveis hostes de anjos, e à universal assembleia**

23 e igreja dos primogênitos arrolados nos céus, e a Deus, o Juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados,

24 e a Jesus, o Mediador da nova aliança, e ao sangue da aspersão que fala coisas superiores ao que fala o próprio Abel.

Vir a se tornar membro do corpo de Cristo, “chegar” à Igreja dos primogênitos arrolados nos céus e “chegar” à Jerusalém Celestial ocorre igualmente e conjuntamente com o “chegar” pela fé a Cristo Jesus como o Senhor e Mediador da nova aliança, a Deus e à sua família celestial.

Romanos 10: 9 **Se, com a tua boca, confessares Jesus como Senhor e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo.**

10 Porque com o coração se crê para justiça e com a boca se confessa a respeito da salvação.

11 Porquanto a Escritura diz: Todo aquele que nele crê não será confundido.

12 Pois não há distinção entre judeu e grego, uma vez que o mesmo é o Senhor de todos, rico para com todos os que o invocam.

13 Porque: Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.

Tornar-se membro da Igreja e do corpo de Cristo ou ser feito membro do corpo e da Igreja de Cristo é tão simples como a salvação, pois a salvação de Deus é passar a fazer parte da família do Pai Celestial, da Igreja de Cristo e de Deus ou do corpo de Cristo.

Quem crê e recebe a Cristo como Senhor e é salvo pelo Senhor, automaticamente e simultaneamente, também está arrolado entre os salvos por Cristo e que compõem individualmente o corpo eterno do Senhor.

O rol de membros da Igreja de Cristo está nos céus, e ele é espiritual, assim como é a adesão a Cristo e é o selo da salvação de Deus oferecida a nós na nova aliança.

A relação de membros da Igreja de Cristo não se encontra na Terra, não tem alguma réplica na Terra, e jamais poderia ser verdadeiramente

administrada por pessoas ou instituições na Terra, pois somente o Senhor sabe o que ocorre no coração de todos os indivíduos.

Quem controlava a adesão ao sacerdócio segundo a lei de Moisés por uma adesão exterior era, conforme já comentamos, a Ordem de Arão, os seus sacerdotes e os levitas desta ordem porque também eles controlavam os tabernáculos terrenos e as contribuições do povo para esta ordem, a qual, porém, já caducou diante da obra superior de Cristo.

Para os que querem fazer parte de um rol de membros terreno e de uma instituição religiosa terrena, e que se fiam na associação a uma instituição religiosa terrena para tentarem se sentir seguros quanto a sua salvação ou que pensam que precisam fazê-lo para serem abençoados por Deus, as Escrituras advertem que:

*Gálatas 5: 1 **Estai, pois, firmes na liberdade com que Cristo nos libertou e não torneis a meter-vos debaixo do jugo da servidão.***

*2 **Eu, Paulo, vos digo que, se vos deixardes circuncidar, Cristo de nada vos aproveitará.***

*3 **De novo, testifico a todo homem que se deixa circuncidar que está obrigado a guardar toda a lei.***

*4 **De Cristo vos desligastes, vós que procurais justificar-vos na lei; da graça decaístes.***

*5 **Porque nós, pelo Espírito, aguardamos a esperança da justiça que provém da fé.***

*6 **Porque, em Cristo Jesus, nem a circuncisão, nem a incircuncisão têm valor algum, mas a fé que atua pelo amor. (RC+RA)***

Em Cristo, não há benefício algum para uma pessoa ver o seu nome constando da lista humana de membros de uma assembleia ou congregação, pois o que salva uma pessoa eternamente não é ela estar em uma lista terrena de membros ou estar ligada a alguma igreja da sua cidade, mas o fato dela ter a fé de Deus e através dela crer em Cristo e ser salva pela graça do Senhor.

Ninguém na Terra está apto a ver a lista exata de membros do corpo de Cristo, pois a lista dos membros da Igreja do Senhor está no céu, e somente compete a Cristo e ao Pai Celestial administrarem esta lista. E ainda, *em Cristo*, cada pessoa pode ter a certeza em seu coração, mediante a fé, de que ela recebeu a Cristo e que ela consta da lista eterna de membros do corpo de Cristo, não precisando constar absolutamente de qualquer lista terrena de qualquer sacerdócio.

*Gálatas 3: 26 **Pois todos vós sois filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus.***

*Romanos 8: 14 **Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus.***

*15 **Porque não recebestes o espírito de escravidão, para viverdes, outra vez, atemorizados, mas recebestes o espírito de adoção, baseados no qual clamamos: Aba, Pai.***

*16 **O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus.***

*1 João 5:11 **E o testemunho é este: que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está no seu Filho.***

*12 **Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida.***

*13 **Estas coisas vos escrevi, a fim de saberdes que tendes a vida eterna, a vós outros que credes em o nome do Filho de Deus, e para que continueis a crer no nome do Filho de Deus. (RA+NKJV)***

O “espírito” que atua através daqueles que dizem que um cristão precisa ter o seu nome arrolado em um rol de membros de alguma instituição religiosa, ou até em grupos informais no mundo presente, é um “*espírito de engano e de escravidão*” que quer produzir tormentos e medo, mas que, principalmente, quer fazer com que as pessoas voltem à escravidão às leis das instituições pelas quais este “espírito” opera para aprisionar as pessoas debaixo destas leis e para tentar desligar as pessoas de Cristo e fazê-las decair da graça do Senhor Eterno.

Se alguém não é de Cristo, mediante a fé de que Cristo é o único Mediador de Deus para com os seres humanos, uma pessoa pode ser membro de uma ou de várias instituições terrenas por longos anos e ainda assim não ser realmente parte da Igreja e do corpo de Cristo.

*Romanos 8: 9 **Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se, de fato, o Espírito de Deus habita em vós. E, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele.***

A pessoa que se torna membro de um rol de membros no mundo presente, pensando que nesta atitude ela encontrará a salvação ou o favor de Deus, é uma pessoa que está optando em andar por vista e não por fé, pois se apoia no status de membro em algo tangível que ela vê e pode controlar. Porém, a posição de fé em Cristo e de ser membro do rol celestial não depende de uma condição carnal e tangível, mas de um relacionamento pessoal a partir do coração com Cristo Jesus mediante a fé no Senhor.

Quando o homem cego de nascença, mencionado em João 9, foi expulso do “rol de membros” do templo de Jerusalém pelo fato de ter sido curado por Cristo e por dar testemunho de que Cristo o curou, é que os seus olhos espirituais se abriram para ver o Cristo que o havia curado e que agora se apresentava ao homem curado para também ser o seu Cabeça e Senhor Eterno. Quando aquele que havia sido curado foi expulso do “rol de membros controlados pelos líderes humanos” e creu em Cristo, Cristo o recebeu para fazer parte do “rol eterno de membros” que está diante do Deus Eterno.

Graças a Deus que o tornar-se membro do corpo de Cristo e da Igreja de Deus não é estabelecido pelos padrões das instituições humanas. E graças a Deus que a “membresia” no corpo de Cristo é segundo a fé no Senhor, segundo à sua misericórdia e graça que não julgam as pessoas como as instituições comandadas pelos seres humanos as julgam.

Em Cristo, todos são considerados primogênitos da Igreja que tem os filhos de Deus arrolados nos céus e onde pessoa alguma pode interferir e manipular quem pode e quem não pode constar nesta lista.

As listas humanas ou do mundo presente que são intituladas de cristãs, mas manipuladas pelos seres humanos ao longo da história, são listas que atuam em prol da injustiça e da qual um verdadeiro cristão deveria se afastar, pois as listas terrenas não podem realizar a justiça de Deus, mais um motivo pelo qual a Ordem de Arão também foi revogada.

O firme fundamento em Deus é ser conhecido junto a Deus. E este ser conhecido por Deus é que determina a qual corpo e rol de membros uma pessoa pertence.

*2 Timóteo 2: 19 **Entretanto, o firme fundamento de Deus permanece, tendo este selo: O Senhor conhece os que lhe pertencem. E mais: Aparte-se da injustiça todo aquele que professa o nome do Senhor.***

Assim como o Sumo Sacerdote Eterno, que também é Rei da Justiça e da Paz, intercede no céu junto ao Pai Celestial por cada membro do seu corpo e a partir de onde Ele também lhes fala e ensina, assim também Cristo, o Sumo Sacerdote Eterno da Igreja eterna e livre, arrola ou registra nos céus os membros que verdadeiramente são parte do seu corpo eterno.

*Hebreus 12: 25 **Tende cuidado, não recuseis ao que fala. Pois, se não escaparam aqueles que recusaram ouvir quem, divinamente, os advertia sobre a terra, muito menos nós, os que nos desviamos daquele que dos céus nos adverte,***

*26 **aquele, cuja voz abalou, então, a terra; agora, porém, ele promete, dizendo: Ainda uma vez por todas, farei abalar não só a terra, mas também o céu.***

É diante do Pai Celestial e de Cristo nas regiões celestiais eternas que importa estar arrolado no rol celestial de membros da Igreja do Senhor Jesus Cristo.

*Lucas 10: 19 **Eis aí vos dei autoridade para pisardes serpentes e escorpiões e sobre todo o poder do inimigo, e nada, absolutamente, vos causará dano.***

*20 **Não obstante, alegrai-vos, não porque os espíritos se vos submetem, e sim porque o vosso nome está arrolado nos céus.***

*21 **Naquela hora, exultou Jesus no Espírito Santo e exclamou: Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos e as revelaste aos pequeninos.***

Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado.

*22 **Tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém sabe quem é o Filho, senão o Pai; e também ninguém sabe quem é o Pai, senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar.***

F. A Igreja é o Corpo de Cristo e Jamais a Cabeça do Corpo

Uma maneira de esclarecer uma série de características do que a Igreja de Cristo é em sua essência é ver a equivalência que ela tem com a sua exposição também como corpo de Cristo constituído pelas pessoas que creem em Cristo Jesus e que tem a Ele como o Senhor de suas vidas.

Quando, porém, alguém também pretende avançar mais em direção ao objetivo de ver as principais características do funcionamento da Igreja de Cristo, é imprescindível que a posição de Cristo, como o Cabeça do seu corpo ou da sua Igreja, também seja compreendida de forma sóbria e clara.

O aspecto de que Cristo é o Cabeça do seu corpo, ou da sua Igreja, precisa ser repetidamente mencionado, pois embora muitas pessoas o pronunciem com os lábios, muitas delas, na prática diária da vida, não creem realmente nesta posição de Cristo.

Muitas pessoas que se dizem cristãs nem sequer estão conscientes que Cristo é o Cabeça da sua vida pessoal e ainda muitos menos conscientes elas estão de que Cristo é o Único Cabeça de todo o seu corpo e de toda a sua Igreja.

Outras pessoas, por outro lado, até alegam entender alguns aspectos da direção individual e pessoal que Cristo oferece à cada pessoa e para cada matrimônio estabelecido segundo o princípio de Deus, mas ainda se mostram persistentes em querer argumentar que precisam de outros cristãos que estejam como líderes sobre suas vidas e que liderem os encontros e a coexistência coletivo dos cristãos.

Em outras palavras, muitas vezes, os mesmos indivíduos que dizem que Cristo é suficiente para dirigir a vida de cada pessoa, são os mesmos que dizem que os membros do corpo ou da Igreja de Cristo também necessitam de “mediadores” ou no mínimo necessitam de “mediadores” para os aspectos “coletivos”. Eles tentam vender a ideia de que os cristãos necessitam de “mediadores” que falem em nome de um grupo de cristãos quando se trata da sua expressão “coletiva” ou do “mútuo relacionamento” dos membros do corpo ou da Igreja de Cristo.

Entretanto, as Escrituras não nos informam que Cristo somente é o Cabeça dos membros do seu corpo e que Ele não o é no coletivo. Pelo contrário, as Escrituras nos ensinam que o Senhor Jesus Cristo é “o Cabeça” do seu corpo no todo ou no coletivo assim como Ele é o Cabeça de cada um dos membros do seu corpo, sendo, portanto, também o Cabeça de toda a sua Igreja.

Colossenses 1: 18 **Ele é a cabeça do corpo, da igreja.**
Ele é o princípio, o primogênito de entre os mortos, para em todas as coisas ter a primazia,
¹⁹ **porque aprouve a Deus que, nele, residisse toda a plenitude**
²⁰ **e que, havendo feito a paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele, reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, quer sobre a terra, quer nos céus.**

Considerando que a Igreja de Cristo é o conjunto dos próprios membros da sua Igreja e que Cristo é o Cabeça de cada membro, isto nos mostra que a questão de Cristo ser Cabeça também do seu corpo na perspectiva coletiva é inseparável do aspecto Dele ser Cabeça em relação à cada membro.

Quando as pessoas pensam na Igreja do Senhor Jesus Cristo como uma instituição ou como um grupo de pessoas na Terra ao qual elas precisam se filiar como membros enquanto vivem no presente mundo, também é quando correm o risco de pensar institucionalmente segundo as instituições humanas que necessitam ou demandam dirigentes, estatutos ou normas terrenas para funcionarem.

A Igreja de Cristo, porém, existe independentemente do conceito humano de instituição, liderança, estatuto e das definições e constituições dos seus ajuntamentos.

Se, por exemplo, houver só um cristão em uma cidade, a Igreja do Senhor já está presente naquela cidade, e Cristo pode perfeitamente guiar este cristão sem precisar estabelecer outro cabeça sobre ele. De forma similar, se houverem dois cristão em um local que se conhecem e se comunicam como irmãos em Cristo, a Igreja não somente já está naquela cidade, como ela também já se reúne ali através da comunhão que um irmão tem com o outro, e isto sem precisar de liderança entre eles, pois Cristo disse:

Mateus 18: 20 **Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles.**

Ao dizer que Ele está no meio daqueles que se reúnem em seu nome, Cristo nos mostra porque Ele é e pode ser Senhor do seu próprio corpo ou da sua Igreja também no aspecto coletivo.

Em relação ao último verso citado acima, lembramos que o texto precisa ser visto apropriadamente para uma pessoa não passar a pensar que a Igreja é a própria reunião de dois, três ou mais. A Igreja são as pessoas que se reúnem, tendo cada uma, individualmente, a Cristo como o Senhor da sua vida, motivo pelo qual Cristo se manifesta no meio deles.

Quando dois ou três cristãos estão reunidos em o nome do Senhor Jesus, eles estão promovendo uma reunião daqueles que já são Igreja. E isto se refere somente a uma reunião da Igreja de Cristo, destacando mais uma vez, que a reunião em si mesma não é a Igreja propriamente dita.

Lembramos mais uma vez também que a Igreja de Cristo em um local ou em uma cidade são as pessoas que creem no Senhor Jesus Cristo e que tem a Cristo no coração como o Senhor e Cabeça da sua vidas. E é isto o que caracteriza uma pessoa ser a Igreja de Cristo, um membro do corpo de Cristo ou parte da família de Deus.

Agora, quer em uma cidade ou local tenha um só membro do corpo de Cristo, quer tenha dois membros, quer tenha milhares de membros, quer os membros deste local se encontrem todos e se conheçam todos ou, ainda, quer eles se encontrem em locais distintos e muitos nem saibam quem são os outros cristãos da mesma região na qual eles habitam, a Igreja continua tendo a característica de ser constituída por todos os cristãos que estão ligados diretamente ao Cabeça, assim como continua tendo a característica de ter um só e único Cabeça, a saber: O Senhor Jesus Cristo.

Quer a Igreja seja pequena ou grande, em termos de quantidade de membros em algum lugar específico, ela continua sendo o corpo de Cristo. E Cristo continua sendo o Cabeça deste corpo quer os membros estão separados em suas mais diversas atividades ou quando os membros estão em alguma atividade conjunta.

Ainda que a Igreja de Cristo venha a constituir a maioria dos habitantes de um local ou de uma cidade, ela ainda seria somente “corpo” de Cristo, não cabeça, porque Cristo é o único Cabeça da sua Igreja.

Uma coletividade pequena ou grande jamais pode fazer com que a Igreja de Cristo alcance o status de ser um pouco ou muito a cabeça do corpo ou da Igreja de Cristo.

A Igreja de Cristo simplesmente não recebeu a vocação de ser cabeça de si própria nem em pequenas e nem em grandes partes e nem em temas relacionados aos membros pelos quais ela é composta.

Quando vemos a promessa de Deus de que os cristãos que recebem a abundância da graça e o dom da justiça também reinarão em vida, jamais deveríamos nos esquecer que um cristão somente reina quando está *em Cristo e através de Cristo*, o que também se aplica à toda a Igreja de Cristo que essencialmente são pessoas *em Cristo*.

Um cristão somente se torna apto a reinar conforme a vontade de Deus sobre situações da sua vida através do Cabeça de toda a Igreja.

Romanos 5: 17 **Se, pela ofensa de um e por meio de um só, reinou a morte, muito mais os que recebem a abundância da graça e o dom da justiça reinarão em vida por meio de um só, a saber, Jesus Cristo.**

A questão da Igreja de Cristo não ser chamada para ser cabeça de si mesma, e nem de pequenas partes de si, deveria estar muito bem firmada no entendimento de um cristão, pois muitas pessoas, de muitas formas, não querem se conformar à esta realidade e procuram corromper de várias formas a vocação da Igreja de Cristo de ser corpo e não cabeça.

E uma questão prática do que está sendo dito nestes últimos parágrafos, por exemplo, é que uma vez que a Igreja de Cristo é corpo e não cabeça do corpo, a Igreja também não é credenciada a falar “em nome da Igreja” para os seus membros e nem para os que são de fora, para o mundo, pois esta posição não lhe é conferida por Cristo e porque o único nome pelo qual a Igreja pode se pronunciar em verdade é o nome do seu Única Cabeça, a saber: O Senhor Jesus Cristo.

Tentar fazer algo “em nome da Igreja” é uma tentativa gravíssima de distorção de comando do corpo, pois os que tentam dizer que falam “em nome da Igreja” estão tentando afirmar que a Igreja tem autoridade independente sobre os seus membros. E com isto, tentam afirmar que a Igreja tornou-se o cabeça em vez de Cristo.

Assim, tentam afirmar que o “corpo” pode tomar o lugar de Cristo quando parte deste corpo entender ser conveniente a ela fazê-lo, sem, contudo, ser autorizada para isto por Cristo ou por Deus.

Quando, no tópico anterior, abordamos o aspecto de casamento e família, mencionamos que “a casa” jamais recebeu de Deus a vocação para designar o que cada um dos membros da “casa” deveria ser e fazer na vida, pois as definições do funcionamento da “casa” são dadas à família pelo Cabeça da família e individualmente de cada um dos seus membros, a saber novamente: O Senhor Jesus Cristo.

“A casa” tem vocação de auxiliar e servir aqueles que a edificam, mas não tem vocação dada por Deus para ser cabeça dos seus membros, o que se aplica também à Igreja de Cristo visto que ela também é chamada de “casa de Deus”.

Quando as pessoas, “*em nome da Igreja*”, começam a dizer aos membros o que eles devem fazer ou porque “aquela casa ou Igreja” funciona de uma ou de outra forma, é porque o afastamento deles de Cristo já se instalou de forma muito acentuada e grave.

Além disso, a Igreja não tem autorização de Deus para ter a “sua própria doutrina”, pois a “doutrina da Igreja” deveria ser sempre seguir a “doutrina de Cristo”, o seu Único Cabeça.

Quando um grupo de pessoas começa a compilar a “sua própria doutrina”, é à doutrina de homens e mulheres que este grupo está se inclinando e não a Cristo, ainda que a “doutrina” que o grupo diz seguir tenha grandes parcelas das Escrituras.

No capítulo anterior, quando foi tratado o assunto do casal constituir uma “casa”, vimos que a “casa” pode querer se tornar um conceito pelo qual as pessoas começam a tentar governar e comandar a própria “casa”. Mas assim como a “casa ou um lar” deveria estar sujeita ao governo do casal, assim a “casa chamada Igreja”, que é o conjunto de pessoas que individualmente tem a Cristo no coração, também deveria sempre estar sujeita à Cristo como o Único Cabeça desta “casa”.

Até com frequência, grupos de pessoas podem vir a pensar que a Igreja, a casa de Deus, no seu aspecto coletivo tem vocação coletiva de governar a si própria e a seus integrantes, mas isto simplesmente não é encontrado na nova aliança, pois a Igreja da nova aliança é “corpo” e “não cabeça”, tendo somente a Cristo como o Cabeça sobre ela.

Considerando que a Igreja é uma figura feminina em relação a Cristo e que ela também é equiparada à noiva de Cristo, quando uma parte da Igreja de Cristo começa a querer comandar outras partes desta Igreja, ou seja, outras pessoas da Igreja, esta parte da Igreja procura fazer o que nos é alertado pelo profeta Isaías, a saber:

Isaías 3: 12 Os opressores do meu povo são crianças, e mulheres estão à testa do seu governo. Oh! Povo meu! Os que te guiam te enganam e destroem o caminho por onde deves seguir.

Repetindo, então, mais uma vez:

A Casa, a Igreja, o Corpo, o Coletivo de membros, nunca recebeu de Cristo a vocação de ser “cabeça”.

E quando um grupo insiste em querer ser cabeça da Igreja, ele destrói o caminho ou as veredas daqueles que se deixam guiar pela “casa” ou pela suposta “igreja”, a qual desta forma, se permanecer neste caminho, também deixa de ser, na sua essência, uma Igreja de Cristo e torna-se um corpo estranho de pessoas guiadas por pessoas, cegos dirigindo outros cegos, pessoas sem cabeça liderando outras pessoas igualmente sem cabeça, sendo uma “igreja” sim, mas não a Igreja do Senhor Jesus Cristo.

G. O Corpo de Cristo Não Está Autorizado a Ter Sub-bandeiras ou Subalianças

Quando começamos a ver que no mundo há muitas possibilidades para as pessoas se tornarem associadas a rol de membros terrenos relativos às questões espirituais e religiosas, e até muitos deles denominados de cristãos, podemos observar que isto somente se dá pelo fato das pessoas também criarem os grupos ou instituições que se prestam a este propósito.

Entretanto, quanto ao corpo de Cristo ou a Igreja de Cristo, convém ressaltar que em nenhum lugar das Escrituras o Pai Celestial e o Senhor Jesus autorizaram os cristãos a criarem os seus próprios grupos, com seus próprios nomes ou com suas próprias *sub-bandeiras*, ainda que debaixo do título maior do nome de Cristo ou cristão.

O único nome e a única bandeira que um cristão está autorizado a usar para se apresentar “como cristão” e para se referir à Igreja do Senhor é o nome de Cristo ou de cristão.

*Colossenses 3: 17 **E tudo o que fizerdes, seja em palavra, seja em ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai.***

O texto acima não poderia ser mais direto, mais simples, mais abrangente ou mais objetivo do que ele já é.

Em nenhum lugar Deus autorizou as pessoas a “fatiarem” a sua Igreja por temas, por pessoas que lideram um determinado grupo ou por objetivos, visões e missões que determinados grupos de indivíduos querem estabelecer ou almejam alcançar.

*1 Coríntios 1: 11 **Pois a vosso respeito, meus irmãos, fui informado, pelos da casa de Cloe, de que há contendas entre vós.***

*12 **Refiro-me ao fato de cada um de vós dizer: Eu sou de Paulo, e eu, de Apolo, e eu, de Cefas, e eu, de Cristo.***

*13 **Acaso, Cristo está dividido? Foi Paulo crucificado em favor de vós ou fostes, porventura, batizados em nome de Paulo?***

*1 Coríntios 3: 3 ... **porque ainda sois carnais, pois, havendo entre vós inveja, contendas e dissensões, não sois, porventura, carnais e não andais segundo os homens?***

*4 **Porque, dizendo um: Eu sou de Paulo; e outro: Eu, de Apolo; porventura, não sois carnais?***

O cristão é chamado a carregar um só nome ou uma só bandeira de fé, pois ele está ligado a um só Cabeça e que tem o Nome que está acima de todo nome.

*1 Pedro 5: 14 **Se, pelo nome de Cristo, sois injuriados, bem-aventurados sois, porque sobre vós repousa o Espírito da glória e de Deus.***

- 15 Não sofra, porém, nenhum de vós como assassino, ou ladrão, ou malfetor, ou como quem se intromete em negócios de outrem;**
16 mas, se sofrer como cristão, não se envergonhe disso; antes, glorifique a Deus com esse nome.

Quando um cristão precisa ficar explicando a que “grupo de cristãos” ele pertence e se este grupo é de evangélicos, protestantes, católicos, anglicanos, ortodoxos ou qualquer outra variação que os homens ou mulheres criaram, e se somente o nome de Cristo ou cristão já não é suficiente, este cristão começa a se afastar da simplicidade que há em Cristo e começa a incorrer no risco de querer ver a Cristo dividido em *sub-bandeiras* para as quais os cristãos não foram chamados pelo Senhor a tomar parte.

Quando as pessoas confundem a Igreja de Cristo com o conceito meramente linguístico da palavra grega “*ekklesia*”, onde a reunião e uma assembleia local podem definir o que é uma determinada igreja, estas pessoas também começam a usar o nome de suas *sub-bandeiras* por não compreenderem que a Igreja de Cristo não é uma associação terrena, mas é o conjunto de membros vivos ou indivíduos do corpo eterno de Cristo.

Quando as pessoas confundem a Igreja de Cristo com o conceito do grupo que formam ou do qual fazem parte, elas começam a chamar as suas instituições e os seus grupos de “igreja”, e começam também a esquecer que a verdadeira Igreja de Cristo é constituída de todos os cristãos genuínos, não importando onde se encontrem ou estejam localizados desde que se mantenham unidos no Cabeça de todo o Corpo, o Senhor Jesus Cristo.

O “o primeiro amor de um cristão” é Cristo. E Dele, uma pessoa salva por Deus jamais deveria se afastar e cujo nome ela jamais deveria deixar de exaltar por causa de envolvimento com a promoção de supostos *subnomes* do corpo de Cristo que lhe são sugeridos ou aos quais outras pessoas querem que ela se associe.

Ora, “o primeiro amor de um cristão” só pode ser “Cristo”, pois Cristo é o único que morreu em seu favor e é o único que nos foi concedido por Deus para mediar as pessoas com Ele, para habitar em nosso coração e para ser o nosso Cabeça de agora e para sempre.

Nenhum outro ser ou nenhum grupo de pessoas, a não ser Cristo, morreu em favor da salvação dos pecadores a ponto destes poderem ser remidos da culpa do pecado, da condenação de morte e para torná-los, mediante à graça de Deus, em indivíduos dignos de terem sobre si o nome do Senhor e a bandeira daquele que para eles é a justiça, santificação e redenção do reino celestial.

- 1 Coríntios 1: 30 Mas vós sois dele, em Cristo Jesus, o qual se nos tornou, da parte de Deus, sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção,**
31 para que, como está escrito: Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor.

Nem mesmo se somarmos todos os membros do corpo de Cristo ou nem mesmo a soma das vidas de todos os membros da Igreja de Cristo poderia vir a ser apresentada como a provisão de propiciação dos pecados de um só dos seus membros ou de uma só pessoa perdida. Somente Cristo, o Cabeça do seu corpo, é que fez a provisão em favor

de cada indivíduo da sua Igreja, tendo, por isto, o “*único Nome*” digno de estar coletivamente sobre todo o seu corpo, mas também sobre cada um dos membros do seu do corpo.

Nem a Igreja toda de Cristo, e muito menos uma parcela dela, pode salvar uma única pessoa sequer. SÓ CRISTO É O SALVADOR DA SUA IGREJA, tendo por isto a condição exclusiva de Cabeça e do Nome sobre cada cristão.

A Igreja não salva ninguém. As pessoas somente são salvas *em Cristo*. E por isto, a primazia do nome e da bandeira que um cristão carrega e que lhe dá cobertura é pertinente “exclusivamente” a Cristo.

É a *bandeira de Cristo* que o mundo aguarda ser vista sobre os cristãos, sobre os filhos de Deus, e não as *sub-bandeiras* de homens, mulheres ou de suas instituições, pois estas não tem nenhum poder para a salvação eterna das almas perdidas, assim como não têm nenhum poder para conceder novidade de vida eterna vinda do reino de Deus.

*Salmos 20: 5 **Celebraremos com júbilo a tua vitória e em nome do nosso Deus hastearemos pendões (banners, bandeiras); satisfaça o***

SENHOR a todos os teus votos.

*6 **Agora, sei que o SENHOR salva o seu ungido; ele lhe responderá do seu santo céu com a vitoriosa força de sua destra.***

*7 **Uns confiam em carros, outros, em cavalos; nós, porém, nos gloriaremos em o nome do SENHOR, nosso Deus.***

*Atos 4: 8 **Então, Pedro, cheio do Espírito Santo, lhes disse: Autoridades do povo e anciãos,***

*9 **visto que hoje somos interrogados a propósito do benefício feito a um homem enfermo e do modo por que foi curado,***

*10 **tomai conhecimento, vós todos e todo o povo de Israel, de que, em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, a quem vós crucificastes, e a quem Deus ressuscitou dentre os mortos, sim, em seu nome é que este está curado perante vós.***

*11 **Este Jesus é pedra rejeitada por vós, os construtores, a qual se tornou a pedra angular.***

*12 **E não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos.***

Além disso, nenhum cristão é a carta em nome de Paulo ao mundo, a carta de Pedro ao mundo, a carta de Apolo ao mundo, a carta da associação ou do grupo a, b ou c ao mundo, a carta da assembleia x, y ou z ao mundo.

Um cristão não é chamado a carregar *sub-bandeiras* de homens e mulheres ou de suas criações, ideias, agrupamentos ou instituições, pois o cristão é a Carta de Cristo ao mundo, a carta escrita pelo Espírito de Deus para que Cristo seja enaltecido, pois, afinal de contas, é somente *em Cristo* que as pessoas podem encontrar a salvação e a novidade de vida eterna de Deus.

Quando Paulo mencionou que os cristãos são como uma carta a ser apresentada para ser conhecida e lida por todos, ele sabia muito bem quem era Aquele em nome de quem estas cartas foram escritas.

- 2Coríntios 3: 1* ***Começamos, porventura, outra vez a recomendar-nos a nós mesmos? Ou temos necessidade, como alguns, de cartas de recomendação para vós outros ou de vós?***
- 2*** ***Vós sois a nossa carta, escrita em nosso coração, conhecida e lida por todos os homens,***
- 3*** ***estando já manifestos como carta de Cristo, produzida pelo nosso ministério, escrita não com tinta, mas pelo Espírito do Deus vivente, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne, isto é, nos***
corações.
- 4*** ***E é por intermédio de Cristo que temos tal confiança em Deus;***
- 5*** ***não que, por nós mesmos, sejamos capazes de pensar alguma coisa, como se partisse de nós; pelo contrário, a nossa suficiência vem de Deus,***
- 6*** ***o qual nos habilitou para sermos ministros de uma nova aliança, não da letra, mas do espírito; porque a letra mata, mas o espírito vivifica.***
-

E ainda, para concluir este tópico, além de não ser chamado a usar *sub-bandeiras* que lhe são apresentadas como supostas opções de *nomes subcristãos*, podemos ver que um cristão, *em Cristo*, também não é chamado a se associar a *subalianças* em relação à vida cristã como se alguém delas necessitasse.

No tópico anterior, mencionamos que se uma pessoa, para alcançar a salvação, para se tornar parte de Cristo ou para permanecer sendo considerada salva precisasse se associar a um grupo terreno chamado de alguma forma direta ou indireta de “grupo cristão”, esta pessoa estaria sendo exposta a um conceito vil de que por uma aliança com este grupo é que ela estaria se associando a Cristo.

Quando um grupo propaga que uma pessoa precisa firmar uma aliança com ele para ser parte do corpo de Cristo, este grupo está anunciando que através da aliança com o grupo específico, um indivíduo pode tornar-se parte do grupo maior, que é a Igreja de Cristo. E isto, caracterizaria o oferecimento de uma aliança menor para ser parte de uma aliança maior e o que chamamos aqui de uma *subaliança* para ser parte da aliança com Cristo. Entretanto, este caminho de ação não tem qualquer respaldo do Senhor para ser proposto e adotado.

As proposições de *subalianças* são tentativas de espalhar falsamente o conceito de que Cristo teria distribuído agências ou cartórios terrenos para que as pessoas pudessem se ligar a Ele indiretamente via estas agências, usando estas agências para angariar os membros da Igreja de Cristo.

Ora, se um grupo ou agência se intitula como um local onde as pessoas podem se filiar na Terra para se filiarem a Cristo, esta agência não está se apresentando como uma “mediadora” entre Deus e os seres humanos?

Assim, quando Deus declarou que Cristo é Único Mediador entre Deus e os seres humanos, o Pai Celestial não estava se referindo somente a outras pessoas tentarem fazer esta mediação, mas também estava se referindo às instituições e aos grupos que as

peçoas tanto gostam de criar e manter para tentarem representar a Deus na Terra, apesar de nenhuma delas ser reconhecida como válida diante do Senhor Eterno.

Portanto, a Igreja de Cristo não é uma agência ou uma série de agências onde as pessoas podem se ligar a Cristo. A Igreja de Cristo são os membros do corpo de Cristo que estão diretamente e individualmente no Senhor e que são chamados a testemunhar à outras pessoas que estas também podem se ligar diretamente ou pessoalmente ao Senhor Jesus.

*Filipenses 2: 9 **Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome,**
10 **para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra,**
11 **e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai.***

O vínculo de uma pessoa com Cristo é estabelecido diretamente com Cristo e não entre uma pessoa através de outra pessoa, mas também não é através de um grupo ou instituição que um indivíduo pode fazer uma aliança com o Senhor Jesus ou vir a se tornar membro do corpo de Cristo.

Independentemente do nome que se dê à forma que é oferecida para uma pessoa se associar a um grupo terreno para esta também poder obter a sua associação ao corpo de Cristo, o ato exigido para uma pessoa se associar a um grupo sempre é uma forma ou um tipo que se assemelha à circuncisão humana ou carnal, e sempre é uma proposição humana de mediação entre Deus e os seres humanos que o Senhor jamais aceitará e sempre repudiará.

Não existe um meio horizontal e nem uma via humana pela qual uma pessoa possa se ligar ao corpo ou à Igreja de Cristo, quer seja por associação a outras pessoas ou quer seja por associação à grupos e instituições que as pessoas constituem.

Se um indivíduo não se ligar primeiramente, diretamente e pessoalmente a Cristo, ele não consegue se ligar ao corpo ou à Igreja de Cristo. Ou seja, não existem caminhos alternativos na Terra e nas proposições humanas para alguém poder a vir a ser parte da Igreja do Senhor.

*João 14: 6 **Disse-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim.***

Por maior ou mais ostensivo que seja um agrupamento de pessoas ou uma instituição que os seres humanos criam, ou por menor e mais simples que seja o seu agrupamento, se houver alguma exigência adicional à simplicidade da fé em Cristo para se tornar parte do corpo de Cristo, assim como para se manter ligado a Cristo, este agrupamento de pessoas é um tipo de tentativa de “mediação” entre Deus e os seres humanos, e portanto, equivalente à uma aliança do tipo da Ordem de Arão, a qual já não tem mais validade e reconhecimento diante de Deus.

As pessoas que exigem associação, pacto ou filiação à elas ou aos seus grupos, comunidades e instituições, sob a bandeira de que é esta a forma dos indivíduos se ligarem à Igreja de Cristo, são indivíduos que chamam as pessoas até a porta do reino de Deus, cuja porta é Cristo para todo aquele que Nele crê, mas que ali, diante da porta, não deixam os que chegam a eles entrarem de fato no reino do Senhor por exigirem que se filiem a eles ou aos seus grupos. Atitude esta, que tem impedido a muitos de se achegarem ao reino de Deus em liberdade como deveriam se achegar.

Mateus 23: 13 Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque fechais o reino dos céus diante dos homens; pois vós não entrais, nem deixais entrar os que estão entrando!

Os promotores de *sub-bandeiras* e *subalianças* gostam de contabilizar quantos indivíduos entram ou se filiam de uma só vez nas suas associações. Entretanto, *em Cristo*, não é assim. *Em Cristo*, cada pessoa é um indivíduo especial e não um número. Cada pessoa é tão singular que o próprio Cristo se encarrega de estabelecer com cada uma a nova aliança.

Somente Cristo é a porta estreita através da qual uma pessoa somente passar individualmente para entrar no reino de Deus. Mas também por isto, essa porta leva àquele que passa por ela a um relacionamento direto com a única verdadeira fonte de novidade vida, assim como à uma vida guiada pelo Único Cabeça que a todos pode guiar individualmente e, ao mesmo tempo, coletivamente.

Mateus 7: 13 Entrai pela porta estreita (larga é a porta, e espaçoso, o caminho que conduz para a perdição, e são muitos os que entram por ela),

14 porque estreita é a porta, e apertado, o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela.

João 20: 30 Na verdade, fez Jesus diante dos discípulos muitos outros sinais que não estão escritos neste livro.

31 Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome.

1 João 5: 13 Estas coisas vos escrevi, a fim de saberdes que tendes a vida eterna, a vós outros que credes em o nome do Filho de Deus, e para continueis a crer no nome do Filho de Deus. (RA+KKJV)

Salmos 148: 13 Louvem o nome do SENHOR, porque só o seu nome é excelso; a sua majestade é acima da terra e do céu.

H. O Governo da Igreja de Cristo É Segundo o Reino de Deus e Não Segundo os Reinos do Mundo

Conforme já comentamos em vários estudos da presente série sobre O Evangelho, As Boas Novas da Parte de Deus, tudo o que se refere àquilo que Deus nos revela através do seu Evangelho tem a característica de ser distinto do que há no mundo, visto que o Evangelho de Deus também é o Evangelho que procede do reino de Deus e não dos reinos do mundo.

E considerando também que é através do Evangelho do Senhor que nós tomamos conhecimento da glória de Cristo como o Rei e Cabeça do seu corpo ou da sua Igreja, podemos observar, neste mesmo Evangelho, que a regência ou o governo de Cristo como o Cabeça igualmente é em conformidade ao reino de Deus e não segundo os reinos dos seres humanos.

A posição e a atuação de Cristo como o Cabeça da sua Igreja não seguem nem os princípios de governo que há entre os povos e nem as formas estruturais sob as quais os governos terrenos procuram exercer as suas funções, mas os critérios próprios ou singulares do reino eterno de Deus.

A maneira como Cristo está posicionado e exerce a sua condição de Cabeça do seu corpo ou da sua Igreja, não tem um paralelo completo no mundo e em nenhum dos mais variados modelos humanos de regência. O conhecimento de como é a regência de Cristo sobre o seu corpo nos é concedido pelas próprias características do reino eterno que Deus nos revela a partir dos céus.

Tentar compreender e estabelecer os padrões de regência, governo ou administração do corpo ou da Igreja de Cristo baseado em conceitos humanos ou terrenos desembocará, certamente, em caminhos e ações através dos quais se tentará distorcer a verdadeira maneira de funcionamento da Igreja do Senhor e a verdadeira forma pela qual o Senhor estabeleceu para conduzir o seu corpo.

Quando uma pessoa recebe a Cristo no coração, ela automaticamente já é inserida em uma condição espiritual de governo inteiramente nova quando comparada com aquilo que provavelmente viu como definição do que é regência e a posição de um regente em relação à vida dos outros. Entretanto, pelo fato dos modelos de governo do mundo lhe serem mais familiares, esta pessoa muitas vezes também pode acabar buscando ou se envolvendo com tipos de governo para a sua vida cristã segundo os modelos do mundo e não segundo a novidade de vida que lhe está disponível *em Cristo*.

Depois que uma pessoa recebe a Cristo no coração, ela passa a ter disponível *em Cristo* tudo aquilo que ela necessita para viver e andar segundo a vida cristã. Entretanto, esta pessoa também precisa se expor para uma renovação de entendimento para compreender melhor esta mudança em sua vida, mudança que também se aplica, ou prioritariamente deveria se aplicar, à questão da maneira como Cristo, o Cabeça da Igreja, estabeleceu a regência sobre cada um dos membros, sobre o coletivo de membros e sobre o relacionamento entre os membros da Igreja do Senhor.

Romanos 12: 2 E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.

A maneira como Deus estabeleceu o governo de Cristo sobre a sua Igreja realmente é muito distinta de qualquer regência do mundo, pois ela não somente define o governo de Cristo sobre todo o seu corpo, mas ela também estabelece os princípios de regência relacionados a como os membros do seu corpo ou da sua Igreja são chamados a se relacionarem uns com os outros.

Cristo veio oferecer às pessoas do mundo um caminho de salvação para a vida eterna acompanhada de novidade de vida celestial já de imediato para aqueles que recebem esta salvação. Entretanto, Cristo também veio oferecer toda uma nova maneira das pessoas se relacionarem com Ele, com o Pai Celestial e com o Espírito Santo para, a partir deste novo relacionamento, também poderem se relacionar diferentemente com as outras pessoas que também constituem o corpo ou a Igreja de Cristo.

Ressaltando mais uma vez o que foi dito nestes últimos parágrafos, quando o Evangelho do Senhor nos ensina sobre a glória de Cristo ser o Cabeça do seu corpo ou da sua Igreja, ele nos ensina que a regência de Cristo sobre a sua Igreja abrange, no mínimo, os seguintes três aspectos:

- ⇒ 1º) A posição de Cristo em relação a cada membro da sua Igreja e a posição de cada membro em relação a Cristo como o Cabeça pessoal deste membro;
- ⇒ 2º) A posição de Cristo em relação ao coletivo de membros da sua Igreja e a posição deste coletivo de membros em relação a Cristo como o Cabeça de todo o seu corpo ou Igreja;
- ⇒ 3º) A posição de cada membro em relação aos outros membros da Igreja de Cristo.

Sem uma compreensão mínima e conjunta dos três aspectos citados no parágrafo anterior, uma pessoa também poderá ter muita dificuldade para uma compreensão minimamente apropriada sobre a posição de governo de Cristo sobre a sua Igreja, pois se um destes aspectos for compreendido e praticado de forma inapropriada também os outros tendem a serem compreendidos de forma inadequada.

Somente se cada cristão fosse um indivíduo inteiramente isolada de outras pessoas é que nós poderíamos falar somente do primeiro aspecto acima referenciado. Entretanto, uma vez que houver mais de um cristão envolvido no relacionamento com Cristo, os demais aspectos também estarão presentes.

Pelo fato de muitos cristãos não verem os três aspectos em referência de forma conjunta, muitos acabam sendo envolvidos em proposições de regência relacionadas à sua vida cristã que de fato não procedem de Deus e que acabam tentando estabelecer uma grande confusão que mistura conceitos de governo ou regência do mundo com o governo que é pertinente ao corpo ou à Igreja de Cristo.

Uma dos principais pontos que deveria ficar evidente a respeito da regência de Cristo sobre a sua Igreja, é que os seus variados aspectos estão entrelaçados entre si e que o abandono ou a distorção de apenas um critério pode afetar automaticamente também os outros.

Considerando que Cristo é o Cabeça direto de cada membro da sua Igreja, se, por exemplo, um membro intentar ser cabeça de outro membro, esta atitude também contraria o governo de Cristo sobre cada membro da

sua Igreja, sobre todo o seu corpo e o relacionamento entre os próprios membros do corpo de Cristo.

No que se refere ao governo sobre a vida pessoal de um indivíduo, não há como inverter, por exemplo, a posição de um membro da Igreja de Cristo em relação a outro sem que isto também reflita em outros aspectos de governo que há no corpo de Cristo.

O corpo ou a Igreja de Cristo não se assemelha às instituições ou governos humanos onde é possível fazer repetidas mudanças nas ordens hierárquicas e nos sistemas de governos aos quais estão sujeitos. O corpo ou a Igreja de Cristo somente aceita uma forma hierárquica e um caminho de governo que jamais poderá ser alterado.

As pessoas que persistirem na tentativa de mudar a hierarquia que há na Igreja de Cristo podem inclusive virem a ficar sujeitas a serem desligadas do corpo de Cristo, se é que de fato pertenciam ao corpo de Cristo. Nenhuma pessoa poderá prevalecer na sua intenção de desvirtuar a ordem de governo da Igreja que pertence exclusivamente ao Senhor Jesus, Aquele que guarda e protege a Igreja que lhe pertence para não ser tomada pelas distorcidas proposições humanas.

Aqueles que insistem em querer estabelecer na Igreja de Cristo os seus próprios objetivos, visões, missões, planos ou qualquer outro nome que queiram dar às suas intenções, ou que insistem em reger ou governar a vida dos outros membros do corpo de Cristo, querem dominar os outros para desligá-los de Cristo assim como eles não se mantiveram unidos ao Cabeça por causa das suas mentalidades e compreensões carnavais.

*Colossenses 2: 18 **Ninguém vos prive do prêmio, alegando humildade ou culto aos anjos, baseando-se em visões, enfatuado (inchado e soberbo) sem motivo algum na sua mente carnal.***
*19 **e não se mantendo unido à Cabeça, da qual todo o corpo, provido e organizado pelas juntas e ligaduras, vai crescendo com o aumento concedido por Deus. (EC)***

O crescimento na novidade de vida do Senhor e o prêmio que dela advém está *em Cristo*. Porém, essa novidade de vida somente pode ser alcançada por aqueles membros do corpo ou da Igreja de Cristo que estiverem ligado diretamente ao Cabeça do corpo que é Cristo. Por esta razão, é esta conexão direta de cada membro com o Cabeça da Igreja que muitos não querem aceitar, pois ela contraria as maneiras de regência que há no mundo e que muitos tentam introduzir e impor sobre a Igreja do Senhor.

Ainda em outra versão das Escrituras, encontramos o texto exposto acima da seguinte maneira:

*Colossenses 2: 18 **Ninguém vos domine a seu bel-prazer, com pretexto de humildade e culto dos anjos, metendo-se em coisas que não viu; estando debalde inchado na sua carnal compreensão,***
*19 **e não ligado à cabeça, da qual todo o corpo, provido e organizado pelas juntas e ligaduras, vai crescendo em aumento de Deus. (RC)***

Assim, sob a perspectiva de ver o governo do Cabeça Cristo sobre o seu corpo a partir dos critérios do reino de Deus, podemos observar que **um dos pontos que**

mais intriga ou até confronta o entendimento de muitas pessoas sobre a Igreja de Cristo refere-se à liberdade que cada um dos membros da Igreja do Senhor encontra sob o governo exercido por Cristo para poder *viver e andar diretamente em Cristo* apesar de ter irmãos ou irmãs *em Cristo* com os quais podem ter comunhão.

Quando as Escrituras nos anunciam que todos os membros do corpo de Cristo podem ter acesso pessoal, individual e direto ao Cabeça da Igreja, muitas pessoas, e dentre elas até muitos cristãos, não se dão conta e não percebem que este acesso direto e pessoal a Cristo também define que na Igreja de Cristo:

- ⇒ 1) Não há hierarquias humanas para um cristão acessar pessoalmente o Cabeça da Igreja;
- ⇒ 2) Não há hierarquias humanas para um cristão pessoalmente ser guiado por Cristo;
- ⇒ 3) Não há hierarquias humanas para um cristão poder se relacionar com outros cristãos ou não há hierarquias humanas previstas para o relacionamento mútuo dos cristãos no que se refere ao relacionamento como membros do corpo ou da Igreja de Cristo.

Na Igreja do Senhor Jesus Cristo a hierarquia é muito simplificada, pois ela é composta de Cristo, o Único Cabeça de todos, e cada membro ligado ao Cabeça se sujeitando ao Cabeça, estando todos os membros em posição igual em relação à Cristo e uns em relação aos outros.

Em Cristo, no corpo de Cristo, na Igreja de Cristo ou na família de Deus, cada membro é designado para ser fundamentado diretamente em Cristo assim como é chamado para ser regido e guiado por Cristo, permitindo que cada membro possa estar “*da planta dos pés à cabeça em Cristo*”.

Em Cristo, cada membro da sua Igreja, corpo ou família é chamado a *viver e andar no Senhor* sem quaisquer mediadores nem no que tange à fundamentação em Cristo e nem quanto ao governo de Cristo sobre cada um dos membros do seu corpo.

Colossenses 2: 6 Como, pois, recebestes o Senhor Jesus Cristo, assim também andai nele,

7 arraigados e edificados nele e confirmados na fé, assim como fostes ensinados, crescendo em ação de graças.

8 Tende cuidado para que ninguém vos faça presa sua, por meio de filosofias e vãs sutilezas, segundo a tradição dos homens, segundo os rudimentos do mundo e não segundo Cristo;

9 porque nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade.

10 E estais perfeitos nele ... (RC)

Não há no corpo de Cristo membros que não pertençam, primeiramente e totalmente, a Cristo Jesus. E não há membros na Igreja de Cristo que tenham mais direitos do que outros para estarem *em Cristo* e para se relacionarem diretamente com o Senhor.

E as tentativas de revogação ou alteração desta hierarquia simples que há na vida de um membro da Igreja de Cristo em relação ao Cabeça desta Igreja e aos demais membros jamais são aceitas por Deus, nem mesmo no que se refere à expressão coletiva da Igreja de Cristo.

*1 Coríntios 3: 21 **Portanto, ninguém se glorie nos homens; porque tudo é vosso:***

22 seja Paulo, seja Apolo, seja Cefas, seja o mundo, seja a vida, seja a morte, sejam as coisas presentes, sejam as futuras, tudo é vosso,
23 e vós, de Cristo, e Cristo, de Deus.

Se os membros do corpo de Cristo não respeitarem a hierarquia simples na qual cada um pode acessar a Cristo diretamente e na qual todos os membros se encontram na mesma posição de uns para com os outros, a convivência ou comunhão mútua dos membros da Igreja de Cristo também será prejudicada.

Ainda em outras palavras, se alguns cristãos que pretendem se encontrar e ter comunhão com os outros cristãos não compreenderem e não respeitarem que os seus irmãos e irmãs de fé ou da Igreja de Cristo têm somente um Senhor e que nenhum membro da Igreja de Cristo é chamado ou tem vocação para ser cabeça de outro membro, estes cristãos ainda não estão preparados para conviverem com os demais e necessitam, com urgência, reverem se o que eles querem alcançar no relacionamento com os demais não é segundo os preceitos de regência do mundo em vez dos princípios do reino de Deus.

Em termos da hierarquia segundo o governo de Cristo, a Igreja de Cristo que está sujeita ao Pai Celestial somente tem dois níveis hierárquicos, a saber:

- ⇒ 1º) Cristo como o Único Cabeça de todo o seu corpo ou de toda a sua Igreja;
- ⇒ 2º) Os membros do corpo ou da Igreja de Cristo sem distinção de superioridade ou inferioridade de uns para com outros.

Quando as Escrituras declaram que Cristo é o Único Fundamento da vida segundo o reino de Deus e também o Único Cabeça a partir de quem toda a vida é provida e organizada para crescimento em Deus, elas nos ensinam que todos aqueles que recebem o reino são:

- ⇒ 1) Pessoalmente edificados diretamente sobre este fundamento, um ao lado do outro e não alguns sobre outros;
- ⇒ 2) Pessoalmente colocados lado a lado com outros cristãos sob o Senhorio de Um Só Senhor e Pastor, e não um debaixo de outros ou atrás de outros.

Respeitadas várias peculiaridades de cada pessoa e dos dons que Cristo concede a cada membro do seu corpo ou da sua Igreja, quanto ao estar no fundamento da vida eterna e quanto ao ser posto sob o Cabeça do corpo de Cristo, todos os cristãos tem a mesma posição diante de Cristo e são iguais em posição hierárquica a todos os seus semelhantes que estão *em Cristo*.

Cristo e várias outras partes da Escrituras claramente já definiram que:

- ⇒ 1) Há um só Salvador para todos os pecadores e perdidos;
- ⇒ 2) Há um só Nome que está acima de todo nome pelo qual importa que as pessoas sejam salvas;
- ⇒ 3) Há um só Mestre para todos os irmãos e irmãs da família de Deus;
- ⇒ 4) Há um só Guia para todos os seguidores e discípulos de Cristo;
- ⇒ 5) Há um só Mediador entre Deus e todos os seres humanos;
- ⇒ 6) Há um só Pai Celestial para todos os seus filhos eternos e nascidos em Cristo, e há só um Pai Eterno digno de ser chamado de “*nosso Pai*”;
- ⇒ 7) Há um só Pastor para todas as ovelhas de um só rebanho do Senhor;
- ⇒ 8) Há um só Rei dos reis, e há um só Senhor dos senhores;
- ⇒ 9) Há um só Fundamento sobre o qual todos os cristãos podem ser edificados;
- ⇒ 10) Há um só Cabeça sobre todos os membros do corpo ou da Igreja de Cristo.

Abaixo relacionamos, então, alguns textos para lembrar os princípios recém mencionados acima:

1 Timóteo 2: 5 **Porque há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo, homem,**
6 o qual se deu a si mesmo em preço de redenção por todos, para servir de testemunho a seu tempo. (RC)

Mateus 23: 1 **Então, falou Jesus às multidões e aos seus discípulos:**

- ...
- 8 Vós, porém, não sereis chamados mestres, porque um só é vosso Mestre, e vós todos sois irmãos.**
- 9 A ninguém sobre a terra chameis vosso pai; porque só um é vosso Pai, aquele que está nos céus.**
- 10 Nem sereis chamados guias (ou líderes), porque um só é vosso Guia, o Cristo.**
- 11 Mas o maior dentre vós será vosso servo.**
- 12 Quem a si mesmo se exaltar será humilhado; e quem a si mesmo se humilhar será exaltado.**

João 10: 14 **Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem a mim,**
15 assim como o Pai me conhece a mim, e eu conheço o Pai; e dou a minha vida pelas ovelhas.
16 Ainda tenho outras ovelhas, não deste aprisco; a mim me convém conduzi-las; elas ouvirão a minha voz; então, haverá um rebanho e um pastor.

Como o Único Cabeça da sua Igreja, Cristo nunca designou uma pessoa sequer para esta fazer discípulos de si mesma ou das visões, instituições e

organizações que esta pessoa cria ou com as quais ela se associa no presente mundo.

O Senhor Jesus chamou as pessoas a serem discípulos Dele e para fazerem discípulos e seguidores de Cristo de tal forma que Ele seja o Único Guia e Cabeça destes discípulos ou seguidores.

*Colossenses 1: 26 ... o mistério que estivera oculto dos séculos e das gerações; agora, todavia, se manifestou aos seus santos;
27 aos quais Deus quis dar a conhecer qual seja a riqueza da glória deste mistério entre os gentios, isto é, Cristo em vós, a esperança da glória;
28 o qual nós anunciamos, advertindo a todo homem e ensinando a todo homem em toda a sabedoria, a fim de que apresentemos todo homem perfeito em Cristo.*

A mentalidade ou a proposição de definições de governo através de mediações plurais foi permitida por Deus durante o período autorizado para o funcionamento da Ordem de Arão. Entretanto, visto a fraqueza e a inutilidade daquela forma de regência sobre a vida das pessoas, Deus, já desde os tempos antigos e também através do profeta Ezequiel, profetizou o fim da regência espiritual plural sobre o seu povo, anunciando também a condição única de Cristo que acabamos de mencionar acima e conforme exemplificamos mais uma vez abaixo:

*Ezequiel 34: 1 Veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo:
2 Filho do homem, profetiza contra os pastores de Israel; profetiza e dize-lhes: Assim diz o SENHOR Deus: Ai dos pastores de Israel que se apascentam a si mesmos! Não apascentarão os pastores as ovelhas?
3 Comeis a gordura, vestis-vos da lã e degolais o cevado; mas não apascentais as ovelhas.
4 A fraca não fortaleceste, a doente não curaste, a quebrada não ligaste, a desgarrada não tornaste a trazer e a perdida não buscastes; mas dominais sobre elas com rigor e dureza.
5 Assim, se espalharam, por não haver pastor, e se tornaram pasto para todas as feras do campo.
6 As minhas ovelhas andam desgarradas por todos os montes e por todo elevado outeiro; as minhas ovelhas andam espalhadas por toda a terra, sem haver quem as procure ou quem as busque.
7 Portanto, ó pastores, ouvi a palavra do SENHOR:
8 Tão certo como eu vivo, diz o SENHOR Deus, visto que as minhas ovelhas foram entregues à rapina e se tornaram pasto para todas as feras do campo, por não haver pastor, e que os meus pastores não procuram as minhas ovelhas, pois se apascentam a si mesmos e não apascentam as minhas ovelhas, –
9 portanto, ó pastores, ouvi a palavra do SENHOR:
10 Assim diz o SENHOR Deus: Eis que eu estou contra os pastores e deles demandarei as minhas ovelhas; porei termo no seu pastoreio, e não se apascentarão mais a si mesmos; livrarei as minhas ovelhas da sua boca, para que já não lhes sirvam de pasto.
11 Porque assim diz o SENHOR Deus: Eis que eu mesmo procurarei as minhas ovelhas e as buscarei.*

- 12** Como o pastor busca o seu rebanho, no dia em que encontra ovelhas dispersas, assim buscarei as minhas ovelhas; livrá-las-ei de todos os lugares para onde foram espalhadas no dia de nuvens e de escuridão.
- 13** Tirá-las-ei dos povos, e as congregarei dos diversos países, e as introduzirei na sua terra; apascentá-las-ei nos montes de Israel, junto às correntes e em todos os lugares habitados da terra.
- 14** Apascentá-las-ei de bons pastos, e nos altos montes de Israel será a sua pastagem; deitar-se-ão ali em boa pastagem e terão pastos bons nos montes de Israel.
- 15** Eu mesmo apascentarei as minhas ovelhas e as farei repousar, diz o SENHOR Deus.
- 16** A perda buscarei, a desgarrada tornarei a trazer, a quebrada ligarei e a enferma fortalecerei; mas a gorda e a forte destruirei; apascentá-las-ei com justiça.
- 17** Quanto a vós outras, ó ovelhas minhas, assim diz o SENHOR Deus: Eis que julgarei entre ovelhas e ovelhas, entre carneiros e bodes.
- 18** Acaso, não vos basta a boa pastagem? Haveis de pisar aos pés o resto do vosso pasto? E não vos basta o terdes bebido as águas claras? Haveis de turvar o resto com os pés?
- 19** Quanto às minhas ovelhas, elas pastam o que haveis pisado com os pés e bebem o que haveis turvado com os pés.
- 20** Por isso, assim lhes diz o SENHOR Deus: Eis que eu mesmo julgarei entre ovelhas gordas e ovelhas magras.
- 21** Visto que, com o lado e com o ombro, dais empurrões e, com os chifres, impelis as fracas até as espalhardes fora,
- 22** eu livrarei as minhas ovelhas, para que já não sirvam de rapina, e julgarei entre ovelhas e ovelhas.
- 23** Suscitarei para elas um só pastor, e ele as apascentará; o meu servo Davi é que as apascentará; ele lhes servirá de pastor.
- 24** Eu, o SENHOR, lhes serei por Deus, e o meu servo Davi será príncipe no meio delas; eu, o SENHOR, o disse.
- 25** Farei com elas aliança de paz e acabarei com as bestas-feras da terra; seguras habitarão no deserto e dormirão nos bosques.
- 26** Delas e dos lugares ao redor do meu outeiro, eu farei bênção; farei descer a chuva a seu tempo, serão chuvas de bênçãos.
- 27** As árvores do campo darão o seu fruto, e a terra dará a sua novidade, e estarão seguras na sua terra; e saberão que eu sou o SENHOR, quando eu quebrar as varas do seu jugo e as livrar das mãos dos que as escravizavam.
- 28** Já não servirão de rapina aos gentios, e as feras da terra nunca mais as comerão; e habitarão seguramente, e ninguém haverá que as espante.
- 29** Levantar-lhes-ei plantação memorável, e nunca mais serão consumidas pela fome na terra, nem mais levarão sobre si o opróbrio dos gentios.
- 30** Saberão, porém, que eu, o SENHOR, seu Deus, estou com elas e que elas são o meu povo, a casa de Israel, diz o SENHOR Deus.
- 31** Vós, pois, ó ovelhas minhas, ovelhas do meu pasto; homens sois, mas eu sou o vosso Deus, diz o SENHOR Deus.

Por que Deus interrompeu a continuidade do sistema de regência plural de pastores sobre aqueles que creem Nele e que constituem o seu povo, incluindo no termo *pastores* também os *sacerdotes, escribas, príncipes, reis e profetas*?

Conforme já exposto amplamente em capítulos anteriores, Deus permitiu aos seres humanos tentarem viver por uma aliança segundo o intento carnal dos homens para conhecerem a fraqueza e inutilidade das proposições sugeridas por eles. Entretanto, vindo a “*plenitude do tempo*” em que a fraqueza das referidas propostas já estava amplamente demonstrada, Deus, através de Cristo Jesus, interrompeu aquela antiga aliança e a declarou obsoleta e revogada uma vez que Deus não criou os seres humanos para serem como filhos que não tenham acesso direto e pessoal ao seu Pai Eterno.

A regência exclusiva e direta do Senhor Jesus Cristo como o Cabeça sobre toda a sua Igreja ou sobre toda a família de Deus é a manifestação clara do propósito que sempre esteve no coração de Deus para com todas as pessoas a fim de que cada pessoa possa conhecer e ter comunhão pessoal com o seu Criador Eterno.

Romanos 5: 10 **Porque, se nós, quando inimigos, fomos reconciliados com Deus mediante a morte do seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida;**
11 e não apenas isto, mas também nos gloriamos em Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, por intermédio de quem recebemos, agora, a reconciliação.

2 Coríntios 5: 18 **Ora, tudo provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo e nos deu o ministério da reconciliação,**
19 a saber, que Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões, e nos confiou a palavra da reconciliação.

Ora, considerando que o sistema de mediação sacerdotal ou pastoral da Ordem de Arão não funcionou e se mostrou fraco e inútil, acrescido ainda de ser destrutivo para a vida das pessoas que o seguem, Deus não iria querer libertar as pessoas das antigas escravidões das dominações de outras pessoas e reconciliá-las consigo mesmo *em Cristo* para depois voltar a escravizá-las àquilo que já foi provado que não funciona.

Na nova aliança oferecida por Deus *em Cristo Jesus*, conforme está exposto no estudo Conhecendo Sobre Deus ou Conhecendo a Deus, somos convidados a conhecer pessoalmente a Deus para que também sejamos instruídos, primeiramente, pelo Senhor através do seu precioso e imensurável Espírito Santo.

Hebreus 8: 8 **E, de fato, repreendendo-os, diz: Eis aí vêm dias, diz o Senhor, e firmarei nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá,**
9 não segundo a aliança que fiz com seus pais, no dia em que os tomei pela mão, para os conduzir até fora da terra do Egito; pois eles não continuaram na minha aliança, e eu não atentei para eles, diz o Senhor.

- 10 **Porque esta é a aliança que firmarei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o Senhor: na sua mente imprimirei as minhas leis, também sobre o seu coração as inscreverei; e eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo.**
- 11 **E não ensinará jamais cada um ao seu próximo, nem cada um ao seu irmão, dizendo: Conhece ao Senhor; porque todos me conhecerão, desde o menor deles até ao maior.**
- 12 **Pois, para com as suas iniquidades, usarei de misericórdia e dos seus pecados jamais me lembrarei.**
- 13 **Quando ele diz Nova, torna antiquada a primeira. Ora, aquilo que se torna antiquado e envelhecido está prestes a desaparecer.**

Mateus 11: 28 **Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei.**

- 29 **Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma.**
- 30 **Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve.**

João 14: 26 ... **mas o Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito.**

No cumprimento da missão que havia recebido do Senhor, Paulo, como um apóstolo de Cristo, por exemplo, jamais se apresentou para ser “cabeça” de outros cristãos, deixando explícito, por diversas vezes, quem ele era e quem Cristo era para com os demais membros do corpo ou da Igreja de Cristo.

Paulo disse que importa, e muito, como as pessoas consideram umas às outras, inclusive aquelas que pregam e ensinam mais intensamente sobre o Evangelho de Deus para que ninguém venham a enaltecer os servos de Cristo em demasia e em contrariedade à condição exclusiva de Cristo sobre a sua Igreja, conforme exemplificado mais uma vez abaixo:

- 1 Coríntios 4: 1* **Assim, pois, importa que os homens nos considerem como ministros de Cristo e despenseiros dos mistérios de Deus.**
- 2 **Ora, além disso, o que se requer dos despenseiros é que cada um deles seja encontrado fiel.**

- 1 Coríntios 3: 4* **Quando, pois, alguém diz: Eu sou de Paulo, e outro: Eu, de Apolo, não é evidente que andais segundo os homens?**
- 5 **Quem é Apolo? E quem é Paulo? Servos por meio de quem crestes, e isto conforme o Senhor concedeu a cada um.**
- 6 **Eu plantei, Apolo regou; mas o crescimento veio de Deus.**
- 7 **De modo que nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que dá o crescimento.**

Paulo escreve a nós que no relacionamento entre os membros do corpo de Cristo, é crucial que uns não considerem aos outros além do que eles são, ou, em outras palavras, não os considerem mais do que cada um é diante de Deus e do corpo de Cristo.

Quando Paulo diz que as pessoas deveriam considerá-lo como “ministro ou servo de Cristo” e “dispenseiro dos mistérios de Deus”, ele não tinha a mentalidade distorcida dos nossos dias onde as pessoas veem a expressão “*ministro de Deus*” como um título, um cargo e uma posição elevada acima dos demais cristãos, mas ele considerava a si próprio e vivia segundo o que a palavra *ministro* ou *servo* significava em seus dias.

A palavra *ministro* à qual Paulo faz referência, por exemplo, segundo as anotações associadas na Online Bible ao léxico de Strong, significa:

Criado;

Remador de baixa categoria, remador subordinado;

Qualquer que serve com as mãos: criado;

No NT, dos empregados ou serventes dos magistrados;

Servos de um rei, criados, acompanhantes, os soldados de um rei, dos atendentes de uma sinagoga;

Servos de alguém que ministra ou presta serviços;

Alguém que ajuda outro em algum trabalho;

Assistente.

Um “*ministro ou servo de Cristo*”, de acordo com o descrito pelo significado da palavra exposta acima, não é chamado para reinar sobre os seus irmãos ou dominá-los, antes é chamado para servir em nome do Único Rei a quem todos são chamados a ter como o Cabeça das suas vidas.

Já como “*dispenseiros dos mistérios de Deus*”, vemos que Paulo se apresenta como um mordomo ou distribuidor dos mistérios de Deus.

Mas quais eram os mistérios de Deus que Paulo foi chamado a apresentar às pessoas?

Os mistérios de Deus que Paulo e outros servos do Senhor anunciavam depois da vinda de Cristo em carne ao mundo eram as boas novas de salvação eterna e do Evangelho que revelavam às pessoas o fato de que somente Cristo é o Salvador, Senhor, Sumo Sacerdote Eterno, Rei da Justiça e Rei da Paz, ou ainda, que somente Cristo é o Cabeça do seu corpo ou da sua Igreja.

E o verdadeiro “ministro de Cristo” é humilde, é servo de Cristo e não aceita ser visto pelas demais pessoas acima do que convém a ele como membro do corpo de Cristo, e também é aquele que sempre aponta para Cristo como o Único e Soberano Cabeça de toda a sua Igreja, não aceitando jamais ser posto em posição equivalente à de Cristo, nem ainda em pequena medida.

O verdadeiro “ministro de Cristo”, o que serve ao Senhor, apesar de também ser filho de Deus, não compete com Aquele que ele serve, não compete para ter a posição de quem Ele é servo ou ministro, e não entra em disputa com Aquele que o chamou no sentido de tentar tomar a glória do Senhor para si diante daqueles a quem ele foi enviado a servir.

Todo indivíduo que se diz “ministro ou servo de Cristo”, mas também quer ser cabeça de outros cristãos, ou quer parcialmente ser cabeça, é um indivíduo agindo em falsidade e em contrariedade à posição de Cristo como o Único Cabeça e, portanto, não deve ser aceito como “ministro de Cristo”, pois apesar de usar o termo *ministro*, não é a Cristo que ele serve de fato.

*Lucas 11: 23 **Quem não é por mim é contra mim; e quem comigo não ajunta espalha.***

Tanto através de ensinamentos como seu exemplo pessoal, Paulo nos instruiu repetidamente que um membro do corpo não é cabeça e mediador de outro membro do corpo, mas como membro, sempre deveria permanecer na condição de membro.

Ainda que um membro, em certos momentos, pôde ou pode ser útil e de grande auxílio a outros membros, isto não lhe transforma em cabeça e nem lhe confere o direito de ser líder de outro membro do corpo ou da Igreja de Cristo.

Como é precioso o conceito de uma família saudável no seu relacionamento quando se reúne. Entretanto, como é triste e doentio quando um irmão ou irmã quer impor-se sobre o outro irmão ou irmã por que, por exemplo, tem um cargo e uma profissão mais valorizada na sociedade ou porque acha que serviu mais aos outros que os outros lhe serviram.

Cristo nos apresenta uma nova aliança e um novo sacerdócio. E já vimos que a troca de sacerdócio implica em mudança de lei. E, por sua vez, a troca de lei também inclui deixar para trás o sistema associado àquela lei, inclusive o sistema de governo plural sobre o povo que havia na antiga aliança.

A lei da nova aliança é a lei de Cristo e a lei da liberdade no Senhor. E sob esta lei, todos são livres para se achegarem a Cristo e, por meio Dele, ao Pai Celestial para serem também instruídos e guiados por Aquele a quem Deus estabeleceu como o Cabeça de toda a sua Igreja, na qual todos são irmãos e irmãs, mediante a fé em Deus, da mesma família de filhos do Pai Celestial, e na qual todos são chamados a considerar uns aos outros em respeito e amor.

*1 João 4: 21 **Ora, temos, da parte dele, este mandamento: que aquele que ama a Deus ame também a seu irmão.***

*1 Coríntios 7: 23 **Por preço fostes comprados; não vos torneis escravos de homens.***

*Gálatas 5: 1 **Estai, pois, firmes na liberdade com que Cristo nos libertou e não torneis a meter-vos debaixo do jugo da servidão.** (RC)*

I. Um Aspecto Altamente Negativo da Resistência a Cristo como o Cabeça da Sua Igreja

Na medida em que passamos a ver a glória de Cristo estabelecido por Deus como o Cabeça, passamos a ver que Cristo é o Cabeça (1) de cada pessoa que Nele crê e o recebe como o Senhor, (2) de cada matrimônio estabelecido segundo o princípio de Deus e (3) de todo o conjunto de cristãos genuínos também chamado de corpo de Cristo, a Igreja de Cristo ou a Igreja de Deus.

E um dos aspectos essenciais da posição de Cristo como o Cabeça de toda a pessoa que Nele crê e de toda a sua Igreja está relacionado ao estabelecimento da reconciliação de cada indivíduo com Deus a tal ponto que cada um possa ser guiado diretamente pelo Senhor, mas também para que cada indivíduo possa cooperar com as ações de Deus realizadas através de muitos cristãos, conforme exemplificado respectivamente abaixo:

*1 Coríntios 1: 9 **Fiel é Deus, pelo qual fostes chamados à comunhão de seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor.***

*Efésios 3: 8 **A mim, o menor de todos os santos, me foi dada esta graça de pregar aos gentios o evangelho das insondáveis riquezas de Cristo***
*9 **e manifestar qual seja a dispensação do mistério, desde os séculos, oculto em Deus, que criou todas as coisas,***
*10 **para que, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus se torne conhecida, agora, dos principados e potestades nos lugares celestiais,***
*11 **segundo o eterno propósito que estabeleceu em Cristo Jesus, nosso Senhor,***
*12 **pelo qual temos ousadia e acesso com confiança, mediante a fé nele.***

*2 Coríntios 1: 11 **... ajudando-nos também vós, com as vossas orações a nosso favor, para que, por muitos, sejam dadas graças a nosso respeito, pelo benefício que nos foi concedido por meio de muitos.***

Quando, porém, passamos a abordar o tema sobre a Igreja de Cristo, há alguns aspectos muito relevantes que precisam ser observados devido à uma série de conceituações equivocadas sobre a Igreja do Senhor que foi se espalhando pelo mundo com o passar dos séculos.

Conforme já comentamos nos tópicos anteriores, a governo de Cristo, como o Cabeça da sua Igreja, não é segundo os reinos da Terra, e nem a Igreja foi chamada para ser cabeça de si mesma ou de partes de si própria. Aspectos estes, que tornam a regência sobre a Igreja de Cristo singular e distinta, mas que também desperta oposição precisamente por ser tão diferente das regências ou das formas de governar segundo os seres humanos e os reinos do presente mundo.

Considerando que muitas pessoas no mundo não querem a Cristo guiando as suas próprias vidas, é evidente também que elas não irão querer a Cristo guiando os aspectos coletivos nos quais elas vivem.

Entretanto, o aspecto que leva muitas pessoas resistirem à posição exclusiva de Cristo como o Cabeça da sua Igreja é particularmente intrigante visto que a adesão à Igreja de Cristo é completamente voluntária e opcional, o que nem sempre ocorre em relação aos demais aspectos da sociedade na qual uma pessoa vive.

O que é intrigante na questão da oposição à regência exclusiva de Cristo sobre a Igreja que pertence a Ele é o fato de pessoas quererem fazer parte da Igreja de Cristo, mas não quererem aceitar as características de funcionamento desta mesma Igreja.

Uma vez que, da parte de Deus, nenhuma pessoa é obrigada a participar da Igreja de Cristo, pois a possibilidade de ser parte dela é um oferecimento de Deus através do Evangelho e que somente pode ser aceito por voluntariedade de fé em Cristo, por que, então, as pessoas querem tanto fazer parte da Igreja do Senhor e mudar as características de governo desta Igreja se podem optar em nem fazer parte dela?

Diante desta última pergunta, passamos a ver mais uma vez a importância de Deus ter permitido, para testemunho histórico, que um grupo de pessoas pudesse tentar viver segundo a Ordem de Arão ou segundo a ordem sujeita à lei de Moisés, pois **os mesmos aspectos carnis que levaram as pessoas a optarem pelo primeiro e falho sacerdócio levítico, também são os mesmos aspectos que levam as pessoas a quererem ser parte da Igreja de Cristo, mas, ao mesmo tempo, não quererem o governo direto de Cristo sobre suas vidas pessoais.**

As pessoas que querem fazer parte da Igreja de Deus, mas não querem que Cristo reine sobre as suas vidas pessoais, adotam, com outros nomes, as mesmas atitudes que as pessoas do povo liberto da dominação do Egito adotaram no deserto quando queriam a salvação, proteção e o cuidado do Único Deus verdadeiro, mas que não queriam que este Deus se relacionasse pessoalmente com cada indivíduo para que os seus corações não fossem iluminados com a instrução e os caminhos do Senhor.

Há muitas pessoas no mundo que querem ser parte da Igreja de Cristo devido à salvação e bênçãos que pensam poder obter por estarem associadas a ela, pois reconhecem que a Igreja de Cristo é um caminho essencial pelo qual Deus atua, mas, ao mesmo tempo, não querem Cristo regendo as suas vidas, colocando-se desta forma entre aqueles que “coxeiam entre dois pensamentos” que não podem ser compatibilizados.

Muitas pessoas que resistem à posição de Cristo como o Cabeça da sua Igreja são aquelas que querem fazer parte da Igreja do Senhor pelos benefícios que pensam que poderão obter da associação à Igreja do Senhor, mas que não querem de fato o governo ou senhorio do próprio Cristo sobre as suas vidas.

E quando vemos a resistência que as pessoas fazem à posição de Cristo como o Cabeça da sua Igreja, mas, ao mesmo tempo, querendo ser parte da Igreja de Cristo por causa dos benefícios que pensam poder alcançar desta associação, podemos observar mais uma vez como o ser humano, confiante em si mesmo, pode ser soberbo e presunçoso, pensando que Deus deve lhe abençoar pelo fato de praticar algumas obras externas ainda que não venha a ter um coração humilde ou contrito diante do Senhor.

O mesmo pensamento de realização de obras e adesão externa que havia nas pessoas da antiguidade em relação à Ordem de Arão, também é um pensamento que muitos têm como sendo algo possível de ser feito em relação à Igreja de Cristo, não se dando conta, porém, que **quando se muda o sacerdócio, necessariamente há também mudança de lei**, e ainda, que *em Cristo*, ninguém é justificado por associações exteriores, circuncisão ou prática de obras mesmo que as pessoas aleguem que suas obras estão sendo feitas em associação à Igreja de Cristo.

Quando vemos a resistência que as pessoas fazem à posição de Cristo como o Cabeça da sua Igreja, mas querendo ao mesmo tempo ser parte da Igreja de Cristo por causa dos benefícios que pretendem alcançar da associação a ela, podemos observar mais uma vez como o ser humano, confiante em si mesmo ou em outros seres humanos, resiste a dar a primazia da sua vida e a devida glória ao Deus que o criou.

E, por sua vez, quando passamos a retornar à questão de quem terá a primazia na vida de cada pessoa, voltamos, novamente, ao mesmo ponto do pecado de Adão e Eva, assim como do pecado de resistência à primazia de Deus que havia por trás da Ordem de Arão.

Hebreus 3: 10 **Por isso, me indignei contra essa geração e disse: Estes sempre erram no coração; eles também não conheceram os meus caminhos.**

11 **Assim, jurei na minha ira: Não entrarão no meu descanso.**

12 **Tende cuidado, irmãos, jamais aconteça haver em qualquer de vós perverso coração de incredulidade que vos afaste do Deus vivo;**

13 **pelo contrário, exortai-vos mutuamente cada dia, durante o tempo que se chama Hoje, a fim de que nenhum de vós seja endurecido pelo engano do pecado.**

Apesar das pessoas que não querem a Cristo em seus corações e não querem fazer parte da Igreja de Cristo também não experimentarem a salvação de Deus e os benefícios que acompanham esta salvação, em alguns sentidos, a atitude delas é ao menos mais explícita do que aqueles que dizem querer fazer parte da Igreja, mas não querem na realidade que a primazia em suas vidas pertença ao Único Cabeça da Igreja de Deus.

A condição intermediária entre querer a Igreja, mas não querer as condições que acompanham a associação à esta Igreja para ser de fato parte dela, que resumem-se em estar ligado e manter-se ligado ao Cabeça do corpo, coloca uma pessoa que a adota em uma posição muito precária e na qual, diante de Cristo, não será permitido que ela permaneça desta forma, mesmo que tente mostrar uma aparente devoção a Deus ou tente se ocultar por detrás de uma aparente fidelidade para com o Senhor e à sua Igreja.

Apocalipse 3: 15 **Conheço as tuas obras, que nem és frio nem quente. Quem dera fosses frio ou quente!**

16 **Assim, porque és morno e nem és quente nem frio, estou a ponto de vomitar-te da minha boca;**

17 **pois dizes: Estou rico e abastado e não preciso de coisa alguma, e nem sabes que tu és infeliz, sim, miserável, pobre, cego e nu.**

Portanto, nenhuma pessoa pode ser fiel à Igreja de Cristo se ela não for, primeiramente, fiel a Cristo, o Único estabelecido por Deus como o Cabeça de cada indivíduo que crê e permanece Nele.

Nenhuma ação horizontal para com a Igreja de Cristo pode compensar a ausência da permanência em Cristo e de se submeter a Cristo como Ele sendo o Senhor ou Cabeça da vida individual daquele que Nele crê.

A comunhão e o amor entre aqueles que são da Igreja do Senhor somente são possíveis de serem praticados por aqueles cristãos que, primeiramente, tem comunhão com o Senhor Jesus e a Ele se sujeitam.

- 1 João 1: 1* **O que era desde o princípio, o que temos ouvido, o que temos visto com os nossos próprios olhos, o que contemplamos, e as nossas mãos apalparam, com respeito ao Verbo da vida**
2 **(e a vida se manifestou, e nós a temos visto, e dela damos testemunho, e vo-la anunciamos, a vida eterna, a qual estava com o Pai e nos foi manifestada),**
3 **o que temos visto e ouvido anunciamos também a vós outros, para que vós, igualmente, mantenhais comunhão conosco. Ora, a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo.**

- 1 João 5: 2* **Nisto conhecemos que amamos os filhos de Deus: quando amamos a Deus e praticamos os seus mandamentos.**

A não aceitação da primazia, soberania e governo de Cristo como o Cabeça na vida pessoal, mas ainda assim querer os benefícios de Deus, assim como ocorreu no deserto com o povo liberto do Egito, é uma das razões mais proeminentes que fazem surgirem tantas tentativas de estabelecer conceitos variados de igrejas, mas que, ao mesmo tempo, também contrariam tanto o que é de fato a verdadeira Igreja do Senhor.

É *em Cristo* que uma pessoa é convidada a ser habilitada para ser instruída e capacitada também para reger a sua vida de comunhão com os outros sem querer dominar os seus semelhantes. E se uma pessoa se afastou desta simplicidade que há no relacionamento entre Cristo e os membros da sua Igreja, cabe a ela um genuíno arrependimento diante do Senhor a quem exclusivamente pertence a condição de Cabeça da sua própria Igreja.

- Apocalipse 3: 19* **Eu repreendo e disciplino a quantos amo. Sê, pois, zeloso e arrepende-te.**
20 **Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele, comigo.**
21 **Ao vencedor, dar-lhe-ei sentar-se comigo no meu trono, assim como também eu venci e me sentei com meu Pai no seu trono.**

*Romanos 5: 17 **Se, pela ofensa de um e por meio de um só, reinou a morte, muito mais os que recebem a abundância da graça e o dom da justiça reinarão em vida por meio de um só, a saber, Jesus Cristo.***

*Tiago 4: 7 **Sujeitai-vos, portanto, a Deus; mas resisti ao diabo, e ele fugirá de vós.***

J. A Igreja Celestial e as Perversas Tentativas de Torná-la Terrena

Como resultado do anelo por fazer parte da Igreja de Cristo para obter benefícios a partir dela, mas, ao mesmo tempo, como resultado de não querer o governo de Cristo como o Cabeça ou não saber desta regência do Senhor, muitas oposições à soberania e à exclusividade de Cristo sobre o seu corpo têm sido adotadas ao longo dos séculos após o Senhor ter revelado a existência da sua Igreja aos seres humanos.

Estas oposições, motivadas por aspectos já expostos no tópico anterior, variam desde pessoais e pequenas resistências até oposições organizadas e institucionalizadas de formas muito extensas ou grandes.

E novamente, para compreender algumas das principais oposições à posição de Cristo como o Único Cabeça da sua Igreja, é imprescindível compreender que a Igreja de Cristo não pode ser dissociada das pessoas que tem a Cristo como o Senhor.

Algo que é muito significativo ter em mente ao ler as Escrituras sobre a Igreja de Cristo é o aspecto de que nos dias em que as Escrituras foram produzidas, não havia ainda uma cultura tão expressiva de pessoas jurídicas e de instituições que há nos dias contemporâneos, permitindo fazer referências à Igreja sem o peso e a ênfase que as instituições jurídicas têm nos dias atuais.

Quando, por exemplo, as Escrituras mencionam sobre funções como as de diáconos, anciãos ou presbíteros, elas não estão se referindo às titulações de cargos que as pessoas ocupam nas instituições jurídicas como, por exemplo, nas empresas, clubes ou instituições religiosas como nos dias recentes.

O crescimento industrial e a urbanização das pessoas nos últimos e recentes séculos acentuaram muito as questões das organizações jurídicas ou formalmente instituídas, e as quais foram criadas para que a população pudesse ter um referencial mais definido dos seus diversos ajuntamentos que passaram a fazer em torno de áreas comuns de trabalho ou de encontro.

Até a poucos séculos atrás, era muito mais comum se fazer a referência às próprias pessoas de acordo com as suas profissões do que a uma empresa na qual alguém trabalhasse. Antigamente fazia-se muito mais referência ao cabeleireiro, ao padeiro, ao marceneiro, ao ferreiro, ao fazendeiro, ao agricultor do que à barbearia, padaria, oficina, fazenda ou empresa agrícola como se faz nos dias atuais.

Com o advento do crescimento institucional e do estabelecimento da contabilidade empresarial e tributária, de certa forma, houve uma despersonalização de pessoas em muitas áreas, levando ao fato de que atualmente, muitas vezes, as pessoas falam mais das suas relações com entidades jurídicas do que dos seus relacionamentos com as pessoas que nelas trabalham.

Entretanto, em relação à Igreja de Cristo, esta concepção institucional é completamente inapropriada, pois a Igreja de Cristo não é e nunca virá a ser um órgão organizacional humano e que possa ser concebido e registrado como tal na Terra, assim como o reino de Deus na Terra não vem com forma aparente e visível.

Lucas 17: 20 Interrogado pelos fariseus sobre quando viria o reino de Deus, Jesus lhes respondeu: Não vem o reino de Deus com visível aparência.

21 Nem dirão: Ei-lo aqui! Ou: Lá está! Porque o reino de Deus está dentro de vós.

Muitas instituições registradas podem receber o nome de “*igreja*”, mas considerando que a “*Igreja de Cristo*”, basicamente ou essencialmente, é constituída de pessoas, e pessoas salvas em Cristo Jesus, absolutamente nenhum registro humano institucional que se intitula de “*igreja*” é de fato “*a Igreja de Cristo*”.

As tentativas de institucionalização da Igreja de Cristo sob parâmetros terrenos e humanos são tentativas carnavais e distorcidas para tentar registrar na Terra o que não pode ser registrado no mundo natural.

A Ordem de Arão tinha templos e registros terrenos. Já a Igreja de Cristo tem um santuário nos céus e em cada coração, e jamais tem ou poderá ter um santuário feito por mãos humanas, tanto é que a permissão, por parte de Deus, para a edificação de templos humanos cessou também junto com a revogação da antiga aliança e da declaração de obsolescência da Ordem de Arão, Moisés ou Levítica.

Hebreus 8: 1 Ora, o essencial das coisas que temos dito é que possuímos tal sumo sacerdote, que se assentou à destra do trono da Majestade nos céus,
2 como ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, não o homem.

A não ser o coração, a tentativa de transformar um prédio, uma casa, uma tenda ou qualquer outro aspecto humano em um templo cristão ou chamar isto de Igreja de Cristo é resistir ao Espírito Santo e é resistir ao que Cristo veio prover a partir de sua morte na cruz do Calvário, da sua ressurreição e da sua posição celestial na qual foi assentado pelo Pai Eterno.

Atos 7: 47 Mas foi Salomão quem lhe edificou a casa.
48 Entretanto, não habita o Altíssimo em casas feitas por mãos humanas; como diz o profeta:
49 O céu é o meu trono, e a terra, o estrado dos meus pés; que casa me edificareis, diz o Senhor, ou qual é o lugar do meu repouso?
50 Não foi, porventura, a minha mão que fez todas estas coisas?
51 Homens de dura cerviz e incircuncisos de coração e de ouvidos, vós sempre resistis ao Espírito Santo; assim como fizeram vossos pais, também vós o fazeis.

Reuniões em que os cristãos se encontrarem pessoalmente, obviamente, precisam de um local físico ou terreno para fazê-lo, e isto pode ser uma casa ou suas casas, uma praça, um parque, um salão que alguém disponibiliza e outras áreas. Entretanto, sob nenhuma hipótese, algum destes locais poderá vir a se tornar na Igreja de Cristo, pois a Igreja do Senhor são pessoas e não locais, imóveis, instituições ou outras coisas terrenas.

Portanto, insistir em tentar transformar a “*Igreja de Cristo*” em “*igrejas*” atreladas a algo tangível fisicamente ou juridicamente é, em essência, uma oposição ao que vem a ser a verdadeira “*Igreja de Cristo*”. É uma oposição que procura afastar as pessoas do entendimento de que a “*Igreja de Cristo*” são as pessoas e não as condições e os locais nos quais se reúnem.

A insistência nas tentativas de associar a “*Igreja de Cristo*” à “*igrejas associadas às coisas terrenas*” é uma das mais eminentes oposições e resistências à “*Igreja de Deus*” ao longo dos séculos, e também um dos meios que mais patrocina o surgimento de sucessivas distorções do que efetivamente é a “*Igreja de Cristo*” e de como a “*Igreja do Senhor*” é governada pelo Senhor Jesus.

É através das tentativas de tornar a “*Igreja de Cristo*” em “*igrejas terrenas*” que surgem as mais diversas distorções sobre o entendimento das funções dos membros do corpo de Cristo, assim como surgem as equivocadas concepções de títulos e cargos aos quais os seres humanos tanto se apegam.

O Senhor Jesus Cristo disse que “onde dois ou três” se reunissem em seu nome, “lá Ele estaria”, e isto, também no sentido de dizer que ali estaria manifesto um encontro do seu corpo ou da sua Igreja, mostrando-nos que são as pessoas que determinam quando a Igreja está reunida ou não, e não os supostos locais ou as instituições que elas poderiam vir a criar ou definir para estes encontros.

Quando pessoas começam a dizer que elas “vão a igreja”, “frequentam a igreja a, b ou c” ou que elas “vão edificar a Igreja” pensando em locais físicos, elas já se desviaram da essência do que é o corpo de Cristo e se enveredaram para concepções e termos que usam o nome de “*igreja*”, mas que não são, de fato, a “*Igreja de Cristo*”.

Quando vemos Paulo, quando ainda era mais conhecido pelo nome Saulo, entrar nas casas e perseguir aos cristãos, nós vemos narrado que ele perseguia a Igreja de Cristo perseguindo as pessoas da Igreja do Senhor, e não propriamente as suas casas. Entretanto, as suas perseguições eram ineficazes porque a Igreja viva de Cristo, constituída por seus membros vivos e não por locais ou prédios, saía andando por todos os lugares que eram dispersos pregando e testemunhando sobre Cristo Jesus.

*Atos 8: 3 Saulo, porém, **assolava a igreja, entrando pelas casas; e, arrastando homens e mulheres, encerrava-os no cárcere.***
4 Entrementes, os que foram dispersos iam por toda parte pregando a palavra.

A tentativa de institucionalizar a Igreja de Cristo é muito almejada pelos inimigos da Igreja do Senhor, porque é muito mais fácil perseguir instituições e agrupamentos formalmente estabelecidos e agrupados, mas também é muito mais tangível dominar instituições do que pessoas livres e não agrupadas formalmente nos padrões humanos.

O templo físico de Jerusalém construído sob o governo de Herodes, por exemplo, foi derrubado pelos romanos alguns anos depois que Cristo veio em carne ao mundo e não foi mais reedificado até os dias presentes. Entretanto, nem todo o poderoso império

romano foi capaz de apagar a chama crescente da fé cristã no coração de milhares e milhares de homens, mulheres, crianças, livres ou escravos que passaram a crer em Cristo Jesus.

Conforme já mencionamos nos tópicos anteriores, a Igreja de Cristo não tem estrutura institucional ou hierárquica na Terra. E também é isto que a torna tão singular e, ao mesmo tempo, tão resistida por aqueles que querem algum tipo de dominação e controle sobre os membros do corpo de Cristo.

A tentativa de institucionalização da Igreja de Cristo é muito almejada porque é nas instituições ou nos agrupamentos humanos estruturados que as pessoas conseguem “fatiar” o conjunto todo em partes e de tal forma que estas partes possam ser concedidas ou loteadas àqueles que procuram obter algum espaço de dominação sobre os outros.

Enquanto as pessoas na Igreja de Cristo recebem dons e funções para servirem aos outros, e cada membro é chamado a considerar os seus semelhante superiores que a si mesmo, nas instituições ou agrupamentos formais, a demanda é por líderes, sublíderes, auxiliares de líderes e auxiliares de auxiliares de líderes.

As proposições que querem institucionalizar a Igreja de Cristo são tentativas de transformar a Igreja de Deus em modelos de governo dos seres humanos, não sendo isto diferente daquilo que o povo liberto territorialmente da dominação do Egito pediu a Deus ao requerer sacerdotes e, mais tarde, reis mediadores e suas estruturas entre as pessoas deste povo e Deus.

Já vimos nos tópicos anteriores que o Senhor Jesus Cristo explicitamente advertiu aos seus discípulos a não se intitulem de mestres, guias ou líderes de uns para com os outros, porque eles foram chamados a serem uma família e porque eles foram chamados para serem irmãos e irmãs da família de Deus e não membros de uma instituição ou organização na qual alguns precisam se elevar sobre os outros para governarem as instituições.

Procurar estabelecer a Igreja de Cristo como uma organização humana já é uma severa deturpação daquilo para o qual a Igreja de Cristo é chamada, mas esta pretensão também visa se opor contra a própria definição do que essencialmente é *família de Deus*.

Em outra situação, o Senhor Jesus Cristo também claramente admoestou aos seus seguidores a não pensarem na Igreja do Senhor como os governantes do mundo pensam, e os admoestou a agirem segundo os princípios de Cristo para com o seu corpo, conforme exposto a seguir:

Mateus 20: 25 ***Então, Jesus, chamando-os, disse: Sabeis que os governadores dos povos os dominam e que os maiores exercem autoridade sobre eles.***

26 Não é assim entre vós; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva;

27 e quem quiser ser o primeiro entre vós será vosso servo;

28 tal como o Filho do Homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos.

- Lucas 22: 25 **Mas Jesus lhes disse: Os reis dos povos dominam sobre eles, e os que exercem autoridade são chamados benfeitores.***
- 26 **Mas vós não sois assim; pelo contrário, o maior entre vós seja como o menor; e aquele que dirige seja como o que serve.***
- 27 **Pois qual é maior: quem está à mesa ou quem serve? Porventura, não é quem está à mesa? Pois, no meio de vós, eu sou como quem serve.***

Há muito material a ser explorado nestes dois últimos textos expostos acima quando os vemos na perspectiva da Igreja de Cristo. Porém, estes textos somente podem ser vistos de forma apropriada se uma pessoa estiver desvestida dos óculos da tentativa de institucionalizar a Igreja de Cristo.

A compreensão do que estamos procurando expor pode ser crucial, pois há várias pessoas no mundo afora que dizem que Cristo falou muito pouco sobre a sua Igreja enquanto esteve em carne no mundo, e que, por isto, carecemos de mais conhecimento vindo de Cristo sobre a Igreja e o qual somente nos foi suprido posteriormente de forma mais extensa por Paulo.

Entretanto, o pensamento do parágrafo anterior não é procedente ou correto se entendermos que a Igreja de Cristo não é uma instituição ou uma figura terrena que tem vida por si só ou dissociada dos membros do corpo de Cristo, como muitos gostam de se referir ao que supõem ser a Igreja do Senhor.

O pensamento de que Cristo ensinou efetivamente pouco sobre a sua Igreja somente ganha guarida e cresce se as pessoas desprezarem o fato de que a Igreja do Senhor são as pessoas que creem em Cristo e o recebem como Senhor nos seus corações.

Assim, por exemplo, quando o Senhor Jesus declara que “bem-aventurados” são aqueles que Nele creem e o seguem, ele está falando diretamente da Igreja, pois está falando daqueles que compõem esta Igreja.

Cada ensino do Senhor Jesus sobre como uma pessoa se torna ligada a Ele, como uma pessoa permanece Nele e como uma pessoa pode viver e andar Nele é um ensino sobre a Igreja, pois Ele está se referindo à parte essencial do que é a própria composição da Igreja, aspecto que muitos não veem porque deixaram se distrair por explicações fascinadoras e falsas sobre o que vem a ser o corpo ou a Igreja de Cristo.

Quando pessoas aceitam a ideia de que a Igreja de Cristo precisa de líderes que estejam à frente da Igreja, muitas delas aceitam este tipo de instrução porque pensam em igreja na terceira pessoa independente de seus membros e pensam na igreja como algo terreno, tangível aos olhos e como algo que pode ser constituído em bases humanas.

Um “rebanho” de ovelhas, por exemplo, é só um conceito. E, por sua vez, o conceito “rebanho de ovelhas” em si próprio, nada pode fazer, pois ele é inerte e sem vida se desprovido das ovelhas.

Desta forma, quando alguém diz que o “rebanho” fez algo ou deixou de fazer algo, isto, na realidade, somente pode apresentar algum sentido se a referência é direcionada ao que as “diversas ovelhas de um mesmo conjunto” fizeram ou deixaram de fazer.

Até mesmo as instituições não funcionam se não houverem pessoas que deem força e vida para elas atuarem, ficando com isto demonstrado que por detrás das ações das chamadas instituições, na realidade, há ações de pessoas que usam destas instituições para realizarem os seus intentos, atos ou obras.

Conforme também já vimos anteriormente, a Igreja de Cristo não existe dissociada de pessoas, o que nos leva a ver que a *igreja* meramente em seu “*termo coletivo*” na realidade não pode realizar absolutamente nada, pois o que uma *igreja* faz somente expressa o que pessoas desta *igreja* fizeram e ainda fazem.

Portanto, quando Cristo ensina aos membros da sua Igreja sobre como eles devem se relacionar com outros membros desta mesma Igreja, Ele está apresentando essencialmente ensinamentos sobre a própria Igreja de Cristo.

Qualquer instrução do Senhor sobre as formas de conduta das pessoas que são seguidoras de Cristo, quer em relação a Ele, ao mundo e aos membros do corpo de Cristo, são também definições pertinentes à Igreja de Cristo.

Quando o Senhor Jesus Cristo diz, “*não é assim entre vós*” e “*mas vós não sois assim*”, Ele, ao definir como são os membros que compõem esta Igreja, está apresentando características de como é a sua Igreja ou como esta Igreja deveria viver e andar.

Ao definir como é o relacionamento dos membros da Igreja de Cristo e de Deus com Aquele a quem a Igreja pertence, e ao definir como deveria ser o relacionamento entre os membros do corpo de Cristo, o próprio Senhor Jesus revelou características fundamentais da sua Igreja.

Pessoalmente, o Senhor Jesus Cristo de fato não utilizou muitas vezes a palavra *igreja* enquanto estava em carne no mundo. Porém, Ele continuamente ensinou o que são os membros que efetivamente compõem a sua própria Igreja, o que deles Ele espera e como eles devem se portar, mostrando-nos, através do seu exemplo de ensino aos seus seguidores, que é na definição sobre os membros da sua Igreja que se encontra também a definição da sua Igreja, sendo, portanto, um aspecto inseparável do outro.

Qualquer definição sobre a Igreja de Cristo que não seja consistente com a absoluta soberania de Cristo sobre a sua Igreja, com o que o Senhor ensinou sobre as características dos membros do seu corpo ou dos seus seguidores e com as suas instruções a respeito do apropriado funcionamento da sua Igreja é contrária à Cristo e não define o verdadeiro corpo de Cristo, fazendo nos lembrar mais uma vez do texto que segue abaixo:

*1 Timóteo 6: 3 **Se alguém ensina outra doutrina e não concorda com as
sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo e com o ensino segundo a
piedade,***
*4 **é enfatuated (soberbo), nada entende, mas tem mania por questões
e contendas de palavras, de que nascem inveja, provocação,
difamações, suspeitas malignas,***
*5 **altercações sem fim, por homens cuja mente é pervertida e
privados da verdade, supondo que a piedade é fonte de lucro.***
Aparta-te dos tais.

Cristo declarou aos Seus seguidores que eles devem ser diferentes dos dominadores dos povos, porque em essência, como seguidores de Cristo e membros do corpo de Cristo, eles já não são do mundo e não são chamados a agir de acordo com o mundo.

João 15: 15 Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas tenho-vos chamado amigos, porque tudo quanto ouvi de meu Pai vos tenho dado a conhecer.

16 Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros e vos designei para que vades e deis fruto, e o vosso fruto permaneça; a fim de que tudo quanto pedirdes ao Pai em meu nome, ele vo-lo conceda.

17 Isto vos mando: que vos ameis uns aos outros.

18 Se o mundo vos odeia, sabeí que, primeiro do que a vós outros, me odiou a mim.

19 Se vós fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu; como, todavia, não sois do mundo, pelo contrário, dele vos escolhi, por isso, o mundo vos odeia.

João 17: 15 Não peço que os tires do mundo, e sim que os guardes do mal.

16 Eles não são do mundo, como também eu não sou.

Aqueles que são da Igreja de Cristo têm diferenças substanciais em relação às pessoas que não são do corpo de Cristo. E eles são chamados a critérios diferentes do mundo para o seu relacionamento com os outros membros do corpo de Cristo, ensinando-nos o Senhor, que há condutas que podem se aplicar aos povos em geral, mas que não necessariamente se aplicam à Igreja do Senhor ou que nem devem fazer parte desta Igreja.

Nas poucas palavras dos últimos textos expostos neste tópico, podemos ver que em seu ensino segundo o seu Evangelho, o Senhor Jesus deixou muito claro que há uma conceituação de uso de autoridade na sociedade em geral que é muito distinta de como é ou deve funcionar a Igreja que é composta pelos seguidores de Cristo e que têm a Cristo como o Cabeça das suas vidas.

Quando o Senhor Jesus nos mostra um paralelo entre duas realidades amplamente distintas e diz que os seus discípulos eram sabedores da forma de funcionamento dos povos e de seus regentes, Ele também nos mostrou que não devemos ser ignorantes e alienados quanto ao funcionamento dos povos em geral, mas, ao mesmo tempo, também mostrou que os membros do corpo de Cristo são chamados a agirem e serem diferentes do que viram e veem no mundo em que ainda vivem.

Os cristãos são chamados de sal da Terra e luz do mundo, e não é a vida terrena que deveria ser o padrão de conduta dos cristãos e entre os cristãos. E isto, também é ensino direto sobre o que é a Igreja de Cristo, pois a Igreja de Cristo são os próprios cristãos e não templos, associações, ajuntamentos e todas as outras variações do que as pessoas chamam de “igreja”.

Quando os cristãos começam a adotar posturas ou atitudes sugeridas pelos líderes não cristãos para os seus relacionamentos entre irmãos e irmãs da fé, eles ficam

sujeitos ao risco de receberem instruções de pessoas como “Jetro”, (sogro de Moisés), mas que também era sacerdote de Midiã, conforme vimos em capítulos anteriores.

Evidentemente, isto não significa que um cristão não possa ou não deva usar de descobertas científicas, matemáticas e tecnológicas que as pessoas em geral descobrem e desenvolvem, pois Deus dá alguns dons e boas dádivas naturais tanto aos que creem em Cristo como aqueles que não creem. Entretanto, não é disto que o Senhor Jesus está tratando. O assunto abordado pelo Senhor Jesus nos textos que vimos acima é bem específico e direcionado ao relacionamento entre cristãos, ou seja, o relacionamento entre os membros da sua Igreja ou os membros do seu corpo.

O que o Senhor destacou nos textos em referência é que quando os seguidores de Cristo se relacionam com outros seguidores de Cristo, as regras das autoridades dominadoras entre os povos não se aplicam, sob nenhuma hipótese, à comunhão dos cristãos, dos irmãos e irmãs da sua Igreja, pois “*não é assim entre vós*” e “*vós não sois assim*”.

O Senhor Jesus claramente estabeleceu que nenhum cristão tem vocação da parte de Deus para reger ou dominar qualquer outro cristão porque os cristãos são a Igreja ou o corpo de Cristo. Ou seja, como Igreja, noiva ou corpo de Cristo, nenhum membro desta Igreja têm vocação de ser cabeça sobre os outros, posição na qual Deus estabeleceu a Cristo com “exclusividade”.

Por que, então, o Senhor Jesus definiu isto tão claramente?

A Igreja de Cristo é diferenciada de tudo que há na Terra exatamente por ela não ter cabeças, guias, líderes, pastores ou pais terrenos designados a estarem sobre a vida dos membros do corpo de Cristo. E é também isto que incomoda de forma tão acentuada tanto aqueles que querem dominar a outros, assim como aqueles que querem estar debaixo de dominadores e chamá-los de benfeitores apesar de suas dominações cruéis e injustas.

Sem a direção de Deus no seu coração, o ser humano tende a querer dominar o seu próximo, razão pela qual também Cristo definiu que o conceito de hierarquias e estruturas de dominadores é um modelo segundo os povos da Terra ou das pessoas que ainda não o receberam no coração como Senhor e Salvador.

Se o Senhor permitisse que entre os cristãos houvesse uma multiplicidade de hierarquias como há nas instituições humanas, o Senhor estaria adotando ou autorizando que também na sua nova aliança os conceitos dos povos gentios pudesse vir a ser utilizado na Igreja e estaria permitindo que o conselho de Jetro a Moisés e o conselho de sacerdotes mediadores do povo entrasse na relação dos irmãos e irmãs de fé em Cristo.

Portanto, a Igreja da Nova Aliança, a Jerusalém Celestial, a Livre, é composta de homens e mulheres libertas e salvas por Cristo para acessarem livremente o Cabeça de todo o corpo. E nenhuma influência ou ação humana poderá alterar o que a Igreja de Cristo é de fato eternamente diante do Deus Eterno.

Gálatas 4: 26(a) Mas a Jerusalém lá de cima é livre.

K. Os Pretensos Ministros e Doutrinas por Trás das Igrejas

Terrenas

Se algumas pessoas passam a pensar que a Igreja de Cristo é algo materializado como um prédio, uma assembleia social, uma associação civil ou instituição terrena, e não essencialmente o corpo composto pelas pessoas que têm a Cristo no coração como o seu Senhor, estas pessoas também começam a ficar propensas a deixarem se iludir com a ideia de que a Igreja de Deus precisa de administração terrena e humana, o que, porém, não é verdade.

A consequência natural da entrega ao pensamento equivocado de que a Igreja de Cristo é natural ou terrena, também, obviamente, leva as pessoas a avançarem em pensamentos naturais ou mundanos em como a sua regência poderia ser realizada.

Se a Igreja de Cristo fosse uma figura de algo natural, um corpo terreno ou uma corporação, ela também precisaria de administração e métodos terrenos. E é por isto que muitos tentam passar este conceito sobre a Igreja de Cristo, pois intentam que eles mesmos sejam aqueles que irão preencher estas lacunas de posições de regência que uma “igreja” ou “igrejas” terrenas iriam necessitar.

Assim, quando em tópicos anteriores, mencionamos que pode ocorrer de uma parte da Igreja querer se colocar à testa de outras partes da Igreja, ainda que não autorizada por Cristo para isto, vemos que, na realidade, são pessoas, membros da Igreja ou até membros externos à Igreja, que podem tentar se erguer sobre outros membros com o intuito de tentarem ser “cabeça” ou “regentes” sobre os membros desta Igreja.

Podemos ver, então, que a “parte da igreja” que tenta se colocar à testa no lugar de Cristo na realidade não é um subconjunto abstrato da Igreja, mas sempre “são pessoas” que estão por trás das ações que procuram dominar partes do corpo de Cristo.

*2 Pedro 2: 17 **Esses tais são como fonte sem água, como névoas impelidas por temporal. Para eles está reservada a negridão das trevas;***

*18 **porquanto, proferindo palavras jactanciosas de vaidade, engodam com paixões carnis, por suas libertinagens, aqueles que estavam prestes a fugir dos que andam no erro,***
*19 **prometendo-lhes liberdade, quando eles mesmos são escravos da corrupção, pois aquele que é vencido fica escravo do vencedor.***

*Mateus 15: 14 **Deixai-os; são cegos, guias de cegos. Ora, se um cego guiar outro cego, cairão ambos no barranco.***

Conforme também já mencionamos, uma igreja sem pessoas não tem vida em si mesma e de fato nem existe, pois os seus meios de ações são os membros que constituem uma igreja.

Assim, saber que por trás de cada ação de uma igreja, quer seja a de Cristo ou outras igrejas terrenas, também há sempre indivíduos que realizam estas ações, nos conduz a vermos de forma mais específica que por trás das tentativas de institucionalizar ou

tornar a Igreja de Cristo terrena, há, na realidade, pessoas que se prestam a introduzirem e conduzirem estas tentativas.

E quando chegamos ao ponto de ver que sempre há pessoas envolvidas por trás das tentativas de estruturar a Igreja de Cristo em instituições, hierarquias e organizações similares às humanas, fica mais fácil observar o que pretendem alcançar aqueles que se opõem à forma de governo da Igreja de Deus “*em Cristo*” e que querem modelos que sigam parâmetros humanos de regência.

O que estamos procurando destacar neste ponto, contrário ao que muitos querem dar a entender, é que as organizações humanas não têm vida autônoma e não são independentes daqueles que criam ou dão sustentação à estas organizações.

Quando as pessoas dizem que uma certa igreja faz algo ou deixa de fazer algo, muitas vezes eles falam da igreja como se esta tivesse poder de ação no seu aspecto institucional, o que não é possível sem que haja indivíduos que efetivamente confirmam este poder ao que chamam de *igreja*.

Se, por uma lado, pessoas usam das organizações que criam e mantêm, por outro lado, estas organizações somente conseguem atuar efetivamente se há pessoas que as edificam e sustentam.

Quando se fala em pessoas e as organizações ou instituições que elas criam e sustentam, quer informais ou formais, nem as organizações são independentes das pessoas e nem as pessoas são completamente independentes das organizações que mantêm, havendo, antes, uma atuação mesclada realizada pelas pessoas através das suas organizações ou instituições.

Apesar das organizações, em vários segmentos, serem auxiliadoras da população, como, por exemplo, diversas empresas, diversos órgãos governamentais, hospitais e outros, e apesar das organizações poderem agrupar recursos e serem meios para as pessoas realizarem diversos aspectos que sem elas talvez não conseguissem realizar, são as pessoas que, no final das contas, dão movimentação às organizações.

Por outro lado, quando no presente capítulo abordamos o aspecto de que a Igreja de Cristo não pode ser de fato institucionalizada ou organizada segundo os padrões de organização humana e nem segundo às hierarquias das organizações humanas, não estamos dizendo que nenhuma instituição humana deve ser criada para outras diversas atividades na Terra e nem que estas organizações humanas não devam ter hierarquias.

O tema que está sendo abordado neste capítulo é o corpo ou a Igreja de Cristo, e este, especificamente como tal, não existe para estar sujeito à organizações humanas que queiram reger a Igreja do Senhor.

É quanto à Igreja de Cristo que estamos tratando sobre não haver a necessidade de instituições humanas para o seu funcionamento, assim como irmãos e irmãs de uma mesma família não precisam de instituições para se encontrarem como família.

Entretanto, isto também não significa que os membros da Igreja de Cristo irão se encontrar de forma desordenada e sem respeito de uns para com os outros. O amor e o respeito apropriado deveria fazer parte da conduta de cada cristão, o que, portanto, não necessita do estabelecimento de instituições formais para ser praticado entre os membros do corpo de Cristo.

Assim, retornando ao aspecto das tentativas de enquadrar a Igreja de Cristo em instituições humanas, é altamente significativo sabermos que as pessoas tentam fazê-lo

por causa daquilo que pensam sobre a Igreja e almejam poder extrair da aglutinação de cristãos debaixo de uma forma organizacional humana.

É sabido, por muitos, que o agrupamento de pessoas para propósitos em comum a elas pode aumentar a força, os recursos, habilidades e muitos outros aspectos, mas também é por isto, que muitas pessoas almejam dominar estes agrupamentos quando o assunto refere-se à Igreja do Senhor.

Há pessoas que querem institucionalizar a Igreja de Cristo com o objetivo de transformá-la em suas agências através das quais pretendem realizar as suas vontades e para que possam crescer em poder para a realização destas vontades e não a vontade do Cabeça Cristo.

Há pessoas que querem institucionalizar a Igreja de Cristo ou manter as instituições que já existem com esta finalidade porque veem nestas opções um meio para criarem os seus próprios “reinos”.

Muitas pessoas intentam sujeitar a Igreja de Cristo à instituições humanas porque pensam nestas estruturas como uma via para crescerem em poder e recursos ao fazerem uso dos membros e dos recursos que seriam pertinentes exclusivamente a Cristo e jamais a eles.

Conforme já vimos no tópico anterior, há pessoas que literalmente pensam que a dedicação deles à uma vida religiosa lhes confere o direito de fazerem desta devoção uma fonte de lucro e através da qual intentam obter os seus lucros a partir daqueles à quem eles alegam servir, mas o que, em seguida, também os leva a pensar que podem dominar os seus semelhantes através de suas instituições. Aqueles que não têm pudor de explorar aos que chamam de seus irmãos ou irmãs da igreja, também são aqueles que tentam inserir conceitos carnisais para dentro de suas organizações, como se a vida segundo os padrões humanos e a vida *em Cristo* fossem iguais.

Os cristãos não necessitam de agências organizacionais cristãs para se apresentarem ao mundo, pois cada cristão é chamado para ser sal da Terra e luz do mundo em tudo o que ele faz, desde a sua conduta no lar perante aqueles com os quais convive de forma tão próxima, bem como em todos os seus atos que faz diante de outros cristãos e também de não cristãos.

A ideia de que o cristão tem que ser cristão através de instituições ou organizações humanas pode causar efeitos desastrosos e terríveis para a vida dos cristãos desatentos à verdade ensinada pelo Senhor, pois se eles assimilarem este tipo de pensamento, eles podem vir a ficar destituídos da essência da vida cristã, a qual é a presença de Cristo neles e com eles para *viverem e andarem em Cristo*.

Uma vez que um cristão genuíno, aquele que é nascido do Espírito de Deus, é chamado para a liberdade de fé no Senhor a fim de estar livre para seguir aquilo que o Senhor lhe orienta a fazer, o Senhor não chama um cristão para se associar a alianças horizontais de organizações humanas que lhe dizem o que fazer em sua vida pessoal e que se opõem à sua liberdade de ser guiado *em Cristo*.

*João 3: 7 Não te admires de eu te dizer: importa-vos nascer de novo.
8 O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito.*

Romanos 8: 14 **Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus.**

Gálatas 5: 18 **Mas, se sois guiados pelo Espírito, não estais sob a lei.**

Paulo, o apóstolo de Cristo que mais amplamente instruiu pessoas sobre a vida cristã depois do próprio Senhor Jesus, não se associou à instituições para pregar o Evangelho e nem para ensinar os discípulos de Cristo, pois ele sabia em Quem cria e sabia a posição exclusiva do Senhor como Cabeça da sua Igreja, bem como sabia Quem de fato edificava os membros do corpo de Cristo.

Paulo não sujeitou a si mesmo os cristãos a quem ele havia pregado e ensinado sobre Cristo Jesus. Pelo contrário, ele chorou com profunda tristeza por saber que entre os próprios cristãos surgiriam aqueles que acabariam cedendo e se rendendo ao intento de dominar os seus semelhantes com suas aparentes ou falsas proposições de estarem servindo a Cristo e à sua Igreja.

Atos 20: 29 **Eu sei que, depois da minha partida, entre vós penetrarão lobos vorazes, que não pouparão o rebanho.**

30 **E que, dentre vós mesmos, se levantarão homens falando coisas pervertidas para arrastar os discípulos atrás deles.**

31 **Portanto, vigiai, lembrando-vos de que, por três anos, noite e dia, não cessei de admoestar, com lágrimas, a cada um.**

32 **Agora, pois, encomendo-vos ao Senhor e à palavra da sua graça, que tem poder para vos edificar e dar herança entre todos os que são santificados.**

Quando se ausentou dos irmãos com os quais estivera por três anos, Paulo não reivindicou a fidelidade deles a ele. Inclusive na sua partida, chamou aqueles cristãos para estarem diretamente sob os cuidados Daquele que é o Cabeça de toda a Igreja, não deixando para trás de si alguma instituição ou organização humana à qual as pessoas deveriam se associar ou através da qual tivessem que se reportar a ele como apóstolo de Cristo, pois nem como apóstolo, Paulo tinha recebido de Deus alguma vocação para dominar, subjugar ou controlar as pessoas que através da sua pregação do Evangelho e da ação do Espírito Santo vieram a conhecer a Cristo.

Paulo inclusive ensinou que um cristão se filiar à outras pessoas cristãs e nominar-se seguidor delas, o que atualmente também diríamos em relação às suas instituições, constituem tentativas de dividir a Cristo, e, portanto, são a expressão de atitudes carnis e tentativas humanas de estabelecer o que não cabe ser estabelecido na Igreja de Cristo sob nenhuma hipótese.

1 Coríntios 1: 11 **Pois a vosso respeito, meus irmãos, fui informado, pelos da casa de Cloe, de que há contendas entre vós.**

12 **Refiro-me ao fato de cada um de vós dizer: Eu sou de Paulo, e eu, de Apolo, e eu, de Cefas, e eu, de Cristo.**

13 *Acaso, Cristo está dividido? Foi Paulo crucificado em favor de vós ou fostes, porventura, batizados em nome de Paulo?*

1 *Coríntios 3: 3 Porquanto, havendo entre vós ciúmes e contendas, não é assim que sois carnis e andais segundo o homem?*

4 *Quando, pois, alguém diz: Eu sou de Paulo, e outro: Eu, de Apolo, não é evidente que andais segundo os homens?*

5 *Quem é Apolo? E quem é Paulo? Servos por meio de quem crestes, e isto conforme o Senhor concedeu a cada um.*

6 *Eu plantei, Apolo regou; mas o crescimento veio de Deus.*

Por mais amplamente elaborada que seja uma proposição de agrupar cristãos sob uma organização humana em torno de líderes humanos, todas estas tentativas são carnis e opostas ao que o Senhor, o Cabeça e o Rei da sua própria Igreja estabeleceu para ela.

A questão de querer sujeitar a Igreja de Cristo aos conceitos organizacionais humanos não é só uma questão de não ser uma ideia apropriada, mas ela também é uma oposição direta à posição de Cristo na tentativa de dividir o corpo ou a Igreja de Cristo para que mais pessoas, além de Cristo, possam ter posições de primazia ou proeminência sobre outras pessoas.

No texto de Atos 20 apresentado acima, vemos que Paulo não assumiu a primazia sobre nenhuma vida, não fez aliança de cobertura espiritual com parte dos membros do corpo de Cristo, não prometeu monitorá-los e nem acompanhá-los. Pelo contrário, disse que havia lhes ensinado o que deveria ter ensinado e que que havia lhes mostrado que deveriam viver e andar mediante fé em Deus e serem fortalecidos pelo Senhor.

Entretanto, antes de partir, com intensidade, perseverança e com lágrimas, Paulo admoestou aos cristãos que dentre eles se levantariam homens que falariam coisas perversas para arrastarem discípulos atrás de si, ou seja, “discipuladores que querem ter seus próprios discípulos”, pessoas que “fazem discipulado”, “mentoria”, e assim por diante, para terem seguidores das suas visões. No mundo, há muitos homens e mulheres que se apresentam como cristãs, mas que, ao mesmo tempo, também se apresentam com conversas falsas e sedutoras para terem “seus próprios adeptos fiéis a eles”, mesmo que isto lhes custe a fidelidade para com o Único Cabeça da Igreja, o Senhor Jesus Cristo.

É completamente diferente uma pessoa falar a outros sobre Jesus Cristo, ensiná-los e motivá-los a buscarem um relacionamento direto com o Senhor, e ensiná-los sobre o chamado de serem discípulos do Senhor, onde somente Cristo é Cabeça de todos, do que tentar atrair outros atrás de si própria dizendo estar atuando em nome do Senhor Jesus.

Diante disto, repetiremos mais uma vez abaixo um texto já mencionado acima para destacar que o foco central das contendas e ciúmes entre os cristãos de Corinto, a Igreja em Corinto, era a tentativa de divisão da Igreja de Cristo que alguns estavam procurando fazer ao tentarem seguir a homens e não exclusivamente ao próprio Cristo.

*1Coríntios 3: 3 **Porquanto, havendo entre vós ciúmes e contendas, não é assim que sois carnis e andais segundo o homem?***

*4 **Quando, pois, alguém diz: Eu sou de Paulo, e outro: Eu, de Apolo, não é evidente que andais segundo os homens?***

As tentativas de fazer prevalecer persuasões distorcidas através de posições e títulos que pessoas procuram introduzir de tempos em tempos entre os “cristãos” não é algo que deveria ser visto com leviandade, pois este tipo de tentação pode vir a se tornar muito atrativo, um inimigo muito expressivo e opor-se diretamente àquilo que é o correto diante do Senhor e muito mais simples de ser seguido.

*2 Coríntios 11: 3 **Mas receio que, assim como a serpente enganou a Eva com a sua astúcia, assim também seja corrompida a vossa mente e se aparte da simplicidade e pureza devidas a Cristo.***

*4 **Se, na verdade, vindo alguém, prega outro Jesus que não temos pregado, ou se aceitais espírito diferente que não tendes recebido, ou evangelho diferente que não tendes abraçado, a esse, de boa mente, o tolerais.***

E aqui, novamente, retornamos ao que já foi dito nos tópicos anteriores, onde vimos o quanto a criatura resiste em aceitar voluntariamente que o Senhor Eterno tenha a regência ou o senhorio sobre a sua vida.

Sem a regência do seu Criador sobre as suas vidas, os seres humanos, tornam-se tão cegados que eles preferem que outras pessoas ou instituições que elas criam tenham ascensão sobre as suas vidas pessoais, resistindo tão repetidamente para que o Criador que os fez e que deu a sua vida na cruz em favor deles venha a ser reconhecido como o Senhor em seus corações ou como o Cabeça de suas vidas.

O fato de Cristo, no presente, não estar pessoalmente em um corpo físico na Terra, também faz muitos pensarem que eles necessitam de líderes sobre as suas vidas pessoais e que supostamente seriam representantes do senhorio de Cristo na Terra. Porém, porque Cristo iria colocar representantes Dele sobre outros nas questões espirituais se o próprio Cristo habita o coração do cristão que Nele permanece? Precisaria o Senhor, estando no coração de alguém, eleger outros para guiarem a Ele próprio na vida daqueles que Nele creem?

Além disso, uma ovelha sempre será ovelha. E por mais que uma ovelha se torne experiente e possa ser considerada como um exemplo de como seguir ao Único Pastor e cooperar com Ele no cuidado das demais ovelhas, as ovelhas mais experientes jamais deixam de ser ovelhas e jamais são chamadas a intentar reger as ovelhas que pertencem somente ao Único Pastor sobre todas elas.

O ser humano contende com Deus e disputa com Deus a posição que somente é e pode ser de Deus. E por isto, cria tantos subterfúgios para tentar se igualar ou até se erguer acima de Deus, mas cujos intentos são vãos e jamais poderão alcançar êxito.

Ora, se através de Cristo, o Pai Celestial pode reconciliar consigo todas as coisas, quer na Terra e quer nos Céus, por que, então, através de Cristo, o Pai das Luzes não poderia reinar sobre todas as pessoas e coisas reconciliadas?

Considerando que cada cristão genuíno é um Filho de Deus, cada um tem acesso direto a Cristo e, através Dele, ao Pai Celestial. E somente a Cristo pertence a primazia em tudo e sobre todos porque Ele é o Filho Unigênito de Deus que veio do céu para apresentar Deus ao mundo e para resgatar, através do seu sangue derramado na cruz do Calvário, todos aqueles que aceitam o seu convite de reconciliação.

Ter a primazia significa “ter a preeminência”, “ser o primeiro” e significa também “manter o primeiro lugar” para sempre.

Entretanto, ao longo da história cristã, e também em nossos dias, sempre há aqueles que gostam de disputar a primazia e de ter os seus próprios seguidores.

- 3João1: 9 **Escrevi alguma coisa à igreja; mas Diótrefes, que gosta de exercer a primazia entre eles, não nos dá acolhida.***
- 10 **Por isso, se eu for aí, far-lhe-ei lembradas as obras que ele pratica, proferindo contra nós palavras maliciosas. E, não satisfeito com estas coisas, nem ele mesmo acolhe os irmãos, como impede os que querem recebê-los e os expulsa da igreja.***
- 11 **Amado, não imites o que é mau, senão o que é bom. Aquele que pratica o bem procede de Deus; aquele que pratica o mal jamais viu a Deus.***

Diante do Senhor, quem quer ter a primazia em relação aos irmãos e irmãs na fé em Deus é tido como mau ou praticante do mal. O qual, portanto, em nada deve ser imitado.

E também é a partir desta postura de anelo por lugares mais elevados que tantas pessoas anelam e trabalham para criar as suas organizações, pois, através destas, procuram se elevar sobre aqueles que supostamente chamam de irmãos e irmãs.

Muitos que resistem à primazia de Cristo em suas vidas pessoais acabam também se inclinando para as tentativas e ações de criação de organizações humanas onde possam ter uma posição de destaque em relação aos outros ou porque pensam que, desta forma, podem ter tratamento distinto diante de Deus.

Algumas pessoas talvez até não queiram competir com Cristo. Entretanto, quando veem que *em Cristo* necessitarão se verem no mesmo nível hierárquico que todos os outros cristãos e que *em Cristo* não há nem judeu e nem grego, nem macho e nem fêmea, nem escravo e nem livre, mas que todos são aceitos diante de Deus sem acepção de pessoas, elas acabam procurando se elevar sobre os outros para não se verem em posição semelhante àqueles que consideram mais simples na Igreja do Senhor ou em suas supostas igrejas.

Multidões de indivíduos que se dizem líderes da Igreja de Cristo, se investigados acuradamente, são pessoas que usam das suas proposições estruturais e de liderança para fugirem da possibilidade de serem vistos sob condições semelhantes a outros perante os outros, o mundo e Deus.

Muitos dos que propõem serem líderes nas igrejas querem preservar as distinções que têm em relação aos outros na sociedade em geral ou porque simplesmente não estão dispostos a se humilharem diante de outros, confundindo a Igreja de Cristo, que é um corpo à parte *em Cristo*, com mais um corpo social ou civil qualquer da sociedade.

Entretanto, a Igreja de Cristo não é o lugar no qual se possa estabelecer as coisas altivas. Pelo contrário, a Igreja de Deus é onde as pessoas são chamadas a se associarem às coisas humildes.

*Romanos 12: 16 **Tende o mesmo sentimento uns para com os outros; em lugar de serdes orgulhosos, condescendei com o que é humilde; não sejais sábios aos vossos próprios olhos.***

ou

*Romanos 12: 16 **Sede unânimes entre vós; não ambicioneis coisas altas, mas acomodai-vos às humildes; não sejais sábios em vós mesmos.***

A postura de coração que Cristo espera dos membros do seu corpo ou da sua Igreja é a mesma que o Cabeça de toda a Igreja tem, a saber:

*Mateus 11: 29 **Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para a vossa alma.***

Muitos indivíduos que se intitulam líderes da Igreja de Cristo, o fazem porque amam posições de liderança mais do que ao próprio Cristo, não sendo eles, portanto, líderes da Igreja de Cristo de fato, pois Cristo intensamente admoestou a todos que o anelo de querer ser líder de outros não é aceito na sua Igreja ou que Ele não chama e elege pessoas para isto.

Assim, o comentário do parágrafo anterior mais uma vez nos mostra uma das principais razões porque pessoas criam as “suas próprias igrejas”.

Além da ignorância, uma das principais motivações de muitos para criarem os seus próprios redutos e organizações que chamam de *igrejas* é a apreciação ou paixão intensa que eles têm por posições, títulos, cargos, poder, reconhecimento humano ou por suas instituições em vez do amor pelo Senhor Jesus Cristo.

*João 12: 42 **Apesar de tudo, até muitos dos principais creram nele; mas não o confessavam por causa dos fariseus, para não serem expulsos da sinagoga.***

*43 **Porque amavam mais a glória dos homens do que a glória de Deus.** (RC)*

Muitos pessoas dizem que amam ser líderes de outras pessoas em suas vidas cristãs e que têm prazer em fazê-lo para ajudar aos outros. Porém,

uma vez que Cristo disse para não fazê-lo, é à elas próprias e à glória dos homens que elas amam mais do que amam a Cristo.

Muitos que dizem amar liderar aos “irmãos e irmãs de fé” com intuito de ajudá-los, o fazem olhando para si mesmos e para os ganhos que eles próprios almejam alcançar.

*Judas 1: 12 **Estes homens são como rochas submersas, em vossas festas de fraternidade, banqueteadando-se juntos sem qualquer recato, pastores que a si mesmos se apascentam; nuvens sem água impelidas pelos ventos; árvores em plena estação dos frutos, destes desprovidas, duplamente mortas, desarraigadas.***

E uma vez que pessoas, inclusive as cristãs ou que se dizem cristãs, se desviam daquilo que o próprio Senhor Jesus Cristo lhes disse, uma série de outros desvios e distorções também pode começar a se introduzir nas suas vidas, assim como naquilo que propagam liderar, conduzir ou reger.

Sendo só uma questão de tempo, muitos líderes que dizem querer servir aos cristãos através das organizações terrenas que criam, ao longo do percurso logo começam a dizer que “suas ovelhas estão em rebelião” quando não lhes obedecem em algum ponto e que precisam ser severamente advertidas por eles de tempos em tempos. Atitude através da qual atestam o quanto a sua postura não é tão branda como disseram e o quanto começam a se ver como “donos das ovelhas”, ainda que não o digam com palavras literais ou explícitas.

Aquele que diz que “suas ovelhas estão em rebelião” é aquele que também denuncia, primeiramente, a si próprio como alguém que está em rebelião para com o próprio Cristo, pois é de Cristo que ele está tentando roubar as ovelhas e contra o ensino da soberania exclusiva de Cristo que ele está se levantando.

Conforme já vimos acima, entre o rebanho de ovelhas, pode haver aquelas que já aprenderam que o melhor que podem fazer é seguir prontamente o seu Único Pastor Jesus e, desta forma, elas podem servir de exemplo para outras ovelhas de como é bom seguir a instrução do próprio Senhor ou podem servir de encorajamento às ovelhas menos experientes. Entretanto, o fato de uma ovelha ter servido de exemplo às demais no aspecto de seguir a Cristo não deveria ser motivo para ela deixar de ser uma ovelha humilde diante do Senhor e das demais ovelhas.

Assim como uma ovelha sempre permanecerá ovelha, por mais cooperadora que seja com o Pastor e com as outras ovelhas, assim também um membro do corpo de Cristo é chamado para sempre permanecer um membro do corpo por mais útil que seja ao Cabeça e a outros membros do corpo.

*Ezequiel 34: 31 **Vós, pois, ó ovelhas minhas, ovelhas do meu pasto; homens sois, mas eu sou o vosso Deus, diz o SENHOR Deus.***

Quando alguns grupos de pessoas perdem aqueles que eles consideram como seus “pastores humanos” ou os seus supostos mediadores, e dizem que são “como ovelhas

que não têm pastor”, eles estão dizendo, em suas próprias palavras e afirmações, que pertencem aos rebanhos de líderes humanos, pois o Pastor do Rebanho Celestial é Cristo, o qual nunca deixa as suas ovelhas e é Aquele que vive para sempre.

Parte da oposição à posição exclusiva de Cristo, onde supostos irmãos ou irmãs se advogam mestres, pastores, cabeça, tutores ou mentores de seus semelhantes, vem como que por resquíio dos conceitos da Ordem de Arão. Entretanto, uma grande parte também vem das presunções que há nestes indivíduos e que são similares às mesmas presunções que havia no povo que escolheu tentar alcançar o caminho de novidade de vida através do sacerdócio segundo a lei de Moisés.

No afã de tentar perdurar o velho sistema sacerdotal, o diabo tenta atuar com “todo engano da injustiça” para preservar os conceitos da ordem da antiga aliança já revogada, mas com termos novos supostamente relacionados à vida cristã. O diabo procurar introduzir mentiras e enganos que visam ofuscar a visão das pessoas para que a “luz do Evangelho da Glória de Cristo” não ilumine os olhos do seu entendimento. E isto, com a finalidade de que estas assim não vejam a justiça e a paz que poderiam sobrevir a elas por meio do governo de Cristo sobre as suas vidas.

Já citamos várias vezes que a primeira aliança e a segunda aliança não podem ser mescladas umas nas outras e que ***“um pouco de fermento leveda toda a massa”***.

Repetindo mais uma vez, quem quer liderar a Igreja de Cristo, quer ser uma ovelha que quer deixar de ser ovelha para, de um modo ou de outro, ser cabeça das outros ovelhas ou “subcabeças” de Cristo sobre os outros. Há muitos que usam de palavras persuasivas sobre os benefícios delas serem líderes sobre outras e fazem isto para não falarem de forma tão objetiva os seus perversos intentos de dominar aos seus semelhantes.

Para muitas pessoas, a ideia de poderem ser cabeça de outros ou “subcabeças” com Cristo sobre os outros literalmente “subiu-lhes à cabeça”, mas com certeza isto não é bom para eles e nem para aqueles que venham a se sujeitar a eles.

Eclesiastes 8: 9 ***Tudo isto vi quando me apliquei a toda obra que se faz debaixo do sol; há tempo em que um homem tem domínio sobre outro homem, para arruiná-lo.***

ou

Eclesiastes 8: 9 ***Tudo isso vi quando apliquei o meu coração a toda obra que se faz debaixo do sol; tempo há em que um homem tem domínio sobre outro homem, para desgraça sua. (RC)***

É impressionante observar como a arrogância, a presunção, o orgulho, a avareza, a ambição, a inveja podem cegar o entendimento de uma pessoa a ponto dela não ver os propósitos apropriados de Deus, assim como para não ver o quão danoso são os propósitos inapropriados e que se opõem ao Senhor.

Jeremias 17: 5 ***Assim diz o SENHOR: Maldito o homem que confia no homem, faz da carne mortal o seu braço e aparta o seu coração do SENHOR!***

...
**9 Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e
 desesperadamente corrupto; quem o conhecerá?**

Considerando que no presente estudo já foi abordado várias vezes o ponto de que Deus não aceita mediadores a não ser Cristo na relação com os seres humanos, gostaríamos de ressaltar aqui mais uma vez que este princípio também se aplica na relação de qualquer membro da Igreja de Deus com Cristo.

O Senhor Jesus Cristo não precisa passar por “outras cabeças” ou “subcabeças” para se relacionar com os membros do seu próprio corpo e não aceitará que isto seja instaurado em sua Igreja, a ponto das Escrituras explicitamente declararem que aqueles que insistirem em fazê-lo são inflados (enfatuados) em sua mente carnal e que já não se mantêm unidos ao Cabeça de toda a Igreja.

Assim, uma pessoa que não se mantém submissa ao Único Cabeça da Igreja de Cristo não é um verdadeiro servo de Deus e não atua para o bem dos seus semelhantes, por mais que se apresente como um personagem que diz querer servir a Cristo e à sua Igreja.

Quando as pessoas distorcem o entendimento do que é ser “ministro e despenseiro fiel de Cristo”, e não entendem que o servo não é enviado para competir com Aquele por quem foi enviado e nem tomar o lugar Dele, elas distorcem também funções e títulos tentando transformar as funções em títulos, cargos ou posições sobre os outros, tentando assim transformar posições de serviços, como diácono, anciãos, bispos e outras, em posições de dominação dos supostos irmãos e irmãs.

Muitos daqueles que não se contentam com o aspecto de somente Cristo ser o Cabeça da sua Igreja, mas querem usar da ideia de igreja cristã para os seus próprios interesses, também são aqueles que se inclinam ao desejo de criar os “corpos coletivos” sujeitos a eles e que supostamente seriam “Igrejas do Senhor”.

Em outras palavras, aqueles que não querem a Cristo como o Cabeça exclusivo da sua vida pessoal, mas querem estar envolvidos com “igrejas” segundo os seus próprios interesses ou as suas próprias visões, criam ou sustentam “igrejas” nas quais possam ser os cabeças que regem estas “igrejas” ou onde possam determinar como estas “igrejas” devem funcionar segundo o que lhes parece conveniente.

Tentar estruturar “igrejas” em organizações e instituições humanas pode ser muito conveniente àqueles que querem liderar e se exaltar sobre outras pessoas, pois através destas organizações, eles tentam governar e dominar as pessoas sem passar a ideia de que eles são os líderes que as querem dominar.

Falar em “nome das igrejas”, o que Cristo nunca autorizou à sua verdadeira Igreja que fala “em nome do seu Único Cabeça”, pode ser muito conveniente para aqueles líderes que não ousam falar diretamente os intentos que estão em seus corações, fazendo-o de forma velada e apresentada “em nome” de uma figura coletiva.

Ainda em outras palavras, e conforme já comentamos anteriormente, há muitos que se intitulam líderes que tanto apreciam as instituições porque se escondem atrás das instituições e de suas organizações tentando intimidar os seus subalternos através coletivo que criam e dos conceitos que associam a ele.

E quando pessoas que se intitulam líderes usam da figura de suas organizações, uma figura de instituição atrás da qual se ocultam, vemos ocorrer repetidamente o que está descrito no texto que já vimos anteriormente e que apresentamos mais uma vez abaixo:

Isaías 3: 12 *Os opressores do meu povo são crianças, e mulheres estão à testa do seu governo. Oh! Povo meu! Os que te guiam te enganam e destroem o caminho por onde deves seguir.*

Cristo como o Cabeça da sua Igreja não precisa se ocultar atrás da sua Igreja e inclusive habita no coração de cada membro para guiar a cada vida através do seu Espírito, mas aqueles que usam das suas organizações, para comandar a outros, mostram o quanto não são líderes maduros e verdadeiros, pois quando algo das suas orientações dá errado, eles culpam os membros dos “corpos coletivos” que criaram.

E quando chegamos ao ponto de uma instituição ou de uma organização ser usada para tentar sujeitar àqueles que a ela estão associados, retornamos ao aspecto que vimos no capítulo anterior, onde mencionamos que “a casa” não é chamada para governar os ocupantes dela, antes “a casa” é ferramenta de ajuda e apoio aos que a governam e aos que nela vivem.

Desta forma, quando um grupo de pessoas permite que líderes de uma instituição humana chamada de *igreja* comecem a erguer a organização sobre os membros que dela fazem parte, uma série de novas distorções começam a ser criadas e estabelecidas contra os membros desta instituição, ainda que seja dito que é para o benefício de cada indivíduo e de todo o grupo.

Da arrogância, da soberba, da ganância ou da mente inflada com ideias humanas e carnisais, surgem as mais diversas e criativas posturas, visões e missões para as pessoas deixarem a posição de humildade de se sujeitarem voluntariamente a Cristo como o Único Cabeça sobre todos os membros da sua Igreja, levando estas pessoas também às mais variadas ideias, filosofias e tentativas para estabelecerem “igrejas” em organizações e instituições segundo os padrões da mente carnal ou humana.

Depois que uma organização humana que é denominada de *igreja* passa a ser vista como um meio de governo sobre as pessoas que a ela estão ligadas, os líderes destas organizações logo também tratam de criar as suas regras para esta organização, atribuindo as estas regras o nome de “doutrina da casa a, b ou c”.

Quando pessoas criam figuras “fictícias de igrejas”, elas logo também começam a exigir que as suas doutrinas e parâmetros de unidade sejam seguidos na “casa” que passam a edificar visando alcançar seus próprios propósitos.

Entretanto, Cristo nunca autorizou alguém a criar “uma doutrina específica para um subgrupo da Igreja”, porque Cristo também nunca autorizou alguém a criar um subgrupo específico do seu corpo ou da sua Igreja.

Doutrinas de grupos específicos ou subdoutrinas da doutrina de Cristo somente são criadas porque as pessoas, primeiramente, não se mantêm unidas ao Único Cabeça da Igreja do Senhor e às suas instruções, pois o Cabeça da Igreja nunca dividirá o seu próprio corpo e o seu ensino.

A Igreja de Cristo pertence exclusivamente a Cristo. A Igreja de Cristo é a Única Noiva de Cristo, e em relação à qual, Cristo é o Único Noivo e Cabeça.

Romanos 7: 4 **Assim, meus irmãos, também vós morrestes relativamente à lei, por meio do corpo de Cristo, para pertencerdes a outro, a saber, aquele que ressuscitou dentre os mortos, a fim de que frutifiquemos para Deus.**

5 *Porque, quando vivíamos segundo a carne, as paixões pecaminosas postas em realce pela lei operavam em nossos membros, a fim de frutificarem para a morte.*

6 *Agora, porém, libertados da lei, estamos mortos para aquilo a que estávamos sujeitos, de modo que servimos em novidade de espírito e não na caducidade da letra.*

2 Coríntios 5: 14 **Pois o amor de Cristo nos constrange, julgando nós isto: um morreu por todos; logo, todos morreram.**

15 **E ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou.**

João 3: 29(a) **O que tem a noiva é o noivo.**

Aqueles que escolhem voluntariamente pertencer a Cristo não necessitam dominar aqueles que juntamente com eles também são de Cristo, pois sabem e creem no fato de que somente Cristo é o Senhor que morreu e ressuscitou por cada pessoa.

Entretanto, aqueles que resistem para que eles próprios não pertençam a Cristo e não estejam sujeitos ao Cabeça do corpo também são aqueles que querem dominar outros para que estes sejam deles e não de Cristo. Porém, para não dizê-lo de forma tão direta ou explícita, eles apresentam ensinamentos sutis e perversos perante as pessoas na tentativa de ocultar os seus objetivos de dominarem seus semelhantes.

Os que querem dominar os outros através de uma igreja estruturada segundo preceitos humanos, atuam também através de seus ensinamentos de dominação para manter os indivíduos dominados como meninos ou imaturos na fé e atuam no sentido oposto do que está apresentado nos versos a seguir:

Efésios 4: 14 ... **para que não mais sejamos como meninos, agitados de um lado para outro e levados ao redor por todo vento de doutrina, pela artimanha dos homens, pela astúcia com que induzem ao erro.**

15 **Mas, seguindo a verdade em amor, crescamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo,**

16 **de quem todo o corpo, bem ajustado e consolidado pelo auxílio de toda junta, segundo a justa cooperação de cada parte, efetua o seu próprio aumento para a edificação de si mesmo em amor.**

Os que querem dominar os outros usam de suas “vãs doutrinas” para afastar de Cristo àqueles que querem dominar, pois sabem que se ensinarem as pessoas a buscarem a Cristo, estas não mais necessitarão estarem sujeitas às suas dominações.

Diferentemente de Paulo, aqueles que se intitulam de “líderes de igreja” não tem, de fato, coragem de fazer como Paulo fez em relação às pessoas de Efésios quando disse a elas que ele lhes havia ensinado tudo o que necessitavam para *viverem e andarem em Cristo* e que ele pedia a Deus para que o próprio Senhor as edificasse.

Os pretensos ou supostos ministros de Cristo e que se chamam de líderes, a despeito de Cristo dizer para eles não agirem desta maneira, também são aqueles que criam doutrinas variáveis conforme os seus intentos para tentarem sustentar as suas posições, incorrendo, porém, invariavelmente em ações que de alguma maneira ou em algum ponto tentam invalidar o verdadeiro ensino de Cristo.

*Marcos 7: 9 **E disse-lhes ainda: Jeitosamente rejeitais o preceito de Deus para guardardes a vossa própria tradição.***

Um grupo de cristãos pode e deveria sempre reconhecer que a unidade deles está em Cristo ser o Cabeça de suas vidas e igualmente da vida de seus irmãos ou irmãs na fé no Senhor. Entretanto, também deveriam unanimemente reconhecer que Cristo não autorizou a unidade da sua Igreja em torno de algumas pessoas, de suas organizações e de suas doutrinas como se líderes ou pessoas agrupadas pudessem se tornar “senhores” ou “senhoras” do corpo de Cristo ou de parte deste corpo.

Quando, através das pessoas que a compõem, uma instituição ou organização procura estar à testa do governo do corpo de Cristo, isto representa uma enorme tentativa de oposição a todo o projeto de Cristo para o seu corpo ou da sua Igreja.

Quando pessoas diretamente ou através de suas organizações e doutrinas querem ser cabeça dos membros da Igreja de Cristo, elas estão tentando tirar a Cristo do trono e do governo da Igreja que pertence ao próprio Cristo, tentando assim negar o poder de Deus através de uma falsa ou aparente piedade.

*2 Timóteo 3: 1 **Sabe, porém, isto: nos últimos dias, sobrevirão tempos difíceis,***

*2 **pois os homens serão egoístas, avarentos, jactanciosos, arrogantes, blasfemadores, desobedientes aos pais, ingratos, irreverentes,***

*3 **desafeiçoados, implacáveis, caluniadores, sem domínio de si, cruéis, inimigos do bem,***

*4 **traidores, atrevidos, enfatuados, mais amigos dos prazeres que amigos de Deus,***

*5 **tendo forma de piedade, negando-lhe, entretanto, o poder. Foge também destes.***

As cartas de Paulo aos cristãos em Corinto e Gálatas são cartas repletas de advertências do risco que há em as pessoas aceitarem supostos ministros de Cristo que se apresentam como obreiros especialmente chamados para liderarem aos outros membros da Igreja de Cristo, mas ao mostrar as intenções destes falsos obreiros, Paulo também nos mostra o caminho que há *em Cristo* para permanecer fiel ao Único Senhor e para rejeitar estes maus, perversos e supostos obreiros.

2 Coríntios 11: 12 Mas o que faço e farei é para cortar ocasião àqueles que a buscam com o intuito de serem considerados iguais a nós, naquilo em que se gloriam.

13 Porque os tais são falsos apóstolos, obreiros fraudulentos, transformando-se em apóstolos de Cristo.

14 E não é de admirar, porque o próprio Satanás se transforma em anjo de luz.

15 Não é muito, pois, que os seus próprios ministros se transformem em ministros de justiça; e o fim deles será conforme as suas obras.

Gálatas 2: 4 E isto por causa dos falsos irmãos que se entremeteram com o fim de espreitar a nossa liberdade que temos em Cristo Jesus e reduzir -nos à escravidão;

5 aos quais nem ainda por uma hora nos submetemos, para que a verdade do evangelho permanecesse entre vós.

2 Timóteo 1: 12(b) ... porque sei em quem tenho crido e estou certo de que ele é poderoso para guardar o meu depósito até aquele Dia.

Em suas cartas, Paulo reafirma o que Cristo já havia anunciado que viria a acontecer no mundo no que se refere a Cristo ter nos alertado que muitos “cristos” e muitas pessoas viriam em “seu nome” sem de fato terem sido designadas por Ele para aquilo que estas pessoas advogam terem sido chamadas.

Lembrando que a palavra *Cristo* também significa *ungido*, convém destacar que o próprio Senhor Jesus Cristo disse que viriam muitos que se apresentariam como *cristos* ou *especialmente ungidos* pelo Senhor para edificarem “casas ou organizações feitas por mãos humanas” para através delas fazerem supostos discípulos e liderar as pessoas nestas organizações, mas sem de fato terem sido chamadas e *ungidas* pelo Único Cristo para tal missão, pois as missões destes indivíduos são contrárias ao próprio Cristo e o resistem como o Único Cabeça da sua Igreja.

Mateus 24: 23 Então, se alguém vos disser: Eis aqui o Cristo! Ou: Ei-lo ali! Não acrediteis;

24 porque surgirão falsos cristos e falsos profetas operando grandes sinais e prodígios para enganar, se possível, os próprios eleitos.

25 Vede que vo-lo tenho predito.

26 Portanto, se vos disserem: Eis que ele está no deserto!, não saiais. Ou: Ei-lo no interior da casa!, não acrediteis.

Lucas 21: 8 Respondeu ele: Vede que não sejais enganados; porque muitos virão em meu nome, dizendo: Sou eu! E também: Chegou a hora! Não os sigais.

Por desconhecerem a glória de Cristo como o Único Cabeça do seu corpo ou da sua Igreja, muitas pessoas têm se deixado tornar em escravas dos que se chamam de *ungidos*, mas que não foram de fato chamados e ungidos por Cristo para fazerem o que apregoam terem sido chamados para fazerem.

1 Coríntios 7: 23 Por preço fostes comprados; não vos torneis escravos de homens.

Gálatas 5: 1 Estai, pois, firmes na liberdade com que Cristo nos libertou e não torneis a meter-vos debaixo do jugo da servidão.

Assim como Cristo não designou pessoas para serem “oficiadores espirituais de casamentos” e para serem ministros que interfiram na vida de casais, Cristo também não designou pessoas para serem “oficiadores de cultos” e nem para guiarem a vida de outros irmãos, nem no particular e nem na coletividade.

O que um cristão *em Cristo* é chamado para fazer em relação a outro cristão é encorajá-lo a também buscar a Cristo pessoalmente e permanecer *em Cristo* assim como ele já deveria estar fazendo.

Os “oficiadores profissionais de cultos” e as funções de mediadores e líderes do povo eram práticas realizadas sob a lei de Moisés ou a Ordem de Arão, a qual Deus já declarou obsoleta para quem está *em Cristo Jesus*.

Alertar as pessoas sobre as ações inapropriadas de elegerem homens ou mulheres como referenciais em vez de buscarem a comunhão pessoal com Cristo, foi uma área que Paulo precisou ser intenso e insistentemente ensinar aos santos de todos os lugares. Paulo declara que chorou muitas vezes com profunda tristeza pelo fato de várias pessoas aceitarem tão frequentemente e tão rapidamente o surgimento destas distorções entre aqueles que já tiveram conhecimento da glória de Cristo como o Senhor da sua Igreja.

Assim, destacamos aqui que o fato de uma pessoa ser usada através do dom de ensino que lhe foi concedido do alto para ensinar sobre Deus e sobre o Caminho para Deus, que é Cristo, não lhe constitui o mestre e guia das decisões pessoais que cada indivíduo vai adotar ou que um casal vai adotar em suas vidas pessoais. O Senhor Jesus disse, o próprio Cristo disse: “a ninguém chameis de mestre ou de guia porque somente tendes um Guia e Mestre, e vocês todos são irmãos”.

O fato de alguém apontar o caminho através do qual as pessoas possam se relacionar de forma apropriada com o Senhor não o torna o próprio caminho de quem as pessoas

dependem para andarem no caminho indicado. Cristo disse claramente que Ele é o Caminho e também que Ele é a verdade de como caminhar neste Caminho.

*João 10: 27 **As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem.***

Assim como os membros de uma família podem ficar sujeitos a andarem em caminhos dissociados da vontade de Deus quando não recorrem direto a Cristo para serem guiados pelo Senhor, assim também os santos da Igreja de Deus podem ficar expostos a muitos reveses desnecessários quando adotam as decisões de suas ações em comunidades ou em seus encontros e sem deixar Cristo ser o Cabeça de cada um dos membros da sua própria Igreja ou do seu próprio Corpo.

Quando alguém se advoga como guia dos cristãos e não uma guia que aponta para o Verdadeiro Guia, ele se advoga ser cabeça destes membros do corpo de Cristo, reivindicando para si a primazia sobre determinado grupo de santos que na realidade deveriam pertencer somente a Cristo. E em relação a estes que se apresentam como líderes dos outros, o Senhor declara que eles não são dignos de crédito e nem dignos de serem seguidos, e dos quais o Senhor nos adverte a “fugir ou se afastar deles”.

E por fim, neste tópico, se, por um lado, há homens e mulheres ávidos pela primazia, preeminência e liderança sobre os que chamam de irmãos e irmãs, por outro lado, também há pessoas que são negligentes ou preguiçosas no quesito de buscar seu suprimento e suporte junto à fonte que é Cristo, o Cabeça de cada indivíduo do povo de Deus.

Se no mundo, há muitas pessoas que querem liderar àqueles que chamam de irmãos ou irmãs por não quererem se submeter a Cristo e por não quererem ser vistos em posição igual aos demais cristãos, também há muitos que não buscam a Cristo como o Cabeça das suas vidas por pensarem que é mais fácil serem instruídos por membros do corpo de Cristo ou por desejarem que assim seja.

Entretanto, conforme já vimos acima, as reuniões denominadas de cristãs onde pessoas correm atrás de líderes humanos para guiá-las, na sequência, resultam em contendas e confusões que, por fim, como a Ordem de Arão, jamais podem aperfeiçoar aqueles que se envolvem nestas práticas.

O mantimento espiritual de um cristão, em primeiro lugar, sempre está em Cristo. Entretanto, se dispor a estar continuamente diante do Senhor é uma questão que requer dedicação. E por isto, o preguiçoso, desinteressado ou até desinformado prefere um líder, um “oficiador de atos religiosos”, alguém que comande a sua vida, ainda que Deus não reconheça aqueles a quem uma pessoa “terceiriza o serviço” de supostamente se alimentar no Senhor.

Deus não aceita a “terceirização espiritual” para alguém se alimentar no lugar do seu semelhante visto que isto não é funcional, assim como uma pessoa não pode comer uma comida natural esperando que outro fique alimentado ou saciado.

Lembremos aqui mais uma vez o que o Senhor nos ensina através das Escrituras:

*Efésios 5: 14 **Pelo que diz: Desperta, ó tu que dormes, levanta-te de entre os mortos, e Cristo te iluminará.***

*15 **Portanto, vede prudentemente como andais, não como néscios, e sim como sábios,***

*16 **remindo o tempo, porque os dias são maus.***

*17 **Por esta razão, não vos torneis insensatos, mas procurai compreender qual a vontade do Senhor.***

O objetivo do presente estudo é exaltar a glória de Cristo como o Cabeça e não entrar em pormenores da Igreja. Mas ainda assim, entendemos que é muito significativo destacar neste ponto que os termos usados no Novo Testamento para bispos, anciãos (ou presbíteros) e diáconos nunca se referem a estes assumirem a posição de cabeça sobre vidas individuais ou famílias, nem serem os “oficiadores profissionais de culto” ou, ainda, receberem títulos e cargos em organizações que Cristo nem autorizou a serem criadas em seu nome.

Os dons e as funções que Deus confere aos membros da Igreja de Cristo são para serem usados como o Senhor Jesus mostrou aos seus discípulos, são para que os cristãos sirvam e exortem uns aos outros em amor a “permanecerem firmes e fiéis ao Único que é digno de ser o Fundamento e o Cabeça da vida de cada cristão”.

Os dons e os papéis a serem exercidos pelos membros do corpo ou da Igreja de Cristo devem ser usados de acordo com os propósitos do Único Cabeça e não segundo os conceitos de liderança que homens e mulheres distorcidamente tentam infiltrar entre os cristãos ou segundo as ordens sacerdotais já declaradas obsoletas ou caducas.

Ter sua fonte de fé e vida direto em Cristo pode ser um enorme desafio aos olhos de um cristão. Entretanto, para Cristo, isto não é um desafio que uma pessoa não possa alcançar, pois Ele é poderoso para cuidar de todos e ter comunhão com cada um dos membros da sua Igreja.

O Senhor Jesus é plenamente poderoso para guiar a todos os que Nele confiam em todas as áreas das suas vida, inclusive nos aspectos da comunhão do cristão com outros membros da Igreja do Senhor.

*1 Coríntios 1: 9 **Fiel é Deus, pelo qual fostes chamados à comunhão de seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor.***

*1 Tessalonicenses 5: 24 **Fiel é o que vos chama, o qual também o fará.***

Por mais que as pessoas tentem comprometer a posição de Cristo como o Cabeça da sua Igreja e por mais que tentem dividir o corpo de Cristo oferecendo supostas opções alternativas de liderança e doutrinas, a Igreja de Cristo jamais será comprometida, pois o Cabeça da Igreja de Deus é também Aquele que se interpõe continuamente para guardá-la, amá-la e salvá-la sempre quando isto se faz necessário.

*Colossenses 1: 18 **Ele (Cristo) é a cabeça do corpo, da igreja.***

***Ele é o princípio, o primogênito de entre os mortos, para em todas as coisas ter a primazia,
19 porque aprovou a Deus que, nele, residisse toda a plenitude
20 e que, havendo feito a paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele, reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, quer sobre a terra, quer nos céus.***

Efésios 5: 23(b) Cristo é o cabeça da igreja, sendo este mesmo o salvador do corpo.

Na Igreja de Cristo, quando uma pessoa quiser se exaltar sobre os outros, ela deveria ser exortada à retornar à humildade para se manter no lugar que lhe é pertinente e para que saiba que a Igreja de Cristo não é regida segundo os “moldes do mundo”, segundo os parâmetros que os príncipes do mundo usam para governar as pessoas, e para que saiba que não lhe cabe assumir o que é exclusivamente do Senhor Jesus Cristo.

Em princípio ninguém deveria querer ser primeiro na Igreja de Cristo visto que esta posição pertence somente ao Senhor Eterno. Entretanto, se ainda assim alguém insistir em querer se elevar sobre os outros, este deve ser considerado como servo ou escravo de todos para que não prospere em seu intento de querer ter preeminência sobre os outros e para que não se afaste da humildade que é devida a cada cristão.

O Evangelho da Glória de Cristo nos mostra e ensina sobre Cristo como o Cabeça do conjunto de membros ligados a Ele e que sabe mover o seu corpo individualmente e coletivamente segundo a sua boa vontade. E a nenhuma pessoa ou doutrina que se oponha à esta soberania do Senhor Jesus deve ser dado espaço de atuação no corpo ou na Igreja de Cristo.

***Marcos 10: 42 Mas Jesus, chamando-os a si, disse-lhes: Sabeis que os que julgam ser príncipes das gentes delas se assenhoreiam, e os seus grandes usam de autoridade sobre elas;
43 mas entre vós não será assim; antes, qualquer que, entre vós, quiser ser grande será vosso serviçal.
44 E qualquer que, dentre vós, quiser ser o primeiro será servo de todos. (RC)***

L. Cristo disse: “Eu Edificarei a Minha Igreja” e Não Aquilo que os Seres Humanos Denominam de Igreja de Cristo ou de Deus

Nos diversos tópicos anteriores referentes ao presente capítulo sobre a glória de Cristo como o Cabeça do seu corpo, vimos que toda a edificação que o Senhor realizar na vida de uma pessoa que está ligada a Ele mediante a fé em Deus é também, automaticamente, uma edificação da sua Igreja.

Uma vez que a Igreja do Senhor é composta dos membros do corpo de Cristo, e que os membros do corpo de Cristo são as pessoas que têm a Cristo como o Senhor e Cabeça de suas vidas, toda edificação que Deus realiza nestas vidas é também uma edificação da Igreja de Cristo.

Entretanto, o texto que provavelmente mais contém palavras diretas do Senhor Jesus Cristo de uma forma específica sobre o termo *igreja* aplicado à *Igreja do Senhor* é o texto que encontra-se exposto a seguir:

Mateus 16: 13 Indo Jesus para os lados de Cesareia de Filipe, perguntou a seus discípulos: Quem diz o povo ser o Filho do Homem?

14 E eles responderam: Uns dizem: João Batista; outros: Elias; e outros: Jeremias ou algum dos profetas.

15 Mas vós, continuou ele, quem dizeis que eu sou?

16 Respondendo Simão Pedro, disse: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo.

17 Então, Jesus lhe afirmou: Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que to revelaram, mas meu Pai, que está nos céus.

18 Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela.

O texto acima é de grandíssima e imprescindível riqueza, pois nele, o próprio Senhor Jesus Cristo nos esclarece, em poucas palavras, vários aspectos imprescindíveis sobre a edificação da Igreja de Deus.

No texto acima, em primeiro lugar, encontramos o Senhor Jesus definindo qual é o fundamento sobre o qual Ele edifica e edificará a sua Igreja.

Em segundo lugar, encontramos o Senhor Jesus Cristo definindo a quem pertence a sua Igreja.

E em terceiro lugar, também podemos saber qual é “a igreja” ou quais são “as igrejas” que o Senhor Jesus Cristo não tem compromisso de edificar.

Se uma pessoa observasse o texto acima somente a partir do verso 20 ou de forma não atenta, ela até poderia vir a pensar que Cristo estivesse se referindo a Pedro como o fundamento da Igreja. Entretanto, quando vemos o contexto todo relacionado à pergunta iniciada sobre “*quem diz o povo ser o Filho do Homem*”, vemos que o **ponto central ou de destaque do contexto é a revelação de que o Senhor Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, mostrando-nos que o grande fundamento sobre o qual Cristo edificará a sua Igreja é o que está contido na revelação sobre o próprio Cristo, e jamais sobre Pedro.**

Se olharmos ainda o texto acima a partir da tradução em outros idiomas e também vermos o significado das palavras *Pedro* e *pedra* nele utilizado, podemos ver que o significado do nome *Pedro* é uma “*pequena pedra*” e que a palavra *pedra*, traduzida deste modo para a maioria das versões em português, refere-se à “*uma grande rocha*”, a uma rocha que pode ser usada como fundamento de uma grande edificação.

Portanto, depois que o Senhor Jesus Cristo disse a Pedro que Deus havia lhe concedido uma revelação vinda dos céus e não alcançada por “carne e sangue”, o Senhor Jesus também reiterou que “*Pedro era uma pequena pedra*”, mas que a Igreja do Senhor seria edificada sobre “*a grande revelação ou rocha de que o Senhor Jesus é o Cristo, o Filho de Deus*”.

Quando Deus revelou a Pedro que o Senhor Jesus era o Cristo, o Filho de Deus sobre quem seria edificada a Igreja do Senhor, Deus estava revelando que apesar de Jesus estar diante dos seus discípulos como o Filho do Homem, Jesus como o Cristo, como o Filho de Deus, não era uma “pequena pedra” como Pedro, mas era uma “rocha” capaz de suportar toda a Igreja de Deus que sobre o Senhor Jesus viesse a ser edificada durante todos os séculos que estavam por vir.

Aqui, porém, considerando que já vimos várias vezes o aspecto de que Cristo é o fundamento de todo aquele que Nele crê, não pretendemos expandir este aspecto neste ponto a não ser evidenciá-lo mais uma vez também na edificação da Igreja de Cristo.

Assim, como a palavra Cristo significa *o unguido*, é sobre o “*Ungido de Deus*”, o Único Digno de receber este nome, que a Igreja do Senhor é edificada.

Avançando agora para o segundo aspecto acima mencionado, podemos ver que o fato da Igreja de Cristo ser edificada na “Rocha da nossa salvação e na Rocha do nosso refúgio” também caracteriza a Igreja do Senhor como ela sendo a “*Igreja de Cristo*” e a qual Ele chama de “*Minha Igreja*”.

O Senhor Jesus Cristo declarou diretamente e objetivamente que a edificação da Igreja com a qual Ele se comprometeu a edificar está relacionada somente à “*sua Igreja*”, o que também nos responde o terceiro aspecto acima referenciado.

A Igreja que o Senhor Jesus Cristo declarou se comprometer a edificar é a “sua Igreja”, a qual, por sua vez, é caracterizada como aquela que tem o Cristo, o Filho de Deus, como o seu fundamento e que tem o mesmo Cristo como o seu Único Cabeça, mas o que também evidencia que Cristo não se comprometeu a edificar aquelas “igrejas que não são suas”.

Dizer que Cristo vai edificar a “sua Igreja” sobre a “Rocha de que Ele é o Cristo e o Filho de Deus que sustenta toda a Igreja” implica, então, em dizer que qualquer texto que fala do compromisso do Senhor na edificação da sua Igreja restringe-se à pessoas, mas também se restringe às pessoas que estão fundamentadas em Cristo e que individualmente têm ao Filho de Deus como o Único Cabeça de suas vidas.

Depois que aceitamos ser corpo de Cristo, membros individuais deste corpo, ter Cristo como Cabeça do corpo e da vida pessoal, carregar somente o nome de Cristo sobre a sua Igreja e nos desvencilhamos das “sub-bandeiras” de “igrejas de homens ou de mulheres”, Cristo nos edifica porque desta forma somos Dele. E uma vez que somos Dele, somos a sua Igreja que Ele edifica por estar fundamentada Nele e sob sua direção.

Uma vez que alguém está fundamentado em Cristo e não em outros seres humanos ou ídolos, e uma vez que alguém tem a Cristo como Cabeça e não tem mais aspectos da criação como cabeça de sua vida, o próprio Cristo se comprometeu a edificar este indivíduo que é a “*sua Igreja*”.

Se alguém não está fundamentado no Senhor Jesus e se alguém não está ligado ao Cabeça Celestial do singular corpo de Cristo, este indivíduo não pode ser edificado como a Igreja de Cristo ou como a Igreja que o Senhor chama de “*minha Igreja*” porque este indivíduo não é, de fato, da Igreja de Cristo para também ser edificado como dela sendo parte.

Quando Cristo disse que Ele edificaria a *sua Igreja* sobre a *rocha de que Ele mesmo é o Cristo, o Filho de Deus*, o Senhor Jesus Cristo definiu o local exato onde Ele edificaria a *sua Igreja*, mas Ele também definiu, por exceção, todos os outros locais em que Ele não edificaria a *sua Igreja*.

Muitas pessoas alegam se escandalizar com os problemas que veem nas chamadas “*igrejas de Cristo*”, mas muitas vezes não se apercebem que aquilo que chamam de uma *Igreja de Cristo* nem é de fato a Igreja do Senhor e nem é a Igreja a qual Cristo chama de “*minha*”.

Há muitas “*igrejas*” que no sentido da palavra “*ekklesia*” são realmente “*igrejas*”, mas não a Igreja de Cristo. São “*igrejas*” que não são o corpo de Cristo, mas são *corpos ou grupos* de pessoas em que homens e mulheres estão à testa de “*suas igrejas*” e que destroem as veredas de vida daqueles que lhes seguem. E como não estão na “*rocha exclusiva sobre a qual Cristo edifica a sua Igreja*”, os que estão nas “*igrejas*” onde outras pessoas estão à testa, também não são edificadas como a Igreja em Cristo.

No mundo, há muitas “*igrejas*” que têm seus pastores, profetas, ou sacerdotes, mas que também, ao mesmo tempo, enganam o povo por não estarem sobre Cristo e sujeitas a Cristo, não sendo, por consequência, a Igreja de Cristo.

E se alguma “*igreja*” não é a Igreja de Cristo, os seus “*ministros*”, quer se denominem apóstolos, mestres, guias, e assim por diante, também não são “*ministros, servos ou despenseiros*” de Cristo e nem da verdadeira Igreja de Cristo.

Romanos 16: 17 **Rogo-vos, irmãos, que noteis bem aqueles que provocam divisões e escândalos, em desacordo com a doutrina que aprendestes; afastai-vos deles,**
18 porque esses tais não servem a Cristo, nosso Senhor, e sim a seu próprio ventre; e, com suaves palavras e lisonjas, enganam o coração dos incautos.

Se os membros de um corpo estão debaixo de mediadores ou cabeças que não são o próprio Senhor Jesus, como Cristo poderá ser o exclusivo Cabeça de suas vidas e guiá-los conforme o querer de Deus uma vez que estes membros estão procurando ouvir mais de um mediador ou cabeça ao mesmo tempo?

Gálatas 1: 10 **Porventura, procuro eu, agora, o favor dos homens ou o de Deus? Ou procuro agradar a homens? Se agradasse ainda a homens, não seria servo de Cristo.**

Romanos 8: 9 **Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se, de fato, o Espírito de Deus habita em vós. E, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele.**

...

12 **Assim, pois, irmãos, somos devedores, não à carne como se constrangidos a viver segundo a carne.**

13 **Porque, se viverdes segundo a carne, caminhais para a morte; mas, se, pelo Espírito, mortificardes os feitos do corpo, certamente, vivereis.**

14 **Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus.**

Cristo declarou o seu compromisso de edificar aqueles que são seus, mas para isto, aqueles que são seus também são chamados a ter, acima de tudo, um coração rendido e fiel ao Senhor que elegeram para as suas vidas.

Colossenses 3: 23 **Tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração, como para o Senhor e não para homens,**
24 **cientes de que recebereis do Senhor a recompensa da herança. A Cristo, o Senhor, é que estais servindo.**

2 Coríntios 5: 14 **Pois o amor de Cristo nos constrange, julgando nós isto: um morreu por todos; logo, todos morreram.**

15 **E ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou.**

E depois que os cristãos estão *em Cristo* e seguem a Cristo como o Cabeça de suas vidas, eles também se habilitam a se relacionar de forma apropriada com outros cristãos. Assunto abordado de forma mais específica na série sobre A Vida do Cristão no Mundo. Entretanto, sem a sustentação, a instrução e a edificação de Cristo em suas vidas, as palavras “***sem mim nada podeis fazer***” ditas pelo Senhor também se aplicam à comunhão entre os membros do corpo de Cristo.

O lugar fundamental de edificação e crescimento ao qual e sob o qual um cristão é chamado para estar sempre é a própria fonte de toda a sua vida cristã. É a fonte que edifica e sustenta a “Igreja Eterna” arraigada no amor eterno de Deus, a saber: *em Cristo Jesus*.

1 Ts 3: 12 **E o Senhor vos faça crescer e aumentar no amor uns para com os outros e para com todos, como também nós para convosco.**

Efésios 4: 15 **Mas, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo,**

16 **de quem todo o corpo, bem ajustado e consolidado pelo auxílio de toda junta, segundo a justa cooperação de cada parte, efetua o seu próprio aumento para a edificação de si mesmo em amor.**

C37. A Glória de Cristo Como Rei e Cabeça de Todo Principado e de Toda Potestade do Universo

Mateus 28: 18 **Jesus, aproximando-se, falou-lhes, dizendo:
Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra.**

João 17: 1 **Tendo Jesus falado estas coisas, levantou os olhos ao céu e disse: Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que o Filho te glorifique a ti,**
2 assim como lhe conferiste autoridade sobre toda a carne, a fim de que ele conceda a vida eterna a todos os que lhe deste.

Efésio 1: 20 **... o qual exerceu ele em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos e fazendo-o sentar à sua direita nos lugares celestiais,**
21 acima de todo principado, e potestade, e poder, e domínio, e de todo nome que se possa referir, não só no presente século, mas também no vindouro.
22 E pôs todas as coisas debaixo dos pés, e para ser o cabeça sobre todas as coisas, o deu à igreja,
23 a qual é o seu corpo, a plenitude daquele que a tudo enche em todas as coisas.

1Coríntios 15: 27 **Porque todas as coisas sujeitou debaixo dos pés. E, quando diz que todas as coisas lhe estão sujeitas, certamente, exclui aquele que tudo lhe subordinou.**

Colossenses 2: 10 **Também, nele, estais aperfeiçoados. Ele é o cabeça de todo principado e potestade.**

No capítulo sobre A Glória do Rei Segundo a Ordem de Melquisedeque, procuramos dar início à abordagem da amplitude do que as Escrituras nos revelam sobre o atributo de regência ou governo que Deus depositou sobre os ombros do Senhor Jesus a fim de mostrar que Cristo, sendo da Ordem de Melquisedeque já estabelecida, não é um Rei que há de reinar em um futuro longínquo, mas que já está plenamente em atuação de regência sobre todas as pessoas e todos os detalhes do universo.

Ao relatarem a glória de Cristo, as Escrituras nos mostram que a posição de regência do Senhor Jesus Cristo abrange indivíduos e famílias que anelam por ter ao Senhor como o Cabeça de suas vidas, mas que, ao mesmo tempo, também se estende sobre todos os regentes dos reinos que há no mundo.

Assim como um rei é regente sobre todos os territórios e todos os regentes que estão sob seu governo, ainda que alguns não lhe obedeam, assim também Cristo está sobre todos os reinos e povos que há no universo ainda que muitos regentes e muitos povos resistem em se submeter ao seu governo.

Entretanto, através das Escrituras que nos mostram que Cristo é o Cabeça de todo principado e toda potestade, podemos ver que a posição de Cristo ainda vai muito além da posição de um rei humano, pois Cristo não somente é Rei sobre todos os governantes, mas Ele também é o Cabeça sobre cada regente individual, ainda que muitos deles não queiram reconhecer este fato.

Apesar de rei sobre os regentes no seu reino, um rei de um reino terreno nem sempre sabe o que se passa na mente daqueles sobre os quais ele reina e nem sempre consegue fazer com que eles atuem sob um governo geral que os limite nos intentos que querem realizar. Porém, isto é muito diferente em relação a Cristo quando vemos que além de Rei, Ele também é o Cabeça de cada regente que há no universo.

Portanto, Cristo, assentado à direita de Deus, é Rei e Senhor de regentes cristãos, não cristãos e também é Rei e Senhor sobre todo o mundo espiritual.

O Pai Celestial estabeleceu que tudo esteja sujeito a Cristo e que o Senhor Jesus é o Cabeça sobre todas as posições de regência.

Quando as Escrituras nos ensinam que Cristo é o Cabeça de “todo principado” e de “toda a potestade”, elas nos ensinam que Cristo é o Cabeça geral sobre todos os regentes, mas que Cristo também é o Cabeça de cada um dos governantes existentes sobre os mais diversos principados, assim como sobre cada regente que há em cada um dos principados.

E segundo os comentários associados ao léxico de Strong na Online Bible, um *principado* apresenta os seguintes significados:

Começo, origem;
A pessoa ou coisa que começa, a primeira pessoa ou coisa numa série, o líder;
Aquilo pelo qual algo começa a ser, a origem, a causa ativa;
A extremidade de uma coisa;
As extremidades de um navio;
O primeiro lugar, principado, reinado, magistrado, inclusive, de anjos e demônios.

Já a palavra *potestade* usada nos textos acima mencionados, segundo os comentários associados ao léxico de Strong, apresenta os seguintes significados:

Poder, autoridade, direito, liberdade, jurisdição, força;
Poder de escolher, liberdade de fazer como se quer;
Licença ou permissão;
Poder físico e mental;
Habilidade ou força com a qual alguém é dotado, que ele possui ou exercita;
O poder da autoridade (influência) e do direito (privilégio);
O poder de reger ou governar (o poder de alguém de quem a vontade e as ordens devem ser obedecidas pelos outros), quer seja universalmente, especificamente como o poder de decisões judiciais ou da autoridade de administrar os afazeres domésticos;
Alguém que possui autoridade;
Governador, magistrado humano;
O principal e mais poderoso entre os seres criados, superior ao homem, potestades espirituais;

Sinal de autoridade real, coroa.

Assim, se, por exemplo, inicialmente pensássemos em um reino com um rei para compreender o que vem a ser *um principado* e *uma potestade*, poderíamos dizer que a posição do rei é *um principado*, mas que também está assessorada por muitas *potestades*, as quais, por sua vez, referem-se à toda pessoa que está como um sub-regente desta posição do rei no reino. As *potestades* podem compreender, então, os governadores de regiões, assim como todos os legisladores, judiciários e executivos que há em cada região.

Em outros modelos governamentais que, por exemplo, adotam a combinação da divisão de regência entre o executivo, o legislativo e o judiciário, poderíamos, talvez, dizer que os *principados* são as posições de chefe do executivo ou presidente, do chefe do legislativo e do chefe do judiciário, sendo todos os escalões abaixo deles alguma forma de *potestade*.

Sem querer pormenorizar os mais diversos modelos de *principados* e *potestades* que existiram e que existem no mundo, o que queremos destacar aqui é que Deus nos ensina que Cristo está como Cabeça acima de cada pessoa que está em alguma posição de *principado* ou sobre cada pessoa que tem algum *tipo de regência e autoridade sobre outros*, quer dos mais elevados ou quer dos menos elevados, quer dos bons ou quer dos maus que resistem a Deus.

Desde o *principado*, que é, em princípio, a primeira ou mais elevada potestade de um determinado conjunto de potestades, até as potestades que estão estabelecidas somente sobre algumas poucas áreas ou pessoas, toda posição de regência está sujeita a Cristo como o Cabeça tanto sobre os principados como sobre as potestades.

Inclusive quando Pilatos, uma *potestade* romana, Caifás e Anas, *principados* sacerdotais, e Herodes, *principado* real sobre Israel, conspiraram juntos contra Cristo, não eram eles que tinham o controle da história segundo os seus intentos, mas eles, em suas posições, acabaram cumprindo o que já havia sido anunciado séculos antes pelo Senhor através dos profetas. Desta forma, eles não tomaram a vida de Cristo pelo poder que tinham, mas porque Cristo entregou a sua vida em sacrifício vivo e permitiu que ela fosse tomada por eles.

João 10: 17 **Por isso, o Pai me ama, porque eu dou a minha vida para a reassumir.**

18 Ninguém a tira de mim; pelo contrário, eu espontaneamente a dou. Tenho autoridade para a entregar e também para reavê-la. Este mandato recebi de meu Pai.

Assim, quando Deus nos ensina que Cristo “reina” sobre tudo e sobre todos, exceto sobre o Pai Celestial que lhe conferiu esta posição tão elevada de regência, podemos saber que não há nada no universo que não esteja sob seu governo, o que também implica em dizer que não há *principado* e *potestade* que possa fazer tudo o que intentar de forma dissociada do governo de Cristo sobre mundo ou ainda que muitos tentem agir independentemente da soberania do Senhor.

*Salmos 99: 1 **Reina o SENHOR; tremam os povos.
Ele está entronizado acima dos querubins; abale-se a terra.***

Portanto, para o cristão, aquele que crê em Cristo como o Senhor da sua vida e que crê também nas declarações de Deus sobre Cristo nas Escrituras, a questão não deveria mais ser se Cristo é ou não é Cabeça sobre todos os regentes do universo, pois o Pai Celestial já o estabeleceu como tal. A questão, então, deveria ser sobre aquilo que este cristão precisa saber sobre esta posição em que Cristo está sobre tudo e sobre todos e como cada cristão é chamado a se portar em relação à esta verdade já anunciada a nós desde a antiguidade.

Compreender que Cristo é o Cabeça sobre todo principado e toda potestade, e saber que os filhos de Deus estão seguros em Cristo a despeito do que ocorre no mundo, deveria despertar ou encorajar ainda mais a fé no coração dos cristãos, pois aquilo que o mundo e os seus poderosos anunciam que farão, somente se cumprirá se Cristo, o Cabeça, permitir que se cumpra.

*João 16: 33 **Estas coisas vos tenho dito para que tenhais paz em mim.
No mundo, passais por aflições; mas tende bom ânimo; eu venci o mundo.***

*1 João 5: 5 **Quem é o que vence o mundo, senão aquele que crê ser Jesus o Filho de Deus?***

Há muitas pessoas que até creem que um homem chamado Jesus foi crucificado na cruz do Calvário, mas por não crerem que este Filho do Homem é também e antes de tudo o Filho Unigênito de Deus, muitos têm dificuldade em ver, com os olhos da fé em Deus, a posição sobremodo elevada de governo de Cristo.

Além disso, o Rei Jesus Cristo, como Filho do Homem e também como o Filho de Deus, jamais será abalado da sua posição eterna à qual foi designado pelo Pai Eterno.

Os que servem a Cristo não precisam empunhar um tipo específico de batalha para que o reino Celestial não seja abalado, e nem eles precisam se empenhar para protegê-lo no sentido de evitar que Cristo seja abalado na sua posição de Rei Eterno. Cristo ser abalado é algo inconcebível, e não é esta a luta de um cristão. O cristão não tem a responsabilidade e a capacidade para sustentar a posição de Cristo sobre o universo, é o próprio Pai Celestial que a sustenta.

Cristo é o Rei inabalável de um reino inabalável, conforme foi visto no estudo sobre O Evangelho do Reino de Deus.

*Hebreus 12: 28 **Por isso, recebendo nós um reino inabalável,
retenhamos a graça, pela qual sirvamos a Deus de modo agradável,
com reverência e santo temor;
29 porque o nosso Deus é fogo consumidor.***

Deus se ri de reis e poderosos que pensam que poderão abalar a Cristo no seu trono:

Salmos 2: 1 **Por que se enfurecem os gentios e os povos imaginam coisas vãs?**

2 Os reis da terra se levantam, e os príncipes conspiram contra o SENHOR e contra o seu Ungido, dizendo:

3 Rompamos os seus laços e sacudamos de nós as suas algemas.

4 Ri-se aquele que habita nos céus; o Senhor zomba deles.

Os reis imaginam coisas vãs, mas algo ainda mais triste é quando os cristãos se deixam envolver nestas coisas vãs e começam a achar que Cristo pode porventura ser abalado na sua posição de regência sobre todas as nações e povos ou quando pensam que eles é que têm que sustentar a Cristo em seu reinado sobre os outros.

A posição de Cristo no trono de Deus está firmemente estabelecido para sempre ou eternamente e acima de todas as nações e povos. E absolutamente nada poderá alterar isto.

A oposição à posição de Cristo como o Cabeça sobre os *principados* e *potestades* não enfraquece a Cristo.

Por outro lado, a oposição à posição de Cristo como Cabeça podem vir a enfraquecer e provocar sofrimento àqueles que se sujeitam às crenças que buscam propagar que Cristo não é, já no presente, Rei sobre todos e tudo ou que o mundo está entregue ao domínio do que se vê no mundo natural.

Embora ninguém possa abalar a posição presente e eterna da majestade de Cristo, muitos aspectos da vida no mundo poderiam ser diferentes se as pessoas em geral e também em seus papéis de *principados* e *potestades* se sujeitassem e descansassem no governo do seu Cristo, do Rei Eterno, Daquele a quem Deus conferiu a posição para ter a primazia sobre tudo e sobre todos, pois, conforme vimos em capítulos anteriores, parte do governo de Cristo sobre as pessoas também inclui a opção das pessoas escolherem semear na carne ou no Espírito e colherem de acordo com o que semeiam.

Muitos aspectos da vida poderiam ser significativamente diferentes se os *principados* e *potestades* do mundo aceitassem e praticassem a advertência que o Senhor anuncia à todas as gerações:

Salmos 2: 10 **Agora, pois, ó reis, sede prudentes; deixai-vos advertir, juízes da terra.**

11 Servi ao SENHOR com temor e alegrai-vos nele com tremor.

12 Beijai o Filho para que se não irrite, e não pereçais no caminho; porque dentro em pouco se lhe inflamará a ira. Bem-aventurados todos os que nele se refugiam.

Além disso, por mais que as pessoas do mundo digam que elas têm o poder de estabelecer ou tirar os regentes dos *principados* e *potestades* dos seus tronos, é somente sob a permissão do Senhor que regentes são postos ou são tirados.

Daniel 2: 20 Disse Daniel: Seja bendito o nome de Deus, de eternidade a eternidade, porque dele é a sabedoria e o poder;
21 é ele quem muda o tempo e as estações, remove reis e estabelece reis; ele dá sabedoria aos sábios e entendimento aos inteligentes.
22 Ele revela o profundo e o escondido; conhece o que está em trevas, e com ele mora a luz.

Considerando que para o Senhor todos os cabelos da nossa cabeça estão contados, considerando que o Senhor conhece as galáxias e cada estrela por um nome, e considerando que o Senhor não permite que um pardal caia por terra sem a sua permissão, quanto mais o Senhor não cuidará dos aspectos mais significativos que se referem às vidas das pessoas em favor das quais Cristo morreu na cruz do Calvário?

Portanto, repetindo mais uma vez:

1 Timóteo 2: 1 Antes de tudo, pois, exorto que se use a prática de súplicas, orações, intercessões, ações de graças, em favor de todos os homens,
2 pelos reis e por todos os que estão em eminência, para que tenhamos uma vida quieta e sossegada, em toda a piedade e honestidade.
3 Isto é bom e aceitável diante de Deus, nosso Salvador,
4 o qual deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade.
5 Porquanto há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem,
6 o qual a si mesmo se deu em resgate por todos: testemunho que se deve prestar em tempos oportunos. (RA+RC)

Por fim, considerando que o detalhamento da condição de Cristo como o regente sobre as nações e povos encontra-se também descrita nos capítulos anteriores sobre Cristo como o Rei da Justiça e da Paz, na série de estudos sobre A Vida do Cristão no Mundo, e nos estudos sobre O Evangelho do Reino de Deus, O Evangelho da Justiça de Deus e o Evangelho da Paz, gostaríamos, então, de encerrar este capítulo neste ponto, apenas mencionando mais uma vez uma série de textos que exaltam a posição de governo do Senhor sobre todas as pessoas, povos e nações.

Colossenses 2: 6 Ora, como recebestes Cristo Jesus, o Senhor, assim andai nele,
7 nele radicados, e edificados, e confirmados na fé, tal como fostes instruídos, crescendo em ações de graças.
8 Cuidado que ninguém vos venha a enredar com sua filosofia e vãs sutilezas, conforme a tradição dos homens, conforme os rudimentos do mundo e não segundo Cristo;
9 porquanto, nele, habita, corporalmente, toda a plenitude da Divindade.
10 Também, nele, estais aperfeiçoados. Ele é o cabeça de todo principado e potestade.

Salmos 22: 28 **Pois do SENHOR é o reino, é ele quem governa as nações.**

Salmos 113: 4 **Excelso é o SENHOR, acima de todas as nações, e a sua glória, acima dos céus.**

Salmos 8: 1 **Ó SENHOR, Senhor nosso, quão magnífico em toda a terra é o teu nome! Pois expuseste nos céus a tua majestade.**

Salmos 9: 8 **Ele mesmo julga o mundo com justiça; administra os povos com retidão.**

Salmos 24: 1 **Ao SENHOR pertence a terra e tudo o que nela se contém, o mundo e os que nele habitam.**

Salmos 66: 7 **Ele, em seu poder, governa eternamente; os seus olhos vigiam as nações; não se exaltem os rebeldes.**

Salmos 33: 10 **O SENHOR frustra os desígnios das nações e anula os intentos dos povos.**

Salmos 77: 14 **Tu és o Deus que operas maravilhas e, entre os povos, tens feito notório o teu poder.**

Salmos 98: 2 **O SENHOR fez notória a sua salvação; manifestou a sua justiça perante os olhos das nações.**

Salmos 46: 10 **Aquietai-vos e sabeis que eu sou Deus; sou exaltado entre as nações, sou exaltado na terra.**

C38. Levantai, ó Portas, as Vossas Cabeças, Levantai-vos, ó Portais Eternos para que Entre o Rei da Glória

2Coríntios 4: 5 **Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor e a nós mesmos como vossos servos, por amor de Jesus.**

6 Porque Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo.

Ao longo dos diversos capítulos do presente estudo sobre O Evangelho da Glória de Deus e da Glória de Cristo, nós procuramos expor alguns dos principais pontos do que Deus nos ensina sobre a posição do Senhor Jesus Cristo a nosso favor ou para o nosso bem se também o recebermos através da maneira como Ele nos é oferecido pelo Pai Celestial.

E certamente, ainda há muitos e muitos outros detalhes que poderiam ser explorados de forma mais ampla ou aprofundada, mas considerando que o Evangelho de Deus é uma oferta a nós direcionada por Deus através da sua graça eterna e não somente uma mensagem e um conjunto de informações, conforme exposto nos dois primeiros estudos da presente série sobre o Evangelho, nós gostaríamos de concluir o presente tema mais uma vez sob a referência de que é na prática da aceitação deste Evangelho que uma pessoa verdadeiramente pode passar a desfrutar do que há na glória de Cristo a nós revelada.

Apesar da glória de Cristo conter riquezas insondáveis, a maneira como a glória de Cristo pode ser aceita ou recebida é simples e pode ser recebida por qualquer indivíduo que creia no Senhor Jesus Cristo e o queira receber em seu coração.

A mesma simplicidade com que uma pessoa pode receber a Cristo como o Salvador de sua vida e pode receber a presença de Cristo em seu coração, é a mesma simplicidade com a qual uma pessoa pode receber ao Cristo cuja glória contém riquezas insondáveis, pois o mesmo Cristo humilde que se dispõe a se relacionar com cada um que o recebe, também é o Cristo que é o Rei da Glória Eterna e o Senhor forte e poderoso, o Senhor dos Exércitos.

Quando uma pessoa recebe a Cristo como o Senhor e Salvador da sua vida, ela também recebe ao mesmo Senhor rico em glória e poder como nos é revelado no Evangelho da Glória de Cristo, sendo que um aspecto não pode ser dissociado do outro.

Ao mesmo tempo que uma pessoa recebe ao Cristo humilde e manso em seu coração, esta mesma pessoa também recebe ao Sumo Sacerdote e Rei Eterno da Ordem de Melquisedeque, o Rei poderoso em glória e em força que sustenta a todo o universo e em relação a quem todos estão debaixo da sua regência, inclusive aqueles que se opõem a Ele e à forma com que Ele reina ou governa.

Ainda que uma pessoa não compreenda e não consiga enxergar minimamente como Cristo reina sobre todo o universo, ela pode receber em seu coração Aquele que reina sobre tudo e sobre todos, pois o receber a Cristo individualmente é uma posição pessoal

e nenhuma regência do mundo presente tem autoridade para impedi-lo, a não ser a própria pessoa a quem o Evangelho de Deus é oferecido.

Apesar de muitas pessoas procurarem posições de grande poder nos mais diversos reinos do mundo e apesar de muitos procurarem ocupar lugares de principados e potestades, é no coração de cada indivíduo que é feita a maior decisão de associação ao verdadeiro poder ou ao único poder que pode em amor salvar uma pessoa para a vida eterna.

Assim, diante da consideração de que é vital passar da fase da informação sobre Cristo para a vida em comunhão com Cristo, e diante do fato de que o coração é a única porta ou portal na Terra que também se estende para a vida eterna, nós gostaríamos de avançar para o término deste presente estudo ressaltando ainda os seguintes textos:

Salmos 24: 1 **Ao SENHOR pertence a terra e tudo o que nela se contém, o mundo e os que nele habitam.**

2 Fundou-a ele sobre os mares e sobre as correntes a estabeleceu.

...

7 Levantai, ó portas, as vossas cabeças; levantai-vos, ó portais eternos, para que entre o Rei da Glória.

8 Quem é o Rei da Glória? O SENHOR, forte e poderoso, o SENHOR, poderoso nas batalhas.

9 Levantai, ó portas, as vossas cabeças; levantai-vos, ó portais eternos, para que entre o Rei da Glória.

10 Quem é esse Rei da Glória? O SENHOR dos Exércitos, ele é o Rei da Glória.

Jeremias 10: 6 **Ninguém há semelhante a ti, ó SENHOR; tu és grande, e grande é o poder do teu nome.**

7 Quem te não temeria a ti, ó Rei das nações?

Pois isto é a ti devido; porquanto, entre todos os sábios das nações e em todo o seu reino, ninguém há semelhante a ti.

Apocalipse 3: 20 **Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele, comigo.**

1Pedro 3: 15 **Antes, santificai a Cristo, como Senhor, em vosso coração, estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós.**

Romanos 10: 9 **Se, com a tua boca, confessares Jesus como Senhor e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo.**

10 Porque com o coração se crê para justiça e com a boca se confessa a respeito da salvação.

11 Porquanto a Escritura diz: Todo aquele que nele crê não será confundido.

- 12 Pois não há distinção entre judeu e grego, uma vez que o mesmo é o Senhor de todos, rico para com todos os que o invocam.**
13 Porque: Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.

Concluindo, então, ressaltamos ainda que um estudo sobre a glória de Deus e da glória de Cristo jamais termina, visto que ele se refere à uma experiência eterna de vida junto ao próprio Deus para todo aquele que já recebeu a Cristo no coração e que permanece *em Cristo*.

João 17: 3 **E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste.**

2 Coríntios 3: 18 **E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito.**

2 Ts 3: 5 **Ora, o Senhor conduza o vosso coração ao amor de Deus e à constância de Cristo.**

Habacuque 2: 14 **Pois a terra se encherá do conhecimento da glória do SENHOR, como as águas cobrem o mar.**

Hebreus 7: 1 até 3

Porque este Melquisedeque, rei de Salém, sacerdote do Deus Altíssimo, ... (primeiramente se interpreta rei de justiça, depois também é rei de Salém, ou seja, rei de paz; sem pai, sem mãe, sem genealogia; que não teve princípio de dias, nem fim de existência, entretanto, feito semelhante ao Filho de Deus), permanece sacerdote perpetuamente.

Hebreus 8: 1, 2 e 6

Ora, o essencial das coisas que temos dito é que possuímos tal sumo sacerdote, que se assentou à destra do trono da Majestade nos céus, como ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, não o homem.

Agora, com efeito, obteve Jesus ministério tanto mais excelente, quanto é ele também Mediador de superior aliança instituída com base em superiores promessas.

Bibliografia

Observação sobre Textos Bíblicos referenciados:

- 1) Os textos bíblicos sem indicação específica de referência foram extraídos da Bíblia RA, conforme indicado abaixo.
- 2) Os destaques nos textos bíblicos, como sublinhado, negrito, ou similares, foram acrescentados pelo autor deste estudo.

Bíblia EC - João Ferreira de Almeida Edição Contemporânea (1990).

Editora Vida.

Bíblia LUT - Alemão - Tradução de Martinho Lutero (1912) - CD Online

Bible.

Bíblia NKJV - Inglês - New King James Version (2000) - CD Online

Bible.

Bíblia RA - Almeida Revista e Atualizada (1999) - CD OnLine Bible.

Bíblia RC - Almeida Revista e Corrigida (1995) - CD OnLine Bible.

James Strong, LL.D, S.T.D. - Léxico Hebraico e Grego de Strong - CD Online Bible.